LIEV TOLSTÓI

Ana Karênina

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

Liev Tolstói

Ana Karênina

Tradução de João Netto
Formatação de LeYtor

EUROPA-AMÉRICA

Coleção Livros de bolso
(Vol. I e II)

Ana Karênina
Liev Tolstói

Publicações Europa-América

Tradução: João Netto
Capa: Estúdios P. E. A.

Direitos reservados por Publicações Europa-América, Lda.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida na presente forma por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas ontológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial.

Editor: Francisco Lyon de Castro

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.
Apartado 8
2726 MEM MARTINS CODEX

Edição n. 40 702/2561
Execução técnica: Gráfica Europa, Lda., Mira-Sintra — Mem Martins

NOTA BIOGRÁFICA

O conde Nicolaevich Tolstoi nasceu em 1828, na propriedade de sua família, pertencente à aristocracia rural. Órfão muito cedo, foi educado por parentes e preceptores franceses.

Em 1844 matricula-se na Universidade de Cazã, que era um centro social para os jovens aristocratas. Aí pouco se dedica ao estudo, passando o tempo em descuidada felicidade.

Depois de alguns anos de dissipação e prazer, passados em Moscovo alista-se como oficial numa unidade de artilharia. Nela integrado, percorre o país.

A sua primeira narrativa, intitulada Infância (1852), e publicada numa importante revista da época. Em 1857 demite-se do e xército e viaja pelo estrangeiro.

Casa, em 1862, com Sofia Bers, uma jovem inteligente, filha dum médico de Moscovo que lhe clara treze filhos.

Estabelecido na grande propriedade familiar, dedica se a gestão das suas propriedades, mas dilacera o a situação deplorável da classe camponesa e decide modificar a sua forma de viver, comendo e vestindo pobremente, enquanto distribui avultadas esmolas.

Na seqüência desta crise interior abandona a família deixando uma carta onde se confessa incapaz de levar uma existência de grande senhor (da qual aliás já abandonara a pose).

A viajem que empreendeu duraria apenas quatro dias, tendo como desfecho a morte do escritor no quarto do chefe da estação de Astapovo, onde foi acometido por congestão pulmonar. Era o dia 14/11/1910. O mundo foi abalado pela notícia da sua morte tendo se apercebido de imediato que perdera um dos grandes da inteligência.

Das numerosas obras do autor sobressaem Guerra e Paz (1864/ 66), Memórias de Um Louco (1874) Ana Karenina (1875/77) Confissão (1882) Sonata a Kreutzer (1889).

Ressaltam de todas as suas obras a análise psicológica, a densidade de sentimentos, a riqueza de caracteres, o inconfundível estilo, que o colocam entre os grandes da literatura universal.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Todas as famílias felizes se parecem, as infelizes não.

Havia grande confusão em casa dos Oblonski. A esposa acabava de saber das relações do marido com a preceptora francesa, e comunicara-lhe que não podiam continuar a viver juntos. Durava já há três dias a situação, para tormento não só do casal mas também dos demais membros da família e da criadagem. Todos em casa se apercebiam de que já não havia razão alguma para manter aquele convívio, e que as pessoas que por acaso se encontrassem numa estalagem teriam talvez mais afinidades entre si. A esposa não saía dos seus aposentos, havia três dias que o marido não parava em casa; as crianças corriam de um lado para o outro, como que perdidas; a preceptora inglesa indispusera se com a governanta e escrevera a uma amiga pedindo que lhe arranjasse outra colocação; na véspera, o cozinheiro abandonara a casa à hora do jantar; o cocheiro e a copeira tinham pedido que lhes fizessem as contas.

No terceiro dia após a altercação, o príncipe Stepane Arkadievitch Oblonski — Stiva, como lhe chamavam os íntimos — acordou à hora do costume, ou seja, às oito da manhã, não no quarto conjugal, mas no escritório, deitado no divã de couro. Revolveu o corpo, gordo e bem tratado, sobre as molas do divã, como se quisesse adormecer de novo, e abraçou se ao travesseiro, apertando o contra a face. De repente, porém, sentou se e abriu os olhos

"Como? Como era?", pensou, lembrando se do sonho que tivera "Como era aquilo? Ah, já sei! Alabine dava um jantar em Darmstadt, não, não era em Darmstadt; era na América. Sim, no sonho Darmstadt ficava na América. Alabine oferecia um jantar servido em mesas de cristal e as mesas cantavam *Il Mio Tessoro!* Talvez não fosse *Il Mio Tesoro,* mas qualquer coisa melhor, e havia umas garrafinhas, que afinal eram mulheres."

Os olhos de Stepane Arkadievitch brilharam alegremente, e, sorrindo, ficou se a cismar. "Sim, era muito bonito, estava muito bem. E havia muito mais coisas magníficas, mas não podia descrevê-las nem por palavras nem por pensamentos, nem mesmo desperto como estava." Ao perceber um raio de luz que penetrava por um dos lados da cortina, retirou alegremente os pés do divã, procurando com eles, no chão, as chinelas de couro dourado que a mulher lhe oferecera no ano anterior (presente de aniversário) e, costume seu de há nove anos, sem se levantar estendeu o braço para o roupão, geralmente dependurado à cabeceira da cama. Então lembrou-se subitamente do

motivo por que não dormira no quarto conjugal; o sorriso desapareceu-lhe do rosto, e franziu as sobrancelhas.

— Ai, ai, ai! — queixou-se, ao lembrar-se do que sucedera. De novo se lhe representavam na memória todos os pormenores da altercação com a mulher, a posição insolúvel em que se encontrava e as culpas que tinha, e isto era o que mais o atormentava.

"Não! Não me perdoará, não pode perdoar-me. E o pior é que sou o causador de tudo, embora não seja culpado. Essa a tragédia", pensava.

— Ai, ai, ai! —repetia, desesperado, ao recordar os momentos mais dolorosos da discussão.

O momento mais desagradável fora aquele em que, ao regressar do teatro, alegre e satisfeito, com uma bonita pêra para a mulher, não a encontrou nem no salão nem no escritório, coisa que o surpreendeu, mas no quarto de dormir, na mão o maldito bilhete que tudo lhe revelara.

Dolly, a mulher sempre diligente, cheia de preocupações e tão limitada, segundo pensava Oblonski, sentara-se com o bilhete na mão e olhava-o num misto de cólera, horror e desalento.

— Que é isto? Que é isto? — perguntou-lhe, mostrando o bilhete.

Ao lembrar o ocorrido, o que mais lhe doía, como sempre acontece, não era tanto pelo facto em si, mas o modo como respondera à mulher.

Naquele momento sucedeu-lhe o que sucede a qualquer pessoa obrigada a confessar algo vergonhoso. Não soube encontrar expressão adequada à situação. Em vez de ofender-se, negar, justificar-se, pedir perdão ou mesmo mostrar indiferença — qualquer coisa teria sido melhor —, apareceu-lhe de súbito, na fisionomia, involuntariamente ("Reflexos cerebrais" pensou Stepane Arkadievitch, que era dado à fisiologia), o sorriso habitual, bondoso e estúpido. Não podia perdoar-se sorriso tão absurdo. Diante desse sorriso, Dolly estremeceu, como se sentisse uma dor física, e, com o seu arrebatamento peculiar, rompeu numa torrente de palavras duras, acabando por sair, correndo, do quarto em que estava. Desde então não mais quisera ver o marido.

"Aquele estúpido sorriso é que teve a culpa de tudo. Mas que fazer? Que fazer?", perguntava-se Stepane Arkadievitch, sem encontrar

Resposta.

CAPÍTULO II

Oblonski era sincero consigo mesmo: não se sentia arrependido e não tinha remorso disso. Aquele homem bem parecido, de trinta e quatro anos, de temperamento amoroso, não podia, realmente, arrepender-se de não estar enamorado da mulher, um ano apenas mais nova do que ele, e mãe de sete filhos, dos quais cinco vivos e sãos. A única coisa que lamentava era não ter sabido esconder melhor os seus sentimentos. Mas compreendia a gravidade da situação e deplorava o que acontecera, tanto por Dolly e pelos filhos como por ele próprio. Talvez tivesse conseguido ocultar melhor as suas faltas, se pudesse adivinhar que causariam tamanho efeito sobre Dolly. Nunca pensara claramente no problema, embora imaginasse, um tanto vagamente, já há algum tempo, que a mulher desconfiava da sua infidelidade, sem no entanto atribuir grande importância ao facto. Era, inclusive, de opinião que a esposa, esgotada, envelhecida, sem beleza nem atributos, conquanto simples e boa mãe de família, devia ser condescendente por espírito de justiça. Ora, acontecera exactamente o contrário.

"Oh, é terrível, terrível!", exclamou Stepane Arkadievitch, sem descobrir uma solução para o caso. "E que bem vivíamos até aí! Dolly sentia-se feliz e contente com os filhos, eu não a incomodava em coisa alguma, deixava-a inteiramente à vontade com as crianças e a casa. Evidentemente, não estava certo que "ela" fosse a preceptora dos nossos filhos. Não estava certo! É grosseiro e vulgar fazer a corte à preceptora que nos educa os filhos. Mas, que mulher!" E recordou vivamente os astutos olhos pretos e o sorriso de *Mademoiselle* Roland.

"Enquanto esteve em nossa casa, no entanto, não houve nada, nada. E o pior é que ela já... Parece que tudo aconteceu de propósito! Ai!"

Resposta, só aquela, que a vida costuma dar a todas as questões complexas e insolúveis: viver o dia a dia, isto é, divertir-se. Já não podia fazê-lo através do sonho, pelo menos enquanto a noite não voltasse; já não podia tornar a ouvir a música que as mulheres garrafinhas cantavam. Só lhe restava distrair-se com o sonho da própria vida.

"Veremos isso mais tarde", disse consigo mesmo Stepane Arkadievitch; e, levantando-se, enfiou o roupão cinzento forrado de seda azul e deu um nó no cinto de bolas. Depois, respirando a plenos pulmões, encheu-os de ar, aproximando-se da janela com o habitual andar resoluto das suas pernas tortas, que com tanta ligeireza lhe transportavam a vigorosa figura, afastou a cortina e tocou a

campainha. A chamada acudiu imediatamente o velho escudeiro Matvei, que lhe trazia a roupa, os sapatos e um telegrama. Atrás dele vinha o barbeiro com os respectivos apetrechos.

— Trouxeram os processos do tribunal? — perguntou Stepane Arkadievitch, pegando no telegrama e sentando-se diante do espelho.

— Estão em cima da mesa — respondeu Matvei, mirando o amo com uma expressão entre interrogativa e solícita, e daí a pouco acrescentou, com um sorriso malicioso: — Vieram umas pessoas da parte do cocheiro.

Stepane Arkadievitch não respondeu, limitando-se a encarar Matvei através do espelho; pelo olhar que trocaram percebia-se que se entendiam.

O olhar de Stepane Arkadievitch parecia perguntar: “Para que me falas nisso? Porventura não sabes?”

Matvei enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta e avançou um pé, fitando o amo em silêncio, com um imperceptível sorriso bondoso.

— Disse-lhes que voltassem no domingo e até lá não incomodassem o senhor nem se preocupassem sem necessidade — articulou o criado, que, ao que parecia, preparara a frase.

Stepane Arkadievitch percebeu que Matvei quisera brincar e também que lhe prestassem atenção. Rasgando o telegrama, leu-o, corrigindo com sagacidade os diversos erros de palavras, e o seu rosto iluminou-se.

— Matvei, amanhã chega a minha irmã Ana Arkadievna — disse ele, detendo, por momentos, a gorda mão reluzente do barbeiro que lhe abria uma risca rosada nas longas suíças frisadas.

— Graças a Deus — exclamou Matvei, dando a entender, com esta resposta, que compreendia tão bem como o patrão o significado daquela notícia, isto é, que Ana Arkadievna, a irmã querida de Stepane Arkadievitch, podia cooperar na reconciliação do casal. — Vem só ou com o marido? — perguntou.

Stepane Arkadievitch, que não podia falar porque o barbeiro lhe escanhoava o lábio superior, ergueu um dedo. Matvei olhou para o espelho e moveu afirmativamente a cabeça.

— Sozinha. Preparam-se-lhe os aposentos do andar de cima?

— Comunica a Daria Alexandrovna e prepara os aposentos que ela mandar.

— A Daria Alexandrovna? — repetiu Matvei, como que hesitante.

— Sim. E pega no telegrama. Mostra-lho.

“Quer experimentar!”, pensou Matvei, compreendendo. E limitou-se a dizer: — Muito bem.

Stepane Arkadievitch, lavado e penteado, começou a vestir-se quando Matvei penetrou de novo no gabinete, em passo vagaroso, as botas rangendo um pouco, e o telegrama na mão. O barbeiro entretanto saíra.

— Daria Alexandrovna manda-lhe dizer que se vai embora. Que o patrão faça o que quiser, isto é, o que quisermos — disse, rindo-se apenas com os olhos. E, enfiando as mãos nos bolsos, inclinou a cabeça para um lado, de olhos fitos no chão.

Stepane Arkadievitch conservou-se calado durante um momento. Depois aflorou-lhe ao belo rosto um sorriso bondoso e um tanto compassivo.

— Então, Matvei? — disse, movendo a cabeça.

— Não se preocupe, meu senhor; tudo se “arrumará” — respondeu o criado.

— Se “arrumará”?

— Sim, senhor.

— Achas? Quem está aí? — perguntou Stepane Arkadievitch, ao ouvir o frufru de um vestido atrás da porta.

— Sou eu — retrucou uma voz feminina, fina e agradável. E o rosto marcado de bexigas de Matriona Filimonovna, a aia, assomou à entrada.

— Que há, Matriona? — inquiriu Oblonski, aproximando-se da porta.

Apesar de Stepane Arkadievitch ser considerado culpado perante a mulher e ter consciência disso, quase todos em casa, inclusive a aia, a melhor amiga da Daria Alexandrovna, estavam do lado dele.

— Que há? — repetiu com uma expressão triste.

— Vá pedir perdão à senhora outra vez. Talvez ela lhe perdoe. Sofre muito; faz dó. Além disso, tudo anda transtornado nesta casa. É preciso ter pena das crianças. Que havemos de fazer? Quem corre por gosto...

— Não me receberá...

— Seja como for, tente. Deus é misericordioso. Reze, meu senhor, peça a Deus.

— Está bem, vai-te embora — exclamou Stepane Arkadievitch, corando repentinamente. — Deixa ver a minha roupa — acrescentou,

dirigindo-se a Matvei, enquanto despia o roupão, decidido.

Matvei já tinha na mão a camisa, aberta em forma de coleira, e soprava-lhe ciscos invisíveis. Com manifesto prazer enfiou-a no bem cuidado corpo do patrão.

CAPÍTULO III

Já vestido, Stepane Arkadievitch perfumou-se, ajeitou os punhos da camisa e, num gesto habitual, guardou nos bolsos os cigarros, a carteira, os fósforos e o relógio de corrente dupla com berloques. Sacudiu o lenço e, sentindo-se limpo, perfumado, são, fisicamente contente, apesar de tudo, dirigiu-se, balançando-se ligeiramente, ora num pé ora no outro, para a sala de jantar, onde já o aguardavam o café, as cartas e o expediente do tribunal.

Leu a correspondência. Uma das cartas era muito desagradável, escrevia-a o comerciante que se propunha comprar um bosque das propriedades de Dolly. Enquanto não se reconciliassem, impossível falar em tal assunto. Nada mais desagradável do que misturar interesses materiais no grave problema da reconciliação. Repugnava-lhe a ideia de que aquilo o compelisse a procurar um meio de fazer as pazes com a mulher.

Quando terminou a leitura das cartas, Stepane Arkadievitch pegou nos processos, folheou-os rapidamente, garatujou algumas notas com um lápis enorme e, pousando tudo de lado, começou a tomar o café, ao mesmo tempo que abria o jornal da manhã, ainda húmido de tinta.

Stepane Arkadievitch era leitor de um jornal liberal, não extremista, antes da tendência política a que pertencia a maioria. Embora, na realidade, não lhe interessasse nem a ciência, nem a arte, nem a política, defendia firmemente as mesmas opiniões da maioria e do jornal, só mudando de ideias quando todos o faziam, ou melhor, não mudava de ideias; estas é que se transformavam imperceptivelmente, por si mesmas.

Stepane Arkadievitch não escolhia as suas tendências nem os seus pontos de vista; estes é que vinham até ele, tal como acontecia no que respeitava ao feitio do chapéu e ao corte das roupas: usava o que estava na moda. Em virtude de pertencer a determinado círculo social e de necessitar de alguma actividade mental — coisa que geralmente se desenvolve na idade madura — era-lhe tão imprescindível possuir pontos de vista próprios como usar chapéu.

A razão que o levava a preferir a tendência liberal à conservadora, à qual pertenciam também muitas pessoas do seu nível social, não era o facto de aquela tendência lhe parecer a mais sensata, mas apenas por ser a que mais se ajustava à sua maneira de viver. O partido liberal era de opinião de que na Rússia nada ia bem e, com efeito, Stepane Arkadievitch tinha muitas dúvidas e positivamente o dinheiro não lhe chegava para nada. Segundo ainda o mesmo partido, o casamento era

uma instituição caduca, cumprindo reformá-lo. Realmente, a vida familiar poucos prazeres proporcionava a Stepane Arkadievitch, obrigando-o a mentir e dissimular, o que contrariava a sua natureza. Por outro lado, o partido sustentava, ou melhor, dava a entender que a religião era um freio para a parte inculta do povo e Oblonski, que não podia assistir a qualquer cerimônia religiosa, por mais breve que fosse, sem se queixar dos pés, não conseguia entender o porquê de todas essas palavras terríveis e enfáticas acerca do outro mundo, quando neste se podia viver tão bem. Ao mesmo tempo, como gostava de gracejar, às vezes desconcertava as pessoas pacíficas com o argumento de que, se alguém se vangloriava da sua raça, não havia razão para se agarrar a Rurik e renegar o macaco, o primeiro ancestral. Eis, pois, como a tendência liberal se transformara num hábito de Stepane Arkadievitch, que apreciava o seu jornal como apreciava o cigarro depois de comer, graças à ligeira neblina que lhe provocava na mente, leu o artigo de fundo, em que se dizia ser completamente inútil, no nosso tempo, vociferar que o radicalismo ameaçava devorar os elementos conservadores e que o Governo tinha obrigação de tomar medidas que esmagassem a hidra revolucionária; mas, pelo contrário, "segundo a nossa opinião", dizia, "o perigo não reside na pretensa hidra revolucionária, mas na firmeza da tradição e no progresso reprimido", etc. Também leu outro artigo sobre economia, em que eram citados Bentham e Stuart Mill e se lançavam críticas ao Ministério. Graças à sua peculiar agilidade mental, compreendeu o significado de todas as alusões: de onde vinham e contra quem, ou qual o motivo que as determinava, o que, como sempre, lhe proporcionava certo prazer. Mas naquele momento esse prazer era estragado pela lembrança dos conselhos de Matriona Filimonovna e pelo que estava acontecendo em sua casa. Depois leu outras notícias: pelo que se dizia, o conde Beist passara por Wiesbaden; já não havia cabelos brancos; estava à venda uma carruagem ligeira e uma pessoa jovem oferecia os seus serviços. Nada disto, porém, lhe proporcionou a satisfação calma e irônica de outrora.

Quando acabou de ler o jornal e bebeu a segunda xícara de café, acompanhada de um bolo de manteiga, Oblonski levantou-se, sacudiu as migalhas que lhe tinham caído no coiete e, estofando o peito, sorriu jovialmente, não porque sentisse qualquer coisa de particularmente agradável, mas apenas porque comera bem. Aquele alegre sorriso, contudo, recordou-lhe imediatamente o que se passara e Stepane Arkadievitch absorveu-se em reflexões.

Atrás da porta ouviram-se duas vozes infantis (Stepane Arkadievitch reconheceu a voz de Gricha, o filho mais novo, e a de Titiana, a filha mais velha). Arrastavam qualquer coisa pelo chão que tinham deixado

cair.

— Já te disse que não se podem pôr os passageiros no tecto. Anda, vai tirá-los! — gritava a menina em inglês.

"Que desordem", pensou Stepane Arkadievitch. "As crianças correndo sozinhas pela casa." Aproximou-se da porta e chamou-as. Abandonando a caixa com que brincavam de carruagem, as crianças penetraram na sala de jantar.

Tatiana, a predilecta de Oblonski, entrou decidida, abraçou-se ao pai e, rindo, dependurou-se-lhe ao pescoço, deliciada, como sempre, com o perfume das suas suíças, tão seu conhecido. Finalmente, deu-lhe um beijo no rosto, afogueado por causa da inclinação, e, radiante de ternura, desprendeu as mãos, disposta a sair, correndo; Stepane Arkadievitch deteve-a, porém:

— A mãezinha, como está? — perguntou, acariciando o pescoço macio da filha. —Olá! — acrescentou, sorrindo, para o pequeno que por sua vez lhe dava bom-dia.

Stepane Arkadievitch reconhecia que gostava menos do filho, e embora sempre procurasse mostrar-se justo, o garoto dava por isso, não correspondendo ao frio sorriso do pai.

— A mãezinha? Já se levantou — respondeu a menina. Stepane Arkadievitch suspirou. "Isto quer dizer que passou a noite acordada", pensou.

— Está bem disposta?

A menina sabia que os pais se tinham zangado, que a mãe não podia estar bem disposta e que Stepane Arkadievitch fingia ao fazer-lhe aquela pergunta tão despreocupadamente, pois devia saber a verdade. E corou por ele. Oblonski compreendeu-o imediatamente, enrubescendo por sua vez.

— Não sei. Mandou-nos para casa da avozinha com Miss Hull, em vez de irmos estudar.

— Bom, então vai, vai, minha Tantchurotchka. Ah, espera um instante! — acrescentou Stepane Arkadievitch, retendo a filha e acariciando-lhe a mãozinha delicada.

Procurando em cima da prateleira do fogão uma caixinha de bombons, que ali deixara na véspera, deu dois à menina, escolhendo os de que ela mais gostava: um de chocolate e outro de creme.

— É para o Gricha? — perguntou ela, mostrando o de chocolate.

— Sim, sim — assentiu Stepane Arkadievitch. De novo acariciou um dos ombros da filha e, beijando-a no pescoço e na raiz dos cabelos,

deixou-a partir.

— Já está aí a carruagem — disse Matvei, acrescentando: — Há uma visita para o patrão.

— Está aí há muito tempo?

— Há uma meia hora.

— Quantas vezes te disse que me deves anunciar imediatamente as visitas?

— Ao menos, precisa de tomar sossegadamente o seu café — replicou Matvei naquele tom entre amistoso e brusco, com o qual ninguém conseguia zangar-se.

A visita, a esposa do segundo-tenente Kalinine, vinha solicitar algo impossível e absurdo, mas Stepane Arkadievitch, como era seu costume, pediu-lhe que se sentasse, ouviu-a atentamente, sem a interromper, e, pormenorizadamente, explicou-lhe a quem se devia dirigir. Inclusive, escreveu um bilhete, rápido e desembaraçado, na sua bela letra nítida, grande e espaçada, a uma pessoa que a podia auxiliar. Quando se despediu da esposa do tenente, Oblonski pegou no chapéu e deteve-se, procurando verificar se esquecia alguma coisa. Esquecia, apenas, o que queria esquecer: a mulher.

“Ah, sim!”, baixou a cabeça, e uma expressão triste lhe inundou a simpática fisionomia. “Vou ou não vou?”, perguntou a si mesmo. Uma voz, no íntimo, dizia-lhe que não, que esse passo era falso, que e reconciliação era impossível: como tornar-se ela de novo atraente, capaz de despertar amor e converter-se ele num velho, incapaz de amar? Só falsidade e mentira resultaria dali, e a falsidade e a mentira repugnavam à sua natureza.

“No entanto, alguma vez terá de ser a primeira; isto não pode continuar assim”, disse com os seus botões, procurando reanimar-se. Aprumou-se, tirou um cigarro, acendeu-o e, depois de soltar algumas baforadas, atirou-o para o cinzeiro de nácar. Em seguida, atravessando o salão a passos largos, abriu a porta do quarto de dormir.

CAPÍTULO IV

Daria Alexandrovna, de roupão e as tranças, outrora abundantes e sedosas, apanhadas na nuca, o rosto magro e abatido, que fazia ressaltar ainda mais os seus enormes olhos assustados, cercada de uma série de objectos, espalhados pelo quarto, encontrava-se diante de uma cômoda de cujas gavetas abertas ia retirando qualquer coisa. Ao ouvir os passos do marido, deteve-se e olhou para a porta, num grande esforço para demonstrar um ar de desprezo e severidade. Era evidente que receava tanto o marido como aquela entrevista. Naquele momento dispunha-se a fazer o que já tentara dez vezes em três dias: juntar as suas coisas e as das crianças e levar tudo para casa da mãe, sem nada dizer ao marido. Desta vez, ainda, como das anteriores, ia dizendo, intimamente, que a situação não podia continuar como estava, que devia fazer alguma coisa, que tinha de castigar e humilhar o marido, vingar-se dele, retribuindo-lhe, em parte que fosse, o sofrimento que ele lhe causava. Embora continuasse a dizer que abandonaria Oblonski, sentia-se ser-lhe isso impossível, pois não podia deixar de considerá-lo seu marido e a verdade é que ainda gostava dele. E depois, se em sua própria casa mal tinha tempo de cuidar dos cinco filhos, pior seria na casa de sua mãe. Com efeito, naqueles três dias, o benjamim adoecera por causa do caldo estragado, e os outros mal haviam ceado na véspera. Dolly estava certa de que não podia partir; no entanto, enganando-se a si mesma, pusera-se a juntar as suas coisas.

Ao ver o marido, meteu as mãos numa das gavetas da cômoda, como se procurasse qualquer coisa, e só se voltou quando ele já se encontrava a seu lado. No seu rosto, porém, que queria aparentar desprezo e severidade, apenas havia perturbação e sofrimento.

— Dolly! — exclamou Stepane Arkadievitch, em voz baixa e tranqüila. Encolheu-se, afundando a cabeça entre os ombros, afectando uma atitude submissa e dolorosa; no entanto, irradiava saúde e boa disposição. Num relance, Dolly percorreu dos pés à cabeça aquele corpo cheio de vigor, de vitalidade. “Sente-se feliz e satisfeito. E eu?”, pensou. “Como detesto esta odiosa bonomia que todos estimam e louvam.” Contraiu os lábios, e um músculo da face direita do seu pálido rosto nervoso tremeu ligeiramente.

— Que pretende? — perguntou, numa voz alterada e grave, que nem ela própria reconheceu.

— Dolly! — repetiu ele, em voz trêmula.— A Ana chega hoje.

— Que tenho eu com isso? Não posso recebê-la! — exclamou ela.

— Mas, Dolly, é preciso...

— Vá-se embora, vá-se, vá-se embora! — gritou Daria Alexandrovna, como se os gritos que soltava fossem provocados por uma dor física.

Stepane Arkadievitch conseguira estar tranqüilo enquanto pensara na mulher com a esperança de que tudo se "arrumaria", expressão de Matvei, e até pudera ler tranqüilamente o jornal e tomar o café. Mas agora, ao ver a fisionomia de Dolly, atormentada pelo sofrimento, ao ouvir-lhe o tom desesperado, resignado, sentiu que lhe faltavam as forças, que um nó lhe apertava a garganta, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

— Meu Deus, que fui eu fazer! Dolly! Pelo amor de Deus!... Se... É

— não pôde prosseguir, afogado pelos soluços.

Daria Alexandrovna fechou bruscamente as gavetas da cômoda e fitou o marido.

— Dolly, que te posso dizer?... Só uma coisa: perdoa-me... Porventura nove anos de vida em comum não chegam para resgatar uns momentos, uns momentos...?

Daria Alexandrovna, de olhos baixos, ouvia o que ele dizia, como que suplicando-lhe que a convencesse de qualquer maneira.

— ...uns momentos de arrebatamento... — pronunciou Stepane Arkadievitch, disposto a sair.

Mas, ao ouvir semelhante palavra, os lábios de Dolly voltaram a crispar-se, e de novo lhe tremeu o músculo da face direita, como que contraído por uma dor física.

— Vá-se embora, vá-se embora daqui! — gritou num tom de voz ainda mais lancinante. — E não me fale de seus arrebatamentos nem das suas canalhices. — Quis sair, mas cambaleou e teve de apoiar-se ao espaldar de uma cadeira. O rosto de Stepane Arkadievitch dilatou-se, intumesceram-se os lábios, os olhos encheram-se de lágrimas.

— Dolly! — disse, soluçando. — Pelo amor de Deus, pensa nas crianças; elas não têm culpa. Sou culpado, castiga-me, diz-me como redimir a minha culpa. Que posso fazer? Estou disposto a tudo. Sou culpado; não há palavras que exprimam até que ponto sou culpado! Mas Dolly, perdoa-me!

Daria Alexandrovna sentou-se. Stepane Arkadievitch ouvia-lhe a respiração forte e pesada, e era indescritível a compaixão que ela lhe inspirava. Por várias vezes quis falar, mas não pôde. Stepane Arkadievitch esperava.

— Lembras-te dos meninos apenas quando te divertes com eles.

Eu, ao contrário, sei agora que estão perdidos — disse ela. Pelo visto, era uma das frases que estivera repetindo durante aqueles três dias.

Daria Alexandrovna dissera "tu", e Oblonski olhava-a agradecido, aproximando-se dela, para lhe pegar na mão; ela, porém, afastou-se com repulsa.

— Penso nas crianças e faria tudo para salvá-las; mas não sei como, se levando-as comigo ou deixando-as junto de um pai depravado sim, junto de um pai depravado... Diga-me: acha possível continuarmos a viver juntos depois... do que aconteceu? Acha possível? Diga-me: acha que pode ser? — repetia, erguendo a voz. — Depois de o meu marido, o pai dos meus filhos, ter tido uma aventura amorosa com a preceptora das crianças...?

— Mas, que fazer agora? Que fazer? —exclamou Stepane Arkadievitch, com voz lastimosa, sem saber o que dizia, e baixando cada vez mais a cabeça.

— O senhor é repugnante, repulsivo! — gritou ela, cada vez mais irritada. — As lágrimas que chora são de crocodilo. Jamais gostou de mim, não tem coração nem sentimento! É um infame, um homem repugnante, um estranho, isso mesmo: um homem completamente estranho para mim.

Daria Alexandrovna pronunciou com expressão de dor e de ódio a palavra "estranho", que lhe parecia horrível.

Stepane Arkadievitch olhou para a mulher, assustado e surpreendido com a revolta que se reflectia no seu rosto. Não compreendia que a compaixão que lhe manifestava provocasse repulsa. Dolly via nele compaixão, mas não amor. "Odeia-me. Não me perdoará", pensou ele.

— É horrível, horrível! — exclamou.

Naquele momento, no quarto contíguo ouviu-se gritar uma das crianças, que naturalmente caíra. Daria Alexandrovna apurou o ouvido e instantaneamente suavizou-se a sua fisionomia. Permaneceu alguns segundos como que procurando lembrar-se onde estava e o que devia fazer. Depois, levantou-se rapidamente e aproximou-se da porta.

"Mas se ela gosta assim de meu filho, do meu filho, como pode odiar-me?", pensou Oblonski, ao observar a mudança de expressão que se operara no rosto da mulher.

— Dolly, só uma palavra — disse, seguindo-a.

— Se me seguir, chamarei os criados e os meninos. Quero que todos

fiquem sabendo que o senhor é um canalha! Ir-me-ei embora hoje; o senhor, se quiser, pode continuar a viver aqui com a sua amante!

Daria Alexandrovna saiu, batendo a porta com violência. Stepane Arkadievitch suspirou e, enxugando o rosto, aproximou-se da porta em passos lentos. “Matvei diz que tudo se há-de arrumar, mas como? Não vejo jeito. Oh, oh, que horror! E que maneira tão reles de gritar!”, dizia consigo mesmo, recordando-se das palavras “canalha” e “amante”. Se calhar até as criadas ouviram. Foi tremendamente vulgar.” Permaneceu imóvel alguns instantes, enxugou os olhos, suspirou e, aprumando-se, saiu do quarto.

Era sexta-feira. O relojoeiro alemão dava corda ao relógio da sala de jantar. Stepane Arkadievitch recordou, sorrindo, a sua pilhéria a propósito daquele relojoeiro calvo, tão pontual; costumava dizer que “lhe tinham dado corda para toda a vida, a fim de que ele, por sua vez, a desse aos relógios”. Oblonski apreciava muito os ditinhos chistosos. “Talvez se arrume! Essa palavra agrada-me: arrumar-se. Hei-de empregá-la”, pensou.

— Matvei! — exclamou ele — Prepara os aposentos para Ana Arkadievna na saleta Mana que te ajude.

— Muito bem, meu senhor.

Stepane Arkadievitch enfiou a pelica e saiu para o alpendre.

— Não janta em casa? — perguntou-lhe Matvei, enquanto o acompanhava.

— Isso depende. Toma lá para as despesas, Achas que chega? — interrogou Oblonski, entregando-lhe dez rublos, que tirara da carteira.

— Chegue ou não chegue, terei de me remediar — replicou Matvei, fechando a portinhola da carruagem e voltando ao alpendre.

Entretanto Daria Alexandrovna, que consolara a criança e compreendera, pelo ruído da carruagem, que o marido saíra, voltou ao quarto de dormir. Era o único refúgio das preocupações domésticas que a assaltavam, mal chegava à porta No momento em que foi ao quarto dos pequenos, logo a inglesa e Matriona Filimonovna a assediaram com um sem número de perguntas urgentes, a que só ela podia responder “Que deviam vestir os meninos para irem passear? Deveriam beber leite? Seria preciso arranjar outro cozinheiro?”

— Por amor de Deus, deixem-me, deixem-me! — exclamou Daria Alexandrovna, e voltando para o quarto, sentou-se no mesmo lugar onde permanecera durante o diálogo com o marido.

Contorcendo as mãos esquálidas, de cujos dedos ossudos se desprendiam os anéis, lembrou-se das palavras que tinham trocado.

“Foi-se. Mas como terá ele acabado com ela? Será possível que continuem a encontrar-se? Porque não lhe perguntei? Não, não podemos reconciliar nos? Ainda que continuássemos juntos sob o mesmo tecto, permaneceríamos estranhos um ao outro? Somos para sempre estranhos?”, repetiu, repisando de maneira especial essa palavra que lhe ressoava horrorosa “E tu que tanto lhe quis 'Como eu lhe queria'. E por ventura não continuo a querer 'Não lhe quererei agora mais do que antes'. E o mais terrível é que”

Matriona Filimonovna interrompeu o curso dos seus pensamentos

— Quer a senhora que eu mande vir o meu irmão! Ao menos preparará o jantar e os meninos não ficarão sem comer até às seis horas, como ontem.

— Está bem, vou dar as minhas ordens. Foram comprar leite fresco? E Daria Alexandrovna mergulhou nas preocupações quotidianas, afogando nelas, momentaneamente, os seus desgostos.

CAPÍTULO V

Graças aos seus dons naturais, Stepane Arkadievitch fizera bons estudos, mas, como era preguiçoso e travesso, saíra do colégio entre os últimos da sua classe. No entanto, apesar da vida dissipada que levara, da baixa classificação que obtivera e de ser ainda muito jovem, ocupava o lugar, bem remunerado, de presidente de um tribunal de Moscovo. Conseguira esse emprego graças ao marido de Ana, sua irmã, Alexei Alexandrovitch Karenine, que desempenhava um dos mais altos cargos do Ministério a que se subordinava o tribunal de que era funcionário. Mas se Karenine não lhe houvesse conseguido o cargo. Stiva Oblonski tê-lo-ia obtido, a esse ou a outro qualquer, com os seus mil rublos de remuneração — quantia de que precisava, dada a má situação dos seus bens pessoais e apesar da fortuna da mulher — graças a uma centena de protectores de que dispunha irmãos ou irmãs, tias ou segundos nós.

Metade da população de Moscovo e de Sampetersburgo era constituída por parentes ou amigos de Stepane Arkadievitch. Nascera entre pessoas que eram ou passaram a ser os poderosos deste mundo. Uma terça parte dos velhos funcionários fora das relações do pai e tinha-o conhecido de calções, a outra terça parte tratava o por tu e os restantes, sob a forma de empregos públicos, arrendamentos, concessões e coisas do mesmo estilo, seus amigos, não podiam deixar de mostrar interesse por ele. Eis, pois, como não fora difícil a Oblonski obter um bom lugar. A única coisa de que precisou foi de não contrariar ninguém, não ter inveja, não discutir nem ofender-se, atitudes de que a sua bondade mata sempre o afastara. Ter-lhe-ia parecido simplesmente ridículo dizerem-lhe que não lograria um lugar com a remuneração que lhe era indispensável, sobretudo por nada exigir de excepcional. De facto, apenas queria o que os seus amigos da mesma idade haviam conseguido, persuadido como estava de ser tão capaz quanto qualquer deles.

Todos gostavam de Stepane Arkadievitch, não só pelo seu feitio alegre e bondoso e pela sua indiscutível probidade, mas também devido à sua arrogante e bela presença, dos seus olhos brilhantes, das suas negras sobrancelhas, dos seus cabelos e do seu rosto branco e rubonzável, coisas que produziam impressão agradável naqueles que o conheciam. “Olá, Stiva! Oblonski! Ei-lo!”, costumavam exclamar, ao saudá-lo, quase sempre sorrindo alegremente Ainda mesmo quando, depois de com ele conversarem, não sentiam nisso uma satisfação especial, no dia seguinte, ao voltarem a encontrá-lo, acolhiam no sempre com igual regozijo. Depois de haver desempenhado durante

três anos o cargo de presidente de um dos tribunais de Moscovo, Stepane Arkadievitch alcançara não só a amizade mas também a consideração dos colegas, dos subordinados, dos chefes e de todos os que com ele privavam. As principais qualidades de Stepane Arkadievitch, as que lhe haviam granjeado esse respeito, consistiam, em primeiro lugar, numa extrema condescendência para com todas as pessoas, condescendência essa alicerçada na consciência dos seus próprios defeitos, em segundo lugar, no seu espírito liberal, não propriamente do liberalismo que ele extraíra dos jornais, mas do que tinha no sangue e graças ao qual tratava todos no mesmo pé de igualdade sem atender a posições ou a hierarquias, e em terceiro lugar — a sua qualidade mais importante, — na perfeita indiferença que mostrava pelo cargo ocupado, o que fazia com que nunca se entusiasmasse e por isso mesmo sem que nunca praticasse erros.

Ao chegar à repartição, Stepane Arkadievitch, seguido a respeitável distância pelo contínuo que lhe levava a pasta, penetrou no seu gabinete para vestir o uniforme, e logo em seguida dirigiu se à sala de sessões. Todos os funcionários se levantaram, saudando o alegre e respeitosamente. Como de costume, Stepane Arkadievitch apertou a mão de cada um e encaminhou se, pressuroso, para o seu lugar. Conversou e pilherou um pouco, justamente o tempo que a cortesia mandava, e pôs se a trabalhar. Ninguém sabia melhor do que Stepane Arkadievitch encontrar os limites da liberdade, a simplicidade e a afabilidade necessários para que o trabalho se tornasse agradável. O secretário aproximou se de Oblonski com o expediente, jovial e respeitoso, como todos na sua presença, mantendo esse tom familiar que o próprio Oblonski introduzira nas suas funções.

— Finalmente conseguimos as informações da administração provincial de Panz. Aqui estão. Se me permite.

— Chegaram por fim! — exclamou Stepane Arkadievitch, pegando num dos papéis —Bem, meus senhores. E a sessão principiou.

“Se eles soubessem que não há meia hora ainda o presidente do tribunal se sentia culpado como um garoto”, pensou Stepane Arkadievitch, enquanto escutava a exposição, de cabeça inclinada e grave expressão no rosto. Os olhos sorriam lhe, o ouvido atento. Teriam de trabalhar sem interrupção até às duas horas, altura em que haveria um intervalo para comer.

Ainda não eram duas horas quando, de repente, se abriram as portas de vidro da sala de audiência e alguém entrou. Os membros do tribunal, sentados debaixo do retrato do czar e os que se sentavam por detrás do símbolo da Justiça, voltaram se para a porta, contentes com a distracção, mas o oficial de justiça, à entrada, imediatamente

obrigou a sair quem entrara, fechando a porta atrás de si.

Quando acabaram de ler o expediente, Stepane Arkadievitch pôs-se de pé, endireitou se e, rendendo tributo ao liberalismo da época, acendeu um cigarro mesmo na sala do tribunal, encaminhando se depois para o seu gabinete. Os seus dois colegas, o velho funcionário Nikitine e o jovem Grimevitch, saíram com ele.

— Teremos tempo de acabar depois do almoço — disse Stepane Arkadievitch.

— Com certeza! — corroborou Nikitine.

— Esse Fomine deve ser um autêntico maroto — observou Grimevitch, referindo se a um dos implicados na causa que examinavam.

Stepane Arkadievitch franziu o sobrolho ao ouvir as palavras de Grimevitch, dando a entender que não convinha emitir juízos antecipados, e nada lhe respondeu — Quem entrou na sala? — inquiriu do oficial de justiça.

— Um senhor que perguntava por V Exa e que se introduziu na sala sem licença, apanhando me desprevenido. Disse lhe que quando saíssem os membros do tribunal.

— Onde está ele?

— Naturalmente foi para a antecâmara, primeiro andou às voltas por aí. É aquele — acrescentou, apontando para um homem corpulento, espadaúdo, barba encaracolada, na cabeça um gorro de pele de carneiro, que naquele momento subia apressadamente os gastos degraus da escada de pedra. Um empregado magricela, que descia com uma pasta na mão, deteve se, olhou, como que censurando, as pernas do homem que subia as escadas e dirigiu a Oblonski um olhar interrogativo.

Stepane Arkadievitch encontrava se no alto da escadaria e o seu bondoso rosto resplandecente, emergindo da gola bordada do uniforme, ao reconhecer o recém chegado, iluminou se mais ainda.

— Então eras tu! Finalmente, Levine! — exclamou com um sorriso amistoso e trocista, olhando Levine, que se aproximava — Como te dignaste vir buscar me a este “covil”? Chegaste há muito? — perguntou. E não contente com o aperto de mão do amigo, beijou-o.

— Acabo de chegar, estava morto por te ver — respondeu Levine, numa expressão tímida, ao mesmo tempo que olhava à sua volta, inquieto e medroso.

— Bom, vamos para o meu gabinete — disse Oblonski, que conhecia o amor próprio e a timidez irritável do amigo.

E, pegando-lhe pela mão, arrastou o consigo, como se o levasse pelo meio de grandes perigos.

Stepane Arkadievitch tratava por “tu” quase todos os conhecidos: anciãos de sessenta anos, rapazes de vinte, comerciantes, actores, ministros, ajudantes de campo do imperador, de maneira que muitas das pessoas a quem tuteava pertenciam a extremos opostos da escala social e muitos se surpreendiam ao descobrir, através de Oblonski, um traço comum entre si Tratava por tu todos os que bebiam champanhe, e bebia champanhe com todos E quando, na presença dos subordinados, se encontrava com alguns dos tus que envergonhavam, como costumava chamai a muitos deles, por brincadeira, conseguia também atenuar, com a sua habilidade inata, qualquer impressão desagradável que porventura isto lhes pudesse causar. Levine não pertencia ao número dos tus que envergonhavam, mas, com a sua acuidade, Oblonski percebeu que o amigo pensava que talvez ele, Oblonski, não desejasse mostrar a intimidade que existia entre eles na presença dos seus subordinados, razão por que se dera pressa em levá-lo para o seu gabinete.

Levine tinha quase a mesma idade que Oblonski, e não só por ter bebido champanhe com ele o tratava por tu. Fora seu companheiro e amigo de adolescência. Apesar da diferença de caracteres e de gostos, estimavam-se como amigos que conviveram desde a mocidade. Mas, como geralmente acontece entre pessoas que se dedicam a actividades diferentes, embora cada um deles apreciasse e aprovasse a profissão do outro, a verdade é que, no fundo da alma, a desprezavam. Afigurava-se, a cada um deles, que a sua própria vida era a verdadeira, enquanto a do outro não passava de ficção. Oblonski não podia reprimir um certo sorriso de troça quando via Levine. Inúmeras vezes o vira chegar assim a

Moscovo, vindo da aldeia, onde se dedicava a qualquer coisa que Stepane Arkadievitch nunca soubera bem o que fosse e, para ser exacto, nem lhe interessava. Levine chegava a Moscovo sempre numa grande excitação, inquieto, um tanto inibido e irritado com a sua própria timidez, e a maior parte das vezes com um conceito novo e imprevisto sobre ai coisas. Stepane Arkadievitch troçava disso, mas ao mesmo tempo gostava. Assim mesmo, Levine, no seu íntimo, desprezava o gênero de vida citadina que o amigo levava e até mesmo o cargo que ele desempenhava, na sua opinião absurdo, rindo-se de tudo isso. A única diferença ê que Oblonski, ao fazer o que os outros faziam, gracejava com segurança e benevolência, ao passo que Levine o fazia pouco seguro e às vezes até irritado.

— Há muito que estávamos à tua espera — disse Stepane Arkadievitch, ao penetrar no gabinete e largando o braço do amigo,

como que dando-lhe a entender que o perigo passara. — Estou muito contente em ver-te. Então como vai isso? Quando chegaste? — prosseguiu.

Levine calava-se, olhando as caras desconhecidas dos companheiros de Oblonski e sobretudo a mão do elegante Grimevitch, de longos dedos brancos e compridas unhas, pálidas e recurvas, bem como os enormes brilhantes das abotoaduras da sua camisa. Dir-se-ia que aquelas mãos o absorviam por completo, impedindo-o de pensar. Oblonski, observando isso, sorriu.

— Permitam que os apresente — disse. — Os meus amigos Filirx Ivanovitch Nikitine, Mikail Stanislavitch. — E dirigindo-se a Levine, acrescentou: — Constantino Dimitrievitch Levine, membro do *zemstvo,* homem original, ginasta, capaz de levantar cinco *puds* com uma só mão, fazendeiro, caçador, meu amigo e irmão de Sérgio Ivanovitch Kosnichev.

— Muito prazer — articulou o ancião.

— Temos a honra de conhecer seu irmão Sérgio Ivanovitch — disse Grimevitch, estendendo-lhe a delicada mão de grandes unhas.

— Escuta. Vamos almoçar no Guarine. Ali conversaremos. Estou livre até às três.

— Não. Ainda tenho de ir a outro lugar — replicou Levine, depois de pensar um pouco.

— Bem, então podemos jantar juntos.

— Jantar? Mas não se trata de nada importante. Quero apenas dizer-te duas palavras. Falaremos mais tarde à vontade.

— Pois diz-me agora essas duas palavras e conversaremos depois de jantar.

— Trata-se do seguinte... não é, aliás, nada de particular — disse Levine; e de súbito reflectiu-se no seu rosto uma viva irritação, provocada pelo esforço que fazia para vencer a timidez. — Que fazem os Tcherbatski? Continuam como dantes? — inquiriu.

Oblonski que soubera, tempos atrás, que Levine estava enamorado da sua cunhada, Kitty, sorriu imperceptivelmente e os olhos brilharam-lhe alegres.

— Disseste-me duas palavras, mas eu não posso responder-te com outras duas, porque... Desculpa-me por um momento...

Entrava nesse momento o secretário, com uns papéis; com a familiaridade respeitosa e com a discreta consciência que todos os secretários têm da superioridade sobre os chefes no conhecimento dos

assuntos que lhes dizem respeito, aproximou-se de Oblonski para lhe explicar uma dificuldade como se fizesse uma pergunta. Stepane Arkadievitch, sem o ouvir até ao fim, pousou uma das mãos no braço do secretário, num gesto carinhoso.

— Seja como for, como eu lhe disse — articulou, suavizando a advertência com um sorriso. E após uma breve explicação acerca de como interpretar o caso, repeliu de si os papéis, acrescentando: — Faça assim, por favor, Zacarias Nikitine.

O secretário afastou-se, confuso. Levine, que durante aquela consulta, se refizera completamente da perturbação que o possuíra, apoiava-se com ambas as mãos às costas de uma cadeira e ouvia com uma atenção zombeteira.

— Não compreendo, não, não compreendo! — exclamou.

— Que é que tu não compreendes? — perguntou-lhe Oblonski, sorrindo também e puxando por um cigarro. Esperava de Levine uma saída extravagante.

— Não compreendo o que vocês fazem — replicou ele, encolhendo os ombros. — Como podes tomar estas coisas a sério?

— Por quê?

— Porque... porque aqui não há que fazer.

— É o que tu pensas; estamos cheios de trabalho.

— De papelada. Sim, realmente, sempre tiveste jeito para isso.

— Então, achas que para outras coisas não sirvo?

— Talvez. De qualquer modo, porém, admiro a tua importância e sinto-me orgulhoso de ter um amigo de tal categoria. Mas não respondeste à minha pergunta — acrescentou Levine, fitando-o nos olhos, num esforço desesperado.

— Bom, bom. Espera um pouco mais e verás como tu também hás-de lá chegar. Apesar dos teus três mil hectares de terra na província de Karazinski, desses músculos, dessa louçania de menina de onze anos, também acabarás por lá chegar, como nós. Quanto ao que perguntavas, não há novidade, mas é pena que tenhas estado tanto tempo sem aparecer.

— Por quê? — interrompeu Levine, assustado.

— Por nada. Depois falaremos. E afinal, para que vieste?

— Disso também falaremos depois — respondeu Levine, de novo corado até às orelhas.

— Sim, já percebi. Escuta: gostaria de te convidar para ires a nossa

casa, mas minha mulher não está bem. Se queres ver os Tcherbatski, acho que devem ir hoje, das quatro às cinco, ao Jardim Zoológico. Kitty vai patinar. Passa por lá. Irei buscar-te para irmos jantar em qualquer parte.

— Perfeitamente. Até logo, então.

— Mas escuta. Bem te conheço, és muito capaz de te esqueceres ou de te ires embora para a aldeia — exclamou Stepane Arkadievitch, rindo.

— Não, não, irei sem falta.

E só depois de sair do gabinete, Levine se apercebeu de que não se despedira dos amigos de Oblonski.

— Parece ser muito enérgico — opinou Grimevitch, depois de Levine ter saído.

— Sim, meu velho. Nasceu com boa estrela! — observou Stepane Arkadievitch, abanando a cabeça. — Três mil hectares em Karazinski, uma vida inteira diante dele e aquele vigor! Tem mais sorte do que nós.

— O senhor de que se queixa, Stepane Arkadievitch?

— Tudo vai mal — disse este, com um profundo suspiro.

CAPÍTULO VI

Quando Oblonski perguntou a Levine que tinha ele vindo fazer a Moscovo, este enrubesceu, coisa que o indispôs consigo mesmo, pois não pudera responder-lhe, "para me declarar à tua cunhada", apesar de ter vindo exclusivamente para este fim. Os Levines e os Tcherbatski, antigas famílias nobres de Moscovo, sempre haviam mantido íntimas e cordiais relações. Essa amizade ainda mais se consolidara durante o tempo de estudante de Levine, que se preparara para dar entrada na Universidade e nela fora admitido ao mesmo tempo que o jovem príncipe Tcherbatski, irmão de Dolly e de Kitty. Naquela época, Levine costumava visitar muito amiúde os Tcherbatski e afeiçoara-se à casa. Por estranho que pareça, Constantino Levine apegara-se precisamente à casa, à família e em especial ao elemento feminino dos Tcherbatski. Não se lembrava da mãe e a única irmã que tinha era mais velha do que ele. Por isso mesmo fora em casa dos Tcherbatski que sentira pela primeira vez aquele ambiente de lar nobre, intelectual e distinto que não chegara a conhecer entre os seus por causa da prematura morte dos pais. Todos os membros daquela família, especialmente as mulheres, lhe apareciam como que envoltos num misterioso véu poético, e não só via neles defeito algum, como imaginava que por debaixo desse véu existissem os sentimentos mais elevados e todas as perfeições deste mundo. Levine não compreendia por que falavam aquelas senhoras hoje em francês e amanhã em inglês; por que, a horas determinadas, e por turnos, tocavam piano, cujos sons ele ouvia lá em cima no quarto do irmão, onde se reuniam para estudar; para que serviam aqueles professores de literatura francesa, de desenho, de música, de dança; por que iam as três irmãs a horas certas de carruagem, acompanhadas por *Mademoiselle* Linon, à Avenida de Tverskoi, embrulhadas nas suas pelicas — a de Dolly, comprida; a de Natália, três quartos, e a de Kitty, muito curta, de tal sorte que lhe deixava completamente descobertas as pernas com as suas meias vermelhas — e para que haviam de passear pela Avenida Tverskoi, ainda por cima acompanhadas de um lacaio com um distintivo dourado no chapéu. Tão-pouco compreendeu muitas outras coisas que sucediam naquele mundo misterioso, embora soubesse que tudo ali era magnífico e fosse precisamente essa atmosfera de mistério que o cativava.

Durante os tempos de estudante estivera a ponto de apaixonar-se pela irmã mais velha, Dolly, mas daí a tempo casavam-na com Oblonski. Depois começou a sentir-se atraído pela segunda, como se precisasse de estar sempre enamorado de uma das irmãs, sem poder

dizer de qual delas gostava na verdade. Também Natália se casou, na ocasião em que foi apresentada à sociedade, com o diplomata Lvov. Kitty ainda era muito criança quando Levine saiu da Universidade. O jovem Tcherbatski, que ingressara na marinha de guerra, morrera no mar Báltico, e as relações dele com a família, por esse facto, tornaram-se menos freqüentes, apesar da sua amizade com Oblonski. Porém, quando no princípio do Inverno daquele ano chegou a Moscovo, depois de um ano de isolamento na aldeia, compreendeu de qual das irmãs estava predestinado a gostar deveras. Aparentemente, nada mais simples do que pedir a mão da princesa Tcherbatskaia, uma vez que Levine era homem de boa família, mais rico do que pobre, e com trinta e dois anos de idade Era de crer que vissem logo nele um bom partido Mas Levine estava apaixonado e por isso Kitty lhe parecia uma criatura tão perfeita em todos os sentidos, tão para além das coisas terrenas, quando ele, pelo contrário, era um ser tão baixo e mundano, que não podia pensar sequer que ela e os outros o considerassem digno de aspirar à sua mão.

Havia dois meses que estava em Moscovo, como num sonho, encontrando se quase todos os dias com Kitty nas reuniões mundanas a que assistia para vê-la, quando decidiu, repentinamente, que não teria êxito, e voltou para a aldeia.

Julgava essa aspiração impossível, certo de que, aos olhos dos pais de Kitty, não era nem um bom partido nem a pessoa indicada para tão maravilhosa criatura Demais, convenceu se de que ela não podia amá-lo Aos olhos dos pais de Kitty, Levine não tinha nem profissão determinada nem posição social Enquanto os seus camaradas de estudo já eram, um coronel e ajudante de campo, outro catedrático, director de um banco e de uma companhia de caminhos de ferro um terceiro, e o último presidente de um tribunal, isto é, o próprio Oblonski, ele, pelo contrário (sabia perfeitamente o efeito que isso produzia nas outras pessoas), era simplesmente proprietário rural, dedicava se à criação de gado, à caça às perdizes e à construção Quer dizer era um homem sem aptidões, que não chegara a ser coisa alguma, e que na opinião geral, fazia apenas o que fazem os que não servem para mais nada.

A misteriosa e encantadora Kitty não podia gostar de um homem tão feio como ele, que Levine assim se considerava, e sobretudo de um homem tão simples, que não sobressaía em coisa alguma Por outro lado, as suas anteriores relações com ela — as relações de um homem com uma garota —, graças à amizade que mantivera com o irmão, apareciam lhe como mais um obstáculo a esse amor Imaginava que se podia querer como amigo a um homem bom, como se considerada, embora feio, mas que seria preciso ser belo e sobretudo excepcional

para despertar amor igual ao que ele sentia por Kitty.

Ouvira dizer que as mulheres muitas vezes se enamoravam de homens vulgares, mas não acreditava nisso, pois julgava os demais por si, e ele só se sentia capaz de amar uma mulher bonita, misteriosa e original.

No entanto, após dois meses sozinho na aldeia, convencera se de que o sentimento que dele se apossara nada tinha a ver com os amores que conhecera na adolescência, uma vez que lhe era impossível sossegar e viver na ignorância de Kitty vir a ser ou não sua mulher Também se persuadira de que a família nenhuma razão tinha para o repelir Partiu, pois, para Moscovo, no intuito de fazer o seu pedido e de se casar, na hipótese de um bom acolhimento Caso contrário não podia imaginar quais as conseqüências de uma resposta negativa.

CAPÍTULO VII

Levine chegou a Moscovo no comboio da manhã e hospedou se em casa do irmão mais velho, Kosnichev Assim que mudou de roupa, entrou no gabinete do irmão disposto a expor lhe os motivos da sua viagem e a pedir lhe conselho Kosnichev, porém, não estava só Recebia, na ocasião, um professor de filosofia que viera de Karkov na intenção de esclarecer uma questão grave que entre ele surgira acerca de um muito importante problema de filosofia O professor sustentava uma luta encarniçada com os materialistas e Sérgio Kosnichev, que a acompanhava interessado, escrevera lhe expondo os próprios pontos de vista depois de ler o seu último artigo increpava-o por fazer demasiadas concessões ao maternalismo. O professor apresentara se imediatamente em Moscovo para discutir o assunto. Tratava se de uma questão actual. Existe um limite entre os fenômenos psíquicos e os fenômenos fisiológicos? Se existe, onde está?

Sérgio Ivanovitch acolheu o irmão com o sorriso afectuoso e frio com que costumava acolher a todos, e, depois de o apresentar ao professor, prosseguiu com este a conversa interrompida.

O professor, um homenzinho de óculos, de testa estreita, calara se por momentos para cumprimentar Levine, continuando em seguida o seu discurso sem lhe prestar a mínima atenção Levine sentou se, à espera de que o professor se fosse, mas não tardou a interessar se também pela discussão.

Já havia encontrado nas revistas artigos em que se falava do assunto em discussão, interessado que estava em ampliar os seus conhecimentos das ciências sociais Estudara ciências naturais, mas nunca estabelecera relação entre as conclusões da ciência sobre as origens do homem, os reflexos, a biologia, a sociedade e as questões que ultimamente o preocupavam cada vez mais, isto é, o sentido da vida e o significado da morte.

Ao ouvir a discussão de Sérgio Ivanovitch com o professor, reparou que eles relacionavam os problemas científicos com os que diziam respeito à alma Várias vezes abordaram tais questões, mas, ao chegarem ao ponto mais importante, na opinião de Levine, desviavam se imediatamente e voltavam a aprofundar, no domínio das subtis subdivisões, as críticas, as citações, as alusões, as referências às opiniões autorizadas, ficando ele sem perceber coisa alguma.

— Não posso concordar com Keiss — dizia Sérgio Ivanovitch com a sua peculiar clareza, o seu rigor de expressão e elegante dicção — em que o conceito que tenho do mundo exterior deriva das sensações A

ideia fundamental do ser não a recebo através das sensações, pois não existe órgão nenhum especial para a sua transmissão.

— Sim, mas Wurts, Knauts e Pripasov responder-lhe ao que a consciência que o senhor tem do ser deriva do conjunto de todas as sensações. Wurts afirma mesmo que sem a sensação, a consciência do ser não existe.

— Eu afirmo o contrário — principiou Sérgio Ivanovitch.

Neste momento, porém, Levine, pensando que eles se iam afastar do ponto capital uma vez mais, resolveu formular ao professor a seguinte pergunta:

— Por conseguinte, quando os meus sentidos se aniquilam e o meu corpo morre, não há mais existência possível?

O professor, despeitado e como que chocado por aquela interrupção, fitou o estranho interrogador, que mais parecia um rústico do que um filósofo, desviando em seguida os olhos para Sérgio Ivanovitch, como a perguntar-lhe: "Valerá esta pergunta uma resposta?" Sérgio Ivanovitch, no entanto, que estava longe de falar com a intransigência e a persuasão com que falava o professor, e cujas ideias eram suficientemente desenvolvidas para poder responder a esta pergunta e compreender o ponto de vista simplista e natural com que ela fora feita, sorriu, dizendo:

— Ainda não podemos responder a essa pergunta...

— Não temos dados — afirmou o professor, e prosseguiu com os seus argumentos. — Não. Observo que, se, como afirma Pripasov, as sensações se fundam nas impressões, devemos distinguir, de maneira rigorosa, estes dois conceitos.

Levine deixou de estar à escuta, e esperou que o professor se retirasse.

CAPÍTULO VIII

Quando o professor saiu, Sérgio Ivanovitch dirigiu-se ao irmão:

— Gostei muito de ter ver. Vais demorar-te? Que tal a herdade?

Levine sabia que ao irmão não interessavam as terras e que por mera condescendência se informava da herdade, por isso limitou-se a falar-lhe na venda do trigo e no dinheiro.

Teria querido falar-lhe na intenção que tinha de contrair casamento e pedir-lhe conselho, decidido como estava a casar-se, mas quando viu Sérgio Ivanovitch e ouviu a sua conversa com o professor, quando atentou no tom involuntariamente protector com que ele se lhe dirigia a propósito da administração da propriedade (não tinham feito partilhas das terras herdadas da mãe e Levine era quem as administrava), percebeu que não podia falar com o irmão acerca dos seus projectos, pois ele não os tomaria em consideração como desejaria Levine.

— E que tal o vosso *zemstvo?* — perguntou Sérgio Ivanovitch, que mostrava grande interesse por esse organismo, atribuindo-lhe muita importância.

— Se queres que te diga, não sei...

— Como?... Pois não eras membro da administração?

— Não, já não sou; pedi a demissão, já deixei de assistir às reuniões — replicou Levine.

— É pena! — lamentou Sérgio Ivanovitch, de sobrecenho carregado. Para se justificar, Levine contou-lhe o que costumava suceder nas reuniões de seu distrito.

— É sempre a mesma coisa! — interrompeu Sérgio Ivanovitch. — Somos sempre assim, nós, russos! Talvez seja um bom traço do nosso temperamento sermos capazes de reconhecer os nossos defeitos. Mas exageramos, consolando-nos com a ironia que sempre temos na ponta da língua. Apenas te direi que se concedessem direitos como os que concedem as nossas instituições do *zemstvo* a qualquer outro povo europeu, por exemplo, aos Alemães ou aos Ingleses, acabariam por obter a liberdade por meio deles. Nós, pelo contrário, apenas sabemos zombar dessas coisas.

— Que havemos de fazer? — disse Levine, como que a desculpar-se. — Foi a minha última prova. Dediquei-me a ela com toda a minha alma, mas não posso, não sou capaz.

— Não é que não sejas capaz, encaras mal o assunto — replicou

Sérgio Ivanovitch.

— Talvez — respondeu Levine, desanimado.

— Sabes que o nosso irmão Nicolau está aqui outra vez?

Nicolau, o irmão mais velho de Constantino Levine e gêmeo de Sérgio Ivanovitch, era um homem perdido. Dissipara grande parte da fortuna, tinha relações com pessoas extravagantes e de má reputação e não falava com os irmãos.

— Que dizes? — exclamou Levine, horrorizado. — Como soubeste?

— Prokofi viu-o na rua.

— Aqui em Moscovo? Onde mora? Sabes?

Levine levantou-se, como que disposto a sair imediatamente.

— Lamento ter-te dito — replicou Sérgio Ivanovitch, abanando a cabeça perante a agitação do irmão. — Mandei averiguar onde vive e remeti-lhe a letra de Trubine, que eu paguei. Eis o que ele me respondeu.

— Sérgio Ivanovitch estendeu ao irmão um papel que estava em cima da mesa, debaixo de um pesa-papéis. Levine leu o bilhete, escrito com uma letra esquisita, que lhe era familiar:

Peco-lhes encarecidamente que me deixem em paz. É a única coisa que exijo dos meus amáveis irmãos.

NICOLAU LEVINE

Depois de ler o bilhete, Levine permaneceu diante do irmão com o papel entre os dedos, sem levantar a cabeça. Na sua alma debatia-se o desejo de esquecer o irmão infeliz e a consciência de que tal atitude não era correcta

— Pelo visto, pretende ofender me — prosseguiu Sérgio Ivanovitch —, mas não o consegue Desejaria ajudá-lo com toda a minha alma, sei, porém, que é impossível

— Sim, sim — replicou Levine —Compreendo-te e aprecio o teu procedimento para com ele Mas eu irei procurá-lo

— Pois vai, se queres, embora não te aconselhe a fazê-lo Não receio pelo que me diz respeito, não poderá indispor se comigo Mas não o aconselho por ti Enfim, faz o que entenderes

— Talvez seja impossível ajudá-lo, mas sinto, principalmente neste momento (claro que se trata de outra coisa) que não possa ficar de braços cruzados

— A verdade é que não o compreendo — disse Sérgio Ivanovitch

— A única coisa que compreendo é essa lição de humildade Principiei a considerar de outra maneira, com mais indulgência, aquilo a que se costuma chamar infâmia, desde que o nosso irmão Nicolau tomou este caminho Bem sabes o que ele fez

— É horrível! É horrível! — repetiu Levine.

Quando o criado de Sérgio Ivanovitch lhe deu o endereço de Nicolau, Levine estava disposto a procurá-lo imediatamente, mas, depois de reflectir alguns instantes, decidiu adiar para a noite essa visita Antes de mais nada, para tranqüilidade de espírito, queria resolver o assunto que o trouxera a Moscovo De casa de Kosnichev dirigiu-se à repartição de Stepane Arkadievitch e depois de se informar acerca dos Tchebatski, encaminhou se para o local onde aquele lhe dissera que podia encontrar Kitty.

CAPÍTULO IX

Às quatro da tarde, Levine, com o coração a latejar, apeou se de um carro de praça à porta do Jardim Zoológico e dirigiu-se por uma das áleas que levavam à pista de patinagem, certo de ali encontrar Kitty, pois vira a carruagem dos Tcherbatski à entrada do parque.

Era um dia claro e frio Junto à porta havia filas de carruagens e de trenós, de cocheiros e de polícias O público, bem vestido, com seus chapéus que resplandeciam ao sol brilhante, agitava-se junto aos portões e pelas alamedas limpas de neve, no meio das casinhas de estilo russo com os seus adornos esculpidos As velhas e frondosas bétulas do jardim, cujos ramos pendiam sob a neve, pareciam engalanadas de vestes novas e solenes

Levine caminhava pela álea de patinagem dizendo de si para consigo. “Não devo emocionar-me, preciso de estar sereno. Que é isso? Cala-te, tonto!”, acrescentava, dirigindo-se ao seu próprio coração E quanto mais se esforçava por tranqüilizar-se, tanto mais emocionado se sentia Alguém o cumprimentou, mas Levine nem sequer o reconheceu. Aproximou se dos relevos do gelo, de onde os trenós se precipitavam, para voltarem a subir tirados por correntes, num grande ruído de ferros. No meio de todo aquele tumulto ouviam-se vozes alegres Andou mais uns passos, até encontrar a pista, e imediatamente no meio dos patinadores reconheceu Kitty.

A alegria e o temor que de repente lhe inundaram o coração revelaram-lhe imediatamente a presença dela. De facto, Kitty, no extremo oposto da pista de patinagem, falava com uma senhora.

Nada a distinguia das pessoas que a rodeavam, quer na atitude, quer no traje Levine, no entanto, logo a reconheceu no meio da multidão tão distintamente como reconheceria uma rosa num ramo de urtigas. Parecia tudo iluminar, dir-se-ia um sorriso que tudo fizesse refulgir à sua volta. “Ousarei, realmente, descer até à pista e aproximar me dela?”, pensou Levine. O lugar onde estava Kitty parecia-lhe um santuário inacessível e por momentos sentiu tanto medo que pensou em fugir. Teve de fazer um grande esforço para se convencer de que Kitty, rodeada como estava por toda a espécie de gente, não podia achar estranho que também ele ali aparecesse. Desceu até à pista, evitando olhá-la de frente, como se ela fosse o Sol, mas, sol que era, também não precisava de olhar para vê-la.

Era o dia e a hora em que todas as pessoas do mesmo nível social se encontravam semanalmente ali na patinagem. Havia excelentes patinadores, que exibiam as suas habilidades, e aprendizes que

ensaiavam, atrás dos pequenos trenós, os seus primeiros passos tímidos e vacilantes. Jovens e velhos, todos se entregavam, por questão de higiene, ao mesmo exercício. Afigurava-se a Levine que todos eles eram seres eleitos dos deuses, só pelo facto de se encontrarem junto dela Perseguiam na, ultrapassavam na, interpelavam-na numa completa indiferença, divertindo se independentemente dela e como se a única coisa que lhes importasse fosse a excelente pista e o tempo óptimo. Nicolau Tcherbatski, o primo de Kitty, de casaco curto, calça justa, e de patins, descansava num banco Ao ver Levine, gritou-lhe.

— Olá, primeiro patinador da Rússia! Quando chegaste? O gelo está óptimo. Calça os patins.

— Não os trouxe — replicou Levine, surpreendido com semelhante audácia e desenvoltura diante de Kitty, sem a perder de vista um só instante, embora não olhasse para ela Sentia que o sol se ia aproximando Kitty, que estava num dos extremos da pista, principiara a deslizar na sua direcção, assustada, ao que parecia, colocando os pèzinhos, calçados com botas altas, em posição não muito firme sobre a superfície do gelo. Um rapazinho, vestido à maneira russa, gesticulando muito e todo inclinado para diante, procurava ultrapassá-la Kitty patinava com pouca segurança.

Tirara as mãos do regalo pendente do pescoço, como se se preparasse para cair, e olhando para Levine, que acabava de descobrir, sorria assustada. Ao findar a volta, com um impulso do pèzinho flexível, deslizou até junto de Tcherbatski, e, agarrando-se a ele, sorrindo, cumprimentou Levine com um aceno de cabeça. Ainda era mais encantadora do que ele imaginara. Quando pensava em Kitty, Levine podia contemplá-la, de repente, toda inteira, e sobretudo àquela sua encantadora cabecinha loura, tão graciosamente pousada nos jovens e esbeltos ombros, com aquele seu ar de menina, cheia de candura e bondade. O contraste entre a graça juvenil do rosto e a beleza feminina do busto davam lhe um encanto todo especial, que Levine muito apreciava. Mas o que sempre o assombrava nela eram os olhos, tímidos, serenos e sinceros, e aquele sorriso que o transportava a um mundo de magia, em que se sentia enternecido e dulcificado como só raras vezes se lembrava de se ter sentido na primeira infância.

— Já esta aqui há muito tempo? — perguntou Kitty, estendendo-lhe a mão — Obrigada — acrescentou, quando Levine apanhou o lencinho que lhe caíra do regaço.

— Quê? Não, há pouco. Cheguei ontem, quer dizer hoje — respondeu ele, que não percebera logo a pergunta, em virtude da

emoção que o assaltava — Pensava em ir a sua casa — prosseguiu, mas, ao lembrar se do motivo por que procurara Kitty, perturbou se, enrubescendo — Não sabia que patinava Patina admiravelmente.

Kitty fixou Levine com atenção, como se desejasse compreender o motivo do seu embaraço.

— O seu elogio é estimulante. É tradicional, aqui, a sua fama de ser o melhor patinador — observou ela, enquanto com a mãozinha enluvada de preto sacudia as agulhas de gelo do regalo.

— Sim, houve tempo em que patinar me apaixonava. Queria chegar à perfeição.

— Parece que se apaixonava por tudo — observou Kitty, sorrindo

— Gostaria muito de vê-lo patinar. Calce os patins e vamos patinar juntos.

"Patinar juntos! Seria possível?", pensava Levine com olhos cravados em Kitty.

— É já — e foi calçar os patins

— Há muito tempo que não aparecia por aqui — observou o em pregado da pista de patinagem, enquanto lhe segurava o pé para firmar o patim — Ninguém patina como o senhor. Está bem assim? — perguntou lhe, apertando a correia.

— Esta bem, esta bem, depressa, por favor — respondeu lhe Levine, reprimindo a custo o sorriso de felicidade que, a pesar seu, lhe transparecia no semblante — "Isto é vida? Isto é a felicidade?", pensava "Disse pintos, vamos patinar juntos. Digo lhe agora? Mas agora, justamente porque me sinto feliz, é que receio dizer lho, feliz como estou, cheio de esperança. Mas é preciso. É preciso! Abaixo a timidez!"

Levine pôs se de pé, despiu o capote e, tomando impulso por cima do gelo crespo, logo ali junto ao pavilhão surgiu na superfície lisa da pista, deslizando sem esforço, como se acelerar, retardar ou dirigir a carreira, tudo dependesse da sua vontade. Aproximou se de Kitty com timidez, mas o sorriso desta tranqüilizou o de novo.

Kitty deu lhe a mão e deslizaram juntos, acelerando a marcha. Quanto mais depressa iam mais ele lhe apertava a mão.

— Consigo aprenderia a patinar mais depressa, não sei por quê, mas sinto me segura na sua companhia — disse lhe ela.

— Eu também me sinto seguro quando se apóia em mim — replicou Levine, corando, assustado com a própria ousadia. E, efectivamente, mal pronunciou estas palavras, de repente, como se o Sol se

escondesse atrás das nuvens, o rosto de Kitty anuviou se e uma ruga se lhe desenhou na testa Levine sabia que esta alteração no rosto de Kitty correspondia a uma concentração do pensamento.

— Que tem? Está claro que não tenho o direito de fazer lhe esta pergunta — disse ele, precipitadamente.

— Por quê? Não, não tenho nada. — respondeu Kitty, com uma expressão fria, acrescentando — Já viu *Mademoiselle* Linon?

— Não, ainda não.

— Pois vá lhe falar, aprecia o muito.

"Que é isto? Ofendê-la ia? Meu Deus, ajuda me!", suspirou Levine, e dirigiu se, veloz, para o banco onde estava a velha francesa, toda caracóis grisalhos, que o acolheu como a um velho amigo, mostrando lhe, ao sorrir, a dentadura postiça.

— Estamos crescendo — observou ela, enquanto mostrava Kitty com os olhos — e envelhecendo *Tiny bear* já é maior — continuou ela, rindo, recordando lhe que costumava chamar, às três irmãs, os três ursinhos, os ursinhos de um conto inglês — Lembra se de que costumava chamá-las assim?

Levine nem de longe se recordava do gracejo, mas a velha preceptora havia dez anos que lhe achava muita graça.

— Bom, vá, vá patinar, não fique aqui Não acha que a nossa Kitty já patina muito bem?

Quando Levine voltou, correndo, para junto de Kitty, no rosto dela já não havia severidade, e os seus olhos olhavam sinceros e suaves como antes. Todavia, Levine julgou notar lhe na afabilidade um tom especial de serenidade premeditada. E sentiu se triste. Depois de conversar com ele acerca da velha preceptora e das suas excentricidades, Kitty interrogou o sobre a sua vida.

— Será possível que não se aborreça durante o Inverno na aldeia?

— Não, não me aborreço, estou sempre muito ocupado — respondeu Levine, sentindo que ia acontecer o mesmo que no princípio do Inverno, pois ela, usando aquele seu tom tranqüilo, obrigava-o a manter-se no mesmo diapasão, do qual Levine não seria capaz de livrar-se.

— Pensa ficar muito tempo em Moscovo? — perguntou Kitty.

— Ainda não sei — disse Levine, sem prestar atenção ao que dizia. Pensava que se se tornasse a deixar dominar por aquele seu modo sereno, amistoso, voltaria para, a aldeia sem nada decidir, e resolveu rebelar-se.

— Como não sabe?

— Pois não sei. Depende de si — disse, logo assustado com as palavras que pronunciara.

Kitty ou não ouviu ou não quis ouvir essas palavras. Fosse como fosse, pareceu tropeçar, bateu duas vezes com o pèzinho no chão e afastou-se, rápida. Ao chegar junto de *Mademoiselle* Linon disse-lhe qualquer coisa e dirigiu-se ao pavilhão onde as senhoras calçavam e descalçavam os patins.

"Meu Deus, que lhe fiz eu? Meu Deus, ajuda-me, ilumina-me!", dizia consigo mesmo Levine, como que rezando; e como se, ao mesmo tempo, sentisse necessidade de um exercício violento, pôs-se a deslizar sobre os patins, descrevendo círculos atrás de círculos.

Entretanto um dos jovens, o melhor patinador de entre os novos, saiu do café, de cigarro na boca e os patins calçados. Ganhando impulso, desceu ruidosamente a escada, saltando degrau a degrau, prosseguindo, depois, sobre o gelo, sem mudar sequer a posição livre das mãos.

— Ah, um novo truque! — exclamou Levine, e imediatamente galgou os degraus, disposto a fazer o mesmo.

— Cuidado, veja lá se se magoa. É preciso prática — gritou-lhe Nicolau Tcherbatski.

Levine trepou até ao patamar, afastou-se para ganhar o maior impulso possível e deixou-se deslizar, mantendo o equilíbrio com a ajuda das mãos. No último degrau tropeçou, mas, roçando apenas de leve a superfície do gelo, fez um movimento rápido, ergueu-se e, soltando uma gargalhada, precipitou-se na pista.

"Que rapaz agradável", pensou Kitty, que naquele momento saía do pavilhão com *Mademoiselle* Linon, seguindo Levine com os olhos e sorrindo, doce e carinhosamente, como se se tratasse de um irmão querido. "Teria eu procedido realmente mal? Dizem que isto é coqueteríe! Sei que não é dele que eu gosto, mas nem por isso deixo de me sentir bem na sua companhia. É tão simpático... Mas por que me teria ele dito aquilo?...", pensava ela.

Ao ver que Kitty se retirava, e que a mãe a aguardava na escada, Levine, muito afogueado por causa do exercício violento que fizera, deteve-se, pensativo. E desembaraçando-se dos patins foi no encalço das senhoras até ao portão do parque.

— Muito prazer em vê-lo. Recebemos todas as quintas-feiras, como sempre — disse a princesa.

— Hoje, por conseguinte?

— Dar-nos-á muito prazer a sua presença — replicou a princesa secamente.

Esta frieza não agradou a Kitty, que, sem poder reprimir o desejo de suavizá-la, se voltou para trás e num sorriso disse:

— Até logo.

Naquele momento, Stepane Arkadievitch, de chapéu à banda, rosto e olhos resplandecentes, entrava no parque com um ar alegre e triunfante. Ao aproximar-se, porém, da sogra, respondeu, com uma expressão triste e contrita, à pergunta que esta lhe fazia sobre a saúde de Dolly. Depois de ter falado com ela em voz baixa e desanimado, travou Levine pelo braço.

— Então, vamo-nos embora? — exclamou. — Tenho pensado em ti todo este tempo, e estou muito contente, muito, que tenhas vindo — acrescentou, olhando-o nos olhos com uma expressão significativa.

— Sim, vamo-nos, vamo-nos — tornou-lhe Levine, sentindo-se feliz, no ouvido o cristal da voz que lhe dissera "até logo" e nos olhos o sorriso que a acompanhara.

— Aonde vamos? Ao Hotel de Inglaterra ou ao Ermitage?

— Para mim dá no mesmo.

— Então vamos ao de Inglaterra — disse Stepane Arkadievitch, escolhendo esse restaurante, porque, como era maior ali a sua dívida do que no Ermitage, lhe parecia pouco decente evitá-lo. — Tens carro à tua espera? Óptimo. Mandei o meu embora.

Durante o trajecto os dois amigos conservaram-se calados. Levine pensava no que poderia significar aquela mudança de expressão no rosto de Kitty, ora cheio de esperança, ora desesperado e convencido de que eram insensatas as suas ilusões. No entanto, sentia-se outro, em nada se parecia com o homem que fora antes do sorriso de Kitty e do seu "até logo".

Por sua vez, Stepane Arkadievitch ia preparando a ementa do jantar.

— Gostas de robalo? — perguntou a Levine ao chegarem.

— Que dizes? — inquiriu por sua vez Levine. — De robalo? Gosto muitíssimo.

CAPÍTULO X

Quando entraram no restaurante, Levine não pôde deixar de observar em Oblonski uma expressão especial, como que uma alegria contida, que se notava tanto no rosto como em todo o seu ser. Stepane Arkadievitch tirou o sobretudo e de chapéu à banda penetrou na sala de jantar, dando ordens aos solícitos criados que o rodeavam todos de fraque e guardanapo debaixo do braço. Cumprimentando para a direita e para. a esquerda os amigos que o acolhiam cheios de simpatia, como de costume, Oblonski aproximou-se do balcão, onde bebeu um copo de vodka enquanto petiscava uns mariscos. Disse qualquer coisa à empregada francesa — toda pintada e enfeitada de fitas e rendas — que a fez rir a bom rir. Pelo seu lado, Levine não quis beber vodka, precisamente porque o incomodava aquela francesa, para ele uma mistura de cabelos postiços, de *poudre de riz e vinaigre de toilette.* Como se se tivesse aproximado de um lugar pestilento, afastou-se dali precipitadamente. A sua alma transbordava de Kitty e diante de si só via os olhos dela irradiando ventura.

— Por aqui, se faz favor, Excelência — disse um criado velho cujos enormes quadris não lhe deixavam ajustar as abas do fraque. — Faça favor, Excelência — continuou, dirigindo-se também a Levine, em sinal de respeito por Oblonski.

Estendeu rapidamente uma toalha limpa numa mesinha redonda, já entoalhada, sobre a qual havia um candeeiro de bronze. E depois de aproximar da mesa as cadeiras forradas de veludo, quedou-se, o guardanapo numa das mãos, a lista na outra, aguardando as ordens de Stepane Arkadievitch.

— Se Sua Excelência prefere um gabinete reservado, terá um livre dentro de instantes. O príncipe Galitzine está ali com uma senhora, mas já vai sair. Temos ostras frescas.

— Ah! Ostras!

Stepane Arkadievitch ficou pensativo.

— Que achas? E se alterássemos o plano, Levine? — disse, apontando com o dedo a ementa. No seu rosto havia uma grande indecisão. — São boas as ostras? Hem?

— São de Flensburgo. Hoje, de Ostende, não há.

— Tanto faz que sejam de Flensburgo. Mas, estão frescas?

— Recebemo-las ontem.

— Então principiamos pelas ostras e alteremos todo o plano. Hem?

— Para mim é a mesma coisa. Do que eu gosto é dos *stchi* e da *kacha;* mas aqui não há disso.

— Deseja Vossa Excelência *kacha à la russe?* — perguntou o criado, inclinando-se para Levine, como uma aia se debruça para uma criança.

— Não, realmente o que tu pedires estará bem. Patinei muito e tenho fome. E não penses — acrescentou, ao ver que Oblonski parecia descontente — que não vou apreciar a tua escolha. Comerei com muito prazer.

— Era o que faltava! Podes dizer o que quiseres, mas comer é um dos prazeres maiores da vida — exclamou Stepane Arkadievitch. — Bom, pois vais trazer-nos ostras, duas... Serão poucas: três dúzias. Sopa de verdura...

— Printanière — adiantou-se o criado. Mas, ao que parecia, Stepane Arkadievitch não desejava dar-lhe o prazer de dar nomes franceses aos pratos.

— De legumes, sabes? A seguir robalo com um molho e depois... rosbife, bem passado, hem! E por fim frango e conservas.

O criado, ao lembrar-se que Stepane Arkadievitch tinha a mania de dar aos pratos nomes russos, não ousou interrompê-lo mais. Uma vez escolhido o jantar, porém, deu-se ao prazer de repetir, malicioso, toda a ementa à francesa: "*Soupe printanière, turbot sauce Beumarchais, poulard à Vestragon, macédoine defruits*." E acto contínuo, como que movido por uma mola, retirou a ementa e apresentou a lista dos vinhos a Stepane Arkadievicth.

— Que vamos beber?

— O que quiseres, mas não muito. Champanhe — disse Levine.

— Quê? Para começar? É, talvez tenhas razão. Gostas do rótulo branco?

— *Cachet Blanc* — corrigiu o criado.

— Bom, traz desse para as ostras. Depois veremos.

— Muito bem. E que vinho de mesa deseja, Excelência?

— Traz-nos Nuits. Não, antes o clássico Chabits.

— Muito bem. E posso servir-lhe o *seu* queijo, Excelência?

— Sim, parmesão. Ou preferes outro?

— Tanto faz — respondeu Levine, sem poder conter o riso.

O criado afastou-se correndo, com as abas do fraque apertadas atrás, e daí a cinco minutos voltava, voando, com uma bandeja de ostras abertas nas suas conchas de nácar, e uma garrafa entre os dedos.

Stepane Arkadievitch desdobrou o guardanapo engomado, meteu uma das pontas no colete, apoiou os braços e pôs-se a comer as ostras.

— Não estão nada mal — disse, enquanto ia arrancando, com uma faquinha de prata, das suas conchas nacaradas as ostras vivas, que devorava umas atrás das outras. — Não estão nada mal — repetia, mirando, os olhos brilhantes, ora Levine, ora o criado.

Levine também comeu ostras, embora preferisse pão branco com queijo. Estava pasmado com Oblonski. O próprio criado, que desarrolhara a garrafa e deitara o espumoso vinho nas taças de cristal, olhava para Oblonski com um sorriso de satisfação enquanto ajeitava o laço da gravata branca.

— Não gostas muito de ostras ou estás preocupado? — perguntou Stepane Arkadievitch, virando a taça.

Oblonski desejava que Levine estivesse alegre. E efectivamente estava, mas sentia-se inibido. No seu estado de espírito incomodava-o aquele restaurante com os seus gabinetes reservados, em que se comia com mulheres, e aquela barafunda, bem como os bronzes, os espelhos, as luzes e os criados. Temia conturbar os belos sentimentos que tinha na alma.

— Eu? Sim, estou preocupado e além disso tudo isto me inibe — respondeu. — Não podes calcular como este ambiente me parece estranho, a mim, um aldeão. É um pouco como as unhas daquele senhor que eu vi na tua repartição.

— Sim, reparei nisso, que as unhas do pobre Grimevitch te interessaram muito — disse Oblonski, rindo.

— Sim, que queres? Procura compreender me, pondo te no meu lugar, adopta o ponto de vista de um homem que vive na aldeia. Ali procuramos ter as mãos para trabalhar com comodidade, por isso cortamos as unhas rentes, e às vezes até arregaçamos as mangas. Aqui, pelo contrario, as pessoas deixam crescer as unhas o mais que podem e, à guisa de abotoaduras, usam uma espécie de pires para nada poderem fazer com as mãos.

Stepane Arkadievitch sorriu jovialmente.

— Isso quer dizer apenas que não precisam de trabalhar com as mãos a cabeça lhes basta.

— Talvez. Mas, de qualquer forma, acho esquisito, da mesma maneira que não posso deixar de estranhar estarmos aqui, tu e eu, a comer ostras para despertar o apetite, ficando à mesa tempo infinito, quando na aldeia tratamos de comer o mais rapidamente possível para voltarmos às nossas ocupações.

— Claro. Mas é nisso mesmo que consiste a civilização fazer com que tudo se transforme em prazer — replicou Stepane Arkadievitch.

— Pois bem, se é esse o objectivo da civilização prefiro ser selvagem.

— Já o és, meu caro Todos os Levines o são.

Levine suspirou. Lembrou se de seu irmão Nicolau e, sentindo-se envergonhado e pesaroso, franziu as sobrancelhas. Mas Oblonski pôs-se a falar-lhe de uma coisa que logo o distraiu.

— Vais esta noite a casa dos Tcherbatski? — perguntou lhe com significativa expressão, enquanto afastava de si as rugosas conchas vazias, aproximando o queijo.

— Irei sem falta. Embora tenha a impressão de que a princesa me convidou de má vontade — replicou Levine.

— Que idéia! Tolices! São as maneiras dela. Eh, amigo, venha de lá a sopa! São os seus modos de *grande dama.* — disse Stepane Arkadievitch

— Eu também irei. Mas antes tenho de ir ao ensaio do coro da condessa Bonina. Então, como é que tu não hás de ser um selvagem? Explica me, se fazes favor, por exemplo, o porquê do teu desaparecimento súbito de Moscovo. Os Tcherbatski passavam a vida a perguntar por ti, como se eu soubesse. Só sei uma coisa que fazes sempre o contrário de toda a gente.

— Sim, tens razão, sou um selvagem — confirmou Levine, lenta mente e com emoção — Mas não por me ter ido embora daqui e sim por ter voltado. Aqui estou outra vez.

— Que feliz te sentes! — interrompeu o Stepane Arkadievitch, fitando-o nos olhos.

— Por quê?

— Os cavalos fogosos conhecem-se pela marca e as pessoas apaixonadas pelos olhos" — declarou Stepane Arkadievitch. — O futuro pertence te

— E tu já só tens o passado?

— Já nada mais me resta senão digamos, o presente, e um presente onde nem tudo é cor-de-rosa.

— Que há contigo?

— As coisas não vão bem. Mas não te quero falar de mim, tanto mais que não me é possível entrar em todos os pormenores — disse Stepane Arkadievitch — Bom, para que vieste a Moscovo? Olha, tu, muda estes pratos — gritou para o criado.

— Não calculas? — replicou Levine, sem deixar de fitar Oblonski com os seus olhos profundos e luminosos.

— Calculo, mas não me compete ser o primeiro a falar do assunto. Por isto podes imaginar se adivinho ou não — disse Oblonski, olhando para Levine enquanto sorria subtilmente.

— Pois bem, então que achas? — perguntou Levine em voz trêmula e percebendo que lhe estremeciam os músculos da face — Que achas?

Stepane Arkadievitch levou aos lábios, lentamente, um copo de Chablis, enquanto continuava a olhar para Levine.

— Eu? Por mim, não desejaria outra coisa. Era o melhor que poderia suceder! — replicou.

— Mas não estás enganado? Sabes do que estamos a falar? Achas que é possível? — insistiu Levine, cravando os olhos no interlocutor.

— Acho que sim. Por que não?

— Realmente, achas isso possível? Diz me tudo o que pensas? E se me espera uma recusa? Estou quase convencido que sim.

— Por quê? — perguntou Stepane Arkadievitch, sorrindo ante a inquietação de Levine.

— Isso é o que me parece às vezes, e seria horrível para mim e para ela.

— Bom, em todo o caso, para ela não seria nada horrível. Qualquer jovem fica sempre lisonjeada quando a pedem em casamento.

— Sim, mas ela não é como as outras.

Stepane Arkadievitch sorriu. Compreendia perfeitamente o estado de espírito de Levine, sabia que para ele as mulheres do mundo se dividiam em duas classes a primeira incluía todas, excepto Kitty, e essas tinham todas as fraquezas humanas, sendo absolutamente vulgares, na segunda só cabia ela, que não tinha fraqueza alguma e pairava muito acima de tudo o que era humano.

— Espera, serve te de molho — disse, detendo a mão de Levine, que repelia a molheira.

Levine obedeceu, mas não deixou Stepane Arkadievitch comer em paz.

— Não, espera, espera — disse ele. —É preciso que compreendas que isto para mim é questão de vida ou de morte. Nunca falei com ninguém a este respeito nem posso falar a ninguém excepto contigo. Como vês, somos diferentes em tudo temos gostos e pontos de vista diversos, mas sei que és meu amigo e que me compreendes, e por isso te aprecio muitíssimo. Mas, por amor de Deus, diz-me toda a verdade..

— Digo-te o que penso — respondeu Stepane Arkadievitch, sorrindo — e ainda te direi mais minha mulher é uma pessoa extraordinária — Oblonski suspirou ao lembrar se do estado das suas relações com Dolly, e após um breve silêncio continuou — Tem o dom de prever os acontecimentos. Conhece as pessoas como se lhes lesse na alma. Mas isto não é tudo. Sabe o que vai acontecer, sobretudo tratando-se de casamentos. Por exemplo, predisse que a Chakovskoi casaria com o Brenteln. Ninguém acreditava nisso, mas a verdade é que assim foi. E está do teu lado.

— Então?

— Não só gosta de ti, como diz que Kitty há de ser, seja de que maneira for, tua mulher.

Ao ouvir estas palavras, o rosto de Levine iluminou se num sorriso que se aproximava das lagrimas de ternura.

— Foi isso que ela disse? — exclamou — Sempre achei a tua mulher encantadora Bom, basta, não falemos mais no caso — acrescentou, levantando se.

— De acordo, mas senta te.

Levine não podia continuar sentado. Percorreu, duas ou três vezes, num passo firme, o recanto onde se encontravam, piscando os olhos para disfarçar as lagrimas.

— É preciso que compreendas — continuou ele, voltando a sentar se —, não se trata de um amor vulgar Já estive enamorado várias vezes, mas não era a mesma coisa O que me domina não é um sentimento meu, mas uma força exterior Saí de Moscovo porque decidira que isso não podia ser, pela mesma razão de que a felicidade perfeita não existe na terra Mas lutei comigo mesmo e acabei por reconhecer que não podia viver sem ela É necessário tomar uma resolução

— Mas por que fugiste?

— Oh, espera! Oh! Se soubesses quantas ideias tenho dentro da cabeça, as coisas que te queria perguntar? Escuta me. Nem podes calcular o bem que me fizeste com as tuas palavras. Sou tão feliz que até me fiz uma pessoa má. Esqueço me de tudo. Soube hoje que meu irmão Nicolau está aqui em Moscovo. E até dele me esqueci Afigura se me que até ele próprio é feliz Isto parece loucura. Mas há uma coisa horrível. Tu, que és casado conheces esse sentimento. O que é terrível é que nos, homens maduros, já com passado não de amor, mas cheio de pecados, ousemos aproximar nos sem pejo de um ser puro e inocente. Isto é tão repulsivo que não posso deixar de me sentir indigno.

— Ora, tu não deves ter grandes crimes na consciência.

— E no entanto — replicou Levine —, quando analiso a minha vida, estremeço, amaldiçôo-me e lamento me cheio de amargura. Sim.

— Que havemos de fazer? O mundo é assim — disse Stepane Arkadievitch.

— Só vejo um lenitivo, essa oração de que eu tanto gostava “Perdoa me, Senhor, não pelos meus mentos, mas pela grandeza da Tua misericórdia” Só assim é que me pode perdoar.

CAPÍTULO XI

Levine esvaziou o copo, e ambos ficaram calados.

— Tenho ainda mais alguma coisa a dizer te. Conheces o Vronski?

— inquiriu Stepane Arkadievitch.

— Não, não conheço. Por que perguntas?

— Traz outra garrafa — disse Stepane Arkadievitch, dirigindo se ao criado, que enchia os copos e se punha a girar em torno da mesa nos momentos mais inoportunos — Digo te, porque é um dos teus rivais.

— Quem é Vronski? — perguntou Levine, e no seu rosto, onde havia um entusiasmo pueril, surgiu, de repente, raiva e contrariedade.

— É um dos filhos do conde Kiril Ivanovitch Vronski e um dos mais belos exemplares da juventude dourada de Sampetersburgo. Conheci o em Tver, quando ali estive a servir. Costumava ir lá para o recrutamento. É imensamente rico, bela figura e com boas relações. É ajudante de campo e além disso rapaz muito simpático e bom moço. Quando lidei com ele aqui pude verificar que também é culto e muito inteligente é um homem que há de ir longe.

Levine franziu as sobrancelhas, conservando se calado.

— Esteve aqui pouco tempo depois de te teres ido embora. Segundo me parece, está enamoradíssimo de Kitty, e deves compreender que a mãe.

— Perdoa me, mas não entendo nada — replicou Levine, taciturno. E imediatamente se lembrou do irmão Nicolau e se persuadiu de que era uma indignidade tê-lo esquecido.

— Espera, espera — disse Stepane Arkadievitch, sorrindo e pegando -lhe na mão — Disse te o que sabia. E repito te que na medida em que é possível fazerem se previsões num assunto tão delicado e subtil como este, sou de opinião de que todas as vantagens são tuas.

Levine recostou se no espaldar da cadeira Estava pálido.

— Mas aconselho-te a que decidas as coisas o mais depressa que puderes — prosseguiu Oblonski, enchendo o copo de Levine.

— Não, obrigado, não posso beber mais — disse este, repelindo o copo.— Acabaria bêbedo... Bom, e tu, como vais? — continuou, tentando, ao que parecia, desviar a conversa.

— Só mais uma palavra: em todo o caso, repito, aconselho-te a que decidas o caso quanto antes. Mas acho melhor não falares hoje. Vai amanhã pela manhã pedir a mão dela, segundo todas as praxes e que

Deus te abençoe...

— Por que não vens caçar nas minhas terras? Aparece na Primavera — disse Levine.

Estava arrependidíssimo agora de ter tratado aquele assunto com Stepane Arkadievitch. Aquele seu sentimento tão íntimo fora maculado ao falarem desse oficial de Sampetersburgo, seu rival, e pelas conjecturas e conselhos de Oblonski.

Este sorriu, compreendendo o que se estava passando na alma de

Levine:

— Mais tarde ou mais cedo, apareço por lá — disse ele. — Sim, homem, as mulheres são a mola que tudo move neste mundo. Também a mim as coisas não correm bem. E tudo por culpa das mulheres. Fala-me com sinceridade, dá-me um conselho — continuou, enquanto puxava de um cigarro e mantinha o copo suspenso na outra mão.

— De que se trata?

— Do seguinte. Suponhamos que estavas casado, que gostavas da tua mulher, mas outra te seduzia...

— Perdoa-me, não percebo absolutamente nada. Era como se eu, ao sair daqui satisfeito com o jantar, passasse por uma confeitaria e roubasse um doce.

Os olhos de Stepane Arkadievitch resplandeceram mais do que habitualmente.

— Por que não? Às vezes um doce cheira tão bem que a gente não pode conter-se.

Himmlisch ist's, wenn ich bezwungen

Meine irdische Begier;

Aber doch wenn's nicht gelungen,

Hatt' ich auch recht hübsch Plaisir!(Nota 1)

Ao dizer isto, Stepane Arkadievitch sorria, subtilmente. Levine também não pôde reprimir o sorriso.

— Basta de gracejos — prosseguiu Oblonski. — Pensa numa mulher agradável, tímida, afectuosa, só e pobre que tudo sacrificou por ti. Agora, que a coisa está consumada, poderei porventura abandoná-la? Suponhamos que nos separássemos para não destruir a vida familiar. Mas como não compadecer-me dela, não ajudá-la, não suavizar-lhe a sorte?

— Perdoa-me, já sabes que para mim as mulheres se dividem em

duas classes.. Quer dizer, não. Mais exacto seria dizer que há mulheres e... Nunca vi uma mulher decaída com atractivo, nem verei, e as mulheres como aquela pintalgada do balcão, a francesa, com as suas risadas, são para num pior do que a peste. Todas as mulheres decaídas são iguais

— E a do Evangelho?

— Oh! Cala-te! Cristo nunca teria pronunciado aquelas palavras se pudesse calcular o mau uso que viriam a fazer delas. São as únicas palavras do Evangelho que todos sabem de cor. Além disso não estou a dizer o que penso, estou a dizer o que sinto. Repugnam-me as mulheres decaídas. A ti metem-te medo as aranhas, e a mim essas misérias. Naturalmente nunca estudaste a vida das aranhas nem lhes conheces os costume: o mesmo acontece comigo.

— É-te fácil falares assim. Fazes-me lembrar aquela personagem de Dickens que com a mão esquerda atirava por cima do ombro direito todos os assuntos difíceis de resolver. A verdade, porém, é que negar um facto não é dar uma resposta. Dize-me: que fazer? Que fazer? A tua mulher envelhece e tu estás cheio de vida. Num abrir e fechar de olhos dás-te conta de que não podes continuar a amar a tua mulher por maior respeito que sintas por ela. E é então que aparece o amor. Estás perdido! Estás perdido! — concluiu Stepane Arkadievitch, pateticamente.

Levine sorriu com ironia.

— Estás perdido — prosseguiu Oblonski —, mas que fazer?

— Não roubes doces.

Stepane Arkadievitch soltou uma gargalhada.

— Ó moralista! Mas lembra-te disto: há duas mulheres — uma apenas se apóia no seu direito, que é esse amor que tu não lhe podes dar; ao contrário, a outra tudo sacrifica sem te exigir nada. Que deves fazer?

Como deves proceder? É um drama terrível.

— Se queres que te dê a minha opinião sincera sobre esse caso, dir-te-ei que não creio que se trate de um drama, e aqui tens porquê. Creio que o amor... essas duas classes de amor que, como te deves lembrar, Platão define no seu Banquete, constituem a pedra de toque dos homens. Uns só compreendem um destes amores; os demais, o outro. E os que só compreendem o amor não platônico, esses não têm o direito de falar de dramas. Com um amor dessa classe não pode existir nenhum drama. “Agradeço-lhe muito o prazer que me proporcionou, e adeus.” Nisso consiste todo o drama. E no que diz

respeito ao amor platônico, também esse não pode produzir dramas, porque nele tudo é puro e diáfano, porque

Naquele momento Levine lembrou se dos seus pecados e da luta interior que tinha mantido. Inesperadamente acrescentou:

— Afinal de contas, talvez tenhas razão. É muito possível. Mas não sei, verdadeiramente não sei.

— Vês, és um homem íntegro. — volveu Stepane Arkadievitch — Esse é o teu defeito e a tua virtude. Tens um carácter íntegro e queres que toda a vida se componha de manifestações íntegras. Mas a verdade é que isso não acontece. Por isso desprezas a actividade social do Estado, pois queres que todo o esforço estivesse sempre directamente relaccionado com um fim, o que não é verdade. Também gostarias que a actividade do homem tivesse um objectivo que o amor e a vida conjugal fossem uma e a mesma coisa. Mas as coisas não se passam assim. Toda a diversidade, todo o encanto, toda a beleza da vida se compõe de luzes e de sombras.

Levine suspirou e nada respondeu. Pensava nos seus problemas e não prestava atenção a Oblonski. E de súbito ambos sentiram que, conquanto fossem amigos, conquanto tivessem comido e bebido juntos, o que os devia ter unido ainda mais, cada um deles só pensava em si, sem no fundo preocupar se com o que dizia respeito ao outro. Não era a primeira vez que Oblonski experimentava, depois de comer, essa separação extrema em vez de uma aproximação, e sabia o que devia fazer em tais circunstâncias.

— A conta? — gritou, e passou à sala contígua, onde se deparou com um ajudante de campo das suas relações. Puseram se então a conversar a respeito de uma actriz e seu amante. E logo se sentiu aliviado e descansado da conversa que tivera com Levine, que tinha a faculdade de o arrastar sempre para uma tensão mental e espiritual excessiva.

Quando o criado apareceu com uma conta de vinte e seis rublos e uns tantos copeques, além de um acréscimo pela vodka, Levine, que noutra oportunidade se teria horrorizado, bom aldeão que era, por ter gasto catorze rublos, não fez caso disso, e depois de pagar dirigiu se a casa para mudar de roupa, decidido a ir à recepção dos Tcherbatski, onde o seu futuro se decidiria.

CAPÍTULO XII

A princesa Kitty Tcherbatski tinha dezoito anos. Era o primeiro Inverno em que fazia vida de sociedade, e nela obtinha maior êxito que as duas irmãs mais velhas e até mesmo mais do que esperava a própria mãe. Não só os rapazes que freqüentavam os bailes de Moscovo estavam todos enamorados de Kitty, como naquele mesmo Inverno já recebera duas propostas sérias de casamento a de Levine, e, imediatamente após a sua partida, a do conde Vronski.

O aparecimento de Levine no princípio do Inverno, as suas freqüentes visitas e o seu evidente amor por Kitty deram motivo a primeira conversa séria entre os pais sobre o futuro da filha e até haviam provocado algumas discussões. O príncipe defendia Levine e dizia que não podia desejar nada melhor para Kitty. A princesa, pelo contrario, com o característico costume que as mulheres têm de desviar as questões, opinava que Kitty era muito jovem, que Levine não demonstrara intenções sérias, que a pequena não se sentia inclinada para ele e outros argumentos deste gênero. Mas não dizia o mais importante isto é, que esperava um partido mais vantajoso para a filha, que não simpatizava com Levine e ainda por cima que não o entendia. Quando Levine partiu de Moscovo repentinamente, a princesa ficou contentíssima e disse ao ma rido com expressão de triunfo “Como vês, eu tinha razão” E quando apareceu Vronski, ainda mais alegre ficou, firmando se na opinião de que Kitty faria não só um bom casamento, mas um casamento esplêndido.

Para a princesa não podia haver comparação possível entre Levine e Vronski. Não gostava das estranhas e violentas opiniões de Levine, nem do seu acanhamento na sociedade, em parte motivado, assim o pensava, pelo orgulho, nem tão pouco dessa vida selvagem da aldeia, só entre animais e camponeses. E o que ainda mais lhe desagradava era o facto de Levine, enamorado da filha, ter lhe freqüentado a casa durante mês e meio sem se explicar francamente sobre as suas intenções. Desconheceria ele os costumes até esse ponto? Ou recearia, talvez, conceder-lhes uma excessiva honra? E, de repente, aquela partida sem quaisquer explicações “Ainda bem”, pensou a princesa, “que é tão pouco atraente que nem sequer virou a cabeça da pequena!” Vronski, pelo contrário, satisfazia todas as suas ambições era muito rico, inteligente, famoso e aguardava o uma brilhante carreira tanto no exército como na Corte. Não podia desejar nada melhor.

Nos bailes, Vronski galanteava abertamente Kitty dançava com ela e freqüentava lhe a casa de tal maneira que ninguém podia ter dúvidas

quanto à seriedade das suas intenções E no entanto a pobre mãe de Kitty passara todo o Inverno muito inquieta e preocupada.

A princesa casara se trinta anos atrás e fora uma tia quem lhe preparara o casamento. O noivo sobre quem se haviam antecipadamente tomado todas as informações, chegara, conhecera a noiva e dera se a conhecer. A casamenteira observou a boa impressão que cada um causara ao outro e disso inteirou ambas as partes. A impressão fora boa. Depois, e numa data prevista, procedeu se ao pedido, que foi aceito. Tudo fora muito fácil e simples. Foram muitos os receios que teve, muitos os pensamentos, muito o dinheiro que gastou e muitos os desgostos com o marido ao casar Daria e Natalia as duas filhas mais velhas. Agora, ao apresentar a sociedade a mais nova voltaram os mesmos receios, voltaram as mês mas duvidas e as discussões com o marido eram ainda maiores. Como todos os pais, o velho príncipe era muito escrupuloso a respeito da honra e da pureza das suas filhas. Era exageradamente cioso delas, especialmente de Kitty a predilecta, e a cada momento armava cenas com a mulher, alegando que ela comprometia a pequena. A princesa já estava acostumada com isso no que tocava as duas outras filhas, mas agora se apercebia de que a susceptibilidade do príncipe tinha fundamento nos últimos tempos muita coisa mudara nas recepções sociais e os seus deveres de mãe eram agora mais difíceis. Verificava que as raparigas da idade de Kitty formavam grupos, assistiam a não sei que cursos, tratavam os homens com desenvoltura, saíam sozinhas, muitas delas não faziam reverências ao cumprimentarem e, coisa bem pior, estavam convencidas de que a escolha de marido incumbia a elas e não aos pais “Hoje em dia já não se casam as filhas como dantes”, diziam e pensavam todas essas jovens e mesmo as pessoas de idade. A princesa, contudo, não conseguia perceber como se casavam hoje em dia as raparigas. O costume francês, de acordo com o qual eram os pais quem decidia do futuro dos filhos não só não era admitido, mas criticado. O inglês, segundo o qual as mulheres deviam ser completamente livres, também seria repelido, impossível que era na sociedade russa. Considerava se ridículo o costume russo de arranjar os casamentos por intermédio de casamenteiras e todos se riam disso, inclusive a própria princesa. Mas ninguém sabia como levar a cabo os casamentos. Todas as pessoas com quem a princesa falava a este respeito lhe respondiam da mesma maneira “Nos nossos dias já é tempo de acabar com esses antigos costumes. Quem se casa são os filhos, não os pais, é preciso deixarmos que sejam eles que se entendam uns com os outros” Era muito fácil falar assim para quem não tinha filhas, mas a princesa compreendia que Kitty podia apaixonar se, no seu trato com os homens, por alguém que não tivesse intenção de casar com ela ou que não lhe conviesse. E por mais que

lhe dissessem que nos tempos que tornam às jovens se devia dar a oportunidade de preparar o seu próprio futuro, não podia conformar se, como tão pouco se conformaria que houvesse uma época em que o melhor brinquedo para as crianças de cinco anos fossem pistolas carregadas Eis que a princesa andava mais preocupada com Kitty do que outrora com qualquer das suas duas filhas mais velhas.

Agora receava que Vronski se limitasse apenas a fazer a corte à filha Sabia que Kitty já estava enamorada dele, mas consolava-a a ideia de que Vronski era homem sério. Também sabia quão fácil era transformar a cabeça de uma rapariga na sociedade livre dos tempos modernos e a pouca importância que os homens atribuíam a semelhantes faltas. Na semana anterior Kitty contara à mãe a conversa que tivera com Vronski durante uma mazurca. Essa conversa tranqüilizada em parte a princesa, mas não lograra serená-la por completo Vronski contara a Kitty que tanto ele como o irmão estavam tão habituados a obedecer à mãe que nunca tomavam qualquer resolução importante sem lhe pedir conselho “E agora aguardo com uma grande felicidade a chegada de minha mãe a Sampetersburgo”, concluíra.

Kitty contara isto à mãe sem lhe atribuir importância, mas a mãe interpretou essas palavras de outra maneira Sabia que Vronski esperava a mãe de um momento para o outro e que ma regozijar se com a escolha do filho No entanto, parecia lhe estranho que, para não ofender a mãe, Vronski não se decidisse a declarar se. Tão grande, porém, era o seu desejo de que esse casamento viesse a realizar se, e sobretudo tamanho o seu desejo de recuperar a serenidade depois de todas aquelas apoquentações, que confiava que Vronski o viesse a fazer. Conquanto a afligisse muito a infelicidade da filha mais velha, disposta a separar se do marido, o certo é que a preocupação com o futuro de Kitty a absorvia por completo. A chegada de Levine veio trazer lhe mais uma preocupação a princesa receava que a filha, que tempos antes mostrara simpatizar com ele, repelisse Vronski, por um excesso de escrúpulos e que, de maneira geral, o aparecimento desse pretendente atrapalhasse ou protelasse o assunto, tão próximo de um desfecho.

— Chegou há muito? — perguntou a princesa quando entraram em casa.

— Hoje mesmo, mãezinha.

— Quero dizer te uma coisa — principiou a princesa, e Kitty adivinhou, pela sua expressão séria e animada, o que lhe ia dizer.

— Por amor de Deus, mãe, por amor de Deus, não me fale nisso

— replicou Kitty, num arrebatamento, voltando se rapidamente

para a mãe — Já sei, sei tudo muito bem.

Os desejos de Kitty eram os mesmos da mãe, mas ofendiam na os motivos que inspiravam os desejos desta.

— Apenas te quero dizer que se deste esperanças a alguém.

— Querida mãe, por amor de Deus!, não me diga nada. É terrível falar destas coisas.

— Esta bem, não falarei, mas ouve o que te digo — teimou a princesa, vendo lagrimas nos olhos da filha — promete me não teres segredos para mim Assim farás, não é verdade?

— Não, nunca, mãezinha, não — replicou Kitty, corando e olhando a mãe nos olhos — Mas agora nada tenho que lhe dizer. Eu eu. Ainda que quisesse dizer lhe alguma coisa não sabia que, nem como. Não sei.

“Com estes olhos não pode mentir”, pensou a princesa, sorrindo, ao ver a emoção e a felicidade da filha Sorria ao pensar quão grandes e importantes se lhe afiguravam, a pobrezinha da Kitty, as emoções do seu coração.

CAPÍTULO XIII

Depois do jantar e até ao princípio da noite, Kitty conheceu as mesmas impressões que costuma experimentar um jovem soldado nas vésperas de uma batalha... O coração pulsava-lhe com violência e não era capaz de concentrar o pensamento. Sentia que aquela noite, em que "eles" se encontrariam pela primeira vez, iria decidir do seu destino. Estava a vê-los constantemente, ora os dois juntos, ora cada um de per si. Quando recordava o passado, era com prazer e ternura que evocava a sua intimidade com Levine. As recordações de infância, bem como a, amizade de Levine com o falecido irmão, nimbavam de um encanto especial e poético as suas relações com ele. O amor que Levine lhe tinha, amor de que ela estava certa, inundava-a, enchendo-a de contentamento. Era-lhe agradável lembrar-se de Levine. Pelo contrário, ao pensar em Vronski uma espécie de mal-estar a assaltava, não obstante ser homem sossegado e extremamente mundano. Parecia que notava certa falsidade, não nele — era muito simples e simpático — mas nela própria, enquanto que com

Levine se sentia completamente sincera e tranqüila. Todavia, se pensava no seu futuro com Vronski, o futuro aparecia-lhe brilhante e feliz, enquanto com Levine lhe surgia nebuloso.

Quando foi vestir-se e se mirou ao espelho, notou com alegria que estava num dos seus melhores dias, e que se encontrava no domínio pleno de todas as suas forças, coisa de que tanto precisava naquele momento. Nem a graça nem o sangue-frio lhe iriam faltar dentro de pouco. Às sete e meia, quando desceu ao salão, o criado veio anunciar:

— Constantino Dimitrievitch Levine.

A princesa ainda estava nos seus aposentos e o príncipe também ainda não descera. "Meu Deus!", suspirou Kitty, e todo o sangue lhe afluiu ao coração. Ficou horrorizada ao ver-se tão pálida diante do espelho.

Agora compreendia claramente que Levine viera mais cedo só para se encontrar a sós com ela. E tudo lhe apareceu sob um aspecto distinto e novo. Naquele momento só percebeu que se tratava de saber com quem iria ser feliz e a quem amava, como se via na contingência de ofender um homem que lhe era querido. Ofendê-lo de maneira cruel... E por quê? Porque era simpático, porque lhe queria, porque estava enamorado dela. Mas não havia nada a fazer, era preciso, tinha de ser assim.

"Meu Deus!", pensou. "Será possível que tenha de lhe dizer eu mesma? Dizer-lhe que não gosto dele? Mas isso não é verdade. Que

lhe direi então? Que gosto de outro? Não: é impossível. Vou-me embora, vou-me embora."

E já se aproximava da porta quando ouviu os passos de Levine. "Não; não seria leal. De que tenho medo? Não fiz mal algum. Aconteça o que acontecer, dir-lhe-ei a verdade. Além disso, diante dele não me sinto embaraçada. Ele aí está", pensou, ao vê-lo aparecer, tímido na sua força, fixando nela um olhar ardente. Kitty fitou-o francamente face a face, e estendeu-lhe a mão.

— Acho que cheguei cedo de mais —disse Levine, relanceando os olhos ao salão vazio.

Ao certificar-se de que as suas esperanças se realizavam, que nada o impediria de fazer a sua declaração o seu rosto entristeceu-se.

— De maneira nenhuma — replicou Kitty, sentando-se junto à mesa.

— Era precisamente isso que eu queria, encontrá-la só — principiou Levine, sem se sentar e sem fitar Kitty, para não perder a coragem.

— Minha mãe já vem aí. Ontem ficou muito cansada. Ontem...

Kitty falava sem saber o que os seus lábios diziam e sem afastar de Levine os olhos suplicantes e acariciadores. Levine fitou-a. Kitty corou e calou-se.

— Já lhe disse que não sei se irei ficar muito tempo aqui... que isso dependia de si...

Kitty baixava cada vez mais a cabeça, sem saber que resposta dar ao que Levine lhe ia dizer.

— Que isso dependia de si —repetiu ele. — Queria dizer-lhe... Vim para que... que... seja minha mulher! — concluiu, sem saber bem o que dizia, mas dando conta de que o mais terrível e o mais grave estava dito. Então fixou nela os olhos.

Kitty continuava de cabeça baixa; respirava com dificuldade. Uma alegria imensa lhe enchia o coração. Nunca pensara que a confissão daquele homem lhe causasse uma impressão tão viva. Mas daí a pouco lembrou-se de Vronski. Ergueu para Levine os olhos luminosos e sinceros e ao ver a angústia que se lhe pintava no rosto, replicou apressadamente:

— Isso não pode ser... perdoe-me.

Havia pouco, que próxima dele se sentia e que importante na sua vida! E agora, que longe e alheia se lhe tornara!

— Não podia ser de outra maneira — disse Levine sem a fitar. Com uma reverência, ia retirar-se.

CAPÍTULO XIV

Mas naquele momento entrava a princesa. No seu rosto transpareceu o horror que lhe causava vê-los ali sozinhos e com aquelas transtornadas expressões. Levine inclinou-se diante dela sem dizer palavra. Kitty, calada, não ousava erguer os olhos. “Graças a Deus, disse-lhe que não”, pensou a mãe, e no seu rosto transpareceu o sorriso habitual, o sorriso com que acolhia todas as visitas de quinta-feira. Depois de se sentar, principiou a fazer perguntas a Levine acerca da sua vida na aldeia. Levine sentou-se também, aguardando a chegada dos convidados, para poder retirar-se discretamente.

Daí a cinco minutos chegava a condessa Nordston, amiga de Kitty, que se casara no último Inverno.

Era uma mulher delgada, amarelada, de brilhantes olhos negros, nervosa e enfermiça. Gostava muito de Kitty e o carinho que sentia por ela, como acontece quase sempre da parte das casadas para com as solteiras, manifestava se no desejo de casar a amiga de acordo com o seu próprio ideal de felicidade queria vê-la casada com Vronski. Não simpatizava com Levine, a quem vira freqüentemente no último Inverno em casa dos Tcherbatski. Quando perto dele, o que mais a divertia era ridicularizá-lo.

— Gosto muito de o ver olhar-me do alto da sua superioridade, quando interrompe, convencido de que sou uma estúpida, os seus belos discursos intelectuais ou quando condescende em dirigir-me a palavra. Condescende! É esse mesmo o termo. Adoro que me deteste! — costumava dizer a condessa quando falava dele.

Tinha razão. De facto, Levine não a tolerava. Desprezava nela precisamente aquilo de que ela mais se orgulhava e tinha como suas maiores virtudes o nervosismo o desdém requintado, a indiferença por tudo que considerava material e grosseiro.

Havia-se estabelecido, pois, entre eles um gênero de relações muito comum em sociedade estimando-se aparentemente, no fundo a tal ponto se desprezavam que não podiam sequer tomar se a sério um ao outro nem ofender-se reciprocamente.

Lembrando-se de que Levine, no princípio do Inverno, comparara Moscovo a Babilônia, a condessa imediatamente abordou o assunto?

— Ah! Constantino Dimitrievitch? Então voltou à nossa pervertida Babilônia! — exclamou, estendendo-lhe a mão minúscula e amarelada — Foi a Babilônia que se regenerou ou foi você que se perverteu? — acrescentou com um sorriso irônico, enquanto relanceava um olhar a

Kitty.

— Muito me lisonjeia, condessa, que se recorde das minhas palavras — replicou Levine, que entretanto se refizera do choque, adoptando o tom irônico e hostil com que habitualmente se dirigia à condessa Nordston — Vê-se que muito a impressionaram.

— Evidentemente? Registo-as todas Que tal, Kitty? Patinaste hoje?

E continuou tagarelando com Kitty.

Ainda que lhe custasse partir naquele momento, Levine achou isso preferível a ter de ficar toda a noite a ver Kitty, que de quando em quando olhava para ele, evitando encontrar-lhe os olhos. Quis levantar-se, mas a princesa, ao ver que ele não falava, perguntou-lhe.

— Conta ficar muito tempo em Moscovo? Creio que pertence ao *zemstvo.* Não deve poder demorar-se.

— Não, já não faço parte do *zemstvo,* princesa Estarei aqui alguns dias.

"Tem qualquer coisa hoje", pensou a condessa, fitando-lhe o rosto concentrado e grave "Não está disposto a grandes discursos Mas eu o provocarei Gosto de pô-lo em ridículo diante de Kitty, e consegui-lo-ei"

— Constantino Dimitrievitch, faça o favor de me explicar, o senhor que entende disso, por que é que os camponeses da nossa aldeia de Kaluga gastaram em bebida tudo quanto tinham e agora não nos pagam Que quer isto dizer? Está sempre a defendê-los.

Naquele momento entrava uma senhora no salão, e Levine levantou-se.

— Perdoe me, condessa, mas nada entendo disso e não me é possível responder-lhe — replicou, e dirigiu os olhos para o oficial que acompanhava a senhora recém-chegada.

"Deve ser Vronski", pensou, e para certificar-se olhou para Kitty. Esta já tivera tempo de olhar para Vronski e agora fitava Levine. E por aquele olhar, vendo que os olhos dela resplandeciam involuntariamente, Levine compreendeu, com a mesma certeza como se ela própria lho tivesse dito, que Kitty amava aquele homem. Mas que espécie de homem seria ele? Há pessoas que ao defrontarem-se com um rival afortunado, seja qual for o terreno em que se encontrem, são incapazes de lhe descobrirem qualquer qualidade, outras há que, pelo contrário, tratam de ver no rival as qualidades que lhe serviram para vencer, e tudo fazem para só lhes descobrir os méritos, apesar do sofrimento que isso lhes causa Levine pertencia a esta classe de pessoas. Mas não lhe foi difícil apreender as qualidades e os atractivos

de Vronski Imediatamente lhe saltaram à vista. Vronski era um homem moreno, não muito alto, de forte compleição, belo, e de fisionomia extremamente serena e grave. Tudo na sua figura, desde os negros cabelos curtos e o rosto recém-barbeado até ao folgado uniforme novo, era simples e ao mesmo tempo vistoso. Depois de deixar passar a senhora que entrara ao mesmo tempo que ele, Vronski aproximou-se primeiro da princesa e depois de Kitty.

Ao acercar-se da jovem, os seus belos olhos brilharam de um modo especial e com um imperceptível sorriso feliz e discreto de triunfador (assim se afigurou a Levine) Inclinando-se, respeitoso e circunspecto, diante dela, estendeu-lhe a mão, larga mas não muito grande.

Depois de ter cumprimentado todos, sentou-se, sem olhar para Levine, que não o perdia de vista.

— Permita que lhe apresente — disse a princesa apontando para

Levine — Constantino Dimitrievitch Levine. Ó conde Alexei Kinlovitch Vronski.

Vronski ergueu-se e fitando amistoso Levine apertou-lhe a mão.

— Creio que no Inverno passado, em certa ocasião, devemos ter jantado juntos; mas o senhor partiu repentinamente para a aldeia — disse Vronski, com um sorriso franco e simpático.

— Constantino Dimitrievitch despreza e odeia a cidade e os citadinos— interveio a condessa Nordston.

— Pelo que vejo, as minhas palavras produziram-lhe grande impressão, visto que as recorda tão bem — observou Levine, mas, ao reparar que já dissera aquela mesma frase, corou.

Sorrindo, Vronski olhou para Levine e para a condessa.

— Vive sempre na aldeia? — perguntou Vronski. — Quer-me parecer que no Inverno é aborrecido.

— Não, quando temos qualquer coisa em que nos ocuparmos; também nunca o homem se aborrece na sua própria companhia — respondeu Levine bruscamente.

— Gosto da aldeia — disse Vronski, fingindo não ter dado pelo tom de Levine.

— Espero, conde, que não concordaria em passar o ano todo na aldeia — comentou a condessa Nordston.

— Não sei; nunca vivi muito tempo no campo. Mas senti qualquer coisa de extraordinário. Nunca tive tantas saudades da aldeia, da aldeia russa, com os seus *lapti* e os seus mujiques como no Inverno que passei em Nice com minha mãe — replicou Vronski, acrescentando: —

Nice é muito aborrecida. E Nápoles também. De Sorrento, gosto, mas para pouco tempo. Precisamente ali é que nós nos lembramos mais vivamente da Rússia, e sobretudo das suas aldeias... É como se...

Falava dirigindo-se tanto a Kitty como a Levine e o seu olhar afectuoso e sereno fixava-se alternadamente num e noutro. Parecia dizer a primeira coisa que lhe vinha à cabeça.

Ao notar que a condessa Nordston queria falar, calou-se e ficou a ouvi-la atentamente.

A conversa não afrouxava um só momento. A princesa não precisava de lançar mão das peças de artilharia que reservava para o caso em que a conversa esmorecesse: o ensino das letras e das ciências e o serviço militar obrigatório. Também a condessa não teve oportunidade de troçar de Levine.

Este muito desejaria intervir na conversa geral, mas não conseguia fazê-lo; estava sempre a pensar: "É agora que me vou embora", mas não se ia e continuava ali, como se esperasse alguma coisa.

A conversa versou depois sobre o tema das mesas que batem e dos espíritos; a condessa Nordston, que acreditava em espiritismo, pôs-se a narrar um facto sobrenatural a que assistira.

— Oh, condessa, por amor de Deus, leve-me a ver uma coisa dessas. Nunca vi nada de sobrenatural, apesar de fazer tudo para isso — disse Vronski, sorrindo.

— Está bem, no sábado próximo. E você, Constantino Dimitrievitch, acredita nestas coisas? — perguntou ela a Levine.

— Por que pergunta? Já sabe o que lhe vou responder.

— Queria saber a sua opinião.

— Na minha opinião essas mesas que se mexem apenas demonstram que a nossa pretensa sociedade culta está tão pouco desenvolvida como os nossos aldeões — replicou Levine. — Enquanto eles acreditam em mau-olhado, em feitiçarias e em aparições, nós, de nossa parte...

— Então você não acredita?

— Não posso acreditar, condessa.

— Mas eu estou a dizer-lhe que vi com os meus próprios olhos.

— Também as camponesas serão capazes de dizer que viram fantasmas.

— Então, na sua opinião, eu não falo a verdade —e a condessa pô-se a rir, mas o seu riso não reflectia satisfação.

— Não é isso, Macha, o Constantino Dimitrievitch quer apenas dizer que não pode acreditar em espiritismo — explicou Kitty, corando por Levine.

Este compreendeu e ia responder, ainda mais irritado, quando Vronski, com o seu sorriso franco e alegre, interveio na conversa, impedindo que ela tomasse um rumo desagradável.

— Não admite de modo algum essa possibilidade? — inquiriu.— Por quê? Admitimos a existência da electricidade, que não conhecemos. Por que não poderá haver uma força nova, ainda que desconhecida para nós, que...?

— Quando se descobriu a electricidade — interrompeu bruscamente Levine — apenas se comprovou o fenômeno, mas não a sua causa; ignorava-se de onde provinha e o que a produzia, e séculos decorreram antes que se lhe desse uma aplicação. Pelo contrário, os espíritas começaram por receber comunicações, por meio de mesas de pé de galo, de aparições de espíritos, e depois atribuíram isso a uma força desconhecida.

Vronski, como sempre, ouviu atentamente Levine, interessado, ao que parecia, nas suas palavras.

— Sim: agora, porém, os espíritas dizem: não sabemos de que força se trata, mas a verdade é que essa força existe e que actua sob estas e estas condições. Aos sábios compete descobrir em que consiste. Não vejo por que não possa existir uma força nova, porque...

— Porque na electricidade — interrompeu de novo Levine — sempre que o senhor esfregue um bocado de resina com um pedaço de lã se produzirá certa reacção, enquanto no espiritismo isso não sucede com a mesma regularidade. Eis por que não pode ser um fenômeno natural.

Ao perceber que a conversa tomava um tom demasiado sério para o ambiente do salão, Vronski não respondeu e, procurando mudar de tema, sorriu, voltando-se para os outros.

— Vamos então fazer uma experiência, condessa — principiou por dizer. Levine, porém, teimou em completar o seu argumento.

— Na minha opinião, é um erro os espíritas tentarem explicar os seus prodígios como uma força desconhecida — continuou. — Falam de uma força espiritual e querem submetê-la a experiências materiais. — Todos estavam mortos por que Levine se calasse, e ele percebia-os.

— Pois eu acho que o senhor seria um médium de primeira ordem.

Às vezes parece ficar em êxtase — observou a condessa Nordston.

Levine abriu a boca, quis dizer qualquer coisa, corou e não falou

mais.

— Vamos, condessa, vamos demonstrar agora mesmo essa história das mesas de pé de galo — disse Vronski. — Dá licença, princesa?

Vronski pôs-se de pé, procurando com os olhos uma mesa de pé de galo. Kitty sentia-se tanto mais penalizada quanto sabia ser ela a causa daquela mágoa. “Se me puder perdoar, perdoe-me”, dizia o olhar de Kitty. “Sou tão feliz!”

“Odeio-os a todos, tanto a você como a mim mesmo”, ripostou o olhar de Levine, que nesta altura pegara no chapéu. Mas não era ainda dessa vez que poderia partir. No momento em que todos se iam instalar em torno da mesa de pé de galo e Levine se dispunha a sair, entrava o velho príncipe, que, assim que cumprimentou as outras pessoas, se dirigiu a Levine.

— Quê? — exclamou alegremente. — Está aqui? Mas não sabia.

Muito prazer em vê-lo.

O velho príncipe dirigia-se a Levine tratando-o ora por tu ora por senhor. Abraçou-o e pôs-se a falar com ele sem reparar em Vronski, que se pusera de pé e aguardava que o príncipe lhe dirigisse a palavra. Kitty compreendia que, depois do que acabava de acontecer, as atenções do pai para com Levine deviam ser dolorosas para este. E corou ao notar a frieza com que o pai respondera ao cumprimento de Vronski e a surpresa com que este olhou para o príncipe, sem perceber por que podia ele estar mal disposto a seu respeito.

— Príncipe, consinta que Constantino Dimitrievitch se junte a nós – disse a condessa Nordston. — Queremos fazer uma experiência.

— De que se trata? De fazer girar mesas de pé de galo? Perdoem-me, minhas senhoras e meus senhores, mas acho muito mais divertido que brinquem antes às prendas — replicou o príncipe, fitando Vronski e adivinhando que fora dele a ideia. — Brincar às prendas tem algum sentido. Surpreendido, Vronski fitou o velho príncipe com os seus olhos graves e depois de um ligeiro sorriso pôs-se a falar com a condessa Nordston acerca de um baile que se realizava na semana seguinte.

— Espero que não falte — disse Vronski, dirigindo-se a Kitty.

No momento em que o velho príncipe se separara dele, Levine saíra sem ninguém dar por isso, e a última impressão que reteve daquela noite foi a impressão feliz e sorridente do rosto de Kitty respondendo à pergunta de Vronski sobre a baile.

CAPÍTULO XV

Ao findar o serão, Kitty contou à mãe a conversa com Levine. Apesar da pena que lhe inspirava, estava contente que ele lhe tivesse feito uma declaração. Não tinha dúvidas de que procedera como devia. Mas, uma vez deitada, demorou muito a adormecer. Uma impressão a perseguia sem cessar: o rosto de Levine, de sobrancelhas franzidas e olhos profundamente tristes e bondosos, olhando-os, ora a ela, ora a Vronski, enquanto ouvia o príncipe. Tanta pena teve dele que lhe vieram as lágrimas aos olhos. Logo, porém, pensou no homem a quem preferira. Lembrou vivamente o seu rosto sério e varonil; aquela nobre serenidade e benevolência para com todos; evocou o amor que lhe dedicava aquele a quem queria, e sentindo de novo a alegria na alma, com um sorriso feliz, deixou-se cair sobre o travesseiro. "Que pena, que pena, mas que hei-de fazer? A culpa não é minha", dizia a si mesma, embora uma voz interior lhe segredasse o contrário. Não sabia se estava arrependida de ter conquistado Levine ou se de o haver repelido. E o certo é que a felicidade que sentia era empanada pelas dúvidas. "Meu Deus, perdoa-me! Meu Deus, perdoa-me!", foi repetindo intimamente, até que adormeceu.

Entretanto, lá em baixo, no pequeno gabinete do príncipe, desenrolava-se uma dessas cenas que freqüentemente se repetiam entre os pais, por causa daquela filha tão querida.

— Que há? Ainda perguntas? — exclamou o príncipe, gesticulando, ao mesmo tempo que ajeitava o roupão de *petít-gris*. — Ainda perguntas? Pois escuta. Não tens nem amor-próprio nem dignidade. Comprometes, perdes a tua filha com essa mania baixa e estúpida de impingi-la às pessoas.

— Mas, pelo amor de Deus! Que fiz eu? — replicou a princesa, a ponto de chorar.

Depois da conversa com a filha, a princesa, feliz e contente, viera, como de costume, dar a boa-noite ao marido, e embora não tencionasse falar-lhe na declaração de Levine nem na negativa de Kitty, disse-lhe que, segundo julgava, o assunto Vronski se poderia considerar resolvido, que se decidiria logo que a mãe dele chegasse. Ao ouvir estas palavras, o príncipe descontrolou-se, proferindo frases inconvenientes.

— Que fizeste? Em primeiro lugar, procuras atrair um noivo, e toda a gente em Moscovo irá falar nisso, aliás com inteira razão. Se queres dar festas, convida toda a gente e não apenas determinados pretendentes. Convida todos esses peralvilhos (assim chamava o

príncipe aos jovens de Moscovo), arranja um pianista e que dancem. Não faças como hoje, que trouxeste para casa os pretendentes, e toca a tratar do casamento! Mete-me nojo tudo isto, conseguiste encher a cabeça da pequena de ideias tolas. Levine é um homem mil vezes melhor. Esse peralvilho de Sampetersburgo é dos que se fabricam em série. São todos iguais e nenhum presta para nada. Mesmo que fosse príncipe de sangue, a minha filha não precisa disso para nada.

— Mas que fiz eu?

— Que fizeste? — vociferou o príncipe, furioso.

— Só sei que, se te der ouvidos, nunca casaremos a nossa filha. Nesse caso é melhor irmos para o campo.

— Realmente, acho melhor.

— Escuta. Porventura provoquei alguém? O que há é o seguinte: esse rapaz, muito bom, enamorou-se de Kitty, e ela, pelo que sei...

— Isso é o que pensas! E se Kitty se apaixona de verdade e ele pensa tanto em casar como eu...! Oh! Que os meus olhos não vejam uma coisa dessas...! "Oh, o espiritismo! Oh! Nice! Oh! O baile!" — E o príncipe, imitando a mulher, fazia uma reverência à medida que ia pronunciando cada palavra. — E se viermos a fazer a desgraça de Katienka, se ela toma isto a sério?

— Mas por que supões uma coisa dessas?

— Não suponho, tenho a certeza. Para isso nós, os pais, temos uma acuidade que vocês, as mulheres, não têm. Vejo, por um lado, um homem com intenções sérias: Levine, e, pelo outro, esse pelintra que só pensa em divertir-se...

— Lá vens tu com as tuas manias...

— Lembrar-te-ás do que estou a dizer quando for tarde de mais, como aconteceu com a Dacha.

— Bom, bom, não falemos mais nisto — interrompeu-o a princesa, lembrando-se da infelicidade de Dolly.

— De acordo, adeus!

Depois de terem trocado o beijo e o sinal-da-cruz do costume, os dois esposos separaram-se, ambos persuadidos de que cada um ficaria com a sua opinião. No entanto, a princesa, ainda há momentos firmemente convencida de que naquela noite se decidira do futuro de Kitty, sentia agora essa convicção um tanto abalada pelas palavras do marido. E uma vez recolhida, o futuro surgia-lhe bem pouco seguro e, tal como Kitty, repetiu várias vezes, mentalmente: "Senhor, tem piedade de mim! Senhor, tem piedade de mim!"

CAPÍTULO XVI

Vronski não sabia o que era vida de família. Quando nova, a mãe, senhora da sociedade e mulher muito atraente, não só em vida do marido, mas principalmente depois de viúva, tivera muitas aventuras, que eram do conhecimento de todos. Vronski, educado no Corpo de Pajens, mal conhecera o pai. Saíra da escola muito novo e não tardou a levar a mesma vida de todos os ricos oficiais petersburgueses. Embora freqüentasse, de quando em quando, a alta sociedade de Sampetersburgo, o certo é que os seus problemas sentimentais estavam fora desse meio.

Em Moscovo experimentara pela primeira vez, rompendo com a vida ostentosa que levava, o encanto de conviver com uma jovem da sociedade, delicada na sua candura, e que não tardara a enamorar-se dele.

Nunca lhe passara pela cabeça que pudesse haver qualquer mal nas suas relações com Kitty. Freqüentava-lhe a casa, e nos bailes dançava de preferência com ela. Falava com Kitty das coisas de que em geral se fala na sociedade: uma série de tolices a que dava, instintivamente, um sentido especial que só ele podia entender. Embora nada lhe tivesse dito que não pudesse ser repetido diante de todos, percebia que Kitty dia a dia dependia mais dele e quanto mais o reconhecia mais agradável isso se lhe tornava. O sentimento que ela lhe inspirava ia-se tornando cada vez mais delicado. Ignorava que a maneira como a tratava tinha um nome específico: tentativa de sedução sem intenções matrimoniais, má acção corrente entre jovens arrogantes como ele. Dir-se-ia que era a primeira vez que descobria semelhante prazer, e tirava dele o melhor partido possível.

Grande seria a sua surpresa se tivesse podido ouvir naquela noite a conversa travada entre os pais de Kitty, se lhe fosse dado situar-se no ponto de vista da família e inteirar-se de que a jovem seria desgraçada se não casasse com ele. Como poderia ele considerar repreensível uma coisa que tão grande prazer lhe proporcionava e que tão agradável era, sobretudo para ela, Kitty? E ainda por cima ter de casar com ela!

Nunca encarara a perspectiva do casamento. Não só não apreciava a vida familiar, como via qualquer coisa estranha, hostil, e sobretudo ridícula na família, principalmente no marido, de acordo como o ponto de vista do grupo de solteiros que freqüentava. Mas o certo é que Vronski, embora não pudesse suspeitar da conversa havida entre os pais de Kitty, ao sair naquela noite de casa dela teve a impressão de que o laço espiritual que os unia se apertava mais, e a tal ponto que

seria necessário tomar uma decisão. Mas que decisão? E de que espécie?

"Precisamente o agradável é que nenhum de nós tenha dito nada e que, no entanto, nos compreendamos um ao outro só com essa muda linguagem dos olhares; hoje disse-me mais claramente do que nunca que me ama. E fê-lo de um modo tão agradável, tão simples e sobretudo tão confiado! Até me deu a sensação de que sou uma pessoa melhor, mais pura. Dou-me conta de que tenho coração e que há em mim muitas coisas boas", pensava Vronski ao regressar de casa dos Tcherbatski. E, como sempre que deixava essa casa, experimentava uma agradável sensação de pureza e de juventude, por um lado em virtude de não ter fumado durante toda a noite e pelo outro graças ao sentimento desconhecido, novo para ele, que lhe inspirava o enternecimento diante de Kitty e o amor que ela lhe tinha.

"Bom, que importância tem isso? Nenhuma. É agradável para mim e para ela também." Vronski pôs-se a pensar onde acabar aquela noite. Mentalmente reviu os lugares aonde poderia ir. "Ao clube? Fazer uma partida de *bésigue* e tomar champanhe com Ignative? Não, não vou. Ao Château des Fleurs, com as suas cançonetistas e os seus cancãs... e também com Oblonski? Não, estou cansado de todas essas coisas. E é precisamente por isso que tanto aprecio os Tcherbatski. Em casa deles sinto-me melhor pessoa. Vou para casa." Dirigiu-se directamente para o seu quarto do Dusseau, pediu a ceia e assim que se despiu e que deitou a cabeça no travesseiro adormeceu pesadamente.

CAPÍTULO XVII

Às 11 da manhã do dia seguinte Vronski foi à estação esperar a, mãe, que vinha de Sampetersburgo, e a primeira pessoa com quem se encontrou na escada foi Oblonski, que aguardava a irmã, que devia chegar no mesmo comboio.

— Seja bem aparecida Sua Alteza! A quem espera? — gritou-lhe Oblonski

— Minha mãe — respondeu Vronski, sorrindo, como todas as pessoas que se encontravam com Stepane Arkadievitch. E depois de lhe apertar a mão, subiram juntos para a gare. — Chega hoje de Sampetersburgo.

— Esperei-te ontem à noite até às 2. Aonde foste depois de saíres de casa dos Tcherbatski?

— Para casa. Passei um serão tão agradável em casa deles que não me apeteceu ir a lugar algum — replicou Vronski.

— Conheço os cavalos fogosos pela marca e os jovens apaixonados pelos olhos — declarou Stepane Arkadievitch, repetindo o que dissera a Levine. Vronski sorriu, como a dar a entender que o não negava, mas mudou logo de conversa.

— E a quem esperas tu? — perguntou.

— Eu? A uma mulher muito bela — disse Oblonski.

— Olá!

— *Honni soit qui mal y pense!*(Nota 2) Espero minha irmã Ana.

— Ah! A Karenina! —observou Vronski.

— Tu conheces-la?

— Parece-me que sim, ou não... realmente não me recordo — replicou Vronski distraído, a quem o nome de Karenina evocava qualquer coisa de aborrecido e afectado.

— Mas com certeza conheces meu cunhado, o célebre Alexei Alexandrovitch. Toda a gente o conhece.

— Conheço-o de vista e de ouvir falar... Sei que é homem inteligente, sábio e um tanto sobrenatural... Mas, sabes, não é precisamente o meu gênero... *Not in my Une*(Nota 3) — disse Vronski.

— Sim, é um homem notável; um tanto conservador, mas boa pessoa, boa pessoa — observou Stepane Arkadievitch.

— Tanto melhor para ele — tornou Vronski, sorrindo. — Ah, estás

aqui! — exclamou, dirigindo-se ao velho e espadaúdo criado da mãe. — Segue-me.

Como todas as pessoas, Vronski também estava encantado com Oblonski, mas de há tempo que sentia no seu convívio um prazer muito especial: não seria ainda aproximar-se de Kitty?

— Então está combinado — disse, alegremente, travando-o pelo braço. — Domingo oferecemos um jantar à diva?

— Sem falta. Eu tratarei da subscrição. A propósito, conheceste ontem o meu amigo Levine? — perguntou Stepane Arkadievitch.

— Claro! Mas foi-se embora muito cedo.

— É um bom rapaz, não é verdade? — continuou Oblonski.

— Não sei porque todos os moscovitas, à excepção do que está a falar comigo, como é natural, têm certa rudeza no trato — observou, brincando. — Espinham-se à menor coisa e enfadam-se, como se nos quisessem dar uma lição.

— É verdade, é... — exclamou rindo, alegremente, Stepane Arkadievitch.

— O comboio demorará muito? — perguntou Vronski ao criado.

— Já saiu da última estação — replicou este.

O movimento crescente na gare, as idas e vindas dos carregadores, o aparecimento dos polícias, a chegada das pessoas que vinham esperar os viajantes, tudo era indício da aproximação do comboio. Fazia frio, e através da bruma viam-se operários de pelicas curtas e botas de feltro que atravessavam as linhas. Ao longe ouviu-se o silvo de uma locomotiva e daí a pouco distinguiu-se o ruído de uma massa pesada em movimento.

— Não! Não! Não apreciaste devidamente o meu amigo Levine — disse Stepane Arkadievitch, que muito desejava contar a Vronski as intenções de Levine a respeito de Kitty. — É um rapaz muito nervoso, que às vezes costuma ser desagradável, mas outras é capaz de ser muito simpático. E um coração de ouro, uma natureza recta e honrada. Mas ontem tinha motivos especiais — prosseguiu, com um sorriso significativo, esquecendo por completo a sincera compaixão que Levine lhe inspirara na véspera e experimentando naquele momento o mesmo sentimento em relação a Vronski. — Sim, tinha motivos para se sentir ou muito feliz ou muito desgraçado.

Vronski deteve-se, perguntando sem rodeios:

— Que queres dizer? Porventura se teria declarado ontem à tua *belle-soeur*?...

— Talvez — replicou Stepane Arkadievitch. — Creio que sim. Se partiu cedo e estava mal disposto, não há dúvida... Há tempo já que anda apaixonado; tenho muita pena dele.

— Ah, sim?... Seja como for, acho que Kitty pode aspirar a um melhor partido — observou Vronski, e, dilatando o peito, seguiu em frente. — Aliás, não o conheço... Deve ser, efectivamente, uma situação penosa. É por isso que a maioria dos homens prefere tratar com certas mulheres. Nessa altura, quando uma pessoa não tem êxito, é só por falta de dinheiro. Nos outros casos, os méritos pessoais é que estão em jogo. Olha, lá vem o comboio.

Com efeito, a distância, silvava a locomotiva. Transcorridos alguns minutos, a plataforma estremeceu e a locomotiva entrou na gare, lançando nuvens de fumo, que a atmosfera gelada fazia descer para a terra, passando, ruidosamente, diante das pessoas que se aglomeravam na gare, às quais o maquinista, todo agasalhado e coberto de gelo, acenava com a mão, enquanto a biela da roda central se movia lentamente. Subitamente a plataforma foi ainda mais violentamente sacudida. Atrás do tender, refreando a marcha pouco a pouco, surgiu o furgão, onde um cão uivava, e, por fim, apareceram os vagões dos passageiros, que antes de parar foram sacudidos por um movimento brusco.

O condutor fez soar o apito ainda com a composição em movimento, e saltou. Depois principiaram a desembarcar, um por um, os passageiros impacientes: um oficial da Guarda, muito hirto, que olhava à sua volta com uma expressão severa; um jovem comerciante, ágil e sorridente, que carregava uma pasta; e, por fim, um camponês com uma sacola ao ombro.

Vronski, que se conservava ao lado de Oblonski, ia observando os vagões e os passageiros que desciam, esquecido da mãe. O que acabava de saber de Kitty emocionara-o; causava-lhe satisfação. Sem dar por isso, dilatara o tórax enquanto os olhos lhe faiscavam. Sentia-se vitorioso.

— A condessa Vronski vem naquela carruagem — disse o condutor, aproximando-se dele.

Estas palavras despertaram Vronski, obrigando-o a lembrar-se da mãe e da entrevista que daí a pouco iria ter com ela. No fundo da sua alma não respeitava a mãe e, conquanto não desse por isso, também não a estimava verdadeiramente.

De acordo com a mentalidade do meio em que vivia e a educação que recebera, não podia imaginar outras relações com ela além das do respeito e da extrema obediência, relações que se tornavam tanto mais aparentes quanto menos a estimava e respeitava no seu íntimo.

CAPÍTULO XVIII

Vronski seguiu o condutor e subiu ao estribo do vagão, detendo-se à entrada do compartimento para dar passagem a uma senhora que saía.

Com a sua velha experiência de homem de sociedade, bastou-lhe um olhar para compreender, pelo aspecto da desconhecida, que pertencia à alta-roda. Curvou-se e ia entrar no vagão quando sentiu necessidade de voltar a olhá-la, não atraído pela sua beleza, nem pela sua elegância, nem pela singela graça que se desprendia de toda a sua pessoa, mas apenas porque a expressão do seu rosto encantador, quando passara junto dele, se mostrara especialmente suave e delicada. No momento em que se voltou, também ela olhara para trás. Os seus brilhantes olhos cinzentos, que pareciam escuros graças às espessas pestanas, detiveram-se nele, amistosos e atentos, como se o reconhecessem, e imediatamente se desviaram para a estação, como que procurando alguém. Naquele rápido olhar, Vronski teve tempo de lhe observar a expressão de uma vivacidade contida, os olhos reluzentes e o sorriso quase imperceptível dos lábios rubros. Parecia que algo excessivo lhe inundava o ser e, a pesar seu, transbordava ora do olhar luminoso, ora do sorriso. Não obstante ter velado intencionalmente a luz dos olhos, ela transparecia através do leve sorriso.

Vronski penetrou no compartimento. A mãe, uma velhinha mirrada, de olhos negros e caracóis na testa, apertou os olhos ao examinar o filho e um leve sorriso lhe aflorou aos lábios delgados. Levantou-se, passou uma maleta à criada grave, estendeu a mão magra ao filho, que a beijou, beijando-o ela, por sua vez.

— Recebeste o telegrama? Estás bem? Graças a Deus!

— Fez boa viagem? — perguntou Vronski, sentando-se a seu lado. Involuntariamente ia ouvindo uma voz feminina que ressoava do outro lado da portinhola. Sabia que era a voz da senhora com quem se cruzara à entrada do comboio.

— Não estou de acordo consigo — dizia essa voz.

— É o ponto de vista petersburguês, é o ponto de vista feminino

— respondia ela.

— Então! Consinta que lhe beije a mão.

— Adeus, Ivan Petrovitch. Faça o favor de ver se o meu irmão está aí e diga-lhe que venha ter comigo — disse a mesma senhora, junto à portinhola, voltando ao compartimento.

— Encontrou o seu irmão? — inquiriu a Vronskaia, dirigindo-se a ela. Naquele momento, Vronski compreendeu que devia tratar-se da Karenina.

— Seu irmão está aí — disse-lhe ele, levantando-se. — Perdoe-me, não a tinha reconhecido; aliás, tão rápido foi o nosso encontro que é natural que não se lembre de mim.

— Oh, sim! Tê-lo-ia reconhecido, porque durante a viagem sua mãe e eu falámos muito a seu respeito — replicou Karenina, deixando, por fim, que o riso se lhe espalhasse no rosto. — Mas meu irmão é que não aparece.

— Vai chamá-lo, Aliocha — disse a idosa condessa. Vronski desceu à plataforma e gritou:

— Oblonski, estamos aqui!

Ana Karenina, porém, não esperou pelo irmão; ao vê-lo, saiu da carruagem com seu passo decidido e ligeiro. Quando chegou junto dele, num gesto que surpreendeu Vronski pela graça e firmeza, abraçou Stepane Arkadievitch com o braço esquerdo, puxando-o a si e beijando-o efusivamente. Vronski, sem a perder de vista, olhava-a, sorrindo sem saber porquê. Ao lembrar-se de que sua mãe o esperava, voltou para a composição.

— Não é uma pessoa muito agradável? — perguntou a condessa.

— O marido veio instalá-la a meu lado e isso deu-me muito prazer. Conversámos toda a viagem. Bom, e de ti dizem que... *vousfilez le parfait amour. Tant mieux, mon cher, tant mieux*(Nota 3.5).

— Não sei a que te referes, *maman* — replicou Vronski friamente.

— Bom, *maman,* vamos?

Ana Karenina voltou ao vagão para se despedir da condessa.

— Bem, condessa, encontrou o seu filho e eu encontrei meu irmão

— disse alegremente. — Esgotei todo o meu repertório, já não teria mais nada para lhe contar.

— Não creio. Era capaz de dar a volta ao Mundo na sua companhia sem me aborrecer — replicou a condessa, pegando-lhe na mão. — É uma pessoa simpática com quem é agradável conversarmos e até estarmos calados. Não pense tanto no seu filho, peco-lhe: é bom separar-se dele de vez em quando entregas-te ao amor platônico. Tanto melhor, querido, tanto melhor

Ana Karenina permanecia imóvel, muito direita, os olhos risonhos.

— Ana Arkadievna tem um filho de oito anos, de quem nunca se separou, e está saudosíssima por ter sido obrigada a deixá-lo em

Sampetersburgo — explicou a condessa a Vronski.

— Sim, passámos a viagem toda a conversar: eu, de meu filho; e a condessa, do seu — disse Ana Karenina, e de novo um sorriso lhe iluminou o rosto, e esse sorriso destinava-se a ele.

— Isso deve tê-la maçado muito — disse Vronski, que devolvia a Ana Karenina a coquetterie que ela lhe lançara, como quem devolve uma bola. Mas, pelo visto, Ana não queria continuar a conversa nesse tom e dirigiu-se, desta vez; à idosa senhora:

— Estou-lhe muito agradecida. O dia de ontem passou sem que eu desse por isso. Até à vista, condessa.

— Adeus, minha senhora — replicou a mãe de Vronski. — Permita que lhe beije o lindo rosto e que lhe diga, velha que sou, que me conquistou inteiramente.

Apesar do que havia de convencional nesta frase, Ana Karenina pareceu acreditar nela e sentir-se comovida. Corou, inclinou-se ligeiramente e aproximou o rosto dos lábios da velha condessa; depois soergueu-se e com o mesmo sorriso inquieto estendeu a mão a Vronski. Este apertou aquela pequenina mão, muito feliz, como se fosse uma coisa extraordinária poder corresponder àquela pressão firme e enérgica. Ana Karenina saiu em passos rápidos, numa ligeireza surpreendente, dadas as suas formas pronunciadas.

— Encantadora! — exclamou a condessa.

O filho era da mesma opinião. Seguiu-a com os olhos até lhe perder de vista a graciosa figura, e só então o sorriso lhe desapareceu dos lábios. Através da portinhola viu-a aproximar-se do irmão, pôr-lhe a mão no ombro e principiar a falar animadamente, sem dúvida de qualquer coisa sem a menor relação com Vronski, o que se lhe afigurou desagradável.

— Bom, *maman,* estás mesmo bem? — voltou a perguntar, dirigindo-se à mãe.

— Muito bem, maravilhosamente. Alexandre esteve muito simpático. E Maria está uma beleza. É uma mulher muito interessante.

E principiou a falar do que mais a interessava: o baptizado do neto — fora a Sampetersburgo para assistir a esse baptizado — e a especial atenção que o soberano dispensava ao seu filho mais velho.

— Ali está o Lavrenti, se queres podemos descer — disse Vronski, olhando pela janela.

O velho mordomo, que acompanhara a condessa na viagem, entrou no compartimento para dizer que tudo estava em ordem. A condessa levantou-se.

— Vamo-nos, agora há pouca gente — disse Vronski.

A criada grave pegou na maleta e no cãozinho, o mordomo e o carregador apanharam o resto da bagagem. Vronski deu o braço à mãe, mas quando desciam do comboio viram umas pessoas assustadas que passavam a correr. Atrás delas seguia o chefe da estação com o seu gorro de cor espaventosa. Devia ter acontecido alguma coisa imprevista. Os passageiros do comboio retomavam, correndo.

— Que foi?... Que aconteceu?... Onde...? Atirou-se?... Morreu?... — ouvia-se entre os que passavam.

Stepane Arkadievitch, de braço dado com a irmã, voltava também. No rosto deles havia uma expressão assustada. Para evitarem a multidão, pararam, muito aflitos, junto da portinhola do vagão.

As duas senhoras subiram para a carruagem, enquanto Vronski Estepane Arkadievitch iam inteirar-se dos pormenores do desastre.

O agulheiro, ou porque estivesse bêbedo, ou porque não ouvisse o comboio, de tão enroupado que estava por causa do frio, fora apanhado pela composição que recuava.

Antes do regresso de Vronski e de Stepane Arkadievitch já as senhoras estavam ao corrente de tudo através do mordomo.

Stepane Arkadievitch vira o cadáver mutilado. Oblonski estava visivelmente emocionado. Fazia caretas e por pouco não chorava.

— Ai, que horror! Se o tivesses visto, Ana! Que coisa horrível! — dizia ele.

Vronski estava calado, mas havia gravidade no seu rosto, aliás sereno.

— Ah, se o tivesse visto, condessa — exclamou Stepane Arkadievitch.— Está aí a mulher dele... Que horror... Atirou-se para cima do cadáver. Dizem que ele era o único a ganhar para uma numerosa família. Que desgraça!

— Não poderíamos fazer alguma coisa por ela? — murmurou Ana Karenina, emocionada.

Vronski relanceou-lhe uma olhar e acto contínuo saiu do vagão.

— Volto já, *maman* — disse ele da portinhola.

Quando regressou, passados alguns minutos, Oblonski falava com a condessa de uma nova cantora, enquanto esta olhava impaciente para a portinhola, ansiosa pelo filho.

— Podemos partir — disse Vronski, entrando de novo no c omp artimento.

Desceram juntos. Vronski e a mãe seguiam adiante. Ana e o irmão atrás deles. A saída, o chefe da estação veio ao encontro de Vronski.

— O senhor entregou duzentos rublos ao meu ajudante. Faça o favor de dizer a quem se destinam?

— A viúva — disse Vronski, encolhendo os ombros. — Não sei por que faz essa pergunta!

— Deste-lhe dinheiro? —gritou Oblonski, e apertando o braço da irmã, acrescentou: — Muito bem, muito bem! Que rapaz encantador, não é verdade? Meus parabéns, condessa!

Oblonski e a irmã detiveram-se à procura da criada. Quando chegaram à porta da estação já a carruagem dos Vronski partira. As pessoas que entravam ainda faziam comentários sobre o sucedido.

— Uma morte horrível — comentava um cavalheiro que passava junto deles. — Dizem que ficou dividido em dois.

— Pelo contrário, a mim parece-me que foi a melhor deste mundo, repentinamente — dizia outro.

— Não percebo por que não se tomam medidas de precaução... — observou um terceiro.

Ana Karenina subiu para a carruagem e Oblonski viu, assombrado, que lhe tremiam os lábios e que mal podia conter as lágrimas.

— Que tens, Ana? — perguntou-lhe, quando o veículo se pôs em marcha.

— É mau presságio — respondeu ela.

— Tolices! Chegaste, é o principal. Pus todas as minhas esperanças na tua viagem.

— Conheces Vronski há muito tempo? — perguntou Ana.

— Sim, acho que acabará por casar com a Kitty, sabes?

— Realmente?... — comentou Ana em voz baixa. — Bem, agora falemos de ti. Recebi as tuas cartas e aqui me tens.

— Sim, todas as minhas esperanças estão em ti — acrescentou Stepane Arkadievitch.

— Conta-me tudo.

E Stepane Arkadievitch pôs-se a relatar o que acontecera. Ao chegar a casa, Oblonski ajudou a irmã a descer, suspirou, apertou-lhe a mão e dirigiu-se ao tribunal.

CAPÍTULO XIX

Quando Ana entrou na salinha, Dolly dava lição de francês a um rapazinho, gorducho e louro como o pai. Enquanto ia lendo a lição, o pequeno tentava arrancar o botão do casaco já meio desprendido. Por várias vezes a mãe o repreendera por isso, mas a mãozinha gorda da criança voltava a agarrar o botão. Então Dolly arrancou-o e guardou-o no bolso.

— Fica sossegado com as mãos, Gricha — disse-lhe ela.

E continuou o trabalho em que estava absorvida. Era uma colcha que principiara havia muito e em que apenas trabalhava nos momentos difíceis. Trabalhava nervosamente, encolhendo e distendendo os dedos, contando e recontando as malhas. Embora tivesse dito na véspera ao marido que pouco lhe importava a chegada da irmã dele, o certo é que preparara tudo pira a receber e esperava a com impaciência.

Por mais abatida e preocupada que estivesse com a sua dor, Dolly não podia esquecer se de que Ana, sua cunhada, era uma grande dama e esposa de uma das personalidades mais importantes de Sampetersburgo. Não ousaria, portanto, recebê-la mal "Além disso", dissera ela de si para consigo, "Ana não tem culpa de coisa alguma. Sempre tenho ouvido falar bem dela, e no que me diz respeito sempre me deu provas de amizade e de carinho" Era certo que, segundo se recordava, a casa dos Karenine em Petersburgo não lhe produzira muito boa impressão havia qualquer coisa de falso na maneira de viver daquela família "Por que não haveria ela de a receber? Desde que se não lembre de me vir consolar!", pensava Dolly "Conheço muito bem essas exortações, essas admoestações, esses apelos à clemência cristã Já ruminei tudo isso quanto basta para saber o que vale."

Todos aqueles dias estivera sozinha com os filhos. Não queria falar à ninguém na sua infelicidade, embora se sentisse incapaz de abordar qualquer outro assunto. Compreendia que com Ana se veria obrigada a romper o silêncio e ora lhe sorria a perspectiva dessa confidência ora, pelo contrario, a necessidade de revelar à irmã do marido a humilhação por que passava, e o ter de lhe ouvir as banais consolações, afiguravam -se lhe coisas intoleráveis.

Olhando a cada passo o relógio, ia contando os minutos, à espera de vê-la aparecer de um momento para o outro, mas, como tantas vezes acontece em casos semelhantes, tão abstracta estava que não ouvira a campainha. Quando passos ligeiros e o frufru de um vestido junto à

porta a fizeram levantar a cabeça no seu rosto atormentado não se reflectiu alegria, mas surpresa Ergueu se para abraçar a cunhada.

— Como, pois já chegaste? — perguntou, beijando-a.

— Dolly? Que contente estou em tornar a ver te?

— E eu também — respondeu Dolly, sorrindo ligeiramente e pró curando averiguar, através da expressão da cunhada se ela estava ou não inteirada do sucedido.

"Deve saber tudo", pensou, ao reparar na expressão compadecida de Ana. E, procurando protelar quanto pudesse o momento da explicação, continuou.

— Vem daí Quero levar te ao teu quarto.

— Este é o Gricha? Meu Deus, que crescido está! Não, permite que fique aqui — replicou Ana, e beijando a criança sem afastar os olhos da cunhada, corou.

Tirou o xale e o chapéu que se prendeu nos cabelos negros frisados, e que conseguiu desprender sacudindo a cabeça.

— Estás radiante de felicidade e de saúde? — disse Dolly quase com inveja

— Eu Sim — aquiesceu Ana — Meu Deus, Tânia? — És da idade do meu Seriocha — acrescentou, dirigindo se à menina que entrava na sala correndo. Pegou lhe nas mãos e beijou-a — Que criança encantadora! Quero vê-los todos.

Lembrava se não só do nome e da idade de todas as crianças, mas até do feitio de cada uma e das doenças que tinham tido Dolly sentiu se tocada por tanta solicitude.

— Pois, sim vamos velas — disse ela — Vácia está a dormir, é uma pena.

Depois de ver as crianças, sentaram se as duas no salão diante de duas xícaras de café Ana estendeu a mão para a bandeja, mas logo a repeliu.

— Dolly, Stepane falou me de tudo — disse ela Dolly olhou a friamente. Esperava ouvir frases de fingida compaixão, mas Ana nada disse que se parecesse com isso.

— Dolly, querida — principiou — Não quero defendê-lo nem consolar te, é impossível. Deixa que te diga, apenas, que te lamento do fundo do coração?

Por detrás das espessas pestanas reluziam as lágrimas Sentia se mais próxima da cunhada, e tomou a mão dela na sua mão pequena e enérgica Dolly não a retirou, mas a sua expressão continuava a ser

fria.

— É inútil tentares consolar me. Depois do que aconteceu, tudo está irremediavelmente perdido.

Mas assim que pronunciou estas palavras, a expressão do seu rosto suavizou se subitamente Ana levou aos lábios a mão delgada e seca da cunhada e beijou a.

— Mas, enfim, Dolly, que pretendes fazer? Esta situação falsa não pode prolongar se Não seria melhor pensarmos numa solução qualquer?

— Tudo acabou — disse Dolly — E o mais terrível, como vês, é que não posso deixá-lo, estou amarrada pelas crianças Mas não posso continuar a viver com ele, vê-lo é uma tortura para mim.

— Dolly, minha querida, o Stepane contou me tudo, mas eu gostaria que tu mo contasses por tua vez.

Dolly olhou para ela com uma expressão interrogativa. O carinho e a compaixão eram sinceros no rosto de Ana.

— Está bem, mas terei de te contar tudo desde o princípio — disse, de súbito — Sabes como me casei. Com a educação que a *maman* me deu, não era apenas inocente, era estúpida. Ignorava tudo. Dizem que os maridos costumam abrir se com as mulheres sobre a sua vida passada, mas Stiva — corrigiu — Stepane Arkadievitch não me contou nada. Talvez não acredites, até agora estava convencida de que tinha sido a única mulher na sua vida. E assim vivi oito anos. Compreendes não só não me passava pela cabeça que me fosse infiel, como até julgava isso impossível, e, com estas ideias na cabeça, podes imaginar o que foi para mim saber de um momento para o outro de todo esse horror, dessa vilania... Compreende-me. Estar inteiramente confiante na felicidade e de repente... — continuou Dolly, reprimindo os soluços — receber uma carta... uma carta dele dirigida à amante, à preceptora dos seus filhos. Não! É uma coisa horrível! — Dolly puxou apressadamente o lenço, escondeu o rosto com ele e depois de um silêncio continuou: — Ainda posso admitir um momento de desvairamento, mas enamorar-se premeditadamente, enganar-me com malícia... e com quem?... E continuar a ser meu marido enquanto mantinha relações com ela!... Isto é horrível! Não podes fazer ideia.

— Estás enganada, faço, faço ideia, querida Dolly — exclamou Ana, apertando-lhe a mão.

— Ainda se ao menos se desse conta do horror da minha situação!

— prosseguiu Dolly. — Mas não, continua feliz e satisfeito.

— Oh, não! — interrompeu-a Ana, pressurosa. — Faz pena olhar

para ele: está cheio de remorsos, arrependidíssimo.

— Achas que é capaz de sentir remorsos? — interrompeu Dolly, por sua vez, observando atentamente a expressão da cunhada.

— É. Eu conheço-o. Não pude olhar para ele sem compaixão. Ambas o conhecemos. É bom, mas altivo, e agora sente-se tão humilhado... O que mais me impressiona — naquele momento Ana adivinhou o que mais poderia calar no espírito de Dolly — é que o atormentam duas coisas: o que ele sofre por causa das crianças e quanto sofre por te ter ferido, a ti, a quem ele ama, sim, sim, a quem ele ama acima de tudo neste mundo — insistiu ela, com receio de que Dolly a desmentisse. — "Não, não, ela nunca me perdoará", está sempre a dizer.

Dolly desviara os olhos da cunhada; meditava.

— Sim — disse ela, finalmente —, compreendo que a situação dele seja horrível. O culpado deve sofrer mais do que o inocente, quando se reconhece a causa de todo o mal. Mas como hei-de eu perdoar-lhe e voltar a ser mulher dele depois das suas relações com "ela"? A vida em comum será para mim agora um suplício, precisamente porque não posso esquecer o amor que lhe tinha antes disto...

Os soluços abafaram-lhe as palavras. Mas, como de caso pensado, logo que se comovia, voltava de novo a falar do que a irritava.

— Sim, a verdade é que ela é nova e bonita. Não compreendes, Ana, que a minha juventude e a minha beleza me foram arrebatadas?... E por quem? Por ele e pelos seus filhos. Tudo sacrifiquei por eles, e agora que já não presto para nada, é natural que ele prefira uma jovem, embora vulgar. Naturalmente divertiram-se à minha custa, ou pior ainda, esqueceram-se por completo de que eu existia. — Uma expressão de ódio perpassou nos olhos de Dolly. — E que poderá ele vir dizer-me agora, depois disto?... Como hei-de eu acreditar nele? Nunca. Não, agora tudo acabou, tudo, tudo o que constituía a consolação, a recompensa dos trabalhos, dos sofrimentos... Serás capaz de acreditar? Estava dando a lição ao Gricha, o que antigamente para mim era uma alegria, e com que tormento o faço agora! Para que me esforço eu? Para que trabalho? É horrível que tudo se haja modificado na minha alma: em vez de amor e de ternura, ia não tenho dentro de mim senão ódio, sim, é ódio que eu sinto. Era capaz de matá-lo...

— Dolly, querida, compreendo perfeitamente, mas não te atormentes. Sentes-te tão ofendida e estás tão excitada que não és capaz de ver as coisas como elas realmente são.

Dolly serenou, e ambas ficaram caladas.

— Que hei-de fazer, Ana? Pensa e ajuda-me. Já examinei tudo e não me ocorre nada.

Para Ana afigurava-se-lhe difícil encontrar uma solução, mas cada palavra, cada olhar da cunhada achavam eco no seu coração.

— Uma coisa te posso dizer: sou irmã dele e conheço-lhe o carácter e a capacidade que tem de tudo esquecer — levou a mão à cabeça

— , essa capacidade de se deixar seduzir completamente, mas, ao mesmo tempo, de cair em si e de se arrepender. Agora não compreende, não concebe que tenha sido capaz de proceder dessa maneira.

— Oh, não! — interrompeu-a Dolly. — Compreende-o, sempre o compreendeu perfeitamente. Aliás, pareces esquecer-te de mim, pois, ainda que assim fosse da parte dele, nem por isso eu sofreria menos.

— Ouve. Confesso-te que quando ele me falou eu não compreendi todo o horror da situação. Só via que ele me fazia pena, e à desordem do vosso lar. Foi dele que tive pena, mas agora, ao falar contigo, como mulher que sou, vejo as coisas de outra maneira: vejo o teu sofrimento e não sei dizer-te quanto te lastimo. Mas Dolly, minha querida, embora compreenda plenamente as tuas dores, uma coisa ignoro: até que ponto, no fundo do teu coração, ainda lhe queres. Só tu poderás saber se esse amor ainda chega para lhe poderes perdoar. Se ainda lhe queres o suficiente, perdoa-lhe.

— Não — ia dizer Dolly, mas Ana interrompeu-a, dando-lhe outro beijo na mão.

— Conheço o mundo melhor do que tu — disse ela. — Sei como os homens do tipo do Stiva encaram estas coisas. Dizes que eles teriam falado de ti. Nada disso. Os homens assim cometem infidelidades, é certo, mas o lar e a mulher são sagrados para eles. Desprezam as outras mulheres, que não representam de maneira alguma um perigo para a família. Eu não posso compreender, mas é assim mesmo.

— Sim, mas ele beijou-a...

— Dolly, escuta, minha querida. Vi o Stiva quando estava enamorado de ti. Lembro-me da época em que vinha a minha casa, e chorava ao falar de ti, tão elevada e poeticamente te considerava, e sei que quanto mais tem vivido contigo tanto mais te respeita. Costumávamos rir-nos dele, porque estava sempre a dizer: “A Dolly é uma mulher excepcional.” Sempre foste e sempre continuarás a ser para ele uma divindade; ora, no capricho que ele teve agora o coração nunca entrou.

— Mas se volta a fazer o mesmo?

— Isso parece-me impossível.

— E tu, no meu lugar, perdoarias?

— Não sei, não me é possível julgar... — e, depois de pensar um momento, depois de sopesar mentalmente a situação, acrescentou: — Sim, seria capaz de o fazer! Não voltaria a ser a mesma, mas perdoar-lhe-ia... e perdoar-lhe-ia como se nada se tivesse passado, absolutamente nada.

— Claro, pois de outro modo não seria perdoar — interrompeu-a Dolly, com vivacidade, como se dissesse qualquer coisa em que já pensara mais de uma vez. — Sim, quando se perdoa, tem de perdoar-se de maneira completa, absoluta... Anda, vamos, quero acompanhar-te ao teu quarto — acrescentou, pondo-se de pé e logo em seguida abraçando-a.

— Minha querida, que bem fizeste em teres vindo. Sinto-me aliviada, muito aliviada.

CAPÍTULO XX

Ana não saiu de casa naquele dia, quer dizer, de casa dos Oblonski, e não recebeu ninguém, nenhuma das pessoas que, prevenidas da sua chegada, a vieram visitar. Passou toda a manhã com Dolly e com as crianças. Entretanto mandara recado ao irmão, pedindo-lhe que viesse sem falta a casa. "Vem", dizia-lhe ela; "a misericórdia de Deus é infinita!"

Oblonski jantou, pois, em casa; mantiveram uma conversa geral e a mulher tratou-o por tu, coisa que não fazia desde o que acontecera. As relações entre os dois permaneciam tensas, mas já não se falava em separação e Stepane Arkadievitch vislumbrava a possibilidade de chegarem a um acordo e reconciliarem-se.

Logo que acabaram de jantar, apareceu Kitty. Mal conhecia Ana Karenina e não sabia como a iria receber essa grande dama petersburguesa, que todos elogiavam tanto. Mas não tardou a tranqüilizar-se, pois sentiu que a sua beleza e a sua juventude agradavam a Ana, de quem, de resto, ela própria desde logo se encantou, como acontece às vezes às jovens que ficam como que fascinadas pelas mulheres casadas mais velhas do que elas. Ana não parecia uma senhora da sociedade nem a mãe de um filho de oito anos, mas uma garota de vinte anos, a julgar pela flexibilidade dos seus gestos, a frescura e a vivacidade da expressão, que ora lhe transparecia nos lábios ora nos olhos, agora séria e logo triste, coisa que muito surpreendeu Kitty. Foi precisamente esta particularidade que a seduziu: para além da simplicidade e da franqueza de Ana, adivinhava todo um mundo de poesia, misterioso, complexo, que se lhe afigurava inacessível. Depois do jantar, quando Dolly se retirou para os seus aposentos, Ana levantou-se e aproximou-se do irmão, que acendia um cigarro.

— Stiva — disse-lhe ela, persignando-se, ao mesmo tempo que lhe indicava com os olhos a porta da sala —, vai e que Deus te ajude!

Oblonski compreendera e jogando fora o cigarro desapareceu, enquanto Ana voltava para junto das crianças. Em virtude da afeição que viam a mãe testemunhar-lhe ou apenas porque ela os conquistara de uma só vez, os dois mais velhos, e depois os mais novos, imitando-os, já antes do jantar se tinham agarrado às saias daquela nova tia e não queriam por nada deste mundo abandoná-la. Entre eles estabelecera-se uma espécie de jogo que consistia em se sentarem o mais perto possível dela, em tocar-lhe, em pegar-lhe na minúscula mão, dar-lhe beijos e brincar com o anel que ela trazia, ou pelo menos

em se roçarem na sua saia.

— Bom, vamos outra vez para os nossos lugares, como estávamos há pouco — disse Ana Arkadievna, instalando-se no seu cantinho.

Gricha voltou a passar a cabeça por debaixo do braço de Ana, aninhando-se no vestido de seda, orgulhoso e radiante de felicidade.

— Quando é o próximo baile? — perguntou Ana a Kitty.

— Na semana que vem. Vai ser magnífico. Um desses bailes em que as pessoas estão sempre alegres.

— Há realmente bailes em que estejamos sempre alegres? — perguntou Ana com uma ligeira ironia.

— Embora pareça estranho, a verdade é que há. Em casa dos Bobrietchev estamos sempre alegres e em casa dos Nikitine também. Em compensação, na dos Mechkov estamos sempre aborrecidos. Nunca reparou nisso?

— Não, querida. Para mim já não existem desses bailes em que estamos sempre divertidas — disse Ana, e Kitty viu que lhe transparecia nos olhos esse mundo singular que nunca lhe fora revelado. — Para mim, há bailes menos penosos e menos aborrecidos...

— Como pode a senhora aborrecer-se num baile?

— Por que não havia "eu" de me aborrecer num baile? — perguntou Ana.

Kitty percebeu que Ana sabia a resposta que ela lhe iria dar.

— Porque é a mais bela de todas.

Ana corou, coisa que lhe acontecia freqüentemente, e disse:

— Em primeiro lugar, não é verdade. E ainda que o fosse, de que me serviria?

— Assistirá a esse baile? — perguntou Kitty.

— Vejo que não terei outro remédio senão assistir. Toma, apanha-o — disse a Tânia, que procurava tirar-lhe o anel, que lhe deslizava com facilidade pelo dedo branco e afilado.

— Gostaria muito que fosse. Seria tão bom vê-la no baile!

— Se me vir obrigada a ir, ao menos consolar-me-á a ideia de que lhe darei com isso satisfação... Gricha, não me puxes pelo cabelo, que já estou bastante despenteada — protestou, ajeitando um cacho de cabelos com que o pequeno se entretinha.

— Estou a vê-la no baile vestida de lilás.

— Por que há-de ser de lilás? — perguntou Ana, sorrindo. — Vamos, meninos, não estão a ouvir Miss Hull chamá-los para o chá? — acrescentou, repelindo as crianças, que se dirigiam à sala de jantar. — Já sei por que quer que eu vá ao baile. Espera muito dessa noite e deseja que todos tomem parte no seu triunfo.

— É verdade. Como sabe?

— Oh! Feliz idade a sua! Conheço-a, recordo muito bem essa neblina azul que faz lembrar a das montanhas suíças, essa bruma que tudo envolve, na época ditosa em que a infância está prestes a acabar, quando esse grande círculo divertido e feliz se converte num caminho cada vez mais estreito, num desfiladeiro ao mesmo tempo alegre e angustioso, embora pareça diáfano É encantador... Quem não passou por isso?

Kitty sorria, calada. “Como teria ela vivido esse tempo? Gostaria tanto de saber!”, pensou, recordando a figura pouco poética de Alexei Alexandrovitch, o marido de Ana.

— Sei alguma coisa a seu respeito. O Stiva contou-me. Felicito-a. Acho Vronski um rapaz muito agradável, encontrei-o na estação — prosseguiu Ana.

— Ah! Esteve na estação? — perguntou Kitty, corando. — E que lhe disse o Stiva?

— Contou-me tudo. Da minha parte, teria muita satisfação... Fiz a viagem com a mãe de Vronski, que me falou dele todo o tempo; é o seu filho predilecto. Bem sei que as mães são parciais, no entanto...

— E que lhe contou?

— Oh! Muitas coisas. E embora eu saiba que é o seu filho predilecto, vê-se bem que é um cavalheiro. Contou-pie, por exemplo, que Vronski quis ceder todos os seus bens ao irmão e que criança ainda fez uma proeza extraordinária: salvou uma mulher de morrer afogada. Numa palavra: é um herói — disse Ana, sorrindo.

E lembrou-se dos duzentos rublos que Vronski dera ao empregado da estação. Disso, porém, não falou a Kitty. Lembrava-se dessa circunstância com um certo mal-estar, pois sentira nesse acto qualquer coisa que se relacionava com ela, algo que fora melhor não ter acontecido.

— Pediu-me muito que a fosse visitar, e terei grande satisfação em tornar a ver essa velhinha. Irei a casa dela amanhã. Graças a Deus, Stiva está-se demorando muito com Dolly no gabinete — acrescentou Ana, mudando de assunto e pondo-se de pé, contrariada por qualquer motivo, segundo pareceu a Kitty.

— Eu primeiro! Não, eu! — gritavam os pequenos, que tinham acabado de tomar o chá e corriam ao encontro de Ana.

— Todos ao mesmo tempo — exclamou ela. E rindo, correu para eles, abraçando o bando de crianças buliçosas que chilreavam entusiasmadas.

CAPÍTULO XXI

Depois do chá das crianças, foi servido o chá dos adultos. Dolly saiu sozinha do quarto de dormir, pois Stepane Arkadievitch devia ter saído por outra porta

— Tenho receio de que sintas frio no quarto lá de cima — observou Dolly, dirigindo-se à cunhada. — Vou-te instalar lá em baixo e assim ficaremos mais perto

— Não te preocupes comigo — replicou Ana, fitando Dolly, procurando descobrir se a reconciliação era um facto.

— Aqui ter ás melhor luz.

— Garanto-te que durmo como uma pedra seja onde for.

— De que se trata? — perguntou Stepane Arkadievitch, que saíra do escritório e se dirigia à mulher.

Ana e Kitty compreenderam imediatamente pelo tom da voz dele que se tinham reconciliado.

— Queria instalar Ana aqui em baixo, mas é preciso pôr umas cortinas. Ninguém será capaz de fazê-lo, e terei eu mesma de pô-las — replicou Dolly.

"Só Deus sabe se se teriam reconciliado de todo", pensou Ana, ao ouvir o tom frio e severo da voz da cunhada.

— Bom, não vale a pena complicar as coisas, Dolly! — volveu Stepane Arkadievitch. — Mas, se quiseres, eu me encarregarei de tudo. "Sim, devem ter-se reconciliado", reconsiderou Ana.

— Sim, já sei. Mandarás o Matvei fazer coisas impossíveis. E depois ir-te-ás embora, deixando que ele faça tudo ao contrário — replicou Dolly.

E o costumeiro sorriso irônico franziu-lhe as comissuras dos lábios.

"Graças a Deus, a reconciliação é completa, completa", voltou Ana a pensar. E contente por ter concorrido para isso, aproximou-se de Dolly e beijou-a.

— Ora, ora! Por que nos tens em tão pequena conta, a mim e ao Matvei? — perguntou Stepane Arkadievitch com um imperceptível sorriso.

Durante toda a tarde, Dolly conservou se ligeiramente irônica para com o marido e este mostrou-se contente e alegre, mas não tanto que desse a entender que, uma vez perdoado, se esquecera por completo da sua culpa. As nove e meia o serão familiar, particularmente alegre

e agradável, à mesa do chá dos Oblonski, foi interrompido por um acontecimento dos mais vulgares, o qual, no entanto, sem qualquer motivo, a todos pareceu surpreendente. Falavam de amigos comuns de Sampetersburgo quando, de súbito, Ana se levantou.

— Vou mostrar-lhes a fotografia do meu Seriocha — disse ela com um sorriso de orgulho maternal — Tenho-a comigo no meu álbum.

Por volta das dez horas da noite é que ela habitualmente costumava despedir se do filho. Muitas vezes, mesmo, antes de sair para um baile, era ela quem o deitava por suas próprias mãos. Eis por que, quando essa hora se aproximava, sempre se sentia triste quando estava longe dele. Fosse qual fosse o assunto de que se falasse, tinha sempre de pensar no garotinho de cabelinho encaracolado. Assim, um grande desejo a assaltou de falar nele e de lhe contemplar o retrato. E aproveitando o primeiro pretexto, saiu da sala no seu passo ligeiro e decidido. A escadinha que conduzia ao seu quarto dava para um patamar da escadaria principal muito aquecida. No momento em que Ana deixava o salão, retinia a campainha do vestíbulo.

— Quem será? — perguntou Dolly.

— É cedo ainda para me virem buscar, mas, para uma visita, já é tarde — observou Kitty.

— Naturalmente são alguns documentos para mim — interveio Stepane Arkadievitch.

Quando Ana atravessava o patamar da escadaria, subia o criado para anunciar a pessoa recém chegada, nessa altura sob a luz do candelabro, em baixo, no átrio Ana olhou para o fundo das escadas e logo reconheceu Vronski, ao mesmo tempo que um estranho sentimento de alegria e receio lhe agitava o coração Vronski, de capote, procurava qualquer coisa no bolso. No momento em que Ana atingia o centro do patamar, ergueu os olhos e ao vê-la o seu rosto reflectiu confusão e receio. Ana desapareceu, com um ligeiro aceno de cabeça, e daí a pouco ouvia se a sonora voz de Stepane Arkadievitch, que convidava Vronski a subir, e a deste, baixa, suave e serena, que recusava.

Quando Ana voltou com o álbum, Vronski já não estava e Stepane Arkadievitch contava que o amigo, de passagem, quisera informar-se acerca de um jantar em organização para homenagear uma celebridade que vinha de fora.

— Não quis subir por nada deste mundo! Que original! — acrescentou.

Kitty corara. Julgava só ela compreender a razão por que Vronski ali aparecera, e porque se recusara a subir “Naturalmente foi a minha

casa e, como eu não estivesse, pensou, talvez, encontrar-me aqui. Mas não quis entrar por ser tarde e pela presença de Ana."

Todos se entreolharam sem dizer palavra e em seguida puseram-se a folhear o álbum de Ana. Não havia nada de particular nem de estranho no facto de alguém visitar um amigo às nove e meia de noite para colher um informe sobre um banquete que se estava a organizar e não ter querido subir, mas a verdade é que a todos surpreendeu. E a pessoa mais surpreendida fora Ana, que achara aquilo uma impertinência.

CAPÍTULO XXII

O baile principiara havia pouco quando Kitty e a mãe apareceram na escadaria iluminada, cheia de flores, ao longo da qual se postavam os criados de libré vermelha e cabeleira empoada. Do patamar decorado com arbustos onde, diante de um espelho, elas ajeitavam o penteado, ouvia se um zunzum, semelhante ao de uma colméia, e os sons melodiosos dos violinos da orquestra começando a primeira valsa. Um senhor pequenino e idoso, que alisava os escassos fios de cabelos brancos diante de outro espelho, recendendo a perfume, afastou-se para as deixar subir os últimos degraus, extático diante da beleza de Kitty, a quem não conhecia. Um desses jovens imberbes, de colete muito decotado, a quem o velho príncipe Tcherbatski chamava "peralvilhos", cumprimentou-as, de passagem, enquanto compunha a gravata branca. Mas logo voltou atrás para pedir a Kitty que lhe concedesse a primeira quadrilha. Como já estava comprometida com Vronski, concedeu-lhe a segunda dança. Um militar, que abotoava as luvas junto à porta do salão, afastou-se para deixar passar Kitty e, retorcendo o bigode, pareceu fascinado diante daquela aparição toda vestida de rosa.

Embora o vestido, o penteado e os demais preparativos para o baile lhe tivessem custado muitos esforços, o certo é que Kitty entrava agora no salão de baile tão natural e simples, no seu complicado vestido de tule sobre um forro cor-de-rosa, como se todas aquelas rosinhas e rendas, todos aqueles enfeites não lhe tivessem custado, e aos seus, um minuto de atenção. Dir-se-ia ter nascido assim mesmo, já com aquele vestido de tule e aquele penteado alto coroado por uma rosa com duas folhas.

Quando a princesa mãe, antes de entrar no salão de baile, quis arranjar o cinto da filha, que se engelhara, Kitty afastara-a, relutante, pois sentia que tudo lhe assentava bem e caía com graça, que nada era preciso corrigir.

Realmente, estava num dos seus dias felizes: o vestido não a comprimia, assentava-lhe perfeitamente, nenhum dos adornos se amarrotara ou descosera, os sapatos cor-de-rosa, de salto alto, não apertavam, antes pareciam acariciar-lhe os pèzinhos, os bandos postiços, que lhe enchumaçavam os cabelos louros, não lhe pesavam na cabeça grácil, as luvas de canhão alto, sem uma ruga, moldavam-lhe o antebraço, apertados os seus três botões, sem se esgarçar, e a fitinha de veludo, de que pendia o medalhão, cingia-lhe o pescoço com uma graça sem par. De facto, aquela fita era um encanto, e Kitty, que diante do espelho do quarto já pudera verificar que lhe ficava

muitíssimo bem, sorriu-lhe de novo ao revê-la num dos espelhos da sala de baile Podia ter algum receio quanto ao resto da *toilette,* mas quanto àquele veludo, não, não tinha nada a dizer. Os ombros e os braços nus davam-lhe a sensação de uma frialdade marmórea, sensação de que particularmente gostava. Os olhos brilhavam-lhe e a certeza de que tinha de estar um encanto confiava-lhe aos lábios um sorriso involuntário.

Um enxame de raparigas, massas de tule, de fitas, de rendas, de flores, aguardava os seus pares, mas Kitty, nem agora nem em outra qualquer noite precisava de se lhes juntar mal entrara na sala, logo fora convidada pelo melhor dos pares, o mestre-de-cerimônia e organizador de bailes, um homem casado, belo, elegante, o Sr. Egoruchka Korsunski. Acabava de deixar a condessa Banine, com quem abrira o baile, quando, relanceando um olhar aos seus domínios, isto é, a um grupo de pares que valsavam, descobriu Kitty que entrava no salão. Imediatamente se lhe dirigiu, nesse passo desenvolto, característico dos organizadores de bailes, e sem mesmo lhe pedir autorização, passou-lhe o braço pela cintura fina Kitty procurou com os olhos a quem entregar o leque a dona da casa pegou nele, sorrindo.

— Fez muito bem em ter vindo cedo — disse ele, no momento em que a enlaçava —Não compreendo essa mama de chegar tarde.

Kitty pousou a mão esquerda no ombro de Korsunski e os seus pèzinhos, nos sapatos cor-de-rosa, deslizaram, ao compasso da música, pelo soalho encerado.

— É um descanso dançar consigo — disse Korsunski mal deram os primeiros passos lentos da valsa — num encanto de ligeireza, de précisto — acrescentou.

Costumava dizer o mesmo a todas as suas conhecidas. Mas Kitty sorriu ao ouvir o elogio e continuou a olhar para a sala por cima do ombro de Korsunski. Não era nem uma principiante, que confunde o rosto de todos os assistentes na embriaguez das primeiras impressões, nem tão-pouco uma dessas jovens já fartas de bailes a quem todos os rostos conhecidos apenas inspiram tédio. Nem uma coisa nem outra. Por mais excitada que estivesse, nem por isso deixava de se dominar, mantendo íntegra a sua faculdade de observação. Notou, por isso mesmo, que a nata da sociedade se agrupava no ângulo esquerdo da sala. Ali estava a dona da casa e a mulher de Korsunski, a bela Lídia, escandalosamente decotada, Krivne, que privava sempre com a alta-roda, exibia a sua calvície. Os rapazes olhavam de longe aquele grupo sem se atreverem a aproximar-se. E foi ali também que ela descobriu Stiva e depois a deliciosa cabeça de Ana e o seu elegante corpo moldado num vestido de veludo negro “Ele” também lá estava Kitty

não o tornara a ver desde a noite em que recusara a proposta de Levine. Os seus penetrantes olhos reconheceram no de longe, notou mesmo que ele a olhava.

— Quer dar mais uma volta? Não está cansada, pois não? — perguntou Korsunski, ligeiramente sufocado.

— Não, muito obrigada.

— Aonde quer que a acompanhe?

— Está ali a Karenina, parece Leve me até junto dela.

— Com todo o gosto.

E Korsunski, retardando o passo, mas valsando sempre, encaminhou-se para o grupo da esquerdá-la dizendo *"Pardon, Mesdames; pardon, pardon, Mesdames",* e tão bem a conduzia pelo meio daquela onda de rendas, de tules e de fitas, que nem uma só pluma se lhe prendeu ao vestido. Ao chegar ao seu destino, fez o seu par dar uma brusca pirueta, e a cauda do vestido de Kitty, desdobrando-se como um leque, veio pousar nos joelhos de Krivine, enquanto as delgadas pernas da dançarina, nas suas meias transparentes, se descobriam e mostravam Korsunski fez uma reverência, empertigou-se ligeiro e ofereceu-lhe o braço para conduzi-la até junto de Ana Arkadievna. Kitty, corando, um pouco aturdida, afastou a cauda do vestido dos joelhos de Krivine e volveu os olhos em busca de Ana. Esta não estava vestida de lilás, como tanto teria desejado Kitty. Um *toilette* de veludo preto, muito decotada, desnudava lhe os ombros esculturais, que lembravam velho marfim, assim como o colo e os braços roliços, de pulsos finos. Rendas de Veneza guarneciam lhe o vestido. Nos cabelos negros, sem postiços, ostentava uma grinalda de amores-perfeitos, combinando com outra que lhe adornava a fita preta do cinto, rematada por rendas brancas Estava penteada com muita simplicidade. Apenas alguns caracóis de cabelo frisado na nuca e nas fontes se lhe eriçavam rebeldes. Em volta do pescoço bem torneado brilhava um fio de pérolas.

Kitty, fascinada, todos os dias, em imaginação, via Ana vestida de lilás. Mas só agora, ao vê-la de preto, percebia que não apreendera todo o seu encanto. Via-a sob um aspecto novo e inesperado. Agora compreendia que o lilás não lhe ficasse bem. O seu grande encanto resultava precisamente desse relevo da sua personalidade. O que vestia passava despercebido Enquanto um vestido lilás a teria exibido, este, ao contrário, não obstante as sumptuosas rendas, era apenas uma moldura discreta que lhe punha em evidência a inata elegância, o encanto, a perfeita naturalidade.

Como sempre, lá estava, erecta, e quando Kitty se aproximou do

grupo, ela, de cabeça ligeiramente inclinada, falava com o dono da casa.

— Não, não serei eu quem atire a primeira pedra, embora o não compreenda — replicava Ana a um argumento daquele, e encolhendo os ombros, logo se dirigiu a Kitty com um meigo sorriso protector. Num rápido olhar, muito feminino, apreciou a maneira como ela estava vestida, esboçando, aprovador, um breve aceno de cabeça, que não escapou a Kitty.

— Parece que entrou na sala a dançar — disse-lhe ela.

— É uma das minhas melhores colaboradoras — observou Korsunski, numa reverência a Ana Arkadievna, que ainda não cumprimentara. — A princesa contribuiu para tornar o baile encantador e alegre. Ana Arkadievna, uma valsa? — disse, numa mesura.

— Ah, conhecem-se? — observou o dono da casa.

— Quem é que nos não conhece, à minha mulher e a mim? Somos o lobo branco. Esta valsa, Ana Arkadievna?

— Nunca danço, sempre que o posso evitar.

— Hoje não pode — teimou Korsunski. Vronski aproximou-se naquele momento.

— Está bem, já que hoje é impossível, dancemos — acedeu Ana Arkadievna, fingindo não ver o cumprimento que Vronski lhe dirigia e colocando, apressadamente, a mão no ombro de Korsunski.

"Por que estará ela enfadada com ele?", pensou Kitty, notando que Ana não respondera, intencionalmente, ao cumprimento de Vronski. Este aproximou-se de Kitty, lembrou-lhe que lhe prometera a primeira quadrilha e que lamentava não ter tido o prazer de a ver antes. Kitty ouvia-o enquanto, embevecida, contemplava Ana, que dançava. Julgara que Vronski a iria convidar para aquela valsa, mas ele não a convidou, e Kitty olhou-o surpreendida. Perturbado, Vronski deu-se pressa em convidá-la, mas quando passava o braço pela cintura da jovem e dava o primeiro passo, a música parou. Kitty fitou-lhe o rosto, que tão próximo estava do seu, e por muito tempo, anos e anos depois, sempre que lembrava o olhar cheio de amor que então lhe dirigira e a que ele não correspondera, atormentava-se envergonhada,

— *Pardon, pardonP* A valsa, valsa — gritou Korsunski do outro extremo do salão.

E enlaçando a primeira senhora que lhe passava perto, principiou a rodopiar.

CAPÍTULO XXIII

Vronski e Kitty deram alguns passos de dança. Depois Kitty foi para junto da mãe e mal teve tempo de trocar algumas palavras com a condessa Nordston, pois Vronski veio tirá-la para a primeira quadrilha Enquanto falaram nada disseram de especial, a conversa girou à volta do casal Korsunski, que Vronski descrevia de maneira assai cômica, como se fossem crianças de quarenta anos, e de um espectáculo de amadores em organização. Só uma vez a conversa tocou Kitty vivamente, quando Vronski, lhe perguntou se Uvine estava no baile, acrescentando que minto gostara dele. Aliás, Kitty pouco esperava da quadrilha, toda a sua esperança estava na mazurca. Acreditava que, nessa ocasião, tudo se decidira. Nem sequer se sentiu preocupada com o facto de Vronski não a ter convidado para a mazurca enquanto dançavam a quadrilha. Tinha a certeza de que a convidaria, como nos bailes anteriores, e recusou cinco pares sob o pretexto de estar comprometida. Todo o baile, até à ultima quadrilha, foi para Kitty um sonho encantador, cheio de cores, de sons e de movimentos harmoniosos. Só não dançava quando se sentia muito cansada e pedia que a deixassem descansar. Mas, durante a última quadrilha, que dançara com um rapaz enfadonho, a quem não pudera furtar-se, encontrou-se frente a frente com Vronski e Ana. Não voltara a ver Ana desde o princípio do baile e de novo ela se lhe apresentou sob um aspecto novo e inesperado. Viu em Ana aquela excitação que o êxito dá, tão sua conhecida. Dir-se-ia embriagada pela admiração que despertava em volta de si. Kitty conhecia essa sensação com todos os seus sintomas, e era o que via em Ana: o brilho inflamado dos olhos e o sorriso feliz e animado que, mal-grado ela, lhe assomava aos lábios, bem como a graça, a segurança e a ligeireza dos movimentos.

"Quem será?", perguntou a si própria. "Todos ou um apenas?" E sem prestar atenção ao rapaz com quem rodopiava, que fazia grandes esforços para reatar a conversa interrompida, e obedecendo, automaticamente, aos gritos imperiosos de Korsunski, que a todos ordenava um *grand rond,* ora a *chaine,* Kitty observava-a enquanto o coração se lhe primia. "Não, não é a admiração geral que a embriaga, mas a admiração de um só. Será possível que seja a dele?" De cada vez que Vronski lhe falava, os olhos de Ana brilhavam alegres, e um sorriso de felicidade lhe aflorava aos lábios vermelhos. Dir-se-ia que fazia tudo para não deixar transparecer esses indícios de alegria, que se manifestavam apesar de tudo. "Mas que tem ela?", pensou Kitty, olhando Vronski horrorizada. No rosto dele viu o que tão claramente vira no de Ana. Onde estava a sua atitude, sempre firme e serena, e a

sua expressão despreocupada e tranqüila? Agora, de cada vez que se dirigia a Ana, inclinava ligeiramente a cabeça, como se desejasse cair-lhe aos pés, e no seu olhar tudo era receio e submissão. “Não quero ofendê-la, quereria apenas salvar-me e não sei como”, parecia dizer o olhar dele. Kitty nunca vira aquela expressão no rosto de Vronski.

Ana e Vronski falavam das suas relações, a conversa era trivial, mas Kitty persuadia-se de que cada palavra que pronunciavam decidia ao mesmo tempo da sorte deles e da sua própria. E o mais estranho é que, embora na realidade comentassem o ridículo de Ivan Ivanovitch a falar um péssimo francês, e achassem que se poderia ter encontrado melhor partido para a Ieletskaia, de facto, as palavras que diziam tinham outro significado para eles, coisa de que se davam conta com tanta evidência como a própria Kitty. O baile, as luzes, tudo se velou de névoa na alma desta. A única coisa que a amparava era a sua rígida educação, que a forçava a fazer o que convinha, isto é, a dançar, a responder às perguntas que lhe faziam, a falar e até a sorrir. Mas antes de começar a mazurca, já colocadas as cadeiras e um certo número de pares a passar das salas pequenas para o salão, encheu-se de desespero e horror. Recusara cinco pares e ia ficar sem parceiro para a mazurca. Não tinha já esperança de que a convidassem, pois, como era grande o êxito que desfrutava em sociedade, ninguém pensava que naquela altura ainda estivesse sem par. Ver-se-ia obrigada a dizer à mãe que se sentia indisposta e que tinha de voltar para casa, embora lhe faltasse ânimo para isso. Era grande o seu abatimento.

Refugiando-se a um canto de uma das salinhas, deixou-se cair numa poltrona. A vaporosa cauda do vestido, envolvendo-a, parecia uma nuvem; uma das delicadas e finas mãos descaiu-lhe, ocultando-se entre as pregas do vestido; na outra tinha o leque, que de vez em quando agitava em rápidos movimentos diante do rosto arrebatado. No entanto, apesar desse aspecto de mariposa que acaba de pousar na relva, pronta a bater de novo as asas irisadas, uma terrível angústia lhe oprimia o coração.

“Talvez me tenha enganado, talvez não seja nada disso.” E de novo recordou tudo o que vira.

— Kitty, que tens tu? Não percebo nada — disse, entretanto, a condessa Nordston, que se aproximara silenciosamente, os passos abafados pelo tapete.

O lábio inferior de Kitty tremeu e ela ergueu-se precipitadamente.

— Kitty, não danças a mazurca?

— Não — respondeu ela, numa voz em que as lágrimas tremiam.

— Convidou-a para dançar a mazurca diante de mim — disse a

condessa, certa de que Kitty saberia a quem ela aludia. — E ela perguntou-lhe: “Então não a dança com a princesa Tcherbatskaia?”

— Tanto faz! — atalhou Kitty.

Ninguém, a não ser ela própria, podia compreender a situação em que se encontrava: ninguém se não ela sabia que recusara a proposta de um homem a quem talvez amasse, por acreditar noutro.

A condessa Nordston foi em busca de Korsunski, com quem dançaria a mazurca, e pediu-lhe que convidasse Kitty.

Kitty abriu a mazurca com Korsunski, felizmente sem necessidade de falar, uma vez que este ia de um lado ao outro dirigindo os pares. Vronski e Ana estavam sentados mesmo defronte dela. Via-os ora longe ora perto quando os pares se cruzavam, e quanto mais os observava mais se convencia da sua infelicidade. Adivinhava que ambos se sentiam completamente sós no meio do salão. E o rosto de Vronski, sempre tão resoluto e sereno, reflectia agora aquela expressão submissa e atemorizada que tanto a impressionara, fazendo-lhe lembrar a expressão de um cão inteligente quando se sente culpado.

Ana sorria e o seu sorriso comunicava-se a Vronski. Se porventura ficava pensativa, ele punha-se sério. Uma força sobrenatural atraía para Ana os olhos de Kitty. Estava encantadora com o seu vestido negro muito simples; os seus torneados braços, cingidos por pulseiras, eram belos; belo era o seu colo alto, em que avultava o fio de pérolas; encantadores os graciosos e ligeiros movimentos dos seus pèzinhos e das suas mãos; fascinante o seu rosto animado. No seu encanto, porém, havia qualquer coisa de cruel e de terrível.

Kitty olhava-a mais fascinada ainda do que até então e cada vez era maior o seu sofrimento. Sentia-se esmagada, e isso mesmo se lia no seu rosto. Quando Vronski a viu, ao encontrar-se com ela durante a mazurca, não a reconheceu logo, tão mudada estava.

— Que baile magnífico! — disse, para dizer alguma coisa.

— Pois é — respondeu Kitty.

Lá para o meio da mazurca, quando se ensaiava uma complicada figura inventada por Korsunski, Ana teve de colocar-se no centro do círculo e escolher dois cavalheiros e duas senhoras. Uma das senhoras que escolheu foi Kitty. Kitty aproximou-se, olhando-a, receosa. Ana, semicerrando os olhos, fitou-a sorrindo enquanto lhe apertava a mão. Mas ao ver que Kitty lhe respondia com uma expressão de angústia e surpresa, voltou-se e pôs-se a falar alegremente com outra senhora.

“Sim, há nela uma sedução estranha, diabólica”, pensou Kitty consigo mesma.

Ana não queria ficar para a ceia, mas o dono da casa insistiu.

— Fique, Ana Arkadievna — disse Korsunski, puxando-a pelo braço nu — Tenho uma ideia para o *cotillon. Un bijou!*

E procurava arrastá-la, encorajado pelo sorriso do anfitrião.

— Não, não posso ficar — respondia Ana, sorrindo. No entanto, apesar daquele sorriso, tanto o dono da casa como Korsunski compreenderam, graças ao seu tom decidido, que ela não ficaria.

— Já dancei hoje mais em Moscovo do que durante um ano inteiro em Sampetersburgo. Preciso de descansar antes da viagem — acrescentou, voltando-se para Vronski, que estava junto dela.

— Sempre parte, realmente, amanhã? — perguntou ele.

— Sim, acho quê sim — volveu-lhe Ana, como que surpreendida com o atrevimento da pergunta.

Mas o irresistível brilho dos seus olhos e o sorriso que lhe lançou enquanto lhe dirigia a palavra abrasaram-no.

Ana Arkadievna partiu sem ter querido cear.

CAPÍTULO XXIV

"Sim, em mim há qualquer coisa de desagradável, qualquer coisa que afugenta", pensava Levine ao sair da residência dos Tcherbatski, enquanto se dirigia a pé para casa do irmão. "Não sirvo para conviver com as pessoas. Dizem que é orgulho, mas a verdade é que nem sequer sou orgulhoso. Se o fosse, não estaria na situação em que estou." E diante de seus olhos aparecia o feliz, o bom, o inteligente Vronski, o qual, com certeza, nunca se vira numa situação assim. "Era naturalíssimo que ela o preferisse. Não podia ser de outra maneira, e não devo queixar-me de nada nem de ninguém. A culpa é minha. Com que direito pensei eu que ela estivesse disposta a unir a sua vida à minha? Quem sou eu? Que sou eu? Um homem inútil, de quem ninguém precisa." Lembrou-se do irmão Nicolau e essa lembrança consolou-o. "Pois não tem ele razão quando diz que tudo neste mundo é mau e repugnante? Não sei se fomos justos armando-nos em juizes do nosso outro irmão. Naturalmente do ponto de vista de Prokofi, que o vê de pelica rota e bêbedo, é um homem desprezível; mas eu vejo-o de outra maneira. Conheço-lhe a alma e sei que nos parecemos um com o outro. E o certo é que em vez de o ter ido procurar fui jantar e depois apresentei-me ali."

Levine aproximou-se de um lampião, puxou da carteira, leu o endereço de Nicolau, chamou um carro de praça e deu a direcção ao cocheiro. Durante o longo trajecto foi recordando os episódios que conhecia da vida do irmão. Lembrou-se de que ele, durante os anos dos seus estudos universitários e mesmo até um ano depois de concluído o curso, apesar da troça dos amigos, vivera como um frade, cumprindo rigorosamente os preceitos da religião, assistindo à missa e praticando jejuns, evitando toda a sorte de prazeres e sobretudo mulheres. Depois, mudara de chofre, passando a acompanhar-se de gente da pior espécie e votando-se a uma vida dissoluta. Lembrou-se da história do garoto que trouxera da aldeia para educar e em quem batera tanto num momento de excitação que fora chamado ao tribunal para responder pelos maus tratos que lhe infligira. E também daquele grego a quem dera em pagamento de uma dívida de jogo uma letra de câmbio (a letra que Sérgio Ivanovitch acabava de pagar), denunciando-o depois por crime de estroquerie. De outra vez passara uma noite no comissariado da polícia por desordem na via pública. E ainda intentara um processo contra o irmão Sérgio, a quem acusava de não lhe ter entregue a parte que lhe cabia na herança materna. A sua última proeza fora quando viajara para a Polônia, em busca de trabalho, e se vira em sérios apuros, chamado ao tribunal, por haver

maltratado um magistrado. Evidentemente que tudo isto era odioso mas menos odioso, no entanto, aos olhos de Levine do que aos daqueles que não conheciam nem a vida nem o coração de Nicolau.

Levine recordou que na época em que Nicolau procurara na religião e nas suas práticas mais austeras um freio, um dique a opor à sua natureza apaixonada, ninguém o amparara, pelo contrário, todos, e ele em primeiro lugar, o tinham ridicularizado, chamando-o de eremita e beato. Quando Nicolau mudou, e o dique se rompeu, todos, em vez de o ampararem, se afastaram dele, desgostosos e horrorizados.

Levine dava conta de que no seu íntimo, no mais fundo da sua alma, apesar da vida depravada que levava, ele, o irmão, não era mais culpado do que os que o desprezavam. Não tinha culpa de ter nascido com aquele carácter indomável e aquela ilimitada inteligência. Sempre desejara ser bom. "Falar-lhe-ei com o coração nas mãos, obriga-lo-ei a fazer o mesmo e provar-lhe-ei que o estimo e portanto que o compreendo", decidiu Levine, falando consigo mesmo, ao chegar ao hotel que o endereço indicava, cerca das onze horas.

— Lá em cima, no 12 e no 13 — respondeu o porteiro, em resposta à pergunta de Levine.

— Está em casa?

— Creio que sim.

A porta do n° 12 estava entreaberta e do quarto desprendia-se um fumo espesso de tabaco ordinário. Levine ouviu, primeiro, uma voz desconhecida, e em seguida a conhecida tossezinha do irmão.

Quando entrou, numa espécie de vestíbulo, a voz desconhecida dizia:

— Tudo depende da habilidade e da prudência com que se fazem as coisas...

Levine olhou pela porta entreaberta e viu que quem falava era um rapaz de grande cabeleira que vestia uma *podiovka.* No divã estava sentada uma mulher nova, picada de bexigas, com um vestido de lã, sem mangas nem gola. Não se via Nicolau. Constantino Levine sentiu oprimir-se-lhe o coração ao ver a espécie de gente com quem o irmão privava. Ninguém dera por ele e Levine ficou a ouvir o que dizia o rapaz de *podiovka* enquanto descalçava as galochas. Falava de um negócio em projecto.

— Que o diabo as leve, às classes privilegiadas! — disse Nicolau, tossindo. — Macha, pede a ceia e serve-nos vinho, se o há; se não, manda-o vir.

A mulher levantou-se do divã, passou para o outro lado do tabique e

viu Constantino.

— Nicolau Dimitrievitch, está aqui um senhor — disse ela.

— Quem procura? — exclamou a voz irritada de Nicolau Levine.

— Sou eu — respondeu Constantino, aproximando-se da luz.

— Eu, quem? — exclamou Nicolau, ainda mais irritado.

Levine ouviu-o levantar-se de chofre, agarrando-se a qualquer coisa, para daí a momentos ver diante dele a alta silhueta descarnada e um pouco corcovada do irmão. Por mais familiar que lhe fosse a figura de Nicolau, o seu aspecto doentio e selvagem não deixou de o assustar.

Ainda estava mais magro que da última vez que o vira, três anos antes. Vestia uma sobrecasaca curta, e os seus braços e os seus ossos salientes ainda pareciam maiores. Tinha os cabelos menos fartos, o bigode que lhe escondia os lábios era ainda o mesmo e a mesma surpreendente ingenuidade se lia no olhar que fixava no recém-chegado.

— Ah! Kóstia! — exclamou, ao reconhecer o irmão, e nos olhos perpassou-lhe um lampejo de alegria.

Ao mesmo tempo, porém, virara-se para o amigo com aquele movimento convulsivo de cabeça e pescoço que Constantino tão bem lhe conhecia, como se a gravata o enforcasse, e uma expressão diferente — selvagem, de sofrimento e crueldade — se reflectiu no seu rosto magro.

— Já lhe mandei dizer, e também ao Sérgio Ivanovitch, que não quero nada com vocês. Que desejas? Que deseja o senhor?

Não era aquele o homem que Constantino imaginara ir encontrar. Ao pensar nele esquecera o pior e o mais penoso do carácter do irmão, o que tornava tão difícil o trato com ele. E agora, ao ver-lhe o rosto, e sobretudo aquele seu convulsivo movimento de cabeça, tudo lhe vinha à memória.

— Nada quero de ti — respondeu, com uma certa timidez. — Vim apenas para te ver.

A timidez de Constantino pareceu acalmar Nicolau. Contraiu os lábios.

— Ah, vens por desfastio? — disse ele. — Bom, entra, senta-te. Queres cear? Macha, traz três rações. Não, espera. Sabes quem é? — perguntou ao irmão, apontando para o rapaz da *podiovka.* — O Senhor Kritski, um amigo meu ainda do tempo de Kiev, um homem notável. Como é natural, anda perseguido pela polícia, pois não é um canalha. — E, segundo seu velho costume, relanceou os olhos por todos os que

o rodeavam. Ao ver que a mulher, ainda junto à porta, se dispunha a sair, gritou-lhe:

— Disse-te que esperasses!

E com aquela indecisão e aquela falta de eloqüência que Constantino tão bem lhe conhecia, pôs-se a contar ao irmão, depois de perpassar de novo a vista por todos, a história de Kritski: que fora expulso da Universidade por ter criado uma sociedade de auxílio aos estudantes pobres e às escolas dominicais, que se fizera professor de uma escola pública e também fora expulso dali, e que depois disso lhe haviam instaurado um processo.

— Estudou na Universidade de Kiev? — inquiriu Levine de Kritski, para interromper o silêncio desagradável que se formara no quarto.

— Sim, em Kiev — murmurou este, franzindo as sobrancelhas, numa expressão de enfado.

— E esta mulher, Maria Nikolaievna, é a companheira da minha vida — interrompeu Nicolau Levine, apontando Macha. — Tirei-a de uma casa... — ao dizer isto agitou convulsivamente o pescoço. — Mas quero-lhe e respeito-a e peço a todos que queiram entender-se comigo que lhe queiram e a respeitem. — É como se fosse minha mulher, tal qual como se o fosse. Bom, agora já sabes com quem estás a falar. Se achas que isso te rebaixa, a porta está ali, vai-te com Deus.

De novo percorreu os olhos pelos circunstantes, numa expressão interrogativa.

— Não sei por que havia de me rebaixar.

— Então, Macha, encomenda a ceia: que tragam três rações, vodka e vinho. Não, espera... Não, está bem... Raspa-te!

CAPÍTULO XXV

— Já vês — continuou Nicolau Levine, fazendo uma careta e enrugando a testa, pois não sabia lá muito bem que dizer ou que fazer —, como vês...

Apontou para um recanto do quarto onde estavam umas barras de ferro amarradas com cordas.

— Estás a ver aquilo? — conseguiu dizer, finalmente. — É o começo de uma nova obra a que nos vamos consagrar. Trata-se de uma cooperativa operária de produção...

Constantino quase não lhe prestava ouvidos. Observava-lhe o rosto de tuberculoso e cada vez era maior a compaixão que lhe inspirava. Não conseguia prestar atenção ao que ele dizia. Compreendia que aquela cooperativa era para ele apenas uma tábua de salvação: a forma de não se desprezar a si próprio por completo. Deixava-o, pois, perorar.

— Bem sabes que o capital oprime o trabalhador. Entre nós, os operários e os camponeses suportam todo o peso do trabalho, e as coisas estão feitas de tal maneira que por mais que trabalhem não conseguem passar de bestas de carga. Todos os benefícios, tudo o que permita ao trabalhador melhorar a sua condição, ter descanso e, por conseguinte, tempo para instruir-se, todos esses benefícios os capitalistas lhes roubam. A sociedade está organizada de tal maneira que quanto mais os operários trabalharem tanto mais amealharão os comerciantes e os donos da terra, continuarão aqueles a ser bestas de carga. É preciso modificar esta ordem de coisas — concluiu, olhando interrogativamente para o irmão.

— Claro, é natural — corroborou Constantino, notando a cor que aparecera nas maçãs salientes do rosto de Nicolau.

— Estamos a organizar uma cooperativa de serralheiros em que tudo será em comum: trabalho, lucros e até as principais ferramentas.

— Onde instalarão a cooperativa? — perguntou Levine.

— Na aldeia de Vozdrema, na província de Kazan.

— Por quê numa aldeia? Em geral nas aldeias não falta trabalho. Para que quererão ali uma cooperativa de serralheiros?

— Porque o camponês contínua escravo como antes e o que vos desagrada, tanto ao Sérgio como a ti, é que o vão tirar dessa escravidão — replicou Nicolau, irritado com a interrupção.

Constantino suspirou enquanto examinava o quarto sujo e lúgubre.

E aquele suspiro ainda pareceu irritar mais Nicolau.

— Conheço muitíssimo bem os pontos de vista aristocráticos de Sérgio Ivanovitch e os teus. Sei que ele põe em prática todo o vigor da sua inteligência para justificar o mal existente.

— Nada disso; mas para que é o Sérgio chamado aqui? — perguntou Levine, sorrindo.

— Por que chamo aqui o Sérgio Ivanovitch? Pois vou já dizer-te, vou já dizer-te! — vociferou Nicolau exasperado, ao ouvir o nome do irmão. — Mas, o que adianta discutir? Diz-me só uma coisa... Que vieste fazer? A nossa empresa não te merece senão desprezo, não é verdade? Está bem, mas então vai-te com Deus! Vai-te! Vai-te! — gritou, levantando-se. — Vai-te! Vai-te!

— Não a desprezo, nem sequer a estou a discutir — disse Constantino, timidamente.

Naquele momento entrava Maria Nikolaievna. Nicolau voltou-se para ela, irritado. Maria aproximou-se dele e disse-lhe qualquer coisa precipitadamente.

— Estou doente, tudo me irrita — murmurou Nicolau Levine, serenando e respirando penosamente. — E vens tu falar-me do Sérgio Ivanovitch e do artigo dele. É um absurdo, um embuste, a maneira de uma pessoa se enganar a si própria. Que há-de dizer da justiça um homem que não conhece a justiça? Leu o artigo dele? — perguntou a Kristki, enquanto voltava a sentar-se e se punha a juntar a um lado o monte de cigarros espalhados na mesa.

— Não — replicou Kritski, com uma expressão taciturna, como se não quisesse tomar parte na conversa.

— Por quê? — perguntou Nicolau Levine, exasperado desta vez com Kritski.

— Eu acho que não vale a pena perder tempo com essas coisas.

— Perdão, como sabe que é perder tempo? Esse artigo está para além da compreensão de muitos. Quanto a mim, é diferente. Eu conheço o fundo das suas ideias, conheço-lhe os pontos fracos.

Todos se calaram. Kritski levantou-se vagarosamente e pegou no chapéu.

— Não quer cear? Bom, então passe muito bem. Volte amanhã com o serralheiro.

Depois de Kritski sair, Nicolau Levine sorriu, piscando o olho.

— Este também não vale grande coisa. Vejo que... Naquele momento Kritski chamou-o da porta.

— Que é que há — perguntou Nicolau, que saiu ao patamar da escada.

Ao ficar sozinho com Maria Nikolaievna, Levine perguntou-lhe:

— Vive há muito tempo com meu irmão?

— Vai para dois anos. Piorou muito de saúde. Bebe de mais.

— Que me diz?

— Sim, bebe muita vodka, e isso faz-lhe muito mal.

— Será possível?

— Bebe — respondeu Macha.

E olhou receosa para a porta, onde nessa ocasião assomava Nicolau Levine.

— De que falavam? — perguntou ele, franzindo o sobrolho, enquanto olhava ora para um ora para outro, com olhos assustados. — De quê?

— De nada — replicou Levine, um pouco confuso.

— Se não queres dizer, não digas. Mas não tens nada que falar com ela. Ela é uma prostituta e tu és um cavalheiro — exclamou, com um movimento convulsivo do pescoço. — Estou vendo que percebeste tudo e que estás a mostrar compaixão para com os meus desvairamentos — acrescentou, alteando a voz.

— Nicolau Dimitrievitch, Nicolau Dimitrievitch — murmurou Maria Nikolaievna, aproximando-se dele.

— Bom, bom!... E a ceia? Ah! Lá vem ela — acrescentou, ao ver o criado com a bandeja. — Aqui, aqui, ponha aqui — disse, irritado, e imediatamente encheu um copo de vodka, que bebeu de um trago, avidamente. — Queres beber? — perguntou, já mais alegre, ao irmão. — Bom, deixemos o Sérgio Ivanovitch. Seja como for, estou contente por te ver. Por mais que diga, vocês não são uns estranhos para mim. Anda, bebe. Conta-me o que tens feito. Que vida levas? — continuou, enquanto mastigava com avidez um pedaço de pão e enchia outro copo de vodka.

— Vivo só na aldeia, como antigamente, e trato das terras — respondeu Constantino Levine, horrorizado com a maneira ávida como o irmão comia e bebia e procurando fingir que não percebia.

— Por que não te casas?

— Ainda não calhou — replicou Constantino, ruborizando-se.

— Ora. No que me diz respeito, adeus, acabou-se! Dei cabo da vida. Digo e repito: se me têm dado a minha parte quando necessitava dela,

toda a minha vida teria sido diferente.

Constantino deu-se pressa em mudar de assunto.

— Sabes que empreguei o teu Vânia em Pokrovskoie como auxiliar de escritório? — disse ele.

— Sim, conta-me o que vai lá por Pokrovskoie. A casa continua de pé, e as nossas bétulas e o nosso quarto de estudo? E o Filipe, o jardineiro, ainda é vivo? Estou a ver o pavilhão e o divã!... Não mudes nada na casa, casa-te depressa e que tudo fique como dantes. Então irei visitar-te, se a tua mulher for uma rapariga às direitas.

— Por que não hás-de vir agora comigo? Entender-nos-íamos tão bem os dois!

— Iria, se tivesse a certeza de que não me ia encontrar com o Sérgio Ivanovitch.

— Não te encontrarás com ele. Vivo completamente independente.

— Por mais que digas, tens de escolher entre ele e eu — disse Nicolau, olhando o irmão nos olhos com uma expressão onde havia timidez. Essa timidez comoveu Constantino.

— Se queres que te fale com toda a franqueza, dir-te-ei que nessa vossa disputa não estou nem contigo nem com o Sérgio Ivanovitch. Nenhum de vocês tem razão. Tu não a tens, digamos, na forma e ele no fundo.

— Ah! Compreendeste! Compreendeste! — exclamou Nicolau alegremente.

— Mas, se queres saber, aprecio mais a tua amizade, porque...

— Por quê? Por quê?

Constantino não podia dizer-lhe por que o considerava desgraçado e portanto mais necessitado de carinho. Mas Nicolau compreendeu-o e franzindo as sobrancelhas pôs-se a beber vodka.

— Basta, Nicolau Dimitrievitch! — disse Maria Nikolaievna, estendendo o braço nu e torneado para a garrafa.

— Larga! Deixa-me em paz! Queres apanhar? — gritou Nicolau. Maria Nikolaievna sorriu, entre doce e bondosa, comunicando o seu sorriso a Nicolau, e retirou a garrafa.

— Julgas que não percebe nada? — perguntou ele. — Entende tudo melhor do que nós. Não é verdade que há nela qualquer coisa de simpático, de agradável?

— A senhora não viveu já em Moscovo? — perguntou Constantino, para dizer alguma coisa.

— Não a trates por senhora, isso faz-lhe medo. Nunca ninguém, à excepção do juiz de paz, que a julgou quando quis sair daquela casa de corrupção, a tratou até agora por senhora. Meus Deus, quantas coisas absurdas neste mundo! São um escândalo essas novas instituições, esses juizes de paz, esses *zemstvos*.

E principiou a contar os seus conflitos com as novas instituições. Constantino Levine escutava-o, e embora fosse da mesma opinião e como tal se tivesse manifestado muitas vezes, agora, ao ouvi-lo dizer a mesma coisa, sentia uma impressão desagradável.

— No outro mundo, havemos de compreender tudo isto — disse-lhe por zombaria.

— No outro mundo? Oh, não gosto do outro mundo! — exclamou, pousando os olhos selvagens e assustados no rosto do irmão. — Tenho vontade de sair de toda a esta porcaria, dizer adeus às nossas misérias e às do próximo, mas tenho medo da morte, tenho um medo horrível da morte. — Teve um arrepio. — Anda, bebe qualquer coisa. Queres champanhe? Ou então vamos dar uma volta. Queres ir ver os zíngaros? Agora gosto muito dos zíngaros e das canções russas.

Entaramelava-se-lhe a língua, passava de um assunto a outro; Constantino, ajudado por Macha, convenceu-o a que não saísse, e deitaram-no completamente embriagado.

Macha prometeu a Levine que lhe escreveria em caso de necessidade e que faria o possível por convencê-lo a ir morar com ele.

CAPÍTULO XXVI

No dia seguinte pela manhã, Constantino Levine saía de Moscovo e chegava a casa ao fim da tarje. Durante o trajecto entabulou conversa com os companheiros, falou de política, de caminhos de ferro, e tal como em Moscovo não tardou a sentir-se submerso no caos das opiniões, descontente consigo próprio e envergonhado sem que soubesse muito bem porquê. Mas quando, à luz indecisa que se derramava das janelas da estação, viu Inácio, o cocheiro estrábico, a gola do cafetã levantada, depois o trenó coberto de peles e os cavalos com os seus arreios bem tratados, e aquele lhe contou, enquanto ele se instalava, as novidades da aldeia — que chegara um comprador e que a Pava tivera o seu bom sucesso —, Levine sentiu que toda aquela confusão de ideias se esclarecia e que a vergonha e o descontentamento se dissipavam. Entretanto, essa impressão teve-a apenas ao ver Inácio e os cavalos, quando se embrulhou na *tulup* que o cocheiro tivera o cuidado de lhe trazer e se sentou bem abrigado no trenó, que se pôs a andar, pensou nas ordens que teria de dar logo que chegasse a casa e, examinando um dos cavalos, o seu preferido para montar — um velho cavalo do Don, já gasto, mas ainda veloz — pôs-se a ver de maneira muito diferente o que lhe acontecera. Deixou de querer ser outro que não ele próprio e apenas desejou ser melhor do que fora até ali. Em primeiro lugar, decidiu que daí por diante não poria as suas esperanças numa felicidade extraordinária, como a que esperara do casamento, e que, por conseguinte, não iria menosprezar tanto o momento presente; depois, que nunca mais se deixaria conduzir por uma baixa paixão, como acontecera na véspera de se decidir a declarar-se. E, lembrando-se do irmão, resolveu nunca mais o esquecer nem o perder de vista, para assim poder ajudá-lo sempre que ele precisasse. Pressentia que isso iria acontecer dentro de pouco. Em seguida pensou na conversa que tivera com o irmão sobre o comunismo e que tão superficialmente encarara na oportunidade. Considerava absurda a reforma das condições econômicas, mas sempre se dera conta da injustiça que representava o muito que tinha em comparação com a miséria do povo. Para se sentir completamente justo, apesar de que sempre trabalhara muito, vivendo sem luxo algum, tomou a resolução de trabalhar cada vez mais e de levar uma vida ainda mais simples. Tudo lhe parecia tão fácil de realizar que pensar nisso foi a coisa mais agradável que lhe ocorreu durante o trajecto. Quando chegou a casa, por volta das nove da noite, sentiu que uma vida nova, uma vida mais bela, começava para ele. Uma réstia de luz filtrava-se através das janelas de Agáfia Mikailovna, a sua velha ama, agora governanta da casa. A velha ainda não dormia.

Acordou Kuzma, que, estremunhado e descalço, veio até ao alpendre. Também Laska, a cadela, apareceu, e por pouco não derrubava Kuzma, ladrando e esfregando-se nas pernas de Levine, sem ousar pôr-lhe as patas dianteiras no peito.

— Ora ainda bem que voltou tão cedo, paizinho! — exclamou a velha.

— Tinha saudades, Agáfia Mikailovna. Estamos bem em casa dos outros, mas ainda melhor na nossa — respondeu Levine, entrando no escritório.

À luz de uma vela trazida à pressa e que iluminou lentamente a casa, Levine viu surgir, pouco a pouco, da obscuridade os objectos seus conhecidos: os chifres de veado, as estantes cheias de livros, o espelho, a estufa com o seu ventilador, sempre à espera de conserto, o divã do pai, a mesa grande com um livro aberto em cima, um cinzeiro partido e um caderno com anotações suas. Quando viu tudo aquilo, pareceu-lhe mais difícil a mudança de vida com que sonhara durante a viagem. Todos aqueles vestígios do passado pareciam apoderar-se dele, dizendo: "Não, não nos abandonarás, não hás-de ser outro, continuarás o que sempre foste: com as tuas dúvidas, o teu perpétuo descontentamento contigo mesmo, as tuas baldadas tentativas de aperfeiçoamento, as tuas crises, a tua sempre renovada esperança de uma felicidade que não consegues e que não foi feita para ti." Era o que diziam as coisas que o rodeavam; mas outra voz falava do fundo da sua alma e essa dizia-lhe que não se submetesse ao passado, que cada um pode fazer de si próprio o que quiser. Obedecendo àquela voz, Levine aproximou-se de um recanto, onde tinha dois pesos de um pua cada um, e principiou a fazer com eles alguns exercícios na intenção de se animar. Entretanto ouviram-se uns passos atrás da porta e Levine largou precipitadamente os pesos. Era o administrador. Declarou que graças a Deus tudo ia bem, a não ser o trigo-negro, que se queimara um pouco na nova secadora. A notícia irritou Levine. A nova secadora fora construída e em parte inventada por ele. O administrador mostrara-se sempre hostil a essa máquina e agora vinha anunciar-lhe aquele malogro com um triunfo dissimulado. Levine estava convencido de que aquilo acontecera por não se terem tomado as precauções que ele mil vezes recomendara. Zangado, repreendeu o administrador. Mas logo lhe passou a má disposição quando lhe anunciaram um acontecimento importante e agradável: Pava, a melhor vaca, adquirida numa exposição, tivera o seu bom-sucesso.

— Kuzma, dá-me o *tulup*. E você — disse ele ao administrador — mande acender uma candeia: vou ver a Pava.

O estábulo das vacas seleccionadas ficava mesmo por detrás da casa.

Levine contornou o monte de neve acumulada sobre o maciço dos lilases, aproximou-se do estábulo e abriu a porta, em parte gelada nos gonzos. Lá de dentro saiu um quente cheiro de estrume; as vacas, surpreendidas pela luz da candeia, revolveram-se na sua cama de palha fresca. O amplo lombo preto e branco da vaca holandesa avultou na penumbra. Berkut, o touro, deitado, com um anilho nas narinas, fez menção de se levantar, depois, mudando de ideia, limitou-se a mugir quando passaram junto dele. A magnífica Pava, imensa como um hipopótamo, deitada de costas, não permitia que os recém-chegados vissem a bezerrinha, que arfava.

Levine aproximou-se dela, examinou-a e ergueu a bezerra, malhada de branco e vermelho, sobre as suas longas pernas vacilantes. A vaca mugiu, inquieta, mas assim que Levine aproximou dela a cria, sossegou, e, depois de beijá-la como se suspirasse, pôs-se a lambê-la com a língua, áspera. A bezerra procurava-lhe os úberes, metendo a cabeça nos flancos da mãe, enquanto meneava a cauda.

— Alumia aqui, Fiador. Aproxima a candeia — disse Levine, examinando a cria. — Parece-se com a mãe, mas no pêlo faz lembrar o pai!

É bonita! E que grande, que forte! Não é bonita, Vacili Fiodorovitch? — exclamou, voltando-se para o administrador, reconciliado com ele, graças à alegria que lhe causava a bezerrinha.

— Pois como não havia ela de ser bonita, Constantino Dimitrievitch! A propósito, no dia seguinte ao da sua partida, apareceu aí o Semionov, o comerciante. Temos que regatear muito com ele. Bom, já lhe disse o que se passou com a máquina.

Esta simples frase fez reentrar Levine de novo nos pormenores da herdade, que era grande e complicada. Do estábulo dirigiu-se directamente ao escritório, e depois de falar com o administrador e com o comerciante Semionov voltou para casa e subiu ao salão.

CAPÍTULO XXVII

A casa era grande e antiga, e ainda que Levine vivesse só, ocupava-a inteiramente e aquecia-a de ponta a ponta. Sabia que aquela vida era absurda, contrária aos seus novos planos e, inclusive, que não estava certa, mas aquela casa representava todo um mundo para ele: o mundo onde tinham vivido e morrido os pais. Ali haviam levado uma existência que se lhe afigurava ideal e era com isso mesmo que ele sonhava: voltar a viver com a mulher essa mesma vida ideal.

Embora mal se lembrasse da mãe, Levine mantinha um verdadeiro culto da sua memória e parecia-lhe impossível desposar uma mulher que não fosse a encarnação desse ideal adorado. Não concebia o amor fora do casamento; mais, era na família que ele pensava em primeiro lugar e só depois na mulher que lhe daria essa família. Ao contrário de todos os seus amigos, que apenas viam no casamento mais uma das manifestações da vida social, ele considerava-o o principal acto da existência, aquele de que dependia toda a felicidade do homem. E agora via-se obrigado a renunciar a ele.

Penetrou no salãozinho onde lhe costumavam servir o chá, pegou num livro, sentou-se na sua poltrona, e, enquanto Agáfia Mikailovna lhe trazia uma chávena de chá e se retirava para o vão da janela, declarando, como de costume: “Vou sentar-me, paizinho”, com grande surpresa sua, Levine reconheceu que não renunciara às suas ilusões e que não podia viver sem elas.

“Com ela ou com outra, pouco importa”, disse consigo, “mas tem de ser.” Por mais que tentasse ler ou que se esforçasse por prestar atenção à tagarelice de Agáfia Mikailovna, em imaginação iam-lhe perpassando, desordenadamente, várias cenas da sua futura vida de família. E compreendeu que uma ideia fixa se instalara de vez nos recessos da sua alma. Agáfia Mikailovna contava-lhe que, sucumbindo à tentação, Prochor, a quem Levine confiara uma certa importância para a compra de um cavalo, se pusera a beber e a espancar a mulher, que ficara meia morta. Enquanto a ouvia, Levine lia o livro e pouco a pouco reencontrava o fio das ideias que aquela obra outrora despertara nele. Era o tratado de Tyndall sobre o calor. Lembrava-se de ter censurado ao autor a sua suficiência, quando falava das próprias experiências com grande vanglória e inteiramente desprovido de pontos de vista filosóficos. De súbito, um alegre pensamento lhe ocorreu: “Dentro de dois anos terei duas holandesas, talvez a Pana ainda seja viva, e se juntarmos às doze crias de Berkut essas três, será uma beleza!” Voltou à leitura: “Bom, admitamos que a electricidade e o calor são o mesmo e único fenômeno; mas, na equação que serve

para resolver o problema, poderemos nós empregar as mesmas unidades? Não. E então? A relação existente entre todas as forças da natureza nota-se por instinto... Que linda manada quando a filha de Pava se tiver transformado numa bela vaca vermelha e branca e lhe tenhamos juntado as três holandesas!... Magnífico! Quando nós sairmos com os convidados, minha mulher e eu, para ver as vacas... Minha mulher dirá: "Kóstia e eu criámos este bezerro como se fosse uma criança." "Como pode interessar-se por estas coisas?", perguntará um dos convidados. "Tudo o que interessa a meu marido me interessa também." "Mas quem será ela?" E lembrou-se do que acontecera em Moscovo. "Que havemos de fazer?... A culpa não é minha... Agora tudo caminhará de maneira diferente. É absurdo não aceitarmos a vida como ela é, deixarmo-nos dominar pelo passado. Há que lutar para viver melhor, muito melhor." Levine levantou a cabeça das páginas do livro e ficou a pensar, perdido nas suas reflexões. Entretanto a velha Laska — que ainda não perdera a alegria que lhe causara a chegada do dono, que ia ladrar lá fora por tudo e por nada, voltou à sala meneando o rabo, impregnada do ar fresco da noite. Aproximou-se de Levine, meteu-lhe a cabeça debaixo da mão e principiou a latir, queixosa, como que exigindo que ele a acariciasse.

— Só lhe falta falar — disse Agáfia Mikailovna. — Sendo uma cadela... compreende que o dono voltou para casa e que está triste.

— Por quê?

— Julga que eu não vejo? Vivo com os meus amos desde rapariga, já tenho tempo de os conhecer. Criei-me com eles. Mas não se atormente, paizinho. Desde que haja saúde e que a consciência esteja tranqüila.

Surpreendido de vê-la adivinhar-lhe os pensamentos, Levine olhou-a atentamente.

— Quer mais um pouco de chá? — perguntou a velha, e saiu levando a chávena.

Laska continuava a meter a cabeça por debaixo da mão de Levine. Este acariciou-a, e a cadela, enroscando-se-lhe aos pés, apoiou o focinho na pata traseira, que estendera para a frente. E como que a demonstrar que tudo agora estava bem, entreabriu a boca, remexeu o focinho, ajeitou em volta dos lábios pegajosos os velhos dentes e adormeceu numa paz beatífica. Levine, que observara atentamente todos estes movimentos da cadela, disse consigo mesmo: "Façamos o mesmo. Não vale a pena atormentarmo-nos. Tudo se arranjará."

CAPÍTULO XXVIII

Na manha seguinte ao baile, Ana Arkadievna telegrafou ao marido anunciando-lhe que partiria de Moscovo naquele mesmo dia.

— Tenho de ir, tenho de ir — dizia, explicando à cunhada, num tom peremptório, como se lhe ocorresse de repente que tinha muitas coisas inadiáveis a fazer. — Não. É melhor que seja hoje mesmo.

Stepane Arkadievitch não jantou em casa, mas prometeu estar de volta às sete para acompanhar a irmã.

Kitty também não apareceu, e mandou um bilhetinho desculpando-se. Dolly e Ana jantaram as duas sozinhas com a inglesa e as crianças. Entretanto, ou pela inconstância própria da idade ou adivinhando que Ana já não era a mesma pessoa do dia em que a ela se tinham afeiçoado, e que pouca atenção lhes prestava agora, as crianças perderam de súbito toda a amizade pela tia, já não queriam brincar com ela nem tinham pena que se fosse embora. Toda a manhã Ana estivera ocupada com os preparativos da viagem: escreveu alguns bilhetes de despedida, fez as suas contas e arrumou as malas. Parecia a Dolly que Ana não estava tranqüila ou que se encontrava num estado de preocupação que ela própria conhecia, e que raras vezes se produz sem motivo e na maior parte dos casos esconde um verdadeiro descontentamento íntimo. No fim do jantar, Ana foi vestir-se nos seus aposentos e Dolly seguiu atrás dela.

— Que estranha estás hoje! — disse-lhe.

— Eu? Achas? Não estou estranha, mas triste. Acontece-me isto às vezes. Tenho vontade de chorar. É uma tolice, daqui a pouco estou boa — replicou Ana, rapidamente, escondendo o rosto afogueado com o saquinho onde guardava os lenços e a touca de dormir. Tinha um brilho especial nos olhos, que a cada momento se enchiam de lágrimas.

— Não tinha vontade de sair de Sampetersburgo, e agora, pelo contrário, não tenho vontade de me ir embora daqui.

— Uma boa inspiração te trouxe —disse Dolly, examinando-a atentamente.

— Não digas isso, Dolly. Nada fiz e nada podia fazer. Por vezes pergunto a mim mesma por que hão-de as pessoas estar assim todas de acordo para me tecerem elogios. Que fiz eu e que podia fazer? No teu coração é que havia amor bastante para perdoares...

— Só Deus sabe o que teria acontecido se não tens aparecido! Que

feliz tu és, Ana! Na tua alma tudo é claro e puro.

— Todos temos os nossos *skeletons* na alma, como dizem os Ingleses...

— Que *skeletons*(Nota 4) tens tu? Em ti tudo é tão claro!

— Tenho-os — disse Ana, repentinamente, e um inesperado sorriso, malicioso e zombeteiro, lhe assomou aos lábios através das lágrimas.

— Pelo que vejo, o teu skeleton deve ser divertido e não triste — observou Dolly, sorrindo.

— Não; é triste. Sabes por que me vou embora hoje em vez de ir amanhã? Estava atormentada com isto, mas quero confessar-te a verdade

— volveu Ana, reclinando-se numa poltrona, em atitude decidida, enquanto cravava os olhos nos de Dolly.

E com grande surpresa, Dolly viu que Ana rosara-se até às orelhas, até à própria raiz dos seus ondulados cabelos negros.

— Sabes por que é que Kitty não veio jantar hoje em tua casa? — prosseguiu Ana. —Tem ciúmes de mim. Estraguei-lhe a felicidade... Por minha causa o baile tornou-se para ela um tormento em vez de uma alegria, quando a verdade é que não tenho culpa ou tenho muito pouca culpa no que aconteceu — disse, arrastando em voz débil a expressão “muito pouca”.

— Oh! Disseste isso de maneira tão parecida à maneira de falar do Stiva — observou Dolly, sorrindo.

— Oh, não! Oh, não! Não sou como o Stiva — exclamou, franzindo as sobrancelhas. — Conto-te isto porque não me permito duvidar de mim mesma um instante que seja.

Mas no momento de pronunciar estas palavras, Ana deu conta de que não correspondiam à verdade: não só duvidava de si mesma como pensar em Vronski a perturbava e apenas antecipara a partida com o único objectivo de o não tornar a ver.

— Sim, o Stiva contou-me que dançaste a mazurca com Vronski e que ele...

— Não podes calcular a graça que as coisas tomaram. Propunha-me armar em casamenteira, e resultou o contrário. Talvez contra minha vontade...

Corando, calou-se.

— Oh, os homens sentem isso imediatamente! — exclamou Dolly.

— Ficaria muito pesarosa se ele tivesse tomado as coisas a sério —

interrompeu-a Ana. — Mas tenho a certeza de que tudo esquecerá e que Kitty deixará de me odiar.

— Por outro lado, Ana, para te falar a verdade, não tinha grande desejo que Kitty casasse com ele. Acho melhor que este casamento se desfaça, uma vez que Vronski pôde enamorar-se de ti tão depressa.

— Oh, meu Deus, seria absurdo! — exclamou Ana, e de novo ficou toda corada, tão grande a satisfação que a percorreu ao ouvir pronunciar em voz alta o pensamento que o preocupava. — E aqui me tens que me vou embora depois de ter feito da Kitty uma inimiga, a Kitty de quem tanto gostava. É tão simpática! Mas tu arranjarás tudo, não é verdade, Dolly?

Dolly a muito custo reteve um sorriso. Gostava de Ana, mas não lhe desagradava a ideia de que também ela tinha as suas fraquezas.

— Uma inimiga? Isso não pode ser.

— Gostaria muito que todos me quisessem como eu lhe quero a ela. E agora ainda vos quero mais do que antigamente — disse Ana, com as lágrimas nos olhos. — Ah, que tola eu estou hoje!

Passou o lencinho pelos olhos e principiou a vestir-se.

Precisamente na ocasião em que ia partir, chegava Stepane Arkadievitch, que vinha atrasado, cheirando a vinho e a tabaco e muito corado e alegre.

A comoção de Ana apoderara-se de Dolly, e quando abraçou a cunhada pela última vez, murmurou:

— Lembra-te, Ana, de que nunca esquecerei o que fizeste por mim. E quero que saibas que sempre te quis e sempre te hei-de considerar a minha melhor amiga!

— Não compreendo por quê — replicou Ana, beijando-a e escondendo as lágrimas.

— Compreendeste-me e ainda me compreendes. Adeus, minha querida!

CAPÍTULO XXIX

"Graças a Deus, tudo acabou!", foi o primeiro pensamento de Ana Arkadievna ao despedir-se pela última vez do irmão, que permaneceu na plataforma, impedindo a entrada do vagão, até a sineta tocar o terceiro sinal. Ana sentou-se no seu lugar, ao lado de Anuchka, examinando tudo à sua volta, na semipenumbra do compartimento. "Graças a Deus, amanhã verei o meu Seriocha e Alexei Alexandrovitch e retomarei a minha vida agradável."

Sentindo a mesma preocupação que a tomara todo o dia, mas com certo prazer, começou a instalar-se para a viagem; abriu, com as suas mãos ágeis, o saquinho vermelho, retirou dele uma almofada, que colocou em cima dos joelhos, e embrulhou as pernas na manta de viagem, sentando-se com toda a comodidade. Uma senhora doente dispôs-se a deitar-se desde logo. Outras duas puseram-se a conversar com ela e uma dama gorda queixava-se do mau aquecimento enquanto embrulhava as pernas. Ana respondeu com algumas palavras a perguntas que elas lhes dirigiam, mas ao ver que a conversa era destituída de interesse, pediu a Anuchka a lanterninha, que prendeu no braço do assento, e tirou da maleta um romance inglês e uma espátula de cortar papel. De princípio não pôde ler. O ir e vir das pessoas incomodava-a, e quando o comboio se pôs em andamento foi-lhe impossível não prestar atenção aos ruídos dos vagões. Mas daí a pouco distraía-se com a nevasca que caía, açoitando a vidraça da portinhola esquerda, com o condutor que passava, muito agasalhado e coberto de neve, e os comentários a respeito da tempestade que se desencadeava. Mais adiante tudo se repetia, o trepidar da composição, a neve na vidraça, as bruscas mudanças de temperatura, do calor para o frio e do frio para o calor, as mesmas caras na obscuridade e as mesmas vozes. Contudo conseguira principiar a ler e a compreender o que lia. Anuchka já dormitava, segurando entre as mãos enluvadas — uma das luvas estava rota — o saquinho vermelho em cima dos joelhos. Ana Arkadievna lia e compreendia o que lia, mas o desejo que ela própria tinha de viver era grande de mais para se interessar pela vida dos outros. Se a heroína do romance tratava um doente, Ana tinha desejos de andar em passos leves pelo quarto do enfermo; se um membro do Parlamento pronunciava um discurso, ela própria desejaria tê-lo pronunciado, se lady Mary cavalgava atrás da sua matilha, irritando a nora e a todos assombrando com a sua audácia, Ana ambicionava ser ela própria a galopar. Mas nada tinha que fazer! E lá ia revolvendo nas mãos a espátula de cortar papel e prosseguindo na leitura.

O herói do romance estava já a dois passos de conseguir o que constitui a felicidade inglesa: o título de barão e uma terra, onde ela teria gostado de o acompanhar, quando, de repente, se lhe afigurou que o dito herói devia sentir vergonha e que essa vergonha a atingia também. Mas por quê vergonha? “De que me envergonho eu?”, perguntou a si mesma assombrada e sentida. Abandonou o livro e recostou-se no assento, apertando a espátula entre os dedos. Que fizera ela? As suas recordações de Moscovo perpassaram-lhe diante dos olhos: eram todas excelentes. Lembrou-se do baile, de Vronski, com o seu rosto transido de enamorado, a atitude que ela mantivera para com ele: nada disso a podia envergonhar. Mas ao mesmo tempo, precisamente neste ponto das suas recordações, a vergonha aumentou, como se uma voz interior lhe dissesse enquanto pensava em Vronski: “Foi-te agradável, foi-te muito agradável!” “Sim, e depois”, perguntou a si mesma, resoluta, agitando-se no assento. “Que tem isso? Terei medo de enfrentar esta recordação? Que houve, afinal? Existe, poderá existir alguma relação, além das simples relações mundanas, entre mim e aquele militarzinho?” Sorriu, desdenhosa, e voltou a pegar no livro; era-lhe, porém, completamente impossível compreender o que lia. Passou a espátula pela vidraça coberta de gelo, depois perpassou pelo rosto a superfície fria e lisa, e, cedendo a um súbito acesso de alegria, desatou a rir quase ruidosamente. Notou que os nervos se punham cada vez mais tensos, que os olhos se lhe abriam desmesuradamente; as mãos e os pés crispavam-se; qualquer coisa a sufocava. E naquela penumbra vacilante os sons e as imagens impunham- se-lhe com uma estranha intensidade. A cada momento perguntava a si mesma se o comboio avançava, recuava ou permanecia no mesmo lugar. Era Anuchka realmente ou seria uma estranha aquela mulher ali sentada a seu lado? “Que está suspenso daquele cabide? Uma pelica ou um animal? Sou eu realmente quem está sentada nesta almofada? Serei eu ou outra mulher?” Receava abandonar-se a semelhante estado de inconsciência. Mas algo a arrastava para ele, embora se lhe pudesse ou não entregar consoante a sua vontade. Ergueu-se, sentindo-se ainda incapaz de resistência, jogou a manta, tirou a capa. Momentaneamente voltou a si, compreendendo que o homem magro com um grande capote a que faltava um botão era o encarregado do aquecimento que viera verificar o termômetro e que o vento e a neve tinham entrado atrás dele pela porta do compartimento. Depois, porém, tudo se confundiu outra vez... O homem alto pôs-se a raspar qualquer coisa na parede do carro; a senhora idosa estendeu as pernas, levantando uma nuvem de pó negro; ouviu um ranger, um martelar medonho, como se estivessem a torturar alguém; uma luz vermelha cegou-a, depois a escuridão tudo invadiu. Ana julgou que se despenhava de um

precipício. As sensações que experimentava eram, aliás, mais alegres que terríveis. A voz de um homem todo enroupado e coberto de neve gritou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Recuperou os sentidos, compreendeu que se aproximavam de uma estação. O homem era o condutor. Imediatamente pediu à criada que a acompanhava o xale e a capa, agasalhou-se e dirigiu-se para a porta.

— A senhora quer sair? — perguntou Anuchka.

— Quero, preciso de respirar; aqui sufoca-se.

Ana tentou abrir a portinhola. O vento e a neve fizeram-lhe frente. Era divertido. Por fim, tendo conseguido abri-la, saiu. Dir-se-ia que o vento a esperava: ululava, querendo arrastá-la, mas Ana agarrou-se com uma das mãos ao varão da portinhola e erguendo a saia com a outra pôs os pés na plataforma. Abrigada pela composição, respirou com verdadeira satisfação o ar glacial daquela noite de tempestade. De pé, junto da portinhola, olhava a gare e as luzes da estação.

CAPÍTULO XXX

Desencadeara-se uma terrível tempestade de neve e o vento sibilava por entre as rodas do comboio e os postes próximos da estação. As carruagens, os postes, as pessoas, tudo ficava coberto de neve, que aumentava constantemente. Após uma curta acalmia, a tempestade redobrou de intensidade e tão violentamente que parecia nada poder resistir-lhe. Entretanto a porta da estação abria-se e fechava-se continuamente para dar passagem a pessoas que corriam de um lado para o outro ou ficavam a conversar alegremente na plataforma, cujas pranchas rangiam debaixo dos pés. A sombra de um homem curvado pareceu sair de sob a terra junto do local onde Ana se encontrava; ouviu o retinir de um martelo num pedaço de ferro e em seguida, do lado oposto, uma voz irritada, que saía das trevas, e vociferava: "Mande um telegrama!", dizia, e outras vozes gritavam: "Por aqui, se faz favor! O n° 28!" Ana viu passar diante de si vultos cobertos de neve, atrás dos quais dois senhores caminhavam fumando tranqüilamente. Ana respirou outra vez a plenos pulmões o ar frio, e, já com a mão na portinhola do compartimento, de novo se preparava para embarcar quando um homem de capote militar se aproximou, ocultando a luz do farol. Ana observou-o e reconheceu Vronski. Este levou a mão ao barrete, inclinou-se e perguntou se lhe podia ser útil em alguma coisa. Ana olhou-o um momento sem responder. Embora ele estivesse de costas para a luz, julgou ver-lhe nos olhos e na fisionomia a expressão de respeitoso entusiasmo que tanto a impressionara na véspera. Acabava de dizer para si mesma, depois de o repetir tantas e tantas vezes naqueles últimos dias, que Vronski, para ela, era um rapaz como outro qualquer que encontrava por todos os lados na sociedade, e em quem nunca se permitiria pensar, e eis que, de repente, ao vê-lo, se apoderavam dela a alegria e o orgulho. Não precisava de lhe perguntar por que estava ali. Estava ali, sabia-o com toda a certeza, como se ele lho tivesse dito, evidentemente para se encontrar com ela.

— Não sabia que tinha de ir a Sampetersburgo! Que vai fazer lá?

— perguntou Ana, deixando descair a mão, que se firmara já no varão da portinhola.

A animação e a alegria, uma animação e uma alegria indizíveis, resplandeciam-lhe no rosto.

— Que vou fazer lá — repetiu Vronski, fitando-a nos olhos. — Bem sabe que vou para estar junto de si. Não posso fazer outra coisa.

Naquele instante o vento, como se tivesse acabado de derrubar

todos os obstáculos, arrancou a neve do tecto das carruagens, agitou no ar uma prancha metálica que arrancara de qualquer parte, e, lá mais para diante, ressoou, triste e lúgubre, o estridente silvo da locomotiva. Todo o horror da tormenta se lhe afigurou ainda mais grandioso. Vronski dissera precisamente o que Ana no fundo da sua alma desejava que ele dissesse, embora a sua razão receasse ouvi-lo. E não respondeu. Ele viu que na expressão dela se traduzia um sentimento de luta.

— Perdoe-me, se o que acabo de dizer lhe desagrada — pronunciou humildemente.

Falava com respeito e cortesia, mas com tanta firmeza e decisão que Ana se viu impossibilitada de lhe responder logo.

— Isso não está certo, e peco-lhe, se é homem de bons sentimentos, que esqueça o que disse; eu farei o mesmo — pronunciou, finalmente.

— Não esquecerei, nem poderei esquecer nunca uma só palavra, um só gesto seu.

— Basta! Basta! — exclamou Ana, procurando debalde imprimir ao rosto uma expressão séria, ao rosto que ele fixava demoradamente.

Erguendo-se até à fria plataforma da carruagem, deteve-se ali por momentos. Não se lembrava das palavras dele, mas sentia que aquela rápida conversa os unira muito, o que a assustava e a fazia feliz ao mesmo tempo. Alguns segundos depois penetrava no compartimento e sentava-se. Cada vez se sentia mais nervosa: chegou a pensar que ia partir-se dentro dela uma corda demasiado tensa. Não dormiu toda a noite. Mas naquela tensão nervosa e nos sonhos que lhe enchiam a imaginação nada havia de desagradável ou de triste, muito pelo contrário, havia qualquer coisa de perturbador, de ardente, de excitante. Pela madrugada, adormeceu na poltrona e ao acordar já era dia. O comboio aproximava-se de Sampetersburgo. Imediatamente se pôs a pensar na casa, no marido, no filho, e as preocupações do dia absorveram-na.

Mal desembarcou, o primeiro rosto que encontrou foi o do marido: “Meu Deus! Por que lhe terão crescido tanto as orelhas?” pensou ela, mirando-lhe a arrogante e fria figura e sobretudo as cartilagens das orelhas, que lhe chamavam agora a atenção, nas quais, dir-se-ia, vinham pousar as abas do chapéu. Ao vê-la, avançou ao seu encontro, com o seu habitual sorriso irônico, fitando-a com os seus grandes olhos fatigados. Uma sensação desagradável oprimiu o coração de Ana ao encontrar o olhar cansado e tenaz do marido. Era como se esperasse achá-lo diferente. O que mais a surpreendia era a sensação de descontentamento consigo própria que a dominava ao ver-se junto dele. Afinal, no trato com ele experimentava uma sensação familiar,

conhecida, uma espécie de hipocrisia; anteriormente não dava por isso, mas agora essa sensação tornava-se clara e dolorosa.

— Como vês, o teu terno marido, terno como no primeiro ano de casado, estava morto por tornar a ver-te — proferiu ele, na sua voz aguda e lenta, naquele tom como de mofa, que habitualmente adoptava para com ela, como se quisesse ridicularizar essa mesma maneira de se exprimir.

— E o Seriocha, está bem? — perguntou ela.

— Assim respondes à minha veemência!... Está bem, está bem.

CAPÍTULO XXXI

Vronski nem sequer tentara dormir aquela noite. Passara-a inteira sentado com os olhos muito abertos. O seu olhar, fixo a maior parte das vezes, atentava, de quando em quando, nas pessoas que entravam e saíam, sem as distinguir das próprias coisas. Nunca a sua serenidade parecera tão desconcertante, a sua altivez mais inabordável. Esta sua atitude desde logo lhe conquistou a inimizade do companheiro de viagem, um jovem funcionário judicial, nervoso, que tentara o impossível para fazê-lo compreender que fazia parte do número dos vivos. Mas por mais que lhe pedisse lume, que lhe dirigisse a palavra, que o acotovelasse mesmo, Vronski não lhe prestara maior atenção que à lanterna do comboio e o desgraçado, ofendido por tamanha fleuma, dificilmente se reprimia, pronto a explodir.

Se Vronski dava mostras de uma tão real indiferença não era por estar certo de haver tocado o coração de Ana. Não, isso não ousava pensar; mas o veemente sentimento que sentia por ela enchia-o de felicidade e de orgulho. Que resultaria de tudo aquilo? Não sabia nem queria pensar nisso. Mas sentia que todas as suas forças, relaxadas e dispersas até então, se enfeixavam e tendiam como que para um fim único e maravilhoso. Vê-la, ouvi-la, viver junto dela, a vida já não tinha para ele outro sentido. Este pensamento a tal ponto o dominava que não pôde evitar confessar-lho quando viu Ana na estação de Bologoia, onde descera para tomar um copo de soda. Estava contente por ter falado: Ana, agora, sabia que ele a amava, e não podia deixar de pensar nisso. Ao voltar para o seu compartimento, Vronski recapitulara, um por um, todos os pormenores dos encontros que tinha tido. Reviu todos os gestos, todas as palavras, todas as atitudes de Ana. E as imagens que se iam formando no seu espírito quase lhe paralisavam o coração.

Quando desceu do comboio em Sampetersburgo sentiu-se fresco e repousado como depois de um banho frio, embora não tivesse pregado olho a noite inteira. Deteve-se junto do carro dela, para a ver passar. “Tornarei a ver-lhe mais uma vez o rosto, o andar”, dizia consigo, com um sorriso involuntário. “Talvez tenha para mim um olhar, um sorriso, uma palavra, um gesto.” Mas a quem viu primeiro foi ao marido, acompanhado, com grande deferência, pelo chefe da estação. “Ah! Sim, o marido!” E quando o viu aparecer na sua frente com aquela cabeça, os ombros e as pernas perdidas dentro das calças, quando o viu, sobretudo, dar o braço a Ana, como homem que conhece os direitos que lhe assistem, Vronski teve de convencer-se de que aquela personagem, cuja existência até então se lhe afigurara

problemática, existia, era de carne e osso, e que laços muito estreitos a uniam à mulher que ele, Vronski, amava.

Naquele frio rosto petersburguês, aquele ar severo e seguro de si, aquele chapéu de abas redondas, aquele dorso ligeiramente corcovado, de tudo isto Vronski teve de admitir a existência, mas com a sensação de um homem que, morto de sede, encontra uma nascente de água pura conspurcada pela presença de um cão, de um carneiro ou de um porco. O andar de Alexei Alexandrovitch, de pernas hirtas e quadris bamboleantes, foi o que mais o incomodou. A ninguém reconhecia o direito, salvo a ele próprio, de amar Ana. Felizmente, esta era a mesma de sempre e ao vê-lo sentiu-se reanimado. O criado de Vronski, um alemão que viajara em 2a classe, veio receber as ordens do amo. Confiando-lhe as bagagens, Vronski avançou resolutamente para ela. Assistiu, pois, ao encontro dos esposos e a sua perspicácia de namorado permitiu-lhe apreender o ligeiro constrangimento com que Ana acolheu o marido. "Não, ela não gosta dele, nem pode gostar", decretou. Embora Ana estivesse de costas, Vronski notou com alegria que ela lhe adivinhara a presença. Voltou-se um pouco, reconheceu-o e continuou a conversa que encetara com o marido.

— Passou bem a noite? — perguntou Vronski, inclinando-se diante do casal, dando assim oportunidade a Alexei Alexandrovitch de o reconhecer, caso isso lhe aprouvesse.

— Muito obrigada, passei bem — respondeu ela.

O seu rosto fatigado não aparentava a animação costumeira; no entanto, um lampejo lhe perpassou pelos olhos ao ver Vronski, e foi quanto bastou para ele se sentir feliz. Entretanto levantara os olhos para o marido, como para se certificar de que ele reconhecia o conde: Alexei Alexandrovitch olhava-o com um ar de poucos amigos, procurando lembrar-se de quem se tratava. A serenidade e a suficiência de Vronski chocaram-se com a fria segurança de Alexei Alexandrovitch, como uma foice que bate numa pedra.

— O conde Vronski — disse Ana.

— Ah! Creio que já nos conhecemos — replicou com indiferença Alexei Alexandrovitch, estendendo-lhe a mão. — Fizeste a viagem de ida com a mãe e a de volta com o filho — acrescentou, sublinhando cada palavra. — Tem estado de licença, naturalmente? — perguntou, e sem aguardar resposta dirigiu-se à mulher no seu habitual tom irônico: — Quê? Então houve muitas lágrimas à despedida em Moscovo?

Pela maneira de se dirigir à mulher, Vronski percebeu que ele desejava estar só com ela. Mas Vronski, voltando-se para Ana, disse-

lhe ainda:

— Espero ter a honra de lhe apresentar os meus cumprimentos. Alexei Alexandrovitch olhou Vronski com os seus olhos cansados.

— Com muito gosto; recebemos às segundas-feiras — replicou com frieza, e, sem mais se preocupar com ele, voltou-se para a mulher. — Muita sorte tive em poder dispor desta meia hora para te vir esperar, e ter podido mostrar-te todo o meu carinho — continuou ironicamente.

— Estás a ressaltar o teu carinho para que eu o aprecie melhor — respondeu Ana no mesmo tom irônico, ouvindo, involuntariamente, os passos de Vronski, que caminhava atrás dela. "Mas que me importa?", pensou. E imediatamente perguntou ao marido como Seriocha passara aqueles dias, na sua ausência.

— Oh, magnificamente! Mariette diz que esteve muito bonzinho... E tenho de te dar um desgosto... Não teve tantas saudades tuas como o teu marido. E outra vez *merci* por teres vindo um dia mais cedo. O nosso querido *samovar* vai ter com isso uma grande alegria (era o nome que ele dava à célebre condessa Lídia Ivanovna, que vivia sempre em estado de emoção e de agitação). Perguntou por ti. Se me atrevesse a dar-te um conselho, dir-te-ia que a visitasses hoje mesmo. Sabes que sofre por tudo e por nada. Agora, além de todas as suas preocupações, está interessadíssima na reconciliação dos Oblonski.

A condessa Lídia Ivanovna era amiga de Alexei Alexandrovitch e o eixo do grupo da alta sociedade de Sampetersburgo que Ana mais freqüentava por causa do marido.

— Eu escrevi-lhe.

— Mas precisa de saber pormenores. Vai a casa dela, se não estás cansada, querida. Kondrati leva-te no carro. Eu tenho de ir a uma reunião. Enfim, já não jantarei só — acrescentou com ironia desta vez. — Não podes calcular como me habituei...

E dito isto, apertou-lhe demoradamente a mão, sorriu-lhe com o seu melhor sorriso e ajudou-a a subir para a carruagem.

CAPÍTULO XXXII

A primeira pessoa que descobriu Ana quando esta chegou a casa foi o filho; sem querer ouvir os brados da preceptora, correu escada abaixo ao seu encontro, gritando numa grande alegria: "Mãezinha! Mãezinha!", e lançou-se-lhe ao pescoço.

— Eu bem lhe dizia que era a mãezinha! — gritava ele à preceptora. — Tinha a certeza.

Mas também o filho, tal como o pai, causou em Ana uma espécie de desencanto. Imaginava-o melhor do que ele era realmente. Para o apreciar plenamente, viu-se obrigada a descer à realidade e vê-lo tal como era, isto é, uma linda criança de caracóis louros, belos olhos azuis e pernas bem feitas nas suas meias bem esticadas. Então experimentou um prazer quase físico ao senti-lo junto de si, ao receber as suas carícias e uma espécie de apaziguamento moral penetrou nela quando ele principiou a fazer as suas ingênuas perguntas e se pôs a perscrutar-lhe os olhos tão meigos, tão confiantes, tão cândidos. Desembrulhou os presentes que Dolly lhe mandava e contou-lhe que havia em Moscovo uma menina chamada Tânia, que já sabia ler e até ensinava os outros a ler.

— Então sou pior do que ela? — perguntou Seriocha.

— Para mim, meu amor, não há ninguém melhor do que tu.

— Eu bem sabia — disse Seriocha sorrindo.

Ainda Ana não acabara de tomar o café quando lhe anunciaram a condessa Lídia Ivanovna. Era uma mulher alta e cheia, de tez amarelada e enfermiça e uns melancólicos e bonitos olhos pretos. Ana, que a estimava, julgou aperceber-se pela primeira vez de que ela também tinha os seus defeitos.

— Então, querida, levaste-lhes o ramo de oliveira? — perguntou a condessa, mal entrou na sala.

— É verdade, tudo se consertou. Além disso as coisas não eram tão feias como pareciam — replicou Ana. — Em geral uma *belle-soeur* é um pouco precipitada nas suas decisões.

Mas a condessa Lídia, sempre muito interessada pelo que não lhe dizia respeito, tinha por costume não prestar a menor atenção ao que se supunha interessar-lhe. Interrompeu Ana.

— Sim, há muita maldade e muita desgraça neste mundo. Estou hoje tão desanimada!

— Por quê? — interrogou Ana, procurando conter o riso.

— Começo a cansar-me de lutar em vão pela verdade e às vezes vejo-me completamente derrotada. A obra das nossas irmãzinhas (tratava-se de uma instituição filantrópica patriótico-religiosa) segue por bom caminho, mas não se pode fazer nada com estes senhores — disse a condessa Lídia Ivanovna, ironicamente, como que submetendo-se ao destino.— Apoderaram-se da ideia para a desvirtuarem e agora julgam-na de uma forma vil e indigna. Só duas ou três pessoas, no número das quais está o seu marido, compreendem o significado desta obra; as demais não sabem senão desacreditá-la. Ontem recebi uma carta de Pravdine...

Pravdine, célebre pan-eslavista, residia no estrangeiro. A condessa resumiu a Ana o conteúdo da carta dele. Depois contou-lhe as inúmeras ciladas e contratempos armados à obra da união das igrejas e retirou-se a toda a pressa, pois ainda tinha de assistir, naquele dia, a duas reuniões, uma das quais do comitê eslavo.

"Nada disto é novo", dizia Ana com os seus botões, "mas por que não o percebi antes? Estaria ela hoje mais nervosa do que de costume? No fundo, tudo isto é cômico: esta mulher, que se diz cristã e que só pensa na caridade, zanga-se e luta com outras pessoas que trabalham exactamente pelos mesmos fins que ela."

Depois da condessa, chegou uma amiga de Ana, esposa de um funcionário, que lhe contou as novidades da capital, e partiu às três horas, prometendo vir jantar com ela. Alexei Alexandrovitch estava no Ministério. Quando ficou só, Ana assistiu primeiro ao jantar do filho — a criança comia à parte — e depois procurou pôr em ordem as suas coisas e responder à correspondência em atraso.

Da perturbação, da vergonha inexplicável que a assaltara durante a viagem, já não havia vestígios. De novo no seu ambiente habitual, sentia-se outra vez segura e irrepreensível, e não conseguia perceber o estado de espírito por que passara na véspera. "Que se passou afinal de tão grave?", interrogou-se a si mesma. "Nada. Vronski disse uma loucura e eu respondi-lhe como devia. Não vale a pena falar no caso a Alexei, seria como que atribuir-lhe importância." E recordou-se de ter contado, uma vez, ao marido que um subordinado dele estivera a ponto de se lhe declarar e ele lhe respondera que toda a mulher que freqüenta a sociedade está sujeita a coisas dessas, mas que confiava plenamente no seu tacto e nunca se permitiria humilhá-la e humilhar-se a si próprio deixando-se arrastar pelo ciúme. "O melhor, portanto, é calar-me", concluiu ela. "E, aliás, graças a Deus, nada tenho a dizer-lhe."

CAPÍTULO XXXIII

Alexei Alexandrovitch voltou do Ministério às 4 horas, mas, como freqüentemente acontecia, não teve tempo de entrar nos aposentos da mulher. Meteu-se logo no escritório para receber umas visitas que o aguardavam e assinar uns papéis que o secretário lhe trouxera. A hora do jantar chegou a velha prima de Alexei Alexandrovitch, um director do seu Ministério com a esposa e um rapazola que lhe fora recomendado (os Karenines tinham sempre dois ou três convidados para o jantar). Ana desceu ao salão para recebê-los. As 5 em ponto, ainda o relógio de bronze, estilo Pedro I, não deixara cair a última badalada, entrava Alexei Alevandrovitch, de sobrecasaca e duas condecorações ao peito, pois tinha de sair logo após o jantar. Todos os minutos da sua existência eram cogitados, e para poder cumprir o que diariamente lhe competia via-se obrigado a observar uma pontualidade estrita. “Sem precipitação e sem descanso”, eis o seu lema. Ao entrar no salão, cumprimentou todos os presentes e sentou-se, apressadamente, sorrindo para a mulher.

— Finalmente, acabou a minha solidão! Nem tu imaginas como é incômodo — sublinhou a palavra “incômodo” — comer sozinho.

Durante o jantar falou com Ana acerca de Moscovo, e com um sorriso irônico perguntou por Stepane Arkadievitch; mas conversou a maior parte do tempo sobre assuntos de ordem geral, tendo abordado questões do Ministério e da sociedade de Sampetersburgo. Findo o jantar, Alexei Karenine demorou-se meia hora com os seus convidados e depois de apertar de novo a mão da mulher, sorrindo sempre, saiu para ir assistir a uma nova sessão do conselho. Ana não foi a casa da princesa Betsy Tverskaia, nem ao teatro, onde tinha um camarote reservado. Não foi principalmente por ainda não ter pronto o vestido com que contava. Ao ocupar-se das suas *toilettes* depois da partida dos convidados, irritou-se muito. Antes de partir para Moscovo mandara à modista três vestidos para transformar. Em geral, tinha a habilidade de gastar pouco, vestindo-se embora muito bem. Precisava de transformar aqueles vestidos de tal sorte que ficassem irreconhecíveis, e havia já três dias que deviam estar prontos. No entanto, dois deles estavam por acabar, e o outro não lhe agradou. A modista apressou-se a explicar-lhe que o vestido ficava melhor como ela o fizera, e Ana enfurecera-se tanto com ela que até sentia vergonha agora ao recordá-lo. Para serenar, dirigiu-se ao quarto do filho e passou todo o serão com ele, deitou-o, arranjou-lhe a roupa com muitos cuidados e saiu depois de o abençoar com o sinal-da-cruz. E sentiu-se então bastante satisfeita por não ter saído e por ter passado uma tarde tão agradável.

Estava serena e tranqüila, e via claramente que tudo que lhe parecera significativo durante a viagem era um facto corriqueiro e trivial da vida mundana e que não havia razão para se envergonhar nem perante si mesma nem perante ninguém. Sentou-se junto ao fogão e ali ficou tranqüilamente à espera do marido, entretida a ler o seu romance inglês. As 9 horas em ponto retiniu a campainha autoritária de Alexei Alexandrovitch e não tardou que ele entrasse na sala.

— Finalmente, chegaste! — exclamou ela, estendendo-lhe a mão, que ele beijou antes de se sentar junto da mulher.

— Vejo que a tua viagem obteve êxito — disse Alexei.

— Sim, o mais completo — replicou Ana, e contou tudo desde o princípio: a viagem com Vronskaia, a chegada a Moscovo e o desastre na estação. Depois disse-lhe da compaixão que sentira primeiro pelo irmão e depois por Dolly.

— Sou de opinião que não se deve perdoar a um homem assim, embora se trate de teu irmão — disse ele com expressão severa.

Ana sorriu. Compreendeu que ele falava assim para provar que os laços de parentesco não o podiam impedir de emitir juízos sinceros. Confiou-lhe: esse traço de carácter e apreciava-o.

— Estou muito satisfeito que tudo tenha acabado bem — continuou. — Bom, o que se diz por lá da nova lei que apresentei ao conselho?

Ana não ouvira falar de semelhante lei em Moscovo e envergonhou-se por ter esquecido uma coisa que tão importante era para ele.

— Aqui, pelo contrário, tem sido muitíssimo comentada — disse Alexei Alexandrovitch com um sorriso de satisfação.

Ana compreendeu que o marido lhe queria comunicar qualquer coisa agradável a propósito da referida lei e tantas perguntas fez que conseguiu que ele se explicasse.

— Dá-me isso muita satisfação. Isso só demonstra que, por fim, aqui começa a forma-se um ponto de vista firme e razoável acerca de semelhante assunto.

Depois de ter tomado dois copos de chá com nata, levantou-se disposto a voltar para o seu gabinete de trabalho.

— Não saístes? Deves ter-te aborrecido — disse à mulher.

— Oh, não! — replicou Ana, erguendo-se também e seguindo com ele ao longo da sala. — Que estás a ler agora?

— *La poésie des Enfers,* do duque de Lille. É um livro muito interessante.

Ana sorriu, como em geral as pessoas sorriem diante das fraquezas

dos seres amados, e, enfiando o braço no do marido, acompanhou-o até ao escritório. Conhecia o costume dele, que se lhe tornara imprescindível, de ler todas as noites. Sabia que apesar das obrigações, que lhe roubavam quase todo o tempo, considerava como que um dever acompanhar todas as coisas interessantes que apareciam no mundo intelectual. De resto, ela não ignorava que, assaz competente em política, filosofia e religião, Alexei Alexandrovitch nada entendia nem das letras nem das artes, o que, no entanto, não o impedia de se interessar particularmente por obras do gênero. E se em política, em filosofia, em religião lhe acontecia ter dúvidas e procurar esclarecê-las, nas questões de arte, de poesia, de música, sobretudo nos assuntos de que nada entendia, estava sempre pronto a emitir opiniões definitivas e sem recurso. Gostava de discutir Shakespeare, Rafael ou Beethoven, de pronunciar-se sobre as novas escolas de música e poesia, e de classificá-las numa ordem tão lógica quanto rigorosa.

— Bom, até já — disse Ana Karenina, junto à porta do escritório. Junto à poltrona do marido já estavam acesas as velas com o seu *abat-jour* e posta uma garrafa com água.

— Vou escrever para Moscovo.

Alexei Alexandrovitch apertou-lhe a mão, tornando a beijá-la.

"Seja como for, é um homem bom e justo, de bom coração e notável no seu meio", dizia Ana para si mesma, ao regressar aos seus aposentos, como se o defendesse diante de alguém que o acusava e dissesse ser impossível amá-lo. "Mas por que razão lhe sobressaem tanto as orelhas? Teria cortado o cabelo?"

A meia-noite em ponto, Ana ainda escrevia a Dolly, sentada à sua pequenina secretária, quando ouviu aproximarem-se uns passos abafados e Alexei Alexandrovitch apareceu, com um livro na mão, de pantufas calçadas, já pronto na sua *toilette* da noite.

— São horas de dormir — disse-lhe ele com um sorriso malicioso, antes de penetrar no quarto de dormir.

"Que direito tinha de o olhar assim?", pensou Ana, lembrando-se, de repente, do olhar que Vronski lançara ao marido.

Ana não tardou a entrar no quarto do marido, mas onde estava aquela chama que em Moscovo lhe animava o rosto, lhe cintilava nos olhos, lhe iluminava o sorriso? Extinta, ou, pelo menos, bem escondida.

CAPÍTULO XXXIV

Ao deixar Sampetersburgo, Vronski cedera ao seu melhor camarada, Petritski, o amplo andar que ocupava na Rua Morskaia.

Petritski era um jovem tenente, de família modesta, sem bens e cheio de dívidas. Todas as noites se embriagava e com freqüência era preso por causa das suas aventuras divertidas e escandalosas. Mas, apesar de tudo, tanto os seus camaradas como os seus superiores o estimavam muito. Ao chegar a casa, pouco depois das 11 horas, Vronski viu à porta uma carruagem que não lhe era desconhecida. Enquanto não lhe abriam a porta, ouviu risos de homens, a tagarelice de uma voz feminina e em seguida os gritos de Petritski:

— Se é uma dessas aves de rapina, não a deixem entrar!

Vronski entrou na primeira saía, silenciosamente, sem se anunciar. Muito catita, no seu vestido de cetim lilás e com a sua carinha rosada, a amiga de Petritski, a baronesa Chiltone, tal qual um canário enchia toda a casa com o seu sotaque parisiense. Sentada a uma mesa redonda, preparava café. Petritski, à paisana, e o capitão de cavalaria Kamerovski, fardado (naturalmente chegava do serviço), estavam a seu lado.

— Olá, Vronski! — exclamou Petritski, levantando-se e fazendo ruído com a cadeira. — Aqui tem o dono da casa em pessoa! Baronesa, sirva-lhe café da cafeteira nova. Não te esperávamos! Que dizes a esta nova decoração do teu escritório? Espero que te agrade — exclamou ele, apontando para a baronesa.—Já se conhecem, não é verdade?

— Pois não nos havíamos de conhecer? — replicou Vronski, sorrindo e apertando a mãozinha da baronesa. — Somos velhos amigos!

— Acaba de chegar de viagem? — perguntou a baronesa. — Então vou-me embora. Se incomodo, saio já.

— Está em sua casa, baronesa — replicou Vronski. — Olá, Kamerovitch — acrescentou, apertando-lhe friamente a mão.

— Vocês não sabem dizer coisas assim amáveis — censurou a baronesa, interrompendo a conversa de Vronski com o companheiro.

— Por quê? Depois de jantar, também lhas saberei dizer. E melhores ainda.

— Depois de jantar já não têm mérito. Bom, vou preparar-lhe café enquanto se lava e arranja — disse a baronesa, e pôs-se a arranjar a cafeteira nova. — Pierre, passa-me o café. Vou deitar mais — disse a

Petritski. Chamava-lhe “Pierre”, abreviando-lhe o nome, sem esconder a sua intimidade com ele.

— Vai estragá-lo!

— Não, não! Não o estrago... E a sua mulher? — perguntou a baronesa, interrompendo a conversa de Vronski com o companheiro. — Casámo-lo na sua ausência. Trouxe a sua mulher?

— Não, baronesa. Nasci boêmio e espero morrer boêmio.

— Tanto melhor! Tanto melhor! Dê-me a sua mão. E sem o deixar partir, a baronesa começou a expor-lhe, entre gracejos, os seus últimos planos de vida pedindo-lhe conselhos.

— Ele continua a não querer consentir no divórcio. Que hei-de eu fazer? (“Ele” era o marido.) Penso em dar início à acção. Que acha?... Kamerovski, cuidado com o café, que está quase a ferver. Bem vê que estou a falar de negócios. Estou resolvida a instaurar o processo, porque preciso do que me pertence, não é verdade? Imagine, que atrevimento! Com o pretexto de que lhe sou infiel — sorriu, com desdém—aquele cavalheiro apropria-se do que é meu.

Vronski ouvia, divertido, a tagarelice daquela bonita mulher, dava-lhe razão, aconselhava-a, zombando, e não tardou a adoptar o tom que costumava empregar para com essa espécie de mulheres. As pessoas do seu meio dividiam a humanidade em duas categorias opostas: a primeira, de gente vulgar, estúpida e sobretudo ridícula, supõe que os maridos devem ser fiéis às suas mulheres, as donzelas puras, as mulheres castas, os homens corajosos, firmes e moderados, e que devem educar os filhos, ganhar a vida, pagar as dívidas e outras frioleiras do mesmo gênero. Esta era a gente antiquada e ridícula. A segunda, pelo contrário

— ' gente da “alta” —, à qual eles se vangloriam sempre de pertencer, preza a elegância, a generosidade, a audácia, o bom humor, entrega-se sem pudor a todas as paixões e ri-se de tudo o mais.

Ainda sob a impressão dos costumes moscovitas — quão diferentes! —, Vronski sentiu-se, por momentos, aturdido ao reencontrar aquela gente alegre e agradável, mas não tardou a adaptar-se à sua antiga existência com a felicidade de quem calça uma velha pantufa.

O famoso café nunca mais estava pronto. Transbordou da cafeteira para o tapete, sujou o vestido da baronesa, salpicou todos, conseguindo o que era preciso: provocar o riso e soltar o espírito.

— Bom, agora, adeusinho. Se não me vou embora, nunca mais se lavará nem arranjará, e sobre a minha consciência virá a pesar o maior delito que um homem elegante pode cometer — não se lavar.

Acha então que lhe devo apontar o punhal ao peito?

— Com certeza, e procure a maneira de a sua mão lhe ficar bem perto dos lábios. Acabará por beijá-la e tudo ficará resolvido — replicou Vronski.

— Então, até logo, no Teatro Francês!

Kamerovski levantou-se também, e Vronski, sem esperar que ele se retirasse, apertou-lhe a mão e dirigiu-se ao quarto de banho. Enquanto ele procedia às suas abluções, Petritski pintava-lhe, a grandes pinceladas, o quadro da sua situação. Nada de dinheiro; o pai declarava não lhe dar dinheiro e nunca mais lhe pagara nenhuma dívida; um alfaiate estava disposto a recorrer à polícia e outro ameaçava-o de fazer o mesmo; o comandante decidido, caso continuasse aquele escândalo, a obrigá-lo a deixar o regimento; a baronesa, enfadonha como uma chuva miúda, sobretudo por causa das ofertas de dinheiro que constantemente lhe fazia; em compensação, uma nova beldade no horizonte, de estilo oriental,

"gênero escrava Rebeca, meu caro, e que tu precisas de conhecer"; uma questão com Berkochev, que estava disposto a enviar-lhe as suas testemunhas, mas que naturalmente nada faria. Entretanto tudo corria melhor e o mais alegremente possível. E sem dar tempo a que Vronski meditasse no que lhe acabava de dizer, Petritski pôs-se a contar-lhe todas as novidades que corriam. Ouvindo aquelas coisas que lhe eram tão familiares, em sua casa, naquela casa onde vivia há três anos, Vronski experimentava a agradável sensação de ter regressado à despreocupada e habitual vida petersburguesa.

— É impossível! É impossível! — exclamava, abrindo a torneira do lavatório, que ao jorrar lhe borrifava o pescoço forte e vermelho. — É impossível! — repetia, recusando-se a acreditar que a Laura tivesse deixado o Fertingov para viver com o Mileiev. — Ele continua o mesmo estúpido que sempre foi e a mesma criatura cheia de suficiência? E a propósito, que me contas do Buzulukov?

— Buzulukov? Ao Buzulukov aconteceu uma coisa estupenda! — exclamou Petritski. — Bem sabem que tem a paixão da dança e não falta a um só baile da Corte. Pois bem, foi a um grande baile com o capacete novo. Já viste os capacetes novos? São bons, mais leves... Lá estava ele, pois, de grande uniforme... Ouve, faz o favor de ouvir-me.

— Estou a ouvir —replicou Vronski, que se enxugava com uma toalha de felpa.

— Passa uma grã-duquesa pelo braço de um diplomata estrangeiro e por infelicidade a conversa recaía sobre os novos capacetes. A grã-duquesa estava morta por mostrar um ao embaixador. De súbito, vê o

nosso amigo, ali, de pé, de capacete na mão (dizendo o que, Petritski ia arremedando a atitude de Buzulukov). A grã-duquesa pede-lhe que lhe mostre o capacete. Ele não se mexe. Que significa aquilo? Todos lhe fazem sinais, caretas, piscadelas de olhos. Mas ele não se mexe. Parece petrificado. Podes imaginar a cena? Então um não sei quem... esquece-me sempre o nome dele... tenta tirar-lhe o capacete. Ele não deixa. O outro arrancá-lho da cabeça e apresenta-o à grã-duquesa. "Aqui tem o novo modelo", diz ela, examinando o capacete. Pois que julgas que sai de lá de dentro? Nunca te passará pela cabeça... Uma pêra, e bombons, duas libras de bombons... Tinha-se abastecido bem, o figurão! Vronski ria a bandeiras despregadas. E tempo depois, sempre que lhe acontecia, ao falar de coisas muito diferentes, lembrar-se da história do capacete desatava a rir, num riso franco e jovial que lhe punha à mostra os belos dentes fortes e regulares.

Inteirado das últimas novidades, Vronski envergou o uniforme, com a ajuda do criado de quarto, e cuidou de ir apresentar-se no quartel.

Tencionava passar depois por casa do irmão, visitar Betsy e principiar uma série de visitas pela sociedade onde lhe seria mais provável encontrar-se com Ana Karenina. Como sempre fazia em Sampetersburgo, saiu de casa na intenção de a ela não voltar senão noite adentro.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

No fim do Inverno, os Tcherbatski tiveram uma conferência médica para decidir o que havia a fazer quanto à saúde de Kitty a jovem sentia-se muito fraca e a aproximação da Primavera pioraria as coisas. O médico assistente receitara lhe óleo de fígado de bacalhau, depois ferro e finalmente nitrato de pra. Como, porém, nenhum destes remédios fizera efeito, aconselhara uma viagem ao estrangeiro. Foi então que decidiram consultar uma celebridade médica. Esta celebridade, homem ainda novo e muito cheio de si, exigiu um exame rigoroso da doente. Insistia, com uma certa complacência, em que o pudor das donzelas era uma reminiscência bárbara e nada mais natural do que um homem ainda novo auscultar uma mocinha seminua. Como o fazia diariamente sem sentir — assim o acreditava — a menor perturbação, era natural que considerasse o pudor das jovens não só um resto de barbárie, mas até uma injúria pessoal.

Não houve remédio senão transigir. Embora todos os médicos tivessem estudado na mesma escola e praticassem uma e a mesma ciência, e houvesse quem falasse mal desta sumidade, o certo é que em casa da princesa e entre as pessoas das suas relações se considerava esse médico como um caso extraordinário, estando todos certos de que era o único capaz de salvar Kitty. Depois de um exame minucioso da doente, muito confusa e envergonhada, o médico lavou cuidadosamente as mãos e voltou para o salão onde falou com o príncipe. Este ouviu o tossindo, taciturno. Homem idoso, saudável e nada tolo, o príncipe não acreditava na medicina e irritava se tanto mais com toda aquela comédia quanto era certo não ser o único, talvez, a compreender a causa da doença de Kitty “Este lebréu sai daqui como entrou, sem uma peça de caça”, dizia ele consigo mesmo, exprimindo, nesta linguagem de caçador, a sua opinião sobre o diagnóstico do famoso doutor. Por seu lado, este não se dava sequer ao trabalho de esconder o desdém que lhe merecia o velho fidalgo. Quase não se dignava dirigir lhe a palavra, a esse pobre diabo, uma vez que quem mandava-la em casa, evidentemente, era a princesa. Preparava se para derramar diante dela as pérolas da sua eloqüência, quando ela apareceu com o médico da família e o príncipe logo tratou de se afastar para não deixar perceber o que pensava de toda aquela farsa. A princesa, desconcertada, não sabia que fazer. Sentia se culpada perante a filha.

— Então, doutor, decida a nossa sorte — disse — Diga me tudo — Queria acrescentar “Há esperanças?”, mas os lábios tremeram-lhe e contentou-se em repetir — Fale, doutor.

— Permita, primeiro, princesa, que eu tenha uma conferência com o meu colega, depois terei a honra de lhe dar a minha opinião.

— Querem que os deixemos sós?

— Como quiserem. A princesa suspirou e saiu.

Uma vez a sós com o colega, o médico da família emitiu timidamente a sua opinião.

— Devia tratar se do princípio de um processo tuberculoso, mas o célebre médico ouviu o, porém a meio da sua tirada interrompeu o, consultando o enorme relógio de ouro.

— Sim — disse ele —, mas o médico assistente calou se respeitosamente.

— Como o colega sabe, não podemos determinar o princípio de um processo tuberculoso. Antes do aparecimento das cavernas, não há nada concreto. No caso presente, contudo, certos sintomas, como a desnutrição, a excitação nervosa, e outros, levam nos a recear precisamente isso. A questão é esta que deve fazer se para melhorar a nutrição quando se suspeita da existência de um processo tuberculoso?

— Não devemos perder de vista, no entanto, as causas morais — permitiu se insinuar, com um sorriso subtil, o médico da família.

— Sim, naturalmente — respondeu o famoso doutor, depois de olhar de novo para o relógio — Perdoe me sabe dizer me se a ponte de Iauski está pronta ou se temos de fazer algum desvio? — perguntou — Ah! Já esta pronta! Então poderei chegar em vinte minutos. Como estávamos dizendo, a questão é a seguinte melhorar a nutrição e cuidar dos nervos. Uma coisa esta em relação com a outra. Temos de actuar nas duas direcções.

— E a viagem ao estrangeiro?

— Sou contra essas viagens. De resto, se houver um princípio de tuberculose, coisa que não podemos saber, uma viagem ao estrangeiro nada adiantará. O essencial é arranjar maneira de melhorar a nutrição sem prejudicar o organismo da doente.

E o eminente clínico expôs o seu plano de um tratamento de água de Soden, cujo mérito principal consistia a seu ver, na mocidade. O colega ouvia o com uma atenção respeitosa.

— Eu invocaria, em favor da viagem ao estrangeiro, a mudança de ambiente, o afastamento de tudo que desperta recordações. E além disso é esse o desejo da mãe.

— Bom, nesse caso, que vão, mas que esses charlatães dos alemães não lhe agravem o mal? É preciso que ela siga estritamente o trata

mento Pois bem, que vão — Tornou a olhar para o relógio.

— Oh! São, horas de partir — declarou ele, e dirigiu se para a porta O eminente médico comunicou à princesa que teria de voltar a ver a enferma — naturalmente movido por um sentimento de conveniência.

— Como? Tornar a vela? — exclamou a mãe, horrorizada.

— Não, não, princesa, apenas alguns pormenores.

— Pois bem, seja!

E a princesa acompanhou o médico ao salão onde estava Kitty, de pé, no meio da casa, muito magra, as faces afogueadas e um brilho peculiar nos olhos, causado pela vergonha por que passara. Quando os viu entrar de novo, os olhos encheram se lhe de lágrimas e corou ainda mais. A sua doença e os tratamentos que lhe impunham pareciam lhe tolos e ridículos. Tratá-la desta maneira era tão absurdo como apanhar do chão pedaços de um vaso partido e tentar colá-los. Tinha o coração despedaçado e queriam curá-lo com pílulas e pós? Não queria porém, contrariar a mãe, principalmente porque sabia que esta se considerava culpada.

— Faça favor de se sentar, princesa — disse o médico, sentando-se diante dela.

Depois de lhe tomar o pulso, voltou a fazer lhe perguntas aborrecidas Kitty respondeu lhe, mas não tardou a levantar se, impaciente.

— Desculpe me, doutor, mas na verdade tudo isto não adiante nada. É a terceira vez que me pergunta a mesma coisa. O médico afamado não se ofendeu.

— Excitação nervosa — observou ele, voltando-se para a princesa, como para uma pessoa de excepcional inteligência, expondo lhe cientificamente o estado da filha, e terminou indicando-lhe como devia tomar as águas de que estava a precisar. Ao perguntar lhe a princesa se de veriam ir ao estrangeiro, aquela sumidade médica reflectiu profunda mente e o resultado das suas reflexões foi que podiam partir, com a condição de não se fiarem nos charlatães alemães e de seguirem apenas as prescrições dele, medico russo.

A partida do médico foi um alívio a mãe voltou alegre para junto da filha e esta fingiu também estar alegre. Agora via se obrigada muitas vezes a fingir.

— Na verdade sinto me muito bem *maman.* Mas se queres que partamos, podemos partir — disse, fingindo se interessada na viagem que iam fazer, e pôs se a falar dos preparativos.

CAPÍTULO II

Pouco depois de o médico sair, chegava Dolly. Inteirada de que iria haver uma conferência médica naquele dia e não obstante acabar de levantar se de mais um parto (nascera lhe uma filha no fim do Inverno) e dos muitos desgostos e preocupações que a afligiam, deixando em casa a recém nascida e outra filha doente, quis saber o que havia sobre o destino de Kitty, que naquele momento se decidia.

— Então? — disse ela, ao entrar no salão, sem tirar o chapéu — Estão contentes? Quer dizer tudo caminha bem.

Procuraram explicar lhe o que o médico dissera, mas o certo é que, conquanto este tivesse falado muito e muito bem, não conseguiram resumir lhe a sua opinião. Alias, não as autorizara ele a que fossem ao estrangeiro? Eis a única coisa que importava.

Dolly teve um suspiro involuntário. A irmã, a sua melhor amiga, ia partir? E a vida era para ela tão pouco alegre? Depois da reconciliação com o marido, as suas relações com ele tinham se tornado francamente humilhantes a soldadura feita por Ana não mostrara firmeza e a harmonia conjugal quebrara no mesmo lugar. Nada de concreto, mas a verdade é que andavam sempre com falta de dinheiro Stepane Arkadievitch quase não parava em casa e a suspeita de que lhe era infiel atormentava Dolly, embora procurasse fugir a essa ideia, receosa de passar de novo pelo sofrimento que experimentara, entregando-se ao ciúme. A explosão de ciúmes que se verificara da primeira vez não podia voltar a produzir se, e, se era certo que isso não voltaria a dar se, não receava menos uma nova ruptura dos seus hábitos. Preferia, pois, deixar se enganar, desprezando o marido e desprezando se a si própria, mercê dessa mesma fraqueza. Além disso, as preocupações inerentes a uma família numerosa já lhe não davam pouco que pensar ora não aumentava de peso a recém nascida, ora a ama se despedia, ora, como naquele momento, algum dos filhos adoecia.

— As crianças como estão? — inquiriu a princesa

— Oh, mãe! As coisas não vão bem lá por casa. Lili está de cama, tenho medo que seja escarlatina. Vim saber da Kitty, porque, se for escarlatina, Deus nos livre, não poderei sair de casa tão cedo.

O velho príncipe saiu também do escritório logo que soube da partida do médico e depois de apresentar a face ao beijo de Kitty, e de trocar algumas palavras com ela, dirigiu se à mulher.

— Que resolveram, afinal? Sempre partem? E que destino me dão?

— Acho melhor ficares, Alexandre.

— Como queiras.

— *Maman,* por que não há de o pai vir connosco? — perguntou Kitty — Seria melhor para ele, e para nós também.

O príncipe, que se sentara, levantou-se e acariciou os cabelos de Kitty. Esta levantou o rosto e fitou-o com um sorriso forçado. Kitty tinha a impressão de que de toda a família o pai era quem melhor a compreendia, embora pouco conversasse com ela. A filha mais nova era a predilecta do príncipe e o afecto que ele lhe tinha, pensava ela, devia torná-lo mais compreensivo. Quando o olhar de Kitty se cruzou com o do pai, que a fitava com os seus bons olhos azuis, teve a impressão de que ele lhe lia na alma e que via nela tudo o que lá se passava. Corando, debruçou-se para ele, à espera de um beijo, mas ele contentou-se em passar-lhe a mão pelos cabelos e em dizer:

— Que estúpidos estes cabelos postiços! Nunca conseguimos acariciar os cabelos da nossa filha; no que tocamos é na cabeleira de alguma pobre defunta... Bom, Dolly, que há? — inquiriu, dirigindo-se à filha. — Como vai o teu "ás"?

— Bem, paizinho — replicou-lhe Dolly, compreendendo que o pai se referia ao marido. — Está sempre fora de casa, quase não o vejo — acrescentou, sem poder dominar um sorriso irônico.

— Ainda não foi à aldeia vender o bosque?

— Não, está sempre a preparar-se para isso.

— Realmente!... Então, também eu tenho de me preparar? Pois seja — acrescentou, dirigindo-se à mulher, enquanto voltava a sentar-se.

— E tu, Kitty, sabes o que deves fazer? É preciso que uma destas manhãs, ao acordares, digas a ti mesma; "Estou completamente curada e sinto-me alegre, vou dar um passeio com o papá pela manhã muito cedo, respirar o ar fresco." Que te parece?

Ao ouvir estas palavras do príncipe, aliás de uma grande simplicidade, Kitty sentiu-se perturbada, como um criminoso surpreendido em flagrante. "Sim, ele sabe tudo, compreende tudo e com estas palavras dá-me a entender que, ainda que isso me custe, devo dominar-me." Quis falar, mas as lágrimas embargaram-lhe a voz e saiu correndo.

— É isto que consegues com as tuas tolices! — exclamou a princesa, irritada. — Sempre há-de... — prosseguiu, fazendo-lhe um sermão cheio de censuras.

O príncipe escutou-a um bom bocado em silêncio, mas o rosto ia-se-lhe anuviando cada vez mais.

— Faz tanta pena, a pobrezinha! Não compreendes que a menor referência à causa do seu desgosto a faz sofrer? Ah, como a gente se pode enganar com os outros! (Pela mudança do tom da voz, o príncipe e Dolly compreenderam que ela se referia a Vronski.) Só não compreendo que não haja leis para castigar criaturas tão vis!

— Farias melhor se te calasses! — exclamou o príncipe em tom sombrio, erguendo-se e fazendo menção de retirar-se. Mas ao chegar ao limiar da porta, deteve-se. — Essas leis existem, minha boa amiga, e já que me obrigas a isso, dir-te-ei que em tudo isto a verdadeira culpada és tu apenas. Sempre houve leis contra semelhantes indivíduos, e ainda as há! E embora velho como sou, eu próprio lhe teria pedido contas, a este peralvilho, se... se não se têm passado certas coisas que não deviam ter-se passado. E agora trata-lhe da saúde, manda vir essa cambada de charlatães! Dir-se-ia que o príncipe estava disposto a dizer ainda muito mais coisas, mas, como sempre que se tratava de questões sérias, a princesa, ao ouvi-lo, logo se arrependeu e se aquietou.

— Alexandre, Alexandre — murmurou ela, caminhando para ele, os olhos cheios de lágrimas.

O príncipe assim que a viu chorar acalmou-se e aproximou-se dela.

— Bom, bom, não chores mais! Bem sei que também sofres. Mas que havemos de fazer? Aliás, o mal não é grave e a misericórdia de Deus é infinita... Demos-Lhe graças... —acrescentou, já sem saber bem o que dizia e respondendo ao beijo que a princesa lhe depunha na mão. Por fim, resolveu retirar-se.

Guiada pelo seu instinto maternal, Dolly adivinhara, ao ver Kitty afastar-se chorando, que só uma mulher poderia ter influência sobre ela. Tirando o chapéu, chamou a si todas as forças e preparou-se para intervir. Quando a mãe increpou o príncipe, Dolly procurara detê-la, na medida que lhe permitia o respeito devido; mas à resposta do pai apenas opôs o silêncio, envergonhada pela mãe, embora não tardasse em comover-se ante a ternura que o príncipe logo manifestara pela princesa. Assim que o príncipe se retirou, logo ela se dispôs a cumprir a sua missão.

— Tenho-me esquecido de te perguntar, *maman,* se sabias que

Levine estava disposto a pedir a mão de Kitty, quando aqui esteve pela última vez. Disse-o ao Stiva.

— Sim, e então? Não compreendo.

— Talvez a Kitty o tenha repelido. Não lhe disse nada, mãe?

— Não, não me falou nem de um nem de outro: é demasiado

orgulhosa. Mas sei que tudo isto é porque...

— Sim, mas suponha que ela repeliu o Levine! Nunca o teria feito se o outro não existisse, tenho a certeza. E esse outro enganou-a miseravelmente.

Custando-lhe reconhecer-se culpada perante a filha, a princesa zangou-se.

— Ai, já não compreendo nada! Hoje em dia cada um quer fazer o que lhe dá na veneta, já as filhas não dizem nada às mães, e depois...

— *Maman,* vou falar com ela.

— Pois sim. Porventura to proíbo?

CAPÍTULO III

Ao entrar no minúsculo quarto de Kitty, um gabinetezinho agradável, forrado de seda cor-de-rosa e guarnecido de figurinhas de *vieux Saxe,* tão juvenil, tão rosado e tão alegre como a própria Kitty havia dois meses, Dolly lembrou-se do prazer que ambas experimentaram quando um ano antes se dedicaram a decorá-lo. Oprimia-lhe o coração ver Kitty sentada numa cadeirinha baixa, junto a uma porta, com o olhar fixo num ponto qualquer do tapete. Havia no seu rosto uma expressão fria e severa, que não desapareceu com a entrada de Dolly. Contentou-se em lançar-lhe um olhar vago.

— Tenho receio de não poder voltar a sair de casa tão depressa, e de que não me possas vir visitar — disse Daria Alexandrovna, sentando-se ao lado da irmã. — Por isso gostava de conversar um pouco contigo.

— De quê? — perguntou Kitty, alarmada, levantando a cabeça.

— De que há-de ser senão do teu desgosto?

— Não tenho desgostos.

— Basta, Kitty. Julgas que porventura não sei? Sei tudo. E podes crer que é uma coisa tão insignificante... Todas passamos por isso. Kitty permanecia calada, no rosto uma expressão severa.

— Não merece que sofras por ele — prosseguiu Daria Alexandrovna, atacando o assunto de frente.

— Claro, porque me desprezou — disse Kitty em voz trêmula. — Não me fales disso! Não me digas nada, peço-te!

— Mas quem te disse uma coisa dessas? Ninguém o acreditaria. Pelo contrário, estou convencida de que ele gostava de ti e que ainda gosta, mas...

— Ah, não há nada que mais me exaspere do que essa compaixão!

— exclamou Kitty, exaltando-se de repente.

Agitou-se na cadeira, corando e, movendo rapidamente os dedos, pôs-se a retorcer, ora com uma mão ora com outra, a fivela do cinto. Dolly conhecia-lhe esse gesto, tão seu habitual, quando se exaltava. Sabia-a capaz de proferir palavras inúteis e desagradáveis. Quis acalmá-la, mas já era tarde.

— Que queres tu fazer-me compreender — prosseguiu Kitty, muito agitada —, que eu me apaixonei por um homem que não quer saber de mim e que morro de amor por ele? E é a minha própria irmã que

me vem dizer isto, uma irmã que julga testemunhar-me... testemunhar-me simpatia!... Não preciso dessa piedade hipócrita!

— Kitty, estás sendo injusta!

— Para que me atormentas?

— Nunca pensei nisso... Pelo contrário. Vejo que sofres... Kitty, no seu arrebatamento, nada ouvia.

— Não tenho que me afligir nem que me consolar. Sou demasiado orgulhosa para amar um homem que não gosta de mim.

— Mas eu não compreendo... Ouve, diz-me a verdade — replicou Daria Alexandrovna, pegando-lhe na mão. — Diz-me, Levine falou-te?

Ao ouvir pronunciar o nome de Levine, acabou por perder completamente o domínio sobre si própria: deu um pulo da cadeira, atirou ao chão a fivela do cinto e gesticulando bruscamente exclamou:

— Que tem o Levine a ver com isto? Não compreendo por que me queres fazer sofrer. Já o disse e repito-o: sou orgulhosa e absolutamente incapaz de fazer, nunca, nunca, o que tu fizeste: voltar para um homem que me enganou, que se apaixonou por outra mulher. Não posso compreendê-lo. Tu podes fazer uma coisa dessas, mas eu não!

Ao dizer isso, encaminhou-se para a porta, mas ao ver que Dolly baixava a cabeça tristemente, sem dizer palavra, deixou-se cair numa cadeira e escondeu o rosto no lenço.

O silêncio prolongou-se por um ou dois minutos. Dolly pensava nas suas próprias aflições: a humilhação por que passara, que ela tão bem sentia, parecia-lhe agora mais dolorosa lembrada pela irmã. Kitty ferira-a; nunca a julgara capaz de tanta crueldade. Mas de súbito sentiu o ruge-ruge de um vestido, ao mesmo tempo que um soluço abafado, enquanto dois braços lhe envolviam o pescoço: Kitty estava de joelhos diante dela.

— Dolinka, sou tão desgraçada! — murmurou ela num tom contrito, escondendo na saia de Dolly o seu lindo rosto coberto de lágrimas.

Eram precisas talvez aquelas lágrimas para lubrificar as rodas da máquina das relações das duas irmãs: depois de terem chorado, não voltaram a falar nas coisas que as preocupavam, mas, falando de outros assuntos, compreendiam-se uma à outra perfeitamente. Kitty sabia que as suas palavras de censura e de azedume tinham ferido profundamente a irmã, mas sabia também que Dolly não lhe queria mal por isso. Por outro lado, Dolly sentia que adivinhara tudo: Kitty recusara a proposta de Levine para depois se ver enganada por Vronski. Aquele era o ponto doloroso, embora estivesse pronta a amar

Levine e a esquecer Vronski. Claro que Kitty nada disse a este respeito, mas, assim que serenou, deixou entrever o seu estado de espírito.

— Não tenho nenhum desgosto, mas não podes calcular como tudo se me tornou odioso e repugnante, a começar por mim própria. Não podes calcular os pensamentos maus que me vêm à mente.

— Que maus pensamentos podes ter? — perguntou Dolly, sorrindo.

— Os piores, os mais feios, não os posso descrever. Não é nem tédio nem desespero, é coisa bem pior. Tudo que havia de bom em mim me parece, às vezes, ter cedido lugar ao mal... Como explicar-te? — prosseguiu ela, vendo uma certa perplexidade nos olhos da irmã. — O pai disse-me há pouco... Parece-me que a única coisa que ele desejava para mim era um marido. Se a mãe me leva a um baile, acho que o fazem apenas para me casarem e para se verem livres da filha. Bem sei que não é verdade, mas não posso deixar de pensar assim. Não posso ver esses homens a quem dão o nome de pretendentes. Tenho a sensação de que me estão a tomar as medidas. Antigamente era uma alegria para mim ir a qualquer baile, gostava de me vestir bem, agora tenho vergonha, não me sinto à vontade. Que queres que eu faça? O médico... Sim... Kitty calou-se, perturbada; queria dizer, além disso, que depois daquela nefasta transformação, detestava Stepane Arkadievitch e não podia tornar a vê-lo sem que as imagens mais baixas se lhe representassem no espírito.

— Sim, é verdade, tudo se me apresenta sob um aspecto infame, material... — prosseguiu Kitty. — Eis no que consiste a minha doença. Talvez isto venha a passar.

— Procura não pensar mais nisso...

— Não posso. Só me sinto bem em tua casa, no meio das crianças.

— Que pena não poderes ir agora para lá.

— Pois irei. Já tive a escarlatina e hei-de convencer a mãe.

Kitty cumpriu o que dissera: declarada a escarlatina, foi para a casa da irmã e ajudou-a a, tratar das seis crianças, e todas melhoraram, felizmente. Mas nem por isso a sua própria saúde melhorou. Os Tcherbatski saíram, portanto, de Moscovo pela Quaresma e dirigiram-se ao estrangeiro.

CAPÍTULO IV

A alta sociedade petersburguesa constitui, na realidade, um único círculo, onde todos se conhecem e se visitam. Mas este grande círculo tem as suas subdivisões. Ana Arkadievna tinha amizades íntimas e relações em três círculos diferentes. O primeiro, o círculo oficial, compreendia os colegas e os subordinados do marido, unidos ou divididos entre si pelas relações sociais mais diversas e mais caprichosas. A princípio, Ana nutrira por estas personagens um respeito quase religioso de que não lhe restava mais que a recordação. É que as conhecia a todas agora, como as pessoas se conhecem numa cidade pequena, cada uma com as suas manias e as suas fraquezas, as suas simpatias e as suas antipatias. Sabia onde lhes apertava o sapato, a quem deviam a situação que ocupavam e por que razão, quais as relações entre elas e relativamente ao centro comum a todas. Mas o certo é que, a despeito dos conselhos da condessa Lídia, este círculo de personalidades oficiais, a que estava ligada pelas funções do marido, não a interessava nada e evitava-o o mais possível.

O segundo círculo, ao qual Alexei Alexandrovitch devia o êxito da sua carreira, tinha por centro a condessa Lídia. Compunha-se de damas idosas, feias, virtuosas e devotas e de homens inteligentes, instruídos e ambiciosos. Um deles cognominara este grupo "A consciência da sociedade petersburguesa". Alexei Alexandrovitch apreciava-o muito e Ana, que sabia conviver com todas as pessoas, encontrou nele muitos amigos durante os primeiros tempos da sua vida em Sampetersburgo. Mas agora, de regresso de Moscovo, este círculo tornara-se-lhe insuportável: afigurava-se-lhe que ali todos, a começar por ela própria, passavam o tempo a fingir, e como se sentia mal e pouco à-vontade em casa da condessa Lídia freqüentava-a cada vez menos.

Finalmente, o terceiro círculo era a alta sociedade propriamente dita, a sociedade dos bailes, dos banquetes, dos vestidos elegantes, a sociedade que dava a mão à Corte para não cair nessa meia sociedade que julgava menosprezar, compartilhando dos seus gostos. O elo que prendia Ana Karenina a este meio era a princesa Betsy Tverskaia, mulher de um dos seus primos, que dispunha de um rendimento de vinte mil rublos. Desde que Ana chegara a Sampetersburgo a princesa Betsy sentira-se atraída por ela. Procurava introduzi-la no seu meio, troçando muito do da condessa Lídia.

— Quando eu for velha e feia, farei como ela — dizia Betsy —, mas a Ana, nova e bonita como é, que vai fazer nesse asilo?

Entretanto, Ana mantivera-se muito tempo afastada dessa sociedade, cujo meio de vida estava em relação com os seus meios de fortuna e que, aliás, lhe agradava menos que a outra. No seu regresso de Moscovo, porém, tudo se modificara: trocara os amigos virtuosos pelos amigos da alta sociedade. Ali encontrava Vronski, e sempre que o via sentia uma deliciosa emoção. A maior parte das vezes viam-se em casa de Betsy, Vronski de família e prima germana de Alexei. Este, porém, não perdia a mínima oportunidade de vê-la e de lhe falar do seu amor. Ana não dava qualquer esperança, mas, assim que o via, sentia apoderar-se da sua alma aquela mesma alegria de que se sentira possuída quando do primeiro encontro na estação. Esta alegria denunciava-se no sorriso que lhe aparecia nos lábios e na luz do olhar, e o certo é que percebia isso, embora sem forças para o esconder.

De princípio, Ana acreditava sinceramente que a perseguição de Vronski a desgostava, mas certa noite em que ele não apareceu numa casa onde esperava encontrá-lo, compreendeu claramente, frente à amargura que a trespassou, quanto eram vãs as suas ilusões e que, em vez de lhe desagradar, essa assiduidade constituía o interesse dominante da sua existência.

Uma cantora célebre cantava pela segunda vez e toda a alta sociedade fora à Opera, incluindo Vronski, que estava na primeira fila da platéia.

Quando viu, porém, a prima num camarote, não esperou sequer pelo intervalo para ir ter com ela.

— Por que não veio jantar comigo? — disse-lhe ela, e acrescentou a meia voz, de modo a não ser ouvida senão por ele: — Admiro essa segunda vista dos apaixonados: “ela” não está, mas vem depois do espectáculo.

Vronski interrogou-a com os olhos: Betsy respondeu-lhe com um aceno de cabeça; ele agradeceu-lhe com um sorriso e sentou-se junto dela.

— E os seus divertimentos de outrora, que é feito deles? — continuou a princesa, que seguia com uma prazer especial a marcha desta paixão. — Está apanhado, meu amigo.

— Não peço outra coisa — respondeu Vronski, com o seu sorriso sereno e bondoso. — Para falar francamente, se de alguma coisa me posso queixar é de não estar suficientemente “apanhado”. Principio a perder a esperança.

— Que esperanças pode ter? — perguntou Betsy, defendendo a virtude da sua amiga. — *Entendons-nous*...(Nota 5)

Mas nos seus olhos excitados qualquer coisa dizia que ela

compreendia tão bem como ele em que consistia essa esperança.

— Nenhuma — respondeu Vronski, mostrando, num sorriso, os seus dentes brancos e muito certos. — Perdão — acrescentou, pegando no binóculo, que retirou das mãos de Betsy, para observar, por cima dos ombros nus da prima, a fila dos camarotes do lado oposto. — Tenho receio de começar a ficar ridículo.

Vronski sabia perfeitamente que aos olhos de Betsy, bem como aos das pessoas do seu meio, não corria o mínimo risco de se tornar ridículo. Sabia muito bem que para essa gente o papel de namorado infeliz de uma donzela ou de uma mulher livre pode parecer ridículo, mas o do homem que persegue uma mulher casada e que tudo arrisca para a seduzir tem algo de belo e de grandioso e nunca pode parecer ridículo. Eis por que, pondo de lado o binóculo, olhou para Betsy com um sorriso de orgulho, que lhe brincava por debaixo do bigode.

— Mas porque não veio jantar? — insistiu ela, sem resistir a admirá-lo.

— É toda uma história. Estive ocupado. Em quê? Aposto um centra cem, ou contra mil, em como não adivinha... A reconciliar um marido com o homem que lhe ofendeu a mulher.

— E conseguiu?

— Quase.

— Tem de me contar isso no próximo intervalo — disse ela, levantando-se.

— Impossível. Vou ao Teatro Francês.

— Deixa de ouvir a Nilson por causa disso? —exclamou Betsy, horrorizada, embora não fosse capaz de distinguir a Nilson da pior das coristas.

— Não me é possível. Tenho ali um encontro por causa da tal reconciliação.

— Bem-aventurados os pacificadores, que serão salvos — exclamou Betsy, que se lembrava de ter já ouvido qualquer coisa no gênero. — Bom, então diga-me depressa do que se trata.

E voltou a sentar-se.

CAPÍTULO V

— É um pouco indiscreto, mas como se trata de uma coisa muito simpática, estou ansioso por lha contar — disse Vronski, olhando-a com olhos risonhos. — Não direi nomes.

— Está bem, eu encarrego-me de os adivinhar. Tanto melhor.

— Então, ouça: dois rapazes bastante alegres...

— Seus camaradas de regimento, é claro!

— Não disse dois oficiais, mas dois rapazes que tinham almoçado bem...

— Traduza-se: fartos de beber.

— Talvez. Com óptima disposição, vão jantar a casa de um camarada. Passa por eles um carro; a linda mulher que o ocupa volta-se para trás, e, assim se lhes afigura, faz-lhes um aceno de cabeça. Está claro que lhe vão no encalço a todo o galope. Com grande surpresa deles, porém, a bela desconhecida pára exactamente diante da porta da casa para onde eles próprios se dirigiam. Sobe até ao andar superior. Apenas tiveram tempo de lobrigar dois lindos pèzinhos e por debaixo do véu o fulgor de uns lábios vermelhos.

— A avaliar pela maneira como se exprime, também devia fazer parte do grupo.

— Esquece-se do que disse há pouco... Os meus dois amigos entraram em casa do camarada, que nesse dia dava um jantar de despedida. Foi aí talvez que eles beberam um pouco mais do que deviam, como sempre acontece em jantares dessa ordem. A mesa tratam de investigar quem mora no andar de cima: ninguém lhes sabe prestar esse esclarecimento. “Há donzelas na casa?”, perguntam ao criado do amigo. “Oh, há muitas”, responde este. Findo o jantar, entram no escritório do amigo para escreverem uma carta à desconhecida. Redigem-na em tom incendiado e resolvem entregá-la em mão, para assim poderem explicar o que porventura ficasse obscuro.

— Para que me conta uma patifaria dessas? E depois?

— Tocam a campainha. Vem abrir uma jovem. Entregam-lhe a carta, declaram-lhe que estão loucos de amor e prontos a morrer diante daquela porta. A criada, estupefacta, parlamenta com eles. De súbito, aparece um sujeito vermelho como um pimentão, com suíças em forma de pata de coelho, que os põe na rua, não sem lhes dizer previamente que naquela casa só há uma mulher e que essa mulher é

a sua.

— Como sabe que tinha suíças em forma de pata de coelho?

— Porque tentei hoje uma reconciliação.

— E depois?

— É o mais interessante da história. Acontece que aquele casal feliz é um conselheiro titular e esposa. O Senhor Conselheiro apresentou queixa e aí apareço eu como medianeiro. E que medianeiro! Junto de mim, Talleyrand fica a perder de vista.

— Onde estava a dificuldade?

— Já vai ver... Começámos por nos desculpar o melhor que pudemos. "Deplorável mal-entendido... Estamos desesperados... Queira desculpar-nos..." O conselheiro titular, com as suas suíças em forma de pata de coelho, principia a humanizar-se, mas também deseja exprimir os seus sentimentos e quando vai fazê-lo, exalta-se, diz grosserias e lá tenho de pôr novamente à prova as minhas habilidades diplomáticas. "Reconheço que o comportamento desses rapazes não foi correcto, mas peco-lhe que tenha em consideração o equívoco: são rapazes e acabavam de jantar bem. Estão arrependidos e pedem-lhe que os desculpe." O Senhor Conselheiro volta a humanizar-se. "Estou de acordo, conde, e estou mesmo disposto a perdoar-lhes, mas é preciso que compreenda: a minha mulher, uma senhora honesta, ver-se sujeita às perseguições, às grosserias, às impertinências de dois velhacos, de dois mise..." Isto nas bochechas dos ditos velhacos com quem estou encarregado de o reconciliar! Ponho novamente em jogo toda a minha diplomacia e de novo, quando o assunto parece resolvido, o conselheiro titular irrita-se, fica vermelho, eriçam-se-lhe as suíças e vejo-me obrigado a recorrer a novas subtilezas diplomáticas.

— Oh! Tenho de contar-lhe esta história — exclamou Betsy, numa gargalhada, dirigindo-se a uma senhora que acabava de entrar no camarote. — Ri-me tanto!... Pois bem, *bonne chance* — acrescentou estendendo a Vronski o único dedo que o leque lhe deixava livre.

Antes de voltar para a primeira fila do camarote e de se exibir à luz crua do gás, com um rápido movimento de ombros alargou o decote do vestido para que a sala tivesse a completa revelação da sua esplêndida nudez.

Entretanto Vronski dirigia-se ao Teatro Francês, onde o seu comandante, que não falhava a uma única representação, lhe marcara, de facto, um encontro. Tinha de lhe fazer um relatório sobre a marcha das negociações que há três dias o ocupavam e divertiam. Os heróis da aventura eram dois oficiais do seu esquadrão: Petritski, de quem era

grande amigo, e outro jovem, o príncipe Kedrov, que acabava de ingressar no regimento, belo rapaz e excelente camarada. E o mais importante é que a reputação do regimento estava em jogo.

Efectivamente, Wenden, o conselheiro titular, apresentara uma queixa ao coronel contra os ofensores da mulher. Segundo ele, esta, casada há seis meses, e em estado interessante, fora à igreja na companhia da mãe: uma súbita indisposição obrigara-a a tomar a primeira carruagem que lhe aparecera para voltar rapidamente a casa. Perseguida pelos oficiais, cheia de medo, subira as escadas a correr, o que lhe agravara o mal-estar físico. Ele, que já regressara da repartição, ouviu uma campainha e vozes desconhecidas. Foi ver quem era e ao defrontar os dois oficiais embriagados, com uma carta, pusera-os na rua, pedindo, agora, que eles fossem severamente castigados. O coronel enviara-lhe imediatamente Vronski.

— Diga o que quiser, Petritski está impossível — disse a Vronski o comandante do regimento. — Todas as semanas arma um escândalo. Esse funcionário não vai ficar por aí.

Efectivamente o caso era complicado. Não se podia pensar em duelo. Era indispensável, custasse o que custasse, acalmar o queixoso. Vronski compreendera-o imediatamente e o coronel confiava na sua habilidade, na sua inteligência e sabia quanto ele tinha em conta o bom nome do regimento. Os dois resolveram que Petritski e Kedrov apresentariam desculpas e que Vronski os acompanharia: o seu título e as suas insígnias de ajudante de campo deveriam impor-se ao ofendido. Assim a reconciliação estava ainda indecisa.

Vronski, ao chegar ao Teatro Francês, chamou o coronel ao foyer e contou-lhe o que se passava: o êxito, ou antes, o malogro da missão. Depois de muito pensar, o coronel decidiu não mexer mais no caso, o que não o impediu de fazer mais perguntas a Vronski e de rir a bom rir ao tomar conhecimento das oscilações de humor do Senhor Conselheiro e da maneira hábil como Vronski, aproveitando um minuto de calma, tratara de se retirar trazendo consigo Petritski.

— História estúpida — concluiu ele —, mas engraçada. Seja como for, Kedrov não pode bater-se em duelo com esse sujeito! Quer dizer que estava furioso? — perguntou o coronel, rindo de novo a bom rir. — E que tal lhe parece a Claire esta noite? Maravilhosa, não é verdade? (Tratava-se de uma nova actriz francesa.) Por mais que a gente a veja representar, é sempre diferente. Só os Franceses são capazes de uma coisa destas, meu caro.

CAPÍTULO VI

A princesa Betsy saiu do teatro antes de terminado o último acto. Mal tivera tempo de entrar no toucador para passar a esponja de pó de arroz pelo longo rosto pálido e de arranjar se um pouco, mandando servir o chá no salão, logo principiaram a chegar as primeiras carruagens à sua vasta residência da Rua Bolchaia Morskaia. Os convidados desciam diante do grande alpendre, um porteiro monumental abria-lhes, sem ruído, a imensa porta envidraçada, atrás da qual costumava ler os jornais, todas as manhãs, para edificação dos transeuntes.

Quase ao mesmo tempo, entravam no salão, por uma porta, a dona da casa, já recomposta e o rosto refrescado, e, pela outra, os convidados. As paredes eram forradas de tecidos escuros, o chão coberto de tapetes espessos. Sobre uma mesa grande a luz das velas fazia cintilar a brancura da toalha em que estava o samovar de prata e um serviço de chá de porcelana transparente.

A princesa sentou se diante do samovar e tirou as luvas Lacaios práticos em deslocar cadeiras sem ninguém o notar ajudaram os convidados a sentar se. Logo se formaram dois grupos um em torno da dona da casa, o outro, no canto oposto do salão, em volta de uma formosa embaixatriz de bem desenhadas sobrancelhas pretas, toda de veludo negro. Nos primeiros momentos, como sempre acontece ao iniciar se uma reunião, a conversa, interrompida pelos que iam chegando, pelas chávenas de chá que se ofereciam e pela troca de cumprimentos permaneceu hesitante.

— É uma actriz extraordinária. Vê se logo que estudou Kaulbach

— afirmou um diplomata no grupo da embaixatriz — Notaram como ela caiu?

— Por amor de Deus, não falemos da Nilson, já está tudo dito a seu respeito — exclamou uma gorda dama loura, muito corada, sem sobrancelhas nem postiços, que envergava um vestido de seda velho. Era a princesa Miagkaia, a quem chamavam *Venfant terrible*(Nota 6) por causa da sua irreverência. Assentada entre os dois grupos, apurava o ouvido e tomava parte na conversa dos dois — Já ouvi hoje três pessoas dizerem me a mesma coisa sobre Kaulbach. Parece que se tinham combinado. Não sei por que lhes caiu no gosto essa frase.

A conversa foi interrompida com este comentário. Houve que arranjar novo tema.

— Conte nos qualquer coisa divertida, mas que não seja maliciosa

— pediu ao diplomata, que ficara sem saber o que dizer, a embaixatriz, muito hábil em artifícios de conversas elegantes, de *smalltalk*(Nota 7), como dizem os Ingleses.

— Dizem que isso é muito difícil e que a única coisa engraçada é a malícia — replicou o diplomata sorrindo — No entanto vou tentar. Desde que me dêem um tema. É o mais importante. Quando há um tema nada mais fácil que borboletear sobre ele. Às vezes penso que os grandes conversadores do século passado, se viessem hoje, teriam as suas dificuldades em manter uma conversa interessante Fazer espírito tornou-se uma maçada.

— Isso já foi dito há muito — interrompeu, rindo, a embaixatriz. A conversa ia assumindo um tom agradável, mas demasiado anódino para durar muito. Só havia um meio infalível de salvar a situação a maledicência. Era preciso recorrer a ela.

— Não acham que Tuchkevitch tem qualquer coisa de Luís XV? — voltou o diplomata, apontando, com um movimento de olhos, um belo rapaz louro junto à mesa.

— Oh! Sim! É no mesmo estilo do salão. Por isso vem cá tantas vezes. Desta vez a conversa manteve-se era divertido versar, por meio de alusões, um assunto interdito no local, a saber, a ligação de Tuchkevitch com a dona da casa.

Entretanto a conversa do grupo que se encontrava em volta desta flutuara um certo tempo sobre temas inevitáveis a notícia da última hora, o teatro e a censura ao próximo. E também ali prevaleceu a maledicência.

— Não ouviram dizer que a Maltischeva, a mãe, não a filha, está a fazer um trajo de diable rose?

— Não é possível! Mas isso é delicioso!

— Admira me que com a inteligência dela, porque não é tola, não sinta o ridículo disso.

Todos tiveram qualquer coisa a dizer para criticar e ridicularizar a infeliz Maltistcheva, e as frases crepitaram, alegremente, como uma fogueira que arde.

O marido da princesa Betsy, um homem gordo e bom, coleccionador apaixonado de gravuras, ao saber que a mulher tinha convidados entrou no salão antes de sair para o clube. Em passos melífluos, que os grandes tapetes abafavam mais ainda, dirigiu se logo à princesa Miagkaia.

— Gostou da Nilson? — perguntou ele.

— Não tem o direito de assustar assim uma pessoa! — exclamou ela

— Assustou me? Não me fale da opera, você não entende nada de musica. Prefiro descer até ao seu nível e falar de gravuras e de majolicas. Então, que descobriu mais no antiquário?

— Quer ver a minha última descoberta? Mas a senhora não percebe nada dessas coisas.

— Mesmo assim, mostre lá. Aprendi muito em casa desses esqueci-me do nome Você sabe, dos banqueiros. Palavra, têm gravuras, magníficas. Mostraram-mas.

— O quê? Você foi a casa dos Schutzburg?— perguntou de onde estava a dona da casa.

— É verdade, *ma chère* — respondeu a princesa Miagkaia, elevando a voz, pois percebia que todos a ouviam — Convidaram nos para jantar, a meu marido e a mim, e serviram nos um molho que, ao que parece, lhes ficou em mil rublos. Péssimo molho, alias, uma coisa assim esverdeada. Como tive de convidá-los, pela minha vez, ofereci-lhes um molho de oitenta e cinco copeques, que todos apreciaram muito. Eu não tenho meios para oferecer molhos de mil rublos!

— Esta mulher é única! — comentou a dona da casa.

— Extraordinária? — aprovou alguém

Se a princesa Miagkaia nunca perdia o efeito das suas palavras, era apenas porque costumava dizer com bom senso, mas sempre a propósito, coisas absolutamente vulgares. Na sociedade em que vivia, aquele espesso bom senso passava por finura de espírito. O êxito que obtinha surpreendia a, o que, no entanto, não a impedia de tirar partido dele.

No silêncio que se seguiu, a dona da casa tentou uma fusão entre os dois grupos, dirigindo se à embaixatriz.

— Decididamente — disse-lhe ela — não querem tomar chá? Deviam sentar se aqui connosco.

— Não, muito obrigada, estamos muito bem aqui — respondeu a outra, sorrindo E retomou a conversa interrompida. O assunto valia a pena estavam na berlinda os Karenines — marido e mulher.

— A Ana mudou muito desde a viagem a Moscovo — dizia uma das suas amigas —Há nela qualquer coisa de estranho.

— A mudança que se operou foi a sombra de Alexei Vronski que ela trouxe atrás de si — comentou a embaixatriz.

— E que tem isso de especial? Ha um fabula de Grimm em que um homem, para castigo de não sei que maldade, é privado da sua própria sombra. Não consigo perceber tal gênero de castigos. Estou certa de

que deve ser muito penoso para uma mulher ver se privada da sua própria sombra.

— Sim — interveio a amiga de Ana —, mas as mulheres que têm sombra geralmente acabam mal.

Ao ouvir estas palavras, a princesa Miagkaia observou.

— Devia levar pimenta na língua! Ana Karenina é uma mulher encantadora. Do marido, sim, não gosto mas dela gosto muitíssimo.

— E por que não gosta dele? — inquiriu a embaixatriz — É um homem notável. Meu marido diz que não há hoje na Europa outro estadista da sua envergadura.

— O meu é da mesma opinião, mas eu não concordo com ele. Se os nossos maridos nada tivessem dito a respeito dele, todas nós veríamos Alexei Alexandrovitch tal como é. E na minha opinião é um asno. Isto aqui entre nós, é claro. Ao menos assim tudo fica dito de uma vez. Antigamente, quando me mandavam considerá-lo uma pessoa inteligente, cheguei a conclusão de que a asna era eu, porque não havia maneira de descobrir onde estava a inteligência dele. Mas desde que disse, uma vez, em surdina, claro "É um asno", tudo se explicou.

— Que maldosa está hoje?

— Absolutamente. Mas não há outra alternativa. Um de nós dois é asno. E, como todos sabem, ninguém vai considerar se asno a si próprio.

— Ninguém está contente com a sua posição, mas todos estão contentes com a sua inteligência — insinuou o diplomata, citando um aforismo francês.

— Precisamente — tratou de confirmar a princesa Miagkaia Quanto à Ana, a essa não lhes deixo eu nas mãos. É encantadora, garanto lhes. Que culpa tem de que todos os homens se apaixonem por ela e a sigam como uma sombra?

— Mas eu não estou a censurá-la — disse a amiga de Ana, dês culpando se.

— Lá porque ninguém nos segue como uma sombra, nem por isso nos assiste o direito de criticar os outros.

E apôs esta boa lição à amiga de Ana, a princesa levantou se e, seguida da embaixatriz, aproximou se da mesa grande, onde o assunto da conversa era o rei da Prússia.

— De quem estavam a falar mal? — perguntou Betsy.

— Dos Karenines a princesa fez nos o retrato de Alexei Alexandrovitch — respondeu rindo a embaixatriz. E sentou se a mesa.

— Que pena não a termos podido ouvir! — exclamou Betsy com os olhos voltados para a porta — Ah! Finalmente — acrescentou, sorrindo para Vronski, que acabava de entrar.

Vronski não só conhecia todos os presentes como estava mesmo com eles todos os dias. Entrou, pois, com o à vontade de um homem que se encontra diante de pessoas que deixara há pouco tempo.

— De onde venho? — replicou à pergunta da embaixatriz — Que hei de eu dizer? Vejo-me obrigado a confessar venho da ópera cômica. Deve ser a centésima vez que vou lá, mas nem por isso me diverti menos. É uma vergonha dizê-lo, mas e a verdade na opera lírica adormeço, enquanto na opera cômica me sinto às mil maravilhas até ao fim Esta noite.

Vronski citou o nome de uma actriz francesa e dispunha se a contar qualquer coisa a seu respeito quando a embaixatriz o interrompeu com uma expressão de cômico espanto.

— Peco-lhe que não me fale desse horror!

— Esta bem, calar-me-ei, tanto mais que todos conhecem esse horror.

— E todos o iriam ver se fosse de bom-tom, como ir à ópera lírica

— acrescentou a princesa Miagkaia.

CAPÍTULO VII

Ouviram-se passos junto à porta de entrada e a princesa Betsy, convencida de que era. Ana Karenina, relanceou um olhar a Vronski. Este mudara de expressão com os olhos fitos na porta, levantou se lentamente da cadeira e pareceu ficar flutuando entre o receio e a alegria. Era Ana. Muito direita, como sempre, e olhando em frente, num passo rápido e decidido, que a distinguia das outras senhoras da alta sociedade, venceu o curto espaço que a separava de Betsy e apertou lhe a mão, sorrindo. Depois, com o mesmo sorriso, voltou se para Vronski. Este, numa profunda vênia, ofereceu lhe uma cadeira Ana pareceu contrariada, corou e quase não correspondeu à gentileza Imediatamente, porém, refreou se, saudou com inclinações de cabeça alguns dos presentes, apertou a mão a outros e disse a Betsy.

— Gostaria de ter chegado mais cedo, mas estive em casa da condessa Lídia e demorei me. Estava lá Sir John. É um homem muito interessante.

— O missionário?

— Sim, contou nos coisas muito curiosas sobre a índia. A conversa, interrompida com a chegada de Ana, de novo se reavivou, como a chama quando é soprada.

— Sir John? Sim, Sir John. Conheço-o. Fala muito bem. A Vlacievna está encantada com ele.

— É verdade que a Vlacievna mais nova vai casar com Topov?

— Sim, dizem que sim.

— Surpreende me que os pais consintam. É um casamento de amor, segundo ouço dizer.

— De amor? — exclamou a embaixatriz — Onde foi colher essas ideias antediluvianas? Quem fala em amor nos nossos dias?

— Que quer, minha senhora? — disse Vronski — Essa velha moda ridícula ainda não acabou de todo.

— Tanto pior para os que ainda a usam! Em matéria de casamentos, só conheço uma espécie feliz o casamento de conveniência.

— Pode ser, mas, em troca, a felicidade desses casamentos muitas vezes desfaz se em pó justamente porque surge o amor, no qual não acreditavam — replicou Vronski.

— Perdão, chamo casamento de conveniência a esse em que ambas as partes já pagaram o seu tributo à mocidade. O amor é como a

escarlatina, todos têm de passar por ela.

— Então, seria bem melhor que se arranjasse maneira de inoculá- lo artificialmente, como se faz com a varíola.

— Quando rapariga, apaixonei me por um sacristão — declarou a princesa Miagkaia — Mas não sei se isto me serviu de alguma utilidade

— Fora de brincadeira — interrompeu Betsy —, sou de opinião que, para conhecermos o amor, temos primeiro que nos enganarmos para depois então corrigirmos o erro.

— Mesmo depois de casadas? — perguntou, rindo, a embaixatriz

— Nunca é tarde para nos arrependermos — observou o diplomata, citando um provérbio inglês.

— Exactamente. — aprovou Betsy — Cometer um erro e, depois, repará-lo, eis o verdadeiro caminho. Qual a sua opinião, minha querida?

— perguntou ela a Ana, que ouvia a conversa, calada, um meio sorriso nos lábios.

— Eu acho — disse Ana, brincando com uma das luvas — que se é verdade que cada cabeça cada sentença, há de haver tantas maneiras de amar quantos os corações.

Vronski, que de olhos fitos em Ana ouvira a resposta dela com o coração fremente, respirou, como quem acaba de sarar se de um grande perigo Ana voltou se bruscamente para ele.

— Recebi notícias de Moscovo Kitty Tcherbatski está muito doente.

— Sim? — disse ele, franzindo as sobrancelhas. Ana relanceou lhe um olhar severo.

— Pelo que vejo, isso não lhe interessa.

— Pelo contrário, interessa me muito Podia resumir me o que lhe dizem de Moscovo a esse respeito?

Ana levantou se e aproximou se de Betsy.

— Quer dar me uma xícara de chá? — disse lhe ela, detendo-se atrás da cadeira da princesa.

Enquanto Betsy lhe enchia a xícara aproximou se de Ana.

— Que lhe mandaram dizer?

— Penso muitas vezes que os homens não compreendem o que é nobre, embora passem a vida a falar de nobreza — replicou Ana, sem responder à pergunta que ele lhe fizera — Há muito que lhe queria

dizer isto — acrescentou. E, dando alguns passos, sentou se num canto diante de uma mesa onde estavam uns álbuns.

— Não compreendo muito bem o que quer dizer — observou ele, oferecendo-lhe uma chávena de chá.

E como ela lhe apontava com os olhos o canapé, ele sentou-se junto dela.

— Sim, queria dizer-lhe — prosseguiu ela, sem levantar os olhos para ele — que procedeu mal, muito mal.

— Não o sei por acaso? Mas de quem é a culpa?

— Por que me diz uma coisa dessas? — inquiriu ela, fitando o com severidade.

— Sabe-o tão bem como eu — replicou ele, exaltado. Deteve ousadamente o olhar de Ana e foi ela quem se perturbou.

— Isso prova apenas que não tem coração — voltou ela. Mas os olhos com que o olhava diziam lhe saber muitíssimo bem que isso não era verdade.

— Isso a que se refere era uma ilusão, não era amor.

— Lembre se de que o proibi de pronunciar essa palavra — disse ela, estremecendo. Mas imediatamente compreendeu que, ao empregar a palavra "proibi", reconhecia certos direitos sobre ele e parecia encorajá-lo a que falasse de amor — Há muito desejava ter consigo uma conversa séria — prosseguiu ela, olhando o bem nos olhos, as faces incendiadas de rubor — e vim hoje de propósito aqui, sabendo que o encontraria. É preciso que tudo isto acabe. Nunca tive de corar de quem quer que fosse, mas por sua causa sinto-me culpada.

Enquanto falava, a beleza de Ana ganhava uma expressão nova, toda espiritual, que impressionou Vronski.

— Que posso eu fazer? — perguntou ele, em tom simples e grave.

— Que vá a Moscovo pedir perdão a Kitty.

— Não é esse o seu desejo.

Sentia que ela se empenhava em dizer uma coisa, mas desejando outra bem diferente.

— Se me ama, como diz, peco-lhe que me restitua a minha tranqüilidade.

O rosto de Vronski resplandeceu.

— Não sabe que é toda a minha vida? Mas não tenho tranqüilidade nem lha posso dar. Dar-me todo inteiro, dar-lhe o meu amor isto sim posso. Mas pensar em nós separadamente, não. Para mim, você e eu

somos um só. E não vejo que o futuro nos reserve tranqüilidade, nem para si nem para mim. Diante de nós só vejo infelicidade e desespero ou felicidade, e que felicidade! É realmente impossível! — acrescentou, com um simples movimento de lábios, que ela ouviu.

Ana reuniu todas as forças da sua alma para dar a Vronski a resposta que o dever lhe impunha, mas não conseguiu senão pousar nele um olhar cheio de amor, sem pronunciar palavra.

"Meus Deus!", pensou ele num transporte, "no momento em que eu perdia toda a esperança, eis que o amor chega! Ama-me, confessou-o"

— Faça-o por mim, nunca me fale assim e fiquemos bons amigos

— conseguiu Ana articular, mas nos seus olhos lia-se coisa bem diferente.

— Nós nunca seremos amigos, bem o sabe. Nas suas mãos está decidir se viremos a ser ou os mais felizes ou os mais infelizes dos seres humanos. Ana quis falar, mas ele tomou lhe a palavra.

— Pense bem nisso, só lhe peço uma coisa que me dê o direito de esperar e de sofrer como neste momento. Mas se nem sequer isso é possível, mande que eu desapareça e desaparecerei. Não mais me tornará a ver, se porventura lhe é penosa a minha presença.

— Não quero expulsá-lo.

— Então não mude nada, deixe as coisas como estão — murmurou ele, em voz trêmula —Mas aí tem o seu marido.

Efectivamente, Alexei Alexandrovitch entrara no salão naquele instante, no seu andar imponente e arrastado. Ao passar, lançou um olhar à mulher e a Vronski, apresentou os seus respeitos à dona da casa, sentou se junto à mesa do chá e declarou, na sua voz lenta e bem timbrada, nesse tom irônico que tanto estimava.

— O vosso *Rambouillet*(Nota 8), pelo que vejo, está completo as Graças e as Musas.

Mas a princesa Betsy não podia com aquele tom escarninho, *sneermg*(Nota 9), como ela dizia. Como mulher inteligente que era, porém, conduziu a conversa para um assunto sério, o serviço militar obrigatório. Alexei Alexandrovitch imediatamente se exaltou e pôs-se a defender a nova lei contra os ataques de Betsy.

Ana e Vronski permaneceram junto à mesinha.

— Isto está a ficar indecoroso — sussurrou uma senhora, com um movimento de olhos que abrangia Ana Karenina, o marido e Vronski.

— Que lhe dizia eu? — frisou a amiga de Ana.

Não foram só aquelas senhoras que comentaram o caso. Quase todas

as outras, inclusive a princesa Miagkaia e a própria Betsy, lançaram ao par isolado olhares reprovadores. Só Alexei Alexandrovitch, entusiasmado com as próprias afirmações, parecia nada ver.

A princesa Betsy, entretanto, ao dar-se conta da má impressão que aquilo produzia em todos, deixou no seu lugar outra pessoa a ouvir

Alexei Alexandrovitch e aproximou-se de Ana.

— Admiro sempre muito a clareza de expressão de seu marido — disse ela —, quando ele fala, compreendo as questões mais transcendentes.

— Oh, sim! — replicou Ana, resplandecente de felicidade e sem entender uma só palavra do que Betsy dizia. Levantando-se, aproximou se da mesa grande e pôs-se a discutir o assunto que a todos interessava. Meia hora depois, Alexei Alexandrovitch propunha à mulher que se retirassem, mas ela respondeu-lhe, sem o olhar sequer, que ficava para a ceia. Alexei Alexandrovitch despediu-se e saiu.

' ' '

A carruagem da senhora Karenina aproximou se, o velho e corpulento cocheiro tártaro, de capote de oleado, segurava a custo o cavalo cinzento da esquerda, que se encantava, transido de frio. Um lacaio acabava de abrir a portinhola do *coupé,* enquanto o porteiro vigiava a porta de entrada Vronski acompanhava Ana Arkadievna. De cabeça inclinada, ela ouvia-o deliciada, enquanto puxava com a mão nervosa a renda da manga que se prendera no colchete da capa de peles.

— Nada me prometeu — dizia ele —, eu nada lhe peço, mas já sabe que não é de amizade que necessito a felicidade da minha vida depende dessa única palavra que tanto lhe desagrada: amor.

— Amor — repetiu ela, lentamente, como se falasse consigo mesma. E tendo finalmente desprendido a renda, disse, de súbito, olhando o bem de frente — Se essa palavra me desagrada é porque tem para mim um sentido muito mais profundo do que o que pode imaginar. Até à vista.

Ana estendeu-lhe a mãe e no seu passo elástico e rápido passou por diante do porteiro e desapareceu na portinhola da carruagem.

Aquele olhar, aquele aperto de mão inflamaram Vronski. Levou aos lábios a mão que tocara nos dedos de Ana e voltou para casa convencido de que aquela curta noite fizera mais pelo objectivo que perseguia do que os dois últimos meses.

CAPÍTULO VIII

Alexei Alexandrovitch nada vira de anormal na animada conversa a sós entre a mulher e Vronski, mas, ao dar-se conta de que as outras pessoas se mostravam formalizadas com aquele afastamento, achou o, por sua vez, inconveniente e decidiu chamar a atenção de Ana para o facto.

Como de costume, ao regressar a casa, Alexei Alexandrovitch dirigiam-se ao escritório, instalou se numa poltrona, abriu um livro sobre os papas na página marcada pela espátula, e mergulhou na leitura até à uma hora da manhã. Acontecia-lhe, porém, de vez em quando, passar a mão pela testa e abanar a cabeça, como se afastasse um pensamento importuno à hora habitual, levantou se e despiu-se. Ana ainda não chegara. Com o livro debaixo do braço, subiu para o seu quarto, mas o seu espírito, sempre preocupado com questões relativas à sua carreira, repisava de vez em quando o incidente da noite. Contra o costume, não se deitou logo, pôs-se a passear de um lado para o outro, com as mãos atrás das costas parecia-lhe necessário pensar maduramente no assunto.

"Quando decidira ter uma conversa com a mulher, achara o caso muito simples e fácil, mas, depois de muito pensar nele, afigurava-se-lhe complicado e difícil. Fora sempre de opinião que um marido deve ter plena confiança na mulher e não ofendê-la com cenas de ciúme. Quais as razões que justificavam essa confiança? Pouco lhe importava" mostrava-se confiante, porque considerava esse o seu dever. E eis que, de súbito, sem em nada renegar as suas convicções, se encontrava diante de uma situação ilógica, absurda, não sabendo como proceder. Essa situação era nada mais nada menos do que a vida real, e, se a achava ilógica e estúpida, era apenas porque nunca a conhecera senão através do anteparo deformador das suas obrigações profissionais. A impressão que experimentava naquele momento era a de um homem que passa tranqüilamente por uma ponte suspensa sobre um precipício e se apercebe, de súbito, que a ponte está desmantelada e o abismo a seus pés. Esse abismo era para ele a vida real, a ponte, a existência artificial, a única coisa que até então conhecera do mundo. Pela primeira vez lhe vinha à mente a ideia de que sua própria mulher pudesse gostar de outro homem, e essa ideia aterrava-o.

Sem pensar em deitar se, passeava, no seu passo rítmico, pelo *parquet* rangente da sala de jantar, que um único candeeiro iluminava, pelo tapete espesso do salão às escuras, em que o seu próprio retraio, recentemente pintado, suspenso por cima do divã, reflectia uma débil réstia de luz, atravessando depois o gabinete de Ana, onde duas velas,

na secretàriazinha, lhe entremostravam, entre retratos de parentes e amigas, alguns delicados bibelots muito seus conhecidos. Quando chegava à porta do quarto, retrocedia, pelo mesmo caminho. Assim andou por muito tempo, parando no fim de cada percurso, quase sempre à porta da sala de jantar para dizer de si para consigo “Sim, temos de acabar de vez com isto, tomar partido, manifestar lhe a minha resolução.” E continuava o seu passeio “Sim, mas que resolução?”, perguntava a si mesmo, no salão, sem achar resposta “E no fim de contas, que se passou? Nada. Esteve muito tempo a falar com ele, mas com quantos homens não tem uma mulher de falar na sociedade?”, pensava, ao chegar ao gabinete da mulher. E assim que atravessara a porta, concluía “Aliás, mostrar me ciumento seria humilhante para os dois..” Este argumento, outrora tão decisivo, agora, porém, não provava nada. E retomava, no quarto de dormir, o passeio em sentido imerso. Assim que punha o pé no salão às escuras, uma voz interior murmurava-lhe ao ouvido “Não se as demais pessoas se mostram surpreendidas, é porque há aqui qualquer coisa ” E quando chegava à sala de jantar proclamava de novo ser preciso acabar de vez com tudo aquilo, tomar uma resolução “Mas que resolução?”, interrogava se a si próprio, já no salão. E assim por diante. Tal como o corpo, o pensamento descrevia lhe um círculo perfeito, sem ver maneira de sair dele. Dando por isso, passou a mio pela testa e sentou se no gabinete de Ana.

Uma vez ali, enquanto olhava para a secretária da mulher, com o seu mata borrão de malaquite e um bilhete meio escrito, as ideias tomaram-lhe outro caminho pensou nela, perguntou a si mesmo que pensamentos seriam os seus, que sentimentos experimentaria. Pela primeira vez a imaginação lhe apresentou a vida da mulher, as necessidades do seu espírito e do seu coração e a ideia de que ela teria uma vida pessoal impressionou o tão vivamente que tratou logo de a sacudir do espírito. Eis o abismo que ele não ousava medir com o olhar Penetrar pelo pensamento e o sentimento na alma de outrem, parecia-lhe uma fantasia perigosa.

“E o mais terrível”, pensava, “é que esta inquietação insensata me aparece no momento preciso em que ia dar a última demão na minha obra (certo projecto que pretendia fazer aprovar), quando o sossego me era mais preciso, quando necessito de todas as energias do meu espírito. Então, que hei de eu fazer? Não pertenço ao número dos que sofrem de inquietação e angústia, sem coragem de olhar de frente para o próprio mal”

— Preciso de reflectir, tomar uma resolução e acabar com esta preocupação — proferiu em voz alta.

“Não me sinto no direito de lhe perscrutar os sentimentos, de sondar

o que se passou ou poderá passar na sua alma. Isso é com a consciência dela e do domínio da religião", resolveu, no seu íntimo, aliviado por ter encontrado, finalmente, uma norma capaz de se aplicar às circunstâncias presentes "Assim, portanto", repetia consigo mesmo, "as questões relativas aos sentimentos dela, etc, são questões de consciência em que eu não tenho de tocar. Pelo contrário, o meu dever está claramente delimitado. Obrigado, enquanto chefe de família, a dirigir a conduta dela, incorro numa responsabilidade moral devo, pois, preveni-la do perigo que entrevejo, devo recorrer, em caso de necessidade, à minha autoridade. Não me posso calar."

Posto isto, lamentando ter de despender o seu tempo e os seus recursos intelectuais em questões domésticas, Alexei Alexandrovitch elaborou mentalmente um projecto de discurso, que não tardou a tomar a forma nítida, precisa e lógica de um relatório "Devo fazer lhe sentir o seguinte primeiro, o significado e a importância da opinião pública, segundo, o sentido religioso do casamento, terceiro, e se for o caso, as desgraças que podem resultar para nosso filho, e, por último, as que podem atingir a ela própria". E entrelaçando as mãos Alexei Alexandrovitch fez estalar as articulações dos dedos. Este gesto, este mau hábito, serenava o sempre e ajudava o a recuperar o equilíbrio moral de que necessitava.

Uma carruagem parara à porta, e Alexei Alexandrovitch deteve se no meio do salão. Passos de mulher subiam a escada. Com o seu sermão pronto, ei-lo ali de pé, retorcendo os dedos, para que estalassem mais uma vez efectivamente uma das articulações estalou. Apesar de ter o sermão preparado, ao sentir a mulher aproximar-se teve medo da explicação que ia ser obrigado a ter com ela.

CAPÍTULO IX

Ana entrou brincando com as borlas do capuz. De cabeça baixa, o rosto resplandecia-lhe, mas não de alegria era antes como que o terrível resplendor de um incêndio numa noite escura. Ao descobrir o marido, ergueu a cabeça e sorriu, como se acabasse de despertar.

— Quê? Pois ainda não te deitaste? Que milagre é esse? — disse ela, tirando o capuz E sem se deter, dirigiu se para o toucador.

— É tarde, Alexei Alexandrovitch — acrescentou, ao chegar à porta.

— Ana, preciso falar contigo.

— Comigo? — Voltou se e fitou-o, surpreendida — A que propósito? De que se trata? — perguntou ela, sentando-se —Pois bem, conversemos, se é tão necessário, mas era bem melhor dormirmos.

Ana dizia o que lhe vinha à cabeça, surpreendida consigo própria da facilidade com que mentia. Que naturalidade nas suas palavras? Quão real parecia aquela necessidade de dormir? Sentia-se apoiada, amparada por uma força invisível, envolta numa impenetrável armadura de mentira.

— Ana — principiou ele —, devo advertir-te.

— Advertir-me? Por quê?

Olhava com tanta naturalidade e estava tão alegre que quem não a conhecesse como o marido não teria notado nada fingido nem no tom em que falava nem nas maneiras que aparentava. Mas para ele, que não podia deitar se mais tarde cinco minutos sem que ela lhe perguntasse logo qual a razão, para ele, que era sempre o primeiro confidente tanto das suas alegrias como das suas mágoas, a circunstância de ela, naquele momento, não atentar na perturbação que dele se apoderava nem falar de si própria não podia deixar de ser muito significativa. Compreendeu que aquela alma, sempre tão aberta para ele, se fechava agora. E não só não se perturbava como parecia dizer claramente “Sim, assim tem de ser e assim será de hoje em diante ” Alexei Alexandrovitch experimentava a sensação de um homem que ao regressar a casa encontra a porta fechada “Mas talvez ainda ache a chave”, pensou com os seus botões.

— Devo advertir te — continuou ele em voz serena — de que a tua imprudência e a tua leviandade podem dar motivo a que falem de ti. Chamaste a atenção, conversando tão animadamente com o conde Vronski — E pronunciou o nome com firmeza e lentidão. Enquanto falava, via os olhos risonhos e impenetráveis de Ana e compreendia a

inutilidade absoluta das suas palavras.

— Sempre foste assim — replicou ela, como se nada compreendesse do que ele lhe estava a dizer e apenas atribuísse importância ao final da frase — Ora te incomodas por me veres aborrecida, ora por me veres alegre Como esta noite não me aborreci, sentes-te ofendido?

Alexei Alexandrovitch estremeceu e de novo entrelaçou os dedos para os fazer estalar.

— Oh, pelo amor de Deus, não faças isso aos dedos! Não posso suportá-lo.

— Ana, és tu realmente? — disse Alexei Alexandrovitch, em voz baixa, dominando se e contendo o movimento das mãos.

— Mas afinal que aconteceu? — exclamou ela, numa expressão de surpresa ao mesmo tempo sincera e cômica — Que queres de mim?

Alexei Alexandrovitch calou se e passou a mão pelo rosto. Dava se conta de que, em vez de ter feito o que queria, advertir a mulher de uma falta perante a sociedade, se inquietava, a seu pesar, do que dizia respeito à consciência dela, e se defrontava com um obstáculo quiçá imaginário.

— O que eu queria dizer te é o seguinte — prosseguiu com uma expressão fria e serena —, e peço te que me escutes como sabes, acho que o ciúme é um sentimento ofensivo e humilhante e nunca me deixarei dominar por ele, mas a verdade é que existem certas convenções sociais que não podem violar se impunemente. Hoje, não fui eu quem o notou, mas, a avaliar pela impressão que produziste nas pessoas presentes, todos deram conta de que a tua conduta e a tua atitude deixavam muito a desejar.

— Não entendo absolutamente nada. — exclamou Ana, encolhendo os ombros. Consigo mesma pensou “Para ele é indiferente, mas como os outros repararam, preocupa se.” — Não estás bem de saúde Alexei Alexandrovitch — acrescentou, levantando-se, disposta a sair, mas ele avançou para ela como para a deter.

Nunca Ana lhe vira uma expressão tão triste e tão desagradável, ficou onde estava, baixando a cabeça para retirar dela os ganchos do cabelo, com grande agilidade de mãos.

— Pois bem, sou toda ouvidos. — proferiu num tom de tranqüila zombaria — E mesmo cheia de interesse, pois muito gostaria de saber do que se trata.

Falando assim, ela própria estava surpreendida com a sua naturalidade e a tranqüilidade e segurança com que escolhia as palavras que empregava.

— Não tenho esse direito e considero mesmo perigoso aprofundar os teus sentimentos — continuou Alexei Alexandrovitch — Escavando no nossa própria alma, arriscamo-nos a trazer à superfície o que talvez continuasse enterrado nas suas profundezas. Os teus sentimentos são com a tua consciência, mas sinto me obrigada, perante ti, perante mim mesmo e perante Deus, a apontar te os teus deveres. Não foram os homens que uniram as nossas vidas, mas Deus. Só um crime pode romper este vínculo e um crime traz consigo o seu castigo.

— Meu Deus, não entendo patavina, e o pior é que estou a cair de sono. — exclamou Ana, apalpando, rápida, os cabelos à procura dos últimos ganchos.

— Ana, por amor de Deus, não fales assim. — implorou ele — Talvez me engane, mas crê que digo isto tanto para meu como para teu bem Sou teu marido e quero-te muito.

Por um momento Ana baixou a cabeça e o lampejo zombeteiro que lhe assomava aos olhos desvaneceu se, mas a palavra “quero-te” irritou-a de novo “Querer me?”, pensou ela “Saberá ele porventura o que isso vem a ser? Se nunca tivesse ouvido falar em amor, nunca teria empregado semelhante palavra.”

— Alexei Alexandrovitch, deveras, não te compreendo — exclamou ela — Explica-me o que achas.

— Deixa me acabar. Quero... mas não é de mim que eu falo. As pessoas que nisto mais importam são o nosso filho e tu. Repito, é muito possível que te pareçam completamente inúteis e inoportunas as minhas palavras. Talvez sejam o resultado de um erro meu. Nesse caso, peço-te que me desculpes. Mas se porventura reconheces que as minhas observações têm algum fundamento, peço-te que reflictas e se o teu coração te leva a dizer-me.

Sem que desse por isso, Alexei Alexandrovitch estava a dizer coisas muito diferentes daquelas que se propusera.

— Nada tenho que te dizer — exclamou Ana, de repente, falando muito depressa e dificilmente reprimindo o riso — e o certo é que são horas de dormir.

Alexei Alexandrovitch suspirou e sem dizer palavra entrou no quarto de cama.

Quando Ana, por sua vez, penetrou no quarto, já ele estava deitado. Um vinco lhe desenhava os lábios apertados e não olhou para ela Ana deitou se na sua cama, sempre à espera que ele lhe falasse, coisa que ao mesmo tempo temia e desejava. Mas ele permaneceu calado. Por muito tempo ficou à espera, sem se mexer, e acabou por esquecê-lo. Pensava no outro, via o uma emoção jovial, criminosa, lhe inundava o

coração. De súbito, ouviu uma respiração regular e serena. A princípio, como se se tivesse assustado com o seu próprio resfolegar, Alexei Alexandrovitch calou se, mas, após duas silenciosas inspirações, de novo se ouviu o seu respirar sereno e regular.

— É tarde! É tarde! — murmurou Ana com um sorriso. E permaneceu por muito tempo assim, imóvel, de olhos abertos, com a sensação de que via brilhar nas trevas os seus próprios olhos.

CAPÍTULO X

A partir de então uma nova vida começou para os Karenines. Nada de especial ocorrera na aparência Ana continuava a freqüentar a sociedade, por toda a parte, com Vronski. Alexei Alexandrovitch notava o, mas sem poder impedi-la. Todas as vezes que tentava suscitar uma explicação, Ana opunha lhe uma perplexidade risonha, absolutamente impenetrável. Aparentemente tudo permanecia na mesma, mas as suas relações íntimas tinham passado por uma transformação radical. Alexei Alexandrovitch, homem enérgico em tudo que dizia respeito a questões de interesse publico, via se impotente perante este caso. Como uma rês no matadouro, baixava a cabeça submisso e aguardava a machadada fatal. Quando pensava no caso, dizia para si mesmo que a bondade, a ternura, a persuasão ainda poderiam, talvez, salvar Ana. Mas de cada vez que entabulava conversa com ela convencia se de que o espírito do mal e da mentira que se assenhoreara da mulher se apossara dele também, e então não chegava a dizer lhe o que pensava e assumia um tom diferente do que se propunha. Involuntariamente recuperava o seu habitual ar irônico e não era nesse tom que as coisas que ele gostaria de lhe fazer sentir podiam, de facto, dizer se "O que durante um ano constituíra o único objectivo da vida de Vronski, ocupando o lugar de todos os seus desejos anteriores, e o que a Ana se lhe afigurara a ilusão de uma felicidade impossível, terrível mas fascinadora, realizou se finalmente. Pálido, com a mandíbula inferior a tremer, debruçado para ela, Vronski pedia lhe que sossegasse."

— Ana, Ana — dizia ele em voz sacudida —, Ana, pelo amor de

Deus

Mas quanto mais ele levantava a voz, tanto mais ela baixava a cabeça Aquela cabeça outrora tão altiva, tão alegre e agora tão humilhada, tê-la-ia ela baixado até ao chão, do divã onde estava sentada, caindo ela própria no tapete, se ele a não tivesse amparado.

— Meu Deus! Perdoa me! — soluçava, apertando lhe a mão contra o peito.

Ana sentia se tão culpada, tão criminosa, que nada mais lhe restava senão humilhar se e pedir lhe perdão. Como já não tinha mais ninguém na vida a não ser Vronski, a ele implorava que lhe perdoasse. Ao fitá-lo, a humilhação a que descera parecia lhe tão palpável que não sabia pronunciar outra palavra. Quanto a ele, sentia se como um assassino diante do corpo inanimado da vítima o corpo por ele imolado era o seu amor, a primeira fase do seu amor. Havia algo de

odioso e repulsivo em recordar aquilo cujo preço estava naquela hedionda vergonha. A nudez moral em que caíra esmagava Ana e comunicava se a Vronski. Seja qual for, porém, o horror do assassino diante da vítima, jamais aquele deixa de sentir a necessidade de esconder o cadáver, de o cortar em pedaços, de colher os benefícios do crime cometido. Então, com uma raiva frenética, lança se sobre o cadáver e arrasta o para o despedaçar. Assim Vronski cobria de beijos o rosto e os ombros de Ana. Ela agarrava lhe a mão e não se mexia. Sim, aqueles beijos comprava-os ela pelo preço da honra, sim, aquela mão, sua para sempre, era a mão do seu cúmplice. Levantando-a, beijou a Vronski caiu lhe aos pés procurando descobrir lhe o rosto que ela escondia em silêncio. Por fim, pareceu fazer um esforço sobre si mesma, levantou se e repeliu-o. O seu rosto inspirava tanto mais compaixão quanto era certo nada ter perdido da sua beleza.

— Está tudo acabado. — disse ela — Só tu me restas, não o esqueças.

— Como poderei eu esquecer a minha própria vida? Por um momento de felicidade como este.

— Que felicidade? — exclamou ela, com um sentimento de desgosto e de terror tão profundo que ele se sentiu contagiado — Suplico- te, nem mais uma palavra, nem mais uma palavra.

Ana ergueu se repentinamente e afastou se dele.

— Nem mais uma palavra? —repetiu, e afastou se com uma expressão fria e desesperada que causou estranheza a Vronski.

Ana tinha a impressão de que naquele momento lhe era impossível exprimir por palavras o sentimento de vergonha, de alegria e de horror que se lhe deparara na aurora daquela nova vida, preferia calar se a dizer palavras imprecisas ou banais. Mas nem no dia seguinte nem daí a dois dias lhe ocorreram as palavras capazes de definirem a complexidade dos seus sentimentos, os próprios pensamentos não traduziam as impressões que sentia na alma “Não”, dizia ela consigo mesma, “mais para diante, quando me sentir mais tranqüila.” Mas o sossego para pensar não chegava nunca, sempre que pensava no que acontecera e no que iria ser dela, sentia se tomada de angústia e repelia os pensa mentos que a assaltavam “Mais tarde, mais tarde, quando tiver recuperado a minha serenidade”

Em compensação, assim que perdia o domínio dos seus pensa mentos, a situação aparecia lhe em toda a sua horrível nudez Sonhava que Alexei Alexandrovitch e Vronski eram ambos seus maridos e que ambos lhe dispensavam carícias Alexei Alexandrovitch chorava e, beijando lhe as mãos, dizia “Que felizes somos agora!” E Alexei Vronski estava ali mesmo e também era seu marido. E Ana

surpreendia se de que, antes isso se lhe afigurasse impossível, explicava lhes que assim era muito mais simples e que ambos agora eram felizes e estavam contentes. Mas este sonho oprimia a como um pesadelo e acordava horrorizada.

CAPÍTULO XI

Nos primeiros tempos, após o seu regresso de Moscovo, sempre que acontecia a Levine corar e estremecer lembrando-se da vergonha de ter sido repelido, dizia para si mesmo “Corava e estremecia como agora, considerando-me um homem ao mar, quando me reprovaram em física e tive de repetir o ano e quando pus a perder aquele caso que minha irmã me confiou. E o certo é que presentemente, anos passados, lembro-me com espanto desses momentos de desespero O mesmo virá a suceder com a mágoa presente o tempo há de passar e tudo esquecerei.”

Três meses passaram, contudo, sem que Levine esquecesse. O que impedia a fenda de cicatrizar era o facto de, tendo sonhado com a vida de família e julgando se preparado para ela, não só não haver chegada a casar mas encontrar-se mais longe do que nunca do casamento. Como toda a gente que o rodeava, sentia, com mágoa, não ser bom para o homem viver só, na sua idade. Lembrava se das palavras do vaqueiro Nicolau, um camponês ingênuo com quem gostava de tagarelar, antes da sua viagem a Moscovo “Nicolau, quero casar me”, dissera-lhe dias antes. Ao que Nicolau respondera sem a menor hesitação “Há muito que o devia ter feito, Constantino Dimitrievitch.” E nunca o casamento lhe parecera tão longínquo! O lugar estava ocupado e se porventura lhe vinha ao espírito arranjar quem substituísse Kitty entre as raparigas suas conhecidas, o coração não tardava a revelar-lhe o absurdo dessa resolução. Além disso, a lembrança do papel humilhante que julgava ter desempenhado atormentava o a cada momento. Por mais que dissesse a si próprio que não praticara nenhum crime, corava com essa recordação e com outras do mesmo gênero, igualmente fúteis, embora lhe pesassem mais na consciência que qualquer das más acções de que era culpado, como, aliás, toda a gente.

O tempo e o trabalho, contudo, acabaram por cumprir a sua tarefa. O dia a dia do campo, tão importante na sua modéstia, diluiu pouco a pouco todas essas impressões dolorosas. Cada semana apagava um pouco a lembrança de Kitty, Levine acabou mesmo por aguardar com impaciência a notícia do casamento dela, na esperança de que isso acabasse por curá-lo, tal como acontece ao dente que se arranca.

Entretanto chegava a Primavera, uma dessas Primaveras agradáveis, sem expectativas e ludíbrios, uma dessas raras Primaveras que dão ao mesmo tempo alegria aos homens, aos animais e às plantas. E essa esplêndida Primavera ainda mais excitou Levine, reforçando o seu propósito de renunciar ao passado para organizar a vida solitária em

condições de solidez e independência. Se muitos dos projectos que formulara no regresso tinham ficado no papel, o ponto essencial, a castidade da vida, não o atormentava mais: a vergonha que habitualmente se seguia a cada uma das suas quedas findara, tinha agora coragem para olhar as pessoas de frente. Por outro lado, Maria Nikolaievna prevenira-o, em Fevereiro, de que piorara o estado do irmão, sem que consentisse em deixar-se tratar, e Levine, assim que chegara a Moscovo, conseguira convencer Nicolau da necessidade de consultar um médico e, inclusive, de aceitar um empréstimo para tratar-se numa estação termal. Neste particular, não há dúvida de que podia sentir-se contente consigo mesmo. Como sempre no princípio da Primavera, os trabalhos agrícolas exigiram-lhe grande atenção. De resto, além das suas leituras habituais, consagrara-se durante o Inverno a estudos de economia rural partindo do princípio de que o temperamento do trabalhador agrícola é um facto tão absoluto como o clima ou a natureza do solo, queria que a ciência agronômica tivesse igualmente em conta estes três elementos. E deste modo, a despeito da solidão em que vivia, ou talvez como conseqüência dela, tivera uma vida cheia Só de longe em longe lamentava não ter mais ninguém além da sua velha ama a quem comunicar as ideias que lhe vinham à cabeça, pois lhe acontecia muitas vezes pôr se a falar diante dela de física, de agronomia e sobretudo de filosofia, assunto muito da predilecção de Agáfia Mikailovna.

Custou a chegar o bom tempo. Um céu claro e glacial acompanhou as últimas semanas da Quaresma. Se o sol provocava, durante o dia, um certo degelo, durante a noite o termômetro descia a sete graus e a geada formava sobre a neve uma crosta tão dura que já não havia estradas praticáveis. O domingo de Páscoa foi todo ele de nevoas. Mas no dia seguinte, repentinamente, pôs-se a soprar vento quente, as nuvens acumularam se, e durante três dias e três noites caiu uma chuva morna e tempestuosa. Na quinta-feira o vento deixou de soprar e um nevoeiro cinzento espesso estendia se sobre a terra como para esconder os mistérios que a essa hora se estavam a realizar na Natureza a chuva, o degelo, o estalar dos blocos de gelo, o desabar das torrentes espumosas e amarelentas. Finalmente, na segunda feira de Páscoa, já à noitinha, o nevoeiro dissipou se, as nuvens diluíram se em flocos brancos e o bom tempo chegou finalmente. No dia seguinte pela manhã, um sol resplandecente acabou de derreter a fina capa de gelo que se formara durante a noite e o ar morno impregnou se dos vapores que subiam da terra. A erva velha ganhou imediatamente tons verdes, a erva nova despontou no solo, os rebentos dos viburnos, das groselheiras, das bétulas encheram se de seiva e sobre os ramos dos vimes, banhados de luz, as abelhas, abandonando os seus quartéis de Inverno, zumbiram alegremente. Invisíveis cotovias soltaram o seu

canto por cima do veludo dos prados e das choupanas cobertas de gelo, os fradezinhos gemeram nas concavidades e nos pântanos submersos pelas chuvas torrenciais. Os grous e os gansos bravos vararam o céu com os seus guinchos primaveris. As vacas, cujo pêlo irregular apresentava, aqui e ali, grandes peladas, mugiram nos pastos. Em volta das ovelhas balantes que começavam a perder o pêlo, os cabritos saltitavam, canhestros. Ao longo dos atalhos húmidos corriam os garotos, que deixavam no chão o desenho dos seus pés nus. Em torno dos tanques ouvia-se a algaraviada das mulheres a lavar a roupa, enquanto repercutia por todos os lados o machado dos mujiques reparando sebes e arados. A Primavera chegara realmente.

CAPÍTULO XII

Pela primeira vez Levine não vestiu a sua pelica, e com uma *podiovka* de pano e botas altas foi dar um giro pela fazenda, transpondo ribeiros que a luz do Sol tornava resplandecentes e pisando ora finas camadas de gelo, ora lama pegajosa.

A Primavera é a época dos projectos e dos planos. Levine, ao sair de casa, sabia tão pouco o que ia fazer na sua herdade como qualquer árvore na Primavera ignora como e em que sentido se estenderão os seus ramos e as suas hastes novas ainda envoltas nos botões. Não sabia o que ia fazer, mas sentia se cheio dos melhores propósitos Antes de mais nada, foi ver o gado. Tinham soltado as vacas, que, bem aquecidas e com o pêlo novo reluzindo, mugiam, ansiosas por se verem em pleno campo. Levine, que a todas conhecia muito bem, uma por uma, depois de contemplá-las, mandou conduzi-las ao pasto e que soltassem os bezerros. O pastor, rápido, preparou se para sair enquanto as vaqueiras, com as saias arregaçadas e os pés descalços ainda não queimados pelo sol, patinhavam na lama atrás das bezerras que a Primavera fazia mugir de alegria e que elas, de vara em punho, impediam de sair do curral.

Levine pôs se a admirar as crias daquele ano, extraordinariamente bonitas bezerras ainda não desmamadas já estavam do tamanho de vacas comuns e a filha de fava, com três meses, parecia já ter um ano. Mandou que trouxessem as selhas e as manjedouras e pusessem feno no curral. Como não haviam sido usados durante o Inverno, os barrotes das cercas estavam quebrados. Levine mandou chamar o carpinteiro contratado para consertar a máquina de debulhar, mas este reparava as grades, que já deveriam ter ficado prontas desde o Carnaval. Levine não escondeu quanto isso o contrariava sempre a mesma desordem, contra a qual lutava debalde há tanto tempo! As manjedouras, ficou sabendo que haviam sido arrumadas, durante o Inverno, nas cavalariças e, de material barato, não tardou que se quebrassem. Quanto aos arados e demais apetrechos, que três carpinteiros, pagos para isso, deviam ter reparado também durante o Inverno, só agora estavam a ser consertados, quando já estava na hora de começar os trabalhos do campo. Levine mandou procurar o administrador, mas não teve paciência de esperar e foi ele próprio à sua procura. Encontrou-o à saída da granja, com um *tulup* guarnecido de astracã, retorcendo uma palha entre os dedos, radiante, como a terra inteira nesse dia.

— Porque não está o carpinteiro a trabalhar na máquina?

— Era isso que eu lhe queria dizer ontem é preciso consertar as grades. Chegou a altura de começarmos a lavrar.

— Que fizeram durante o Inverno?

— Para que precisa do carpinteiro, agora?

— Onde está o cercado dos bezerros?

— Já mandei levá-lo para o seu lugar. Que quer o patrão que se faça com esta gente? — replicou o administrador, esboçando um gesto de desalento.

— Com esta gente, não, com um administrador destes. Que estava o senhor a fazer aí? — respondeu Levine, exaltando se, mas lembrando-se a tempo de que os gritos nada resolviam, calou-se, limitando-se a suspirar

— Está bem — continuou, depois de um momento de silêncio — Bom, e a semeadura?

— Amanhã ou depois de amanhã podemos meter mãos à obra atrás de Turkino.

— E o trevo?

— Mandei o Vacili e o Michka semeá-lo, mas não sei se eles conseguirão Ainda há muita lama.

— Quantas *desiatinas*(Nota 10) vão semear?

— Seis.

— Por que não todas? — exclamou Levine, que ainda mais irritado ficou com esta notícia. Em vez de vinte *desiatinas,* só iam semear seis. Na verdade, por experiência própria pudera verificar quão certa era a teoria segundo a qual o trevo, para ser forte, devia semear se o mais cedo possível, quase debaixo da neve. E nunca conseguira que fizessem o que ele mandava!

— Faltam nos braços. Que quer o patrão que se faça com esta gente? Três não apareceram. E depois o Simão.

— Podiam-se ter aproveitado os que estão a cuidar da palha.

— Foi o que eu fiz.

— Onde estão eles, então?

— Cinco estão a preparar o “adrubo” (o administrador queria dizer “adubo”) Quatro estão a transportar a aveia é preciso não a deixar estragar, Constantino Dimitrievitch.

Levine compreendeu imediatamente o que queria dizer aquele “é preciso não a deixar estragar” a aveia inglesa, reservada para a

semeadura, já estava perdida! Mais uma vez tinham deixado de cumprir as suas ordens.

— Não tinha dito, pela Quaresma, que era preciso arejá-la?

— Não se preocupe, tudo será feito a seu tempo. Levine limitou se a fazer um gesto de indignação e foi directamente à granja examinar a ateia felizmente ainda não estava estragada, mas os trabalhadores remexiam na com as pás, em vez de, muito simplesmente, a passarem de um andar para o outro. Depois de dar ordens para que o fizessem e de ter mandado dois dos trabalhadores semearem o trevo, Levine sentiu se mais sereno, estava um dia lindo de mais pára uma pessoa se aborrecer. E foi para a cavalariça.

— Inácio — gritou ele para o cocheiro, que de mangas arregaçadas lavava a caleche junto ao poço —, sela me um cavalo.

— Qual deles?

— O Kolpik.

— As suas ordens.

Enquanto lhe selavam o cavalo, Levine, vendo o administrador ali perto dirigiu lhe a palavra já sem azedume e posse a falar com ele sobre os trabalhos a realizar e quais os seus planos era preciso barrelar o estrume o mais depressa possível, de maneira que essa tarefa estivesse pronta antes da primeira ceifa, lavrar a parte mais afastada da propriedade e deixá-la de pousio, e depois fazer a sega por sua conta e não a meias com os camponeses.

O administrador ouvia, atento, fazia esforços para aprovar os projectos do amo, porem mostrava uma expressão desanimada e abatida, expressão essa que Levine conhecia muitíssimo bem e que tanto o irritava “Tudo isso é muito bonito”, parecia dizer, “mas o homem põe e Deus dispõe.” Não havia nada que mais contrariasse Levine do que esse ajude solado, que era, aliás, o de todos os administradores que tivera ao seu serviço. Resolvera não se zangar mais, nem por isso no entanto, deixava de lutar com um ardor cada vez maior contra essa força primitiva que a cada momento lhe obstruía o caminho e à qual ele dera o nome de “Deus dispõe”

— É ainda é preciso que haja tempo, Constantino Dimitrievitch — proferiu finalmente o administrador

— Por que não haverá tempo?

— Precisamos de contratar mais uns quinze homens, o que é coisa difícil. Apareceram hoje aí alguns, mas pedem setenta rublos pelo Verão. Levine calou se. Sempre aquela força inimiga! Bem sabia ele que, apesar de todos os esforços, não era possível contratar ao preço

normal mais de trinta e sete ou trinta e oito trabalhadores. As vezes conseguiam se mesmo quarenta, nunca mais do que isso. Decidiu por conseguinte continuar a luta.

— Manda a Sun, a Tchefirovka. Se os homens não aparecem, é preciso procurá-los.

— Mandá-los vir é coisa que sempre se pode fazer — disse Vacili Fiodorovitch em tom desanimado — A propósito, devo dizer-lhe que os cavalos estão muito cansados.

— Iremos comprando outros, bem sei — acrescentou rindo — que vocês gostam de trabalhar pouco e o pior possível Mas devo prevenilos de que este ano não os deixarei fazer as coisas a seu bel prazer Eu mesmo dirigirei tudo.

— Acho que assim não vai ter muito tempo para dormir! Tanto melhor, de resto Nós até trabalhamos melhor vigiados pelo patrão!

— Disseste me que estão a semear o trevo do outro lado do vale das bétulas? Vou lá ver isso — continuou Levine, montando o cavalinho baio que o cocheiro lhe trouxera.

— O senhor não poderá atravessar os regatos, Constantino Dimitrievitch — gritou-lhe o cocheiro.

— Então, irei pelo bosque.

No seu passo rápido o bom do cavalinho, que não cabia em si de contente por se ver fora da cavalariça, e repuxava o freio e relinchava diante de todas as poças de água, lá se foi, com o amo às costas, para fora do pátio lamacento. O contentamento que Levine sentira no curral e no meio do rebanho era ainda maior quando, embalado pelo trote do belo animal, se via em pleno campo. Ao atravessar o bosque, aspirou a largos pulmões o ar tépido e húmido, pois a neve ainda não desaparecera de todo, e era grande a sua satisfação ao ver o musgo renascer em cada tronco de árvore e, em cada ramo, botões prestes a desabrochar. Saindo do bosque, apareceu lhe diante dos olhos a vastidão dos campos, imenso tapete de veludo verde, uniforme, onde se viam, aqui e ali, pequenas manchas de neve.

Sem se zangar, ao ver um cavalo de mujique, com seu potro, pisando os grelos que rebentavam, disse a um homem que encontrou ali perto que os enxotasse. E com igual cordura ouviu a resposta, ao mesmo tempo simplória e manhosa, do camponês a quem perguntava — “Que achas, Ipate, estaremos a semear dentro de pouco tempo?” “Temos primeiro de lavrar, Constantino Dimitrievitch.” Quanto mais avançava pelos campos fora, mais bem disposto se sentia e mais projectos ia fazendo, cada um melhor do que o outro, segundo lhe parecia dividir os campos com sebes de vime voltadas para o sol, a fim

de que a neve não se acumulasse em cima delas, separar as terras de lavoura em nove parcelas, seis das quais seriam estrumadas e três reservadas para horta, construir um estábulo na parte mais afastada da propriedade, abrir aí um poço e utilizar o adubo por meio de parques desmontáveis, conseguir assim trezentos hectares de trigo, cem de batatas e cento e cinqüenta de forragens, sem esgotar as terras.

Perdido nas suas reflexões, Levine guiava o cavalo ao longo dos sulcos para não pisar as plantações. Por fim chegou ao ponto onde estavam a semear o trevo. A carroça estava parada num campo de trigo, no qual as rodas tinham aberto sulcos que o cavalo ia seguindo. Era uma mistura de terra e de sementes que o frio ou a longa armazenagem do celeiro haviam reduzido a torrões, sem que houvesse o cuidado de peneirá-los. Sentados à beira de uma azinhaga, os dois trabalhadores fumavam, talvez no mesmo cachimbo. Ao verem a amo, um deles, Vacili, dirigiu se à carroça enquanto o outro, Michka, se punha a semear Nada daquilo estava certo, mas Levine, que raramente se zangava com os seus trabalhadores, limitou se a mandar que Vacili puxasse a carroça para o rego.

— Não faz mal, patrão — objectou Vacili —, isso volta a crescer, pode ter a certeza.

— Queira fazer o favor de me obedecer sem mais explicações — replicou Levine.

— Está bem, patrão — replicou Vacili, pegando no cavalo pelo bridão — Que semeadura? Isto é que é uma semeadura! — continuou, para cair nas boas graças do amo — Não há mais linda? O pior é que a gente não pode andar depressa, leva um *pud* de terra agarrado em cada pé.

— Mas por que não peneiraram a terra?

— Não tem importância, patrão, nós próprios vamos tratar disto

— respondeu Vacili, triturando um torrão na palma da mão.

O culpado não era Vacili, portanto, Levine não podia castigá-lo. Para acalmar a sua irritação, recorreu a um processo que muitas vezes experimentara. Depois de olhar algum tempo para Michka, que ao andar carregava enormes pedaços de terra nos pés, pegou ele próprio no saco das sementes de Vacili, e começou também a semear.

— Onde paraste?

Vacili apontou lhe com o pé o lugar onde ficara, e Levine pôs se a semear o melhor que podia. Mas avançava com dificuldade, como se estivesse dentro de um pântano. Por isso, ao findar um sulco, parou, alagado de suor, e entregou de novo o saco ao trabalhador.

— Agora gostava de o ver pegar me — disse Vacili — no rego que vou encher.

— Achas que não sou capaz? — disse Levine, alegremente, percebendo que o seu método dera resultado.

— Vai ver, quando chegar o Verão, vai ser o primeiro a brotar, garanto lhe! Olhe para o campo que eu semeei na Primavera passada! É preciso que o saiba, Constantino Dimitrievitch, eu trabalho para o patrão como se trabalhasse para o meu velho. Não gosto de trabalho mal feito e não consinto que os outros o façam. Quando o patrão está contente, nós também estamos. Basta olhar para um campo destes para nos sentirmos bem.

— Que linda Primavera, hem, Vacili?

— Sim, senhor, nem os nossos velhos se lembram de uma coisa assim. Acabo de vir de casa do meu pai. Pois imagine que tinha semeado três *osminik* e agora diz que não o podem distinguir do centeio.

— Há muito que a tua gente semeia trigo?

— Desde o ano passado e a conselho do patrão o patrão até nos ofereceu vinte alqueires vendemos oito e semeámos o resto.

— Bom, a coisa vai, atenção — disse Levine, voltando para junto do cavalo — Tritura os torrões como deve ser e não percas o Michka de olho Se tivermos boa colheita dar-te-ei cinqüenta copeques por *desiatina.*

— O patrão é formidável, assim, todos ficaremos contentes.

Levine voltou a montar no cavalo para ir inspeccionar o trevo semeado no ano anterior e o campo lavrado para o trigo da Primavera.

O trevo tinha crescido bem através do restolho já se viam tons verdes Naquela terra em que o gelo estava quase fundido o cavalo enterrava as patas até ao jarrete. Não foi mesmo possível seguir adiante nos regos sem neve. Pelo menos Levine pôde verificar que a lavra era excelente dentro de dois ou três dias, já seria possível arar e semear.

Levine regressou a casa pelos regatos, na esperança de que as águas tivessem descido de nível efectivamente pôde atravessá-los e ao passar espantou dois patos bravos.

“Deve haver por aqui galinholas”, disse com os seus botões, e o guarda florestal, que encontrou nas imediações de casa, confirmou-lhe a suspeita. Imediatamente pôs o cavalo a trote, para ter tempo de jantar e de preparar a espingarda para a tardinha.

CAPÍTULO XIII

No momento em que Levine entrava em casa, muito satisfeito, ouviu um retinir de campainhas para os lados da entrada principal.

"É alguém que chega da estação", pensou ele, "é a hora do comboio de Moscovo Quem será? Nicolau? Pois não me disse ele que em lugar de ir para as águas talvez viesse para minha casa?" Por instantes sentiu se contrariado, receoso de que o aparecimento do irmão viesse estragar aquela sua boa disposição primaveril, mas, reprimindo incontinente esse sentimento egoísta, pôs-se a desejar, de todo o seu coração, com enternecida alegria, que o visitante que a campainha anunciava fosse o seu irmão Nicolau. Esporeou o cavalo e ao contornar uma moita de acácias divisou dentro de um trenó de aluguer um senhor de pelica, que não reconheceu logo "Oxalá seja alguém com quem se possa conversar?"

— Oh, mas é o mais bem-vindo dos hóspedes! — exclamou, daí a momentos, erguendo os braços para o céu, pois acabava de reconhecer Stepane Arkadievitch — Que prazer tenho em ver-te!

Para si mesmo observou "Por ele hei-de saber, naturalmente, se ela já está casada." E reconheceu que naquele esplendoroso dia de Primavera nem a lembrança de Kitty o fazia sofrer.

— Confessa que contavas comigo — disse Stepane Arkadievitch, apeando-se do trenó, todo ele resplandecente de alegria e de saúde, apesar de três salpicos de lama que se lhe tinham grudado no nariz, nas faces, nas sobrancelhas — Aqui me tens primeiro para te ver, segundo, para caçar, terceiro, para vender o meu bosque de Ierguchovo.

— Óptimo! E que te parece esta Primavera? Como pudestes chegar até aqui de trenó?

— De carruagem ainda era mais duro, Constantino Dimitrievitch

— replicou o cocheiro, velho conhecido de Levine.

— Pois é o que te digo, estou contente por te ver — continuou este, com um largo sorriso infantil.

Conduziu o amigo ao quarto de hóspedes, onde logo lhe levaram a bagagem uma maleta, uma espingarda, no seu estojo, e uma caixa de charutos. Deixando, pois, Stepane Arkadievitch para que se arranjasse à vontade, tratou de descer ao escritório para dar ordens ao administrador a respeito dos trevos e dos trabalhos da quinta. Mas Agáfia Mikailovna, que gostava de manter os bons créditos da casa,

deteve-o no vestíbulo e pediu-lhe ordens para o jantar.

— Faça o que quiser, mas despache-se — respondeu ele, entrando no escritório.

Quando voltou, Oblonski, lavado, penteado, radioso, saía do seu quarto Subiram juntos ao 1o andar.

— Que contente estou por me encontrar outra vez contigo! Vou, finalmente, ser iniciado nos mistérios da tua existência Falando sério, tenho-te inveja. Que casa encantadora! Como tudo aqui é claro e alegre!

— declarou Stepane Arkadievitch, esquecido de que a Primavera não durava sempre e que durante o ano havia também dias escuros — E a tua velha criada só por si paga a pena da viagem. Claro que eu por mim preferia uma mocinha boa, mas a simpática velha combina bem com o teu estilo severo e monástico.

Entre outras novidades cheias de interesse, Stepane Arkadievitch preveniu Levine de que Sérgio Ivanovitch pensava visitá-lo durante o Verão. Não disse palavra nem de Kitty nem dos Tcherbatski, limitando-se a transmitir-lhe lembranças da mulher. Levine não pôde deixar de apreciar a delicadeza que isso significava. Aliás, a visita de Stepane Arkadievitch agradava-lhe em cheio. como sempre lhe acontecia, durante os períodos de solidão ia armazenando no seu retiro muitas ideias e impressões que lhe não era possível comunicar às pessoas que o rodeavam. Ei-lo, pois, a despejar em cima do amigo a exaltação que aquela quadra do ano lhe inspirava, os seus planos e os seus dissabores de lavrador, os pensamentos que lhe tinham vindo à mente, as observações que tinha a fazer aos livros que lera e sobretudo a ideia fundamental da obra que imaginava, ideia que constituía, sem que ele desse por liso, uma crítica a todos os tratados de economia rural Stepane Arkadievitch, sempre amável e pronto a apreender tudo no ar, mostrou-se desta vez mais encantador do que nunca. Levine julgou notar, mesmo, na sua atitude para com ele um tom novo de cordialidade diferente, que não deixava de o lisonjear.

Os esforços conjugados de Agáfia Mikaloivna e do cozinheiro para melhorarem o rancho tiveram este resultado inesperado os dois amigos, mortos de fome, atiraram se aos aperitivos, comeram pão, manteiga, cogumelos em conserva, meia galinha fumada, e Levine mandou servir a sopa sem esperar pelos empadões com que o cozinheiro esperava deslumbrar o hóspede Aliás, Stepane Arkadievitch, muito habituado a banquetes, não se cansou de achar tudo de primeira ordem

— o ratafia, o pão, a manteiga, a galinha defumada, os cogumelos, a sopa de urtigas, o frango em molho branco, o vinho branco da

Criméia, tudo o deslumbrou, tudo o encantou.

— Óptimo, óptimo! — exclamava ele enquanto acendia, depois do assado, um grosso charuto. — Tenho a impressão de que realmente aportei a uma bela enseada depois da algazarra e dos solavancos da movimentada travessia — Pelo que vejo, és de opinião que o elemento representado pelo operário deve entrar em linha de conta na escola da cultura a fazer. Eu sou leigo nestes assuntos, mas quer-me parecer que essa teoria e a sua respectiva aplicação virão a ter influência sobre o próprio operário.

— Sim, mas espera eu não estou a falar de economia política, estou a falar da economia rural, enquanto ciência. Da mesma maneira que para as ciências naturais é preciso estudar os dados fundamentais, os fenômenos e o próprio operário, do ponto de vista econômico, etnográfico.

Entretanto Agáfia Mikailovna ia trazendo os doces de fruta.

— Felicito-a, Agáfia Fiodorovna — disse-lhe Stepane Arkadievitch, beijando-lhe as pontas dos dedos. — Que conservas, que ratafia! Olha lá, Kóstia, não serão horas de irmos?

Levine relanceou o olhar através da janela, para o Sol que declinava por detrás das copas das árvores ainda desnudadas

— Sim, acho que sim Kuzma, manda atrelar o carro! E lançou-se escadas abaixo, correndo. Stepane Arkadievitch seguiu atrás e foi ele próprio, com todas as cautelas, retirar a espingarda do estojo de madeira laçada, metido numa bainha de pano era uma arma cara e do último modelo. Contando com uma boa gorjeta, Kuzma seguia o de perto, e Stepane Arkadievitch deixou que ele o ajudasse a calçar as meias e as botas.

— A propósito, Kóstia, deve vir aí um tal Riabinine, um homem de negócios. Queres fazer o favor de dizer que o recebam e o façam esperar.

— É ao Riabinine que vais vender o teu bosque?

— É. Conhece-lo, porventura?

— Claro. Tive negócios com ele “positiva e definitivamente”.

Stepane Arkadievitch pôs-se a rir “Positiva e definitivamente” eram expressões favoritas desse indivíduo.

— Sim, tem uma maneira de falar bem divertida. Ah! Adivinhas para onde o teu dono vai — acrescentou, acariciando Laska, que estava aos pulos, em volta de Levine, e lhe lambia ora as mãos ora as botas e a espingarda.

Saíram. O carro esperava-os à porta.

— Mandei preparar o carro, embora seja muito perto daqui, mas, se preferes, podemos ir a pé.

— Gostaria mais de ir de carro. — volveu Stepane Arkadievitch, sentando se lá dentro, envolveu as pernas numa manta mosqueada e acendeu um charuto — Como podes viver sem fumar? — continuou ele

— O charuto é a volúpia das volúpias. Ah, que vidinha boa a tua! Como eu te invejo!

— Quem te impede de fazer o mesmo?

— Não é a mesma coisa. Tu és um homem feliz, possuis tudo o que te dá prazer gostas de cavalos, de cães, da caça, da cultura, e tens tudo isto aqui à mão. És um homem feliz?

— Precisamente porque me contento com o que tenho e não ambiciono o que não tenho — replicou Levine, que pensava em Kitty.

Stepane Arkadievitch compreendeu a alusão, mas contentou-se em fitá-lo sem dizer palavra. Por mais reconhecido que se sentisse, para com Oblonski, pelo facto de este ter adivinhado, com o seu tacto habitual, quanto esse assunto lhe era doloroso, Levine teria, no entanto, gostado de saber o que se passava, mas não tinha coragem de abordar a questão.

— Bom, diz-me-la como vão as tuas coisas? — continuou, censurando se a si próprio por não pensar senão no que o preocupava. Nos olhos de Stepane Arkadievitch prepassou uma chama.

— Tu não admites que uma pessoa possa desejar guloseimas quando já tem a sua ração de pão. Na tua opinião é um crime, mas eu não admito que se possa viver sem amor — respondeu ele, tendo compreendido, à sua maneira, a pergunta de Levine — Não posso fazer outra coisa. Nasci assim. E para falar verdade, com isso é tão pequeno o prejuízo que damos aos outros e tão grande é o prazer que nos proporcionamos.

— Haverá alguma coisa de novo? — inquiriu Levine.

— Há, sim, meu caro. Conheces o tipo das mulheres ossianescas essas mulheres que só em sonhos se vêem? Pois podes crer, essas mulheres existem por vezes em carne e osso e então são terríveis. A mulher, como tu a vês, é um tema inesgotável por mais que se estude, há sempre nela qualquer coisa de novo.

— Mais vale então não a estudar.

— Oh! Pelo contrário! Não sei quem foi o matemático que disse que

o prazer estava em procurar a verdade, não em encontrá-la.

Levine ouvia calado, mas, por mais que fizesse, não conseguia perceber a alma do amigo, não conseguia compreender o prazer que ele tinha em estudos daquela espécie.

CAPÍTULO XIV

Os dois amigos chegavam à orla de uma mata de choupos novos que dominava o rio. Desceram do carro, depois de deixar Oblonski no ângulo de uma clareira pantanosa, onde, por sob a neve, aflorava o musgo, Levine foi colocar-se no lado oposto, junto a uma bétula rachada, apoiando a espingarda num ramo baixo, despiu o cafetã, apertou o cinto e verificou a elasticidade dos movimentos.

A velha Laska, que o tinha seguido, sentou-se cautelosamente diante dele e levantou as orelhas. O Sol, que já desaparecia por detrás das grandes florestas, fazia realçar os ramos pendentes, com os seus rebentos novos, das bétulas disseminadas pelo meio dos choupos. Na parte mais cerrada do matagal, onde a neve ainda não se fundira de todo, ouvia se o murmúrio da água a correr através de sinuosos regatos. As aves chilreavam e de vez em quando esvoaçavam de árvore para árvore Havia momentos de absoluto silêncio, em que se ouvia o sussurrar das folhas secas remexidas pelo degelo ou pela erva que crescia.

"Imaginem! Pode ver-se e ouvir-se crescer a erva!", disse Levine para consigo mesmo, ao observar uma folha de choupo húmida e cor de ardósia que um rebentinho de erva levantava. Imóvel e de ouvido atento, per passava os olhos, da cadela atilada à terra coberta de musgo e à ramaria das árvores nuas, cuja vaga ondulava pela encosta abaixo, para depois os erguer ao céu estriado de nuvens brancas que pouco a pouco iam escurecendo. Num voo lento passou um abutre, muito alto no céu, outro o seguiu, desaparecendo por sua vez. No matagal a melodia das aves tomou se mais estridente, mais animada. Um mocho piou, muito próximo Laska ergueu as orelhas, deu alguns passos cautelosos e inclinou a cabeça para ouvir melhor. Do outro lado do no um cuco lançou por duas vezes o seu apelo cadenciado, mas, esganiçando se, não soltou mais do que sons discordantes.

— Estas a ouvir? Já o cuco? — exclamou Stepane Arkadievitch, saindo do seu esconderijo.

— É verdade, ouço. — replicou Levine, rompendo contrariado o silêncio dos bosques — Atenção. É agora.

Stepane Arkadievitch ocultou se de novo atrás da moita e Levine nada mais viu além do cintilar de um fósforo, logo seguido da chama vermelha e do fumo azul de um cigarro "Tchc, tchc", ouviu ele daí a pouco Oblonski armava a espingarda.

— Que guincho é este? — exclamou, chamando a atenção de Levine para um ruído surdo e prolongado, muito parecido com o relincho

galhofeiro de um potro.

— Quê, pois não conheces? É o guincho do bode. Mas, silêncio, lá vêm pelo ar! — quase gritou Levine, armando também a espingarda.

Um ligeiro assobio se ouviu assaz distante, depois, na cadência ré guiar de dois segundos, outro, e ainda um terceiro, este seguido de um grasnido.

Levine olhou para a direita, para a esquerda. De súbito, mesmo diante dele, num céu de um azul toldado, por cima das copas indeterminadas dos choupos de ramos entrelaçados apareceu uma ave. Um som agudo, muito parecido com o de um tecido que se rasga soou lhe aos ouvidos. Já distinguia o pescoço e o bico da galinhola, mas mal o tinha visado, um relâmpago vermelho se ergueu da moita onde estava Oblonski a ave mergulhou como uma flecha, para logo, numa curva, ascender no ar. Um segundo relâmpago cintilou, ouviu se um tiro, o animal, pró curando safar se, debalde bateu as asas, imobilizou se por momentos, e caiu pesadamente no chão.

— Errei! — gritou Stepane Arkadievitch, cego pela fumarada.

— Ali a tens! — replicou Levine apontando para a Laska que com uma orelha levantada, agitando alegremente a ponta do rabo penugento e esboçando uma espécie de sorriso trazia, lentamente como para fazer durar a satisfação, a peça de caça à mão do seu dono — Com os meus cumprimentos! — continuou ele, recalcando um certo sentimento de despeito.

— Foi um mau tiro do cano direito — resmungou Stepane Arkadievitch, voltando a carregar a arma — Chiu! La vem outra!

Efectivamente, assobios sucediam se a assobios, rápidos, penetrantes mas desta vez sem serem seguidos de qualquer grasnido. Duas galinholas brincando, em perseguição uma da outra, surgiram precisamente por cima dos caçadores. Quatro tiros ressoaram, mas as aves, fazendo um brusco desvio, à maneira das andorinhas, perderam se nos ares.

A caçada foi excelente Stepane Arkadievitch matou ainda mais duas peças e Levine outras duas, uma das quais não foi encontrada. A noite descia. Muito baixo, para o lado do poente, Vênus, com as suas suaves cintilações de prata, subia por entre as bétulas enquanto retrilhava-la no alto, na direcção do Levante, a chama vermelha do sombrio Arcturo. Algumas das estrelas da Ursa Maior brilhavam de quando em quando por cima de Levine. A caçada estava no fim, mas ele resolveu esperar que Vênus tivesse ultrapassado o ramo de uma bétula por cima da qual a estava a ver e que a Ursa Maior estivesse completamente visível. A estrela, porém, ultrapassava o ramo e o

carro da Ursa Maior e já se deixava ver por inteiro, continuando ele sempre à espera.

— Não são horas de voltarmos para casa? — perguntou Stepane Arkadievitch.

Na floresta tudo era silêncio, não se ouvia mexer uma ave.

— Esperemos ainda — respondeu Levine.

— Como quiseres.

Estavam nessa altura a quinze passos um do outro.

— Stiva! — exclamou repentinamente Levine — Não me disseste se a tua cunhada está casada ou para quando é o casamento.

Sentia se tão firme, tão calmo, que nenhuma resposta, fosse qual fosse, o poderia perturbar Mas em verdade não esperava a resposta que Stepane Arkadievitch lhe ia dar.

— Não esta casada, nem nunca pensou em casar. Está muito doente. É pena, mas que hei de eu fazer? Ah, ah, minha linda, muito mal.

— Que dizes? — exclamou Levine — Doente mas que tem ela? E como.

Entretanto, Laska, de orelha atenta, perscrutava o céu, lançando-lhes olhares de censura “Escolheram má ocasião para dar à língua!”, parecia ela pensar “Lá vem outra Sim, lá está ela. Vão perdê-la”.

No mesmo instante um silvo agudo arranhou o ouvido dos caçadores, apontaram a arma, e os dois relâmpagos, os dois tiros, confundiram se. A galinhola, que voava muito alto, debateu se e caiu em cima da ramaria, quebrando os galhos novos.

— Óptimo! Ao mesmo tempo! — exclamou Levine, correndo com Laska em busca de presa “Que foi que ha momentos me deu um desgosto tão grande?”, perguntava se ele “Ah, sim, a Kitty esta doente. É pena, mas que hei de eu fazer?” Ah, ah, minha linda, apanhaste-a? — voltou ele em voz alta, retirando da bocarra de Laska a ave ainda quente, para a lançar na bolsa quase cheia — Encontrei-a Stiva — gritou ele alegremente.

No regresso a casa, Levine fez muitas perguntas sobre a doença de Kitty e os projectos dos Tcherbatski. Sem que ousasse confessá-lo a si próprio, os pormenores que lhe forneceu o amigo deram lhe um secreto prazer. Ainda podia ter uma esperança, e sobretudo não lhe desagradava pensar que aquela que tanto o fizera sofrer sofresse por seu turno. Mas quando Oblonski se referiu às causas da doença de Kitty e pronunciou o nome de Vronski, Levine interrompeu-o.

— Não tenho o direito de ser iniciado nos segredos de família, os

quais, para te falar verdade, não me interessam.

Stepane Arkadievitch esboçou um sorriso acabava de surpreender na expressão de Levine aquela brusca passagem da alegria à tristeza que ele tão bem lhe conhecia.

— Fizeste negócio com o Riabinine? — perguntou Levine.

— Fiz, ofereceu me um bom preço trinta e oito mil rublos, oito mil adiantados e os trinta mil restantes a pagar no prazo de seis anos. Trouxe-me muito apoquentado este negócio, ninguém me ofereceu mais.

— Vais dar lhe o bosque por uma ninharia? — comentou Levine em voz triste.

— Que dizes? Por uma ninharia? — ripostou Stepane Arkadievitch com um sorriso divertido, pois sabia que Levine a partir daquele mo mento estaria descontente com tudo.

— Esse bosque vale, pelo menos, quinhentos rublos a *desiatina* — retrucou Levine.

— Ah, estes lavradores! — gracejou Stepane Arkadievitch — Vocês, com esse desdém esmagam os pobres citadinos como nós! No entanto, quando se trata de negócios, saímo-nos melhor do que vocês. Podes crer calculei tudo. O bosque é vendido em condições excelentes e eu só tenho medo de uma coisa que o comprador se arrependa. É preciso considerar que não tem madeira para construção — continuou ele, sublinhando as palavras, pois pensava reduzir a nada todas as dúvidas de Levine, com aquela informação técnica — É quase tudo madeira para queimar e não tem mais de trezentos *sajenas* por *desiatina.* Ora, ele paga me a duzentos rublos cada uma.

Levine teve um sorriso de desdém “Ora, conheço bem”, pensou ele, “esse tipo de cavalheiros da cidade que só porque de dez em dez anos vêm uma ou duas vezes à aldeia e só porque aprendem duas ou três expressões populares e as empregam com ou sem propósito, julgam que sabem mais que toda a gente. O pobre rapaz fala de coisas de que não percebe patavina — Não me atrevo a dar te lições quando se trata de papelada da tua repartição — replicou ele. — E até sou capaz de te pedir conselhos sobre a matéria. Mas tu julgas por acaso que conheces a fundo assuntos de bosques? O que te posso dizer é que são complicadíssimos. Contaste as tuas árvores?

— Quê! Contar as árvores? — objectou, rindo, Stepane Arkadievitch, que a todo o custo queria obrigar o amigo a voltar à sua antiga alegria — Contar as areias do mar e os astros do céu é obra de gênios!

— Pois garanto te que o gênio de Riabinine consegue esse milagre. Mão há um só negociante que compre um bosque sem contar as árvores, a não ser que o receba de graça, como é o caso. Conheço muito bem o teu bosque, vou lá caçar todos os anos vale quinhentos rublos a *desiatina,* dinheiro na mão, e ele oferece duzentos a prazo. Dás lhe de presente nada mais nada menos do que uns trinta mil rublos.

— Não te entusiasmes, que diabo! — disse Oblonski, em tom queixoso — Mas por que é que ninguém me ofereceu esse preço?

— Porque Riabinine está mancomunado com os outros negociantes e prometeu-lhes luvas. Conheço toda a essa malta, tive negócios com ela, entendem se uns com os outros muitíssimo bem. Rezam todos pela mesma cartilha. Fica descansado, o Riabinine não liga aos pequenos lucros, lucros de dez a quinze por cento Espera o momento azado, e compra por vinte copeques o que vale um rublo.

— Vês tudo negro.

— De maneira nenhuma! — concluiu Levine em tom taciturno, quando já se aproximavam de casa.

Diante da porta estava parada uma telega, solidamente recoberta de ferro e couro, atrelada a um cavalo bem tratado, em que se repimpava o empregado de Riabinine, rapazola muito corado e de cafetã cinzento, que naquela altura servia de cocheiro. O patrão, esse, aguardava os dois amigos no vestíbulo. Era um homem de meia idade, alto, seco, de grandes bigodes, o queixo rapado e proeminente, os olhos meigos e à flor do rosto. Com um redingote de longas abas ornadas de botões da cintura para baixo, calçava botas cujos canos lhe subiam até ao joelho e, por cima destas, umas enormes galochas. Limpou o rosto com o lenço, apanhou, sem que fosse necessário, as abas do redingote, e caminhou para os recém chegados, de sorriso nos lábios, estendendo a Oblonski uma mão que parecia querer agarrar lhe alguma coisa.

— Ora aqui o temos. — exclamou Stepane Arkadievitch, apertando-lhe a manipula — Óptimo!

— Embora as estradas estejam muito más, não me atrevi a desobedecer às ordens de Vossa Excelência. Percorri o caminho todo a pé mas aqui estou na data combinada. Os meus respeitos, Constantino Dimitrievitch — prosseguiu ele, voltando se para Levine, no intuito de lhe apertar também a mão, mas este, que na ocasião retirava as galinholas da sacola de caça, fingiu não dar pelo gesto — Vossas Excelências divertiram se na caça? — acrescentou Riabinine, com um olhar de menosprezo para as galinholas — Que pássaro vem a ser esse? Será possível que isso saiba a alguma coisa? — e abanou a

cabeça de maneira reprovadora seria comida digna de cristãos?

— Queres ir para o meu escritório? — perguntou Levine em francês a Stepane Arkadievitch, num tom francamente lúgubre — Entrem para o meu escritório, aí tratarão dos seus negócios — continuou em russo.

— Onde quiserem — comentou o comerciante, com ar de desdenhosa superioridade, querendo dar a entender que, se havia quem ignorasse as regras da cortesia, ele, Riabnine estava sempre e onde quer que fosse perfeitamente à vontade.

Ao entrar no escritório, Riabinine, maquinalmente, procurou com a vista a imagem sagrada, mas quando deu com ela não se persignou. Para a estante e para as prateleiras carregadas de livros teve o mesmo olhar de desprezo, o mesmo aceno de cabeça que paia as galinholas também aquilo não valia nada.

— Bom, trouxe o dinheiro consigo? — perguntou Oblonski — Sente-se.

— O dinheiro não há de faltar. Por ora vamos conversar.

— A respeito de quê? Mas sente-se, sente-se.

— Bom — disse Riabinine, deixando se cair numa poltrona e apoiando se lhe nas costas da maneira mais incômoda que se possa imaginar — É preciso fazer um abatimento, meu príncipe. Seria pecado, se o não fizesse. Quanto ao dinheiro, tenho o pronto, até ao último copeque Por esse lado não haverá dificuldades.

Esta conversa fez estacar Levine que depois de arrumar a espingarda no armário, se dispunha a retirar se.

— O quê? — interveio ele — Pois ainda quer um tesouro? Atas o preço que você oferece já é ridículo. Se o meu amigo se tivesse antes dirigido a mim, eu lhe teria sugerido o preço.

Riabinine levantou-se e, sorrindo, fitou Levine.

— Em questões de dinheiro, Constantino Dimitrievitch é duro de roer — disse ele, dirigindo se a Oblonski — Com ele nunca se faz negócio, quis lhe comprar o trigo, ofereci lhe bom preço e...

— Por que razão lhe havia eu de dar de mão beijada o que é meu? Que eu saiba, não o achei nem o roubei.

— Graças a Deus, hoje em dia é positivamente impossível roubar. Hoje em dia, com os tribunais abertos, e as coisas todas feitas de acordo com a lei, não se pode falar em roubar. Tudo se passa honestamente e com lisura Como havia um homem de roubar nestas condições? Estamos a tratar destas coisas como gente honrada. Sua Excelência pede muito pelo bosque. Não chego até lá. Tem de me

fazer uma reduçãozinha.

— Mas o negócio está ou não está fechado? Se está, não ha mais que regatear, caso contrário, sou eu quem compra o bosque.

O sorriso desapareceu do rosto de Riabinine, onde surgiu uma expressão cruel de ave de rapina. Com os dedos ossudos e ágeis, desabotoou o redingote, deixando ver por baixo a blusa russa o colete de botões de cobre, a cadeia do relógio, e acabou por retirar lá de dentro uma carteira velha e recheada.

— O bosque é meu, se me da licença — proferiu ele, estendendo a mão depois de um breve sinal-da-cruz. Tome o seu dinheiro, o bosque é meu. É assim que Riabinine trata dos seus negócios, não é homem para discutir ninharias — acrescentou em tom desabrido, brandindo a carteira.

— Eu, no teu lugar, não me precipitava — aconselhou Levine.

— Que estás a dizer? — objectou, não sem surpresa, Stepane Arkadievitch — Dei-lhe a minha palavra.

Levine saiu batendo com a porta Riabinine abanou a cabeça, sorrindo.

— Tudo isto, como vê, são infantilidades, positiva e definitivamente. Palavra que o compro exclusivamente pela honra de que se diga “Foi o Riabinine, e não outro qualquer, que comprou o bosque de Oblonski.” E só Deus sabe se não terei prejuízo! Palavra de honra. Agora, será bom redigirmos um contratozinho.

Uma hora depois, o homem de negócios, de redingote abotoado, o gibão aconchegado ao peito, voltava a subir para a sua telega bem sólida, levando para casa um contrato em boa e devida forma.

— Oh, estes fidalgos! — disse para o empregado — São todos iguais!

— É assim mesmo — volveu lhe o ajudante, entregando lhe as rédeas para abotoar o avental de couro da telega — E a respeito da compra, Mikail Ignati!

— Ora! Ora!

CAPÍTULO XV

Stepane Arkadievitch subiu para o 1o andar, com o bolso cheio do dinheiro correspondente a três meses que Riabinine lhe soubera fazer aceitar por conta. A venda estava feita, tinha o dinheiro na carteira, a caça fora boa sentia-se, portanto, com óptima disposição e era seu desejo rematar agradavelmente, com uma lauta ceia, aquele dia tão bem começado. Para isso precisava, fosse como fosse, distrair Levine, mas, por mais que este procurasse mostrar se amável e cordial, não conseguia desanuviar o espírito das suas ideias negras. A notícia de que Kitty não estava casada como que o embriagara, mas no fundo a sua embriaguez começava a desvanecer-se. Solteira e doente, doente de amor por aquele que a desprezara! Era quase uma injúria pessoal Vronski repelira-a, mas ela repelira Levine. Não teria Vronski o direito de o desprezar? Levine, porém, não reflectia sobre isso. Apenas sentia vagamente que em tudo aquilo havia qualquer coisa de insultuoso para ele, contudo, não estava zangado agora com o que o perturbara então, mas com o que presentemente se lhe deparava. Aquela absurda venda do bosque, o logro de que Oblonski fora vítima sob o seu próprio tecto, irritavam no p articularmente.

— Então, está tudo pronto? — perguntou, ao ver chegar Oblonski

— Queres cear?

— Não digo que não O campo dá me um apetite de lobo. Mas por que não convidaste o Riabinine?

— Que vá para o diabo que o carregue!

— Caramba, como tu o tratas! Nem mesmo lhe estende te a mão, porquê?

— Porque também não a estendo ao meu criado, que vale cem vezes mais do que ele.

— Que ideias obsoletas! E que dizes da fusão das classes?

— Deixo isso para as pessoas a quem semelhante coisa é agradável, no que me diz respeito, dá me náuseas.

— Decididamente, não passas de um retrógrado.

— Para falar a verdade, nunca perguntei a mim próprio o que seria. Sou, muito simplesmente, Constantino Levine.

— Um Constantino Levine levado dos diabos — disse Oblonski, sorrindo.

— Tens razão E sabes por quê? Por causa dessa venda estúpida,

desculpa o termo.

Stepane Arkadievitch assumiu uma expressão de inocência ultrajada.

— Bom — disse ele —, quando é que já aconteceu alguém vender alguma coisa, sem que lhe digam logo em seguida "Mas isso valia muito mais!" Infelizmente, nunca aparece quem pague esse bom preço antes de as coisas estarem vendidas. Não, estou persuadido de que não toleras esse pobre Riabinine.

— Talvez, e vou dizer te porquê. Podes tratar me de retrogrado ou de qualquer outro nome tão ridículo como esse, não posso deixar de deplorar o empobrecimento geral desta nobreza, à qual, apesar da fusão das classes, eu me sinto feliz por pertencer. Ainda se se tratasse de uma conseqüência das nossas prodigalidades, estava certo levar uma vida larga é privilegio dos nobres e só eles o sabem fazer. Não me da engulhos ver os camponeses comprarem as nossas terras. Como o proprietário não faz nada, o camponês, que trabalha, toma o lugar dos ociosos. Está na ordem natural das coisas, e acho que deve ser assim. Mas o que me vexa é verificar que a nossa nobreza se está a deixar despojar por como é que hei de dizer sim, é isso mesmo, por inocência! Aqui é um lavrador polaco que compra por metade do preço, a uma dama que vive em Nice, uma propriedade magnífica. Acolá é um negociante que arrenda por um rublo a *desiatina* o que vale dez. Hoje és tu que, sem mais nem menos, das de presente a esse malandro trinta mil rublos.

— Então, na tua opinião, eu devia ter contado as árvores uma por uma?

— Isso mesmo. Se não as contaste, podes ter a certeza de que Riabinine as contou por ti. Os seus filhos terão com que viver e com que se instruir enquanto os teus, só Deus o sabe.

— Desculpa-me, mas acho esse cálculo mesquinho. Nós temos as nossas ocupações, eles têm as deles, e é muito compreensível que tirem partido disso. Em conclusão, o negócio está feito e não vale a pena falar mais no caso. Aí vêm ovos estrelados, o meu prato favorito. E Agáfia Mikailovna, assim o espero, vai trazer-nos daquela magnífica vodka.

Oblonski sentou se à mesa e pôs se a gracejar com Agáfia Mikailovna, dizendo lhe que havia muito não jantava nem ceava tão bem.

— Ao menos — disse ela — sempre tem uma palavra agradável a dizer, enquanto a Constantino Dimitrievitch podíamos lhe servir à vontade apenas uma côdea de pão que a comeria e se iria embora sem

dizer palavra.

Por mais esforços que fizesse para se dominar, Levine continuava macambúzio e silencioso. Tinha na ponta da língua uma pergunta que não se atrevia a fazer, não sabendo como nem de que maneira formulá-la. Stepane Arkadievitch já tivera tempo de descer ao seu quarto, de fazer as suas abluções, de vestir uma camisa de noite plissada e de se deitar, enfim, e Levine ainda andava em volta dele, falando de coisas insignificantes, sem coragem para perguntar o que não lhe saía do pensamento.

— Que bem apresentado, não achas? — disse ele, desembrulhando um sabonete perfumado, uma atenção de Agáfia Mikailovna, de que Oblonski nem sequer se servira — Ora repara é uma autêntica obra de arte.

— É verdade, hoje tudo se está a aperfeiçoar. — aprovou Stepane Arkadievitch com um bocejo de felicidade. — Os teatros, por exemplo, e outros locais de divertimento — Aqui um novo bocejo — Por toda a parte já ha luz eléctrica.

— Sim, luz eléctrica — repetiu Levine. — A propósito, e Vronski, que é feito dele? — ousou, finalmente, pondo de lado o sabonete.

— Vronski — repetiu Stepane Arkadievitch, deixando subitamente de bocejar — Está em Sampetersburgo. Partiu pouco depois de ti e nunca mais voltou a Moscovo. Queres saber, Kóstia? — prosseguiu ele, encostando se à mesinha de cabeceira e apoiando nas mãos o seu belo rosto onde brilhavam, como duas estrelas, os seus olhos bondosos um pouco sonolentos — Vou dizer te a verdade. A culpa foi tua. Tiveste medo de um rival e repito te o que então te disse não sei qual de vocês dois teria mas probabilidades de êxito. Por que não te adiantaste? Eu não te disse, então.

E um bocejo lhe movimentou as maxilas, num esforço para não abrir a boca.

“Saberá ele, ou não, que pedi a mão de Kitty?”, interrogava se Levine, fitando o “Sim, ha manha, há diplomacia na cara dele.” E sentindo-se corar, mergulhou os olhos nos de Oblonski sem abrir a boca.

— Admitindo — continuou Stepane Arkadievitch — que ela se sentisse atraída por ele, não podia deixar de ser uma atracção superficial. A mãe é que se deixou seduzir pela aristocracia das maneiras do rapaz e pela brilhante posição que ele um dia virá a ocupar na sociedade.

Levine franziu as sobrancelhas. A injúria do repúdio trespassava -lhe de novo o coração como uma ferida recente. Felizmente estava em sua

casa e um homem em sua casa sente se sempre mais forte.

— Espera, espera. — exclamou ele, interrompendo Oblonski — Falas da sua procedência aristocrática. Podes dizer me em que consiste a aristocracia de Vronski ou de qualquer outra pessoa e em que essa aristocracia autoriza o desprezo que tiveram para comigo? Consideram no um aristocrata. Não sou da mesma opinião. Um homem cujo pai subiu na vida graças a miseráveis intrigas e cuja mãe teve aventuras sem conta. Não, isso não. Eu chamo aristocratas aos homens que como eu podem orgulhar se de ter atrás de si três ou quatro gerações de gente honesta, instruída, educada (não falo de dotes de espírito, isso é outra coisa), que, não tendo precisado de ninguém, nunca se rebaixaram diante de quem quer que fosse. Assim foram o meu pai e o meu avô. E conheço muitas famílias do mesmo tipo. Dás de mão beijada a Riabinine trinta mil rublos e achas mesquinho que eu conte as árvores das minhas florestas, mas ainda um dia hás de dispor de uma propriedade do Estado e de muito mais coisas e eu nada obterei. Isto é a razão por que trato de poupar a que herdei de meu pai e o que consegui amealhar com o meu trabalho. Nós é que somos os aristocratas e não esses que vivem à custa dos poderosos deste mundo e que se deixam comprar por pouca coisa.

— Mas a quem estás a atacar? Eu sou da tua opinião — respondeu com toda a sinceridade Stepane Arkadievitch, divertido com esta saída, mas desconfiado de que Levine o incluía também na categoria dos que se deixam comprar por pouca coisa — Não estas a ser justo para com Vronski, mas não é disso que se trata. Digo te com toda a franqueza devias vir comigo para Moscovo e...

— Não. Não sei se soubeste o que se passou. De resto, tanto faz, vou te dizer declarei me a Catarina Alexandrovna e ela brindou me com uma negativa que me torna a sua lembrança penosa e humilhante.

— Por quê? Que loucura!

— Não falemos mais nisso. E se me exaltei, peço te que me desculpes.

Agora que falara, finalmente, voltava a sentir se bem disposto.

— Bom. — tornou ele, sorrindo e apertando a mão de Oblonski — Ficaste zangado comigo? Por favor, não te zangues, Stiva!

— Nunca pensei em zangar-me. Estou muito contente que nos tenhamos aberto um com o outro. Mas diz me uma coisa é boa a caça pela manhã? Achas que sim? Passarei bem sem dormir, e depois da caça irei directamente para a estação.

— De acordo.

CAPÍTULO XVI

Embora a vida íntima de Vronski estivesse inteiramente absorvida pela paixão, a sua vida exterior seguia o curso imutável, oscilante entre os deveres mundanos e as obrigações militares. O regimento desempenhava um papel muito importante na sua existência em primeiro lugar gostava dele e depois porque lá o apreciavam. Não só o apreciavam como o respeitavam, todos se orgulhavam de ver um homem tão rico, tão instruído, tão bem dotado, colocar os interesses do seu regimento e dos seus camaradas acima dos triunfos do amor próprio e da vaidade a que tinha. O direito de aspirar Vronski dava conta dos sentimentos que inspirava e julgava se na obrigação de os alimentar. Aliás, a carreira das armas agradava-lhe.

É óbvio que a ninguém falava do seu amor. Nem uma só palavra imprudente lhe saía da boca no decurso das mais demoradas pândegas (de resto, nunca se embriagava a ponto de perder o autodomínio). E sabia tapar a boca aos indiscretos que porventura se atreviam a fazer qualquer alusão aos seus problemas sentimentais. No entanto, esses problemas eram o prato do dia da cidade, toda a gente desconfiava, mais ou menos, da sua aventura com Ana Karenina. A maior parte dos jovens invejava precisamente o que ele mais pesava naquela ligação a alta posição social do marido posto em xeque, o que dava ao caso a importância de um acontecimento mundano. A maior parte das jovens, invejosas de Ana, a quem estavam fartas de ouvir tratar de "irrepreensível", viam com prazer cumpridos os seus vaticínios e aguardavam apenas a sanção da opinião pública para sobre ela despejarem todo o seu desprezo. Já tinham guardada a lama que lhe atirariam quando chegasse o momento. As pessoas mais velhas e as de nível elevado receavam o escândalo e mostravam se descontentes.

A condessa Vronski começara por ter conhecimento dos amores do filho com uma alegria maliciosa não havia nada que se comparasse, na sua opinião, para ajudar a formar um jovem, a uma ligação na alta sociedade. Não lhe desagradava a ideia de que essa Karenina, que tanto apreciava e só lhe falava do filho pequenino, tivesse acabado por dar um mau passo, como de resto acontecia a todas as lindas mulheres da sua classe. Esta indulgência cessou, porém, desde que soube que Alexei, para não se afastar de Ana, recusara uma promoção importante, coisa que descontentara alguns altos personagens. Acabara também por compreender que aquela paixão, em vez de um brilhante capricho, que ela aprovaria de bom grado, assumia proporções trágicas, à Werther, e ameaçava levar o filho a cometer alguns disparates. Como não tornara a ver Vronski depois da sua

brusca partida de Moscovo, mandou preveni- lo pelo irmão mais velho de que desejava falar lhe. Este tão pouco escondia o seu descontentamento, não que lhe desse cuidado o facto de os amores do irmão mais novo serem profundos ou efêmeros, serenos ou apaixonados, inocentes ou culposos (ele próprio, embora pai de família, mantinha uma dançarina e não tinha o direito de se mostrar severo); mas, sabendo que estes amores desagradavam a pessoas a quem era preciso agradar, não podia deixar de censurar Alexei.

Além do serviço militar e das suas relações mundanas, Vronski consagrava parte do seu tempo a uma segunda paixão, a dos cavalos. Os oficiais organizavam nesse ano uma corrida de obstáculos. Vronski inscrevera-se e comprara uma égua inglesa puro sangue. Apesar do seu amor, e posto que pusesse nisso reserva, o certo é que esta corrida tinha grande interesse para ele.

Aliás, as duas paixões não se prejudicavam uma à outra. Vronski apreciava, além de Ana, de uma actividade qualquer que o repousasse, que o distraísse das emoções violentas por que passava.

CAPÍTULO XVII

No dia das corridas de Krasnoie a Selo, Vronski, mais cedo que de costume, foi comer um bife ao refeitório dos oficiais. Não precisava de ter cuidados muito rigorosos com a alimentação, pois o seu peso estava dentro dos setenta e dois quilos regulamentares, mas também não devia engordar, e por isso mesmo se abstinha de ingerir açúcar e farináceos. Os cotovelos na mesa, o dólman desabotoado, deixando ver o colete branco, parecia absorto na leitura de um romance francês aberto em cima do prato, quando apenas adoptava essa atitude para mais facilmente se esquivar à conversa dos que entravam e saíam. O seu pensamento estava longe dali.

Pensava no encontro que ia ter com Ana depois das corridas, como ela lhe prometera. Como não a via há três dias, a si próprio perguntava se ela poderia cumprir a promessa que lhe fizera, pois o marido acabava de chegar de uma viagem ao estrangeiro. Como ter a certeza? Haviam-se encontrado pela última vez na casa de campo de Betsy, sua prima, pois deixara de freqüentar a casa dos Karenines. Era onde, no entanto, tencionava dirigir-se naquele momento e para lá se apresentar dava tratos à imaginação à procura de um pretexto plausível.

"Direi que Betsy me encarregou de perguntar se ela pretende assistir às corridas. Sim, com certeza, irei", decidiu ele. E era tanta a vivacidade com que a imaginação lhe pintava a felicidade daquela entrevista que no seu rosto, repentinamente levantado, resplandeceu a alegria.

— Manda dizer a minha casa que atrelem o mais depressa possível à caleche — disse ele ao criado que lhe trazia o bife numa bandeja de prata. Puxou a bandeja para junto de si e principiou a comer.

Na sala de bilhar contígua, por entre o ressoar das bolas, ouvia-se o ruído de vozes de mistura com gargalhadas. Dois oficiais apareceram à porta: um muito novo, de rosto delicado, que acabava de sair do Corpo de Pajens, e outro, gordo e idoso, com uns olhinhos apertados e uma pulseira no braço.

Vronski relanceou-lhes um olhar enfadado e voltando a fixar a vista no livro fingiu não os ver.

— Então, estás a fortalecer-te, hem? — disse o oficial gordo, sentando-se junto dele.

— É o que vês — replicou Vronski, em tom enfastiado, sem levantar os olhos.

— Não tens medo de engordar? — continuou o outro, oferecendo uma cadeira ao camarada jovem.

— Que dizes? — inquiriu Vronski cada vez mais aborrecido e sem esconder um gesto em que havia repulsa.

— Não tens medo de engordar?

— Rapaz, traz Xerez! — gritou Vronski, sem lhe responder, e depois de ter transportado o livro para o outro lado do prato, voltou a mergulhar na leitura.

O robusto oficial pegou na lista dos vinhos, apresentou-a ao mais novo e disse, olhando para ele:

— Aqui tens o que nós podíamos beber.

— Vinho do Reno, se queres — respondeu o jovem, que, enquanto cofiava o imperceptível bigode, pousava em Vronski um olhar tímido. Ao ver que este não se mexia, levantou-se.

— Voltemos para a sala de bilhar — propôs ele.

O oficial idoso seguiu-o docilmente. Iam sair quando apareceu um belo moço, o capitão de cavalaria Iachivne. Este mal lhes fez uma continência condescendente: foi logo direito a Vronski.

— Ah, cá está ele! — exclamou, deixando cair pesadamente a mão sobre o ombro do rapaz. Vronski voltou-se, pouco satisfeito, mas logo no seu rosto reapareceu a serenidade habitual.

— Bravo, Alexei — exclamou, em voz de barítono, o capitão. — Come, e não deixes de beber um trago.

— Não tenho fome nenhuma.

— São inseparáveis — continuou Iachivne, relanceando um olhar irônico aos dois oficiais que se afastavam. E sentou-se junto de Vronski, encolhendo as longas pernas, moldadas no calção de montar, demasiado compridas para a altura das cadeiras. — Por que não foste ontem ao Teatro de Krasnoie? A Numerova realmente não representa nada mal. Onde estiveste?

— Demorei me em casa dos Tverskoi.

— Ah, sim?

Bêbedo, jogador, destituído de princípios, ou antes dotado de princípios unicamente imorais, Iachivne era o melhor camarada de Vronski no regimento. Este admirava-lhe a excepcional força física, que ele punha à prova, sobretudo quando bebia como uma ostra, ou passando noites inteiras sem dormir, se fosse preciso. Não admirava menos a sua força moral, que lhe granjeava a consideração um tanto inquieta dos superiores e dos camaradas e lhe permitia arriscar no

jogo, mesmo depois das maiores farras, dezenas de milhares de rublos com uma serenidade e uma presença de espírito de tal modo imperturbáveis que no Clube Inglês o consideravam o primeiro dos jogadores. Além disso, Vronski sentia que Iachivne o estimava por ele próprio e não por causa do seu nome nem da sua fortuna. Eis por que lhe dedicava uma afeição sincera e teria desejado falar lhe — e só a ele — da sua paixão, convencido de que, apesar do desprezo de que dava mostras por toda a espécie de sentimentalismos, só ele, Iachivne, podia compreender a profundeza daquele amor, só ele, Iachivne, não faria dessa paixão um motivo de maledicência. Sem nunca lhe ter dito absolutamente nada, lia se lhe nos olhos que Iachivne sabia tudo e considerava o caso com a seriedade desejada.

— Ah, sim? — disse o capitão. Um relâmpago lhe perpassou pelos olhos negros enquanto, em obediência a um tique familiar, metia entre os lábios a guia esquerda do bigode.

— E tu, que fizeste ontem à noite? Ganhaste?

— Oito mil rublos, três mil dos quais talvez nunca os verei

— Então não tenho remorsos de te fazer perder — disse Vronski, ruído, pois sabia que Iachvine apostara nele uma importância avultada.

— Não espero perder. Só temos a temer Makotine. E a conversa passou a girar em torno das corridas, o único assunto que no momento era susceptível de despertar o interesse de Vronski.

— Bom, acabei. — disse este, por fim —, podemo-nos ir embora. Levantou se e dirigiu se para a porta Iachivne ergueu se também, estirando as largas espáduas e as longas pernas.

— Não posso jantar tão cedo, mas vou beber qualquer coisa. Acompanho-te. Eh! Vinho? — gritou ele, na sua voz tonitruante, que fazia estremecer as vidraças, e não tinha rival nas vozes de comando — Não, é inútil! — exclamou, logo em seguida — Visto que voltas para casa, acompanho-te.

CAPÍTULO XVIII

Vronski estava instalado numa choupana finlandesa, grande e asseada, dividida ao meio por um tabique. Tal como em Sampetersburgo, tinha na sua companhia Petritski, que dormia quando Vronski e Iachivne chegaram.

— Levanta-te, já dormiste bastante — disse Iachivne, sacudindo o dorminhoco pelos ombros, atrás do tabique onde ele estava deitado, de cabelos desgrenhados e o nariz enterrado no travesseiro.

Petritski deu um pulo e ficou de joelhos, enquanto olhava em redor com os olhos ainda mal abertos.

— Esteve aí o teu irmão — disse a Vronski. — Acordou me, o grande animal, para me dizer que voltava.

Dito isso, tornou a enterrar a cabeça no travesseiro, cobrindo se com a colcha.

— Deixa me em paz caramba — exclamou, colérico, para Iachivne, que lhe puxava a roupa. — Deixa me! — Virou se para ele e abriu definitivamente os olhos — Era melhor que me dissesses o que devo beber para acabar com este amargor que tenho na boca.

— Vodka, é o que há de melhor — vociferou Iachivne — Teretschenko, depressa, vodka e pepino de conserva para o teu patrão! — gritou ele, evidentemente deliciado com as modulações do seu vozeirão.

— Vodka? Achas? — perguntou Petritski, esfregando os olhos. — Se tu tomares também, estou aqui para o que der e vier. E tu, Vronski, fazes nos companhia?

Ao levantar se da cama, pôs se a andar, embrulhado numa colcha listrada, os braços para cima, trauteando em francês “Havia um rei em Tu... tu... le”

— Então, Vronski — repetia ele —, fazes nos companhia ou não?

— Vai bugiar? — replicou Vronski a quem o criado oferecia nesse momento o uniforme.

— Aonde vais? — perguntou Iachivne, ao ver aproximar se da casa uma caleche tirada por três cavalos.

— A cavalariça e de lá a casa de Brianski, com quem tenho uns assuntos a tratar.

Prometera, com efeito, a Brianski, que morava a umas dez verstas de Peterov, regularizar com ele uma compra de cavalos e esperava ter

tempo de passar por sua casa. Mas os camaradas imediatamente perceberam que ele ia a mais algum lugar. Continuando a cantarolar, Petritski piscou o olho e fez uma careta, que significava “Nós sabemos o que quer dizer Brianski.”

— Não vás chegar tarde — foi o único comentário de Iachivne, e para mudar de conversa — a propósito o meu ruão tem-se portado bem?

— perguntou, observando, através da janela, o cavalo que vendera a Vronski.

Quando este já ia a sair, Petritski deteve-o, gritando:

— Espera, o teu irmão deixou-te uma carta e um bilhete. Onde demônio os meti eu?

— Bom, onde estão eles?

— Onde estão eles? Eis a questão — declarou Petritski, cravando o dedo na fronte.

— Vamos, diz lá, isso é estúpido! — tornara Vronski, sorrindo.

— Não acendi o fogão Portanto têm de estar por aí.

— Basta de gracejos! Onde está a carta?

— Palavra de honra, não sei. Teria eu sonhado, porventura? Espera, espera, não te zangues. Se tivesses emborcado quatro garrafas, como eu, ontem à noite, também tu perderias a noção das coisas. Espera, vou procurar lembrar-me.

Petritski voltou para trás do tabique e deixou-se cair de novo sobre a cama.

— Bem, era assim que estava deitado e ele estava ali. Sim, sim, sim, ora aí está.

E tirou a carta de debaixo do colchão.

Vronski pegou na carta, que vinha acompanhada de um bilhete do irmão. Era o que ele esperava a mãe censurava-o por não ter ido vê-la e o irmão desejava falar-lhe urgentemente. “Que têm que ver com a minha vida?”, murmurou para si mesmo e, amarrotando os dois papéis, introduziu-os entre os botões do dólman, com a intenção de os ler, no caminho, mais à sua vontade. A entrada esbarrou com dois oficiais, um dos quais de outro regimento. Era costume escolherem a sua casa para ponto de reunião.

— Aonde vais? — perguntou um deles.

— A Peterov, tratar de negócios.

— O teu cavalo já chegou de Tsarskoie?

— Já, mas eu ainda não lhe pus a vista em cima.

— Dizem que o Gladiador, o cavalo de Makotine, coxeia.

— Tolice? — disse o outro oficial — Mas como hão-de vocês correr com toda essa lama?

— Ah, ah! Vêm-me salvar a vida? — exclamou Petritski, ao ver entrar mais aqueles dois, a quem o ordenança oferecia, numa bandeja, pepinos e vodka — Como vêem, Iachivne manda me beber para refrescar as ideias.

— Sabem que nos fizeram passar uma noite em claro? — disse um dos oficiais.

— Se soubessem como a terminámos? — replicou Petritski — Volkov trepou ao telhado e de lá participou-nos que estava triste. E se fizéssemos um pouco de música?, propus eu; uma marcha fúnebre? E ao som da marcha fúnebre adormeceu ali mesmo em cima do telhado.

— Toma então a tua vodka e por cima soda e muito limão — disse Iachivne, animando Petritski, como uma mãe que quer que o filho engula um purgante. — Depois, tens o direito de mandar vir uma garrafa de champanhe.

— Gosto mais. Espera um pouco, Vronski, vais beber connosco?

— Não, meus senhores, adeus. Hoje não bebo.

— Tens receio de ficar muito pesado. Está bem, passaremos sem ti Depressa, soda e limão.

— Vronski! — gritou alguém, no momento em que este saía.

— Que aconteceu?

— De vias mandar cortar o cabelo, faz-te muito pesado. Sobretudo a careca.

Uma calvície precoce afligia Vronski. Sorriu com o gracejo e pondo o quépi na cabeça, para esconder o ponto final, saiu de casa e entrou para a caleche.

— A cavalariça! — ordenou. Ia pegar nas cartas para as reler, mas, pensando melhor, preferiu não se distrair e adiou a leitura para depois da visita à cavalariça.

CAPÍTULO XIX

Deviam ter trazido na véspera o cavalo de Vronski para a cavalariça provisória, barraca de madeira armada à pressa nas cercanias do campo de corridas. Como dias antes deixara ao cuidado do treinador a obrigação de levá-la a passear, Vronski já esperava o estado em que ia encontrar a sua montada. Assim que viu aproximar-se a caleche, o cavalariço (groom, como lhe chamavam) mandou buscar o treinador. Este, um inglês esgalgado, com um tufo de pêlo no queixo, de paletó curto e botas altas, veio ao encontro do amo, no seu andar pesado e bamboleante, os cotovelos afastados, posição habitual dos jóqueis.

— Como está a Frufru? — perguntou Vronski em inglês.

— *Ali right, sir* — replicou o inglês em voz gutural — É melhor não entrar — acrescentou, tirando o chapéu — Pus-lhe um açaimo e está agitada. Se nos aproximarmos, vai ficar nervosa.

— Mesmo assim, quero vê-la.

— Bom, está bem — consentiu o inglês, contrariado, falando sem abrir a boca. E franzindo o sobrolho tomou a dianteira com o seu passo desengonçado, abrindo os cotovelos.

Penetraram no pàtiozinho da barraca. O cavalariço, um rapaz bem posto e dê bom aspecto, abriu lhes a porta, de vassoura na mão. Cinco cavalos ocupavam a,cavalariça, cada um deles no seu box; o de Makotine, o concorrente de Vronski mais temível, Gladiador, um alazão robusto, devia estar lá Vronski, que não o conhecia, tinha mais curiosidade de vê- lo do que ver a sua própria égua, mas o regulamento das corridas impediu o de solicitar que lho mostrassem e até mesmo de perguntar o que quer que fosse a respeito dele. Enquanto seguia pelo corredor, o cavalariço abriu a porta do segundo box da esquerda e Vronski pôde entrever um possante alazão de patas brancas. Percebeu que se tratava de Gladiador, mas voltou se imediatamente para o lado onde estava a Frufru, tal como teria desviado a vista de uma carta aberta que não lhe fosse endereçada.

— É o cavalo de Ma... Mak... não consigo pronunciar semelhante nome — gaguejou o inglês por cima do ombro, apontando com o polegar de unha suja o box de Gladiador.

— De Makotine? Sim, é o meu único adversário de respeito.

— Se o montasse — disse o inglês —, apostava no senhor.

— A Frufru é mais nervosa, ele é mais resistente — respondeu Vronski, sorrindo, satisfeito com o elogio.

— Na corrida de obstáculos — voltou o inglês — tudo depende da arte de montar, do *pluck*.

De *pluck,* isto é, de energia e de audácia, não carecia. Vronski sabia o muito bem, e, coisa melhor ainda, estava absolutamente convencido de que ninguém teria mais *pluck* do que ele.

— Acha que não seria necessário obrigá-la a transpirar bastante?

— Absolutamente — replicou o inglês — Não fale alto, por favor, o animal enerva se — acrescentou com um aceno de cabeça na direcção do box fechado, onde se ouvia o escarvar da égua na cama de palha. Abriu a porta e Vronski penetrou no box, escassamente iluminado por uma pequena fresta. Uma égua baia escura, com um açaimo, escarvava nervosa, a cama de palha fresca. Assim que os seus olhos se habituaram à escuridão do box, Vronski percorreu uma vez mais com um olhar maquinal as formas do seu animal favorito Frufru era uma égua de estatura média e de conformação algo defeituosa. Tinha os membros franzinos, o peito estreito, apesar do peitoral saliente, a garupa ligeiramente rebaixada, as pernas, sobretudo as traseiras, um pouco cambaias e não muito musculosas. Conquanto o treino lhe tivesse feito perder o ventre, nem por isso tinha o peito muito desenvolvido. Vista de frente, os ossos das pernas pareciam fusos, mas, vista de lado, pelo contrario, pareciam largos de mais. Apesar dos flancos encovados era comprida em excesso no tronco. Uma grande qualidade, porém, compensava todos esses defeitos tinha “sangue”, esse “sangue” que “se revela”, como dizem os Ingleses. Os seus músculos, muito desenvolvidos sobre uma rede de veias, que se lhe desenhavam por debaixo da pele fina, macia e elástica como cetim, pareciam duros como ossos. A cabeça delgada, com os olhos à flor da pele, brilhantes e alegres, alargava se até à boca e as narinas dilatadas, com as suas mucosas injectadas de sangue. Era um desses animais que dão a impressão de que só não falam por ser incompleto o seu mecanismo bucal. Pelo menos Vronski tinha a sensação de estar a ser compreendido por ela no momento em que a contemplava Assim que entrou, a égua relinchou e, enquanto revirava um dos olhos a tal ponto que a córnea se injectava de sangue, relanceou o outro para trás, para as pessoas que entravam, procurando libertar se do açaimo, balançando se ou num pé, ora no outro.

— Vê como está excitada? — disse o inglês

— Calma, querida, calma! — exclamou Vronski, aproximando-se para aquietá-la.

Quanto mais se aproximava, mais enervada ela ficava. Somente quando lhe chegou perto da cabeça, ela serenou de súbito e os músculos estremeceram lhe sob a pele delicada Vronski afagou lhe o

robusto pescoço, alisou-lhe uma das madeixas da crina que atirara para o outro lado da cabeça, e aproximou o rosto das narinas dilatadas e delgadas como asas de morcego. A égua resfolegou ruidosamente, deixou cair a orelha e estendeu para ele o vigoroso focinho preto, como se o quisesse agarrar pela manga. Impedida, contudo, de o fazer por causa do açaimo, sacudiu se, enquanto, com as pernas bem feitas, voltava a escarvar na palha fresca.

— Sossega, minha linda, sossega — disse lhe Vronski, acariciando-lhe a garupa.

Saiu do box com a sensação tranqüila de que a égua estava em perfeita forma.

A agitação da égua comunicara se ao cavaleiro. O sangue afluía ao coração de Vronski. Também experimentava a necessidade de se agitar e de morder, sensação ao mesmo tempo perturbadora e divertida.

— Bem, conto contigo — disse para o inglês —, às seis horas e meia na pista.

— *Ali right.* Mas para onde vai o senhor, *my lord?* — perguntou o inglês chamando o de *lord,* título que quase nunca empregava.

A ousadia da pergunta surpreendeu Vronski, ergueu a cabeça e olhou o inglês, como sabia fazer, não nos olhos, mas em plena fronte. Compreendera imediatamente que o treinador não falara como se se dirigisse ao patrão, mas a um jóquei.

— Preciso de falar com Brianski — replicou — Estarei de volta dentro de uma hora.

"Quantas vezes já me perguntaram isso mesmo hoje!", pensou Vronski. E, coisa que raramente lhe sucedia, corou ali mesmo, observado pelos olhos perscrutantes do inglês. Como se soubesse onde ia o amo, o inglês voltou:

— O mais importante é conservar-se calmo. Não se irrite. Evite as contrariedades.

— *All right* — replicou Vronski, sorrindo. E pulando para dentro da caleche, mandou seguir para Peterov.

Entretanto o céu, carregado desde o amanhecer, escurecera de todo. Um forte aguaceiro desabou, apenas ele se afastara.

"Que maçada!", exclamou Vronski, levantando a capota da caleche: "a terra já estava mole, agora vai ficar um charco."

Aproveitou aquele momento de solidão para reler as famosas cartas. Sempre a mesma coisa. Tanto a mãe como o irmão teimavam em

imiscuir-se nos seus problemas sentimentais. Tal atitude provocava nele uma irritação insólita. Que lhes importa? Para quê esta solicitude irritante? Naturalmente sentem que há nisto qualquer coisa que não podem compreender. Se se tratasse de uma vulgar ligação mundana, deixavam-me em paz, mas adivinham que não se trata de uma brincadeira, que esta mulher é-me mais preciosa do que a própria vida. Eis o que não entendem e, por conseguinte, os irrita. “Seja qual for o nosso destino, fomos nós que o criámos e não estamos arrependidos disso”, pensou, e, na palavra “nós” ligava-se a Ana. “Querem a todo o transe ensinar-nos a viver, eles, que não fazem a mínima ideia do que seja a felicidade. Não sabem que, sem este amor, não haveria para nós nem alegria nem dor neste mundo, a vida deixaria de existir.”

No fundo, o que mais o irritava contra os seus era que no seu íntimo reconhecia que eles tinham razão. O amor que Ana lhe inspirava não era entusiasmo passageiro destinado, como tantas outras ligações, a desaparecer sem deixar mais vestígios que algumas recordações, alegres ou penosas. Sentia vivamente a falsidade da situação, amaldiçoava as obrigações mundanas que os constrangiam, para salvarem as aparências, a levar uma vida de dissimulação e de hipocrisia, a preocuparem-se constar temente com a opinião pública, quando era verdade que todas as coisas estranhas à paixão em que se abrasavam se lhes tinham tornado de todo indiferentes.

Essas freqüentes necessidades de fingimento vieram-lhe, impressivas, à memória. Não havia nada mais oposto à sua natureza, e lembrou-se do sentimento de vergonha que mais de uma vez surpreendera em Ana quando ela própria também se via obrigada a mentir. O estranho desgosto que havia algum tempo por vezes se apossava dele assaltou-o repentinamente. Por quem sentia aquela repulsa? Por Alexei Alexandrovitch? Por ele próprio? Pelo mundo inteiro? Realmente não sabia e não estava disposto a pensar nisso. Mais uma vez, portanto, afastou essa impressão e deixou que o pensamento seguisse o seu caminho.

“Sim, ela outrora sentia-se infeliz, mas mostrava-se altiva e tranqüila. E agora não pode sentir-se nem digna nem tranqüila, embora procure escondê-lo. É preciso acabar com isto.”

E pela primeira ver a ideia de pôr termo àquela vida de mentira se lhe afigurou nítida e precisa. “Basta de tergiversações”, decidiu. “Temos de deixar tudo, ela e eu, e os dois, sozinhos com o nosso amor, escondermo-nos em qualquer parte.”

CAPÍTULO XX

O aguaceiro não durou muito e quando Vronski chegou, ao trote de um cavalo de tiro, arrastando atrás de si os outros cavalos, galopando a toda a brida, pela lama fora, já o Sol, de novo no firmamento, fazia cintilar, dos dois lados da larga rua, os telhados das moradias, escorrendo água, e a folhagem encharcada das velhas tílias que iam deixando cair gotas alegres. Vronski abençoava a chuva: que lhe importava agora o mau estado do campo de corridas, quando era certo que, graças àquele aguaceiro, iria encontrar Ana em casa e muito provavelmente só, visto -o marido, recém-chegado das termas, ainda se não ter instalado no campo.

Para não chamar a atenção, Vronski, como de costume, apeou-se um pouco antes da ponte, e seguiu a pé até à residência dos Karenines. Em vez de tocar a campainha da porta principal, deu a volta pelo portão de serviço.

— O patrão já chegou? — perguntou ao jardineiro.

— Ainda não, mas a senhora está em casa. Faça o favor de tocar a campainha da porta principal, que lha abrem.

— Não, prefiro entrar pelo jardim.

Certo de que a iria encontrar só, queria fazer-lhe uma surpresa: como não lhe prometera visitá-la nesse dia, ela não o esperaria, visto ser dia de corridas. Levantou, pois, a espada, para não fazer ruído, e enveredou, cauteloso, pela álea, coberta de areia e orlada de flores, que conduzia ao terraço por onde a casa comunicava, desse lado, com o jardim. Afastando do espírito as preocupações que o tinham assaltado no caminho, apenas pensava na felicidade de a ver, não tardaria muito, em carne e osso e não mais em imaginação. Já ia a subir o mais suavemente que lhe era possível a rampa do terraço quando se lembrou do que sempre esquecia e que no fim de contas constituía o ponto mais doloroso das suas relações com Ana: a presença do filho dela, dessa criança de olhar inquisidor e hostil, assim lhe parecia.

A criança era o principal obstáculo às entrevistas dos dois. Nunca diante dela ousava pronunciar uma palavra que não pudesse ser ouvida por toda a gente. Nenhuma alusão susceptível de levantar suspeitas lhe era permitida. Entre os dois tinha se estabelecido uma espécie de aliança muda ludibriar a criança era para eles como proceder mal um para com o outro. Diante dela falavam, pois, como se fossem apenas dois amigo.s Apesar de todas estas precauções, a cada passo Vronski encontrava fixado nele o olhar perplexo e

perscrutador do rapazinho. Ora carinhoso, em certos momentos, ora frio e sombrio, noutros, dir-se-ia que Sérgio percebia instintivamente existir entre aquele homem e sua mãe um laço sério cujo significado não compreendia.

Efectivamente, o pobre pequeno não conseguia saber como comportar se para com aquele senhor, graças à finura da intuição própria das crianças, adivinhara que, conquanto nunca falassem dele, o pai, a preceptora, a criada, experimentavam por Vronski repulsa um pouco receosa, enquanto a mãe o tratava como um amigo muito querido "Que significa isto? Quem é ele? Devo gostar dele? Se nada compreendo de tudo isto, é porque, sem dúvida alguma, ou sou mau ou sou estúpido", pensava a criança. Daí a sua timidez, o seu olhar perscrutador e um tanto desconfiado, essa mobilidade de atitude que tanto embaraçava Vronski. A presença daquele serzinho provocava-lhe, invariavelmente, sem causa justificável, essa estranha náusea que ultimamente o perseguia. Essa náusea fazia deles — tanto de Ana como de Vronski — uma espécie de navegantes a quem a bússola mostra que seguem à deriva, embora incapazes de deter o curso da embarcação. Reconhecerem semelhantes erros de rumo era o mesmo que verificarem estarem perdidos. Tal qual como a bússola ao navegante, aquela criança de olhar cândido tornava-lhes evidente o afastamento em que estavam da norma que por de mais conheciam, conquanto não quisessem submeter se a ela.

Nesse dia, porém, Ana estava completamente só. Aguardava no terraço o regresso do filho, surpreendido pela chuva no seu passeio. Mandara ao encontro dele um criado e uma criada de quarto. Com um vestido branco guarnecido de largas rendas, sentada a um canto, escondida atrás de umas plantas, não ouvira Vronski aproximar-se. A cabeça descaída, apoiava a fronte no metal frio de um regador esquecido em cima da balaustrada, que segurava com as duas mãos cheias de anéis bem conhecidos de Alexei. A beleza daquela cabeça de cabelos negros anelados, daquele pescoço, daqueles braços, de toda ela, era sempre para ele motivo de nova surpresa. Parou e contemplou-a num êxtase. Instintivamente Ana sentiu que ele se aproximava e ainda Vronski não dera mais um passo já ela repelia de si o regador, voltando para fie o rosto ardente.

— Que tem? Está doente? — perguntou-lhe Vronski em francês, aproximando-se dela. Teria desejado correr, mas, receoso de que o vissem, relanceou um olhar à porta do terraço, olhar que o fez corar como sempre o fazia corar tudo que lhe lembrasse que era obrigado a dissimular e a vigiar-se.

— Não, estou bem — respondeu ela, levantando-se e apertando com firmeza a mão que ele lhe estendia. — Não te esperava.

— Meu Deus, que mãos tão frias!

— Assustaste me, estou só e espero o Seriocha, que foi passear. Entrarão por este lado.

Procurava mostrar-se serena, mas os lábios tremiam-lhe.

— Desculpe me ter vindo, mas não podia passar o dia inteiro sem a ver — continuou ele em francês, o que lhe permitia, para evitar um "tu" perigoso, recorrer ao "vós", demasiado cerimonioso em russo.

— Desculpar-te quando a tua visita me faz tão feliz!

— Mas está doente ou sofre por qualquer coisa — continuou ele, inclinando-se para ela, sem lhe largar a mão — Em que estava a pensar?

— Sempre na mesma coisa — respondeu ela, sorrindo. Falava verdade. A qualquer momento que a tivessem interrogado, teria podido dar sempre a mesma resposta, pois a verdade é que não pensava noutra coisa senão na sua felicidade e na sua desventura. No momento em que ele aparecera, perguntava ela a si mesma por que é que outras, Betsy, por exemplo, cuja ligação com Tuchkevitch, muito bem dissimulada, conhecia perfeitamente, tomavam tão à ligeira o que a ela tanto fazia sofrer. Naquele dia essa ideia atormentava-a particularmente por certas razões. Interrogou Vronski sobre as corridas. Ao responder-lhe, percebeu que Ana estava agitada e, tentando distraí-la, pôs-se a contar-lhe, com a maior naturalidade, alguns dos pormenores dos preparativos para as provas.

"Devo ou não dizer-lhe", pensava Ana, mirando os olhos límpidos e caridosos de Vronski "Está tão feliz, tão preocupado com as corridas, que não poderá compreender as coisas como são, não poderá compreender o que este facto significa para nós."

— Mas, afinal não me disse em que estava a pensar quando entrei.

— tornou ele, bruscamente, interrompendo o que dizia — Diga-me, por favor!

Ana não respondeu. Inclinando ligeiramente a cabeça, olhava para Vronski com uma expressão interrogativa nos olhos brilhantes e de grandes pestanas. A mão, que brincava com uma folha arrancada, tremia- lhe Vronski notou o e no seu rosto pintou-se aquela submissão e aquela fidelidade de escravo que a subjugavam.

— Vejo que sucedeu qualquer coisa. Poderei eu porventura sentir-me sossegado, um momento que seja, sabendo que está a sofrer uma dor de que eu não compartilho? Fale, pelo amor de Deus — insistiu, numa súplica.

"Não lhe perdoaria se não compreendesse toda a importância do

que tenho a dizer lhe. É melhor não lho dizer. Para que hei-de eu fazer essa prova?", pensava Ana, que continuava de olhos fitos nele e se dava conta de que a mão cada vez lhe tremia mais.

— Pelo amor de Deus! — exclamou ele, pegando-lhe na mão.

— Devo dizer-lhe?

— Diga, diga

— Estou grávida — disse Ana, lenta e murmuradamente. A folha que tinha entre os dedos ainda tremeu mais, mas não desprendia dele os olhos na esperança de lhe ler no rosto como receberia a notícia. Vronski empalideceu, quis dizer qualquer coisa, mas conteve-se, baixou a cabeça e deixou cair a mão "Sim, compreendeu todo o significado deste acontecimento", pensou Ana, e apertou lhe a mão, reconhecida. Enganava-se, contudo, pensando que Vronski atribuía ao facto o mesmo significado que ela, mulher que era. Esta notícia principiara por despertar nele, mil vezes mais forte, o sentimento de desgosto que sentia, embora, ao mesmo tempo, compreendesse que chegara, finalmente, a crise que tanto desejava. Era impossível continuar a encobrir os factos ao marido de Ana e tornava-se indispensável acabar quanto antes, de qualquer modo, aquela situação odiosa. Aliás, a sua agitação física comunicara-se- lhe. Lançou um olhar cheio de enternecimento e de submissão, beijou lhe a mão, levantou-se e pôs se a andar de um lado para o outro, no terraço, sem dizer palavra.

— Nenhum de nós, nem a Ana nem eu, encarámos nunca esta situação como uma brincadeira, qualquer coisa sem importância. Agora o nosso destino está decidido — articulou, aproximando se dela, resoluto

— É preciso, dê por onde der, acabarmos com esta mentira em que vivemos — acrescentou, lançando à sua roda um olhar circunspecto.

— Acabar? Mas como, Alexei? — interrogou ela, em voz suave. Sentia-se tranqüilizada e no rosto transpareceu-lhe um sorriso enternecido.

— Tens de abandonar o teu marido para unirmos as nossas vidas.

— Já o estão mesmo sem isso — replicou Ana, numa voz quase imperceptível.

— Sim, mas de todo, de todo.

— Como, Alexei? Diz me como! — tornou a perguntar, sorrindo com tristeza e certa ironia, revendo a situação insolúvel — Haverá acaso alguma saída para nós? Não estou eu casada?

— Todas as situações têm uma saída. É preciso decidirmo-nos —

teimou Vronski — Seja o que for, sempre será melhor que viver como vivemos. Bem vejo como sofres por tudo, pela sociedade, pelo teu filho, pelo teu marido.

— Oh, por causa do meu marido, não? — replicou Ana, com um sorriso cândido —Não penso nele. Não existe para mim.

— Não estás a ser sincera. Conheço-te bem. Também sofres por causa dele.

— Ele nada sabe — disse Ana, e de súbito um grande rubor lhe inundou a face, a fronte, o colo, e nos olhos afloraram-lhe lágrimas de vergonha — Não falemos mais dele.

CAPÍTULO XXI

Várias vezes tentara Vronski, embora nunca tão decididamente como agora, fazer Ana reflectir na sua situação, mas acabava sempre por defrontar se com a mesma superficialidade e ligeireza de juízo. Era como se alguma coisa houvesse que ela própria não podia nem queria esclarecer consigo mesma, como se, ao principiar a falar, Ana, a verdadeira Ana, se ocultasse dentro de si mesma e surgisse outra mulher, estranha, alheia para ele, a quem ele não amava, a quem temia e que lhe oferecia resistência Mas naquela tarde resolvera dizer-lhe tudo.

— Que ele saiba ou não saiba, pouco nos importa. — disse Vronski, na sua habitual entonação firme e serena — Não podemos. Não pode continuar nesta situação, sobretudo agora.

— Que devemos fazer? — inquiriu Ana, com o mesmo sorriso ligeiramente irônico.

Ela, que tanto receara que Vronski tomasse de ânimo leve a notícia de que estava grávida, afligia-se agora que ele concluísse desse facto ser preciso tomar uma resolução enérgica.

— Confessar tudo e deixá-lo.

— Muito bem, mas suponhamos que eu o faça, sabe o que daí resultará? Eu lhe digo — volveu-lhe Ana, e uma cintilação maligna lhe transpareceu nos olhos ainda há instantes tão ternos "Gosta de outro e mantém com ele relações criminosas?", continuou Ana, imitando o marido e frisando, como ele o faria, a palavra "criminosas" — Tinha a prevenido das conseqüências de uma tal conduta no campo religioso, social e familiar. Não me quis ouvir. Agora não posso consentir que desonre o meu nome — "e o do meu filho", quis acrescentar Ana, mas deteve-se. Aquele filho não podia ser para ela motivo de troça — Em conclusão, com o seu estilo de funcionário, nítido e preciso, dirá que me não pode deixar partir e que tomara todas as medidas ao seu alcance para evitar o escândalo. E fará o que disser com a maior ordem e serenidade. Não se trata de um homem, mas de uma máquina, de uma máquina cruel quando se zanga — terminou Ana, recordando Alexei Alexandrovitch, em todos os pormenores do seu rosto e da sua maneira de falar, e atribuiu-lhe todo o mal de que se tornara culpada perante ele, na esperança de achar nisso compensação para a sua terrível falta.

— No entanto, Ana — interveio Vronski, em voz suave e persuasiva, na esperança de a convencer e sossegar —, seja como for, é preciso dizer-lhe e proceder depois como entendermos, de acordo com o que

ele disser.

— Então, teria de fugir?

— E por que não? Esta vida não pode continuar. Não é em mim que penso, mas em si, que está a sofrer.

— Fugir, e tornar-me ostensivamente sua amante, não é verdade?

— volveu-lhe ela, agressiva.

— Ana! — exclamou Vronski, repreensivo.

— Sim, tornar-me sua amante e perder tudo... tudo... — Quis dizer mais uma vez o "meu filho", mas não pôde pronunciar a palavra.

Vronski não podia compreender que Ana, com a sua maneira de ser enérgica e honrada, pudesse suportar aquela situação de fraude sem desejar libertar-se dela, mas não se dava conta de que a causa principal era a palavra "filho", que ela não pudera pronunciar. Quando pensava no filho e nas suas futuras relações com ele depois de abandonar a marido, sentia tamanho horror pelo que fizera que não era capaz de raciocinar. Como mulher, apenas procurava tranqüilizar-se a si mesma com ludíbrios, para que tudo continuasse na mesma e para que pudesse esquecer o tremendo problema que seria a situação do pequeno.

— Peço-te, suplico-te que nunca me fales numa coisa dessas — exclamou, de súbito, numa entoação terna e sincera, pegando-lhe carinhosamente na mão.

— Mas, Ana...

— Nunca, nunca. Deixa-me decidir sozinha. Estou consciente de todo o horror e de toda a baixeza da minha situação, mas não é tão fácil de resolver como julgas. Deixa-me decidir, e obedece-me. Nunca me fales nisso. Prometes?... Não! Não! Prometes-me?...

— Prometo-te, mas a verdade é que não posso estar descansado, sobretudo depois do que acabas de me dizer. Não posso estar descansado, quando sei que tu o não estás...

— Eu? — repetiu Ana. — Sim, às vezes sofro, mas passará desde que não tornes a falar-me mais nisso. Só sofro quando o fazes.

— Não te entendo.

— Sei quanto é penoso mentir para a tua maneira honesta de ser, e tenho pena de ti. Penso muitas vezes que estragaste a tua vida por minha culpa.

— Era o que eu estava agora mesmo a pensar: como pudeste sacrificar tudo por mim? Não me posso perdoar a mim mesmo que te sintas desgraçada.

— Desgraçada, eu? — exclamou Ana, aproximando-se dele, fitando-o com um sorriso de amor e exaltação. — Sinto-me como uma esfomeada a quem deram de comer. Talvez tenha frio, talvez esteja esfarrapada e sinta vergonha, mas desgraçada, não. Desgraçada, eu? Não, esta é a minha felicidade...

A voz do filho que se aproximava ressoou no jardim e Ana, levantando-se, rápida, lançou à sua volta um desses seus olhares inflamados, que Vronski muito bem conhecia. Depois, num movimento impetuoso, agarrou-lhe na cabeça com as duas mãos cheias de anéis, contemplou-o demoradamente e, aproximando dele o rosto de lábios entreabertos, beijou-o na boca e nos olhos. Quis então repeli-lo e afastar-se, mas Vronski deteve-a.

— Quando? — murmurou ele, fitando-a num transporte.

— Esta noite, à uma — sussurrou Ana e, suspirando profundamente, seguiu, no seu passo rápido e ligeiro, ao encontro do filho.

A chuva surpreendera Seriocha e a criada em pleno parque, e ali se abrigara com ela num pavilhão.

— Até breve — disse Ana. — Ver-nos-emos nas corridas, não tarda muito. Betsy prometeu vir buscar-me.

Vronski viu as horas e saiu precipitadamente.

CAPÍTULO XXII

Quando Vronski consultou o relógio no terraço dos Karenines estava tão alterado e absorto nos seus pensamentos que olhou para os ponteiros sem atentar na hora. Saiu do jardim e pisando, cauteloso, a lama do caminho encaminhou-se para a caleche que o aguardava. Estava tão compenetrado do sentimento que Ana lhe inspirava que não pensou nas horas nem reflectiu sobre se teria tempo de ir a casa de Brianski. Caso assaz freqüente, a memória recordava-lhe o que decidira fazer, sem que a reflexão interviesse no seu estado de espírito. Aproximou-se do cocheiro, que dormitava na boleia da caleche à sombra já oblíqua de, uma frondosa tília, contemplou as nuvens de mosquitos que volteavam por cima dos cavalos cobertos de suor, e, pulando para dentro do carro, acordou o cocheiro, a quem deu ordem de seguir para casa de Brianski. Só depois de percorrer umas sete verstas, caiu em si, e de tal maneira que de novo consultou o relógio, dando-se conta de que eram cinco e meia e de que se fizera muito tarde.

Naquele dia devia haver várias corridas: a primeira era a da escolta imperial, depois a de duas verstas, para oficiais, em seguida a de quatro e finalmente aquela em que ele próprio, Vronski, tomaria parte. Tinha tempo de chegar ao campo para isso mesmo, mas, se fosse a casa de Brianski, corria o risco de não chegar se não depois da Corte. Não pareceria bem. Mas dera a sua palavra a Brianski de como iria a casa dele, e resolveu cumpri-la, ordenando ao cocheiro que não tivesse dó dos cavalos.

Em casa de Brianski esteve cinco minutos e regressou a trote. Essa corrida veloz acalmou-o. O que havia de penoso nas suas relações com Ana e o facto de não terem chegado a um acordo depois da última conversa, tudo se lhe varreu do cérebro. Agora pensava nas corridas com satisfação e entusiasmo, pensava que chegaria a tempo, e de vez em quando a ventura que iria ter essa noite na entrevista aprazada perpassava-lhe pela imaginação como uma luz deslumbrante. Mas à medida que se aproximava do hipódromo, ultrapassando numerosas carruagens que chegavam de Sampetersburgo ou dos arredores, cada vez se deixava mais penetrar pela atmosfera das corridas.

Não encontrou em casa mais ninguém além da ordenança, que o esperava à porta. Todos tinham ido para o hipódromo. Enquanto mudava de roupa, o soldado comunicou-lhe que já começara a segunda corrida, que muita gente perguntara por ele e que o moço da cavalariça por duas vezes viera informar-se.

Uma vez vestido, sem pressa (nunca se dava pressa nem nunca perdia o domínio sobre si mesmo), Vronski mandou que o conduzissem às barracas. Dali via-se um mar de carruagens, de transeuntes e de soldados em volta do hipódromo; todas as tribunas regurgitavam de espectadores. Provavelmente era aquela a segunda corrida; na ocasião em que entrava na barraca, ouviu a sineta. Ao aproximar-se das cavalariças, cruzou com o Gladiador, o alazão de malhas brancas de Makotine, coberto com uma gualdrapa laranja, cuja franja azul parecia enorme. —O Kord onde está? — perguntou ao cavalariço.

— Na cavalariça, a selar a égua.

Frufru já estava selada no box aberto. Preparavam-se para retirá-la de lá.

— Chego tarde?

— *Ali right! Ali right!* — exclamou o inglês. — Nada de nervos.

Vronski percorreu com os olhos as belas formas da sua égua dilecta, que tremia dos pés à cabeça, e, para se afastar desse espectáculo, saiu da barraca. Chegou às tribunas no momento mais oportuno para não chamar a atenção. A corrida das duas verstas estava no fim e todos os olhares se fixavam no cavaleiro da Guarda e no hussardo da escola imperial que lhe ia no encalço, ambos instigando as suas montadas, desesperadamente, a pouca distância já da meta. De todos os lados afluía gente para a meta, e um grupo de oficiais e de soldados da Guarda exteriorizava a sua alegria com sonoras exclamações, vitoriando o triunfo do oficial e camarada. Vronski misturou-se à multidão quase na altura em que a sineta anunciava o termo da corrida. O cavaleiro da Guarda, alto, salpicado de lama, que chegara em primeiro lugar, descaíra sobre a sela e soltava de mão o cavalo, extenuado, mais escuro pelo suor que o cobria.

O animal, movendo as patas com esforço, refreou o seu galope e o oficial, como um homem que desperta de um pesadelo, olhou à sua roda e teve um sorriso vago. Uma chusma de amigos e conhecidos juntou-se em volta dele.

Vronski evitava, intencional, os grupos da sociedade que passeavam diante das tribunas, discretos e ligeiros, trocando impressões. De longe reconheceu Karenine e Betsy e também a mulher do irmão, mas não se aproximou para não se distrair, mantendo-se a distância. No entanto, a cada instante se lhe deparavam conhecidos que o detinham para lhe contarem pormenores das corridas e interrogá-lo sobre as causas do atraso que tivera.

Quando procediam à distribuição de prêmios na tribuna de honra e

toda a gente se dirigia para esse lado, Vronski viu aproximar-se dele o irmão mais velho, Alexandre, coronel do exército, de mediana estatura e tão robusto como Alexei, embora mais belo e rubicundo, o nariz vermelho e cara de alcoólatra.

— Recebeste o meu bilhete? — perguntou ele. — Nunca te encontro em casa.

Alexandre Vronski, apesar da vida de dissipação que levava, e sobretudo das bebedeiras a que se entregava, e que o haviam tornado célebre, era um perfeito cortesão. Ao falar com o irmão de um assunto que lhe era desagradável, mantinha, por isso mesmo, a expressão sorridente, como se pilheriasse sobre coisa sem importância, pois calculava que seriam muitos os olhos pousados neles.

— Recebi — disse Alexei —, mas não sei, francamente, com que te preocupas *tu*.

— Fiz isso porque acabaram de me observar que ainda há pouco não estavas aqui e que segunda-feira te viram em Peterov.

— Há assuntos que só dizem respeito às pessoas interessadas, e este, que tanto te preocupa, pertence a esse número...

— Sim, mas então não se permanece em serviço, não...

— Não te intrometas no assunto, é tudo o que tenho a pedir-te.

O rosto sombrio de Alexei Vronski empalideceu, e a proeminente mandíbula inferior tremeu-lhe, coisa que raramente lhe acontecia.

Como homem de bom coração que era, poucas vezes se zangava, mas quando isso acontecia costumava tremer-lhe a maxila: tornava-se temível e o irmão não o ignorava. Alexandre Vronski sorriu jovialmente.

— Queria apenas entregar-te a carta da mãe — respondeu —, e não te irrites antes da corrida. *Bonne chance*(Nota 11) — acrescentou, sorrindo, e afastou-se.

Imediatamente, porém, um cumprimento amistoso deteve Vronski.

— Não queres falar aos amigos! Olá, *mon chère* — exclamou Stepane Arkadievitch. Ali, no meio da elegância petersburguesa, com o seu rosto rubicundo e as suas suíças lustrosas, bem penteadas, sentia-se tão à vontade como em Moscovo. — Cheguei ontem e estou contentíssimo por poder assistir ao teu triunfo. Quando apareces?

— Amanhã, no refeitório do quartel — retrucou Vronski, que, desculpando-se, lhe aflorou, à maneira de aperto de mão, a manga do sobretudo, dirigindo-se ao centro do hipódromo, para onde estavam a ser conduzidos os cavalos que deviam tomar parte na corrida de

obstáculos.

Os cavalariços reconduziam os cavalos que tinham participado da última prova, cobertos de suor, exaustos, enquanto, uns atrás dos outros, vinham chegando os da corrida seguinte, muito respousados, a maioria deles puros-sangues ingleses, que debaixo das suas gualdrapas e dos seus cabeções pareciam grandes pássaros estranhos. Pela direita entrava a delgada e formosa Frufru, que caminhava como sobre molas, nas suas patas flexíveis e um pouco desproporcionadas. Não longe dali retiravam a gualdrapa do Gladiador, As grandes, belas e perfeitas formas do animal, com a sua garupa magnífica e as suas patas extraordinariamente curtas, chamaram a atenção de Vronski, a seu pesar. Ia aproximar-se da sua égua, mas de novo foi interrompido por um amigo, que o deteve à passagem.

— Olha, o Karenine! — disse-lhe ele, de repente. — Anda à procura da mulher, que está no centro da tribuna. Não a viu?

— Não, não a vi — replicou Vronski, e sem voltar a cabeça para a tribuna onde o amigo lhe dissera estar Ana Karenina aproximou-se de Frufru.

Não teve tempo sequer de examinar o selim, acerca do qual queria dar algumas instruções. Nessa altura chamavam os corredores à tribuna para sortear os números e dar começo à corrida. Dezassete oficiais, sérios, solenes, alguns mesmo bastante pálidos, reuniram-se diante da tribuna e procedeu-se ao sorteio. A Vronski coube o n° 7.

— Montar! — gritaram.

Vronski voltou para junto da sua égua. Tanto ele como os camaradas se sentiam alvo de todas as atenções, e como sempre lhe acontecia em casos semelhantes a solenidade da ocasião tornava-lhe os movimentos mais lentos e mais ponderados. Em homenagem às corridas, Kord envergara o seu traje de ver a Deus: redingote preto, todo abotoado, colarinho de goma, muito entesado, que lhe enquadrava as faces, chapéu de coco e botas de montar. Calmo e importante, como era seu costume, tinha nas mãos as rédeas da Frufru. A égua continuava a tremer, como se tivesse febre, revirando para o dono os olhos incendiados. Vronski passou-lhe um dedo por debaixo do selim. A égua revirou ainda mais os olhos, arreganhou os dentes e levantou as orelhas. Fazendo uma careta, e esboçando um sorriso, o inglês mostrava o seu espanto: dir-se-ia que não confiava na sua maneira de selar um cavalo!

— Monte! — disse ele. — Ficará menos agitado.

Vronski lançou um último olhar aos rivais. Sabia que durante a corrida não voltaria a vê-los. Dois deles já se dirigiam para o recinto

da largada. Galtzine, amigo e perigoso competidor de Vronski, girava em volta do seu cavalo baio, que não se deixava montar. Um hussardo da Guarda, pequenino, de calções cingidos à perna, galopava, derreado sobre a garupa, para imitar os ingleses, como um gato enroscado. O príncipe Kuzovlev, pálido, montava uma égua puro-sangue, das cavalariças de Grobovski, que um inglês conduzia pela arreata. Tanto Vronski como os companheiros conheciam muito bem Kuzovlev, os seus nervos particularmente débeis e o seu monstruoso amor-próprio. Aquele homem tinha medo de tudo, até mesmo de montar um cavalo vulgar.

Mas, precisamente por isso, pelo medo que sentia, por correr o perigo de rachar a cabeça e porque junto de cada obstáculo estava um médico, uma enfermeira e uma ambulância com a cruz vermelha, resolvera participar na corrida. Os olhos de ambos encontraram-se. Vronski relanceou-lhe um olhar encorajador e amigo. A única pessoa que não viu foi o seu principal concorrente: Makotine, montado no Gladiador.

— Não tenha pressa — dizia-lhe Kord. — E lembre-se de uma coisa: não a reprima nem a pique diante dos obstáculos. Deixe-a saltar como ela quiser.

— Está bem, está bem! — replicou Vronski, colhendo as rédeas.

— Se lhe for possível, ponha-se à cabeça, mas não perca a coragem, mesmo que seja o último.

Sem dar tempo à égua de o pressentir, Vronski, com um movimento ágil e vigoroso, meteu o pé no estribo de aço e deixou-se cair firme na sela, cujo correame rangeu. Mal enfiou o pé direito no outro estribo, igualou entre os dedos o duplo bridão e Kord soltou a égua. Como que vacilante, sem saber com qual das patas romper a marcha, Frufru estendeu o pescoço, esticando as rédeas, e partiu, como impelida por molas, balançando o cavaleiro sobre o seu dorso flexível. Kord seguiu-a em grandes passadas. A égua, nervosa, como se procurasse enganar o cavaleiro que a montava, puxava o brigão, ora de um lado, ora do outro. Vronski debalde tentava sossegá-la, dizendo-lhe palavrinhas e dando-lhe palmadas.

Aproximavam-se do riacho, não longe do local da largada. Muitos cavaleiros iam adiante, outros atrás de Vronski, quando, de súbito, este ouviu nas suas costas o galopar de um cavalo pela lama. Era Makotine montado no Gladiador, o alazão de malhas brancas e orelhas pendentes. O cavaleiro sorriu, mostrando muito os dentes, quando passou por Vronski, mas este apenas lhe devolveu um olhar irritado. Não gostava de Makotine, e agora considerava-o o rival mais perigoso, irritado por vê-lo excitar-lhe a égua com aquele galope a seu lado.

Frufru ergueu a pata esquerda, pronta a galopar, e, contrariada por sentir o bridão tenso, trotou, sacudindo-se e fazendo estremecer o cavaleiro em cima da sela. Kord, contrariado também, quase corna a trote atrás de Vronski.

CAPÍTULO XXIII

Dezessete eram os oficiais que tomavam parte na prova. As corridas realizavam se num grande percurso elíptico, de quatro verstas de extensão, diante das tribunas. Havia nove obstáculos no circuito — um riacho, uma grande barreira, de duas archinas de altura, mesmo em frente das tribunas, um fosso seco, outro com água, um talude, uma banqueta dupla (um dos mais perigosos), isto é, uma rampa coberta de ramos secos, atrás da qual — invisível para o cavalo — se abria um fosso, de tal sorte que aquele ou saltava os dois obstáculos de uma só vez ou se matava, e ainda mais dois fossos, um com água e o outro sem ela, ficando a meta das corridas em frente das tribunas. A corrida não principiava aí, mas a umas cem *sajenas* mais adiante, e nesse trajecto já se encontrava o primeiro obstáculo, um riacho de três archinas de largura, cercado por uma vala, que os cavaleiros podiam saltar ou passar a vau, a seu talante.

Três vezes os concorrentes alinharam, mas como um cavalo se adiantava sempre, houve que voltar ao princípio. O coronel Sestrince, juiz da largada, começava a impacientar-se, mas por fim, na quarta vez, gritou

— "Larguem!", e os cavaleiros largaram.

Todos os olhares e todos os binóculos se fixaram no pequeno grupo colorido dos concorrentes alinhados.

"Já deram a partida, lá vão eles!", gritaram mil vozes no meio do silêncio da expectativa.

Grupos de espectadores e pessoas-isoladas principiaram a correr de um lado para o outro, na esperança de seguirem melhor a corrida. Desde logo os cavaleiros se dispersaram, avançando para o riacho em grupos de dois, de três, e um a um. De longe pareciam um pelotão compacto. Mas a fracção de segundo que os distanciava uns dos outros era para eles da maior importância.

Frufru, exalada e demasiado nervosa, atrasou-se de começo e alguns cavalos passaram-lhe adiante, mas antes de chegar ao riacho, Vronski, retendo com todas as suas forças o animal contido pelo bridão, com facilidade se adiantou a três cavaleiros. Diante dele havia apenas um cavalo, Gladiador, o alazão de Makotine, que galopava, balançando a garupa, mesmo na frente de Vronski, regular e ligeiro, e na vanguarda de todos a formosa Diana, com Kuzovlev em cima, mais morto do que vivo.

Durante os primeiros momentos, Vronski nem dominava a égua nem

se dominava. Até ao primeiro obstáculo, o riacho, foi-lhe impossível comandar os movimentos do animal.

Gladiador e Diana transpuseram o curso de água ao mesmo tempo e quase simultaneamente, atrás deles, sem esforço, e quase como que voando, ergueu-se Frufru, mas, no mesmo instante em que Vronski se sentiu no espaço, surgiu-lhe, quase debaixo das patas da égua, Kuzovlev, que se debatia com a sua Diana do outro lado do rio Kuzovlev soltara as rédeas depois do obstáculo e o cavalo caíra de cabeça junto dele

Vronski só mais adiante se inteirou destes pormenores, agora via apenas que, precisamente onde Frufru ia pôr as patas, podia estar a cabeça ou uma pata de Diana Mas Frufru, como um gato ao cair, enquanto saltava fez um esforço com as patas e a garupa e, deixando Diana de lado, seguiu avante.

“Oh! Minha querida Frufru!”, pensou Vronski.

Uma vez transposto o riacho, Vronski dominou por completo a égua e pôs-se mesmo a refreá-la no intuito de saltar a barreira atrás de Makotine, pensando adiantar-se-lhe no percurso seguinte, de umas duzentas *sajenas,* em que não havia obstáculos.

A grande barreira ficava mesmo diante da tribuna imperial. O imperador, toda a corte, uma multidão imensa olhavam nos, e, diante dele, a um cavalo de comprimento, Makotine a aproximar se do “demônio” (assim denominavam aquela barreira) Vronski sentia todos os olhos postos nele, mas nada mais via além das orelhas e do pescoço da égua, da terra que vinha ao seu encontro e da garupa e das patas brancas do Gladiador, correndo, rítmico, na sua frente, sempre à mesma distância. O Gladiador ergueu se no espaço e, agitando a cauda curta, desapareceu do campo visual de Vronski, sem ter roçado pelo obstáculo.

— Bravo! — gritou alguém.

Naquele mesmo instante, diante dos olhos de Vronski, diante dele mesmo, surgiram as varas da barreira. Sem alterar em nada a sua marcha, a égua elevou se com o cavaleiro em cima, as varas desapareceram e só lá para trás se ouviu um ruído. Excitada por ver diante de si o Gladiador, Frufru saltara cedo de mais, tropeçando na barreira com um dos cascos traseiros. A sua marcha, porém, não sofreu alteração e Vronski, que recebera em plena face um salpico de lama, compreendeu que de novo se encontrava à mesma distância do Gladiador. Tornou a ver diante de si a garupa, a cauda curta e aquelas patas brancas movendo-se rápida mente sem se afastarem. No momento preciso em que Vronski pensou que devia ultrapassar Makotine, Frufru adivinhou lhe o pensamento, e, sem que a

incitassem, acelerou sensivelmente a sua marcha, aproximando se de Makotine pelo lado mais conveniente, o das cordas Makotine, porém, não se separava das cordas. Enquanto Vronski pensou que também o podia ultrapassar pelo outro lado, a égua, mudando de pata, dispôs se a fazê-lo precisamente da mesma maneira. Os flancos de Prufiu, que o suor principiava a enegrecer, já estavam à altura do alazão de Makotine. Correram por momentos um ao lado do outro. Mas, perante o obstáculo de que se aproximavam, Vronski, para evitar um grande desvio, animou a égua com as rédeas e no próprio talude adiantou se rapidamente a Makotine. Viu de relance o rosto do competidor salpicado de lama.

Pareceu-lhe, mesmo, que sorria. Tinha ultrapassado Makotine, mas sentia-o colado ao seu flanco, sem deixar de ouvir o galope compassado e a respiração regular, sem a mínima fadiga, do Gladiador.

Os dois obstáculos seguintes, um fosso e uma barreira, foram transpostos com facilidade, mas Vronski principiou a sentir, mais próximos, o galope e a respiração do Gladiador. Esporeou a égua e com grande alegria notou que esta corna mais, voltando a ouvir-se, à distância costumada, as patas do alazão.

Vronski ia à frente — como era seu propósito e como Kord o aconselhara — e agora tinha a certeza do triunfo. A emoção, a alegria e o carinho que lhe inspiravam Frufru eram cada vez maiores. Tinha vontade de voltar a cabeça para trás, mas não se atrevia, procurando tranqüilizar se e não excitar a égua, para conservar uma reserva de forças igual à que adivinhava no Gladiador. Faltava um obstáculo, e o mais difícil, se o transpusesse primeiro do que os outros, seria o primeiro a chegar à meta. Aproximou-se do obstáculo duplo. Tal como Frujru, também ele, a certa distância, vira o obstáculo e ambos tiveram um momento de dúvida. Vronski notou, pelas orelhas, a indecisão da égua e levantou o pingalim, mas logo percebeu que o seu receio era infundado a égua sabia muito bem o que tinha a fazer. Acelerou o passo, exactamente como era desejo de Vronski, ergueu se no espaço e, com um impulso, abandonou se à força da inércia, que a transportou muito mais para além do fosso, prosseguindo na carreira com o mesmo ritmo e sem sombra de esforço.

— Bravo, Vronski! — gritaram num grupo varias vozes. Sabia que eram os seus camaradas de regimento que estavam junto àquele obstáculo, e não deixou de reconhecer a voz de Iachivne, embora não o visse.

“Oh, que belo animal!”, pensava Vronski de Frufru, enquanto apurava o ouvido, escutando o que se passava atrás de si “Ele

passou!", disse, ao ouvir o Gladiador. Faltava o último fosso, com água, de duas archinas de largura. Vronski nem sequer o olhava, desejoso de ser o primeiro a chegar, com grande vantagem sobre os demais, pôs se a agitar as rédeas de maneira oblíqua, fazendo levantar e baixar a cabeça da égua ao compasso da marcha. Percebeu que Frufru dava mostras de esfalfa mento, não só tinha o pescoço e os flancos cobertos de suor, como até mesmo lhe apareciam gotas de transpiração na cabeça, nas orelhas pontiagudas e nas crinas, a respiração era entrecortada e ofegante. No entanto, tinha a certeza de que não lhe faltariam forças para transpor as duzentas *sajenas* que restava percorrer. Só por se sentir mais perto do solo e mercê de uma peculiar suavidade dos movimentos de Frufru, Vronski compreendeu até que ponto acelerara a marcha. Galgou o fosso, como se o fosso não existisse. Voou por cima dele como um pássaro, mas, nesse mesmo instante, percebeu, aterrorizado, que, sem tempo para acompanhar o impulso da égua e sem saber como, fizera um movimento errado, imperdoável, descaindo em cheio sobre o selim. De repente, a situação mudou, compreendeu que algo de terrível acontecera, mas, antes de dar se conta do que era, passaram junto de si como um raio as patas brancas do alazão de Makotine, que, de um salto, se lhe adiantou Vronski aflorou o chão com um pé e a égua inclinou-se para esse lado. Mal teve tempo de desembaraçar a perna, já a égua caía de costas, com um ronco penoso, fazendo inúteis esforços, o grande pescoço coberto de suor, para tornar a erguer-se. Debatia se aos pés de Vronski como um pássaro ferido. Em virtude do errado movimento, Vronski, quebrara lhe a coluna vertebral. Agora apenas via Makotine, que se afastava, veloz, enquanto ele ali permanecia de pé, imóvel, sobre a terra coberta de lama, e, a seu lado, Frufru estendida, respirando a custo e voltando para ele os seus magníficos olhos. Sem compreender ainda muito bem o que se passara, Vronski puxou lhe pelas rédeas. A égua agitou-se de novo, como um peixe, fazendo estremecer o selim, levantou as patas dianteiras, mas faltaram lhe as forças para erguer a garupa, e vacilou, tombando de lado. O rosto desfigurado pelo espanto, pálido, e a mandíbula inferior trêmula, Vronski deu lhe um pontapé na barriga e tornou a puxar as rédeas. Mas o animal não se moveu e, enterrando a boca na terra, volveu para o dono uns olhos que falavam.

— Ah, meu Deus! — gemeu Vronski, levando as mãos à cabeça — Ah! Que fiz eu? — exclamou — Perdi a corrida? E por culpa minha. Erro humilhante, imperdoável! E este pobre e querido animal que eu matei? Ah, meu Deus, o que eu fiz?

Corriam já para Vronski, o médico, o enfermeiro, oficiais do regimento e muita gente. Com grande mágoa sua, percebia estar são e

salvo. A égua partira a coluna vertebral. Resolveram abatê-la Vronski era incapaz de responder ao que lhe perguntavam e de falar a quem quer que fosse. Sem apanhar o quépi, que lhe caíra, afastou se do hipódromo, caminhando desatinado Pela primeira vez na vida se sentia infeliz, irremediàvelmente desgraçado, e desgraçado por sua culpa.

Iachivne, que lhe veio trazer o quépi, acompanhou o a casa. Daí a meia hora, Vronski estava refeito. Mas a lembrança daquela corrida por muito tempo o atormentou como uma das mais penosas e terríveis recordações de toda a sua vida.

CAPÍTULO XXIV

Nada parecia ter mudado exteriormente nas relações entre os dois esposos, a não ser que Alexei Alexandrovitch de dia para dia levava uma vida cada vez mais laboriosa. Como nos anos anteriores, no começo da Primavera Karenine foi para umas termas no estrangeiro, na intenção de refazer a saúde, que se ressentia do esforço realizado durante o Inverno. E como de costume, estava de volta no mês de Junho, entregando-se de novo e com redobrada energia às suas tarefas habituais. E também, como de costume, a mulher instalara-se no campo, tendo ele permanecido em Sampetersburgo.

Desde aquela conversa com Ana, depois da noite em casa da princesa Tverskaia, nunca mais lhe falara das suas suspeitas nem dos seus ciúmes, e o seu tom habitual proporcionava-lhe agora as maiores comodidades nas relações com a mulher. Mostrava-se um tanto mais frio para com Ana, embora apenas parecesse um pouco desgostoso com a conversa que ela não quisera continuar. No seu trato com a mulher havia apenas um tom de enfado. “Não quiseste que tivéssemos uma explicação”, parecia dizer-lhe mentalmente. “Pior para ti. Agora hás-de ser tu a pedi-la, mas hei-de ser eu a recusar. Pior para ti”, dizia de si para consigo na atitude de alguém que houvesse tentado debalde apagar um incêndio e, aborrecido, ao verificar terem sido inúteis os seus esforços, dissesse: “Pois está bem, então arde!”

Alexei Alexandrovitch, tão inteligente e subtil no seu trabalho, não compreendia que era um erro tratar a mulher daquela maneira. Não o podia compreender, porque a situação em que se encontrava lhe era demasiado penosa. Eis por que encerrou e selou na alma o cofre em que guardava os sentimentos que lhe inspiravam a mulher e o filho. Ele, que fora sempre um pai carinhoso, desde o fim do Inverno tornara-se frio para com o pequeno, tratando-o com o mesmo tom irônico que usava para com a mulher. “Olá, rapaz!”, costumava dizer.

Alexei Alexandrovitch opinava e dizia que em ano algum tivera tanto trabalho como naquele, sem reconhecer que ele próprio inventava esse trabalho, que era essa uma das maneiras de que dispunha para não abrir o cofre onde jazia o afecto para com a família e os pensamentos a respeito dela, pensamentos esses tanto mais terríveis quanto por mais tempo lá permaneciam encerrados. Se alguém tivesse ousado perguntar a Karenine o que pensava do comportamento da mulher, o manso e pacífico Alexei Alexandrovitch nada teria respondido e ter-se-ia irritado muito. Por isso se lhe notava certa severidade e altivez na expressão quando lhe perguntavam pela saúde da esposa. Não queria pensar nem na conduta nem nos

sentimentos de Ana, e, efectivamente, não pensava. A residência de Verão habitual dos Karenines ficava em Peterov, e a condessa Lídia Ivanovna também ali costumava passar o Verão, numa casa vizinha, a cada passo em contacto com Ana. Naquele ano a condessa não quis ir para Peterov e nem uma só vez visitou Ana Arkadievna; em compensação, conversando certo dia com Alexei Alexandrovitch, permitiu-se fazer alusões à inconveniente amizade de Ana com Betsy e Vronski. Karenine interrompeu-a, severo, e disse-lhe que a mulher estava acima de quaisquer suspeitas, e desde então evitou tornar a encontrar-se com a condessa Lídia. Decidido a nada saber, não reparava que na sociedade havia já muita gente a olhar para a mulher com certa reserva. Como nada queria ver, nem sequer a si mesmo perguntava por que quisera ela instalar-se em Tsarskoie, onde vivia Betsy, e não longe do acampamento de Vronski. Embora não se permitisse a si próprio pensar em tal, no fundo da sua alma — sem o confessar a si mesmo e sem prova? ou sequer suspeitas — tinha a certeza de que era um marido enganado, e sofria com isso profundamente.

Quantas vezes durante oito anos de vida conjugal feliz, ao ver mulheres infiéis e maridos enganados, Alexei Alexandrovitch dizia a si mesmo: “Como é possível chegar a uma situação destas? Por que não resolver uma situação tão terrível?” Em compensação, agora, que a desgraça lhe caíra em casa, não só não pensava em resolver a situação, mas, inclusive, não se dava por achado, precisamente por ser aquilo demasiado terrível e antinatural.

Depois do seu regresso do estrangeiro, Alexei Alexandrovitch estivera duas vezes em Peterov. Uma das vezes jantou, outra passou a tarde com convidados, mas não ficou para dormir, como costumava nos anos anteriores.

No dia das corridas, Alexei Alexandrovitch estava muito atarefado, mas desde manhã traçara o programa do que teria a fazer. Resolveu jantar cedo e logo em seguida dirigir-se à casa de campo e dali às corridas, a que não podia faltar, uma vez que a corte inteira assistia a elas. Pensava ir a casa, pois resolvera visitar a mulher uma vez por semana, para guardar as aparências. Além disso, tinha de lhe entregar o dinheiro para as despesas da quinzena, consoante o seu costume. Estas decisões tomara-as ele com a sua costumeira força de vontade e sem permitir que a imaginação fosse além do que estabelecera.

Teve uma manhã muito ocupada. Na véspera, a condessa Lídia enviara-lhe um folheto acerca de uma personagem célebre pelas suas viagens na China, que se encontrava em Sampetersburgo, e uma carta em que lhe pedia que a recebesse, pois era um homem interessante e útil a muitos títulos. Alexei Alexandrovitch não teve tempo de ler todo

o folheto nessa noite e terminou-o de manhã. Depois principiaram a chegar os solicitantes e as visitas; apresentaram-lhe relatórios, despachou assuntos relativos a nomeações e transferências, distribuiu gratificações, soldos, pensões e escreveu cartas; numa palavra, "o ramerrão quotidiano", como costumava dizer, e que tanto tempo lhe roubava. Em seguida ocupou se dos seus assuntos particulares, recebeu o médico e o administrador. A visita deste foi breve, limitou se o entregar lhe o dinheiro de que precisava e a pô-lo ao corrente do estado dos seus negócios. Não iam muito bem, pois naquele ano, em virtude das freqüentes viagens que fizera, gastara mais e verificara se um déficit. Em compensação o médico, sumidade de Sampetersburgo, amigo seu, demorou o muito. Alexei Alexandrovitch, que não o chamara, mostrou se surpreendido com a sua visita e ainda o surpreendeu mais a atenção escrupulosa com que ele o interrogou, o auscultou, lhe palpou o fígado. Ignorava ele que, impressionada com o seu aspecto muito pouco natural, a condessa Lídia Ivanovna pedira ao médico que o visitasse e examinasse detidamente.

— Faço o por mim — dissera a condessa.

— Fá-lo-ei pela Rússia, condessa — replicou o médico.

— É um homem inestimável — concluíra a condessa.

O médico não ficou contente com o exame a que procedeu. Verificou que Alexei Alexandrovitch tinha o fígado muito dilatado, que a sua nutrição era defeituosa e nulos os benefícios da estação de águas. Mandou o fazer muito exercício físico e o mínimo de esforço cerebral, e sobretudo evitar contrariedades, o que para Alexei Alexandrovitch era tão difícil como deixar de respirar. Quando o médico partiu, Karenine ficou persuadido de que não estava bem de saúde e de que o mal não tinha remédio.

Ao sair, o médico encontrou se na escada com Sludine, o secretário de Alexei Alexandrovitch, a quem conhecia desde os bancos da Universidade. Embora poucas vezes se vissem, não eram menos amigos Por isso a ninguém melhor do que a Sludine pôde falar com toda a sinceridade do estado de saúde de Alexei Alexandrovitch.

— Ainda bem que o examinou — disse lhe ele — Karenine não esta bem e parece me Mas qual a sua opinião?

— Qual a minha opinião? — replicou o médico, que por cima da cabeça de Sludine acenava ao cocheiro para que aproximasse a carruagem

— A minha opinião é esta se tentarmos rebentar uma corda que não está tensa, não o conseguiremos facilmente — explicou esticando, com as suas mãos brancas, um dedo da luva gelado —, mas se a esticarmos

até podermos apoiar nela um dedo, a corda rebentará. É o que lhe acontece com a vida sedentária e o trabalho consciencioso que leva. E há também uma pressão exterior, uma pressão violenta mesmo — concluiu, erguendo as sobrancelhas de maneira significativa — Vai às corridas? — acrescentou, descendo os degraus do alpendre e encaminhando se para a carruagem — Sim, sim, evidentemente, toma muito tempo — respondeu o médico a qualquer coisa que Sludine lhe dissera e que ele não ouvira bem.

Depois do médico, que lhe roubara muito tempo, veio o célebre viajante Alexei Alexandrovitch, valendo se da leitura do prospecto, que acabara de folhear, e de algumas noções anteriores sobre o assunto, surpreendeu o visitantes com a vastidão dos seus conhecimentos e a largueza dos seus pontos de vista.

Teve também de receber um marechal da nobreza, de passagem em Sampetersburgo e que precisava de conferenciar com ele. Quando este saiu, Alexei Alexandrovitch teve de despachar com o secretário e ainda tinha de visitar uma personalidade importante por causa de um assunto urgente. Apenas conseguiu voltar para casa às cinco, hora a que costumava jantar. Jantou com o secretário e convidou o a acompanhá-lo à sua casa de campo e às corridas.

Sem dar por isso, Alexei Alexandrovitch procurava sempre a presença de uma terceira pessoa quando tinha de se encontrar com a mulher.

CAPÍTULO XXV

Ana estava no andar nobre, no seu quarto, diante do espelho, e prendia, com o auxílio de Anuchka, o último laço do vestido, quando ouviu o rodar de um carro no saibro diante do alpendre.

"É cedo de mais para ser a Betsy", pensou ela. E relanceando o olhar pela janela viu uma carruagem e reconheceu o chapéu preto e as famosas orelhas de Alexei Alexandrovitch "Que maçada!", disse de si para consigo "Será possível que venha passar a noite?" Pareceu lhe tão terrível e espantoso o que podia acontecer que sem pensar em nada veio ao encontro dele, alegre e risonha, desde logo possuída pelo tal espírito de logro e falsidade. E deixando-se dominar por ele, principiou a falar sem saber o que ia dizer.

— Foste muito amável em vir! —principiou ela, estendendo a mão ao marido, enquanto sorria para Sludine, familiar da casa — Espero que passes aqui a noite — continuou, dominada pelo tal espírito de ludíbrio

— Iremos juntos às corridas. Só tenho pena de ter prometido à Betsy que iria com ela Vem me buscar.

Alexei Alexandrovitch fez uma careta ao ouvir o nome de Betsy.

— Oh, não quero separar as inseparáveis? — replicou no seu habitual tom irônico — Irei com Mikail Vacilievitch. O médico prescreveu me exercício. Irei parte do caminho a pé e será como se ainda estivesse nas águas.

— Mas não há pressa — voltou Ana — Queres uma chávena de chá?

Ana chamou.

— Sirvam o chá e digam ao Seriocha que chegou Alexei Alexandrovitch. Como tens passado? Mikail Vacilievitch, o senhor ainda aqui não esteve quer ver como eu arranjei o meu terraço?

Dirigia se ora a um ora a outro, num tom simples e natural, mas falava muito e muito depressa, coisa de que ela própria se apercebeu, julgando surpreender um lampejo de curiosidade no olhar que lhe lançou Mikail Vacilievitch, que se encaminhou para o terraço enquanto ela se sentava ao lado do marido.

— Não estás com boa cara — disse lhe ela.

— Realmente. Acabo de ser visitado pelo médico, que me fez perder uma boa meia hora. Estou convencido de que foi qualquer amigo meu que lhe encomendou o recado a minha saúde é tão preciosa!

— E que te disse ele?

Ana fazia lhe perguntas sobre a saúde e o trabalho e procurava convencê-lo a que descansasse e que viesse instalar se no campo.

Tudo isto o dizia alegremente, falando depressa e com um brilho especial nos olhos!, mas Alexei Alexandrovitch não ligava nenhuma importância a esse tom. Limitava se a ouvir lhe as palavras, atribuindo-lhes um significado simples e literal. E respondia lhe com naturalidade, conquanto irônico. Nada se deu de particular durante a conversa, mas, tempos depois, Ana não podia recordar aquela breve cena sem experimentar um doloroso sentimento de vergonha.

Seriocha entrou com a preceptora. Se Alexei Alexandrovitch fosse observador, teria notado o olhar tímido e confuso com que o filho o olhou e, depois, olhou a mãe. Mas Karenine, que nada queria ver, não deu por isso.

— Olá, rapaz! Mas crescemos, estamos-nos a fazer homens! Então, bom dia, meu rapaz!.

E estendeu a mão à criança, que estava assustada.

Seriocha, que já era tímido no seu trato com o pai, desde que este o tratava por “rapaz”, e que dentro de si procurava debalde averiguar se Vronski era seu amigo ou seu inimigo, tinha-lhe medo. Como a pedir lhe protecção, olhou para a mãe. Só com ela se sentia feliz. Alexei Alexandrovitch, pousou a mão no ombro do filho e pôs se a falar com a preceptora. Seriocha a tal ponto parecia atemorizado que Ana julgou que ele ia chorar. Corara quando o vira entrar e, ao vê-lo agora tão intimidado, levantou se, pressurosa, e retirou a mão de Alexei Alexandrovitch do ombro do menino. Depois beijou o levou o até ao terraço e voltou para dentro.

— Está a ficar tarde — disse ela, consultando o relógio — Por que não terá ainda aparecido a Betsy?

— É verdade — confirmou Alexei Alexandrovitch, e pondo se em pé fez estalar as articulações dos dedos — Vim trazer te dinheiro, deves estar precisada, nem só de cantigas vive o rouxinol.

— Não. Isto é sim — replicou Ana sem olhar para ele, e corando até à raiz dos cabelos — Mas voltarás depois das corridas, não é assim?

— Com certeza — disse Karenine — Mas aí está a beldade de São Peterov — acrescentou, descortinando, através da janela, uma carruagem à inglesa, de caixa minúscula e muito alta, que se aproximava — Que elegância! Que encanto! Então vamos nós também.

A princesa não desceu do carro, apenas o lacaio, de polainas, capote

e chapéu alto se apeou à entrada.

— Vou me embora, adeus. Foste muito amável — disse Ana, e, dando um beijo no filho, aproximou se de Alexei Alexandrovitch e estendeu-lhe a mão.

Este beijou a mão que ela lhe estendia.

— Bom, até logo! Virás tomar chá? Muito bem! — acrescentou Ana, e saiu radiante.

Mas mal perdeu de vista o marido, estremeceu, ao sentir na mão a reminiscência do contacto dos lábios dele.

CAPÍTULO XXVI

Quando Alexei Alexandrovitch apareceu nas corridas, já Ana estava sentada ao pé de Betsy, na tribuna onde se reunia toda a alta sociedade. De longe viu o marido. Dois homens, o marido e o amante, constituíam para ela os dois pólos da sua vida e adivinhava lhes a presença sem a colaboração dos sentidos. Este instinto revelou lhe, pois, a chegada de Alexei Alexandrovitch e involuntariamente foi o seguindo com os olhos através das ondas de gente. Viu o aproximar se da tribuna, ora correspondendo, condescendente, aos cumprimentos aduladores, ora saudando, distraída e amistosamente, os seus iguais, ora aguardando com interesse um olhar dos poderosos, tirando lhes o seu grande chapéu redondo, esse grande chapéu que lhe dobrava a ponta das orelhas. Ana conhecia muito bem aquela sua maneira de cumprimentar, que lhe era profundamente antipática "Na sua alma não há mais nada além de ambição e desejo de triunfo", pensava ela "As ideias elevadas, o amor da cultura, a religião e tudo o mais são apenas armas para atingir o seu objectivo"

Pelos olhares que ele dirigia à tribuna das senhoras (estava a olhar para ela, mas sem a distinguir naquele mar de musselinas, de fitas, de plumas, de sombrinhas, de flores), Ana compreendeu que a procurava, pois fingiu deliberadamente não o ver.

— Alexei Alexandrovitch! — gritou-lhe a princesa Betsy. — Naturalmente procura a sua mulher. Está aqui! Karenine sorriu com o seu frio sorriso.

— É tal o resplendor que os olhos se encandeiam — respondeu dirigindo-se à tribuna.

Karenine sorriu a Ana como um marido que acaba de estar com a mulher. E cumprimentou a princesa e os demais conhecidos, concedendo a cada um o que a cada um competia, isto é, galantaria às senhoras e cordialidade aos homens. Mas em baixo, junto à tribuna, estava um general ajudante de campo, célebre pela sua inteligência e a sua cultura, a quem Alexei Alexandrovitch muito apreciava.

Era o momento do intervalo entre duas corridas e por isso nada impedia que se conversasse. O general ajudante de campo criticava as corridas. Alexei Alexandrovitch respondeu-lhe defendendo-as. Ana ouvia-lhe a voz aguda e monótona sem perder uma só palavra e todas lhe pareciam falsas e lhe feriam os ouvidos.

Quando principiou a prova de quatro verstas com obstáculos, Ana inclinou-se para diante. Sem o perder de vista, seguia Vronski, que se aproximava da égua e a montava, enquanto ouvia, ao mesmo tempo,

aquela voz repulsiva, que não se calava. Sofria, receosa de que acontecesse qualquer coisa a Vronski e também, e mais ainda, por causa da aguda voz do marido, com as suas entoações tão conhecidas e que parecia nunca mais se calar.

"Sou uma má mulher, uma mulher perdida", pensou. "Mas não gosto da mentira, não suporto a mentira, e ele (o marido) alimenta-se de mentiras. Sabe tudo, vê tudo, e no entanto é capaz de falar com toda esta tranqüilidade. Se me matasse, se matasse Vronski, respeita-lo-ia; mas não, só precisa de mentira e de decoro", dizia Ana de si para consigo, sem saber concretizar que homem desejaria que o marido fosse. Tão-pouco compreendia que a loquacidade de Alexei Alexandrovitch, que tanto a irritava naquele momento, não era mais do que a expressão do desassossego e da inquietação de marido. Tal como uma criança, que, ao acabar de se magoar, salta, pondo em movimento os músculos para acalmar a dor, assim Karenine precisava daquela actividade mental para afogar os pensamentos que o oprimiam na presença da mulher e de Vronski, cujo nome estava em todas as bocas. Da mesma maneira que em casos semelhantes uma criança salta instintivamente, Alexei Alexandrovitch sentia a necessidade de falar e discutir.

— Nas corridas de cavalos militares o perigo é um elemento indispensável. Se a Inglaterra se pode orgulhar dos mais belos feitos da sua cavalaria, deve-o apenas ao facto de historicamente ter cultivado essa força, tanto nos cavalos como nos cavaleiros. Sou de opinião que o desporto tem um sentido profundo, mas, como sempre acontece, só lhe vemos o lado superficial.

— Não tão superficialmente assim — objectou a princesa Tverskaia —; dizem que um oficial partiu duas costelas.

Alexei Alexandrovitch esboçou um sorriso sem expressão, que apenas servia para lhe mostrar as gengivas.

— Suponhamos, princesa, que esse caso não seja superficial, mas profundo. Não é disso que se trata — e de novo se voltou para o general, como quem falava de coisas sérias. — Não se esqueça de que os que tomam parte nas corridas são militares, que escolheram essa carreira, e lembre-se de que todas as carreiras têm o reverso da medalha. Isto faz parte das obrigações do militar. O escandaloso desporto do boxe ou das corridas de touros espanholas são indícios de barbaria. Mas o desporto sistematizado, pelo contrário, é sinal de civilização.

— Não, não volto aqui — exclamou a princesa Betsy — ; isto impressiona-me muito. Não é verdade, Ana?

— Sim, impressiona, mas fascina — disse outra senhora. — Se

tivesse sido romana, não teria perdido nenhum espectáculo de circo.

Ana, sem dizer nada, mantinha o binóculo fixo no mesmo ponto. Entretanto, um general de grande estatura atravessou a tribuna. Interrompendo o seu discurso, Alexei Alexandrovitch levantou-se pressuroso, embora não sem dignidade, e fez-lhe uma profunda reverência.

— Não toma parte nas corridas? — perguntou-lhe o militar, gracejando.

— A minha corrida é muito mais difícil — replicou Alexei Alexandrovitch, respeitosamente.

E embora a resposta de Karenine nada quisesse dizer, o militar acolheu-a com o ar de quem acaba de ouvir algo de muito profundo dito pela boca de um homem muito inteligente e que compreendeu *la pointe de-la sauce*(Nota 12).

— Há dois aspectos a considerar — continuou Alexei Alexandrovitch —, o dos actores e o dos espectadores; o culto por estes espectáculos denota, reconheço-o, um baixo nível da parte dos espectadores, mas...

— Princesa, apostemos! — gritou uma voz, a voz de Stepane Arkadievitch, que interpelava a princesa Betsy. — Em quem aposta?

— Ana e eu apostamos no príncipe Kuzolev — respondeu Betsy.

— E eu por Vronski. Um par de luvas!

— Apostado!

— Que belo espectáculo, não é verdade?

Alexei Alexandrovitch calara-se no momento em que tinham falado junto dele, mas não tardou a continuar.

— Estou de acordo, não são os jogos varonis...

Mas naquele momento soou a largada dos corredores e as conversas cessaram. Também Alexei Alexandrovitch se calou, todos se levantaram e olharam para o lado do riacho. A Alexei Alexandrovitch não interessavam as corridas, por isso não olhou para os cavaleiros, percorrendo com olhos cansados os espectadores. O seu olhar deteve se em Ana.

Nada existia, evidentemente, para ela, além daquilo que seguia com os olhos. O seu rosto estava pálido e grave, apertava convulsiva mente o leque entre as mãos, não respirava. Karenine voltou se para observar outros rostos de mulher.

“Também esta senhora, como muitas outras, está assim emocionada. É muito natural”, disse para si mesmo Alexei Alexandrovitch. Não

queria olhar para Ana, mas esta atraí lhe, involuntariamente, o olhar. De novo cravou os olhos no rosto dela, tendo o cuidado de não ler o que nele estava claramente escrito. Mas, a seu pesar, não pôde deixar de notá-lo.

A primeira queda, a de Kuzovlev, ao saltar o riacho, a todos emocionou, mas Alexei Alexandrovitch viu claramente no rosto pálido e vitorioso de Ana que aquele a quem ela seguia com o olhar não tinha caído. Quando Makotine e Vronski saltaram a grande barreira e o oficial que os seguia caiu de cabeça, ferindo se mortalmente, um murmúrio de horror percorreu a tribuna, e Karenine reparou que Ana nem sequer dera por isso e que por assim dizer nem sequer percebia o que se dizia à sua volta. Mas Karenine olhava a cada vez mais amiúde e com maior insistência. Ana, por mais absorta que estivesse, seguindo o percurso de Vronski, sentia o olhar frio do marido fito nela. Voltou se por momentos, olhou o interrogativa e franzindo ligeiramente o sobrolho de novo se pôs a seguir a corrida.

“Ah, tanto faz!”, pareceu dizer lhe, e não voltou a olhar para ele. A corrida foi infeliz de dezassete cavaleiros, mais de metade caiu. Para o fim, todos se mostravam agitados e o desassossego cresceu quando se soube que o imperador estava descontente.

CAPÍTULO XXVII

Todos, então, se puseram a reprovar aquele gênero de divertimento. Repetiam em voz alta a frase de um espectador “Depois disto só falta o circo com os leões”. O pavor era tão geral que o grito de Ana, quando Vronski caiu, a ninguém surpreendeu. Mas imediatamente após operou se no rosto dela uma grande mudança, uma mudança definitivamente indecorosa. Perturbou se profundamente. Principiou a agitar se como um pássaro que cai na armadilha. Ora queria levantar se para ir não sabia aonde, ora se dirigia a Betsy, dizendo-lhe:

— Vamo-nos, vamo-nos.

Mas Betsy não a ouvia. Inclinada para baixo, falava com um general que acabava de se aproximar.

Alexei Alexandrovitch acercou se de Ana, oferecendo lhe galante mente o braço.

— Vamo-nos, se queres — disse lhe em francês.

Mas Ana, que escutava o que o general dizia, não reparou no marido.

— Dizem também que tem uma perna partida. É um disparate — comentava o general.

Ana, sem responder ao marido, ergueu o binóculo e fitou o local onde Vronski caíra. Porém, ficava tão longe e tanta gente se aglomerara naquele lugar que era impossível ver alguma coisa. Baixando o binóculo, dispôs se a partir, mas naquele momento chegava um oficial montado que vinha informar o imperador. Ana aproximou-se para ouvir.

— Stiva! Stiva! — gritou, chamando o irmão.

Mas este não a ouviu Ana dispôs se novamente a partir.

— Ofereço te o braço pela segunda vez, se queres ir — disse Alexei Alexandrovitch, tocando na mão de Ana.

Esta afastou se dele com repulsa, sem o olhar de frente, e respondeu.

— Não, não, deixa-me. Fico.

Viu que do local onde Vronski caíra vinha a correr um oficial que se dirigia à tribuna Betsy acenou lhe com um lenço, o oficial anunciava que o cavaleiro estava a salvo e que o cavalo partira a coluna vertebral. Ao ouvir isto, Ana deixou se cair na cadeira, escondendo o rosto atrás do leque. Karenine percebeu que a mulher chorava, sem

poder reprimir as lagrimas nem os soluços que lhe agitavam o peito. Pôs se diante dela, tentando escondê-la, para lhe dar tempo a recompor-se.

— Pela terceira vez te ofereço o meu braço — repetiu, daí a momentos.

Ana olhava para ele sem saber que dizer. A princesa Betsy veio em seu auxílio.

— Não, Alexei Alexandrovitch. Fui eu quem trouxe a Ana e prometi levá-la a casa.

— Perdoe me, princesa — replicou Karenine, com um sorriso cortês, mas olhando a fixamente nos olhos — Vejo que a Ana não se está a sentir bem e quero que volte para casa comigo.

Assustada, Ana voltou se, e, levantando-se, submissa, tomou o braço do marido.

— Vou mandar a casa dele saber como esta e mandar te ei dizer — murmurou Betsy.

Ao sair da tribuna, Karenine dirigiu a palavra, como de costume, às pessoas que ia encontrando, e Ana viu-se obrigada a ouvir e a responder; mas não era a mesma, e pelo braço do marido caminhava como num sonho.

“Será verdade? Não estará ferido? Virá ou não? Vê-lo-ei hoje?”, pensava.

Subiu sem dizer palavra para a carruagem de Karenine e daí a pouco estavam fora da área do hipódromo. Apesar de tudo o que via, Alexei Alexandrovitch recusava-se a aceitar a evidência. No entanto, como apenas ligava importância aos sinais palpáveis, entendia de seu dever chamar a atenção da mulher para a inconveniência da sua conduta. Mas não sabia como fazê-lo sem ir longe de mais. Abriu a boca para falar, involuntariamente; porém, disse uma coisa muito diversa do que queria dizer.

— Não sei como nos deixamos todos atrair por estes espectáculos tão bárbaros. Tenho notado...

— Que dizes? Não te entendo — replicou Ana com desprezo. Alexei Alexandrovitch sentiu-se ofendido e imediatamente se pôs a falar no que pensara comunicar-lhe.

— Devo dizer-te... — principiou em francês. “Aqui temos a explicação”, pensou Ana, assustada.

— Devo dizer-te que o teu comportamento de hoje foi indecoroso...

— Em que me comportei indecorosamente? — perguntou Ana em

voz alta, virando rapidamente a cabeça para o lado dele e fitando-o nos olhos, não com a falsa alegria de há pouco, mas com uma resolução que mal podia esconder o temor que sentia.

— Cuidado — disse Alexei Alexandrovitch, mostrando a vidraça da carruagem aberta nas costas do cocheiro. E debruçou-se para fechá-la.

— Que te pareceu incorrecto no meu comportamento?

— O desespero que não soubeste esconder quando caiu um dos cavaleiros.

Karenine aguardava que ela respondesse, mas Ana permaneceu calada, o olhar fixo diante de si.

— Já te pedi que te comportasses correctamente em sociedade para que as más-línguas nada tivessem a dizer de ti. De uma vez falei-te, mesmo, das nossas relações íntimas; agora, não, agora falo das relações externas. Comportas-te de forma inconveniente e desejaria que isto não voltasse a repetir-se.

Ana não ouviu metade das palavras do marido: por maior que fosse o medo que ele lhe causasse, não pensava senão em Vronski. "Era dele que falavam quando diziam que o cavaleiro saíra ileso e que o cavalo partira a coluna vertebral?" Quando Alexei Alexandrovitch acabou, limitou-se o sorrir com fingida ironia, pois nada podia responder-lhe, porque nada ouvira do que ele dissera. Karenine começara a falar com resolução, mas, quando reparou no que estava a dizer, o medo que Ana sentia comunicou-se-lhe também. Ante o sorriso da mulher, uma estranha confusão se apoderou do seu espírito.

"Sorri das minhas suspeitas; vai dizer-me o que me disse da outra vez: que são infundadas e que são ridículas."

Agora que se aproximava a revelação de tudo, Karenine desejava ardentemente que a mulher lhe respondesse com ironia, como fizera da outra vez, e que lhe dissesse que eram ridículas e infundadas as suspeitas. Era tão horrível o que sabia que estava disposto agora a acreditar em tudo. Mas a expressão do rosto de Ana, assustado e sombrio, nem sequer lhe prometia mentira.

— Talvez me engane — continuou Karenine. — Nesse caso, peço-te que me perdoes.

— Não, não te enganas — respondeu-lhe Ana, lentamente, olhando com desespero o rosto glacial do marido. — Não te enganas, estava desesperada e não posso deixar de o estar. Ouvia-te e pensava nele. Amo-o, sou amante dele. Não posso tolerar-te, tenho-te medo e ódio... Podes fazer de mim o que quiseres.

E, deixando-se cair para trás na almofado da carruagem, Ana

rompeu em soluços, escondendo o rosto nas mãos. Alexei Alexandrovitch não se moveu nem mudou a direcção do olhar. O seu rosto adquiriu, porém, imediatamente, a solene imobilidade de um morto, e aquela expressão não se modificou até Peterov. Ao aproximar-se de casa, Karenine voltou a cabeça para o lado da mulher, sempre com a mesma expressão.

— Estou ciente, mas exijo que guardes as aparências até que — e a voz tremeu-lhe — tome medidas para salvaguardar a minha honra e te dê parte delas.

Karenine desceu primeiro e ajudou Ana a descer. Diante do criado, apertou-lhe a mão e subiu de novo para a carruagem a fim de dirigir-se a Sampetersburgo.

Mal ele partira, chegou um criado de Betsy com um bilhete para Ana: “Mandei a casa de Alexei saber como ele está; respondeu-me que está ileso, mas desesperado.”

“Então virá”, pensou Ana. “Fiz muito bem em confessar tudo.” Consultou o relógio. Faltavam três horas ainda e a lembrança da última entrevista inflamou-lhe o sangue nas veias.

“Meu Deus, como está claro, ainda(Nota 13). É terrível, mas gosto de lhe ver o rosto e agrada-me esta luz fantástica... Meu marido! Ah! Sim... Graças a Deus tudo acabou entre nós.”

CAPÍTULO XXVIII

Em todos os lugares em que há gente reunida, uma espécie de cristalização social parece reservar a cada uma dessas pessoas um lugar definido. A estação termal alemã onde os Tcherbatski estavam em vilegiatura não fugia à regra: tal como acontece com uma gota de água exposta ao frio, que toma, invariavelmente, determinada forma cristalina, cada nova pessoa que chegava ao balneário se via desde logo colocada no lugar que lhe pertencia na hierarquia social. Graças ao seu nome, aos aposentos que ocupavam e às amizades que fizeram, *Fürst Tcherbatski sammt Gemahlin und Tocher*(Nota 14) imediatamente cristalizaram no lugar que de direito lhes pertencia.

Este trabalho de cristalização operava-se tanto mais seriamente nesse ano quanto era certo que uma verdadeira *Fürstin*(Nota 15) alemã honrava as termas com a sua presença. A princesa Tcherbatskaia empenhou-se em apresentar a filha à princesa alemã, e essa cerimônia realizou-se logo no dia seguinte ao da sua chegada. Kitty, com um vestido de Verão muito simples, isto é, muito elegante, que lhe tinham mandado de Paris, fez-lhe uma profunda e graciosa reverência. A princesa alemã disse: “Espero que as rosas não tardem a reaparecer nesse lindo rosto”, e imediatamente, para os Tcherbatski, se determinaram os caminhos da vida, dos quais lhes era impossível sair. Os Tcherbatski travaram também relações com uma *lady* inglesa, com uma condessa alemã, acompanhada do filho, ferido na última guerra, com um sábio sueco e com o senhor Canut e uma sua irmã. Mas o grupo que mais freqüentavam formara-se por si mesmo e era constituído por uma senhora moscovita, Maria Evguenievna Rtichtcheva, a filha desta, de quem Kitty não gostava, pois caíra doente, como ela, por paixão, e um coronel de Moscovo, que Kitty conhecia desde pequena, com o seu uniforme e as suas dragonas, e que ali, com os seus olhinhos, o seu pescoço nu e a sua gravata de cor, se lhe afigurava muito ridículo e aborrecido, e era impossível livrarem-se dele. Estabelecido de maneira definitiva este regime, Kitty começou a aborrecer-se muito, sobretudo quando o príncipe partiu para Carlsbad, deixando-a sozinha com a mãe. Kitty não se interessava pelos conhecidos, pois se dava conta de que nada de novo lhe tinham a proporcionar. Aquilo que mais a entretinha no balneário era observar e fazer conjecturas acerca das pessoas que não conhecia. Ao pensar quem seriam, como seriam e quais as relações que existiriam entre elas, Kitty via-as como criaturas excepcionais e agradáveis e costumava encontrar a confirmação das suas hipóteses.

Interessava-a especialmente uma jovem russa, dama de companhia

de uma senhora doente, russa também, a quem todos chamavam Madame Stahl. Pertencia à alta sociedade e estava tão doente que não podia andar, só aparecendo para tomar as águas no seu carrinho quando fazia bom tempo — Mas não tanto em virtude da sua doença, antes por orgulho, que assim o explicava a princesa, aquela senhora não dirigia a palavra a nenhum dos russos presentes nas termas. A jovem russa, além de tratar de Madame Stahl, como Kitty pudera observar, cuidava de todos os doentes graves, que havia muitos nas termas, atendendo-os com a maior simplicidade. Segundo as observações de Kitty, essa jovem não era parenta da enferma a quem acompanhava, nem tão-pouco enfermeira contratada. Madame Stahl chamava-lhe Varienka e os demais *Mademoiselle* Varienka. Kitty gostava muito de observar a maneira como Varienka tratava Madame Stahl e outras pessoas. Experimentava uma simpatia inexplicável por ela e percebia, pela maneira como ela a olhava, que também era correspondida.

Não se podia dizer com justiça que Varienka não fosse jovem, antes parecia, contudo, um ser sem juventude: tanto se lhe podia dar dezanove como trinta anos. Nos seus traços, apesar da cor doentia da pele, era mais bonita que feia. Também podia passar por bem feita de corpo, se não fosse a cabeça grande, desproporcionada em relação ao tronco pouco desenvolvido. No entanto, não devia agradar aos homens. Parecia uma flor bonita, ainda com as pétalas, mas já murcha e sem perfume. Demais, faltava-lhe o que sobrava a Kitty: uma chama vital contida e a consciência do seu próprio encanto.

Parecia estar sempre ocupada com qualquer trabalho, de cuja utilidade não era lícito duvidar e por isso, aparentemente, era-lhe impossível interessar-se por qualquer outra coisa. Essa maneira de ser, oposta à sua, era precisamente o que mais atraía Kitty. Sentia que em Varienka, na sua maneira de viver, acharia o modelo que procurava agora tão afincada-mente: um interesse na vida, uma existência digna, à margem do trato mundano com os homens, coisa que lhe repugnava e que se lhe apresentava agora numa jovem como vergonhosa exposição de mercadoria à espera de comprador. Quanto mais observava a sua desconhecida amiga, tanto mais Kitty se convencia de que essa rapariga era o ser perfeito que idealizava e mais se empenhava em conhecê-la.

Costumavam encontrar-se várias vezes por dia e sempre que isso acontecia os olhos de Kitty diziam: “Você, quem é? Você, quem é? Será, de facto, uma criatura tão encantadora como eu imagino? Mas, por amor de Deus, não pense que vou obrigá-la a ser minha amiga. Apenas a admiro e estimo”, acrescentavam os seus olhos. “Também eu lhe quero, acho-a muito simpática e ainda mais lhe quereria se tivesse

tempo para isso", respondia o olhar da desconhecida. Com efeito, Kitty encontrava-a sempre ocupada: ora a acompanhar as crianças de uma família russa depois de tomar as águas, ora a levar uma manta a uma doente e a embrulhá-la nela, ora procurando distrair um doente excitado, ora escolhendo e comprando biscoitos para o café de alguém.

Pouco depois da chegada dos Tcherbatski apareceram nas termas outras duas personagens que atraíram as atenções gerais, despertando hostilidade. Tratava-se de um homem alto, um pouco curvado, que usava um sobretudo velho, curto de mais para a sua altura, de mãos enormes e olhos pretos, ao mesmo tempo ingênuos e terríveis, e uma mulher agradável, marcada de bexigas, que se vestia mal e sem gosto. Ao verificar que eram russos, Kitty principiou a forjar a respeito deles um lindo e enternecedor romance.

Mas a princesa, que na lista dos veraneantes pôde colher esses ele mentos, disse à filha que se tratava de Nicolau Levine e de Maria Nikolaievna, e contou lhe tudo que de mal sabia acerca desse homem, desvanecendo todas as ilusões de Kitty. Não tanto, é certo, pelo que a mãe lhe dissera, mas por se tratar do irmão de Constantino, esse casal passou a ser lhe extremamente desagradável. Além disso, Nicolau Levine, com o seu habito de mover convulsivamente a cabeça, despertava em Kitty uma invencível sensação de repugnância. Parecia-lhe que os olhos dele, grandes e terríveis, que fixamente a seguiam, exprimiam ódio e ironia. E evitava encontrar se com ele.

CAPÍTULO XXIX

Estava um dia desagradável, chovia desde manhã e os veraneantes, com os seus guarda chuvas, invadiam a galeria do estabelecimento balnear Kitty e a mãe também lá estavam a passear com o coronel que se exibia jovial, no seu trajo europeu comprado em Francoforte. Confinavam o seu passeio a um dos lados da galeria, procurando evitar Levine, que passeava no outro Varienka, com o seu vestido escuro e o chapéu preto de abas descaídas, ia de ponta a ponta da galena acompanhando uma francesa cega. Sempre que se cruzava com Kitty, ambas se olhavam amistosamente.

— Mãezinha, posso falar lhe? — perguntou esta, que seguia com os olhos a amiga desconhecida, ao ver que ela se aproximava da fonte e ali podiam reunir se.

— Decerto, já que tanto o desejas, mas primeiro quero colher informações Eu lhe falarei — replicou a mãe — Que lhe achas tu de especial? Deve ser uma dama de companhia Se queres, travarei relações com Madame Stahl. Conheci a sua *belle-soeur*(Nota 16) — acrescentou a princesa, erguendo com altivez a cabeça.

Kitty sabia que a princesa se sentia ofendida, porque Madame Stahl parecia não estar disposta a falar lhe. E não insistiu.

— É encantadora! — exclamou, olhando para Varienka, que oferecia um copo de água à francesa — Repare que tudo o que ela faz é simples e agradável.

— Divertem me os teus *engouements*(Nota 17) — disse a princesa — É melhor afastarmo-nos — acrescentou, ao ver Levine, que caminhava direito a elas, com a tal senhora e um médico alemão, com quem falava em voz alta e azeda.

Já retrocediam, quando ouviram gritos. Levine parara, vociferando, e o médico alemão também parecia irritado. Em volta deles havia já um ajuntamento. A princesa e Kitty trataram de se afastar, apressadas, enquanto o coronel se unia à multidão para inteirar se do que se tratava. Minutos depois, o coronel alcançava as de novo.

— Que foi? — perguntou a princesa.

— Uma vergonha! — exclamou o coronel — Não há nada que eu mais tema do que encontrar me com russos no estrangeiro. Aquele cavalheiro alto zangou se com o médico e disse lhe impertinências, porque ele o não trata como deve. Até o ameaçou com a bengala. Que vergonha!

— Que coisa tão desagradável! — comentou a princesa — Mas como acabou aquilo?

— Graças a Deus interveio essa senhora, a do chapéu de cogumelo Acho que é russa — disse o coronel.

— *Mademoiselle* Varienka? — perguntou Kitty com alegria.

— Sim Isso mesmo Foi ela quem teve mais presença de espírito Travou do braço do cavalheiro e levou o consigo.

— Vês, mãe, e admiras te que eu me encante com ela? — exclamou Kitty.

No dia seguinte, enquanto observava a sua amiga desconhecida, Kitty notou que as relações de *Mademoiselle* Varienka com Levine e a mulher eram iguais às que mantinha com as suas restantes *protégees*(Nota 18).

Aproximava se deles, falava lhes e servia de intérprete à mulher, que não sabia nenhum idioma estrangeiro.

Kitty voltou a implorar à mãe que a deixasse travar relações com Varienka. Ainda que lhe desagradasse dar o primeiro passo para conhecer Madame Stahl, uma orgulhosa, resolveu informar se acerca de Varienka e pôde concluir que não havia nada de mal, embora, por outro lado, nada de bom pudesse advir daquele conhecimento. E ela própria se aproximou de Varienka para o estabelecer.

Escolheu o momento em que a filha fora à fonte e Varienka se detinha diante de uma confeitaria.

— Permita que me apresente — disse a princesa com o seu sorriso cheio de dignidade. — Minha filha está encantada consigo. Talvez não me conheça. Sou...

— É um sentimento recíproco, princesa — respondeu de pronto Varienka.

— Que boa acção praticou ontem com o nosso triste compatriota

— continuou a princesa. Varienka corou.

— Não me lembro, creio que nada fiz — replicou.

— Como assim? Evitou um desgosto a esse Levine.

— Ah, sim! *Sa compagne*(Nota 19) chamou-me e procurei sossegá-lo; está muito doente e o médico não lhe agrada. Estou habituada a tratar com doentes assim.

— Ouvi dizer que vive em Menton com a sua tia, creio, com Madame Stahl. Conheci a *belle-soeur* de sua tia.

— Não é minha tia. Trato-a por *maman,* embora não seja parenta

dela. Mas foi ela quem me educou — respondeu Varienka, corando de novo.

Disse isto com tanta naturalidade, com uma expressão tão sincera, que a princesa compreendeu por que a filha simpatizara tanto com ela.

— Que é feito desse tal Levine? — perguntou a princesa.

— Vai-se embora — tornou-lhe Varienka.

Nesse momento chegava Kitty, que vinha da fonte, radiante de alegria por ver a mãe conversar com a sua desconhecida amiga.

— Pois bem, Kitty, desejavas tão ardentemente conhecer *Mademoiselle*...

— Varienka — disse a jovem, sorrindo. — É assim que todos me chamam.

Kitty rosou-se de alegria e durante longo tempo apertou a mão que a nova amiga abandonava, inerte, na sua. No entanto, embora não correspondesse àquele aperto de mão, o rosto de *Mademoiselle* Varienka iluminou-se de um suave sorriso, ao mesmo tempo alegre e um tanto melancólico, que lhe descobria os dentes grandes, mas bonitos.

— Há muito que também o desejava.

— Mas está sempre tão ocupada...

— Oh! Pelo contrário, não tenho nada que fazer — disse Varienka.

Naquele mesmo momento, porém, teve de abandonar os seus novos conhecimentos, porque vinham para elas duas meninas russas filhas de um doente.

— Varienka, a mãezinha está a chamá-la! — gritaram-lhe.

E ela retirou-se em companhia das meninas.

CAPÍTULO XXX

Eis aqui o que a princesa apurou sobre o passado de Varienka e as suas relações com Madame Stahl, bem como sobre esta mesma:

Madame Stahl, que, segundo uns, tornara um inferno a vida do marido, enquanto outros diziam que fora ele quem a atormentara com a sua vida imoral, era uma senhora nervosa, sempre doente. Já estava divorciada quando deu à luz o primeiro filho, o qual morreu poucas horas depois. Os parentes, que lhe conheciam a sensibilidade, receando que a notícia lhe fosse mortal, substituíram a criança morta por uma menina que nascera naquela noite na mesma casa, em Sampetersburgo, e era filha do cozinheiro do palácio. Essa menina era Varienka. Madame Stahl veio a saber tudo mais tarde, mas continuou a criá-la. Pouco tempo depois, Varienka ficava no mundo sem pessoa alguma de família.

Havia mais de dez anos que Madame Stahl residia no estrangeiro, no Sul, sempre de cama. Uns diziam que criara fama de mulher virtuosa e muito temente a Deus, outros que era realmente o ser espiritual que aparentava e só vivia, de facto, para fazer o bem. Ninguém sabia qual a religião que professava — se a católica, a protestante, ou a ortodoxa —, mas uma coisa era indiscutível: mantinha relações de amizade com os altos dignitários de todas as igrejas e credos.

Varienka vivia sempre com ela no estrangeiro e todos os conhecimentos de Madame Stahl a estimavam e queriam.

Depois de se inteirar de todos esses pormenores, a princesa chegou à conclusão de que não havia nenhum inconveniente em que a filha se desse com Varienka, sobretudo porque a educação e os modos desta eram excelentes: falava correntemente francês e inglês e dissera-lhe desde logo, o que era o principal, que Madame Stahl, por causa da sua doença, lamentava muito estar privada de a conhecer.

De dia para dia ia crescendo o entusiasmo que Kitty sentia pela sua nova amiga, e no seu trato com ela descobria-lhe novas qualidades.

Quando soube que Varienka cantava bem, a princesa pediu-lhe que fosse uma tarde cantar a sua casa.

— Temos um piano e Kitty toca; é certo que o piano não é muito bom, mas dar-nos-á um grande prazer, se vier — disse a princesa, com o seu sorriso postiço, coisa desagradável a Kitty, que logo percebera estar Varienka bem pouco disposto a cantar.

No entanto, apareceu nessa tarde, trazendo consigo as músicas. A

princesa convidara também Maria Evguenievna, a filha desta e o coronel.

Varienka, que parecia indiferente à presença de pessoas desconhecidas, aproximou-se logo do piano. Não sabia acompanhar, mas entoando lia música muito facilmente. Kitty, que tocava, acompanhou-a.

— Tem um talento extraordinário — disse-lhe a princesa quando ela acabou de cantar a primeira peça.

Maria Evguenievna e a filha agradeceram à— jovem o ter cantado para elas e elogiaram-na.

— Veja quanta gente se juntou para a ouvir — disse o coronel, aproximando-se da janela.

Efectivamente, junto da janela reunira-se um grupo considerável de pessoas.

— Dá-me muita satisfação que isto lhes tenha proporcionado prazer — disse Varienka com simplicidade.

Kitty contemplava, orgulhosa, a sua nova amiga. Entusiasmava-a a arte, a voz, o rosto de Varienka, e sobretudo a sua maneira de ser. Esta parecia não atribuir qualquer importância ao facto de saber cantar e mostrava-se indiferente aos elogios. Era como se perguntasse: “Tenho de cantar mais ou chega?”

“Se fosse eu, que orgulhosa estaria! Que alegria sentiria ao ver toda essa gente junto da janela! Para ela, é o mesmo: só a move o desejo de não dizer que não e de dar satisfação à mamem. Que há nela? Que lhe dará esta força de a tudo ser indiferente e de permanecer serena? Muito gostava de saber como se adquirem estas qualidades!”, pensava Kitty, observando o rosto tranqüilo de Varienka. A princesa pediu-lhe que cantasse mais; Varienka cantou outra peça da mesma maneira, com naturalidade, rigor e perfeição, em pé, junto ao piano, marcando o compasso na caixa do instrumento com a mão fina e morena. A peça que se seguia no livro de música era uma canção italiana. Kitty tocou o prelúdio e voltou-se para Varienka.

— Deixe essa para trás — disse ela, corando.

Kitty deteve os olhos, interrogativa e receosa, no rosto da amiga.

— Bem, então outra — acedeu, precipitadamente, e fez voltar as folhas do livro, adivinhando imediatamente que aquela canção lembrava qualquer coisa a Varienka.

— Não — replicou esta, pondo a mão em cima da partitura, e sorriu —, cantemos aquela. — E cantou-a com tanta serenidade e perfeição como qualquer das demais.

Quando acabou, todos voltaram a agradecer-lhe e puseram-se a tomar chá. Kitty e Varienka foram para o jardinzinho que havia junto à casa.

— Aquela canção desperta-lhe uma recordação qualquer, não é verdade? — perguntou Kitty. — Não me explique nada — apressou-se a acrescentar. — Diga-me só se é verdade.

— Não. Porquê? Porque não lhe havia de dizer? — replicou Varienka com simplicidade; e sem esperar resposta continuou: — Sim, uma lembrança que me foi penosa outrora. Amei um homem e costumava cantar-lhe essa canção.

Kitty, calada, com os olhos muito abertos, olhava Varienka, enternecida.

— Amava-o e era correspondida; mas a mãe dele opôs-se ao nosso casamento, e ele casou com outra. Agora vive perto de nós e às vezes vejo-o. Não pensava que eu também pudesse ter tido um namorado? — disse, e no seu belo rosto transpareceu, quase imperceptível, uma chama que Kitty imaginou inflamá-la toda noutros tempos.

— Como assim? Se eu fosse homem, depois a ter conhecido, nunca poderia amar outra mulher. Não posso compreender como apenas para obedecer à mãe ele pôde esquecê-la e fazê-la infeliz. Não tinha coração!

— Oh! Não, nada disso! É um excelente homem e não me sinto desditosa. Pelo contrário, sou muito feliz. Então não cantamos mais hoje?

— acrescentou, encaminhando-se para casa.

— Como é boazinha! — exclamou Kitty, e, detendo a amiga, beijou-a. — Se eu pudesse parecer-me consigo, por pouco que fosse...

— Para que há-de precisar de parecer-se com alguém? Tal como é está muito bem — replicou Varienka com um sorriso meigo e cansado.

— Não; não sou absolutamente boa. Mas diga me... espere, sentemo-nos aqui — atalhou Kitty, forçando-a a sentar-se outra vez no banco, a seu lado. — Diga-me, não acha que é uma ofensa um homem desprezar o amor de uma mulher, repeli-la?

— Não me desprezou, estou convencida de que gostava de mim, mas era um filho obediente.

— E se o não tivesse feito em obediência à mãe, mas por deliberação própria?... —perguntou Kitty, reparando que acabava de desvendar o seu segredo e que o rosto, inflamado pela vergonha, a atraiçoara.

— Nesse caso, ter-se-ia portado mal e eu não sofreria por causa dele — respondeu Varienka, compreendendo, imediatamente, que não se tratava já dela própria, mas de Kitty.

— E a ofensa? — perguntou Kitty. — É impossível esquecer uma ofensa — continuou, recordando-se do olhar que lançara a Vronski no último baile, quando a música se calara.

— De que ofensa está a falar? Não fez nada de mal, suponho!

— Pior do que isso, humilhei-me diante dele.

Varienka abanou a cabeça e pousou a mão sobre a de Kitty.

— Em que é que se humilhou? Não confessou o seu amor a um homem que lhe mostrasse indiferença.

— Claro que não, e nunca disse nada, mas ele sabia-o. Há olhares, maneiras de proceder... Não, não, cem anos que eu viva, nunca poderei esquecer esta afronta.

— Mas então não compreendo. O importante é saber se ainda gosta dele agora ou se já não gosta — disse Varienka, falando com toda a franqueza.

— Odeio-o, não posso perdoar a mim mesma...

— Porquê?

— A vergonha, a ofensa...

— Meu Deus, se toda a gente fosse tão sensível como a Kitty! Não há uma só mulher que não tenha passado por isso. E tudo isso tem tão pouca importância.

— Que tem então importância? — perguntou Kitty, fitando

Varienka com surpresa e curiosidade.

— Há muitas coisas importantes — replicou esta, sorrindo.

— Quais são?

— Oh, muitas! — repetiu, sem saber que dizer. Mas naquele momento ouviu-se na janela a voz da princesa Tcherbatskaia.

— Kitty, está fresco aí fora! Põe um xale ou vem para dentro.

— É verdade, são horas de voltar! — disse Varienka, levantando-se. — Ainda tenho de passar por casa de Madame Berthe, que me pediu.

Kitty segurava Varienka pela mão e perguntava-lhe com um olhar onde havia súplica e curiosidade apaixonada: “Quais são essas coisas importantes que infundem tanta serenidade? Sabe? Se sabe, diga-me!” Mas Varienka nem sequer compreendeu o que esse olhar lhe dizia. Apenas se lembrava de que tinha de ir a casa de Madame Berthe e de

voltar a casa de *maman* para tomar chá, à meia-noite. Entrou no salão, juntou as músicas, despediu-se de todos e dispôs-se a partir.

— Se dá licença — disse o coronel —, vou acompanhá-la.

— Claro — corroborou a princesa —, não pode voltar para casa sozinha a estas horas. Vou mandar a minha criada acompanhá-la. Kitty percebeu que Varienka dissimulava a custo um sorriso.

— Muito obrigada — disse ela, pegando no chapéu —, volto sempre sozinha para casa e nunca me aconteceu nada.

Depois de beijar outra vez Kitty e sem lhe dizer em que consistiam aquelas coisas importantes, desapareceu, no seu passo decidido, os livros de música debaixo do braço, no meio das trevas da noite estival. Levava consigo o segredo do que tinha importância e do que lhe proporcionava aquela invejável paz e aquela dignidade.

CAPÍTULO XXXI

Kitty conheceu Madame Stahl, e essa amizade, juntamente com a de Varienka, não só exercia grande influência nela como a consolava do seu desgosto. Um novo mundo, muito diferente do seu, um mundo todo elevado e nobre, se lhe revelou: dessa eminência pôde julgar o passado com todo o sangue-frio. Veio a compreender que para além da vida instintiva que sempre fora a sua até então existia uma vida espiritual na qual se penetrava pela crença. Essa religião não se parecia em coisa alguma com aquela que sempre praticara desde criança e que consistia em assistir à missa e às vésperas no asilo de viúvas, onde se encontravam pessoas conhecidas, e em aprender de cor com o sacerdote textos religiosos eslavos. Era uma religião nobre, misteriosa, que despertava os pensamentos mais elevados e os sentimentos mais puros e em que se acreditava não por dever, mas por amor.

Kitty aprendeu tudo isto sem que lho dissessem. Madame Stahl falava com ela como com uma criaturinha agradável, contemplando-a como quem recorda a sua própria juventude. Apenas uma vez lhe disse que as penas humanas só tinham consolação no amor e na fé e que para Cristo, na sua piedade para com os homens, não existiam penas insignificantes, logo mudando de conversa. Mas em todos os seus gestos, em todas as suas palavras, nos seus olhares "celestes", como Kitty lhe chamava, sobretudo na história da sua vida, que conhecia através de Varienka, Kitty descobria "o que era importante" e o que até então ignorava.

Por mais elevado que fosse, no entanto, o carácter de Madame Stahl, por mais emocionante que se revelasse a história da sua vida, por mais brilhante que se mostrasse a sua conversação, Kitty soube ver nela certos traços de carácter que a desconcertaram. Quando lhe perguntava pelos pais, Kitty notava que ela sorria ironicamente, coisa contrária à caridade cristã. Reparou também que, de uma vez em que Madame Stahl recebeu um sacerdote católico, postou-se de tal modo que, ficando-lhe o rosto meio oculto por detrás de um quebra-luz, sorria de forma significativa. Embora parecendo sem importância, a verdade é que estes dois pormenores perturbaram Kitty e levaram-na a duvidar de Madame Stahl. Pelo contrário, Varienka, só, sem família, sem amigos, nada lamentando e nada esperando após a sua triste decepção, constituía o tipo de perfeição com que sonhara. Aquele exemplo fazia-a compreender que para vir a ser feliz, tranqüila e boa, como desejava, tinha de se esquecer de si mesma e amar o próximo. E Kitty desejou ser assim. Inteirada agora do "mais importante", já não

se contentava em admirá-la; entregou-se com toda a sua alma a essa vida nova que se abria diante de si. Através do que Varienka lhe contou sobre a mãe adoptiva e outras pessoas, traçou para si mesma um novo plano de vida. Como Aline, a sobrinha de Madame Stahl, de quem Varienka lhe falara muito, Kitty pensava que, onde quer que vivesse, procuraria os pobres, ajuda-los-ia o melhor que pudesse, distribuiria Evangelhos e leria as paginas do livro santo aos enfermos, aos criminosos e aos moribundos. A ideia de ler o Evangelho aos criminosos, como fazia Aline, seduzia a muito especialmente. Mas só em segredo sonhava com tudo isso, sem nada dizer à mãe ou à própria amiga. Aliás, enquanto aguardava a oportunidade de pôr os seus planos em execução numa escala mais vasta, Kitty arranjou maneira, no balneário, onde havia tantos doentes e infelizes, de praticar as novas regras da sua vida, imitando Varienka.

A principio a princesa apenas notou que Kitty se achava sob a influência de uma espécie de *engouement,* como costumava dizer, por Madame Stahl e por Varienka. Reparava que Kitty não só imitava estas nas suas actividades, mas até, involuntariamente, no andar, na maneira de falar e de revirar os olhos. Mais tarde compreendeu que, além da sua admiração por Varienka, na filha se estava a operar uma importante mudança espiritual.

A princesa notou que Kitty à noite há o Evangelho francês que lhe oferecera Madame Stahl, coisa que antes não fazia, e que se afastava das pessoas conhecidas da alta sociedade, preferindo lhes os doentes sob a protecção de Varienka e muito especialmente uma família pobre, a do pintor Petrov, que se encontrava enfermo. Kitty orgulhava se de desempenhar o papel de enfermeira dessa família. Tudo isso estava muito certo e a princesa nada tinha a recear sobretudo tendo em conta que a mulher de Petrov era uma senhora decente e que a princesa alemã, ao ter conhecimento das actividades de Kitty, lhe chamara “anjo consolador”. Tudo estaria muito bem, no entanto, se não fossem os exageros.

— *II né jaut jamais rien outrer*(Nota 20) —dizia lhe.

Mas a filha não lhe respondia, limitava se a pensar no fundo da sua alma que não se devia falar em exageros nas obras cristãs. Que exagero podia haver em seguir o preceito que manda oferecer a face esquerda a quem nos esbofeteia a direita ou de oferecer a camisa quando nos tiram o capote? Mas a princesa não gostava de tais extremos e ainda mais lhe desagradava verificar que Kitty não lhe abria a alma por completo. Com efeito, ocultava à mãe as suas novas ideias e os seus pensamentos. Mantinha os em segredo, não por falta de respeito ou de afecto para com ela, mas apenas porque era sua mãe. Preferia confessá-los a qualquer outra pessoa menos a ela.

— Há muito que Ana Pavlovna não aparece — disse uma vez a princesa, aludindo à mulher de Petrov — Convidei-a, mas parece que ela se mostrou preocupada.

— Não reparei nisso, *maman* — replicou Kitty, ruborizando-se.

— Há já muito que não a visitas!

— Amanhã iremos as duas dar um passeio pelas montanhas.

— Não vejo nisso nenhum inconveniente — disse a princesa, surpreendida com a perturbação da filha e procurando adivinhar lhe a causa. Nesse mesmo dia Varienka foi jantar com eles e disse lhes que Ana Pavlovna mudara de ideias e desistia do passeio. A princesa notou que Kitty voltara a corar.

— Kitty, passou se alguma coisa desagradável entre ti e os Petrov

— perguntou-lhe a princesa quando ficaram sós — Por que deixou ela de mandar os filhos e por que não aparece?

Kitty respondeu que nada acontecera e que não fazia a menor ideia da razão por que Ana Pavlovna estaria enfadada. Dizia a verdade. No entanto, se era certo que ignorava o motivo por que esfriara nas suas relações para com ela, adivinhava-o. Mas esse motivo era de tal natureza que não ousava sequer confessá-lo a si própria, e ainda menos à mãe, tio humilhante seria poder enganar se.

Lembrou uma vez mais todas as suas relações com essa família. Recordava a alegria ingênua que se pintava no bondoso rosto redondo de Ana Pavlovna aquando dos seus primeiros encontros os seus secretos colóquios acerca do enfermo, as suas conspirações para o impedirem de trabalhar, coisa de que estava proibido, e para o levarem a sair. Também recordou o carinho que lhe dispensava o filho mais novo do casal que a chamava “minha Kitty”, não querendo deitar se se não fosse ela a fazê-lo. Como aquilo tudo era agradável! Depois recordou a delgadíssima silhueta de Petrov, o seu pescoço alto emergindo de um redingote castanho, os seus raros cabelos crespos, os seus interrogativos olhos azuis que a princípio haviam parecido terríveis a Kitty e os seus esforços doentios para parecer animado e enérgico na presença dela. E lembrou os esforços que ela própria fizera para nos primeiros dias dominar a repugnância que ele lhe inspirava, como em geral todos os tuberculosos, e o cuidado que punha nas coisas que tinha a dizer lhe. É também o tímido e comovido olhar que lhe dirigia e o estranho sentimento de com paixão e timidez que a embaraçavam bem com a consciência do seu ato de caridade .Que bom que tudo aquilo era! Mas isso fora no princípio das suas relações com a família Petrov. Agora de há uns dias para cá tudo se modificara Ana Pavlovna recebia Kitty com uma amabilidade fingida e

estava sempre a observá-la, a ela e ao marido.

Seria possível que a comovedora alegria que Petrov mostrava ao ver Kitty fosse o morno do retraimento de Ana Pavlovna?

“Sim” pensava “havia qualquer coisa de estranho nela, algo que em nada se parecia com a sua natural bondade, ao dizer dois dias antes contrariada “Ele esperava a e não quis tomar o café sem a menina apesar de estar muito fraco.” Talvez lhe tenha parecido mal que eu lhe ajeitasse a coberta. Foi uma coisa tão natural, mas ele ficou tão perturbado e agradeceu-me com tanta insistência, que até eu própria me senti pouco à-vontade. E também o retraio que me fez! E sobretudo aquele olhar conturbado e enternecido!... Sim, é isso!”, disse Kitty de si para consigo, horrorizada. “Não, isso não pode ser, não deve ser! É tão digno de compaixão!”

Aquelas dúvidas envenenavam o encanto da sua nova vida.

CAPÍTULO XXXII

Ainda a cura de águas de Kitty não terminara quando o príncipe Tcherbatski, que fora até às termas de Carlsbad, de Baden e de Kissingen com o objectivo de visitar uns amigos russos, voltou remoçado, "cheio de espírito russo", como dizia.

Os pontos de vista do príncipe e da esposa sobre a vida no estrangeiro eram diametralmente opostos. A princesa tudo se afigurava maravilhoso e, apesar da sua posição na sociedade russa, no estrangeiro desejava parecer uma senhora europeia. Como, porém, era, na realidade, uma autêntica senhora russa, via-se obrigada a fingir, coisa que muito a aborrecia. Pelo contrário, o príncipe achava tudo ruim, não gostava da vida europeia e mantinha os seus hábitos russos, procurando mostrar-se no estrangeiro menos europeu do que o era na verdade. Agora voltava mais magro, com a pele do rosto flácida, mas na melhor disposição deste mundo. E a sua alegria foi maior ainda ao ver Kitty de todo restabelecida. Ao saber da amizade de Kitty com Madame Stahl e Varienka, ao ter conhecimento das observações da princesa sobre a mudança que se operara na filha, o príncipe alarmou-se. Vieram-lhe aqueles ciúmes que sempre sentia quando alguma coisa atraía a filha, receoso de que ela pudesse vir a subtrair-se à sua influência, afastando-se para regiões a ele inacessíveis. A verdade, porém, é que essas notícias desagradáveis se diluíram no mar de bondade e alegria que o animava e que se ampliava agora ainda mais com as águas de Carlsbad. No dia seguinte ao da sua chegada, o príncipe, com o seu grande capote, as suas faces enrugadas e um tanto balofas, emolduradas num colarinho engomado e um excelente humor, dirigiu-se com a filha ao balneário.

A manhã estava lindíssima; as casinhas alegres, muito limpas, com os seus jardinzinhos, o aspecto das criadas alemãs, trabalhadoras e joviais, de faces afogueadas pela cerveja e mãos vermelhas, o sol radioso, tudo isso alegrava o coração de uma pessoa. Contudo, quanto mais se aproximava da fonte, tanto maior era o número de doentes com que se cruzavam e o aspecto destes ainda mais desolador se apresentava em contraste com o ambiente da vida alemã, perfeitamente organizada. Kitty, habituada a esse contraste, já nem o notava. O sol ardente, a vegetação esplendorosa e a música jovial, para ela, eram a moldura natural desses rostos conhecidos, ora melhores ora piores, que se habituara a observar. Para o príncipe, todavia, a luz e o resplendor daquela manhã de Junho, os sons da orquestra que tocava uma valsa alegre, afiguravam-se-lhe inconvenientes e até antinaturais na sua convivência com aqueles

cadáveres ali reunidos, vindos de todos os pontos da Europa.

Apenas do orgulho que o invadia e desse como que retorno à juventude, ali com a filha querida pelo braço, no seu andar firme e nos seus membros vigorosos, sentia-se quase tão envergonhado diante de todas aquelas desgraças como se tivesse vindo nu para o meio da rua.

— Apresenta-me a todos os teus novos amigos — disse a Kitty, apertando-lhe o braço. — Até estou a gostar desta horrível Soden só pelo bem que te fez. Mas que coisas tão tristes, tão tristes, se vêem aqui! Quem é aquele?

Kitty ia-lhe mostrando as pessoas conhecidas e desconhecidas que passavam perto. A entrada do parque, encontraram Madame Berthe com a sua dama de companhia, e o príncipe sorriu contente, quando viu a expressão enternecida da cega ao ouvir a voz de Kitty. Imediatamente se dirigiu ao príncipe, com a costumada exuberância francesa, e gabou-lhe a encantadora filha, guiando-a às nuvens e chamando-lhe "tesouro, pérola e anjo consolador".

— É o anjo número dois — disse o príncipe, sorrindo. — O número um é *Mademoiselle* Varienka.

— Oh! *Mademoiselle* Varienka é um anjo autêntico, *allez!* — corroborou Madame Berthe.

Na galeria encontraram Varienka. Vinha, apressada, ao encontro deles, com uma elegante bolsa vermelha na mão.

— O pai chegou! — exclamou Kitty.

Varienka esboçou, com a maior naturalidade, um movimento em que havia saudação e reverência, e sem falsa timidez pôs-se a falar com o príncipe.

— É inútil dizer-lhe que a conheço e muito bem — disse o príncipe, com um sorriso que, para grande satisfação de Kitty, significava que a amiga tinha a simpatia do pai. — Onde vai tão apressada?

— *Maman* está ali — disse Varienka, dirigindo-se a Kitty. — Não pregou olho toda a noite e o médico aconselhou-a a sair. Vou levar-lhe os seus trabalhos de agulha.

— Quer dizer que este é o anjo número um? — exclamou o príncipe quando a jovem se afastou.

Kitty percebeu imediatamente que Varienka conquista.! as boas graças do pai, pois, tendo querido rir-se dela, não o pudera fazer. De facto, agradara-lhe.

— Vamos então conhecer os teus amigos, uns atrás dos outros —

acrescentou. — E até Madame Stahl, se se dignar reconhecer-nos.

— Então tu conhece-la, pai? — perguntou Kitty, não sem receio, pois percebera um lampejo de ironia no olhar paterno.

— Conheci o marido e a ela também algum tempo antes de se tornar pietista.

— Que são os pietistas, paizinho? — perguntou Kitty, assustada com o facto de ver dar um nome ao que parecia de tão grande valor em Madame Stahl.

— Também não te sei dizer com precisão. Só sei que ela dá graças a Deus por tudo, por qualquer desgraça... inclusive por ter perdido o marido, e isso pode deixar de parecer cômico quando nós sabemos que não se davam nada bem os dois... Mas quem é aquele pobre diabo? — perguntou ao ver, sentado num banco, um doente de estatura meã, de paletó e calça branca, que lhe caía em estranhas pregas pelas pernas descarnadas. Esse indivíduo tirara o chapéu de palha, mostrando uma testa alta, coroada de raros cabelos crespos que a pressão do chapéu avermelhara.

— É o pintor Petrov — disse Kitty, corando. — E esta é a mulher dele — acrescentou, apontando para Ana Pavlovna, que, como que de propósito, se levantara, quando eles se aproximavam, para correr atrás de um dos filhos.

— Faz-me dó — disse o príncipe —, e tanto mais que tem uma cara agradável. Por que não te aproximas dele? Parecia querer falar-te.

— Vamos então falar com ele — disse Kitty, voltando-se decidida.

— Como se sente hoje? — perguntou a Petrov.

Petrov ergueu-se, encostado à bengala e fitou o príncipe com timidez.

— Kitty é minha filha — disse Tcherbatski. — Tenho muito prazer em conhecê-lo.

O pintor cumprimentou, mostrando, ao sorrir, os brancos dentes, extraordinariamente brilhantes.

— Esperávamos ontem pela senhora, princesa — disse ele a Kitty. Ao dizer estas palavras, Petrov cambaleou, repetindo esse mesmo movimento, para mostrar tê-lo feito de propósito.

— Pensava ir, mas Varienka preveniu-me de que Ana Pavlovna mandara dizer que o senhor desistira de sair.

— Como assim? — exclamou Petrov, corando.

E tendo-se posto a tossir, buscava com os olhos a mulher.

— Anita! Anita! — gritou, e no seu delgado pescoço branco as veias incharam como se fossem cordas. Ana Pavlovna aproximou-se.

— Mandaste dizer à princesa que não íamos sair? — murmurou, irritado, quase sem voz.

— Bom dia, princesa — cumprimentou Ana Pavlovna, com um sorriso fingido e num tom muito diferente daquele com que a tratava antes. — Muito prazer em conhecê-lo. Já o esperávamos há muito — acrescentou, dirigindo-se ao príncipe.

— Como mandaste dizer à princesa que não íamos sair? — teimava o pintor num sussurro rouco, ainda mais irritado do que até aí, sem dúvida porque a voz o atraiçoava e não conseguia dar às palavras o tom que pretendia.

— Meu Deus! Julguei que não sairíamos — replicou a mulher, enfadada.

— Como?... — e Petrov tossiu e fez um gesto com a mão. O príncipe descobriu-se e afastou-se acompanhado de Kitty.

— Oh! Coitado! — murmurou, suspirando pesadamente.

— É verdade, paizinho — replicou Kitty. — E com três filhos, sem criados, e quase sem terem com que viver. Ele recebe qualquer coisa que lhe manda a Academia — continuou Kitty, animadamente, para esconder a perturbação que lhe causara a estranha mudança de Ana Pavlovna a seu respeito. — Lá está Madame Stahl — acrescentou, mostrando um carrinho onde estava estendida uma forma humana envolta em cinzento e azul, amparada por almofadas e abrigada por uma sombrinha. Atrás da doente via-se o alemão, robusto e taciturno, que empurrava o carrinho. Junto à enferma perfilava-se um conde sueco, muito louro, que Kitty conhecia de nome. Vários enfermeiros rodeavam o carrinho de Madame Stahl, olhando-o, como se olhassem qualquer coisa de extraordinário.

O príncipe aproximou-se dela, e não tardou que Kitty lhe visse nos olhos aquele fulgor irônico que a perturbava. Principiou a falar com Madame Stahl em excelente francês, como muito poucos o falariam, cheio de amabilidade e cortesia.

— Não sei se se recorda de mim. Mas tomo a liberdade de lho lembrar para lhe agradecer as atenções que tem tido para com Kitty — disse, tirando o chapéu e sem voltar a cobrir-se.

— É o príncipe Alexandre Tcherbatski, não é verdade? — volveu-lhe Madame Stahl, erguendo para ele os seus olhos celestiais, em que Kitty notou certa sombra de enfado. — Muito prazer em cumprimentá-lo. Gosto muito da sua filha.

— Continua a passar mal de saúde?

— É verdade, mas já estou habituada — disse ela. E apresentou-o ao ronde sueco.

— Não mudou nada nestes dez ou onze anos em que não a vi.

— Sim. Deus dá a cruz e dá também as forças para carregá-la. Muitas vezes perguntamos a nós mesmos porque dura tanto esta vida... Do outro lado! — exclamou, irritada, dirigindo-se a Varienka, que não lhe estava a embrulhar os pés na manta muito a seu gosto.

— Provavelmente para praticar o bem — disse o príncipe, com os olhos risonhos.

— Não nos compete julgar — replicou Madame Stahl, ao observar a expressão do príncipe, que não lhe passara despercebida. — Então manda -me esse livro, querido conde, desde já lhe agradeço e muito — disse, voltando se para o jovem sueco.

— Olhem! — exclamou ò príncipe, ao ver o coronel moscovita não longe dali. E despedindo se de Madame Stahl foi ao encontro dele, sempre acompanhado de Kitty.

— É esta a nossa aristocracia, príncipe — comentou o coronel, desejando mostrar se irônico, pois estava irritado com Madame Stahl, que não o quisera conhecer.

— É a mesma de sempre — respondeu o príncipe.

— Conhecia a antes de ela estar doente, antes de estar invalida?

— Conheci, conheci a precisamente na ocasião em que adoeceu. Dizem que não anda há dez anos.

— Não anda porque tem uma perna mais curta do que a outra. É muito mal feita.

— Paizinho isso não pode ser! — exclamou Kitty.

— É o que dizem as mas línguas, querida. E muito tem de aturar a tua pobre Varienka. Oh, estas senhoras doentes!

— Não, paizinho! — protestou Kitty, calorosamente — Varienka adora-a. E alem disso é tão caridosa. Pergunte a quem quiser. Toda a gente conhece Madame Stahl e Aline.

— Talvez — respondeu o pai, apertando lhe meigamente o braço

— Mas quando se pratica o bem é melhor que ninguém o saiba.

Kitty calou se, não porque tivesse que responder, mas apenas por não querer desvendar os seus secretos pensamentos nem mesmo ao próprio pai. No entanto, por estranho que pareça embora não pensasse submeter se a opinião dele nem permitir lhe que penetrasse no seu

santuário, percebeu que a imagem sagrada de Madame Stahl, que trouxera um mês inteiro dentro da alma, desaparecera definitivamente, como desaparece a figura formada por um vestido acabado de despir, quando a imaginação descobre que era uma figura imaginaria. Diante de seus olhos nada mais ficou além da imagem de uma mulher de pernas desiguais, que passava a vida deitada por ser mal feita, e que martirizava a pobre Varienka por esta lhe ter ajeitado mal a manta sobre as pernas. E não houve esforço de imaginação que lhe permitisse voltar a encontrar a antiga imagem de Madame Stahl.

CAPÍTULO XXXIII

O príncipe comunicou o seu alegre estado de espírito à família, aos da casa, a todos os conhecidos e até mesmo ao alemão seu hospedeiro. Ao regressar do balneário, o príncipe Tcherbatski, que convidara para tomar café o coronel, Maria Evguenievna e Varienka, deu ordens para que levassem uma mesa e cadeiras para o jardinzinho, e que ali, debaixo de um castanheiro, fosse servido o pequeno almoço. O senhorio e a criada animaram-se, contagiados pela alegria do velho príncipe, que, alias, como eles o sabiam, além de alegre era generoso. E deste modo, meia hora depois o locatário do 1º andar, um médico de Hamburgo, enfermo, coitado, podia contemplar da sua janela, com certa inveja, o grupo de folgazões, todos de óptima saúde, reunidos debaixo do castanheiro. A sombra oscilante da grande árvore, diante da mesa coberta com uma toalha branca, sobre a qual havia cafeteiras, pão, manteiga, fiambre e caça fria, sentava se a princesa, de touca de dormir, com fitas lilases no alto da cabeça, e distribuía as chávenas e as fatias de pão. No outro extremo estava o príncipe, comendo com apetite e falando animadamente em voz alta. Expusera à sua roda os presentes que trouxera da viagem cofrezinhos de madeira lavrada, cestinhos de junco, facas de cortar papel, que se entretinha a distribuir sem esquecer, nem a criada Linchen, nem o hospedeiro, a quem dizia, no seu mau alemão, as coisas mais cômicas assegurando-lhe que não eram as águas que tinham curado Kitty, mas a sua excelente cozinha, especialmente as suas sopas de ameixas. A princesa arreliava o marido, amistosamente, falando lhe nas suas mamas russas, desde que estava nas termas, porém, era a primeira vez que se mós trava tão alegre e animada. Como sempre, o coronel na se das graças do príncipe, mas a respeito da Europa, que, segundo julgava, estudara a fundo, era da opinião da princesa. A boa da Maria Evguenievna morria a rir com as saídas do príncipe e Varienka na com um riso suave, mas comunicativo, que os gracejos do príncipe lhe despertavam, coisa que Kitty nunca tinha visto nela.

Este espectáculo, porém, não conseguia fazer com que Kitty esquecesse as suas preocupações no julgamento frívolo que fizera dos seus amigos e da sua nova vida, que tão bela se lhe afigurava, o pai, involuntàriamente, apresentara lhe um problema assaz difícil de resolver e que a mudança de atitude de Madame Petrov ainda vinha complicar mais, mudança essa que acabava de se manifestar num desabrimento bem desagradável. Todos riam, mas essa alegria longínqua turvava Kitty que se julgava de regresso aos tempos da sua infância, quando, fechada no quarto, para castigo de qualquer

travessura, ouvia rir as irmãs sem poder brincar com elas.

— Para que compraste tu todas essas bugigangas? — perguntou a princesa, sorrindo, enquanto servia uma chávena de café ao marido.

— Que queres tu? Se vamos dar um passeio e nos aproximamos de uma loja, há logo quem nos peça que compremos qualquer coisa, dizendo *"Erlaucht, Excellenz, Durchlaucht*(Nota 21)" Quando me chamavam *Durchlaucht,* já me não podia conter lá iam dez táleres.

— Isso era porque andavas aborrecido — disse a princesa.

— É verdade, minha filha, uma pessoa aborrece se de morte nestas terras.

— Que me diz, meu príncipe? — exclamou Maria Evguenievna — Há actualmente tantas coisas para ver na Alemanha!

— Mas já as vi todas. Já comi sopa de ameixas e salsichas alemãs. Conheço tudo isso.

— Diga o que disser, príncipe — objectou o coronel —, as instituições alemãs são interessantes.

— Interessantes em quê? Os alemães sentem se contentes por terem vencido todo o mundo. Que tenho eu com isso, não me dirá? Não venci ninguém. E em compensação vejo-me obrigado a descalçar as minhas próprias botas e, o que é pior ainda, a deixá-las à entrada da porta, no corredor. De manhã tenho de me levantar, de me vestir, e de descer depois até à sala de jantar para tomar um chá horrendo. Em casa é outra coisa! Acordamos pela manhã sem pressas, temos tempo de nos zangar, de barafustar e de sossegar por fim para pensar descansadamente na nossa vida.

— Mas lembre se que o tempo é dinheiro, príncipe — replicou o coronel.

— Conforme o tempo! Ha tempo que se pode vender muito bem à razão de meio rublo por mês e tempo há também em que não há dinheiro que pague meia hora. Não é verdade Kitty? Que tens tu? Por que estás tão triste?

— Não tenho nada, pai.

— Aonde vai? —exclamou o príncipe, ao ver levantar se Varienka

— Fique mais um bocadinho.

— Preciso de voltar para casa — tornou lhe ela tomada de novo ataque de riso.

Quando deixou de rir, despediu se de todos e dirigiu se para o interior da casa na disposição de pegar no chapéu. Kitty foi atrás dela. A própria amiga se lhe apresentava agora sob aspecto diferente. Não

era pior, mas diversa do que a. imaginara antes.

— Há muito tempo que me não ria tanto como hoje — disse Varienka, enquanto procurava a sombrinha e a sacola — Seu pai é uma simpatia

Kitty não disse nada.

— Quando nos tornaremos a ver? — perguntou Varienka.

— *Maman* queria visitar os Petrov. A menina estará lá? — inquiriu Kitty a perscrutar a amiga.

— Estarei — tornou lhe esta — Estão a preparar as coisas para partir, e eu prometi lhes que os ajudaria.

— Então irei também.

— Para que ha de ir?

— Para quê? Para quê? Para quê? — replicou Kitty, abrindo desmesuradamente os olhos e prendendo a sombrinha de Varienka, para não a deixar partir — Espere. Por que me diz isso?

— Primeiro, porque tem aqui o seu pai e depois porque eles, os Petrov, não estão à vontade diante de si.

— Não, não é nada disso diga me por que não quer que eu vá regularmente a casa dos Petrov, pois vejo perfeitamente que não quer.

— Não disse isso — tornou-lhe, tranqüilamente, Varienka.

— Peco-lhe que me diga!

— Quer que lhe diga tudo? — perguntou Varienka.

— Tudo, tudo!

— Não ha nada de importante, a não ser que Mikail Alexeievitch, que até aqui se queria ir embora sem delongas, agora não quer partir — disse Varienka, sorrindo.

— Continue, continue! — replicou Kitty, olhando-a gravemente.

— Ana Pavlovna diz que ele não quer ir por sua causa. E isto deu azo a uma questão doméstica de que Kitty é a causa indirecta, como sabe os doentes irritam se com muita facilidade.

Cada vez mais sombria, Kitty permanecia calada, e Varienka continuava a falar, procurando aquietá-la e evitar um acesso de censuras ou de lagrimas.

— É por isso que acho melhor não ir Estou certa de que me compreende e que não vai zangar-se.

— Só tenho o que mereço! — exclamou Kitty de chofre, sem ousar fitar Varienka, mas arrancando lhe a sombrinha das mãos.

Varienka sentiu que a ira infantil de Kitty lhe dava vontade de rir mas receou ofendê-la.

— Porque tem o que merece? Não a compreendo.

— Porque tudo isto não passava de uma coisa fingida, de uma coisa inventada, não vinha do coração. Que me importa a mim um estranho? E o resultado é que sou a causadora de um desgosto por fazer o que ninguém me pediu. Da minha parte, tudo foi pura hipocrisia, pura hipocrisia.

— Hipocrisia? Mas com que intenção? — perguntou mansamente Varienka.

— Oh! Que coisa tão estúpida, tão vil! Que necessidade tinha eu... Foi tudo fingido — dizia Kitty, abrindo e fechando a sombrinha.

— Mas com que fim?

— Para parecer melhor do que sou diante dos outros, diante de mim e diante de Deus; para enganar a todos. Agora não mais voltarei a fazer o que fiz. É preferível sermos más a mentirmos e enganarmos.

— Mas quem engana neste caso? — perguntou Varienka em tom de censura. — Fala como se...

Kitty, porém, fora acometida de um acesso de cólera. Não a deixou acabar.

— Não estou a falar de si. Não é da sua pessoa que se trata. A menina é perfeita. Sim, sim, sei que todos são umas perfeições. Mas eu sou má, não há nada a fazer. Isto não teria acontecido se eu não fosse má. Serei como sou, mas não mais fingirei. Quero lá saber de Ana Pavlovna! Que vivam como lhes aprouver, que eu viverei como me apetecer. Não posso ser diferente... E depois, francamente, não é o que eu julgava!

— Que quer dizer? — perguntou Varienka perplexa.

— Nada. Só posso viver obedecendo aos impulsos do meu coração, ao passo que vocês, vocês obedecem a princípios. Eu, por mim, limitei-me a ter para convosco um verdadeiro carinho do coração enquanto vocês, naturalmente, só pensavam na minha salvação, na minha edificação.

— Está a ser injusta! — exclamou Varienka.

— Não. Só estou a falar de mim. Os outros que fiquem em paz...

— Kitty! — gritou a princesa nesse momento. — Mostra os teus corais ao pai.

Kitty, altivamente, e sem se reconciliar com a amiga, pegou no estojo dos corais que estava em cima da mesa e foi ao encontro da

mãe.

— Que tens tu? Por que estás tão corada? — exclamou ao mesmo tempo pai e mãe.

— Nada — respondeu Kitty. — Eu já volto — e deitou a correr.

"Ainda lá está. Que lhe vou dizer? Meu Deus que fiz eu, que disse eu? Por que a ofendi eu? Que devo fazer agora?", dizia de si para consigo, parando à porta.

Varienka, de chapéu na cabeça, estava sentada junto à mesa, examinando a mola da sombrinha que Kitty partira. Levantou a cabeça.

— Varienka, perdoe-me — murmurou Kitty, aproximando-se dela.

— Nem sei o que lhe disse...

— Sinceramente, não era minha intenção fazê-la sofrer — disse Varienka, sorrindo.

A paz estava assinada. Mas a chegada do pai transtornou aos olhos de Kitty o mundo em que ela vivera por algum tempo. Sem renunciar a tudo que nesse mundo aprendera, reconhecia, a seus próprios olhos, ser uma ilusão pensar que poderia vir a ser aquilo que desejaria poder vir a ser. Foi como que um despertar; compreendeu que lhe seria dado, sem hipocrisia nem vanglória, manter-se a uma tão grande altura. Aliás sentira vivamente o horror dos desgostos, das doenças, das agonias quê a cercavam e achava penoso de mais para ela prorrogar os esforços que fizera para interessar-se por aquele mundo de sofrimento. Experimentou, necessidade de respirar ar puro, de voltar breve à Rússia, a Ierguchovo, onde já estavam Dolly e os filhos, como soubera pela carta que acabava de receber.

O seu afecto por Varienka não fraquejara, porém. No momento da partida, pediram-lhe que os viesse visitar à Rússia.

— Irei quando a menina estiver casada — disse Varienka.

— Nunca me casarei.

— Então nunca irei.

— Nesse caso, só me casarei para isso. Não se esqueça da sua promessa.

Os prognósticos do médico realizaram-se. Kitty regressou à Rússia se não tão despreocupada como outrora, pelo menos aquietada e curada. Os maus momentos de Moscovo não passavam agora de uma reminiscência longínqua.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Sérgio Ivanovitch Kosnichev, querendo descansar do seu trabalho intelectual, em vez de partir para o estrangeiro, como era seu costume, foi em fins de Maio para o campo, para casa do irmão. Estava convencido de que não havia melhor vida do que a vida aldeã. Constantino Levine sentiu com isso uma grande satisfação, tanto mais quanto era certo que naquele Verão já não contava com Nicolau. Mas apesar do afecto e do respeito que tinha por Sérgio Ivanovitch, Levine não se sentia perfeitamente à vontade a viver com ele no campo. Incomodava-o e achava mesmo desagradável a maneira que ele tinha de apreciar a aldeia. Para Constantino Levine a aldeia era o local onde se vivia, isto é, onde se gozava, se sofria e se trabalhava, para Sérgio Ivanovitch, por um lado, era um local de descanso depois do trabalho, e, por outro, um saudável antídoto confia a corrupção, antídoto que tomava com prazer, reconhecendo-lhe a utilidade. Para Constantino Levine a aldeia era boa porque constituía um campo de actividades indiscutivelmente úteis, para Sérgio Ivanovitch, porque ali era possível e até indispensável não se fazer nada. Também não agradava a Levine a maneira como o irmão tratava a gente da aldeia. Sérgio Ivanovitch tinha a pretensão de conhecer e de estimar o povo. Falava amiúde com os camponeses, coisa que sabia fazer muito bem, sem fingir nem adoptar atitudes estudadas, e destas conversas extraía conclusões a favor do povo, conclusões que brandia como provas do seu pretenso conheci mento dos costumes populares. Isto não era do agrado de Levine. Para ele o povo era antes de mais nada o sócio principal de uma tarefa comum. Mostrava bem ter mamado no seio da ama o leite de uma fraterna afeição pelos camponeses, admirava lhes o vigor, a mansidão, o espírito de justiça, mas, freqüentemente, quando o interesse comum exigia outras qualidades, insurgia se contra eles, para não ver, então, senão a sua incúria, a sua falta de asseio, a sua tendência para a bebedeira, o seu gosto da mentira. Ter-se-ia sentido deveras embaraçado se lhe perguntassem se gostava ou não do povo. Como homem de sentimentos que era, por natureza pendia a amar o próximo, sem excluir os camponeses, mas alimentar por eles senti mentos especiais, isso afigurava se lhe impossível, vivia a vida deles, os seus interesses identificavam-se, por conseguinte fazia parte integrante do povo. Por outro lado, embora, como proprietário, como "árbitro de paz" e sobretudo como conselheiro (vinham pedir lhe conselho daquelas quarenta verstas em redor) tivesse mantido relações estreitas, por longos anos, com os aldeões, ainda não tinha sobre eles uma opinião perfeitamente definida. Grande seria a sua surpresa igualmente, caso lhe perguntassem se os conhecia "Nem mais nem

menos do que conheço os outros homens", teria ele, com certeza, respondido. A cada passo era lhe dado observar numerosos indivíduos, camponeses inclusivamente que lhe pareciam dignos de interesse, mas à medida que lhes ia descobrindo novos traços de carácter, os seus juízos variavam de acordo com isso mesmo. Sérgio, pelo contrário, considerava todas estas coisas num espírito de oposição preferia a vida da aldeia a um determinado gênero de existência, o povo, a uma determinada classe social. E só estudava este para poder opô-lo aos homens em geral. O seu espírito metódico concebera de uma vez para sempre uma determinada ideia da vida popular, ideia fundada em parte na experiência, mas ainda mais em comparações teóricas, e nunca, em situação alguma, esta ideia variava de forma. Essa a razão por que nas discussões entre ele e o irmão acerca do carácter, dos gostos, das particularidades do povo, era ele quem levava sempre a melhor, às suas apreciações inabaláveis opunha Constantino opiniões sujeitas constantemente a modificações. Eis por que Sérgio não tinha dificuldade alguma em surpreendê-lo em flagrante delito de contradição consigo mesmo.

Sérgio Ivanovitch considerava o irmão mais novo um belo rapaz, com o coração *bem colocado* (costumava dizer em francês), mas senhor de um espírito muito impressionável, que, ao abrir-se, transbordava de inconseqüências. Com a condescendência de um irmão mais velho, dignava se, por vezes, explicar lhe o verdadeiro sentido das coisas, mas discutia sem prazer com um adversário tão fácil de levar à parede.

Por seu lado, Constantino admirava a bela inteligência, a vasta cultura, a nobreza de alma do irmão e o dom que lhe cabia de dedicar-se ao bem estar geral. Mas quanto mais o tempo passava e o ia conhecendo melhor, mais freqüentemente se perguntava a si próprio se aquela atitude generosa para com a humanidade, de que ele tão privado se sentia, em vez de uma qualidade não seria um defeito. Não denunciaria ela, senão ausência de aspirações nobres e generosas, pelo menos uma certa carência dessa força vital a que se chama coração, uma certa impotência a abrir um caminho pessoal no meio de todos esses caminhos que a vida oferece aos homens? De resto, não é o coração mas a cabeça que leva a maior parte das pessoas a interessar se pelos problemas sociais só o fazem por raciocínio. Esta suposição de Levine ia se confirmando ao observar que o irmão tomava mais a peito as questões do bem comum ou da imortalidade da alma do que uma partida de xadrez ou a construção engenhosa de qualquer máquina.

Além disso, Constantino Levine também não se sentia à vontade na aldeia quando o irmão estava presente, sobretudo porque no Verão, enquanto o absorviam por completo os trabalhos de lavoura e lhe não

chegava o grande dia estival para fazer tudo que precisava, Sérgio Ivanovitch apenas pensava em descansar. Naquele ano dera folga à grande obra em que andava empenhado, mas a actividade do seu espírito era intensa de mais para que não precisasse de comunicar a alguém, sob uma forma concisa e elegante, as ideias que lhe ocorriam, e o certo é que escolhera o irmão para auditório. Eis por que, apesar da amistosa simplicidade das suas relações, Constantino Levine não conseguia deixá-lo só por muito tempo. Sérgio gostava de deitar se na relva, ao sol, para ali ficar, tostando se e falando preguiçosamente.

— Não podes imaginar — dizia ele ao irmão — o prazer que me dá este *dolce far niente* ucraniano. Não tenho uma única ideia dentro da cabeça esta completamente vazia.

Mas Constantino Levine aborrecia se de ficar ali sentado a ouvi-lo, principalmente receoso de que, não estando ele presente, os camponeses lançassem o adubo às terras antes de estas estarem preparadas para isso e o lançassem de qualquer maneira e que não afiassem convenientemente as relhas dos arados ingleses, para poderem dizer depois que nada valiam e que eram bem melhores as charruas antigas.

— Não te fatiga andares por aí com este calor? — perguntava-lhe Sérgio.

— Não me demoro, é só o tempo de relancear a vista ao escritório — respondia Constantino, e desaparecia campos fora.

CAPÍTULO II

Em princípios de Junho, Agáfia Mikailovna, a ama e governanta, ao descer à adega, com uma tigela de cogumelos que acabava de salgar, escorregou na escada e esfolou um pulso. Chamaram o médico rural, um rapaz verboso, recém saído da Universidade, que observou a doente e declarou que ela não tinha nenhuma entorse, entretendo-se a conversar com Sérgio Ivanovitch Kosnichev, diante do qual, a título de exibição das suas tendências liberais, contou todas as intrigas da província, insistindo na situação deplorável em que se encontravam, em sua opinião, as instituições provinciais. Sérgio Ivanovitch ouvia-o atentamente, formulando de quando em quando alguma pergunta, satisfeito com a presença de um novo ouvinte, e por sua vez usou da palavra, apresentando certas observações justas e finas, respeitosamente apreciadas pelo jovem clínico, sentindo-se dai a pouco nessa disposição de espírito um pouco sobre-excitada que em geral provocava nele toda a conversa viva e brilhante Depois da partida do medico, quis ir pescar para o no. Gostava de pescar à linha e parecia envaidecer-se com o facto de apreciar um entretenimento tão estúpido.

Constantino Levine, que tinha de ir às terras onde andavam a lavrar, e aos prados, propôs-se levá-lo na sua campana até ao no.

Estava-se nesse momento do Estio em que o trigo chega ao seu apogeu, as colheitas se aproximam e já se principia a pensar nas próximas sementeiras. As espigas, já formadas, mas ainda leves e cinzentas-esverdeadas, baloiçam ao sopro do vento, a aveia, à mistura com as ervas daninhas que crescem junto, vai rompendo irregularmente nos campos tardiamente semeados, os primeiros rebentos do trigo mourisco juncam já o solo, os terrenos de pousio, com os seus torrões quase petrificados sob as patas do gado e os seus sulcos, em que não entra o ferro do arado, só em parte estão lavrados, os montes de estrume juntam o seu aroma ao das ervas dos prados, pela manhã e à hora do crepúsculo, enquanto nas terras baixas, ansiosas pela foice, os prados ribeirinhos formam vagas imensas, aqui e ali matizados de grandes manchas pretas, que são os montes de azedas arrancadas.

Era a época em que se verifica um curto descanso nos trabalhos da lavoura, antes de principiar a colheita anual, que todos os anos empenha as forças dos camponeses. Naquele Verão a colheita anunciava-se magnífica, os dias eram longos e quentes, as noites curtas e bem humedecidas pelo rocio.

Para alcançar os prados era preciso atravessar a mata, cuja vegetação luxuriante maravilhou Sérgio. Chamava a atenção do irmão, ora para uma velha tília, escura ao lado da sombra, coberta de rebentos prontos a abrir, ora para os ramos novos das outras árvores que brilhavam como esmeraldas. Constantino Levine não gostava de ouvir comentários às belezas da Natureza. As palavras, para ele, despojavam da sua formosura tudo o que via Assentindo com o que o irmão ia dizendo, pensava noutra coisa. Quando saíram da mata, atentou numa terra em pousio, onde placas de erva amarelenta alternavam, ora com leiras já cavadas ou com outras cobertas de montes de estrume e com outras ainda de todo lavradas já Pelo campo avançava uma fileira de carroças. Levine contou as e pareceu lhe que eram suficientes.

À vista dos prados principiou a pensar na ceifa e na colheita dos fenos, operação que sempre o emocionava muito. Fez estacar o cavalo.

Como a erva alta ainda estava húmida junto aos pés, Sérgio Ivanovitch, para não se molhar, pediu ao irmão que o levasse no carro até à moita de salgueiros, junto à qual se pescavam as percas. Constantino aquiesceu, lamentando ter de pisar aquela erva mole que se agarrava às patas do cavalo e às rodas do carro, deixando as sementes presas aos cubos e aos das rodas.

Enquanto Sérgio Ivanovitch se instalava debaixo dos arbustos e preparava a cana de pesca, Constantino amarrava o cavalo alguns passos mais longe e instalava-se no imenso mar verdejante que naquele momento nenhum sopro agitava nos pontos onde o no transbordava, a erva brotava da terra fertilizada e sedosa e, coberta de pólen, chegava lhe quase à cintura. Ao atingir o caminho, encontrou um velho com um olho inchado que levava uma colméia.

— Apanhaste um enxame, Fomitch?

— Hem! Constantino Dimitrievitch, já me custa tanto a guardar as meus. É a segunda vez que este me foge Felizmente os garotos apanharam-no. Como andam a lavrar nas suas terras, desatrelaram um cavalo e foram atrás dele.

— Que te parece, Fomitch, devo ceifar já ou esperar mais algum tempo?

— Não sei. A mim parece-me que se deve esperar até ao dia de São Pedro. Mas o senhor costuma ceifar sempre mais cedo. Se Deus quiser, tudo há-de correr bem, a erva já está muito crescida. O gado terá mais largueza.

— E o tempo, que te parece o tempo, Fomitch?

— Isso é lá com Deus. Talvez faça bom tempo.

Levine voltou para junto do irmão.

Embora não tivesse pescado nada, Sérgio não se aborrecia e parecia mesmo muito bem disposto. Levine percebeu que o irmão, excitado pela conversa com o médico, queria falar mais. Pelo contrário, ele, Levine, desejava voltar para casa disposto a dar ordens para que mandassem vir os ceifeiros no dia seguinte e decidido a resolver as dúvidas que tinha relativamente à ceifa, que tanto o preocupava.

— Bom, voltemos para casa — disse ele a Sérgio.

— Que pressa é essa? Fiquemos mais um bocado. Estás todo encharcado! Mesmo que não se pesque nada, está-se bem aqui. Esta espécie de entretenimento é boa, porque nos põe em contacto com a Natureza. Que linda está a água, parece de aço! Estas margens cobertas de vegetação fazem me sempre lembrar aquela adivinha, recordas te, em que a erva diz à água “Vamos tremer, tremer!”

— Não conheço essa adivinha — replicou Levine, desanimado.

CAPÍTULO III

— A propósito — continuou Sérgio —, estava precisamente a pensar em ti: pelo que vejo, a dar ouvidos àquele médico, que me não parece nada tolo, passam-se coisas incríveis na tua região. E isso leva me a repetir-te o que já te disse fazes mal em te manteres afastado e em não assistires às reuniões do *zemstvo*. Se as pessoas da nossa classe se desinteressam disso, haveria uma desordem de todos os diabos! Para onde vai o nosso dinheiro? Nós é que pagamos e eles trabalham a soldo Não há escolas nem farmácias, nem enfermeiras nem parteiras, nada.

— Que queres tu que eu faça? — replicou, contrariado, Constantino Levine — Fiz o possível por me interessar por tudo isso, mas está além das minhas possibilidades.

— Ora aí está uma coisa que me custa a admitir Vejamos, quais são as causas da tua abstenção! Indiferença? Não posso acreditar Incapacidade? Ainda menos Apatia? Talvez.

— Nada disso — replicou Constantino — Convenci me, muito simplesmente, de que não conseguiria nada.

Prestava pouca atenção a Sérgio. Um ponto negro, que se agitava lá adiante, nos campos lavrados do outro lado do curso de água, chamava-lhe a atenção, não seria o administrador a cavalo?

— Por quê? Por quê? — insistia Sérgio Ivanovitch — Desistes muito facilmente. Não terás amor-próprio?

— Que vem aqui fazer o amor-próprio? — retorquiu Constantino, fendo pelas palavras do irmão — Se na Universidade me tivessem considerado incapaz de compreender tão bem como os meus camaradas o cálculo integral, teria apelado para o meu amor próprio. Mas, neste caso, temos de principiar por saber se este gênero de actividade exige capacidades especiais e se é um gênero de trabalho muito importante.

— Achas então que não é importante? — exclamou Sérgio, ofendido pelo facto de ouvir o irmão tratar com tanta ligeireza coisas que ele muito prezava, que ele considerava de grande importância, e além disso vexado por verificar que Constantino não prestava grande atenção às suas palavras.

— É um facto, que hei-de eu fazer? Tudo isso me deixa indiferente

— replicou Constantino, que acabava de convencer se de que o ponto preto no horizonte era, de facto, o administrador, que naquele

momento dispensava os trabalhadores, pois estes recolhiam as alfaias "Já terão acabado de arar!", pensava ele.

— Isso, meu caro, não — disse Sérgio, e o seu belo rosto inteligente ensombrou se — Há limites para tudo. Compreendo perfeitamente que se deteste a prosápia e a mentira, sei muitíssimo bem que a originalidade é uma virtude. Mas o que acabas de dizer não tem sentido. Como podes tu achar que não é importante que essa gente que dizes estimar "Nunca disse semelhante coisa", pensou Constantino Levine — morra abandonada! As parteiras improvisadas matam as crianças e o povo morre na ignorância, vítima do primeiro amanuense. E quando surge uma forma de os ajudar, tu afastas-te, dizendo tudo isso não tem importância.

E Sérgio apresentou ao irmão o seguinte dilema:

— De duas uma: ou a noção do dever é coisa que tu não compreendes ou não estás disposto a sacrificar o teu repouso ou até talvez a tua vaidade...

Constantino compreendeu que, se não queria passar por egoísta, não tinha outro remédio senão submeter-se; sentia-se mortificado.

— Nem uma coisa nem outra — declarou em tom peremptório.— Mas não acho possível...

— Que dizes? Pois achas que um melhor emprego das contribuições não permitiria, por exemplo, organizar uma assistência médica séria?

— Não, não creio. Esqueces, efectivamente, que a nossa província abrange uma área de quatro mil verstas quadradas e que muito freqüentemente, com os rios gelados, as tempestades de neve e as épocas de trabalho intensivo nos campos não há comunicações. Além disso, não acredito na eficácia da medicina, para te falar com franqueza.

— Estás a exagerar. Podia citar-te milhares de exemplos... E então as escolas?

— Para que servem as escolas?

— Para que servem? Podes duvidar das vantagens da instrução? Se a achas útil para ti, não tens o direito de a recusar para os outros.

Constantino Levine sentiu-se levado à parede e, irritando-se, involuntariamente, explicou o motivo principal da sua indiferença para com as obras sociais.

— Talvez tudo isso esteja certo — disse ele —, mas para que me hei-de eu afligir por causa desses centros sanitários, de cujos serviços nunca me utilizarei, ou criar escolas, para onde não mandarei os meus filhos nem para onde os próprios camponeses querem mandar os

deles? Aliás, não sei se teriam vantagem nisso.

Sérgio Ivanovitch sentiu-se desconcertado por este inesperado ponto de vista, mas imediatamente elaborou um novo plano de ataque.

Calou-se por momentos, retirou a cana da água, atirou a linha para outro ponto do rio e sorrindo dirigiu-se ao irmão:

— Estás enganado... O centro sanitário servir-te-ia para qualquer coisa. Acabas de chamar o médico do *zemstvo* para tratar Agáfia Mikailovna.

— E nem por isso ficará com a mão mais direita.

— Eis o que se está para ver... Além disso, um mujique, um trabalhador que não seja analfabeto, é-te mais útil e mais valioso.

— Não, quanto a isso, não! Pergunta a quem tu quiseres — replicou Constantino Levine, resolutamente. — Ilustrado, um mujique torna-se muito pior trabalhador. Não se lhe pode mandar arranjar os caminhos e se se manda construir uma ponte, podemos contar que roubará as pranchas.

— Mas não é disso que se trata — disse Sérgio Ivanovitch, franzindo o sobrolho. Não gostava de contradições, e sobretudo daquela maneira de saltitar de um assunto para outro, sempre com argumentos novos, sem ligação entre si. Era impossível responder a tais argumentos.

— Vejamos, estás de acordo em que a instrução é um benefício para o povo?

— Estou — admitiu Levine, sem querer. Logo em seguida se deu conta de que não pensava assim, mas compreendeu num relance que o irmão se ia aproveitar da circunstância para lhe demonstrar a sua inconseqüência. Mas como iria desenvolver essa demonstração? De maneira muito mais simples do que ele imaginava.

— Dado que estás convencido disso — declarou Sérgio —, como homem honrado que és não podes deixar de simpatizar com essa obra e portanto não podes recusar-te a trabalhar em seu benefício.

— Mas se eu ainda não reconheci essa obra como boa? — objectou Constantino Levine, corando.

— Como? Mas acabas de afirmar...

— Não, não a acho nem boa nem possível.

— Como é que o podes saber, se nada fizeste para isso?

— Bem, suponhamos que a instrução do povo é um benefício — concedeu Constantino sem a mínima convicção. — Não vejo que isso seja razão para que eu me preocupe com ela.

— Como assim?

— Bom, já que principiámos a falar neste assunto, explica-mo do ponto de vista filosófico.

— Não percebo a que vem a filosofia neste caso — replicou Sérgio Ivanovitch, e Levine sentiu-se vexado, percebendo, pelo tom do irmão, que ele o não considerava apto a falar de filosofia.

— Achas? — tornou-lhe, exaltando-se. — Sou de opinião que o interesse pessoal constitui sempre o móbil das nossas acções. Ora eu, conquanto fidalgo, não vejo nada nas novas instituições, nada que possa concorrer para o meu bem-estar. As estradas não são melhores nem podem vir a sê-lo. Aliás, os meus cavalos levam-me tão bem pelas boas como pelas más estradas. Não preciso nem de médico nem de postos sanitários. Quanto ao juiz de paz, nunca recorri aos seus serviços nem recorrerei. E as escolas, em vez de me serem úteis, só me dão prejuízos, como acabo de te demonstrar. O *zemstvo* não representa, por conseguinte, para mim, mais do que um imposto suplementar de dezoito copeques por *desiatina* e de incômodas viagens à cidade, onde me sinto obrigado a pernoitar num quarto cheio de percevejos e a ouvir toda a espécie de inépcias e de incongruências. E em tudo isto não vejo que o meu interesse pessoal esteja a ser beneficiado.

— Dá licença — interrompeu Sérgio Ivanovitch, com um sorriso.

— O nosso interesse pessoal também não estava em jogo quando fomos levados a lutar pela abolição da escravatura e nem por isso deixámos de trabalhar nesse sentido.

— Não! — interrompeu pelo seu lado. Constantino Levine, cada vez mais exaltado — A abolição da escravatura era outra coisa. Aí existia o interesse pessoal. Queríamos livrar-nos desse jugo que oprimia toda a boa gente, mas lá o ser vogal para deliberar sobre o número de latas de lixo e de canos de esgoto necessários à cidade, onde nem sequer vivo, o ser jurado para julgar um mujique que roubou um presunto e ficar seis horas a ouvir todas as tolices que dizem os defensores, os fiscais ou o presidente do tribunal, perguntando ao meu amigo Aliocha, o tontinho “Senhor acusado, reconhece-se culpado do roubo do presunto?” Que te parece?

Constantino Levine, arrastado pela sua argumentação, pôs-se a imitar o presidente do tribunal e Aliocha, o tonto. Afigurava-se-lhe que tudo estava relacionado com o objecto da discussão, mas Sérgio Ivanovitch encolheu os ombros.

— Mas afinal, onde queres tu chegar?

— A isto apenas. Sempre que se trate de direitos que me digam

respeito, isto é, que digam respeito ao meu interesse pessoal, eu cá estarei para os defender com unhas e dentes. Quando éramos estudantes e a polícia nos ia revistar a casa ou nos ha a correspondência, eu estava pronto a defender os meus direitos à instrução, à liberdade. Estou pronto a discutir o serviço militar obrigatório, que atinge directamente o destino dos meus filhos, de meus irmãos e de mim próprio. Estou pronto a discutir as coisas que me afectam. Mas não sei participar da chicana que discute o emprego de quarenta mil rublos dos fundos do *zemstvo,* nem sentenciar o tonto do Aliocha.

Constantino Levine falava com tal ímpeto que parecia ter-se lhe rompido o dique da loquacidade Sérgio Ivanovitch sorriu-se.

— E se amanhã tiveres um processo às costas, acharás melhor ser julgado na antiga auditoria criminal?

— Nunca serei processado. Não penso matar ninguém. Tudo isso, repito-te, não me serve para nada — continuou Levine, e de novo passou a falar de um assunto que nada tinha a ver com o tema em discussão — Queres saber, essas histórias do *zemstvo* fazem-me lembrar ramos de bétulas que nós enterrássemos no chão, como se costuma fazer pelo Pentecostes, para fingir uma dessas florestas que na Europa crescem de maneira absolutamente natural. Ora eu recuso-me a regar esses ramos e a acreditar que irão ganhar raízes e transformar-se em grandes árvores.

Embora tivesse compreendido imediatamente o que o irmão queria dizer, Sérgio nem por isso deixou de encolher os ombros, como que a mostrar a surpresa que lhe causava ver surgirem na discussão aqueles ramos de bétula.

— Isso não é argumento — observou.

Mas Constantino Levine, sentindo-se culpado por não reconhecer em si interesse pelas coisas públicas, procurou justificar a sua atitude.

— Acho que não há interesse duradouro desde que não seja fundado no interesse pessoal — continuou ele — É uma verdade geral, Filosófica, sim, fi-lo-só-fi-ca — repetiu, como para demonstrar que tinha o mesmo direito que qualquer outro de falar em filosofia.

Sérgio voltou a sorrir “Também ele”, pensou com os seus botões, “arranja uma filosofia para pôr ao serviço das suas inclinações”

— Bom, deixa a filosofia em paz — disse, por fim — O principal problema da filosofia, em todos os tempos, sempre foi o da necessidade de se encontrar a relação indispensável entre o interesse pessoal e o interesse geral. Mas isso não tem nada que ver com a nossa conversa. Pelo contrário, preciso de rectificar a tua comparação. Não

enterramos no solo ramos de bétula, plantamos àrvorezinhas novas que precisam de ser tratadas com cuidado. As únicas nações com futuro, as únicas a que pode dar se o nome de históricas, são as que compreendem o valor das suas instituições e que portanto as sabem apreciar.

Transitando para um terreno — o terreno da filosofia da história

— em que Constantino o não podia acompanhar, Sérgio demonstrou lhe, peremptoriamente, o erro do seu ponto de vista.

— Quanto à tua repugnância pelos negócios — concluiu ele —, terás de desculpar me se eu a debito à conta da nossa indolência russa, das nossas antigas maneiras de grandes senhores. Estou certo de que hás de acabar por reconhecer o erro em que incorres.

Constantino calava-se. Dando se conta de que estava vencido, sentia que o irmão não compreendera a sua idéia. Ter se ia explicado mal? Ou seria o irmão que o não entendera? Sem aprofundar o problema, não levantou qualquer outra objecção e não pensou noutra coisa se não no assunto em que estava empenhado. Entretanto Sérgio Ivanovitch recolhia a linha de pescar e desprendia o cavalo Ambos regressaram a casa.

CAPÍTULO IV

O assunto em que Levine estava empenhado durante a discussão com Sérgio era o seguinte no ano anterior, na altura em que ceifava o feno, zangara-se com o administrador, e, lançando mão do seu método habitual para sossegar, pegara na gadanha, que arrancara das mãos de um ceifeiro, e pusera se a ceifar.

Tanto gostou desse trabalho, que o repetiu várias vezes, chegou a ceifar todo o campo diante da casa, e naquele ano, desde a Primavera que projectava passar dias inteiros a ceifar com os camponeses. Desde que o irmão chegara não fazia outra coisa senão pensar se deveria ou não fazê-lo. Custava lhe deixar o irmão sozinho tanto tempo, e além disso receava que ele troçasse de si. Mas quando atravessava o campo, ao recordar as sensações que experimentara nesse trabalho, quase resolveu fazê-lo. Depois da discussão com o irmão, voltou a lembrar-se da decisão que tomara.

"Preciso de exercício físico; caso contrário, azeda-se-me o carácter", pensou. E decidiu que ceifaria, ainda que isso parecesse incorrecto para com o irmão e os camponeses.

Nessa noite Constantino Levine foi ao escritório, deu as suas ordens quanto aos trabalhos e mandou procurar os ceifeiros pelas aldeias, na intenção de principiar a ceifa do prado de Kalinovo, o maior e o melhor de todos.

— Levem a minha gadanha a casa do Tito, para que ele ma afie e leve amanhã ao campo. Talvez eu vá ceifar também — disse, procurando não se perturbar.

O administrador sorriu e respondeu-lhe:

— Muito bem, patrão.

À noite, à hora do chá, Levine disse ao irmão:

— Parece que o bom tempo está firme. Amanhã começarei a ceifar.

— Gosto muito desse trabalho — comentou Sérgio Ivanovitch.

— A mim, encanta-me. Já algumas vezes tenho ceifado com os camponeses e amanhã quero ceifar todo o dia.

Sérgio Ivanovitch ergueu a cabeça, fitando Levine com curiosidade.

— Quê? Com os camponeses? Como se fosses um deles? Todo o dia?

— Sim, é muito agradável — respondeu Levine.

— Como exercício físico é excelente, mas não sei se aguentarás — disse Sérgio Ivanovitch sem qualquer ironia.

— Já o demonstrei. Ao princípio custa, mas depois uma pessoa habitua-se. Parece-me que irei até ao fim.

— Deveras? E os camponeses, como encaram eles isso? Naturalmente fazem troça das excentricidades do patrão.

— Não. Não me parece. É um trabalho ao mesmo tempo tão divertido e tão difícil, que não dá tempo para pensar.

— Mas vais comer com eles? Mandar-te ao campo Château-Lafite e pavão assado era um pouco forte.

— Virei a casa enquanto eles descansam.

Na manhã do dia seguinte, Levine levantou-se mais cedo do que o costume, mas entreteve-se a dar ordens, e quando chegou ao campo os ceifeiros já encetavam a segunda franja.

Lá do alto do cerro Levine viu a parte do campo onde o sol já não chegava: era essa precisamente que os ceifeiros tinham atacado, e as roupas de que se haviam despojado antes de se meterem ao trabalho formavam pequenos montículos pretos na terra ceifada. Não tardou a distinguir os ceifeiros: estes em mangas de camisa, aqueles de cafetã, uns após outros, formavam uma extensa fileira, movendo as gadanhas cada um à sua maneira. Contou quarenta e dois homens.

Avançavam lentamente pela parte baixa e desigual do campo, onde havia um antigo açude. Levine reconheceu alguns deles. Lá estava o velho Ermil, com uma grande camisa branca, ceifando muito corcovado, e o jovem Vaska, que fora cocheiro em casa de Levine, que ceifava a franja de uma só vez. Também lá estava Tito, um camponês de pequena estatura e corpo delgado, mestre de Levine na arte de ceifar. A frente de todos, ceifava a grande franja sem se inclinar, como se brincasse com a gadanha.

Levine apeou-se do cavalo e amarrou-o junto ao caminho. Aproximou-se de Tito. Este, sacando de uma gadanha detrás de uma moita, entregou-lha.

— Está bem afiada, patrão. É como uma navalha de barba, corta tudo que lhe puserem diante — disse Tito, sorrindo e tirando o gorro, enquanto lhe passava a gadanha para as mãos.

Levine pegou nela e experimentou-a. Os camponeses que tinham acabado de ceifar a franja, suados e alegres, saíam ao caminho, uns atrás dos outros, e, rindo, saudavam o patrão. Todos o olhavam, mas nenhum abria a boca. Por fim um velho alto, de rosto sulcado de rugas e barba rapada, que usava um jaleco de pele de cordeiro, ao chegar ao caminho, como se não se dirigisse a Levine, disse:

— Já que o patrão pegou na gadanha, vamos a ver se não fica para

trás.

Levine ouviu risos sufocados no grupo dos ceifeiros.

— Hei-de fazer por não ficar para trás — replicou ele, colocando-se na retaguarda de Tito, à espera de principiar.

— É o que veremos — disse o velho.

Tito principiou a avançar e Levine atrás dele. A erva era rasteira e Constantino Dimitrievitch, que havia muito não ceifava, sentia-se embaraçado por estarem a olhar para ele, iniciou a faina desajeitadamente, embora os seus movimentos fossem enérgicos.

— Pegou mal na gadanha, pega-lhe muito por cima. Olhem como ele tem de se agachar! — disse um dos ceifeiros.

— Apóie melhor o calcanhar — aconselhou outro.

— Não, não, lá se vai acostumando — comentou o velho. — Estás a ver, já vai melhor... Apanha muito de uma vez. Assim cansa-se mais depressa... É patrão e trabalha para si mesmo. Mas olha os bordos que ele vai deixando! A nós era capaz de nos castigar, se fizéssemos uma coisa dessas.

A erva era agora mais macia. Levine ouvia, sem responder, e seguia Tito, procurando ceifar o melhor possível. Avançaram uns cem passos. Tito continuava sem se deter e sem o mais leve cansaço. Mas Levine tão cansado estava que receava não poder resistir.

A cada novo golpe da gadanha mais lhe faltavam as forças, e resolveu pedir a Tito que se detivesse. Mas nesse mesmo momento Tito parou e, agachando se, apanhou uma mão cheia de erva, limpou a gadanha e pôs se a afiá-la. Levine ergueu se, suspirou e voltou a cabeça. Atrás dele vinha um ceifeiro, naturalmente cansado também, pois, antes de chegar junto de Levine, deteve se para afiar a gadanha. Tito afiou a dele e depois a de Levine, e em seguida continuaram.

Na segunda volta fizeram o mesmo. Tito avançava ceifando sem parar nem mostrar cansaço. Levine ia atrás dele, procurando não se atrasar. Mas cada vez era mais dura a ceifa. Sentia não tardar muito o momento em que não teria mais forças. Entretanto Tito deteve se novamente para afiar as gadanhas.

Assim terminaram a primeira franja. Tito, de gadanha ao ombro, voltou a percorrer o sulco deixado pelos seus próprios tacões, seguido do patrão, que fazia o mesmo e pisava também o sulco dos seus próprios tacões. A Levine custara lhe bastante, mas, em compensação, concluída essa parte do trabalho, sentiu se muito satisfeito, apesar de suar em bica e as gotas lhe escorrerem pelo rosto e pelo nariz e de ter as costas completamente empapadas. Alegrava o sobretudo a certeza

de que agora seria capaz de aguentar.

Só uma coisa lhe minorou a satisfação o facto de a sua franja não estar bem ceifada “Moverei menos os braços e mais o corpo todo”, pensou, comparando a zona ceifada por Tito, completamente alinhada, com a sua, bastante irregular.

Levine reparou que Tito ceifara a primeira franja extraordinariamente depressa, naturalmente para experimentar o amo, e que, além disso, essa franja era muito larga. As seguintes foram mais fáceis, mas, mesmo assim, teve de fazer um grande esforço para não ficar para trás.

Não pensava em nada nem desejava nada, excepto não se atrasar e ceifar o melhor possível. Apenas ouvia o bater das gadanhas e via diante dele a figura erecta de Tito, que se afastava, o semicírculo ceifado, a erva que, ondeando, se inclinava lentamente, as flores junto ao fio da sua gadanha e mais adiante o extremo da leira onde descansariam.

Sem saber por quê, sentiu, no meio do trabalho, uma agradável sensação de frescura nos ombros ardentes e suados. Olhou para o céu enquanto afiavam as gadanhas, formara se uma nuvem baixa e pesada e caíam grandes gotas de chuva. Alguns ceifeiros puseram os cafetãs às costas, outros, como Levine, limitaram se a encolher alegremente os ombros perante a agradável frescura da chuva.

Ceifaram franja após franja. Algumas eram grandes, outras curtas, umas de erva de boa qualidade, outras de erva má. Levine perdeu a noção do tempo, não sabia se era tarde ou cedo. Na sua tarefa operara se agora uma mudança que lhe dava grande prazer. Durante o trabalho havia momentos em que se esquecia do que estava a fazer e lhe era fácil ceifar. Então a sua franja ficava tão bem ceifada como a de Tito Porém, quando se capacitava do que estava a fazer, e procurava esmerar -se, sentia a responsabilidade da tarefa e a franja saía pior.

Ao terminarem outra franja, Levine ia recomeçar de novo, mas Tito deteve se e, aproximando se do velho, disse lhe qualquer coisa em voz baixa. Ambos olharam para o sol “De que estarão eles a falar? Por que não principiaram outra franja?”, pensou Levine, sem reparar que havia pelo menos quatro horas seguidas que os camponeses ceifavam e que chegara a hora do almoço.

— Vamos almoçar, patrão — disse o velho.

— Já são horas? Então vamos a isso?

Levine entregou a gadanha a Tito e na companhia dos ceifeiros, que foram buscar o pão aos seus cafetãs, encaminhou se para a sua

cabana, atravessando toda a área ceifada, coberta de montes de feno ligeiramente humedecidos pela chuva. Só então compreendeu que se enganara a respeito do tempo e que a chuva ia molhar o feno ceifado.

— O feno vai ficar estragado — disse ele.

— Não faz mal, patrão, dizem que se deve ceifar com chuva e recolher o feno com sol — replicou o velho.

Levine desprendeu o cavalo e foi tomar café a casa. Sérgio Ivanovitch acabava de se levantar. Depois de tomar o café, Levine voltou para o campo sem dar tempo a que o irmão se vestisse e entrasse na sala de jantar.

CAPÍTULO V

Depois do almoço coube a Levine ceifar entre um velho trocista, que o convidou a alinhar com ele, e um mujique novo, que se casara no Outono e era a primeira vez que ceifava naquele ano.

O velho, que se mantinha muito direito, ia adiante, dando grandes passadas rítmicas, com as suas pernas ligeiramente tortas. Graças a um movimento vigoroso e compassado, que não lhe custava mais que balançar os braços em marcha, como se brincasse, amontoava medas altas e uniformes. Dir-se-ia que não era ele, mas apenas a gadanha afiada que cortava a erva suculenta.

Atrás de Levine seguia o jovem Michka. O seu rosto agradável e juvenil, coroado de ervas frescas entrançadas, mostrava bem o esforço que fazia, mas quando alguém olhava para ele, sorria. Estava, sem dúvida, mais disposto a morrer do que a reconhecer que aquilo era penoso.

Levine ia entre os dois à hora de maior calor a ceifa não lhe parecia tão difícil. O suor refrescava o, enquanto o sol, que lhe queimava as espáduas, a cabeça e os braços descobertos até ao cotovelo, lhe dava mais vigor e tenacidade no trabalho. E cada vez se repetiam mais amiúde aqueles momentos em que lhe era possível não pensar no que estava a fazer. A gadanha ceifava por si. Momentos felizes esses. E mais felizes ainda aqueles em que, ao aproximar se do no até onde chegavam os regos, o velho limpava a gadanha com a erva húmida, passava a folha de aço na água fresca do no e enchendo o cantil oferecia o a Levine e dizia lhe, com um momo trocista

— Quer beber um trago do meu *kvas?* É bom, não é?

E efectivamente Levine nunca bebera nada que se parecesse com aquela água morna onde flutuavam ervas e sabia a ferro oxidado. E logo em seguida chegava o momento do agradável e lento passeio, com a gadanha na mão, durante o qual um homem podia enxugar o suor, respirar a plenos pulmões e relancear a vista pela imensa fila de ceifeiros, bem como pelo campo e pela mata.

Quanto mais ceifava, tanto mais freqüentes eram os momentos em que Levine esquecia o que estava a fazer, durante os quais já não eram os braços que moviam a gadanha, mas esta que arrastava atrás de si todo aquele corpo consciente de si mesmo e cheio de vida. E como por artes de magia, sem pensar no trabalho, este realizava-se com perfeição e rigor, como por si mesmo. Esses eram os momentos mais felizes.

Só se tornava difícil quando era preciso interromper esse movimento inconsciente e tornar a reflectir, quando se devia ceifar nalgum cabeço ou nalgum sítio onde ficavam azedeiras por arrancar. O velho fazia o sem dificuldade. Ao chegar a qualquer desses pontos, mudava de movimento e, ora com o tacão ora com a ponta da gadanha, desfazia o montículo em poeira. E ao fazê-lo, via tudo à sua volta aqui um talo de azedas que arrancava e comia ou oferecia ao amo, ali um ramo que afastava com a ponta da gadanha, acolá um ninho de codornizes de onde a fêmea se despedia, voando.

Tanto para Levine como para o rapaz que trabalhava atrás dele, estes movimentos eram difíceis. Ambos, assim que encontravam o movimento adequado, deixavam-se absorver pelo trabalho e sentiam se incapazes de modificar o ritmo enquanto iam olhando o que se lhes deparava diante da vista.

Levine não dava pelas horas. Se lhe tivessem perguntado há quanto tempo trabalhava, teria dito que há meia hora apenas, quando, na verdade, já chegara a hora de jantar. Ao atingirem o extremo de um rego, o velho apontou a Levine alguns rapazes e raparigas que vinham ao encontro dos ceifeiros, de pontos diferentes, tanto pelo caminho como pelo meio da alta erva, onde mal se viam, carregando pães e jarros de *kvas,* cobertos com guardanapos, pesados de mais para as suas mãozinhas.

— Lá vêm os garotos — disse o velho. E fazendo pala com a mão, pôs-se a observar o Sol. Depois de terem ceifado mais duas franjas, o velho deteve-se.

— Bom, patrão, vamos jantar — disse ele, resolutamente. E assim que atingiram o no, os ceifeiros dirigiram-se para os seus cafetãs, onde eram aguardados pelas crianças que traziam o jantar. Os mujiques que estavam mais longe reuniram-se junto às carroças e os que estavam mais perto debaixo de uma moita de codessos, que cobriam com montes de feno para ficarem mais frescos Levine sentou se ao pé deles, não lhe apetecia ir-se embora.

Os trabalhadores já se não sentiam embaraçados diante do patrão. Preparavam-se para comer. Alguns lavavam-se, os rapazes tomavam banho no rio, outros preparavam recantos para descansar, desatando os saquitéis do pão e destapando os jarros de *kvas.* O velho fez migas de pão dentro de uma tigela, esmagou-as com as costas da colher, deitou-lhes dentro água do cantil, cortou mais pão e salgou-o — depois pôs-se a rezar voltado para o oriente.

— Patrão, quer provar a minha *tiurka?* — perguntou ele, pondo-se de joelhos diante da tigela.

A *tiurka* estava tão boa que Levine desistiu de ir a casa comer.

Comeu com o velho, e enquanto comia aquele repasto frugal deixou que o velho lhe contasse coisas da sua vida, que muito o interessaram, falando-lhe, por sua vez, de alguns dos seus projectos, que esperava despertassem a curiosidade do bom do mujique. Sentia-se mais perto dele do que do irmão e sem querer sorria de afecto por aquele homem. Quando o velho se pôs de novo em pé, voltou a rezar e ali mesmo se deitou na terra, à sombra de uma moita, depois de fazer uma almofada com um pouco de erva Levine fez a mesma coisa. Apesar das moscas, moles e pesadas, e dos insectos que lhe faziam cócegas no rosto e no corpo suados, não tardou a adormecer, acordando quando o Sol já ia do outro lado das matas e dava sobre ele. O velho, que já se levantara havia um bom bocado, afiava as gadanhas dos rapazes.

Levine olhou à sua volta, sem saber onde estava, tão grande a mudança operada no campo. A enorme área ceifada brilhava de um brilho especial, novo, com as medas de feno que cheiravam sob os raios oblíquos do Sol poente. Tudo se lhe afigurava completamente novo, tanto os arbustos, com a erva ceifada em roda, junto ao rio, como este, invisível há pouco e agora tão brilhante que parecia aço, e os homens que acordavam e começavam a mover-se, a alta muralha de erva na parte do prado ainda por ceifar, os abutres por cima do espaço ceifado. Ao recobrar a consciência, Levine pôs se a calcular quanto tinham ceifado e quanto poderiam ceifar ainda.

Era muito o trabalho feito para quarenta e dois homens Já estava ceifado todo o prado grande, o qual, no tempo da servidão, exigia o trabalho de trinta homens durante dois dias Agora, só faltava terminar os extremos, pequenas zonas de erva. Mas Levine, que desejava ceifar o mais que pudesse naquele dia, contrariava-o que o Sol se pusesse tão cedo. Não se sentia nada cansado; só queria continuar a trabalhar enquanto fosse possível.

— Que achas? Temos tempo de ceifar a Machkine Vierch? — perguntou ao velho.

— Se Deus quiser, ainda que o Sol já não vá muito alto. Por que não manda distribuir vodka aos rapazes?

A hora da merenda, quando os ceifeiros tiveram outro descanso e os fumadores acenderam os cigarros, o velho disse-lhes que, se ceifassem o Machkine Vierch, teriam vodka.

— Pois por que não haveríamos de o ceifar? Vamos, Tito, mãos à obra! À noite temos tempo de comer. Avante! — ouviu-se gritar, e os ceifeiros puseram-se em movimento, ainda a mastigar o bocado de pão.

— Vamos, gente! — exclamou Tito, e deitando a correr, pôs-se à cabeça de todos.

— Corre! Corre! — dizia-lhe o velho, que o acompanhava na marcha, sem esforço algum. — Despacha-te ou corto-te.

Jovens e velhos ceifavam qual deles o mais depressa. Mas, apesar da rapidez com que o faziam, não estropiavam a erva, que caía com a mesma regularidade e precisão. A área por ceifar foi ceifada em cinco minutos. Estavam os últimos ceifeiros ainda a terminar a sua tarefa, já os primeiros deitavam os cafetãs ao ombro e se dirigiam, atravessando o caminho, para Machkine Vierch.

O Sol já se punha por detrás das árvores quando os ceifeiros, fazendo retinir os cantis, penetraram na ribanceira, coberta de árvores, do Machkine Vierch. No centro desta a erva chegava até à cintura dos homens, suave e macia, e no meio dela, disseminadas, havia flores silvestres. Depois de um breve conciliábulo em que se discutiu se deviam ceifar a direito ou à largura do prado, Prochor Iermiline, também ceifeiro de nomeada, homem alto e moreno, pôs-se à frente de todos. Ceifou uma franja e voltou atrás. Todos então se alinharam atrás dele. Ceifaram uma das vertentes da ravina, atravessando o fundo e subindo pela outra vertente até à orla da mata. O Sol punha-se por detrás das árvores; principiava a cair o rocio da noite; só os ceifeiros que trabalhavam no alto do cerro continuavam ao sol; mas em baixo, no barranco, onde principiava a estender-se um véu de neblina, e do outro lado do monte, ceifavam à sombra fresca e húmida. O trabalho estava no apogeu.

A erva, quando a gadanha a cortava, produzia um som manso e caía, amontoando-se em grandes medas, que despediam intenso aroma. Os ceifeiros, apertados na zona em que trabalhavam, tão depressa deixavam ouvir o ruído dos cantis e o das gadanhas que davam nas arestas das pedras ao afiá-las, como os gritos alegres com que se animavam uns aos outros.

Levine continuava a ceifar, como até ali, entre o velho e o rapaz. O velho, que pusera a jaqueta de pele de cordeiro, continuava alegre, trocista e ágil nos seus movimentos. Na mata as foices apanhavam cortando-os a cada momento, grandes cogumelos enraizados na erva. Assim que dava com algum, o velho abaixava-se, apanhava-o e escondia-o debaixo do jaleco, dizendo: “Aqui está mais um presente para a minha.”

A erva húmida e tenra ceifava-se facilmente; o que custava era subir e descer as encostas íngremes da ravina. Mas o velho não dava por isso. Movendo a gadanha, dava passadas curtas com os seus pés calçados de grandes *laptis,* e subia devagar a rampa. Embora lhe tremesse todo o corpo e lhe escorregassem as calças por debaixo da camisa não deixava perder nem um pé de erva nem uma só vergôntea,

nem um único cogumelo, dizendo as suas graças a Levine e aos moços. Levine atrás dele, cuidava que se não aguentaria nas pernas, ao trepar, com a gadanha nas unhas, uma encosta tão inclinada que seria difícil galgá-la mesmo sem ela. Mas não podia deixar de continuar. Uma força exterior parecia conduzi-lo.

CAPÍTULO VI

Quando acabaram de ceifar o Machkine Vierch, os mujiques vestiram os cafetãs e voltaram alegremente para suas casas. Levine montou a cavalo, e despedindo-se deles com certa tristeza regressou a penates. Quando chegou ao alto do morro, voltou a cabeça. Não se viam os ceifeiros por causa da névoa que ia subindo; apenas se ouviam as suas rudes vozes juvenis, as suas gargalhadas e o retinir das gadanhas.

Sérgio Ivanovitch, que acabara de comer havia pouco, no seu quarto, bebia água com limão e gelo enquanto folheava os jornais e as revistas que acabavam de chegar no correio. Levine, de cabelos emaranhados e colados à testa pelo suor, os ombros tostados e húmidos, entrou correndo e lançando alegres exclamações.

— Ceifámos o campo todo! Foi magnífico, extraordinário! E tu, como passaste tu? — perguntou, completamente esquecido da conversa desagradável da véspera.

— Meus Deus! Que aspecto o teu! — exclamou Sérgio Ivanovitch, que fitava o irmão com desagrado. — Fecha a porta, ao menos. Fecha a porta! — gritou-lhe. — Pelo menos dez moscas já entraram para o quarto.

Sérgio Ivanovitch não podia com as moscas. Mal abria as janelas do quarto à noite, e tinha sempre a porta cautelosamente cerrada.

— Garanto te que não entrou nem uma. E, caso contrário, caçá-las ia Não podes calcular o prazer que me dá esse trabalho. Como passaste o dia?

— Muito bem. Mas será possível que tenhas estado a ceifar todo este tempo? Calculo que deves ter uma fome canina. Kuzma preparou-te o jantar

— Não, não tenho fome. Comi com os homens. O que vou fazer é lavar-me.

— Bom, então vai, vai. Depois irei ter contigo — disse Sérgio Ivanovitch, agitando a cabeça e olhando para o irmão — Anda, vai, vai, não te demores — acrescentou, sorrindo. Guardou os livros e dispôs se a segui-lo. De súbito sentira se alegre e não queria separar se dele — E onde estiveste enquanto choveu?

— Que chuva? Apenas caíram umas gotas de água. Bem, não me demoro, volto já. Então, passaste bem o dia? Magnífico!

Levine foi mudar de roupa. Cinco minutos depois reuniram se os

irmãos na sala de jantar. Embora Levine julgasse que não tinha apetite e se tivesse sentado à mesa apenas para não desgostar Kuzma, a comida soube lhe muitíssimo bem Sérgio Ivanovitch olhava o, sorrindo.

— Ha uma carta para ti — disse — Kuzma, deixa ver a carta, se faz favor. Está lá em baixo. Mas tem cuidado, fecha a porta.

A carta era de Oblonski Levine leu a em voz alta. Vinha datada de Sampetersburgo.

Recebi carta da Dolly, que está em Ierguchovo, e ela diz que tudo ali lhe cone mal. Peço-te que a vás visitar e a ajudes com algum conselho, já que de tudo entendes. Gostará muito de te ler. A pobrezinha sente se muito só. Minha sogra continua ainda no estrangeiro com toda a família.

— Pois bem — disse Levine —, irei visitá-la. Poderíamos ir juntos Dolly é tão simpática, não é verdade?

— Está longe daqui?

— A umas trinta verstas, o máximo quarenta. Mas o caminho é muito bom. Iremos com toda a facilidade.

— Está bem, com prazer — assentiu Sérgio Ivanovitch, sempre sorri dente.

O aspecto do irmão mais novo predispunha o irresistivelmente para a jovialidade.

— Que apetite o teu! — disse, olhando para Levine, que, muito queimado no rosto e no pescoço, queimado e vermelho do sol, se inclinava sobre o prato.

— Excelente! Não calculas como este regime é bom para limpar o cérebro. Estou disposto a enriquecer a medicina com um novo termo

Arbeitskur.

— Ora aí está uma cura de que tu não precisas.

— Não, mas acho que é óptima para combater certas doenças nervosas.

— É uma experiência a tentar. Pensei ir ao campo ver te ceifar, mas fazia tanto calor que tratei logo de me refugiar à sombra das árvores Estive sentado um bom pedaço na mata e depois atravessei o bosque e fui à aldeia, onde encontrei a tua antiga ama. Sondei-a um pouco para saber o que pensavam de ti os aldeões. Se bem entendi, não aprovam o teu novo gênero de trabalho “Não é tarefa para patrões”, disse me ela. Em geral, acho que o critério do povo define muito bem o que deve ser a actividade “dos amos”, como eles dizem. E não admitem que estes saiam fora do marco fixado pelo critério deles.

— Talvez, mas isto dá me uma satisfação tal como ainda não experimentei outra na minha vida. E não tem nada de mal, não é verdade?

— disse Levine — Que havemos de fazer, se eles não gostam?

— Pelo que vejo, o teu dia satisfez te completamente.

— Completamente. Ceifámos o prado todo e travei amizade com um velho muito pitoresco! Não podes calcular que rico tipo ele é.

— Estás então contente? Eu também. Em primeiro lugar resolvi dois problemas de xadrez, um deles muito curioso ataca se com um peão. Hei de mostrar te. E depois estive a pensar na nossa conversa de ontem.

— Quê? Na nossa conversa de ontem? — perguntou Levine, fechando os olhos e de boca aberta, sem se lembrar de que discussão se tratava entregue a mais doce beatitude.

— Acho que em parte tens razão. A nossa discordância resulta do facto de tu considerares o interesse pessoal o objectivo das nossas acções enquanto eu opino que todo o homem que ascende a um certo grau de cultura deve ter por objectivo o interesse geral. Talvez tenhas razão em preferir uma actividade dirigida para um fim utilitário. A tua natureza é demasiado *primesautiere*(Nota 22), como dizem os Franceses, precisas de uma actividade apaixonada ou então nada te agrada.

Levine ouvia o irmão sem o compreender e sem querer compreender absolutamente nada do que ele dizia. A única coisa que receava é que este lhe perguntasse algo a que não soubesse responder, revelando-lhe assim que não estava a tomar atenção ao que ele dizia.

— Não achas que tenho razão, amigo? — disse Sérgio, batendo lhe no ombro.

— Claro que tens Sim, eu não quero insistir na minha opinião — replicou Levine, com um sorriso infantil e uma expressão culposa “Em que diabo falamos nos?”, pensava “O certo é que no fim de contas ambos tínhamos razão Assim é que é Tenho de ir ao escritório dar as minhas ordens.”

Levine levantou-se e espreguiçou-se, sorrindo. Sérgio não queria separar-se do irmão, que irradiava alegria e frescura.

— Bom — propôs ele —, vamos dar uma volta; passaremos pelo escritório, se queres.

— Ai, meu Deus! — exclamou, de súbito, Constantino Levine.

— Que foi? — inquiriu Sérgio, assustado.

— E o braço de Agáfia Mikailovna? — disse Constantino, batendo

na testa. — Tinha-me esquecido dela.

— Está muito melhor.

— Seja como for, vou lá vê-la num pulo. Estarei de volta antes de teres tempo de pôr o chapéu.

E correu escadas abaixo; os tacões das botas pareciam uma matraca nos degraus.

CAPÍTULO VII

Stepane Arkadievitch fora a Sampetersburgo para cumprir uma obrigação tão natural e conhecida de todos os funcionários como incompreensível para os que o não são, um requisito indispensável, sem o qual não se pode trabalhar, e que consiste em cada um fazer-se lembrado do ministro. Uma vez cumprido esse dever, como levava consigo todo o dinheiro que havia em casa, passava o tempo alegre e agradavelmente, assistindo às corridas e visitando os veraneantes. Entretanto Dolly, com os filhos, mudava-se para a aldeia na intenção de restringir quanto possível as despesas. Foi para Ierguchovo, a quinta que recebera em dote, e à qual pertencia a mata que tinham vendido na Primavera. Ficava a umas cinqüenta verstas de Pokrovskoie, a aldeia de Levine.

A velha casa estava em ruínas havia muito e ainda fora o príncipe quem reparara e ampliara o pavilhão. Há uns vinte anos, era Dolly criança, esse pavilhão fora espaçoso e cômodo, embora, como todos os pavilhões, construído de esguelha em relação à avenida principal e voltado para o sul. Mas agora era velho e estava meio em ruínas. Quando na Primavera Oblonski viera à aldeia para vender a mata, Dolly pedira-lhe que inspeccionasse a casa e a mandasse reparar. Stepane Arkadievitch, como todos os maridos que se sentem culpados, preocupava-se muito com as comodidades da esposa. Examinou a casa e mandou consertar o que se lhe afigurou necessário. Em seu parecer havia que forrar de cretone todos os móveis, pôr cortinas, limpar o jardim, construir uma pontezinha ao pé do tanque e plantar flores. Mas esqueceu-se de muitas outras coisas imprescindíveis, falta que veio a constituir para Daria Alexandrovna motivo de tormento.

Apesar de todos os esforços que fazia para ser bom marido e bom pai, Oblonski nunca conseguia lembrar-se de que tinha mulher e filhos. As suas inclinações eram de um homem solteiro e a elas se atinha. Quando regressou a Moscovo, comunicou, orgulhoso, à mulher que tudo ficara resolvido, que a casa parecia um brinquinho e que a aconselhava a ir até lá. A Stepane Arkadievitch era-lhe de grande vantagem, sob todos os aspectos, a partida da esposa: saudável para as crianças, fariam menos despesas e ele estaria mais livre. Daria Alexandrovna considerava, aliás, indispensável esta vilegiatura na aldeia: a saúde dos filhos assim o exigia, especialmente a da menina mais nova, convalescente da escarlatina, e, além disso, saindo de Moscovo ver-se-ia livre das pequenas humilhações provocadas pelas dívidas aos seus fornecedores, o sapateiro, o homem da lenha e o da peixaria, cujas contas a afligiam. Ademais, tinha esperança de atrair

ali sua irmã Kitty, que devia regressar do estrangeiro em meados do Verão, pois lhe tinham sido prescritos banhos frios. Kitty escrevera-lhe das termas dizendo-lhe que nada lhe seria mais grato do que passar o Verão com ela em Ierguchovo, tão cheio de recordações de infância para ambas.

Ao princípio, a vida na aldeia foi muito penosa para Dolly. Vivera ali criança e guardava consigo a ideia de que o campo era um refúgio para todos os desgostos da cidade e que, embora a vida lá não fosse bonita (isso pouco lhe importava), era cômoda e econômica: havia de tudo, tudo era barato e a dois passos, e as crianças sentiam-se felizes. Mas agora, que viera como dona de casa, verificava ser tudo muito diferente do que pensara.

No dia seguinte ao da sua chegada, choveu torrencialmente, repassando os telhados, e a água caiu no corredor e no quarto das crianças, vendo-se obrigada a mudar as camas para o salão. Não havia cozinheira para a criadagem; das nove vacas no estábulo, segundo a vaqueira, umas estavam para ter crias, outras criavam a sua primeira vitela, outras já eram velhas, além de que difíceis de ordenhar. Nem para as crianças havia leite e manteiga suficientes. Ovos faltavam. Não se podia comprar frangos; via-se obrigada a assar galos velhos, de carne escura e cheia de nervos. Não conseguia arranjar mulheres para esfregarem os soalhos, pois todas andavam na apanha da batata. Sair de carro, era-lhe impossível, porque um dos cavalos encabritava-se e arrebentava os varais. Tão-pouco podia tomar banho. Toda a margem do rio estava espezinhada pelo gado, e aliás muito a descoberto. Nem sequer podiam passear, visto a cerca do jardim, mal cuidada, deixar a entrada livre ao gado e haver na manada um touro bravo que mugia e provavelmente marrava. Os armários para a roupa eram poucos e os que existiam não fechavam bem. Bastava passar junto deles para as portas se abrirem. Faltavam panelas e caçarolas; no lavadouro não havia caldeiros e nem sequer havia tábua de engomar.

Em vez de encontrar descanso e tranqüilidade na aldeia, Daria Alexandrovna principiou por uma crise de desespero. Aquelas pequenas contrariedades assumiam a seus olhos proporções de catástrofe; incapaz de as remediar, apesar de tudo fazer para isso, via a situação irremediável e dificilmente conseguia reter as lágrimas para que a não vissem chorar. O encarregado da propriedade era um ex-sargento de cavalaria que principiara por consagrar os ócios da sua reforma às funções mais modestas de guarda-portão. Entusiasmado com o seu bom aspecto e as suas atitudes deferentes, Stepane Arkadievitch promovera-o, todavia, a encarregado. As dificuldades de Daria Alexandrovna deixavam-no indiferente. “Que quer, minha senhora”, dizia no seu modo mais respeitoso, “com tão má gente não

se pode fazer nada!" E nada fazia!

A situação parecia insolúvel. Mas em casa dos Oblonski, como em todas as famílias, existia uma personagem insignificante e no entanto importantíssima e muito útil: Matriona Filimonovna. A boa da mulher sossegava a patroa dizendo-lhe que tudo "se arrumaria" (a expressão era bem sua e Matvei apropriara-se dela) e agia sem precipitar-se nem alterar-se.

Imediatamente se relacionou com a mulher do encarregado e nesse mesmo dia tomava chá no jardim com ela e o marido, debaixo das acácias, tratando com eles de todos os assuntos. Em breve, e debaixo das acácias também, se organizava o clube de Matriona Filimonovna, constituído pela mulher do encarregado, o *starosta*(Nota 23) e o escriturário da casa. Pouco a pouco todas as dificuldades da vida começaram a solucionar-se, e no fim de uma semana, com efeito, tudo estava "arrumado". O telhado reparou-se, arranjou-se uma cozinheira, comadre do *starosta,* compraram-se galinhas, as vacas principiaram a dar leite, a cerca do jardim foi arranjada com traves de madeira, puseram-se fechos nos armários, que já se não abriam por si, e a tábua de engomar, forrada com o pano de um velho uniforme militar, assentou-se no braço de uma poltrona e numa cômoda, e não tardou que em casa cheirasse a ferros quentes.

— Como vê — disse Matriona Filimonovna, apontando para a tábua de engomar — não havia motivo para tão grandes aflições!

Arranjaram também um banheiro de palha. Lili principiou a tomar os seus banhos e, embora apenas em parte, realizaram-se, de facto, os desejos de Daria Alexandrovna, que queria levar uma vida, senão tranqüila, pelo menos cômoda e ao gosto rural. Na verdade, Daria Alexandrovna nunca tinha sossego com os seus seis filhos: um adoecia, o outro corria o mesmo risco, este queria isto ou aquilo, aqueloutro dava indícios de mau carácter, etc. Lá de longe em longe vinham períodos de tranqüilidade. No entanto essas preocupações e dificuldades eram a única felicidade possível de Daria Alexandrovna. Sem isso, ficaria sozinha com os seus pensamentos sobre o marido, pois já lhe não tinha amor. Mas, por outro lado, apesar do penoso que era o receio em que vivia de que as crianças adoecessem, do que sofria com as doenças delas e da mágoa de verificar as suas más inclinações, tudo isso era largamente compensado pelas alegrias que as crianças lhe davam. É certo que essas alegrias eram tão minúsculas e invisíveis, como o ouro no meio da areia, e Dolly diante de si só via um areal. De quando em quando lá vinham, porém, minutos bons, e então só via a alegria, o ouro.

Agora, na solidão da aldeia, cada vez atentava mais nessas alegrias.

Muitas vezes, olhando para os filhos, fazia os maiores esforços para se convencer de que se enganava e de que, como mãe, era parcial para com eles; mas, ainda que assim fosse, não podia deixar de crer que eram soberbos todos os seis, e cada um com o seu feitio, realmente excepcionais. E sentia-se feliz e orgulhava-se deles.

CAPÍTULO VIII

Em fins de Maio, quando já tudo estava mais ou menos remediado, Daria Alexandrovna recebeu a resposta do marido às queixas que lhe fizera sobre o estado em que encontrara a casa. Oblonski pedia-lhe perdão por não ter pensado em tudo e prometia-lhe ir à aldeia na primeira oportunidade. Mas essa oportunidade não chegou e Dolly viveu só até princípios de Junho.

Um domingo, durante um jejum que precede São Pedro, Daria Alexandrovna levou consigo à missa todos os seus filhos, para que comungassem.

Nas suas conversas íntimas e filosóficas com a mãe, com a irmã e com as amigas, Dolly surpreendia toda a gente. Viam nela uma livre-pensadora. Tinha uma religião própria, que a fazia acreditar firmemente na metempsicose, preocupando-se pouco com os dogmas da Igreja. Mas na vida familiar — não só para exemplo, mas com toda a sua alma — cumpria os mandamentos da Igreja e o facto de os filhos terem passado o ano sem comungar preocupava-a muito. Com o pleno apoio e a aprovação de Matriona Filimonovna, resolveu que comungassem naquele Verão.

A preparação dos vestidos durou alguns dias. Cosera, transformara e lavara as roupinhas das crianças, desfizera as bainhas, pregara botões, arranjara os cintos. O vestido da Tânia, de que se encarregou a inglesa, deu muitos desgostos a Daria Alexandrovna. A inglesa enganou-se nas medidas, fez as cavas grandes de mais e estragou o vestido. Tinha os ombros tão estreitos, que fazia pena olhar para Tânia. Mas Matriona Filimonovna resolveu pôr-lhe uns bocados, para o alargar, escondendo-os debaixo da gola. Assim se arranjaram as coisas, mas houve zanga com a inglesa. No domingo, pela manhã, tudo estava pronto, e um pouco antes das nove — para apanhar o pároco da aldeia logo depois da missa — as crianças, todas enfeitadas e radiantes de alegria, esperavam a mãe diante do carro parado em frente do alpendre da casa.

Graças à influência de Matriona Filimonovna, tinham atrelado o Burel, o cavalo do encarregado, em vez do impetuoso Voron Daria Alexandrovna, que pusera nesse dia cuidados especiais no seu trajar, apareceu vestida de musselina branca.

Vestira-se e penteara-se com esmero e interesse. Antigamente fazia o para si mesma, para estar bonita e agradar, depois, à medida que os anos passavam, arranjava-se com menos prazer, vendo que perdia a beleza, mas agora arranjara-se de novo com gosto e emoção. Não o

fizera por si nem pela sua própria graça, mas para não estragar o conjunto das encantadoras crianças. Depois de se mirar uma vez mais ao espelho, pareceu satisfeita consigo mesma. Estava muito bonita, não tanto como desejava quando ia aos bailes, mas o bastante para o fim que se propusera.

Na igreja não havia mais ninguém além dos mujiques, da criadagem e das mulheres. Mas Daria Alexandrovna via ou julgava ver a admiração que despertavam tanto ela como os filhos. As crianças não só estavam encantadoras nos seus bonitos vestidos, mas também simpáticas, tão sossegadas se mostravam. É certo que Aliocha não se comportava com a correcção devida a cada passo voltava a cabeça para admirar o seu casaquinho que queria ver pelas costas. Mas que gracioso estava! Tânia, séria como uma pessoa adulta, vigiava os irmãozinhos mais novos. Quanto à Lili, a mais pequenina, era adorável na ingênua admiração com que olhava para tudo. Não pôde deixar de provocar o riso quando, depois de receber a comunhão, disse ao padre. *Please, some more*(Nota 24).

No regresso, as crianças sentiam que acontecera qualquer coisa de solene e permaneciam muito quietas.

O mesmo aconteceu em casa, mas, ao pequeno almoço, Gricha começou a assobiar, e, coisa pior ainda, desobedeceu à inglesa, que lhe deu como castigo não comer doce. Daria Alexandrovna não teria consentido que o castigassem num dia daqueles, se tivesse estado presente ao pequeno almoço, mas era preciso corroborar as ordens da inglesa e manter o castigo. Este incidente veio nublar um tanto a alegria geral.

Gricha chorava, dizendo que também Nikolienka assobiara e não fora castigada, que, se chorava, não era por ter ficado sem doce, isso para ele era o mesmo, mas porque tinham sido injustos para com ele. Uma cena muito triste Daria Alexandrovna decidiu pedir à inglesa que perdoasse a Gricha, e foi buscá-la. Mas, ao passar pela sala, uma cena lhe encheu o coração de alegria, e as lágrimas vieram lhe aos olhos, perdoando por si mesma ao delinqüente.

Gricha estava sentado no parapeito da janela e a seu lado Tânia tinha um prato na mão. A pretexto de fazer um jantarzinho para as bonecas, esta pedira à inglesa que a deixasse levar a ração de doce para o quarto dos brinquedos. Mas, em vez de assim fazer, levara a ao irmão. A chorar ainda por causa da injustiça do castigo, Gricha comia o doce, enquanto repetia entre soluços “Come tu também. Comamos juntos.” Comovida, de princípio, graças à pena que lhe despertava a situação do irmão, depois mercê da consciência da boa acção que praticava, Tânia, também com as lágrimas nos olhos, nem por isso

deixava de comer o seu quinhão.

Ao verem a mãe, as crianças assustaram se, mas logo sossegaram assim que olharam para ela e desataram a rir. Tinham a boca lambuzada de doce e procuravam limpar com as mãos os lábios risonhos, pois riam através das lagrimas.

— Deus do Céu, Tânia, o teu vestido branco! Gricha, então? — exclamou a mãe, procurando salvar os vestidos novos, enquanto sorria, de lagrimas nos olhos também. Despiram-lhes os trajos novos, enfiaram bibes às meninas e roupas velhas aos rapazes. Daria Alexandrovna mandou então atrelar o carro (de novo, com grandes desgosto do encarregado meteram aos varais o cavalo Butei) para irem apanhar cogumelos e banharem se no rio Grande alando de entusiasmo acolheu a notícia, que não mais cessou ate ao momento da partida.

Apanharam uma cesta de cogumelos, e até Lili encontrou um Antigamente era Miss Hull quem os encontrava para ela apanhar depois, mas desta vez foi ela sozinha quem se desembaraçou, e houve gritaria geral “A Lili encontrou um cogumelo!” Depois foram para o rio. Deixaram os cavalos à sombra dos álamos e dirigiram se à casita dos banhos Terêncio, o cocheiro, atou os cavalos a uma árvore, deixando que eles caçassem as moscas do rabo à sua vontade, e, estendendo se a sombra, pôs se a fumar tranqüilamente o seu cachimbo, enquanto ouvia os gritos joviais que as crianças soltavam na casita do banho. Embora fosse muito penoso vigiar as crianças, evitando que elas fizessem travessuras, e difícil distinguir, naquela colecção de peúgas, sapatos, calções, o que pertencia a cada uma, desatando e abotoando para depois tornar a atar e a abotoar todos aqueles laços, fitas e colchetes, Daria

Alexandrovna, que sempre gostara de banhos frios e os considerava muito saudáveis para as crianças, apreciava aqueles mergulhos em família Mergulhar na água aqueles querubins, vê-los resfolegar, salpicarem se uns aos outros, admirar lhes os grandes olhos risonhos ou assustados, ouvir-lhes os gritos, medrosos agora, logo alegres, acariciar, ao vesti-los, aqueles pèzinhos rechonchudos, que grande satisfação para ela!

Estavam os meninos quase vestidos quando um bando de camponeses endomingados, que vinha de apanhar eufórbio e angélica, passou diante da casa dos banhos e parou, não sem que homens e mulheres se mostrassem um pouco tímidos Matriona Filimonovna chamou uma das camponesas para que pusesse a secar uma toalha e uma camisa que tinham caído à água, e Daria Alexandrovna pôs-se a falar com aquela gente. As mulheres principiaram por esconder o riso

sem compreenderem lá muito bem o que ela lhes perguntava, mas pouco a pouco tornaram-se mais afoitas, conquistando o coração da mãe, enlevadas que estavam diante das crianças.

— Que linda! É branca como o açúcar! — disse uma delas, mirando Tânia, extasiada — Mas é magrinha — acrescentou, abanando a cabeça.

— É que esteve doente.

— E este, este também tomou banho? — perguntou outra, apontando para o mais novinho.

— Ah, não, só tem três meses — respondeu, cheia de orgulho, Daria Alexandrovna.

— Realmente?

— E tu, tens filhos também?

— Tive quatro, restam me dois, um menino e uma menina. A menina já a desmamei.

— Que idade tem ela?

— Vai nos dois anos.

— Por que a amamentaste tanto tempo?

— É costume nosso, têm de passar três Quaresmas.

Daria Alexandrovna, que gostava da conversa, fez-lhes mais algumas perguntas. O parto tinha sido difícil? Que doenças tinham tido as crianças? Onde vivia o marido? Vinha a casa muitas vezes?

Não lhe apetecia separar-se daquelas mulheres, tão agradável lhe era a conversa com elas, pois tinham afinal os mesmos interesses. O que acima de tudo a envaidecia, porém, era a admiração que nelas causavam os seus filhos tão bonitos.

Umas das mulheres mais novas devorava com os olhos a inglesa, a última a vestir-se, que ia enfiando saia sobre saia. Quando a viu enfiar a terceira, não pôde conter uma exclamação.

— Olhem! Nunca mais acaba de vestir saias! E todas elas romperam a rir.

CAPÍTULO IX

Rodeada das crianças que ainda tinham as cabeças molhadas depois do banho, Daria Alexandrovna, com um lenço atado no cabelo, aproximava-se já de casa quando o cocheiro exclamou.

— Vem ali um senhor. Parece-me que é o patrão de Pokrovskoie. Efectivamente Dolly reconheceu a figura de Levine, tão sua conhecida, de paletó cinzento e chapéu da mesma cor. Via-o sempre com grande prazer, mas naquela altura era maior ainda a satisfação que sentia, por se lhe poder apresentar rodeada do que constituía a sua maior glória e ninguém melhor do que ele para compreender semelhante triunfo. Ao vê-la, Levine julgou se diante de um dos quadros com que costumava sonhar, sempre que pensava na felicidade conjugal.

— Daria Alexandrovna, a senhora parece uma galinha rodeada dos seus pintainhos.

— Que grande satisfação tenho em vê-lo — disse lhe ela, estendendo-lhe a mão.

— Está satisfeita em ver me, mas não me mandou dizer que estava aqui. Foi o Stiva que mo disse.

— O Stiva? — inquiriu Dolly muito surpreendida.

— Sim, escreveu me a dizer que estava na aldeia e que eu talvez lhe pudesse ser útil.

Sentiu se perturbado ao pronunciar estas palavras e, calando se, continuou a caminhar ao lado do carro, arrancando folhas das tílias, que mordiscava nervosamente. Viera-lhe ao espírito que Daria Alexandrovna acharia penoso que um estranho lhe oferecesse o auxílio que ela deveria encontrar no marido. Na verdade, Dolly não se agradou daquela ideia de Stiva, de remeter para terceiros encargos que só a ele diziam respeito Imediatamente percebeu que Levine a compreendia. Este tacto, esta delicadeza, eis o que ela antes de mais nada apreciava nele.

— Como é natural, Stiva queria dar me a entender que a minha visita lhe seria agradável. Como vê, estou encantado. De resto, calculo que uma dona de casa, habituada ao conforto das grandes cidades, se sinta aqui um poucochinho deslocada. Se lhe puder ser útil em alguma coisa, disponha de mim, peço-lhe.

— Oh, não! — replicou Dolly — Realmente, ao princípio, tive as rainhas dificuldades, mas agora tudo caminha às mil maravilhas graças à minha velha criada — acrescentou, apontando Matriona

Filimonovna, que, percebendo que falavam dela, sorriu para Levine, cheia de contentamento. Conhecia-o, sabia que era um bom partido para “a menina” e muito desejava que as coisas se arranjassem.

— Suba para o carro — disse lhe ela — Nós apertamo-nos um pouco.

— Muito obrigado, prefiro acompanhá-las a pé. Meninos, quem quer vir comigo para ver quem chega primeiro que os cavalos?

As crianças conheciam muito mal Levine, não se lembravam de quando o teriam visto, mas não se mostravam nem tímidas nem receosas com ele, sentimentos tão vulgares nas crianças diante dos adultos que se fingem à vontade com elas, sentimentos que em geral tantos castigos e reprimendas lhes custam. A hipocrisia é capaz de iludir o mais inteligente dos homens, mas a criança de mais limitada inteligência logo a descobre e por ela sente repulsa, por mais hábil que seja a simulação. Quaisquer que fossem os defeitos de Levine, era incapaz de fingir em circunstância alguma, e por isso mesmo as crianças desde logo lhe mostraram aquela simpatia que leram no rosto da mãe. Os dois mais velhos aceitaram o convite, saltaram do carro e correram ao lado dele com a mesma naturalidade com que o teriam feito com a criada, com Miss Hull ou com a mãe Lili também quis ir, a mãe entregou-a a Levine, e este, encavalitando a aos ombros, pôs se a correr com ela.

— Não tenha medo, não tenha medo, Daria Alexandrovna. Não a deixarei cair, fique descansada — dizia ele, sorrindo jovialmente.

Ao ver como ele era destro, prudente e ponderado nos seus movi mentos, Dolly sentiu se desde logo tranqüilizada e respondeu-lhe com um sorriso de confiança.

A familiaridade própria da aldeia, a presença das crianças, a companhia daquela mulher por quem ele sentia verdadeira afeição e que, de resto, gostava de o ver assim alegre, coisa que tantas vezes lhe acontecia, tudo concorria para despertar nele uma jovialidade quase infantil. Enquanto corria com os pequenos, ia lhes ensinando certos princípios de ginástica, fazia rir Miss Hull com o seu mascavado inglês e contava a Daria Alexandrovna o que fazia na aldeia. Depois de jantar,

Daria Alexandrovna, que ficara sozinha com Levine na varanda, principiou a falar de Kitty.

— Sabe que a Kitty vem passar o Verão comigo?

— Sim! — replicou Levine, corando, e imediatamente mudou de conversa, dizendo — Então mando lhe as vacas? Se teima em falar em dinheiro, aceito cinco rublos por mês, se não acha muito caro.

— Não, muito obrigada. Já nos remediámos.

— Então, vou ver as suas vacas e, se me dá licença, darei instruções sobre a maneira como devem alimentá-las. Tudo depende do que se lhes da a comer.

Para desviar a conversa, Levine explicou a Daria Alexandrovna a sua teoria pecuária, segundo a qual a vaca não era uma máquina de transformar a forragem em leite, etc.

E falava para não ouvir falar de Kitty de quem tanto desejaria ouvir falar. É que receava pôr fim a uma tranqüilidade com tanto esforço conseguida.

— Sim, sim, mas alguém tem de cuidar de tudo isso E quem? — observou Daria Alexandrovna com angústia.

Matriona Filimonovna resolvera todos aqueles problemas e Dolly não desejava mexer em nada. Além disso não acreditava nos conhecimentos de Levine sobre economia rural. As considerações dele a respeito das vacas, dizendo que elas não eram maquinas produtoras de leite, pareceram-lhe estranhas. Era de opinião que tais ideiais só podiam criar dificuldades. Via tudo isso de maneira muito mais simples era preciso, segundo lhe explicara Matriona Filimonovna, dar feno à Piestrucha e à Btalopachaia, dar lhes mais água a beber e evitar que o cozinheiro roubasse a lavagem da cozinha para a vaca que a lavadeira criava. Era claro como água. Em compensação as considerações sobre se o feno devia ser desta ou daquela espécie, pareciam lhe duvidosas e pouco claras Dolly apenas queria falar da irmã.

CAPÍTULO X

— Kitty diz me numa carta que só quer solidão e paz — principiou Dolly, depois de um silêncio.

— Está melhor de saúde? — perguntou Levine, perturbado.

— Graças a Deus, restabeleceu se por completo. Nunca acreditei que estivesse doente dos pulmões.

— Ah, da me isso muita satisfação — disse Levine, e Dolly viu qualquer coisa de comovedor na expressão dele ao pronunciar aquelas palavras, de olhos fitos nela.

— Diga me, Constantino Dimitrievitch, por que está zangado com a Kitty? — perguntou Daria Alexandrovna, sorrindo, bondosa, embora com uma ligeira ironia.

— Eu? Não estou zangado.

— Está, sim. Por que não foi nem a minha casa nem a casa dos meus pais quando esteve em Moscovo?

— Daria Alexandrovna, surpreende me que, sendo tão boa pessoa, não tenha compreendido — disse Levine, e corou até à raiz dos cabelos — Como é que não tem pena de num, sabendo?

— Sabendo o quê?

— Que me declarei a Kitty e que ela me não quis — disse Levine, e toda a ternura que havia momentos sentia por Kitty se desvaneceu perante a lembrança da injúria recebida.

— Por que é que supõe que eu o sabia?

— Porque todos sabem.

— Está enganado —; ignorava-o, embora desconfiasse disso.

— Pois agora fica sabendo.

— Calculava que se tivesse passado alguma coisa, cuja recordação atormentava Kitty, mas ela pedira-me que não a interrogasse a esse respeito. Ora, se ela me não confiou nada a mim, pode estar certo de que a mais ninguém o disse. Mas que houve, realmente, entre vós?

— Já lhe disse tudo.

— E quando se deu isso?

— Quando da minha última visita a seus pais.

— Sabe o que lhe vou dizer? — volveu-lhe Dolly. — Tenho muita, muita pena dela. É só no seu amor-próprio que você sofre.

— Talvez — disse ele —, mas... Dolly interrompeu-o.

— Mas ela, sim, ela faz-me muita pena. Agora compreendo tudo.

— Perdoe-me, mas tenho de me ir, Daria Alexandrovna — exclamou Levine, erguendo-se. — Adeus.

— Não se vá, espere — disse Daria Alexandrovna, segurando-lhe a mão. — Sente-se. Fique mais um pouco.

— Peco-lhe, não falemos mais nisso — suplicou Levine, sentando-se, e no seu coração principiava a renascer a esperança que supunha morta para sempre.

— Se eu não tivesse afeição por si — disse Dolly, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas —, se o não conhecesse como conheço.

O sentimento que supunha morto, cada vez se apoderava mais do coração de Levine.

— Sim, agora percebi tudo — continuou Daria Alexandrovna. — Não pode compreender. Vocês, homens, podem escolher livremente, e por isso sabem sempre com clareza a quem amam. Mas uma mulher, obrigada a esperar, com o pudor a que o sexo a obriga, vê os homens sempre de longe e a todos toma por ouro de lei. Nestas circunstâncias, creia, muitas vezes pode experimentar um sentimento que não sabe explicar.

— Sim, desde que o coração não fale...

— Mesmo que o coração fale. Ora veja bem: Vocês, homens, quando se interessam por uma rapariga, freqüentam-lhe a casa, convivem com ela, observam-na e esperam até poderem verificar se há nela aquilo que lhes agrada, e só quando bem cientes de tudo se lhe declaram...

— Não é exactamente assim.

— Seja como for, vocês declaram-se quando o amor já amadureceu ou quando a balança se inclina para uma das duas pessoas entre as quais têm de escolher. E à rapariga nada se lhe pergunta. Querem que escolha, mas ela não pode, e apenas tem que responder “sim” ou “não”.

“Isto significa a escolha entre Vronski e a minha pessoa”, pensou Levine. E o que renascia na sua alma pareceu morrer de novo, atormentando-lhe penosamente o coração.

— Daria Alexandrovna — disse —, assim se escolhem os vestidos ou qualquer outra coisa, mas não o amor. A escolha está feita, tanto melhor... Estas coisas não se recomeçam.

— Oh, que amor-próprio, que orgulho! — exclamou Daria Alexandrovna, como se esse baixo sentimento nada valesse ao pé desse

outro que só as mulheres conhecem. — Quando se declarou a Kitty, achava-se ela precisamente numa dessas situações em que não podia responder. Havia nela uma dúvida. Não sabia qual preferir entre os dois; entre você e Vronski. A ele, via-o todos os dias, enquanto que a si, raramente. Claro que se ela fosse mais velha... Eu, por exemplo, não teria hesitado. Essa criatura foi-me sempre antipática.

Levine lembrou-se da resposta de Kitty: "É impossível... Perdoe-me."

— Daria Alexandrovna — disse secamente —, aprecio muito a confiança que em mim deposita, mas creio que está em erro. Com razão ou sem ela, este orgulho que tanto parece detestar faz que me seja impossível pensar em Catarina Alexandrovna... completamente impossível, compreende?

— Apenas lhe quero dizer mais uma coisa: lembre-se de que lhe falo de uma irmã a quem quero tanto como a meus próprios filhos. Não pretendo dizer-lhe que ela goste de si, que o ame. Apenas lhe posso garantir que a negativa de então nada significa.

— Não sei! — disse Levine, erguendo-se de chofre. — Ah, se soubesse o mal que me está a fazer! É como se tivesse perdido um filho e me viessem dizer: "Aqui tem como ele seria, como ele poderia ter sido. Mas está morto, morto!"

— Que pessoa estranha que é! — disse Daria Alexandrovna, considerando com melancólica ironia a exaltação de Levine. — Sim, agora cada vez compreendo tudo melhor — prosseguiu, pensativa.— Diga-me: não virá visitar-nos quando a Kitty vier?

— Não. Claro está que não evitarei Catarina Alexandrovna, mas farei o possível para lhe poupar o desgosto da minha presença.

— Com franqueza, você é uma criatura original — repetiu Daria Alexandrovna, fixando enternecida o rosto de Levine. — Pois bem, faça de conta que não falámos em coisa alguma. Que queres, Tânia? — perguntou em francês à menina que acabava de entrar.

— Onde está a minha bola, mãezinha?

— Estou a falar-te em francês, quero que me respondas da mesma maneira.

A criança queria fazê-lo, mas esquecera-se como se dizia "bola" nessa língua. A mãe ajudando-a, e sempre em francês, explicou-lhe onde tinha de ir buscá-la. Este incidente agravou a má disposição de Levine.

Agora tudo lhe parecia menos agradável em casa de Daria Alexandrovna que momentos antes, até mesmo as próprias crianças.

"Para quê falar em francês com os filhos?", pensou "Isto é pouco

natural, é falso, e as crianças percebem-no. Ensiná-las a falar francês é privá-las dos hábitos de sinceridade", prosseguiu nas suas reflexões, sem saber que Daria Alexandrovna muitas vezes pensara o mesmo, embora chegasse à conclusão de que assim teria de educar os filhos, mesmo à custa da quebra da sinceridade deles.

— Mas não se vá já embora, fique mais um bocadinho. Levine ficou para o chá, mas a fugaz alegria desvanecera se, sentia, mesmo, um certo mal estar.

Findo o chá, Levine veio até ao vestíbulo dizer que engatassem os cavalos e quando voltou à sala foi encontrar Daria Alexandrovna muito perturbada, o rosto descomposto e os olhos cheios de lágrimas. Qualquer coisa acontecera que deitara a perder a felicidade e o orgulho que aquele dia proporcionara a Dolly. Gricha e Tânia tinham brigado por causa da bola Ao ouvi-los gritar, Daria Alexandrovna correu para eles e deparou se lhe um lamentável espectáculo. Tânia puxava os cabelos de Gricha e este, com o rosto contraído pela ira dava socos na irmã, a torto e a direito. Dir-se-ia que qualquer coisa se quebrava no coração de Dolly. Foi como se as trevas baixassem sobre a sua vida compreendeu que os filhos, de quem estava tão orgulhosa, não só eram crianças como todas as outras, mas até mas, mal educados e de tendências brutais, cruéis e grosseiras.

Dolly não podia pensar nem falar de outra coisa e quase não sabia como contar a Levine a sua desdita.

Levine compreendeu que Dolly sofria e procurou consolá-la, dizendo-lhe que aquilo não queria dizer nada, que todas as crianças brigavam umas com as outras. Mas, ao dizê-lo, pensava "Não, eu não ensinaria atitudes fingidas nem falaria francês com os meus filhos, os meus filhos não serão assim. O que é preciso é não os estragar, não os corromper. Então são encantadores. Não há dúvida, os meus filhos não serão assim."

Levine despediu se e partiu sem que Dolly o detivesse.

CAPÍTULO XI

Em meados de Julho apresentou se em casa de Levine o *starosta* da aldeia do irmão, que ficava a umas vinte verstas de Pokrovskoie para lhe falar na ceifa e nos demais assuntos. O principal rendimento da propriedade do irmão era extraído dos prados nas imediações do rio. Nos anos anteriores esses prados arrendavam se aos mujiques à razão de vinte rublos a *desiatina*. Mas quando Levine tomou conta da administração da quinta, examinou os prados e, assentando em que valiam mais, fixou o preço à razão de vinte e cinco a *desiatina*. Os mujiques não pagaram esse preço e, como Levine suspeitava, trataram de desencorajar outros arrendatários. Então Levine apresentou se em pessoa e determinou que se fizesse a ceifa com jornaleiros contratados, que cobrariam a jornada e parte do que ceifassem. Embora a gente do lugar se opusesse com toda a energia a esta solução, as coisas caminharam bem e nesse ano tinha se tirado desses prados quase o dobro da produção anterior. Nos dois anos imediatos continuou a oposição dos mujiques, mas a ceifa foi levada a cabo do mesmo modo. No presente ano os aldeões haviam arrendado todos os prados, propondo os seus serviços por um terço da colheita. O *starosta* vinha comunicar a Levine que a ceifa estava pronta e que ele, receoso de que chovesse chamara o encarregado, procedendo à divisão na sua presença, tendo separado já as onze medas que pertenciam aos patrões. Pelas respostas vagas à pergunta que lhe fez sobre a quantidade de feno que havia no prado grande, pela pressa que o *starosta* pôs na repartição da ceifa sem ter recebido ordens para isso, bem como pelo tom geral da sua conversa, Levine percebeu que as coisas não eram claras e resolveu verificar pessoalmente o que se passava.

Chegou à aldeia à hora de jantar, e depois de deixar o cavalo em casa de um velho amigo, o marido da ama do irmão, entrou no colmeal para obter informações sobre a partilha da ceifa. Parmenitch, um bom velho de língua fácil, acolheu o com alegria, mostrando lhe a sua casa, contou lhe coisas acerca das abelhas e do enxameamento daquela ano, embora não respondesse às perguntas de Levine sobre a ceifa senão muito vagamente e de má vontade. Esta atitude embaraçosa confirmou Levine nas suas suspeitas. Foi ao prado e examinou as medas. Não podia haver em cada uma delas cinqüenta carradas de feno, e, para desmascarar os camponeses, ordenou que trouxessem os carros que haviam transportado o feno, e que levassem para o palheiro todo o feno de uma das medis. Mediram-se trinta e dois carros apenas. Apesar das afirmações do *starosta* de que o feno

estava muito inchado, que nos carros estava acamado, e dos juramentos que fazia, dizendo que tudo se obrara como Deus manda, Levine manteve se na sua, sustentando que haviam repartido o feno sem que ele tivesse dado essa ordem e que não o aceitaria senão a razão de cinqüenta carradas por medo. Depois de grandes disputas, concordaram em que os mujiques ficariam com aquelas onze medas, de cinqüenta carros cada uma, e que se separasse de novo a parte dos patrões. Estas quezílias e a repartição do feno prolongaram se até meia tarde. Quando tudo estava repartido, Levine, confiando o que faltava fazer à vigilância do encarregado, sentou se num monte de feno e contemplou, encantado, o campo onde o trabalho dos camponeses estava em franco apogeu.

Diante dele, no cotovelo que o rio ali fazia, mais para além do lodaçal, avançava uma garrida fila de mulheres, cujas alegres vozes subiam no ar, e o feno esparso erguia-se rapidamente, formando cinzentos montes ondulantes por cima do restolho verde-claro. Atrás delas vinham homens com forquilhas e os montes de feno iam-se transformando em cheias e altas pilhas. A esquerda, pelo prado já limpo, ouvia-se o ruído dos carros, onde, uns atrás dos outros, desapareciam esses montes, agora pesadas cargas de oloroso feno a transbordar para cima da garupa dos cavalos.

— Temos de o recolher enquanto faz bom tempo. Vamos ter um lindo feno! — disse o velho, sentando-se junto de Levine. — Nem parece feno, parece chá. Os moços recolhem-no como os pássaros quando se lhes atira grão! — acrescentou apontando para os montes que cresciam. — Do jantar para cá já levaram pelo menos metade. É o último? — gritou a um rapaz que ia de pé num dos carros que passavam diante deles, as pontas das hastes do cânhamo baloiçando.

— É o último, paizinho — respondeu o rapaz, detendo o cavalo. E depois de trocar um sorriso com uma mulher rosada, muito risonha também, sentada na traseira do carro, tocou o cavalo.

— Quem é este? É teu filho? — perguntou Levine.

— O mais novo — respondeu o velho com um sorriso brando.

— Que belo rapaz!

— Não é mau!

— Já está casado?

— Sim, senhor. Faz dois anos na véspera de São Filipe.

— Tem filhos?

— Filhos! Levou um ano sem dar-se conta de nada, e até troçávamos dele — replicou o velho. — Que belo feno! Realmente, parece chá! —

repetiu, procurando mudar de conversa.

Levine examinou atentamente Ivan Parmenov e a mulher, que não longe dali carregavam o carro. De pé na carroça, Ivan recebia, acamava, arrumava enormes braçadas de feno, que ela, bonita e jovem, lhe atirava, ora em braçadas, ora na ponta da forquilha. Trabalhavam sem esforço, ágeis e alegres. Era difícil apanhar o feno com a forquilha. A mulher afastava-o primeiro, depois metia-lhe a alfaia e, com um movimento rápido e vigoroso, carregava-lhe com todo o peso do corpo; em seguida, erguia-se e mostrando o forte peito abaulado por debaixo da blusa branca com uma cinta vermelha, levantava a forquilha com as duas mãos e jogava a carga para a carroça. Ivan, sem dúvida no desejo de a poupar, apanhava, os braços ligeiramente afastados, o feno que ela lhe atirava e espalhava-o pelo carro. Depois de juntar o feno miúdo com o auxílio de um ancinho, a moçoila sacudiu as palhas que lhe tinham entrado para o pescoço, ajeitou o lenço vermelho que lhe escorregava para a testa branca, não tisnada pelo sol, e meteu-se debaixo do carro a atar a carga.

Ivan mostrou-lhe como devia amarrar a espia e a um dito da mulher desatou a rir às gargalhadas. No rosto de ambos pintava-se um amor intenso e juvenil, ali mesmo avivado.

CAPÍTULO XII

Amarraram a carga, Ivan saltou do carro e, pegando pela arreata do cavalo, sólido animal, dirigiu-se para a estrada, onde alinhou atrás dos outros. Depois de atirar o ancinho para dentro do carro, a mulher dirigiu-se, em passo decidido e agitando os braços, para junto das camponesas reunidas no caminho. Atrás dos carros seguiam as mulheres com os ancinhos ao ombro, radiantes nos seus vestidos garridos, falando alto e alegremente. Uma das mulheres, de voz tosca e bravia, entoou uma canção que cinqüenta outras vozes, graves e agudas, acompanharam na altura do coro.

Quando se aproximaram as cantadeiras, Levine, deitado em cima da meda, julgou ver cair sobre ele uma alegre nuvem carregada de trovões. As medas, os carros, os prados, os campos distantes, tudo se lhe afigurou embalado ao ritmo dessa canção louca, acompanhada de assobios e de gritos estridentes. Essa alegria sã, essa bela alegria de viver causou-lhe inveja, pois ele nada podia fazer e tinha de limitar-se a continuar ali deitado, contemplando e escutando. Quando os camponeses desapareceram no horizonte e deixou de ouvi-los, tomou-o um sentimento de tristeza motivado pela solidão em que vivia, o ócio físico em que estava e a posição hostil que tinha para com o mundo.

Alguns dos camponeses que haviam discutido com ele por causa do feno, tanto os com quem fora injusto como os que tinham procurado enganá-lo, cumprimentavam-no, alegres. Sem dúvida não sentiam nem podiam sentir rancor algum, nem tão-pouco arrependimento, pois não se lembravam sequer do que acontecera. Tudo se afundara no mar alegre do trabalho em comum. Deus dá o dia e também as forças; o dia e as forças são consagrados ao trabalho, e é essa toda a recompensa. Para quem é o trabalho? Quais os seus frutos? Eis reflexões secundárias e insignificantes.

Muitas vezes Levine admirava aquela vida e sentia inveja da gente que a levava, mas naquela dia, depois de ter visto como Ivan tratava a mulher, pela primeira vez se dava conta de que dependia dele próprio mudar a sua penosa vida individual, artificial e ociosa, por essa outra vida pura de trabalho alegre e comum. O velho que estivera com ele já se fora, todos os camponeses se dispersaram. Os que viviam perto tinham ido para casa e os que moravam longe reuniam se para cear e pernoitar no campo. Levine, em quem ninguém reparava, continuava na meda, olhando, escutando e pensando. Os camponeses que ficaram no campo levaram acordados quase toda aquela curta noite estival. Ao princípio durante a ceia, ouviram se risos e conversas alegres, depois

cantou se. O largo dia de trabalho só deixara alegria naquela gente Pouco antes do amanhecer ficaram em silêncio. Apenas se ouviam os ruídos nocturnos o incessante coaxar das rãs nos charcos e o resfolgar dos cavalos nos prados cobertos da neblina, que principiava a erguer se Levine, que dormitara, levantou se e depois de mirar as estrelas compreendeu que a noite acabara.

"Então que vou eu fazer?", disse de si para consigo, procurando pôr a claro tudo o que pensara e sentira durante aquela curta noite. O que pensara e sentira dividia se em três ramos distintos. Um era a renúncia à sua vida anterior, à instrução que recebera, de que não precisava para nada. Essa renúncia agradava lhe, fácil e simples como era. A segunda dizia respeito à vida que desejava levar agora. Compreendia a simplicidade, a pureza e a legitimidade daquela vida e estava convencido de achar nela a satisfação, a paz e a dignidade cuja falta lhe era tão dolorosa. A terceira girava em torno de como passaria da vida anterior à nova vida. Eis o que se lhe não representava com clareza "Ter uma mulher. Ter trabalho e necessidade de o fazer Deixaria Pokrovskoie? Compraria terras? Inscrever-se-ia na comunidade? Casar-se ia com uma aldeã? Como fazê-lo?", perguntava se a si mesmo, sem atinar com a resposta "Não preguei olho toda a noite e não posso ver as coisas com nitidez. Depois vê-las-ei melhor. Mas uma coisa é certa esta noite decidi da minha sorte. Todas as minhas ilusões anteriores sobre a vida de família são absurdas. Isto é muito mais simples e muito melhor "

"Que beleza!", pensou, olhando para uma estranha concha, como que de nácar, formada pelas brancas nuvens algodoadas que se detinham no zênite, por cima da sua cabeça "Que belo é tudo nesta magnífica noite! Quando se teria formado esta concha? Há momentos olhei para o céu e não havia nada na abóbada celeste a não ser as duas faixas brancas. Foi assim que, imperceptivelmente, mudou o meu conceito da vida" Levine saiu do prado, direito à aldeia, pela estrada real. Estava a levantar se um ventinho e tudo tomara um aspecto cinzento e lúgubre. Sobrevinha esse momento sombrio que antecede, geralmente, o nascer do Sol, a vitória definitiva da luz sobre as trevas.

Encolhido por causa do frio, Levine caminhava, rápido, de olhos no chão "Quem é? Quem virá lá?", pensou, ao ouvir umas campainhas. E ergueu a cabeça. A uns quarenta passos de distância vinha ao encontro dele, pela mesma estrada real, uma carruagem tirada por quatro cavalos. Os que iam nos varais comprimiam se contra estes, mas o hábil cocheiro, sentado de lado na boleia, guiava de tal sorte que as rodas deslizavam pelo solo liso.

A um canto da carruagem dormitava uma velhinha e ao pé da janela uma jovem, que sem dúvida acabava de acordar, apanhava com

ambas as mãos as fitas da touca de dormir. Serena e pensativa — percebia-se-lhe uma vida interior complicada e intensa, muito diferente das preocupações dele, Levine —, contemplava a aurora para além dele. No momento em que aquela imagem ia desaparecer, dois olhos límpidos se detiveram nele. Reconhecera-o, e uma alegre surpresa transpareceu no rosto da jovem.

Levine não podia enganar-se. Eram uns olhos sem par no mundo. Só uma criatura à face da terra era capaz de resumir para ele toda a luz e todo o sentido da vida. Era ela! Era Kitty! Compreendeu vinha para Ierguchovo, directamente da estação do caminho de ferro. E, de súbito, todas as resoluções que acabava de tomar, a agitação daquela noite de insônia, tudo se desvaneceu. A ideia de casar com uma camponesa causou-lhe horror. Ah, naquela carruagem que se afastava rapidamente, ia a resposta à pergunta que havia algum tempo se lhe formulara com tanta insistência para que fora criado e posto neste mundo?

Kitty não voltou a olhá-lo. Deixou de se ouvir o ruído das molas da carruagem, apenas lhe chegava aos ouvidos ò retinir das campainhas. Pelo ladrar dos cães, podia depreender se que o carro atravessava a aldeia E ele ali ficara, só, no meio dos campos desertos, estranho a tudo, seguindo, a passos largos, pela estrada abandonada.

Ergueu os olhos para o céu à espera de voltar a ver a linda concha que lhe parecera simbolizar os sonhos daquela noite. Desaparecera. Transformara se misteriosamente num vasto tapete de nuvens de algodão que atapetava já mais de metade do firmamento. Ao seu olhar interrogativo, o céu, que ia ficando azul, respondia com um altivo silêncio.

“Não”, dizia para si mesmo Levine, “por mais bela que seja esta vida simples e laboriosa, não nasci para isto Só a ela quero.”

CAPÍTULO XIII

A não ser as pessoas mais chegadas a Alexei Alexandrovitch, ninguém sabia que aquele homem, de tão frio parecer, e tão razoável, escondia uma debilidade contraditória no carácter não podia ver nem ouvir o choro de uma criança ou de uma mulher. Diante das lágrimas perdia o domínio de si mesmo e a faculdade de raciocinar. O chefe da sua repartição e o seu secretário sabiam no e pediam às solicitantes que não chorassem se não queriam deitar a perder as suas pretensões.

"Isso aborrece o e não quererá ouvi-las", diziam. E, com efeito, o desequilíbrio moral que produziam em Alexei Alexandrovitch as lágrimas transformava se numa brusca irritação "Não posso fazer nada. Façam favor de se ir embora!", costumava gritar.

Quando Ana lhe revelou a sua ligação com Vronski, no regresso das corridas, e, cobrindo o rosto com as mãos, se pusera a chorar, Alexei Alexandrovitch, apesar da ira que sentia, notou que o invadia a emoção que as lagrimas sempre produziam nele. Receoso de traduzir os seus sentimentos de forma pouco compatível com a situação, impôs-se a si mesmo como que a anulação completa de todas as suas manifestações vitais. Imóvel, de olhar fixo, o rosto assumiu lhe essa expressão de rigidez cadavérica que tanto impressionou Ana.

Teve de fazer um grande esforço sobre si mesmo para ajudar a mulher a apear se do carro, para lhe dizer as poucas palavras de habitual cortesia, pronunciando palavras que em nada o comprometiam disse lhe que no dia seguinte lhe comunicaria a sua resolução.

A brutal confissão de Ana, confirmando as piores suspeitas de Alexei Alexandrovitch, ferira o em pleno coração, e a piedade puramente física que nele provocaram as lágrimas da infeliz ainda mais agravara o seu mal estar. No entanto, quando se viu só dentro do carro, com uma satisfação em que havia o seu quê de surpresa, sentiu a mesma sensação de alívio do homem a quem acabam de arrancar o dente que o fazia sofrer há muito o choque é terrível, o doente tem a impressão de que lhe arrancaram da maxila uma coisa imensa, maior ainda do que a sua própria cabeça, mas ao mesmo tempo, sem acreditar muito na felicidade, verifica o desaparecimento dessa coisa abominável que por tanto tempo lhe envenenara a existência. Pode viver de novo, de novo pode pensar e interessar se por outras coisas que não sejam propriamente o seu sofrimento. Eis o que se passava com Alexei Alexandrovitch depois de um golpe tremendo, inesperado, mais nenhuma dor sentia se agora capaz de pensar noutras coisas que não

apenas na mulher.

“É uma mulher perdida, sem coração, sem honra, sem religião! Sempre assim pensei e apenas por piedade para com ela procurava iludir-me a mim próprio”, dizia de si para consigo, crendo sinceramente ter tido essa perspicácia. Recordava vários pormenores do passado, que ele julgara inocentes e lhe pareciam agora provas seguras da corrupção de Ana. “Cometi um erro quando liguei a minha vida à dela, mas o meu erro nada teve de culpável, por conseguinte não tenho que sentir me infeliz. A culpa é dela, mas o que a ela diz respeito não tem nada a ver comigo, não existe mais para mim ”

Pouco lhe importava agora o que ia ser dela e do filho, em relação ao qual se operava nos seus sentimentos igual modificação! Só uma coisa o preocupava sacudir da maneira mais correcta, a mais conveniente e por conseguinte, a mais justa, a lama que a queda daquela lhe atirara para cima, e isso sem que a sua vida, toda feita de dignidade e de desinteresse, de maneira alguma fosse perturbada.

“Porque uma mulher desprezível cometeu uma falta, hei de eu sentir me infeliz? Não. Mas preciso de encontrar a melhor saída possível para a penosa situação em que o seu desatino me lançou. E essa saída hei de encontrá-la. Nem sou o primeiro, nem serei o último”, dizia de si para consigo, cada vez mais sucumbido. E sem falar já dos casos históricos, a principiar no da bela Helena e Menelau, vivo na memória de todos, uma série de casos de infidelidades de mulheres da alta sociedade, bem conhecidas do seu tempo, acorreram à imaginação de Alexei Alexandrovitch “Darialov, Poltavski o príncipe Karibanov, o conde Paskudine, Dram Sim, o Dram também, um homem tão honesto e activo Semionov, Tchaguine, Sigonine. Admitamos que lhes caiu em cima um ridículo dos mais néscios. Mas eu, por mim, sempre considerei estes casos pura infelicidade, sempre senti compaixão por esses homens”. Nada mais falso nunca. Alexei Alexandrovitch pensara em ter piedade de semelhantes infortúnios e quanto mais maridos enganados havia, mais ele se estimava a si próprio.

“Pois bem, o que a outros atingiu, atinge me agora a mim. O que importa é saber fazer frente à situação.”

E passou a recordar pormenores da maneira como esses homens se haviam comportado.

“Darialov bateu se em duelo.”

A ideia do duelo muitas vezes preocupara Alexei Alexandrovitch na mocidade, precisamente por ser um homem fraco. Não podia pensar sem horror numa pistola apontada para ele, e nunca em sua vida se servira de qualquer arma. Este horror instintivo inspirara lhe muitos

pensamentos que faria no dia em que se lhe impusesse a obrigação de arriscar a vida! Depois, quando a sua posição se firmou em bases sólidas, nunca mais pensou em semelhante coisa. Mas agora o seu temperamento pusilânime voltara à superfície certo de que nunca se apresentaria no campo da honra, a força do hábito constrangia o a examinar em todos os seus aspectos a eventualidade de um duelo.

"Que pena não estarmos em Inglaterra! Com costumes tão bárbaros como os nossos, não ha dúvida de que muita gente aprovaria um duelo (E entre essa gente figurava a maior parte daqueles cuja opinião ele prezava). Mas para que serviria isso? Suponhamos que eu o provocava (Neste ponto imaginava com toda a veemência a noite que passaria em seguida à provocação e a pistola apontada para ele, pelo estremeci mento que sentiu, compreendeu que nunca se decidiria a tomar semelhante atitude). Suponhamos que eu o provocava, que aprendia a atirar, que me encontrava diante dele, que puxava o gatilho (fechou os olhos), que o matava (sacudiu a cabeça, para arredar essa ideia absurda). Que necessidade tenho eu de matar um homem para saber que comportamento hei-de ter para com uma mulher culpada e para com o seu filho? Que diabo, era absurdo! E se, eventualidade muito mais verossímil, o fendo ou o morto fosse eu? Eu, que nada tenho a censurar-me, eu é que viria a ser a vítima! Pois não seria ainda mais estúpido? Aliás, provocando o agirei, realmente, como um homem de honra? Não estarei de antemão ciente de que os meus amigos intervirão, que não deixarão expor a vida de um homem útil à Rússia? Sena afinal assumir uma atitude de mata-sete, seria pretender ganhar uma falsa glória. Não Isto não é sério. Era enganar os outros e enganar-me a mim mesmo. O duelo é inadmissível e ninguém está à espera de me ver bater em duelo. O meu único objectivo deve ser manter intacta a minha reputação, impedir que a minha carreira sofra de qualquer modo."

Mais do que nunca, a carreira de Alexei Alexandrovitch assumia a seus próprios olhos uma importância considerável. Posto de lado o duelo, restava o divórcio, solução adoptada a maior parte das vezes, em idênticas circunstâncias, pela gente da sua classe. Mas por mais que procurasse recordar os casos numerosos que conhecia, nenhum deles parecia responder ao objectivo que se propunha Efectivamente, de maneira geral o marido acabava sempre por ceder ou vender a mulher, e posto ela não tivesse direito a um segundo casamento, nem por isso a culpada deixai ia de contrair com um pseudo-marido uma pseudo-união arbitrariamente legalizada. Quanto ao divórcio legal, aquele que teria por sanção o castigo da infiel, Alexei Alexandrovitch sentia não poder ré correr a ele. As condições complexas da sua existência não lhe consentiam utilizar as provas brutais que a lei

exigia, o teor da sua vida requintada interdizia-lhe, de resto, servir se delas, sob pena de se desclassificar junto da opinião pública ainda mais do que a própria culpada. Um processo escandaloso seria o gáudio dos seus inimigos aproveitariam essa circunstância para o caluniar, para abalarem a alta situação oficial de que desfrutava. Em conclusão, tal como a primeira solução também esta o impedia de alcançar o seu objectivo sair daquela crise o menos atingido possível. Aliás, o recurso ao divórcio lançaria definitivamente a mulher nos braços de Vronski. Ora, apesar da altiva indiferença que Alexei

Alexandrovitch julgava sentir por Ana, no fundo do seu coração ardia um sentimento muito vivo o horror de tudo que pudesse concorrer para aproximá-la do amante e tirar partido da sua falta. Este pensa mento quase lhe arrancou um grito de dor, ergueu-se da almofada do carro, mudou de lugar, e, de semblante cada vez mais carregado, envolveu longamente as pernas ossudas na esponjosa manta de viagem. Assim que serenou, retomou as suas meditações.

“Talvez pudesse seguir o exemplo de Karibonov, de Paskudine, desse bonacheirão do Dram, contentando-me com uma simples separação.” Mas imediatamente percebeu que essa medida oferecia os mesmos inconvenientes de um divórcio formal e da mesma maneira acabava por lançar a mulher nos braços de Vronski “Não, é impossível”, resolveu, alterando a voz, e de novo se pôs a repuxar a manta de viagem “O que importa é que eu não sofra e que eles não sejam felizes”

Ao mesmo tempo que o libertara dos tormentos do ciúme, a confissão de Ana fizera-lhe nascer no fundo do coração um sentimento que ele não ousava confidenciar a si próprio, isto é, o desejo de a ver expiar no sofrimento o atentado contra o seu repouso e a sua honra.

Mais uma vez Alexei Alexandrovitch pesou o pró e o contra das três soluções que acabava de encarar. Depois de as ter rejeitado definitivamente, persuadiu se de que a única forma de sair daquele beco sem saída seria, escondendo do mundo a sua desgraça, conservar a mulher e empregar todos os recursos imagináveis para que a ligação acabasse e — coisa que nem a si próprio confessava — para que a culpada expiasse a sua falta. “Devo declarar-lhe que depois de ter estudado todas as soluções possíveis para a penosa situação em que nos encontramos por sua causa, acho o *statu quo* aparente preferível para os dois e consinto em conservá-la junto de mim com a condição expressa de que dará por findas todas as suas relações com o amante ”

Tomada que foi esta resolução, Alexei Alexandrovitch lembrou-se de um argumento que a sancionaria no seu espírito “Deste modo e só deste modo ajo de acordo com os preceitos da nossa religião não

repudio a mulher adúltera, dou lhe a oportunidade de se emendar e até mesmo, por mais penoso que isso seja paia mim, consagro uma parte do meu tempo, das minhas energias, à reabilitação."

Alexei Alexandrovitch sabia perfeitamente que não poderia ter qualquer influência sobre a mulher, que tudo o que tentasse nesse sentido seria ilusório nem um só instante, no decurso desses dolorosos momentos, pensara procurar apoio na religião, mas assim que julgou ver esta de acordo com a determinação que acabava de tomar, esta sanção tornou se para ele num lenitivo. Sentiu se aliviado, pensando que ninguém o poderia acusar de, numa crise tão grave da sua vida, ter agido contrariamente à doutrina da religião cuja bandeira sempre trouxera erguida bem alto no meio da indiferença geral. E acabou mesmo de dizer de si para consigo que, em conclusão, as suas relações com Ana continuariam pouco mais ou menos o que tinham sido durante os últimos meses. Evidentemente que não podia ter estima por aquela mulher viciosa, adúltera, mas sofrer por causa dela, transtornar a sua vida! Ah, isso mais devagar! "Deixemos que o tempo aja", concluiu ele, "o tempo tudo resolve, um dia virá talvez em que as nossas relações voltarão a ser o que foram no passado, em que a vida retomará o seu curso normal. Que ela seja desgraçada, eu não."

CAPÍTULO XIV

Ao chegar a Sampetersburgo, a decisão de Alexei Alexandrovitch estava de tal modo tomada que já compusera mentalmente a carta pela qual a comunicava à mulher. Ao entrar em casa, relanceou um golpe de vista aos papéis que lhe tinham trazido do Ministério e ordenou que os levassem ao seu gabinete.

— Desatrelem e não estou para ninguém — disse ele, em resposta a uma pergunta do guarda-portão, sublinhando a última palavra quase com regozijo, sinal evidente de uma melhor disposição de espírito.

Chegado que foi ao escritório, por duas vezes percorreu a dependência de lado a lado, acabando por deter se, finalmente, diante da grande secretária, sobre a qual o criado de quarto acabava de acender seis velas. Fez estalar os dedos, sentou se, pegou numa pena e papel e depois, a cabeça inclinada, um cotovelo sobre a mesa, pôs se a escrever, após um momento de reflexão. Não se dirigia directamente a Ana, escrevendo em francês, e empregando o pronome *vous,* que nessa língua não resulta tão frio como na língua russa.

Quando me despedi de si exprimi-lhe o intento de lhe comunicar a minha resolução relativamente ao assunto da nossa entrevista. Depois de maduramente reflectir, eis me que venho cumprir essa promessa. Aqui tem a minha decisão seja qual for a sua conduta, não me reconheço com o direito de romper vínculos que um poder mais alto consagrou. A família não pode estar à mercê de um capricho, de um acto arbitrário, ou seja, do cume praticado por um dos cônjuges. A nossa vida deve, pois, continuar como antes, isto tanto no seu interesse como no meu e no do seu filho. Estou absolutamente convencido de que se há-de arrependei de ter cometido o acto que me obriga a escrever-lhe, que me ajudará a extirpar pela raiz a causa do nosso desacordo e a esquecei o passado. Caso contrário, não lhe será difícil imaginar o que a espera, a ele ao seu filho. Conto expor-lhe tudo isto em pormenor quando nos voltarmos a ver em breve. Como o Verão está no fim, peco-lhe que volte a Sampetersburgo quanto antes, terça-feira o mais tardar. Dei as ordens necessárias paia o seu regresso Rogo lhe que tome em consideração que atribuo importância especial ao cumprimento deste pedido.

A. KARENINE

P.S. - Junto a esta carta o dinheiro de que poderá precisar neste momento.

Releu a carta e ficou satisfeito. A ideia de lhe mandar dinheiro pareceu lhe especialmente feliz, nem uma palavra dura, nem uma censura, mas nada de fraquezas também. O essencial fora conseguido.

Oferecera-lhe uma ponte de ouro para voltar atrás. Dobrou a carta, passou sobre o vinco uma grande faca de papel de marfim maciço, meteu-a dentro do sobrescrito como o dinheiro, e tocou a campainha, abandonando se à sensação de bem estar que sempre sentia depois de utilizar os seus ordenados objectos de escritório.

— Entreguem esta carta ao correio para que ele a leve amanhã a Ana Arkadievna.

— As ordens de Vossa Excelência. Devo trazer o chá para aqui?

— É melhor.

Alexei Alexandrovitch, brincando com a faca de papel, aproximou-se da poltrona junto à qual estava uma mesinha com um candeeiro e um livro francês acerca de inscrições antigas, sua leitura de momento. O retrato de Ana, obra notável de um pintor célebre, pendia da parede, numa moldura oval, por cima da referida poltrona Alexei Alexandrovitch relanceou lhe um olhar. Dois olhos impenetráveis devolveram-lho com essa irônica insolência que tanto o magoara na noite da famosa explicação. Tudo nesse belo retrato se lhe afigurou uma odiosa provocação, desde a renda que emoldurava a cabeça e os cabelos negras até à admirável mão branca, de anelar carregado de anéis. Depois de o olhar por alguns instantes, estremeceu dos pés. A cabeça e os lábios deixaram escapar lhe um “brr” de desagrado. Voltou-se, deixou se cair na poltrona e abriu o livro, tentou ler, mas não conseguiu encontrar na leitura o vivo interesse que até aquela data lhe inspirara essa obra. Olhava para as páginas, mas pensava noutra coisa. O que o preocupava já não era a mulher, mas uma grande complicação que ultimamente surgira num assunto importante que de momento constituía o principal interesse da sua carreira. Mais do que nunca se sentia senhor da questão e acabava mesmo de ter a esse respeito uma ideia de gênio — esconder isso, para quê? — que lhe permitiria resolver todas as dificuldades, humilhar os seus inimigos, transpor um novo degrau da sua carreira, prestar um assinalado serviço ao país. Assim que o criado que trouxera o chá deitou a sala, Alexei Alexandrovitch levantou se e de novo se instalou à sua secretária. Pegou na pasta onde guardava os papéis dos assuntos correntes, apanhou um lápis e com um imperceptível sorriso de satisfação deixou se absorver na leitura de documentos relativos à dificuldade que o preocupava. Eis como ela se apresentava. Como todo o funcionário de mérito, Alexei Alexandrovitch possuía um traço característico esse traço, que concorrera tanto para a sua ascensão com ambição constante, a probidade, a linha e o domínio de si próprio, traduzia se no desprezo absoluto da papelada oficial. Tratava, por assim dizer, corpo a corpo o expediente oficial e despachava o, rápida e economicamente, suprimindo tudo o que fosse inútil. Ora, na

célebre comissão de 2 de Junho, fora exposto o problema da irrigação dos campos da província de Zaraisk. Este assunto pertencia ao ministério de Karenine e constituía um exemplo frisante dos gastos estéreis de papelada inútil. Alexei Alexandrovitch sabia que era assim. O caso da irrigação dos campos da província de Zaraisk fora iniciado pelo antecessor de Alexei Alexandrovitch. Com efeito, nisso se tinham gasto e se estavam a gastar fundos completamente estéreis, visto que, naturalmente, tudo acabaria em nada. Alexei Alexandrovitch, ao ocupar aquele cargo, imediatamente o compreendeu e quis pôr mãos à obra. Mas de princípio, quando ainda se sentia pouco seguro, sabia que isso ia afectar demasiados interesses e que não era razoável; depois, absorvido por outros assuntos, esquecera-se daquele que, como tantos outros, caminhava pela acção da inércia. (Muita gente vivia à custa desse caso e especialmente uma família muito espiritual e amante de música — onde todas as mulheres tocavam instrumentos de cordas. Alexei Alexandrovitch conhecia essa família e era padrinho de casamento das filhas mais velhas.) Entretanto como uma administração rival levantara a lebre, Karenine mostrou-se muito indignado: casos daqueles arrastavam-se em todos os ministérios, sem que ninguém se lembrasse de meter neles o nariz. Entre colegas, semelhante procedimento era prova de pouca delicadeza. Visto que lhe tinham atirado uma luva, ele ousadamente a levantara, pedindo a nomeação de uma comissão extraordinária para rever os trabalhos da comissão de irrigação da província de Zaraisk. E acto contínuo pagara na mesma moeda a esses senhores, apoiando, com a máxima energia, junto da referida comissão, uma moção tendente a controlar a actividade da comissão encarregada de estudar a forma de organizar os povos de outras raças. Ao que parecia, essa gente encontrava-se em situação lamentável, e ele reclamava a nomeação imediata de uma comissão não menos extraordinária. Seguiu-se daí uma altercação em vários ministérios. O representante do ministério hostil a Alexei Alexandrovitch objectou que a situação desses povos era excelente: a medida projectada só lhes poderia ser prejudicial e se alguma coisa não corria bem, devia atribuir-se à negligência com que o ministério de Alexei Alexandrovitch fazia cumprir as leis.

As coisas tinham ficado por ali. Mas Karenine contava actualmente:

1º Exigir a expedição de uma comissão que inquirisse no próprio local;

2º No caso de a situação dos povos de outras raças se apresentar como a descreviam os documentos oficiais de que a comissão dispunha, encarregar uma comissão idônea capaz de investigar as causas desse triste estado de coisas, dos seguintes pontos de vista: a) político; b) administrativo; r) econômico; d) etnográfico; e) material;

f) religioso;

3º Exigir do ministério adversário o fornecimento do seguinte: a) dados exactos sobre as medidas que tomara no decurso dos últimos dez anos para fazer frente às más condições de que se queixavam agora os povos de outras raças; b) esclarecimentos sobre o facto de terem agido em contradição absoluta com o artigo 18_ e a nota ao artigo 36_ do tomo 123 das leis fundamentais do Império, como o demonstravam entre os documentos submetidos à comissão, dois impressos com os n_ 17015 e 1398, datados, respectivamente, de 5 de Dezembro de 1863 e de 7 de Junho de 1864.

Enquanto Alexei Alexandrovitch expunha as suas ideias por escrito no seu rosto estampava-se um intenso rubor. Assim que encheu com a sua esmerada caligrafia uma página inteira, levantou-se, tocou a campainha e mandou uma nota ao chefe de gabinete a pedir-lhe alguns esclarecimentos suplementares. Percorreu a sala e ao passar diante do retrato não pode evitar um novo relance de olhos, não sem um momo de desprezo Voltou a mergulhar, por fim, na leitura do livro das inscrições antigas que de novo lhe despertou interesse, e às 11 horas foi deitar-se. Uma vez na cama, voltou a recordar a lamentável conduta da mulher e já não viu o caso sob um aspecto tão lúgubre como anteriormente.

CAPÍTULO XV

Ana opusera-se obstinadamente aos argumentos de Vronski; no entanto, no fundo da sua alma, também ela sentia como ele a falsidade da sua situação e não desejava outra coisa senão acabar com ela. Por isso, quando, agitadíssima, lhe escapara a confissão fatal, sentira um certo alívio. Ao ficar só, para si mesma ia dizendo que, graças a Deus, os equívocos tinham acabado: não haveria mais necessidade de enganar e de mentir daí para o futuro. Via nisso uma compensação do mal que essa confissão causara ao marido, a ela própria. No entanto, quando nessa noite se encontrou com Vronski não tratou de o prevenir do sucedido para que a situação ficasse realmente clara.

Na manhã do dia seguinte, mal acordou, as palavras que dissera ao marido vieram-lhe à memória e a brutalidade do facto pareceu-lhe tão monstruosa que não podia conceber como tivera coragem de pronunciar semelhantes palavras. Agora era impossível fazê-las desaparecer. Que iria resultar dali? Alexei Alexandrovitch abalara sem lhe dizer o que pensava fazer.

"Estive com Vronski e calei-me. No momento em que ele ia partir, quis contar-lhe tudo, mas calei-me, pois ir-lhe-ia parecer estranho que eu não lhe tivesse explicado logo de princípio. Por que é que, querendo eu falar, me mantive calada sobre o assunto?"

Como resposta a esta pergunta, um rubor ardente lhe cobriu o rosto. Compreendeu que fora a vergonha que a impedira. E aquela situação, que na véspera, à noite, lhe parecera esclarecida, afigurou-se-lhe mais inextrincável do que nunca. Pela primeira vez lhe ocorreu ao espírito a ideia da desonra, e, ao pensar no que o marido poderia fazer, assaltaram na as ideias mais terríveis. Pensava ver chegar o administrador para expulsá-la de casa e a sua desonra tornada pública. Perguntava a si mesma para onde iria, quando a expulsassem. Mas não achava resposta.

Ao pensar em Vronski, imaginou que ele já lhe não queria, que principiara a cansar se dela, que não podia oferecer se lhe, e por isso sentiu hostilidade para com ele. Afigurava se lhe que as palavras que dissera ao marido, e que incessantemente repetia em imaginação, as dissera a toda a gente, e que toda a gente as ouvira. Não se atrevia a olhar nos olhos as pessoas que viviam à sua roda. Não tinha coragem de chamar a criada e muito menos para descer ao andar inferior e encontra se com o filho e com a preceptora deste.

A criada, que havia já algum tempo escutava atrás da porta,

penetrou no quarto sem que Ana a tivesse chamado. Esta fitou a nos olhos com uma expressão interrogativa e, assustada, corou. A rapariga desculpou se, dizendo que julgara que ela a tivesse chamado. Trazia-lhe um vestido e um bilhete. Era de Betsy.

Não se esqueça de que Lisa Merkalov e a baronesa Stoltz se encontram dentro de pouco em minha casa com os seus admiradores, Kaluiski e o velho Stremov, para jogarem uma partida de croquet. Peço lhe, venha, quanto mais não seja para ver a partida, para estudar os costumes daqui. Vale a pena.

Ana leu o bilhete e suspirou profundamente.

— Não preciso de nada — disse ela a Anuchka, que arrumava os frascos do toucador — Podes ir. Vou vestir me e logo descerei. Não preciso de nada, de nada.

Anuchka saiu, mas Ana não se vestiu. De cabeça baixa e os braços caídos ao longo do corpo, estremecia, esboçava um gesto, queria falar, mas voltava a cair na mesma apatia "Deus meu! Deus meu!", repetia ela, maquinalmente, sem atribuir o menor sentido a essa exclamação. Claro que acreditava firmemente na verdade da religião em que fora educada, mas não pensava em pedir lhe auxílio, como não pensava procurar refúgio junto de Alexei Alexandrovitch. Pois não sabia ela de antemão que esta religião lhe impunha antes de mais nada a renúncia ao que representava para ela a única razão da vida? A tortura moral em que caíra, via se agora agravada de um sentimento novo, que ela, com verdadeiro pavor, compreendia apoderar se lhe da consciência sentia em duplicado, como às vezes os olhos fatigados vêem duas imagens, e por momentos não sabia nem o que receava nem o que desejava receava o passado ou o futuro? Que desejava realmente?

"Oh, que estou eu a fazer?", exclamou, sentindo, de repente, uma dor muito viva nas fontes. Só então compreendeu que agarrava os cabelos com ambas as mãos e os repuxava dos dois lados da cabeça. Saltou para fora da cama e pôs se a caminhar pelo quarto.

— O café está na mesa e *Mademoiselle* espera pela senhora com o menino Seriocha — disse Anuchka, que de novo entrara no quarto.

— Seriocha? Que fez Seriocha? — perguntou Ana animando se de repente e recordando se pela primeira vez naquela manhã da existência do filho.

— Qualquer tolice, acho eu — respondeu Anuchka, sorrindo.

— Tolices!

— Parece que tirou um pêssego da despensa e que o comeu às escondidas.

A lembrança do filho fez com que Ana pudesse reagir contra a situação desesperada em que se encontrava. Lembrou-se do papel, em parte sincero, ainda que muito exagerado, de mãe consagrada a seu filho, papel que adoptara nos últimos anos, e notou com alegria que apesar de tudo lhe restava um ponto de apoio independente do marido e de Vronski. Fosse qual fosse a situação que lhe quisessem impor, nunca abandonaria o filho. Podia o marido expulsá-la de casa, cobri-la de lama, Vronski podia afastar se dela e tornar à sua vida independente (coisa em que não voltou a pensar sem um novo acesso de amargor), mas o filho e que não sacrificaria. Tinha, portanto, um fim na existência. Era preciso agir, agir a todo o custo, salvaguardar a sua posição relativamente ao filho, fugir com ele antes que lho tirassem... Sim, sim, era preciso partir com ele, partir o mais depressa possível, e para isso serenar, libertar se daquela angústia que a torturava. E a ideia de uma acção em que o filho intervinha, da partida com ele, para onde quer que fosse, já lhe dava uma certa paz.

Vestiu se à pressa, desceu as escadas e entrou, em passo firme, no salão onde, como de costume, a aguardavam para tomar o pequeno almoço Seriocha e a preceptora. De pé, junto de um trenó, Seriocha, todo vestidinho de branco, corcovado e de cabeça baixa, concentrado, arranjava umas flores. Nesses momentos, muito freqüentes nele, parecia se com o pai Assim que viu Ana, soltou um dos seus gritos agudos.

— Ah, mãezinha! — calou se, indeciso, hesitava entre correr para a mãe e atirar fora as flores ou acabar de fazer a raminho, para lho oferecer.

A preceptora estava carrancuda. Depois dos cumprimentos do estilo, encetou o relato, longo e circunstanciado, da travessura de Sérgio. Ana não a ouvia, para si mesma perguntava-se se deveria também levar consigo aquela mulher “Não, deixa-la-ei aqui, irei só com o meu filho.”

— Sim, realmente, não está certo — disse ela, por fim, e colocando a mão em cima do ombro de Seriocha pousou nele um olhar ansioso, que, ao mesmo tempo que perturbou o pequeno, o tranqüilizou — Deixe o comigo — disse à preceptora espantada, e, sempre com o braço da criança seguro, sentou se à mesa onde estava servido o café.

— Mãezinha, eu... eu... eu... — balbuciava Seriocha, procurando ler no rosto da mãe o que o esperava por causa da história do pêssego.

— Seriocha — disse Ana, assim que a preceptora se retirou —, não é bonito, mas tu não voltas a fazê-lo, pois não? Gostas de mim?

Sentiu que as lagrimas lhe subiam aos olhos “Pois poderei não querer-lhe?”, pensava ela, perscrutando o olhar feliz e comovido da

criança “Será possível que ele se alie ao pai para me castigar? Será possível que não tenha piedade de mim?” As lágrimas corriam lhe pela face, para escondê-las, ergueu se bruscamente e quase a correr refugiou se no terraço.

Depois das chuvas tempestuosas dos últimos dias, viera um tempo luminoso, embora frio, apesar do Sol, cujos raios se filtravam através da folhagem. O ar fresco agravou o mal estar de Ana, teve um arrepio.

— Vai ter com Mariette — disse ela para Seriocha, que fora atrás dela, e pôs se a caminhar pela esteira de palha que cobria o terraço “Será possível que não me perdoem? Que não compreendam que não podia ter sido de outra maneira?”, perguntou se a si mesma.

Deteve se, ficou a contemplar por momentos as copas das arvores, cuja folhagem, ainda húmida, brilhava ao sol, e de súbito compreendeu que não lhe perdoariam, que o mundo inteiro seria impiedoso para com ela como aquele céu e aquela verdura. E de novo se sentiu tomada de dúvidas, se viu no mesmo desdobramento interior “Bom, deixemo-nos disto, não vale a pena pensar. É preciso fugir. Mas para onde? Quando? Com quem? Para Moscovo, no comboio da noite. Levarei o Seriocha e a Anuchka e apenas o indispensável para a viagem. Mas antes de mais nada tenho de escrever aos dois.

E, precipitando se para os seus aposentos, sentou se à secretaria para escrever ao marido.

Depois do que se passou, não posso continuar a viver consigo. Vou me embota e levo o meu filho comigo. Como não conheço a lei, não sei com quem ele deve ficar, mas levo-o comigo, porque não posso viver sem ele. Seja generoso, deixe o comigo.

Até ali escrevera rapidamente e num tom natural, mas este apelo a uma generosidade que ela sabia não existir no coração de Alexei Alexandrovitch e a necessidade de fechar a carta com algumas palavras comovedoras detiveram na.

“Não posso falar da minha falta e do meu arrependimento, porque.” De novo se deteve, pois não encontrava palavras para exprimir o seu pensamento “Não”, disse de si para consigo “Isto não pode ser” E, rasgando a carta, escreveu outra, de que excluía qualquer apelo à generosidade do marido.

A segunda carta devia ser para Vronski “Confessei tudo a meu marido”, principiava ela, mas por minto tempo permaneceu sem saber como continuar era tão brutal, tão pouco feminino!

“De resto, que lhe posso eu dizer?” Uma vez mais corou de vergonha e lembrando-se, com certo azedume, da placidez de Vronski, rasgou ô bilhete em mil pedaços “Mais vale calar me”, resolveu,

fechando a pasta. Subiu a escada para anunciar à preceptora e à criadagem que partiria nessa mesma noite para Moscovo, e sem mais delongas principiou a arranjar as suas coisas para a viagem.

CAPÍTULO XVI

Os criados, o porteiro e até os jardineiros tinham invadido a casa, as cômodas e os armários escancararam as suas portas, pelo chão, havia jornais espalhados, por duas vezes tinham ido comprar cordas. Duas malas, maletas, um volume de mantas, enchiam o vestíbulo. A carruagem e dois cocheiros aguardavam defronte do alpendre. De pé diante do seu toucador, Ana, um pouco apaziguada pela febre dos preparativos, arrumava o saco de viagem, quando Anuchka lhe chamou a atenção para uma caleche que se aproximava Através da janela pôde ver o correio de Alexei Alexandrovitch que puxava a campainha da porta principal.

— Vai ver de que se trata — disse ela, e cruzando os braços sobre os joelhos, sentou se, resignada, numa poltrona.

Um criado trouxe um grande embrulho com o endereço escrito pelo punho de Alexei Alexandrovitch.

— O correio tem ordem para esperar pela resposta — disse ele.

— Está bem — redarguiu ela, e, assim que o criado se retirou, trêmula, rasgou o sobrescrito, de onde caiu um maço de notas. Finalmente encontrou a carta e pôs-se a lê-la pelo remate.

Dei as ordens necessárias para o seu regresso. Rogo lhe que tome em consideração que atribuo importância especial ao cumpri mento deste pedido.

Depois voltou ao princípio, e leu a carta de ponta a ponta. Então pôs se a tremer, sentiu se esmagada por uma desgraça terrível, imprevista.

Nessa mesma manhã lamentara a sua confissão e teria desejado poder recuperar as palavras que dissera, e eis que uma carta as considerava como não pronunciadas, lhe dava o que ela desejara, e essas Poucas linhas pareciam ir muito além das suas mais negras previsões.

“Ele tem razão!”, murmurou. “Pois como não havia ele de ter razão ele que é cristão e magnânimo? Oh, como é desprezível e vil um homem assim! E pensar que ninguém o compreende e só eu o compreendo, que me não sei exprimir. Elogiam-lhe a piedade, a probidade, a inteligência mas não vêem o que eu vi; todos ignoram que durante oito anos asfixiou tudo o que em mim palpita, sem nunca se ter apercebido de que eu sou uma criatura viva e que tinha necessidade de amor; ignoram que me feria a cada momento, que com isso mais satisfeito ficava consigo mesmo. Não procurei eu, com todas as minhas forças, dar uma finalidade à minha existência? Não fiz eu o

possível para amá-lo? E quando vi que não conseguia, não transferi todo esse amor para o meu filho? Mas chegou uma altura em que compreendi que não podia continuar a iludir-me, que era de carne e osso. Tenho culpa que Deus assim me haja feito? Se preciso de amar e viver?... E agora? Se ele me matasse, se matasse o outro, podia compreender, perdoar. Mas não, ele... Como não adivinhei eu o que ele iria fazer? Uma natureza da sua baixa índole não poderia agir de outra maneira. Defenderia os seus direitos, e eu, desgraçada, perder-me-ia mais ainda. "Não lhe será difícil imaginar o que a espera, a si e ao seu filho."

Evidentemente que ameaça tirar-me o meu filho, as suas absurdas leis autorizam-no a isso, com certeza. Mas eu não estou a ver porque me diz isto? Não acredita no amor que sinto pelo meu filho, despreza-o, como sempre o fez, este meu sentimento; mas sabe que não poderei abandonar a criança, que não o poderei fazer, que sem o meu filho não poderá haver vida para mim, nem mesmo com o homem a quem amo. Se o fizesse, e o abandonasse, procederia como a mulher mais vil e mais desonesta. Ele sabe isso e sabe que eu nunca teria forças de agir desse modo...

"A nossa vida deve, pois, continuar como antes", diz ele. "Mas esta vida foi sempre um tormento e nos últimos tempos ainda pior. Que será então agora? Ele sabe-o, sabe que eu não me posso arrepender de respirar, de amar; ele sabe que, de tudo o que exige, só mentira e falsidade pode resultar, mas quer a todo o transe prolongar a minha tortura.

"Conheço-o, sei que nada na mentira como um peixe na água... Pois bem, não, não lhe darei essa alegria; romperei este tecido de hipocrisia em que ele me quer envolver. Aconteça o que acontecer, tudo será preferível a enganar e mentir!...

"Mas, como?... Meu Deus! Meu Deus! Terá existido alguma vez mulher tão desgraçada como eu?"

— Pois bem, acabarei com tudo isto! — exclamou, levantando-se de chofre e contendo as lágrimas.

Aproximou-se da secretária para escrever outra carta. Mas no fundo da sua alma pressentira que não teria forças para acabar, nem para sair da situação passada, por mais falsa e desonrosa que ela fosse.

Sentou-se à mesa. Em lugar de escrever, porém, apoiou os braços e, pousando neles a cabeça, principiou a chorar. Chorava como as crianças e os soluços agitavam-lhe o peito. Chorava porque a ilusão que tivera de que as coisas estariam agora claras ruíra para sempre. Sabia de antemão que tudo continuaria como antes e até muito pior. Dava-se conta de que a posição que ocupava na sociedade, que

naquela mesma manhã se lhe afigurara tão desprezível, lhe era preciosa e que não teria forças para trocá-la pela de uma mulher que abandonou o marido e o filho. Por mais esforços que fizesse, não podia ser mais forte do que o era na realidade. Nunca seria livre para amar, vivera sempre como uma mulher culpada, sob a ameaça de se descobrir de um momento para o outro que enganava o marido, que mantinha relações amorosas com um homem estranho e independente, de cuja vida lhe não era dado compartilhar. Sabia que assim teria de ser, mas ao mesmo tempo isso apresentava-se-lhe como uma coisa tão terrível que não podia imaginar sequer de que maneira acabaria. E Ana chorava, chorava desabaladamente, como costuma chorar a criança que foi castigada.

Ao ouvir os passos do criado, estremeceu; escondendo o rosto, fingiu escrever.

— O correio espera a resposta — anunciou o criado.

— A resposta? Bom, que espere. Já chamarei — disse Ana.

"Que hei-de dizer-lhe?", pensou. "Que hei-de decidir sozinha? Que hei-de eu querer? Que preferiria eu?" De novo sentiu que um desdobramento se operava na sua alma. Assustada, agarrou-se ao primeiro pretexto de actividade que se lhe apresentava, capaz de apartar dela semelhantes ideias. "Preciso de me encontrar com Alexei (assim chamava mentalmente a Vronski); só ele pode decidir o que devo fazer. Irei a casa da Betsy, talvez lá o encontre", disse de si para consigo, esquecida por completo de que na véspera, quando dissera a Vronski que não iria a casa da princesa Tverskaia, ele lhe respondera que, nesse caso, também não iria.

Escreveu ao marido:

Recebi a sua carta.

E chamando o criado entregou-lhe a carta.

— Não partimos — disse a Anuchka, que acabava de entrar no quarto.

— Definitivamente?

— Não; não desfaçam as malas até amanhã, e o carro que espere. Vou a casa da princesa.

— Que vestido leva?

CAPÍTULO XVII

O grupo que se reunia em casa da princesa Tverskaia para jogar uma partida de *croquet,* partida para que Ana estava convidada, compreendia duas senhoras e os respectivos admiradores. Essas senhoras eram as principais representantes de um novo círculo selecto de Sampetersburgo, que se denominava, à imitação não se sabia de quê, *Les sept merveilles du monde*(Nota 25). Pertencia, com efeito, à alta sociedade, mas a um sector da alta sociedade hostil àqueles de que Ana fazia parte Além disso, o admirador de Lisa Merkalov, o velho Stremov, um dos homens mais influentes de Sampetersburgo, era inimigo declarado de Alexei Alexandrovitch. Por todas estas razões, Ana julgava de seu dever declinar o convite de Betsy, recusa a que esta fazia alusão no seu bilhete Mas, tendo mudado de resolução, na esperança de encontrar Vronski, foi a primeira a chegar a casa da princesa.

No momento em que entrava no vestíbulo, chegava também o criado de Vronski, com as suas suíças muito penteadas, dir-se-ia um fidalgo. Deteve-se à porta, e, descobrindo-se, deixou passar Ana, que o reconheceu. Lembrou-se então de que Vronski lhe dissera na véspera que não iria à reunião. Naturalmente mandava um recado, desculpando-se.

Enquanto despia o casaco no vestíbulo, Ana ouviu o criado dizer, pronunciando os rr como um camareiro real.

— Para a princesa, da parte do conde.

Ana desejou perguntar-lhe onde se encontrava o amo. Apetecia-lhe voltar a casa para lhe escrever, pedindo lhe que a viesse visitar ou até mesmo ir ela própria à residência dele. Mas não podia fazer nenhuma dessas três coisas, já se ouvia a campainha que anunciava a sua chegada e o criado estava já de pé junto da porta aberta, aguardando que Ana penetrasse no interior da casa.

— A princesa está no jardim, vou imediatamente avisá-la. Não quererá Vossa Excelência dirigir-se ali? — disse outro criado, na sala imediata.

Acometia-a a mesma sensação indefinida de insegurança que sentira em casa, era ainda muito pior, porque nada podia fazer e ainda por cima não podia falar a Vronski. Via-se obrigada a ficar ali no meio daquela sociedade estranha e tão contrária ao estado de alma que experimentava. Mas sabia que levava um vestido que lhe ficava bem e que não estava sozinha rodeava a esse ambiente de ociosidade sumptuosa que lhe era habitual e sentia-se mais aliviada do que em

casa. Ali, ao menos, não tinha que discorrer sobre o que devia fazer. Tudo se faz por si mesmo. Ao ver Betsy, que vinha ao seu encontro, vestida de branco, surpreendeu se com a sua elegância e sorriu, como sempre. Acompanhavam a princesa, Tuchkevitch e uma senhora sua parenta, que passava o Verão em casa da célebre titular, com grande alegria dos pais provincianos. Ana tinha com certeza qualquer coisa de especial, pois Betsy imediatamente deu por isso.

— Dormi mal — respondeu lhe Ana, cravando os olhos no criado que vinha ao seu encontro, e, segundo imaginou, com o bilhete de Vronski.

— Ainda bem que veio — disse Betsy — Estou cansada e queria tomar uma chávena de chá antes que eles cheguem. Podia ir com Macha

— disse ela, voltando se para Tuchkevitch — experimentar o *croquet ground*(Nota 26) Ah onde cortaram a relva Entretanto nós daremos dois dedos de cavaco enquanto tomamos uma xícara de chá, *we'll have a cosy chat*(Nota 27)*,* não é verdade? — disse, dirigindo se a Ana, sorrindo, e apertou lhe a mão com que segurava a sombrinha.

— Pois com certeza, e tanto mais que não me poderei demorar muito, tenho de ir, sem falta, visitar a velha Vrede. Há mais de um século que lhe ando a prometer — replicou Ana, para quem a mentira, tão alheia ao seu carácter, passara a ser não só simples e natural, em sociedade, mas até um prazer. Não teria sabido explicar porque dissera uma coisa em que não pensava sequer momentos antes. Era apenas porque, como Vronski não ia a casa da princesa, precisava ficar livre e tentar vê-lo de qualquer maneira. Tão pouco lhe teria sido possível explicar por que se lembrara da velha dama de honor, a quem dizia que precisava de visitar, e não de qualquer outra pessoa. No entanto, as coisas viciam a demonstrar que de todas as desculpas de que poderia ter lançado mão aquela fora a melhor.

— Não a deixarei ir por nada deste mundo — disse Betsy, fitando atentamente a amiga — Pode crer que me sentina ofendida se não fosse sua amiga. Parece que receia que a minha companhia a comprometa! Faça favor de nos servir o chá no salãozinho — disse ao criado, semi-cerrando as pálpebras, como sempre quando falava aos criados.

Pegando no bilhete que o criado lhe apresentava, leu-o.

— Alexei fez nos a partida — disse em francês — Manda me dizer que não pode vir — acrescentou num tom natural e tão simples como se nunca lhe tivesse passado pela cabeça que Vronski representava para Ana alguma coisa mais do que um parceiro do *croquet.* Ana sabia que Betsy estava a par de tudo, mas, ao ouvi-la falar assim de Vronski,

convenceu se momentaneamente de que ela ignorava as suas relações com ele.

— Ah! — exclamou Ana, em tom indiferente, como se aquilo pouco lhe interessasse, e continuou a sorrir — Como pode uma pessoas comprometer-se na sua companhia?

Para Ana como para qualquer outra mulher, esta maneira de esconder um segredo, brincando com as palavras, tinha grande atractivo. Fazia o menos por necessidade do que pelo prazer de dissimular.

— Não quero ser mais papista do que o papa — disse ela — Stremov e Lisa Merkalova são a flor e a nata da alta sociedade Além disso são recebidos em todo o lado e eu — Ana sublinhou o eu — nunca fui nem intolerante nem severa. Francamente não tenho tempo para isso

— Talvez não queira encontrar-se com Stremov? Que ele terce armas com Alexei Alexandrovitch lá nas suas comissões, isso não nos diz respeito a nós. O certo é que em sociedade é o homem mais amável que eu conheço e um jogador de *croquet* apaixonado. Vai ver, apesar da sua ridícula situação de velho admirador de Lisa, verá como se sabe sair bem. É muito simpático. Conhece a Safo Stolz? É o que se pode dizer a última palavra em elegância.

Enquanto Betsy falava de tudo isto, Ana compreendia, pelo seu olhar jovial e inteligente, que ela adivinhava em parte a situação e procurava encontra-lhe uma saída. Estavam as duas numa salinha.

— Tenho de mandar uma palavra ao Alexei — disse Betsy, sentando-se à mesa, escreveu umas linhas e pôs a carta num sobrescrito

— Digo-lhe que venha jantar. Uma das minhas convidadas não tem par. Veja lá se não é argumento convincente. Perdoe me que a deixe um momento Peco-lhe para fechar a carta e enviá-la — acrescentou da porta

— Tenho de ir dar umas ordens.

Sem hesitar um momento, Ana sentou-se à mesa e, sem ler o bilhete de Betsy, acrescentou-lhe estas linhas “Preciso ver-te. Estarei aí às seis” Fechou a carta e, quando Betsy voltou a aparecer, pegou nela e entregou-a ao criado diante de Ana.

Efectivamente, as duas amigas tiveram um *cosy chat* enquanto tomavam o chá, que lhes serviam numa mesinha pequena, nos aposentos de Betsy, salinha fresca e íntima. A conversa girou em torno das pessoas que aguardavam, muito especialmente de Lisa Merkalova.

— É muito agradável e tem sido sempre muito simpática para mim

— comentou Ana.

— Faz bem em gostar dela. É doida por si. Ontem, depois das corridas, aproximou se de mim, desesperada por não ter podido falar lhe. Disse me que você era uma verdadeira heroína de romance e que, se ela fosse homem, muitas loucuras praticaria por sua causa Stremov respondeu-lhe que, mesmo sendo mulher, já não eram poucas as que praticavam.

— Mas diga-me — atalhou Ana, depois de um breve silêncio e num tom que sugeria perfeitamente não se tratar de uma pergunta vã, mas de algo importante — Nunca consegui percebê-lo. Diga-me que espécie de relações há entre Lisa e o príncipe Kalujski, esse a quem chama Michka? Raramente os encontro Que há entre eles?

Betsy olhou atentamente para Ana com os olhos risonhos.

— É um novo estilo. Todos o adoptaram. Atiraram com as conveniências para trás das costas. Mas há maneiras e maneiras.

— Sim, mas que relações existem entre ela e o príncipe Kalujski? Betsy, pouco risonha por natureza, desatou a rir.

— Está a entrar em casa da princesa Miagkaia? Isso é uma pergunta de menina travessa — e Betsy, apesar dos esforços que fazia, não pôde conter-se e desatou a rir um riso contagioso, próprio das pessoas que costumam rir pouco — Teremos de lhes perguntar a eles próprios — acrescentou, através das lágrimas.

— Ria à sua vontade — disse Ana, contagiada, a pesar seu, pelo riso da amiga — Mas a verdade é que nunca pude perceber. Qual é o papel do marido?

— Do marido? Mas o marido de Lisa está sempre pronto a servi-la. E quanto ao mais, ninguém dá por coisa alguma. Você já sabe que na boa sociedade não se fala, nem sequer se pensa em certos pormenores da *toilette* de cada um. Com estas coisas, dá se o mesmo.

— Vai à festa dos Rolandaki — perguntou Ana, para mudar de conversa.

— Não faço tenção — replicou Betsy, e, sem olhar para a amiga, pôs se a encher de aromático chá as chávenas transparentes, oferecendo uma a Ana. Depois colocou um agarro na boquilha de prata a acendeu-o

— Como vê — disse ela, com a chávena na mão e num tom que se tornara sério —, encontro-me numa situação privilegiada. Mas compreendo-a a si e compreendo Lisa. Ela é uma dessas naturezas ingênuas, infantis, que ignoram o bem e o mal Pelo menos assim era quando rapariguinha, e, como percebem que esta ingenuidade lhe

ficava bem, fingem não compreender. Seja como for, convém-lhe. Quer quer? Podem considerar se as mesmas coisas de pontos de vista muito diferentes uns tomam nas ao trágico e fazem delas um tormento, outros encaram nas com mais simplicidade e até com alegria. Você parece que se inclina a ver as coisas demasiado ao trágico.

— Muito gostaria eu de conhecer os outros tão bem como me conheço a mim — disse Ana, numa expressão séria e concentrada — Sou melhor ou sou pior do que os demais? Creio que sou pior.

— É muito simplesmente uma criança — disse Betsy — Lá vêm

Eles.

CAPÍTULO XVIII

Ouviram-se passos, depois uma voz de homem, em seguida uma voz de mulher e finalmente uma gargalhada, após o que as visitas esperadas surgiram Safo Stolz e um rapaz chamado Vaska, radiante e cheio de saúde. Via-se que estava bem alimentado a carne meia crua, trufas e vinho de Borgonha Vaska cumprimentou as senhoras e mirou-as, mas apenas pelo espaço de um segundo. Imediatamente acompanhou Safo ao salão, onde ficou junto dela como que amarrado, fitando-a continuamente como se quisesse devorá-la com os olhos brilhantes. Safo Stolz era loira, de olhos pretos. Entrou com passinhos resolutos, nos seus sapatos de tacão alto, e apertou com força, como se fosse um homem, as mãos das senhoras presentes.

Nunca antes se encontrara Ana com esta nova celebridade e surpreendeu se diante da sua beleza, do atrevimento dos seus modos e do exagero da sua maneira de vestir. Com os próprios cabelos e os postiços, suavemente dourados, Safo arranjara um penteado de tal sorte monumental que a cabeça se lhe podia comparar, pelo volume, ao busto bem modelado e muito decotado. Caminhava com tal ímpeto que cada um dos seus movimentos lhe desenhava debaixo do vestido a forma dos joelhos e das pernas. Sem querer, cada um se achava a perguntar a si mesmo onde principiava e onde acabava realmente essa mola artificial e movediça, esse pequeno corpo esbelto, tão descoberto por cima e por diante, e tão escondido por detrás.

Betsy tratou logo de a apresentar a Ana.

— Calcule que por pouco não atropelávamos dois soldados — principiou Safo, fazendo caretas e sorrindo, enquanto arranjava, por detrás, a cauda do vestido, que se lhe repuxava toda para um lado — Vim com o Vaska Ah! Mas então não se conhecem? — E Safo apresentou o rapaz, tratando o pelo seu sobrenome. Corou, e depois pôs-se a rir sonoramente, por se ter enganado, ao tratá-lo pelo seu nome íntimo diante de uma desconhecida. Vaska tornou a cumprimentar Ana, mas, sem nada lhe dizer, voltou se para Safo, sorrindo.

— Perdeu a aposta Chegámos primeiro Deixe ver o que me deve Safo desatou a rir mais alegremente ainda.

— Agora, não — replicou.

— Não faz mal. Recebê-lo-ei depois.

— Está bem, está bem. Ah, meu Deus! — exclamou em seguida, dirigindo-se à dona da casa — Estou boa. Já me esquecia. Trouxe lhe

um convidado. Aqui o tem.

A pessoa de quem Safo se esquecera acontecia ser de tal importância que, apesar de muito novo, as senhoras se levantaram para o cumprimentar. Era o novo admirador de Safo, que, à semelhança de Vaska, não lhe perdia o rasto.

Daí a pouco chegavam o príncipe Kalujski e Lisa Merkalova, na companhia de Stremov. Lisa era morena, a pender para magra, de tipo oriental, o ar indolente e lindos olhos, que toda a gente considerava enigmáticos. O seu vestido escuro, que Ana notou e logo apreciou, convinha admiravelmente ao seu gênero de beleza. A brusquidão de Safo, opunha Lisa à vontade cheio de abandono.

Para esta foram as preferências de Ana. Assim que a viu, achou que Betsy se enganara, criticando os seus ares de criança inocente. Por mais mimada que Lisa fosse, a sua mata inconsciência desarmava. Os seus modos não eram melhores que os de Safo ela própria trazia atrás de si, enfeitiçados, dois adoradores, que a devoravam com os olhos um novo e outro velho. Haveria nela qualquer coisa de superior ao seu meio, dir-se-ia um diamante no meio de pedaços de vidro. A cintilação de pedra preciosa que lhe resplandecia nos belos olhos verdadeiramente enigmáticos, afundados em grandes olheiras, surpreendia pela sinceridade. Quem encontrasse esse olhar julgaria ler na alma de Lisa. Conhecê-la era amá-la Ao ver Ana, o rosto iluminou-se-lhe de um sorriso de alegria.

— Oh, que prazer em vê-la — disse, aproximando-se — Ontem, nas corridas, quis ir cumprimentá-la, mas já se tinha ido embora. Desejava tanto vê-la, ontem, precisamente. Não é verdade que foi terrível?

— acrescentou, fitando Ana com esses olhos que pareciam descobrir lhe toda a alma.

— Realmente, nunca imaginei que as corridas pudessem provocar tanta emoção — replicou Ana, corando.

Naquele momento os convidados puseram se de pé para se dirigirem ao jardim.

— Eu não vou — disse Lisa, sorrindo e sentando-se junto de Ana

— Não vai também, pois não? Que satisfação se pode ter num tal jogo?

— Eu gosto — disse Ana.

— Que é que faz para se não aborrecer? Basta olhá-la para nos sentirmos alegres. Vê-se que vive, em compensação, eu aborreço-me.

— Aborrece-se? Como assim, se pertence à roda mais alegre de Sampetersburgo? — disse Ana.

— É possível que os que não pertencem à nossa roda ainda se aborreçam mais. Mas nós, e eu em especial, não nos divertimos, aborrecemo-nos terrivelmente.

Safo, acendendo um cigarro, saiu para o jardim, arrastando consigo os dois jovens Betsy e Stremov ficaram a tomar chá.

— Que maçada! — exclamou Betsy — A Safo disse-me que se divertiram ontem muito em sua casa.

— Não me diga, foi aborrecidíssimo! — comentou Lisa Merkalova

— Depois das corridas, fomos todos para minha casa, e sempre a mesma gente, sempre a mesma. O mesmo, sempre. Passámos a noite estendidos nos divãs. Chama se isto estarmos divertidos? Que faz para se não aborrecer? — continuou, dirigindo-se a Ana — Basta olhá-la para compreendermos que pode ser feliz ou desgraçada, mas que se não aborrece Diga me, que é que faz?

— Não faço nada — contestou Ana, corando, perante a insistência da pergunta.

— É a melhor maneira — interveio Stremov.

Stremov era um homem dos seus cinqüenta anos, grisalho, ainda novo, feio, mas de uma fealdade original Lisa Merkalova era sobrinha da mulher dele e Stremov passava o tempo junto dela. Ao encontrar se com Ana Karenina, a mulher de Karenine, seu inimigo no ministério, como homem mundano e inteligente, procurou mostrar se especialmente amável para com ela.

— Nada fazer é o melhor remédio para não nos aborrecermos — continuou, sorrindo, subtilmente — Ha muito que lhes digo Para uma pessoa se não aborrecer, basta estar convencida de que se não aborrecerá. É como quando uma pessoa sofre de insônias, que não deve pôr se a pensar que não pode dormir. É isso, precisamente, que acaba de dizer Ana Arkadievna.

— Muito teria gostado que assim fosse, porque não só é muito engenhoso, mas a verdade pura — replicou Ana, sorrindo.

— Mas, diga me, por que é tão difícil uma pessoa adormecer como não sentir tédio?

— Tanto para uma coisa como para a outra é preciso ter trabalhado antes.

— E para que hei de eu trabalhar se ninguém precisa do meu serviço? E isso de fingir que trabalho, não é para mim.

— É incorrigível — disse Stremov, sem olhar para ela e voltando se de novo para Ana.

Como raramente encontrava Ana, nada mais lhe sabia dizer que banalidades. Agora falava lhe do seu regresso a Sampetersburgo, perguntando lhe para quando seria, e contava lhe do apreço que tinha por ela a condessa Lídia Ivanovna, num tom em que se evidenciava o desejo de ser agradável e de mostrar se respeitoso.

Truchkevitch apareceu para dizer que tardavam os jogadores de *croquet.* Ana quis retirar-se. Lisa procurou detê-la e Stremov secundou-a.

— Vai sentir um contraste muito grande entre a sociedade que aqui esta e a da velha Vrede — disse ele — Além disso só lhe irá servir de motivo de maledicência, enquanto aqui apenas inspira os melhores sentimentos, precisamente o contrário da murmuração.

Ana deteve se pensativa e indecisa. As palavras lisonjeiras daquele homem inteligente, a simpatia infantil que Lisa lhe testemunhava, aquele meio mundano onde ela se sentia respirar mais livremente, deixaram na por instantes indecisa não poderia adiar para mais tarde o momento terrível da explicação? Mas lembrou se do que a esperaria em casa se não tomasse já uma decisão, e recordou esse momento terrível em que se encontrara a arrepelar os próprios cabelos. Então decidiu-se. Fez as suas despedidas e partiu.

CAPÍTULO XIX

Apesar da vida mundana que levava e do seu aparente estouvamento, Vronski tinha horror à desordem. Quando aluno do Corpo de Pajens, muito novo, portanto, encontrando-se um dia sem dinheiro, alguém lhe recusara um empréstimo. Desde então jurara nunca mais voltar a sofrer semelhante humilhação. Eis por que, cinco ou seis vezes por ano, fazia balanço aos seus fundos era o que ele chamava *faire la lessiue*(Nota 28).

No dia seguinte ao das corridas, Vronski acordou tarde e, sem tomar banho nem se barbear, vestiu um dólman branco pôs em cura da mesa os dinheiros, as contas e as cartas, e mãos à obra. Petritski sabia que nessas alturas Vronski estava sempre de mau humor. Ao acordar, vendo o sentado à mesa, vestiu se em silêncio e saiu sem lhe dizer nada.

Todo aquele que tem uma vida complicada julga ver nessa complicação uma fatalidade que só a ele atinge. Vronski assim pensava e orgulhava se, não sem razão, de ter evitado escolhos onde outros teriam esbarrado com eles. No entanto, julgava chegado o momento de esclarecer a sua situação.

Em primeiro lugar a questão financeira. Numa folha de papel de carta, alinhou, na sua fina caligrafia, os algarismos que mostravam a situação das suas dívidas. O total atingia dezassete mil rublos, sem contar as centenas, que ele eliminava para maior clareza. Por outro lado, o seu activo, quer no bolso, quer no banco, apenas atingia mil e oitocentos rublos, sem contar com qualquer receita até final do ano seguinte. Então procedeu a uma classificação das dívidas, dividindo as em três categorias. Em primeiro lugar as dividas urgentes, que excediam os quatro mil rublos, mil e quinhentos dos quais gastos com o cavalo e dois mil e quinhentos para pagar a um grego que os ganhara de Venevski, jovem camarada seu, de quem fora fiador, durante uma partida de jogo. Vronski, que nessa altura tinha dinheiro, quisera imediatamente satisfazer a dívida de honra, mas Iachivne e Venevski entenderam que a eles competia liquidarem na e que se encarregariam disso. De qualquer forma, no caso de uma reclamação, Vronski devia encontrar se em condições de lançar essa importância à cara do maroto que a extorquira. Depois vinham as dívidas da sua cavalariça de corridas cerca de oito mil rublos, ao fornecedor de feno e de aveia, ao treinador ao correeiro, etc.. Dois mil rublos de amortização bastariam de momento. Quanto à terceira categoria de credores (restaurante, alfaiates e sapateiros), esses podiam esperar. Em suma, precisava imediatamente de seis mil rublos e apenas dispunha

de mil e oitocentos. Para um homem com cem mil rublos de rendimento, soma que lhe atribuíam, tais dívidas eram de somenos importância, mas a verdade é que não dispunha de nada que se parecesse com esse rendimento. A grande fortuna deixada pelo pai, e que correspondia a um rendimento de duzentos mil rublos anuais, era propriedade indivisa dos irmãos. Quando o irmão mais velho, cheio de dívidas, se casou com a princesa Vária Tchirkova, filha de um dezembrista, sem bens de fortuna, Alexei cedeu-lhe todos os rendimentos que lhe cabiam da herança paterna, reservando para si, unicamente, vinte e cinco mil rublos por ano. Vronski dissera então a este seu irmão que esse dinheiro lhe chegaria enquanto se não casasse, o que provavelmente nunca viria a acontecer. O irmão, que comandava um regimento que exigia grandes despesas de representação, e que acabava de casar se, não pôde dispensar aquela dádiva. A mãe, que dispunha de capital próprio, dava a Alexei, por ano, vinte mil rublos, que ele gastava com o seu soldo. Mas ultimamente, desgostosa com ele por causa dos seus amores e por ter saído de Moscovo, deixara de enviar lhe dinheiro. Em conseqüência disso, Vronski, habituado a gastar quarenta e cinco mil rublos anuais, não tendo recebido naquele ano senão vinte e cinco, encontrava se numa situação difícil. Para sair dela, não podia pedir dinheiro à mãe. A última carta que dela recebera, ainda na véspera, irritara o muito. Nela lhe dava a entender estar disposta a contribuir para o seu êxito na alta sociedade e na carreira das armas, mas não para que ele levasse uma vida que escandalizava toda a gente de bem. Esta espécie de suborno feria o no mais fundo da alma e ainda ajudou a esfriar mais os seus sentimentos para com a mãe. E depois não lhe ficava bem voltar atrás na atitude generosa que tivera para com o irmão, embora verificasse agora que à sua ligação com Ana Karenina podia vir a tornar necessário esse rendimento e que o seu acto de generosidade fora um tanto insensato. Apesar de solteiro, podia vir a precisar daqueles cem mil rublos de rendimento. Contudo, não podia modificar a. resolução que tomara. Bastava recordar se da mulher do irmão, a simpática e meiga Vária, sempre pronta a lembrar-lhe, reconhecida, a generosidade que ele tivera, para compreender que não tinha o direito de a privar desse rendimento. Seria o mesmo que bater numa mulher, roubar ou mentir. Havia uma única solução, e Vronski por ela se decidiu sem vacilar pedir dez mil rublos a um usurário, coisa que não lhe seria nada difícil, reduzir as suas despesas gerais e vender os cavalos de corrida. Tomada esta decisão, escreveu imediatamente a Rolandaki, que por várias vezes lhe quisera comprar os cavalos. Depois, mandou chamar o inglês e procurar um usurário, destinando o dinheiro que lhe restava para outras contas. Tendo posto ponto final em todos estes assuntos, escreveu à mãe, em tom frio e seco. Em

seguida, tirando da carteira três cartas de Ana, queimou-as, depois de as reler. E ficou-se pensativo a recordar a conversa que com ela tivera na véspera.

CAPÍTULO XX

A vida de Vronski podia dizer-se uma vida feliz, porque obedecia a um código de leis que determinava, categoricamente, o que podia e não podia fazer. Esse código abrangia um número reduzido de condições, embora muito definidas, e Vronski, que nunca saía dessa área, não tinha dúvidas quanto à forma de proceder. O código prescrevia-lhe, por exemplo, que devia pagar uma dívida de jogo a um grego, consentindo, porém, que deixasse de pagar a conta do alfaiate, impedia o de mentir aos homens, mas autorizava-o a mentir às mulheres, determinava que a ninguém enganasse excepto aos maridos, admitia a ofensa, mas não o perdão das injúrias, etc.. Tais princípios, embora extravagantes, nem por isso deixavam de ter o carácter de uma certeza absoluta, e, por menos que a eles obedecesse, Vronski achava-se no direito de manter a cabeça bem erguida. Nos últimos tempos, porém, em virtude da sua ligação com Ana, reconhecia certas lacunas nesse código e não encontrava nele solução para certos pontos espinhosos que o embaraçavam e complicações que adivinhava prestes a caírem-lhe em cima.

Até então as suas relações com Ana e o marido pareciam-lhe claras e simples. Lá estavam nitidamente definidas no código por que se regia.

Ana era uma mulher decente, que se lhe entregara por amor, merecia lhe todo o respeito, tanto ou mais que uma esposa legítima. Professava por ela a mais alta estima a que uma mulher pode aspirar, e mais facilmente deixaria que lhe cortassem uma das mãos a ofendê-la por uma simples palavra que fosse, ou a mínima insídia. Todos podiam saber ou suspeitar dos seus amores, mas ninguém deveria ousar falar-lhe deles, pois, de contrário, Vronski estava disposto a fazer calar o atrevido, obrigando-o a respeitar a honra ausente da mulher que a perdera.

As relações com o marido de Ana ainda eram mais definidas. Desde o momento em que Ana se enamorara dele, entendia que era o único a ter direitos sobre ela, o marido era um ser supérfluo que o incomodava Indubitavelmente a posição deste não era brilhante, mas que fazer? Karenine só tinha o direito de lhe exigir satisfações no campo da honra e Vronski estava disposto a dar-lhas em qualquer altura.

Eis, porém, que uma circunstância nova lhe fizera nascer no espírito dúvidas que ele, apavorado, se sentia incapaz de dissipar. Na véspera Ana anunciara-lhe que estava grávida esperava que ele tomasse uma

resolução qualquer, ora, a verdade é que os princípios que governavam a sua existência não lhe diziam de que natureza devia ser essa resolução. No primeiro momento sentira que devia exigir que ela abandonasse o marido, mas após reflexão, e conquanto não ousasse confessá-lo claramente a si próprio, semelhante rompimento não se lhe afigurou desejável.

"Levá-la a abandonar o marido, era como levá-la a unir se a mim. Estarei eu preparado para isso? Não, pois não tenho dinheiro, e, na hipótese de o poder vir a arranjar, teria de contar com as obrigações do meu posto. Mas visto que lhe falei em tais termos, preciso de estar preparado para todas as eventualidades, e de tratar, portanto, de conseguir dinheiro e apresentar a minha exoneração."

A ideia de deixar o exército levou o a encarar um aspecto da sua vida moral que, por mais secreto que fosse, nem por isso era menos importante.

Apesar de tudo, a ambição, única paixão da sua infância e da sua mocidade, lutava ainda contra o seu amor por Ana. Os seus primeiros passos na carreira militar tinham sido tão felizes como a sua estréia na vida social, mas havia dois anos cometera um grande erro desejando mostrar a sua independência e o seu valor, recusara um posto que lhe tinham oferecido. Esse gesto assumiu foros de demasiada altivez, e desde então haviam no esquecido. Nos primeiros tempos, tomou as coisas como homem inteligente que era, procedendo como se não estivesse ressentido e outra coisa não desejasse que divertir se em paz. Mas por alturas da viagem a Moscovo essa boa disposição abandonou o, percebeu que a sua reputação de homem original, que não atribuía grande importância a carreira, entrara no ocaso e que não poucas pessoas viam nele apenas um excelente rapaz sem futuro. As suas relações com Ana Karenina, que tantos comentários tinham provocado, atraíam sobre ele as atenções gerais, conferindo lhe novo brilho e aquietando por algum tempo o verme da ambição. Um companheiro de infância, que pertencia ao seu próprio meio, à mesma sociedade, ao mesmo regimento e à mesma promoção. Serpukovskoi, que com ele rivalizara no colégio, na ginástica, nas travessuras e nas ilusões, acabava de regressai da Ásia Central, no posto de general (de uma só vez saltara dois escalões na promoção) e agraciado com uma condecoração raramente concedida a um homem da sua idade. Todos saudavam o raiar do novo astro, esperando vê-lo nomeado para um posto de primeiro plano. Ao pé desse amigo de infância, Vronski, por mais livre e brilhante que fosse, amante de uma mulher adorável, nem por isso fazia menos triste figura, ele, pobre capitãozinho, a quem permitiam ser independente à vontade.

"Claro", dizia de si para consigo, "eu não tenho inveja de

Serpukovskoi, mas a ascensão dele prova que vale a pena dar tempo ao tempo e que a carreira de um homem como eu pode fazer se rapidamente Há três anos ele tinha o mesmo posto que eu. Se peço para passar a reserva, queimo as minhas pontes. Nada perco continuando ao serviço. Ela própria me disse que não queria alterar a situação. E eu, que por ela sou amado, não posso invejar Serpukovskoi"

Ergueu se e pôs-se a passear de um lado para o outro, retorcendo os bigodes. Nos seus olhos havia uma cintilação intensa, experimentava essa placidez de espírito, esse perfeito contentamento que se sucedia sempre nele à ordenação das contas. Mais uma vez tudo entrava nos eixos. Barbeou-se, tomou um banho frio, vestiu se e ia sair quando esbarrou com Petritski.

CAPÍTULO XXI

— Vinha buscar te — disse Petriski — A tua barreia hoje durou muito tempo. Acabaste finalmente?

— Acabei — respondeu Vronski com um sorriso nos olhos e retorcendo, com precauções infinitas a guia do bigode, como se receasse que um movimento mais brusco alterasse o belo aprumo em que pusera as suas coisas.

— Depois desse trabalho, apareces sempre como se acabasses de sair de um banho — disse Petritski — Venho de casa de Gritsko (assim se chamava o comandante). Estão à tua espera.

Vronski, sem responder, mirava o camarada, pensando noutra coisa.

— É em casa dele a música que se está a ouvir? — perguntou, apurando o ouvido para um *pot-pourri* de polcas e de valsas que os metais da banda regimental faziam chegar até ali — Que festa é esta?

— Chegou Serpukovskoi.

— Ah! — exclamou Vronski — Não sabia.

Os olhos risonhos brilharam lhe mais ainda.

Uma vez que decidira que era feliz com o seu amor, a que sacrificara a sua ambição — ao menos assim o dava a entender —, Vronski já não podia invejar Serpukovskoi nem mostrar se sentido pelo facto de ele não ter vindo bater lhe à porta antes de mais nada. O comandante, que se chamava Demine, ocupava uma vasta casa de uns proprietários rurais. A reunião realizava se na grande varanda do rés do chão. A primeira coisa que chamou a atenção de Vronski ao entrar no pátio foram os cantores, que envergavam as fardas de Verão, em volta de um barril de vodka, e a jovial figura sadia do comandante rodeada de oficiais. No primeiro degrau da varanda, dava ordens em voz alta, dominando a filarmônica, que tocava uma polca de Offenbach, e acenava a uns soldados um pouco a parte. Um grupo de recrutas, um sargento de cavalaria e vários oficiais acercaram se da varanda ao mesmo tempo que Vronski. O comandante tornou a aproximar se da mesa e, reaparecendo na varanda, com uma taça de champanhe na mão, pronunciou um brinde.

— A saúde do nosso antigo camarada e valoroso general, o conde Serpukovskoi? Hurrá!

Atrás do comandante apareceu Serpukovskoi, que sorria também, de taça na mão.

— Estás cada vez mais novo, Bondarenko — disse este ao sargento

de cavalaria que estava diante dele, homem espadaúdo, de rosto vermelho e que servia no exército como reincorporado.

Havia três anos que Vronski não via Serpukovskoi. Estava mais homem. Deixara crescer as suíças, mas continuava esbelto como antes, chamando a atenção não tanto pelo porte e beleza da estatura como pela finura e arrogância do rosto. Vronski observara nele uma mudança essa expressão radiosa e serena que adquire a fisionomia dos que triunfam e estão certos de que todos reconhecem o seu triunfo. Vronski conhecia essa expressão e foi a primeira coisa que notou em Serpukovskoi. Ao descer a escada, este deu com os olhos em Vronski. Um alegre sorriso lhe iluminou o rosto. Ergueu a cabeça e levantou a taça, saudando Vronski e dando-lhe a entender com esse gesto que tinha de se aproximar primeiro do sargento de cavalaria, o qual, esticado, preparava já os lábios para beber.

— Já chegaste? — exclamou o comandante do regimento — O Iachvine disse que estavas mal disposto.

Serpukovskoi beijou os frescos e húmidos lábios do galhardo sargento, limpou a boca com o lenço e aproximou se de Vronski.

— Muito prazer tenho em ver-te! — disse, apertando-lhe a mão e afastando-se com ele.

— Trata dele! — gritou o comandante para Iachivne, e desceu as escadas direito aos soldados.

— Por que não foste ontem às corridas? Esperava ver-te lá — disse

Vronski, examinando Serpukovskoi.

— Fui, mas cheguei tarde Perdoa me — acrescentou, e, dirigindo-se ao comandante — Faça o favor de mandar distribuir isto da minha parte.

Puxou da carteira, precipitadamente, e, não sem corar, tirou dela três notas de cem rublos.

— Vronski, queres comer ou beber alguma coisa? — perguntou — Iachivne. Traz qualquer coisa de comer ao conde. Toma, bebe isto!

A festa em casa do coronel prolongou-se por muito tempo Beberam muito Levaram Serpukovskoi em triunfo. E depois fizeram o mesmo ao comandante do regimento. Em seguida, diante dos cantores, o próprio coronel dançou com Petritski. Finalmente, Demine, um tanto cansado sentou se num banco do pátio e pôs-se a demonstrar a Iachivne a superioridade da Rússia sobre a Prússia, principalmente no ataque da cavalaria, e durante um momento a algazarra apaziguou se. Serpukovskoi foi dentro, ao lavatório, para lavar as mãos, e encontrou se ali com Vronski, que estava a lavar se também. Tinha despido o

dólman e, metendo debaixo da torneira o pescoço rosado, coberto de pêlos, friccionava o, fazendo o mesmo à cabeça. Quando acabou, Vronski sentou-se junto de Serpukovskoi. Sentaram-se ali mesmo, num pequeno divã e entabularam uma conversa que a ambos interessava.

— Estou a par da tua vida através da minha mulher — disse Serpukovskoi — Muito me alegra que a tenhas visto amiúde.

— É muito amiga de Vária, as duas únicas mulheres de Sampetersburgo com quem me agrada conviver — replicou Vronski, sorrindo, ao prever o caminho que a conversa ia levar, coisa que lhe era agradável.

— As únicas? — interrompeu Serpukovskoi com um sorriso.

— Também eu soube de ti, mas não apenas pela tua mulher — disse Vronski com uma expressão séria, como que desviando a alusão. — Dá-me muita satisfação o teu triunfo, embora me não surpreenda em absoluto Ainda esperava mais.

Serpukovskoi sorriu Sem dúvida que aquela opinião o lisonjeava e não achava necessário escondê-la.

— Em compensação, eu esperava menos, sinceramente o confesso. Mas estou contente, muito contente. Sou ambicioso, é uma fraqueza minha que tenho de reconhecer.

— Talvez o não fizesses, caso não fosses bem sucedido — observou Vronski.

— Não creio — replicou Serpukovskoi, que de novo sorriu — Não quero dizer que não valesse a pena viver sem ambição, mas seria aborrecido. Talvez me engane, mas parece-me que tenho capacidade para a profissão que escolhi e que em minhas mãos o marido, seja ele qual for, estará melhor do que nas mãos de muitos outros — disse Serpukovskoi, com radiosa consciência do seu triunfo — Eis por que quanto mais me aproximar do meu objectivo, mais satisfeito me sinto.

— Talvez seja verdade para ti, mas não é verdade para todos. Também eu pensava assim, mas cheguei à conclusão de que não valia a pena viver apenas para isso — replicou Vronski.

— Ora aí está! — exclamou, soltando uma gargalhada, Serpukovskoi — Já te disse que me falaram de ti, estou ao corrente de que recusaste aceitar um posto. Nessa altura dei-te a minha aprovação. Mas tudo se deve fazer de certa maneira. Creio que o facto em si está certo, mas não agiste como de vias.

— O que está feito está feito. Já sabes que nunca me arrependo do que faço E além disso sinto-me muito bem como estou.

— Sentes-te bem por algum tempo. Mas isso não te satisfará. Não

digo que o teu irmão não seja um bom tipo, como o nosso anfitrião. Estás a ouvi-lo? — perguntou ele, apurando o ouvido para uma explosão de burras. — Diverte se, mas a ti, em compensação, isso não te satisfaz.

— Não digo que me satisfaça.

— Além de que não se trata apenas disso. Homens como tu são precisos.

— Quem precisa deles?

— Quem? A sociedade, a Rússia. A Rússia precisa de gente, precisa de um partido De outro modo tudo irá por água abaixo.

— Por exemplo, como o partido de Bertimev contra os comunistas russos?

— Não — replicou Serpukovskoi, franzindo o sobrolho, de mau cenho, por terem podido atribuir-lhe uma tolice dessas — *Tout ca est une blague*(Nota 29). Disso sempre existiu e sempre existirá. Mas os intrigantes em qualquer altura terão de inventar algum partido perigoso e daninho. Isso é velho. Precisa-se de um partido de gente independente como tu e eu.

— Para quê? — e Vronski citou o nome de algumas pessoas no Poder — Por acaso não são pessoas independentes?

— Não, não são, porque não têm nem tiveram desde o berço uma posição independente, porque não estiveram, como nós, perto do sol quando nascemos. Podem ser subornados com dinheiro e com lisonjas. E para se manterem têm de inventar uma ideia política qualquer. Sustentam um pensamento em que não acreditam e que é prejudicial, e tudo isto não passa da maneira de terem casa de graça e bons emolumentos. *Cela n'est pas plus malin que ça*(Nota 30) quando se lhe pode ver o jogo. Partindo do princípio de que sou pior ou mais estúpido do que eles, coisa em que aliás não acredito, eu, tal qual como tu, gozo da vantagem de ser mais difícil de comprar. E agora mais do que nunca são precisas pessoas deste quilate.

Vronski ouvia atentamente, mas interessava-o menos o sentido das palavras do amigo do que a sua maneira de focar o assunto. Enquanto ele próprio, Vronski, se deixava arrastar pelos pequeninos interesses do seu esquadrão, o amigo pensava já em travar luta com os senhores do mo mento e criara simpatias nas altas esferas. Que força ele não viria a adquirir graças à sua inteligência, ao seu poder de assimilação, graças, sobretudo, à sua facilidade de palavra, tão rara no meio a que pertencia? E conquanto isso o envergonhasse, o certo é que sentia inveja dele.

— Seja como for, a mim falta-me uma coisa importante para isso a ambição do poder — replicou Vronski — Já a tive, mas passou me.

— Perdoa-me, mas isso não é verdade — exclamou Serpukovskoi, sorrindo.

— É, é! Sobretudo agora, para te ser absolutamente sincero — acrescentou Vronski.

— *Agora* talvez, mas esse *agora* não durará sempre.

— Pode ser — anuiu Vronski.

— Dizes *talvez* — continuou Serpukovskoi, como que adivinhando-lhe o pensamento — E eu digo que é certo. Por isso te queria falar. Procedeste como de vias. Compreendo. Mas não deves *perseverar*. Apenas te peço que me dês *carte blanche*(Nota 31). Não quero proteger-te. E por que não? Tu protegeste-me muitas vezes! Espero que a nossa amizade esteja acima dessas coisas Sim — disse, com doçura quase feminina, e sorrindo — Dá-me *carte blanche,* abandona o regimento e eu te saberei levar sem dares por isso.

— Capacita-te de que não preciso de nada — disse Vronski — Apenas desejo que as coisas continuem tal como estão Serpukovskoi levantou-se e colocou-se diante dele.

— Desejas que as coisas continuem como estão. Compreendo o que isso significa. Mas escuta me temos a mesma idade e talvez tenhas conhecido mais mulheres do que eu — o sorriso e o gesto de Serpukovskoi davam a entender que Vronski nada devia recear, que teria o cuidado de abordar delicadamente e com discrição o ponto doloroso. — Mas sou casado, e crê me que, conhecendo um homem a sua própria mulher, escreveu alguém, a mulher a quem ama, conhece melhor as mulheres que se tivesse possuído muitíssimas.

— Vamos já! — gritou Vronski ao oficial que assomara à porta do lavatório para dizer-lhes que o comandante os estava a chamar.

Vronski queria ouvir Serpukovskoi para ficar ciente de tudo o que ele pensava.

— Esta é a minha opinião. As mulheres são o principal obstáculo à actividade do homem. É difícil amar uma mulher e fazer qualquer coisa ao mesmo tempo. Só há um remédio para amar sem dificuldades nem entraves o casamento. Como te hei de eu explicar isto? — continuou Serpukovskoi procurando uma dessas comparações em que era mestre — Espera! Espera! É como quando se leva um *fardeau*(Nota 32) só poderás fazer qualquer coisa com as mãos, se o tiveres amarrado às costas. Assim acontece com o casamento. Foi o que eu verifiquei ao casar me Imediatamente senti as mãos livres. Mas arrastar esse *fardeau*

sem nos casarmos é conservar tão atadas as mãos que nada podemos fazer. Olha para Mazankov, para Krupov. Foram as mulheres que lhes deitaram a perder a carteira.

— Sim, mas que espécie de mulheres? — objectou Vronski, recordando a francesa e a actriz a quem esses dois homens tinham confiado o destino.

— Quanto mais elevada a posição da mulher tanto maior a dificuldade então não se trata de carregarmos um fardo, trata-se de o arrancarmos a alguém.

— Nunca amaste — disse Vronski em voz baixa, o olhar fixo diante dele e o pensamento em Ana.

— Talvez. Mas lembra te do que acabo de te dizer. E lembra te ainda disto as mulheres são todas materialistas, mais do que os homens. Nós consideramos o amor como algo imenso, voamos, elas estão sempre

terre à terre(Nota 33).

— Vamos já, vamos já — disse Vronski para o criado que entrava Este, porém, não vinha chamá-lo, mas entregar-lhe uma carta.

— Trouxe a o criado da princesa Tverskaia. Vronski abriu o sobrescrito e corou.

— Estou com dores de cabeça, vou para casa — disse a Serpukovskoi.

— Então adeus. Dás-me *carte blanche?*

— Depois falaremos. Tornarei a ver-te em Sampetersburgo.

CAPÍTULO XXII

Já passava das cinco horas. Para chegar a tempo, e sobretudo para não ir com os seus cavalos, que eram conhecidos, Vronski saltou para o trem de aluguer de Iachivne e deu ordem ao cocheiro para se despachar. Era um carro velho, de quatro lugares Vronski sentou se a um canto pousou os pés no assento dianteiro e entregou se à meditação.

Eis como os seus negócios estavam em ordem Serpukovskoi tratava-o como amigo, via nele um homem necessário, dava-lhe essa certeza. O sentimento que tinha de tudo isto, de algum modo confuso, e ainda mais a expectativa deliciosa da entrevista que o aguardava, faziam-no encarar a vida por um prisma tão agradável que um sorriso lhe aflorou aos lábios. Cruzou as pernas, tacteou o artelho, ainda magoado pela queda da véspera, voltou a afundar se na almofada do carro e respirou a plenos pulmões.

"Que bom viver!", disse de si para consigo. Nunca estivera tão enamorado de si mesmo, nunca como agora se desvanecera a tal ponto consigo próprio, a ligeira dor que sentia na perna dava-lhe tanto prazer como o breve jogo dos músculos peitorais. Aquele claro e fresco dia de Agosto, tão nefasto para Ana, estimulava Vronski no mais alto grau o ar puro refrescava lhe o rosto quente pelas abluções e a brilhantina do bigode exalava um perfume particularmente agradável. A leveza do ar e a doce luz da tarde davam às coisas que divisava através da portinhola do trem um aspecto alegre, fresco e pujante, assaz parecido com o seu próprio estado de espírito. Os telhados que o sol-poente doirava, as arestas vivas das paredes e das empenas, as rápidas silhuetas dos carros e dos peões, a verdura imóvel das árvores e dos arbustos, os campos, com as suas leiras de batatais, tudo, mesmo as sombras oblíquas que caíam das casas, das árvores e até das plantas, tudo parecia uma paisagem acabada de pintar e coberta de verniz.

— Mais depressa mais depressa! — gritou ao cocheiro, deitando a cabeça fora da portinhola para lhe meter na mão uma nota de três rublos.

A mão do homem tacteou no ar junto à lanterna, e a carruagem deslizou mais rápida pelo pavimento macio.

"De nada preciso, de nada, a não ser desta felicidade", pensava Vronski, fixando o botão de osso da campainha, entre as duas portinholas, com Ana diante dos olhos tal como a vira da última vez "E quanto mais o tempo passa mais dela gosto. Ali está o jardim da

casa estival de Vrede. Onde estará ela? Que significa isto? Por que me marcaria ela uma entrevista aqui e numa carta de Betsy?" Era a primeira vez que a si próprio fazia a pergunta, mas tarde de mais já não tinha tempo de pensar no caso. Mandou parar o trem antes de chegar à avenida, abriu a portinhola ainda com o carro em andamento e meteu pela álea que conduzia à residência. Não viu ninguém, mas, ao relancear os olhos para a direita, para o parque, descobriu Ana. Embora rebuçada numa mantilha negra, reconheceu a pelo andar, pela queda dos ombros, pelo afloramento da nuca. E sentiu se percorrido como por uma corrente eléctrica o andar tornou-se-lhe mais elástico, a respiração mais larga, os lábios tremeram-lhe de júbilo.

Assim que chegou junto dela, Ana apertou-lhe a mão nervosamente.

— Não estás zangado comigo por te ter pedido que viesses? Precisava de falar te sem falta.

A prega severa dos lábios de Ana por sob a mantilha alterou de súbito a disposição de Vronski.

— Zangado? Mas como vieste para aqui? Onde vais?

— Isso não importa — replicou Ana, travando-lhe do braço — Vem, preciso de te falar.

Vronski compreendeu que algo sucedera e que a entrevista não ia ser alegre. Na presença de Ana, quebrava se-lhe a vontade própria, e por isso mesmo sentiu apoderar se dele a agitação da amante, embora sem saber qual fosse a sua causa.

— Que aconteceu? Que aconteceu? — perguntou, apertando com a mão o cotovelo de Ana e procurando ler-lhe no rosto.

Ana cobrou ânimo, deu uns passos em silêncio e logo se deteve.

— Ontem não te disse — principiou, respirando precipitada e dificilmente — que quando voltei para casa com Alexei Alexandrovitch lhe contei tudo. Declarei lhe que não posso continuar a ser mulher dele e que confessei-lhe tudo.

Vronski ouvia-a, involuntariamente inclinado para ela, como se desejasse suavizar-lhe com esse movimento do corpo o que havia de penoso na situação. Mas quando Ana pronunciou estas palavras, ergueu se repentinamente. O rosto adquiriu lhe uma expressão altiva e severa.

— Sim, sim, é melhor, mil vezes melhor. Compreendo como deve ter sido doloroso para ti — articulou.

Ana ouvia lhe as palavras, lia lhe os pensamentos na expressão. Não adivinhava que o que se exprimia no rosto de Vronski era o primeiro pensamento que lhe atravessara a mente a iminência do duelo. Ana,

que nunca pensara nessa emergência, atribuiu outra explicação a essa momentânea gravidade de Vronski.

Ao receber a carta do marido, compreendeu, no fundo da sua alma, que tudo ia continuar como até aí, que lhe faltariam as forças para desprezar a posição que desfrutava, abandonando o filho e unindo se ao amante. A manhã em casa da princesa Tverskaia ainda mais a radicara nessa convicção. No entanto, a entrevista com Vronski tinha para ela importância capital. Ana contava que esta entrevista modificasse a situação e a salvasse. Se ao ouvir esta notícia Vronski decidido e apaixonado, sem vacilar um momento, lhe tivesse dito "Abandonemos tudo e fujamos juntos", Ana teria deixado o filho e teria abalado com ele. Mas a notícia não causou em Vronski a impressão que ela esperava. Dir-se-ia ter se apenas sentido de algum modo ofendido.

— Não me foi ainda assim muito doloroso. Aconteceu da maneira mais natural — replicou Ana, irritada — Olha — acrescentou, extraindo da manga a carta do marido.

— Compreendo, compreendo — interveio Vronski, que pegou na carta, sem tentar lê-la, procurando sossegar Ana — Só desejava uma coisa, só pedia uma coisa que esta situação acabasse para consagrar a minha vida à tua felicidade.

— Por que me dizes isso? Posso porventura duvidar? Se duvidasse.

— Quem vem ali? — perguntou Vronski, de súbito, apontando dois homens que caminhavam ao encontro deles — Podem conhecer nos

— acrescentou, arrastando Ana, apressadamente, atrás de si, para um passeio lateral.

— É-me indiferente — respondeu ela, os lábios contraíram se lhe e Vronski julgou ver lhe os olhos, por debaixo da mantilha, fitarem no com estranha expressão de cólera.

— Estou a dizer te que não se trata disso nem tenho dúvidas a esse respeito Mas aqui tens o que ele me diz Lê.

Ana voltou a parar.

De novo, como no primeiro momento, ao receber a notícia de que Ana rompera com o marido, Vronski, lendo a carta, entregou se involuntariamente à espontânea impressão que sentira a respeito do esposo ultrajado. Agora, com a carta nas mãos, ia imaginando, pau grado seu, o desafio que sem dúvida teria lugar naquele mesmo dia ou no dia seguinte em sua própria casa. E visionava o duelo também. Com aquela mesma expressão fria e altiva que no momento se lhe pintava no rosto, dispararia para o ar, aguardando a bala do marido

ultrajado. E logo lhe veio à lembrança o que lhe dissera Serpukovskoi e o que ele próprio pensara nessa mesma manhã era melhor não estar preso Sabia, porém, não lhe ser dado comunicar a Ana esse pensamento. Depois de ler a carta, Vronski fitou Ana e nos seus olhos a decisão era frouxa. Ela compreendeu que ele de ha muito pensava nessas coisas e que lhe não revelaria o fundo do seu pensamento. E deu se conta de que estava perdida a última esperança Não era o que ela esperava.

— Já vês como esse homem é — disse em voz trêmula — Ele...

— Perdoa me — interrompeu Vronski — mas não me desagrada a resolução que tomou. Por amor de Deus deixa me acabar de falar — acrescentou, lançando lhe um olhar em que lhe pedia tempo para se explicar — Não me desagrada a sua resolução, porque ao contrário do que ele julga, as coisas não podem ficar assim.

— Por quê? — perguntou ela, reprimindo as lágrimas e natural mente sem atribuir a menor importância ao que ele pudesse dizer lhe Pressentia que o seu destino estava traçado.

Vronski queria dizer que depois do duelo, iminente na sua opinião, aquilo não podia continuar assim mas disse outra coisa.

— Isto não pode continuar assim. Espero que o abandones desta vez. Espero — Vronski corou, perturbado — que me permitas que eu pense na organização da nossa vida Amanhã —prosseguiu ele.

Mas Ana não o deixou concluir.

— E o meu filho! — exclamou — Bem vês o que ele me diz na carta Teria de o abandonar, e não posso nem quero fazê-lo.

— Mas, por amor de Deus, preferes continuar esta vida humilhante?

— Para quem é ela humilhante?

— Para todos, mas especialmente para ti.

— Humilhante! Não digas isso, essa palavra não tem significado para mim — murmurou, em voz trêmula Ana não queria que ele lhe mentisse, nada mais lhe restava senão esse amor, e estava sedenta de o amar — Quero que compreendas que desde o momento em que comecei a amar te, tudo na vida se transformou para mim. A meus olhos nada mais existe além do teu amor. Se puder contar com ele, sinto me elevada e tão firme que nada me poderá humilhar. Orgulho me da minha situação. Orgulho-me, porque.

Ana não chegou a dizer por que se sentia orgulhosa. Lagrimas de vergonha e de desespero embargaram lhe a voz. Calou se e rompeu em soluços.

Vronski também teve a sensação de que alguma coisa lhe apertava a garganta, lhe formigava no nariz, e pela primeira vez na vida esteve a ponto de chorar. Não podia dizer concretamente que coisa o comovera tanto. Tinha pena de Ana e percebia não poder ajudá-la, ao mesmo tempo que reconhecia ser a causa da sua desgraça e ter-lhe feito muito mal.

— Não será possível conseguir o divórcio? — perguntou em voz débil. Ana, sem responder, moveu a cabeça.

— Não poderás levar o teu filho contigo, deixando o teu marido?

— Talvez, mas tudo depende dele. Agora tenho de recolher-me ao lar — replicou secamente. O pensamento de que tudo continuaria como antes não a tinha enganado.

— Terça-feira irei a Sampetersburgo e tudo ficará decidido.

— Pois sim — replicou Ana —, mas não falemos mais nisso. O carro de Ana aproximava-se. Mandara-o embora com a recomendação de vir recolhê-la junto à cancela do jardim de Vrede. Ana despediu-se de Vronski e dirigiu-se para casa.

CAPÍTULO XXIII

Segunda-feira a comissão de 2 de Junho celebrava a sua habitual reunião. Alexei Alexandrovitch penetrou na sala das sessões, saudou os membros da comissão e o seu presidente, como de costume, e ocupou o seu lugar, colocando a mão sobre os documentos preparados diante dele. Entre estes encontravam se as informações de que necessitava e o resumo da declaração que se propunha fazer. Por outro lado, aquelas informações não lhe faziam falta. Recordava-se de tudo e não lhe parecia necessário repetir o que tinha a dizer Sabia que, chegado que fosse o momento, e quando se encontrasse perante o adversário — o qual debalde aparentaria expressão de indiferença —, o discurso lhe viria aos lábios melhor que se o tivesse preparado. Dava-se conta de que a síntese desse discurso era tão grandiosa, que cada palavra nele teria o seu significado. E no entanto, enquanto ouvia a informação habitual, Karenine parecia inocente e inofensivo. Ninguém pensaria, ao ver as suas brancas mãos de veias túmidas, que tão suavemente palpavam, com os grossos dedos, as margens do papel branco na sua frente, e a cabeça inclinada para o lado, com uma expressão de cansaço, que imediatamente lhe iriam sair da boca palavras que desencadeariam uma tempestade tremenda, obrigando os membros a gritar e a interromperem se uns aos outros e o presidente a exigir ordem. Assim que acabaram de ler a informação, Alexei Alexandrovitch, com a sua voz suave e fina, anunciou que ia pronunciar algumas palavras relativas ao problema dos povos de outras raças Todos concentraram nele a sua atenção Karenine tossiu e sem olhar para o adversário, cravando os olhos, como costumava fazer sempre que falava em público, na primeira pessoa que se sentava diante dele — um velhinho sossegado e pequenino, que nunca exprimia na comissão opiniões próprias —, principiou a expor as suas idéias. Quando chegou à lei fundamental e orgânica, o adversário ergueu-se de um salto e objectou Stremov, membro da comissão, e fendo também no seu amor próprio, tratou de justificar-se.

A sessão agitou se, mas Alexei Alexandrovitch acabou por triunfar, sendo aceite a sua proposta. Nomearam se três novas comissões e no dia seguinte, em determinado meio petersburguês, não se falava noutra coisa senão nessa sessão. O êxito de Alexei Alexandrovitch ainda fora maior do que ele próprio esperava.

Na manhã seguinte, terça feira, Karenine, ao acordar, recordou-se, satisfeito, da sua vitória do dia anterior e não pôde deixar de sorrir, embora quisesse afectar indiferença quando o chefe da repartição, para o lisonjear, lhe falou dos comentários que até ele tinham chegado

acerca do que acontecera na comissão.

Entretido com o chefe da repartição, Alexei Alexandrovitch esqueceu-se de que era terça feira, o dia fixado para o regresso de Ana Arkadievna, e muito desagradàvelmente surpreendido ficou quando o criado lhe anunciou a chegada da mulher.

Ana chegara a Sampetersburgo de manhã muito cedo. Ao receberem o seu telegrama, tinham lhe mandado a carruagem e Alexei Alexandrovitch, portanto, devia estar a par do seu regresso. No entanto, não fora recebê-la. Disseram-lhe que estava ocupado com o chefe da repartição Ana deu ordem para que o avisassem, entrou nos seus aposentos e pôs se a arranjar as suas coisas, à espera que ele viesse cumprimentá-la. Uma hora decorreu, porém, sem que Karenine aparecesse. Ana veio à sala de jantar a pretexto de dar umas ordens, e adrede falou em voz alta na esperança de que o marido ali estivesse. Este, porém, não apareceu, embora Ana o tivesse ouvido aproximar se da porta do escritório, acompanhado do chefe da repartição. Sabia que Karenine tinha de sair dentro de pouco para a sua vida e queria falar lhe antes para concertarem as suas futuras relações.

Atravessou a sala e cheia de decisão dirigiu se ao escritório do marido. Quando entrou, Alexei Alexandrovitch, fardado, sem dúvida pronto para sair, estava sentado diante de uma mesinha, sobre que apoiava os cotovelos, olhando em frente com tristeza. Ana viu o antes que ele a visse e logo percebeu que era nela que pensava. Dando pela mulher, Karenine quis levantar se, mas não o fez e imediatamente o rosto se lhe incendiou, coisa que Ana nunca vira até então. Por fim, erguendo se de repente, foi ao encontro dela, olhando a não nos olhos mas um pouco mais acima, na testa e no cabelo. Aproximando se, pegou-lhe na mão e pediu-lhe que se sentasse.

— Estou muito satisfeito por teres vindo — disse, sentando-se ao lado dela, como se quisesse dizer lhe alguma coisa. Perturbou-se, porém, várias vezes tentou falar, mas sempre se viu obrigado a calar-se.

Embora Ana se tivesse preparado para esta entrevista, estudando a maneira de depreciar e culpar o marido, não sabia que dizer-lhe, agora, e tinha pena dele. Aquele silêncio durou bastante.

— O Seriocha, como está? — perguntou Karenine, e sem esperar resposta acrescentou — Hoje não janto em casa, e agora tenho de sair.

— Queria ir para Moscovo — disse Ana.

— Não, fizeste muito melhor vindo para aqui — replicou Karenine, e de novo se calou.

Ana, ao ver que o marido não tinha ânimo para falar, resolveu fazê-

lo ela.

— Alexei Alexandrovitch — disse lhe, fitando-o e sem desviar os olhos, sob o olhar do marido, fixo nos cabelos dela —, sou uma mulher culpada, uma má mulher, mas continuo a ser a mesma, a mesma que te disse ser, e vim para te explicar que não posso mudar.

— Nada te perguntei — replicou Karenine, olhando a, de súbito, directamente nos olhos, com firmeza e ódio — Já o supunha. — Sob o influxo da cólera recuperara plenamente, ao que parecia, o domínio das suas faculdades — Mas, como já te disse e escrevi. — continuou numa voz agreste —, e volto a repeti-lo agora, não preciso de o saber. Nem todas as mulheres são tão amáveis como tu para se darem pressa a comunicarem aos maridos notícia tão agradável — Karenine acentuou a palavra "agradável" — Ignoro o até ao momento em que a sociedade o ignorar e enquanto o meu nome não estiver desonrado. E por isso te advirto de que as nossas relações devem continuar a ser as mesmas de sempre. Apenas no caso de te comprometeres me verei obrigado a tomar medidas que salvaguardem a minha honra.

— No entanto o nosso convívio não pode ser o mesmo — objectou Ana timidamente, olhando o assustada.

Ao ouvir de novo aqueles gestos tranqüilos e aquela voz infantil, penetrante e irônica, a repugnância que o marido lhe inspirava desvaneceu a piedade que sentira por ele e só experimentou medo. Desejava, contudo, esclarecer a sua situação antes de mais nada.

— Não posso continuar a ser tua mulher, visto que eu — principiou.

Alexei Alexandrovitch pôs-se a rir com um riso malévolo e frio.

— O gênero de vida que escolheste reflecte-se até na tua maneira de compreender as coisas. Mas eu respeito de mais o passado e desprezo o suficiente o presente para que as minhas palavras se prestem à interpretação que tu lhes dás.

Ana suspirou e baixou a cabeça.

— Além disso, não compreendo como possuindo tu tanta desenvoltura — continuou Karenine, exaltando se —, que és capaz de prevenir o teu marido da tua própria infidelidade e nada veres de censurável na tua conduta, não compreendo que uma mulher assim possa ter escrúpulos no que respeita ao cumprimento dos seus deveres de esposa.

— Alexei Alexandrovitch, que exiges tu de mim?

— Desejo nunca me encontrar aqui com esse homem e que te conduzas de tal sorte que nem o *mundo* nem os *criados* possam criticar-te. Desejo que deixes de ver esse homem. Acho que não peço

muito. E em compensação desfrutarás dos direitos de esposa honrada, sem teres de cumprir os teus deveres. É tudo quanto tenho a dizer te. E agora adeus. Não janto em casa.

Karenine levantou-se, dirigindo-se à porta. Ana levantou-se também Alexei Alexandrovitch, inclinando-se em silêncio, deixou-a passar.

CAPÍTULO XXIV

A noite que Levine passara deitado na meda ao ar livre não pôde deixar de ter conseqüências para ele os trabalhos da propriedade, que até então dirigira, cansaram-no e perderam todo o interesse. Apesar da magnífica colheita, nunca se tinham dado, ou, pelo menos assim se lhe afigurava, tantos conflitos com os camponeses como naquele ano, e a causa de tudo isso tornava-se-lhe agora compreensível. A satisfação que sentia nas fainas do campo, a aproximação que se dera, por esse facto, entre ele e os camponeses, a inveja que tinha da vida destes, e o desejo de a adoptar — naquela noite isso não era já só um sonho, mas uma resolução —, sobre cujos pormenores meditara, tudo isso fizera mudar as suas ideias quanto à maneira de dirigir a herdade. Já não podia encontrar nisso o interesse de outrora nem deixar de ver o que havia de desagradável na sua atitude para com os trabalhadores, a base de tudo. A manada de vacas seleccionadas, como a Pava, a terra lavrada e adubada, os novos campos bem divididos e rodeados de caniços noventa *desiatinas* de terra cobertas de estrume bem preparado, as semeadoras mecânicas, etc, tudo teria sido esplêndido se fosse ele próprio a fazê-lo ou de acordo com amigos que partilhassem das suas idéias. Mas agora via claramente (a obra que preparava sobre economia rural, cujo elemento principal era o trabalhador, ajudava o a compreender isso) que aquela maneira de conduzir a administração da herdade se reduzia a uma luta feroz e tenaz entre ele e os trabalhadores. Havia, pelo seu lado, um desejo permanente de tudo transformar de acordo com o sistema que considerava melhor, enquanto que, pelo outro lado, os trabalhadores pendiam a conservar as coisas na sua ordem natural Levine observava que nessa luta, conduzida com o máximo esforço, pela sua parte, e sem esforço visível sequer, pela outra, a única coisa que se conseguia era que o exploração não desse resultado e se deitassem a perder de maneira completamente inútil máquinas magníficas e animais e terras excelentes. O mais grave é que não só se perdia estèrilmente a energia empregada, mas também que Levine não podia deixar de experimentar, agora, que a maneira de dirigir a quinta lhe aparecera clara diante dos olhos, que o objectivo das suas actividades era indigno. Realmente, em que consistia a luta? Zelava por cada copeque seu (não podia proceder de outra maneira, pois, assim que afrouxasse o seu zelo, faltar-lhe-ia dinheiro para pagar aos trabalhadores) enquanto os jornaleiros apenas defendiam a possibilidade de trabalhar tranqüila e agradavelmente, isto é, como estavam acostumados. O interesse de Levine consistia em que os homens trabalhassem o mais que pudessem e além disso que se não distraíssem, evitando assim

deteriorarem as semeadoras, as grades, as debulhadoras, que pensassem no que faziam. Em compensação, os camponeses só queriam trabalhar da maneira mais fácil e agradável e sobretudo sem preocupações, distraidamente, ao acaso.

Nesse Verão, Levine a cada passo pudera verificar que assim era.

Mandava segar o trevo para feno, escolhendo as piores *desiatinas,* aquelas onde havia mistura de ervas com cizância, e não serviam para sementes. Mas os camponeses guardavam ao mesmo tempo as *desiatinas* melhores, destinadas para o trigo, e justificavam se alegando que fora o administrador quem mandara, consolando Levine com dizer lhe que o feno seria magnífico. Levine sabia que eles procediam assim por lhes ser mais fácil amanhar essas *desiatinas.* Quando mandava uma maquina para enfardar o feno, logo a avariavam, pois os camponeses aborreciam se de estar sentados diante dela enquanto na sua retaguarda as pás da máquina se agitavam. E diziam lhe "Não se preocupe. As mulheres se encarregarão disso num instante." Os arados de pouco serviam, porque os camponeses não se lembravam de fazer descer a relha e deste modo os cavalos cansavam se e estropeavam as terras. Mas diziam a Levine que se não preocupasse. Deixavam ir os cavalos para as sementeiras de trigo, porque nenhum dos camponeses queria ser guarda nocturno e embora tivessem ordem de o não fazer, organizavam turnos de vela Vânia, de uma vez, depois de trabalhar um dia inteiro, adormeceu Arrependido da sua falta, disse "O patrão manda." Levaram as três melhores vitelas a pastar no campo de trevo passado à gadanha, sem dar-lhes antes água a beber, e os animais adoeceram. Mas não acreditaram que as vitelas tivessem inchado por causa do trevo e a título de consolação contavam que um proprietário vizinho perdera em três dias cento e doze cabeças de gado. Tudo isto não acontecia porque quisessem mal a Levine ou à sua propriedade — sabia que os camponeses o estimavam e o consideravam como um senhor de hábitos simples (na boca deles o maior dos elogios)

— , mas apenas porque queriam trabalhar alegremente e sem preocupações, e os interesses do patrão lhes eram estranhos e incompreensíveis, fatalmente contrários aos seus próprios, os melhores para eles. Havia tempo já que Levine se sentia descontente sobre a maneira como dirigia a herdade. Via que o barco metia água, mas não descobria nem procurava descobrir por onde, porventura enganando se de propósito (Nada lhe quedaria, se isto lhe falhasse.) Agora, porém, não podia continuar a iludir-se A herdade não só deixara de ter interesse para ele, como lhe repugnava e tornava se lhe impossível cuidar dela.

A isto viera juntar se, a trinta verstas dali, a presença de Kitty Tcherbatskaia, a quem amava e não podia ver Daria Alexandrovna.

Oblonskaia convidara o a visitá-la quando ele estivera em casa dela. Era a maneira de o estimular a pedir a mão da irmã, a qual, agora, segundo lhe dera a entender, o aceitaria. Ao tornar a ver Kitty, Levine compreendeu que não deixara de lhe querer. Mas não podia ir a casa dos Oblonski, sabendo que ela lá estava. O facto de ele se lhe ter declarado e ela o ter repelido levantava entre ambos um obstáculo intransponível "Não posso pedir lhe que seja minha mulher apenas porque não pôde casar com o homem a quem amava", dizia Levine com os seus botões. Esta ideia fazia o arrefecer nos seus sentimentos e sentir como que hostilidade contra Kitty "Não terei ânimo para falar com ela sem deixar de lhe fazer sentir a minha censura, nem poderei olhar para ela sem ira, e então ela odiar me á ainda mais, como é natural E por outro lado, como poderei eu visitá-la, depois do que me disse Daria Alexandrovna? Poderei eu, porventura, esconder que sei o que ela me contou? Como hei-de eu apresentar me numa atitude magnânima, perdoando lhe, concedendo-lhe indulgência? O meu papel diante dela é o do homem que perdoa e que se digna conceder lhe o seu amor. Para que me disse Daria Alexandrovna o que me disse? Teria podido encontrar me com Kitty por acaso e então tudo teria acontecido de maneira natural. Mas agora é impossível, impossível!"

Daria Alexandrovna mandou uma carta a Levine a pedir lhe um selim de montar para Kitty "Disseram-me que tem um selim de montar. Espero que mo venha trazer pessoalmente", escrevia ela.

Aquilo pareceu lhe insuportável. Como podia uma mulher educada e inteligente ser capaz de humilhar assim uma irmã? Levine redigiu dez bilhetinhos, rasgou os a todos e mandou-lhe o selim sem uma palavra de resposta. Não lhe podia dizer que ia porque lhe era impossível fazê-lo, e escrever a dizer que não ia, alegando qualquer impedimento, ou que ia partir, ainda lhe parecia pior. Depois de enviar o selim sem uma palavra, persuadido de que procedera incorrectamente, no dia seguinte, depondo os trabalhos da fazenda, para ele tão ingratos agora, nas mãos do administrador, dirigiu-se a casa do seu amigo Sviajski. Vivia este numa província distante, onde havia óptimos pântanos cheios de narcejas. Escrevera-lhe pouco tempo antes a pedir-lhe cumprimento da promessa que lhe fizera de o visitar. As narcejas dos pântanos da província de Surovsk havia muito que tentavam Levine, mas fora sempre adiando essa viagem, ocupado nas tarefas agrícolas. Agora, porém, com satisfação se afastava da vizinhança dos Tcherbatski e sobretudo das tarefas do campo, encantado por poder entregar se à caça, a qual, em todos os seus momentos de pesar, sempre lhe servira de melhor consolo.

CAPÍTULO XXV

Não havia caminho de ferro nem mala posta para a província de Surovsk Eis por que Levine fez a viagem com os seus próprios cavalos, em carro descoberto.

A meio do caminho deteve-se para dar-lhes ração em casa de um lavrador rico. Um velho, calvo e loução, de grandes barbas ruivas, grisalho nas têmporas, abriu lhe o portão, afastando se para o deixar passar. Depois de indicar ao cocheiro um local, debaixo do telheiro, no amplo pátio limpo e bem arrumado, onde se viam alguns arados sem serventia, o velho pediu a Levine que entrasse em sua casa Uma rapariga, de galochas, lavava o soalho à entrada da porta Assustou se e soltou um grito ao ver entrar, correndo, o cão de Levine, que o acompanhava Mas logo desatou a rir, pois o cão era inofensivo. Depois de apontar a Levine, erguendo o braço, de manga arregaçada, a porta da habitação, escondeu de novo o seu belo rosto, inclinando-se para continuar a esfregar.

— Quer o samovar? — perguntou.

— Sim, traze o, por favor.

A habitação era espaçosa, tinha uma estufa holandesa e um tabique dividia a em duas. Debaixo dos ícones havia uma mesa com arabescos pintados, um banco e duas cadeiras. Junto à porta, um aparador com louça. As portadas das janelas estavam fechadas, as moscas eram poucas e tudo estava tão limpo que Levine, com receio de que Laska, que se banhara nos charcos pelo caminho, sujasse o chão, lhe apontou um lugar ao canto, junto à porta. Depois de examinar a quadra, Levine veio até ao pátio atrás da casa. A formosa rapariga, de galochas, agitando no ar os baldes vazios que levava dependurados numa vara, passou por ele correndo direita ao poço.

— Depressa! — gritou-lhe alegremente o velho, e dirigiu-se a Levine — Então? Vai a casa de Nicolau Ivanovitch Sviajski? Ele também às vezes passa por aqui — principiou a dizer, desejoso de falar, encostando-se ao corrimão da escadinha.

Já o velho em metade da história das suas relações com Sviajski, quando rangeram as portas e um grupo de trabalhadores penetrou no pátio, trazendo consigo arados e grades. Os cavalos que os puxavam eram grandes e bem tratados. Naturalmente aqueles homens eram casados dois deles, rapazes, vestiam camisas de algodão e boné de pala, os outros dois, um velho e um novo, jornaleiros, vestiam camisas de pano grosseiro.

Afastando-se da escada, o velho aproximou se dos cavalos e principiou a desatrelá-los.

— Que araram vocês? — perguntou Levine.

— O campo das batatas Fiodor, não deixes fugir o potro Amarra-o ao poste Atrelaremos outro cavalo.

— Paizinho, trouxeram a relha do arado que eu pedi? — perguntou um dos rapazes, forte e alto, provavelmente filho do ancião.

— Está no trenó — respondeu este, enrolando as rédeas que tinha tirado aos cavalos e atirando-as ao chão — Arranja isto enquanto os outros jantam.

A linda rapariga voltou a entrar em casa com os baldes cheios de água, que lhe faziam vergar os ombros. E, de súbito, vindas só Deus sabe de onde, apareceram várias mulheres, novas e bonitas, de certa idade, velhas e feias, com filhos e sem eles.

O samovar principiou a ferver, os jornaleiros e os homens da família, uma vez desatrelados os cavalos, foram jantar Levine retirou as suas provisões do carro e convidou o velho a tomar chá com ele.

— Eu já tomei, mas para o acompanhar tomo outra vez — disse o ancião, aceitando o convite com evidente regozijo.

Enquanto tomavam chá, Levine inteirou se de toda a história da propriedade do velho. Dez anos antes este arrendara a um proprietário cento e vinte *desiatinas* de terra e havia um ano que lhas comprara, arrendando mais trezentas ao proprietário vizinho. Uma parte pequena das terras, a pior, arrendava-a, e era ele próprio, com a família e dois jornaleiros, quem arroteava quarenta *desiatinas.* Levine compreendeu que o velho se queixava por conveniência, mas que na verdade, a sua quinta prosperava. Se as coisas lhe caminhassem mal não teria comprado a terra a cento e cinco rublos, não teria casado os três filhos e um sobrinho, nem teria reconstruído três vezes a casa (que por três vezes ardera), e cada vez melhor. Apesar das suas lamentações, via se que o velho se sentia orgulhoso, não sem fundamento, do seu bem estar, dos filhos, do sobrinho, das noras, dos cavalos, das vacas, e sobretudo da prosperidade de tudo aquilo. Pela conversa, Levine verificou que o ancião não era inimigo das inovações, que semeava muita batata que já dera flor, quando a sua só agora é que principiava a florir. O velho lavrara os terrenos da batata com o arado, como ele dizia, que lhe emprestara o proprietário da terra. Também semeava trigo. O pequeno pormenor que mais impressionou Levine foi o facto de o velho aproveitar como ração para as cavalariças o centeio respigado no final. Levine tentara mais de uma vez recolhê-lo, ao ver como se desperdiçava essa magnífica

forragem, mas nunca o conseguira. Em compensação, o velho conseguira o e não se cansava de a elogiar.

— Em alguma coisa as mulheres têm de se ocupar. Fazem os montinhos à beira da estrada e a carroça recolhe-os.

— Entre proprietários tudo corre mal com os trabalhadores — disse Levine, oferecendo-lhe chá.

— Muito obrigado — replicou o velho, aceitando o copo, mas recusando mais açúcar, pois lhe chegava o torrão meio mordiscado que mostrava a Levine — Não nos podemos entender com os jornaleiros. É uma verdadeira ruína. Veja, por exemplo, o senhor Sviajski. Nós bem sabemos que tem muito boa terra, terra primorosa, mas nunca pode fazer boas colheitas Falta lhe quem vigie?

— Não trabalhas também como jornaleiro?

— Trabalho, mas sou aldeão. Somos nós que fazemos tudo. Quando o jornaleiro é mau, mandamo-lo embora e arranjamo-nos com gente da casa.

— Paizinho, Finognen precisa de alcatrão — disse, entrando na sala, a rapariga das galochas.

— É como lhe digo, cavalheiro — rematou o ancião, erguendo se, e, depois de se persignar lentamente, agradeceu a Levine e saiu.

Quando Levine penetrou na isbá dos trabalhadores para chamar o cocheiro, viu todos os homens da família sentados à mesa. As mulheres, de pé, sorriam. O rapaz vigoroso, filho do velho, com a boca cheia de *kacha,* contava algo de muito divertido e todos riam, a rapariga das galochas, essa na com particular alegria, ao mesmo tempo que deitava *stchi* numa tigela.

Era provável que o agradável rosto da rapariga das galochas concorresse muito para a sensação de bem estar que produzira em Levine aquela família, mas esta impressão fora tão forte que não podia esquecê- la. Durante todo o caminho, enquanto se dirigia às propriedades de Sviajski, recordou a casa dos camponeses, como se a impressão que experimentara exigisse um interesse especial.

CAPÍTULO XXVI

Sviajski era marechal da nobreza na sua província. Tinha mais cinco anos do que Levine e estava casado havia tempo já. Em sua casa vivia uma cunhada, jovem, com quem Levine muito simpatizava, não ignorando que Sviajski e a mulher desejavam casá-lo com ela. Sabia-o de certeza, como geralmente sabem estas coisas os rapazes a quem dão o nome de pretendentes, embora nunca tivesse ousado dizê-lo a ninguém. E também sabia que, embora desejasse contrair matrimônio e estivesse seguro de que aquela rapariga tão atraente seria óptima esposa, em todos os sentidos, tão poucas probabilidades tinha de casar com ela, mesmo que não estivesse enamorado de Kitty Tcherbatskaia, como de subir ao céu. E esta sensação azedava-lhe o prazer que esperava da sua estada em casa de Sviajski.

Ao receber carta deste convidando-o para caçar, Levine lembrou-se logo de tudo isso, mas, ainda assim, pensou que essas intenções do amigo eram um vago desejo sem fundamento e decidiu-se a aceitar o convite. Aliás, no fundo da sua alma desejava pôr se à prova com ver de perto outra vez essa rapariga. A vida familiar dos Sviajski era muito agradável, e o amigo, o membro mais activo dos *zemstvo* que Levine conhecera, não deixava de ser sempre interessante para ele.

Sviajski pertencia a uma categoria de indivíduos que Levine não conseguia perceber. Embora professando opiniões definitivas, conquanto pouco pessoais, nem por isso semelhantes pessoas levam um gênero de vida menos recta, se bem que não deixe de contrastar singularmente com os seus pontos de vista Sviajski dizia-se ultraliberal. Desprezava a nobreza, entendia que a maioria dos nobres era partidária da servidão e que só por cobardia o não confessava. Achava que a Rússia era um país perdido, no gênero da Turquia, e o seu governo tão mau que nem mesmo se dignava criticar-lhe os actos a sério. Ao mesmo tempo, porém, era funcionário do Estado e marechal da nobreza modelar, usando sempre em viagem o gorro de pala, bordado a vermelho, com o respectivo emblema. Opinava que só era possível viver-se no estrangeiro, para onde ia sempre que tinha ocasião, mas ao mesmo tempo dirigia na Rússia uma propriedade muito completa e aperfeiçoada, inteirando se com muito fervor de tudo o que acontecia no país. Achava que os camponeses russos, quanto a inteligência, se encontravam num grau intermédio entre o homem e o macaco, e no entanto nas eleições do *zemstvo* apertava a mão aos mujiques, ouvindo as suas opiniões com mais prazer do que qual quer outra pessoa. Não acreditava nem em Deus nem no Diabo, mas preocupava se muito com a questão da melhoria da situação do

clero e da redução das paróquias, à excepção da redução da sua, claro está.

No que dizia respeito ao problema feminista, estava do lado dos mais radicais defensores da liberdade absoluta da mulher e especialmente do seu direito ao trabalho, mas vivia de tal sorte com a esposa que todos admiravam aquele matrimônio sem filhos de vida tão feliz. Organizara pra ela uma forma de vida em que nada tinha que fazer a sua única preocupação, partilhada pelo marido, era passar o tempo o melhor possível.

Se Levine não possuísse a qualidade de considerar as pessoas pelo seu lado melhor, o caracter de Sviajski não lhe ofereceria nem dificuldades nem problemas Teria dito para consigo mesmo "É um néscio ou um canalha", e tudo estaria certo. Mas não podia chamar lhe néscio, porque Sviajski, não só era de facto inteligente, mas instruído e usava da sua cultura com extraordinária naturalidade. Não havia matéria que desconhecesse, embora apenas mostrasse os seus conhecimentos quando obrigado. Com muito menos razão ainda se lhe podia chamar canalha, visto ser realmente um homem honrado, bom e inteligente, que levava a cabo um trabalho apreciado por todos e com toda a certeza nunca fazia nem podia fazer mal conscientemente.

Levine procurava compreendê-lo sem o conseguir, considerando-o um enigma, tanto a ele como à vida que levava. Como eram amigos permitia se sondá-lo numa tentativa para chegar à própria base do seu conceito da vida. Mas debalde.

Sempre que Levine procurava ir um pouco mais além das salas de recepção da inteligência de Sviajski notava que este se perturbava e que no seu olhar transparecia um receio quase imperceptível, como se temesse que ele o compreendesse. Então opunha lhe uma resistência jovial e bondosa.

Naquele momento, desenganado como estava nas suas actividades de proprietário, Levine sentiu um prazer especial em visitar Sviajski. Aliás, aquele feliz casal de pombinhos, satisfeito consigo e com o seu ninho confortável, produzia lhe uma sensação agradável. Descontente coma sua própria existência, ser lhe ia muito útil descobrir o segredo de Sviajski, esse segredo que dava à vida dele uma claridade, um júbilo e um sentido de que Levine precisava tanto. Além disso, sabia que em casa de Sviajski teria ocasião de encontrar os proprietários da vizinhança e grande era o interesse que tinha em conversar com eles e ouvir o que diziam sobre economia rural, colheitas, contratas com jornaleiros, etc.. Não ignorava que essas conversas aos olhos do mundo eram vulgares, naquela altura, porém, afiguravam se lhe muito importantes "Talvez", pensava, "tudo isto não tivesse importância

alguma no tempo da servidão ou ainda hoje em Inglaterra. Tanto num como no outro caso as coisas estão arrumadas, mas aqui, no nosso país, onde tudo está desarrumado e apenas agora principia a organizar-se, saber como se procederá a essa arrumação, eis o único problema importante"

A caçada foi muito pior do que Levine esperava. O pântano estava seco e já não havia narcejas. Depois de um dia inteiro por montes e vales, apenas conseguira apanhar três peças de caça, em compensação trouxe, como sempre, um grande apetite, muito boa disposição e aquele estado de excitação de espírito que nele despertava o exercício físico. Durante a caçada, quando parecia não pensar em coisa alguma, lembrava se do velho rodeado da família, e essa lembrança não só se lhe afigurava chamar lhe a atenção para qualquer coisa, mas também convidá-lo a resolver algum caso com isso relacionado.

À noite, quando tomava chá na companhia de dois proprietários que tinham ido visitar Sviajski por causa de uma tutela, travou se a interessante conversa que ele aguardava.

Levine, que ficara à mesa junto da dona da casa, teve de manter conversa com ela e a irmã, que se lhe sentava diante. A dona da casa era uma senhora de cara redonda, loira e baixinha, muito risonha e com umas covinhas na face. Levine procurava averiguar através dela a solução do importante problema que para ele era o marido, mas sentia-se tolhido nas suas ideias, embaraçado Isto era devido ao facto de a cunhada de Sviajski, que se encontrava na sua frente, ter um vestido muito especial, dir-se-ia escolhido por causa dele, com um decote em forma de trapézio, aberto sobre o branco seio. Aquele decote triangular, apesar da brancura do colo, ou precisamente por isso, privava Levine da liberdade de pensamento Imaginava, equivocando-se provavelmente, que aquele decote era em sua honra, e, por isso mesmo, não se considerando com direito a olhar para ele, tudo fazia para o evitar. Contudo, sentia se culpado, quanto mais não fosse pelo facto de aquele decote existir. Parecia ludibriar alguém que lhe exigia uma explicação de qualquer coisa, e como lhe era impossível fazê- lo, corava a cada momento, mostrando se embaraçado e inquieto. Esta sua inquietação comunicava se também à bela cunhada. A dona da casa, contudo, parecia não dar por coisa alguma e de propósito obrigava o a tomar parte na conversação.

— Diz o senhor — prosseguiu a conversa interrompida — que a meu marido não interessa nada que seja russo. Pelo contrário, embora se sinta contente no estrangeiro, nunca o está tanto como aqui. Aqui está no seu meio. Tem muito que fazer e interessa se por tudo Ainda não esteve na nossa escola?

— Já a vi. Não é aquela casinha coberta de hera?

— Exactamente. É obra da Nástia. — disse a dona da casa, indicando a irmã.

— É a senhora quem ensina nessa escola? — perguntou Levine, procurando não ver o decote, mas sentindo que, olhasse para onde olhasse naquela direcção, o teria diante de si.

— Sim, ensinei e ensino nessa escola, mas também temos uma Mestra óptima. E organizamos aulas de ginástica.

— Muito obrigado, não quero mais chá — disse Levine. E percebendo embora que cometia uma incorrecção, incapaz de continuar naquela conversa, levantou se.

— Estava a ouvir uma conversa muito interessante — acrescentou, aproximando se do outro extremo da mesa, onde se sentava o dono da casa com os dois proprietários.

Com os cotovelos na mesa, junto à qual se sentava de esguelha, Sviajski, numa das mãos a chávena, apanhava com a outra a barba, que repassava até à altura do nariz, como se fosse cheirá-la, deixando-a fugir de novo. Seus brilhantes olhos negros fitavam um dos proprietários de bigodes grisalhos que falava, exaltado, queixando-se dos camponeses, e parecia divertir-se com o que ele dizia. Levine percebeu imediatamente que Sviajski, com uma só palavra, reduziria a pó os argumentos do interlocutor, mas que a sua posição oficial o obrigava a manter um certo decoro, preferindo deleitar-se em silêncio com aquelas lamentações. O proprietário dos bigodes grisalhos era sem dúvida partidário acérrima da servidão. Nunca saíra da sua aldeia e tinha a paixão da economia rural. Levine percebeu isso mesmo pela sua maneira de vestir — envergava um velho redingote à moda antiga, que poucas vezes tirara do corpo —, pelos seus olhos inteligentes, que grossas sobrancelhas sombreavam, pela sua linguagem bem russa, pelo tom imperativo, fruto evidente de uma longa experiência, pelos gestos autoritários das grandes mãos, belas e tostadas, pela antiga aliança no dedo anelar.

CAPÍTULO XXVII

— Se não tivesse pena de abandonar o que está principiado... tanto esforço como o que eu tenho despendido... deixaria tudo, vendia tudo e abalava como o Nicolau Ivanovitch... ia ouvir a *Bela Helena* — disse o proprietário, com um agradável sorriso que lhe iluminou o rosto velho e inteligente.

— Mas como a não imita — objectou Nicolau Ivanovitch — é que lhe faz conta.

— Faz-me conta, porque vivo em casa minha. Não tenho de comprar nem de alugar seja o que for. Além disso, ainda continuamos a ter esperança de que os camponeses acabem por ganhar juízo. Se o senhor visse a maneira como bebem, a libertinagem a que se entregam!... Repartiram tudo e repartiram de tal sorte que não lhes resta um cavalo, não têm uma vaca. Estão a morrer de fome, mas, mesmo assim, experimente meter um deles a jornaleiro: acabará por lhe dar cabo de tudo e ainda por cima apresentará queixa perante o juiz de paz.

— Queixe-se o senhor também perante o juiz — disse Sviajski.

— Queixar-me, eu? Por nada desta vida. Acabamos sempre por arrepender-nos de apresentar qualquer queixa. Por exemplo, os operários da fábrica pediram dinheiro adiantado e depois foram-se embora. Que fez o juiz? Absolveu-os. Os únicos que levam as coisas com rectidão são o velho tribunal da comarca e o bailio. Este ajusta contas à moda antiga. Se assim não fosse, não tínhamos remédio senão deixar as nossas coisas e abalarmos para o cabo do mundo.

Estava claro que o proprietário queria irritar Sviajski, mas este não só não se irritava como até se divertia.

— Pois nós, aqui o Levine, este senhor e eu administramos as nossas propriedades sem essas medidas — disse, sorrindo, e apontando para o outro proprietário.

— Sim, mas pergunte ao Miguel Petrovitch que faz ele para governar o barco. Será isso, pergunto eu, uma administração racional? — exclamou o velho, muito orgulhoso do emprego da palavra "racional".

— Graças a Deus, cá por mim não tenho de matar a cabeça — acorreu Miguel Petrovitch. — O que me preocupa é ter dinheiro, dinheiro suficiente para as contribuições do Outono. Lá vêm os camponeses ter comigo: "Paizinho, ajude-me!" E como são mujiques vizinhos e me fazem pena, adianto-lhes o primeiro terço da

contribuição, embora sem me esquecer de os prevenir: “Lembrem-se, rapazes, de que os ajudei, e ajudem-me quando eu precisar de vocês, quer para semear a aveia, quer para recolher o feno e ceifá-lo.” E desconto-lhes um tanto nos impostos. Entre eles também há alguns desgraçados.

Levine, que de há muito conhecia aqueles métodos patriarcais, trocou um olhar com Sviajski e interrompeu Miguel Petrovitch, dirigindo-se ao proprietário dos bigodes grisalhos.

— Como acha que devem dirigir-se agora as propriedades? — perguntou-lhe.

— Como o Miguel Petrovitch, a meias ou arrendando-as aos camponeses. Tudo isto é possível, mas assim se acaba com a riqueza comum do país. No tempo da servidão, uma terra que rendia nove vezes a semente, agora, a meias, não dá mais do que três. A emancipação arruinou a Rússia.

Sviajski fitou Levine. Os olhos sorriam-lhe e até lhe dirigiu um ligeiro aceno irônico, mas para Levine as palavras do proprietário não eram motivo de riso; compreendia-as melhor do que compreendia Sviajski. Muita coisa que o proprietário veio a dizer depois, com que demonstrava a ruína da Rússia por causa da emancipação, pareceu-lhe outrossim de grande justiça. Era para ele coisa nova e indiscutível. Evidentemente o proprietário exprimia ideias próprias — o que não era vulgar — e não ideias de um cérebro ocioso, desejoso de encontrar uma ocupação, inspiradas nas condições da sua própria vida, toda ela passada na solidão da aldeia e estudada em todos os seus aspectos.

— O caso é que todo o progresso se consegue pela força e apenas pela força — continuava, num desejo evidente de mostrar que não era homem inculto. — Vejam as reformas de Pedro, o Grande, de Catarina e de Alexandre. Vejam a história européia: quanto mais reformas tanto mais progresso na vida rural. Até as batatas foram introduzidas à força no nosso país. Tão-pouco se lavrou sempre com o arado. Deve ter sido introduzido, provavelmente, na Idade Média e naturalmente à força também. Na nossa época, durante o período da servidão, nós, os proprietários, introduzimos inovações nas nossas terras secadoras, batedoras, joeiradoras e outras máquinas. Tudo isso o conseguimos impor graças à nossa autoridade, e os camponeses, que de princípio não queriam, imitaram nos depois. Mas agora, acabando com a servidão, tiraram nos a autoridade, e as nossas propriedades, que tinham chegado a um nível bastante alto, caíram num estado primitivo e selvagem. É esta a minha opinião.

— Mas por quê? Se a exploração é racional, pode dirigir a sua propriedade recorrendo aos jornaleiros — disse Sviajski.

— Não há autoridade. A quem poderei eu recorrer para dirigir a herdade?

"Aqui surge a força do operário, o elemento principal da exploração agrícola", pensou Levine.

— Aos jornaleiros?

— Os jornaleiros não querem trabalhar bem nem com as boas máquinas. O nosso trabalhador só sabe uma coisa beber como um cevado, e, quando bêbedo, estropiar tudo o que se lhe confia. Dá água de mais aos cavalos, rebenta os bons arreios, substitui as rodas com aros de ferro por outras, bebe o dinheiro da diferença e mete uma cunha na engrenagem principal da debulhadora mecânica para arrebentar com ela. Repugna lhe tudo o que se não faça segundo as suas idéias. E por causa disso desceu o nível da economia doméstica. Abandonam se as terras, cobrem se de cizânia ou repartem se pelos camponeses, e as que produziam um milhão de alqueires, agora apenas produzem uma centena de milhar. A riqueza geral diminuiu. Se se tivesse feito o mesmo, mas com tino Se se queria dar a emancipação aos servos, ao menos que se procedesse com cautela.

E pôs se a expor o seu plano pessoal, que, a acreditar nele, tinha pelo menos a vantagem de afastar todos estes inconvenientes.

Isso não interessava a Levine. Quando o velho acabou de falar, volveu às suas primeiras considerações, que comunicara a Sviajski, procurando obrigá-lo a expor os seus pontos de vista.

— É indiscutível que o nível da nossa economia rural está a baixar e que, dadas as nossas relações com os camponeses, será impossível explorar as propriedades — afirmou.

— Eu não sou dessa opinião — replicou Sviajski, desta vez a sério

— Apenas vejo que não sabemos administrar as nossas terras e que, pelo contrario, o nível da economia rural durante o período da servidão não era alto, mas extremamente baixo. Não temos boas máquinas nem bons animais de lavoura, nem uma direcção verdadeira e nem sequer sabemos fazer cálculos. Pergunte a um proprietário o que lhe convém e o que lhe não convém e não saberá responder-lhe.

— A contabilidade italiana — interveio o proprietário ironicamente —, já uma pessoa pode contar à vontade. Se lhe derem cabo de tudo, não tirará daí nenhum benefício.

— Por que esta o senhor sempre a falar em dar cabo de tudo? A uma debulhadora que não vale nada, a uma prensa russa, isso, sim, poderão dar cabo delas, mas não a minha máquina a vapor. Um cavalicoque russo que nome têm os cavalos dessa raça que precisam

de ser puxados pela cabeça? Podem estropiá-los. Mas se o senhor arranjar bons *percherons,* ou pelo menos desses que cavalgam bem não os estropiarão. E assim tudo o mais. Devemos elevar o nível da vida rural.

— Assim tivéssemos com quê, Nicolau Ivanovitch. Para si, está certo, mas eu, que tenho um filho a educar na Universidade e outros já no colégio. Não tenho com que comprar *percherons.*

— É para isso que servem os bancos.

— Para que me vendam o resto que tenho em hasta pública? Não, muito obrigado.

— Não estou de acordo com a necessidade e a possibilidade de se elevar o nível da economia rural — disse Levine — Eu próprio me ocupo disso, disponho de meios e no entanto nada consigo. Não sei para que servem os bancos. Pelo menos eu, em tudo em que gastei dinheiro, tive perdas nos animais e nas máquinas.

— Isso é certo — afirmou, rindo, com satisfação, o proprietário dos bigodes grisalhos.

— E não se deu só comigo — continuou Levine — Posso citar o nome de outros proprietários que exploram as suas terras de maneira racionai, todos, com raras excepções, têm prejuízo. Diga nos as suas terras dão-lhe lucros? — perguntou a Sviajski.

E logo lhe observou nos olhos essa rápida expressão de medo que nele notava sempre que tentava ir um pouco mais além das salas de recepção da inteligência de Sviajski.

Aliás, a pergunta não era muito leal da parte de Levine. Durante o chá, momentos antes, a dona da casa dissera lhe terem trazido de Moscovo, naquele Estio, um contabilista alemão que por quinhentos rublos procedera ao balanço das contas da herdade. Apuraram três mil e tal rublos de prejuízo. Não se lembrava com precisão, mas, segundo parecia, o alemão contara o prejuízo até ao mais ínfimo quarto de copeque.

O proprietário sorriu ao ouvir falar dos lucros de Sviajski. Não havia duvida de que sabia os lucros que o seu vizinho podia ter, ma fechai da nobreza que era.

— Talvez não tenha benefícios — replicou Sviajski —, mas isso apenas quer dizer que sou mau proprietário ou que inverto o capital para aumentar a renda.

— Ah! A renda! — exclamou Levine, horrorizado. — Pode ser que exista renda na Europa, ali a terra é melhorada à força de trabalho, mas a nossa vai piorando quanto mais trabalhamos nela. Quer dizer,

esgotamo-la e por conseguinte não há renda.

— Como é que não há renda? É a lei.

— Estamos fora da lei: a renda não nos aclara nada, mas pelo contrário, confunde tudo. Diga-me, como pode o estudo da renda...?

— Querem leite coalhado? Macha, manda servir-nos leite coalhado ou framboesas — disse Sviajski, dirigindo-se à mulher. — Este ano continua a haver framboesas, embora a estação já vá muito adiantada.

E Sviajski levantou-se, afastando-se, na melhor disposição de espírito, como se estivesse convencido de que a conversa terminara, quando o certo era que Levine apenas parecia ter principiado.

Ao ver-se sem interlocutor, Levine prosseguiu a conversa com o proprietário, procurando demonstrar-lhe que todas as dificuldades provinham de que os russos não queriam conhecer as peculiaridades e os costumes do trabalhador. Mas o proprietário, como todas as pessoas habituadas a reflectir ao canto da lareira, não aceitava facilmente a maneira de pensar dos outros e atinha-se apaixonadamente à sua. Teimava em que o camponês russo era um cevado, gostava da porcaria e para arrancá-lo a isso havia necessidade de autoridade e, à falta de autoridade, de cacete. Infelizmente ao cabo de mil anos tinham-se posto a brincar ao liberalismo, substituindo esses meios, mais que provados por Deus sabe que advogados, por decisões que reconheciam à canalha mal-cheirosa o direito a tantos pratos de boa sopa, a tantos pés cúbicos de ar.

— Mas vejamos — disse Levine, procurando obrigá-lo a não se afastar da questão. — Não será realmente possível estabelecer entre os trabalhadores e nós relações que permitam um trabalho verdadeiramente produtivo?

— Não, com o povo russo, é inútil pensar nisso. Já não há autoridade— replicou o adversário.

— De resto, que novas condições de trabalho se podiam descobrir?

— interveio Sviajski, que, depois de ter ingerido um pires de leite coalhado e acendido um cigarro, voltara a tomar parte na conversa.— Todas as maneiras possíveis de tratar com o operário já foram determinadas e estudadas. Esse legado dos tempos bárbaros, a comuna agrária de caução solidária, decompõe-se por si mesma. A escravidão foi aniquilada, resta o trabalho livre e as suas formas estão definidas e regulamentadas. Temos de aceitá-las assim. Há peões, jornaleiro, colonos, e não se pode sair daqui.

— Mas a própria Europa está descontente com essas formas.

— Está descontente e procura outras novas. Provavelmente acabará

por encontrá-las.

— É disso que eu falo — interveio Levine. — Por que as não procuramos nós pela nossa parte?

— Porque seria o mesmo que tentarmos inventar um novo processo para construir caminhos de ferro. É coisa que já está inventada e instalada.

— Mas se não nos convierem, se forem absurdos... —disse Levine. E outra vez notou a expressão de temor nos olhos de Sviajski.

— Sim, pis não é verdade? A Europa procura o que nós já encontrámos! Tudo isso esta certo, mas sabe o que se fez na Europa a respeito da organização operária-?

— Não, não sei lá muito bem.

— Esse problema preocupa agora os melhores cérebros da Europa. Por um lado, há a escola de Schulze-Delitzsch, por outro a de Lassalle, a mais avançada de todas e que produziu já uma literatura considerável... A associação de Mulhouse, aí tem já qualquer coisa de positivo.

— Tenho uma ideia muito vaga.

— É o que o senhor diz, mas deve conhecê-la tão bem como eu. Naturalmente não sou professor de Sociologia, mas esse problema interessava-me e, se lhe interessa, deve estudá-lo também.

— Pois bem, e a que conclusão chegaram?

— Perdão...

Os proprietários levantaram-se. Sviajski interrompeu Levine uma vez mais por causa do desagradável costume deste, que queria penetrar mais para além das salas de recepção da sua inteligência. E saiu para acompanhar os convidados.

CAPÍTULO XXVIII

Levine passou um serão aborrecidíssimo na companhia das senhoras. Preocupado com a ideia de que a crise de desânimo por que passava era conseqüência do estado geral das suas coisas, não deixava de ruminar o problema que lhe interessava. "Sim", dizia para si mesmo, "precisamos de encontrar, custe o que custar, um *modus vivendi* que permita aos camponeses trabalharem nas nossas terras com a mesma boa vontade com que trabalhavam em casa do lavrador onde tomei chá. Não se trata de uma utopia, mas de um simples problema que nós temos o direito e o dever de solucionar."

Despedindo-se das senhoras, prometeu-lhes que ficaria ainda todo o dia seguinte para, juntos, irem a cavalo ver o desabamento que se dera numa mata do Estado. E antes de retirar-se, entrou no escritório do dono da casa para recolher uns livros sobre questões operárias que este lhe oferecera. O escritório era uma dependência enorme, com muitos armários de livros e duas mesas, uma grande, de escritório, no centro da sala, e outra, redonda, sobre a qual havia jornais e revistas em todos os idiomas, dispostos em forma de estrela, à volta do candeeiro. Junto da mesa-secretária via-se um arquivo, com rótulos dourados nas gavetas, indicando as diferentes espécies de documentos que continham.

Sviajski pegou nos livros e sentou-se numa cadeira de baloiço.

— Que está a ver? — perguntou a Levine, o qual, detendo se junto da mesa redonda, mirava as revistas — Ah, sim, há um artigo muito interessante nessa revista? — acrescentou, referindo-se à que Levine tinha na mão — Chego à conclusão — prosseguiu com jovial entusiasmo — de que o principal culpado da partilha da Polônia não foi Frederico. Concluo.

E Sviajski, com a sua peculiar clareza, resumiu, sucintamente, aquelas novas e interessantes descobertas de grande importância. Embora naquele momento nada lhe interessasse mais do que a questão da economia rural, Levine, ouvindo-o, perguntava-se a si mesmo "Que há dentro dele? Por que lhe interessa a divisão da Polônia?" Quando Sviajski acabou de falar, Levine perguntou-lhe, involuntariamente.

— E depois?

Mas não havia mais nada "depois"! A única coisa interessante era a "conclusão"

Sviajski não explicou, nem julgou necessário fazê-lo, por que lhe interessava aquilo.

— É certo — disse Levine, depois de um suspiro — que gostei de ouvir aquele proprietário zangado É inteligente e diz muitas verdades.

— Ora! É um esclavagista vergonhoso, como todos, de resto — volveu-lhe Sviajski.

— De quem você é marechal de nobreza.

— Sim, mas dirijo-os numa direcção muito diferente daquela que eles querem — tornou Sviajski, desatando a rir.

— O que eu gostaria de saber era o seguinte — argumentou Levine

— Tem razão ao dizer que a nossa economia nacional não progride e que a única coisa que prospera são as propriedades dos usurários, como a daquele outro tão calado, ou então as dos que aplicam uma economia mais primitiva. Mas de quem é a culpa?

— Claro está que de nós mesmos. Além disso não é verdade que não progride A propriedade de Vaciltchikov, por exemplo, prospera.

— A fábrica.

— Mas, de toda a maneira, não percebo que é que o surpreende. O povo está num nível material e moral tão baixo que decerto se oporá a aceitar aquilo de que necessita. Na Europa, a propriedade racionai faz progressos, porque o povo está educado. Por conseguinte, o que temos a fazer é educar o povo, e pronto.

— Mas como educar o povo?

— Para o conseguir são precisas três coisas: escolas, escolas e escolas.

— Mas acaba de dizer que o povo se encontra num baixo nível de desenvolvimento moral para que lhe hão-de servir as escolas?

— Faz-me lembrar aquela anedota do doente— “Deviam dar lhe um purgante.” — “Já lho demos e está pior.” — “Então ponham lhe sanguessugas.” — “Já lhas pusemos e ficou pior.” — “Então rezem.” — “Também rezámos e continua mal” Eis o que nós fazemos. Falo-lhe de economia política e você diz-me que é pior. Refiro-me ao socialismo, e responde me, pior. Recomendo a instrução, e declara-me, pior ainda.

— Para que servem as escolas?

— Acordarão no povo necessidades novas.

— Nunca pude entender isso — replicou Levine, exaltando-se — Como hão de as escolas ajudar o povo a melhorar a sua situação material? Diz você que as escolas e a instrução despertam no povo necessidades novas. Tanto pior, porque não terá maneira de as satisfazer Jamais compreendi em que poderão melhorar a situação

material dos camponeses a soma, a subtracção e o catecismo. Antes de ontem encontrei uma mulher com uma criança de peito nos braços e perguntei lhe de onde vinha "Levei a criança, que está com tosse convulsa, a casa da curandeira." — "E que faz essa mulher para curar a tosse convulsa?" — "Põe a criança no poleiro das galinhas e diz uma lenga-lenga "

— Como vê, você mesmo o está a dizer. Para que não levem as crianças à curandeira, é preciso — disse Sviajski, sorrindo alegremente.

— Oh! Não! — exclamou Levine, irritado — Essa cura da criança é como a cura do povo nas escolas. O povo é pobre e inculto, vemo-lo com tanta clareza como a mulher vê a tosse convulsa que faz chorar a criança. Mas é tão incompreensível que as escolas possam ajudar o povo na sua incultura e na sua miséria como a curar a tosse convulsa no poleiro da capoeira. Há que dar remédio à causa da miséria do povo.

— Nisso, ao menos, você está de acordo com Spencer, um autor de que no entanto não gosta. Também ele sustenta que a cultura pode ser o resultado de um aumento de bem estar, de banhos mais freqüentes, como ele diz, mas nunca de saber ler e contar.

— Pois bem, dá me muita satisfação, ou antes, lamento muito coincidir com Spencer. Há muito que penso assim. As escolas não ajudam em nada, e apenas serão úteis quando existir uma economia que permita ao povo ser mais rico e ter mais tempo livre.

— No entanto, agora, em toda a Europa, o ensino é obrigatório.

— Está de acordo nisso com Spencer? — perguntou Levine.

Mas nos olhos de Sviajski apareceu a tal expressão de medo e disse, sorrindo.

— Tem muita graça isso da tosse convulsa! Será possível que se tenha passado consigo?

Levine compreendeu que não conseguia achar a relação entre a vida e as ideias daquele homem. Via-se que lhe era indiferente a conclusão a que levariam os seus raciocínios, apenas precisava do processo de pensar. E ficava contrariado quando este o conduzia a um beco sem saída. Era a única coisa de que não gostava e procurava evitá-lo, mudando de conversa, falando de assuntos mais alegres e agradáveis.

Todas as impressões do dia, a começar pelas do lavrador que vivia a meio caminho da propriedade de Sviajski, o qual lhe servia de base a todas as suas ideias e sensações, agitaram profundamente Levine. Aquele amável Sviajski, que sustentava opiniões apenas para uso

externo e que sem dúvida tinha outros fundamentos para a vida, secretos para Levine, pertencendo à legião dos que dirigiam a opinião pública de acordo com as ideias que lhe eram alheias, aquele proprietário zangado que tinha razão nas suas reflexões extraídas da vida, mas era injusto na irritação que mostrava para uma classe, a melhor da Rússia, o descontentamento em que estava das suas próprias actividades e a vaga esperança de achar remédio para isso, tudo se fundia num sentimento de inquietação interior e de expectativa num próximo desenlace.

Só no quarto que lhe fora destinado, estendido no colchão de molas, que ao mais pequeno movimento lhe fazia saltar, inesperadamente, os braços e as pernas, Levine conservou se acordado por muito tempo. Nenhuma conversa com Sviajski, embora este dissesse coisas acertadas, lhe interessava a ele, Levine. Mas as ideias do velho proprietário, essas, sim, valia a pena pensar nelas! Involuntariamente Levine recordava as palavras dele e mentalmente corrigia as respostas que lhe dera.

“Devia ter lhe dito. O senhor afirma que a nossa exploração agrícola vai mal, porque o camponês odeia os aperfeiçoamentos e porque estes devem introduzir se à força. Teria o senhor razão se as coisas não caminhassem de todo sem esses aperfeiçoamentos, mas a economia agrícola prospera ali onde o camponês obra segundo o costume, como, por exemplo, na casa do velho que vive a meio caminho da propriedade de Sviajski. O seu descontentamento, tal qual como o meu sobre o estado das nossas terras, demonstra que os culpados somos nós e não os trabalhadores. Há muito já que operamos à maneira européia sem nos preocuparmos com a qualidade da mão de obra. Tentemos reconhecer a força operária, não como uma força ideal de trabalhadores, mas por aquilo que ela é, o mujique russo, com todos os seus instintos, e organizemos a exploração das terras tendo-o a ele em mente Imagine, devia eu ter-lhe dito, que o senhor administrava a sua propriedade como o velho lavrador que achara a maneira de interessar no êxito do trabalho o camponês e o equilíbrio de aperfeiçoamento que ele admite. Então, sem esgotar a terra, o senhor obteria duas ou três vezes mais do que até aqui. Divida as suas terras em duas partes, entregue metade aos camponeses, conseguirá mais e eles também. Para o conseguir terá de diminuir o nível da exploração agrícola e interessar os trabalhadores no resultado. A maneira de o fazer é questão de pormenor. Mas não há dúvida de que é possível”

Estes pensamentos agitaram Levine de forma extraordinária. Passou parte da noite sem dormir, pensando na maneira pormenorizada de pôr em prática as suas idéias. Não tinha tenção de voltar para casa no

dia seguinte. Mas agora decidiu se a fazê-lo logo pela manhã muito cedo. Aliás, a cunhada de Sviajski, com o seu vestido decotado, despertava nele um sentimento análogo ao da vergonha e do arrependimento de quem fizera qualquer coisa mal feita. E sobretudo devia regressar sem delongas, para ter tempo de propor aos camponeses um novo projecto antes da sementeira de Outono, e semear já de acordo com as novas condições Decidira mudar completamente a sua maneira de explorar a terra.

CAPÍTULO XXIX

A execução do plano de Levine apresentava muitas dificuldades mas, lutando com todas as forças, conseguiu, não precisamente o que desejava, mas ao menos, sem se enganar a si mesmo, acreditar que a sua obra merecia que cuidasse dela. Um dos principais obstáculos que se lhe deparavam era o facto de a exploração estar em andamento e ser possível interrompê-la para principiar de novo. Havia que reparar a máquina mesmo em andamento. Quando comunicou os seus planos ao administrador, na própria tarde em que chegou, este, com evidente satisfação, mostrou se de acordo com a parte do discurso de Levine em que se demonstrava que tudo o que se fizera até ali era absurdo e desvantajoso. Afirmou mesmo que havia muito que o dizia e ninguém fizera caso dele. Quanto ao oferecimento que Levine lhe fez para que ele tomasse parte, como consócio, ao lado dos demais trabalhadores, na economia da propriedade, limitou se a mostrar uma expressão desanimada e não deu resposta definida. Disse imediatamente que era necessário recolher no dia seguinte a restante palha de centeio, e Levine compreendeu que o momento não era azado para trocar impressões sobre o assunto.

Ao falar do mesmo caso com os camponeses e ao propor lhes o arrendamento da terra sob novas condições, Levine encontrou o mesmo obstáculo essencial tão ocupados estavam nas tarefas do dia que não tinham tempo para pensar nas vantagens ou nas desvantagens do empreendimento.

O ingênuo Ivan, o vaqueiro, pareceu compreender muito bem a proposta de Levine (de participar ele e a família nos lucros da vacaria) e interessou-se plenamente por ela. Mas quando Levine lhe exibiu, as vantagens futuras tornou-se inquieto e desculpou-se de não poder ouvi-lo até ao fim Pretextou imediatamente uma tarefa que não admitia delongas, agarrava numa forquilha e deitava feno às vacas, dava-lhes água ou recolhia o estrume. Outra dificuldade consistia na invencível desconfiança dos camponeses, que não compreendiam que o proprietário pudesse pensar noutra coisa que não fosse arrancar-lhes da pele o mais que pudesse. Estavam firmemente convencidos de que o verdadeiro objectivo deste — dissesse o que dissesse — consistiria sempre no que deixaria de lhes dizer Eles próprios, ao explicarem se, falavam muito, mas sem dizerem jamais em que consistia o seu autêntico objectivo. Demais (Levine dava se conta de que o proprietário bilioso tinha razão) os camponeses impunham como primeira condição indispensável que os não obrigassem a aceitar novos métodos nem a utilizar máquinas novas na exploração das

terras. Estavam de acordo em que o arado moderno trabalhava melhor, mas descobriram mil razões para justificar que o não podiam empregar. E ainda que Levine compreendesse que devia descer ao nível da economia rural, custava-lhe renunciar aos aperfeiçoamentos cujas vantagens eram notórias. Apesar de tudo, no Outono as coisas puseram se em andamento, ou pelo menos assim se lhe afigurou.

A princípio Levine pensou arrendar toda a herdade, tal como estava, aos camponeses, aos jornaleiros e ao administrador, sob as novas condições de companheirismo. Mas não tardou a convencer-se de que era impossível e decidiu dividi-la em partes. O curral, o pomar, a horta, os prados e os campos, divididos em várias parcelas, deviam formar grupos isolados. O ingênuo Ivan, o vaqueiro, que, como Levine pensava, compreendera muito bem o que ele queria, escolheu um grupo composto, na sua maior parte, por parentes seus e chamou a si as tarefas do curral do gado. O campo distante, abandonado havia oito anos, foi escolhido pelo inteligente carpinteiro Fiodor Rezunov e por seis famílias de camponeses, nas novas condições de cooperação. O aldeão Churaiev arrendou, em iguais condições, todas as hortas. O resto continuava ainda como antes. Mas aquelas três partes representavam o princípio da nova ordem, ocupavam no por completo. Certo é que o estábulo não caminhava melhor do que até aí e que Ivan se opunha tenazmente a que o alojamento das vacas fosse aquecido e a que se fizesse manteiga do leite de vaca. Dizia que as vacas, como o frio, necessitavam menos ração e que a manteiga de nata azeda se conservava melhor. Exigia o salário tal qual como antes, sem perceber que o dinheiro que recebia era um adiantamento à conta de futuros lucros.

É verdade que o grupo de Fiodor Rezunov não lavrou a terra com o arado, como estava estabelecido, justificando-se com o facto de ter pouco tempo. E também é certo que, embora os camponeses desse grupo tivessem concordado em explorar a terra sob novas condições, não a consideravam comum, mas como que a meias, e que mais de uma vez, tanto os camponeses do grupo como o próprio Rezunov, tinham dito a Levine “Se quisesse cobrar um tanto pela terra, ficaria o patrão mais tranqüilo e nós sentir-nos-iamos mais livres.” E não havia dúvida de que iam adiando, sob pretextos diferentes, a construção aprazada de uma granja e de um estábulo. E o Inverno chegou Churaiev quisera sublocar, parceladamente, aos mujiques, as hortas que tinha arrendado. Com certeza entendera mal, de propósito, as condições em que se lhe havia arrendado a terra. E finalmente era verdade também que, conversando com os camponeses e explicando-lhes as vantagens da empresa, Levine observava amiúde que estes mais não faziam do que ouvir-lhe o som da voz, firmemente resolvidos

a mão se deixarem enganar com o que ele dissesse. Notava isso especialmente ao falar com Rezunov, o mais inteligente dos mujiques, e ao descobrir-lhe nos olhos aquela expressão em que se via claramente rir se de Levine e estar certo de que se alguém viesse a ser enganado, não seria ele, com certeza.

Apesar de tudo, Levine pensava que a herdade progredia e que, regularizando as contas com grande exactidão e insistindo nos seus propósitos, acabaria por demonstrar, no futuro, as vantagens daquele sistema e que as coisas então caminhariam por si próprias.

Estas ocupações, juntamente com a gerência das terras da propriedade nas suas mãos, e a actividade que consagrava ao livro que estava a preparar, absorveram-no a tal ponto durante todo o Verão que quase não foi à caça. Em fins de Agosto soube, pelo criado que veio devolver-lhe o selim de montar, que os Oblonski tinham partido para Moscovo. Estava, aliás, persuadido de que, pelo facto de não ter respondido ao bilhete de Daria Alexandrovna — coisa que não recordava sem corar de vergonha — queimara as pontes e não mais podia voltar a casa dos Oblonski. Procedera da mesma maneira com os Sviajski, de cuja casa abalara sem se despedir. Tão-pouco pensava voltar a vê-los. E isso agora era lhe indiferente. A tarefa de organizar a sua herdade de acordo com as novas condições absorvia-o como ainda nada o absorvera na vida Leu os livros que lhe tinha dado Sviajski. Pediu outros, que não possuía, e estudou obras de economia política e de sociologia que tratavam do mesmo tema. Mas, como afinal esperava, nada encontrou relacionado com a tarefa que empreendera. Nos livros de economia política de Mill, por exemplo, o primeiro autor que Levine estudou apaixonadamente, na esperança de achar a solução dos problemas que o preocupavam, encontrou leis extraídas da situação econômica agrícola européia, mas não pôde compreender como essas leis inaplicáveis na Rússia eram consideradas leis gerais. O mesmo lhe aconteceu com os livros de sociologia ou tratavam de belas fantasias irrealizáveis que já o tinham seduzido quando estudante, ou então de arranjos do estado de coisas em que se encontrava a Europa e com que nada tinha a ver a questão agrária russa. Segundo a economia política, as condições sob as quais se havia desenvolvido e se desenvolvia a riqueza européia eram a essência de leis gerais e indiscutíveis. A escola socialista afirmava que o desenvolvimento de acordo com essas leis conduziria à ruína. E nem uns nem outros apresentavam solução nem sequer uma pista do que devia fazer Levine, os camponeses russos e os proletários, com os seus milhões de braços e de *desiatinas* de terra, para que dessem o máximo rendimento e proporcionassem o bem-estar comum.

Tanto leu que decidiu fazer no Outono uma viagem ao estrangeiro,

a fim de estudar in loco o problema que o apaixonava. Agora sabia o que queria conhecer. “A Rússia”, pensava ele, “possui excelentes terras e óptimos trabalhadores; no entanto, acontece que raramente terras e trabalhadores rendam realmente muito, como sucede renderem, por exemplo, na casa da lavoura do velho que eu conheci. A maior parte das vezes; quando o capital é empregado à européia, o rendimento é medíocre, porque os operários não querem trabalhar e só trabalham realmente bem à maneira deles. É um fenômeno constante e que tem as suas raízes no próprio espírito do nosso povo. Este povo, cuja vocação seria colonizar espaços imensos, conservou-se sempre, conscientemente, fiel aos seus processos próprios, de modo algum tão maus como geralmente os consideram.” Eis o que pretendia demonstrar teoricamente no seu livro e praticamente na sua propriedade.

CAPÍTULO XXX

Em fins de Setembro, a gente de Rezunov trouxe, por fim, a madeira destinada à construção dos estábulos. Por outro lado vendeu a reserva de manteiga e partilhou os lucros. A prática dava, portanto, bons resultados, pelo menos era essa a conclusão de Levine. Quanto à teoria, nada mais lhe restava do que obter no estrangeiro provas irrefutáveis para concluir uma obra destinada, assim o supunha, a estabelecer as bases de uma nova ciência exacta sobre as ruínas da velha economia política. Para partir aguardava apenas a venda do trigo; mas nessa Altura chuvas torrenciais vieram bloqueá-lo em casa. Uma parte da colheita do trigo e toda a colheita das batatas não puderam ser recolhidas; todos os trabalhos, até mesmo a venda do trigo, foram suspensos; as cheias arrastaram consigo dois moinhos; as estradas tornaram-se impraticáveis, e o tempo cada vez pior.

No dia 30 de Setembro, pela manhã apareceu o sol, e Levine, esperançado na melhoria do tempo, começou a preparar definitivamente a sua viagem. Ordenou que entregassem o trigo, mandou o administrador a casa do comprador e saiu a percorrer a propriedade, para dar as últimas instruções antes da partida.

Já de noite, quando tudo estava arrumado, encharcado pela água que caía a jorros sobre a sua capa de couro, entrando-lhe pelo pescoço e pelo cano das botas, muito animado e bem disposto, regressou a casa. O tempo ainda piorou mais para a noite: o granizo açoitava o cavalo ensopado, que trotava de lado e sacudia a cabeça e as orelhas. Levine, contudo, sentia-se bem debaixo do capuz e olhava alegremente à sua roda, ora os arroios turvos que corriam pelos caminhos, ora as gotas de chuva que pendiam dos ramos secos, ora as manchas brancas dos granizo não fundido nas tábuas da ponte, ora as carnudas folhas dos olmos, ainda verdes, formando como que uma capa espessa nos troncos desnudos. Apesar do aspecto sombrio da Natureza, Levine sentia-se particularmente animado. O cavaco com os camponeses no povoado longínquo dizia-lhe que estes se iam habituando à nova ordem das coisas. O velho guarda, em cuja casa Levine penetrara para secar a roupa, aprovou o seu plano e até se ofereceu para seu consócio na compra de animais de trabalho.

“Só é preciso caminhar com firmeza para o meu objectivo e hei-de consegui-lo”, pensava Levine. “Vale a pena o esforço. Não é meu interesse pessoal, trata-se do bem comum. A economia agrícola e, sobretudo, a situação do povo devem mudar por completo. Em vez de miséria haverá riqueza e bem-estar geral; em vez de hostilidade, união e interesse comum. Numa palavra: será uma revolução sem sangue,

mas uma revolução magna, uma revolução que, irradiando do nosso distrito, se espalhará pela província, por toda a Rússia, pelo mundo inteiro. Uma ideia justa não pode ser estéril. Por um objectivo tão grandioso valem a pena todos os esforços. Ora, que o autor desta revolução seja este pateta do Constantino Levine, habituado a ir ao baile de gravata preta e a quem a princesa Tcherbatskaia negou a mão, isso não tem importância absolutamente nenhuma. Estou convencido de que Franklin, quando se dava a examinar-se a si próprio, também não confiava em si e não se julgava melhor do que eu me julgo. Isso não significa nada. E também ele tinha, com certeza, uma Agáfia Mikailovna a quem confiava os seus segredos."

Ainda escabichava esta e outras ideias quando chegou a casa, já noite fechada.

O administrador fora a casa do comprador do trigo e trazia-lhe uma prestação do dinheiro. Em nenhuma outra parte se havia recolhido trigo e podiam dar-se por muito felizes, visto não terem por fora senão cento e sessenta medas.

Depois de jantar, Levine sentou-se, como de costume, na sua poltrona a ler um livro; mas enquanto lia continuava a pensar no objectivo da sua viagem. Via agora com especial clareza a importância do seu empreendimento, no espírito iam-se-lhe formando frases inteiras que exprimiam perfeitamente a essência do seu pensamento. "Tenho de tomar nota disso", pensava. "Servirá de breve introdução, essa introdução que sempre me parecera desnecessária." Levantou-se e aproximou-se da secretária. Laska, estendida a seus pés, levantou-se também, estirando-se como que a perguntar-lhe onde devia ir. Mas não teve tempo de tomar nota daquelas ideias, pois chegavam os capatazes que vinham receber ordens e Levine teve de os atender.

Depois de dar as suas ordens para o trabalho do dia seguinte e de receber todos os mujiques que o queriam consultar, Levine meteu-se no escritório disposto a trabalhar. Laska aninhou-se debaixo da mesa e Agáfia Mikailovna sentou-se no lugar do costume a fazer meia.

Depois de escrever algum tempo, Levine viu Kitty de repente diante de si, com extraordinária clareza, bem como a cena em que ela o repelira e a da última vez que a vira. Levantou-se e principiou a andar de um lado para o outro.

— Faz mal em aborrecer-se assim — disse-lhe Agáfia Mikailovna.

— Para que está sempre metido em casa? Devia ir a umas águas, já que está resolvido a fazer uma viagem.

— Vou depois de amanhã, Agáfia Mikailovna, mas antes tenho de acabar uns assuntos entre mãos.

— Que assuntos? Parece-lhe pouco o que fez pelos camponeses? Bem me dizem que o meu amo virá a receber uma recompensa do czar. Para que há-de preocupar-se tanto com eles?

— Não me preocupo com eles, é comigo mesmo que me preocupo.

Agáfia Mikailovna conhecia em pormenor todos os planos de Levine. Este expunha-lhe freqüentemente, e com minúcia, as suas ideias e muitas vezes discutia com ela, quando não estava de acordo com o que ele dizia. Mas desta vez a velha criada interpretava as palavras do amo à sua maneira.

— Já sabe que uma coisa com que deve preocupar-se acima de tudo é com a sua alma — disse, suspirando. — Aí tem Parfion Denisovitch, que era analfabeto, mas que teve uma morte que assim Deus nos desse uma igual a todos — acrescentou, referindo-se a um criado que falecera recentemente. — Confessaram-no e deram-lhe a extrema-unção.

— Não me refiro a isso — replicou Levine —; digo que o faço para meu próprio proveito. Só tenho a ganhar quando os camponeses trabalham melhor.

— Faça o que fizer, o preguiçoso continuará a ser preguiçoso. Se tiver consciência, trabalhará, se não tiver consciência, é tudo inútil.

— Mas já lhe ouvi dizer que o Ivan cuida agora melhor do gado.

— Só lhe digo uma coisa — replicou Agáfia Mikailovna, não por acaso naturalmente, mas em consciência de algo em que pensara —: o que tem a fazer é casar-se.

O facto de Agáfia Mikailovna ter aludido precisamente àquilo em que ele estava a pensar nesse momento desgostou e enfadou Levine. Franzindo o sobrolho, sem lhe responder, pôs-se de novo a trabalhar, repetindo para si mesmo o que pensava sobre a importância daquela obra. Apenas de quando em quando ficava a ouvir, no silêncio, o ruído das agulhas da criada e, lembrando-se do que não queria lembrar-se, de novo franziu as sobrancelhas.

As nove ouviu-se um guizalhar e o surdo rodar de uma carruagem pela argila.

— Olhe, temos visitas! Ora, aí está a maneira de se não aborrecer – disse Agáfia Mikailovna, levantando-se e dirigindo-se à porta.

Mas Levine adiantara-se-lhe. Como o seu trabalho não avançava naquele momento, agradava-lhe a chegada de uma visita, qualquer que fosse.

CAPÍTULO XXXI

A meio das escadas, Levine ouviu no vestíbulo uma tossezinha conhecida, mas o ruído dos seus próprios passos impediu-o de ouvir distintamente e julgou ter-se enganado. Depois viu a silhueta alta e ossuda que lhe era tão familiar, e achou que já não podia enganar-se. No entanto, continuava na esperança de que fosse equívoco e de que aquele homem alto que despia a pelica enquanto tossia não era seu irmão Nicolau.

Levine estimava muito o irmão, mas conviver com ele era sempre um tormento. E eis que Nicolau chegava precisamente no momento em que, transtornado pelo afluxo das recordações e a insidiosa observação da velha criada, não conseguia encontrar equilíbrio moral. Em vez da alegre cavaqueira com uma visita cheia de saúde, alheia às suas próprias preocupações e capaz de o distrair, previa agora um penoso colóquio com um irmão que, conhecendo-o a fundo, o iria obrigar a confessar os seus sonhos mais íntimos, coisa que ele receava acima de tudo.

Irritado consigo próprio graças a este mau pensamento, Levine correu ao vestíbulo. Quando pôde ver o irmão de perto, a sensação de desencanto pessoal desvaneceu-se logo para dar lugar a uma grande piedade. Por impressionante que fosse outrora o aspecto do irmão, tão magro e doentio, emagrecera ainda mais e parecia completamente exausto. Dir-se-ia um esqueleto, só pele e osso.

Ele ali estava, de pé, no vestíbulo, sacudindo o alto pescoço delgado, para tirar o cachecol, e sorrindo de maneira estranha ao mesmo tempo humilde e resignado. Ao ver aquele sorriso quieto e submisso, Levine sentiu que os soluços lhe subiam à garganta.

— Pois aqui me tens, finalmente — disse Nicolau, em voz surda, sem afastar um só momento os olhos do rosto do irmão — Há muito que tinha intenção de vir, mas a saúde é que me não permitia. Agora estou muito melhor — concluiu, enquanto enxugava as barbas com as grandes e magras mãos.

— Ainda bem, ainda bem! — respondeu Levine. Entretanto maior ainda foi o terror que sentiu quando, ao beijar o irmão, notou, pelo toque dos lábios como ele estava ressequido e vai de perto o brilho estranho dos seus grandes olhos.

Semanas antes Constantino Levine escrevera a Nicolau a dizer lhe que vendera um pequeno lote das terras que ainda permaneciam indivisas e que podia entregar lhe a parte que lhe correspondia uns dois mil rublos. Nicolau respondeu lhe que iria receber pessoalmente

aquela importância e passar uma temporada em casa, tocar terra, para recobrar forças, como os heróis, em ordem a uma actividade futura. Apesar de mais corcovado e de uma assombrosa magreza, incrível para a sua estatura, os seus movimentos eram, como de costume, rápidos e impulsivos. Levine levou o até ao escritório.

Nicolau mudou de roupa com especial cuidado, coisa que antes não costumava fazer, penteou os raros cabelos crespos e, sorrindo, subiu para o andar superior.

O seu estado de espírito era alegre e afectuoso como outrora na infância, pensava Levine. Até falou de Sérgio Ivanovitch sem rancor. Quando deparou com Agáfia Mikailovna, chalaceou com ela e perguntou-lhe pelos antigos criados. A notícia da morte de Parfion Denisovitch impressionou o desagradàvelmente. No rosto pintou se lhe como que temor, mas logo se dominou.

— Já era velho — observou, e mudou de assunto — Ficarei aqui alguns meses e depois irei contigo a Moscovo. Sabes que o Miagkoi me prometeu uma colocação? Penso aceitá-la. Estou disposto a organizar a minha vida de maneira completamente distinta Separei me daquela mulher.

— De Mana Nikolaievna? Mas por quê?

— Oh, era má mulher! Deu me uma série de desgostos. Não disse, porém, que espécie de desgostos. Não podia dizer que a deixara porque ela fazia um chá muito fraco e sobretudo porque cuidava dele como se fosse um doente.

— Além disso quero mudar de vida por completo. Naturalmente, como todos os demais, cometi muitas loucuras, mas o dinheiro não tem grande importância. Contanto que tenha saúde. Graças a Deus agora ando melhor.

Levine ouvia o, à procura de qualquer coisa que dizer, mas nada lhe ocorria. Compreendendo talvez isso mesmo, Nicolau pôs se a fazer lhe perguntas sobre as suas coisas e Levine, satisfeito por poder falar de si, pois não necessitava fingir, expôs ao irmão os seus planos e a sua actividade.

Nicolau ouvia-o, embora fosse evidente que aquilo lhe não interessava Tão afins eram aqueles homens que o mínimo movimento ou o simples tom da voz diziam mais um ao outro do que tudo quanto pudessem pronunciar.

Estavam a pensar os dois na mesma coisa. A doença e a morte iminente de Nicolau sobrepujavam tudo o mais. Mas nem um nem outro se atreviam a falar nisso e por isso tudo quanto diziam, sem falarem na única coisa que os interessava, era falso. Nunca, como

naquele dia, Levine sentiu maior satisfação com a chegada da noite e a necessidade de dormir. A consciência que tinha da sua falta de naturalidade e o sentimento de arrependimento que daí lhe vinha ainda agravava mais a falta dessa naturalidade. Vontade de chorar a morte próxima do irmão, eis o que ele sentia e em vez disso via se obrigado a ouvi-lo e a manter uma conversa sobre como ele iria viver.

Como a casa era húmida e apenas numa das salas havia uma estufa acesa, Levine levou o irmão para o seu quarto e arranjou lhe uma cama atrás de um biombo.

Nicolau deitou se. Quer a dormir, quer acordado, agitava se como um doente, tossia e, quando não podia expectorar, resmungava qualquer coisa. De onde em onde, ao suspirar, exclamava “Ai, meu Deus!” E quando um ataque de tosse o oprimia, dizia irritado “Que diabo!” Levine esteve acordado muito tempo a ouvi-lo. Tudo em que pensava se resumia num só pensamento a morte. A morte inevitável, fim de todas as coisas, surgia lhe pela primeira vez com uma força invencível. E a morte, ali, no seu irmão querido, que se queixava, no meio dos sonhos, e, por indiferença e hábito, invocava ora Deus ora o Diabo, não estava tão longe como antes lhe parecia. Estava nele próprio, sentia-se. Se não hoje, amanhã, ou, então, dentro de trinta anos Não seria porventura o mesmo? E quanto a saber o que era essa morte inevitável, não só o ignorava e não sabia o que fosse, como nem sequer se atrevia a conjeturá-lo “Trabalho, procuro fazer alguma coisa, mas esqueço que tudo acaba, que existe a morte”.

Levine, sentado na cama, no escuro, corcovado, abraçava os próprios joelhos e, de respiração suspensa, tão tensas as suas ideias, meditava. Mas quanto mais forçava o pensamento, tanto mais claro lhe parecia que era assim mesmo. Na realidade, esquecera se de considerar um pequeno pormenor da vida que a morte chegava e tudo acabaria, que não valia a pena empreender coisa alguma e que contra isso nada podia fazer-se. Era terrível, mas assim mesmo “Porém ainda estou vivo. Que devo fazer agora? Que devo fazer?”, dizia com os seus botões, desesperado. Acendeu uma vela e levantou-se, cauteloso. Aproximou-se do espelho e mirou os cabelos e o rosto. Sim, nas têmporas já havia cabelos brancos. Abriu a boca. Os molares principiavam a cariar. Desnudou os musculosos braços. Tinha muita força Sim, mas também Nikolenka, respirando ali a seu lado com o que lhe restava de pulmões, tivera um corpo sadio. E, de repente, lembrou-se de que, quando crianças, se deitavam juntos a dormir e esperavam que Fiodor Bogdanovitch saísse do quarto para jogarem os travesseiros um ao outro. E riam, riam desenfreadamente, a tal ponto que nem sequer o medo que dele tinham os levava a reprimir aquela consciência da alegria de viver que transbordava e crescia como a

espuma “E agora ele ali está deitado, com o pobre peito vazio e despedaçado , e eu aqui a perguntar a mim próprio para que vivo e qual será o meu destino”.

— Ench! Ench! Que diabo! Que estás a fazer aí? Por que não dormes? — exclamou o irmão.

— Não sei Estou com insónias.

— Pois eu dormi muito bem, agora não transpiro nada. Olha, toca aqui na minha camisa, não é verdade que não estou suado?

Levine apalpou-lhe a camisa, dirigiu-se para o outro lado do biombo e apagou a vela, esteve, contudo, ainda muito tempo sem poder conciliar o sono. Mal acabava de esclarecer um pouco o problema de como devia viver-se, logo se lhe apresentava outro, e esse insolúvel o da morte “Está à morte, morrerá na Primavera Como hei-de eu ajudá-lo? Que posso dizer-lhe? Que sei eu de tudo isto? Até me esquecera mesmo de que existia a morte”.

CAPÍTULO XXXII

Todo o excesso de humildade provoca, na maior parte das pessoas, uma reacção violenta então as suas exigências, as suas susceptibilidades tornam-se insuportáveis. Levine, que o sabia por experiência, estava desconfiado de que a mansidão de Nicolau seria de pouca dura. Logo na manhã do dia seguinte, com efeito, principiou a irritar-se com as mínimas coisas e a ferir. Constantino no que ele tinha de mais sensível Levine sentia-se culpado, mas não via remédio para isso. Dava-se conta de que, se ambos não tivessem fingido, se houvessem falado sinceramente, isto é, dizendo o que pensavam e sentiam, teriam olhado nos olhos um do outro e ele, Levine, ter-se-ia limitado a dizer "Vais morrer? Vais morrer?", e Nicolau respondido: "Bem sei, mas tenho medo, muito medo, muito medo!". E nada mais teriam dito por terem falado de coração aberto. Como esta sinceridade, porém, não era possível, Constantino procurava falar à toa. Esta táctica, em que vira tantos outros serem mestres, a ele não lhe ficava bem. Eis por que o seu embaraço se tornava evidente e o irmão, que o adivinhava, a cada momento lho fazia sentir. No terceiro dia, Nicolau pediu a Levine que lhe expusesse o seu plano, e não só o criticou como fingiu confundi-lo com o comunismo.

— Pegaste em ideias alheias para as desfigurares e aplicá-las onde elas não são aplicáveis.

— Estou a dizer-te que isto nada tem que ver com o comunismo. Os comunistas negam o direito da propriedade, negam a legitimidade do capital e a faculdade de transmitir os bens por herança, enquanto eu não nego esse estímulo essencial (Desde que se apaixonara pelas ciências sociais, detestava empregar palavras científicas, mas ao ocupar se daquele problema, recorria involuntariamente, e cada vez com mais freqüência, aos termos estrangeiros). Apenas quero regularizar o trabalho.

— Quer dizer, pegaste numa ideia alheia, retirando-lhe tudo o que constituía a sua força, e agora pretendes que se trata de qualquer coisa nova — objectou Nicolau, enfadado e repuxando convulsivamente o colarinho, como se a gravata o incomodasse.

— A minha ideia não tem nada que ver.

— Essas doutrinas — prosseguiu Nicolau, com um sorriso irônico e um olhar onde cintilava a cólera — têm pelo menos um encanto, o encanto a que eu chamarei geométrico, como se disséssemos, o encanto da clareza e da lógica. Talvez sejam uma utopia, mas suponhamos que podíamos fazer tábua rasa de todo o passado não há

propriedade nem família, e de acordo com isso vamos organizar o trabalho. Tu, porém, não ofereces nada.

— Para que confundes as coisas? Nunca fui comunista.

— Eu fui e acho que a ideia é prematura, mas razoável e tem futuro Aconteceu o mesmo com o cristianismo nos primeiros séculos.

— Pois eu creio simplesmente que é preciso considerar a mão-de-obra do ponto de vista da Natureza, e estudá-lo, conhecer-lhe as características e.

— Tudo isso é completamente inútil. Essa força encontra por si mesma, à medida que se expande, uma determinada maneira de desenvolver as suas actividades. Em toda a parte tem havido sempre escravos e depois *métayers*(Nota 34). Nós também temos parceiros, jornaleiros e entre nós existe o arrendamento. Que procuras tu?

Levine, ao ouvir estas palavras, exaltou-se, pois, no fundo da sua alma, receava ser verdade que procurasse o equilíbrio entre o comunismo e o sistema vigente, coisa que não era fácil.

— Procuro a maneira de trabalhar com proveito para mim e para o trabalhador. Quero organizar... —exclamou, elevando a voz.

— Não queres organizar nada. Simplesmente, como o tens feito toda a vida, pretendes ser original e demonstrar que não exploras os mujiques, sem mais nem menos, mas em nome de uma ideia.

— Bom, visto que vês as coisas assim, deixemos este assunto — respondeu Levine, sentindo que lhe principiava a tremer o músculo da face esquerda e o não podia reprimir.

— Não tens nem nunca tiveste opiniões pessoais e apenas precisas de satisfazer o teu amor-próprio.

— Bom, está bem, mas deixa-me em paz.

— Pois sim. Há muito que o devia ter feito. Vai para o diabo! Lamento ter vindo.

Por mais esforços que Levine fizesse depois para acalmar o irmão, Nicolau nada quis ouvir, dizendo que era melhor separarem-se. Constantino compreendeu que o irmão estava farto da vida.

Nicolau preparava-se já para partir quando Levine lhe entrou de novo no quarto e lhe pediu, de um modo pouco natural, que lhe perdoasse, se o ofendera em alguma coisa.

— Ah! Que magnanimidade! — exclamou Nicolau, sorrindo. — Se queres ter razão, posso conceder-te esse prazer. Tens razão, mas de qualquer maneira, vou-me embora.

Momentos antes da partida, Nicolau beijou o irmão e disse-lhe,

fitando-o, de súbito, com uma estranha seriedade:

— Seja como for, Kóstia, não te lembres de mim com rancor! — e a voz tremeu-lhe.

Foram estas as únicas palavras que pronunciou com sinceridade. Levine compreendeu que ele, com essas palavras, queria dizer o seguinte: "Como vês, estou mal e talvez não nos tornemos a ver." E as lágrimas irromperam dos olhos de Levine. Voltou a beijar o irmão, mas não soube que dizer nem pôde dizer coisa alguma.

Três dias depois da partida de Nicolau, Levine embarcou para o estrangeiro. No comboio encontrou-se com Tcherbatski, primo de Kitty, que se mostrou muito admirado com o seu aspecto sombrio.

— Que tens tu? — perguntou-lhe.

— Nada. Neste mundo há poucas coisas alegres.

— Poucas coisas alegres? Vem comigo para Paris em vez de ires para Mühlaausen. Vais ver como se passa lá bem o tempo.

— Não, para mim acabou tudo. Chegou o hora de morrer.

— Realmente!? — exclamou Tcherbatski, rindo. — Pois para mini só agora é que principia.

— Também eu pensava assim há pouco, mas agora sei que morrerei em breve.

Levine dizia sinceramente o que pensava naqueles últimos tempos. Via em tudo a morte ou a próxima chegada dela. Mas a obra em que se metera cada vez o preocupava mais. De qualquer maneira, era preciso viver enquanto a morte não chegava. Tudo para ele estava envolto nas trevas, mas, precisamente graças a essas trevas, dava-se conta de que o único fio condutor capaz de o guiar era a empresa em que se metera. E Levine agarrava-se a ela com todas as forças.

QUARTA PARTE

CAPÍTULO I

Os Karenine, marido e mulher, continuavam a viver na mesma casa e a ver-se todos os dias, mas completamente alheios um ao outro. Alexei Alexandrovitch impôs-se a si próprio como norma ver diariamente a mulher, para evitar que os criados desconfiassem do que se passava, mas procurava não jantar em casa. Vronski nunca os visitava; Ana via-o fora de casa e Alexei Alexandrovitch sabia-o.

A situação era penosa para os três e ninguém a teria suportado um só dia sem a esperança de que mudaria afinal, que era uma dificuldade passageira e amarga que não ia durar sempre. Karenine estava convencido de que aquele caso acabaria como acaba tudo, que todos esqueceriam essa bela paixão e que o seu nome ficaria sem mácula. Ana, de quem a situação dependia e para quem ela era mais penosa do que para ninguém, suportava-a; não só porque esperava, mas por estar mesmo firmemente convencida de não tardar muito um desenlace. Não sabia como ia dar-se esse desenlace, mas tinha a certeza de que seria para breve.

Em meados do Inverno, Vronski passou uma semana muito enfadonha. Apresentaram-no a um príncipe estrangeiro que chegara a Sampetersburgo e a quem devia mostrar todas as coisas interessantes da cidade. Escolheram-no a ele porque Vronski tinha boa presença, possuía a arte de comportar-se com respeito e dignidade e estava habituado a tratar com pessoas de estirpe. Mas aquela missão foi para ele aborrecidíssima. O príncipe não queria deixar de ver na Rússia, com interesse, nenhuma daquelas coisas a respeito das quais o poderiam interrogar de regresso à pátria. Além de que desejava aproveitar o mais possível todos os divertimentos russos. Vronski tinha de o orientar nos dois aspectos. Pela manhã saíam a visitar as curiosidades e à noite tomavam parte nos divertimentos locais. O príncipe desfrutava de uma saúde extraordinária, incluso entre os príncipes. Graças à ginástica e muitos cuidados corporais, chegara a ter tanta força que, apesar dos excessos a que se entregava, parecia tão fresco que lembrava um grande pepino holandês muito brilhante. Farto de viajar, era de opinião que uma das vantagens das modernas comunicações estava em poder uma pessoa aproveitar todas as diversões típicas. Estivera em Espanha, onde fizera serenatas e conhecera uma espanhola que tocava guitarra. Na Suíça, matara uma camurça. Em Inglaterra, de gabinardo vermelho, montara a cavalo, saltara barreiras e numa aposta matara duzentos faisões. Na Turquia, visitara um harém; na índia montara elefantes, e agora, na Rússia, queria saborear todos os prazeres típicos.

A Vronski, espécie de mestre-de-cerimônias do príncipe, dava-lhe muito trabalho organizar todas as diversões que diferentes pessoas lhe ofereciam. Houve passeios a cavalo, *blini*(Nota 35), caçadas aos ursos, troikas, ciganas e banquetes, nos quais, de acordo com o costume russo, se quebrava toda a louça. O príncipe adaptou-se ao ambiente russo com extraordinária facilidade, partia bandejas, sentava as ciganas nos joelhos e parecia perguntar se não havia mais que fazer e se naquilo se resumia o espírito eslavo. Realmente, de todos os prazeres russos aquele que mais agradou ao príncipe foram as artistas francesas: uma bailarina e o champanhe de rótulo branco. Vronski estava habituado a conviver com príncipes, mas a verdade é que, ou porque ultimamente mudara muito ou por ter conhecido este príncipe demasiado de perto, aquela semana foi-lhe particularmente penosa. Durante toda ela experimentou um sentimento semelhante ao de um homem que acompanha um louco perigoso e teme ao mesmo tempo o louco e perder a razão no convívio com ele. Constantemente sentia a necessidade de não afrouxar um segundo que fosse o tom severo de respeito protocolar, para não se ver ofendido. O príncipe tratava de alto até as próprias pessoas que, com grande surpresa do seu guia, se punham de rastos para lhe proporcionar "prazeres nacionais". As coisas que dizia acerca da mulher russa, que se dignara estudar, levaram mais de uma vez o jovem oficial a corar de indignação. No entanto o que mais o irritava era encontrar naquela criatura como que um reflexo de si próprio, e esse espelho não lhe era nada lisonjeiro. A imagem que tinha diante dos olhos era a de um homem saudável, muito asseado, muito tolo e muito convencido de si mesmo. Nada mais. Certo é que era um fidalgo, coisa que Vronski não podia negar. Mostrava-se lhano e não adulava os superiores, era natural e simples no trato com os iguais e altivamente benévolo para com os inferiores. Vronski também assim era e considerava isso um mérito, mas como, relativamente ao príncipe, lhe era inferior, indignava-o o tratamento depreciativamente bondoso que ele lhe dispensava.

"Estúpido animal! É impossível que eu também seja assim!", pensava Vronski. Por isso mesmo, quando, no sétimo dia, se despediu dele na altura de o príncipe sair para Moscovo, ao ouvi-lo exprimir-lhe os seus agradecimentos muito feliz se sentiu por se ver livre, tanto da indesejável situação, como do desagradável espelho. Separaram-se numa estação, no regresso de uma caçada ao urso, em que a valentia russa pudera exibir-se à noite inteira.

CAPÍTULO II

Ao voltar a casa, Vronski encontrou um bilhete de Ana. Dizia-lhe:

Estou doente e sinto-me muito infeliz. Não posso sair/ mas também não posso viver sem ver-te. Vem esta noite. Às sete Alexei Alexandrovitch na ao Conselho, onde ficará até às dez.

Vronski pensou um momento no que havia de estranho em Ana o convidar para sua casa, apesar da proibição do marido, mas decidiu ir. Aquele Inverno, Vronski, promovido a coronel, deixara o regimento e vivia só. Depois do almoço estendeu se num divã. Cinco minutos depois a lembrança das cenas grotescas que presenciara nos últimos dias confundira se com as imagens de Ana e do mujique que desempenha o papel mais importante de batedor na caçada ao urso e adormeceu Acordou nas trevas, tremendo de susto, e acendeu precipitadamente a vela “Que foi? Que foi! Que foi isto de tão terrível que eu sonhei? Ah! Sim, parece que o mujique da caçada, aquele homem pequeno, sujo, de barbas desgrenhadas, fazia qualquer coisa meio inclinado e de súbito pôs se a dizer umas palavras estranhas em francês. Foi isto que eu sonhei”, disse de si para consigo “Mas por que me pareceu isto tão medonho?” Lembrou-se de novo do mujique e das palavras incompreensíveis que ele dissera em francês e um frêmito de pavor lhe percorreu a espinha “Que tolice!”, pensou, e olhou para o relógio. Eram oito e meia da noite. Chamou o criado, vestiu se apressadamente e precipitou se na escada, esquecido por completo do sonho e apenas preocupado por ir chegar tarde. A porta dos Karenines, olhou para o relógio. Eram nove menos dez. Junto à escada do alpendre estava parado um carro, alto e estreito, tirado por dois cavalos cinzentos. Vronski reconheceu a carruagem de Ana “Devia ir a minha casa”, pensou, “e tinha sido melhor. É-me desagradável entrar aqui. Mas é o mesmo, não me posso esconder” E com a desenvoltura adquirida na infância, de homem que não quer envergonhar se de nada, Vronski apeou-se do trenó e aproximou-se da porta Esta abriu-se e o porteiro, com uma manta de viagem na mão, chamou a carruagem. Vronski, por pouco observador que fosse, logo notou, contudo, a surpresa com que o porteiro o olhou. Nessa mesma porta tropeçou com Alexei Alexandrovitch em carne e osso. A luz do gás iluminava-lhe o rosto, exangue e abatido, entre as abas do chapéu preto e a gravata branca que brilhava no meio das bandas do casaco de pele de castor. Os olhos imóveis e turvos de Karenine cravaram-se no rosto de Vronski. Este cumprimentou-o e Alexei Alexandrovitch moveu os lábios, como se mastigasse qualquer coisa, descobriu-se e seguiu Vronski viu que, sem voltar a cabeça, Karenine subia para o

carro e pela portinhola recebia a manta de viagem e o binóculo que lhe apresentava o porteiro, desaparecendo depois Vronski entrou na antessala. Tinha as sobrancelhas franzidas e os olhos brilhavam-lhe com orgulho e animosidade.

"Que situação", pensou "Se se tivesse batido em duelo comigo, defendendo a sua honra, eu teria podido agir, teria podido exprimir os meus sentimentos. Mas esta debilidade ou esta infâmia coloca-me na situação de um velhaco, coisa que nunca quis nem quero ser" Desde a sua entrevista com Ana perto do jardim da Vrede, mudara de idéias. Involuntariamente submetia-se às debilidades de Ana, que se entregava toda a ele, esperando apenas vê-lo decidir da sua sorte, resignada a tudo de antemão. Havia muito tempo já que Vronski deixara de pensar que as suas relações poderiam terminar como anteriormente supunha. Os seus sonhos de ambição, renunciara a eles de novo, e cedia à violência da paixão que cada vez o arrastava mais para aquela mulher.

Já na antecâmara, Vronski ouviu os passos de Ana que se afastavam. Compreendeu que o aguardava, que estivera de ouvido às escuta e que voltava agora ao salão.

— Não! — exclamou Ana, ao vê-lo, e mal soltara esta exclamação, as lágrimas vieram-lhe aos olhos — Não! Se isto continua assim, o que tem de ser será, e mais depressa do que se espera.

— Que aconteceu, querida?

— Que aconteceu? Que estou à tua espera, que há duas horas estou numa tortura. Mas não, não me quero zangar contigo. Se não vieste mais cedo é porque alguma coisa de muito sério te não permitiu! Não, não ralharei contigo.

Ana pousou-lhe ambas as mãos nos ombros e olhou para ele um longo espaço de tempo com um olhar profundo e exaltado, posto que ao mesmo tempo perscrutador. Estudava o rosto de Vronski pelo tempo em que estivera sem o ver Em todas as entrevistas confundia a impressão imaginária que dele guardava (incomparavelmente melhor e impossível para ser verdadeira) com o que ele era na realidade.

CAPÍTULO III

— Encontraste-te com ele? — perguntou, quando se sentaram junto à mesa, debaixo do candeeiro — Aí tens o castigo por teres chegado tarde.

— Sim, mas que aconteceu? Não tinha de assistir ao Conselho?

— Esteve lá, mas voltou. Agora foi-se embora outra vez. É o mesmo. Não fales disso. Onde tens estado? Sempre com o príncipe?

Ana conhecia todos os pormenores da vida de Vronski. Ele quis responder lhe que, como não dormira de noite, fora surpreendido pelo sono em pleno dia, mas, ao ver lhe a expressão agitada e feliz, receou dizer-lhe a verdade. Disse então que se vira obrigado a apresentar um relatório longo após a partida do príncipe.

— Mas acabou tudo? Foi-se embora?

— Foi, graças a Deus, já não podia mais, podes crer.

— Porquê? Não é essa a vida que vocês, homens novos, levam habitualmente? — disse Ana, de sobrolho franzido, pegando, sem olhar para Vronski, num crochet que tinha em cima da mesa.

— Há muito tempo que me deixei dessa vida — replicou Vronski, surpreendido com a mudança que se operara no rosto de Ana e procurando compreender o que isso significava. — Confesso-te — continuou, sorrindo, e mostrando os seus belos dentes brancos — que durante esta semana me vi nessa vida como que num espelho e com que desprazer! Ana tinha o trabalho nas mãos, mas não fazia nada, fitando Vronski com os olhos estranhos e brilhantes e uma expressão hostil.

— Esta manhã esteve aqui a Lisa Ainda vem a minha casa, apesar da condessa Lídia Ivanovna — observou Ana — e falou me na vossa noite de orgia. Que horror!

— Pensava exactamente dizer-te Ana interrompeu-o.

— Já conhecias essa Thérèse?

— Queria dizer-te.

— Que odiosos vocês são, os homens! Como podem vocês supor que uma mulher esqueça essas coisas? — disse ela, exaltando se cada vez mais e revelando-lhe, assim, a causa da sua irritação — Sobretudo uma mulher que, como eu, da tua vida só pode saber aquilo que tu lhe queiras dizer. E como poderei eu saber que me disseste a verdade?

— Ana! Ofendes-me! Pois não acreditas em mim? Não te disse já

que não há um pensamento que te não confie?

— Sim, sim — replicou ela, procurando jugular os ciúmes que sentia — Mas se soubesses o que eu sofro. Acredito, acredito. Bom, que estavas a dizer?

Vronski, porém, não pôde lembrar se do que estava a dizer. Aqueles acessos de ciúme, que ultimamente acometiam Ana com mais freqüência, horrorizavam-no. Claro que ainda eram provas de amor, mas nem por isso o assustavam menos e, conquanto ele não lho mostrasse, arrefeciam o amor que sentia por ela. Muitas vezes dissera para si mesmo que o amor de Ana constituía para ele a felicidade, e agora, que ela o amava como pode amar uma mulher que tudo sacrificou à sua paixão, sentia-se mais longe da felicidade do que na época em que abandonara Moscovo para a seguir. É que então uma promessa de felicidade brilhava no meio do seu infortúnio, enquanto que, presentemente, os dias de felicidade pertenciam ao passado. Uma grande mudança, tanto física como moral, se verificara em Ana. Ganhara carnes e, por vezes, como havia momentos, ao falar da actriz, uma expressão de ódio lhe alterava a fisionomia Vronski olhava a agora como se olha para uma flor murcha, em que não encontrava já a beleza que o levara a colhê-la. No entanto, se era certo que outrora, por um esforço de vontade, seria capaz de arrancar aquele amor do coração, agora, pensando embora que lhe queria menos, sentia-se como que acorrentado para sempre àquela mulher.

— Bom, que me querias tu dizer do príncipe? — voltou Ana — Fica descansado, já corri com o demônio (assim denominavam entre si ao ciúme) Que me contavas tu do príncipe? Por que te desagradou ele?

— É insuportável — retorquiu Vronski, procurando apanhar o fio do pensamento. — Nada ganha em ser conhecido de perto. Só o posso comparar com um desses animais muito nédios que ganham medalhas nas exposições — acrescentou, com uma repugnância que interessou Ana.

— Que estás a dizer? — voltou ela — No entanto é um homem instruído, que tem viajado muito.

— A instrução dessa gente não é igual à nossa. Dir-se-ia que não adquiriu instrução senão para ter o direito de a desprezar, como, aliás, despreza tudo, salvo os prazeres bestiais.

— Mas não gostam vocês todos desses prazeres bestiais? — interrompeu Ana.

E Vronski de novo reparou no seu olhar sombrio que evitava encontrar se com o dele.

— Porque o estás a defender assim? — perguntou ele, sorrindo.

— Eu não o defendo, é-me demasiado indiferente para isso. Mas se essa vida te desagradava tanto como dizes, podias bem, acho eu, ter arranjado uma desculpa qualquer. Mas não, Sua Excelência sente prazer em mirar essa tal Thérèse vestida de Eva.

— Lá vem outra vez o demônio! — disse Vronski, pegando, para beijar, a mão que Ana pousara em cima da mesa.

— Sim, pode mais do que eu? Não calculas o que eu sofri enquanto te esperava? No fundo, não sou ciumenta quando estás a meu lado acredito em ti, mas quando tu levas, não sei onde, só Deus sabe que vida.

Voltou se e apoderando se, finalmente, do crochet, pôs se a trabalhar, movendo o dedo indicador, que ia deixando cair, uma atrás das outras, as malhas de lã branca que brilhavam à luz do candeeiro. E a mão fina movia se lhe rápida e nervosa na manga bordada.

— Onde encontraste tu Alexei Alexandrovitch? — articulou em seguida a sua voz pouco natural.

— Cruzámo-nos à porta da rua.

— E ele cumprimentou-te, mesmo assim?

Estendeu o rosto, semicerrou os olhos, cruzou os braços e de tal sorte alterou a expressão do rosto que Vronski reconheceu imediatamente Alexei Alexandrovitch. Ele sorriu e Ana soltou uma gargalhada, uma dessas gargalhadas frescas e sonoras, que eram um dos seus encantos.

— Decididamente não o compreendo — disse Vronski. — Se depois da explicação que tiveste com ele este Verão na casa de campo tivesse rompido contigo, se me tivesse desafiada para um duelo, achava natural; mas, assim, não o entendo. Como pode ele suportar uma situação destas? E no entanto vê-se que sofre.

— Ele? — disse Ana com ironia. — Está muito satisfeito.

— Porque havemos nós de andar atormentados, se as coisas se podiam resolver tão facilmente?

— Não com ele. Porventura não conheço eu a mentira em que ele está todo mergulhado?... Se houvesse nele algum sentimento, poderia viver como vive comigo? Não entende nem sente nada. Viver sob o mesmo tecto com a mulher culpada! Falar com ela, tratando-a por tu!

Involuntariamente Ana tornou a imitá-lo: “Tu, *ma chère*(Nota 36), tu,

Ana.”

— Não é um ser humano; não é um homem, é um boneco. Ninguém mais o sabe, mas eu sei-o. Oh! Se eu estivesse no lugar dele, há muito

teria despedaçado uma mulher como eu em vez de lhe dizer: "Tu, *ma chère,* Ana." Não é um homem, é um autômato ministerial. Não compreendeu que eu sou tua mulher, que ele é um estranho, que está a mais... Não falemos, não falemos mais nele!...

— Não tens razão, querida—disse Vronski, procurando acalmá-la.— Mas é o mesmo, não falemos mais nele. Conta-me que fizeste estes dias. Que tens? Que doença é essa? Que disse o médico?

Ana olhava-o com uma alegria irônica. Devia ter-se lembrado de outros aspectos ridículos e grotescos do marido e esperava a oportunidade de falar deles.

Mas Vronski prosseguia:

— Calculo que se não trata de uma doença, mas do teu estado. Quando será?

O brilho irônico desapareceu dos olhos de Ana, mas veio substituí-lo outro sorriso, indício de que havia alguma coisa que ele ignorava, e uma tristeza suave.

— Pronto, pronto. Dizias que a nossa situação é atormentadora e que precisamos de a esclarecer. Se soubesses o quanto me é penosa e o que eu daria para poder amar-te livre e abertamente! Não sofreria nem te faria sofrer com os meus ciúmes... E isso acontecerá breve, mas não como imaginamos.

E perante a ideia de como isso iria acontecer, Ana sentiu-se tão infeliz que as lágrimas lhe subiram aos olhos e não pôde continuar. Pousou na mesa uma das mãos que brilhava sob a luz do candeeiro, na sua brancura e nos seus anéis.

— As coisas não acontecerão como pensamos. Não queria falar-te disso, mas tu mesmo me obrigaste a fazê-lo. Breve, muito breve, se resolverá tudo, tranqüilizar-nos-emos todos e não sofreremos mais.

— Não entendo — replicou Vronski.

— Perguntaste-me quando? Dentro de pouco. Mas será o fim. Não me interrompas! — E Ana falou depressa. — Sei-o de certeza. Vou morrer e muito contente me sinto de vos deixar livres aos dois.

As lágrimas brotaram-lhe dos olhos; Vronski inclinou-se sobre a mão dela e pôs-se a beijá-la, procurando dominar a emoção, que sabia sem fundamento, mas não podia vencer.

— Assim será melhor — disse Ana, apertando-lhe a mão num movimento enérgico. — É a única coisa que nos resta. Vronski dominou-se e levantou a cabeça.

— Que tolice! Que disparate estás a dizer!

— É verdade.

— Que é verdade?

— Que vou morrer. Tive um sonho.

— Um sonho? — repetiu Vronski, e recordou, de súbito, o mujique com quem sonhara.

— Sim, um sonho — disse Ana. — Foi um sonho que tive há muito tempo. Sonhei que entrava correndo no meu quarto de dormir, onde tinha de ir buscar qualquer coisa e informar-me não sei de quê; já sabes como são os sonhos — continuou, de olhos muito abertos, horrorizada. — E ali, no meu quarto, a um canto havia...

— Oh! Que tolice! Como podes tu acreditar...? Mas Ana não deixou que ele a interrompesse. Era importante demais para ela o que estava a dizer.

— Isso que estava a um canto voltou-se e eu pude ver então que era um mujique pequeno e terrível, de barba desgrenhada. Quis fugir, mas o mujique inclinou-se sobre um saco e principiou a rebuscar lá dentro...

Ana fez o gesto de alguém que rebusca o interior de um saco. O horror pintava-se-lhe no rosto, e Vronski, lembrando-se do sonho que tivera, sentiu que esse mesmo horror lhe invadia a alma.

— O mujique remexia no saco e falava muito depressa em francês, fazendo esgares. *Il faut battre le fer, le broyer, le pétrier*...(Nota 37) Quis acordar e acordei... mas em sonhos. Principiei a perguntar-lhe o que significava aquilo. E Kornei respondia-me: "Morrerá de parto, morrerá de parto, mãezinha..."

— Que tolices! Que tolices! — repetiu Vronski, mas dava-se conta de que o tom da sua voz nada tinha de convincente.

— Não falemos mais nisso. Toca a campainha. Vou mandar servir o chá. Não, espera, parece-me que…

CAPÍTULO IV

Depois de se cruzar com Vronski à porta de casa, Alexei Alexandrovitch dirigiu-se à ópera italiana, como era sua intenção.

Ali esteve, assistindo a dois actos completos e falou com todas as pessoas que precisava de encontrar. Ao regressar a casa, mirou detidamente o bengaleiro, e, ao ver que não havia nele nenhum capote militar, encaminhou-se, como sempre, para os seus aposentos. Mas, ao contrário do que era seu costume, não se deitou e continuou a passear pelo escritório até às 3 horas da madrugada. Atormentava-o a ideia de que a mulher não tivesse respeitado a única condição que lhe impusera, a de não receber o amante, e a sua ira era grande. Visto que ela não acatara essa ordem, devia castigá-la, pôr em prática a ameaça que lhe fizera, pedir o divórcio e retirar-lhe o filho. Isto não era de fácil execução, mas por nada deste mundo queria deixar de cumprir o que a si próprio prometera. Aliás, a condessa Lídia achava que o divórcio era a melhor solução para uma situação tão delicada como aquela e ultimamente estava tão simplificado na prática o processo legal de divórcio que ele esperava poder iludir as dificuldades de forma. Depois, como uma infelicidade nunca vem só, o estatuto dos povos de outras raças e da irrigação dos campos da província de Zaraisk tantos desgostos lhe tinha dado que andava num estado de irritação permanente. Como não dormia de noite, a cólera ainda era maior durante o dia, e foi em estado de verdadeiro exaspero que na manhã seguinte se vestiu precipitadamente e se dirigiu aos aposentos da mulher, mal soube que ela estava levantada. Receava que a energia o abandonasse quando a irritação passasse e dir-se-ia levar segura com ambas as mãos a taça da ira, para que ela se lhe não entornasse pelo caminho.

Ana, que julgava conhecer o marido a fundo, ficou perplexa ao vê-lo entrar, de face carrancuda, os olhos tactiturnos e os lábios plenos de desprezo. Nunca lhe surpreendera expressão tão resoluta. Entrou sem lhe dar os bons-dias e foi direito à secretária, cuja gaveta abriu.

— De que precisas? — perguntou ela.

— Das cartas do seu amante — respondeu Karenine.

— Não estão aí — disse ela, precipitando-se para a gaveta. Mas este movimento fê-lo compreender que acertara no alvo, e, repelindo brutalmente a mão que ela estendera, apoderou-se da carteira onde Ana guardava os seus papéis importantes. Debalde tentou recuperá-la; o marido meteu-a debaixo do braço e de tal modo a apertou com o cotovelo que o ombro se lhe soergueu.

— Sente-se — disse-lhe ele. — Preciso de lhe falar. Ana relanceou-lhe um olhar de surpresa e susto.

— Não lhe tinha proibido que recebesse o seu amante em casa?

— Precisava de lhe falar para...

Ana calou-se, sem saber que inventar.

— Pouco me importam as razões pelas quais uma mulher precisa de falar ao seu amante.

— Eu queria apenas... — continuou ela, corando. Mas a grosseria do marido excitou-a e encheu-a de coragem. — Porventura não se dá conta de quanto lhe é fácil ofender-me?

— Pode ofender-se uma pessoa honrada, uma mulher honrada, mas dizer a um ladrão que ele é um ladrão é apenas uma *constatation d'un fait*(Nota 38).

— Ainda não lhe conhecia esse novo traço de crueldade.

— Parece-lhe cruel que um marido conceda a liberdade à sua mulher, dando-lhe um tecto honrado, com a única condição de guardar as aparências? Chama a isso crueldade?

— É ainda pior, é uma vilania — gritou Ana, num acesso de indignação; e levantou-se para se retirar.

— Não! — gritou Karenine, na sua voz penetrante, que ressoou em tom mais agudo do que de costume.

Agarrando-a por um braço com os seus grossos dedos, com tanta força que os contornos da pulseira se lhe desenharam na carne, obrigou-a a sentar-se na cadeira.

— Uma vilania? Se quer empregar essa palavra, dir-lhe-ei que vilania é abandonar o marido e o filho pelo amante e continuar a comer o pão do marido.

Ana baixou a cabeça. Não só não disse o que na véspera dissera ao amante, que ele era seu marido e que o marido estava a mais, como nem sequer o pensou. Compreendeu quanto eram justas as palavras de Karenine e limitou-se a responder em voz baixa.

— Não pode julgar a minha situação pior do que eu própria a julgo. Mas por que me diz isso?

— Para que lho digo? — continuou ele, colérico — Para que fique sabendo que a sua recusa a cumprir as condições que lhe impus, de guardar as conveniências, me obriga a tomar medidas que ponham ponto final a esta situação.

— Terminara por si mesma, e não tarda muito, não tarda muito —

repetiu ela os olhos rasos de lágrimas, lembrando se da morte que adivinhava próxima, mas que presentemente lhe parecia desejável.

— Mais cedo mesmo do que a senhora e o seu amante imaginam! Precisa de satisfazer a sua paixão animal.

— Alexei Alexandrovitch? Pondo de lado toda a generosidade, acha conveniente bater numa pessoa que já está caída por terra?

— Oh! A senhora só pensa em si. O sofrimento do homem que foi seu marido não lhe dá cuidado. Pouco lhe importa que ele sofra, que a sua vida esteja trans transtornada.

Alexei Alexandrovitch falava tão depressa, na sua exaltação, que gaguejou. Este gaguejamento pareceu cômico a Ana, que imediatamente se censurou a si própria ser capaz de reparar em tal momento num pormenor ridículo. E pela primeira vez, durante um instante, se colocou no lugar do marido e teve pena dele. Mas que podia ela fazer ou dizer? Baixou a cabeça e ficou calada. Karenine também se calou durante um momento, e, ao retomar a palavra, o tom da sua voz já não era tão agudo, embora frio ainda. Repisava arbitrariamente algumas palavras sem significado especial.

— Vim para te dizer.

Ana olhou para ele. E lembrando se da expressão que julgara ver lhe no rosto ao ouvi-lo pronunciar a palavra “transtornada” “Não — pensou — Enganei me este homem, com estes olhos turvos, tão cheio de si mesmo nada pode sentir.”

— Não posso mudar nada — murmurou ela.

— Vim para lhe dizer que amanhã parto para Moscovo e não voltarei mais a esta casa. O advogado a quem encarregarei de tratar do divórcio comunicar-lhe-á as resoluções que eu tomar. Meu filho irá para casa de minha irmã — acrescentou, fazendo um esforço para se lembrar do que queria dizer a respeito da criança.

— Quer levar me o Seriocha para me fazer sofrer — disse Ana, mal olhando para ele — Não gosta dele, deixe o comigo.

— É verdade, até cheguei a perder o carinho que tinha por meu filho por causa da repulsa que a senhora me causa. No entanto, ficarei com ele. Adeus.

Quis sair, mas desta vez foi ela quem o deteve.

— Alexei Alexandrovitch, deixe-me o Seriocha — suplicou ela — Nada mais lhe peço. Vou ser mãe, deixe mo!

Alexei Alexandrovitch corou, repeliu o braço que o retinha e saiu sem uma palavra mais.

CAPÍTULO V

A sala de espera do célebre advogado de Sampetersburgo estava cheia quando Karenine entrou.

Havia três senhoras uma velha, uma rapariga e a mulher de um comerciante. E três homens um banqueiro alemão, com um grande anel no dedo, um homem de negócios de grandes barbas e um funcionário de aspecto rebarbativo, com o seu uniforme e uma condecoração ao peito. Deviam esperar há muito tempo. Dois escriturários trabalhavam sentados diante de duas mesas, cujas soberbas guarnições chamaram imediatamente a atenção de Alexei Alexandrovitch, grande apreciador daquele gênero de móveis. Um dos funcionários, sem se levantar e piscando os olhos, perguntou lhe com gravidade.

— Que deseja?

— Falar com o advogado.

— Está ocupado — replicou o escriturário no mesmo tom e, apontando com a pena as outras pessoas que esperavam, continuou a escrever.

— Não disporá de um momento para me receber? — perguntou Karenine.

— Não tem tempo. Está ocupado. Faça favor de esperar.

— Tenha a bondade de lhe entregar o meu cartão de visita — disse Alexei Alexandrovitch com dignidade, reconhecendo imprescindível abandonar o incógnito.

O escriturário pegou no cartão de visita e com um gesto de desaprovação desapareceu atrás da porta.

Alexei Alexandrovitch, em princípio, era partidário da reforma judiciária, mas criticava certos aspectos da sua aplicação, tanto mais tratando se de uma instituição sancionada pelo poder supremo. A sua longa prática administrativa tornava o indulgente para com o erro considerava o um mal inevitável, susceptível de ser remediado em qualquer altura. No entanto, sempre criticara as prerrogativas que esta reforma concedia aos advogados e o acolhimento que lhe faziam reforçava ainda mais a sua prevenção.

— Um momento — disse o escriturário, e, com efeito, passados dois minutos apareceu na ombreira da porta a alta figura de um velho jurista que acabava de consultar o advogado e o próprio advogado em carne e osso.

Este era um homem de pequena estatura, forte de constituição, calvo, de barba negra arruçada, grandes sobrancelhas claras e a testa abaulada. Desde a gravata e o duplo grilhão do relógio até aos sapatos de verniz, tudo nele era elegância, uma elegância de noivo de província. A expressão era inteligente, de camponês, mas a indumentária vistosa e de mau gosto.

— Faça o favor — disse a Alexei Alexandrovitch. — E afastando-se para o deixar passar, com um ar cavernoso, fechou a porta.

— Queira sentar-se — acrescentou, indicando-lhe uma poltrona junto à secretária atulhada de papéis. Sentou-se na presidência, esfregou uma na outra as suas mãozinhas de dedos curtos, cobertos de pêlos, e inclinou a cabeça de lado para ouvir. Mas mal se sentara e ganhara aquela posição, logo se levantou com uma vivacidade inesperada para apanhar uma traça que voava por cima da mesa. Depois voltou a ocupar de novo a primitiva atitude.

— Antes de lhe expor o assunto que aqui me traz — disse Alexei Alexandrovitch, que seguia, surpreso, as evoluções do advogado —, quero pedir-lhe o mais absoluto segredo.

Um imperceptível sorriso soergueu os fartos bigodes arruçados do homem de leis.

— Se não soubesse guardar os segredos que me confiam, não seria advogado. No entanto, se precisa de uma garantia particular...

Alexei Alexandrovitch olhou-o e viu que os seus inteligentes olhos cinzentos se riam, como se soubessem tudo.

— Conhece o meu nome de família? — continuou Karenine.

— Sim, e também as suas úteis actividades — e de novo apanhou outra traça —, como todos os russos — concluiu, inclinando-se.

Alexei Alexandrovitch suspirou, a tomar coragem. Mas, uma vez decidido, prosseguiu, na sua aguda vozinha, sem se intimidar nem embaraçar, repisando algumas palavras.

— Tenho a infelicidade — principiou — de ser um marido enganado e desejo cortar legalmente os laços que me prendem a minha mulher, isto é, quero divorciar-me. Mas de tal maneira que meu filho não fique com a mãe.

Os olhos cinzentos do advogado fizeram um esforço para não rir, mas Alexei Alexandrovitch não pôde dar-se à ilusão de que brilhavam de uma alegria justificada apenas pela perspectiva de um bom cliente; era o brilho do entusiasmo, do triunfo, esse fogo sinistro que já notara nos olhos da mulher.

— Queria a minha colaboração para conseguir o divórcio?

— Precisamente, mas devo preveni-lo de que hoje se trata apenas de uma simples consulta. Quero manter-me dentro de certos limites e estou pronto a renunciar ao divórcio se este não puder conciliar-se com as normas que desejo observar. É muito possível que se não coincidir com as minhas exigências eu desista da demanda legal.

— Oh! É sempre assim — replicou o advogado. — Depende de Vossa Excelência.

O advogado baixou os olhos, cravando-os nos pés de Karenine: compreendera que a sua incontida alegria podia ofender o cliente. Depois olhou para uma traça que lhe perpassou voando por diante do nariz e estendeu o braço, mas não a apanhou, para não incomodar Alexei Alexandrovitch.

— Embora conheça, nos seus traços gerais, as nossas leis referentes ao assunto — continuou Alexei Alexandrovitch —, gostava de saber as formas em que se realizam na prática tais processos.

— Deseja Vossa Excelência, portanto, que eu lhe exponha as vias possíveis para realizar os seus propósitos — respondeu o advogado, sem erguer os olhos, adaptando-se, não sem prazer, ao tom do cliente.

Ao ver o gesto de aprovação de Alexei Alexandrovitch, o advogado continuou, lançando de quando em quando um olhar furtivo ao rosto do cliente, onde a emoção estampara placas vermelhas.

— Segundo as nossas leis — disse, com um ligeiro matiz de desaprovação para o código russo — o divórcio é possível, como Vossa Excelência sabe, nos seguintes casos... Que esperem! — exclamou, dirigindo-se ao escriturário, que assomara à porta; mas, apesar disso, levantou-se e depois de trocar algumas palavras com o empregado, voltou a sentar-se. — Nos seguintes casos: defeitos físicos dos cônjuges, ausência, em lugar desconhecido, durante cinco anos — continuou, dobrando um dos seus curtos dedos penugentos — e adultério — pronunciou a palavra com visível prazer. — E temos as seguintes subdivisões — prosseguiu, dobrando os grossos dedos, embora os casos e as subdivisões, ao que parecia, não pudessem classificar-se juntos: — defeito físico do marido ou da mulher, adultério da parte de um dos dois

— como já dobrara todos os dedos, desdobrou-os, continuando: — Isto no ponto de vista teórico, mas suponho que me deu a honra da sua visita para inteirar-se da aplicação prática. Por conseguinte, tendo em vista os antecedentes, devo comunicar-lhe que todos os casos de divórcio, excluindo aqueles em que não há defeito físico nem ausência em parte incerta, como no caso presente, resumem-se da seguinte maneira...

Alexei Alexandrovitch abanou a cabeça, assentindo.

— ...resumem-se, digo, do seguinte modo: adultério de um dos cônjuges, reconhecendo-se convicta a parte culpada, por acordo mútuo. E, no caso de não estarem de acordo, a apresentação de provas convincentes por uma das partes. Devo acrescentar que este último caso raramente ocorre na prática — disse o advogado e, olhando de soslaio Alexei Alexandrovitch, ficou calado como um armeiro, feita a descrição das vantagens de duas armas distintas, que aguarda a escolha do comprador. Mas como Alexei Alexandrovitch se calava, o advogado prosseguiu: — O mais corrente, simples e sensato, em minha opinião, é pedir o divórcio, apresentando, de comum acordo, provas do adultério. Não me permitiria falar assim com um homem de escassa cultura — disse o advogado —, mas suponho que Vossa Excelência me compreende. Alexei Alexandrovitch tão perturbado estava que não compreendeu logo o que podia haver de sensato em apresentar provas de adultério de mútuo acordo e esse olhar traduzia a sua incompreensão. Mas o advogado veio logo em seu auxílio:

— Suponhamos que os cônjuges já não podem continuar a viver juntos. Se os dois estão de acordo quanto ao divórcio, os pormenores e as formalidades tornam-se de pouca importância. Acredite, é o meio mais simples e mais seguro.

Desta vez Alexei Alexandrovitch compreendeu, mas os seus sentimentos religiosos opunham-se a esta solução.

— Este meio está fora de discussão no meu caso — disse ele. — Só é possível o seguinte: fazer a prova do adultério por meio das cartas em meu poder.

Ao ouvir a palavra “cartas”, o advogado, apertando os lábios, deixou sair um som agudo, ao mesmo tempo desdenhoso e compassivo.

— Perdoe-me — disse. — Os casos deste gênero resolve-os, como Vossa Excelência sabe, o nosso alto clero. Os padres arciprestes gostam muito de estudar os mínimos pormenores de tais assuntos — acrescentou com um sorriso em que havia simpatia pelas preferências dos dignitários eclesiásticos. — Evidentemente que as cartas podem ser de alguma utilidade, mas a prova tem de ser feita com o auxílio de testemunhas. Se me honra com a sua confiança, permita-me que escolha os meios que hão-de empregar-se. Aquele que pretende um resultado tem de começar por aceitar os meios de o conseguir.

— Visto que assim é... — disse Alexei Alexandrovitch, de súbito muito pálido.

Mas o advogado levantou-se e foi à porta responder a uma nova

interpelação do escriturário.

— Diga a essa senhora que não estamos numa loja de saldos! — gritou, antes de voltar para o seu lugar. De caminho apanhou, com um gesto discreto, uma nova traça. “Deve estar fresco o meu *reps* quando chegar o Verão”, disse de si para consigo de sobrecenho carregado.

— Dizia-me o senhor...

— Comunicar-lhe-ei a minha resolução por carta — voltou Alexei Alexandrovitch, e pondo-se de pé apoiou-se à mesa. Depois de um instante, disse: — As suas palavras autorizam-me, portanto, a considerar possível o divórcio. Ficar-lhe-ei muito grato se me quiser dar a conhecer as suas condições.

— Tudo é possível, se me quiser conceder inteira liberdade de acção — replicou o advogado, iludindo a última pergunta. — Quando posso esperar a sua resposta? — inquiriu, dirigindo-se para a porta.

— Dentro de oito dias. Terá então a bondade de me fazer saber se se encarrega do caso e sob que condições.

— Inteiramente às suas ordens.

O advogado inclinou-se respeitosamente, mas logo que ficou só entregou-se à hilariedade que o agitava. Tamanha era a sua alegria que, contra o seu costume, transigiu numa redução de honorários a uma senhora que regateava, deixou de caçar traças e resolveu substituir no Inverno próximo, o *reps* por veludo, à semelhança do que fizera o seu confrade Sigonine.

CAPÍTULO VI

Alexei Alexandrovitch obteve uma brilhante vitória na sessão celebrada pela comissão do dia 17 de Agosto, mas as conseqüências dessa vitória foram desastrosas para ele. Graças à sua firmeza, a nova comissão nomeada para o estudo aprofundado da situação dos povos de outras raças foi constituída e enviada para o local necessário com uma rapidez extraordinária. Três meses depois já estava a apresentar o seu relatório. O estado dessas populações era ainda encarado de seis pontos de vista diferentes: político, administrativo, econômico, etnográfico, material e religioso. A cada quesito eram dadas respostas bem redigidas, que não permitiam dúvidas, visto não serem produto do pensamento humano, sempre sujeito a erros, mas obra de uma infalível burocracia. Tais respostas assentavam em dados oficiais fornecidos pelos governadores e bispos, de acordo com as informações dos chefes de distrito e arcebispos, recolhidos, por sua vez, junto das administrações rurais e curas paroquiais. Como duvidar, pois, da sua exactidão? Todas as perguntas relativas, por exemplo, a questões, tais como: porque costumam ser más as colheitas?, porque se abstêm os habitantes de certas localidades de cumprir as suas obrigações religiosas?, etc., que ficariam por resolver sem as facilidades da máquina administrativa e por resolver tinham permanecido durante séculos, obtiveram então uma resposta clara e indiscutível. E essa resposta coincidia com a opinião de Alexei Alexandrovitch. Mas Stremov, que se sentira ferido na sessão anterior, ao ter conhecimento das últimas resoluções, utilizou uma táctica com que Karenine não contava. Arrastando consigo outros membros da comissão, transplantou-se, de repente, para o partido de Karenine e não só apoiou, calorosamente, que se levassem a cabo as medidas preconizadas, mas até apresentou outras que no mesmo sentido ultrapassavam de muito as por ele próprio apresentadas. Essas medidas reforçadas pela ideia básica de Alexei Alexandrovitch foram aceitas, e só então se descobriu a táctica de Stremov. Ao levar a ideia ao exagero, tão estúpidas resultaram as medidas tomadas que tanto os políticos como a opinião pública, quer as senhoras inteligentes quer a imprensa, foram unânimes em exprimir a sua indignação contra eles e contra o seu propugnador, Alexei Alexandrovitch. Então Stremov afastou-se, asseverando que seguira cegamente o plano de Karenine, ao mesmo tempo que se mostrava surpreendido e consternado com o que acontecera. Não obstante a sua precária saúde e as suas infelicidades domésticas, Alexei Alexandrovitch acusou o toque, mas não desarmou. Na comissão deu se uma cisão nas opiniões. Alguns dos seus membros, à testa dos quais estava Stremov, justificavam o seu

erro dizendo que tinham acreditado na comissão que, dirigida por Alexei Alexandrovitch, apresentara aqueles informes, mas opinavam que estes eram absurdos e que apenas se gastara papel debalde. Karenine, com um partido que via o perigo daquele ponto de vista revolucionário a respeito dos documentos oficiais, continuava a defender os dados apresentados pela comissão encarregada de rever o assunto. Em conseqüência disto, nas esferas elevadas e até na alta sociedade verificou se uma grande confusão e, embora todos estivessem interessados no problema, ninguém sabia, realmente, se os povos de outras raças pereciam ou prosperavam. Graças a isso, e em parte pelo desprezo que inspirava à conta da infidelidade da mulher, a situação de Karenine chegou a estar pouco segura. Nesse momento, porém, adoptou uma resolução importante. Com grande assombro da comissão, comunicou que pedia licença para investigar pessoalmente a questão. Uma vez obtida a respectiva autorização, empreendeu uma viagem a essas províncias longínquas.

A partida de Alexei Alexandrovitch provocou grande tumulto, e tanto mais que, antes da partida, devolveu oficialmente a importância em dinheiro que lhe consignara o Governo para os doze cavalos de que necessitava para chegar ao local designado.

— É um gesto muito nobre — disse Betsy à princesa Miagkaia, referindo-se a essa atitude — Com que intenção se há de consignar dinheiro para cavalos de posta quando todos sabem que há caminhos de ferro por todos os lados?

A princesa Miagkaia não estava de acordo e a opinião de Betsy irritou-a.

— Fala assim porque não lhe faltam milhões. Mas a mim dão-me muita satisfação as viagens de inspecção de meu marido. As ajudas de custo de deslocação servem para pagar o meu carro e o meu cocheiro. A caminho das longínquas províncias, Alexei Alexandrovitch passou três dias em Moscovo.

No dia seguinte ao da sua chegada foi visitar o general governador. No cruzamento da Rua Gazetnii, onde havia sempre grande aglomeração de carruagens particulares e de aluguer, Alexei Alexandrovitch ouviu o seu nome pronunciado em voz tão alta e alegre que não pôde deixar de olhar para trás. Junto ao passeio estava Stepane Arkadievitch — resplandecente e com um sorriso que punha à mostra a fieira branca dos dentes entre lábios vermelhos —, alegre, jovem, radiante, com um paletó curto, à moda, e um chapéu, também à moda, ladeado, que gritava insistente mente, para que se detivesse o carro de Karenine. Estava agarrado à portinhola de uma carruagem parada, da qual emergiam uma cabeça de mulher com um chapéu de

veludo e duas cabecinhas infantis e, sorrindo, acenava ao cunhado para que se aproximasse. A senhora sorria bondosa mente e também lhe fazia sinais com a mão. Era Dolly com seus filhos Alexei Alexandrovitch não estava disposto a ver ninguém em Moscovo e muito menos ainda o irmão da mulher. Descobriu se e quis continuar, mas Stepane Arkadievitch ordenou ao cocheiro de Karenine que parasse e correu para o carro, pelo meio da neve.

— Não tens vergonha de não nos teres avisado da tua chegada? Chegaste há muito? Ontem estive no Dusseau e vi o nome de Karenine no quadro dos hóspedes, mas não me passou pela cabeça que fosses tu — disse Oblonski, enfiando a cabeça pela portinhola da carruagem — Caso contrario, tinha ido procurar-te. Que grande satisfação em ver te — prosseguiu, batendo com os pés um no outro para sacudir a neve — E não tens vergonha de não teres avisado da tua chegada? — repetiu.

— Não tive tempo, estou muito ocupado — replicou Karenine, secamente.

— Vamos ter com a Dolly, deseja muito ver-te.

Alexei Alexandrovitch ergueu a manta de viagem em que envolvia as pernas e apeando-se do carro lá foi, por cima da neve, até junto de Daria Alexandrovna.

— Que há, Alexei Alexandrovitch? Por que nos evita assim? — perguntou Dolly, sorrindo.

— Estou muito ocupado. Muito prazer em vê-la — respondeu Karenine, num tom que significava claramente o contrário — Como tem passado de saúde?

— A minha querida Ana como está?

Alexei Alexandrovitch resmoneou qualquer coisa, procurando despedir se Mas Stepane Arkadievitch deteve-o.

— Aqui tens o que faremos amanhã Dolly convida te para jantar. Convidaremos também Kosnichev e Pestsov, para que possas conhecer a intelectualidade moscovita.

— Peco-lhe que venha — disse Dolly — Esperamo-lo às cinco, às seis, se quiser. Como está a minha querida Ana? Ha tanto tempo.

— Está bem — resmoneou Alexei Alexandrovitch, franzindo o sobrolho — Encantado de a ver — acrescentou, preparando-se para voltar para o seu carro.

— Posso contar com a sua presença? — gritou Dolly Karenine murmurou qualquer coisa, que Dolly não percebeu, por causa do ruído das carruagens.

— Amanhã irei visitar te — gritou lhe Stepane Arkadievitch. Karenine acomodou se na almofada do seu carro, afundando-se nela de maneira a que mais ninguém o visse nem ele visse a mais ninguém.

— É um excêntrico! — comentou Stepane Arkadievitch para a mulher. E depois de consultar o relógio, esboçou um movimento de mão diante do rosto, que traduzia uma carícia para Dolly e para os filhos e afastou se, passeio fora, em passo resoluto.

— Stiva! Stiva! — gritou Dolly, corando Oblonski voltou-se.

— Tenho de comprar casacos para o Gricha e para a Tânia. Dá me dinheiro.

— É o mesmo. Diz lhes que eu irei depois pagar Oblonski desapareceu, cumprimentando, com um aceno de cabeça, um conhecido que passava de carruagem.

CAPÍTULO VII

O dia seguinte era domingo Stepane Arkadievitch dirigiu-se ao Grande Teatro para assistir ao ensaio geral de um *ballet* e entregou a

Macha Tchibissova, uma linda bailarina que acabava de entrar para o corpo de baile graças a uma recomendação sua, o colar que lhe prometera na véspera. Entre bastidores, à meia luz do teatro, conseguiu beijar-lhe o lindo rosto, resplandecente ao receber a dádiva. Oblonski queria dizer-lhe também que, não podendo chegar no princípio do *ballet,* viria no fim do último acto para levá-la consigo a cear. Ao abandonar o teatro, Stepane Arkadievitch dirigiu-se, de carruagem, ao mercado Okotni, onde ele próprio escolheu o peixe e os espargos para o jantar. Ao meio dia em ponto já estava no Dusseau, onde tinha de visitar três pessoas, por fortuna instaladas no mesmo hotel. Devia visitar Levine, que acabava de chegar do estrangeiro, o seu novo chefe, que, recentemente nomeado para esse alto cargo, viera a Moscovo em viagem de inspecção e o cunhado, Karenine, para o levar sem falta a jantar a sua casa.

Stepane Arkadievitch gostava de comer, mas ainda mais de oferecer o seu jantarzinho, selecto tanto nos pitéus como nas bebidas e na escolha dos convidados. A ementa do jantar daquele dia agradava lhe muitíssimo peixe, espargos e a *pièce de résistence*(Nota 39)*,* um simples, porém magnífico rosbife, além de vinhos variados Isto quanto ao jantar propriamente dito e às bebidas. Entre os convidados figurariam Kitty e Levine e, para dissimular esse encontro, uma prima, e o jovem Tcherbatski, a *pièce de résistence* dos convidados era constituída por Alexei Alexandrovitch e Sérgio Ivanovitch este, moscovita e filósofo, aquele petersburguês e homem prático. Além disso estariam presentes também o célebre Pestsov, excêntrico e “menino bonito” cinquentão, historiador, músico, palrador, entusiasta e liberal, que desempenharia o papel de espevitador.

A ideia deste festim era tanto mais agradável para Stepane Arkadievitch quanto era certo ter acabado de receber a segunda prestação da venda da mata e que Dolly havia algum tempo já que era para ele de uma indulgência cativante. No entanto, sem que isso alterasse, precisamente, a sua boa disposição, dois pontos negros o apoquentavam. Em primeiro lugar o comportamento do cunhado, que, não se tendo dado ao trabalho de os visitar, lhes fizera na rua um acolhimento nada amistoso. Confrontando a frieza de Alexei Alexandrovitch com certas atoardas, a respeito da irmã e de Vronski, que lhe tinham chegado aos ouvidos, previa um grave incidente entre marido e mulher. Em segundo lugar a reputação inquietadora do novo

director, que, como todos os novos chefes, vinha precedido da fama de homem terrível, pois diziam que se levantava às seis da manhã, trabalhava como um cavalo e exigia que os subordinados fizessem o mesmo. Aliás, gozava de fama de ser como que um urso no seu trato com os outros e, segundo diziam, um homem em tudo contrário às normas do chefe anterior, que eram também as de Stepane Arkadievitch. Na véspera, Oblonski apresentara se a despacho, envergando o seu uniforme, e o novo chefe mostrara se muito amável, falando lhe como se ele fosse um conhecido seu, por virtude do que Stepane Arkadievitch se julgava obrigado a visitá-lo com carácter não oficial, à paisana. A ideia de que o novo chefe o pudesse receber mal, preocupava o no entanto. Mas Stepane Arkadievitch pressentia, instintivamente, que tudo se "apanharia" "Todos os seres humanos cometem faltas, para que havemos de discutir e arreliarmo-nos?", pensava, ao entrar a porta do hotel.

— Olá, Vacili! — exclamou, dirigindo se a um criado seu conhecido, enquanto seguia pelo corredor além, de chapéu à banda — Deixaste crescer as suíças? Ouve lá, o Sr Levine está no quarto 7, não é? Indicas me o caminho, se fazes favor. E depois vê se me pode receber o conde Anitchkine (o novo director).

— Às suas ordens — respondeu Vacili, muito sorridente — Há muito tempo que o não via.

— Estive aqui ontem. Mas entrei pela outra porta. É o sete? De pé no meio do quarto, quando Stepane Arkadievitch entrou, Levine media, com um mujique de Tver, uma pele de urso.

— Ah, mataste um urso? — exclamou, ao assomar à porta Stepane Arkadievitch — Que bela peça! Mas, que vejo! É uma fêmea! Bom dia, Archipe.

Apertou a mão ao mujique e sentou se numa cadeira, sem tirar o sobretudo nem o chapéu.

— Vamos, despe o sobretudo e fica um bocado comigo — disse Levine, pegando lhe no chapéu.

— Não, não tenho tempo. Vim apenas de passagem — replicou Stepane Arkadievitch. Desapertou o casaco e daí a pouco estava a despi- lo, ali ficou uma hora inteira em conversa com Levine, falando de caça e das coisas mais íntimas — Que fizeste tu no estrangeiro? Onde estiveste?

— perguntou ele quando o mujique saiu do quarto.

— Estive na Alemanha, na Prússia, na França e na Inglaterra. Mas não nas capitais nem nas cidades industriais Vi muitas coisas novas. Estou satisfeitíssimo por ter feito esta viagem.

— Sim! Já conheço as tuas ideias sobre a organização operária.

— Nada disso na Rússia não pode haver problema operário. A questão importante para a Rússia e, unicamente, a das relações entre o trabalhador e a terra. Também existe na Europa, mas ah só se podem fazer remendos, ao passo que aqui.

Stepane Arkadievitch ouvia com toda a atenção.

— Sim! Sim! É muito possível que tenhas razão — disse ele — Gosto de te ver assim tão animado caças o urso, trabalhas e divertes-te. Tinha me dito o Tcherbatski, que te encontrou, que estavas muito deprimido e não fazias outra coisa senão falar na morte.

— É verdade que penso muito nela. Tudo é vaidade, mais vale morrer. Para te falar com franqueza, gosto muito do meu trabalho e das minhas ideias, mas, quando penso que este universo não é mais do que uma camada de bolor na crosta do mais insignificante dos planetas, quando penso que as nossas ideias, as nossas obras, tudo que julgamos fazer de grande, equivale, pouco mais ou menos, a alguns grãos de poeira!

— Tudo isso é mais velho do que o mundo, meu caro?

— Sim, mas quando nos o compreendemos a fundo, tudo se nos afigura sem importância. Quando chegamos à conclusão de que hoje ou amanhã teremos de morrer e que nada ficara, tudo nos parece ninharias. As minhas ideias têm valor, realmente, mas, na verdade, mesmo no caso de virem a ser realizadas, importariam tanto como matar esta ursa. Assim a nossa vida vai passando, distraindo nos na caça e com o trabalho, para não pensarmos na morte.

Stepane Arkadievitch sorria, com expressão subtil e carinhosa, enquanto ouvia Levine.

— Naturalmente, mas lembra-te que, quando estiveste em minha casa, me censuraste os prazeres da vida. Não sejas tão severo, meu moralista!

— No entanto, na vida o que é bom é — a voz de Levine entaramelou-se-lhe — Enfim, não sei, só sei que morreremos breve.

— Por que havemos nós de morrer breve?

— Quando se pensa na morte, a vida tem menos encantos, mas é mais pacífica.

— Pelo contrario, no fim é mais divertida ainda. Mas já são horas de me ir embora — disse Arkadievitch, levantando-se pela décima vez — Deixa-te estar mais um bocado? — implorou Levine, retendo-o — Quando nos voltaremos a ver? Vou me embora amanhã.

— Ora esta mas onde tenho eu a cabeça? Ia esquecer me do assunto que aqui me trouxe. Não te dispenso que venhas hoje jantar connosco, a nossa casa. Vira jantar também o teu irmão e o meu cunhado Karenine.

— Quê, ele esta aqui? — perguntou Levine, desejoso de saber de Kitty. Sabia que ela passara o princípio do Inverno em casa da irmã, esposa de um diplomata. Mas resolveu nada perguntar “Esteja ou não, para mim é o mesmo.”

— Conto contigo?

— Podes contar.

— Então às cinco e de redingote.

Stepane Arkadievitch levantou se e foi visitar o seu novo chefe. O pressentimento que tivera era acertado. O novo e temível chefe mostrou se extremamente amável Stepane Arkadievitch almoçou com ele e tão entretido estava que só depois das 3 horas foi procurar Alexei Alexandrovitch.

CAPÍTULO VIII

Depois da missa, Alexei Alexandrovitch passara toda a manhã no quarto. Tinha de fazer duas coisas nesse dia em primeiro lugar, receber e orientar uma delegação de populações de outras raças que se dirigia a Sampetersburgo e, em segundo lugar, escrever a carta que prometera enviar ao advogado. Aquela delegação conquanto criada por iniciativa de Alexei Alexandrovitch apresentava muitas dificuldades e também certos riscos. Por isso mesmo fora para ele uma grande satisfação encontrá-lo em Moscovo. Aquela pobre gente ingênua que fazia parte da referida delegação não tinha a menor ideia do papel que representava. Estavam esses homens ingenuamente convencidos de que a missão que lhes com peba se resumia em exporem as suas necessidades e o estado actual das coisas, pedindo ao Governo o respectivo auxílio. Não compreendiam que certas declarações e exigências suas podiam favorecer o partido inimigo, estragando tudo, por conseguinte Alexei Alexandrovitch esteve muito tempo com eles, redigindo lhes um programa de que não deviam afastar se e depois de os mandar embora escreveu para Sampetersburgo a recomendar que os guiassem ali. A condessa Lídia Ivanovna era a sua principal colaboradora. Especializada em assuntos deste gênero, ninguém sabia melhor canalizar e organizar as delegações. Depois Alexei Alexandrovitch escreveu ao advogado. Sem a menor vacilação, autorizava o a que actuasse a seu talante. Na carta que lhe endereçou incluía três bilhetes de Vronski para Ana, encontrados na pasta que tirara à mulher.

Desde que Karenine saíra de casa sem tenção de lá voltar, desde que visitara o advogado, e já havia, portanto, uma pessoa conhecedora da sua resolução, e sobretudo desde que passara aquele assunto íntimo a matéria de expediente, cada vez se habituava mais à resolução que tomara e mais claramente via a possibilidade de a realizar. Acabava de fechar a carta para o advogado quando ouviu a voz sonora de Stepane Arkadievitch, que discutia com o criado de Alexei Alexandrovitch, teimando para que ele o anunciasse ao amo.

"É o mesmo", pensou Alexei Alexandrovitch "Tanto melhor. Agora mesmo lhe vou dar parte da minha atitude a respeito da irmã e explicar-lhe por que não posso jantar em casa dele."

— Manda entrar — disse em voz alta, recolhendo os papéis e guardando os na pasta.

— Como vês, estavas a mentir! Ele esta no quarto! — gritava Stepane Arkadievitch dirigindo se ao criado, que o não queria deixar

passar, e, despindo o sobretudo enquanto avançava, penetrou no aposento — Tenho muita satisfação em encontrar te! Espero que — principiou alegremente.

— Não posso ir — replicou friamente Alexei Alexandrovitch, de pé, sem convidar Oblonski a sentar se.

Karenine pensava manter relações frias com o irmão da mulher de quem ia divorciar se, mas não contava com o ímpeto de bondade que transbordava da alma de Stepane Arkadievitch.

Oblonski abriu desmesuradamente os seus brilhantes olhos claros.

— Porque não podes? Que queres dizer? — disse lhe em francês, perplexo — Prometeste que virias. Todos contamos contigo.

— Não posso ir a sua casa, porque as relações familiares que existem entre nós vão acabar.

— Como? Que aconteceu? Porquê? — perguntou Stepane Arkadievitch, com um sorriso.

— Porque requeri o divórcio contra minha mulher, sua irmã. Tive que...

Karenine ainda não terminara o seu discurso Stepane Arkadievitch, porém, procedeu de maneira completamente inesperada para ele soltou uma exclamação e deixou se cair numa poltrona.

— Que me dizes, Alexei Alexandrovitch? — exclamou, e no seu rosto surgiu uma expressão de sofrimento.

— É assim.

— Perdoa me, mas não posso acreditar.

Alexei Alexandrovitch sentou se, sentia que as suas palavras não tinham produzido o efeito que esperava, que ia ver-se obrigado a explicar se e que uma explicação, por categórica que fosse, não modificava em nada as suas relações com Oblonski.

— Sim — voltou ele —, encontro-me na penosa necessidade de ter de requerer o divórcio.

— Deixa me dizer te uma coisa, Alexei Alexandrovitch. Conhecedor que sou, por um lado, da tua recta consciência, e, pelo outro, das excelentes qualidades de Ana (peço-te que me desculpes de não poder mudar de opinião a respeito dela), não posso acreditar em tudo isso há aí um mal entendido qualquer.

— Oh! Se se tratasse apenas de um mal entendido!

— Peço te compreendo — interrompeu Oblonski —, mas, peço-te, não precipites as coisas!

— Não as precipitei de maneira alguma — disse, friamente, Alexei Alexandrovitch — Nestes assuntos a ninguém podemos pedir conselho. Estou firmemente resolvido.

— É terrível — exclamou Oblonski, suspirando — Eu faria uma coisa, Alexei Alexandrovitch. Peço-te que o faças — disse — Pelo que depreendo, ainda não requereste o divórcio. Antes de o fazeres, fala com minha mulher. Estima Ana como se fosse sua irmã. É tua amiga, e além disso é uma mulher excepcional. Por amor de Deus, vai falar com ela. Faz me esse favor, peço-te.

Alexei Alexandrovitch pôs se a pensar, Stepane Arkadievitch fitava o com compaixão.

— Bom, então fica combinado — voltou ele, depois de alguns instantes de silêncio — Virás falar com ela?

— Não sei, realmente Acho que as nossas relações devem mudar

— Por quê? Não percebo a razão. Permite me pensar que para além das nossas relações de família me podes conceder uma parte da amizade e da estima sinceras que sempre te testemunhei — disse Oblonski, apertando-lhe a mão — Mesmo que as tuas suspeitas viessem a confirmar-se, nunca me atreveria a julgar qualquer de vós. As nossas relações não têm nada que modificar se por causa do vosso desentendimento. Por isso mesmo te peço que converses com minha mulher.

— Consideramos de maneira distinta esta questão — replicou, friamente, Alexei Alexandrovitch — Mas não falemos mais disso.

— Porque não hás de tu vir a minha casa, quanto mais não seja apenas para jantares connosco? Minha mulher conta contigo. Vem, peço-te. E sobretudo fala com ela. É uma mulher extraordinária. Por amor de Deus, peço te de joelhos.

— Se tens tanto empenho em que vá, irei — respondeu Alexei Alexandrovitch, suspirando.

E, no desejo de mudar de assunto, falou-lhe de uma coisa que a ambos interessava: perguntou-lhe pelo seu novo chefe, esse homem ainda nada velho que fora chamado para desempenhar cargo tão importante.

Karenine, que nunca morrera de amores por semelhante criatura, não podia calar um certo sentimento de inveja, muito natural num funcionário que tivera um fracasso na carreira diante de outro que nela estava ascendendo.

— Então, estiveste com ele? — perguntou com ironia venenosa.

— Pois claro! Foi ontem à repartição. Parece muito a par dos

assuntos e é muito activo.

— Activo, é possível, mas em que emprega ele as suas actividades? A criar qualquer coisa nova ou a modificar o que os outros criaram? A desgraça do nosso país é esta burocracia da papelada, de que ele é digno ornamento.

— Desconheço as suas ideias, mas parece-me bom rapaz. Acabo de estar com ele, almoçámos juntos e eu ensinei-lhe a fazer essa bebida que tu conheces, vinho com laranjas. É muito refrescante. Que estranho que ele a não conhecesse! Não há dúvida de que é um belo rapaz.

Oblonski consultou o relógio.

— Côa breca! Já passa das quatro e ainda tenho de visitar o Dolguchine!... Está combinado, vens jantar, não é assim? Davas-nos um grande desgosto, a minha mulher e a mim, se recusasses.

Alexei Alexandrovitch acompanhou o cunhado até à porta, num estado de espírito muito diferente daquele com que o acolhera.

— Visto que prometi, irei — respondeu ele, sem o menor entusiasmo.

— Acredita que te agradeço e espero que não te arrependerás — disse Oblonski, sorrindo.

Enquanto se aproximava da porta, ia vestindo o sobretudo e a um dos braços apanhou a cabeça do criado, coisa que o fez soltar uma gargalhada.

— As cinco e sem cerimônia, fazes favor — gritou uma vez mais, voltando à porta.

CAPÍTULO IX

Já passava das cinco e já tinham chegado alguns dos convidados quando apareceu o dono da casa. Entrou acompanhado de Sérgio Ivanovitch Kosnichev e de Pestsov, com quem se encontrara naquele momento junto à porta. Como dissera Oblonski, eram os dois principais representantes da intelectualidade moscovita. Ambos eram pessoas respeitadas, tanto pelo carácter como pela inteligência. Apreciavam-se mutuamente, mas professavam ideias contrárias em quase tudo. Nunca estavam de acordo e não por pertencerem a tendências diferentes, antes, precisamente, por serem do mesmo campo (os inimigos consideravam-nos iguais), embora, dentro desse mesmo campo, cada um deles tivesse o seu próprio matiz. E como não há nada mais difícil do que entenderem-se duas pessoas quando têm ideias distintas em questões abstractas, não só nunca estavam de acordo, como desde há muito se tinham habituado a rir um do outro, sem se zangarem por causa do erro irremediável em que cada um deles considerava o outro incurso. Entravam os dois em casa a falar do tempo quando Stepane Arkadievitch os encontrou. No salão já estavam o príncipe Alexandre Dimitrievitch, o jovem Tcherbatski, Turovtsine, Kitty e Karenine. Stepane Arkadievitch percebeu logo que as coisas estavam a caminhar mal sem ele. Daria Alexandrovna, que envergava o seu elegante vestido de seda cinzenta, sem dúvida preocupada com os filhos, que deviam jantar sozinhos, no quarto, e porque o marido se demorava, não soubera pôr os convidados à vontade. Todos se entreolhavam sem saberem muito bem o que ali estavam a fazer e pouco mais faziam do que trocar entre si, de quando em quando, alguns monossílabos. O excelente Turovtsine não escondia o seu embaraço e o sorriso queixoso com que acolheu Oblonski parecia dizer claramente: “Então, cavalheiro, onde me meteste tu? Em matéria de boa companhia prefiro beber e freqüentar o Château des Fleurs.” O velho príncipe, sentado, sem dizer palavra, olhava Karenine de soslaio, com os seus brilhantes olhos trocistas, e Stepane Arkadievitch compreendeu que já lhe viera ao espírito um epigramazinho para designar esse homem de Estado, ali, como em toda a parte, uma espécie de prato de resistência. Kitty tinha os olhos fixos na porta e procurava ganhar coragem para não corar na altura em que visse entrar Levine. O jovem Tcherbatski, que se tinham esquecido de apresentar a Karenine, procurava mostrar-se distante. O próprio Karenine, fiel ao costume petersburguês, envergava fraque e gravata branca, como era da praxe na Capital em jantares a que assistissem senhoras. Pela sua expressão, Stepane Arkadievitch compreendeu que tão-só viera ali para cumprir a promessa que fizera

e que o fazia como quem cumpre um dever penoso. Era ele o principal responsável da frieza que ali reinava e se apoderara de todos os presentes até ao momento em que Stepane Arkadievitch aparecera.

Ao entrar no salão, Oblonski desculpou-se, explicando que o demorara certo príncipe, espécie de testa de ferro de todos os seus atrasos e de todas as suas faltas. Rapidamente fez as apresentações necessárias e pondo em contacto Karenine com Sérgio Kosnichev deu princípio a uma animada conversa sobre a russificação da Polónia, conversa essa em que interveio igualmente Pestsov. Dando umas palmadinhas no ombro de Turovtsine, disse qualquer coisa graciosa e instalou-o junto da mulher e do príncipe. Depois disse a Kitty que estava muito bonita, e apresentou Tcherbatski a Karenine. Em pouco tempo tão bem amassou aquela massa que o salão ganhou vida e as vozes ressoavam alegres. Apenas faltava Levine. Mas a sua demora veio a propósito, pois Stepane Arkadievitch, ao entrar na sala de jantar, verificou, horrorizado, que o vinho do Porto e o Geres que tinham trazido eram de Depret, e não de Leve, e depois de dar ordens ao cocheiro para ir imediatamente a esta última casa buscar os vinhos, voltou ao salão.

Ao sair da sala de jantar encontrou Levine.

— Chego tarde?

— Será possível que não chegues tarde alguma vez? — volveu-lhe

Oblonski, travando-o pelo braço.

— Tens muitos convidados? Quem são? — perguntou Levine, corando involuntariamente, enquanto sacudia com a luva a neve do gorro de peles.

— São todos da família. A Kitty também aqui está. Anda, vou apresentar-te ao Karenine.

Apesar do seu liberalismo, Stepane Arkadievitch sabia que a maior parte das pessoas se sentia muito honrada em conhecer Karenine e por isso reservava esse prazer para os seus melhores amigos. Mas naquele momento Levine não estava em condições de tirar partido de todo o prazer que esse conhecimento podia proporcionar. Não tornara a ver Kitty desde a noite memorável em que se encontrara com Vronski, não falando do rápido instante em que se cruzara com ela no meio da estrada real. No fundo da sua alma sabia que a veria naquela noite. Mas, combatendo a liberdade dos seus pensamentos, procurava convencer-se que o ignorava. Agora, ao ouvir dizer que Kitty estava presente, sentira, de súbito, tal alegria e ao mesmo tempo tal receio que perdeu o ânimo e foi incapaz de pronunciar o que tinha pensado dizer.

“Como irei eu encontrá-la?”, pensava. “Será ainda a menina de outrora ou aquela que eu entrevi nessa manhã de Estio através da portinhola do carro? E se fosse verdade o que disse Daria Alexandrovna? Por que não há-de ser verdade?”

— Peço-te que me apresentes a Karenine — disse, por fim, não sem dificuldade.

E ao entrar no salão, num passo forçadamente resoluto, viu Kitty. Não era a menina de outrora nem tão-pouco a que vira à portinhola do carro, mas outra, por completo.

Parecia receosa, tímida, envergonhada, e no entanto mais encantadora do que nunca. Viu Levine assim que este entrou no salão. Esperava-o. Sentiu uma grande alegria e de tal modo a perturbou o contentamento que sentiu que houve um momento, precisamente na altura em que Levine se aproximava da dona da casa e a olhava a ela de novo, que tanto ela como ele e Dolly, que tudo estava a observar, julgaram que não poderia conter-se e romperia a chorar. Corou, empalideceu, voltou a corar e permaneceu imóvel, com um ligeiro tremor nos lábios, enquanto aguardava que Levine se aproximasse. Este chegou, e depois de inclinar-se, estendeu-lhe a mão em silêncio. Se não fosse o ligeiro tremor dos lábios de Kitty e aquela névoa que lhe cobria os olhos, imprimindo-lhe mais brilho, o seu sorriso teria sido quase sereno quando disse:

— Há tanto tempo já que nos não víamos! — E com desesperada decisão a sua mão fria apertou a dele.

— A Kitty não me viu, mas eu vi-a! — replicou Levine, com um sorriso radiante de felicidade. — Vi-a quando vinha da estação, em Ierguchovo.

— Quando? — perguntou ela, surpreendida.

— Ia para Erguchovo — disse Levine, reparando que a alegria o sufocava. “Como pude eu associar a ideia de qualquer coisa que não fosse inocente com esta criatura adorável? Sim: deve ser verdade o que me disse Daria Alexandrovna”, pensou.

Stepane Arkadievitch puxou Levine pelo braço e levou-o até junto de Karenine.

— Permitam-me que os apresente — e disse o nome de cada um.

— Tenho muito prazer em tornar a vê-lo — articulou Karenine, friamente, apertando a mão de Levine.

— Já se conheciam? — perguntou Stepane Arkadievitch, assombrado.

— Passámos juntos três horas no comboio — respondeu Levine,

sorrindo —, mas saímos dali tão desconhecidos como de um baile de máscaras, eu, pelo menos.

— Que me dizes! Façam o favor de passar para a sala de jantar — convidou Stepane Arkadievitch, apontando a porta da sala contígua.

Os homens deram entrada na sala de jantar e aproximaram-se da mesa dos aperitivos, na qual havia seis espécies de vodka, outras tantas de queijo, com e sem facas de prata, caviar, arenques, conservas de todos os gêneros e pratinhos com fatias de pão branco. Enquanto os cavalheiros permaneciam de pé junto a essas diversas espécies de vodka aromática e dos variados aperitivos, a conversa sobre a russificação da Polónia teve um compasso de espera.

Sérgio Ivanovitch, que como ninguém sabia pôr fim inesperado a uma discussão, por mais séria e elevada que fosse, vertendo-lhe dentro um pouco de sal ático e alterando o estado de espírito dos interlocutores, também desta vez o conseguiu.

Alexei Alexandrovitch demonstrava que a russificação da Polónia apenas podia obter-se graças a princípios superiores que a administração russa devia introduzir ali.

Pestsov sustentava que um país só pode assimilar outro se for mais povoado Kosnichev admitia uma e outra coisa, mas com limitações Ao saírem do salão, para rematar a conversa, disse, sorridente:

— Por conseguinte, existe uma maneira de russificar os povos de outras raças— conseguir o maior número possível de filhos. Meu irmão e eu portamo-nos pior do que ninguém nesse aspecto Em compensação, os senhores, homens casados, e sobretudo você, Stepane Arkadievitch, procedem como verdadeiros patriotas Quantos filhos tem? — perguntou, dirigindo-se, com um afável sorriso, ao dono da casa e apresentando-lhe e seu minúsculo copo.

Todos desataram a rir. E Oblonski mais alegremente do que ninguém.

— Sim, esse é o melhor remédio — disse, mastigando o queijo e vertendo vodka, de uma qualidade especial, no copo que aquele lhe estendia.

Com efeito, a discussão desvaneceu se com aquele gracejo.

— Não é nada mau este queijo. Quer um bocadinho? — perguntou o dono da casa — Será possível que te tenhas dedicado outra vez à ginástica? — acrescentou, dirigindo-se a Levine e apalpando-lhe os músculos com a mão esquerda.

Levine sorriu, flectiu o braço sobre os dedos de Stepane Arkadievitch, avolumou se um corpo duro, como que de aço, redondo

como um queijo, por debaixo da fina casimira do redingote.

— Que bíceps? — concluiu ele — És um autêntico Sansão.

— Para caçar ursos é preciso, suponho, ser dotado de uma força excepcional? — inquiriu Alexei Alexandrovltch, enquanto espalhava um bocado de queijo numa fatia de pão e, ao fazê-lo, esfarelava o miolo fino como uma teia de aranha Tinha ele uma ideia muito vaga do que fosse caçar.

Levine sorriu.

— De maneira nenhuma — disse — Uma criança pode matar um urso — E deu lugar às senhoras que se aproximavam da mesa dos aperitivos.

— Disseram-me que tinha abatido um urso — interveio Kitty, procurando, debalde, espetar um cogumelo recalcitrante; o garfo escorregava, Kitty impacientava-se, afastava para trás as rendas da manga do vestido, descobrindo um pouco o bonito braço — Há, realmente, ursos na sua propriedade? — acrescentou, voltando para ele um rosto sorridente.

Aparentemente não havia nada de extraordinário no que Kitty dissera, no entanto que inexplicável significado tinha para ele cada som e cada movimento dos seus lábios, dos seus olhos, das suas mãos? O que isso não dizia! Havia neles um pedido de perdão, confiança em Levine, uma carícia meiga e tímida tal como uma esperança e uma promessa de amor, coisas em que ele, Levine, não podia deixar de querer e que o inundavam de felicidade.

— Oh, não! — replicou ele, rindo — Fomos caçar na província de Tver, e no regresso dessa excursão encontrei me na carruagem com seu cunhado, isto é, com o cunhado do seu cunhado. O encontro foi cômico

— E contou, de maneira alegre e divertida, que, depois de uma noite inteira sem dormir, entrara, precipitadamente, com uma pelica de pele de cordeiro, no compartimento de Karenine.

— O revisor, ao contrário do que diz o ditado, quis expulsar-me, ao ver a minha pelica. Mas então pus me a falar num estilo altissonante. E o senhor também — acrescentou Levine, dirigindo-se a Alexei Alexandrovitch, cujo nome esquecera —, também o senhor me quis expulsar, julgando me pelo trajo Mas depois veio em minha defesa, coisa que muito lhe agradeço.

— Em geral os direitos dos viajantes aos respectivos assentos são raramente muito pouco determinados — respondeu Karenine, que limpava a ponta dos dedos.

— Sim, notei a sua hesitação a meu respeito — observou Levine, sorrindo com bondade — e dei-me pressa em travar uma conversa culta, para fazer esquecer o efeito da minha pele de cordeiro

Sérgio Ivanovitch, que continuava a falar com a dona da casa e que ia ouvindo o irmão, olhou o de soslaio “Que terás tu hoje? Estás com ar de triunfador”, pensou Ignorava que Levine sentia terem-lhe crescido as asas, sabia que Kitty ouvia o que ele estava a dizer e isso agradava-lhe. E só isso lhe interessava, não só naquela sala, mas no mundo inteiro, para Levine só existia Levine, que, perante si próprio, alcançara uma importância e um significado transcedentes, só existiam ele e ela. Sentia- se em tal altura que tinha vertigens. Lá em baixo, muito longe, estavam todos esses homens bondosos e simpáticos como Karenine, Oblonski e os demais.

Quando se sentaram à mesa, Stepane Arkadievitch fingiu não reparar em Levine e Kitty, depois, lembrando-se subitamente deles, colocou os um ao lado do outro, nos dois únicos lugares vagos.

— Se achas bem, senta-te aqui — disse a Levine.

O jantar era tão bem escolhido como a baixela, preocupação muito especial de Oblonski. A sopa “Maria Louise” estava soberba, as minúsculas empadas, que se desfaziam na boca, eram irrepreensíveis Matvei e mais dois criados de gravata branca, serviam à mesa, discretos, silenciosos e hábeis. Do ponto de vista material, o jantar foi um êxito, e não o foi menos de outro ponto de vista. A conversa, quer geral, quer parcial, não cessava, esteve tão animada que os cavalheiros se levantaram da mesa, continuando a palestrar fora dela.

CAPÍTULO X

Pestsov, que gostava de tratar dos assuntos a fundo, estava tão pouco de acordo com a conclusão de Kosnichev que ele próprio principiava a perceber a inconseqüência da sua própria opinião.

— Ao falar da densidade da população — argumentara ele, na altura da sopa, dirigindo se a Karenine — queria dizer que era possível ter em conta as forças latentes e não apenas os princípios.

— Quer-me parecer que o resultado é o mesmo — replicou Alexei Alexandrovitch, sem grande animação — Quanto a mim, um povo não pode ter influência sobre outro povo a menos que lhe seja superior em civilização.

— Ora aí está precisamente o problema — interrompeu Pestsov, sempre ávido de falar e que parecia empenhar toda a alma na defesa das suas opiniões — Que deve entender se por civilização superior? Qual é, de entre as nações da Europa, aquela que pode considerar-se superior às outras? A inglesa, a francesa ou a alemã? Qual destes países nacionalizara os demais? Verificamos como as províncias renanas se afrancesaram será isso uma prova da inferioridade dos Alemães? Não, há uma outra lei — clamou ele, na sua voz de baixo.

— Acho que a balança penderá sempre para o lado da verdadeira cultura — observou Karenine, franzindo ligeiramente as sobrancelhas.

— Mas quais os índices da verdadeira cultura?

— Parece me que qualquer pessoa os conhece

— Conhecê-los-ão, realmente? — perguntou Kosnichev com um sorriso malicioso.

— Em geral, parte se do princípio assente na instrução clássica, mas temos assistido, neste aspecto, a furiosos debates e o partido que sustenta o ponto de vista contrario apresenta argumentos que não deixam de ser valiosos.

— Você é partidário da cultura clássica, Sérgio Ivanovitch? Quer um pouco de vinho tinto? — interrompeu Stepane Arkadievitch.

— Não se trata das minhas opiniões pessoais — replicou Kosnichev, com a condescendência que teria tido para com uma criança, o que não o impediu, contudo, de pegar no copo — Apenas pretendo que se apresentem bons argumentos de parte a parte — prosseguiu, voltando se para Karenine — Embora clássico por educação, confesso que os estudos clássicos não me fornecem prova indiscutível da sua superioridade sobre os demais.

— As ciências naturais não se prestam menos a um desenvolvimento pedagógico do espírito humano — aprovou Pestsov — Por exemplo, a astronomia, a botânica e a zoologia, com os seus sistemas de leis gerais.

— Aí está uma opinião que eu não partilharia inteiramente — objectou Alexei Alexandrovitch — O estudo das línguas antigas contribui muito para o desenvolvimento da inteligência. Por outro lado, os escritores da Antiguidade exercem uma influência eminentemente moral, enquanto que, para nossa desgraça, ao estudo das ciências naturais agregam se doutrinas funestas e falsas, que são o flagelo da nossa época. Sérgio Ivanovitch ia responder, mas Pestsov interrompeu o, com a sua possante voz, no intuito de demonstrar calorosamente a injustiça desse ponto de vista Kosnichev, que parecia ter encontrado um argumento decisivo, deixou o falar sem exibir grande impaciência. Quando por fim pôde, voltou-se para Karenine e disse, como o seu sorriso subtil.

— Confesse, confesse que o pró e o contra dos dois sistemas seria difícil de estabelecer se a influência moral, *dtsons lê mot*(Nota 40), antiniilista, da educação clássica não militasse a seu favor.

— Sem dúvida alguma.

— Deixaríamos o campo mais livre aos dois sistemas, se não considerássemos a educação clássica como uma pílula preservativa oferecida aos nossos doentes contra o niilismo. Mas estaremos nós bem seguros das virtudes curativas dessas pílulas? — concluiu ele, lançando mão de um desses seus boleados áticos, de que tanto gostava.

A expressão fez rir a todos e muito especialmente Turovtsine, que há muito aguardava uma saída do gênero.

Stepane Arkadievitch não se tinha enganado ao convidar Pestsov para espevitar a conversa. Com efeito, quando os debates pareciam encerrados com o dito espirituoso de Kosnichev, este impetuoso palrador fê-la despertar de novo.

— Nem sequer podemos dizer que o Governo se propôs essa cura

— disse ele — Naturalmente apenas obedece a considerações de ordem geral, não querendo saber das conseqüências que podem resultar das medidas que toma. Citarei como exemplo a instrução superior das mulheres quando era de esperar que a considerasse funesta, ei-lo que abre escolas e universidades para elas.

E a conversa enveredou em seguida para o tema da educação feminina.

Alexei Alexandrovitch exprimiu o seu ponto de vista, dizendo que, em geral, se confunde a educação feminina com o problema da liberdade da mulher e apenas neste sentido aquela pode considerar se prejudicial.

— Pelo contrário, sou de opinião que esses dois problemas estão indissoluvelmente unidos — contraveio Pestsov — É um círculo vicioso. A mulher está privada de direitos por insuficiência de instrução, e essa insuficiência resulta da sua falta de direitos. Não devemos esquecer que a escravidão da mulher é qualquer coisa de tão arraigado e antigo que por vezes não podemos compreender o abismo que nos separa dela.

— Disse direitos? — interrompeu Sérgio Ivanovitch, que aguardava que Pestsov se calasse — Direitos a ocupar postos de jurados, vogais, presidentes do tribunal, funcionários, membros do Parlamento?

— Indubitavelmente.

— Admitindo a hipótese de que as mulheres, com raras excepções, pudessem ocupar tais postos, acho que empregou erroneamente a expressão “direitos” Seria mais justo dizer “obrigações” Todos estarão de acordo em que, ao cumprirmos uma obrigação como a de jurado, vogal ou funcionário dos telégrafos, sentimos estar a cumprir um dever. Por isso parece me mais justo dizer se que as mulheres procuram cumprir deveres e que têm toda a razão. E só devemos simpatizar com esse desejo de concorrerem para o trabalho comum do homem.

— Isso é muito justo — afirmou Alexei Alexandrovitch — Tudo está em sabermos se elas são capazes de satisfazer esses deveres.

— Naturalmente serão muito capazes disso — opinou Stepane Arkadievitch —, desde que a, instrução se desenvolva entre elas Vemos.

— E o provérbio? — perguntou o príncipe, que havia algum tempo escutava, olhando com os seus olhinhos brilhantes e maliciosos — Posso citar diante das minhas filhas: “A mulher é um ser de cabelos compridos e...”

— Era o que se pensava dos negros antes da emancipação — objectou Pestsov, pouco satisfeito.

— O que me parece estranho — voltou Sérgio Ivanovitch — é ver as mulheres ambicionarem deveres que os homens não poucas vezes procuram alijar.

— Esses deveres — disse Pestsov — são acompanhados de direitos as honras, o poder, o dinheiro, eis o que as mulheres ambicionam.

— É como se eu disputasse um lugar de ama e achasse mal que mo não quisessem conceder, quando a verdade é que as mulheres recebem dinheiro para isso — disse o velho príncipe.

Turovtsine soltou uma grande gargalhada e Sérgio Ivanovitch lamentou não ter sido o autor daquele gracejo. Até Karenine sorriu.

— Sim, mas o homem não pode amamentar enquanto que a mulher pode — disse Pestsov.

— Perdão, um inglês, no alto mar, a bordo de um navio, conseguiu amamentar um filho — argumentou o velho príncipe, permitindo se, diante das filhas, uma certa liberdade de linguagem.

— Pois bem, que haja tantas mulheres funcionárias como ingleses amas — exclamou Sérgio Ivanovitch, muito contente por também ter podido dizer um gracejo.

— E as mulheres sem família? — perguntou Stepane Arkadievitch que, sustentando o ponto de vista de Pestsov, tivera sempre em vista Tchibissov, a sua bailarina.

— Se perscrutarmos a vida dessas — acorreu, inopinadamente, Daria Alexandrovna, não sem azedume, pois adivinhara o que estava no espírito do marido — acabaremos por venficar que abandonaram uma família em que podiam perfeitamente desempenhar os seus deveres de mulheres.

— Talvez, mas nós defendemos um princípio, um ideal — ripostou Pestsov, na sua voz tonitruante. A mulher reclama o direito à independência e sofre por se ver incapaz de a obter.

— E eu, eu sofro por não ser admitido como ama no asilo de crianças abandonadas — repetiu o velho príncipe, para gáudio de Turovtsine, que deixou cair um espargo no molho.

CAPÍTULO XI

Só Kitty e Levine não tinham tomado parte na conversa geral. No princípio do jantar, quando se falou em influência de uma nação sobre outra, Levine lembrou se, involuntariamente, das ideias que tinha a tal respeito, mas sentia se incapaz de as pôr em ordem e achou mesmo estranho que alguém pudesse preocupar se com um problema que outrora, é certo, o apaixonara, mas agora lhe parecia completamente destituído de interesse. Pelo seu lado, Kitty também deveria ter se interessado pela discussão acerca dos direitos da mulher, assunto de que tantas vezes se ocupara, quer por causa da sua amiga Varienka, que vivia em tão dura dependência, quer pensando nela própria, na hipótese de não vir a casar se. Freqüentemente discutira com a irmã esse mesmo problema. Agora, porém, quão pouco lhe interessava isso? Entre Levine e ela estabelecera se uma espécie de séria afinidade que os aproximava cada vez mais, despertando lhes um sentimento de alegre incerteza ante esse mundo desconhecido em que ambos iam penetrar.

Kitty perguntara lhe onde a vira ele nesse Verão e Levine disseralhe que a encontrara na esTada real, quando voltava do campo, depois da ceifa.

— Era de madrugada, muito cedo, e você naturalmente acabava de acordar Sua mãe dormia a um canto da carruagem Estava uma manhã lindíssima Eu ia pensando "Quem virá naquele carro puxado por quatro guizalheiras?" Pela janela via a si lá dentro, muito pensativa, com as duas mãos fincadas nas fitas da touca — dizia Levine, sorrindo — O que eu daria para saber em que pensava naquele momento? Pensava nalguma coisa importante?

"Iria despenteada?", pensou Kitty. Mas, ao ver o sorriso entusiasta que na memória de Levine estavam a despertar aqueles pormenores, compreendeu que, pelo contrario, lhe produzira uma impressão inesquecível. Corou e pôs se a rir.

— Sinceramente, já me não lembro.

— Com que satisfação ri Turovtsine? — comentou Levine, admirando a jovialidade desse bom rapaz, de olhos húmidos e o corpo sacudido pelas gargalhadas que soltava.

— Já o conhece há muito? — perguntou Kitty.

— Quem o não conhece?

— Parece que não tem lá muito boa opinião a respeito dele.

— Dá me a impressão de uma pessoa um tanto insignificante.

— Engana se. E não tardara muito que me dê o prazer de o ver mudar de opinião Também eu antigamente o apreciei mal, mas garanto-lhe que é um bom rapaz, um coração de ouro.

— Como pode conhecer-lhe o coração?

— Somos muito bons amigos, conheço o muito bem. No Inverno passado, pouco tempo depois da sua visita — disse ela, com um sorriso contrafeito, mas confiante — , os filhos de Dolly tiveram escarlatina, e um dia em que ele veio saber deles. Pode crer — prosseguiu ela, baixando a voz —, teve tanta pena da mãe que ficou semanas a ajudá-la a cuidar das crianças doentes. Estou a contar a Constantino Dimitrievitch como se portou Turovtsine durante a escarlatina — disse, voltando se para a irmã.

— Oh, sim, foi extraordinário!— respondeu Dolly, olhando, com um sorriso afectuoso, o bom do Turovtsine, que estava longe de saber que falavam dele Levine olhou o por sua vez, e pareceu surpreso de não ter sabido apreciá-lo até então.

— Perdoe me, perdoe me, nunca mais voltarei a pensar mal de ninguém! — exclamou ele, em voz jovial. Desta vez era com toda a sinceridade que dizia o que estava a sentir.

CAPÍTULO XII

A discussão acerca da emancipação da mulher tinha o seu lado espinhoso diante de senhoras o da desigualdade dos direitos entre os cônjuges. Por várias vezes, no decurso do jantar, Pestsov abordara a questão, mas Kosnichev e Oblonski sempre tinham habilmente desviado o problema. Quando se levantaram da mesa, Pestsov, que se recusara a acompanhar as senhoras, reteve junto de si Alexei Alexandrovitch para lhe demonstrar que a razão principal dessa desigualdade se fundamentava, segundo ele, na diferença que estabelecem a lei e a opinião pública entre a infidelidade da mulher e a do marido.

Stepane Arkadievitch ofereceu, precipitadamente, um charuto ao cunhado.

— Não, não fumo — replicou ele, no tom mais tranqüilo que imaginar se pode, e, como para demonstrar que não temia o assunto, disse a Pestsov, com um sorriso glacial — Essa diferença decorre, quer-me parecer, da própria natureza das coisas.

Encaminhava se para o salão quando Turovtsine, animado pelo champanhe e, alias, morto por interromper um silêncio que lhe estava pesando há muito, exclamou com o seu bom riso habitual nos lábios vermelhos e húmidos.

— Já ouviu contar a história de Priatchnikov? Contaram me hoje que Vácia Priatchnikov se bateu em duelo, em Tver, com Kvitski e o matou. Dirigia-se especialmente a Karenine, visto ser ele o convidado de honra Stepane Arkadievitch notava que, assim como quando temos um ferimento todas as pancadas que damos atingem sempre o ponto magoado do nosso corpo, também tudo, na conversa travada, ia atingir o ponto fraco de Karenine. De novo procurou afastar o cunhado, mas este perguntou curioso.

— Por que se bateu Priatchnikov?

— Por causa da mulher. Portou se como um valente! Desafiou-o e matou-o.

— Ah! — disse Alexei Alexandrovitch, num tom indiferente, e, de sobrancelhas carregadas, entrou no salão.

— Deu-me tanta satisfação que tivesse vindo — disse Dolly, que o esperava no salão, com um sorriso medroso — Preciso falar consigo Sentemo-nos aqui.

Alexei Alexandrovitch, com aquela expressão de indiferença que lhe

davam as sobrancelhas franzidas, sentou-se junto de Daria Alexandrovna, afivelando um sorriso fingido.

— Queria pedir-lhe desculpa e retirar-me. Parto amanhã. Daria Alexandrovna estava firmemente convencida da inocência de Ana e por isso mesmo sentia-se empalidecer e tremer de cólera perante aquela criatura insensível, friamente decidida a perder a sua querida cunhada e amiga.

— Alexei Alexandrovitch — disse ela, apelando para todas as suas energias para olhá-lo bem de frente —, perguntei lhe como ia a Ana e não me respondeu como vai ela?

— Suponho que está bem, Daria Alexandrovna — replicou, evitando o olhar dela.

— Perdoe-me se insisto sem ter o direito de o fazer, mas Ana é para mim como que uma irmã. Peco-lhe, diga-me, que há entre ambos? De que a acusa?

Alexei Alexandrovitch, carregando o sobrolho e fechando os olhos quase por completo, inclinou a cabeça.

— Suponho que seu marido lhe tenha comunicado as razões por que considero indispensável alterar as minhas anteriores relações com Ana Arkadievna — disse, sem olhar Dolly nos olhos e dirigindo a vista, descontente, para Tcherbatski que passava pelo salão.

— Não acredito e nunca acreditei nessas coisas! — exclamou Dolly, num gesto enérgico, apertando uma na outra as mãos ossudas. Levantou-se bruscamente e, tocando na manga de Alexei Alexandrovitch, disse:

— Aqui não estamos sossegados. Venha cá, peco-lhe.

A emoção de Dolly comunicara-se a Karenine. Pôs-se em pé e seguiu-a, submisso, até ao quarto de estudos das crianças. Sentaram-se diante de uma mesa coberta de oleado, todo retalhado a canivete.

— Não acredito em nada disso — repetia Dolly, procurando o olhar que evitava o seu.

— É impossível negar os “factos”, Daria Alexandrovna — insistiu ele, sublinhando a última palavra.

— Mas que fez ela? Diga lá!

— Deixou de cumprir os seus deveres e atraiçoou o marido. Eis o que ela fez.

— Não, não, é impossível! Não, diga-me que está equivocado — exclamou Dolly, fechando os olhos e apertando as fontes.

Alexei Alexandrovitch sorriu friamente, apenas com os lábios;

queria deste modo provar a Dolly e a si mesmo ser inabalável a sua convicção. Mas aquela calorosa intervenção reabriu-lhe a ferida e foi com certa animosidade que respondeu a Dolly:

— É difícil uma pessoa equivocar-se quando é a própria mulher que vem declarar ao marido que oito anos de casamento e um filho não contam para nada e que quer recomeçar a sua vida.

— Ana e o vício, como é possível associar estas duas coisas? Como acreditar?...

— Daria Alexandrovna — disse ele, sentindo que a língua se lhe desatava. E fitando, finalmente, sem hesitações, o rosto comovido de Dolly —, eu dava tudo para ainda poder duvidar. A dúvida era cruel, mas o presente, mais cruel ainda. Quando duvidava, ainda esperava, apesar de tudo. Agora não me resta esperança alguma e, no entanto, tenho outras dúvidas: a tal ponto duvido de tudo que chego a odiar o meu próprio filho e às vezes duvido mesmo que seja meu. Sou muito desgraçado!

Não era preciso mais. Desde que o olhara nos olhos, Dolly compreendera que ele dizia a verdade; lastimou-o, e a fé na inocência da amiga foi abalada,

— É horrível, horrível... E está realmente decidido a divorciar-se?

— Tomei esse partido, porque não vejo que possa tomar outro.

— Não pode fazer outra coisa, outra coisa?... — murmurava ela, de lágrimas nos olhos. — Não, deve haver outra forma.

— O pior ainda numa infelicidade destas — continuou ele, como se adivinhasse o pensamento dela — é não podermos carregar com a nossa cruz como em qualquer outra desgraça, a morte, por exemplo... Temos de agir. É-nos impossível ficar na posição humilhante que nos criaram, não podemos viver os três.

— Compreendo-o, compreendo-o — respondeu Dolly, baixando a cabeça. Calou-se, as suas próprias desventuras domésticas lhe vieram à memória; e, de súbito, erguendo os olhos para Karenine e juntando as mãos num gesto súplice: — Mas espere. Você é cristão. Pense nela! Que será dela se a abandonar?

— Tenho pensado, Daria Alexandrovna — volveu-lhe Karenine; o rosto cobriu-se-lhe de malhas vermelhas e os olhos, enevoados, olharam- na fixamente; a Dolly, partia-se-lhe o coração de pena. — Foi isso mesmo que eu fiz quando ela me comunicou a minha desonra: deixei as coisas como estavam. Dei-lhe a possibilidade de se corrigir, tentei salvá-la, e para quê? Não cumpriu a mínima das exigências que lhe impus: ter decoro — acrescentou, exaltando-se. — Pode salvar-se

uma pessoa que não quer perecer, mas quando a natureza está tão deformada e pervertida que só a própria perdição se lhe afigura a salvação, que havemos de fazer?

— Tudo menos o divórcio! — exclamou Daria Alexandrovna.

— A que chama tudo?

— É horrível! Não será a mulher de ninguém! Perder-se-á!

— Mas que posso eu fazer? — perguntou Alexei Alexandrovitch, erguendo os ombros e as sobrancelhas; a lembrança da última falta da mulher irritara-o a tal ponto que recuperou a frieza, tal como no começo da conversa. — Agradeço-lhe muito o seu interesse pela minha desgraça, mas são horas de me ir — disse, levantando-se.

— Espere! Não deve fazer a desgraça dela... Espere, vou contar-lhe alguma coisa da minha vida! Casei-me, e meu marido enganava-me. Dominada pelo ciúme e pela raiva, quis abandonar tudo e eu própria ia a... Mas voltei a mim. E quem me salvou? A Ana. E continuo a viver. Os filhos crescem, meu marido voltou ao lar, reconheceu a sua falta e cada vez parece melhor. E eu vivo... Perdoei, e o senhor deve perdoar também!

Alexei Alexandrovitch escutava-a, mas as palavras dela não lhe faziam impressão alguma. Na sua alma estava novamente desperta toda a ira que sentira no dia em que resolvera pedir o divórcio. Voltou a si e falou com voz sonora e penetrante:

— Não posso nem quero perdoar! Considero isso injusto. Fiz tudo por essa mulher, e ela tudo rojou pela lama, onde se sente feliz. Não sou um mau homem, nunca odiei ninguém. Mas a ela odeio-a com todas as forças da minha alma, e nem sequer lhe posso perdoar, porque a odeio por todo o mal que me causou — disse, com um soluço de ira.

— Amai aqueles que vos odeiam... — murmurou Daria Alexandrovna, envergonhada.

Alexei Alexandrovitch sorriu com desprezo. Havia muito que conhecia essas palavras, mas não podia aplicá-las ao seu próprio caso.

— Podemos amar aqueles que nos odeiam, mas não aqueles a quem odiamos. Perdoe-me que a tenha incomodado. Cada qual com o seu desgosto.

E recuperando o inteiro domínio de si mesmo, Alexei Alexandrovitch despediu-se tranqüilamente e partiu.

CAPÍTULO XIII

Quando se levantaram da mesa, Levine quis seguir Kitty até ao salão, mas receou que ela não gostasse ver-se cortejada de forma tão visível. Ficou, pois, no grupo dos homens, tomando parte na conversa geral. E sem olhar para Kitty, sentia-lhe, contudo, os movimentos, via-lhe os olhos e o lugar que ela ocupava no salão.

Cumpria já, sem esforço, a promessa que lhe fizera: pensar sempre bem de todos e a todos estimar. A conversa recaiu sobre a comuna rural, que Pestsov considerava um princípio típico a que dava o nome de "princípio coral". Levine não estava de acordo, nem com ele nem com o irmão, que reconhecia e negava ao mesmo tempo o valor dessa instituição. Procurou, no entanto, aproximar os seus pontos de vista sem se preocupar de maneira alguma nem com os argumentos deles nem com as suas palavras: o seu único propósito era ver todos felizes e contentes. Uma única pessoa contava para ele neste mundo. Essa pessoa, depois de ter estado no salão, aproximara-se da porta; sentiu um olhar e um sorriso fitos nele e viu-se compelido a voltar-se. Ela lá estava na companhia do jovem Tcherbatski, e olhava-o.

— Julgava que iam sentar-se ao piano — disse ele, aproximando-se dela. — Aí está uma coisa que me falta na aldeia: a música..

— Não, vínhamos apenas buscá-lo, e agradeço-lhe que tenha compreendido — volveu-lhe ela, sorrindo, como se o recompensasse com esse sorriso. — Que prazer tem em discutir? Nunca uma pessoa poderá convencer outra.

— É verdade — assentiu Levine. — A maior parte das vezes discutimos unicamente por não sermos capazes de compreender o que o nosso interlocutor pretende demonstrar.

Levine observava com freqüência nas discussões entre pessoas inteligentes que, depois de grandes esforços, de muitas subtilezas lógicas e de abundantes palavras, os contendores chegavam à conclusão que procuravam demonstrar qualquer coisa que desde o princípio sabiam, mas que não queriam reconhecer para não serem vencidos e que o motivo da discussão resultava de terem gostos diferentes. Amiúde, no meio da discussão, um dos polemistas compreendia o pensamento do outro, e aceitava-o; então todos os argumentos caíam por terra como algo inútil. Outras vezes sucedia o contrário: um dizia do que gostava e inventava argumentos para defendê-lo. Se o fizesse bem e com sinceridade o adversário rendia-se-lhe, abandonando a discussão. Eis o que Levine pretendera dizer.

Kitty franziu a testa, procurando compreender o sentido das

palavras dele. E quando Levine principiou a explicar-lhe, compreendeu-o.

— Ah, percebi! — exclamou ela. — É preciso primeiro compreender as razões que levam o nosso adversário a discutir, adivinhar quais são os seus gostos; depois...

Kitty adivinhara e explicara o pensamento que Levine exprimira mal. E este sorriu alegremente: ela apresentava em termos muito mais claros a ideia que ele expusera confusamente. Que diferença entre esta maneira sóbria, lacônica, de expor os pensamentos mais complexos e a prolixidade tão prezada por Pestsov e pelo irmão dele!

Depois de Tcherbatski se ter afastado, Kitty sentou-se a uma mesa de jogo e pôs-se a fazer círculos com giz em cima do pano verde. Levine voltou a expor a famosa discussão das ocupações femininas. Nesse ponto era da opinião de Dolly e supôs realçá-la aduzindo um novo argumento: sustentava que toda a família, rica ou pobre, sempre tem e sempre há-de ter necessidade de quem a auxilie, de criadas, de governantas, quer escolhidas na própria família, quer fora dela.

— Não — afirmou Kitty, corando, o que não a impediu de erguer para ele um olhar límpido e ousado —; não, há casos em que uma rapariga não pode entrar numa família sem se expor a certa humilhação, em que ela própria...

Levine compreendeu a alusão.

— Claro, claro — exclamou ele —; tem toda a razão.

Só compreendeu o que Pestsov procurara demonstrar durante o jantar, ao entrever no coração de Kitty o medo de ficar solteira e a humilhação que isso representava. Como lhe queria, sentiu também aquele medo e aquela humilhação e imediatamente declarou renunciar às suas teorias.

Houve um silêncio. Ela continuava a riscar com o giz; os olhos brilhavam-lhe com muita suavidade. Sob a influência do seu estado de alma, Levine sentia, em todo o seu ser, que a felicidade o inundava cada vez mais fortemente.

— Oh, meu Deus, enchi a mesa de riscos — exclamou ela, pousando o giz e fazendo menção de se levantar.

“Como poderei eu ficar sem ela?”, pensou Levine com terror, e pegou no giz.

— Espere — disse-lhe ele, sentando-se ao pé da mesa. — Há muito que desejava perguntar-lhe uma coisa.

Levine olhava-a nos olhos carinhosos, mas assustados.

— Então, pergunte.

— Olhe — disse Levine, e escreveu a giz as iniciais seguintes: Q,v,m,r,n,p,s,s,n,o,e. Aquelas letras queriam dizer: “Quando você me respondeu: “Não pode ser”, significava nunca ou então?”

Não havia probabilidade alguma de Kitty poder decifrar esta frase complicada. Levine olhou para ela como se a sua vida dependesse da compreensão daquelas palavras.

Kitty pousou nele os olhos com uma expressão grave; depois, apoiando na mão a testa, que franzira, principiou a decifrar as letras. De vez em quando cilhava para Levine, como a perguntar-lhe com os olhos: “É o que eu julgo?”

— Compreendi — disse, por fim, corando.

— Que palavra é esta? — perguntou ele, apontando o n, a letra que indicava “nunca”.

— Significa “nunca” — respondeu ela. — Mas não é verdade! Rapidamente Levine apagou o que estava escrito, entregou o giz a Kitty e levantou-se. Ela escreveu: “E,n,p,r,d,o,m.”

Dolly sentiu-se plenamente recompensada da mágoa que lhe causara a conversa com Karenine ao ver Kitty junto de Levine. Ela, com o giz na mão, olhando para ele com um sorriso tímido e cheia de felicidade, e ele, diante dela, inclinado sobre a mesa, com os olhos brilhantes, ora cravados no pano verde, ora em Kitty. De súbito, o rosto de Levine resplandeceu. Compreendera. Aquilo significava: “Então não pude responder de outra maneira.”

Olhou-a com uma expressão ao mesmo tempo interrogativa e tímida.

— Só então?

— Só — respondeu Kitty com um sorriso.

— E agora... agora?

— E a... agora?

— Bom, leia o que vou escrever. Dir-lhe-ei o que desejaria, o que desejaria com toda a minha alma!

Kitty escreveu as iniciais seguintes: “Q,v,p,e,e,p,o,q,a.” O significado era: “Que você possa esquecer e perdoar o que aconteceu.”

Levine pegou no giz com os dedos rígidos e trêmulos e, partindo-o, logo em seguida escreveu as iniciais da seguinte frase: “Não tenho nada que perdoar nem que esquecer e nunca deixaria de a amar.”

Kitty fitou-o com um sorriso extático.

— Compreendi — disse, num sussurro.

Levine sentou-se e escreveu uma frase comprida. Kitty compreendeu-a toda e sem perguntar-lhe se acertara, pegou no giz, por sua vez, e respondeu.

Por muito tempo Levine não conseguiu decifrar o que Kitty escrevera e de quando em quando fitava-a nos olhos. A felicidade tinha-o feito perder o uso das suas faculdades. Não havia maneira de encontrar as palavras a que correspondiam as iniciais. Mas, pelos encantadores olhos da jovem, que resplandeciam de felicidade, percebeu tudo quanto precisava saber. Escreveu três letras. Ainda não acabara de o fazer já Kitty as lera, seguindo-lhe o movimento da mão; e foi ela quem terminou a frase e escreveu a resposta: “Sim.”

— Estão a brincar de *secrétaire?* — perguntou o velho príncipe aproximando-se. — Vamo-nos embora já, se não querem chegar tarde ao teatro. Levine levantou-se e acompanhou Kitty até à porta.

Tivera tempo de dizer tudo: Kitty amava-o e diria aos pais que no dia seguinte pela manhã Levine lhes iria falar.

CAPÍTULO XIV

Depois de Kitty ter partido, Levine sentiu que a inquietação se apoderava dele; teve medo, como da morte, das catorze horas que o separavam do momento em que a tornaria a ver, em que as suas duas vidas se uniriam para sempre. Para enganar o tempo, sentia a necessidade imperiosa de não estar só, de falar a quem quer que fosse. Infelizmente Stepane Arkadievitch, cuja companhia lhe agradaria mais do que nenhuma outra, deixou-o para ir a uma reunião, isto é, ao *ballet.*

Levine só teve tempo de lhe dizer que era feliz, que o estimava muito e que nunca esqueceria o que fizera por ele. O olhar e o sorriso de Stepane Arkadievitch demonstraram a Levine que compreendera perfeitamente os seus sentimentos.

— Já não falas mais em morrer, pois não? — perguntou-lhe, com um aperto de mão enternecido.

— Não! —respondeu-lhe este.

Daria Alexandrovna, ao despedir-se de Levine, felicitara-o também, dizendo:

— Como eu estou contente de que se tenha encontrado de novo com a Kitty! É preciso não esquecer os velhos amigos.

Estas palavras, nas quais Levine suspeitou um cumprimento, tiveram o condão de lhe desagradar: a sua felicidade era demasiado sublime para que os pobres mortais lhe pudessem fazer alusões!

Finalmente, para não ficar só, agarrou-se ao irmão.

— Onde vais tu?

— A uma reunião.

— Posso acompanhar-te?

— Porque não? — disse Sérgio, sorrindo. — Que tens tu hoje?

— Que tenho eu? A felicidade! — respondeu Levine, abrindo a vidraça da carruagem. — Dás licença? Sufoco. Porque é que nunca te casaste?

— As minhas felicitações —disse Sérgio sempre a sorrir. — É, segundo creio, uma encantadora pés...

— Cala-te, cala-te! — exclamou Levine, que, pegando-lhe pela gola lhe cobriu o rosto com a pele. “Uma encantadora pessoa...” Que palavras vulgares, indignas do sentimento que o tomava!

Sérgio Ivanovitch desatou a rir, coisa que lhe não acontecia muitas vezes.

— Posso ao menos dizer-te que estou encantado?

— Amanhã, mas nem mais uma palavra!... SilêncioL. — intimou Levine, fechando-lhe mais uma vez a boca. — Sou muito teu amigo — acrescentou. — Posso assistir à vossa reunião?

— Com certeza.

— De que se falará hoje? — perguntou Levine, sem deixar de sorrir.

Chegaram à reunião. Levine ouviu o secretário ler a acta, atrapalhado, ao que parecia, sem entender palavra do que lia. Mas pela sua fisionomia Levine reconheceu que aquele era um homem simpático, agradável e bondoso. Isto o deduziu ele da maneira como se atrapalhava e confundia na leitura. Depois principiaram os discursos. Discutia-se a votação de certas somas e a instalação de umas canalizações. Sérgio Ivanovitch atacou vivamente dois membros da reunião e falou por muito tempo com ares de triunfo. Outro membro, depois de tomar notas num papel, mostrou-se tímido a princípio, mas em seguida respondeu a Kosnichev com tanto de cortesia como de má intenção. Sviajski, presente também, pronunciou algumas palavras nobres e eloqüentes. Levine ouvia-as e compreendia claramente que ali não havia nada, nem somas de dinheiro consignadas, nem canalizações. Ninguém se enfadava com isso, todos eram pessoas muito amáveis e bondosas, e tudo corria perfeitamente entre eles. Não incomodavam ninguém e todos se sentiam à vontade. O extraordinário é que naquele dia Levine tinha a impressão de ver a alma das pessoas por pequenos pormenores, até então imperceptíveis, comprovar que todos eram bons. Também naquele dia estimavam muito Levine. Isso via-se pela maneira como falavam com ele e como o olhavam, carinhosa e afectuosamente, até mesmo pessoas que o não conheciam.

— Quê, estás contente? — perguntou-lhe Sérgio Ivanovitch.

— Muito. Não pensei que isto fosse tão interessante, tão simpático e acolhedor.

Sviajski acercou-se de Levine e convidou-o a tomar chá em sua casa. Levine aceitou, satisfeito, e perguntou-lhe imediatamente como estavam a mulher e a cunhada. Nada subsistia das reservas que outrora tinha contra ele, nem a mínima lembrança; aquele indivíduo que ele, antigamente, não conseguia perceber pareceu-lhe o melhor e o mais fino dos homens. E como a cunhada daquele homem estranho se associava sempre no seu espírito à ideia de casamento, afigurou-se-lhe que ninguém poderia ouvir melhor a história da sua felicidade do que essas senhoras.

Sviajski interrogou-o sobre a marcha dos seus negócios, convencido de que se não podia fazer nada de novo na Rússia em matéria de economia rural, visto a Europa já ter de há muito adoptado todas as formas econômicas possíveis. Desta vez Levine, em vez de se sentir contrariado por essa tese, achou-a muito plausível e admirou a mansidão e a delicadeza com que Sviajski a sustentava. As senhoras mostraram-se particularmente amáveis para com ele. Levine julgou perceber que sabiam de tudo, que participavam da sua alegria, mas que evitavam falar do caso por mera discrição. Esteve uma hora com elas, depois duas, três em seguida, abordando diversos assuntos mais ou menos relacionados com as preocupações de momento, sem notar que enfadava mortalmente os seus anfitriões, mortos de sono. Por fim, Sviajski, sem saber que pensar das estranhas atitudes do amigo, acompanhou-o, bocejando, até ao vestíbulo. Já passava da 1 hora.

De regresso ao hotel, Levine sentiu-se assustado com as horas que ainda tinha de passar sozinho, cheio de impaciência. O criado de serviço quis retirar-se depois de acender as velas, mas Levine deteve-o: aquela criatura, que ele conhecia apenas de nome, apresentou-se-lhe, de súbito, como uma óptima pessoa, nada estúpida, e sobretudo muitíssimo bondosa.

— Diz-me, Iegor, custa muito passar uma noite em claro?

— Que havemos nós de fazer, é a nossa obrigação. É mais sossegado trabalhar em casas particulares, mas aqui ganha-se melhor.

Levine soube que Iegor tinha família, três filhos e uma filha costureira, que queria casar com o empregado de um correeiro. A propósito, Levine observou que o casamento devia assentar no amor; quando se ama é-se sempre feliz, pois a felicidade está em nós próprios. Iegor, que ouvia atentamente, parecia convencido desta verdade, mas confirmou-a por uma observação inesperada, a saber, que, quando servira bons amos, sempre estivera contente com eles e que o seu patrão actual, embora francês, lhe convinha perfeitamente.

“Que homem tão bem formado”, pensou Levine.

— E tu, Iegor, quando casaste, gostavas da tua mulher?

— Pois claro? — respondeu o criado. Levine verificou que também Iegor se encontrava num estado de espírito exaltado e que se dispunha a revelar-lhe os seus mais íntimos sentimentos.

— A minha vida também tem sido extraordinária. Desde pequeno

— começou ele, de olhos brilhantes, sem dúvida contagiado pela excitação de Levine, como quando uma pessoa principia a bocejar por ter visto que os outros também bocejam.

Nesse momento ouviu se uma campainha. Iegor saiu, e Levine ficou só. Quase não jantara em casa dos Oblonski. Negara-se a tomar chá e a cear em casa de Sviajski, mas não podia pensar em comida. No quarto fazia frio, e no entanto todo ele era calor. Não dormira na noite anterior, mas era-lhe impossível pensar em dormir. Abriu os vidros da janela e sentou-se em cima da mesa que estava em frente. Para além do telhado coberto de neve via-se a cruz de uma igreja e um pouco mais para o alto o triângulo da constelação do Cocheiro sobrepujada pelo esplendor amarelado da Cabra. Aspirando o ar glacial, deixava que os olhos lhe errassem da cruz à estrela, dando livre curso às fantasias da recordação e da imaginação. Pouco depois das 3 horas, ouviram se passos no corredor Levine entreabriu a porta. Era Miaskine, um jogador de clube, seu conhecido, que voltava do jogo Tossia e a sua expressão era taciturna “Pobre desgraçado!”, pensou Levine. E aos olhos afloraram-lhe lágrimas de compaixão e afecto. Apeteceu-lhe falar com ele, consolá-lo, mas, ao lembrar se de que estava em mangas de camisa, mudou de ideia. Foi sentar se de novo junto à janela para sentir o ar fresco e contemplar aquela cruz admirável e silenciosa, cheia de significado para ele, bem como a resplandecente estrela amarela. Depois das seis principiaram a ouvir-se os criados que enceravam o soalho, sinos que tocavam para a missa, e Levine sentiu frio. Fechou as vidraças da janela, lavou se, vestiu-se e saiu para a rua.

CAPÍTULO XV

As ruas ainda estavam desertas Levine dirigiu-se a casa dos Tcherbatski. A porta principal encontrava-se fechada e todos em casa dormiam. Voltou ao hotel, subiu ao quarto e pediu o pequeno almoço. O criado de dia, que já não era Iegor, veio servir-lho. Levine quis cavaquear com ele, mas alguém o chamou e o criado saiu Levine quis engolir uma gota de café e levou à boca um pedaço de bolo, mas os dentes não sabiam o que fazer dele. Cuspiu, enfiou o capote e voltou a sair Passava das nove quando chegou pela segunda vez defronte da residência dos Tcherbatski.

Havia pouco que as pessoas se tinham levantado em casa, o cozinheiro saía para fazer compras. Era preciso deixar passar, pelo menos, mais duas horas.

Toda a noite e aquela manhã as levara Levine em perfeita inconsciência, à margem das necessidades da vida. Não comera em todo o dia, estivera duas noites sem dormir, passara algumas horas meio despido, exposto ao ar gelado, e não só se sentia fresco e bem disposto como inteiramente desligado do corpo. Movia-se sem esforço muscular e tinha a sensação de ser capaz de fazer o que lhe aprouvesse. Estava certo de que, sendo preciso, poderia voar ou remover as paredes de uma casa. O tempo que o separava da hora almejada passou o a caminhar pelas ruas, consultando o relógio a cada momento e virando a cabeça para todos os lados.

O que então viu nunca mais o esqueceria. Chamaram lhe sobretudo a atenção uns garotos a caminho da escola, umas pombas azuis escuras de farinha que mão invisível expunha em certo escaparate. Esses bolos, essas pombas e esses garotos pareciam-lhe qualquer coisa de prodigioso. Um dos pequenos aproximou se de uma pomba e, sorrindo, olhou para Levine. A pomba agitou as asas e esvoaçou, brilhando ao sol, no meio da fina poeira de neve que pairava no ar, enquanto do escaparate se derramava um cheiro a pão fresco e a mão continuava a colocar os bolos. Era tudo tão agradável que Levine se pôs a rir e a chorar ao mesmo tempo. Depois de ter dado pela segunda vez uma grande volta, entrou no hotel, sentou se, pousou o relógio diante de si e esperou que marcasse meio dia. Os vizinhos de quarto discutiam máquinas e tossiam uma tossinha matinal aqueles desgraçados não compreendiam que o ponteiro do relógio estava quase no meio dia? Quando, finalmente, atingiram o número fatal, Levine precipitou-se para a rua. Imediatamente cocheiros de praça o rodearam, joviais, pois, evidentemente, sabiam tudo, disputando entre si a honra de o conduzirem. Escolheu um deles e, para que os outros

não ficassem agastados, prometeu-lhes que da próxima vez lhes dana serviço. O cocheiro pareceu lhe um tipo magnífico, com a blusa branca a sair-lhe do cafetã e a sobressair lhe no pescoço vermelho e vigoroso. O trenó era alto e ligeiro, nunca mais voltaria a tomar um trenó assim. Também o cavalo era soberbo e procurava galopar, embora quase sempre no mesmo lugar. O cocheiro conhecia a casa dos Tcherbatski e para mostrar uma consideração muito especial para com o cliente fez estacar o cavalo diante da porta principal, de acordo com todas as regras da arte da boleia. Gritou "Hoo!" e fez com os braços um movimento circular. O guarda-portão também devia estar a par de tudo, via-se-lhe no olhar sorridente, na maneira como dizia:

— Ha muito tempo que não o víamos, Constantino Dimitrievitch.

E não só sabia tudo, como transbordava de alegria, procurando esconder a satisfação. Ao encontrar os olhos amáveis do velho, Levine sentiu algo de novo na sua alegria.

— Já estão levantados?

— Com certeza. Tenha a bondade de entrar... Pode deixar isso aqui — acrescentou, sorrindo, quando viu Levine retroceder na intenção de levar o gorro de pele.

— A quem o devo anunciar? — perguntou o criado.

Este, embora jovem e presumido, criado de novo estilo, afigurou-se-lhe um homem bondoso e simpático, que também compreendia tudo.

— À princesa... ao príncipe... à princesinha... —disse Levine.

A primeira pessoa que lhe apareceu foi *Mademoiselle* Linon: atravessara o salão, de caracóis e rosto resplandecente. Mal trocara com ela duas palavras, ouviu-se um frufru de saias junto à porta. *Mademoiselle* Linon precipitou-se pela outra porta, enquanto Levine se sentia penetrado de um temor radioso. Assim que a velha preceptora desaparecera, ouviram-se no parquete uns passinhos ligeiros. Aproximava-se rapidamente a felicidade, a vida, ele próprio, algo de melhor, o que tanto tempo procurara. Não caminhava; uma força invisível trazia tudo ao seu encontro.

Levine apenas viu aqueles dois olhos límpidos e sinceros, que cintilavam com essa mesma alegria que inundava o seu coração. E esses olhos, brilhando cada vez mais perto, quase o cegavam com o seu brilho. Ela pousou-lhe as duas mãos nos ombros. Dava-se inteira, trêmula e feliz. Apertou-a nos braços e os lábios uniram-se-lhes.

Também ela, após uma noite em claro, o esperava desde a manhã. Os pais estavam contentes e completamente de acordo. Espreitara a chegada do noivo, para ser a primeira a anunciar-lhe aquela

felicidade; entretanto, envergonhada e confusa, não sabia muito bem como pôr em prática o projecto. Daí que, ao ouvir os passos e a voz de Levine, se tivesse escondido atrás da porta à espera que *Mademoiselle* Linon saísse. Então, sem pensar um segundo, aproximara-se de Levine e lançara-se-lhe nos braços.

— Agora vamos ter com a mãe — disse ela, pegando-lhe na mão.

Por muito tempo, Levine não foi capaz de abrir a boca, não tanto por recear conturbar com palavras a elevação daquele sentimento como porque de cada vez que o ia fazer notava que em lugar de palavras só tinha lágrimas de felicidade. Pegou na mão de Kitty e beijou-a.

— Será possível que seja verdade? — disse, por fim, em voz surda.

— Não posso acreditar que tu me queiras.

Kitty sorriu ao ouvir aquele tu e ao ver a expressão tímida com que Levine a fitara.

— Acredita! — pronunciou Kitty, com lentidão significativa. — Sou tão feliz!

E sempre de mãos dadas penetraram no salão. A princesa, ao vê-lo, perturbou-se e principiou a chorar, mas daí a pouco estava a rir. Caminhou ao encontro dos dois num passo tão enérgico que surpreendeu Levine, e, tomando a cabeça dele entre as mãos, beijou-o, humedecendo- lhe de lágrimas as faces.

— Assim tudo acabou pelo melhor! Estou contente! Ame-a muito! Estou contente... Kitty!

— As coisas arranjaram-se depressa! — exclamou o velho príncipe, procurando mostrar-se sereno. Levine notou, porém, que ele tinha os olhos húmidos quando se lhe dirigiu. — Há muito que o desejava. Sempre o desejei — acrescentou, pegando na mão de Levine e atraindo-o a si. — Já então, quando se meteu na cabeça desta desmiolada...

— Paizinho! — exclamou Kitty, tapando-lhe a boca com a mão.

— Bom, bom, calar-me-ei.. Estou muito, muito... Meu Deus, que tolo eu sou!

O príncipe abraçou Kitty, beijou-a no rosto, nas mãos e beijando-lhe de novo as faces, abençoou-a. E um novo sentimento de afecto para com aquele homem invadiu Levine quando viu com que ternura Kitty lhe beijava longamente a grossa mão musculosa.

CAPÍTULO XVI

A princesa, numa poltrona, calava e sorria; o príncipe sentara-se junto dela. Kitty continuava ao lado do pai, sempre com a mão dele na sua. Todos se calavam.

A princesa foi a primeira a dar o seu verdadeiro nome às coisas e, pondo de lado os sentimentos, falou de problemas vitais. A todos, no primeiro momento, isso pareceu doloroso.

— Pois bem, agora temos de pensar em casar estas crianças em boa e devida forma e em anunciar o casamento. Para quando a boda? Que te parece, Alexandre?

— Neste assunto, ele é a personagem principal — disse o velho príncipe, apontando para Levine.

— Quando? — perguntou este, corando.— Amanhã! Visto que me perguntam, dir-lhes-ei que a bênção pode ser hoje e a boda amanhã.

— Ora, *mon cher,* não diga tolices.

— Bom, dentro de uma semana.

— Não há dúvida de que está doido.

— Mas porquê?

— E o enxoval? — exclamou a mãe, a quem a impaciência de Levine fizera sorrir.

"Será indispensável enxoval e tudo o mais?", pensou Levine, horrorizado, "Mas nem o enxoval, nem o noivado, nem o resto poderão empanar esta felicidade." Olhou para Kitty e verificou que a ideia do enxoval a não perturbara. "Então é preciso", pensou.

— Eu não sei nada. Apenas expus os meus desejos — replicou, desculpando-se.

— Depois falaremos. De momento, podemos proceder à bênção e anunciar o casamento.

A princesa aproximou-se do marido, beijou-o e fez menção de sair; mas este deteve-a, e abraçando-a com meiguice, como um jovem enamorado, beijou-a por sua vez uma e mais vezes, sorrindo. Ao que parecia, os velhos pensavam serem eles os noivos. Quando saíram, Levine aproximou-se da noiva e pegou-lhe na mão. Dominara-se finalmente e podia falar. Tinha muito que dizer. No entanto, disse coisas de todo em todo diferentes das que pensava dizer.

— Sabia que isto tinha de ser assim — afirmou. — Sem nunca ter ousado esperá-lo, no fundo da minha alma estava convencido de que

assim seria. Estava escrito no livro do destino.

— E eu — murmurou Kitty —, melhor então... —Calou-se e depois continuou olhando-o, resoluta, com os seus olhos sinceros. — Mesmo então, quando me recusei a aceitar a felicidade, era a si que amava. Obedeci a um capricho. Tenho o dever de lho dizer. Poderá esquecê-lo?

— Talvez tenha sido melhor assim. Também tem de me perdoar certas coisas, pois devo confessar-lhe que...

Levine tinha decidido contar-lhe tudo desde o princípio: que não era tão puro como ela, nem era crente. Seria penoso dizer-lhe, mas considerava um dever confessar-lho.

— Não; agora não. Depois... — disse.

— Bom, então depois, mas há-de dizer-mo, sem falta. Não tenho medo de nada. Deve dizer tudo. Agora tudo está resolvido. Levine completou a frase.

— Está resolvido que me receberá tal como eu sou...? Que não me repelirá? É verdade?

— Sim, sim, é verdade.

A conversa foi interrompida por *Mademoiselle* Linon, que vinha felicitar a discípula predilecta, com um sorriso meigo, embora fingido. Ainda ela não saíra da sala, chegaram os criados também para felicitar Kitty. Depois vieram os parentes, o que deu princípio a uma confusão que submergiu Levine num estado de bem-aventurança de que não emergiu até ao dia seguinte ao da boda. Sentia-se enfadado e aborrecido, posto que fosse cada vez maior a sua felicidade. Vivia sob a permanente impressão de que lhe exigiam muitas coisas que ele não sabia fazer, embora as realizasse todas, e isso dava-lhe grande satisfação. Tendo pensado que o seu noivado seria diferente de todos, e que afinal se cumpria dentro das circunstâncias tradicionais, supunha ver empanada a felicidade que sentia. Contudo, passando exactamente por onde todos os demais noivos passavam, a sua felicidade atingia proporções extraordinárias.

— Agora — sugeria *Mademoiselle* Linon —, vamos comer muitos bombons. — E lá ia Levine comprar bombons.

— As minhas felicitações — exclamou Sviajski. — Aconselho-o a comprar as flores no Fomine.

O irmão disse-lhe que pedisse dinheiro emprestado, pois teria de fazer muitas despesas, dar muitos presentes.

— Tenho de dar presentes? — E Levine foi a correr à joalharia

Fouldé.

Tanto na confeitaria como na casa Fomine e na joalharia Fouldé, Levine teve a impressão de que o esperavam e que se sentiam contentes por compartilhar da felicidade dele, como, aliás, todos com quem privava naqueles dias. Era extraordinário não só como todos o estimavam, mas até mesmo como aqueles que lhe tinham parecido antipáticos, frios e indiferentes pareciam entusiasmados com ele. Obedeciam-lhe em tudo, mostravam-se delicados para com os seus sentimentos amorosos e participavam da convicção em que ele vivia, de que era o ser mais feliz do mundo, uma vez que tinha por noiva a perfeição personificada. Kitty sentia o mesmo. Quando a condessa Nordston se permitiu insinuar que teria desejado algo melhor para Kitty, esta exaltou-se, demonstrando-lhe, de maneira convincente, não haver no mundo homem melhor do que Levine. A condessa viu-se obrigada a concordar e na presença de Kitty sempre acolhia Levine cem um sorriso de admiração.

A circunstância mais penosa por que teve de passar naquela altura foi a explicação que prometera a Kitty. Depois de consultar o velho príncipe, com o seu consentimento, confiou a Kitty o diário onde anotara o que o atormentava. Escrevera-o com o pensamento na futura noiva. Duas coisas o torturavam: o facto de não estar puro e de não crer em Deus. Esta última confissão passou por assim dizer inadvertida. Kitty era religiosa, nunca duvidara das verdades da religião, mas a falta de fé do noivo deixava-a indiferente. Esse coração, que o amor lhe revelara, continha tudo o que ela precisava. Pouco se lhe dava que Levine considerasse de incrédulo o seu estado de consciência. Pelo contrário, a outra confidência fê-la chorar muitas lágrimas.

Levine confiara o diário a Kitty, após prolongada luta consigo mesmo. Era de opinião que entre eles não devia haver segredos. Por isso decidiu entregar-lho. Não pensou, contudo, no efeito que produziria, pois não podia identificar-se com Kitty. Uma noite, ao chegar a casa dos Tcherbatski preparado para ir ao teatro, entrou nos aposentos de Kitty e viu que ela tinha o lindo rosto lavado em lágrimas, mercê da pena irreparável que essa leitura lhe causara. Só então compreendeu o abismo que havia entre o seu vergonhoso passado e a pureza imaculada da noiva. E sentiu-se horrorizado com o que fizera.

— Leve-o, leve daí esse horrível diário! — exclamou Kitty, afastando os cadernos que tinha diante de si, em cima da mesa. — Para que me deu isto? Não, não, assim foi melhor — acrescentou, compadecida, ao ver o desespero que se pintara no rosto de Levine. — É horrível, horrível!

Levine baixou a cabeça e permaneceu calado. Nada podia fazer.

— Não me perdoará? — perguntou, num suspiro.

— Perdôo, já perdoei, mas é horrível!

No entanto, a felicidade de Levine era tão grande que aquele desgosto a não pôde afectar e até lhe deu um novo matiz. Kitty perdoara-lhe, mas desde então considerava-se menos digno dela, ainda a reverenciava mais e apreciava como nunca a ventura imerecida que lhe era dada.

CAPÍTULO XVII

Ao voltar para o seu quarto solitário, Alexei Alexandrovitch recordou, involuntariamente, as conversas daquela noite. As palavras de Dolly incitando-o a perdoar tinham-no apenas enfurecido. Aplicar ou não ao seu caso as normas religiosas era um problema árduo, de que se não podia falar de ânimo leve, e havia já algum tempo que Karenine o resolvera de modo negativo. De tudo o que se dissera em casa de Oblonski as palavras que maior impressão lhe tinham produzido foram as do bondoso e néscio Turovtsine: "Portou-se como um valente. Desafiou-o e matou-o." Naturalmente era a opinião de todos, embora a não manifestassem por cortesia.

"Por outro lado, o assunto está resolvido. Não há mais nada a acrescentar-lhe", disse Alexei Alexandrovitch. Meditando na sua futura viagem e no problema que ia estudar, subiu para os seus aposentos, perguntando pelo criado ao guarda-portão que o acompanhava. Dizendo- lhe este que acabava de sair, Karenine pediu que lhe servissem chá, sentou-se à mesa e principiou a estudar no guia dos caminhos de ferro o itinerário da viagem.

— Vieram dois telegramas — disse o criado, que entretanto penetrara no aposento. — Queira perdoar-me, Excelência, por eu ter saído.

Alexei Alexandrovitch pegou nos telegramas e abriu-os. O primeiro anunciava-lhe que Stremov fora nomeado para um cargo cobiçado por Karenine. Atirou fora o telegrama, corou, levantou-se e pôs-se a percorrer o quarto de um lado para o outro. *"Quos vult perdere Júpiter dementai prius"*(Nota 41), disse entre dentes, e os *quos* eram as pessoas que tinham concorrido para semelhante nomeação. Não lhe doía o facto de lhe não terem confiado esse cargo, de o terem deixado à margem; estranhava, porém, e afigurava-se-lhe incompreensível, que não dessem conta de que esse charlatão do Stremov era a criatura menos apta para o desempenhar. Pois não compreendiam que com aquela nomeação se prejudicavam, e prejudicavam, inclusive, o seu próprio prestígio?

"Deve ser qualquer coisa no mesmo estilo", disse de si para consigo, enquanto abria o segundo telegrama. Era da mulher. A primeira coisa que lhe saltou à vista foi o nome "Ana", escrito a lápis azul.

Estou à morte. Rogo-lhe, suplico-lhe que venha. Morrerei mais tranqüila com o seu perdão.

Leu Karenine. Sorriu desdenhosamente e atirou fora o telegrama.

No primeiro momento, persuadiu-se de que se tratava de uma astúcia, de um ludíbrio.

"Não se deterá de nenhuma mentira. Deve estar para dar à luz. Talvez seja isso. Qual o seu propósito? Que eu reconheça a criança, comprometendo-me e impedindo assim o divórcio. Mas está ali escrito: "Estou à morte..." Tornou a ler o telegrama. E desta vez impressionou-o o sentido concreto do seu conteúdo. "E se fosse verdade?", disse de si para consigo. "Se fosse verdade que num momento de sofrimento, ante a morte próxima, se arrependesse sinceramente, e eu, pensando ser uma fraude, me negasse a ir? Não só seria crueldade que todos me censurariam, mas resultaria mesmo em estupidez da minha parte."

— Pedro, uma carruagem. Vou a Sampetersburgo — disse para o criado. Decidira ir a Sampetersburgo ver a mulher. Se se tratasse de um ludíbrio, voltaria sem falar com ela. Se realmente estivesse doente, se estivesse à morte e desejasse vê-lo antes de morrer, perdoar-lhe-ia. Caso chegasse tarde de mais, pelo menos cumpriria os seus últimos deveres para com ela.

Durante todo o caminho não pensou noutra coisa senão no que ia fazer. Cansado e com a sensação de pouco asseio, depois de uma noite inteira no comboio, Karenine seguia de carro, no meio da névoa matinal de Sampetersburgo, ao longo da deserta Perspectiva Nevski, os olhos fitos na sua frente, sem pensar no que o esperava. Impossível pensar nisso. Ao imaginar o que iria acontecer, não podia arredar do espírito a ideia de que a morte decidiria da dificuldade em que se encontrava. Atentava nos padeiros, nas lojas fechadas, nos cocheiros estremunhados, nos porteiros que varriam os passeios, e olhava para tudo isso, procurando afogar no seu foro íntimo a imagem do que talvez fosse acontecer, do que não quereria desejar e apesar de tudo desejava. Chegou à porta de casa. Um trem de aluguer e outro particular, cujo cocheiro dormitava, estavam junto à escada do alpendre.

Ainda na rua, Alexei Alexandrovitch, num grande esforço sobre si mesmo, arrancou do escaninho mais recôndito do cérebro uma decisão que podia formular-se deste modo: "Se ela me enganou, manterei uma calma desdenhosa e voltar-lhe-ei as costas; se falou verdade, respeitarei as conversações."

A porta abriu-se antes de Karenine ter tocado. O porteiro, Petrov, a quem chamavam Kaptitonitch, oferecia um aspecto estranho, sem gravata, com um velho redingote pelas costas e de pantufas nos pés.

— A senhora como está?

— Deu ontem à luz, felizmente.

Alexei Alexandrovitch deteve-se e empalideceu. Naquele momento compreendeu até que ponto desejara a morte de Ana.

— E de saúde?

Kornei, com o seu avental das limpezas, descia as escadas a correr.

— Muito mal — respondeu Kornei. — Ontem houve conferências de médicos, e o senhor doutor está no quarto.

— Tirem as malas do carro — ordenou Alexei Alexandrovitch.

E experimentando certo alívio ao ouvir aquela notícia, visto que a esperança da morte subsistia, penetrou no vestíbulo.

No bengaleiro havia um capote militar. Ao vê-lo, Karenine perguntou:

— Quem está aqui em casa?

— O médico, a parteira e o conde Vronski.

Alexei Alexandrovitch penetrou no interior da casa.

No salão não havia ninguém. Ao ouvir os passos de Karenine, a parteira, com uma touca de fitas lilases, saiu do toucador.

Aproximou-se de Alexei Alexandrovitch e com a familiaridade que dá a eminência da morte, arrastou-o consigo, travando-o pelo braço.

— Graças a Deus que chegou. Não faz outra coisa senão pronunciar o seu nome — disse ela.

— Tragam já o gelo — ordenou o médico, de dentro do quarto, em voz autoritária.

Karenine penetrou no toucador de Ana. Ao pé da mesa, sentado de lado numa cadeira baixa, estava Vronski, que chorava com o rosto oculto nas mãos. Ao ouvir a voz do médico, afastou as mãos do rosto e levantou-se de chofre. Vendo, porém, o marido de Ana, tão perturbado ficou que voltou a sentar-se, enterrando a cabeça entre os ombros, como se quisesse desaparecer. Num esforço sobre si mesmo, contudo, pôs-se de novo em pé e disse:

— Está à morte. Os médicos dizem que não há esperança. Tem-me inteiramente à sua disposição, consinta, porém, que permaneça aqui... Pode fazer de mim o que quiser, eu...

Ao ver as lágrimas de Vronski, Karenine sentiu-se tolhido pela perturbação que sempre lhe produzia o sofrimento dos outros. Voltando o rosto, e sem acabar de ouvir o que ele dizia, dirigiu-se precipitadamente para a porta. Do quarto de dormir vinha a voz de Ana. Era alegre, animada, e com inflexões muito definidas. Alexei Alexandrovitch entrou e aproximou-se do leito. Ana, deitada, tinha o

rosto voltado para ele; as faces ardiam, os olhos brilhavam e as suas pequenas mãos brancas, emergindo dos punhos da camisa de noite, brincavam com a franja da colcha, retorcendo-a. Não só parecia fresca e de perfeita saúde, mas na mais feliz disposição de espírito. Falava depressa, em voz sonora e em inflexões muito precisas e cheias de sentimento.

— Porque o Alexei (Alexei Alexandrovitch, claro; que estranho e terrível é o destino, não é verdade? Ambos Alexei!) não mo negaria. Eu esqueceria tudo e ele perdoava-me... Mas porque não vem? É bom, nem sequer sabe que é bom. Ai, meu Deus! Que pena! Dá-me água! Que pressa! Oh! Será ele mau para minha filha? Sim, então levem-na a casa de uma ama. Acho melhor. Há-de custar-lhe vê-la quando chegar. Levem-na!

— Ana Arkadievna, já chegou, está aqui — disse a parteira, procurando chamar a atenção de Ana para o marido.

— Oh! Que absurdo! — continuou Ana, sem ver Karenine. — Tragam-me aqui a menina. Sim, tragam-na. Ele ainda não veio. Dizem que ele não me perdoa porque o não conhecem. Ninguém o conhecia. Só eu, e era-me penoso. É preciso conhecer-lhe os olhos. Seriocha também os tem assim, e por isso o não pode ver. Deram de comer ao Seriocha? Estou convencida de que se esquecem dele. Ele não se teria esquecido. Têm de mudar o Seriocha para outro quarto. E dizer à Mariette que durma aqui.

De súbito, teve uma contracção, calou-se e, com uma visagem de espanto, como se aguardasse que lhe vibrassem um golpe e quisesse defender-se, cobriu o rosto com as mãos. Tinha visto o marido.

— Não, não! Não é dele que tenho medo, é da morte! Tenho pressa, o tempo é pouco, tenho pouco tempo de vida. Vai-me subir outra vez a febre e já não compreenderei nada. Neste momento entendo tudo e vejo tudo.

O rosto contraído de Alexei Alexandrovitch adoptou uma expressão de sofrimento; quis dizer qualquer coisa, mas foi incapaz. Tremia-lhe o lábio inferior, sempre lutando com a emoção que o tomava. Só de quando em quando olhava para a mulher. De cada vez que a fitava, via os olhos de Ana que o olhavam com uma doçura e um enternecimento como nunca em sua vida assim os vira.

— Espera, não sabes... Espera, espera — e Ana calou-se, como para concentrar as ideias. — Sim, sim, sim — principiou —, era isso que eu queria dizer. Não te surpreenda veres-me. Sou a mesma de antes... mas em mim há outra e tenho medo dela! Essa enamorou-se de um homem, e eu quis odiar-lhe, mas não pude esquecer a que era antes... Agora sou toda inteira, verdadeiramente eu, não a outra. Morro, sei

que vou morrer. Perguntem-lhe a ele. Sinto um peso nos braços, nas pernas e nos dedos. Olha que dedos tão grandes! Mas tudo isto acabará, não tarda... Só preciso de uma coisa: que me perdoes, que me perdoes de todo. Sou terrível, mas a minha ama dizia-me que uma santa mártir, como se chamava ela?, foi pior. Irei a Roma, há ali um deserto, e então não incomodarei ninguém. Só levarei comigo o Seriocha e a menina... Não, não me podes perdoar, sei que isto não se pode perdoar. Não, não, vai-te, és bom de mais. — Ana agarrava com uma das suas mãos ardentes a mão do marido, enquanto com a outra o repelia.

A perturbação de Alexei Alexandrovitch ia crescendo sempre e a um tal grau chegou que cessou de lutar consigo mesmo. De súbito, percebeu que aquela sensação era um estado de espírito beatífico, que lhe proporcionava uma nova felicidade, felicidade que nunca experimentara antes. Não acreditava que a doutrina cristã, que toda a vida quisera seguir, lhe ordenava que perdoasse aos inimigos e os amasse; e eis que um estranho sentimento de amor e perdão lhe inundava a alma. Ajoelhado junto da cama, a testa apoiada contra esse braço que escaldava de febre e o queimava através da camisa de noite, soluçava como uma criança. Ana debruçou-se para ele, envolveu no seu braço a cabeça calva do marido e ergueu os olhos, num desafio.

— É ele, eu bem sabia! E agora adeus, adeus a todos... Lá vem outra vez. Por que não se vão embora? Tira-me essas peles de cima!

O médico voltou a deitá-la, suavemente, nos travesseiros, tendo o cuidado de lhe cobrir os braços e os ombros. Ana deixou que a deitassem sem resistência, o olhar fixo diante de si.

— Lembra-te de uma coisa: só precisava do teu perdão, não peço mais nada... Porque não vem ele? — continuou, voltada para a porta onde estava Vronski — Aproxima-te, aproxima-te! Dá-lhe a mão.

Vronski aproximou-se do leito e, ao ver Ana, voltou a tapar o rosto com as mãos.

— Destapa o rosto e olha para ele! É um santo — disse Ana.— Anda, destapa o rosto, destapa o rosto! — repetia, irritada. — Alexei Alexandrovitch, destapa-lhe o rosto. Quero vê-lo.

Karenine retirou as mãos de Vronski, afastando-lhas do rosto, terrível na sua expressão de dor e vergonha.

— Dá-lhe a mão. Perdoa-lhe.

Karenine estendeu a mão a Vronski, sem poder conter as lágrimas que lhe saltavam dos olhos.

— Graças a Deus! Graças a Deus! — exclamou Ana. — Agora tudo

está arranjado. Só quero esticar um pouco as pernas. Assim, assim estou muito bem. Que feias são essas flores. Não parecem violetas — continuou, apontando para o papel que forrava as paredes do quarto. — Meu Deus!

Meu Deus! Quando acabará isto! Morfina, doutor, morfina. Oh, meu Deus, meu Deus!

O médico assistente e os demais que a viram disseram que se tratava de uma febre puerperal, em que noventa e nove por cento dos casos são mortais. Ana passou todo o dia com febre, delirando e em estado de inconsciência. À meia-noite perdeu os sentidos e o pulso quase não batia.

Esperava-se a todo o momento que acabasse.

Vronski foi a casa, mas pela manhã apareceu para saber do estado de Ana. Alexei Alexandrovitch, que veio ao seu encontro no vestíbulo, disse-lhe:

— Fique. Talvez pergunte pelo senhor.

E ele próprio o acompanhou ao quarto da mulher.

Ana principiou a agitar-se de novo, mostrou-se animada, falou depressa e finalmente voltou a ficar inconsciente. No terceiro dia sucedeu o mesmo, mas os médicos disseram que havia esperanças. Naquele mesmo dia Alexei Alexandrovitch entrou no toucador onde estava Vronski, e depois de fechar a porta sentou-se diante dele.

— Alexei Alexandrovitch — disse Vronski, dando-se conta de que se aproximava o momento da explicação —, não posso falar. De momento não sou capaz de falar nem de compreender. Tenha piedade de mim! Por maior que seja o seu sofrimento, pode crer que o meu ainda é muito mais terrível!

Fez menção de se levantar, mas Karenine, pegando-lhe pela mão, disse-lhe:

— Peco-lhe que me escute, é necessário. Tenho de expor-lhe os sentimentos que me têm guiado e hão-de guiar-me, para que se não equivoque a meu respeito. Sabe que resolvi pedir o divórcio e que, outrossim, já principiei a tratar do caso. Confesso-lhe que de princípio vacilei e sofri muito, que me perseguia o desejo de vingar-me do senhor e dela. Ao receber o telegrama, vim com os mesmos sentimentos, e mais: desejei a morte de Ana, mas... — Calou-se, hesitante, sem saber se devia desvendar-lhe o sentimento que o movia — vi-o, porém, e perdoei-lhe. E a felicidade que senti com o facto de o ter feito diz-me qual o meu dever. Perdoei-lhe sem reservas. Quero oferecer a outra face, quero dar a camisa a quem me tira o cafetã. Só

peço a Deus que me não roube a dita de perdoar!

As lágrimas inundaram os olhos de Karenine e o seu olhar claro e sereno surpreendeu Vronski.

— É esta a minha opinião. Pode espezinhar-me na lama, fazer de mim objecto de irrisão diante do mundo, mas não abandonarei a Ana e nunca lhe dirigirei a si uma palavra de censura — continuou Karenine. — O meu dever está claramente traçado a meus olhos: devo permanecer ao lado dela e assim farei. Se ela quiser vê-lo, avisá-lo-ei; agora, porém, parece-me melhor que se retire.

Karenine levantou-se e os soluços interromperam-lhe as últimas palavras. Vronski também se levantou e sem erguer o busto, prostrado, olhou para Karenine, de cabeça baixa. Não compreendia os sentimentos de Alexei Alexandrovitch, pressentia, contudo, que eram elevados e mesmo inacessíveis para ele.

CAPÍTULO XVIII

Depois da sua conversa com Karenine, Vronski veio para o alpendre e deteve-se, procurando, com grande esforço, recordar-se onde estava e para onde devia ir. Sentia-se envergonhado, culpado, humilhado e sem possibilidade de fazer desaparecer aquela humilhação. Via-se projectado para fora do caminho que até então seguira tão facilmente e com tanto orgulho. Todas as regras que tinham servido de base à sua vida e que ele supunha inatacáveis revelaram se lhe agora falsas e mentirosas. O marido enganado, essa triste personagem que ele considerava um obstáculo acidental, e por vezes cômico, à sua felicidade, acabava de ser elevado por "ela" a uma altura que inspirava respeito. Em vez de ridículo mostrava-se simples, grande e generoso. Os papéis estavam trocados Vronski não podia iludir-se. De um lado, a grandeza e a rectidão de Karenine, do outro a sua própria baixeza Aquele marido enganado surgia magnânimo na sua dor, enquanto ele próprio se via pequeno e miserável. No entanto, este sentimento de inferioridade em relação a um homem que ele tão injustamente desprezara só em muito pequena parte entrava no acabrunhamento que experimentava. O que lhe causava tamanho desespero era a ideia de perder Ana para sempre. A paixão que supusera, por momentos, apaziguara se, reanimava se mais violenta do que nunca. A doença de Ana dera lhe ocasião de conhecê-la melhor e afigurava- se-lhe nunca lhe ter querido tanto. E agora que a conhecia e amava realmente, ia perdê-la, restando-lhe apenas a mais abjecta e humilhante das recordações. Lembrava, horrorizado, o momento ridículo e odioso em que Alexei Alexandrovitch lhe afastara as mãos do rosto, destapando-lhe a face que ele cobria Imóvel no alpendre, dir-se-ia ter perdido a consciência dos seus próprios actos.

— Quer que chame um trem? — perguntou-lhe o guarda-portão.

— Isso mesmo, um trem.

De regresso a casa, Vronski, esgotado por três noites de insônia, estendeu se sem se despir em cima de um divã. Descansava a cabeça fatigada nos braços cruzados. As reminiscências, os pensamentos, as impressões mais estranhas sucediam-se-lhe no espírito com uma rapidez e uma lucidez extraordinárias. Ora se via a dar uma poção à doente, com a colher derramando o líquido, ora diante de si descobria as brancas mãos da parteira ou ainda atentava em Alexei Alexandrovitch estranhamente ajoelhado no chão junto ao leito.

"Dormir! Esquecer!", dizia de si para consigo com a serena resolução de um homem são, certo de, em caso de fadiga, poder

adormecer à vontade. E, com efeito, naquele mesmo instante tudo se lhe confundiu no cérebro e principiou a afundar-se no precipício da inconsciência. As ondas do mar da vida inconsciente envolviam-lhe a cabeça quando de súbito lhe pareceu que uma forte corrente eléctrica se lhe descarregava sobre o corpo. Estremeceu, e de tal sorte que deu um salto em cima das molas do divã e, apoiando-se nas mãos, ficou de joelhos, muito assustado Tinha os olhos desmesuradamente abertos, como se não tivesse pensado em dormir Repentinamente desapareceram lhe o peso da cabeça e a. flacidez dos músculos.

"Pode arrastar-me pela lama." Estas palavras de Alexei Alexandrovitch ressoaram lhe aos ouvidos e viu o diante de si. Via o rosto ardente de Ana, com os seus olhos brilhantes, que não o olhavam, a ele, com doçura e amor, mas a Alexei Alexandrovitch. Viu a sua própria figura, sem dúvida estúpida e ridícula, quando Karenine lhe destapou o rosto. Esticou de novo as pernas e atirou se para cima do divã, na posição anterior, fechando os olhos.

"Quero dormir, quero dormir!", repetiu para si mesmo. Mas, de olhos fechados, ainda via mais nitidamente o rosto de Ana, tal como era na memorável tarde das corridas.

— É impossível, isso não voltará mais. Ana quer banir me do seu pensamento E eu, em compensação, não posso viver sem ela. Como reconciliarmo-nos, como reconciliarmo-nos? — disse Vronski em voz alta, repetindo, conscientemente, e por várias vezes, as mesmas palavras. O facto de o fazer evitava que se lhe representassem de novo na imaginação imagens e recordações que lhe assaltavam o cérebro. Mas não por muito tempo. De novo lhe assaltaram o espírito, com extraordinária rapidez, uns atrás dos outros, os momentos felizes, e com eles a recente humilhação por que passara "Destapa o rosto", dizia a voz de Ana. Ao destapar o rosto dava se conta de que o seu aspecto era ridículo e humilhante.

Continuava deitado no divã, procurando dormir. Mas percebia baldada a esperança de o conseguir, e sem cessar repetia para si mesmo palavras ao acaso, para assim evitar que novas imagens lhe aparecessem. Prestou atenção e ouviu as seguintes palavras, pronunciadas num murmúrio estranho e enlouquecedor "Não a soubeste apreciar nem tirar partido dela. Não a soubeste apreciar nem tirar partido dela".

"Que é isto? Vou enlouquecer?", perguntou a si próprio "Talvez. Por que enlouquecem as pessoas? Por que se suicidam?", dizia e, abrindo os olhos, viu, com assombro, junto à cabeça, a almofada bordada por Vária, a mulher do irmão. Apalpou a borla da almofada, procurando lembrar se de Vária tal como a vira da última vez. Mas o facto de

pensar em alguma coisa alheia ao que o torturava, tornava-se-lhe doloroso “Não, devo dormir.” Puxou a almofada e encostou nela a cabeça, mas foi obrigado a fazer um grande esforço para manter os olhos fechados. Levantou-se de um salto e ficou sentado no divã “Isto acabou para mim”, disse “É preciso pensar no que devo fazer. Que me resta?” E perpassou-lhe, rápida, por diante dos olhos, a sua vida com Ana.

“A ambição? Serpukovski? A sociedade? A Corte?” Não conseguiu fixar o pensamento em coisa alguma. Tudo aquilo tivera antes significado, mas agora, não. Levantou-se, tirou o dólman, desabotoou o cinturão para permitir ao vasto peito respirar mais livremente e pôs-se a andar de um lado para outro “É assim que as pessoas enlouquecem”, repetiu “É assim que se suicidam para não se envergonharem”, acrescentou lentamente.

Aproximou se da porta e fechou-a. Em seguida, de olhar fixo e dentes cerrados, dirigiu se à mesa e pegou no revólver. Depois de o examinar, armou o e ficou a cismar. Dois minutos esteve imóvel, a cabeça baixa, a expressão concentrada, o revólver na mão “Certamente”, disse de si para consigo, como se o curso de um pensamento lógico e prolongado o tivesse conduzido a uma conclusão indiscutível. Na verdade, aquele convicto “certamente” era apenas conseqüência da repetição do mesmo círculo de recordações e imagens por que passara várias dezenas de vezes no espaço de uma hora as mesmas lembranças de uma felicidade perdida para sempre, a mesma ideia de que tudo carecia de finalidade na sua vida futura e a mesma consciência da humilhação por que passara. E também a mesma sucessão de imagens e de sentimentos.

“Certamente”, repetiu ao vir lhe à mente pela terceira vez aquele círculo mágico de recordações e pensamentos. Apoiou o cano do revólver na parte esquerda do peito, contraiu nervosamente a mão, como se apertasse o punho, e premiu o gatilho. Não ouviu a detonação, mas uma violenta pancada no peito fê-lo vacilar. Procurou amparar-se à borda da mesa, largou o revólver e, cambaleando, sentou se no chão a olhar, surpreendido, à sua roda. Não reconhecia o quarto, ao ver dali debaixo os pés retorcidos da secretária, o cesto dos papéis e a pele de tigre. Os passos rápidos e rangentes do criado que atravessava a sala obrigaram no a vir a si. Fez um esforço mental e compreendeu que estava no chão. Ao ver sangue na pele de tigre e na mão, recordou se de que disparara contra si.

“Que estupidez! Falhei o tiro”, murmurou, procurando apanhar o revólver com a mão. A arma estava junto de si, mas Vronski apalpava mais adiante. Prosseguiu na busca, esticou se para o outro lado e, sem forças para conservar se em equilíbrio, tombou para o chão, banhado

em sangue.

O criado, personagem elegante, que usava suíças e costumava queixar-se aos amigos da delicadeza dos nervos, tão aterrado se sentiu ao ver o amo que o deixou por terra e saiu à procura de socorros. Uma hora depois, Vária, a cunhada de Vronski, chegava, e com o auxílio de três médicos, que conseguira juntar, apelando para três pontos distintos da cidade, conseguiu deitar o ferido, quedando-se a seu lado para o tratar.

CAPÍTULO XIX

Alexei Alexandrovitch não previra que a mulher dana provas de arrependimento sincero, que obteria o seu perdão e... se restabeleceria.

Dois meses após o seu regresso de Moscovo, este erro evidenciou-se-lhe em toda a sua gravidade. Era um erro que se fundamentava menos na falta de cálculo do que no descobrimento do seu próprio coração Junto ao leito da mulher agonizante, pela primeira vez na sua vida se abandonara a esse sentimento de comiseração pelas dores alheias contra que sempre lutara como se luta contra uma fraqueza perigosa. Os remorsos que sentia por ter desejado a morte de Ana, a piedade que ela lhe inspirava e acima de tudo o próprio sentimento de felicidade que lhe vinha do perdão concedido haviam convertido uma fonte de sofrimento num manancial de alegria tudo o que no seu ódio e na sua cólera julgava inextrincável, se tornava claro e simples, agora que amava e que perdoava.

Perdoara à mulher e apiedava se dela pelo muito que sofria e se arrependia. Perdoara a Vronski e igualmente se apiedava dele depois do seu acto de desespero. Tinha pena do filho e mais pena do que até então, pois se acusava a si mesmo de o ter menosprezado. Quanto à recém- nascida, essa inspirava-lhe mais do que piedade verdadeira ternura. Ao ver aquela criança débil abandonada durante a doença da mãe, consagrou-se a ela e salvou a da morte, dedicando se lhe sem dar por isso. A criada e a ama, que o viam entrar várias vezes ao dia no quarto das crianças, intimidadas de princípio, acabaram por habituar se a vê-lo. Ficava, às vezes, meia hora a contemplar o rostozinho vermelho, cor de açafrão, gorduchinho e enrugado, da pequenina criatura adormecida, e seguia lhe os movimentos da testa plissada, observando-lhe as mãozinhas cheias, que esfregavam o nariz e os olhos. Nesses momentos Alexei Alexandrovitch sentia-se tranqüilo, em paz consigo mesmo, e não dava pelo que havia de anormal na situação.

Mas, à medida que o tempo passava via, com maior nitidez, que, por mais natural que se lhe afigurasse aquele estado de coisas, continuar assim não era possível. Dava se conta de que para além da bondosa força moral que lhe estimulava a alma, outra força havia, vulgar, e tão forte ou mais forte que lhe guiava a vida e lhe permitiria desfrutar daquela tranqüilidade pacífica que tanto desejava. Notava que era olhado por todos com surpresa e interrogação, que o não compreendiam e que esperavam dele alguma atitude. E acima de tudo notava a inconsciência e a pouca naturalidade das suas relações com a

mulher.

Quando se desvaneceu esse enternecimento que a vizinhança da morte facilita, Alexei Alexandrovitch principiou a dar se conta de que Ana tinha medo dele, que se não sentia à vontade na sua presença e que não ousava olhá-lo nos olhos. Era como se quisesse dizer lhe qualquer coisa, sem coragem para isso, e também como se pressentisse que as suas relações não podiam continuar assim e aguardasse da sua parte uma solução qualquer.

Em fins de Fevereiro, a recém nascida, Ana também, adoeceu Alexei Alexandrovitch, que fora pela manhã ao quarto das crianças, depois de ordenar que chamassem o médico, seguiu para o Ministério. Concluído que foi o seu trabalho, voltou para casa quando já passava das três horas. Ao penetrar no vestíbulo, viu um criado pernalta com uma libré guarnecida de pele de urso, que tinha debaixo do braço uma capa de pele branca.

— Quem é que esta aí? — perguntou Karenine.

— A princesa Isabel Fiodorovna Tverskaia — respondeu o criado, sorrindo, que assim se lhe afigurou.

Durante toda aquela penosa quadra, Karenine notara, da parte das suas relações mundanas, sobretudo femininas, um interesse muito particular, tanto por ele como pela mulher. Observara em toda essa gente aquela espécie de alegria mal dissimulada que encontrara nos olhos do advogado e que via agora nos do lacaio. Se lhe perguntavam pela saúde, dir se ia que os seus interlocutores pareciam encantados, era como se alguém fosse casar-se.

A presença da princesa não podia agradar a Alexei Alexandrovitch não só nunca lhe fora afeiçoado, como lhe vinha trazer desagradáveis recordações. Eis por que foi direito ao quarto das crianças. Na antecâmara, Seriocha, deitado em ama da mesa e com os pés sobre a cadeira, desenhava, tagarelando alegremente. Sentada junto dele, a preceptora inglesa, que substituía a francesa, então à cabeceira de Ana, fazia crochet. Assim que viu entrar Karenine, levantou se, fez uma vênia e pôs Seriocha na cadeira Alexei Alexandrovitch acariciou a cabeça do filho, respondeu às perguntas da preceptora acerca do estado da senhora e perguntou qual a opinião do médico a respeito do baby.

— Disse que não era nada de cuidado, Excelência. Mandou dar-lhe uns banhos.

— Mas continua a queixar se — observou Alexei Alexandrovitch, ouvindo os vagidos da criança no quarto contíguo.

— Acho que a ama não é das melhores — notou, resolutamente, a

inglesa.

— Porquê? — inquiriu Karenine, detendo se.

— Está a suceder o que sucedeu em casa da condessa Pol, Excelência Tratavam a criança com remédios, mas o que ela sentia era fome a ama estava sem leite.

Alexei Alexandrovitch pensou um momento e daí a pouco entrava no segundo quarto. A pequenina chorava, deitada nos braços da ama, a cabeça atirada para trás e recusando o seio que ela lhe dava. Nem a criada nem a ama conseguiam sossegá-la.

— Não está melhor? — perguntou Alexei Alexandrovitch.

— Está muito agitada — respondeu a criada a meia voz.

— Miss Edward é de opinião que a ama não tem leite.

— Também acho, Alexei Alexandrovitch.

— Porque o não disse?

— A quem o havia de dizer? Ana Arkadievna está doente — respondeu a criada, velha na casa, em tom irritado. E esta frase muito simples, de novo se lhe afigurou uma referência à situação dele.

A criança cada vez chorava mais, sufocando, enrouquecendo. A criada teve um movimento de impaciência e, tirando a criança dos braços da ama, pôs se a passeá-la, baloiçando-a.

— É preciso dizer ao médico que examine a ama. Receosa de perder o seu lugar, esta, mulher de aparência robusta, e bem vestida, disse qualquer coisa a meia voz. A ideia de que lhe faltasse leite levou-a a ter um sorriso de desdém, que Karenine interpretou de novo à sua maneira.

— Pobre menina! — exclamou a criada, que procurava sossegar a criança.

Alexei Alexandrovitch sentou se e ficou por momentos a seguir com a vista os movimentos da criada. Quando finalmente essa se afastou, depois de deitar a criança no berço e de lhe ajeitar o travesseiro, levantou- se, aproximou se na ponta dos pés, ficou se a observá-la, por instantes, sem dizer nada e sempre com o mesmo ar prostrado. De súbito, um sorriso lhe perpassou pelo rosto, saindo do quarto muito suavemente. Uma vez na sala de jantar, tocou a campainha e mandou chamar o médico. Pouco contente por ver como a mulher abandonava aquela criança encantadora, não queria ir ao quarto dela, tanto mais que não teria prazer algum em encontrar se com a princesa. No entanto, como Ana poderia estranhar que ele alterasse o habito em que estava, recalcando os seus ressentimentos, dirigiu se para o quarto

de dormir da mulher. Ao aproximar se, como o espesso tapete amortecesse o ruído dos passos, ouviu umas palavras que o impressionaram.

— Se ele não se fosse embora, compreenderia a tua negativa e a dele Mas o teu marido deve estar acima disso — dizia Betsy.

— Não se trata do meu marido, mas de mim, não me fales mais em semelhante coisa — murmurava Ana em voz comovida.

— Será possível que não queiras tornar a ver o homem que quis matar-se por tua causa?

— É precisamente por isso que eu o não quero tornar a ver.

Alexei Alexandrovitch parou perturbadíssimo, e pensou mesmo retroceder; reconhecendo, porém, que essa fuga era pouco digna, seguiu avante, tossicando. As vozes calaram-se e ele penetrou no quarto. Ana, com um penteador cinzento, os espessos cabelos pretos cortados rentes, que cresciam em forma de escova, estava sentada num canapé. Toda a sua animação desapareceu, como de costume, mal o marido entrou. Baixou a cabeça, relanceando um olhar inquieto a Betsy. Esta, vestida ao rigor da moda, tinha um chapéu minúsculo, que mais parecia um *abat-jour,* pousado no alto da cabeça, e um vestido cor de pombo com riscas diagonais, à frente, no CP pinho e atrás, na saia. Sentada junto de Ana mantinha erguido quanto possível o busto chato. Acolheu Alexei Alexandrovitch com uma inclinação de cabeça e um sorriso irônico.

— Oh! — exclamou ela, como que surpreendida. — Muito prazer em vê-lo. Não aparece em parte nenhuma. Desde que Ana adoeceu que o não tinha tornado a ver. Mas soube dos cuidados que teve com ela. Que marido extraordinário!

Disse isto num tom significativo, e afectuoso, como se lhe conferisse uma condecoração pela magnanimidade do seu procedimento para com Ana.

Alexei Alexandrovitch baixou-lhe friamente a cabeça e, depois de beijar a mão à mulher, perguntou-lhe como se sentia.

— Acho que estou melhor — disse Ana, evitando-lhe o olhar.

— Estás tão corada que parece que tens febre — disse Karenine, repisando a palavra “febre”.

— Falámos de mais — observou Betsy. — Compreendo que foi egoísmo da minha parte. Vou-me embora já.

Levantou-se; mas Ana, corando de repente, reteve-a pela mão.

— Não, fica, peço-te. Tenho de te dizer... Não, a ti — acrescentou,

dirigindo-se a Alexei Alexandrovitch, e um vivo rubor lhe cobriu a testa e o colo. — Não quero nem posso ocultar-te nada.

Alexei Alexandrovitch fez estalar os dedos e baixou a cabeça.

— A Betsy disse-me que o conde Vronski queria vir despedir-se antes de partir para Tachkent. — Falava depressa, sem olhar para o marido, desejosa de acabar. — Respondi que o não queria receber.

— Querida, disseste que isso dependeria de Alexei Alexandrovitch — corrigiu Betsy.

— Mas não, não posso recebê-lo, e, também, isso não serviria para nada... — Ana calou-se repentinamente e olhou para o marido com uma expressão interrogativa (ele não olhava para ela). — Numa palavra: não quero.

Alexei Alexandrovitch levantou-se e, aproximando-se dela, fez menção de lhe tomar uma das mãos.

Num primeiro impulso, Ana recusou a mão do marido, mão húmida e com grandes veias intumescidas. Porém, num esforço evidente sobre si mesma, apertou-a.

— Agradeço muito a tua confiança; mas... — replicou Karenine, perturbando-se, e compreendo, enfadado, que aquilo que facilmente podia ter dito a sós não lhe era possível dizê-lo diante da princesa Tverskaia. Esta representava para ele a personificação dessa força vulgar que teria de guiar-lhe a vida aos olhos do mundo, impedindo-o de se entregar ao sentimento de perdão e de amor. Deteve-se, fitando a princesa Tverskaia.

— Então adeus, querida amiga — disse Betsy, levantando-se. Beijou Ana e saiu. Karenine acompanhou-a.

— Alexei Alexandrovitch, considero-o um homem generoso e sincero — disse Betsy, detendo-se no quarto de toucador e apertando a mão de Karenine de maneira significativa. — Sou uma estranha, mas estimo tanto a Ana e aprecio-o tanto ao senhor que me atrevo a dar-lhe um conselho. Alexei Vronski é a personificação da honra. Vai para Tachkent. Receba-o.

— Agradeço o seu interesse e os seus conselhos, princesa, mas só a minha mulher pertence decidir se pode ou não receber seja quem for.

Karenine pronunciou estas palavras arqueando as sobrancelhas, numa expressão de dignidade, como era seu costume. Imediatamente, porém, pensou que, fossem quais fossem as suas palavras, não estava em situação compatível com atitudes de grande dignidade. O sorriso contido, irônico e malévolo com que Betsy acolheu a sua frase claramente lho demonstrou.

CAPÍTULO XX

Alexei Alexandrovitch acompanhou Betsy até ao salão, despediu-se dela e voltou para junto da mulher. Ana estava deitada, mas, ao ouvir os passos do marido, deu-se pressa em retomar a postura anterior e olhou para ele, assustada. Alexei Alexandrovitch notou que ela tinha chorado.

— Agradeço-te muito a confiança que depuseste em mim — disse ele, timidamente. E repetindo, em russo, a resposta que dera em francês a Betsy, sentou-se ao lado de Ana (aquela sua maneira de a tratar por tu quando falava russo tinha o condão de irritar Ana). Sim — continuou, sentando-se junto dela —, estou muito reconhecido pela decisão que tomaste. Penso, como tu, que desde que o conde Vronski se vai embora, não há necessidade de o receber. Aliás...

— Mas se eu já o disse, para que havemos de tornar a falar nisso?

— interrompeu Ana, com uma irritação que não soube evitar. "De facto não há necessidade", pensou ela, "de um homem que se quis matar querer dizer adeus à mulher a quem ama e que pelo seu lado não pode viver sem ele!"

Apertou os lábios e baixou os olhos para as grossas mãos que o marido esfregava, lentamente, uma na outra.

— Não falemos mais nisso — acrescentou ela, em tom mais sereno.

— Deixei que fosses tu a resolver esse problema com toda a liberdade, e sinto-me feliz por ver...

— Que os meus desejos estão de acordo com os seus — concluiu Ana, agastada de o ouvir falar tão pausadamente quando ela sabia de antemão tudo o que havia a dizer.

— Sim — confirmou ele —, e a princesa Tvetskaia faz mal em imiscuir-se, a despropósito, em penosos assuntos de família, ela sobretudo que...

— Não acredito em coisa alguma do que se diz, e ela estima-me sinceramente.

Alexei Alexandrovitch suspirou e calou-se. Ana agitava nervosamente o cordão do penteador e olhava-o de vez em quando com esse sentimento de repulsa física que não podia deixar de se censurar a si própria, embora fosse incapaz de o dominar. A presença daquele homem era-lhe odiosa e não pensava noutra coisa senão em ver-se livre dele o mais depressa possível.

— Acabo de mandar chamar o médico — disse, por fim, Alexei

Alexandrovitch.

— Para quê? Sinto-me bem.

— Para a menina que está a chorar muito; parece que a ama tem pouco leite.

— Por que não consentiste que eu a amamentasse, quando eu pedi tanto que me deixassem experimentar? Apesar de tudo (Karenine percebeu o que ela queria dizer com esse "apesar de tudo") é uma criança e acabarão por matá-la. — Ana chamou a criada e mandou que lhe trouxessem a menina. — Pedi que ma deixassem criar, não mo consentiram, e agora censuram-me por isso...

— Não te censuro nada...

— Sim! Acho que sim, que me censura! Meu Deus, por que não morri eu? — E rompeu em soluços. — Perdoe-me, estou nervosa, sou injusta — continuou ela, procurando dominar-se. — Mas vai-te embora...

"Não, isto não pode continuar assim", disse, resolutamente, Karenine, ao sair do quarto da mulher.

Nunca se lhe apresentara tão claramente como naquele momento ser-lhe impossível manter semelhante situação perante & sociedade, e Ana nunca deixara transparecer com tamanha evidência a repulsa que ele lhe inspirava. E também nunca se lhe revelara tão flagrantemente o poder dessa misteriosa força brutal que, ao arrepio das aspirações da sua alma, lhe dirigia impetuosamente a vida, exigindo dele uma mudança de atitude em relação à mulher. Tanto a sociedade como a mulher exigiam dele algo que não compreendia bem, mas que lhe despertavam no coração uma revolta que acabaria por destruir o mérito da vitória que tivera sobre si próprio.

Embora de opinião que Ana devia romper com Vronski, estava disposto, se todos achassem impossível semelhante rompimento, a tolerar as suas relações, desde que as crianças continuassem junto dele, ao abrigo dos salpicos de lama, e mudança alguma viesse a operar-se na sua própria existência.

Esta solução, por mais abjecta que fosse, seria melhor do que um rompimento, o qual, jogando Ana para uma situação vergonhosa e sem saída, acabasse de privá-lo a ele de tudo o que amava. Porém, sentia-se sem forças na luta, sabendo de antemão todos contra ele e prontos a impedirem-no de fazer o que lhe parecia tão natural e tão sensato, para o obrigarem ao que consideravam um dever.

CAPÍTULO XXI

À porta do salão, Betsy encontrara-se com Stepane Arkadievitch, que acabava de chegar do Elisseiev, onde tinham recebido ostras frescas.

— Oh, princesa! Que agradável encontro! — exclamou ele. — Estive em sua casa.

— O encontro não será longo: vou-me embora — respondeu Betsy, sorrindo, enquanto abotoava uma das luvas,

— Um momento, princesa, antes de calçar a luva permita que lhe beije a encantadora mãozinha. Não há nada de que eu mais goste nas antigas modas do que este costume de beijar a mão às senhoras.

Beijou a mão de Betsy.

— Quando nos tornaremos a ver?

— Não o merece muito — respondeu Betsy, sempre a sorrir.

— Oh, mereço, sim! Estou feito o mais sério dos homens: não só trato das minhas coisas pessoais, mas até das dos outros — disse ele, com importância.

— Realmente? Estou maravilhada — respondeu Betsy, percebendo que se referia a Ana.

E, voltando para dentro do salão, arrastou Oblonski para um canto da casa

— Acabara por matá-la — murmurou ela, convencida —, isto e impossível, impossível!

— Ainda bem que pensa assim — respondeu Stepane Arkadievitch, abanando a cabeça numa comiseração cheia de simpatia — Foi por isso que vim a Moscovo

— Todos falam no caso. A situação é intolerável. A desgraçada esta a consumir se a olhos vistos. Ele não compreende que ela pertence ao numero das mulheres cujos sentimentos não podem servir de joguete. De duas uma ou a leva daqui para fora procedendo energicamente ou pede o divorcio. De contrario esta situação acaba com ela.

— Sim, sim é verdade — disse Oblonski suspirando — Foi para isso que eu vim ou antes, não, não inteiramente por isso Acabo de ser nomeado camarista e tenho que apresentar os agradecimentos a quem de direito Mas o mais importante é resolver este assunto.

— Pois bem, que Deus o ajude — disse Betsy.

Oblonski acompanhou a ate a porta, tornou a beijar lhe a mão um pouco acima do canhão da luva, ali onde bate o pulso e dizendo lhe uma inconveniência de tal quilate que Betsy ficou sem saber se deveria ofender se ou sorrir, deixou a e dirigiu se para o quarto da irmã.

Encontrou a lavada em lagrimas.

Apesar do seu estado de espírito jovial, que espalhava alegria por onde passava, Stepane Arkadievitch adoptou, com naturalidade, o tom poeticamente exaltado que convinha aos sentimentos de Ana. Perguntou lhe pela saúde e como passara essa manhã.

— Muito mal, muito mal. Passei mal a manhã, passei mal o dia, e todos os dias tenho passado mal e assim hão de ser também os dias que estão para vir — respondeu lhe ela.

— Parece me que te entregas demasiado à melancolia. É preciso reagires. Faz se mister olhar a vida cara a cara. Bem sei que custa muito mais.

— Ouvi dizer que as mulheres amam os homens até nos seus vícios — principiou Ana, de repente —, pois eu, pelo contrário, odeio até na virtude. Não posso viver com ele. Compreendê-lo é algo que actua sobre mim fisicamente e me faz perder o domínio de mim mesma. É me impossível, completamente impossível, viver com ele. Que hei de eu fazer? Era desgraçada e pensava não ser possível vir a sê-lo mais do que já era. Não podia sequer imaginar o que sofro agora. Queres crer? Apesar de saber que é um homem bom e virtuoso, odeio-o! Odeio o pela sua própria magnanimidade. Nada me resta senão — quis dizer a morte, mas Stepane Arkadievitch não a deixou concluir.

— Estás doente e excitada — disse-lhe —, exageras muitíssimo A situação não é tão horrível como tu dizes.

E Stepane Arkadievitch sortiu. Ninguém no seu lugar, ao tratar de assunto tão desesperado, se teria permitido sorrir (pareceria extemporâneo) , mas no seu sorriso, de uma ternura quase feminina, havia tamanha bondade que não podia considerar se ofensivo. Pelo contrário, amenizava, era quase sedativo. As suas apaziguadoras palavras e o seu sorriso agiam tão suavemente como óleo de amêndoas doces Ana imediatamente o sentiu.

— Não, Stiva— disse — Estou perdida, estou perdida, pior ainda. Ainda não morri nem posso dizer que tudo tenha terminado. Pelo contrario, sinto que ainda não terminou. Sou como uma corda tensa que tem de acabar por partir. Ainda não cheguei ao fim mas há-de ser terrível.

— Não, não, a corda pode ir se distendendo, pouco a pouco. Não há

situação que não tenha uma saída.

— Pensei muito. Só há uma.

Stepane Arkadievitch compreendeu pelo olhar de Ana que a saída a que se referia era a morte, e não consentiu que terminasse a frase.

— Nada disso — replicou — Dá licença. Tu não podes considerar a tua situação como eu. Permite me que te diga sinceramente a minha opinião — voltou a sorrir, cauteloso, com o seu sorriso de óleo de amêndoas doces — Começarei pelo princípio casaste te com um homem vinte anos mais velho do que tu, sem amor e sem conheceres o amor. Suponhamos que tenha sido este o teu erro.

— Erro pavoroso! — exclamou Ana.

— Mas, repito, este é um facto consumado Depois tiveste a infelicidade de te enamorares de outro. Foi uma desgraça, mas é também um facto consumado. Teu marido veio a sabê-lo, e perdoou te — Stepane Arkadievitch fazia uma pausa depois de cada frase, à espera que Ana objectasse qualquer coisa, mas ela nada dizia — As coisas estão neste pé. A questão estriba se agora em saber se podes continuar a viver com teu marido, se é esse o teu desejo e se esse é o desejo dele.

— Não sei nada, não sei nada.

— Mas tu própria me disseste que o não podias suportar.

— Não, não o disse. Retiro as minhas palavras Não sei nem entendo nada.

— Sim, mas permite.

— Tu não podes compreender. Sinto que caí de cabeça para baixo até ao fundo de um precipício e que nada devo fazer para me salvar. Não posso.

— Pouco importa. Teremos o cuidado de pôr qualquer coisa lá no fundo e de te apanharmos no ar. Compreendo te, compreendo que não possas decidir-te a exprimir o teu desejo nem os teus sentimentos.

— Não desejo nada, não desejo nada. Apenas que tudo isto acabe.

— Mas ele vê e sabe o que há, julgas que sofre menos do que tu? Atormentas te a ti e a ele. Que pode resultar de tudo isto? Em compensação, o divórcio tudo soluciona — concluiu, não sem esforço, Stepane Arkadievitch.

Exprimira a sua ideia fundamental e agora olhava para Ana com uma expressão significativa.

Ana, sem responder, moveu negativamente a cabeça de cabelos aparados. Mas pela expressão do seu rosto, repentinamente iluminada

de beleza antiga, Oblonski compreendeu que, se o não desejava, era apenas por considerar tal solução uma felicidade inacessível.

— Tenho muita pena de vocês! Que feliz seria se pudesse dar-lhes remédio — exclamou Stepane Arkadievitch, sorrindo com mais resolução

— Não me digas nada, não me digas nada! Se Deus me permitisse dizer as coisas como as sinto. Vou falar com o teu marido.

Ana fitou o irmão, com olhos brilhantes e pensativos, e não lhe disse nada.

CAPÍTULO XXII

Stepane Arkadievitch entrou no escritório de Karenine naquela atitude um tanto solene com que costumava ocupar a poltrona de presidente das sessões da sua auditoria. Alexei Alexandrovitch, de mãos atrás das costas, passeava de um lado para o outro, pensando nisso mesmo em que Oblonski falara com Ana.

— Incomodo-te? — perguntou Stepane Arkadievitch, ao ver que o cunhado ficara perturbado, coisa insólita nele.

Para disfarçar, Karenine puxou de uma cigarreira especial que acabara de comprar, cheirou a e tirou um cigarro.

— Não. Precisas de alguma coisa? — respondeu, sem pressa,

Alexei Alexandrovitch.

— Preciso. Queria. Necessitava de sim, queria falar-te — respondeu Stepane Arkadievitch, surpreendido por se sentir cada vez mais intimidado. Aquele sentimento era nele tão inesperado, tão estranho, que a Oblonski não ocorreu que podia ser a voz da consciência a dizer lhe que ia cometer qualquer acção má. Com um grande esforço, venceu a timidez que o inibia.

— Espero que acredites no carinho que tenho pela minha irmã e no respeito e afecto sinceros que te tributo — disse, corando.

Alexei Alexandrovitch parou sem responder, mas a sua expressão de vítima resignada impressionou Oblonski.

— Pois bem — continuou ele incapaz de recuperar a serenidade

— Eu tinha a intenção de te falar de minha irmã e da situação dos dois.

Alexei Alexandrovitch olhou para o cunhado com um sorriso triste e, sem lhe responder, pegou numa carta inacabada que estava em cima da mesa e apresentou lha.

— Não penso noutra coisa — disse ele, por fim. — Aqui tens o que eu procurei dizer lhe, pensando que me exprimiria melhor por escrito, pois a minha presença a irrita.

Stepane Arkadievitch considerou com espanto os olhos ternos do cunhado fitos nele, pegou no papel e leu-o.

Vejo que a minha presença lhe 2 desagradável; por mais penosa que me seja reconhecê-lo, é isto que verifico e que não pode ser de outra maneira. Não a censuro de nada. Só Deus sabe que durante a sua doença tomei a firme resolução de esquecer o fossado e de principiar vida nova. Não me

arrependo, nunca me arrependerei do que então fiz. Mas era a sua salvação, a salvação da sua alma que eu desejava, e verifico que o não consegui. Peço lhe que me diga o que lhe poderia restituir a paz e a felicidade. Desde já me submeto ao sentimento de justiça que porventura guiar a sua decisão.

Stepane Arkadievitch voltou a entregar a carta ao cunhado e continuou a observá-lo cheio de perplexidade, sem saber que dizer. Aquele silêncio era penoso para os dois. Os lábios de Oblonski tremiam.

— Aqui tem o que eu queria fazer lhe saber — pronunciou, enfim, Karenine, voltando-se.

— Sim... sim... — balbuciou Stepane Arkadievitch, que sentia um soluço na garganta — Sim — pôde, finalmente, dizer —, compreendo.

— Que quer ela?, eis o que eu gostaria de saber.

— Receio que nem ela própria o saiba Ela não pode ser juiz na questão — disse Oblonski, procurando dominar se — Está arrasada, literalmente arrasada pela grandeza da tua alma Se ela ler a tua carta, será incapaz de responder e não fará senão vergar ainda mais a cabeça.

— Mas então que hei de eu fazer? Como explicar lhe? Como conhecer-lhe os desejos?

— Se me autorizas a emitir a minha opinião, a ti compete apontares claramente as medidas que achas susceptíveis de resolver de vez a situação.

— Por conseguinte, entendes que é preciso resolver de vez a situação? — interrompeu Karenine — Mas como? — acrescentou, passando a mão por diante dos olhos, num gesto seu habitual — Não vejo saída possível...

— Todas as situações têm uma saída — disse Oblonski, levantando-se e arrumando-se a pouco e pouco — Pensaste outrora no divórcio Se estás convencido de que a felicidade é impossível entre vocês.

— Pode conceber-se a felicidade de maneiras muito diferentes Admitamos que aceito tudo — como vamos nós sair desta situação?

— Queres a minha opinião — disse Stepane Arkadievitch com o mesmo sorriso untuoso que tivera para a irmã. E esse sorriso era tão persuasivo que Karenine, cedendo à fraqueza que o invadia, sentiu-se inteiramente predisposto a acreditar em tudo o que o cunhado lhe dissesse. — Ela nunca dirá o que quer. Mas não pode desejar senão uma coisa romper os laços que lhe lembram cruéis recordações. Na minha opinião, é indispensável tornar as suas relações mais claras, o

que não pode conseguir-se senão retomando cada um de vocês a sua respectiva liberdade.

— O divórcio! — interrompeu com repugnância.

— Sim, acho que sim, o divórcio sim, é isso mesmo, o divórcio — repetiu Stepane Arkadievitch, corando — A todos os títulos é o partido mais sensato, quando dois cônjuges se encontram na situação em que vocês se encontram. Que se há-de fazer, quando a vida em comum se torna intolerável? E isso são coisas que acontecem muitas vezes Alexei Alexandrovitch soltou um profundo suspiro e tapou os olhos com as mãos.

— Só há uma coisa a ter em consideração quererá um dos dois cônjuges, sim ou não, contrair novo matrimônio? Se a resposta é não, o divórcio não oferece dificuldade alguma — continuou Stepane Arkadievitch cada vez mais à vontade.

Alexei Alexandrovitch, a fisionomia conturbada pela emoção, murmurou qualquer coisa entre dentes, mas não respondeu. Aquilo que a Stepane Arkadievitch se lhe afigurava tão simples já ele o pensara milhares de vezes. E não só o não considerava simples, mas completamente impossível. O divórcio, cujos pormenores conhecia já, parecia-lhe impossível agora, porque o sentimento da sua própria dignidade e o respeito pela religião não lhe permitiam assumir a responsabilidade de um adultério fictício e muito menos ainda tolerar que a sua própria mulher, a quem perdoara e a quem amava, viesse a ser considerada culpada e vilipendiada. O divórcio parecia-lhe impossível, além disso, por outros motivos ainda mais importantes.

Que seria de seu filho se se divorciasse? Era impossível deixá-lo com a mãe. A mãe, divorciada, constituiria uma família ilegítima, em que a situação do enteado não poderia deixar de ser má. Ficar ele com o filho? Seria vingança da sua parte e não desejava vingar-se. E sobretudo parecia-lhe o divórcio impossível, pois, consentindo nele, tornar se ia responsável da perdição de Ana. Tinham-lhe calado fundo na alma as palavras que lhe dissera Daria Alexandrovna em Moscovo, quando lhe fizera ver que, pedindo o divórcio, só em si próprio pensava, provocando desse modo a definitiva perdição da mulher. Relacionando essas palavras com o facto de ter perdoado e o carinho que sentia pelas crianças, interpretava as agora à sua maneira. Se consentisse no divórcio, deixava Ana completamente livre, isto é, rompia os últimos laços que o prendiam à vida — as crianças a quem tanto queria —, acabava com o último apoio com que contava no caminho do bem, empurrando-a para o abismo. Uma vez divorciada, Karenine tinha a certeza de que Ana se lançaria nos braços de Vronski, tornando se ilegítimas e culposas as suas relações, visto que, segundo

a lei da Igreja, a mulher não pode ter outro marido enquanto viver o primeiro "Ana juntar-se á com ele, um ou dois anos depois Vronski abandona-la-á ou ela passará a ter relações com outro", pensava Alexei Alexandrovitch "E eu, consentindo nesse divórcio lícito, serei o responsável da sua perdição." Karenine pensara em tudo isto milhares de vezes e estava convencido de que o problema do divórcio não só não era simples, como afirmara o cunhado, mas mesmo impraticável. Embora não acreditasse nas palavras de Oblonski e tivesse muitas objecções a fazer-lhe, ouvia-o, certo de que nessas palavras se traduzia aquela força poderosa e trivial que lhe orientava a vida e a que teria de submeter-se.

— Só resta saber agora as condições em que consentes no divórcio. Ela nada quer. Nada se atreve a pedir-te e submeter-se-á à tua magnanimidade.

"Meu Deus! Meu Deus! Por que me castigas assim?", suspirou Alexei Alexandrovitch, recordando-se dos pormenores do divórcio em que o marido tomava a responsabilidade, e, num gesto idêntico ao de Vronski, tapou o rosto com as mãos, tamanha a vergonha que sentia.

— Estás perturbado, compreendo o perfeitamente. Mas, se pensares bem...

"Oferece a face esquerda a quem te esbofetear a direita e dá a camisa a quem te tiver tirado o cafetã", pensou Alexei Alexandrovitch.

— Sim, sim — exclamou em voz aguda — A vergonha será minha, ceder-lhe-ei mesmo o meu filho, mas não será melhor que deixemos isso? De resto, faz o que tu quiseres.

E, voltando as costas ao cunhado, de molde a não o ver, sentou se numa cadeira junto à janela. Sentia amargura e uma grande vergonha, se bem que ao mesmo tempo o tomassem a alegria e o enternecimento que vinham da consciência da sua própria humildade.

Stepane Arkadievitch estava comovido Permanecia calado.

— Alexei Alexandrovitch, acredita. Ana saberá apreciar a tua magnanimidade — disse, por fim — Esta é a vontade divina — acrescentou, e, ao pronunciar estas palavras, percebendo que dissera uma tolice só a muito custo conseguiu reprimir um sorriso.

Karenine quis responder-lhe qualquer coisa, as lágrimas, porém, embargaram-lhe a voz.

— É uma desgraça fatal e o remédio é aceitá-la. Aceito-a como um facto consumado e procurarei ajudá-los a ambos — disse Stepane Arkadievitch.

Quando saiu do escritório do cunhado, embora se sentisse

comovido, também experimentava uma certa alegria, a alegria de ter conseguido resolver a situação com pleno êxito, persuadido como estava de que Alexei Alexandrovitch nunca voltaria com a palavra atrás. E a uma tal situação vinha associar-se a ideia de que, uma vez tudo aquilo acabado, poderia dizer à mulher e aos amigos íntimos: "Onde está a diferença entre mim e um marechal de campo? Pois bem: enquanto um marechal de campo comanda uma parada sem benefício para ninguém, eu consigo um divórcio com que se beneficiam três pessoas. Ou então, em que é que nos parecemos, um marechal de campo e eu?... Quando... Bom, há-de ocorrer qualquer coisa melhor", concluiu para si mesmo, sorrindo.

CAPÍTULO XXIII

A ferida de Vronski era perigosa, embora a bala não tivesse atingido o coração. Durante alguns dias esteve entre a vida e a morte.

Quando pôde falar pela primeira vez, só Vária, a mulher do irmão, se encontrava à sua cabeceira.

— Vária — disse Vronski, fitando-a com uma expressão grave —, a arma disparou-se por casualidade. Peço-te que digas isso mesmo a todos e que não faças comentários. De outra forma, seria demasiado estúpido.

Sem lhe responder, Vária debruçou-se para ele e fitou-o com um sorriso de contentamento. Os olhos de Vronski estavam claros, não febris, mas a expressão era grave.

— Louvado seja Deus! — exclamou Vária. — Dói-te alguma coisa?

— Aqui, um bocado — e Vronski apontou a arca do peito.

— Então, vou mudar-te o penso.

Vronski, em silêncio, comprimia as fortes mandíbulas, enquanto Vária lhe mudava o penso. Quando acabou, Vronski disse-lhe:

— Não estou a delirar. Peço-te que procures que se não diga que disparei deliberadamente.

— Ninguém diz semelhante coisa. Mas espero que não voltes a disparar sem querer — comentou Vária, interrogativa, com um sorriso.

— É provável que o não faça, embora tivesse sido melhor...

E Vronski sorriu tristemente.

Apesar destas palavras e do sorriso que as sublinhou, coisa que tanto assustou Vária, logo que a inflamação decresceu e principiou a melhorar, Vronski sentiu que se libertara por completo de uma parte das suas.

Jogo de palavras: em russo, divórcio e parada designam-se com o mesmo termo: aflições. Com o acto que praticara, afigurava-se-lhe ter sanado a vergonha e a humilhação por que passara. Agora podia pensar tranqüilamente em Alexei Alexandrovitch. Reconhecia-lhe a grandeza de alma e já não se sentia humilhado. Aliás, entrou de novo na engrenagem da sua vida anterior. Admitia a possibilidade de fitar as pessoas nos olhos sem pejo e de retomar a sua vida habitual de acordo com os princípios que a regiam. A única dor que não podia arrancar do coração, apesar da luta que constantemente travava

contra esse desesperado sentimento, era a dor de ter perdido Ana para sempre. Resolvera, firmemente, que uma vez que expiara a sua falta perante Karenine, devia renunciar a Ana e não mais se interpor entre a mulher arrependida e o marido. Não conseguia, porém, arrancar do coração a mágoa que lhe causava a perda desse amor nem esquecer de todo os momentos felizes passados com Ana, momentos que tão pouco apreciara então e agora o perseguiam com todo o seu sortilégio. Serpukovski conseguiu que lhe oferecessem uma missão em Tachkent, e Vronski aceitou-a sem vacilar. Mas à medida que se aproximava a data da partida mais penoso se lhe revelava o sacrifício que fazia no altar do dever.

A ferida curou-se. Vronski já saía de casa para tratar dos preparativos da jornada.

"Vê-la ainda uma vez, e depois enterrar-me, morrer!", pensava. Quando foi despedir-se de Betsy disse-lhe isso mesmo.

Com essa embaixada deslocou-se Betsy a casa de Ana e de lá voltou com resposta negativa.

"Tanto melhor", murmurou Vronski com os seus botões, ao receber a resposta. "Era uma fraqueza que me teria consumido as últimas forças." No dia seguinte, pela manhã, Betsy foi a casa de Vronski. Comunicou-lhe que recebera, por intermédio de Stepane Arkadievitch, a certeza de que Karenine consentia no divórcio e que, portanto, ele podia encontrar-se com Ana.

Sem se preocupar sequer em conduzir Betsy até à porta, esquecido de todas as resoluções que tomara e sem inquirir quando podia visitar Ana e onde estaria o marido, dirigiu-se imediatamente a casa dos Karenine. Subiu a escada correndo, sem ver nada nem ninguém, e, em passo rápido, incapaz de o reprimir, penetrou nos aposentos de Ana. Não procurou saber se havia ou não alguém no quarto e estreitou Ana nos braços, cobrindo-lhe de beijos o rosto, as mãos e o colo. Ana tinha estudado a forma de o receber e pensara no que lhe diria; ele, contudo, não lhe deu tempo para nada. A paixão de Vronski apoderou-se dela também. Teria querido aquietá-lo e aquietar-se a si própria, mas já era tarde. O sentimento de Vronski comunicara-se-lhe. De tal modo lhe tremiam os lábios, que por muito tempo não pôde dizer nada. — Sim, conquistaste-me, sou tua — pronunciou, finalmente, apertando contra o seio as mãos de Vronski.

— Tinha de ser assim — replicou este. — Enquanto vivermos terá de ser assim. Agora tenho a certeza.

— É verdade — confirmou Ana, empalidecendo cada vez mais e enleando a cabeça de Vronski. — No entanto, há qualquer coisa de terrível em tudo isto, depois do que se passou.

— Tudo passará, tudo passará, e seremos felizes. O nosso amor, se pudesse crescer, cresceria, pois há nele qualquer coisa de terrível — replicou Vronski, levantando a cabeça e mostrando os fortes dentes na boca que sorria.

E Ana não pôde deixar de responder com um sorriso, não às palavras de Vronski, mas aos seus olhos enamorados. Pegou-lhe numa das mãos e com ela afagou a sua própria face muito fria e os seus cabelos curtos.

— Não te reconheço com esses cabelos cortados. Estás muito melhor. Pareces um garoto. Mas que pálida!

— Sim, estou muito fraca — respondeu Ana, sorrindo. E de novo lhe tremeram os lábios.

— Iremos a Itália. Restabelecer-te-ás.

— Será possível que possamos viver como marido e mulher, os dois sós, uma família? — perguntou Ana, fitando-o nos olhos, muito próximo dele.

— A única coisa que me surpreende é que alguma v“z tenha podido ser de outra maneira.

— Stiva disse que ele consente em tudo, mas não posso aceitar a sua. magnanimidade — tornou Ana, olhando-o, pensativa, mais para além de Vronski. — Não quero pedir o divórcio. Agora é o mesmo para mim. Só não sei o que ele irá decidir a respeito de Seriocha.

Vronski não compreendeu que Ana, durante aquela entrevista, pudesse pensar no filho e no divórcio. Porventura teria isso alguma importância?

— Não fales em semelhante coisa, não penses nisso — disse-lhe, pegando-lhe na mão e procurando distraí-la. Mas Ana continuou sem olhar para ele.

— Oh! Porque não morri eu? Teria sido melhor! — exclamou ela, e lágrimas silenciosas lhe deslizaram pelo rosto. No entanto, procurou sorrir para não entristecer Vronski.

Até então, Vronski teria julgado impossível subtrair-se à lisonjeira e perigosa missão de Tachkent. Agora, pelo contrário, recusou-a sem hesitar. E ao dar-se conta de que a recusa fora mal interpretada nas altas esferas, pediu a exoneração.

Um mês depois, Alexei Alexandrovitch ficava só com o filho, enquanto Ana partia para o estrangeiro na companhia de Vronski, depois de ter renunciado definitivamente ao divórcio.

QUINTA PARTE

CAPÍTULO I

A princesa Tcherbatski achava impossível celebrar o casamento antes da Quaresma, daí a cinco semanas, visto a parte do enxoval de Kitty que considerava imprescindível só poder estar pronta para essa data. Estava, contudo, de acordo com Levine de que não deviam adiar a boda para depois da Quaresma, pois a velha tia do príncipe Tcherbatski, muito doente, podia morrer de um momento para o outro, obrigando-os a adiar o casamento ainda para mais tarde. Zangava-se muito com Levine, que não lhe respondia com precisão se estava ou não de acordo com ela. De resto, a decisão parecia tanto mais cômoda quanto era certo os recém- casados partirem imediatamente, após a cerimônia, para a sua casa na aldeia, onde não era preciso todo o enxoval.

Levine continuava nesse estado de exaltação graças ao qual vivia na ilusão de que ele e a felicidade de que gozava constituíam o único e principal fim de tudo que existia e que nem sequer precisava de pensar no que quer que fosse, pois os outros tudo fariam por ele. Nem mesmo estabelecera planos para a vida que ia começar, deixando esta resolução aos demais, convencido de que tudo resultaria bem. Sérgio Ivanovitch, o irmão, Oblonski e a princesa guiavam-no no que tinha a fazer; ele limitava-se a estar de acordo com tudo. Foi Sérgio quem pediu dinheiro emprestado para ele, a princesa aconselhou-o a que saísse de Moscovo logo depois do casamento e Stepane Arkadievitch a que se dirigissem ao estrangeiro. Levine continuava de acordo com tudo. “Façam o que quiserem, se isso lhes agrada. Sou feliz e i minha felicidade não pode ser maior nem menor, façam vocês o que fizerem”, pensava. Quando comunicou a Kitty que Oblonski os aconselhava a seguirem para o estrangeiro, grande foi a sua surpresa ao verificar que ela não estava de acordo e que formara já planos determinados para a vida de casada. Kitty sabia que os trabalhos agrícolas apaixonavam Levine, embora não compreendesse nem desejasse para ele essa actividade. Eis o que a não impedia, porém, de considerá-la muitíssimo interessante. E como não ignorava que fixariam residência na aldeia, não queria ir ao estrangeiro, mas para a aldeia, para o seu futuro lar. Esta decisão, muito concretamente exposta, surpreendeu Levine. Mas como lhe era indiferente ir aqui ou ali, pediu imediatamente a Oblonski, como se este tivesse obrigação de o fazer, que fosse à aldeia e que preparasse tudo como melhor lhe parecesse, com o seu bom gosto.

— Escuta, tens o certificado de confissão e comunhão? — perguntou-lhe Stepane Arkadievitch, ao voltar da aldeia, onde

preparara tudo para a chegada dos noivos.

— Não, por quê?

— Sem isso não te podes casar.

— Ai, ai, ai! — exclamou Levine. — Acho que não comungo há nove anos. Não tinha pensado em tal.

— Bonito! — comentou Stepane Arkadievitch, rindo — E chamas-me niilista a mim. Mas isso não pode ser! Deves confessar-te e comungar.

— Quando? Só faltam quatro dias.

Stepane Arkadievitch também lhe resolveu esse problema. Levine principiou a assistir aos ofícios. Para Levine, que não era crente, embora respeitasse a crença de cada um, custava-lhe muito assistir aos diversos actos religiosos. Mas agora, no estado de sensibilidade em que vivia, enternecido e sentimental, a necessidade de simular parecia-lhe particularmente odiosa. Mentir, apoucar as coisas santas, com o coração cheio de fervor, sentindo-se em plena glória? Era incapaz de o fazer, mas, por mais que pedisse a Stepane Arkadievitch que lhe arranjasse um certificado que o dispensasse de cumprir aquele cerimonial, este respondia-lhe ser impossível.

— Que te custa isso? Dois dias passam depressa, e o sacerdote é um velhinho muito simpático e muito inteligente. Verás que te extrai o dente sem dares por isso.

Durante a primeira missa a que teve de assistir, Levine quis reviver as impressões religiosas da juventude, que entre os dezasseis e os dezassete anos tinham sido muito vivas. Não conseguiu. Tentou então acompanhar a cerimônia como quem assiste a uma velha prática tão desprovida de sentido como o costume de fazer visitas. Tão-pouco o conseguiu. A semelhança da maior parte dos seus contemporâneos, sentiu-se, com efeito, tão incapaz de acreditar como de negar. E semelhante confusão de sentimentos, durante todo o período que teve de consagrar à devoção, causou-lhe um embaraço e uma vergonha extraordinários: a voz da consciência dizia-lhe que agir sem compreender era praticar uma acção má.

Durante os ofícios procurava em primeiro lugar atribuir às orações um sentido que não ferisse em demasia as suas convicções, mas, ao dar-se conta, dentro de pouco, que, em vez de compreender, criticava, ei-lo que se abandonou ao turbilhão das suas reminiscências e dos seus pensamentos íntimos. Assim ouviu a missa, as vésperas e as práticas da noite para a comunhão. No dia seguinte levantou-se mais cedo do que o costume e em jejum, por volta das 8 horas, veio assistir às práticas da manhã e confessar-se. Não havia ninguém na igreja, além

de um soldado que mendigava, duas velhas e os ministros do culto. Um diácono muito jovem, cujas costas se desenhavam sob a fina sotaina, veio ao seu encontro e, aproximando-se de uma mesinha, junto à parede, principiou a ler as regras. À medida que ia lendo, e sobretudo que ia repetindo as mesmas palavras: “Senhor, tem misericórdia!”, que se confundiam num murmúrio: “Misericórdia, misericórdia”, Levine dava-se conta de que a mente se lhe conservava fechada e selada e de que era melhor não fazer esforços para compreender, pois maior seria ainda a sua confusão. Visto o que permanecia de pé, atrás do diácono, sem ouvir nem prestar atenção ao que se passava, pensando nas suas coisas. “Que mãos extraordinariamente expressivas!”, pensava, ao lembrar-se do serão da véspera, sentado com Kitty ao pé da mesa, num recanto da sala. Como acontecia agora quase sempre, nada tinha que lhe dizer. Kitty pousava a mão em cima da mesa, fechava-a, abria-a e ao observar esse movimento ela própria se punha a rir. E Levine lembrava-se de que lhe beijara a mão, examinando-lhe depois as linhas que se lhe uniam na palma cor-de-rosa. “Outra vez: tende misericórdia!”, disse ele de si para consigo, persignando-se, e baixou a cabeça, olhando o movimento ágil das espáduas do diácono, que se inclinava. “Depois Kitty pegou-me na mão e examinou as linhas, dizendo: “'Tem uma mão bonita'.” E Levine olhou para a sua própria mão e para a mão do diácono. “Sim, agora não falta muito para acabar”, pensou. “Ah, não! Parece que recomeça outra vez”, disse para si mesmo, apurando o ouvido às orações. “Sim, está a chegar ao fim. Já se inclina até o chão. Isto faz-se sempre no fim.”

Apanhando uma nota de três rublos com a mão que aflorava no punho plissado, o diácono disse que escreveria a Levine. Aproximou-se do altar; os sapatos novos rangiam-lhe nas lajes, passado um momento, voltou a cabeça e chamou Levine com um aceno da mão. Os pensamentos deste, lá dentro do cérebro, agitaram-se-lhe, mas deu-se pressa em afastá- los. “Arranjar-se-á de qualquer maneira”, pensou dirigindo-se aonde o chamavam. Ao subir os degraus, voltou-se para a direita e viu o sacerdote, um velho de barba rala, meio grisalha, de bondosos olhos fatigados, que, de pé diante do facistol, folheava o missal. Depois de saudar Levine com uma ligeira inclinação de cabeça, principiou a ler as orações em voz monocórdica. Uma vez terminadas, inclinou-se até ao chão e logo se voltou para Levine.

— Cristo assiste, invisível, à sua confissão... — disse, mostrando o crucifixo. — Crê em tudo o que ensina a Santa Igreja Apostólica? — prosseguiu, afastando o olhar do rosto de Levine e cruzando as mãos debaixo da estola.

— Duvidava e duvido de tudo — respondeu Levine, numa voz

ressoante, desagradável ao seu próprio ouvido. Depois calou-se.

O sacerdote esperou, como se aguardasse que ele dissesse mais alguma coisa. Segundos depois, fechou os olhos, e num rápido sibilo, sotaque da gente de Vladimir, disse:

— A dúvida é própria da fraqueza humana, mas devemos rezar a Deus Todo-Poderoso, para que Ele venha em nosso auxílio. Quais são os seus principais pecados? — acrescentou, sem uma única pausa, como se procurasse não perder tempo.

— O meu pecado principal é a dúvida. Duvido de tudo, e a maior parte do tempo é a dúvida que me persegue.

— A dúvida é própria da fraqueza humana — repetiu o sacerdote.

— De que duvida principalmente?

— De tudo. Às vezes, até da existência de Deus — disse Levine, quase de má vontade.

A inconveniência das suas palavras assustou-o, mas no padre essas palavras não provocaram a impressão que ele receava.

— Que dúvida pode haver sobre a existência de Deus? — perguntou, com um sorriso quase imperceptível. Levine ficou calado.

— Que dúvida pode ter acerca da existência do Criador, quando está a contemplar as suas obras? — continuou o sacerdote, no seu sotaque monótono e rápido. — Quem cobriu a abóbada celeste de todas essas estrelas? Quem encheu a terra das suas belezas? Como podia existir tudo isto sem o Criador? — concluiu, olhando interrogativamente para Levine.

Este, porém, compreendendo a impossibilidade de uma discussão filosófica com um padre, respondeu simplesmente:

— Não sei.

— Não sabe? Então como pode duvidar de que tenha sido Deus quem tudo criou? — voltou o sacerdote com alegre expressão de surpresa.

— Não entendo nada — volveu-lhe Levine, corando. Sentia o absurdo das respostas que, no caso presente, não podiam deixar de ser absurdas.

— Reze a Deus, implore-O. Até os Santos Padres tiveram dúvidas, mas pediam a Deus que lhes fortalecesse a fé. O Diabo tem uma força enorme e não nos devemos submeter-lhe. Reze e peça a Deus — repetiu com precipitação.

Permaneceu calado um momento, como se estivesse a pensar em alguma coisa.

— Ouvi dizer que se propõe casar com a filha do príncipe Tcherbatski, meu paroquiano e filho espiritual — acrescentou, sorrindo.

— É uma excelente menina.

— É verdade — respondeu Levine, corando, como se sentisse vergonha pelo próprio padre. "Que necessidade tem ele de fazer semelhantes perguntas na confissão?"

E como que respondendo ao que ele pensava, o sacerdote acrescentou:

— Pensa em casar-se e talvez Deus lhe conceda descendência, não é verdade? Que educação poderá o senhor dar aos seus filhos, se não vencer a tentação do Diabo que o arrasta para a incredulidade? — disse em tom de suave censura. — Se amar os seus filhos, como um bom pai, não só lhes deixará riqueza, luxo e honras, mas a salvação também, a iluminação espiritual pela luz da verdade. Não é assim? Que responderá aos seus inocentes filhos quando eles lhe perguntarem: "Paizinho, quem criou tudo o que se vê neste Mundo: a terra, a água, o sol, as flores, as plantas?" Porventura lhes poderá responder: "Não sei?" Não pode o senhor ignorar o que Deus, com toda a sua infinita bondade, lhe revelou. E que lhes dirá quando lhe perguntarem: "Que me espera na outra vida?" Que lhes responderá, se tudo ignora? Que lhes responderá? Entregá-los-á à sedução do mundo e do Diabo? Isso não está certo! — concluiu, inclinando a cabeça para o lado. E fitou Levine com os seus olhos doces e bondosos.

Levine nada respondeu, não já porque receasse desta vez uma discussão despropositada, mas porque nunca ninguém lhe fizera semelhantes perguntas. Se os filhos um dia viessem a fazer-lhas, veria, então, que resposta lhes devia dar.

— Entra agora num momento da sua vida em que deve escolher um caminho e segui-lo — prosseguiu o sacerdote. — Reze a Deus para que Ele, com a Sua misericórdia, o ajude e perdoe. Que Nosso Senhor Jesus Cristo lhe perdoe, filho, com a Sua misericórdia infinita e o Seu imenso amor aos homens... — E proferindo as palavras de absolvição, o sacerdote abençoou Levine, mandando-o embora.

Ao regressar a casa, Levine estava alegre, pois conseguira ver-se livre de uma situação incômoda, sem necessidade de mentir. Além disso, ficara-lhe a vaga impressão de que as palavras daquele sacerdote velho e bondoso não eram tão tolas quanto lhe tinham parecido de princípio; havia nelas qualquer coisa que precisava um dia de ser esclarecida.

"Já, agora, não, mas depois, um dia", pensou Levine. Mais

vivamente do que nunca, percebeu haver na sua alma regiões turvas e obscuras. No que dizia respeito à religião, encontrava-se exactamente na mesma atitude que Sviajski e alguns outros, a quem censurava a incoerência de opiniões.

Levine passou aquele serão em casa de Dolly, na companhia da noiva. Estava particularmente alegre e explicou a Oblonski, surpreendido, o estado de excitação em que se encontrava. Disse-lhe que sentia o alvoroço de um cão a quem ensinaram a saltar através de um arco e que, ao compreender o que querem dele, ladra, agita a cauda e salta entusiasmado para cima das mesas e do parapeito das janelas.

CAPÍTULO II

A princesa e Dolly observavam à risca os velhos usos, por isso não consentiram que Levine visse a noiva no dia do casamento. Jantou no hotel com três celibatários que por acaso lhe apareceram. Um deles era o irmão, outro Katavassov, camarada da Universidade, agora professor de Ciências Naturais, e a quem encontrara e arrastara consigo quase à força, e por último um companheiro de caçadas ao urso, Tchirikov, que exercia as funções de juiz de paz em Moscovo e lhe ia servir de testemunha. O jantar foi animadíssimo. Sérgio Ivanovitch, muito bem disposto, apreciou em extremo a originalidade de Katavassov. Este, ao ver-se apreciado, deixou-se desfrutar. Quanto ao excelente Tchirikov, esse estava sempre pronto a. manter fosse que conversa fosse.

— Que rapaz cheio de predicados era o nosso amigo Constantino Dimitrievitch — dizia Katavassov, na lenta dicção do homem habituado a falar do alto de uma cátedra. — Falo dele no passado, porque hoje deixou de existir. Amava a ciência, outrora, quando saiu da Universidade, tinha paixões dignas de um homem, enquanto presentemente empregava metade das suas faculdades a iludir-se e a outra metade a dar às suas quimeras aparência de razão.

— Nunca encontrei maior inimigo do casamento — disse Sérgio Ivanovitch voltado para ele.

— Não é verdade, sou apenas partidário da divisão do trabalho. Aos zés-ninguém é que cabe a função de propagar a espécie, aos outros, a de contribuir para o desenvolvimento intelectual, para a felicidade dos seus semelhantes. Esta é a minha opinião. Não ignoro, porém, que existe uma infinidade de gente disposta a confundir estes dois ramos de trabalho, mas eu não pertenço a esse número.

— Muito me vou rir no dia em que souber que está apaixonado! — exclamou Levine. — Peco-lhe, não deixe de me convidar para o casamento.

— Mas já estou enamorado.

— Sim, de um choco. Sabes — disse Levine, voltando-se para o irmão —, o Miguel Semionovicth está a escrever um livro sobre a nutrição e...

— Não misture as coisas, se faz favor! Pouca importância tem o que eu escrevo, mas a verdade é que amo os chocos.

— Por quê?

— Isso não o impedirá de amar uma mulher.

— Não, a minha mulher é que se oporia ao meu amor pelos chocos.

— Por quê?

— Depois o verá. Agora aprecia a caça, a agronomia. Pois bem, espere-lhe pela partida. Há-de contar-me depois...

— A propósito — disse Tchirikov —, o Archipe acaba de vir visitar-me. Disse-me que em Prudnoi apareceram dois ursos e muitas antas.

— Pois terão de os caçar sem mim.

— Aí tens. De agora em diante, despede-te da caça ao urso. A tua mulher não te deixará caçar! — disse Sérgio Ivanovitch.

Levine sorriu-se. A ideia de que a mulher não o deixaria caçar o urso era-lhe tão agradável que estava disposto a renunciar para sempre ao prazer de ver ursos.

— Seja como for, vai ser uma pena caçá-los sem a sua companhia. Lembra-se da última caçada em Kapilovo? Foi óptima! — disse Tchirikov.

Levine não queria desgostá-los dizendo-lhes que não podia haver nada bom sem Kitty, e preferiu calar-se.

— Não é debalde que existe o costume de um homem se despedir da vida de solteiro — observou Sérgio Ivanovitch. — Por mais feliz que uma pessoa vá ser, lamenta a perda da liberdade.

— Confesse que se sente "com desejos, como o noivo de Gogol, de saltar pela janela.

— Está claro, mas todos se calam — afirmou Katavassov, desatando a rir às gargalhadas.

— Mas a janela continua aberta... Vamos agora mesmo a Tver. A ursa está sozinha, podemos ir apanhá-la na toca. A sério, apanhamos o comboio das cinco, e aqui que se arranjem como quiserem — disse Tchirikov, rindo.

— Juro-lhes que não encontro dentro de mim essa pena de perder a liberdade — afirmou Levine, sorrindo.

— Dentro dele reina agora tão grande caos que não é possível encontrar lá seja o que for — objectou Katavassov. — Espere um pouco, e quando isso estiver mais em ordem lá dentro verá que a encontra.

— Não; se assim fosse, além do meu sentimento... — não quis dizer amor — e da minha felicidade, lamentaria ao menos um pouco perder a liberdade, mas, pelo contrário, dá-me alegria perdê-la.

— Muito mau! É um caso desesperado — disse Katavassov. — Bebamos à saúde do seu coração ou desejemos-lhe que se realize ao menos a centésima parte das suas ilusões. Com isso já teria mais felicidade que nenhum outro ser neste mundo.

Logo depois do jantar, os convidados retiraram-se, para terem tempo de mudar de fato para o casamento. Ao ficar só e ao lembrar-se da conversa daqueles solteirões, Levine voltou a perguntar a si mesmo se sentia alguma pena de perder a liberdade.

Sorriu ao pensar nesse problema. “Liberdade? Para que quero eu liberdade? A felicidade consiste em amar e desejar; em pensar com os pensamentos e os desejos dela, isto é, em não ter liberdade alguma. É isso a felicidade!”

“Mas porventura conheces os teus pensamentos, os teus desejos, o teu sentir?”, murmurou lhe uma voz ao ouvido. O sorriso desapareceu lhe do rosto e Levine submergiu se em reflexões. De repente, invadiu o uma sensação estranha de temor e dúvida. Duvidava de tudo.

“E se ela não gosta de mim? E se ela casa comigo só por casar? E se ela própria não sabe o que faz?”, perguntava a si mesmo “Pode ser que caia em si e uma vez casada compreenda que me não quer nem pode querer.” E os piores e mais estranhos pensamentos a respeito de Kitty lhe vieram à mente. Sentia ciúmes de Vronski, tal qual um ano antes, como se a noite em que a vira com ele tivesse sido na véspera. Receava que ela não lhe tivesse dito tudo.

Levantou se precipitadamente “Não, isto não pode ficar assim. Vou ter com ela, interroga-la-ei pela última vez e dir lhe ei. Somos livres, não será melhor acabarmos? Tudo será melhor que a infelicidade eterna!” Numa grande amargura, irritado contra todos, contra si mesmo e contra ela, saiu do hotel e dirigiu se a casa de Kitty.

Encontrou a no interior da casa. Estava sentada num baú, dando ordens a uma criada e arrumando um monte de vestidos de todas as cores que se espalhavam pelas costas das cadeiras e pelo chão.

— Oh! — exclamou Kitty, ao vê-lo, radiante de alegria — És tu? Que lhe aconteceu? — Tratava o umas vezes por tu, outras não.. Não te esperava! Estou a fazer uma escolha nos meus vestidos de solteira, para oferecê-los.

— Ah, muito bem! — exclamou Levine, relanceando à criada um olhar um tanto lúgubre.

— Vai te embora, Duniacha, que eu depois te chamarei — disse Kitty — Que tens tu? — perguntou a Levine, tratando-o resolutamente por tu, assim que a criada saiu.

Percebera que o rosto de Levine estava triste e alterado e teve medo.

— Kitty, estou a sofrer. Não posso sofrer só — disse com desespero, detendo se diante dela e fitando a nos olhos com uma expressão suplicante. Vira, no rosto franco e cheio de amor de Kitty, que não serviria de nada o que estava disposto a dizer lhe — Vim para te dizer que ainda estamos a tempo. Podemos desfazer o que esta feito e remediar as coisas.

— Que dizes? Não compreendo nada. Que tens tu?

— O que te disse mil vezes e não posso deixar de pensar, que não te mereço. Não é possível que consintas em casar comigo. Pensa. Enganaste-te. Pensa bem. Não podes gostar de mim. Sim é melhor que o confesses — teimava Levine, sem olhar para Kitty — Serei desgraçado. Que as pessoas digam o que quiserem? Tudo é melhor do que não sermos felizes. Mais vale agora, enquanto estamos a tempo.

— Não te compreendo — replicou Kitty, assustada — Que queres tu? Desdizeres-te? Acabar?

— Sim, se não gostas de mim.

— Enlouqueceste! — exclamou Kitty, toda corada de indignação. Mas o rosto de Levine era tão desolado, que ela, reprimindo a indignação, tirou os vestidos de uma cadeira e sentou se mais perto dele — Em que estás tu a pensar? — perguntou ela — Vamos, fala. Conta me tudo.

— Penso que não podes gostar de mim. Porque havias tu de gostar de mim?

— Meu Deus! Que posso eu? — exclamou Kitty, e desatou a chorar.

— Oh, que fui eu fazer? — gritou Levine, que se lhe ajoelhou diante e principiou a beijar lhe as mãos.

Cinco minutos depois, quando a princesa apareceu, encontrou-os completamente reconciliados. Kitty garantiu a Levine que gostava dele, até lhe explicou porquê, respondendo à pergunta que ele lhe fizera. Disse-lhe que era por compreendê-lo plenamente, por saber do que ele gostava e porque tudo do que ele gostava era bom. E esta explicação pareceu muito clara a Levine. Quando a princesa entrou estavam sentados no baú examinando os vestidos e discutindo se devia Kitty oferecer a Duniacha o vestido escuro que ela vestia quando Levine a pedira em casamento. Levine insistia em que aquele vestido não devia ser oferecido a ninguém e que podia oferecer a Duniacha um outro, o azul.

— Mas tu não compreendes que a Duniacha é morena e esse vestido não lhe ficará bem? Já pensei em tudo.

Ao inteirar-se do motivo da visita de Levine, a princesa zangou se, meio a sério, meio a brincar. Disse lhe que se fosse vestir e que não estorvasse Kitty, que estava à espera do cabeleireiro Charles para a pentear.

— Bem basta andar agitada como anda, e sem comer todos estes dias. Por isso está abatida como se vê. E ainda por cima apareces tu com essas patetices para a fazeres sofrer mais. — exclamou a princesa — Vai te embora, vai te, querido.

Levine, envergonhado, mas sossegado já, voltou para o hotel. O irmão, Daria Alexandrovna e Stepane Arkadievitch, todos vestidos a rigor, esperavam no para o abençoar com o ícone. Não havia tempo a perder. Daria Alexandrovna ainda tinha de passar por casa, onde recolhera o pequeno, de cabeça encaracolada, penteado a brilhantina, que acompanharia a noiva com o ícone. Depois tinham de mandar um carro buscar a testemunha e dar ordens para vir a carruagem em que seguiria Sérgio Ivanovitch. Ainda havia muitas coisas complicadas a organizar Não podiam perder tempo, já eram seis e meia.

A bênção com o ícone não foi levada muito a sério. Stepane Arkadievitch pôs se ao lado da mulher, numa atitude ao mesmo tempo solene e cômica. Pegando na imagem, disse a Levine que se inclinasse, abençoou o com bondoso e irônico sorriso e beijou o três vezes. Dolly fez o mesmo e logo se dispôs a partir, precipitadamente, confundindo de novo a ordem em que os carros deviam seguir.

— Bom, pois aqui tens o que vamos fazer. Tu vais no nosso carro buscar a testemunha e o Sérgio Ivanovitch terá a maçada de vir connosco a casa de onde seguirá na nossa companhia.

— Com todo o prazer.

— Não nos demoramos nada. Mandaram as coisas? — perguntou

Stepane Arkadievitch.

— Mandaram — respondeu Levine. E disse a Kuzma que lhe desse a roupa para se vestir.

CAPÍTULO III

Grande multidão, principalmente de mulheres, rodeava a igreja, iluminada para a boda. Os que não puderam entrar apinhavam-se junto das janelas, empurrando-se, discutindo e olhando através das grades.

Mais de vinte carruagens alinhavam-se já ao longo da rua, sob a vigilância dos guardas. Um oficial da polícia, indiferente ao frio, permanecia à porta da igreja, resplandecente no seu uniforme. A todo o momento estavam a chegar mais carruagens, e ora entravam senhoras, com raminhos afivelados no peitilho, soerguendo a cauda dos vestidos, ora cavalheiros, que tiravam os gorros e os chapéus altos ao entrarem no templo. Os dois lustres e as velas acesas diante dos ícones inundavam tudo de luz: o dourado em fundo vermelho do iconóstase, o cinzelado das imagens, os incensários e os candelabros de prata, as lajes do templo, os tapetes, os pendões do coro, as grades dos púlpitos, os velhos livros do ritual, enegrecidos pelo tempo, e as vestes sacerdotais. À direita da igreja, apinhavam-se os fraques e as gravatas brancas, os uniformes e os tecidos preciosos, os veludos e os cetins, os cabelos frisados e as flores raras, os ombros nus e as luvas brancas. E um murmúrio contido e animado evolava-se dessa multidão, ressoando sob a cúpula. De cada vez que a porta se abria com lamentoso rangido, o murmúrio cessava e todos se voltavam à espera de ver entrar os noivos. Mas a porta já se abrira mais de dez vezes para deixar passar, quer o convidado retardatário que ia juntar-se ao grupo da direita, quer a espectadora que, tendo sabido iludir, ou comover o oficial da polícia, engrossava o grupo da esquerda, exclusivamente de curiosos. Parentes e amigos haviam passado já por todas as fases da espera: tendo principiado por não ligar a mínima importância ao atraso dos noivos, ei-los que se voltavam para trás cada vez com mais freqüência, perguntando-se a si próprios que teria acontecido; e, por fim, como para dissipar o mal-estar que os inundava, fingiam o ar indiferente de pessoas interessadas nas conversas entabuladas entre si.

O arquidiácono, como a lembrar quanto era precioso o seu tempo, tossia, impaciente, fazendo estremecer os vidros das janelas. No coro ouviam-se os cantores, aborrecidos, ensaiando a voz ou associando-se ruidosamente. O padre a todo o momento estava a enviar o diácono ou o sacristão a informar-se se o noivo já chegara, e ele próprio, de casula lilás e cíngulo bordado, cada vez com mais freqüência assomava às portas laterais. Por último, uma das senhoras olhou para o relógio e disse: “É estranho.” Todos os convidados, inquietos,

principiaram a exprimir em voz alta o seu descontentamento e a sua surpresa. Uma das testemunhas foi ver o que se passava lá fora. Entretanto, Kitty, com o seu vestido branco, o seu grande véu e a sua coroa, há algum tempo já que se encontrava na sala da sua casa, na companhia da madrinha e de sua irmã Natália Lvova. Espreitava pela janela. Há uma meia hora já que espiava que a sua testemunha a avisasse da chegada do noivo à igreja.

Pela sua parte, Levine, de calças, mas sem colete nem casaca, percorria de um lado para o outro os seus aposentos do hotel, indo à porta a cada momento. Porém, nada de lobrigar no corredor a pessoa que esperava; desesperado, voltara para trás, agitando os braços para Stepane Arkadievitch, que fumava tranqüilamente.

— Já terá havido alguma vez um homem em tão estúpida situação?

— Sim, estúpida — confirmou Stepane Arkadievitch, sorrindo com doçura. — Mas sossega, não tarda que te tragam isso.

— Mas que vou eu fazer? — exclamou Levine, mal reprimindo a ira. — Não há nada a fazer com estes absurdos coletes brancos abertos. Impossível! — acrescentava, mirando o peitilho da camisa todo amarrotado. — E se as minhas malas já estivessem no comboio? — gritou fora de si.

— Porás a minha.

— Era por aí que eu devia ter principiado.

— Não sejas ridículo... Paciência, tudo se "apanhará". Ao pedir a Kuzma, o velho criado, a roupa para se vestir, este dera a Levine a casaca, o colete, e tudo o mais, excepto a camisa.

— E a camisa? — exclamara Levine.

— Já a tem vestida — replicou o criado, com um sorriso tranqüilo.

Kuzma, ao receber ordem de arranjar as coisas do amo e de as mandar para casa dos Tcherbatski, de onde os noivos partiriam naquela noite, não se lembrara de deixar uma camisa de fora própria para a casaca. A camisa que Levine tinha no corpo desde a manhã, toda amarrotada, seria um enxovalho com o colete aberto à moda. Como a casa dos Tcherbatski ficava muito longe para mandarem buscar a camisa, tinham enviado o criado a comprar uma, mas este voltara de mãos a abanar. Era domingo e tudo estava fechado. Mandaram então a casa de Stepane Arkadievitch, buscar uma, mas era muito larga e muito curta. Finalmente, decidiram mandar a casa. dos Tcherbatski, para que abrissem os baús. E enquanto na igreja esperavam o noivo, este, como uma fera enjaulada, andava no seu quarto de um lado para o outro, assomando à porta do corredor a

cada instante. Lembrava-se, horrorizado, do que dissera a Kitty e sentia-se desesperado ao pensar no que ela podia estar a supor.

Finalmente Kuzma, o culpado, já exausto, surgiu no quarto com a camisa na mão.

— Apanhei-a por muita sorte. Já estavam a pôr as coisas num carro — disse ele.

Três minutos depois, sem olhar para o relógio, para que a ferida não se abrisse ainda mais, precipitava-se Levine pelo corredor fora.

— Com isso não remedeias nada — dizia-lhe Stepane Arkadievitch, sorrindo e seguindo-o sem pressa. — Tudo se apanhará, tudo se apanhará.

CAPÍTULO IV

— Já chegou. Ali está ele. Qual? O mais novo, não é assim? E ela, a pobrezinha? Parece mais morta do que viva — dizia-se entre a multidão, quando Levine, juntando-se à noiva perto da porta, penetrou com ela no templo.

Stepane Arkadievitch contou à mulher o motivo do atraso, e os convidados sorriam, fazendo comentários a meia-voz. Levine não via nada nem ninguém: só tinha olhos para a noiva.

Todos diziam que Kitty estava muito abatida naqueles últimos dias e com o véu ainda parecia menos bonita do que de facto era. Mas Levine não era da mesma opinião. Mirava o alto penteado de Kitty, o seu amplo véu branco, com as suas flores brancas, a sua fina cintura, a alta gola que lhe enquadrava virginalmente o airoso colo, descobrindo-o um pouco na frente — e parecia-lhe mais bela do que nunca, não porque as flores, o véu, o vestido, este de Paris, acrescentassem qualquer coisa à sua beleza, mas porque, apesar do esplendor artificial de tais atavios, a expressão do seu bonito rosto, dos seus olhos e dos seus lábios respirava uma especial sinceridade ingênua.

— Já estava a pensar que te querias escapulir — disse-lhe Kitty, sorrindo.

— Aconteceu-me uma coisa tão estúpida que até tenho vergonha de ta contar — replicou Levine, corando. Mas teve de prestar atenção a

Sérgio Ivanovitch, que se aproximara.

— Que linda história essa da tua camisa! — exclamou este, abanando a cabeça e sorrindo.

— É verdade, é verdade! — replicou Levine, sem compreender o que ele dizia.

— Agora, Kóstia, temos de resolver um problema importante — interveio Stepane Arkadievitch, com fingida preocupação. — A questão é grave e tu pareces-me em estado de lhe apreciar toda a importância. Perguntam-me se devem acender as velas novas ou as já queimadas. A diferença é de dez rublos — acrescentou, insinuando um sorriso. — Por mim, já decidi, mas receio que não estejas de acordo.

Levine percebeu que se tratava de um gracejo, mas não foi capaz de rir.

— Então, que resolves tu? Acendem as novas ou as já queimadas? Eis a questão.

— As novas, as novas!

— A questão está resolvida — concluiu Stepane Arkadievitch, sempre a sorrir. — Temos de reconhecer que esta cerimônia torna as pessoas bastante estúpidas — murmurou para Tchirikov, enquanto Levine, depois de lhe relancear um olhar desconcertado, voltava para junto da noiva.

— Toma tento, Kitty, procura ser a primeira a pôr o pé no tapete

— disse, aproximando-se da noiva, a condessa Nordston. — Lindas coisas faz, não há dúvida! — acrescentou, dirigindo-se a Levine.

— Quê? Não tens medo? — perguntou Maria Dimitrievna, uma velha tia.

— Não terás frio? Estás pálida... Abaixa-te um momento — disse a Senhora Lvov, erguendo os lindos braços para ajeitar a coroa da irmã.

Dolly aproximou-se, por sua vez, e quis falar; mas a emoção estrangulou-lhe a voz na garganta e soltou um riso nervoso.

Kitty olhava para toda a gente com um olhar tão vago como o de

Levine.

Entretanto, os clérigos paramentavam-se e o sacerdote, acompanhado do diácono, aproximava-se do facistol, colocado na nave da igreja. O sacerdote dirigiu-se a Levine, dizendo-lhe qualquer coisa, mas ele não o entendeu.

— Pegue na noiva pela mão e conduza-a — disse a Levine a testemunha.

Levine não percebeu. Várias vezes os presentes o corrigiram. Incapaz de compreender o que queriam dele, fazia o contrário do que lhe diziam. Finalmente, no momento em que, desanimados, todos iam desistir de o encaminhar, deixando-o entregue à sua própria inspiração, compreendeu que com a mão direita devia pegar na mão direita da noiva sem alterar a postura em que estava. Então precedidos do sacerdote, os dois deram alguns passos em frente e pararam diante do facistol. Parentes e convidados acompanhavam os noivos, num murmúrio de vozes e num frufru de sedas. Alguém se abaixou para ajeitar a cauda da noiva, e depois caiu um silêncio tão profundo na nave da igreja que se ouviam as gotas de cera tombando das velas.

O velho sacerdote, com o solidéu na cabeça e as madeixas de cabelos brancos, de um branco argênteo, penteadas para trás das orelhas, extraiu as miúdas e rugosas mãos de debaixo da pesada casula bordada a prata e com uma grande cruz dourada nas costas e principiou a remexer em qualquer coisa junto ao facistol.

Stepane Arkadievitch aproximou-se, cauteloso, do velho sacerdote, disse-lhe alguma coisa em voz baixa, e, piscando o olho a Levine, voltou para o seu lugar.

O sacerdote acendeu duas velas engrinaldadas de flores, ficou com elas inclinadas na mão esquerda, e enquanto a cera ia gotejando lentamente voltou-se para os noivos. Era o mesmo clérigo que confessara Levine. Depois de mirar o noivo com os seus olhos tristes e cansados mirou a noiva e em seguida, soltando um suspiro, tirou a mão direita de sob a casula e abençoou Levine. Da mesma forma, mas com um matiz de doçura, pousou os dedos dobrados sobre a cabeça inclinada de Kitty. Depois, ofereceu-lhe as velas e, pegando no incensário, afastou-se lentamente.

"Será possível que tudo isto seja verdade?", pensava Levine, virando-se para a noiva. Via-lhe o perfil desde o alto e graças a um movimento imperceptível dos seus lábios e das suas pestanas percebeu que ela lhe sentira o olhar. Kitty permanecia imóvel; mas a gola do vestido agitou-se-lhe, roçando-lhe pela orelha rosada. Levine percebeu que um suspiro se afogara no peito de Kitty e que tremera na luva de cano alto a mãozinha que segurava a vela.

De repente, tudo se lhe desvaneceu na memória, o atraso, o descontentamento dos amigos, a estúpida história da camisa, e já nada mais sentia além de uma emoção onde havia terror e alegria.

O arquidiácono, belo homem de cabelos anelados, a dalmática bordada a prata, caminhou em passo firme para o padre e erguendo com dois dedos, num gesto familiar, a estola deste, entoou um solene

"Abençoa-nos, Pai", que ressoou longamente pela nave da igreja.

"Bendito seja Deus, agora e sempre e pelos séculos dos séculos", respondeu o velho sacerdote, na sua voz suave e melodiosa. E inundando toda a igreja, das janelas baixas ao topo da abóbada, um acorde de coro invisível elevou-se, harmonioso e amplo, cresceu e, cessando um instante, distinguiu-se suavemente.

Como sempre, orou-se pela outra vida e pela salvação da alma, pelo sínodo, pelo czar e pelos servos de Deus, Constantino e Catarina, que naquele dia contraíam matrimônio.

"Oremos para que Deus os ajude e lhes conceda um amor eterno e pacífico."

Em toda a igreja reboava a voz do arquidiácono.

Levine ouvia essas palavras, surpreendido: "Como adivinharam que é de ajuda que eu preciso?", pensou, lembrando-se das dúvidas e receios por que passara. "É de ajuda que necessito precisamente

agora.”

Quando o arquidiácono acabou, o sacerdote dirigiu-se aos noivos com um missal na mão.

— “Deus eterno que uniste os que estavam separados — leu com voz doce e cantada —, que lhes concedeste a união do amor indestrutível, que abençoaste Isaac e Rebeca, como rezam os livros santos, abençoa os teus servos Constantino e Catarina e ensina-lhes o caminho do bem. Louvado seja Deus misericordioso, que ama os homens. Padre, Filho, e Espírito Santo, hoje e sempre e pelos séculos dos séculos.”

— *Ámen* — responderam de novo as vozes do coro invisível.

“Que uniste os que estavam separados e lhes concedestes a união do amor indestrutível.”

“Que profundo sentido têm estas palavras e como estão de harmonia com o que sinto neste momento!”, pensou Levine. “Sentirá ela o mesmo que eu?”

Ao voltar-se, encontrou-se com o olhar de Kitty.

Pela expressão desse olhar, Levine acreditou que sim. Mas não era certo. Kitty mal compreendia as palavras da oração e nem sequer as ouvia. Não podia ouvi-las nem entendê-las, tão grande a comoção que lhe invadia a alma e nela por momentos se expandia. Tomava-a uma grande alegria ao ver realizar-se o que durante mês e meio fora o sonho da sua alma, ao ver cumprido o que durante aquelas seis semanas representara toda a sua satisfação e tormento.

No dia em que, com o seu vestidinho escuro no salão da sua casa, se aproximara de Levine em silêncio e se lhe oferecera, na sua alma dera-se um rompimento com a vida passada, principiando vida nova, completamente desconhecida para ela, embora aparentemente desse a impressão de continuar a viver a mesma vida. Aquelas seis semanas haviam sido as semanas mais felizes e atormentadas de toda a sua existência. A sua vida, os seus anelos e as suas esperanças concentraram- se-lhe naquele homem a quem ainda não compreendia, a quem a unia um sentimento ainda mais incompreensível, que ora a atraía ora a repelia, continuando ao mesmo tempo a viver como sempre vivera. E aquilo, aquela maneira de viver, levava-a a horrorizar-se de si mesma, da sua completa e invencível indiferença para com todo o passado; para com as coisas, para com os costumes, para com as pessoas que a estimavam: a mãe, amargurada por tamanha indiferença, o querido e carinhoso pai, a quem antes amara mais do que a coisa alguma no mundo. Tão depressa se afligia com esta indiferença como com as causas que a haviam conduzido até aí.

Não podia pensar nem desejar fosse o que fosse alheio à vida com Levine. Mas essa vida ainda não se realizara e Kitty nem sequer podia imaginar claramente o que essa vida fosse. Tudo era expectativa, temor e jubilosa ansiedade perante o novo e o desconhecido. E eis que isto ia acabar: a expectativa, o desconhecimento e o remorso de renunciar à vida passada. E eis que algo de novo principiava. E nem por isso era menos terrível, desconhecido que era. Terrível ou não, contudo, já estava consumado na sua alma havia seis semanas, agora tratava-se apenas de consagrar o consumado.

Voltando ao facistol, o sacerdote pegou com dificuldade no anelzinho de Kitty e pedindo a Levine que lhe desse a mão, colocou-lho na primeira falange do dedo.

— Uno-te, Constantino, servo de Deus, a Catarina, serva de Deus.

E enfiando o anel grande no dedinho vermelho de Kitty, tão frágil que fazia pena, pronunciou as mesmas palavras,

Os nubentes procuraram várias vezes fazer o que lhes era devido, mas enganavam-se sempre e o sacerdote corrigia-os em voz baixa. Finalmente, feito o necessário e depois de os benzer com os anéis, o sacerdote entregou de novo o anel grande a Kitty e o pequeno a Levine. Os noivos voltaram a enganar-se e por duas vezes passaram os anéis de mão em mão, sem conseguirem fazer o que deviam.

Dolly, Tchirikov e Stepane Arkadievitch adiantaram-se para os ajudar. Reinava a confusão, por todo o templo se cochichava e havia sorrisos; mas a expressão solene e humilde dos noivos não se modificara. Pelo contrário, ao trocarem as mãos ainda pareciam mais doces e solenes e o sorriso com que Oblonski lhes dissera, em voz baixa, que deviam pôr cada um o seu anel, mau grado seu expirou-lhes nos lábios.

Compreendera que um sorriso naquele momento era como que uma ofensa aos nubentes.

— Oh! Deus! — continuou o sacerdote, depois da troca dos anéis

— Tu que criaste o homem no princípio do mundo e lhe deste a mulher para servir-lhe de companheira e perpetuar o gênero humano, Tu, Deus, Senhor nosso, que enviaste a Tua verdade aos teus servos, a nossos pais eleitos por Ti, de geração em geração, digna-Te olhar para o teu servo Constantino e para tua serva Catarina e confirma esta união na fé e num mesmo pensamento de verdade e de amor...

Levine via agora, cada vez mais claramente, que todas as suas ideias sobre o casamento e que todas as suas ilusões sobre a maneira de organizar a sua vida eram pueris. O que se estava a realizar era algo que não entendera até então, e que compreendia menos do que nunca.

Sentia oprimir-se-lhe o peito, sacudido por soluços cada vez mais fortes, e as lágrimas vinham-lhe aos olhos, sem que ele pudesse retê-las.

CAPÍTULO V

Na igreja estavam todos os parentes e amigos, todo o Moscovo ali estava. Durante a cerimônia, no meio da esplendorosa iluminação do templo, entre as senhoras e as meninas vestidas com toda a elegância e os cavalheiros de casaca ou uniforme de gala, ouvia-se sempre um sussurro discreto, principalmente entre os homens, pois as senhoras pareciam enlevadas nos pormenores da cerimônia religiosa, sempre tão comovedora para elas.

No grupo mais perto da noiva estavam as suas duas irmãs: Dolly, a primogênita, e a serena e bela Natália, que chegara do estrangeiro.

— Por que virá a Mary vestida de roxo, quase de preto, para um casamento? — perguntou a Korsunskaia.

— É a única cor que lhe diz bem com o tom da pele... — respondera a Drubetzkaia.

— Que estranho, celebrarem a boda de noite. É costume de comerciantes.

— É mais bonito. Eu também me casei de noite — replicou a Korsunskaia, suspirando, ao lembrar-se de como estava bonita nesse dia, de como o marido se mostrara ridiculamente enamorado dela e de como tudo havia mudado.

— Dizem que quem serve mais de dez vezes de testemunha de casamento não se casa. Ainda tentei ser testemunha pela décima vez para me garantir, mas o posto já estava ocupado — observava o conde Siniavine à bela princesa Tcharskaia, que pusera nele as suas ilusões.

Esta replicou-lhe com um sorriso. Olhando para Kitty, pensava no momento em que estaria junto do conde Siniavine, nas mesmas circunstâncias, e como então se lembraria do gracejo dele.

Tcherbatski disse à velha dama de honor Nikolaievna estar decidido a pôr-lhe o coroa de Kitty no cabelo para lhe dar felicidade.

— Não se devia ter penteado com postiços — replicou Nikolaievna, que havia tempo já resolvera que, se viesse a casar-se com o velho viúvo, a quem perseguia, teria um casamento muito simples. — Não gosto desta ostentação.

Sérgio Ivanovitch conversava com Daria Dimitrievna e garantia-lhe, irônico, que o velho costume da viagem de núpcias estava tão generalizado por os recém-casados gostarem de esconder a sua vergonha.

— Seu irmão pode estar orgulhoso. Ela é muito bonita. Você o que

tem é inveja.

— Já por lá passei, Daria Dimitrievna — replicou Sérgio Ivanovitch, que, subitamente, ficou grave e melancólico.

Oblonski contava à cunhada uma anedota sobre o divórcio.

— Tenho de lhe arranjar a coroa — disse esta, sem o ouvir.

— É uma pena que Kitty se tenha estragado tanto — comentou a condessa Nordston, dirigindo-se a Natália. — Mesmo assim, ele vale menos do que o dedo mindinho dela, não é verdade?

— Não, eu gosto muito dele. E não é por ser meu futuro *beau-frère* — replicou esta.

— Que naturalidade a dele! E que difícil não parecermos ridículos numa situação destas. Não está nem ridículo nem afectado, está só comovido.

— Contava que eles se casassem?

— Quase. Ela sempre gostou dele.

— Vamos a ver qual dos dois pisa primeiro o tapete. Aconselhei a Kitty a ser ela.

— É o mesmo — replicou Natália. — Nós somos todas esposas obedientes. Está-nos no sangue.

— Pois eu pisei-o antes de Vacili. E você, Dolly?

Dolly, ao lado delas, ouviu o que diziam, mas não respondeu. Sentia-se comovida. As lágrimas vinham-lhe aos olhos; se tivesse falado, romperia em soluços. Sentia-se feliz por Kitty e por Levine. Lembrava-se do seu próprio casamento e ao ver o marido tão alegre esqueceu o presente para só evocar o seu primeiro amor. Lembrou-se não só da sua própria boda, mas de outras bodas, bodas de amigas suas e suas conhecidas. Revia-as a todas, naquele momento único e solene das suas vidas em que renunciavam ao passado para se abeirarem, com a esperança e o receio no coração, de um misterioso futuro. Entre essas mulheres casadas figurava a querida Ana, de cujo divórcio iminente acabava de ter conhecimento. Também a vira a ela, sob as pregas de um véu branco, tão puro como Kitty com a sua coroa de flores de laranjeira. E agora! “Que estranho!”, murmurou ela.

Irmãs e amigas não eram as únicas a seguir pari passa os mínimos incidentes da cerimônia. Seguiam-nos as mulheres, entre o público anônimo, de respiração suspensa, em todos os seus lances, como se não quisessem perder um só movimento dos noivos ou o mínimo matiz da sua expressão. Aos gracejos e murmúrios dos homens alheios à cerimônia, não respondiam e nem sequer os ouviam.

— Por que está ela a chorar? Casá-la-ão à força?

— À força, com um rico rapaz como aquele? É príncipe?

— A que está vestida de cetim branco é irmã dela? Estás a ouvir o que o diácono diz: “Teme e respeita a teu marido.”

— Os cantores, naturalmente, são de Chudov.

— Não, são do sínodo.

— Perguntei ao criado. Parece que a leva logo para a terra dele. Dizem que é riquíssimo. Por isso a casam.

— Fazem um belo par.

— E dizia a senhora, Maria Vacilievna, que já se não usavam os merinaques! Repare naquela senhora com um vestido cor de pulga. Parece que é mulher de um embaixador. Veja o que ela tem atrás...

— Que bonita está a noiva! Parece uma cordeirinha. Digam o que disserem, uma noiva faz sempre pena.

Assim falavam os curiosos que conseguiram entrar na igreja.

Uma vez concluída a cerimônia dos esponsais, o sacristão estendeu diante do facistol, no centro da nave, um grande pedaço de seda cor-de-rosa, enquanto o coro entoava um salmo, complicado e difícil, em que o baixo e o tenor davam a réplica. O sacerdote, voltando-se, acenou aos noivos e indicou-lhes o tapete. Embora tivessem ouvido dizer que aquele que primeiro pisasse o tapete seria o verdadeiro cabeça-de-casal, nem Levine nem Kitty disso se lembraram ao avançarem para este. Tão-pouco ouviram as discussões e comentários sobre qual deles o pisara primeiro. Uns diziam que fora Levine, outros, que os dois ao mesmo tempo.

Após as perguntas sacramentais a respeito do mútuo consentimento dos nubentes e acerca da existência de compromissos para com outra pessoa, perguntas a que ambos responderam por fórmulas não menos rituais, cujo sentido lhes pareceu estranho, principiou outra cerimônia religiosa. Kitty ouvia as orações, desejosa de compreender-lhes o sentido, mas debalde. Uma sensação crescente de solenidade e de alegria radiosa lhe invadia a alma à medida que a cerimônia avançava, e não podia concentrar-se.

Rezavam: “Deus faça que sejam puros os frutos do teu ventre, e que vejam com alegria os filhos que tiverem.” As orações diziam que Deus criara a mulher de uma costela de Adão e que “por isso o homem deixará pai e mãe para se unir à mulher, formando com ela um único ser”, e que isto “é um grande mistério”. Rogaram a Deus que lhes concedesse descendência e que os abençoasse como a Isaac e Rebeca, a José, a Moisés e a Séfora, e que vissem aos filhos dos seus filhos.

“Tudo isto é muito belo”, pensava Kitty, ao ouvir semelhantes palavras. “Nem podia deixar de o ser.” E um sorriso de alegria, que se comunicava involuntariamente a quantos olhavam para ela, lhe resplandecia no rosto iluminado.

— Ajuste-as bem — aconselhou alguém no momento em que o sacerdote colocava as coroas na cabeça dos nubentes e Tcherbatski, com a mão enluvada, que tremia, mantinha no ar a sua, por cima da cabeça de Kitty.

— É uma pena que Kitty se tenha estragado tanto — comentou a condessa Nordston, dirigindo-se a Natália. — Mesmo assim, ele vale menos do que o dedo mindinho dela, não é verdade?

— Não, eu gosto muito dele. E não é por ser meu futuro *beau- frère* — replicou esta.

— Que naturalidade a dele! E que difícil não parecermos ridículos numa situação destas. Não está nem ridículo nem afectado, está só comovido.

— Contava que eles se casassem?

— Quase. Ela sempre gostou dele.

— Vamos a ver qual dos dois pisa primeiro o tapete. Aconselhei a Kitty a ser ela.

— É o mesmo — replicou Natália. — Nós somos todas esposas obedientes. Está-nos no sangue.

— Pois eu pisei-o antes de Vacili. E você, Dolly?

Dolly, ao lado delas, ouviu o que diziam, mas não respondeu. Sentia-se comovida. As lágrimas vinham-lhe aos olhos; se tivesse falado, romperia em soluços. Sentia-se feliz por Kitty e por Levine. Lembrava-se do seu próprio casamento e ao ver o marido tão alegre esqueceu o presente para só evocar o seu primeiro amor. Lembrou-se não só da sua própria boda, mas de outras bodas, bodas de amigas suas e suas conhecidas. Revia-as a todas, naquele momento único e solene das suas vidas em que renunciavam ao passado para se abeirarem, com a esperança e o receio no coração, de um misterioso futuro. Entre essas mulheres casadas figurava a querida Ana, de cujo divórcio iminente acabava de ter conhecimento. Também a vira a ela, sob as pregas de um véu branco, tão puro como Kitty com a sua coroa de flores de laranjeira. E agora! “Que estranho!”, murmurou ela.

Irmãs e amigas não eram as únicas a seguir pari passa os mínimos incidentes da cerimônia. Seguiam-nos as mulheres, entre o público anônimo, de respiração suspensa, em todos os seus lances, como se não quisessem perder um só movimento dos noivos ou o mínimo

matiz da sua expressão. Aos gracejos e murmúrios dos homens alheios à cerimônia, não respondiam e nem sequer os ouviam.

— Por que está ela a chorar? Casá-la-ão à força?

— À força, com um rico rapaz como aquele? É príncipe?

— A que está vestida de cetim branco é irmã dela? Estás a ouvir o que o diácono diz: “Teme e respeita a teu marido.”

— Os cantores, naturalmente, são de Chudov.

— Não, são do sínodo.

— Perguntei ao criado. Parece que a leva logo para a terra dele. Dizem que é riquíssimo. Por isso a casam.

— Fazem um belo par.

— E dizia a senhora, Maria Vacilievna, que já se não usavam os merinaques! Repare naquela senhora com um vestido cor de pulga. Parece que é mulher de um embaixador. Veja o que ela tem atrás...

— Que bonita está a noiva! Parece uma cordeirinha. Digam o que disserem, uma noiva faz sempre pena.

Assim falavam os curiosos que conseguiram entrar na igreja.

CAPÍTULO VI

Uma vez concluída a cerimônia dos esponsais, o sacristão estendeu diante do facistol, no centro da nave, um grande pedaço de seda cor-de-rosa, enquanto o coro entoava um salmo, complicado e difícil, em que o baixo e o tenor davam a réplica. O sacerdote, voltando-se, acenou aos noivos e indicou-lhes o tapete. Embora tivessem ouvido dizer que aquele que primeiro pisasse o tapete seria o verdadeiro cabeça-de-casal, nem Levine nem Kitty disso se lembraram ao avançarem para este. Tão-pouco ouviram as discussões e comentários sobre qual deles o pisara primeiro. Uns diziam que fora Levine, outros, que os dois ao mesmo tempo.

Após as perguntas sacramentais a respeito do mútuo consentimento dos nubentes e acerca da existência de compromissos para com outra pessoa, perguntas a que ambos responderam por fórmulas não menos rituais, cujo sentido lhes pareceu estranho, principiou outra cerimônia religiosa. Kitty ouvia as orações, desejosa de compreender-lhes o sentido, mas debalde. Uma sensação crescente de solenidade e de alegria radiosa lhe invadia a alma à medida que a cerimônia avançava, e não podia concentrar-se.

Rezavam: "Deus faça que sejam puros os frutos do teu ventre, e que vejam com alegria os filhos que tiverem." As orações diziam que Deus criara a mulher de uma costela de Adão e que "por isso o homem deixará pai e mãe para se unir à mulher, formando com ela um único ser", e que isto "é um grande mistério". Rogaram a Deus que lhes concedesse descendência e que os abençoasse como a Isaac e Rebeca, a José, a Moisés e a Séfora, e que vissem aos filhos dos seus filhos. "Tudo isto é muito belo", pensava Kitty, ao ouvir semelhantes palavras. "Nem podia deixar de o ser." E um sorriso de alegria, que se comunicava involuntariamente a quantos olhavam para ela, lhe resplandecia no rosto iluminado.

— Ajuste-as bem — aconselhou alguém no momento em que o sacerdote colocava as coroas na cabeça dos nubentes e Tcherbatski, com a mão enluvada, que tremia, mantinha no ar a sua, por cima da cabeça de Kitty.

— Pôe-ma — murmurou ela, sorrindo.

Levine voltou-se, surpreso com o alegre resplendor do rosto de Kitty, e esse sentimento comunicou-se-lhe a ele, mau grado seu. Tal qual como ela, sentiu-se alegre e sereno.

Ouviram, com o coração repleto de alegria, a leitura da epístola de São Paulo e o ecoar da voz do arquidiácono na última estrofe, tão

esperada por todos. Também lhes foi agradável beber na taça o tépido vinho tinto com água e ainda mais alegres se sentiram quando o sacerdote, abrindo a casula e pegando-lhes nas mãos, os conduziu, aos dois, à roda do facistol, enquanto o baixo cantava: “Alegra-te Isaías.” Tcherbatski e Tchirikov, que seguiam com as coroas, tropeçando na cauda do vestido da noiva, também sorriam, alegres, e ora ficavam para trás, ora embatiam nos noivos quando o sacerdote parava. A centelha de júbilo que chispava de Kitty parecia comunicar-se a todos na igreja. Levine estava convencido de que até o sacerdote e o arquidiácono desejariam sorrir como ele.

Quando as coroas foram retiradas das cabeças dos noivos o sacerdote leu a última oração e felicitou-os. Levine olhou para Kitty; nunca a tinha visto assim. Estava encantadora com aquele novo resplendor de felicidade que se lhe reflectia no semblante. Quis dizer-lhe qualquer coisa, mas hesitou, sem saber se a cerimônia já chegara ao fim. O sacerdote veio em seu auxílio. Sorrindo, cheio de bondade, disse-lhe em voz baixa:

— Beije a sua esposa, e que a esposa beije o seu marido.

E pegou nas velas que ambos tinham na mão.

Levine beijou, cautelosamente, os lábios sorridentes de Kitty, ofereceu-lhe o braço e experimentando uma estranha e nova identificação com ela, saiu da igreja. Não acreditava, não podia acreditar que aquilo fosse verdade. Só ao encontrar os seus olhares tímidos e surpreendidos acreditou, pois se deu conta, nessa altura, de que formavam já um só e único ser.

Naquela mesma noite, depois da ceia, os recém-casados partiram para a casa na aldeia.

CAPÍTULO VII

Havia três meses que Vronski e Ana viajavam pela Europa.

Tinham visitado Veneza, Roma e Nápoles e acabavam de chegar a uma pequena cidade italiana, onde pensavam demorar-se algum tempo.

Um imponente mordomo, de cabelos bem penteados e lustrosos, apartados por uma risca que lhe subia desde o pescoço, de fraque, grande *plastron* de cambraia e grossa corrente, cujos berloques lhe tombavam sobre o ventre pujante, respondia, solene, de mãos nos bolsos, às perguntas que lhe dirigia um cavalheiro. Porém, ao ouvir passos que se aproximavam do outro lado do terraço, voltou-se, e vendo o conde russo, que ocupava os melhores quartos do hotel, tirou respeitosamente as mãos dos bolsos e numa vênia explicou-lhe que o mensageiro voltara e que o aluguel do palácio era coisa feita. O administrador estava disposto a assinar contrato.

— Muito bem — disse Vronski. — A senhora está ou saiu?

— A senhora foi passear, mas já voltou — replicou o mordomo.

Vronski tirou o chapéu mole, de abas largas, enxugou o suor da testa e os cabelos, penteados para trás para esconder a calvície. Depois de percorrer com o olhar, distraidamente, o cavalheiro que falava com o mordomo, o qual, por sua vez, olhou para ele, dispôs-se a seguir o seu caminho.

— Este senhor é russo e deseja falar com Vossa Excelência.

Entre enfadado por não poder evitar as pessoas conhecidas e desejoso de qualquer distracção naquela vida monótona, Vronski atentou de novo no desconhecido, que se afastava, e os olhos de ambos cintilaram ao mesmo tempo.

— Golenistchev!

— Vronski!

Efectivamente era Golenistchev, camarada de Vronski no Corpo de Pajens. Então, Golenistchev pertencia ao Partido Liberal; saíra do Corpo de Pajens com categoria civil e não ocupava nenhum posto. Apenas se tinham visto uma vez de então para cá.

Quando desse único encontro, Vronski julgara perceber que Golenistchev escolhera uma actividade liberal e intelectual e que, por conseguinte, menosprezava a carreira e o título do seu camarada. Por isso mesmo Vronski, ao encontrar-se com Golenistchev tratara-o com aquela fria altivez que sabia manter perante os outros e em que se lia

o seguinte: “Pode agradar-lhe ou não a minha maneira de viver, é-me de todo indiferente, mas, se quiser lidar comigo, tem de me respeitar.” Golenistchev mantivera-se depreciativamente alheio ao tom de Vronski. E tudo parecia sugerir que aquela entrevista ainda servira para mais os apartar. Agora, no entanto, fora de alegria a exclamação que tiveram.

Vronski não podia supor que lhe desse tamanha satisfação tornar a ver Golenistchev, visto nem ele próprio se dar conta de quão profundo era o tédio da sua vida. Esquecendo a desagradável impressão que lhe deixara o último encontro, alegre e franco estendeu-lhe a mão. Igual expressão de alegria veio substituir a inquietação que outrora se pintara no rosto de Golenistchev.

— Que prazer tenho em ver-te! — disse Vronski, com um sorriso amistoso que lhe pôs à mostra os belos dentes.

— Ouvi pronunciar o nome de Vronski, mas não podia supor que eras tu. Tenho um grande prazer.

— Entra. Que fazes por aqui?

— Vivo aqui há mais de um ano Trabalho.

— Trabalhar? — disse Vronski interessado — Entra, se fazes favor. E desejoso de não ser compreendido pelo mordomo, velho hábito, disse em francês, embora ali o russo é que estivesse indicado.

— Conheces a Senhora de Karenine? Viajamos juntos. Ia agora vê-la. Enquanto falava estudava a expressão de Golenistchev. Este sabia do que se tratava.

— Ah, não sabia? — replicou ele, fingindo-se indiferente — Estás aqui há muito tempo?

— Há três dias — respondeu Vronski, olhando de novo, atentamente, o companheiro.

“Sim, é homem correcto, e considera as coisas como deve ser”, disse Vronski com os seus botões, compreendendo o significado da expressão de Golenistchev e o facto de ele ter mudado de assunto “Posso apresentá-lo a Ana. Considera as coisas como deve ser.”

Nos três meses que Vronski passara com Ana no estrangeiro, sempre que tinha ocasião de conhecer alguém não deixava de se perguntar a si próprio como iria esse alguém interpretar as suas relações com essa senhora e na maior parte dos casos encontrava nos homens a devida compreensão. Se lhe tivessem, contudo, perguntado a ele próprio ou àqueles que observavam essa compreensão em que consistia a referida compreensão, grande seria a dificuldade tanto de Vronski como dos demais em explicarem em que consistia ela de facto.

Na realidade, os que compreendiam "como era devido", segundo Vronski, nada explicavam a si próprios, procedendo como pessoas educadas perante um problema tão difícil e insolúvel. Evitavam as alusões e as perguntas desagradáveis. Fingindo compreender o significado e a importância da situação, não só a aceitavam mas até a aprovavam, considerando inoportunas e supérfluas todas as explicações.

Vronski adivinhou imediatamente que Golenistchev pertencia a esse número duplamente contente com o encontro. Com efeito, Golenistchev comportou-se perante a Karenine, quando Vronski o introduziu nos aposentos dela, como ele próprio o teria desejado. Ao que parecia, evitava, sem o menor esforço, todas as conversas que podiam motivar uma situação embaraçosa.

Não conhecia Ana e ficou surpreendido com a sua beleza e ainda mais com a simplicidade com que ela aceitava a situação. Corou quando Vronski lhe apresentou o amigo e esse rubor infantil que lhe cobriu o formoso rosto sincero agradou muito a Golenistchev. E o que mais lhe agradou ainda foi que Ana, para que não houvesse qualquer equívoco, na presença de estranhos, tratava Vronski pelo seu nome íntimo, contando mesmo que iam mudar-se para uma casa que acabavam de alugar e que ali era conhecida por palazzo. Este simples e recto modo de considerar a situação cativou Golenistchev. Observando as francas, alegres e resolutas maneiras de Ana e conhecendo como conhecia Alexei Alexandrovitch e Vronski, Golenistchev julgou compreendê-la plenamente. Até lhe pareceu compreender o que ela própria não compreendia de maneira alguma que pudesse sentir-se feliz e alegre depois de ter causado a desgraça do marido e do filho e de ter perdido a reputação.

— É um palácio que figura no Gaia — disse Golenistchev, referindo-se à casa que Vronski alugara — Há lá um excelente Tintoretto da última época.

— Está um lindo dia. Vamos ver de novo a casa? — propôs Vronski, dirigindo-se a Ana.

— Com muito gosto, vou pôr o chapéu. Está calor? — perguntou, detendo-se à porta e olhando para Vronski, interrogativa. De novo um intenso rubor se lhe espalhou nas faces.

Vronski compreendeu pelo olhar de Ana que ignorava em que termos ele queria manter se com Golenistchev e que receava não ter-se comportado consoante o seu desejo.

Vronski fitou-a longamente e com enternecimento.

— Não, não está muito — respondeu.

Ana julgou perceber que Vronski estava contente com ela e, sorrindo, saiu em passos rápidos.

Os dois amigos fitaram se e uma certa perturbação se lhe reflectiu no rosto Golenitschev, que sem dúvida admirava Ana, queria dizer qualquer coisa, mas não achava palavras Por sua vez, Vronski parecia desejá-lo e receá-lo ao mesmo tempo.

— Então estabeleceste te aqui? — perguntou Vronski para fazer conversa — Continuas a trabalhar nas mesmas coisas? — prosseguiu, lembrando-se de que Golenistchev lhe dissera que escrevia.

— Sim, estou à escrever a segunda parte de *Os Dois Princípios* — respondeu Golenistchev, muito contente com a pergunta —, isto é, para ser mais exacto, não a estou a escrever, estou a preparando, reúno material. Será muito extensa e tocará todos os problemas. Na Rússia não querem compreender que somos herdeiros de Bizâncio — e principiou a dar ao amigo uma extensa e calorosa explicação.

De começo, Vronski sentiu certa vergonha, pois não conhecia a primeira parte de *Os Dois Princípios,* obra de que o autor falava como se se tratasse de qualquer coisa muito conhecida. No entanto, depois de Golenistchev lhe expor as suas ideias, pôde acompanhá-las, mesmo desconhecendo a obra, e ouvia o amigo não sem interesse, porque falava muito bem. Surpreendia-o e desgostava-o, porém, a irritada emoção com que Golenistchev falava do tema tinha a peito. Quanto mais o aprofundava mais se lhe incendiavam os o mais rápido respondia aos supostos adversários e mais inquieta e ofendida era a sua expressão. Lembrava-se de Golenistchev rapazinho delgado e bondoso e nobre, sempre primeiro aluno no Corpo de Pajens, e não podia compreender o motivo daquela irritação e muito menos aprová-la. Desgostava-o principalmente que Golenistchev, homem da sociedade, descesse ao nível daqueles escribas e se enfadasse com eles. Valeria a pena? Mas dava-se conta de que o amigo era infeliz e tinha pena dele. A desgraça, a loucura, quase refletiam-se naquele rosto animado, assaz belo, quando, sem dar-se conta sequer de que Ana estava de volta, continuava a expor as suas ideias, apressada e calorosamente.

Quando Ana entrou, de chapéu e capa aos ombros, e se deteve junto a Vronski, brincando, num rápido movimento de mão, com o cabo da sombrinha, este, com uma sensação de alívio, desviou a vista do olhar sofredor de Golenistchev e contemplou com renovado amor a sua deliciosa amiga, plena de vida e contentamento. Golenistchev, pelo seu lado, voltando a si com dificuldade, mostrou-se triste e taciturno nos primeiros momentos. Contudo Ana, que a todos queria e estimava (assim era nessa época), não tardou a animá-lo com o seu trato

simples e alegre. Depois de tentar vários temas de conversa, levou-o para a pintura, de que Golenistchev falava como entendido, e ouviu-o atentamente. Foram andando para a casa que haviam alugado.

— Estou muito contente com uma coisa — disse Ana a Golenistchev, quando voltavam. — Alexei terá assim um ateliê. Não deixes de ficar com aquela dependência — acrescentou, dirigindo-se a Vronski em russo e tratando-o por tu. Compreendera que Golenistchev, mercê da solidão em que vivia, lhe permitia tratá-lo como amigo e que não devia fingir diante dele.

— Dedicas-te à pintura? — perguntou Golenistchev, dirigindo-se bruscamente a Vronski.

— Sim, em tempos pintei, e agora voltei a interessar-me um pouco pela pintura — respondeu este, corando.

— Tem muito talento — disse Ana, com um sorriso alegre. — Aliás, não é a mim que compete dizê-lo, assim o dizem os entendidos.

CAPÍTULO VIII

Ana, naquele primeiro período de liberdade e de rápida convalescença, sentia-se muito feliz e era grande a sua alegria de viver. A lembrança da infelicidade do marido não lhe amortecia a ela a felicidade própria. Por um lado, era demasiado terrível essa lembrança para pensar nela e por outro proporcionara-lhe felicidade de mais para poder arrepender-se do que fizera. A lembrança do que lhe acontecera após a doença: a reconciliação com o marido, o rompimento, o desastre de Vronski, a visita deste, os trâmites do divórcio, o abandono do lar, a despedida do filho, tudo isso lhe parecia um pesadelo de que não acordara senão depois de se ver com Vronski no estrangeiro. A recordação do mal que causara ao marido despertava nela um sentimento em que havia como que repugnância. Sentia o que costuma sentir uma pessoa que, prestes a afogar-se, consegue libertar-se de outra que se lhe agarrou ao pescoço, deixando-a morrer. De facto, aquilo não estava certo, mas era a única maneira de se salvar. Mais valia não pensar nesses terríveis pormenores.

Um pensamento consolador acerca do procedimento que tivera lhe acudiu então ao espírito no primeiro lance do rompimento, e ao evocar mais tarde o passado de novo ele se lhe representara. “Causei a inevitável desgraça daquele homem”, pensou, “mas não quero aproveitar-me dela. Também eu sofro e hei-de continuar a sofrer. Perco o que mais apreciava, o meu nome de mulher honrada, e perco o meu filho. Procedi mal e por isso mesmo não desejo ser feliz: não quero o divórcio, padecerei a desonra e a separação do meu filho.” Mas apesar deste seu sincero desejo de sofrer, Ana não sofria. E não padecia desonra alguma. Com o tacto de ambos, evitavam, no estrangeiro, as senhoras russas e nunca se colocavam em falsas situações. Encontravam sempre quem fingisse compreender ainda melhor do que eles próprios a situação em que viviam. A perda do filho, a quem tanto queria, tão-pouco atormentara Ana de princípio. A menina era tão graciosa e cativara-a tanto desde que estava só com ela, que raras vezes se lembrava do menino.

A ânsia de viver, maior ainda desde que se salvara, era tão forte e as condições em que vivia tão novas e agradáveis que Ana se sentia muito feliz. Quanto mais conhecia Vronski, mais o amava. Queria-lhe por si mesma e pelo amor que ele lhe tinha. Tê-lo a ele por completo era para ela uma alegria constante; a sua presença não podia ser-lhe mais agradável. Às facetas do seu carácter, que cada vez conhecia melhor, queria-lhes indescritivelmente. O seu aspecto físico, muito mudado desde que se vestia à paisana, deslumbrava-a como a uma

rapariguinha enamorada. Tudo o que ele dizia, fazia ou pensava era para Ana qualquer coisa de especial, de elevado e de nobre. A admiração que por ele sentia chegava, muitas vezes, a assustá-la: e então tentava ver nele alguma coisa de menos admirável. Não se atrevia a mostrar-lhe como se reconhecia insignificante. Afigurava-se-lhe que, se Vronski o viesse a saber, mais depressa deixaria de amá-la, embora, realmente, não tivesse motivos para recear semelhante coisa. O certo era, porém, que não podia deixar de lhe agradecer a maneira como a tratava nem podia deixar de lhe mostrar quanto o apreciava. Segundo ela, Vronski, com uma vocação tão definida para a carreira oficial, onde podia ter alcançado um alto posto, sacrificara por ela as suas ambições, sem jamais ter mostrado arrependimento, por menor que fosse. Tratava-a com mais carinho e respeito do que antes, sempre preocupado para que ela não sentisse a irregularidade da sua actual situação. Ele, tão varonil, não só a não contrariava nunca como parecia não ter vontade própria, procurando a cada passo adivinhar-lhe os desejos. E Ana não podia deixar de o apreciar, ainda que às vezes a fatigassem tantas atenções e o ambiente de cuidados em que se sentia envolvida.

Quanto a Vronski, embora visse realizado desejos que por tanto tempo acalentara, não era completamente feliz. Eterno equívoco de quantos julgam a felicidade a satisfação de todos os desejos, também ele apenas obtivera algumas poucas parcelas da ventura com que sonhara. Nos primeiros tempos, logo após a demissão que pedira do seu posto, muito bem lhe soube a liberdade conquistada. Mas o encantamento foi de curta duração: o tédio o veio substituir. Quase sem dar por isso, ei-lo a procurar novas aspirações, e até caprichos passageiros se lhe afiguravam sérias ambições. Ocupar dezasseis horas por dia no estrangeiro, isento do cumprimento de todos os deveres sociais a que estava habituado em Sampetersburgo, não era coisa fácil. Escusado pensar nas distracções a que se consagrara em viagens anteriores. Uma ceia com amigos levara

Ana a um acesso de desespero de algum modo intempestivo. Aliás, a situação não lhe permitia manter relações com a colônia russa ou a sociedade indígena. No que dizia respeito às curiosidades locais, além de as conhecer já, na sua qualidade de russo e de homem de espírito, não lhes atribuía a importância exagerada que os Ingleses costumam conferir a essa espécie de coisas. Como um animal esfaimado se precipita sobre o primeiro objecto ao alcance dos dentes, Vronski, inconscientemente, atirava-se a tudo que lhe podia servir de alimento: política, pintura, livros novos.

Em rapaz mostrara algumas aptidões para a pintura e, sem saber que fazer ao dinheiro, comprara uma colecção de gravuras. Eis, pois,

que se decidira agora pela pintura para ter alguma coisa em que se entreter. Gosto não lhe faltava, e a isso associava uma capacidade de imitação que tomava por verdadeira faculdade artística. Julgava-se capaz de abordar todos os gêneros, pintura histórica, religiosa, realista, mas nem pela cabeça lhe passava que um pintor à inspiração obedecesse antes de mais nada, indiferente aos gêneros. Em vez de olhar para a vida real, só a via através das representações dos outros artistas. Eis por que não lograva pintar outra coisa que não fossem imitações, aliás agradáveis e facilmente conseguidas. Prezava acima de tudo as obras graciosas e de efeito da escola francesa, e nesse gosto principiara um retrato de Ana em trajes italianos. Todos os que viam esse retrato mostravam-se tão satisfeitos como o próprio Vronski.

CAPÍTULO IX

O velho e abandonado *palazzo,* de altos tectos apainelados, frescos nas paredes, o chão de mosaico, pesadas cortinas de seda amarela nas esguias janelas, jarrões nas consolas e chaminés, portas entalhadas e sombrias salas de paredes cobertas de quadros, dava a Vronski, desde que nele se instalara, quanto mais não fosse pelo seu aspecto exterior, a agradável ilusão de que não era proprietário russo e coronel reformado, mas pintor modesto (amador entendido e protector das artes) que renunciara ao mundo e às ambições por uma mulher amada.

O papel escolhido por Vronski ao mudar-se para o *palazzo* obteve um êxito completo, e como veio a conhecer, através de Golenistchev, algumas pessoas interessantes, nos primeiros tempos sentiu-se tranqüilo. Fazia esboços do natural sob a direcção de um professor italiano e estudava a vida medieval da Itália. Ultimamente, de tal sorte essa vida o havia cativado que principiara a usar chapéu e capa medievais, coisas que aliás lhe ficavam muito bem.

— Vivemos aqui sem nada sabermos do que se passa à nossa roda

— disse certa manhã Vronski a Golenistchev, que o fora visitar. — Viste o quadro de Mikailov? — acrescentou, apresentando-lhe um jornal russo que acabava de receber.

Era um artigo sobre um pintor russo que vivia naquela mesma cidade italiana e que terminara um quadro de que se falava muito e já estava vendido mesmo antes de concluído.

No referido artigo censurava-se o Governo e a Academia de Belas-Artes pelo facto de um pintor tão notável carecer de estímulo e de auxílio.

— Vi — respondeu Golenistchev. — Não lhe faltam qualidades, mas vai por um caminho completamente errado. Tem uma concepção de Cristo e dos temas religiosos inspirada em Ivanov, Strauss e Renan, sempre a mesma.

— Que representa o quadro? — perguntou Ana.

— Cristo diante de Pilatos. Cristo é figurado como um hebreu, com todo o realismo da nova escola.

Conduzido por aquela pergunta a um dos seus temas favoritos, Golenistchev principiou a expor as suas ideias.

— Não percebo como podem cair em erros tão vulgares. Cristo tem já uma encarnação definitiva na arte dos mestres antigos. Se querem

representar um revolucionário ou um sábio, que vão à história e peguem em Sócrates, em Franklin ou em Carlota Corday, mas deixem Cristo em paz. É a única personagem em que a arte não devia tocar, e no entanto...

— É verdade que Mikailov é assim tão pobre? — perguntou Vronski, convencido de que ele, como mecenas russo, sem se preocupar com o valor do quadro, devia ajudar o pintor.

— Tenho as minhas dúvidas. É um retratista notável. Viram o retrato que ele fez da senhora Vaciltchikov? Acho, porém, que já não quer pintar mais retratos e por isso talvez precise de dinheiro. Creio que...

— Poderíamos pedir-lhe que pintasse o retrato de Ana Arkadievna? — perguntou Vronski.

— O meu retrato, por quê? — interveio esta. — Depois do retrato que tu me fizeste, não quero outro. É melhor que pinte o de Anny (assim chamava à filha). Ela aí vem — acrescentou, vendo, através da janela, a ama, a formosa italiana que fora passear a menina ao jardim. E relanceou um olhar furtivo a Vronski. A bela mulher, cuja cabeça Vronski pintava, era a única sombra negra na vida de Ana. Ao pintá-la, Vronski admirava-lhe a beleza e o aspecto medieval, e Ana, sem coragem de reconhecer que ela lhe inspirava ciúmes, tratava-a com particular afecto, a ela e ao filho.

Vronski também olhou para o jardim, depois fitou Ana, e, voltando-se em seguida, para Golenistchev, disse-lhe:

— Conheces Mikailov?

— Às vezes encontrava-o. É um homem excêntrico e sem educação. Um desses selvagens como agora se vêem muitas vezes, um desses livres-pensadores que se voltam *d'emblée*(Nota 42) para o ateísmo, para o materialismo, para a negação de tudo. Antigamente — continuou Golenistchev, sem deixar, que Ana ou Vronski abrissem a boca — o livre-pensador era um homem educado no respeito da religião, da lei, da moral, que não chegava a essa paixão senão depois de uma grande luta interior. Mas agora temos um novo tipo: esses livres-pensadores que se tornam livres-pensadores sem nunca terem ouvido falar de leis morais e religiosas e que apenas conhecem o sentimento da negação, numa palavra, uns autênticos selvagens. Mikailov pertence a esse número. Filho, segundo ouvi dizer, de um mordomo moscovita, não sabe o que seja educação. Depois de freqüentar a Escola de Belas-Artes e de ter adquirido certa reputação, quis instruir-se, pois não é nenhum tolo. Para isso recorreu àquilo que se lhe afigurou a fonte de toda a ciência, isto é, aos jornais e às revistas. Outrora, quando alguém queria instruir-se, por exemplo, um francês, que fazia ele? Estudava os

clássicos, os teólogos, os dramaturgos, os historiadores, os filósofos. Estão a ver o trabalho que o esperava. No nosso país é tudo muito mais simples: basta uma pessoa atirar-se à literatura subversiva para muito rapidamente assimilar um extracto completo de tal ciência. Há uns vinte anos, ainda esta literatura mostrava vestígios da sua luta contra as tradições seculares, o quanto bastava para ensinar que tais coisas existiam, mas agora nem mesmo se dá ao trabalho de combater o passado, contenta-se em negar francamente: tudo é *évolution,* selecção, luta pela vida. No meu artigo...

Ana, que compreendera já nos olhares que trocara com Vronski que a este lhe não interessava a cultura do pintor e apenas desejava ajudá-lo, encomendando-lhe um retrato, disse, interrompendo, resolutamente, o palavreado de Golenistchev:

— Sabe o que devemos fazer? Vamos visitá-lo!

Golenistchev concordou, satisfeito, e como o atelier do artista ficava num bairro excêntrico decidiram tomar uma carruagem.

Uma hora depois, Ana Golenistchev e Vronski chegavam em frente de uma casa moderna, porém feia. A mulher do porteiro informou que Mikailov deixava visitar o atelier e que naquele momento estava em casa, a dois passos dali. Então os visitantes enviaram-lhe os seus cartões de visita, pedindo-lhe autorização para ver os seus quadros.

CAPÍTULO X

O pintor Mikailov estava a trabalhar, como sempre, quando lhe entregaram os cartões de visita do conde Vronski e de Golenistchev. Pela manhã trabalhara no atelier num quadro grande. Ao voltar para casa, zangara-se com a mulher, porque esta não respondera como devia à dona da casa, que lhe exigia o dinheiro da renda.

— Já te disse vinte vezes que não tens que dar-lhe explicações! És uma estúpida e quando te pões a explicar em italiano, então ficas estúpida de todo — dissera-lhe depois de uma grande discussão.

— Mas também por que te atrasas tu tanto no pagamento? Eu não tenho a culpa. Se tivesse dinheiro...

— Deixa-me em paz, por amor de Deus! — exclamou Mikailov, com a voz embargada de soluços.

E tapando os ouvidos enfiou para o gabinete de trabalho e fechou a porta. "Que estúpida!", exclamou para consigo mesmo. Abriu uma pasta e pôs-se a trabalhar com afinco num apontamento principiado. Nunca trabalhava com maior entusiasmo e acerto como quando as coisas lhe corriam mal e sobretudo quando discutia com a mulher.

"Oh, diabos me levem!", pensava enquanto prosseguia no seu trabalho. Desenhava a figura de um homem num acesso de cólera. Já tentara antes esse mesmo desenho, mas não ficara contente. "Não, o outro era melhor. Onde estará?" Foi ao quarto da mulher e, carrancudo, sem olhar para ela, perguntou à filha mais velha onde estava o papel que lhes dera. Acabaram por encontrar o papel com o desenho, mas sujo e cheio de pingos de estearina. Mesmo assim Mikailov pegou nele e pô-lo em cima da mesa. Depois, afastando-se e piscando os olhos, principiou a olhar para ele. De súbito, sorriu e bateu palmas alegremente.

— É assim! É assim! — exclamou. Pegando num lápis pôs-se a desenhar célere. Uma nódoa de estearina dava à figura nova atitude. Enquanto desenhava, Mikailov lembrou-se do rosto enérgico e proeminente do comerciante a quem comprava os cigarros e aproveitou-o para modelo do homem que desenhava. Desatou a rir, muito contente.

Subitamente, a figura, até aí morta e artificial ganhou vida e uma vida tão intensa que já nada a podia modificar. A figura vivia; clara e indiscutivelmente, podia dizer-se terminada. Era possível corrigir o apontamento segundo as exigências dessa figura, até podia, devia mesmo colocar-se-lhe as pernas de maneira diferente, mudar a posição

da mão esquerda e repuxar os cabelos para trás. No entanto, ao proceder a tais correcções, Mikailov não modificaria a figura, desprezando tão-sòmente o que a ocultava. Era como se afastasse véus que a não deixavam ver. Cada novo traço lhe dava mais relevo, mostrando-a em todo o seu vigor, tal como se lhe aparecesse, a ele, Mikailov, a forma humana que a nódoa de estearina lhe fizera conceber. Ria de satisfação.

Acabava ele, cuidadosamente, este desenho quando lhe trouxeram os dois cartões de visita.

— Já vou! Já vou! — respondeu. Depois passou pelo quarto da mulher.

— Bom, basta, Sacha, não estejas zangada — disse-lhe, com um sorriso terno e tímido. — Ambos tivemos culpa. Eu arranjarei tudo.

Reconciliado com a mulher, enfiou um paletó cor de azeitona, de gola de veludo, pegou no chapéu e dirigiu-se ao atelier. Esquecera-se do desenho. Já não pensava noutra coisa senão na visita daquelas grandes personalidades russas, que de carruagem vinham admirar-lhe o quadro, esse quadro que ele, no seu foro íntimo, considerava único no gênero. Não que o julgasse superior aos de Rafael, mas a. impressão que ele produzia afigurava-se-lhe completamente nova. No entanto, apesar dessa convicção em que estava, convicção que datava do dia em que principiara o quadro, atribuía grande importância à opinião do público e a expectativa desses ruídos perturbava-o até ao fundo da alma. A mais insignificante observação em apoio do seu ponto de vista causava-lhe raptos de entusiasmo. Atribuía aos críticos uma profundeza de vistas que ele próprio não tinha e esperava vê-los descobrir no quadro aspectos que ele próprio ainda não reparara.

Avançava em passo largo e logo se sentiu surpreendido, apesar da emoção, com a presença de Ana, a qual, de pé à sombra do portal, conversava com Golenistchev e observava o artista. Este, sem mesmo ter disso consciência, imediatamente aferrolhava algures no cérebro a impressão que acabava de ter e de lá viria a exumá-la um dia como o mento do homem que lhe vendia charutos.

As descrições de Golenistchev predispuseram mal os visitantes para com o pintor, e o certo é que o aspecto exterior deste logo veio reforçar a prevenção em que estavam. Com o seu andar agitado e a sua gorda cara vulgar, onde a arrogância lutava com a timidez, esse rapagão atarracado, de chapéu castanho, paletó cor de azeitona e calça apertada, desagradou-lhes sobremaneira.

— Dêem-me a honra de entrar — disse ele, fingindo um ar indiferente, enquanto abria para os visitantes a porta do atelier.

CAPÍTULO XI

Quando entraram no atelier, Mikailov voltou a mirar os seus visitantes e fixou também na mente a expressão de Vronski e, sobretudo, as suas maçãs do rosto muito salientes. O senso artístico daquele homem trabalhava, a despeito da perturbação que o tomava, entesourando constantemente novos materiais. As suas observações finas e justas apoiavam-se em índices imperceptíveis. Aquele (Golenistchev) era um russo estabelecido na Itália. Mikailov lembrava-se, não do seu nome, nem do local onde o encontrara, nem das palavras que com ele trocara, mas muito simplesmente dos traços do seu rosto, como, de resto, acontecia com todas as pessoas que encontrava; e lembrava-se de o ter já classificado na imensa categoria das fisionomias destituídas de carácter, apesar do seu falso ar de originalidade. Cabelos compridos e a testa muito descoberta davam a esse rosto uma individualidade puramente exterior, enquanto que um vislumbre de expressão, uma agitação pueril se concentrava no estreito espaço que lhe separava os dois olhos. Quanto a Vronski e a Ana Mikailovna, imediatamente reconheceu neles dois russos distintos que, nada percebendo de coisas de arte, se davam ares, como acontecia a todos os russos abastados, de amadores e entendidos. "Naturalmente já percorreram todos os museus e depois de terem visitado o parlapatão de um alemão qualquer e depois de terem visto um desses pré-rafaelistas ingleses dignaram-se vir aqui para completarem a revista." Mikailov sabia muitíssimo bem que ao visitarem os ateliers dos artistas contemporâneos, os diletantes — a principiar pelos mais inteligentes — só pensam numa coisa: em proclamarem, com conhecimento de causa, a superioridade da arte antiga sobre a arte moderna. Esperava tudo isso e pela indiferença com que aqueles visitantes conversavam entre si, passeando pelo atelier, olhando a esmo bustos e manequins, dava-se conta de que assim era. No entanto, apesar de prevenido e da íntima convicção em que estava de que os russos abastados e de alta estirpe não passavam de imbecis e de brutos, exibia os seus estudos, com os estores e descobria o seu quadro com mão trêmula. Realmente não podia esconder que Vronski e Ana sobretudo lhe agradavam.

— Façam favor — exclamou ele, recuando alguns passos no seu andar desengonçado, para mostrar o quadro aos visitantes — É Cristo diante de Pilatos S. Mateus, CAPÍTULO 27. Sentiu que os lábios lhe tremiam de emoção e recuou para ficar atrás dos visitantes. Durante os segundos de silêncio que se seguiram, Mikailov olhou para o quadro, alheio, como se fosse um dos visitantes. Daquelas três pessoas,

a quem ainda há momentos desprezava, aguardava agora uma sentença infalível. Banida a sua própria opinião e os méritos incontestáveis que havia três anos reconhecia ao seu quadro, via o agora com o olhar crítico e frio daqueles estranhos e nele não encontrou nada que se aproveitasse. Via, no primeiro plano, o rosto de Pilatos, de má catadura, e o de Cristo, sereno, e, no segundo, as figuras dos soldados de Pilatos e o semblante de S. João, que observava o acontecimento. Todas essas máscaras, com o seu carácter peculiar, conseguidas depois de tanta procura, de tantos erros e correcções e que tantos tormentos e tantas alegrias lhe tinham proporcionado, todas essas figuras, tantas vezes deslocadas em busca de harmonia do conjunto, dos matizes do colorido e dos tons que com tanto trabalho conseguira, tudo isso lhe parecia agora, visto através dos olhos dos visitantes, uma coisa trivial, milhares de vezes repetida. A máscara que mais apreciava, a de Cristo, ponto central do quadro, que tanto entusiasmo lhe despertara ao descobri-la, perdera todo o seu valor observada do ponto de vista dos visitantes. Via uma repetição bem realizada (e, até, não muito, pois estava vendo agora muitos defeitos), quer dos inúmeros Cristos de Ticiano, de Rafael e de Rubens, quer dos guerreiros e de Pilatos. Tudo aquilo era vulgar, pobre, velho, e, mesmo, mal pintado, em cores ordinárias e com pouco carácter Teriam toda a razão se apenas pronunciassem algumas frases de fingido elogio na presença do pintor e o lamentassem, troçando dele, quando se vissem a sós.

Aquele silêncio foi demasiado penoso para Mikailov (embora não tivesse durado mais de um minuto). Para o interromper e mostrar que não estava preocupado, fez um esforço sobre si mesmo, dirigindo-se a Golenistchev:

— Creio que já tive o gosto de o conhecer — disse, olhando, inquieto, ora para Ana ora para Vronski, para não perder um só pormenor da sua expressão.

— Efectivamente, encontrámo-nos em casa de Rossi. Não se lembra? Naquele serão em que declamou uma senhora italiana, a nova Raquel — replicou, com naturalidade, Golenistchev, afastando o olhar do quadro, sem que isso nada lhe custasse.

No entanto, ao perceber que Mikailov aguardava a sua opinião, disse:

— O seu quadro fez muitos progressos desde a última vez que o vi. E agora, como então, surpreende-me muito a figura de Pilatos. Está ali bem reflectido o homem bom e simpático que ele era, embora burocrata até ao fundo da alma, o homem que ignora por completo a seqüência dos seus actos. Mas parece-me.

O rosto vivo de Mikailov iluminou se subitamente, chisparam lhe os olhos. Quis dizer alguma coisa, mas, entupido pela emoção, fingiu tossir Embora apreciasse pouco a capacidade artística de Golenistchev, abstraído da insignificância daquela justa observação a respeito do rosto de Pilatos e da humilhação que resultava de um comentário tão insignificante, pois esquecia o principal, Mikailov sentiu-se entusiasmado com aquele parecer. Pensava da figura de Pilatos o mesmo que Golenistchev. Embora aquele comentário representasse apenas um entre dois milhões de comentários justos que podiam fazer-se ao seu quadro, nem por isso lhe pareceu menos importante a observação de Golenistchev. Despertava-lhe simpatia, e de súbito o abatimento em que estava transformou se em entusiasmo Imediatamente o quadro se animou, aos seus olhos, de uma complexidade inexplicável em tudo que tinha de vivo. Mikailov tentou repetir que também interpretava assim a figura de Pilatos, mas os lábios tremeram-lhe, a pesar seu, e não foi capaz de pronunciar palavra. Vronski e Ana falavam em voz baixa, como é hábito nas exposições, em parte para não incomodar o pintor e em parte também para não dizerem qualquer tolice em voz alta, coisa que tão facilmente pode suceder em assuntos artísticos Mikailov, persuadido de que o quadro também os impressionara, aproximou-se.

— Que expressão extraordinária a de Cristo? — disse Ana. De tudo quanto via o que mais lhe agradava era essa expressão. Percebera que representava o centro do quadro e que, elogiando-a, seria agradável ao pintor — Sente-se que tem pena de Pilatos.

Esta observação era também do número dos milhões de observações justas a fazer ao quadro e à figura de Cristo. Ana dissera que Cristo tinha pena de Pilatos. Era natural que o rosto de Cristo exprimisse a resignação perante a morte, renúncia a toda a palavra vã, paz sobrenatural, supremo amor, e, por conseqüência, piedade para com todos os inimigos Pilatos, ao contrário de Cristo, devia representar, necessariamente, a vida carnal, e, por conseguinte, ser figurado sob o aspecto de um vulgar burocrata. Entretanto o rosto de Mikailov iluminou-se.

— E que bem pintado! A atmosfera que se sente em volta desta figura! Podíamos andar à volta dela — disse Golenistchev, procurando mostrar, naturalmente, com esta observação que não aprovava o lado realista da figura de Cristo.

— Sim! Sim! Que mão extraordinária! — disse Vronski — E o relevo das figuras do segundo plano! É a isto que eu chamo técnica — acrescentou, dirigindo se a Golenistchev, a quem confessara, recentemente, a sua impotência para conseguir uma técnica assim.

— Não há dúvida, é extraordinário! — confirmaram Ana e Golenistchev.

Mas a observação de Vronski feriu Mikailov, que olhou para ele, franzindo o sobrolho.

Não compreendia lá muito bem o significado da palavra "técnica", mas várias vezes observara, até nos elogios que lhe faziam, que opunham habilidade técnica ao mérito intrínseco da obra, como se fosse possível pintar com talento uma má composição. Sabia, é certo, que era preciso muita destreza para fazer desaparecer, sem prejudicar a impressão geral, os véus, as aparências que escondem a verdadeira figura dos objectos; mas, na sua opinião, isso não fazia parte do domínio da técnica. Se uma criança ou uma cozinheira vissem o que ele via, eis quanto bastava para saberem dar corpo às suas visões. Em compensação, o mais hábil dos pintores técnicos não seria capaz de pintar mecanicamente sem ter primeiro a visão muito nítida da sua obra. Por outro lado, achava que a técnica, visto haver técnica, era precisamente o seu ponto fraco: nas suas obras, certos defeitos saltavam-lhe aos olhos, resultado, exactamente, da falta de prudência com que libertava os objectos dos véus que os escondiam.

— A única observação que me atrevo a fazer, se me dá licença... — disse Golenistchev.

— Pois claro, com muito gosto — respondeu Mikailov, com um sorriso forçado.

— É que o senhor pintou o homem-deus e não o Deus feito homem. Aliás, sei perfeitamente ser essa a sua intenção...

— Só podia pintar Cristo como eu próprio o compreendo — observou Mikailov, com expressão sombria.

— Nesse caso, desculpe um ponto de vista puramente meu. O seu quadro é tão notável que a minha observação em nada o poderá prejudicar... Aliás, o seu assunto é diferente. Mas vejamos, por exemplo, Ivanov(Nota 43). Por que quis ele reduzir o Cristo às proporções de figura histórica? Teria sido melhor escolher um tema novo, menos batido.

— Mas se este é o mais grandioso tema de toda a arte!

— Procurando, acabaria por encontrar outro. A arte, na minha opinião, não admite discussões. Ora, perante o quadro de Ivanov todas as pessoas, crentes ou incrédulas, formulam esta pergunta: é ou não um Deus? E a unidade da impressão é assim afectada por isso mesmo.

— Por quê? Acho que para as pessoas esclarecidas não pode haver mais dúvidas.

Golenistchev não era da mesma opinião e, convencido da sua ideia, acabou por derrotar o pintor numa discussão em que este não soube defender-se.

CAPÍTULO XII

Havia algum tempo já que Ana e Vronski se entreolhavam, deplorando a erudita verborréia do amigo. Por fim, Vronski aproximou-se de outro dos quadros pequenos, sem aguardar que o pintor o convidasse a vê-lo.

— Oh! Que maravilha! Que maravilha! É encantador! — exclamaram ao mesmo tempo Vronski e Ana.

"Que é que lhes terá agradado tanto!", pensou Mikailov. Já se não lembrava do quadro, pintado três anos antes. Esquecera o sofrimento e o entusiasmo que experimentara na composição dessa tela durante os meses em que viveu absorto nesse trabalho, dias e noites, coisa que, de resto, lhe acontecia sempre com as obras concluídas. Nem sequer gostava de olhar para elas; e se a expusera ali, era apenas porque aguardava um inglês que a queria adquirir.

— É um estudo muito antigo — disse.

— Mas é encantador! — exclamou Golenistchev, sem dúvida também fascinado pelo encanto do quadro.

Dois garotos pescavam com vara, à sombra de uns salgueiros. O mais velho, muito distraído, acabava de lançar a linha à água e desembaraçava a bóia presa num tronco: sentia-se todo entregue a esse grave cuidado. O outro, estendido na relva, com a cabeça loira, desgrenhada, apoiada no braço, olhava para a água com os seus olhos azuis muito cismadores. Em que estaria a pensar?

O entusiasmo que este quadro provocara despertou de novo em Mikailov a primitiva emoção; no entanto, ao mesmo tempo que a teima, desgostava-o aquela emoção inútil perante o passado. Eis por que, embora lhe agradassem os elogios, procurou desviar a atenção dos visitantes para um terceiro quadro.

Vronski, entretanto, perguntara-lhe se o queria vender. E Mikailov, perturbado pela presença daquela gente, não tinha ânimo para falar em assuntos de dinheiro.

— Está aí para vender — respondeu, franzindo o sobrolho, taciturno.

Assim que os visitantes saíram, Mikailov foi sentar-se diante do quadro do Cristo perante Pilatos, pensando no que lhe disseram e no que podia subentender-se dessas palavras. E coisa estranha, as observações que tão importantes lhe pareceram havia pouco na presença de estranhos e quando ele próprio se colocava no ponto de

vista deles, agora não tinham significado algum. Observando o quadro como artista, voltava a adquirir a plena convicção do seu alto valor, recuperando, assim, a disposição de espírito de que carecia para continuar o trabalho.

O pé de Cristo estava desproporcionado. Pegou na paleta e mãos à obra. Enquanto corrigia o pé, olhava a todo o momento para a figura de São Jorge, no segundo plano, que considerava a última palavra da perfeição, e em que os visitantes nem sequer tinham reparado. Tentou mexer-lhe também, mas, para trabalhar como devia, precisava de sentir-se menos perturbado, no termo médio entre a frieza e a exaltação. Naquele momento a agitação é que levava a melhor. Quis cobrir a tela, deteve-se, soerguendo a funda numa das mãos, e pôs-se a sorrir extasiado para S. João. Por fim, conseguindo, a custo, pôr termo àquela extasiada contemplação, deixou descair a funda e voltou para casa, fatigado mas feliz. Ao regressarem ao *palazzo,* Vronski, Ana e Golenistchev iam muito animados e alegres. Falavam de Mikailov e dos seus quadros. A palavra "talento" com que designavam uma faculdade que entendiam inata, física, por assim dizer independente da inteligência e do coração, e com a qual queriam definir tudo que o pintor sentia, insinuava se muito amiúde na conversa, visto precisarem dela para designar qualquer coisa que não sabiam o que era. Entendiam que se podia negar talento a Mikailov, mas que esse talento não se desenvolvera nele por falta de cultura, enfermidade de que sofriam os pintores russos. O quadro dos dois garotos ficara-lhes gravado na memória e a cada passo se lhe referiam "Que maravilha! Que bem pintado e que simples! Não devemos perder a oportunidade. É preciso comprá-lo", dizia Vronski.

CAPÍTULO XIII

Mikailov vendeu o quadro a Vronski e acedeu a pintar o retraio de Ana. No dia aprazado, apresentou se no *palazzo* e principiou a trabalhar. Na quinta sessão já o retrato a todos assombrava, sobretudo a Vronski, não só pela flagrância dos traços, mas pela sua própria beleza. Era extraordinário como Mikailov pudera captar a particular beleza de Ana "Dir-se-ia ser necessário conhecê-la a amá-la como eu a amo para apreender essa expressão espiritual", pensava Vronski, embora na realidade só através do retrato tivesse surpreendido essa expressão. Tão flagrante era, porém, que tanto ele como os demais julgavam tê-la visto sempre assim.

— Luto há tanto sem nada conseguir — disse, referindo-se ao retrato que ele próprio estava a pintar. — E a ele bastou um olhar para logo a reproduzir. Ora aqui está a importância da técnica.

— Lá chegarás — consolou-o Golenistchev, convencido de que Vronski tinha talento e sobretudo cultura, o que devia permitir lhe uma elevada concepção da arte.

A convicção em que estava de que Vronski tinha talento assentava, principalmente, na necessidade em que vivia dos elogios dele aos seus próprios trabalhos e da sua simpatia para com este: eram louvores emprestados.

Numa casa estranha e especialmente no palácio de Vronski, Mikailov era um homem completamente diferente. Estava sempre a mostrar-se ostensivamente respeitoso, como se receasse amizades com pessoas a quem não considerava. A Vronski tratava-o por "Excelência", e, não obstante a insistência de Ana e dele, nunca ficava para jantar nem nunca os visitava fora das horas consagradas ao retrato. Ana mostrava-se mais amável para com ele do que para com qualquer outra pessoa e estava-lhe grata pelo retrato. Vronski ia um pouco mais além da cortesia, e não havia dúvida que lhe interessava muito o juízo de Mikailov sobre o que pintava. Golenistchev aproveitava todas as oportunidades para comunicar a Mikailov as suas ideias sobre arte. Este, porém, continuava a mostrar-se frio para com todos. Ana percebia, pelos olhares de Mikailov, quanto ele gostava de a contemplar, embora evitasse conversar com ela. Quando Vronski se punha a falar da sua própria pintura, Mikailov calava-se obstinadamente e o mesmo fez quando ele lhe mostrou o quadro que pintava. As conversas de Golenistchev, ao que parecia, incomodavam-no, e não costumava responder-lhe.

De modo geral, Mikailov, reservado e desagradável no trato, não

agradou a ninguém quando vieram a conhecê-lo mais a fundo Foi com alívio que viram as sessões acabadas e Mikailov não voltar ao *palazzo,* deixando o quadro em recordação.

A Golenistchev coube ser o primeiro a exteriorizar a impressão por todos compartilhada, a saber, que Mikailov tinha inveja de Vronski

— Sim, não é inveja precisamente, visto que tem talento. Amesquinha-o a ideia de que um homem rico, cortesão e ainda por cima conde (toda essa gente odeia os títulos) consiga, sem esforço algum, tanto ou talvez mais do que ele, que à pintura consagrou a vida inteira. A cultura é que importa, e cultura é que ele não tem?

Vronski defendia Mikailov, mas, no fundo, era da mesma opinião, pois, segundo ele, um homem de uma esfera social inferior tinha, necessariamente, de se sentir invejoso.

O retrato de Ana, feito do natural, o de Mikailov e o dele, deviam apresentar as suas diferenças, mas Vronski não dava por elas. Só depois de Mikailov ter concluído o seu, Vronski desistiu de continuar o que ele próprio estava a pintar, dizendo que então já não valia a pena. Continuava, porém, a tela de assunto medieval. Tanto ele como Golenistchev, e Ana principalmente, eram de opinião de que esse quadro era excelente, pois se parecia muito mais com os quadros célebres do que o de Mikailov. Mikailov, por seu lado, apesar de muito lhe ter interessado o retrato de Ana, ainda se sentiu mais contente do que eles assim que o terminou: deixava de se ver obrigado a escutar as dissertações de Golenistchev sobre arte e podia esquecer-se até mesmo da pintura de Vronski Evidentemente que não podia proibi-lo de brincar com a pintura; tanto ele como os demais amadores estavam no seu direito de pintar o que lhes desse na gana. Mas isso indispunha-o. Claro que ninguém podia impedir que um homem fizesse uma grande boneca de cera e se pusesse a beijá-la. Mas se este homem viesse com a sua boneca sentar-se junto de um casal de namorados e principiasse a acariciá-la como um amante acaricia a mulher a quem ama, necessariamente que se sentiria mal. Eis o que Mikailov experimentava diante da pintura de Vronski. Além de lhe parecer ridícula, ofendia-o, provocava-lhe náuseas, sentia por ela compaixão. Durou pouco a paixão de Vronski pela pintura e pela Idade Média. Tinha suficiente instinto artístico para não concluir o quadro, reconhecendo que os seus defeitos, pouco evidentes de princípio, se tornavam clamorosos à medida que continuava a pintar. Coisa semelhante aconteceu a Golenistchev, o qual, percebendo que, no fundo, nada tinha para dizer, se iludia a si próprio, alegando que as suas ideias ainda não estavam maduras, que precisava de desenvolvê-las e que entretanto carrearia materiais. Todavia, enquanto este se irritava, Vronski mantinha perfeita calma: incapaz de se iludir a si

próprio e muito menos de se azedar, limitou-se a abandonar a pintura, com a sua habitual decisão, sem procurar justificações para o evidente malogro.

O certo é, porém, que, sem aquela actividade, a vida breve se lhe tornou insuportável naquele local. Ana, surpreendida a princípio com esse desencanto, bem depressa estava a pensar como ele. O *palazzo* pareceu-lhes, de súbito, velho e sujo, foi-lhes desagradável ver as nódoas das cortinas, as gretas do soalho, o gesso esboroado das cornijas; e fartos de aturar Golenistchev, o professor italiano e o viajante alemão, sentiram necessidade de mudar de vida. Decidiram regressar à Rússia, fixando-se no campo. Vronski estava resolvido a proceder em Sampetersburgo à partilha das propriedades com o irmão e Ana queria tornar a ver o filho. Projectava passar o Verão nas terras da família Vronski.

CAPÍTULO XIV

Havia dois meses já que Levine se casara. Era feliz, mas não como o esperava. A cada passo surgiam decepções, embora compensadas por imprevistos encantos. Ao principiar a sua vida de família, via-se obrigado a reconhecer a cada instante que era muito diferente do que sempre imaginara. Exactamente como aquele que depois de admirar o barquinho que singra, sereno e ligeiro, pelas águas de um lago, verifica, ao pôr os pés a bordo, que não basta ir quieto lá dentro, mas que é preciso estar atento a todo o momento ao rumo a seguir e à água que lhe corre por baixo, e que tem de remar e que lhe doem as mãos não acostumadas aos remos, outro tanto ocorria com o seu casamento. Em suma: era bem mais fácil olhar, pois, o barco do que fazê-lo singrar.

Quando ainda celibatário, as pequenas misérias da vida conjugal

— disputas, ciúmes, mesquinhas preocupações — mais do que uma vez o tinham feito sorrir no seu foro íntimo. Supunha que, uma vez casado, não só nada disso sucederia com ele, como até o aspecto exterior dessa vida seria completamente distinto. No entanto, a sua vida de casado não se apresentava diferente. Parecia constituída precisamente dessas magnas ninharias que tanto depreciara e agora, a pesar seu, ganhavam uma importância indiscutível, extraordinária. E reconheceu não ser tão fácil como pensava evitar semelhantes pequenezas. Embora pensasse que conhecia muito bem a vida de família, como todos os homens, imaginava nela apenas as satisfações do amor, sem obstáculos nem contrariedades. Segundo ele, o amor devia ser a compensação do trabalho e a mulher contentar-se em ser adorada; esquecia que esta também tinha direito a uma certa actividade pessoal. Grande foi, pois, a sua surpresa ao ver, logo nos primeiros dias da vida em comum, a delicada e poética Kitty a pensar nos móveis, nos colchões, na roupa da cama, na mesa, na cozinha. Ainda em noivos o facto de ela se ter oposto à viagem de núpcias, preferindo desde logo instalar-se na aldeia, contrariara Levine: saberia ela melhor do que ele o que a ambos convinha? Como era possível que ela pensasse em qualquer outra coisa que não fosse o seu amor? E mesmo agora ainda não pudera habituar-se àquela sua preocupação com as coisas materiais, afinal inerente à natureza de Kitty. No entanto, embora, por isso mesmo, se mostrasse com ela quizilento, o certo é que gostava de a ver orientar a instalação dos móveis recém-chegados de Moscovo, arranjar os quartos a seu gosto, dependurar os cortinados, dispor este aposento para a Dolly, aquele para as visitas, acomodar a aia, destinar as refeições com o velho cozinheiro da casa,

discutir com Agáfia Mikailovna e tirar-lhe as chaves da despensa. O cozinheiro sorria, admirado, quando ela lhe transmitia as suas instruções um tanto fantasistas, que não podiam executar-se, e Agáfia Mikailovna abanava a cabeça, pensativa, ao ouvir as novas ordens que lhe dava a nova ama. E esta, entre risonha e lamurienta, vinha queixar-se, ao marido, de Macha, a aia, que se não desabituava de a tratar por "menina", dizendo que ninguém a queria tomar a sério. Levine sorria, e conquanto a achasse encantadora, teria preferido que ela não metesse o bedelho em coisa alguma. Não podia compreender que, habituada a reprimir as suas fantasias em casa dos pais, agora, dona de casa, experimentasse como que uma vertigem o ver-se com autoridade para comprar montes de bombons, para encomendar os doces que lhe apetecessem, para gastar o dinheiro como lhe aprouvesse.

Se aguardava, impaciente, a chegada de Dolly era sobretudo para lhe mostrar a sua casa e mandar fazer para os sobrinhos a sobremesa de que eles mais gostassem. Sem saber porquê, as tarefas caseiras atraíam-na irresistivelmente. Embora pressentisse a Primavera, sabia que ainda haveria mais tempo e arranjava o ninho à sua maneira, dando-se pressa ao mesmo tempo em aprender a fazê-lo.

Esta preocupação de Kitty com as coisas miúdas, tão contrária ao elevado ideal de felicidade que Levine esperava dos primeiros tempos do seu casamento, constituía uma das suas desilusões. No entanto, essa simpática preocupação, que Levine não compreendia sem deixar de a apreciar, era também um dos seus novos encantos.

Desilusão e encanto ao mesmo tempo, e por outro lado eram as discussões. Levine nunca imaginara que entre ele e a mulher pudessem existir relações que não fossem ternas, amorosas e plenas de respeito. Mas a verdade é que nos primeiros dias de casados tanto discutiram que Kitty se pôs a chorar, dizendo que ele a não amava e que só se amava a si próprio.

A primeira discussão veio certo dia em que Levine fora de visita a uma granja nova e se atrasou meia hora, pois se perdera num atalho. Voltava para casa a pensar em Kitty, só em Kitty, no seu amor, na sua felicidade, e quanto mais se aproximava tanto maior era nele a ternura que sentia por ela. Entrou em casa a correr, tanto ou mais emocionado do que no dia em que entrara em casa dos Tcherbatski para pedir a mão de Kitty. Esta, porém, acolhera-o com uma expressão tão carrancuda como nunca lhe vira. Quis beijá-la e ela repeliu-o.

— Que tens tu?

— Diverte-te... — disse Kitty, procurando mostrar-se tranqüila e mordaz.

Quando, finalmente, falou, foi um nunca acabar de censuras por causa de uns absurdos ciúmes e pelo que sofrera aquela meia hora sentada, imóvel, junto à janela, à espera dele. Só então Levine compreendeu pela primeira vez o que não compreendera quando a levara da igreja depois da boda. Compreendeu que não só lhe queria muito, como ignorava, mesmo, onde terminava ela e onde principiava ele, tão dolorosa a sensação de desdobramento que sentira naquele momento. Ao princípio, pareceu magoado, mas não tardou a compreender que Kitty o não podia magoar, visto ser parte dele próprio. Era como quando sucede sentirmos de repente nas costas uma dor aguda e ao voltarmo-nos, com a impressão de que alguém nos feriu, verificarmos tratar-se apenas de uma pancada acidental e não termos outro remédio senão sofrer calados o mal do que no fim de contas só nós próprios somos responsáveis.

Nunca, depois, tornaria a sentir tão intensamente essa impressão.

Custou-lhe encontrar o equilíbrio. Queria demonstrar a Kitty a sua injustiça, mas, ao provar-lhe que era ela quem estava em erro, irrita-la-ia ainda mais. Um sentimento natural o compelia a arredar de si próprio a culpa, atribuindo-a a ela, e outro, mais forte ainda, a reparar o sucedido o mais breve possível para não se agravar o desacordo. Se ser vítima de uma injustiça era cruel, irritá-la com o pretexto de uma justificação, pior ainda. Muitas vezes acontece lutar um homem que dorme com um sofrimento de que desejaria libertar-se, verificando ao acordar que é no fundo dele próprio que o sofrimento reside. Eis como Levine teve de reconhecer que o melhor remédio era a paciência.

A reconciliação foi imediata. Kitty, embora o não dissesse, reconhecia-se culpada. E mostrando-se ainda mais terna, a felicidade dos dois maior se tornou. No entanto, estas coisas repetiram-se com freqüência, por motivos fúteis, imprevistos, que a ambos faziam sofrer e muitas vezes ficavam de mau humor, pois ignoravam ainda o que para um e outro realmente tinha importância. Aqueles primeiros meses foram penosos para os dois. O mais pueril pretexto provocava mal-entendidos, cuja origem não tardava a dissipar-se e a esquecer. Cada um deles repuxava para o seu lado a cadeia que a ambos unia e a lua-de-mel de que Levine esperava maravilhas findou, deixando-lhes recordações assaz penosas. Depois, ambos procuraram tirar da memória esses milhares de incidentes ridículos e vergonhosos de um período durante o qual muito raramente estiveram em estado de espírito normal. Só no decurso do terceiro mês, depois de alguns dias em Moscovo, a vida se lhes tornou mais regular.

CAPÍTULO XV

Acabavam de regressar de Moscovo e rejubilavam com a solidão. Levine, à secretária, escrevia; Kitty, com o seu vestido violeta, de que o marido muito gostava, pois ela trouxera-o nos primeiros dias do casamento, aninhada no grande divã de couro, desde tempos imemoriais ali no gabinete de Levine, consagrava-se à sua *broderie anglaise*(Nota 44). Levine pensava e escrevia, sem deixar de sentir, feliz sensação, a presença de Kitty. Não abandonara as suas ocupações de lavrador nem esquecera a obra entre mãos em que pensava expor as bases da nova economia doméstica. Tal como outrora essas ocupações e ideias pareciam-lhe insignificantes quando comparadas às trevas que envolviam a sua vida, considerava-as agora sem importância, ínfimas ao pé da sua vida futura, inundada de luz radiosa. Trabalhando sempre, notava agora que a atenção se lhe concentrava noutro objecto e que, por conseguinte, via as coisas de maneira diferente e mais claras. Antigamente, o trabalho era para ele a justificação da vida. Sem ele a existência ser-lhe-ia sombria de mais. Agora, porém, precisava de continuar esses trabalhos para que se lhe não tornasse demasiado monótona por excesso de luz. Ao pegar de novo nos seus papéis e ao reler o que já escrevera, chegou à conclusão agradável de que o assunto merecia que se ocupasse dele. Muitas das suas ideias anteriores afiguravam-se-lhe supérfluas e exageradas, embora algumas lacunas se lhe tornassem palpáveis ao rever, de memória, todo o assunto. Escrevia agora um novo capítulo sobre as causas da desvantajosa situação da agricultura na Rússia. Demonstrava que a pobreza russa provinha não só de uma má distribuição das terras e de uma orientação equívoca, mas também de uma civilização estrangeira anòmalamente enxertada no país durante os últimos tempos e muito principalmente dos meios de comunicação, pois os caminhos de ferro haviam determinado a centralização nas cidades e concorrido para o desenvolvimento do luxo, tudo em detrimento da agricultura. As novas indústrias fabris, o crédito, o jogo da bolsa, seu companheiro fiel, eram ainda conseqüências dessa mesma civilização estrangeira. Levine sustentava que, num desenvolvimento normal da riqueza do Estado, essas manifestações surgiam apenas quando a agricultura estava bem desenvolvida, em condições normais ou pelo menos definidas. Achava que a riqueza de um país devia aumentar de maneira uniforme e sobretudo de forma que outras fontes de riqueza não ultrapassassem a cultura agrária. Na sua opinião, os meios de comunicação deviam corresponder a um determinado estado dessa cultura agrária e que, dado o sistema russo de explorações agrícolas, os caminhos de ferro, conseqüência de uma necessidade política, não

econômica, tinham chegado antes do tempo. Em vez de servirem de estímulo à economia agrária, como se esperava, superaram-na e paralisaram-na, provocando o desenvolvimento da indústria e do crédito. Sustentava que, tal como o desenvolvimento parcial e prematuro de uma parte do organismo animal impede o crescimento do todo, assim na Rússia o recurso ao crédito, as comunicações e a multiplicação das fábricas, talvez coisas necessárias na Europa, onde chegavam no momento oportuno, mas prejudiciais onde eliminavam o problema essencial — organização da agricultura —, tinham impedido o desenvolvimento da riqueza do país.

Enquanto Levine escrevia, Kitty pensava na amabilidade pouco natural do marido para com o jovem príncipe Tcharski, que se permitira cortejá-la, com pouco tacto, na véspera de saírem de Moscovo. "Tem ciúmes! Meus Deus! Que simpático e que tolo é! Tem ciúmes! Se ele soubesse que para mim valem tanto ou tão pouco como o Pedro, o cozinheiro", cismava, olhando para a nuca e para o pescoço vermelho de Levine, com uma estranha sensação de propriedade. "Ainda que me custe interrompê-lo no seu trabalho, não lhe faltará tempo para o fazer mais tarde; quero obrigá-lo a virar o rosto. Vamos a ver se percebe por que estou a olhar para ele. Quero que se volte para mim... Que se volte!" Kitty abriu mais os olhos, para reforçar o efeito daquele olhar.

— Sim, chamam a si todo o suco e adquirem um brilho falso — murmurou Levine, deixando de escrever, ao mesmo tempo em que notava que Kitty tinha os olhos nele. — Que é? — perguntou sorrindo e levantando-se.

"Voltou-se para mim", pensou ela.

— Nada, só queria que olhasses para mim — replicou Kitty, observando-o, desejosa de perceber se ele ficaria aborrecido com a interrupção.

— Que bom estarmos aqui os dois sozinhos! Quero dizer, para mim — exclamou Levine, aproximando-se da mulher, com um sorriso de felicidade em todo o rosto.

— E para mim também! Não me apetece ir a parte alguma, e muito menos a Moscovo.

— Em que estavas a pensar?

— Eu! Eu pensava... Não, não, continua a trabalhar, não te deixes distrair — volveu-lhe ela, franzindo os lábios. — Agora tenho de cortar todos estes olhinhos. Estás a ver?

Pegou na tesourinha de bordar.

— Não, diz-me lá em que estavas a pensar — repetiu ele, sentando-se ao lado dela com os olhos postos no movimento da tesoura.

— Em que estava eu a pensar? Em Moscovo e na tua nuca.

— Que fiz eu para merecer esta felicidade? Não é natural, é bonita demais — exclamou ele, beijando-lhe a mão.

— Não, quanto mais bonita é, tanto mais natural.

— Olha, tens aqui uma madeixa caída — disse ele, fazendo-a voltar a cabeça, cauteloso. — Vês?, aqui! Bom, vamos continuar o trabalho.

Mas não o fizeram, e quando Kuzma entrou, para lhes dizer que o chá estava na mesa, afastaram-se um do outro bruscamente, como se fossem apanhados em falta.

— Voltaram da cidade? — perguntou Levine ao criado.

— Agora mesmo. Estão a retirar a bagagem.

— Não te demores — disse Kitty, saindo do escritório. — De contrário leio as cartas sem ti. Depois vamos tocar a quatro mãos.

Quando ficou só, Levine pôs-se a arrumar os seus cadernos numa nova pasta, presente da mulher, lavou as mãos num lavabo novo, guarnecido de elegantes objectos de toucador, obra dela também, e, sorrindo para si mesmo, abanava a cabeça, como se se estivesse a reprovar. Atormentava-o qualquer coisa como um sentimento de remorso. A sua vida presente, de tão suave e tépida, quase lhe dava vergonha. “Não está certo viver assim”, pensava. “Já se passaram quase três meses e ainda não fiz nada. Foi hoje a primeira vez que me pus a trabalhar a sério, e com que resultado? Ainda mal principiava, logo interrompia a tarefa. Até abandonei as minhas ocupações habituais. Nem sequer percorro a pé ou a cavalo a propriedade. Ora tenho pena de deixar a Kitty sozinha, ora penso que vai aborrecer-se. E eu que supunha a vida de solteiro uma inutilidade, a pensar que a vida verdadeira só principiava depois do casamento! Vai em três meses que casámos e nunca a minha vida foi tão ociosa e tão inútil. Não, isto não pode ser. Tenho de principiar a trabalhar. Claro que a culpa não é dela. Nada há que censurar-lhe. Eu é que devia ter sido mais firme, e defender a minha independência masculina. Se continuar assim, acabarei por adquirir maus hábitos e farei com que ela os adquira também...”

É muito difícil, porém, que um homem descontente não acabe por culpar seja quem for, e muito principalmente quem lhe está mais próximo. E Levine, confusamente, ia pensando que não era Kitty a culpada (ela não podia ser culpada de coisa alguma), mas a educação que tivera, demasiado superficial e frívola. “Este estúpido Tcharski!

Nem sequer soube mantê-lo em respeito! A não ser com as coisinhas da casa, com o toucador, com a *broderie anglaise,* não se ocupa com mais nada. Tão-pouco mostra grande interesse pelas terras, pelos camponeses, pela música, que conhece bastante bem, ou pela leitura. Não faz nada e está plenamente satisfeita." Eis o que Levine pensava no seu íntimo sem compreender que se estava a preparar para um período de actividade que a obrigaria a ser ao mesmo tempo mulher, mãe, dona de casa, ama, educadora. Não percebia que, advertida por um instinto secreto acerca desta tarefa futura, se entregava àquelas horas de despreocupação e de amor, preparando alegremente o ninho futuro.

CAPÍTULOXVI

Quando Levine subiu ao primeiro andar, a mulher estava sentada diante de um samovar de prata e de um serviço de chá, novo também. Depois de haver instalado diante de uma mesinha Agáfia Mikailovna e de lhe ter servido uma chávena de chá, pusera-se a ler uma carta de Dolly, com quem mantinha correspondência assídua.

— Vê? A sua senhora mandou-me sentar junto dela — disse Agáfia Mikailovna, sorrindo com amizade para Kitty.

Graças a estas palavras, Levine depreendeu que se dera o desenlace da tragédia ultimamente desenrolada entre Agáfia Mikailovna e Kitty. Verificou que, apesar do desgosto que causara â velha criada, ao retirar-lhe as rédeas do governo, Kitty vencera, conseguindo fazer-se estimar.

— Abri uma carta para ti — disse Kitty, entregando a Levine uma missiva escrita por pessoa inculta. — É daquela mulher, da mulher do teu irmão, ao que parece... Não a li. E esta é da minha família e de Dolly. Imagina que Dolly levou o Gricha e a Tânia ao baile infantil dos

Sormatski! Tânia ia vestida de marquesa.

Levine já a não ouvia. Corando, pegou na carta de Maria Nikolaievna, ex-amante do seu irmão Nicolau, e pôs-se a lê-la. Era a segunda vez que lhe escrevia. Da primeira comunicava-lhe que o irmão a deixara, sem que ela tivesse culpa, e acrescentava, com uma ingenuidade comovedora, que, embora de novo na miséria, nada pedia nem desejava nada. A única coisa que a afligia era a ideia de que Nicolau Dimitrievitch estivesse a consumir-se sem ela, com tão pouca saúde como tinha, e pedia-lhe que cuidasse dele. Agora aludia a outra coisa. Depois do encontro com Nicolau Dimitrievitch, tinham voltado a juntar-se em Moscovo, indo depois para uma cidade da província, onde ele arranjara colocação. Ali brigara com o superior e de novo voltara para Moscovo, tendo piorado pelo caminho. Parecia tão doente que não era natural que se curasse. “Lembra-se sempre do senhor, e além disso não temos dinheiro.”

— Lê o que Dolly diz de ti — exclamou Kitty com um sorriso; ao ver porém, a mudança que se operara no rosto do marido, calou-se, de repente. — Que tens? Que aconteceu?

— Diz-me que meu irmão Nicolau está à morte. Tenho de ir imediatamente.

A expressão de Kitty alterou-se-lhe, de súbito. Desapareceram-lhe da imaginação Tânia, vestida de marquesa, e Dolly.

— Quando partes? — perguntou-lhe.

— Amanhã.

— Irei contigo. Queres?

— Kitty! Que dizes? — exclamou Levine, num entono de censura.

— Que digo? — explicou ela, ofendida, ao notar o desgosto com que Levine acolhera o seu oferecimento. — Por que não hei-de eu ir? Não vou estorvar-te. Eu...

— Vou, porque meu irmão está à morte. Para que hás-de vir tu?...

— Para quê? Pela mesma razão que te diz para ires.

"Num momento tão grave para mim, a única coisa em que pensa é que vai aborrecer-se sozinha", pensou Levine. Eis o que o desgostou, tratando-se de assunto tão importante.

— É impossível — respondeu, secamente.

Agáfia Mikailovna, ao ver iminente uma discussão, pousou a chávena em silêncio e saiu da sala. Kitty nem deu pela sua saída. O tom das últimas palavras do marido ofendera-a muito particularmente. Via que ele não acreditava nela.

— Estou a dizer que, se partes, partirei contigo, irei, sem falta, contigo — disse, pressurosa e em tom irado. — Por que há-de ser impossível? Por que dizes tu que é impossível?

— Porque tenho de ir, só Deus sabe aonde e porque caminhos e estalagens... Tu apenas servirias para me embaraçar — replicou Levine, procurando não se alterar.

— Nada disso. Não preciso de nada. Onde tu puderes estar, eu...

— Quanto mais não seja, por causa dessa mulher, com quem tu não podes conviver.

— Não sei nada nem nada quero saber das pessoas que iremos encontrar. Só sei que o irmão do meu marido está à morte, que meu marido vai vê-lo e que eu vou com ele. Para...

— Kitty, não te zangues! Lembra-te de que num caso tão grave como este me é penoso ver-te misturar a uma dor verdadeira, como é a minha, uma verdadeira fraqueza: o receio que tens de ficar sozinha. Se sentes que te aborreces sem mim, vai para Moscovo.

— Como tu és! Sempre me atribuis sentimentos mesquinhos — exclamou ela, com a voz embargada por lágrimas coléricas. — Não se trata de fraqueza!... Entendo que o meu dever é não abandonar o meu marido num momento destes, mas tu confundes as coisas de propósito, queres magoar-me custe o que custar.

— Isto é horrível! Que escravidão! — gritou Levine, levantando-se, sem poder reprimir por mais tempo a sua indignação. Nesse mesmo instante, porém, compreendeu que se estava a ferir a si mesmo.

— Por que não ficaste solteiro? Serias livre. Para que te casaste, se já estás arrependido? — exclamou Kitty. E levantando-se de chofre correu para o salão.

Quando Levine veio ao seu encontro, Kitty soluçava.

Levine principiou a falar, procurando dizer qualquer coisa que se a não convencesse pelo menos a apaziguasse. Mas ela não o ouvia nem se apaziguava com coisa alguma. Então ele inclinou-se, pegou-lhe na mão, que se furtava, e beijou-a. Beijou os cabelos de Kitty e de novo lhe beijou a mão, mas ela continuava calada. No entanto, quando ele, agarrando-lhe o rosto entre as mãos, chamou: “Kitty!”, aplacou-se repentinamente. Depois de chorar um momento, fizeram as pazes.

Resolveram partir juntos no dia seguinte. Levine declarou-se convencido de que Kitty apenas queria ser-lhe prestável e de que não havia inconveniente algum na presença de Maria Nikolaievna junto do irmão. Porém, no fundo da sua alma, ia descontente consigo mesmo e com a mulher. Com ela, porque o não deixara ir só quando assim lhe parecia necessário (que estranho!, havia tão pouco tempo ainda que não ousava acreditar na felicidade de ser amado por Kitty e agora estava-se a sentir infeliz por ela o amar de mais!), e consigo mesmo, por se não ter sabido impor. Além disso, no seu foro íntimo, não se conformava com a idéia de que Kitty viesse a privar com a companheira do irmão e pensava, horrorizado, nos atritos que daí podiam resultar. Só à ideia de que a sua mulher, a sua Kitty, partilharia do quarto de uma rameira o fazia estremecer de horror e repugnância.

CAPÍTULO XVII

A estalagem da capital de província onde se alojara Nicolau Levine era uma dessas estalagens rústicas que, embora construídas de acordo com as comodidades modernas e nas melhores intenções de higiene e conforto, quando não de elegância, graças aos hóspedes que habitualmente as freqüentam, rapidamente se convertem em tabernas imundas com pretensões, acabando por serem piores do que as antigas casas de pasto, que essas, ao menos, não escondem a imundície. A de Nicolau Levine já chegara a esse estado. Tanto o soldado, de sujo uniforme, fumando, sentado à porta, que, ao que parecia, desempenhava funções de porteiro, como a triste e desagradável escada de ferro fundido, o criado descarado, de casaco sebento, a sala, com um ramo de flores de cera, cobertas de pó, a enfeitar a mesa, a sujidade, a poeira, a desordem por todo o lado e ao mesmo tempo certa pretensão a estalagem de caminho de ferro de relativa categoria, tudo isto, após aquele tempo de recém-casados, produzia em Levine um efeito deprimente, antes de mais porque a falsidade de quanto o rodeava era o que havia de menos conforme com o que o aguardava.

Como sempre acontece, depois de lhes terem perguntado de que preço queriam o quarto, nenhum se aproveitava: num deles estava um inspector dos caminhos de ferro, no outro um advogado de Moscovo e num terceiro ainda a princesa Astafieva, que vinha da aldeia. Disponível apenas tinham um quarto sujo, prometendo-lhes o quarto ao lado para passarem a noite. Enfadado com a mulher, ao ver que se estava a dar exactamente o que imaginara, isto é, que, no momento da chegada, com o coração alanceado pela ideia de como encontraria o irmão, se veria obrigado a preocupar-se com ela em lugar de correr para junto dele, Levine acompanhou-a ao quarto que lhes fora destinado.

— Vai-te! Vai-te! — disse Kitty, olhando para ele com uma expressão entre tímida e culposa.

Levine saiu em silêncio, e junto à porta encontrou-se com Maria Nikolaievna, que soubera da sua chegada, mas não se atrevia a entrar. Era exactamente a mesma de Moscovo: vestia o mesmo vestido, com os braços e o colo desnudados e tinha a mesma expressão, pouco inteligente e bondosa, no rosto picado de bexigas, apenas um pouco mais cheio do que então.

— Como está? Como se sente ele?

— Muito mal. Está na cama. Espera pelo senhor. Está... está com a sua esposa?

Levine não percebeu, de princípio, o que a embaraçava tanto, mas ela logo se explicou:

— Irei para a cozinha. Ele vai ficar muito contente. Lembra-se dela do estrangeiro.

Ao perceber que ela se referia a Kitty, não soube que responder-lhe.

— Vamos, vamos! — disse.

Ainda não dera dois passos, porém, abria-se a porta do quarto e Kitty surgia no limiar. Levine corou, contrariado, ao ver a mulher colocá-los a ambos numa falsa posição. Maria Nikolaievna ainda corou mais do que ele: quase a chorar, colou-se à parede, colhendo com ambas as mãos a ponta do xale, que se pôs a enrodilhar nos dedos vermelhos, sem saber que fazer ou dizer.

Levine viu no olhar que Kitty relanceara à infeliz mulher, incompreensível para ela, uma expressão de ávida curiosidade; mas foi obra de um instante.

— Então como está ele? — perguntou Kitty, dirigindo-se, primeiro ao marido, depois à mulher.

— Não podemos falar aqui — exclamou Levine, olhando, furibundo, para um cavalheiro de pernas claudicantes que passava absorto na sua vida.

— Então entrem — disse Kitty, dirigindo-se a Maria Nikolaievna, que a pouco e pouco se refazia. Mas, ao ver o rosto aterrado do marido, acrescentou: — Ou então, o melhor é irem os dois primeiro e chamarem- me depois.

Voltou a recolher-se e Levine dirigiu-se ao quarto do irmão.

Não esperava ver nem sentir o que viu e sentiu. Supunha encontrar Nicolau naquele estado ilusório, tão característico dos tísicos, que tanto o impressionara quando da primeira visita que lhe fizera, e mais magro e mais debilitado também, com sintomas de um fim próximo, porém ainda com figura humana. Contava vir a sentir grande piedade por esse irmão querido e reencontrar, mais fortes ainda, os terrores que outrora lhe inspirava a ideia da morte. Preparava-se para tudo, mas viu algo muito diferente do que esperava.

Num quarto sórdido, em cujas paredes pintadas os hóspedes deviam escarrar, separado do quarto contíguo, onde se ouviam vozes, por uma divisória insuficiente, numa atmosfera impregnada de maus cheiros, jazia, numa cama ligeiramente afastada da parede, um corpo com uma manta por cima. Uma das mãos desse corpo, que mais parecia um ancinho, estranhamente ligada a uma espécie de comprido fuso, alongara-se pela coberta. A cabeça, reclinada no travesseiro, deixava

ver os cabelos ralos, que o suor colava às fontes, e uma testa por assim dizer transparente.

"Será possível que este cadáver seja meu irmão Nicolau?", pensou Levine. Mas assim que se aproximou da cama, as dúvidas desvaneceram- se-lhe: bastou-lhe relancear a vista aos olhos que o outro levantou para ele e observar o ligeiro movimento dos lábios por baixo do bigode empastado, para compreender a terrível verdade: aquele corpo morto era o seu irmão vivo.

Os olhos brilhantes de Nicolau cravaram-se em Levine, graves e repreensivos. E imediatamente uma comunicação viva se estabeleceu entre eles. Levine notou a censura e sentiu remorsos, só com o lembrar-se de que era feliz.

Quando Constantino lhe pegou na mão, Nicolau sorriu. Era um sorriso débil, quase imperceptível, e não obstante não se alterar a expressão severa dos olhos do doente.

— Não esperavas encontrar-me assim — disse, a custo.

— Sim... Não — respondeu Levine, cuja língua se lhe entaramelara. — Por que me não avisaste antes? Isto é, antes de eu me casar. Andei à tua procura por toda a parte.

Tinha de falar, para não estar calado, mas não sabia que dizer, tanto mais que o irmão lhe não respondia, limitando-se a fitá-lo, fixamente, e a pesar, ao que parecia, o sentido de cada palavra. Levine disse ao irmão que Kitty viera com ele. Nicolau mostrou-se contente com isso, embora, ao mesmo tempo, receoso de a assustar com o estado em que estava. Houve um silêncio. De repente, o doente agitou-se e principiou a falar. Levine esperava que ele dissesse qualquer coisa importante, a avaliar pela expressão que lhe ia no rosto, mas Nicolau falou da sua saúde, acusou o médico, lamentando que não estivesse ali o célebre professor de Moscovo, percebendo Levine que ele ainda alimentava esperanças de cura.

Aproveitando o primeiro silêncio que se fez, Levine levantou-se na esperança de se libertar, por instantes, daquele sentimento penoso, alegando que ia chamar a mulher.

— Muito bem, e eu vou dizer que mandem limpar isto. Parece-me tudo sujo e cheirando mal. Macha, arranja o quarto — articulou o enfermo, dificultosamente. — E logo que acabes, vai-te embora — acrescentou, olhando interrogativo para o irmão.

Levine não respondeu. Ao sair do quarto, deteve-se no limiar da porta. Dissera que ia chamar a mulher, mas agora, ao dar-se conta do sentimento que experimentava, decidiu, pelo contrário, persuadi-la a que não fosse visitar o enfermo. "Para que há-de ela ir atormentar-se

como eu?", disse de si para consigo.

— Então, como está ele? — perguntou Kitty, assustada.

— Oh! É terrível, terrível! Para que vieste tu?

Kitty calou-se por instantes, olhando para o marido entre tímida e apaixonada; depois aproximou-se dele e pegou-lhe no braço com ambas as mãos.

— Kóstia, leva-me, que o quero ver. Juntos suportaremos isto melhor. Leva-me, por favor. E depois vai-te. Quero que compreendas que me é muito mais penoso prescindir a tua dor sem lhe conhecer a causa. Ali talvez eu seja útil aos dois. Peço-te, deixa-me ir contigo — suplicou Kitty, como se a felicidade da sua vida dependesse disso.

Levine teve de ceder, e serenando, esquecido por completo de Maria Nikolaievna, dirigiu-se com Kitty para o quarto do irmão.

No seu andar ligeiro, de olhos no marido, a quem mostrava um rosto animado e cheio de compaixão, Kitty penetrou no quarto do enfermo. Depois, voltando-se devagar, fechou a porta sem ruído. Aproximou-se, calada, da cama de Nicolau e colocou-se de modo a que este não precisasse de voltar o rosto para a ver. Em seguida, com a mão jovem e fresca, pegou na,enorme mão do doente e apertando-a nas suas principiou a falar com aquela vivacidade, segredo das mulheres em que o tom de piedade não ofende.

— Estivemos juntos em Soden, mas ninguém nos apresentou — disse ela. — Nessa altura não lhe passaria pela cabeça que eu ainda viria a ser sua irmã.

— Não me teria reconhecido, não é verdade? — perguntou ele.

Assim que a vira entrar no quarto, o sorriso iluminara-lhe o rosto.

— Claro que sim! Fez muito bem em mandar avisar-nos; todos os dias Kóstia me falava de si e se mostrava preocupado consigo.

Mas a animação do doente foi breve.

Ainda Kitty não acabara de falar, já se reflectia de novo no rosto de Nicolau uma expressão severa e de censura, essa inveja dos vivos, tão própria dos moribundos.

— Receio que não esteja bem aqui — disse Kitty, evitando o olhar fixo do doente e examinando a quadra. — Temos de pedir outro quarto ao dono da estalagem, aliás para ficar mais perto de nós — continuou, dirigindo-se ao marido.

CAPÍTULO XVIII

Levine não podia olhar para o irmão com serenidade nem mostrar-se natural e tranqüilo na sua presença. Quando entrava no quarto dele, velavam-se-lhe os olhos e a atenção, incapaz de ver ou compreender pormenores da pavorosa situação do doente. Notava um terrível cheiro, via a imundície e a desordem à sua volta, dava-se conta de tudo isso sem saber como remediar o que via. Não lhe ocorria verificar a posição do doente, examinar-lhe o corpo debaixo da roupa, ver como teria ele dobradas as pernas enfraquecidas, se teria as costas apoiadas ou se seria possível aliviá-lo, ajeitando-o um pouco melhor. Se tentava pensar nesses pormenores, um calafrio lhe percorria a espinha. Estava firmemente convencido de que nada podia fazer-se para prolongar a vida de Nicolau nem para lhe minorar o sofrimento. E o doente, percebendo que o irmão considerava inútil tudo quanto se fizesse, exasperava-se, o que mais concorria para angustiar Levine. Estar no quarto do doente era-lhe penoso, mas ainda lhe parecia pior lá não estar. Não fazia senão entrar e sair, servindo-se de todos os pretextos, incapaz de ficar só com o irmão.

Kitty, porém, sentia e agia de maneira muito diferente. Quando viu o doente, teve pena dele. E a compaixão despertou na sua alma de mulher um sentimento muito diverso desse misto de horror e repugnância que o marido sentia. Experimentou a necessidade de agir, de se inteirar em todos os seus pormenores do estado de Nicolau e de o ajudar, portanto. E como nem um só instante teve dúvidas quanto a se deveria ou não fazê-lo nem tão-pouco duvidou da possibilidade de levar a cabo esse propósito, ei-la imediatamente de mãos à obra. As coisas em que o marido se sentia aterrado só de pensar nelas, chamaram logo a atenção de Kitty. Mandou Levine ao médico e à farmácia, ao mesmo tempo que ordenava à criada que trouxera consigo e a Maria Nikolaievna que varressem, limpassem o pó e esfregassem enquanto ela própria ajeitava a roupa da cama do doente. Por sua ordem foram trazidas coisas que faltavam no quarto e dele foram levadas outras. Várias vezes entrou no aposento, indiferente às pessoas que encontrava no corredor, carregando lençóis, toalhas, camisas, travesseiros.

O criado que servia o jantar aos engenheiros no refeitório comum acudiu várias vezes, pouco satisfeito, ao chamamento de Kitty, mas nem por isso deixou de cumprir as ordens que esta lhe deu. Com tão suave insistência ela o fazia, que não podia recusar-lhe nada. Levine não aprovava tudo o que via, certo de que nenhum resultado prático daí adviria para o estado do doente. Sobretudo, receava que ele se

enfadasse. Mas a verdade é que não se enfadava; permaneceu calmo, embora um pouco confuso, seguindo com interesse tudo quanto Kitty fazia. Levine, ao voltar de casa do médico, aonde fora por indicação da mulher, quando abriu a porta do quarto viu-a que mudava a roupa do doente. Com o seu grande e alvo tronco, as suas enormes omoplatas, a sua saliente coluna vertebral e as suas proeminentes costelas, tudo descoberto, deixava que Maria Nikolaievna e o criado lhe introduzissem os compridos e delgados braços nas mangas da camisa. Mal Levine entrou, Kitty fechou a porta. Não olhava para o doente, mas assim que este se queixou, foi logo direita a ele.

— Depressa! — exclamou.

— Não se aproxime — murmurou, colérico, o enfermo. — Eu arranjo-me sozinho...

— Que diz? — perguntou Maria Nikolaievna. Mas Kitty ouvira e compreendera que Nicolau se envergonhava de que o vissem naquele estado.

— Eu não olho — disse ela, ajudando a enfiar o braço na manga da camisa. — Maria Nikolaievna, passe para o outro lado da cama e ajude-me. Por favor, Kóstia, vai ao nosso quarto e traz-me um frasco que está na bolsa direita da minha mala. Entretanto acabaremos a limpeza— acrescentou, dirigindo-se ao marido.

Ao voltar com o frasco, Levine encontrou o doente na cama e à sua volta tudo completamente mudado. O ar viciado exalava agora um cheiro a vinagre aromático que Kitty espalhara pelo quarto, soprando num pequenino tubo. O pó desaparecera, ao lado da cama havia um tapete, numa mesinha alinhavam-se os remédios, uma garrafa, a roupa necessária e a *broderie anglaise* de Kitty. Na outra mesa, junto à cama, estavam uma vela e medicamentos. O doente, lavado, penteado, deitado em lençóis asseados e reclinado em travesseiros, vestia uma camisa nova cujo colarinho branco lhe realçava a magreza do pescoço. Nos seus olhos, que se não apartavam de Kitty, havia um vislumbre de esperança.

O médico que Levine encontrara no clube não era o que tratava Nicolau. Auscultou minuciosamente o enfermo, abanou a cabeça, receitou e deu pormenorizadas indicações acerca dos remédios que ele devia tomar e a dieta prescrita. Aconselhou que tomasse ovos frescos quase crus e com o leite, aquecido a uma determinada temperatura, água de Seltz. Quando ele saiu, o doente disse ao irmão algumas palavras, mas Levine apenas conseguiu captar as últimas: “a tua Kátia.” Percebeu, porém, pelo seu olhar, que estava a elogiar-lhe a jovem esposa. Depois chamou Kátia, que assim a designava.

— Já me sinto muito melhor — disse ele. — Se a tivesse junto de

mim, há muito estaria curado. Ah, que bem que eu me sinto!

Procurou aproximar os lábios da mão da cunhada, mas, receoso de lhe desagradar, contentou-se em acariciá-la. Kitty apertou-lhe afectuosamente a mão entre as suas.

— Volte-me agora para o lado esquerdo e vão todos dormir — murmurou ele.

Apenas Kitty percebeu o que ele dizia, pois só ela pensava a todo o momento no que lhe poderia ser útil.

— Temos de o virar para o outro lado — disse ao marido. — Está habituado a dormir sempre assim. Vira-o tu mesmo, é uma violência chamar os criados. Eu não tenho forças. E a menina? — perguntou, dirigindo-se a Maria Nikolaievna.

— Tenho medo — respondeu esta.

Apesar do horror que Levine sentia em estreitar esse corpo pavoroso e em agarrar, por debaixo da roupa, esses membros que preferia ignorar, cedeu à vontade da mulher. Adoptando uma expressão decidida, que Kitty muito bem lhe conhecia, meteu as mãos por dentro da roupa e pegou no doente. Apesar da força que tinha, sentiu-se perplexo com o peso extraordinário daquele corpo extenuado. Ao virá-lo para o outro lado, sentiu em torno do pescoço o braço enorme e delgado do irmão. Kitty sacudiu o travesseiro e virou-o rapidamente, ajeitando os cabelos do doente, que de novo se lhe tinham colado às fontes.

Nicolau reteve a mão de Levine. Este notou que ele queria alguma coisa e que a puxava para si. Abandonou-lha, o coração apertado. O doente aproximou-a dos lábios e beijou-a. Abalado pelos soluços e sem forças para falar, Levine correu para a porta do quarto.

CAPÍTULO XIX

"Revelou às crianças o que ocultou dos sábios", pensava Levine, enquanto conversava nessa noite com a mulher.

Não é que se considerasse sábio por citar estas palavras do Evangelho, mas era obrigado o reconhecer, por um lado, ser mais inteligente do que a mulher e do que Agáfia Mikailovna e, por outro, quando pensava na morte, esse pensamento dominava-o por completo. O mistério terrível da morte grandes espíritos o haviam tentado sondar, tal qual como ele com todas as forças da sua alma. Lera os seus escritos, mas a verdade é que eles pouco mais sabiam sobre isso do que a sua velha criada e a sua Kátia, como agora chamava à mulher, seguindo, com manifesta satisfação, o exemplo de Nicolau. Estas duas criaturas, aliás tão diferentes uma da outra, neste particular eram de uma semelhança extrema. Ambas conheciam, sem a mínima dúvida, o sentido da vida e da morte e, conquanto incapazes, por certo, de responderem às interrogações que se levantavam no espírito de Levine — incapazes mesmo de as compreender —, deviam explicar da mesma maneira o problema do destino e partilhar a sua crença sobre isso com milhões de seres humanos. E a prova dessa sua familiaridade com a morte ali estava na maneira como se aproximavam dos moribundos sem o mínimo temor, enquanto Levine e aqueles que como ele se consagravam a discorrer sobre o tema da morte temiam esta sem saberem por quê e eram incapazes de prestar auxílio a um agonizante. Sozinho ao lado do irmão, Levine ter-se-ia contentado em aguardar o seu fim cheio de pavor. Nem sequer sabia onde deter os olhos, como caminhar ou que palavras proferir. Falar de coisas indiferentes, afigurava-se-lhe ofensivo, falar de coisas tristes, impossível, calar-se, não era melhor solução. "Se olho para ele, vai pensar que estou a observá-lo; se não olho para ele, supõe que estou a pensar noutra coisa. Se caminho em bicos de pés, zangar-se-á, e não sou capaz de caminhar normalmente."

Kitty, pelo contrário, não tinha tempo para pensar em si própria. Exclusivamente preocupada com o doente, parecia ter o sentido exacto do comportamento que lhe convinha e tudo quanto tentava fazer fazia-o com perfeição. Contava-lhe coisas do seu casamento, falava-lhe de si própria, sorria-lhe, lastimava-o, acariciava-o, referia-lhe casos de cura. A sua actividade não era, aliás, nem instintiva nem reflectida. Tal como Agáfia

Mikailovna, algo mais importante do que os cuidados físicos a preocupavam. Referindo-se ao velho criado que acabava de morrer, Agáfia Mikailovna dissera-lhe: "Louvado seja Deus, recebeu o Senhor,

os santos óleos; Deus dá o mesmo fim a todas as pessoas!" Pelo seu lado, apesar das preocupações com a roupa, as poções, os tratamentos, Kitty conseguira, logo desde o primeiro dia, predispor o cunhado para receber os sacramentos.

Ao voltar para os seus aposentos no fim do dia, Levine sentou-se, cabisbaixo, sem saber que fazer, incapaz de cear, de instalar-se, de prever alguma coisa, nem sequer em estado de falar com a mulher, tão grande a confusão que sentia. Kitty, pelo contrário, mostrava-se mais activa e animada do que nunca. Mandou vir a ceia e foi ela quem desfez as malas e quem ajudou a fazer as camas, que teve o cuidado de pulverizar com pós insecticidas. Tinha a excitação, a rapidez de concepção que experimentam certos homens na véspera de uma batalha ou numa hora grave e decisiva da sua vida, quando se apresenta a oportunidade de mostrarem do que são capazes.

Ainda não soara meia-noite, já tudo estava convenientemente arrumado; aqueles dois quartos de hotel tinham agora o aspecto de aposentos íntimos. Junto à cama de Kitty, em cima de uma mesa com um *napperon* branco viam-se o seu espelho, as suas escovas e os seus pentes. A Levine parecia imperdoável comer, dormir, falar sequer, e não havia movimento que lhe não parecesse inconveniente. Kitty, pelo contrário, arrumava as suas coisas, sem que na sua actividade houvesse qualquer coisa de chocante. No entanto, não puderam comer e estiveram acordados até tarde, sem resolverem deitar-se.

— Estou muito contente por ter conseguido convencê-lo a receber amanhã a extrema-unção — disse Kitty, que, de camisa de noite, diante do espelho de viagem, penteava os cabelos perfumados. — Nunca vi administrar esse sacramento, mas a mãezinha contou-me que se dizem orações pedindo as melhores do doente.

— Achas que ele possa melhorar? — perguntou Levine, olhando por detrás a redonda cabeça de Kitty, cuja risca desaparecia quando o pente se aproximava da testa.

— Perguntei ao médico. Disse-me que não poderá viver mais de três dias. Mas que sabem eles? Estou contente por tê-lo convencido — disse ela, olhando o marido de soslaio, por debaixo do cabelo. — Tudo pode acontecer — acrescentou, com essa expressão especial de quase astúcia que se lhe reflectia no rosto quando falava da religião.

Depois da discussão sobre matéria religiosa ainda noivos, nem Levine nem Kitty tinham voltado a falar no assunto, embora ela continuasse a cumprir os mandamentos da Igreja, assistindo à missa e rezando, sempre com a tranqüila convicção de que assim deveria ser.

Apesar das afirmações de Levine em contrário, Kitty estava persuadida de que ele era tão bom cristão como ela, quiçá melhor, e

que tudo o que lhe dizia a esse respeito era somente um desses ditos absurdos dos homens no gênero do que ele costumava dizer, arreliando-a por causa da *broderie angiaise:* “As pessoas de tino penteiam os buracos”, dizia-lhe ele, “mas tu, tu fazes buracos de propósito.”

— Sim, esta Maria Nikolaievna não teria sabido arranjar nada disto — disse Levine. — E, francamente, estou muito contente por teres vindo... És tão pura que...

Levine pegou na mão de Kitty, mas não a beijou; parecia-lhe indigno, com a morte ali tão próxima. Limitou-se a apertá-la entre as suas e a olhar com expressão culpada os olhos da mulher, que se iluminaram.

— Terias sofrido muito sozinho — disse ela, e, levantando os braços que lhe escondiam o rosto ruborizado de satisfação, amarrou as tranças na nuca, prendendo-as com uns grampos. — Não, essa mulher nada saberia fazer, mas eu felizmente aprendi muitas coisas em Soden — continuou.

— Pois havia lá doentes assim?

— E piores.

— Não podes calcular o que eu sofro por não poder vê-lo como ele foi quando ambos éramos rapazinhos... Que adolescente encantador! Mas então eu não o compreendia.

Acredito, acredito. Parece-me que “teríamos sido” bons amigos — disse Kitty.

E voltou-se para o marido, de lágrimas nos olhos, muito surpreendida por ter falado no passado.

— Sim, “terias sido” — anuiu Levine, tristemente. — É um desses homens de quem se pode dizer que não foram feitos para este mundo.

— Ainda temos muitos dias diante de nós. Vamos dormir—disse Kitty, depois de consultar o minúsculo relógio.

CAPÍTULO XX

A MORTE

No dia seguinte Nicolau comungou e recebeu a extrema-unção.

Durante a cerimônia rezou com fervor. Nos seus grandes olhos, fitos no ícone, colocado numa mesinha de jogo coberta com um pano de cor, havia uma súplica tão veemente e tão esperançada que Levine, ao olhar para ele, sentiu-se aterrado. Levine sabia que aquela súplica e aquela esperança apenas contribuiriam para tornar mais dolorosa a separação dessa vida que o irmão tanto amava. Conhecia a maneira de pensar de Nicolau, constava-lhe que a sua falta de fé não se dera pelo facto de lhe ser mais fácil viver sem ela, mas apenas porque, a pouco e pouco, as explicações científicas dos fenômenos do universo o tinham afastado dela. Tão-pouco ignorava, portanto, que aquele regresso à fé não era o resultado de qualquer meditação; não era sincero, mas momentâneo, egoísta, produto de uma desatinada esperança em curar-se. Sabia também que Kitty lhe alimentava essa esperança com casos extraordinários de cura de que lhe falara. Eis por que lhe era muito doloroso ver aquele olhar cheio de súplica e de esperança, aquela mão emaciada, que se erguia a custo para fazer o sinal-da-cruz na testa descarnada, os ombros salientes e o peito oco, onde não cabia já a vida por que rezava. Durante a cerimônia, Levine fez o que, apesar da sua incredulidade, mil vezes fizera: "Se existes, faz com que este homem se cure, e assim o salvarás a ele e a mim", murmurou, dirigindo-se a Deus. Depois dos santos óleos, o doente sentiu-se muito melhor. Durante uma hora não tossiu uma só vez e sorria, beijando a mão de Kitty e agradecendo-lhe, de lágrimas nos olhos. Dizia que se sentia bem, que não lhe doía nada e que tinha apetite e forças. Até se sentou na cama, quando lhe serviram a sopa, e pediu mais uma almôndega. Apesar do seu estado desesperado e de ser evidente que não podia curar-se, Kitty e Levine estiveram animados durante essa hora, sentindo-se felizes, embora temendo enganar-se.

— Está melhor?

— Estou, estou muito melhor.

— É extraordinário.

— Não há nada de extraordinário nisso.

— Seja como for, está melhor — diziam, num sussurro, sorrindo.

Essas melhoras duraram pouco. O doente adormeceu tranqüilamente, mas, meia hora depois, era acordado pela tosse. E, de repente, todas as esperanças se desvaneceram, tanto nele como nos

que o rodeavam. Sem dar lugar a dúvida e sem deixar rasto algum, a realidade do sofrimento aniquilou todas as esperanças que tinham alimentado.

Sem se referir sequer às coisas em que acreditava meia hora antes, como se se envergonhasse de as lembrar, Nicolau pediu que lhe dessem o frasco de iodo, que tinha no gargalo um papel perfurado por onde respirava. Levine deu-lho. E o mesmo olhar de esperança fervorosa com que o doente recebera a extrema-unção se cravara agora em Levine, como exigindo a corroboração das palavras do médico, o qual dizia que respirar iodo fazia milagres.

— Kátia não está? — perguntou, de voz rouca, voltando-se, quando Levine confirmava de má vontade as palavras do médico. — Não está? Então posso dizer-te que... toda esta comédia foi por ela que eu a representei. É tão simpática!... Mas nem tu nem eu já nos podemos enganar. Nisto acredito, sim — acrescentou, apertando o frasco com a mão ossuda e aspirando o iodo.

Passava das sete, Levine e a mulher tomavam chá no seu quarto quando Maria Nikolaievna apareceu, correndo, sem alento. Pálida, tremiam-lhe os lábios.

— Está o morrer — disse, num sussurro. — Tenho medo. Vai morrer já.

Correram ao quarto de Nicolau. Este, sentado na cama, apoiava-se numa das mãos e tinha os ombros arqueados e a cabeça prostrada.

— Que sentes? — perguntou-lhe Levine, muito baixo, depois de um silêncio.

— Estou a acabar — replicou o doente a custo, mas com grande precisão, pronunciando lentamente as palavras; não levantou a cabeça e apenas soergueu os olhos, sem conseguir ver o rosto do irmão. — Kátia, vai-te embora — acrescentou.

Levine levantou-se repentinamente e obrigou Kitty a sair do quarto.

— Estou a acabar — repetiu Nicolau.

— Por que dizes isso? — perguntou Levine, para dizer alguma coisa.

— Porque estou a acabar — insistiu Nicolau, como se gostasse daquelas palavras. — É o fim.

Maria Nikolaievna aproximou-se.

— Era melhor que te deitasses para baixo. Aliviar-te-ia — disse.

— Não tardo a estar estendido... — pronunciou Nicolau em voz baixa — e morto — acrescentou, agastado e irônico. — Bom, deita-me para baixo, se assim o queres.

Levine estendeu o irmão de costas, sentou-se a seu lado e, reprimindo a respiração, olhou-o no rosto. O moribundo jazia com os olhos fechados e de quando em quando agitavam-se-lhe os músculos da testa, como os de um homem que medita profunda e insistentemente.

Levine procurava debalde compreender o que se estava a passar no espírito do irmão; aquele rosto severo e o remexer dos músculos por cima das sobrancelhas deixava perceber que o moribundo entrevia mistérios que ele, Levine, não podia compreender.

— Sim, sim, é isso — pronunciou Nicolau, lentamente, espaçando as palavras. — Espera — calou-se de novo. — £ isso! — disse, de súbito, como se tudo se lhe tivesse aclarado. — Oh, meu Deus! — exclamou, suspirando.

Maria Nikolaievna apalpou-lhe os pés.

— Estão a arrefecer — disse em voz baixa.

Durante um bom espaço de tempo, assim se afigurou a Levine, o doente permaneceu imóvel. Aias vivia e de quando em quando suspirava. Levine, esgotado pela tensão mental em que estava, já não se identificava com o moribundo e não havia maneira de compreender o que ele quisera dizer quando exclamara: “É isso!” Sem forças para pensar mais na morte, perguntava a si mesmo que iria fazer agora: fechar os olhos do irmão, vesti-lo, encomendar o caixão? Coisa estranha, sentia-se frio e indiferente; o único sentimento que experimentava era de inveja, visto Nicolau ter agora uma certeza a que ele, Levine, não podia aspirar. Ali ficou por muito tempo junto dele, aguardando o fim, mas o fim não chegava. A porta abriu-se e Kitty apareceu; ergueu-se para impedir-lhe a entrada; o moribundo, porém, agitou-se.

— Não te vás embora — murmurou Nicolau, estendendo-lhe a mão.

Levine tomou essa mão entre as suas, e num gesto de desagrado à mulher significou-lhe que se retirasse. E assim permaneceu meia hora, uma hora, depois outra hora. Já não pensava senão em coisas sem importância: que estaria Kitty a fazer? Quem habitaria o quarto ao lado? O médico teria casa sua? Depois sentiu fome e sono. Retirou suavemente a mão da de Nicolau e apalpou-lhe os pés: estavam frios, mas Nicolau continuava a respirar. Levine tentou levantar-se e sair em bicos de pés: o doente agitou-se e voltou a dizer: “Não te vás embora...”

Amanhecia. O doente continuava na mesma. Muito cautelosamente, Levine retirou a mão e sem olhar para o moribundo saiu, dirigindo-se ao seu quarto, deitou-se e adormeceu. Ao acordar, em vez de receber a

notícia da morte do irmão, disseram-lhe que estava na mesma. Voltara a sentar-se, a endireitar-se, tossia, comia, falava e não aludia à morte, demonstrando alimentar esperanças de se curar. Tornara-se mais irascível e sombrio do que até aí. Ninguém, nem o irmão nem Kitty o podiam aquietar. Aborrecia-se com todos, dizia coisas desagradáveis, atirava-lhes à cara os seus sofrimentos e exigia que lhe trouxessem imediatamente um médico célebre de Moscovo. Sempre que perguntavam como estava, dizia, invariavelmente, numa expressão irada e de censura:

— Sofro muito, sofro insuportavelmente.

Sofria cada vez mais, sobretudo porque as feridas se lhe tinham avivado, e era difícil pensá-las. E a irritação em que estava cada vez era maior. A própria Kitty se sentiu incapaz de o sossegar e Levine percebeu que ela estava no extremo das suas forças, que já não podia mais, quer moral, quer fisicamente, embora não quisesse dar o braço a torcer. A comoção que lhe causara a despedida de Nicolau naquela noite cedera o lugar a outros sentimentos. Todos sabiam o fim inevitável, todos viam o doente em parte morto já, todos tinham acabado por desejar que a morte sobreviesse quanto mais depressa melhor; e nem por isso deixavam de lhe dar os remédios, de mandar chamar o médico e de aviar receitas. Mentiam a si próprios, e essa vil, essa sacrílega dissimulação era mais dolorosa para Levine do que para qualquer dos outros, pois amava o irmão muito carinhosamente e nada mais contrário à sua natureza do que a falta de sinceridade.

Levine, há muito desejoso de reconciliar os irmãos desavindos em *articulo mortis* que fosse, prevenira Sérgio Ivanovitch. Este respondeu-lhe e Levine leu ao irmão a carta que ele lhe escrevera: Sérgio não podia vir, mas perdoava ao irmão em termos comovedores.

Nicolau ficou calado.

— Que lhe devo dizer? — perguntou Levine. — Espero que não estejas zangado com ele.

— Não, não estou — replicou o doente em tom contrariado. — Escreve-lhe e pede-lhe que me mande o médico.

Três dias cruéis decorreram ainda; o moribundo continuava no mesmo estado. Todos na estalagem, desde o patrão e os criados até Levine e Kitty, sem esquecer o médico e Maria Nikolaievna, só tinham um desejo: o fim. Apenas o doente não compartilhava desse desejo e continuava a pedir o médico de Moscovo, a tomar remédios e a falar em restabelecimento. Nos raros minutos em que o ópio o mergulhava numa espécie de entressonho, confessava, então, o que ainda mais pesava na alma dele do que na dos outros: “Ah, se isto pudesse acabar!”

Os sofrimentos, cada vez mais intensos, obravam nele, preparando-o para a morte. Não fazia um movimento que não sentisse uma dor. Não havia um membro no seu corpo que não fosse para ele uma tortura. Toda a reminiscência, todo o pensamento, qualquer impressão lhe repugnavam. A vista dos que o cercavam, as suas palavras, tudo lhe fazia mal. Todos o sentiam e ninguém ousava mover-se ou falar sem constrangimento. A vida concentrava-se para todos no sentimento dos sofrimentos do moribundo e no desejo ardente de o verem para sempre livre deles.

Chegara a esse momento supremo em que a morte lhe deveria parecer a derradeira felicidade. Todas as sensações, a fome, a fadiga, a sede, que outrora, depois de terem sido sofrimento ou privação, uma vez satisfeitas as funções do corpo, lhe causavam uma certa satisfação, agora eram dor e dor apenas. Eis por que não podia aspirar a outra coisa que não fosse libertar-se do princípio dos seus males, do seu corpo torturado; como já não tinha, contudo, palavras para exprimir esse desejo, por hábito continuava a reclamar o que outrora o satisfazia.

— Volta-me para o outro lado — dizia, exigindo imediatamente que o pusessem na posição anterior. — Tragam-me caldo. Levem esse caldo. Contem-me alguma coisa. Porque estão calados?

Quando principiavam a falar, porém, cerrava os olhos numa expressão de cansaço, de indiferença e de repulsa.

No décimo dia depois de chegar àquela cidade, Kitty adoeceu. Doía-lhe a cabeça, tinha vômitos. Não pôde levantar-se toda a manhã.

O médico foi de opinião que era efeito do cansaço e da agitação em que estava. Recomendou-lhe tranqüilidade de espírito.

No entanto, depois do jantar, Kitty levantou-se e, como sempre, com um trabalhinho nas mãos, foi visitar o doente. Ao vê-la entrar, Nicolau olhou-a com severidade e sorriu, desdenhoso, quando Kitty lhe disse que estivera indisposta.

Todo aquele dia o enfermo se assoou e gemeu.

— Como se sente? — perguntou-lhe Kitty.

— Pior — pronunciou ele com dificuldade. — Dói-me...

— Que lhe dói?

— Tudo.

— Vão ver que não passa de hoje — disse Maria Nikolaievna em voz baixa.

Mas Levine percebeu que o doente, com o seu ouvido, agora mais

apurado do que nunca, devia ter percebido, e mandou calar Maria Nikolaievna, voltando-se para Nicolau. Este ouvira, de facto, porém nenhuma impressão lhe tinham feito essas palavras. Continuava com a mesma visagem concentrada e de censura.

— Por que diz isso? — perguntou Levine a Maria Nikolaievna, quando esta o seguiu no corredor.

— Porque principiou a despojar-se.

— A despojar-se, como?

— Assim — replicou Maria Nikolaievna, puxando pelas pregas do vestido de lã.

Com efeito, Levine notara que durante todo o dia o doente procurara como que tirar algo de cima de si.

O vaticínio de Maria Nikolaievna cumpriu-se. Ao anoitecer, Nicolau já não tinha forças para erguer as mãos e não fazia outra coisa senão olhar na sua frente com uma atenção concentrada. Até mesmo quando

Kitty e Levine se debruçaram para ele, de modo a que pudesse vê-los, continuava de olhos fitos, com a mesma expressão. Kitty mandou chamar o sacerdote para que rezasse a oração dos moribundos.

Enquanto o sacerdote rezou, o doente não deu sinais de vida, conservando-se de olhos fechados. Levine, Kitty e Maria Nikolaievna estavam junto da cama. Não tinha o sacerdote acabado de rezar quando o doente suspirou e abriu os olhos. Finda a oração, aquele tocou com o crucifixo na testa fria de Nicolau; depois, envolveu-a lentamente na estola e após alguns minutos de silêncio tocou-lhe na grande mão fria e exangue.

— Está morto — disse, fazendo menção de se retirar.

De súbito, porém, os lábios pegados de Nicolau agitaram-se e no silêncio ouviram-se claramente, saindo-lhe das profundezas do peito, uns sons precisos e penetrantes:

— Ainda não... daqui a pouco.

Daí a momentos, iluminou-se-lhe o rosto e um sorriso lhe assomou aos lábios. As mulheres começaram a ocupar-se do cadáver.

O aspecto do irmão e a presença da morte renovaram na alma de Levine aquele sentimento de horror ante o enigma e a proximidade da morte inevitável experimentado na noite de Outono em que Nicolau estivera em sua casa. Agora esse sentimento era mais forte ainda. Ainda se sentia menos capaz de compreender o significado da morte e com mais clareza ainda se capacitava de que ela era inevitável. No entanto, graças à presença da mulher, esse sentimento não lhe causava

desespero: em que pesasse a morte, sentia a necessidade de viver e de amar. Sentia que o amor o salvara do desespero e que perante aquela ameaça o amor se tornava mais forte e mais puro.

Ainda não se lhe tinha revelado o mistério da morte e já outro mistério se lhe deparava, igualmente inescrutável, que o estimulava a viver e a amar.

O médico confirmou as suspeitas de Levine a respeito de Kitty. Aquele seu mal-estar era a gravidez.

CAPÍTULO XXI

Desde o momento em que Alexei Alexandrovitch compreendera, graças a Betsy e a Stepane Arkadievitch, que todos, a principiar por Ana, esperavam que ele deixasse a mulher em paz e a não importunasse com a sua presença, sentiu-se completamente desorientado: incapaz de uma decisão pessoal, remeteu para terceiros, aqueles que tanta satisfação mostravam em tratar de coisas que lhe diziam respeito, estar pronto a consentir em tudo. Não voltou a tomar contacto com a realidade senão depois da partida de Ana, quando a inglesa lhe veio perguntar se devia tomar as suas refeições com ele ou à parte: só então a sua triste sorte se lhe representou em todo o seu horror.

O que mais o afligia era não poder relacionar o passado com o presente. Vencera-o já o sofrimento que lhe causara a passagem da época feliz em que vivera em perfeita harmonia com a mulher, para aquela em que se lhe revelara a sua infidelidade, e, conquanto penosa, esta situação acabara por ser compreensível. Se Ana o tivesse deixado depois da confissão da sua falta, a mágoa que sentiria não seria comparável à dor sem remédio em que se debatia agora. Como é que o perdão com que transigira, perdão tão generosamente concedido, e o afecto que testemunhara a uma mulher culpada e ao filho de outro homem podiam ser recompensados com o abandono, a solidão, os sarcasmos e o desprezo de todos? Eis a interrogação que a cada passo o assaltava, sem qualquer resposta.

Nos dois primeiros dias que se seguiram à partida de Ana, Alexei Alexandrovitch continuou a receber visitas, e avistou-se com o secretário, assistiu às sessões da sua comissão e jantou em sua casa como de costume. Todas as suas energias se achavam instintivamente concentradas num único objectivo: mostrar-se sereno e indiferente. As perguntas dos criados que vinham informar-se junto dele quanto às medidas que podiam tomar relativamente as aposentos de Ana e às coisas que lhe pertenciam, num esforço sobre-humano respondia com o ar de um homem preparado para tudo que nada acha extraordinário. Assim conseguiu por algum tempo esconder o sofrimento que o consumia.

No terceiro dia, Kornei trouxe-lhe uma factura de uma loja de modas que Ana se esquecera de pagar. Como o empregado aguardasse na antecâmara, Karenine mandou-o entrar.

— Perdoe, Excelência, se me permito incomodá-lo. Se é a sua esposa que me devo dirigir, peco-lhe que queira ter a bondade de me facilitar

o seu endereço.

Alexei Alexandrovitch pensativo, pelo menos foi essa a impressão que deu ao empregado, sentou-se à mesa de trabalho, com a cabeça entre as mãos. Assim permaneceu por muito tempo, tentando falar sem conseguir articular palavra. Ao perceber a angústia do homem, Kornei pediu ao empregado que voltasse outro dia. Quando ficou só, Karenine sentiu que não dispunha de mais forças para lutar: mandou desatrelar a carruagem, fechou a porta e não foi jantar à mesa.

O desdém, a crueldade que ele julgara ler no rosto do empregado, de Kornei, de todas as pessoas com quem tivera de tratar naqueles dois dias, tornavam-se-lhe insuportáveis. Se provocara o desprezo do seu semelhante graças a uma conduta repreensível, era justo contar com a estima dos outros depois de ter procedido melhor. Mas como era apenas desgraçado — desgraçado de forma vergonhosa, execrável —, as pessoas mostravam-se tanto mais implacáveis para com ele quanto maior o seu sofrimento: despedaçavam-no como os cães despedaçam o cachorro que cai ferido e uiva de dor. Para resistir à hostilidade geral, devia esconder, custasse o que custasse, as suas próprias feridas. Ai dele, dois dias de luta já o tinham esgotado! E o mais atroz ainda é que não via a quem pudesse confiar o seu martírio. Em Sampetersburgo inteiro não via um só homem que se interessasse por ele, que fosse capaz de lhe dedicar a mínima atenção, não à alta personalidade que ele era, mas ao marido desesperado em que se tornara.

Alexei Alexandrovitch perdera a mãe quando tinha dez anos; já não se lembrava do pai; ele e o irmão tinham ficado órfãos e na posse de uma muito módica fortuna; seu tio Karenine, alto funcionário, da estima do falecido imperador, encarregara-se de os mandar educar. Depois de excelentes estudos no colégio e na Universidade, Alexei Alexandrovitch, graças à protecção desse mesmo tio, lançara-se com felicidade na carreira administrativa, à qual se consagrara de alma e coração. Nunca tivera um amigo; apenas ao irmão dedicava verdadeira amizade. Este, porém, que ingressara na carreira diplomática, residia no estrangeiro, onde morrera pouco tempo depois do casamento de Alexei Alexandrovitch. Entretanto, Karenine, nomeado governador de província, travara relações com a tia de Ana aí residente, senhora muito rica que preparara as coisas com toda a habilidade para aproximar a sobrinha desse dignitário ainda jovem. Um belo dia, Alexei Alexandrovitch viu-se perante a alternativa de escolher entre um pedido de casamento e uma mudança de residência. Por muito tempo hesitou, tão fortes as razões que o levavam a aceitar como a repudiar a ideia do casamento. E o certo é que provavelmente não teria abdicado da sua máxima favorita — “em caso de dúvida,

abstém-te" — se um amigo da tia da pretendida lhe não tivesse dado a entender que a sua assiduidade comprometia a jovem e que como homem digno que era tinha obrigação de pedi-la em casamento. Eis o que fizera., e desde então consagrara à noiva primeiro e depois à esposa aquela medida afectiva de que a sua natureza era capaz.

Semelhante dedicação dispensara-o de qualquer outra espécie de amizade. Toda a sua vida se limitara apenas a ter conhecidos. Estava na sua mão convidar para sua casa inúmeras pessoas, pedir-lhes que lhe prestassem qualquer serviço, que lhe favorecessem um protegido, e até era livre de criticar diante deles os actos do governo, sem aspirar, contudo, a maior cordialidade. O último homem a quem poderia confiar a sua dor, um antigo camarada de Universidade com quem estreitara relações, estava na província, onde exercia o cargo de inspector do ensino. Em Sampetersburgo as suas únicas relações pessoais eram o seu chefe de gabinete e o seu médico.

O primeiro, Miguel Vacilievitch Sliudine, o secretário, era um homem simples, bom e honrado, que parecia sentir por ele, Karenine, viva simpatia. Cinco anos de subordinação, porém, tinham levantado entre ele, chefe, e Sliudine, secretário, uma autêntica barreira inacessível a qualquer espécie de confidências. Apesar de tudo, nesse dia, Alexei Alexandrovitch, depois de assinar os papéis que este lhe trouxera, ficara-se a olhar para ele, calado, pronto a abrir-lhe o coração. Preparara mesmo uma frase: "Sabe da minha infelicidade", e por várias vezes tentara pronunciá-la, sem conseguir articulá-la. Viu-se obrigado, à despedida, à fórmula habitual: "Terá a bondade de me preparar este trabalho."

A outra pessoa bem disposta para com ele era o médico. Karenine não o ignorava, mas havia-se estabelecido entre os dois um pacto tácito, graças ao qual ambos se consideravam sobrecarregados de trabalho e forçados a reduzir ao mínimo o que tinham a dizer um ao outro.

Quanto às amigas, e à principal das suas amigas, a condessa Lídia, Alexei Alexandrovitch nem sequer pensava nela. As mulheres metiam-lhe medo e não sentia por elas outra coisa que não fosse aversão.

CAPÍTULO XXII

Se Karenine esquecera a condessa Lídia Ivanovna, esta pensava muito nele. Ei-la que surgia precisamente nessa hora lúgubre em que ele, a cabeça entre as mãos, se abandonava ao desespero. Sem se fazer anunciar, rompeu-lhe pelo gabinete adentro.

— *J'ai force la consigne*(Nota 45) — disse ela, que avançava para ele em passos rápidos, a respiração opressa, tal a comoção. — Sei tudo, Alexei Alexandrovitch, meu amigo!

E apertou-lhe a mão entre as suas, fitando-o com os seus belos olhos cismadores. Karenine levantou-se, de semblante carregado, libertou a mão e ofereceu-lhe uma cadeira.

— Queira sentar-se, condessa, não recebo, porque estou doente — disse ele, de lábios trêmulos.

— Meu amigo! — repetiu ela, sem apartar dele os olhos; as sobrancelhas franzidas desenharam-lhe um triângulo na testa, o que ainda mais desfiou a máscara amarelenta, já de si naturalmente feia.

Alexei Alexandrovitch percebeu que a condessa estava pronta a chorar de compaixão e sentiu-se comovido também. Agarrou-lhe a mão rechonchuda e beijou-lha.

Desobedeci às ordens.

— Meu amigo — disse ela, numa voz entrecortada pela emoção —, não deve entregar-se assim ao sofrimento. Bem sei que é grande, mas precisa de o apaziguar.

— Estou exausto, morto, já não sou um homem — exclamou Alexei Alexandrovitch, abandonando a mão da condessa, sem deixar de fitar os seus olhos rasos de lágrimas —, a minha situação é tanto mais horrorosa que não encontro onde apoiar-me, nem em mim nem no mundo.

— Há-de encontrar esse apoio, não falo de mim, embora lhe peça que acredite na minha amizade — disse ela, suspirando —, mas n'Ele. O nosso apoio é o Seu amor. O Seu jugo é leve — prosseguiu, com esse olhar exaltado que Karenine tão bem conhecia. — Ele o ajudará e lhe servirá de apoio.

— Sinto-me fraco, esmagado. Não tinha previsto nada e agora não compreendo o que se passa.

— Meu amigo!

— Não é pelo que perdi — continuou Alexei Alexandrovitch —, não

é isso que eu deploro. Oh, não!, contudo não posso deixar de me sentir envergonhado aos olhos do mundo. Bem sei que faço mal, mas nada posso contra isso.

— Não foi Alexei Alexandrovitch quem praticou o acto sublime de perdoar, que todos nós admiramos, foi Ele. Não tem nada de que se envergonhar — disse a condessa, erguendo os olhos ao céu de maneira extática.

Karenine franziu o sobrolho, e juntando as mãos fez estalar as articulações dos dedos.

— Se soubesse tudo! — disse ele, na sua voz sibilada. — As forças do homem têm limites e eu atingi os limites das minhas, condessa. Passei o dia inteiro a dar ordens em casa, conseqüência — repisou a palavra "conseqüência" — do meu novo estado de homem só. A preceptora, os criados, as contas, estas misérias consomem-me a fogo lento. Ontem, ao jantar... mal me pude conter. Não podia suportar o olhar do meu filho. Não ousava perguntar-me nada e eu não tinha coragem de olhar para ele. Tinha medo de mim... Mas ainda não é tudo.

Karenine quis falar da conta que lhe tinham trazido, mas a voz tremeu-lhe e calou-se. Não podia pensar nessa factura de papel azul, com um chapéu e umas fitas, sem sentir compaixão por si mesmo.

— Compreendo, meu amigo, compreendo tudo — disse a condessa. — Amparo e consolação não é em mim que os encontrará. Se estou aqui é para lhe oferecer os meus serviços, para tentar libertá-lo dessas miseráveis preocupações... Torna-se indispensável uma mão de mulher... Consentirá que eu trate de tudo?

Alexei Alexandrovitch apertou-lhe a mão, sem dizer palavra.

— Ocupar-nos-emos os dois de Sérgio. Nada percebo das coisas práticas, mas farei o melhor que puder. Serei a sua governanta. Não me agradeça. Não sou eu quem assim procede.

— Como lhe hei-de eu agradecer?

— Meu amigo, não se abandone ao sentimento em que me falava há pouco. Não se envergonhe do que deve ser tido pelo grau mais elevado da perfeição cristã: "Aquele que se abaixar será elevado." Não me agradeça, agradeça antes Aquele a quem devemos rezar. Só n'Ele encontraremos a paz, a consolação, a salvação e o amor!

Ergueu os olhos ao céu. Alexei Alexandrovitch percebeu que estava a rezar. Semelhante fraseologia, que ele outrora achava imprópria, parecia-lhe agora natural e sedativa. Não aprovava a exaltação então na moda. Crente sincero, a religião apenas lhe interessava do ponto de

vista político; e como as novas doutrinas abriam as portas à discussão e à análise, essas doutrinas deviam-lhe ser antipáticas por princípio. Eis por que respondia habitualmente com um silêncio reprovador às efusões místicas da condessa. Desta vez, porém, deixara-a falar com satisfação, sem a contradizer, sequer, interiormente.

— Estou-lhe agradecidíssimo pelas suas palavras e pelas suas promessas — disse ele quando ela acabou de falar. A condessa voltou a apertar a mão do amigo.

— Agora mãos à obra — disse ela, depois de ter feito desaparecer do rosto os vestígios das lágrimas. — Vou ter com o Sérgio e apenas me dirigirei a si nos casos graves.

A condessa levantou-se e dirigiu-se aos aposentos da criança; ali, enquanto humedecia de lágrimas o rosto do garoto assustado, dizia-lhe que o pai era um santo e que a mãe tinha morrido.

A condessa Lídia Ivanovna cumpriu, de facto, o que prometera. Chamou a si todas as preocupações relativas ao governo da casa, conquanto não houvesse exagero algum ao confessar ser inteiramente desprovida de sentido prático. Tão pouco sensatas foram as ordens que dera que Kornei, o criado de quarto de Alexei Alexandrovitch, chamou a si o direito de as revogar, apoderando-se, pouco a pouco, das rédeas do governo da casa. De facto, teve a arte de obrigar o amo a escutar, enquanto o ajudava a arranjar-se todas as manhãs, os relatos que entendia fazer-lhe em tom calmo e circunspecto. Fosse como fosse, a colaboração da condessa Lídia Ivanovna nem por isso fora menos útil: o seu afecto e a sua estima constituíram para Karenine um grande apoio moral. Para grande satisfação dela quase conseguira convertê-lo, isto é, quase o levou a mudar, de morna para quente e firme, a sua simpatia pela doutrina cristã, tal como estavam a ensiná-la em Sampetersburgo. Esta conversão não foi difícil. Da mesma maneira que a condessa e todos quantos preconizavam as novas ideias, Alexei Alexandrovitch era desprovido de imaginação profunda, isto é, dessa faculdade da alma graças à qual as próprias miragens da imaginação exigem, para serem aceites, uma certa verossimilhança. Não lhe parecia impossível que a morte existisse para os incrédulos e não para ele; que o pecado fosse excluído da sua alma e a sua salvação garantida já neste mundo pelo simples facto de dispor de uma fé plena e completa, de que só ele era juiz.

A ligeireza, o erro destas doutrinas, no entanto, chegavam a impressioná-lo por momentos. O irresistível sentimento que sem o menor impulso superior o arrastara ao perdão causara-lhe alegria muito diferente daquela que sentia ao repetir, muitas vezes para si mesmo, que Cristo lhe habitava a alma e lhe inspirava a assinatura

deste ou daquele papel. No entanto, por mais ilusória que fosse, esta grandeza moral era-lhe indispensável na humilhação por que passava: do alto dessa eminência imaginária, julgava poder desprezar aqueles que o desprezavam a ele, agarrando-se a estas novas convicções como a uma tábua de salvação.

CAPÍTULO XXIII

A condessa Lídia Ivanovna casara-se muito cedo; exaltada por natureza, deparara-se-lhe um marido muito rico, conhecido, bondoso e grande libertino. No segundo mês de casados, abandonou-a, replicando com ironia e mesmo com hostilidade, às suas demonstrações de carinho, coisa que não podia compreender quem conhecia o bom coração do conde e não via defeito algum na exaltação de Lídia.

Desde então, embora se não tivessem divorciado, viviam separados, e quando o conde se encontrava com a mulher tratava-a sempre com aquela invariável ironia venenosa, cujo motivo parecia incompreensível.

Havia muito que a condessa Lídia Ivanovna não amava o marido, mas de então para cá estava sempre enamorada de alguém. Costumava enamorar-se de várias pessoas ao mesmo tempo, quer de homens, quer de mulheres, geralmente daquele ou daquela que se tivesse salientado em qualquer coisa. Enamorava-se de todos os novos príncipes e de todas as princesas aparentadas com a família imperial. Amara, sucessivamente, um metropolita, um grande vigário e um simples padre; depois um jornalista, três eslavistas e Komisarov, bem como um ministro, um médico, um missionário e Karenine. Todos estes amores, com as suas diferentes fases de entusiasmo e arrefecimento, não a impediam de manter, quer na Corte, quer na sociedade, as mais complicadas relações.

Todavia, no dia em que Karenine passou a viver sob a sua protecção particular e principiou a cuidar do sem bem-estar, sentiu que nunca amara sinceramente outra pessoa. Todos os seus outros amores perderam o valor a seu olhos; comparando-os ao que sentia agora, via-se obrigada a confessar a si própria que nunca se teria enamorado de Komisarov, se este não tivesse salvo a vida do imperador, nem de Ristitch Kudjitski, se não existisse a questão eslava, enquanto a Karenine o amara por ele próprio, pela sua grande alma incompreendida, pelo seu carácter, pelo metal da sua voz, o seu falar lento, o seu olhar fatigado e as suas mãos, brancas e moles, de veias inchadas. Não só sentiu grande alegria em vê-lo, mas também procurava ler-lhe no rosto uma impressão análoga à que experimentava. Queria agradar-lhe tanto na pessoa como na conversação. Nunca despendera tanto dinheiro na modista. Muitas vezes se surpreendia a pensar no que poderia acontecer, se ambos fossem livres. Quando ele entrava, corava de emoção: se ele lhe dizia qualquer coisa amável, não podia ocultar um sorriso deslumbrado.

Havia dias que a condessa se achava num estado de intensa emoção: soubera que Ana e Vronski estavam em Sampetersburgo. Era preciso salvar Karenine, evitando que ele se encontrasse com Ana e, mesmo, que se inteirasse de que aquela terrível mulher se achava na mesma cidade que ele e que em qualquer altura se podiam deparar um com o outro. Através de amigas suas, Lídia Ivanovna informou-se do que pensava fazer essa "gente repulsiva", que assim chamava a Ana e a Vronski, tratando de orientar todos os movimentos do seu amigo durante aqueles dias de molde a que não se encontrasse com eles. O jovem ajudante de campo, amigo de Vronski, a quem encarregou dessa missão, precisava da condessa para, graças a uma recomendação sua, conseguir certo benefício. Veio, pois, comunicar-lhe que, após arranjarem as suas coisas, Ana e Vronski pensavam partir no dia seguinte. Lídia Ivanovna principiava a sentir-se tranqüila, quando lhe vieram entregar, no dia seguinte, pela manhã, uma carta, cujo cursivo conheceu imediatamente: era a caligrafia de Ana Karenina. O sobrescrito, de papel inglês, espesso como casca de árvore, continha uma folha oblonga e amarelada, com um imenso monograma; o bilhete derramava um perfume delicioso.

— Quem trouxe esta carta?

— Um mandarete de hotel.

Por muito tempo a condessa se deixou ficar de pé, sem coragem para se sentar a ler a carta. Oprimia-a um ataque de asma. Quando, finalmente, sossegou, leu o seguinte, escrito em francês:

Madame la comtesse(Nota 46)*: Os sentimentos cristãos que se albergam no seu coração animam-me a cometer o imperdoável atrevimento de lhe escrever. Sofro muito com o jacto de estar separada do meu filho. Suplico-lhe que me consinta vê-lo uma. só vez antes da minha partida. Perdoe-me que lhe recorde a minha existência. Se me não dirijo directamente a. Alexei Alexandrovitch, è apenas para não despertar nesse homem generoso penosas recordações. Conhecedora da amizade que a ele a liga, pensei que me poderia compreender. Mandar-me-á o Seriocha? Irei eu vê-lo à hora que me indicar? Prefere que eu vá à hora que me marcar oufar-me-á saber em que local o poderei ver? Uma recusa é coisa que me parece impossível, quando penso na magnanimidade da pessoa a quem cabe decidir. Não pode imaginar o desejo que tenho de ver o Seriocha e por isso mesmo não imagina quanto lhe ficarei reconhecida pelo apoio que me queira prestar.*

Ana

Tudo naquela carta irritou a condessa Lídia Ivanovna: o conteúdo, a alusão à magnanimidade da sua alma e principalmente a desenvoltura com que se lhe afigurou estar escrita.

— Diga-lhe que não tem resposta — disse ela. E, abrindo a pasta,

imediatamente escreveu a Karenine a dizer-lhe que contava vê-lo à l hora no palácio. Era dia de festa, a Corte apresentava os seus cumprimentos à família imperial.

Necessito falar-lhe de um assunto importante e doloroso. Combinaremos no palácio o local onde nos podemos encontrar. O melhor seria em minha casa, onde mandarei preparar o "seu" chá. É indispensável... Ele dá-nos a cruz, mas também as forças para carregarmos com ela, acrescentava, preparando-o um pouco.

Em geral a condessa Lídia Ivanovna escrevia dois ou três bilhetes diários a Karenine. Gostava de dar às suas relações, muito simples, a seu ver, um cunho de elegância e de mistério.

CAPÍTULO XXIV

A recepção imperial terminara. Ao sair, todos comentavam as últimas novidades: as condecorações outorgadas e a mudança de situação de altos funcionários.

— Estaria muito bem que nomeassem para o Ministério da Guerra Maria Borissovna e chefe do estado-maior a princesa Vatkovskaia — disse um ancião encanecido, de uniforme agaloado a ouro, dirigindo-se a uma dama de honor, alta e bela, que lhe perguntava o que havia sobre as recentes nomeações.

— E a mim, ajudante de campo — replicou a dama de honor, sorrindo.

— Para si já está escolhida outra pasta: o Ministério dos Cultos. Karenine poderia ser nomeado seu ajudante.

— Bom dia, príncipe — exclamou o ancião, apertando a mão da pessoa que se aproximava.

— Que estavam a dizer de Karenine? — perguntou o príncipe.

— Putiakov e ele receberam o grande cordão de Santo Alexandre Nevski.

— Julgava que o tinham já.

— Não! Olhem para ele — disse o velho, apontando Karenine com o tricórnio bordado. De pé, no limiar de uma porta, este conversava com um dos membros influentes do Conselho de Estado. Alexei Alexandrovitch envergava o uniforme de Corte, com uma nova banda vermelha a tiracolo. — Está contente e feliz como um garoto de botas novas. — E o velho parou para apertar a mão a um soberbo e atlético camarista, que nesse momento passava.

— Não. Acho que envelheceu — replicou este.

— Conseqüência das preocupações. Passa a vida a redigir projectos. Olhe, neste momento não larga o infeliz que lhe caiu nas unhas antes de lhe ter exposto tudo ponto por ponto,

— Qual envelhecido! *Il fait des petssions*(Nota 47). Parece que a condessa Lídia Ivanovna tem agora ciúmes da mulher dele.

— Então, por amor de Deus, não diga mal da condessa Lídia!

— Que mal tem estar enamorada de Karenine?

— É verdade que a Karenine está aqui?

— No palácio, não, mas em Sampetersburgo. Encontrei-a ontem na

Rua Morskaia, *bras dessus, bras dessous*(Nota 48) com Alexei Vronski

— *Cest un homme que ria pai...*(Nota 49) — principiou a dizer o camarista, mas calou-se, para deixar passar uma personagem da família imperial, a quem cumprimentou.

Enquanto ridicularizavam deste modo Alexei Alexandrovitch, este, cortando o passo ao conselheiro de Estado, a quem conseguira caçar, não interrompia, por um momento que fosse, a explicação que lhe dava, expondo-lhe, ponto por ponto, o seu projecto financeiro.

Quase ao mesmo tempo em que fora abandonado pela mulher, Alexei Alexandrovitch encontrara-se, sem que disso ainda se tivesse dado conta por completo, na situação mais penosa em que um funcionário pode vir a deparar-se: a marcha ascensional da sua carreira chegada ao fim. É verdade que ocupava ainda um posto importante, continuava a fazer parte de grande número de comissões, mas arrumavam-no entre as pessoas que haviam dado o que tinham a dar. Todos os seus projectos pareciam caducos e fora de moda. Muito longe de pensar que assim fosse, Karenine julgava discernir com maior precisão os erros do governo, desde que não fazia directamente parte dele, e cria de seu dever indicar certas reformas indispensáveis. Pouco depois da partida de Ana, escrevera algumas páginas sobre os novos tribunais, a primeira das inúmeras memórias perfeitamente inúteis, que iria compor sobre os ramos mais diversos da administração. Cego perante o seu próprio declínio, mostrava-se mais do que nunca satisfeito consigo mesmo e com a actividade que desenvolvia, e como as Sagradas Escrituras eram de então para o futuro o seu guia em todas as coisas, estava sempre a lembrar-se da frase de S. Paulo: “Aquele que tem mulher pensa nos bens terrenos; aquele que a não tem, apenas pensa no serviço do Senhor.”

Alexei Alexandrovitch não prestava a mínima atenção à impaciência, aliás bem visível, do conselheiro de Estado: no entanto, como se viu obrigado a interromper o seu discurso na altura da passagem do membro da família imperial, o interlocutor aproveitou a oportunidade para desaparecer. Ao ver-se sozinho, Karenine vergou a cabeça, procurou concentrar-se e, com um olhar distraído à sua volta, dirigiu-se para a porta onde pensava encontrar Lídia Ivanovna.

“Que fortes e saudáveis são eles todos!”, pensou, observando, de passagem, o pescoço vigoroso do príncipe entalado na gola do uniforme e o robusto camarista das suíças perfumadas. “Já não há nada verdadeiro. Tudo está errado neste mundo”, disse ainda de si para consigo, depois de lançar um olhar às canelas do camarista. E enquanto procurava com a vista a condessa, dirigiu a essas belas criaturas que falavam dele um desses cumprimentos fatigados e dignos

em que era especialista.

— Alexei Alexandrovitch — exclamou o velhinho, cujos olhos brilhavam maldosos —, ainda o não felicitei. As minhas felicitações — acrescentou, apontando para o grande cordão.

— Agradeço-lhe muitíssimo. Que tempo magnífico, não é verdade? — respondeu Karenine, insistindo, consoante hábito seu na palavra "magnífico".

Tinha a impressão de que aqueles cavalheiros troçavam dele; mas como lhes conhecia os sentimentos hostis, não ligava a menor importância ao que eles diziam.

Os ombros de cidra e os belos olhos cismadores da condessa Lídia apareceram-lhe e atraíram-no de longe: dirigiu-se para ela com um sorriso que lhe punha à mostra os dentes brancos.

A *toilette* da condessa, como todas as que ultimamente se dava ao cuidado de compor, provocara-lhe não poucas preocupações. Procurava um objectivo muito diferente daquele que para si mesma propunha trinta anos antes. Então não pensava noutra coisa senão em apaparicar-se e em sua opinião nunca chegava a estar suficientemente elegante; agora, porém, conseguiu tornar surportável o contraste entre a sua pessoa e a sua *toilette*. E aos olhos de Alexei Alexandrovitch o resultado era flagrante, pois este achava-a encantadora. A simpatia desta mulher era para ele o único refúgio contra a animosidade geral. Por isso, no meio daquela multidão hostil, ele se sentia atraído por ela como uma planta que procura a luz.

— Felicito-o — disse a condessa, guiando os olhos para a condecoração.

Com um sorriso de satisfação reprimido, Karenine encolheu os ombros e fechou os olhos, como que a dizer que aquilo o não podia alegrar. A condessa Lídia Ivanovna sabia perfeitamente que a condecoração era uma das suas maiores satisfações, conquanto o não quisesse mostrar.

— O nosso anjo como vai? — perguntou a condessa, referindo-se a Seriocha.

— Não posso dizer que esteja muito contente com ele — tornou-lhe Alexei Alexandrovitch, soerguendo as sobrancelhas e abrindo os olhos. — Aliás, Sitnikov (o professor encarregado da educação de Seriocha) também o não está. Como já lhe disse, dá provas de uma certa indiferença para com os problemas fundamentais que devem tocar a alma de qualquer pessoa, até mesmo de uma criança — continuou, expondo a sua opinião sobre a única coisa que lhe interessava, depois das suas actividades ministeriais.

Quando, auxiliado por Lídia Ivanovna, Karenine regressara à vida e à actividade profissional, sentiu que era seu dever preocupar-se com a educação do filho. Como nunca se interessara pelos problemas da educação, começou por estudar o assunto teoricamente. Depois de ler alguns livros sobre antropologia, pedagogia e didáctica, elaborou um plano e chamou para educar o pequeno o maior pedagogo de Sampetersburgo.

— Mas, o coração? Acho que tem o coração do pai, e uma pessoa com um coração assim não pode ser má — replicou a condessa com entusiasmo.

— Talvez... Mas, no que me diz respeito, cumpro o meu dever.

É tudo quanto cabe na minha mão.

— Venha a minha casa — disse a condessa, após uma pausa. — Temos de falar num assunto doloroso para si. Daria qualquer coisa para lhe poupar certas recordações, mas nem todos pensam da mesma maneira. Recebi uma carta dela. Está em Sampetersburgo.

Ao ouvir falar da mulher, Karenine estremeceu; acto contínuo, porém, transpareceu no seu rosto aquela impassibilidade de morto que traduzia a sua completa impotência em semelhante assunto.

— Já esperava — pronunciou.

A condessa Lídia Ivanovna olhou-o exaltada e lágrimas de admiração, ante a grandeza daquela alma, lhe assomaram aos olhos.

CAPÍTULO XXV

Quando Karenine entrou no acolhedor aposento da condessa Lídia Ivanovna, cheio de porcelanas antigas, as paredes forradas de retratos, a dona da casa ainda ali não se encontrava.

Estava a mudar de vestido.

Na mesa redonda, com a sua toalha, via-se um serviço de porcelana da China ao lado de uma chaleira que funcionava a álcool. Alexei Alexandrovich olhou distraidamente para os inúmeros e bem conhecidos retratos que guarneciam a saleta e, sentando-se diante da mesa, abriu o Evangelho em cima dela. O roçagar do vestido de seda da condessa chamou-lhe a atenção.

— Muito bem. Agora vamo-nos sentar aqui tranqüilamente — disse Lídia Ivanovna, com um sorriso comovido, deslizando, apressada, entre a mesa e o divã. — Conversemos enquanto tomamos chá.

Depois de umas palavras preparatórias, a condessa, respirando com dificuldade e corando, entregou a Alexei Alexandrovitch a carta que recebera.

Karenine leu-a e guardou silêncio durante um longo espaço de tempo.

— Acho que não tenho o direito de lhe negar o que me pede — disse, timidamente, levantando os olhos.

— Meu amigo, não vê mal em coisa alguma.

— Pelo contrário, vejo o mal em toda a parte. Mas seria justo?...

No seu rosto exprimia-se indecisão e a necessidade de um conselho, de um apoio e de uma orientação num assunto incompreensível para ele.

— Não. Tudo tem os seu limites — interrompeu a condessa. — Compreendo a imoralidade — acrescentou, não de todo sincera, posto nunca tivesse podido entender o que levava as mulheres à imoralidade —, mas a crueldade, não. E para com quem? Para com o senhor? Como teve ela a coragem de se apresentar na mesma cidade em que o senhor vive? Realmente, estamos sempre a tempo de aprender coisas novas. Compreendo a sua superioridade e a baixeza dela.

— Quem poderá atirar a primeira pedra? — replicou Alexei Alexandrovitch, sem dúvida satisfeito com o seu papel. — Perdoei-lhe completamente e por isso não posso privá-la do que é uma exigência do seu amor, do seu amor pelo filho...

— Será realmente amor, meu amigo? Será sincero? Suponhamos que o senhor que perdoou, lhe perdoa... Mas teremos o direito de influir na alma desse anjo? Ele está convencido de que a mãe morreu. Reza por ela e pede a Deus que lhe perdoe os seus pecados... Assim é melhor. E agora, que vai ele pensar?

— Não tinha reflectido nisso — replicou Alexei Alexandrovitch, que, naturalmente, compartilhava da opinião da condessa.

Lídia Ivanovna tapou o rosto com a mão e permaneceu calada.

Rezava.

— Se quer que lhe dê um conselho, dir-lhe-ei que não deve fazer isso— disse, depois de rezar e descobrir o rosto. — Não estou porventura a ver como sofre, como se lhe abriram as feridas? Mas suponho que, como sempre, o senhor se esquece de si mesmo. A que poderá isto conduzir? A novos sofrimentos para si e a torturas para a criança? Se nela houvesse ainda algo de humano, nunca desejaria semelhante coisa. Sem vacilar, não lho aconselho e, se me permite, eu lhe escreverei.

Alexei Alexandrovitch acedeu e a condessa endereçou a Ana a seguinte carta em francês:

Minha Senhora: Recordar a seu filho a sua existência pode provocar da parte dele perguntas a que não poderá responder-se sem lhe despertar na alma sentimentos de crítica ao que deve ser sagrado para ele. Portanto, peco-lhe que compreenda a negativa de seu marido, considerando-a ponto de vista do amor cristão. Rogo a Deus que tenha misericórdia de si.

Condessa Lídia

Esta carta atingiu a secreta finalidade que Lídia Ivanovna escondia, até de si própria. Ofendeu Ana até ao mais íntimo da sua alma.

Pelo seu lado, Alexei Alexandrovitch regressou a casa perturbado: foi-lhe impossível nesse dia retomar as suas ocupações e encontrar a paz de um homem na possa da graça de Deus e que se sente escolhido.

A lembrança da mulher, tão culpada perante ele, não obstante ter procedido santamente para com ela, no dizer da condessa, não o devia perturbar assim e, no entanto, estava perturbado. Nada compreendia do que estava a ler, e sem poder afastar do espírito as cruéis reminiscências do passado, a si próprio se acusava de numerosas faltas que contra ela julgava ter cometido: porque é que, depois da confissão de Ana, se limitara a exigir-lhe que guardasse as conveniências? Porque não provocara Vronski, desafiando-o para um duelo? E a carta que escrevera à mulher, o seu perdão inútil, os cuidados que dispensara à criança alheia, tudo lhe acudia à memória e lhe abrasava

o coração em vergonha e arrependimento. Acabou mesmo por reconhecer desonestas todas as circunstâncias passadas das suas relações com Ana, a principiar no pedido de casamento, depois de tão longas hesitações.

"Mas em que sou eu culpado?", perguntava a si mesmo. Esta interrogação chamava invariavelmente uma outra: como é que amavam, então, como casavam os Vronski, os Oblonski, os camaristas de pernas grossas? E diante dos olhos representava-se-lhe toda uma galeria desses homens fortes, pletóricos, seguros de si, que sempre admirara onde quer que os encontrasse. Por mais esforços que fizesse para afastar semelhantes pensamentos, para se lembrar de que o objectivo da sua existência não era este mundo mortal, que a paz e a caridade deviam ser os únicos sentimentos vivos da sua alma, sofria, como se a salvação eterna mais não fosse do que uma simples quimera. No entanto, conseguiu, finalmente, esmagar a tentação, não tardando a reconquistar a serenidade e a elevação de espírito graças às quais podia esquecer tudo o que efectivamente queria esquecer.

CAPÍTULO XXVI

— Então, Kapitonitch — perguntou Seriocha, ao regressar do seu passeio, corado e alegre, na véspera do dia dos seus anos, enquanto o velho guarda-portão, sorrindo-lhe lá do alto da sua imponência, lhe despia o cafetã —, o funcionário da faixa sempre veio? O paizinho recebeu-o?

— Recebeu, sim senhor. Assim que o chefe de gabinete saiu, anunciei-o logo — replicou o guarda-portão, piscando alegremente o olho.

— Deixe que eu lhe tire isso.

— Sérgio — chamou o preceptor sérvio, parando diante da porta que conduzia aos aposentos —, dispa-se o menino.

Mas Seriocha, embora ouvisse a voz débil do preceptor, não fez caso; agarrava o guarda-portão pelo *boldrié* e fitava-o nos olhos.

— O pai fez-lhe o que ele precisava? O velho teve um movimento afirmativo de cabeça. Tanto Seriocha como o guarda-portão se tinham interessado por aquele funcionário que já viera sete vezes pedir alguma coisa a Karenine. O pequeno encontrou-o uma vez no vestíbulo c ouvira como ele suplicava, queixoso, ao porteiro que o anunciasse, dizendo que não tinha outro remédio senão morrer, ele e os filhos.

Seriocha voltou a encontrar-se mais uma vez com ele e desde então passou a interessar-se pelo burocrata.

— E esteve muito contente? — perguntou.

— Pois não havia de estar! Pouco lhe faltou para sair aos pulos.

— Trouxeram alguma coisa? — perguntou Seriocha, depois de um silêncio.

— Sim, menino; trouxeram uma coisa da parte da condessa Lídia Ivanovna para os seus anos.

— E onde está?

— Kornei levou-a para o paizinho. Deve ser uma coisa muito boa!

— Que tamanho tem? Assim?

— Um pouco menor.

— É um livro?

— Não, uma coisa. Entre, entre, que o Vacilli Lukitch está a chamá-lo — disse o guarda-portão, ao ouvir os passos do preceptor, que se

aproximava, e abrindo cauteloso a mãozinha que o agarrava pelo cinturão, com a luva meio despida, acenou-lhe com a cabeça na direcção do mestre.

— Vou já, Vacili Lukitch—disse Seriocha, com aquele seu sorriso alegre e carinhoso que desarmava sempre o severo preceptor.

Seriocha estava demasiado alegre, demasiado feliz para não partilhar com o amigo guarda-portão o júbilo íntimo que lhe provocara o que lhe dissera no jardim de Verão a sobrinha da condessa Lídia Ivanovna. E essa alegria ainda era maior desde que viera juntar-se-lhe o que sabia do funcionário e dos brinquedos recebidos. Afigurava-se-lhe que naquele lindo dia toda a gente devia sentir-se contente.

— Sabes? — continuou ele. — O paizinho recebeu o grande cordão de Santo Alexandre Nevski.

— Claro que sei! Até já o vieram felicitar.

— E está contente?

— Pois não havia de estar contente com uma mercê do imperador? Isso quer dizer que a merece — replicou o guarda-portão, severo e grave.

Seriocha ficou pensativo, examinando atentamente o rosto do homem, que estudava nos seus mínimos pormenores, especialmente no queixo, aflorando por entre as suíças brancas, em quem ninguém mais reparava senão ele, que as olhava muito cá de baixo.

— Há muito tempo que a tua filha te não vem ver? A filha do guarda-portão era bailarina do corpo de *ballet*.

— Como há-de ela vir ver-me em dia de trabalho? Tem que estudar. E o menino também. Vá, ande!

Uma vez na saleta, Seriocha, em vez de por-se a estudar, disse ao preceptor que supunha terem-lhe trazido uma máquina.

— Acha que sim? — interrogou-o.

Mas Vacili Lukitch apenas achava que Seriocha devia estudar a lição de gramática, pois o professor vinha às 2 horas.

— Vacili Lukitch, diga-me só isto: há alguma ordem mais alta do que a de Santo Alexandre Nevski? — perguntou, de súbito, a criança, sentada já diante da mesa de estudo, com o livro na mão. — Foi a que deram ao paizinho?

Vacili Lukitch respondeu que acima da ordem de Santo Alexandre Nevski era a de São Vladimiro.

— E acima dessa?

— Acima de todas, a de Santo André.

— E acima ainda?

— Não sei.

— O quê, o senhor também não sabe?

E apoiando os cotovelos na mesa, Seriocha quedou-se absorto em reflexões, as mais complicadas e variadas. Figurava-se-lhe que o pai ia talvez receber ainda os cordões de São Vladimiro e de Santo André e que por isso mesmo devia mostrar-se indulgente com a lição do dia. Depois dizia de si para consigo que quando fosse crescido faria por merecer todas as condecorações, inclusive aquelas que teriam de arranjar para depois de Santo André. Logo que uma nova condecoração fosse instituída, imediatamente ele se sentiria digno dela. Essas reflexões fizeram passar as horas tão depressa que, interrogado, a lição, sobre os tempos e os modos dos verbos, não estava preparado e o professor mostrou-se descontente e desgostoso. Sérgio teve pena: fizesse o que fizesse, a lição não lhe entrava na cabeça! Enquanto ouvia falar o professor parecia-lhe compreender, mas logo que ficava sozinho não era capaz de entender como duas palavras tão breves e óbvias, “de repente” pudessem ser um modo adverbial. Em todo o caso penalizava-o ter desgostado o professor.

Escolheu o momento em que este, calado, fitava o livro para lhe perguntar de súbito:

— Miguel Ivanovitch, em que dia faz anos?

— Era bem melhor que pensasse nos seus estudos. O dia de aniversário não tem importância alguma para uma pessoa inteligente. É um dia como outro qualquer, um dia de trabalho, como sempre.

Seriocha olhou atentamente para o professor, para a sua barba rala e para os seus óculos, que lhe tinham deslizado do nariz, e tão pensativamente o fixou que nada ouviu da lição. Afigurava-se-lhe que o professor não acreditava no que estava a dizer, e o tom da sua voz é que lho fazia crer. “Porque terão eles combinado todos entre si falar de maneira sempre igual, aborrecida e inútil? Porque me repele este e não gosta de mim?”, perguntava a si mesmo o pobre pequeno, sem obter resposta às suas interrogações.

CAPÍTULO XXVII

Depois da lição do professor, tinha uma que lhe dava o pai; Seriocha, enquanto o esperava, brincava com um canivete e continuava a pensar.

Uma das suas ocupações favoritas era procurar a mãe durante os seus passeios. Não acreditava na morte em geral, e muito em particular na morte dela, não obstante o que lhe dissera a condessa e o pai. Daí que nos primeiros tempos, depois da partida de Ana, julgasse vê-la em todas as senhoras grandes, morenas, graciosas e de cabelos escuros que encontrava na rua. O coração enchia-se-lhe de ternura, sufocava, as lágrimas subiam-lhe aos olhos. Esperava que uma delas se aproximasse dele e erguesse o véu do rosto; então tornaria a ver-lhe a cara, ela sorrir-lhe-ia, beijá-lo-ia e de novo lhe sentiria a suave carícia das mãos, reconhecendo-lhe o perfume, chorando de contentamento como uma noite em que se lhe rebolara aos pés, enquanto ela lhe fazia cócegas e ele lhe mordiscava a mão branca coberta de anéis. Mais tarde, tendo-lhe dito a velha criada, por acaso, que a mãe estava viva, o pai e a condessa viram-se obrigados a explicar-lhe que morrera para ele, pois se tornara má. Ele em nada acreditou; gostava muito dela e continuou a esperá-la e a procurá-la, cada vez mais ansiosamente. Naquele dia vira no jardim de Verão uma senhora com um véu cor de malva e o coração pusera-se-lhe a bater muito no peito quando ela meteu pela mesma avenida. Depois, subitamente, a senhora desaparecera. Seriocha sentiu que a ternura que a mãe lhe inspirava era agora mais viva do que nunca. De olhos brilhantes, perdido no seu sonho, fitava o espaço enquanto retalhava a canivete o tampo da mesa.

Vacili Lukitch arrancou-o à contemplação em que estava:

— Aí vem seu pai!

Seriocha saltou da cadeira, correu a beijar a mão do pai, procurando-lhe no rosto vestígios da satisfação que porventura lhe dera a mercê que recebera.

— Deste um bom passeio? — perguntou Alexei Alexandrovitch deixando-se cair numa poltrona e abrindo um volume do Velho Testamento. Embora repetisse muitas vezes a Seriocha que todo o cristão devia conhecer a fundo a história sagrada, via-se obrigado a consultar o livro para as lições e Seriocha reparava nisso.

— Sim, paizinho, diverti-me muito — respondeu ele que, escarranchado na cadeira, se pusera a baloiçar-se, coisa que lhe era proibida.

Encontrei a Nádia (sobrinha da condessa, educada por ela) e ela disse-me que o pai tivera uma condecoração nova. O paizinho deve estar muito contente, não está?

— Em primeiro lugar, deixa-te de baloiços — advertiu-o Alexei Alexandrovitch —, e depois precisas de aprender que o que se aprecia não é a recompensa, mas o trabalho. Gostaria que compreendesses isso. Se não procurares senão a recompensa, o trabalho vai parecer-te penoso; mas, se apreciares o trabalho por si mesmo, nele próprio terás a tua recompensa.

E Alexei Alexandrovitch lembrou-se que, ao assinar, nesse mesmo dia, cento e dezoito documentos diferentes, apenas tivera como estímulo dessa ingrata tarefa o sentimento do dever.

Os olhos de Seriocha, que brilhavam de ternura e alegria, velaram-se perante o olhar do pai. Sentia que este, quando falava com ele, assumia um tom especial, como se se dirigisse a uma dessas crianças imaginárias que se encontram nos livros mas com quem ele, Seriocha, em nada se parecia. Para agradar ao pai, via-se, pois, obrigado a desempenhar o papel de um desses meninos exemplares.

— Espero que me compreendas — concluiu o pai.

— Sim, paizinho — redargúi Seriocha, aceitando o papel que lhe impunham.

A lição consistia no recitativo de alguns versículos do Evangelho e numa repetição dos primeiros capítulos do Velho Testamento. A recitação não ia mal, mas agora, enquanto recitava, notara na testa do pai que o osso frontal formava uma saliência muito aguda no meio das fontes, e atrapalhara-se, dizendo o final de um dos versículos com o começo de outro principiado com a mesma palavra. Karenine julgou evidente que o filho não compreendia o que estava a dizer, e irritou-se.

Franziu o sobrolho e principiou a explicar o que Seriocha já ouvira muitas vezes, embora nunca o conseguisse lembrar, por tão bem o saber. Acontecia-lhe o mesmo que com a locução “de repente”, modo adverbial. A criança, assustada, olhava para o pai e só pensava numa coisa: se ele o iria obrigar a repetir o que dissera, como acontecia às vezes. Essa ideia assustava-o de tal sorte que não conseguia perceber coisa alguma. Porém, o pai não o obrigou a repetir os versículos e passou para a lição do Velho Testamento. Seriocha contou bem os factos, mas quando teve de explicar o significado profético deles deixou transparecer a ignorância em que estava, embora já tivesse sido castigado por não saber essa mesma lição. E ao chegar aos patriarcas antediluvianos, não pôde responder a pergunta alguma. Atrapalhado, pôs-se a retalhar a mesa a canivete e a baloiçar-se na

cadeira. Apenas se lembrava de um, de Henoch, arrebatado vivo para o céu. Antigamente sabia-lhes os nomes, mas agora esquecera-os por completo, sobretudo porque de todas as personagens do Velho Testamento Henoch era a que preferia e porque a ideia do rapto do profeta se lhe associava no espírito a uma cadeia de pensamentos a que nesse momento se entregava, de olhos fitos na corrente do relógio do pai e num botão meio desabotoado do seu colete.

Embora a cada passo lhe falassem na morte, Seriocha não queria acreditar em tal coisa. Não admitia que pudessem desaparecer as pessoas a quem amava, nem muito menos que ele próprio tivesse de morrer. No entanto, diziam-lhe que era esse o destino de todos, e até mesmo pessoas que lhe mereciam a maior confiança. A velha criada confessara-lhe, embora contra vontade, que de facto todos os homens tinham de morrer. Mas então porque não morrera Henoch? E porque não mereciam os outros subir vivos para o céu como esse profeta? Os maus, aqueles de quem Seriocha não gostava, podiam, realmente, morrer à vontade, mas os outros era bom que lhes acontecesse como a Henoch.

— Vamos, então, quem foram os patriarcas?

— Henoch, Henoch...

— Já disseste esse. Estamos mal, Seriocha, estamos muito mal! Se não procuras saber o que há de mais importante para um cristão, que é que te há-de interessar? — sentenciou o pai, levantando-se. — Não estou contente contigo e o teu professor também não. Terei, pois, de te castigar.

Com efeito, tanto o pai como o professor estavam descontentes com Seriocha: de facto estudava pouco. No entanto, não podia dizer-se que fosse criança de fracas aptidões. Pelo contrário, era mais inteligente que tantos outros rapazes que o mestre lhe apresentava como modelos. Na opinião do pai, Seriocha recusava-se a estudar o que lhe ensinavam. A verdade, porém, é que o podia fazer, pois na sua alma havia necessidades muito mais prementes do que aquelas que o pai e o professor lhe impunham. Com 9 anos, era uma criança, de facto, mas uma criança que conhecia a sua própria alma e a defendia, como a pálpebra defende o olho, daqueles que nela queriam penetrar sem a chave do amor. Acusavam-no de nada querer aprender, quando ele não desejava outra coisa. E aprendia realmente, aprendia com Kapitonich, com a criada, com a Nadienka e com Vacili Lukitch, com estes, sim, não com os mestres. A água com que o pai e o professor esperavam fazer girar a roda do moinho havia muito tempo já que se filtrava para outros lados e fazia girar outros moinhos.

Karenine castigou, pois, Seriocha, proibindo-o de ir a casa de

Nadienka, a sobrinha de Lídia Ivanovna; mas o castigo acabou por ser-lhe benéfico.

Vacili Lukitch, que estava bem disposto, ensinou-lhe a fazer moinhos de vento. Seriocha levou toda a tarde a fazer um e a pensar na maneira de conseguir um desses engenhos que o levasse por ares fora. Que seria melhor: amarrar o corpo às velas ou sentar-se-lhe em cima? Esquecera a mãe, toda aquela tarde, mas, ao deitar-se, lembrando-se subitamente dela, pediu a Deus, à sua maneira, que ela deixasse de estar escondida e o viesse ver no dia seguinte, que era o dia dos seus anos.

— Vacili Lukitch, sabe o que eu pedi a Deus, além do que lhe costumo pedir?

— Que estudasse mais?

— Não.

— Que lhe dessem brinquedos?

— Não, não adivinha. É segredo. Se acontecer, então digo-lhe.

Não adivinha?

— Não, não adivinho. Diga lá — disse Vacili Lukitch, sorrindo, coisa que poucas vezes lhe acontecia. — Vá, deite-se, que quero apagar a vela.

— Sem vela vejo melhor o que penso e aquilo por que rezei. Quase ia a dizer o meu segredo! — exclamou Seriocha, soltando uma alegre gargalhada.

Quando levaram a vela, julgou ouvir e sentir a mãe. Estava de pé diante dele e acariciou-o com o seu olhar cheio de ternura. Não tardou, porém, que se pusesse a ver os seus moinhos e o seu canivete, e tudo se lhe confundiu na cabeça. Acabou por adormecer.

CAPÍTULO XVIII

Vronski e Ana, ao chegarem a Sampetersburgo, hospedaram-se num dos melhores hotéis. Vronski instalou-se separadamente, no andar de baixo, e Ana, a menina, a ama e uma criada, ocuparam um apartamento de quatro dependências.

No próprio dia da chegada, Vronski foi visitar o irmão. Ali encontrou a mãe, que viera de Moscovo para tratar das suas coisas. A mãe e a cunhada acolheram-no como sempre: falaram-lhe da viagem ao estrangeiro e perguntaram-lhe pelos conhecidos, sem mencionarem o nome de Ana nem aludirem às suas relações com ela. Em compensação, o irmão, ao agradecer-lhe, no dia seguinte, a visita que ele lhe fizera, perguntou-lhe por Ana; Alexei Vronski disse-lhe, com toda a franqueza, que considerava as suas relações com ela um verdadeiro casamento, que esperava conseguir o divórcio de Ana e casar-se com ela. Até lá, porém, considerava-a sua mulher e pediu-lhe que transmitisse isso mesmo à mãe e a Vária.

— Se a sociedade o não aprovar, é-me indiferente, mas se a minha família quiser manter relações de parentesco comigo, deve torná-las extensivas a minha mulher — disse Vronski.

Sempre muito respeitador das opiniões do irmão mais novo, preferiu deixar a outros o cuidado de resolverem esta delicada questão, e sem protestos decidiu acompanhar Alexei aos aposentos de Ana.

Na presença do irmão, Alexei não tratou Ana por tu, coisa que sempre fazia diante de estranhos, mas como se fosse uma amiga íntima, não obstante dar a entender que o irmão conhecia as relações que os uniam e sem rodeios ter dito, mesmo, que Ana o acompanharia à aldeia.

Apesar do seu tacto mundano, Vronski cometeu um estranho erro: ele que, melhor do que ninguém, devia compreender que a sociedade se lhe manteria fechada, imaginou, por um surpreendente efeito da imaginação, que a opinião pública, liberta de antigos preconceitos, estaria a sofrer influência do progresso geral (o certo é que, sem dar por isso, Vronski acabara por tornar-se partidário do progresso em todas as coisas). “Evidentemente”, pensava ele, “não posso contar com a sociedade oficial, mas os nossos parentes, os nossos amigos, esses mostrar-se-ão mais compreensivos.”

Qualquer pessoa é capaz de se conservar horas sentada de pernas encolhidas, sem mudar de posição, desde que esteja certa de que nada a impedirá de o fazer. Mas, sabendo que é uma imposição, terá cãibras e as pernas, trêmulas, acabarão instintivamente por estender-se. Eis o

que acontecia com Vronski: convencido, no seu foro íntimo, de que as portas da sociedade se lhe conservariam fechadas, nem por isso deixava de acreditar numa transformação dos costumes. Bateu, pois, às portas da sociedade, que se abriram para ele, mas não para Ana. Como no jogo do gato e do rato, os braços que se levantavam para o acolher descaíam diante dela.

Uma das primeiras mulheres da sociedade que ele encontrou foi a prima Betsy.

— Até que enfim! — exclamou ela, alegremente, ao vê-lo. — E Ana? Que grande satisfação eu tenho. Onde estão vocês instalados? Calculo a péssima impressão que lhes deve dar Sampetersburgo depois de uma viagem como a vossa. Essa lua-de-mel em Roma! E a divórcio, já está concluído?

O entusiasmo de Betsy declinou ao saber que o divórcio ainda não estava proferido e Vronski deu logo por isso.

— Tenho a certeza de que me atirarão a primeira pedra, mas penso ir visitar a Ana. Irei sem falta — disse Betsy. — Vão demorar-se muito tempo?

Com efeito, nesse mesmo dia foi visitar Ana. Porém, mudara completamente de tom: parecia querer pôr em relevo a sua coragem e a prova de amizade que dava à amiga. Depois de tagarelar uns dez minutos sobre as novidades do dia a dia, levantou-se e observou, ao despedir-se:

— Não me disseste quando esperas estar divorciada. Tive a coragem de te visitar, mas outras te olharão por cima do ombro enquanto não estiveres casada. Agora é muito fácil. *Ça se fait*... Quer dizer que vocês partem sexta-feira? Tenho pena de que não nos possamos tornar a ver até lá.

O tom de Betsy deveria ter podido esclarecer Vronski sobre o acolhimento que lhe estava reservado. Mas queria ainda tentar qualquer coisa junto da família. Não contava, claro está, com a mãe, que, entusiasmada com Ana aquando do seu primeiro encontro, mostrava-se agora inflexível para com ela, pois a considerava responsável da ruína da carreira do filho. No entanto, confiava em Vária, a mulher do irmão. Pensava que ela seria incapaz de lhes atirar a primeira pedra e que acharia naturalíssimo visitar Ana e a receberia em sua casa.

No dia seguinte ao da chegada, foi visitá-la e expôs-lhe abertamente o que desejava.

— Bem sabes, Aliocha, que sou muito tua amiga, e estou disposta a fazer por ti tudo o que puder — disse ela, depois de o ouvir. — Se me

conservo à margem é que não posso fazer nada por ti nem por Ana Arkadievna — continuou, pronunciando com especial cuidado *Ana Arcádievna* —; peço-te que não julgues que te censuro. Nunca o fiz, e é muito possível que tivesse feito o mesmo no lugar dela. Não posso nem quero entrar em pormenores — acrescentou, fitando, timidamente, o rosto sombrio de Vronski. — Mas temos de chamar as coisas pelo seu nome. Queres que a vá visitar e que a receba para reabilitá-la perante a sociedade. Não, peço-te que compreendas que isso não o posso fazer. Tenho de educar os meus filhos e preciso de freqüentar a sociedade com meu marido. Se visitasse Ana Arkadievna, seria obrigada a fazer-lhe saber que a não poderia convidar para minha casa, ou então que o teria de fazer de maneira a não se encontrar aqui com mais ninguém, e isso ofendê-la-ia. Não posso...

— Não acho que Ana tenha descido mais do que centenas de mulheres que vocês recebem — interrompeu-a Vronski, ainda mais sombrio, e, sem qualquer outro comentário, levantou-se, compreendendo que a decisão da cunhada era inabalável.

— Alexei! Não te zangues comigo. Por favor, compreende que a culpa não é minha — exclamou Vária, olhando-o com um sorriso tímido.

— Não me zango contigo — replicou Vronski, grave —; mas é-me doloroso o que vejo. Além de que me custa que isto acabe com a nossa amizade. Talvez a não acabe de vez, mas enfraquece-a muito. Compreendes que não posso proceder de outro modo.

Dito isto, Vronski retirou-se.

Percebeu que lhe era inútil fazer outras tentativas e que teria de permanecer aqueles dias em Sampetersburgo como numa cidade estranha, evitando todo o contacto com as suas antigas relações, única forma de evitar cenas desagradáveis e ofensas para ele muito dolorosas. Uma das coisas mais desagradáveis era que Alexei Alexandrovitch e o nome dele estavam em toda a parte. Não havia conversa em que o nome de Karenine não aparecesse imediatamente. Fosse onde fosse, logo se encontrava com ele. Assim, pelo menos, se lhe afigurava, pela mesma razão que uma pessoa com um dedo ferido supõe que as pancadas que nele recebe são propositadas.

A estada em Sampetersburgo ainda lhe foi mais penosa, porque notava em Ana um estado de espírito incompreensível. Tão depressa lhe parecia enamoradíssima dele, como fria, irritável e hermética. Sofria por qualquer coisa que lhe ocultava e parecia não reparar nas ofensas que envenenavam a vida de Vronski, sem dúvida para ela, com a sua aguda sensibilidade, ainda mais dolorosas do que para ele.

CAPÍTULO XXIX

Ao deixar a Itália, Ana propunha-se, antes de mais nada, tornar a ver o filho: à medida que se aproximava de Sampetersburgo maior era a alegria que sentia, visto que ele vivia nessa cidade, e nada mais natural, e mais simples do que encontrar-se com ele; mas assim que chegara, logo compreendeu que isso não ia acontecer.

Que fazer? Ir a casa do marido? Não só se não achava com esse direito como se arriscava a passar por uma afronta. Escrever a Alexei Alexandrovitch quando não conseguia sentir-se tranqüila se não esquecendo-se da existência desse homem? Espreitar as horas em que Seriocha saía a passear e contentar-se com um breve encontro quando tinha tanta coisa a dizer-lhe, tantos beijos e carícias para lhe dar? A criada velha podia ajudá-la muito, mas já não estava em casa de Karenine. Ana perdera dois dias a procurá-la sem resultado. No terceiro, ao saber das relações do marido com a condessa Lídia Ivanovna, decidira-se a escrever a esta uma carta, que muito lhe custou a levar a cabo, onde apelava para a generosidade dela, na certeza de que desde que um dia assumira esse papel, era de crer que quisesse representá-lo até ao fim.

O portador trouxera-lhe, porém, a mais cruel e a mais inesperada das respostas: que não havia resposta nenhuma. Não querendo acreditar no que ouvia, mandou chamar o emissário, ouvindo-o, para sua maior humilhação, confirmar pormenorizadamente a penosa notícia, embora confessando a si própria que, do ponto de vista dela, a condessa tinha razão. E a sua dor foi tanto maior quanto era certo não ter ninguém com quem desabafar. Vronski nem sequer a compreenderia; consideraria o caso de pouca importância, falar-lhe-ia em tom tão glacial que ela lhe teria ódio. E como não havia coisa que ela mais receasse do que sentir ódio por ele, decidiu esconder-lhe ciosamente todos os passos que desse por causa do filho.

Congeminou o dia inteiro outros meios de se aproximar da criança e resolveu, finalmente, escrever ao marido. Foi no momento em que principiava a carta, que lhe trouxeram a resposta da condessa. Não protestara contra o silêncio desta, mas a animosidade, a ironia, que leu entre linhas dessa missiva, encheram-na de revolta.

“Que frieza, que hipocrisia!”, exclamou. “Querem-me magoar e atormentar o meu filho. Não consentirei. Ela é bem pior do que eu. Eu, pelo menos, não minto!”

E logo ali decidiu que iria no dia seguinte, aniversário de Seriocha, ver o filho a casa do marido, comprando, se tanto fosse preciso, os

próprios criados, pondo termo às mentiras absurdas de que a cercavam. Saiu a comprar brinquedos e elaborou o seu plano: chegaria pela manhã, muito cedo, antes de Alexei Alexandrovitch se levantar. Levaria dinheiro à mão para o porteiro e para o criado de quarto, para que eles a deixassem subir sem levantar o véu da face, sob o pretexto de depor sobre a cama de Seriocha presentes que lhe mandava o padrinho. Quanto ao que diria ao filho, por mais que pensasse, não havia maneira de saber o que iria dizer-lhe.

No dia seguinte, pela manhã, por volta das 8 horas, Ana meteu-se num trem de praça e mandou seguir para a sua antiga casa. Bateu à porta.

— Vai ver quem é, parece uma senhora — disse Kapitanovitch, meio vestido, de casaco pelas costas e galochas nos pés, olhando pela janela a senhora junto à porta.

Mal o ajudante de porteiro, um rapaz desconhecido de Ana, abriu a porta, ela entrou, puxando da manga uma nota de três rublos, que lhe fez deslizar, precipitadamente na mão.

— Seriocha... Sérgio Alexeievitch — murmurou, e seguiu adiante. O rapaz, depois de examinar a nota, deteve Ana na porta seguinte.

— A quem deseja falar? — perguntou. Ana não ouviu o que ele disse nem lhe respondeu. Ao reparar na perturbação da desconhecida, o próprio Kapitanovitch veio-lhe ao encontro, deixou-a passar e perguntou-lhe o que desejava.

— Venho da parte do príncipe Skorodumov e quero falar a Sérgio Alexeievitch.

— Ainda não se levantou — replicou o guarda-portão, observando-a atentamente.

Ana não esperava que o vestíbulo da casa onde vivera nove anos lhe produzisse tão grande impressão. Precipitaram-se-lhe na alma, umas atrás das outras, recordações alegres e penosas e por momentos esqueceu-se mesmo do que ali ia fazer.

— Quer esperar? — disse o guarda-portão ao mesmo tempo que a ajudava a despir o casaco de peles.

Nesse instante, Kapitanovitch reconheceu-a e fez-lhe uma grande vênia.

— Faça favor de entrar, excelência — disse em seguida.

Ana quis falar, mas a voz recusou-se-lhe a articular palavra; olhando o velho com uma expressão de súplica culposa, subiu a escada em passos leves e rápidos. Kapitanovitch seguia-a todo dobrado, tropeçando com as galochas nos degraus, num esforço para alcançá-la.

— O preceptor está aí. Talvez ainda não esteja vestido. Eu irei anunciá-la.

Ana continuava a subir a escada, tão sua conhecida, sem entender o que lhe dizia o velho guarda-portão.

— Faça favor, por aqui, pela esquerda. Desculpe que a casa ainda não esteja arrumada. O menino agora dorme no antigo salãozinho — balbuciava o homem, sem fôlego. — Por favor, excelência, espere um pouco. Eu vou ver — continuou, adiantando-se a Ana; e, entreabrindo uma grande porta, desapareceu por ela. Ana deteve-se, aguardando. — Acabou agora mesmo de acordar — veio dizer o guarda-portão.

No momento em que estas palavras eram ditas, Ana ouviu um bocejo infantil, e bastou esse bocejo para ela reconhecer o filho e para o ver como se ele ali estivesse em carne e osso diante dela.

— Deixe-me, deixe-me entrar — balbuciou, precipitando-se no quarto.

À direita da porta havia uma cama e nela estava sentado um rapazinho, apenas com uma camisinha de noite desapertada, que, estiraçando-se, bocejava. Na altura em que os lábios voltaram a fechar-se, desenhou-se neles um sorriso feliz, e com esse sorriso, meio adormecido, de novo se deixou descair suavemente na cama.

— Seriocha! — sussurrou Ana, aproximando-se em passos silenciosos.

Durante aqueles meses de separação, quando, cheia de saudades, se punha a imaginar o filho, via-o sempre como uma criança de quatro anos, pois fora essa a idade em que mais gostara dele. E eis que ele nem sequer se parecia já com o que ela quando o deixara; tinha crescido e estava mais magro; de cabelos cortados, pareceu-lhe que tinha o rosto mais afilado. Que grandes braços os seus! Mudara muito, embora continuasse a ser bem o que sempre fora, com a mesma forma de cabeça, os mesmos lábios, o mesmo esbelto pescoço e os mesmos ombros largos.

— Seriocha, meu menino! — repetiu Ana, ao ouvido da criança.

Seriocha ergueu-se apoiado no cotovelo, moveu a cabeça para ambos os lados, como se procurasse alguma coisa, e abriu os olhos. Durante segundos olhou para a mãe, imóvel diante dele, silencioso e interrogativo. Depois, aflorou-lhe aos lábios um sorriso de felicidade e, tornando a fechar os olhos, lançou-se-lhe nos braços.

— Seriocha, meu querido filho! — exclamou Ana, sufocada, enlaçando com ambas as mãos o seu corpinho cheio.

— Mãezinha! — murmurou ele, agitando-se-lhe dentro dos braços,

para que o corpinho lhe sentisse bem o contacto.

De olhos sempre fechados, deixou-se pender para cima da mãe. A carinha dele esfregava-se-lhe contra o pescoço e o colo, repassando-o desse agradável aroma que só as crianças têm quando dormem.

— Eu bem sabia — disse ele, abrindo os olhos. — Hoje é o dia dos meus anos. Bem sabia que virias. Agora vou levantar-me.

E dizendo o que, voltou a adormecer.

Ana olhava-o avidamente, vendo como crescera e mudara durante a sua ausência. Reconhecia aquelas perninhas nuas e ao mesmo tempo desconhecia-as, agora tão grandes, ali fora da roupa da cama; reconhecia- lhe as facezinhas emagrecidas, os caracolinhos da nuca, que tantas vezes beijava. E a tudo acariciava, sem poder falar, a voz embargada de soluços.

— Por que choras, mãezinha?— perguntou Seriocha, acordando, finalmente, por completo. — Porque choras? — gritou em voz queixosa.

— De alegria, meu filho; há tanto tempo que te não via!... Bom, acabou — disse ela, desviando o rosto para engolir as lágrimas. — São horas de te vestires — continuou, depois de ter-se aquietado um pouco mais. E sem desprender as mãos do filho, sentou-se junto à cama, numa cadeira onde estavam dobradas as roupinhas da criança. — Como te vestes tu sem mim? Como?... —disse, procurando falar em tom simples e alegre; mas não pôde e desviou o rosto de novo.

— Não me lavo mais com água fria, o paizinho proibiu-mo. Não viste o Vacili Lukitch? Está a chegar... Olha, sentaste-te em cima da minha roupa.

E Seriocha deu uma gargalhada. Ana olhou para ele e sorriu.

— Querida mãezinha! — exclamou ele, lançando-se-lhe de novo nos braços, como se tivesse agora compreendido melhor, ao vê-la sorrir, o que realmente estava a acontecer. — Tira isso — continuou ele, deitando- lhe a mão ao chapéu. E ao vê-la de cabeça descoberta, voltou a dar-lhe muitos beijos.

— Que pensavas tu de mim? Julgavas que eu tinha morrido?

— Nunca acreditei.

— Não acreditaste, filho querido?

— Eu bem sabia, eu bem sabia! — exclamou ele, repetindo a sua frase predilecta. E agarrando a mão que lhe acariciava os cabelos, apertou-a contra os lábios e cobriu-a de beijos.

CAPÍTULO XXX

Entretanto Vacili Lukitch, que de princípio não percebera quem era aquela senhora, através da conversa veio a saber de quem se tratava. Não conhecera a mãe de Seriocha, que já não estava em casa quando ele fora contratado. Hesitou: não sabia se devia entrar ou ficar fora do quarto ou se devia avisar Alexei Alexandrovitch. Por fim resolveu que, sendo o seu dever acordar todos os dias Seriocha a uma hora certa, para o fazer não devia preocupar-se com quem porventura estivesse junto dele, fosse a mãe ou outra qualquer pessoa. A sua obrigação era apenas acordá-lo e assim que se vestiu aproximou-se da porta do quarto e abriu-a. A verdade, porém, é que as carícias trocadas entre mãe e filho, o tom das suas vozes, o que diziam, tudo isso o levou a mudar de parecer. Abanando a cabeça, fechou a porta com um suspiro. "Esperarei mais dez minutos", disse, tossindo e enxugando as lágrimas.

Entretanto uma grande agitação reinava entre a criadagem. Todos sabiam que Kapitonich deixara entrar a antiga ama e que ela se encontrava no quarto do filho. Também sabiam que o professor ali se apresentava todas as manhãs pouco depois das 8 horas. Estavam convencidos de que, custasse o que custasse, era preciso evitar que marido e mulher viessem a encontrar-se. Kornei, o criado de quarto, desceu a escada até ao cubículo do guarda-portão para saber o que se passara, e ao ter conhecimento de que o próprio Kapitonitch acompanhara Ana Arkadievna, passou-lhe uma grande descompostura. O guarda-portão mantinha-se num silêncio estóico; quando, porém, o criado de quarto de Karenine lhe disse que merecia ser despedido, estremeceu e aproximando-se de Kornei disse-lhe com um gesto enérgico:

— Vais dizer que tu não a tinhas deixado entrar?! Depois de a teres servido durante dez anos e só teres ouvido dela boas palavras, ter-lhe-ias dito agora: "Faça o favor de se pôr na rua!" Sempre me saíste um traste! Era melhor que te lembrasses do que roubas ao patrão e das pelicas de castor que lhe chispas!

— Caserneiro! — rouquejou Kornei, com desprezo, e virou-se para a criada que aparecia naquele momento. — Imagina tu, Maria Efimovna, que a deixou entrar sem dizer nada a ninguém — explicou. — E não tarda que Alexei Alexandrovitch vá dar com ela no quarto do filho.

— Que coisa, que coisa! — suspirou a criada. — Entretenha o patrão, Kornei Vacilievitch, enquanto eu vou lá acima ver se consigo

levá-la dali! Que coisa, que coisa!

Quando a criada entrou no quarto de Seriocha, contava este à mãe que a Nadienka e ele tinham rebolado juntos do alto de uma montanha de gelo, dando três voltas. Ana ouvia-lhe o timbre da voz, mirava-o no rosto, seguia-lhe o jogo fisionômico, palpava-lhe o bracinho, mas não percebia nada do que ele dizia. Precisava de o deixar! Sabia muito bem que tinha de ser e só nessa coisa horrorosa estava a pensar. Ouvira os passos de Vacili Lukitch e a sua tossezinha discreta, agora ouvia chegar a velha criada. Porém, incapaz de se mexer ou de falar, continuava imóvel como uma estátua.

— Senhora! Minha querida senhora! — exclamou Maria Efimovna, aproximando-se e beijando-lhe as mãos e os ombros. — Deus concedeu uma grande alegria ao menino no dia dos seus anos. Nada mudou, minha senhora.

— Oh, querida, não sabia que continuava aqui em casa — disse Ana, serenando por momentos.

— Não vivo aqui, vivo com minha filha. Vim para dar os parabéns ao menino, minha querida Ana Arkadievna.

A criada pôs-se a chorar e tornou a beijar as mãos de Ana.

Seriocha, com os olhos a cintilar de alegria, dando por um lado a mão à mãe, pelo outro à criada, passarinhava por cima do tapete com os seus pèzinhos descalços. Entusiasmava-o a ternura com que a criada tratava a mãe.

— Mãezinha! A Maria Efimovna vem ver-me muitas vezes e de cada vez... —principiou a criança, mas calou-se, ao perceber que a criada falava em voz baixa com a mãe, em cujo rosto se reflectia medo e qualquer coisa parecida com vergonha. Ana aproximou-se do filho.

— Meu queridinho! — exclamou.

Era-lhe impossível dizer-lhe adeus; mas a expressão do rosto disse-o por ela e Seriocha compreendeu-o.

— Meu querido, meu querido Kutik! — dizia, tratando-o pelo nome que lhe dava em pequenino. — Não me esquecerás? Tu... — Ana não pôde prosseguir.

Quantas coisas lamentou, mais tarde, não ter sabido dizer-lhe, quando naquele momento se sentia incapaz de nada dizer! Mas Seriocha compreendera tudo. Compreendeu que a mãe era infeliz e que lhe queria muito e compreendeu mesmo o que a criada lhe segredara ao ouvido, pois ouvira as palavras: “Sempre à volta das 8 horas.”

Tratava-se, evidentemente, do pai, e ele percebeu que a mãe não

devia encontrar-se com ele. Mas por que se pintava no rosto da mãe medo e vergonha? Sem ser culpada, parecia recear a presença do pai e corar de qualquer coisa que ele não sabia o que fosse. Teria desejado muito interrogá-la, mas faltou-lhe a coragem, pois via-a sofrer e tinha muita pena dela. Estreitou-se contra a mãe, murmurando:

— Não te vás ainda embora, ele não virá tão depressa.

A mãe afastou-o de si por instantes para olhar para ele e procurar compreender se ele estaria bem ciente do que dizia. Ao ver a expressão assustada do filho, compreendeu que se referia, realmente, ao pai e parecia mesmo inquirir que sentimentos deveria manifestar em relação a ele.

— Seriocha, meu filho, deves querer-lhe muito. Ele é melhor do que eu, e eu sou culpada a seus olhos. Quando fores homem, a ti competirá julgar.

— Não há ninguém melhor do que tu — exclamou a criança, chorando, no meio de um grande desespero. E agarrando-se aos ombros da mãe, apertou-a contra si com toda a força dos seus bracinhos trêmulos.

— Meu queridinho, meu queridinho! — balbuciava ela, as lágrimas a correrem-lhe pelas faces abaixo, chorando como uma criança.

Neste momento Vacili Lukitch entrou no quarto; ouviam-se já passos junto da outra porta e a criada, assustada, estendeu o chapéu a Ana, dizendo-lhe muito baixo:

— Lá vem ele!

Seriocha deixou-se cair de novo sobre a cama e pôs-se a soluçar, cobrindo o rosto com as mãos; Ana afastou-lhas, para beijar mais uma vez as suas facezinhas banhadas de lágrimas, e saiu em passo precipitado.

Alexei Alexandrovitch vinha ao seu encontro. Ao vê-la, parou e baixou a cabeça.

Acabava de dizer que ele era melhor do que ela, e, no entanto, após o rápido olhar que lançou ao marido, mirando-o de alto a baixo, assaltou-a um sentimento de repulsa e de desprezo por ele, ao mesmo tempo que uma grande inveja por aquele homem que ia ficar junto do seu filho lhe abrasou o coração. Baixou rapidamente o véu e saiu quase a correr.

Na pressa com que entrara, esquecera-se na carruagem dos brinquedos escolhidos na véspera com tanto carinho e tristeza, e via-se obrigada a trazê-los de novo consigo para o hotel.

CAPÍTULO XXXI

Conquanto desejasse há muito aquele encontro com o filho e que para isso se tivesse preparado de antemão, Ana não esperava sentir as violentas emoções que lhe despertaram a vista dele. Depois de regressar aos seus aposentos do hotel, levou tempo a compreender porque se encontrava ali. "Bom, tudo acabou e aqui estou eu outra vez só!" Sem tirar o chapéu, deixou-se cair numa poltrona perto do fogão. E com os olhos fitos no relógio de bronze que estava sobre a consola, entre as duas janelas, abandonou-se à sua cisma.

A criada francesa que trouxera do estrangeiro veio perguntar-lhe se queria vestir-se. Ana olhou para ela surpresa e respondeu:

— Mais tarde.

E quando o criado apareceu para lhe servir o pequeno almoço, teve a mesma resposta.

A ama italiana entrou por sua vez com a menina, que acabava de vestir; ao ver a mãe, a criança sorriu-lhe, agitando no ar as mãozinhas rechonchudas, fazendo ruído ao roçar pelas pregas do vestido, como um peixe que agita as barbatanas. Era impossível não sorrir nem deixar de beijar a menina, não se lhe podia recusar o dedo, a que ela se agarrava gorjeando, e o corpo todo palpitante, e também era forçoso oferecer-lhe os lábios, que ela colhia, de boquinha pronta para um beijo; Ana tudo fez; pegou-lhe ao colo e fê-la saltar nos braços, beijou-lhe as bochechinhas louçãs e os cotovelos nus. Mas, ao vê-la, compreendeu que o amor que lhe tinha não se comparava com o que sentia por Seriocha. Tudo nesta criança, era agradável, mas não lhe enchia o coração. Todas as suas reservas de carinho haviam sido para o primeiro filho, embora filho de um homem a quem não amava, um carinho sem compensação. A menina, que nascera em circunstâncias bastante penosas, não tinha a centésima parte dos desvelos que dera a Seriocha. Além de que a menina era tão-só uma esperança, enquanto Seriocha era quase um homem, um homem muito querido. Já lutavam nele sentimentos e pensamentos. E ao lembrar-se das suas palavras e dos seus olhares, tinha a certeza de que Seriocha a compreendia, a amava e a julgava. No entanto, estava separada física e moralmente dele, e isso não tinha remédio.

Depois de confiar a menina à ama, abriu um medalhão onde guardava um retrato de Seriocha pouco mais ou menos da mesma idade da filha. Depois ergueu-se, tirou o chapéu, e pegando num álbum de retratos que estava em cima da mesa retirou dele, para compará-los entre si, vários retratos do filho em idades diferentes.

Apenas faltava um, o melhor, em que Seriocha estava a cavalo numa cadeira, de bibe branco, a boca aberta num sorriso e as sobrancelhas franzidas: a semelhança era completa. Com os seus dedos ágeis, mais nervosos do que nunca, tentou debalde descolar a fotografia da cartolina. Como não tinha à mão faca de cortar papel, ia procurando descolá-la com o auxílio de outra fotografia, tirada ao acaso do mesmo álbum, e que calhou ser um retrato de Vronski feito em Roma, de cabelos compridos e chapéu mole. "Ei-lo!" exclamou, e ao ver Alexei, representou-se-lhe bem que era ele o autor dos seus sofrimentos. Não pensara nele toda a manhã, mas, ao deparar-se-lhe aquela face nobre e viril, tão querida e tão íntima, uma onda de amor lhe cresceu inopinadamente no coração. "Onde está ele? Porque me deixa sozinha com a minha dor?", perguntou a si mesma com amargura, esquecendo-se de que lhe ocultava cautelosamente tudo que dizia respeito ao filho. Acto contínuo, mandou-o chamar e ficou à espera, numa ansiedade, das palavras de ternura que ele lhe iria prodigalizar.

O criado voltou para lhe dizer que o conde, com uma visita, lhe perguntava se o poderia receber na companhia do príncipe Iachivne, que acabava de chegar a Sampetersburgo. "Não virá só e não me vê desde ontem à hora do jantar", pensou ela. "Nada lhe poderei dizer, visto estar com Iachivne." É uma ideia cruel lhe perpassou pelo espírito. "E se ele tivesse deixado de me amar?" Evocou na memória os incidentes dos últimos dias. Havia neles algo que poderia ser uma confirmação desse medonho pensamento: desde que chegaram a Sampetersburgo, exigira que ela se instalasse em aposentos separados; na véspera, não jantara com ela, e eis que vinha vê-la acompanhado, como se receasse encontrar-se a sós com ela.

"Se isso fosse verdade, tinha o dever de mo confessar, eu devo ser prevenida: então saberei muito bem o que tenho a fazer", disse de si para consigo, em verdade pouco em estado de imaginar o que seria capaz de fazer, se se confirmasse a indiferença de Vronski.

Este pânico, em que havia como que desespero, deixou-a sobressaltada. Tocou pela criada de quarto, recolheu-se ao toucador e procurou arranjar-se com particular meticulosidade, como se dependesse da sua *toilette* o poder chamar Vronski de novo a si. A campainha ressoou, ainda ela não estava pronta.

Quando deu entrada no salão, os seus olhos encontraram antes de mais nada o olhar de Iachivne; Vronski, absorto na contemplação dos retratos de Seriocha, que ela deixara em cima da mesa, não mostrou pressa alguma em erguer os olhos para ela.

— Somos velhos conhecidos, estivemos juntos o ano passado nas corridas — disse ela, pousando a sua miúda mão na mão enorme

daquele gigante, cuja confusão fazia grande contraste com a sua face rude e o seu porte imenso. — Deixe ver — disse ela para Vronski, tirando-lhe das mãos, num movimento brusco, as fotografias do filho, enquanto lhe relanceava, de olhos brilhantes, um olhar significativo. — Que tal achou as corridas este ano? Tive de me contentar com as do Corso, em Roma, Mas eu sei que não gosta do estrangeiro — acrescentou com um sorriso acariciador. — Conheço-o muito bem, e embora nos tenhamos encontrado poucas vezes, estou a par de todos os seus gostos.

— Muita pena tenho; em geral são bastante maus — replicou Iachivne, mordiscando a guia esquerda do bigode.

Após alguns minutos de conversa, o príncipe, ao ver Vronski consultar o relógio, perguntou a Ana se pensava permanecer muito tempo em Sampetersburgo. Depois, erguendo a sua corpulenta figura, pegou no quépi.

— Acho que não — replicou ela, embaraçada, lançando a Vronski um olhar furtivo.

— Então não nos tornaremos a ver? — disse Iachivne; e, voltando-se para Vronski: — Onde jantas tu?

— Venha jantar connosco — atalhou Ana, em tom resoluto. Mas imediatamente corou, penalizada por não ser capaz de esconder a perturbação que a tomava, sempre que a sua falsa situação se evidenciava perante um estranho. — A cozinha do hotel não é grande coisa, mas ao menos terão ocasião de estar juntos. Entre todos os camaradas de regimento, é o príncipe que o Alexei prefere.

— Com todo o gosto — replicou Iachivne, num sorriso que fez compreender a Vronski que Ana o conquistara por completo.

Pediu licença para se retirar e saiu. Vronski ia fazer o mesmo.

— Vais-tejá embora? — inquiriu Ana.

— Estou atrasado. Vai andando, eu vou já ter contigo — disse para o amigo.

Ana pegou-lhe na mão, e sem afastar dele os olhos procurou lembrar-se de qualquer coisa que o pudesse reter.

— Espera, tenho uma coisa a pedir-te — murmurou ela. E levando a mão de Vronski à face: — Achas que fiz mal em convidá-lo?

— Fizeste muito bem — tornou-lhe ele, sorrindo com todos os dentes à mostra. E beijou-lhe a mão.

— Alexei, não terias mudado para comigo? — perguntou-lhe ela, apertando-lhe a mão entre as suas. — Alexei, eu não posso mais.

Quando partimos?

— Não tarda muito, não tarda muito. Eu também não posso mais.

— E retirou a mão.

— Bom, vai, vai — disse ela, num tom magoado. E Ana afastou-se precipitadamente.

CAPÍTULO XXXII

Quando Vronski regressou ao hotel, Ana não estava. Disseram-lhe que tinha saído com uma senhora, pouco depois da partida dele, não sabiam para onde. Esta ausência inesperada, e a demora fora de casa, associadas ao ar agitado, ao tom áspero com que lhe tirara das mãos, diante de Iachvnie, as fotografias do filho, fizeram pensar Vronski.

Decidido a pedir-lhe explicações, aguardou-a no salão. Mas Ana não voltou sozinha; trazia consigo uma das suas tias, a solteirona princesa Oblonski, com quem fora às compras. Sem atentar no ar inquieto e interrogativo de Vronski, pôs-se a descrever-lhe o que fizera, mas ele lia-lhe uma atenção forçada nos olhos brilhantes que o fitavam dissimulada-mente e reconhecia-lhe nos gestos e nas frases essa graça febril que tanto o encantava outrora e que actualmente lhe metia medo.

Iam entrar na saleta, onde estava posta a mesa com quatro talheres, quando vieram anunciar a visita de Tuchkievitch, enviado por Betsy.

A princesa desculpava-se junto de Ana de não poder ir despedir-se dela: estava doente e pedia-lhe que a fosse visitar entre as sete e meia e as nove. Vronski, num simples relance de olhos, quis dar-lhe a entender que, marcando-lhe hora, tomara as medidas necessárias para que ela não viesse a encontrar-se com alguém. Ana, contudo, parecia não prestar-lhe a mínima atenção.

— Lamento muito não estar livre precisamente entre as sete e meia e as nova horas — replicou ela, com um sorriso imperceptível.

— A princesa vai ter muita pena!

— E eu também.

— Naturalmente vão ouvir a Patti?

— A Patti? Ora aí está uma ideia. Iria, com certeza, se pudesse arranjar um camarote.

— Eu me encarrego disso,

— Ficar-lhe-ei muito reconhecida... Mas não quererá jantar connosco?

Vronski encolheu ligeiramente os ombros. Não percebia nada da maneira de agir de Ana: porque trouxera consigo aquela velha solteirona? Porque queria ela que Tuchkievitch ficasse para jantar? E sobretudo para quê um camarote? Estaria ela em condições, na sua posição, de se apresentar na ópera em dia de assinatura? Arriscava-se a encontrar lá Sampetersburgo em peso. Ao relance de olhos severo

que ele lhe lançou, ripostou Ana com um desses olhares meio alegre meio provocantes, para ele autênticos enigmas. Durante o jantar, muito animada, dir-se-ia provocar ora um ora outro dos seus convidados. Quando se levantou da mesa, Tuchkievitch foi arranjar a senha do camarote e Iachivne desceu ao andar de baixo para fumar na companhia de Vronski. Daí a pouco este voltou a subir e encontrou Ana com um vestido de seda claro muito decotado e debruado de veludo. Uma mantilha de rendas punha-lhe em realce a fulgurante beleza da cabeça.

— Vais realmente ao teatro? — perguntou ele, evitando-lhe o olhar.

— Por que mo perguntas com esse ar assustado? — tornou-lhe ela, zangada com o facto de ele a não olhar. — Não sei porque não ir! Dir-se-ia que não compreendera o que ele quisera dizer.

— Evidentemente que não há nenhuma razão para isso! — voltou ele, franzindo as sobrancelhas.

— É essa a minha opinião — volveu-lhe ela, fingindo não dar pela ironia da resposta.

E sempre serena, ia retorcendo tranqüilamente o punho alto da luva perfumada.

— Ana, por amor de Deus, que tens tu?... — articulou ele, procurando como que acordá-la, tal como outrora tentara fazê-lo o seu próprio marido.

— Não percebo o que queres de mim.

— Sabes muito bem que não podes ir à Ópera.

— Por quê? Não vou sozinha; a princesa Bárbara foi mudar de vestido e irá comigo.

Vronski encolheu os ombros, desanimado.

— Pois não sabes que... — quis ele dizer.

— Não quero saber coisa alguma — exclamou ela. — Não, não quero. Não me arrependo do que fiz; não, não e não. Se fosse preciso voltar ao princípio, voltaria. Só uma coisa conta para ti e para mim: sabermos que nos amamos. O resto não tem valor algum. Por que vivemos nós aqui separados? Por que não posso eu ir onde me apetece?... Amo-te e tudo me é indiferente, se não mudaste para comigo — acrescentou em russo, pousando nele um desses olhares exaltados que Vronski não podia compreender. — Por que não olhas tu para mim?

Vronski ergueu os olhos para ela: estava linda, o vestido ficava-lhe maravilhosamente. Naquele momento, porém, aquela beleza, aquela

elegância é que o irritavam.

— Bem sabes que os meus sentimentos não mudam. Mas peço-te, suplico-te, que não vás! — exclamou ele, sempre em francês, os olhos frios, mas em voz implorativa.

Ana apenas notou o olhar e respondeu de maneira brusca.

— E eu peço-te que me expliques porque não posso eu ir.

— Porque isso pode trazer-te... Não teve coragem de concluir.

— Não compreendo. Iachivne *n'est pas compromettant*(Nota 50). E a princesa Bárbara não é pior do que tantas outras. Ela aí vem!

CAPÍTULO XXXIII

Pela primeira vez desde que viviam juntos, Vronsk sentiu diante de Ana um descontentamento muito parecido com a cólera. O que acima de tudo o contrariava era não poder explicar-se com toda a franqueza, não era capaz de lhe dizer que o facto de se apresentar na Ópera em semelhante *toilette,* na companhia de uma pessoa como a princesa, não só correspondia a dar-se a conhecer, reconhecidamente, como mulher perdida, mas ainda por cima era desafiar a opinião pública, renunciando para sempre ao seu lugar na sociedade.

"Como é que ela não compreende isto? Que terá ela?", dizia Vronski com os seus botões. Mas enquanto parecia diminuir a estima que sentia pelo carácter de Ana, a admiração pela sua beleza ia crescendo.

Ao regressar aos seus aposentos, sentou-se, preocupado, ao lado de Iachivne, o qual, com as longas pernas estendidas sobre uma cadeira, saboreava uma mistura de água de Seltz e de conhaque. Vronski seguiu- lhe o exemplo.

— Vigoroso o cavalo de Lankovski! Mas é um belo animal, que eu te aconselho a comprar — disse Iachivne, fitando o rosto taciturno do camarada. — Tem a garupa um pouco descaída, mas a cabeça e os pés são admiráveis. Não há igual!

— Então, vou comprá-lo — tornou-lhe Vronski.

Enquanto ia falando de cavalos, continuava a pensar em Ana: olhava para o relógio de pêndulo, apurando o ouvido para o que se passava no corredor.

— Ana Arkadievna manda dizer que foi para o teatro — veio anunciar o criado.

Iachivne encheu mais um copo de água gasosa, bebeu-a e abotoando o uniforme, levantou-se.

— Pois bem, vamo-nos embora? — disse ele, dando a entender, com o seu sorriso discreto, que compreendia a causa da contrariedade de Vronski, embora sem lhe atribuir a menor importância.

— Eu não irei — respondeu Vronski, em tom lúgubre.

— Prometi e tenho de ir. Adeus. Se mudares de ideias, leva a poltrona de Krusinski, que está vaga — acrescentou, retirando-se.

— Não, tenho um assunto a resolver.

"Realmente", disse Iachivne de si para consigo, ao sair do hotel. "Se uma pessoa tem aborrecimentos com a mulher, com a amante ainda é

pior.”

Quando ficou só, Vronski pôs-se a passear de um lado para o outro.

“Vejamos, que dia de assinaturas é hoje? O quarto. Meu irmão está lá decerto com a mulher, e naturalmente também lá estará minha mãe, isto é, Sampetersburgo em peso... A esta hora terá entrado Ana e despido o abafo, e ali estará diante de todos. Tuchkievitch, Iachivne, a princesa Bárbara... E eu, que faço eu? Terei medo ou terei confiado a

Tuchkievitch a obrigação de a proteger? Como tudo isto é estúpido. Por que me coloca ela nesta posição idiota?”, disse com seus botões, fazendo um gesto com a mão.

Este gesto de mão atingiu a mesinha, que por pouco não caiu, sobre a qual estava uma bandeja com o conhaque e a água de Seltz. Ao querer apanhá-la, Vronski acabou por atirá-la ao chão; furioso, deu-lhe um pontapé e puxou a campainha.

— Se queres continuar ao meu serviço — disse ao criado, que acorrera —, trata de me arranjares as coisas convenientemente. Porque não vieste tirar isto daqui?

Inocente como estava, o criado tentou justificar-se, mas, assim que olhou para o amo, percebeu que o melhor seria nada dizer. Ajoelhou-se, pois, no chão, desculpando-'se, a apanhar os copos e as garrafas, quebrados e inteiros.

— Isso não é da tua incumbência. Manda vir outro criado e trata de me preparares a casaca.

Eram oito e meia quando Vronski deu entrada na Ópera. O espectáculo já tinha principiado. O velho arrumador que o ajudava a despir a pelica conheceu-o e tratou-o por excelência.

— Não é preciso número — disse ele; quando sair, Vossa Excelência pode chamar pelo Fiodor.

Além do arrumador não havia mais ninguém por ali, a não ser dois lacaios, com abafos de pele nas mãos, que escutavam por uma porta entreaberta. Lá dentro a orquestra tocava e em *staccato* ouvia-se uma voz de mulher: A porta abriu-se, outro arrumador apareceu e a frase que se cantava veio ferir o ouvido de Vronski. Foi-lhe impossível ouvi-la até ao fim, pois a porta fechara-se entretanto, mas, graças aos aplausos que imediatamente se seguiram, percebeu que o trecho findara. Ainda se davam palmas quando penetrou na platéia, onde os lustres e os bicos de gás se acendiam nesse instante. No proscênio, a cantora, toda decotada e coberta de diamantes, agradecia, sorrindo, debruçando-se para apanhar, auxiliada pelo tenor que lhe dava a mão, os ramos de flores que lhe atiravam, desajeitadamente, por cima da

ribalta. Um cavalheiro, cuja risca impecável se lhe apartava nas madeixas de cabelo acamadas a brilhantina, estendendo o braço, oferecia-lhe um estojo, enquanto a assistência, camarotes e platéia, gritava, aplaudia, levantava-se para ver melhor. Depois de ter ajudado a passar os presentes para o palco, o chefe da orquestra ajeitava o laço branco. Ao chegar ao meio da platéia, Vronski parou e maquinalmente percorreu com os olhos a assistência em volta de si, mais indiferente do que nunca ao que se passava no palco e ao ruído do rebanho variegado dos espectadores. Lá estavam nos camarotes as mesmas senhoras de sempre e atrás delas os mesmos oficiais, na platéia as mesmas mulheres garridamente vestidas e os mesmos homens de uniformes de gala e nas galerias a mesma plebe suja. E em toda a sala à cunha apenas umas quarenta pessoas, quer nos camarotes, quer nas primeiras filas da platéia, constituía aquilo a que podia chamar-se verdadeiramente a sociedade. A atenção de Vronski imediatamente se sentiu atraída para esse oásis.

Como acabava de descer o pano sobre o Io acto, Vronski, antes de se dirigir ao camarote do irmão, aproximou-se da primeira fila de poltronas, onde Serpukovski, apoiado à ribalta, em que tamborilava com o tacão da bota, o atraía com um sorriso. Ainda não vira Ana nem sequer a procurara com os olhos, mas pela direcção que os olhares tomavam, percebeu facilmente onde ela estava. Receando o pior, tentou descobrir Alexei Alexandrovitch Karenine. Por um feliz acaso, este não viera nessa noite ao teatro.

— Pouco te ficou de militar! — disse-lhe Serpukovski. — Pareces um diplomata, um artista...

— Sim, desde que voltei para a Rússia, adoptei a casaca — replicou Vronski, sorrindo e puxando lentamente do binóculo.

— Invejo-te; quando volto do estrangeiro, confesso-te, é com pesar que visto isto — disse Serpukovski, batendo nas dragonas. — Acima de tudo a liberdade.

Serpukovski havia muito que desistira de entusiasmar Vronski na carreira militar; mas, como continuava seu amigo, queria mostrar-se especialmente amável com ele.

— Tenho pena que perdesses o 1_ acto.

Vronski mal o ouvia. Ia examinando os camarotes. De súbito, a cabeça de Ana apareceu no campo visual do binóculo que ele assestava para a sala, altiva, adorável e sorridente, no meio das suas rendas, junto a uma senhora de turbante e a um velho calvo, que pestanejava mal- humorado. Ana estava no quinto camarote, a vinte passos dele. Sentada na parte dianteira tagarelava com Iachivne, um pouco voltada de costas. A atitude da cabeça, no meio dos belos e

opulentos ombros, a excitada irradiação contida dos olhos, lembravam-lhe o momento em que a vira outrora no baile de Moscovo. Os sentimentos que essa beleza lhe inspirava é que nada tinham já de misterioso; por isso, embora o seu encanto impressionasse, e mais vivamente ainda, quase se sentia magoado ao vê-la tão bela. Conquanto ela não estivesse a olhar para onde ele estava, Vronski tinha a certeza de que Ana já dera pela sua chegada.

Quando, pouco depois, Vronski tornou a assestar o binóculo para o camarote, viu a princesa Bárbara, muito corada, a rir com um riso contido e voltando-se a cada passo para o camarote vizinho. Ana, batendo com o leque fechado no parapeito de veludo vermelho, olhava para longe, no intuito evidente de não prestar atenção ao que se passava a seu lado. Quanto a Iachivne, dir-se-ia que se lhe pintava no rosto um sentimento equivalente ao que nele transparecia, se porventura tivesse perdido no jogo: mastigava, nervosamente, as guias do bigode, franzia as sobrancelhas, relanceava os olhos de revés para o camarote vizinho.

Ao fixar o binóculo nos espectadores que ocupavam esse camarote, Vronski reconheceu os Kartassov, cuja casa, tanto ele como Ana tinham freqüentado outrora. De pé, de costas para Ana, a senhora Kartassov, pequenina e delgada, punha um abafo de peles que o marido lhe oferecia: estava pálida, enojada, e parecia falar animadamente. O marido, um indivíduo possante e calvo, fazia o possível por sossegá-la, voltando-se a cada passo para o camarote de Ana. A mulher abandonara o camarote, mas o marido ficara para trás, procurando o olhar de Ana, na intenção de a cumprimentar. Esta, porém, voltava-lhes as costas ostensivamente, entretida a conversar com Iachivne, de cabeça rapada toda inclinada para ela. Kartassov viu-se obrigado a sair, sem poder cumprimentá-la, e o camarote ficou vazio.

Embora ignorasse o que se passara, Vronski convenceu-se de que Ana fora vítima de um desacato: lia-se-lhe no rosto que apelava para as suas derradeiras forças na esperança de manter o papel que resolvera representar até ao fim. Aliás, parecia de uma serenidade absoluta. Os que não a conheciam e não ouviam as frases de indignação ou de comiseração das suas ex-amigas, comentando a audácia que ela tivera em apresentar-se ali em todo o esplendor da sua formosura, não podiam imaginar que aquela mulher sentia a mesma vergonha que um malfeitor amarrado a um pelourinho.

Muito perturbado, Vronski apresentou-se no camarote do irmão. Procurava conseguir saber o que acontecera. Atravessou de propósito a platéia, do lado oposto ao do camarote de Ana, e quando ia a sair deparou-se-lhe o antigo coronel do regimento, que conversava com

duas pessoas. Vronski julgou ouvir o nome de Karenine, notando a pressa com que o oficial o chamou em voz alta, relanceando aos companheiros um olhar significativo.

— Ah! Vronski! Quando apareces no regimento? Que diabo, não podemos deixar-te ir embora sem te oferecer um banquete! Eras dos nossos, dos fixes.

— Desta vez não vou ter tempo, e tenho pena — replicou Vronski. E dirigiu-se apressadamente para a escada que conduzia aos camarotes de Ia ordem. A velha condessa, sua mãe, com os seus caracòizinhos cor de aço, estava no camarote do filho. Vária e a jovem princesa Sorokina passeavam pelo corredor. Ao ver o cunhado, Vária conduziu a sua amiga ao camarote onde estava a sogra e dando a mão a Vronski imediatamente se pôs a expor-lhe, excitada como ele nunca a vira, o assunto que a interessava.

— Acho que foi uma atitude covarde e vil. A Kartassov não tinha o direito de fazer o que fez. A Karenina... —principiara ela.

— Que aconteceu, afinal? Não sei de nada.

— Quê? Não ouviste?

— Como poderás calcular, hei-de ser o último a saber.

— Haverá criatura mais malvada do que essa Kartassov?

— Que disse ela?

— Contou-me o meu marido... Ofendeu a Karenine. Kartassov principiou a conversar com ela do seu camarote e a mulher armou um escândalo. Dizem que proferiu palavras ofensivas em voz alta.

— Conde, sua *maman* está a chamá-lo— exclamou a princesa Sorokina, assomando à porta do camarote.

— Estava à tua espera — disse-lhe a mãe, sorrindo ironicamente.

— Ninguém te vê em parte alguma.

Vronski percebeu que a mãe reprimia a custo um sorriso de alegria.

— Boa noite, *maman.* Vinha cumprimentá-la — disse ele friamente.

— Então, não vais *farre la court à Madame Karenine?* (Nota 51) — acrescentou a idosa senhora, assim que a princesa Sorokina se afastou. — *Ellefait sensation. On oublie la Patti pour elle*(Nota 52).

— *Maman,* já lhe pedi que me não falasse desse assunto — replicou Vronski, franzindo o sobrecenho.

— Estou a repetir o que todos dizem.

Vronski não respondeu, e depois de trocar algumas palavras com a

princesa Sorokina, saiu do camarote. A porta encontrou-se com o irmão.

— Ah, Alexei! — exclamou este. — Que vilania! É uma estúpida e nada mais do que isso... Pensava ir agora cumprimentar a Ana. Vamos juntos.

Vronski não o ouvia sequer. Desceu a escada em passos rápidos; chegara à conclusão de que devia fazer qualquer coisa, não sabia bem o quê. Apesar de furioso com Ana por causa da situação em que ela os colocara a ambos, sentia por ela, ao mesmo tempo, uma grande piedade. Ao dirigir-se da platéia para o camarote que ela ocupava viu que Stremov, de pé diante da balaustrada, conversava com Ana.

— Já não há tenores — dizia e!e. — *Le moule en est brisé*(Nota 53). Vronski cumprimentou Ana e deteve-se para sondar Stremov.

— Chegou tarde e perdeu a melhor ária — disse Ana a Vronski, olhando-o irônica, como lhe pareceu.

— Não sou grande entendedor — replicou Vronski, fitando-a severo.

— É o que acontece também ao príncipe Iachivne: segundo ele diz, a Patti canta alto de mais — articulou Ana, sorrindo. — Obrigado — acrescentou, pegando, com a mãozinha fechada numa grande luva, no programa que Vronski apanhara do chão. E de súbito o seu formoso rosto estremeceu. Ana pôs-se de pé, e retirou-se para o fundo do camarote.

Durante o 2_ acto, ao ver vazio o camarote de Ana, Vronski, apesar dos protestos dos espectadores, suspensos das notas da cavatina, levantou-se, atravessou a platéia e recolheu-se ao hotel.

Ana também já chegara. Quando Vronski penetrou nos seus aposentos, ainda ela estava tal como fora ao teatro, sentada na cadeira mais próxima da porta, olhando em frente. Depois de relancear um olhar a Vronski, retomou, imediatamente, a postura anterior.

— Ana — articulou ele.

— És o culpado de tudo! — gritou ela com lágrimas de desespero e raiva na voz, levantando-se.

— Pedi-te, supliquei-te que não fosses. Tinha a certeza de que teríamos um desgosto...

— Um desgosto! — exclamou Ana. — Foi horrível! Por mais anos que viva, nunca o esquecerei! Disse-me que era uma desonra sentar-se a meu lado.

— São palavras de mulher estúpida. Mas para que te arriscaste a uma cena tão desagradável?

— Odeio a tua calma. Não me devias ter arrastado a isto. Se me amasses...

— Ana, que tem que ver com isto o meu amor?

— Se me amasses como eu te amo, se sofresses como eu... — continuou Ana, fitando-o com uma expressão de terror.

Vronski teve pena dela, e disse-lhe que a amava, pois via perfeitamente ser a única maneira de a apaziguar; mas no fundo do seu coração queria-lhe mal por aquilo.

Ana, pelo contrário, absorvia, deliciada, esses protestos de amor, que a Vronski se lhe afiguravam banais e quase o envergonhavam. E pouco a pouco recuperou a tranqüilidade.

No dia seguinte, pela manhã, partiram para a aldeia completamente reconciliados.

SEXTA PARTE

CAPÍTULO I

Daria Alexandrovna passava o Verão com os filhos em Pokrovskoie, em casa de Kitty. A casa de campo dos Oblonski ruíra por completo e Levine e a mulher tinham convencido Dolly a passar o Verão com eles. Stepane Arkadievitch aprovara com entusiasmo a decisão. Dizia sentir muito que o seu trabalho o impedisse de passar com a família a estação calmosa, no campo, coisa que constituiria para ele a maior das felicidades. Ficara em Moscovo e de quando em quando vinha por alguns dias à aldeia. Além dos Oblonski, dos filhos e da preceptora, também lá estava a velha princesa, que entendia dever seu cuidar da filha em "estado interessante." Varienka, a amiga de Kitty, do estrangeiro, em cumprimento da promessa que fizera de a visitar quando ela se casasse, viera passar também uma temporada em casa de Levine. Todos eram parentes e amigos da mulher. E conquanto Levine a todos estimasse, nem por isso deixava de lamentar que se perturbasse a ordem do "elemento Levine", com a invasão do "elemento Tcherbatski", que assim costumava chamar lhes no seu foro íntimo. Naquele Verão, em sua casa apenas havia uma pessoa da sua família: Sérgio Ivanovitch. Este, porém, não se parecia em nada com os Levines na sua maneira de ser, era do lado Kosnichev, de modo que o espírito dos da sua raça desaparecera por completo.

Em casa de Levine, por tanto tempo deserta, havia agora tanta gente que quase todos os quartos estavam ocupados e quase todos os dias a velha princesa, ao sentar se, contando os comensais, punha a comer numa mesinha à parte alguns dos seus netos, pois não queria treze à mesa. Kitty, azafamada com a casa, tinha grandes dificuldades em conseguir galinhas, pavões e patos para satisfazer o apetite dos hóspedes, que o ar do campo tornava devorador, quer nas crianças, quer nos adultos. Toda a família se encontrava já à mesa. Os filhos de Dolly com a sua preceptora e Varienka faziam projectos acerca do local onde apanhar cogumelos. Sérgio Ivanovitch, que gozava entre os convidados de um respeito que era quase adoração, mercê da sua inteligência e sabedoria, a todos assombrava tomando parte na tagarelice.

— Levem me a mim também. Gosto muito de apanhar cogumelos

— disse, voltando se para Varienka. — Acho que é uma ocupação muito salutar.

— Dá nos muita satisfação que venha também — tornou lhe esta, corando.

Kitty e Dolly trocaram um olhar significativo. A proposta de Sérgio

Ivanovitch, no sentido de ir apanhar cogumelos com Varienka, confirmava certas suspeitas de Kitty nos últimos tempos. E deu se pressa em entabular conversa com a mãe, para que não reparassem no seu olhar. Finda a refeição, Sérgio Ivanovitch sentou se com a sua xícara de café junto à janela da sala e continuou a conversa iniciada com o irmão, sem perder de vista a porta por onde as crianças tinham de sair para se dirigirem à mata. Levine sentara se no parapeito da janela, ao lado dele.

Kitty em pé, perto do marido, parecia aguardar o final da conversa, que não lhe interessava, para lhe dirigir a palavra.

— Mudaste muito desde que te casaste, e para melhor — dizia Sérgio Ivanovitch, com um sorriso, naturalmente pouco interessado na conversa. — Mas continuas fiel à tua mania de defenderes os temas mais paradoxais.

— Kátia, não é bom estares de pé — disse o marido para Kitty, aproximando dela uma cadeira e relanceando lhe um olhar significativo.

— É verdade! — afirmou Sérgio Ivanovitch. — Naturalmente são horas de os deixar — acrescentou, ao ver os pequenos que saíam a correr.

A frente de todos, Tânia, com as suas meias muito esticadas, agitando na mão uma cestinha e o chapéu de Sérgio Ivanovitch, corria ao encontro deste. Ao chegar perto dele, de olhos brilhantes, tal qual os belos olhos do pai, apresentou lhe o chapéu, fazendo um movimento para lho enfiar na cabeça, enquanto atenuava o atrevimento com um sorriso tímido e meigo.

— A Varienka está à espera — disse, enquanto com todo o cuidado lhe enfiava na cabeça o chapéu, deduzindo do sorriso dele estar disposto a consentir.

Varienka, com um vestido de percal amarelo e um lenço branco na cabeça, aguardava à porta.

— Já vou, Bárbara Andreievna — disse Sérgio Ivanovitch, acabando de beber o café e guardando no bolso â boquilha e o lenço.

— É encantadora a minha Varienka, não é verdade? — disse Kitty ao marido, assim que Sérgio Ivanovitch se levantou. Disse o de modo que aquele pudesse ouvir, que não era outra a sua intenção.

— É bonita! Que beleza tão nobre! Varienka! — chamou. — Vão à mata do moinho? Iremos lá ter com vocês.

— Esqueceste te do teu estado, Kitty — interveio a velha princesa, entrando precipitadamente. — Não deves gritar assim.

Ao ouvir a voz de Kitty e a censura da princesa, Varienka aproximou se, rápida, nos seus passinhos ligeiros. A ligeireza dos seus movimentos e as cores que se lhe pintavam no rosto animado denunciavam um estado de espírito excepcional. Kitty sabia o que aquilo queria dizer e observou a atenta. Chamara Varienka na intenção de lhe dar mentalmente a sua bênção, em vista do facto importante que, segundo ela, teria lugar essa mesma tarde na mata.

— Varienka, sentir-me-ei muito feliz se acontecer uma coisa que eu sei — murmurou lhe ao ouvido, quando a beijou.

— Vem connosco? — perguntou Varienka a Levine, perturbada e fingindo não ter ouvido Kitty.

— Acompanhá-los-ei até à granja e ficarei ali.

— Que vais tu fazer à granja? — perguntou Kitty.

— Tenho de passar revista às novas carroças — disse Levine. — E tu, que vais fazer?

— Fico na varanda.

CAPÍTULO II

Na varanda estava reunido o elemento feminino. Em geral, as senhoras gostavam de sentar se ali; mas naquele dia, aliás, tinham de desempenhar se de uma tarefa concreta. Além da costura das camisinhas e das faixas, em que todas se ocupavam, iam fazer doce de frutas por um sistema que Agáfia Mikailovna desconhecia, isto é, sem lhe acrescentarem água. Kitty queria introduzir o processo usado em sua casa. Agáfia Mikailovna, até então encarregada desse mister, que entendia nada poder fazer se mal em casa dos Levines, deitara água nos morangos, certa de que não podia ser de outra maneira. Surpreendida, a despeito das instruções precisas que recebera, a acrescentar água aos morangos, de acordo com a receita dos Levines, ei-las que decidem fazer o doce de morangos em público, para provar à velha casmurra ser perfeitamente dispensável a água no doce de frutas.

Agáfia Mikailovna, muito corada, de cabelos desgrenhados, as mangas arregaçadas até aos cotovelos, deixando à mostra uns braços descarnados, fazia girar o tacho sobre um fogareiro, enquanto olhava acabrunhada para as framboesas, augurando, no fundo da sua alma, que ficassem duras. A velha princesa compreendendo que nela, a principal conselheira da preparação do doce, se concentrava a ira da governanta, fingia se ocupada em outras coisas, indiferente ao que se passava no tacho, falando disto e daquilo. No entanto, pelo canto do olho, relanceava a vista para o fogareiro.

— Compro sempre nos saldos os vestidos para as minhas criadas

— dizia, continuando a conversa interrompida. — Não acha que é altura de espumar o doce, minha querida? — acrescentou, dirigindo se a Agáfia Mikailovna. — Não, não — acorreu, retendo Kitty, que ia levantar se. — Isto não é da tua conta, e perto do fogareiro faz muito calor.

— Deixe —disse Dolly. E, erguendo se, aproximou se do lume, pondo se a passar uma colher pela calda espumante. Depois, para esvaziar a colher da calda, que se lhe pegara, principiou a bater com ela num prato coberto já de espuma amarelo avermelhada, de onde corria um suco cor de sangue. “Que regalo para os meninos à hora do chá!”, pensou ela, lembrando se de que quando era pequena se admirava de que as pessoas adultas não aproveitassem o melhor: a espuma das compotas.

— O Stiva acha que é melhor dar se lhes dinheiro — prosseguiu Dolly, retomando a conversa entabulada, tão interessante, acerca do

que mais convinha oferecer às criadas. — Mas...

— Dinheiro! — exclamaram ao mesmo tempo a princesa e Kitty.

— Mas de maneira nenhuma, o que elas agradecem é a atenção.

— Eu, por exemplo — acrescentou a princesa —, dei o ano passado à Matriona um vestido no gênero da popelina...

— Sim, bem me lembro, ela trazia o no dia dos seus anos.

— Tinha um lindo desenho, simples, encantador. Se ela não tivesse um, gostaria bem de ter um igual. Era bonito e barato, no gênero daquele que traz a Varienka.

— Acho que o doce está pronto — disse Dolly, levantando a calda na colher.

— Não. A calda tem de formar ponto — decretou a princesa. — Deixe o ferver um pouco mais, Agáfia Mikailovna.

— Oh, estas malditas moscas! — resmungou a velha governanta.

— Vai ficar igual à outra — acrescentou.

— Oh, que lindo! Não o espantem! — exclamou Kitty, inesperadamente, ao ver um pardal pousado na balaustrada, que debicava um pèzinho de framboesa...

— Sim, sim — disse a mãe —, mas não te aproximes do fogareiro.

— À *propos* de Varienka — disse Kitty em francês, como, de resto, era em francês toda a conversa sempre que não queriam que Agáfia Mikailovna as entendesse. — Fica sabendo, *maman,* que espero hoje uma decisão. Já sabes a que me refiro. Que bom seria!

— Viraste casamenteira, hem? Ele (referia se a Sérgio Ivanovitch) podia aspirar aos melhores partidos da Rússia. E embora já não esteja no verdor dos anos, muita menina conheço eu que se não importaria nada de lhe aceitar o coração e a aliança... Varienka é muito boa pequena, mas ele podia...

— Não, não, é impossível arranjar para qualquer deles melhor partido. Em primeiro lugar, ela é encantadora! — disse Kitty, dobrando um dos dedos.

— Que ela lhe agrada muito, é um facto — aprovou Dolly.

— Depois, ele tem uma situação que lhe permite casar com quem lhe apeteça, à parte toda e qualquer consideração de categoria e de fortuna. Do que ele precisa é de uma mulher às direitas, meiga e tranqüila...

— Oh! Quanto a isso, não há dúvida, é a tranqüilidade em pessoa

— confirmou Dolly.

— E, afinal, ela gosta dele... Estou doida de contente! Assim que voltarem do passeio, saberei tudo pelos olhos deles. Que te parece, Dolly?

— Não te excites assim. Não te deves excitar — disse lhe a mãe.

— Não me excito, mãezinha. Parece me que ele se vai declarar hoje mesmo.

— O que nós sentimos quando um homem nos pede em casamento! É como se um dique se rompesse entre nós — observou Dolly, com um sorriso cismador. Recordava o seu noivado com Stepane Arkadievitch.

— Diga lá, mãezinha, como foi que o pai se lhe declarou?

— Da maneira mais simples — disse a princesa, rejubilando com a reminiscência.

— Mas como foi? Já gostava do pai antes de lhe consentirem que falasse com ele?

Kitty sentia uma grande satisfação em poder conversar com a mãe de igual para igual em coisas tão importantes na vida de uma mulher.

— Pois claro que gostava. Vinha nos visitar na aldeia.

— E como se resolveu tudo?

— Da mesma maneira de sempre: com olhares e sorrisos. Julgam que descobriram alguma coisa de novo?

— Com olhares e sorrisos — repetiu Dolly. — É isso mesmo. Que bem que a mãe disse!

— Mas em que termos falou ele?

— E que te disse o Kóstia de especial?

— Oh, fez me uma declaração com giz!... Não foi nada banal. Mas como me parece distante já!

Houve um silêncio, durante o qual o pensamento das três seguiu o mesmo caminho. Kitty lembrou se do seu último Inverno de menina solteira, do seu entusiasmo por Vronski e, graças a uma associação de ideias, da paixão contrariada de Varienka.

— Parece me — observou Kitty — que pode haver um obstáculo: o primeiro amor de Varienka. Fazia tenção de preparar o Sérgio Ivanovitch para isso mesmo. Os homens têm tantos ciúmes do nosso passado.

— Nem sempre — objectou Dolly. — Tu pensas isso por causa do teu marido. Estou convencida de que a história do Vronski ainda hoje

o atormenta.

— É verdade — confirmou Kitty, pensativa.

— Que há no teu passado que o possa inquietar? — perguntou a princesa, pronta a susceptibilizar se, uma vez que via posta em causa a sua vigilância maternal. — Vronski fez te a corte, mas qual a rapariga que não tenha passado por lá?

— Não é disso que se trata — disse Kitty, corando.

— Perdão — voltou a mãe —, foste tu que me impediste que eu falasse com o Vronski. Lembras te?

— Oh, mãezinha! — exclamou Kitty, numa voz perturbada.

— Nos tempos que correm já não há maneira de as manter resguardadas... As vossas relações não podiam ir mais além do que deviam. Eu mesma o teria obrigado a declarar se... Mas, pelo menos agora, minha filha, faz me o favor de te não perturbares. Sossega, peço te.

— Estou muito sossegada, mãezinha.

— Que sorte para a Kitty, Ana aparecer naquela altura — observou Dolly —, e que desgraça para ela!... Sim — continuou impressionada com a lembrança —, como os papéis se inverteram! Ana era feliz então, enquanto Kitty se julgava desgraçada... Penso nela muitas vezes...

— Que ideia é essa de pensares nessa mulher sem coração, nessa abominável criatura! — exclamou a princesa, que se não resignava a ter Levine por genro, preferindo lhe Vronski.

— Falemos noutra coisa — disse Kitty, impacientada. — Nunca penso nem quero pensar nisso... Não, não quero pensar nisso — repetiu apurando o ouvido. Eram os passos do marido, tão seus conhecidos, pela escada acima.

— Em que não queres tu pensar? — perguntou Levine, que aparecera na varanda.

Ninguém lhe respondeu e ele não repetiu a pergunta.

— Lamento vir perturbar a vossa conversa — disse, percorrendo as três com um olhar pouco satisfeito, pois percebera que não queriam continuar a conversa diante dele. Por um momento, esteve de acordo com a velha governanta que se não resignava à ideia de fazer compota sem água e se recusava de maneira geral a submeter se ao domínio dos Tcherbatski.

No entanto, aproximou se, sorrindo, de Kitty.

— Então? — perguntou lhe ele, olhando a com aquela expressão

com que todos se lhe dirigiam agora.

— Nada, estou muito bem — respondeu ela, sorrindo. — E as tuas carroças?

— Levam três vezes a carga de uma telega. Vamos ao encontro das crianças? Mandei atrelar.

— Não queres submeter Kitty aos solavancos de uma tartana, suponho eu — exclamou a princesa em tom de censura.

— Vamos à passo, princesa.

Levine nunca chamava à sogra *maman,* como costumam fazer todos os genros, coisa que desagradava à princesa. Embora a estimasse e a respeitasse, não podia tratá-la assim sem profanar a lembrança da sua falecida mãe.

— Venha connosco, *maman* — disse Kitty.

— Não quero presenciar essas imprudências.

— Então irei a pé. Até me fará bem — replicou Kitty, levantando se. E aproximou se do marido, travando lhe do braço.

— Sentes te bem, mas é preciso ter cuidado — tornou a princesa.

— Então essa compota, Agáfia Mikailovna? — inquiriu Levine, sorrindo à velha criada, procurando alegrá-la. — Está satisfeita com o novo método?

— Deve estar bem. Mas para nós está cozida de mais.

— Assim é melhor, Agáfia Mikailovna, porque não azeda. Como já não temos gelo, não a poderíamos conservar — disse Kitty, compreendendo a intenção do marido e procurando por sua vez apaziguar a velha. — Em compensação as suas conservas salgadas são magníficas; a mãe diz que nunca comeu melhores em parte alguma — acrescentou, sorrindo, enquanto lhe ajeitava o mantelete.

A governanta olhou para Kitty com expressão enfadada.

— Não me consolo, minha senhora. Basta vê-la com ele para me sentir contente — disse ela, e a maneira familiar de dizer “ele” emocionou Kitty.

— Venha connosco dizer nos onde há bons cogumelos.

Agáfia Mikailovna sorriu e abanou a cabeça, como que a dizer: “Gostaria de me zangar com a senhora, mas não é possível.”

— Faça como lhe digo — disse a princesa —: cubra cada tigela com uma roda de papel embebida em rum, e não precisará de gelo para impedir o bolor.

CAPÍTULO III

A sombra de desagrado que perpassou pelo rosto tão expressivo do marido não passara despercebida a Kitty. Por isso foi lhe muito agradável ver se a sós com ele; e assim que se adiantaram aos outros pela estrada poeirenta, toda coberta de espigas e de grãos de centeio, apoiou se amorosamente no seu braço, apertando-o contra si. Levine já esquecera a má impressão de momento para só pensar na gravidez da mulher. Era esse, aliás, de há muito para cá, o seu pensamento dominante e a presença da mulher despertava nele um sentimento novo, muito puro e muito suave, de todo isento de sensualidade. Sem nada ter que dizer, desejava ouvir lhe a voz, que tinha mudado, adquirindo, tal como o olhar, esse matiz de doçura e gravidade tão característico das pessoas que se consagram de corpo e alma a uma só e única ocupação.

— Não te irás cansar? Apóia te mais no meu braço — disse lhe ele.

— Não, gosto tanto de estar assim um bocadinho sozinha contigo. Gosto dos meus, mas, para te falar francamente, já tenho saudades dos nossos serões de Inverno, só nós os dois.

— Eram muito agradáveis, mas isto ainda é melhor — tornou lhe Levine, apertando lhe o braço.

— Sabes do que falávamos quando chegaste?

— De compotas.

— Sim, mas também da maneira como se costumam fazer declarações de amor.

— Ah! — exclamou Levine, que prestava menos atenção ao que Kitty dizia do que ao som da sua voz. Aliás, como iam entrar na mata, ele escolhia atentamente o caminho para evitar que Kitty tropeçasse.

— E também do Sérgio Ivanovitch e da Varienka — continuou ela.

— Que te parece? Notaste alguma coisa? Que achas tu? — perguntou, olhando-o bem de frente.

— Não sei bem... — replicou Levine, sorrindo. — Neste particular, nunca compreendi o Sérgio lá muito bem. Não te disse já...

— Que ele gostou de uma rapariga que morreu...

— Sim, eu ainda era criança e não conheço a história se não de ouvi-la contar. No entanto, lembro me dele muito bem nessa altura. Que rapaz encantador! De então para cá tenho observado a maneira como se comporta com as mulheres: mostra se amável, algumas

agradam lhe mesmo, mas dir se á que não existem para ele como mulheres.

— É possível. Mas com Varienka... parece que há qualquer coisa...

— Talvez... no entanto é preciso conhecer o Sérgio... É um homem estranho, surpreendente. Apenas vive pelo espírito. Tem uma alma muito pura, muito elevada...

— Achas então que o casamento o diminuiria?

— Não, mas vive demasiado enfronhado na vida espiritual para poder admitir a vida real. E Varienka, bem vês, é bem a vida real.

Levine habituara se a exprimir ousadamente o seu pensamento sem lhe dar uma forma concreta; sabia que nos momentos de perfeito entendimento a mulher o compreenderia por meias palavras. E era esse o caso.

— Oh, não! Varienka pertence muito mais à vida espiritual do que à vida real. Não é como eu, e compreendo perfeitamente que uma mulher do meu gênero lhe não desperte amor.

— Nada disso. Ele gosta muito de ti, e para mim é muito consolador que tenhas conquistado a simpatia dos meus.

— Sim, é verdade que ele se mostra muito simpático comigo, mas...

— Porém não é o mesmo que com o pobre do Nicolau — concluiu Levine. — Esse gostou logo de ti, e tu pagaste lhe na mesma moeda... Por que não confessá-lo?... Censuro me a mim próprio muitas vezes por não pensar mais nele; acabarei por esquecê-lo! Era uma natureza estranha... e terrível... Mas de que estávamos nós a falar? — continuou, depois de uma pausa.

— Então achas que não é pessoa para se enamorar? — perguntou Kitty, traduzindo em palavras suas o pensamento do marido.

— Não digo isso — respondeu Levine, sorrindo —, mas não é acessível a qualquer fraqueza... Sempre o invejei, e agora mesmo continuo a invejá-lo, apesar de me sentir tão feliz.

— Invejá-lo por ele não ser capaz de se enamorar?

— Invejo o porque ele vale mais do que eu — disse Levine, depois de um novo sorriso. — Ele não vive para si mesmo, é o dever que o guia. Por isso tem todo o direito de se sentir tranqüilo e satisfeito...

— E tu? — perguntou ela com um sorriso brincalhão e enternecido. Se a interrogassem sobre o sentido daquele sorriso, não teria sabido explicá-lo formalmente. De facto, não acreditava que, proclamando se inferior a Sérgio Ivanovitch, o marido estivesse a ser muito sincero; obedecia simplesmente à muita amizade de que tinha pelo irmão, ao

embaraço que lhe causava a excessiva felicidade em que vivia e ao desejo de aperfeiçoamento que o trabalhava.

— E tu? De que estás tu descontente? — repetiu ela, sorrindo.

Satisfeito por verificar que ela não acreditava no seu descontentamento, Levine, inconscientemente, na sua satisfação, procurava como que forçá-la a pedir lhe que expusesse os motivos desse descontentamento.

— Sou feliz, mas não me sinto contente comigo — disse ele.

— Como assim, visto que és feliz?

— Como hei de eu fazer te compreender?... Nada mais tenho a desejar neste mundo se não que tu não dês algum passo em falso. Então, não saltes assim! — exclamou ele, interrompendo o fio ao discurso para exprobrá-la por ter saltado de maneira demasiado brusca um ramo seco atravessado no caminho. — Mas —, prosseguiu ele — quando me comparo com outros, com meu irmão, principalmente, sinto que não valho grande coisa.

— Por quê? — teimou ela, sempre com o mesmo sorriso. — Pois tu não pensas também no próximo? Esqueces as tuas terras, as tuas explorações agrícolas, o teu livro?

— Não, nada disso é sério, e de há tempos a esta parte só me dedico a isto como a uma tarefa de que estou morto por me ver livre. A culpa é tua, de resto — declarou ele, apertando lhe o braço. — Ah, se eu pudesse gostar das minhas obrigações como gosto de ti!

— Então, que me dizes tu do paizinho? — interveio Kitty. — Também o achas má pessoa por nada fazer em benefício do bem comum?

— Ele? Não. Ele é bom, mas eu não tenho nem a sua simplicidade, nem a sua bondade, nem a sua clareza de espírito. Eu não faço nada e o não fazer nada atormenta me. E tudo por tua causa. Quando não te tinha a ti nem a “isso” — disse ele, relanceando os olhos ao ventre de Kitty, gesto que ela logo compreendeu muito bem —, entregava me aos meus afazeres de alma e coração. Agora, repito te, tudo isso é uma tarefa como outra qualquer. Faço as coisas como se estivesse a dar uma lição, finjo...

— Quererias tu, porventura, trocar a tua vida pela do teu irmão? Gostares apenas do teu dever e do bem comum?

— Não, com certeza. Aliás, sinto me demasiado feliz para raciocinar bem... Achas então que ele se vai declarar hoje mesmo? — perguntou, depois de uma curta pausa.

— Sim e não, mas gostaria muito que ele o fizesse. Espera — Kitty

baixou se para apanhar uma margarida à beira do caminho. — Anda, arranca lhe as pétalas, vamos ver se ele se declara ou não — disse, entregando lhe a flor.

— Sim, não, sim, não — dizia Levine, arrancando as delgadas pétalas brancas, uma a uma.

Kitty, porém, que seguia emocionada cada movimento dos dedos do marido, travou lhe do braço.

— Não, não tu arrancaste duas de uma só vez!

— Bom, então não conto esta pequena — concordou Levine, ponde de lado uma pètalazinha minúscula. — Aí vem a tartana, que já nos apanhou.

— Estás cansada, Kitty? — gritou a princesa.

— Nada, mãezinha.

— Se estás cansada, sobe, que os cavalos são mansos e vão a passo. Porém não valia a pena, já estavam perto; continuaram o caminho.

CAPÍTULO IV

Varienka, muito graciosa, o lenço branco a sobressair nos cabelos pretos, rodeada das crianças, participava, alegremente, das suas brincadeiras, e naturalmente sentia se emocionada pensando que o homem de quem gostava se lhe iria declarar. Sérgio Ivanovitch, a seu lado, não deixava de a olhar. Ia recordando as conversas agradáveis que tivera com ela e tudo o que de bom lhe tinham dito a seu respeito, compreendendo cada vez mais claramente experimentar aquele sentimento especial que outrora sentira, no tempo da sua juventude. A alegria que lhe dava a presença de Varienka foi aumentando até ao momento em que, ao depositar lhe na cesta um cogumelo, de pé delgado e grande chapéu de abas reviradas, que encontrara, a fitou nos olhos, verificando que um rubor de emoção lhe velava o rosto e havia nela como que temor e alegria. Sérgio Ivanovitch perturbou se também e sorriu lhe com um desses sorrisos que falam por si.

"Se as coisas chegaram já a este ponto", disse com os seus botões, "preciso de pensar antes de tomar uma resolução. Não quero deixar me levar como um garoto por um entusiasmo passageiro."

— Se me dá-licença — disse ele, em voz alta — vou apanhar cogumelos por minha conta; de outra maneira ninguém apreciará os meus achados.

Afastando se, pois, da orla da mata, onde todos pisavam a sedosa erva rasteira, entre os álamos velhos, encaminhou se para o interior do bosque. Ali os troncos brancos dos álamos misturavam se aos troncos cinzentos dos olmos e negrejavam as escuras aveleiras. Andou alguns passos e ao chegar ao pé de uns arbustos cobertos de flores deteve se, certo de que ali ninguém o via. Tudo à sua volta estava em sossego. Apenas junto aos álamos, a cuja sombra se acoitava, zumbiam as moscas tal um enxame de abelhas, e de quando em quando ressoavam as vozes das crianças. De súbito ouviu se, não longe dali, a voz de contralto de Varienka chamando Gricha. Um sorriso iluminou o rosto de Sérgio Ivanovitch e, ao tomar consciência desse sorriso, abanou a cabeça em sinal de desaprovação. Depois, puxou de um cigarro e pôs se a fumar. Durante um longo espaço de tempo não conseguiu acender o fósforo, que riscava no tronco de uma bétula. A penugem macia do branco tronco pegava se ao fósforo e apagava a chama. Por fim conseguiu acender um dos fósforos e o fumo aromático do cigarro elevou se como um véu ondulante por cima do arbusto e por debaixo dos ramos pendentes da bétula. Seguindo com os olhos o fumo do cigarro, Sérgio Ivanovitch principiou a andar lentamente, reflectindo sobre a situação.

“E por que não?”, pensava ele. “Não se trata de uma paixoneta, mas de uma inclinação mútua, ao que me parece, e que em nada entravaria a minha vida. A única objecção que tenho a fazer ao casamento é a minha promessa, ao perder Maria, de continuar fiel à sua memória.”

Esta objecção, Sérgio Ivanovitch bem o sentia, não tinha para ele qualquer importância; apenas comprometia, aos olhos dos outros, o papel romântico que representava. “Não, francamente, à parte isto, não vejo nenhum obstáculo e por mais que procure nada posso encontrar que comprometa o meu sentimento. Se tivesse escolhido guiado apenas pela razão, não tinha encontrado nada melhor.”

Pensando em quantas raparigas e mulheres conhecia, não se lembrava de nenhuma que reunisse as qualidades que, ao reflectir friamente, desejava para a que fosse sua mulher. Varienka tinha o encanto e a louçania da juventude sem ser uma criança, e, se o amava, amava o conscientemente, como uma mulher deve amar. Eis um dos pontos. Além disso, estava longe de ser uma mulher mundana, mas, se lhe repugnava a sociedade, conhecia a e sabia mover se nela, qualidade sem a qual Sérgio Ivanovitch não podia conceber a companheira da sua vida. Finalmente era religiosa, não como uma menina, no gênero de Kitty, por exemplo — boa e religiosa por instinto —, mas porque baseava a sua vida em princípios religiosos. Inclusive, em pequeninas coisas, Sérgio Ivanovitch encontrava nela tudo quanto podia desejar para a mulher que viesse a ser sua esposa. Varienka era pobre e estava só no mundo, de sorte que não traria atrás de si uma caterva de parentes, com a sua respectiva influência na casa do marido, esse o caso de Kitty. Em tudo se sentiria obrigada para com ele, coisa que também sempre desejara para a sua futura vida conjugal. E a rapariga que reunia em si todas estas condições gostava dele, Sérgio Ivanovitch, conquanto modesto, não pudera deixar de o observar. Também ele a amava. Uma coisa se opunha: a sua idade. Na sua família, contudo, todos tinham chegado a velhos. Sérgio Ivanovitch estava sem um cabelo branco; ninguém lhe dava quarenta anos. Demais, lembrava se que na opinião de Varienka só na Rússia se consideravam velhos os cinqüentões. Em França dizia se que um homem dessa idade estava *dans la force de l'âge*(Nota 54) e a um homem de quarenta anos chamava se *un jeune homme*[59]. Que importava a idade, se se sentia tão jovem de espírito como há vinte anos? Acaso não era juvenil o sentimento que experimentava agora quando, ao surgir de novo na clareira da mata, via, sob os oblíquos raios de sol, a graciosa figura de Varienka com o seu vestido amarelo? Com a cesta debaixo do braço, ei-la que passava, com o seu passinho ligeiro, ao pé do tronco de uma velha bétula. A impressão que Varienka lhe causou

associou se à paisagem, que o surpreendeu, de tão bela, ao campo de aveia, que rolava as suas ondas douradas banhado pelos raios do Sol e, mais além, ao velho bosque, todo salpicado de manchas amarelas, que se desvaneciam na distância azul. O coração estremeceu lhe de alegria dentro do peito. Deu se conta de que estava decidido. Varienka, que se abaixava para apanhar um cogumelo, ergueu se, num movimento ágil, voltando a cabeça. Tirando da boca o cigarro, Sérgio Ivanovitch dirigiu se para ela em passo resoluto.

CAPÍTULO V

"Bárbara Andreievna, quando eu era rapaz, forjei um ideal de mulher a quem amaria e com quem seria feliz fazendo dela minha mulher. Vivi muitos anos e em si vim a encontrar pela primeira vez o que procurava. Amo a e peco lhe que seja minha mulher."

Sérgio Ivanovitch dizia entre dentes estas palavras quando se encontrou a poucos passos de Varienka, de joelhos, defendendo um cogumelo que Gricha queria apanhar, e chamando por Macha.

— Aqui, aqui. Há muitos pequenos — dizia, com a sua agradável voz peitoral.

Ao ver Sérgio Ivanovitch, que se aproximava, não se levantou nem mudou de posição. Tudo dizia, porém, que notara a sua aproximação e que sentia nisso grande alegria.

— Quê? Encontrou algum? — inquiriu, voltando para ele o seu rosto que sorria, sereno, emoldurado no lenço branco.

— Nenhum — respondeu Sérgio Ivanovitch. — E você? Varienka não lhe respondeu, ocupada com as crianças que a rodeavam.

— Ali está outro, perto daquele ramo — disse, indicando, a Macha, um cogumelo minúsculo cujo chapéu rosado aparecia, cortado de lado a lado, por uma haste de erva seca, debaixo da qual crescera. Varienka pôs se de pé quando Macha colheu o cogumelo, partindo o em dois. — Isto lembra me a minha infância — disse, afastando se das crianças e acercando se de Sérgio Ivanovitch.

Caminharam uns tantos passos em silêncio. Varienka via que Sérgio Ivanovitch queria falar, adivinhava o que ele lhe ia dizer e uma grande emoção se lhe apoderava da alma, uma emoção em que havia ao mesmo tempo alegria e receio. Tanto se haviam afastado que ninguém podia ouvi-los; e, contudo, ele permanecia calado. Após um silêncio ser lhe ia mais fácil abordar o que desejava do que após algumas palavras sobre cogumelos. Mas, contra sua vontade, como de improviso, Varienka disse:

— Pelo que vejo, não encontrou nenhum? Na verdade, no meio do bosque há menos cogumelos que na orla da mata.

Sérgio Ivanovitch suspirou sem responder. Desagradava lhe que Varienka tivesse falado de cogumelos. Desejaria fazê-la voltar às suas primeiras palavras sobre a infância mas, com grande surpresa sua, depois de um silêncio, achou se a articular:

— Tenho ouvido dizer que os cogumelos brancos crescem

principalmente na orla dos bosques, mas não sou capaz de distinguir uns dos outros.

Alguns minutos decorreram ainda. Estavam agora completamente sós. O coração de Varienka batia precipitadamente. Sentia se corar e empalidecer alternadamente. Deixar Madame Sthal para casar com um homem como Kosnitchev, de quem se julgava quase certamente enamorada, afigurava se lhe o cúmulo da felicidade. E tudo ia decidir se agora! Temia a declaração e ainda mais o silêncio.

"Agora ou nunca", disse de si para consigo Sérgio Ivanovitch, condoendo se do olhar perturbado, da vermelhidão e dos olhos baixos de Varienka. Reconheceu mesmo que seria ofendê-la continuar calado. E lembrou precipitadamente os argumentos que tivera a favor do casamento; todavia, em vez da frase que preparara deixou escapar inopinadamente:

— Que diferença há entre um cogumelo e um boleto branco? Os lábios de Varienka tremiam ao responder:

— A única diferença está no pé.

Ambos sentiram que o passo fora dado: as palavras que deviam uni-los não seriam pronunciadas e a emoção violenta que os agitava aquietou se pouco a pouco.

— O pé do boleto branco faz lembrar uma barba preta mal feita — disse, tranqüilamente, Sérgio Ivanovitch.

— É isto — replicou Varienka, com um sorriso.

Depois encaminharam se involuntariamente para o local onde estavam as crianças. Confusa e ferida, Varienka experimentava, no entanto, um sentimento de alívio. Sérgio Ivanovitch tornava a recapitular mentalmente os argumentos acerca do casamento e acabava por achá-los falsos: não podia ser infiel à memória de Maria...

— Devagar, devagarinho, meninos! — gritou, em tom mal humorado, Levine ao ver as crianças precipitarem se para Kitty, soltando gritos de alegria.

Atrás das crianças apareceu Sérgio Ivanovitch e Varienka. Kitty não precisou de interrogar a amiga: a expressão serena, um pouco envergonhada dos dois fez lhe compreender que as esperanças que alimentara não se realizavam.

— Então? — perguntou Levine, já de regresso.

— Não pegou — replicou ela, num tom e num sorriso que lhe eram assaz familiares e que muito lhe agradavam, pois lhe lembravam o tom e o sorriso do velho príncipe.

— Que queres tu dizer?

— Olha — disse, pegando na mão do marido. E levando a à boca, passou por ela os lábios fechados. — É assim que se beijam as mãos dos bispos.

— E em qual deles é que não pega? — perguntou ele, rindo.

— Nos dois. Agora vê como se deve fazer...

— Cuidado, olha os camponeses...

— Não deram por nada.

CAPÍTULO VI

Enquanto as crianças bebiam o chá, os adultos, sentados na varanda, falavam como se nada tivesse acontecido, embora todos, e muito especialmente Sérgio Ivanovitch e Varienka, soubessem perfeitamente que se dera um facto muito importante, embora negativo. Ambos experimentavam um sentimento idêntico ao de um aluno que, depois de suspenso, continua na mesma sala ou é expulso do colégio. Todos os presentes, cientes também de que algo acontecera, falavam animadamente de coisas sem importância. Levine e Kitty sentiam se particularmente felizes e enamorados naquela tarde. E o facto de serem felizes no seu amor parecia uma desagradável alusão aos que queriam sê- lo e não podiam, coisa que lhes dava, aos dois, como que um sentimento de vergonha.

— Lembrem se do que lhes digo, o Alexandre não vem — exclamou a velha princesa.

Esperavam naquela tarde Oblonski, e o pai de Kitty escrevera a dizer que talvez fosse também.

— Já sei porque não vem. Dizem que se devem deixar os recém-casados sozinhos nos primeiros tempos — prosseguiu a princesa.

— É por isso que o pai nos não vem ver há tanto tempo — observou Kitty —, e certo é que nós já não somos recém casados, somos veteranos do casamento.

— Pois se ele não vier, também eu me irei embora, meus filhos — disse a princesa, suspirando tristemente.

— Por quê, mãezinha? — perguntaram as duas filhas.

— Imaginem que só ele se há de sentir.

E, de súbito, a voz da princesa alterou se por completo. As filhas trocaram entre si um olhar que queria dizer “A *maman* arranja sempre motivos para estar triste” Ignoravam elas que a mãe, conquanto se considerasse indispensável em casa de Kitty, se sentia extraordinariamente triste, tanto por ela como pelo marido, desde que a filha mais nova, tão querida, se casara, deixando vazio o ninho familiar.

— Que quer, Agáfia Mikailovna? — perguntou Kitty à velha governanta que surgia de chofre com ares misteriosos.

— Vinha perguntar lhe que faremos para a ceia, minha senhora.

— Muito bem — disse Dolly — Enquanto vais dar as tuas ordens, eu irei dar lição ao Gricha Ainda hoje não estudou nada.

— Essa lição é comigo! Não, Dolly, eu é que irei — interveio Levine, erguendo se de repente.

Gricha, já no liceu, tinha deveres de férias, e Daria Alexandrovna achava dever ajudá-lo a fazer os mais difíceis, especialmente os de aritmética e latim, língua que ela se pusera a estudar para ser prestável ao filho. Levine oferecera se para substituí-la, mas Dolly, que assistira a uma aula dada por ele, observara que o cunhado não leccionava o pequeno como o professor de Moscovo. Disse lhe com muito tacto e não menor firmeza ser preciso manter à risca as instruções do manual. No seu foro íntimo, Levine insurgiu se contra o mau método dos professores de Moscovo e contra a negligência de Stepane Arkadievitch, deixando que a mulher se desempenhasse de uma tarefa de que, no fundo, nada percebia. Prometeu, contudo, à cunhada que seguiria de futuro o livro, e assim o fez, como essa maneira de ensinar já o não interessava, porém, acontecia lhe com freqüência esquecer a hora da lição.

— Não, não, Dolly, não te mexas daí, eu vou. — repetia ele — E fica descansada, nós seguiremos o compêndio. Quando o Stiva vier é que irei com ele à caça. Então, adeus lições!

E saiu para ir ter com Gricha.

Entretanto, Varienka, que sabia tornar se prestável, até numa casa tão feliz e bem organizada como a dos Levines, retinha, por seu lado, a sua querida Kitty.

— Deixa te estar aí quietinha. Eu tratarei de destinar a ceia — disse ela, levantando se e aproximando se de Agáfia Mikailovna.

— Naturalmente não arranjaram frangos. Teremos que matar dos nossos — observou Kitty.

— Nós trataremos disso, a Agáfia Mikailovna e eu — E Varienka saiu acompanhada da governanta.

— Que rapariga tão simpática — comentou a princesa.

— Não é apenas simpática, *maman;* é encantadora, uma rapariga como não há outra.

— Sempre esperam hoje o Stepane Arkadievitch? — perguntou Kosnichev, na intenção evidente de fala. de tudo menos de Varienka — Nunca vi dois cunhados tão diferentes — acrescentou com um sorriso subtil — enquanto um deles é a agitação por excelência, só sabe viver em sociedade, como o peixe na água, o outro, igualmente fino, sensível, penetrante, nunca se sente à vontade na sociedade, agitando se aí inutilmente como um peixe fora de água?

— Sim. — aprovou a princesa, voltando se para Sérgio Ivanovitch

— É uma cabeça no ar. E estava precisamente disposta a pedir lhe que lhe fizessem compreender que, no estado em que ela está, a Kitty não deve ficar aqui. O marido diz que manda vir um médico, mas eu entendo que o parto deve ser em Moscovo.

— *Maman,* Kóstia fará o que for necessário, está de acordo contigo

— disse Kitty, contrariada, ao ver que a mãe recorria aos bons ofícios de Sérgio Ivanovitch.

Mas ouviu se, de repente, o relinchar de cavalos e o rolar de um carro na areia da alameda. Ainda Dolly não se tinha levantado para ir ao encontro do marido que chegava, já Levine, no rés do chão, saltava pela janela da sala de estudo de Gricha, arrastando consigo o discípulo.

— Ele aí está! — gritou Levine debaixo da varanda. — Não te preocupes, Dolly, que já acabamos a lição.

E tal qual uma criança, correu ao encontro da carruagem.

— *Is, ea, id, ejus, ejus!* — gritava Gricha, aos saltos, alameda adiante.

— Vem mais alguém com ele, é o pai, com certeza! — gritou Levine de novo, detendo se à entrada da alameda. — Kitty, não desças por essa escada, que é tão íngreme! Vem de roda.

Mas Levine enganara se. O companheiro de Stepane Arkadievitch era um rapazola bonito e forte, de boina à escocesa e longas fitas caídas atrás, Vacienka Velosvski, primo, em terceiro grau, dos Tcherbatski, muito conhecido da alta roda de Sampetersburgo e de Moscovo. “Belo rapaz e apaixonado caçador”, que assim o apresentou Stepane Arkadievitch.

Veslovski não pareceu perturbado com a desilusão que a sua presença causava: cumprimentou alegremente Levine, lembrou lhe que já o tinha encontrado antes e, apanhando Gricha pelo ar, ergueu o por cima do pointer que Stepane Arkadievitch trazia consigo.

Levine não subiu para o carro; acompanhou o a pé pela alameda acima. Sentia se desapontado com o facto de não ter vindo o velho príncipe, de quem gostava cada vez mais, à medida que o conhecia melhor, e com a visita de Vacienka Veslovski, cuja presença lhe era de todo importuna, homem estranho à família que era. E esta impressão ainda mais se radicou nele quando o viu beijar a mão de Kitty com toda a galanteria, na presença de toda a gente da casa, grande e pequena, que acorrera ao alpendre para os ver chegar.

— Nós somos *cousins*(Nota 55), a sua mulher e eu velhos conhecidos — disse o rapaz, apertando, por sua vez e com bastante energia, a mão de Levine.

— Então, temos caça? — inquiriu Stepane Arkadievitch, interrompendo os cumprimentos à família. — Tanto o Velovski como eu vimos animados de instintos mortíferos... Mas não, *maman,* fique sabendo que ele não vinha a Moscovo desde essa data... Eh, lá, Tânia, tenho uma coisa para ti!... Tira a daí, se fazes favor, está na traseira do carro — continuou ele, dirigindo se ao mesmo tempo a todos. Estás mais nova, Dolly! — disse ele, por fim, dirigindo se à mulher a quem beijou a mão, retendo a entre as suas e acariciando a afectuosamente.

A boa disposição de Levine desaparecera de todo: assumira um ar lúgubre e a todos achava repugnantes.

"A quem teriam beijado ontem aqueles lábios?", pensava ele. "E por que será que Dolly está tão contente, não acreditando, como não acredita, no amor do marido? Que abominação?"

O acolhimento gracioso que a princesa fizera a Veslovski vexara o; a delicadeza de Sérgio Ivanovitch para com Oblonski pareceu lhe hipócrita, pois sabia muito bem que o irmão não tinha estima alguma por ele; Varienka deu lhe a impressão de uma *sainte nitouche*(Nota 56) representando o papel de inocente quando no fundo só pensava no casamento. Mas o despeito que sentia atingiu as raias ao ver Kitty, compelida pelo entusiasmo geral, corresponder com um sorriso, sorriso que lhe pareceu cheio de subentendidos, ao sorriso hipócrita daquele indivíduo que considerava a sua presença ali uma festa para ele e para todos os demais.

Conversando animadamente, todos deram entrada em casa. Mas, mal se sentaram, Levine voltou costas e saiu.

Kitty percebeu que algo acontecera com o marido. Quis procurar oportunidade para lhe falar a sós, mas Levine afastou se, alegando que fazer no escritório. Havia muito que os trabalhos da propriedade lhe não pareciam tão importantes como naquele momento. "Para ele tudo são festas, mas aqui há coisas que nada têm de festivo, que não podem esperar e sem as quais é impossível viver", pensava.

CAPÍTULO VII

Levine não voltou a aparecer até à hora em que o chamaram para cear. Nas escadas, Kitty e Agáfia Mikailovna discutiam acerca dos vinhos a servir durante a refeição.

— Para quê todo este *bruit*?[62] Sirvam os do costume.

— Não, Stiva não bebe... Mas que tens tu, Kóstia? Espera aí... — disse Kitty, tentando detê-lo.

Sem a querer ouvir, porém, Levine prosseguiu no seu caminho direito ao salão, onde se deu pressa em tomar parte na conversa geral.

— Bom, que dizes? Vamos amanhã à caça? — perguntou Oblonski.

— Sim, senhor, muito bem — replicou Veslovski, sentando se de lado numa cadeira e recolhendo debaixo de si uma das suas roliças pernas.

— Com todo o gosto. Já caçou este ano? — perguntou Levine a Veslovski, olhando atentamente para a perna dele, com essa fingida amabilidade, que Kitty muito bem lhe conhecia e lhe ficava tão mal. — Não sei se encontraremos galinholas; narcejas, essas, abundam. Temos de sair cedo. Não se cansará? E tu, Stiva, não estás cansado?

— Cansado, eu? Nunca senti cansaço. Por mim, podemos ficar levantados toda a noite. Vamos dar um passeio!

— Realmente, não nos deitemos esta noite! Bela ideia! — apoiou Veslovski.

— Oh! Ninguém põe em dúvida que sejas capaz disso, bem como de não deixares até dormir os outros — disse Dolly num tom de ironia quase imperceptível que adoptara para com o marido. — Por mim, que não quero cear, vou para a cama.

— Espera mais um pouco, Dolinka — insistiu Stepane Arkadievitch, sentando se ao lado dela na grande mesa onde estava servida a ceia. — Tenho tanta coisa para te contar.

— Nada importante, com certeza.

— Queres saber? O Veslovski esteve em casa de Ana. E está disposto a voltar para lá quando daqui sair. Vivem apenas a umas setenta verstas. Eu também posso visitá-la. Veslovski, anda para aqui!

Veslovski aproximou se das senhoras e sentou se junto de Kitty.

— Esteve realmente em casa dela? Como está a Ana Arkadievna?

— perguntou Daria Alexandrovna.

Levine, que ficara na outra cabeceira da mesa a conversar com a princesa e Varienka, notou que Stepane Arkadievitch, Dolly, Kitty e Veslovski pareciam entretidíssimos. Deviam estar, pensou ele, a falar de qualquer coisa misteriosa. Kitty não deixava de fitar o belo rosto de Veslovski, que detinha o uso da palavra, e na sua expressão havia uma curiosidade grave.

— Vivem muito bem — dizia Vacienka, referindo se a Vronski e a Ana. — Evidentemente que não me compete a mim julgá-los, mas devo dizer que na sua casa uma pessoa se sente realmente em família.

— Que pensam eles fazer?

— Naturalmente passar o Inverno em Moscovo.

— Seria engraçado se nos reuníssemos. Quando pensas voltai lá?

— perguntou Oblonski.

— Vou lá passar o mês de Julho.

— E tu, vens também? — disse Stepane Arkadievitch para a mulher.

— Há muito que tenho esse desejo, e hei de ir, sem falta — respondeu Dolly. — Conheço a Ana e tenho pena dela. É uma mulher encantadora! Irei só, quando tu te fores embora. Assim não incomodarei ninguém. E até me parece melhor não ir contigo.

— Magnífico! — exclamou Stepane Arkadievitch. — E tu, Kitty?

— Eu? Para que havia eu de ir? — exclamou, toda corada, e relanceou um olhar ao marido.

— Conhece a Ana Arkadievna? — perguntou Veslovski. — É uma mulher muito atraente.

— Conheço — respondeu Kitty, corando ainda mais. Depois levantou se e aproximou se do marido, perguntando lhe: — Então, vais amanhã à caça?

Os ciúmes que Levine estava a sentir naquele momento, sobretudo por causa do rubor de Kitty, ao falar com Veslovski, haviam atingido o apogeu. Agora, ao ouvir as palavras dela, interpretava as à sua maneira. Por mais estranho que isso lhe parecesse depois, ao recordá-las, naquele momento afigurou se lhe que Kitty lhe perguntava se ia à caça só para saber se proporcionaria esse prazer a Vacienka Veslovski, de quem, segundo pensava, se enamorara.

— Naturalmente — respondeu lhe ele, numa voz tão pouco natural que a si mesmo pareceu desagradável.

— É melhor não pensarem nisso amanhã; a Dolly mal teve tempo de estar com o marido. Podem ir depois de amanhã — propôs Kitty.

Agora Levine traduzia deste modo o sentido das palavras de Kitty: “Não me separes dele. Que tu vás, isso é me indiferente, mas deixa que eu desfrute da companhia deste rapaz encantador.”

— Bom! Se é esse o teu desejo, ficaremos amanhã — respondeu com uma amabilidade especial.

Entretanto, Veslovski, sem que pudesse suspeitar quanto a sua presença estava a ser motivo de sofrimento, levantou se da mesa e seguiu Kitty, a quem olhava com um afectuoso sorriso.

Levine surpreendeu esse olhar. Empalideceu e por momentos ficou sufocado. “Quem o autorizou a olhar assim para a minha mulher”, pensou.

— Então, amanhã? Vamos amanhã à caça, não é verdade? Vamos, por favor! — suplicou Veslovski, sentando se com a perna por debaixo de si, como era seu costume.

Os ciúmes de Levine cresceram. Já se estava a ver marido enganado, a quem a mulher e o amante exploram no interesse do seu próprio prazer. No entanto, mostrou se amável com Veslovski, fez com que ele lhe falasse das suas caçadas, perguntou lhe se trouxera a espingarda e as botas e acabou por concordar em que iriam à caça no dia seguinte.

Felizmente, para Levine, a princesa veio pôr fim ao seu sofrimento, quando aconselhou Kitty a que fosse para a cama. Mas até isso lhe provocou novo tormento. Ao despedir se de Kitty, Veslovski quis de novo beijar lhe a mão. Esta, porém, com ingênua brusquidão, logo censurada pela mãe, disse retirando a mão:

— Em nossa casa, isso não se usa.

Na opinião de Levine, Kitty tinha a culpa de haver consentido que Veslovski a tratasse daquele modo e também do pouco tacto com que lhe mostrou não gostar daquele gênero de intimidade.

— Quem haverá aí com vontade de dormir? — exclamou Stepane Arkadievitch, o qual, depois de beber certo número de copos de vinho, se sentia num estado de espírito agradável e poético. — Olha, Kitty — disse apontando para a Lua que se erguia por detrás das tílias. — Que maravilha! Veslovski, que óptima ocasião para uma serenata! Sabem que tem uma linda voz? Viemos a cantar pelo caminho. Trouxe umas ricas romanzas novas. A Bárbara Andrievna podia cantá-las.

Depois de todos se retirarem, Veslovski e Stepane Arkadievitch ficaram ainda a passear por muito tempo, pondo se a trautear uma das novas romanzas.

Levine, sentado numa poltrona, no quarto conjugal, de sobrecenho carregado, ouvindo essas vozes, mantinha se obstinadamente calado,

sem responder às perguntas de Kitty. Porém, esta disse lhe, a certa altura, com um sorriso tímido:

— Houve qualquer coisa em Veslovski de que não gostaste, não é assim?

E Levine então explodiu. Como o que ele dizia principiava por ser ofensivo para si próprio, tanto maior a irritação que sentia. De pé diante de Kitty, os olhos fuzilando sob as sobrancelhas franzidas, as mãos apertadas contra o peito, como se quisesse comprimir a cólera, tinha as maçãs do rosto trêmulas e os braços duros repassados de um sofrimento que comoveu a mulher.

— É preciso que me compreendas inteiramente — dizia ele, em voz sacudida —, não tenho ciúmes, palavra vil. Não posso ter ciúmes e acreditar que... É impossível exprimir o que sinto, é terrível... Não tenho ciúmes, mas humilha me e ofende me que alguém ouse pensar, ouse olhar para ti com aqueles olhos...

— Com que olhos? — perguntou Kitty, procurando lembrar se, com a maior exactidão que lhe era possível, as palavras e atitudes que tivera naquela noite, bem como todos os seus cambiantes.

No fundo da sua alma, Kitty pensava que alguma coisa houvera quando Veslovski a seguira até ao outro extremo da mesa, mas não se atrevia a reconhecê-lo, e muito menos a dizê-lo a Levine para lhe não agravar o sofrimento.

— E que achas que possa haver em mim de atraente, que...?

— Oh! — exclamou Levine, apertando a cabeça entre as mãos. — Não me digas nada!... Então, se te sentisses atractiva, poderias...

— Não, não, Kóstia, espera. Escuta me! — disse Kitty, olhando o compassiva e sofredora. — Como podes tu pensar uma coisa dessas? Se para mim ninguém mais existe, ninguém...! Oh, queres que eu não veja ninguém?

De princípio, os ciúmes do marido tinham na ofendido. Custava lhe sentir se proibida da mais simples e inocente diversão, mas agora sacrificava lhe de bom grado não só essas ninharias, mas tudo o mais, desde que pudesse dar tranqüilidade e libertá-lo daqueles sofrimentos.

— Compreendo o que há de horrível e de cômico na minha situação. — prosseguiu Levine num murmúrio de desespero. — Esse rapaz é meu hóspede e além das suas maneiras muito à vontade, que ele supõe que são o cúmulo do mundanismo, nada tenho que lhe censurar. Não posso deixar de ser amável para com ele...

— Exageras, Kóstia — interrompeu o Kitty, orgulhosa, no fundo do seu coração, por se sentir amada daquela maneira.

— O mais horrível de tudo isto é que, agora, que és para mim mais sagrada do que nunca, nestes momentos em que nos sentimos tão felizes, tão infinitamente felizes, apareça, de súbito, esse canalha... Não sei porque estará a nossa felicidade nas suas mãos?...

— Ouve, Kóstia, parece me que já sei porque foi tudo isto.

— Por que foi? Por que foi?

— Notei que estavas a olhar para nós enquanto falávamos durante a ceia.

— Sim, e depois? E depois? — exclamou Levine, assustado. Kitty contou lhe de que tinham estado a falar. E ao fazê-lo, estava pálida e perturbada. Levine ficou por momentos calado.

— Kitty, perdoa me! — exclamou ele, pondo se de novo a passear, de cabeça entre as mãos. — Sou doido! Sou eu o culpado de tudo. Como é possível que tenha sofrido tanto por causa de uma tolice?

— Tenho pena de ti...

— Não, não, estou doido!... Torturo te... A pensar assim, o primeiro que aí apareça, mesmo sem querer, pode destruir a nossa felicidade.

— A conduta dele foi irrepreensível.

— Não, não, vou dizer lhe que passe o Verão connosco e farei tudo para ser amável com ele — disse Levine, beijando as mãos da mulher. — Vais ver. Amanhã... Amanhã... Ah, é verdade, amanhã vamos à caça!

CAPÍTULO VIII

No dia seguinte, ainda antes de os senhores se terem levantado, já um charabá e uma telega estavam parados em frente da porta de casa. Laska, que percebera que iam à caça, depois de ladrar e de saltar na sua casota, sentara se ao lado do cocheiro, olhando, inquieta, para a porta, como se estivesse a censurar os caçadores por se demorarem a aparecer. O primeiro a sair foi Vacienka Veslovski, de botas altas, novas, que lhe chegavam quase a meio da coxa grossa, e uma blusa verde, cingida por uma cartucheira de couro, a cheirar muito a novo. Trazia uma boina de fitas e empunhava uma espingarda inglesa, novinha em folha também, sem bandoleira nem braçadeira. Laska pulou logo ao encontro dele, cumprimentando o e, a seu modo, foi lhe perguntando se os outros viriam breve. Como não lhe respondessem, voltou para o seu posto, quedando se de novo imóvel, com a cabeça inclinada para um lado e o ouvido à escuta. Finalmente, a porta abriu se com grande estrépito e saiu correndo, aos pulos e cabriolas, Krak, o *pointer* de Stepane Arkadievitch, logo seguido do dono, com a espingarda na mão e um charuto na boca.

— Quieto, quieto! Krak! — gritava Oblonski, carinhoso, para o cão que lhe punha as patas no ventre e no peito e se enganchava na bolsa de caça.

Stepane Arkadievitch, de botas amarradas com tiras, vinha de calças rotas e samarra. Na cabeça trazia um chapéu todo amarrotado. Em compensação a arma, de modelo novo, era um verdadeiro primor, e a bolsa de caça e a cartucheira, embora usadas, de couro de primeira qualidade.

Vacienka Veslovski ainda não percebera que a máxima elegância do caçador estava em usar roupa velha e objectos venatórios da melhor qualidade. Compreendeu o quando olhou para Stepane Arkadievitch, resplandecente nos andrajos que vestia, com a sua figura de grande senhor nutrida e jovial, decidindo logo ali que para a próxima vez se vestiria da mesma maneira.

— E o nosso anfitrião? — perguntou.

— É casado de fresco, não é verdade...? — replicou Oblonski, sorrindo.

— Sim, e com uma mulher encantadora…

Naturalmente voltou ao quarto, pois já o vi pronto para sair. Stepane Arkadievitch acertara. Levine voltara ao quarto de Kitty a pedir lhe que repetisse que lhe perdoava a tolice da véspera e a

recomendar lhe que fosse prudente e se conservasse o mais possível longe das crianças. E ela teve de lhe jurar uma vez mais que não estava zangada por vê-lo ausentar se durante dois dias, prometendo mandar lhe por um estafeta no dia seguinte um boletim sanitário.

Embora aquela caçada não fosse do agrado de Kitty, acabara por resignar se ao vê-lo animado e alegre, nas suas botas e na sua blusa branca. Vestido assim, ainda parecia mais vigoroso e corpulento. E, esquecendo a sua tristeza, despediu se dele com jovialidade, tão animado o via, nessa animação tão peculiar aos caçadores e que ela não podia perceber.

— Queiram perdoar, meus senhores — disse Levine, assim que apareceu no alpendre. — Puseram o almoço no carro? Por que atrelaram o alazão à direita? Bom, é a mesma coisa! Laska, esteja quieta, vá para o seu lugar. Junta os com os bezerros — ordenou, dirigindo se ao vaqueiro que aguardava ao pé do alpendre para lhe perguntar o que devia fazer dos vitelinhos. — Queiram perdoar. Aí vem mais um maçador!

Levine saltou do carro, para onde subira já, aproximando se do carpinteiro, que vinha para ele com uma vara de medir.

— Ontem não vieste ao escritório e agora obrigas me a perder tempo. Bom, que temos?

— Permita me que acrescente um lanço mais. Ficará melhor assim. E muito mais segura.

— Teria sido melhor que me obedecesses — replicou Levine, irritado. — Disse te que pusesses primeiro as couceiras e fizesses depois os degraus. Agora já não tem remédio. Faz uma escada nova, como eu te havia mandado.

O carpinteiro estragara a escada para o pavilhão, pois, como não calculara o declive, os degraus tinham ficado muito inclinados ao colocá- los no seu lugar. Agora pretendia aproveitar a mesma escada, juntando lhe mais três degraus.

— Assim ficará muito melhor — disse.

— Mas de onde vão sair os teus três degraus?

— Vai ver — teimou o carpinteiro, com um sorriso de desprezo.

— Partirão de baixo, como deve ser — explicou ele, num gesto persuasivo —, e irão subindo, subindo até lá acima.

— Mas esses três degraus fá-la-ão maior. Até onde vai chegar?

— Acrescentando os a partir de baixo, ficarão bem — insistiu o carpinteiro, persuasivo e tenaz.

— Chegará ao tecto.

— Nada disso, porque os acrescentaremos a partir de baixo. Chegará onde é preciso.

Com a vareta da arma, Levine desenhou a escada na poeira do caminho.

— Vês agora?

— Bom, farei o que o patrão quer — replicou o homem, e de súbito chisparam lhe os olhos. Ao que parecia, compreendera, por fim. — Está visto, terei de fazer outra.

— Bom, mas como te estou a dizer — gritou Levine, sentando se no carro. — Vamos, Filipe, segura bem os cães.

Feliz por se ver livre de todas as suas preocupações domésticas, tão grande foi a alegria de Levine que o seu desejo era ficar calado e não pensar noutra coisa senão nas emoções que o aguardavam. Encontrariam a caça no pântano de Kolpensk? A Laska agüentaria a competição do Krak? E estaria ele próprio em boa forma diante daquele estranho? Que fazer para que Oblonski não se portasse melhor do que ele?

Absorto em idênticas preocupações, Oblonski não parecia mais loquaz do que Levine. Só Vacienka Veslovski tagarelava sem parar. Agora, ao ouvi-lo, Levine sentia se envergonhado por ter sido tão injusto para com ele. Vacienka era, realmente, um rapaz simples, bondoso e alegre. Se o tivesse conhecido em solteiro, teriam sido amigos. No entanto, desagradava lhe um pouco a sua maneira despreocupada de considerar a vida e a sua elegância algo desenvolta. Era como se concedesse a si próprio uma importância especial pelo facto de usar unhas compridas, boina escocesa e o resto a condizer. Mas tudo isso se lhe podia perdoar graças à bondade e à honradez do seu carácter. Levine achava o agradável pela sua boa educação, a sua pronúncia perfeita das línguas francesa e inglesa e por ser um homem da sua classe.

Vacienka, encantado com o cavalo do Don engatado à esquerda, não fazia outra coisa senão elogiá-lo.

— Que bom deve ser galopar pela estepe fora num cavalo assim! Não é verdade? — disse ele.

Visionava como coisa selvagem e poética uma cavalgada pela estepe, quando era tão diferente da verdade. Mas essa ingenuidade, aliada à beleza, ao sorriso agradável e à graça dos movimentos tornava se atractiva. Ou porque o carácter do rapaz fosse simpático a Levine ou porque, procurando remir a falta da véspera, tudo nele lhe

parecesse bem, o certo é que a companhia de Vacienka lhe era agradável.

Já haviam percorrido umas três verstas quando Veslovski deu por falta dos cigarros e da carteira; não sabia se os perdera ou se os deixara esquecidos em cima da mesa. A carteira tinha trezentos e setenta rublos; por conseguinte, precisava de saber do seu paradeiro.

— Ouça, Levine, vou voltar a casa montado neste cavalo do Don. Seria magnífico! Que lhe parece? — exclamou, pronto a fazê-lo.

— Para quê? — replicou Levine, calculando que Vacienka devia pesar pelos menos seis *pudi,* — Podemos mandar o cocheiro.

O cocheiro partiu montado no cavalo que ia ao varal e Levine tomou as rédeas nas suas mãos.

CAPÍTULO IX

— Que itinerário vamos nós seguir? Expõe me isso com todos os pormenores — disse Stepane Arkadievitch.

— O plano é o seguinte: agora vamos até Gvozdevo, a vinte verstas daqui. Deste lado da povoação vamos encontrar muitas narcejas nos pântanos. Do outro lado, mais longe, há marismas cheias de galinholas e também lá se encontram narcejas. Agora faz calor, chegaremos ao anoitecer e apoderar-nos-emos do campo a essa hora. Passaremos ali a noite e amanhã seguiremos para os grandes pântanos.

— E pelo caminho não há nada?

— Sim, há dois bons locais, mas isso ia atrasar nos. Aliás, está muito calor e não é certo que encontrássemos alguma coisa a esta hora.

Levine contava reservar para seu uso privativo os campos vizinhos de casa, onde, de resto, três caçadores apenas serviriam para se atrapalharem uns aos outros; mas nada escapava ao olhar experimentado de Oblonski e ao passar diante de um pequeno pântano, exclamou:

— E se nós parássemos aqui?

— Oh! Sim, Levine, por favor. É magnífico! — implorou Vacienka Veslovski. E Levine não teve outro remédio senão ceder.

Assim que o carro parou, os cães precipitaram se, qual deles mais veloz, direitos ao pântano.

— Krak! Laska! Os cães voltaram.

— Três seríamos de mais para o espaço que há. Eu ficarei aqui — disse Levine, certo de que eles mais nada encontrariam senão carambolas. Aliás, algumas tinham se levantado, assustadas pelos cães, e pairavam, balançando se e grasnando, por cima do pântano.

— Não, vamos juntos, vamos todos — insistiu Veslovski.

— Realmente, o espaço é pequeno. Laska, vem cá, Laska! Não querem mais um cão?

Levine ficou junto do carro, seguindo com a vista, invejoso, os caçadores que se afastavam. Estes percorreram todo o local. Nada mais conseguiram ver além de uma perdiz e de algumas pequenas carambolas. Vacienka matou uma delas.

— Como vêem, não era intenção minha ocultar lhes estes sítios — disse Levine. — Sabia que íamos perder tempo, nada mais.

— Não, não, foi muito agradável — replicou Veslovski, o qual,

embaraçado com a espingarda e a carambola, subia a custo para o carro.

— Viu como eu a deitei abaixo? Belo tiro, não é verdade? Vamos chegar dentro de pouco ao bom sítio?

De súbito, os cavalos encabritaram se. Levine deu com a cabeça contra o cano de uma das escopetas e pareceu lhe ouvir um tiro. Mas, na realidade, o tiro tinha soado antes. Foi o caso que Vacienka, ao pôr a arma no descanso, apertou a gatilho sem querer. A bala foi cravar se na terra sem ferir ninguém. Stepane Arkadievitch abanou a cabeça e sorriu, olhando para Veslovski, reprovativo. Levine, porém, não teve coragem de lhe dizer nada. Em primeiro lugar, porque qualquer censura podia ser interpretada como o resultado do perigo que correra e do galo que a arma lhe fizera na testa. E depois Veslovski mostrara se desde logo tão ingenuamente penalizado, rindo com tanta vontade do susto que a todos causara, que Levine não pôde reprimir o riso.

Quando chegaram ao segundo pântano, bastante grande e onde se iriam demorar muito, Levine instou para que se não apeassem. Mas, Veslovski tanto lhe pediu, que ele acabou por aceder. Como o local era muito estreito, Levine, bom anfitrião, voltou a ficar no carro.

Krak lançou se no pântano seguido de perto por Vacienka Veslovski, e ainda Oblonski não chegara junto deles, já Veslovski levantava uma narceja. Errou o tiro e a narceja foi pousar num campo por ceifar. Dir se ia predestinada para ele. Krak voltou a dar com ela, fê-la levantar voo e Veslovski matou a, regressando depois ao carro.

— Agora vá o Levine, que eu ficarei a tomar conta dos cavalos — disse ele.

Levine sentiu apoderar se de si essa inveja tão própria dos caçadores. Entregou as rédeas a Veslovski e encaminhou se para o pântano.

Laska havia tempo já que ladrava, queixando se da injustiça. Ei-la que corre direita aos cerros, lugar que Levine conhecia muito bem e onde esperava encontrar caça. O Krak ainda lá não chegara.

— Por que não seguras a Laska? — perguntou Oblonski.

— Não espantará a caça — replicou Levine, contente com a cadela, enquanto a seguia.

À medida que Laska se aproximava do cerro, a busca ia sendo mais minuciosa. Um passarinho do pântano distraiu a, mas um instante apenas. Deu uma volta aos montículos e de novo principiou a contorná- los: de súbito, porém, estremeceu e ficou imóvel.

— Anda, Stiva, anda! — gritou Levine, sentindo que o coração lhe

batia com mais força. E, de repente, como se o ouvido, tenso ao máximo, houvesse perdido o sentido da distância, todos os sons vieram impressioná-lo com uma intensidade desordenada. Os passos de Oblonski, ali, perto, pareciam lhe o piafé longínquo dos cavalos, o esfarelar de um montículo de terra sobre o qual pusera o pé afigurara se lhe o bater de asas de uma narceja. Dera ainda atrás dele, e não muito longe, por uma espécie de chapinhar na água, que não percebia muito bem o que fosse.

Aproximou se da Laska, caminhando cautelosamente.

— Aboca! — gritou.

Uma narceja levantara se debaixo das patas da cadela; metia já a arma ao rosto, quando o chapinhar aumentou de intensidade, ouvindo se mais perto, juntamente com a voz de Veslovski, que gritava de modo estranho. Levine percebeu que fazia má pontaria, mas, mesmo assim, puxou o gatilho.

Logo que se convenceu de que falhara o alvo, voltou a cabeça e viu que os cavalos já não estavam no caminho, tinham metido pelo terreno pantanoso.

Desejoso de seguir a caçada, Veslovski penetrara no pântano, enterrando os animais no lodo.

— Diabos o levem! — exclamou Levine, dirigindo se ao carro. — Para que se meteu aqui? — disse, secamente, a Veslovski e, gritando pelo cocheiro, pôs se a retirar os cavalos do pântano. Aqueles amigos não só o faziam perder um tiro, como lhe iam dando cabo dos cavalos e o deixavam sozinho com o cocheiro a desatrelar os pobres animais e a trazê-los para a terra enxuta. Também como haviam eles de o ajudar?

Todavia, o culpado fez o que pôde para desatolar o charabã e tanto fez que acabou por arrancar um dos guarda lamas. Esta boa vontade comoveu Levine que, convencido de que aquele seu mau humor ainda era reflexo do que se passara na véspera, logo procurou mostrar se o mais amável que pode para com Veslovski. Quando tudo ficou em ordem e os carros entraram na estrada, Levine mandou que tirassem o almoço.

— *Bon appétit, bonne conscience! Ce poulet va tomber jusqu'au fond de mes bottes!*(Nota 57) — disse Vacienka, citando o provérbio francês, de novo alegre, enquanto atacava o segundo frango. — Bom, agora, acabaram as nossas desventuras e tudo caminhará bem. Mas, para castigo, tenho obrigação de ir na boleia e de lhes servir de automedonte... Não, não, deixem me guiar o barco! Vão ver como eu o levo. Vou muito bem na boleia. Tenho de pagar o que fiz.

E Vacienka tocou os cavalos.

Levine receava que ele lhe estropiasse os animais, especialmente o alazão da esquerda, que não saberia guiar. Mas, a pesar seu, acabou por ceder, submetendo se à jovialidade de Vacienka. E ouviu as romanzas que ele, sentado na boleia, foi entoando durante todo o caminho, bem como as explicações que dava sobre a maneira de conduzir à inglesa um *four-in-hand*(Nota 58), que explicou com alguns gestos. Depois do almoço, alcançaram o pântano de Gvosdevo na melhor disposição deste mundo.

CAPÍTULO X

Vacienka tanto tocara os cavalos que chegaram cedo de mais; ainda fazia calor.

Levine desejava logo ver se livre do incômodo companheiro. Stepane Arkadievitch parecia compartilhar do mesmo desejo. Aquele viu lhe no rosto a preocupação própria de todo o verdadeiro caçador antes de principiar a caçar, bem como certa malícia bonacheirona muito sua.

— Por onde iremos? O lugar é magnífico, até há abutres! — exclamou Stepane Arkadievitch, apontando para duas grandes aves que pairavam em círculo por cima dos juncais. — Onde há abutres é mais que certo que tem de haver caça.

— Olhem — disse Levine, algo triste de expressão, enquanto ajustava as botas e verificava e espingarda —, estão a ver aqueles juncais lá adiante? — e apontou para uma ilhota que se salientava, verde escura, no enorme prado húmido, meio ceifado, à direita do rio. — O pântano começa precisamente diante de nós. — Estão a vê-lo? Ali onde o verde é mais intenso. Daqui alarga se para a direita, por onde vão os cavalos; ali, naqueles cerros, costumava haver narcejas e também nas imediações destes juncais, até à mata de álamos e ao moinho. Vêem onde se forma aquela enseada? É o melhor sítio. Ali matei eu, uma vez, dezassete galinholas. Vamos separar nos em duas direcções, levando cada um o seu cão e depois encontrar-nos-emos perto do moinho.

— Quem vai para a direita? — perguntou Oblonski. — Vão vocês dois pelo lado direito, que é mais largo; eu seguirei pelo esquerdo — acrescentou, num tom de aparente indiferença.

— Magnífico! Levar-lhe-emos vantagem. Bom, vamos, vamos! — exclamou Vacienka.

Levine não teve outro remédio senão ceder e separaram se.

Mal entraram no pântano, os dois cães puseram se a farejar. Levine conhecia muito bem a maneira de caçar de Laska, cautelosa e precisa, e também conhecia o local e esperava ver levantar se um bando de narcejas.

— Veslovski, ponha se a meu lado! — murmurou, dirigindo se ao companheiro, que chapinhava atrás dele, o que muito o preocupava, por causa da arma, a pesar seu, após o tiro em Kolpens.

— Não, não quero incomodá-lo. Não se preocupe comigo.

Levine pensava, sem querer, nas palavras que Kitty lhe dissera ao despedir se: “Tem cuidado, vê lá se andam aos tiros uns aos outros!” Os cães internavam se cada vez mais, evitando se mutuamente, cada um na sua direcção. Levine tão emocionado estava que o chapinhar dos tacões no lodo lhe parecia o grasnar das aves. Pegou logo na arma.

“Cuá, cuá!”, ouviu junto ao seu ouvido. Vacienka disparou contra um bando de patos bravos que revoluteavam por cima do pântano, fora do alcance da espingarda. Levine mal teve tempo de se voltar. Levantou- se uma narceja, depois outra, uma terceira em seguida, e assim por diante, até oito, umas atrás das outras.

Stepane Arkadievitch alvejou uma delas no momento em que principiava a voar em ziguezague, e a narceja foi cair num barranco como uma coisa informe. Sem se precipitar, visou outra, que voava baixo em direcção aos juncais, e o tiro ouviu se ao mesmo tempo que a ave caía. Viram na agitar se no campo ceifado, batendo a asa sã, toda branca na parte inferior.

Levine não teve a mesma sorte; disparou sobre a primeira narceja tarde de mais e errou o tiro. Apontou de novo quando a ave se levantou, mas nesse mesmo momento surgiu outra voando debaixo dos seus pés e Levine distraiu se, errando o alvo de novo.

Enquanto carregavam as espingardas, levantou se nova galinhola, e Veslovski, que já carregara a arma, disparou por duas vezes. Os chumbos, porém, foram cair na água. Stepane Arkadievitch, depois de apanhar as peças de caça que matara, olhou para Levine, os olhos chamejantes.

— E agora vamo-nos separar — disse ele, dirigindo se para a direita, a coxear ligeiramente da perna esquerda, e de arma aperrada assobiou ao cão.

Sempre que lhe acontecia falhar o primeiro tiro, Levine perdia facilmente o sangue frio, comprometendo a caçada: eis o que lhe aconteceu naquele dia. A cada momento levantavam voo as narcejas, mesmo debaixo dos pés dos caçadores ou diante do focinho dos cães; tivera ocasião, portanto, de reparar a pouca sorte do primeiro tiro, mas a verdade é que, quanto mais disparava, mais envergonhado se sentia perante Veslovski, o qual atirava a esmo, sem nada matar e sem chegar a perder a boa disposição em que estava. Levine precipitava se, impacientando se, cada vez mais excitado, chegando, mesmo, a puxar o gatilho sem esperança de atingir o alvo. Dir se ia que Laska o compreendia. Estupefacta, olhava para os caçadores como que a censurá- los, e as suas buscas tornaram se mais irregulares. Por mais que as espingardas disparassem ininterruptamente e que a fumarada envolvesse os caçadores, a imensa bolsa de caça, por junto, continha

três insignificantes narcejas. Veslovski matara uma delas e a outra fora atingida por ambos. Entretanto, do outro lado do pântano ouviam se detonações pouco freqüentes, mas, no parecer de Levine, mais eficazes, de Stepane Arkadievitch. E quase todas eram acompanhadas do grito: “Krak! Krak!, busca, busca!”

Eis o que ainda mais irritava Levine. As narcejas voavam agora em bandos por cima dos juncais. Ouvia se constantemente o chapinhar no lodo e pelos ares fora o grasnido das narcejas, que esvoaçavam para voltar a pousar mesmo à vista dos caçadores. Já não eram só dois abutres que apareciam, mas bandos de dez, que voavam, grasnando, por cima do pântano.

Depois de terem percorrido mais de metade do pântano, Levine e Veslovski chegaram ao local que confinava com os juncais e era o limite das terras dos aldeões, divididas ou por carreiros abertos pelos pés dos homens ou por franjas ceifadas. Metade dos campos já tinham recebido a foice. Embora as probabilidades de achar caça fossem tão escassas nas zonas por ceifar como nas já ceifadas, Levine, que prometera a Stepane Arkadievitch reunir se com ele, seguiu avante acompanhado do camarada.

— Eh, caçadores! — gritou lhes um mujique do meio de um grupo sentado à volta de um carro desatrelado. — Venham comer connosco! Temos vinho!

Levine voltou se.

— Venham! Venham! — insistiu outro, de grandes barbas, rosto corado e jovial, que mostrava os brancos dentes, enquanto agitava no ar uma garrafa esverdeada, que brilhava ao sol.

— *Qu'est cê qu'ils dissent*(Nota 59)?— perguntou Veslovski.

— Estão a convidar nos para bebermos vodka. Naturalmente procederam hoje à divisão do feno. Eu estava capaz de aceitar, e com muito gosto — replicou Levine, não sem malícia, esperando que Veslovski se deixasse seduzir e o apanhassem também.

— E por que nos convidam eles?

— Porque estão divertidos. Aceite! Vai gostar!

— *Allons, ci est curieux*(Nota 60).

— Vá! Vá! Lá adiante há um atalho que leva ao moinho — exclamou Levine.

Quando se voltou, viu com satisfação que Veslovski se afastava, todo dobrado, a espingarda no braço, trôpego, embatendo com os pés cansados nos torrões de terra.

— Vem tu também! — gritou o camponês, chamando Levine. — Terás empadas!

Levine não teria, por certo, recusado um pedaço de pão e um trago de vodka; sentia se cansado e era penosamente que arrastava os pés pela lama do pântano; dera porém com a Laska imóvel e esqueceu se da fadiga que sentia para ir ao seu encontro. Levantou se lhe debaixo dos pés uma narceja, e desta vez não errou o tiro.

A cadela continuava imóvel. “Busca!” Outra ave se levantou diante do focinho de Laska. Levine disparou pela segunda vez, mas não havia dúvida, o dia era de azar: não só falhou uma das aves, como não pôde encontrar a primeira. Sem acreditar que o dono a tivesse atingido, Laska fingia procurá-la.

A pouca sorte, que atribuía à presença de Vacienka, não largava

Levine. Embora também ali houvesse muita caça, falhava tiro após tiro.

Os raios oblíquos do sol poente ainda estavam muito quentes, as roupas, ensopadas em transpiração, colavam se ao corpo; a bota esquerda, cheia de água, tornava lhe o andar mais pesado; o suor escorria lhe em grossas camarinhas pelo rosto maculado do fumo da pólvora; sentia a boca amarga; sufocava com o cheiro a pólvora e a lodo; o grasnido das narcejas ensurdecia o; o coração batia lhe precipitadamente no peito; as mãos tremiam lhe, e os pés cansados, ora tropeçavam nos torrões de terra, ora se enfiavam pelas luras do solo. Todavia, continuava sempre a avançar e a disparar. Por fim, depois de um tiro vergonhoso, atirou ao chão a espingarda e o chapéu.

“Francamente, tenho de ter juízo!”, disse de si para consigo. Pegando de novo no chapéu e na espingarda, chamou Laska e saiu do pântano. Assim que chegou à terra seca, sentou se num montículo, descalçou se e despejou a água que tinha na bota. Depois abeirou se do pântano, bebeu água a saber a mofo e, após humedecer os canos esquentados da arma, lavou o rosto e as mãos. Uma vez refrescado, voltou ao sítio onde vira pousar uma narceja, disposto a não se enervar. Queria estar calmo. No entanto, sucedeu lhe o mesmo. Premia o gatilho antes de visar a peça de caça. Tudo ia de mal a pior.

Ao sair do pântano, direito à mata dos álamos, levava apenas cinco peças de caça no bornal. Ah devia reunir se a Stepane Arkadievitch.

Quem primeiro apareceu foi Krak, todo coberto de lodo escuro e mal cheiroso, que saiu correndo de entre as raízes de um álamo, farejando a Laska com um ar triunfante. O dono emergiu em seguida da sombra do álamo, muito corado, coberto de suor, o colarinho desabotoado e sempre a coxear.

— Então, muitos tiros? — perguntou satisfeitíssimo.

— E tu? — replicou Levine; a pergunta era, contudo, supérflua, pois Oblonski trazia a bolsa de caça atulhada.

— Bastantes!

— Catorze peças, ao todo.

— Pântano magnífico! Naturalmente o Veslovski atrapalhou te. Não é bom dois a caçar com o mesmo cão — comentou Stepane Arkadievitch, para atenuar o efeito do seu triunfo.

CAPÍTULO XI

Quando penetraram na isbá do mujique onde Levine costumava sempre deter se, já lá estava Veslovski. Sentado no meio da casa, agarrado a um banco com ambas as mãos, ria, com o seu riso contagioso, enquanto o irmão da dona da isbá, um soldado, lhe puxava pelas botas cobertas de lama, para arrancar lhas dos pés.

— Acabo de chegar. *lis ont et é charmants*(Nota 61). Imaginem que me deram de comer e de beber. E que pão! Magnífico! *Délicieux!*(Nota 62) Nunca bebi melhor vodka. E não quiseram que eu pagasse, por nada deste mundo. "Não te ofendas, faz se o que se pode!"

— Mas por que queria pagar? — resmungou o soldado que finalmente arrancara uma das botas, com a sua meia enegrecida de lodo.

— Só queriam obsequiá-lo, não é verdade? Não vendem vodka.

Apesar da imundície da isbá, cheia de pegadas das botas dos caçadores e das patas dos cães, cobertos de lodo escuro, que se lambiam, do cheiro a lama e a pólvora e da falta de garfos e de facas, os três amigos tomaram chá e cearam com aquela satisfação que só há quando se vai à caça. Depois, uma vez lavados, dirigiram se para o palheiro, bem varrido, onde os cocheiros lhes tinham preparado as camas.

Embora já tivesse escurecido, nenhum dos três tinha sono.

Depois de divagarem, contando coisas passadas, histórias de cães e outras proezas de caça, a conversa versou sobre um tema que a todos interessava. Veslovski estava encantado com tudo; com o cheiro de feno que enchia a quadra, com os cães deitados aos pés dos donos, com o carro, a um canto, que ele julgava partido, pois lhe tinham tirado a parte da frente. E como não cessasse de elogiar a hospitalidade aldeã, Oblonski achou por bem contrapor a esses prazeres campestres os factos de uma grande caçada em que tomara parte no ano anterior na província de Tver, em casa de um tal Maltus. Tratava se de um conhecido indivíduo que enriquecera com os caminhos de ferro. E pôs se a descrever os pântanos imensos que ele possuía e como cuidava dos seus *dog-carts*(Nota 63) e a tenda armada à beira de água para o almoço dos caçadores.

— Não compreendo como essa gente te não repugna — disse Levine, soerguendo se no seu monte de palha. — Bem sei que é muito agradável um almoço regado a Château Lajite, mas será possível que te não desgoste todo esse luxo? Toda essa gente arranja dinheiro como

antigamente os nossos arrendatários da vodka e estão se nas tintas para o desprezo público, graças ao dinheiro mal ganho.

— Isso mesmo! — apoiou Vacienka Veslovski. —Tem toda a razão!

É claro que o Oblonski toma parte nessas coisas por pura *bonhomie*(Nota 64), mas não falta quem diga: "O Oblonski vai..."

— Nada disso — replicou Stepane Arkadievitch, com um sorrisinho que não escapou a Levine. — Se vou a casa dele, sinceramente, é porque estou convencido de que essa maneira de ganhar dinheiro não é menos honrosa do que a de um lavrador ou a de um negociante. Todos fizeram fortuna graças ao seu trabalho e à sua inteligência.

— A que chamas tu trabalho? Chamas trabalho obter uma concessão e revendê-la?

— Naturalmente! A verdade é que se não existissem essas pessoas e outras semelhantes nem sequer teríamos caminhos de ferro.

— Mas esse trabalho não se pode comparar com o de um mujique que lavra a terra ou com o de um sábio que estuda.

— Está bem; mas nem por isso deixa de ser trabalho, pois essa actividade dá frutos: os caminhos de ferro. É claro que na tua opinião os caminhos de ferro são inúteis.

— Essa é outra questão. Estou disposto a reconhecer a sua utilidade. Mas todo o lucro que não esteja em proporção com o trabalho realizado é desonroso.

— Quem é que determina essa proporção?

— Todo o lucro conseguido por processos desonrosos, com astúcia — teimava Levine, notando que não sabia delimitar com rigor a linha que separava o justo do injusto. — Por exemplo, os grandes lucros dos bancos. Essas fortunas feitas rapidamente são sempre escandalosas. *Le roi est mort, vive le roi*(Nota 65). Já não temos mais terras de lavoura, mas os caminhos de ferro e os bancos aí estão para os substituir.

— Talvez tudo isso seja verdade e além do mais, engenhoso... Krak, quieto! — gritou Stepane Arkadievitch ao cão, que se coçava e revolvia a palha. E prosseguiu, serena e paulatinamente, convencido da verdade do ponto de vista que sustentava: — Mas não definiste os limites entre o trabalho honroso e o trabalho desonroso. É desonroso que eu ganhe mais do que o chefe da minha repartição, embora ele conheça mais a fundo os assuntos?

— Não sei.

— Pois vou dizer to: que tu obtenhas pelo teu trabalho na propriedade cinco mil rublos, por exemplo, e que um camponês

proprietário não ganhe mais do que cinqüenta, seja qual for o esforço que faz, é tão pouco honroso como eu ganhar mais do que o chefe da minha repartição e Maltus obter maiores lucros que um ferroviário. Na minha opinião, há uma hostilidade sem fundamento contra essa gente, e tudo por inveja...

— Não; isso é injusto — contraveio Veslovski. — Nisso não pode haver inveja; trata se de qualquer coisa pouco limpa.

— Perdoa — interrompeu Levine. — Dizes que é injusto que eu ganhe cinco mil rublos e o camponês apenas cinqüenta. Está certo. É injusto, confesso, mas...

— É certo, nós comemos, bebemos, vamos à caça e não trabalhamos; em compensação, o camponês passa a vida a trabalhar — observou Veslovski. Naturalmente era a primeira vez na sua vida que pensava em coisas semelhantes, por isso estava sendo sincero.

— Sim, confessas, mas não cederias as mas terras — tornou Oblonski, não sem malícia.

Desde que eram cunhados, uma hostilidade surda se filtrava nas relações dos dois amigos: cada um deles parecia convencido, lá no fundo, de organizar melhor a sua vida que o outro.

— Não o faço porque ninguém me pede que o faça, e, se o quisesse fazer, não teria a quem cedê-las nem poderia cedê-las — replicou Levine.

— Dá as a este camponês; não se negará a aceitá-las.

— E como havia de o fazer? Assinando um contrato de venda ou de doação?

— Não sei, mas, se estás convencido de que cometes uma injustiça...

— Não estou nada convencido. Pelo contrário, desde que constituí família, tenho deveres para com ela e não me acho no direito de me despojar daquilo que é meu.

— Perdão, se estás convencido de que essa desigualdade é uma injustiça, deves proceder de acordo com isso.

— É o que faço, fazendo o possível para a não aumentar.

— Que paradoxo!

— Sim, isso aí... Cheira a sofisma! — observou Veslovski. — Eh, aí está o patrão! — exclamou, ao ver o dono da isbá, que abria a porta, fazendo chiar os gonzos. — Quê? Pois ainda não estás deitado?

— Dormindo, eu? Pensava que os senhores estavam a dormir, mas como os ouvi falar... Venho buscar um garavanço. Os cães não me irão morder? — acrescentou, avançando, prudentemente, de pés descalços.

— Onde vais tu dormir?

— Esta noite dormiremos no campo...

— Que noite! — exclamou Veslovski, ao descobrir, pela frincha da porta entreaberta, a luz esvaída do crepúsculo, um ângulo da casa e o charabã desatrelado... Mas de onde vêm estas vozes de mulher? Não cantam nada mal, não acham?

— São as raparigas aqui do lado.

— Vamos dar uma volta... De qualquer forma, não conseguimos dormir. Anda, Oblonski.

— Se pudéssemos ir e ao mesmo tempo ficar deitados — respondeu este, espreguiçando se. — Está se tão bem deitado!

— Então vou sozinho — exclamou Veslovski, levantando se, decidido, e calçando as botas. — Até logo, senhores! Se me divertir, venho chamá-los. Convidaram me para caçar e eu não vou esquecê-los por minha vez.

— Não é um rapaz simpático? — exclamou Oblonski, quando Vacienka saiu e o camponês fechou a. porta do palheiro.

— É, é muito simpático — confirmou Levine, que continuava z pensar na conversa de há instantes.

Afigurava se lhe ter exprimido as suas ideias e os seus sentimentos o mais claramente que sabia e, no entanto, embora os outros fossem homens inteligentes e sinceros, tinham lhe respondido em uníssono que se contentava com sofismas. Eis o que o desconcertara.

— Pois é assim, meu amigo: Uma de duas: ou concordamos em que a sociedade actual está bem organizada, e temos de defender os nossos direitos, ou então reconhecemos que estamos a gozar privilégios injustos, esse o meu caso, e vá de aproveitá-los com satisfação.

— Não; se sentisses a injustiça que isso pressupõe, não poderias aproveitar te dos seus benefícios. Eu, pelo menos, não o poderia fazer. Para mim, o principal é não me sentir culpado.

— E se fôssemos passear também? — propôs Stepane Arkadievitch, cansado, ao que parecia, daquele esforço mental. — Seja como for, não conseguimos dormir. Anda, vem cá!

Levine não respondeu: pensava. Pelo visto, achavam os seus actos em contradição com o sentimento que ele tinha da justiça. “Será possível”, dizia de si para consigo, “que uma pessoa só possa ser justa de uma maneira puramente negativa?”

— Que forte este cheiro a palha fresca! — disse Stepane Arkadievitch, soerguendo se. — Não consigo dormir por nada deste

mundo. Quer me parecer que o Vacienka está a fazer das suas. Não o ouves rir? Vem cá, vamos!

— Não! Eu não vou — tornou lhe Levine.

— Porventura, por princípio também? — inquiriu Stepane Arkadievitch, sorrindo, enquanto procurava o gorro na escuridão.

— Não é por princípio, mas que vou eu lá fazer?

— Sempre te digo — observou Oblonski — que estás a arranjar uma situação perigosa. — Entretanto levantara se e encontrara o gorro.

— Por quê?

— Julgas que não me dei conta da posição em que te colocaste perante a tua mulher? Ouvi dizer que entre vocês é um problema de alta importância saíres alguns dias de casa. Isso está certo quando se trata de um idílio, mas não pode durar toda a vida. Um homem deve ser independente; tem os seus interesses próprios. Temos de ser varonis — concluiu Oblonski, abrindo a porta.

— Queres dizer que devo namorar as criadas? — perguntou

Levine.

— Por que não, se nos dá prazer? *Ça ne tire fai a consequence*(Nota 66). À minha mulher, isso em nada a prejudica. E a mim diverte me. O importante é guardar respeito ao santuário familiar. Que ali nada aconteça! Mas não devemos ficar de mãos atadas.

— Talvez tenhas razão — respondeu Levine, secamente, voltando-se para o outro lado. — Temos de nos levantar cedo. Não acordarei ninguém e sairei logo que amanheça.

— *Messieurs, venez vite!*(Nota 67) — exclamou Vacienka, de volta ao palheiro. — *Charmante!* Fui eu quem a descobriu. *Charmante*(Nota 68), uma autêntica *Gretchen*(Nota 69). Já estamos amigos. Só lhes digo que é encantadora — perorava ele num tom que dava a entender que aquela encantadora jovem fora criada e posta neste mundo precisamente para ele.

Levine fingiu que dormia, enquanto Oblonski enfiava as botas e acendia um cigarro. Ouviu os dois amigos afastarem se, mas por muito tempo não pode dormir. Depois ouviu os cavalos que comiam a palha, o dono da casa que saía com o filho mais velho a passar a noite no campo, o soldado que se aninhava para dormir com o sobrinho, do outro lado do palheiro, o filho mais novo da irmã, e o pequeno que contava, na sua vozinha fina, a impressão que lhe tinham causado os cães, terríveis? enormes. E como o garoto lhe perguntasse a quem iriam fazer mal aqueles malditos cães, o tio contou lhe que no dia seguinte, pela manhã, os caçadores seguiriam para o pântano, onde

dispararam as suas espingardas. Depois, farto das perguntas da criança, disse lhe, ameaçando a: “Dorme. Vaska, dorme; se não, vais ver o que te acontece.” E ele próprio não tardou a ressonar também. Entretanto tudo ficou em silêncio, ouvindo se apenas o mastigar dos cavalos e o grasnar de uma galinhola.

“E esta”, continuava a repetir Levine com os seus botões, “não poderá uma pessoa realmente ser justa senão de maneira negativa? No fim de contas, nada posso fazer, a culpa não é minha.”

E pôs se a pensar no dia seguinte.

“Amanhã, assim que nasça o Sol, levantar-me-ei e procurarei não me excitar. O pântano está cheio de galinholas e de narcejas. E quando voltar, encontrarei uma palavrinha de Kitty... Talvez Stiva tenha razão. Não procedo para com ela como um homem, tornei me muito fraco... Mas que havemos de fazer? Isto também é “negativo”?”

Entressonhos ouviu o riso e o alegre colóquio dos companheiros, de regresso ao palheiro. Abriu os olhos por um momento: a Lua subira no horizonte e junto à porta aberta, vivamente iluminada, os dois conversavam. Oblonski falava da louçania da rapariga, comparando-a a uma avelã recém descascada, e Veslovski, repetindo qualquer coisa que, sem dúvida, lhe dissera o mujique, ria com o seu riso contagioso.

— Arranja te como puderes para ficares com uma para ti.

— Amanhã de madrugada, senhores! — resmungou Levine, e ficou-se a dormir.

CAPÍTULO XII

Levine despertou pela manhã alta e tratou logo de acordar os companheiros. Vacienka, de barriga para baixo, e meias calçadas, dormia tão pesadamente que não foi possível obter dele qualquer resposta. Oblonski resmungou, entressonhos, qualquer coisa como uma recusa. Até mesmo a Laska, que dormia, toda enroscada, na extremidade do monte de palha, se levantou preguiçosa, estendendo muito as patas, antes de se resolver a acompanhar o dono. Uma vez calçado e de espingarda ao ombro, abriu cautelosamente a porta do palheiro e saiu. Os cocheiros dormiam junto dos carros e os cavalos dormitavam também. Só um deles mastigava aveia, espalhando a com o focinho pela selha. O Sol ainda não tinha nascido.

— Para que te levantaste tão cedo? — perguntou lhe a dona da casa, mulher idosa, que saía da isbá e se lhe dirigiu familiarmente como a um velho conhecido.

— Vou à caça, avozinha. Por onde devo ir para alcançar o pântano?

— Por aqui, sempre à direita, por detrás da granja, e depois de atravessares o cânhamo, vês logo o caminho.

Pé ante pé, pois estava descalça, a velha acompanhou o e abriu lhe a porta que dava para a eira.

— Indo por aqui, sempre à direita, vais ter mesmo ao pântano. Os nossos rapazes passaram ali a noite.

Laska corria alegremente pelo caminho além; Levine ia atrás dela, em passo rápido e ligeiro, sempre de olhos postos no céu. Não queria que o Sol nascesse antes de alcançar o pântano. Mas o Sol não tardava. Â Lua, ainda no firmamento quando Levine saíra do palheiro, já não brilhava mais do que uma lâmina de mercúrio; no campo longínquo *já* se viam claramente as manchas, ainda há pouco indistintas: eram montes de centeio. O rocio, invisível na penumbra matinal que cobria o alto e perfumado cânhamo, encharcava os pés e a camisa de Levine até à cintura. No silêncio diáfano da manhã, ouviam se os ruídos mais tênues. Uma abelha passou voando, num zumbido que lembrava o de uma bala, junto ao ouvido de Levine, que a olhou atentamente, descobrindo mais duas. Todas saíam da estacada do colmeal, voavam por cima do cânhamo e desapareciam em direcção ao pântano. O atalho conduzia directamente ali. Aquele adivinhava se já, graças ao vapor que dele se desprendia, ora denso, ora mais ralo; e os juncais e as hastes de codesso dir-se-iam ilhas flutuantes, de um verde carregado. A beira do pântano e do caminho, homens e garotos, que tinham levado a noite em claro, aproveitavam

o amanhecer para dormir um pouco, abafados sob os cafetãs. Perto deles viam se três cavalos peados. Um deles arrastava as peias pelo chão. Laska, ao lado do dono, voltava a cabeça para este, como a pedir lhe licença para se adiantar. Deixando para trás os camponeses que dormiam, Levine, assim que chegou ao primeiro cerro, verificou o descanso da arma e deixou avançar a Laska, Um dos cavalos, um potro castanho escuro, espantou se ao ver a cadela, e, empinando a cauda, pôs se a relinchar. Os outros assustaram se também, e, chapinhando na água com as patas travadas que, ao darem com as ferraduras na terra argilosa pareciam bater palmas, despediram do carriçal aos saltos. A Laska deteve se, olhou trocista para os cavalos, e depois interrogativa para Levine. Este afagou a e assobiando lhe deu lhe a entender que podia continuar.

A cadela corria muito contente, embora com certa preocupação, pelo barranco movediço.

Assim que chegou ao pântano, Laska percebeu logo, entre os cheiros que tão bem conhecia — o cheiro de raízes, de ervas pantanosas, de lodo e de estrume de cavalo —, o cheiro de ave espalhado por todas aquelas paragens, esse cheiro que tanto a excitava. Era muito intenso nalguns sítios, como, por exemplo, no musgo e nas bardanas, mas impossível de precisar em que direcção aumentava e em que sentido esmorecia. Para dar se conta disso tinha de se afastar para o lado de onde soprava o vento. Sem sentir o movimento das patas, Laska pôs se a galopar para a direita de tal sorte que pudesse deter se em qualquer altura, caso se visse obrigada a isso, fugindo da brisa que soprava do oriente. Assim que farejou o vento, aspirou o ar a plenas narinas, e imediatamente retardou o passo, percebendo ter encontrado já não só uma pista, mas a própria caça e em grande abundância. Porém, onde exactamente? Principiava já a rondar o terreno, quando a voz do dono ressoou, chamando a de outro lado. “Laska, aqui!”, gritava Levine. A cadela parou, indecisa, como para lhe fazer compreender que era melhor deixá-la obrar a seu gosto; mas Levine voltou a chamá-la, em voz zangada, apontando lhe um cerro onde não podia haver nada. Só para lhe dar satisfação, trepou ao morro e fingiu procurar; não tardou, porém, a voltar ao local que a atraía.

Agora, que Levine a não importunava, a cadela sabia o que devia fazer. Sem olhar para o chão, tropeçava, irritada, nos montículos de terra e metia se à água, mas, dominando por completo as suas pernas elásticas, principiou o giro que lhe revelaria tudo. O cheiro de caça era cada vez mais intenso e mais definido e de súbito Laska compreendeu claramente que uma das aves estava ali, detrás de um montículo, a cinco passos do local onde ela se encontrava, e deteve se, imóvel. As curtas patas não lhe permitiam ver nada, mas sabia, pelo faro, que a

ave estava ali apenas a cinco passos. Continuou imóvel, percebendo a cada vez mais nitidamente e tirando partido daquela espera. Tinha a cauda empinada e tensa e apenas a ponta lhe estremecia de quando em quando. De focinho entreaberto, apurava o ouvido. Durante a carreira, uma das orelhas dobrara se lhe. Laska respirava, ofegante, mas com cuidado, com mais cuidado ainda, voltou se, antes com os olhos do que com a cabeça, para olhar o dono. Levine, com a expressão que Laska lhe conhecia habitualmente, mas um olhar terrível, avançava, tropeçando nos montículos, muito devagar, que assim lhe pareceu a ela. Tinha a impressão de que ele ia devagar quando afinal corria.

Ao ver Laska farejar o chão, de boca entreaberta, e as patas traseiras de rojo, Levine compreendeu que estava na pista das narcejas e rogando a Deus sorte, especialmente com o primeiro tiro, aproximou se Já cadela, correndo. Ao chegar junto do animal, olhou em frente, ao nível dos olhos, e viu com a vista o que Laska percebera apenas pelo faro. Entre uns raminhos, a uma *sajena* de distância, estava uma narceja. De cabeça voltada, escutava. Depois abriu ligeiramente as asas e fechando as de novo agitou o rabo, com um movimento canhestro, escondendo se atrás do montículo.

— Busca! Busca! — gritou Levine, empurrando Laska por trás.

"Mas se eu não posso", pensava a cadela. "Aonde hei de eu ir? Neste sítio sei onde elas estão, mas se avanço mais não compreenderei nada nem saberei onde estão nem quem são." Porém, Levine tocou a para a frente com o joelho e repetiu, altaneiro:

— Busca, Laska, busca!

"Está bem: se é isso que tu queres, mas agora já não respondo por mim", pensou a cadela, e despediu numa carreira por entre os cerros. Agora já não farejava; via e ouvia, embora sem nada entender.

A uns dez passos do local onde se encontrava, levantou se uma narceja, com um grasnido rouco e o seu característico rufiar de asas.

Levine disparou; a ave caiu, dando com o peito branco na terra húmida. Entretanto outra se levantara por si mesma atrás de Levine; quando este se voltou, já ela ia longe, mas o tiro atingiu a; depois de voar uns vinte passos, elevou se no céu e veio cair, redondamente, como uma bola, num lugar seco.

"Parece que isto hoje vai", pensou Levine, metendo na bolsa de caça as duas aves gordas e ainda quentes. "Não é verdade, minha bicha?"

Quando Levine, depois de ter voltado a carregar a espingarda, retomou a sua marcha já o Sol tinha nascido e estava por detrás de umas nuvens; a Lua já não era mais do que um ponto branco no

espaço; todas as estrelas tinham desaparecido. Os cerros, que antes refulgiam, cobertos de rocio prateado, agora eram dourados. O lodo que cobria as águas estava cor de âmbar. O azulado da erva convertera se num verde amarelado. As avezinhas do pântano agitavam se no matagal resplandecente de humidade, projectando grandes sombras junto a um riacho. Um abutre acabava de acordar e, pousado num arbusto, movia a cabeça de um lado para o outro, olhando o pântano. As gralhas pairavam por sobre o campo, um rapazinho descalço acossava os cavalos para junto de um velho que acabava de se levantar e se coçava depois de tirar o cafetã de cima de si. O fumo da espingarda alvejava por sobre a erva como um rasto de leite.

Um dos garotos veio a correr ao encontro de Levine.

— Senhor, ontem havia aqui muitos patos — gritou lhe, e seguiu o a distância.

Levine sentia um prazer especial em ter morto aquelas três narcejas, umas atrás das outras, diante do garoto que lhe mostrava o seu entusiasmo.

CAPÍTULO XIII

O provérbio dos caçadores, segundo o qual aquele que mata a primeira peça de caça tem uma caçada feliz, cumpriu se.

As 10 da manhã, depois de percorrer umas vinte verstas, Levine, cansado e cheio de fome, mas feliz, regressou a casa com dezanove pássaros e um pato, este atado ao cinturão, pois já não cabia na bolsa de caça. Os companheiros, de pé havia pouco, sentindo fome, tinham comido.

— Esperem, esperem, sei que são dezanove — disse Levine, contando pela segunda vez as galinholas e as narcejas, que haviam perdido o lindo aspecto de quando iam pelos ares. Agora estavam retorcidas, cobertas de sangue coalhado e seco e os bicos caídos.

A conta estava certa e a inveja que se leu no rosto de Stepane Arkadievitch soube bem a Levine. Também lhe agradou, ao voltar a casa, encontrar se com o emissário de Kitty, que lhe trazia uma carta.

Estou bem e contente; se estavas preocupado comigo, tranqüiliza te, pois fica sabendo que tenho outro anjo da guarda, Maria Vlacievna (era a parteira, nova e importante personagem na vida familiar de Levine). Achou me de perfeita saúde e ficará connosco até ao teu regresso. Todos estão contentes e encontram se bem. Peço te que não tenhas pressa em voltar; se a caça está a correr bem, fica mais um dia.

Tão grandes foram estas duas alegrias, a caça feliz e a carta de Kitty, que os dois pequenos contratempos que depois sobrevieram quase passaram despercebidos. Um deles foi o cavalo alazão, que, sem dúvida por puxar de mais na véspera não queria comer e estava muito triste.

O cocheiro dizia que tinha rebentado.

— Estafaram no de mais ontem, Constantino Dimitrievitch. Fizeram-no correr dez verstas sem parar — sentenciou ele.

O outro contratempo, que de princípio alterou a boa disposição de Levine, e depois o fez rir muito, foi o seguinte: De todas as provisões arranjadas à larga pela mulher, e que pareciam chegar para mais de uma semana, nada restava. Ao voltar para casa, cansado e cheio de fome, Levine tinha tão presentes as empadas que, ao aproximar se da porta, julgou sentir, mesmo, o cheiro e até o sabor delas, tal qual como acontecia a Laska com as aves. E imediatamente deu ordens a Filipe para lhe servir as empadas. Mas das empadas e dos frangos, nada. Acabara se tudo.

— Caramba, que apetite! — comentou Stepane Arkadievitch, rindo-se e apontando para Vacienka Veslovski. — A mim, o apetite não me falta, mas este amigo é colossal...

— Que havemos de fazer! — disse Levine, olhando carrancudo para Veslovski. — Filipe, traz me carne, então...

— Comeram na e deitaram os ossos aos cães — respondeu Filipe. Levine sentiu se tão desapontado, que disse com irritação:

— Podiam ter deixado qualquer coisa. — Parecia estar prestes a chorar. — Bom, então prepara uma dessas aves — continuou, em voz trêmula, procurando não olhar para Vacienka. — E deita lhe urtigas. Por enquanto, dá me leite.

Depois de beber o leite, Levine sentiu se envergonhado por se ter mostrado de má catadura com um estranho, e riu se da sua própria irritação, filha da muita fome que tinha.

Pela tarde, foram de novo caçar. Veslovski matou umas tantas peças e ao anoitecer regressaram a casa.

O regresso foi tão divertido como a ida. Veslovski ora cantava ora lembrava, regalado, a sua visita aos camponeses, que lhe haviam oferecido vodka e lhe tinham dito: “Não te ofendas.” Lembrou também as suas andanças com as raparigas e o camponês, que lhe perguntara se era casado, e ao dizer lhe que não, lhe respondera: “Pois não olhes para as mulheres dos outros. O que tens a fazer é arranjar uma para ti.” Velosvski apreciava muito estas palavras.

— De maneira geral, estou contentíssimo com o nosso passeio. E você, Levine?

— Eu também — respondeu este, sinceramente, satisfeito por já não sentir por ele a animosidade que experimentara em casa.

CAPÍTULO XIV

No dia seguinte, às 10 da manhã, depois de percorrer toda a propriedade, Levine batia à porta de Veslovski.

— *Entrez!*(Nota 70) — gritou Veslovski. — Desculpe, mas acabo de fazer as minhas *ablutions*(Nota 71) — disse ele, risonho, de pé, em trajos menores.

— Não se preocupe, faz favor — replicou Levine, sentando se junto à janela. — Dormiu bem?

— Como um prego. Está hoje um bom dia para a caça?

— Que é que costuma tomar, chá ou café?

— Nem uma coisa nem outra. Costumo almoçar à inglesa... Tenho vergonha do meu apetite... As senhoras, naturalmente, já estão levantadas? E se nós déssemos uma voltinha? Gostava de ver os seus cavalos.

Depois de um passeio pelo jardim, de um relance às cavalariças, e de alguns exercícios nas barras paralelas, os dois novos amigos deram entrada na sala de jantar.

— Tivemos uma caçada muito divertida e um nunca acabar de impressões — disse Veslovski, aproximando se de Kitty, que estava perto do samovar. — Que pena as senhoras não poderem partilhar destas coisas!

"É natural; alguma coisa tinha de dizer à dona da casa", pensou Levine com os seus botões, para se tranqüilizar a si mesmo, agastado já com o sorriso e os ares conquistadores do rapaz. Na outra cabeceira da mesa, a princesa demonstrava a Maria Vlacievna e a Stepane Arkadievitch a necessidade que havia de instalar a filha em Moscovo na altura do parto, chamando o. genro para lhe dar parte dessa grave questão. Nada desgostava mais Levine do que esta banal expectativa de um acontecimento tão sublime como era o nascimento de um filho — pois, evidentemente, que teria um "filho". Não podia admitir que aquela incrível ventura, para ele rodeada de tanto mistério, fosse discutida como uma banalidade por aquelas mulheres que contavam pelos dedos a grande data. As suas sempiternas conversas sobre a maneira de enfaixar os recém nascidos irritavam no: todas essas roupas, todas essas fraldas, particularmente caras a Dolly e confeccionadas com ares misteriosos, o horripilavam. E procurava não ver nem ouvir o que elas diziam, como outrora na altura dos preparativos da boda.

Incapaz de compreender os sentimentos que determinavam o genro, a princesa interpretava como leviandade a sua aparente indiferença; eis por que o não deixava em paz. Acabava de encarregar Stepane Arkadievitch de lhes arranjar casa e queria saber a opinião de Levine sobre isso.

— Faça o que quiser, princesa, não percebo nada disso — replicou ele.

— Mas é preciso assentar na data da vossa ida para Moscovo.

— Não sei. Só sei que milhões de crianças nascem longe de Moscovo e sem assistência de qualquer médico.

— Nesse caso...

— Kitty fará o que entender.

— Kitty não deve falar destas coisas. Quer porventura que ela se assuste? Ainda esta Primavera morreu a Natália Golitzina, por falta de assistência de um bom parteiro.

— Farei o que a senhora quiser — repetiu Levine, lúgubre, e deixou de a ouvir; estava atento a outra coisa.

"Isto não pode continuar assim", pensou ele, relanceando olhos furtivos a Vacienka, todo inclinado para Kitty, e para esta, muito perturbada e toda escarlate. A atitude e o sorriso do jovem pareceram lhe inconvenientes e, tal como dois dias antes, de novo se abismou, repentinamente, das culminâncias do êxtase no abismo do desespero. O mundo outra vez se lhe tornou insuportável.

— Faça o que quiser, princesa — repetiu ele uma vez mais, sempre de olhos postos nos dois.

— Nem tudo é cor de rosa na vida conjugal — disse lhe, trocista, Stepane Arkadievitch, a quem não escapava a verdadeira causa do mau humor de Levine. — Que tarde que te levantaste, Dolly.

— Macha dormiu mal e toda a manhã me apoquentou com os seus caprichos.

Todos se puseram de pé para cumprimentarem Daria Alexandrovna, que entrara. Vacienka levantou se apenas alguns instantes e, com essa falta de cortesia tão própria dos rapazes modernos, prosseguiu, entre risos, a conversa entabulada com Kitty, assim que cumprimentou Dolly. Falavam de Ana e do amor alheio às conveniências. Este assunto e o tom de Veslovski desagradavam tanto mais a Kitty quanto era certo ela saber perfeitamente o mau efeito que causaria ao marido. No entanto, era demasiado ingênua e assaz inexperiente para saber rematar a conversa e dissimular o embaraço, não de todo desagradável, que lhe vinha das atenções que lhe tributava o primo.

Aliás, sabia muito bem que Kóstia interpretaria mal todos os seus gestos, todas as suas palavras. E, com efeito, quando perguntou à irmã pormenores sobre a maneira como se portara Macha, esta pergunta afigurou se lhe, a Levine, uma odiosa hipocrisia. Vacienka, por seu lado, ficou se a olhar para Dolly, alheio, como se esperasse com impaciência que a intempestiva conversa findasse.

— Vamos hoje apanhar cogumelos? — perguntou Dolly.

— Vamos, e eu vou com vocês — replicou Kitty. Por delicadeza, podia ter perguntado a Veslovski se as acompanharia, mas não teve coragem.

— Onde vais, Kóstia? — inquiriu ela, ao ver que o marido saía da sala, em passo decidido.

O tom culpado em que pronunciou estas palavras veio confirmar as suspeitas de Levine.

— Chegou um mecânico alemão na minha ausência; preciso de falar com ele — respondeu, sem olhar para a mulher.

Mal dera entrada no escritório, logo ouviu os passinhos familiares de Kitty, que descia as escadas com uma vivacidade imprudente.

— Que queres tu? Estamos ocupados —gritou lhe ele, secamente.

— Queira desculpar — disse ela, dirigindo se ao alemão. — Preciso de dizer uma palavrinha a meu marido.

O mecânico quis sair, mas Levine deteve o.

— Não se incomode.

— Não queria perder o comboio das 3 horas — observou ele. Sem lhe responder, Levine saiu para o corredor com a mulher.

— Que queres tu? — perguntou lhe em francês, sem querer atentar no rosto de Kitty, perturbado pela emoção.

— Eu, eu queria dizer te que esta vida é um suplício — murmurou ela.

— Está gente no escritório, não faças cenas — tornou lhe ele, colérico.

— Então, vem cá.

Kitty quis arrastá-lo para uma sala vizinha, mas, como Tânia ali dava lição de inglês, levou o para o jardim.

No jardim deram de cara com o jardineiro, que varria as áleas. E sem pensarem no efeito que teria naquele homem a expressão transtornada que se lhes lia no rosto, seguiram em frente, pressurosos, como alguém que precisa de se libertar, de uma vez para sempre, e

graças a uma explicação franca, de um peso qualquer.

— Não se pode viver assim! Isto é um martírio! Sofro eu e sofres tu. E porquê — disse Kitty, quando, por fim, chegaram perto de um banco isolado, na alameda das tílias.

— Tens de concordar que há na atitude dele qualquer coisa de inconveniente, de impuro, de humilhante, de horrível! — exclamou Levine, de punhos crispados contra o peito, como na outra noite.

— Sim — respondeu ela, em voz trêmula —, mas acaso não vês que não tenho culpa? Teria gostado de pô lo imediatamente no seu lugar, mas com esta espécie de pessoas... Meus Deus, porque teria ele aparecido aqui? Éramos tão felizes?

Soluços vieram sufocar lhe as últimas palavras, sacudindo a dos pés à cabeça.

Quando, pouco depois, o jardineiro voltou a vê-los passar, de rosto sereno e alegre, ficou sem perceber porque tinham eles saído de casa e que de bom lhes acontecera naquele banco solitário.

CAPÍTULO XV

Depois de acompanhar Kitty ao andar superior, Levine dirigiu se aos aposentos de Dolly e foi encontrá-la muito excitada, cirandando pela casa, e ralhando com a pequenina Macha, que, de pé, a um canto, chorava a bom chorar.

— Vais ficar aí todo o resto do dia, comerás sozinha e não brincarás com as bonecas nem te farei nenhum vestido novo — ralhava ela, sem saber já que castigo dar lhe. — É uma menina muito má — explicou a Levine. — A quem sairás tu com essas más inclinações?

— Que fez ela? — perguntou Levine, num tom em que havia mais indiferença do que outra coisa. Como queria consultar Dolly, sentiu se contrariado por chegar em momento tão inoportuno.

— Foi com o Gricha apanhar framboesas e... Não, até me sinto corar só de o repetir... Que pena eu tenho de Miss Elliot. Não sabe vigiar as crianças, é uma máquina... *Figurez vous que la petite*...'(Nota 72)

E Daria Alexandrovna pôs se a contar lhe as maldades de Macha.

— Não acho isso coisa muito grave, é uma simples travessura — volveu lhe Levine, para a tranqüilizar.

— E tu, que tens tu? Estás com cara de caso... Que querias tu dizer-me? Que se passa lá em baixo?

Pelo tom das perguntas, Levine compreendeu que seria fácil abrir se com Dolly e dizer lhe o que decidira.

— Não venho de lá. Estive no jardim com a Kitty. É a segunda vez que nos zangamos desde que... apareceu o Stiva.

Dolly olhou para ele com os seus olhos inteligentes e compreensivos.

— Diz me, com a mão na consciência, se havia... não em Kitty, mas naquele cavalheiro, um tom desagradável, não precisamente desagradável, mas intolerável para um marido.

— Não sei que hei de responder te... Deixa te estar, deixa te estar aí a esse canto! — exclamou, dirigindo se a Macha, que se voltara, ao entrever no rosto da mãe um sorriso quase imperceptível. — De acordo com a opinião da sociedade, comporta se como qualquer outro jovem. *Il fait court à une Jeune et jolie femme*(Nota 73) e um marido mundano deve sentir se lisonjeado com isso.

— Sim, sim — articulou Levine em tom lúgubre —, mas tu deste por isso.

— Não só eu, mas o Stiva também. No fim do chá, disse me: *Je crois que Veslovski fait un petit brín de court à Kitty*(Nota 74).

— Então, posso estar tranqüilo: vou correr com ele — disse Levine.

— Endoideceste! — exclamou Dolly, assustada. — Podes ir ter com a Fanny — disse ela para Macha. — Kóstia, calma! Se queres, eu falo ao Stiva. Ele levá-lo-á. Pode dizer se lhe que estás à espero de outros hóspedes... Um convidado destes não nos serve.

— Não, não, deixa me tratar disso.

— Mas tu não vais zangar te com ele, pois não?

— Não, não, vou divertir me imenso — tornou lhe Levine, de súbito sereno e com os olhos cintilantes. — Bom, Dolly, perdoa lhe, ela não repetirá — acrescentou, referindo-se à pequena castigada, que não fora ao encontro de Fanny e continuava, diante da mãe, aguardando que ela olhasse para si.

Assim que Dolly a fitou, a garota rompeu a chorar, escondendo o rosto no regaço da mãe, enquanto esta lhe pousava na cabeça a mão fina e suave.

“Que haverá de comum entre ele e nós?”, pensava Levine, enquanto se dirigia ao encontro de Veslovski.

Ao passar pelo vestíbulo, deu ordens para atrelarem o carro, que tinha de ir à estação.

— Partiu ontem uma mola — respondeu o criado.

— Então que atrelem a tartana, mas depressa. Onde está o convidado?

— No quarto.

Vadenka desfizera a mala, e arrumava as suas coisas; na sua frente tinha as novas romanzas e com o pé assente no tampo de uma cadeira, provava umas botas de montar quando Levine entrou. Ou porque no rosto de Levine houvesse, de facto, uma expressão especial ou talvez porque Veslovski já tivesse percebido que o seu *petit brin de court*(Nota 75) não quadrava muito bem naquela família, o certo é que, para um jovem mundano, mostrava se muito pouco à vontade diante do seu anfitrião.

— Monta a cavalo de botas altas?

— Monto, é muito mais limpo — replicou Veslovski com um sorriso bonacheirão, continuando a apertar a bota com o pé no tampo da cadeira.

No fundo, era um pobre diabo, e Levine sentiu se como que envergonhado ao ver lhe nos olhos um matiz de embaraço. Não

sabendo muito bem por onde principiar, pegou no pedaço de uma bengala que partira nessa manhã à hora da ginástica, ao tentar levantar uns pesos, pondo se a arrancar lascas à ponta quebrada.

— Eu queria... — disse e calou se; ao lembrar se porém de Kitty e de tudo o que sucedera, olhou o resoluto nos olhos e acrescentou: — Mandei atrelar para si.

— Que quer dizer? — perguntou Vacienka, assombrado. — Para onde devo ir?

— Para a estação — respondeu Levine, em tom lúgubre, enquanto continuava a arrancar lascas da ponta da bengala partida.

— Vai partir? Aconteceu alguma coisa?

— Estou à espera de uns hóspedes — tornou lhe Levine, que, cada vez mais rápido, arrancava lascas de madeira à ponta da bengala, com os grossos dedos. — Não; não espero ninguém, nem aconteceu nada, mas peco lhe que se vá embora daqui. Pode explicar como quiser a minha falta de cortesia.

Vacienka ergueu se, digno: compreendera, finalmente.

— Peco lhe que se explique...

— Nada tenho que lhe explicar, e seria melhor que me não fizesse perguntas — retorquiu lhe Levine, paulatinamente, procurando dominar o tremor convulsivo das maçãs do rosto.

E como acabara de arrancar as lascas da ponta da bengala, pegou nesta pela parte mais grossa, partiu a em duas, e apanhou, no ar, o pedaço que ia cair.

Os olhos brilhantes de Levine, de voz cava, maçãs do rosto trêmulas e sobretudo de músculos tensos, músculos cujo vigor Veslovski tivera ocasião de apreciar nessa mesma manhã, quando fazia ginástica, convenceram no mais depressa do que qualquer argumento. Encolheu os ombros, sorriu desdenhosamente, inclinou se e disse:

— Poderia falar com o Oblonski?

Levine não se irritou nem com o encolher de ombros nem com o sorriso desdenhoso de Veslovski. “Que havia ele de fazer?”, pensou. E em voz alta:

— Eu vou lho mandar.

— Mas isto não tem pés nem cabeça, *c' est du dernier ridicule*(Nota 76) — exclamou Stepane Arkadievitch, indo ao encontro de Levine, no jardim, depois de saber por Veslovski que ele punha o amigo na rua. — Que mosca te picou? Não me digas, tudo isto porque um rapaz...

A verdade, porém, é que o sítio em que a mosca picara ainda doía a

Levine, que empalideceu de novo quando Stepane Arkadievitch tentou explicar lhe o comportamento do amigo, não o deixando prosseguir.

— Não te dês ao trabalho de lhe explicar a conduta. Eu não podia fazer outra coisa. Tenho muita pena, tanto por ti como por ele, mas ele consolar se á facilmente, enquanto que para mim e para minha mulher se tornou insuportável a sua presença.

— Mas isto é ofensivo para Vacienka. *Et puis c'est ridicule*(Nota 77).

— E para mim também, e o pior é que sofro, sofro sem ter concorrido em nada para isso.

— Nunca te julguei capaz de uma coisa destas. On peut êtrejaloux mais à ce point c'est du dernier ridicule(Nota 78)

Levine voltou lhe as costas e continuou a caminhar de um lado para o outro, um pouco mais além na álea do jardim, enquanto esperava a partida do hóspede. Momentos depois ouviu o rolar da tartana e através das árvores entreviu Veslovski, com a sua boina, que baloiçava a cada solavanco, sentado em cima da palha, pois o carro nem sequer tinha bancos.

“Que teremos nós mais?”, disse Levine de si para consigo, quando viu um criado sair de casa correndo e mandar parar a tartana: queria um lugar para o mecânico, que ficara esquecido, e que foi empoleirar se ao lado de Veslovski, a quem cumprimentou e com quem trocou algumas palavras. Daí a pouco ambos tinham desaparecido.

Stepane Arkadievitch e a princesa indignaram se com o comportamento de Levine; ele próprio se sentia culpado e ridículo, mas, ao pensar no que Kitty e ele tinham sofrido, teve de reconhecer que, em caso de necessidade, voltaria a fazer o mesmo.

De qualquer modo, naquela tarde, todos, excepto a princesa, que não perdoava ao genro o seu comportamento, se mostraram extraordinariamente animados e alegres, como crianças, depois de levantado um castigo, ou como adultos, no fim de uma solene recepção oficial. Nessa noite, na ausência da princesa, falou se da expulsão de Vacienka como de uma coisa ocorrida havia muito tempo já. E Dolly, que herdara do pai o dom de contar com graça, fazia rir Varienka a bandeiras despregadas, contando, pela terceira ou quarta vez, sempre com novas notas humorísticas, como decidira encher se de fitas e laços para brilhar diante do hóspede e ia já a entrar no salão quando ouviu o rodar da tartana. E quem ia nela? O próprio Vacienka, com a sua boina escocesa, as suas polainas e as suas romanzas, empoleirado em cima de um monte de palha.

— Ao menos, podiam ter atrelado a caleche. Ao ouvir gritar: “Esperem, esperem!”, pensei comigo: “Acabaram por ter pena dele!”

Mas não. Era o alemão gordo que subia para a tartana, e lá foram os dois juntos... Adeus, meus lacinhos!

CAPÍTULO XVI

Daria Alexandrovna levou por diante o seu propósito e foi visitar Ana. Era lhe muito doloroso magoar Kitty e desgostar Levine: embora compreendesse que não quisessem relacionar se com Vronski, achara de seu dever visitar Ana e demonstrar lhe que os sentimentos que tinha por ela não variavam com a sua mudança de situação. Para não depender dos

Levines nessa viagem, Daria Alexandrovna alugou cavalos na aldeia; Levine, porém, ao saber disso, exprobou-a.

— Por que supões que me desagrada a tua ida a casa de Vronski? Mesmo que assim fosse, ainda me seria mais desagradável ver te utilizar outros cavalos, que não os meus. Aliás, comprometem se a levar te, mas não poderão cumprir a sua promessa. Tenho cavalos. Se não queres que eu me zangue, aceita os.

Daria Alexandrovna acabou por aceitar, e no dia aprazado Levine mandou lhe preparar quatro cavalos e outros tantos de muda, escolhidos de preferência entre os de trabalho, capazes de fazerem a longa viagem num só dia.

Não foi fácil, aliás, pois havia necessidade de cavalos para a viagem da princesa e da parteira. Tudo isto embaraçava Levine, mas, além de cumprir um dever de hospitalidade, evitava à cunhada, que ele sabia não viver em grande desafogo, a despesa de vinte rublos, excessiva para ela.

A conselho de Levine, Daria Alexandrovna partiu ao nascer do Sol. O caminho era bom, a carruagem cômoda, os cavalos corriam céleres. Na boleia, além do cocheiro, sentava se o administrador, que Levine entendera dever mandar, em substituição do trintanário, para maior segurança. Daria Alexandrovna dormitou, acordando apenas na altura em que chegavam à posta onde deviam proceder à muda dos cavalos.

Depois de tomar chá em casa do rico camponês onde se detivera Levine a quando da visita às propriedades de Sviajski, e de haver tagarelado com as mulheres a respeito das crianças e com o velho acerca do conde Vronski, que ele muito elogiou, Daria Alexandrovna prosseguiu viagem às 10 da manhã. Em casa, preocupada com os filhos, nunca tinha tempo para pensar. Agora, pelo contrário, ao longo desse trajecto de quatro horas, acudiam lhe ao espírito coisas até aí amarfanhadas e meditava sobre a sua própria vida, que encarava sob os mais diferentes aspectos, como nunca o fizera antes. Até para ela eram extraordinários esses pensamentos. De princípio, lembrou se das crianças, de quem a princesa e sobretudo Kitty (confiava mais nesta

última) lhe tinham prometido cuidar. De qualquer modo, não deixava de estar preocupada com elas. “Oxalá a Macha não faça das suas, que o Gricha não vá apanhar algum coice dos cavalos e que a Lili não arranje uma indigestão!”, pensava ela. Estas pequenas preocupações de momento breve cederam o passo a outras mais importantes: logo que voltasse para Moscovo, precisava de mudar de casa, de mandar reparar os móveis do salão, de encomendar um agasalho de peles para a filha mais velha. Em seguida surgiu um problema ainda mais grave, se bem que de resolução a mais largo prazo: poderia ela continuar a educar os filhos convenientemente num futuro distante? “As pequenas pouca preocupação me dão, mas os rapazes? Não posso contar com o Stiva. Se me pude ocupar do Gricha este Verão, foi a título extraordinário, tive saúde para isso. Mas, se fico novamente grávida?” E pensou na injusta maldição que pesa sobre a mulher: dar à luz na dor. “Dar à luz é o menos, o pior é a gravidez”, pensou, lembrando se do que sofrera da última vez e da perda da criança.

E recordou a conversa com a mulher da estalagem. Ao perguntar lhe Dolly se ela tinha filhos, a bela rapariga respondera lhe alegremente:

— Tive uma filha, mas Deus levou ma: enterrei a pela Quaresma.

— Tiveste muita pena? — perguntou lhe Daria Alexandrovna.

— Ter pena, porquê? O velho tem muitos netos, não fazem falta, e é uma preocupação a menos. Que quer a senhora que uma pessoa faça quando tem um filho nos braços?

Esta resposta parecia lhe odiosa; no entanto, não havia maldade alguma no rosto daquela mulher e Dolly verificava agora certa razão naquelas palavras.

“Em resumo”, pensava ela, ao relembrar os seus quinze anos de vida matrimonial, “passei a minha mocidade aos vômitos, sentindo me estúpida, desgostosa com tudo e com um aspecto horrível. Se até a nossa linda Kitty está feia, como não haveria eu de o ficar de cada vez que estou grávida?... E depois o parto, o medonho parto, a dilaceração do último instante, o que uma pessoa sofre enquanto amamenta, as noites sem dormir, que sofrimento, que sofrimento atroz!...”

E Dolly estremeceu ao lembrar se dos seios gretados, mal que a atormentava de cada vez que criava os filhos ao peito.

“E depois as doenças das crianças, o contínuo receio em que se vive, as preocupações com a sua educação, os seus maus instintos (lembrou se de Macha quando apanhara as framboesas), os estudos, o latim e as dificuldades... Tudo tão difícil, tão incompreensível!... E pior que tudo, a morte das crianças.”

E de novo lhe veio à memória a lembrança que sempre lhe

alanceava o coração de mãe: a morte do seu último filho, que a difteria levara, o enterro, a indiferença de toda a gente diante desse pequenino caixão cor de rosa e a sua dor solitária, o seu coração despedaçado, tendo sempre diante dos olhos aquele cabelinho encaracolado e aquela boquinha aberta e surpresa, na altura em que lhe colocavam em cima a tampa rósea do ataúde com uma cruz dourada! "E tudo isto para quê? Que resultará de tudo isto? Passarei toda a minha vida sem um momento de sossego: ora grávida, ora amamentando, sempre extenuada e mal disposta, atormentando me, atormentando os outros e causando repugnância ao meu marido. Para deixar uma família infeliz, pobre e mal educada! Que teria eu feito este Verão se o Kóstia e a Kitty me não tivessem convidado a passar a temporada em casa deles? No entanto, a verdade é esta, por mais afectuosos e delicados que eles sejam, não poderão fazer o mesmo muitas vezes. Chegará o momento em que também terão os seus filhos. Não se sentirão eles nessa altura já um pouco enfadados connosco? O pai quase ficou sem nada por nossa causa, também não me poderá ajudar. Como hei de eu chegar a fazer dos meus filhos homens? Terei de procurar protecções, terei de me humilhar... Se a morte mós não levar, a melhor coisa que poderei desejar para eles é que não venham a ser uns inúteis. E para chegar até aí, que sofrimentos! Toda a minha vida perdida!"

"Realmente, havia muita verdade no ingênuo cinismo das palavras da jovem camponesa", pensou.

— Ainda estamos longe, Mikail? — perguntou ela ao administrador, para afugentar aqueles penosos pensamentos.

— Parece que ainda temos umas sete verstas para andar depois da aldeia que se vê lá adiante.

O carro transpôs uma pontezinha, onde um grupo de ceifeiros, com trouxas às costas, se detiveram para o ver passar, tagarelando entre si numa buliçosa alegria. E Dolly pôde ver como todos aqueles rostos vendiam saúde e alegria. "Todos vivem, todos gozam a vida", continuou ela a pensar, baloiçada pelas molas macias, depois de o carro subir uma pequena rampa e os cavalos meterem de novo a trote. "Em compensação, no que me diz respeito, é como se saísse do cárcere, como se saísse de um mundo que me mata com as suas preocupações e só agora me desse conta, por momentos, do que se passa cá fora. Todos vivem; estas mulheres, a minha irmã Natalie, Varienka e Ana, aquela a quem vou visitar, todos, menos eu. E todos criticam Ana, porquê? Sou porventura melhor do que ela? Ao menos tenho um marido a quem amo, não como gostaria, mas, mesmo assim, amo o, enquanto Ana não gostava do dela. Que culpa se lhe pode assacar? Quer viver. Deus insuflou nos essa chama na alma. É muito

possível que eu tivesse feito a mesma coisa. Ainda não sei se fiz bem em obedecer lhe naquele horrível momento em que me foi visitar em Moscovo. Devia ter abandonado então meu marido para principiar vida nova. Teria podido amar e ser amada deveras. Acaso isto é melhor? Eu não o respeito, apenas preciso dele", pensou, referindo se ao marido. "E tolero o. Acaso será melhor? Então ainda podia ter agradado, ainda me restava alguma beleza...", continuou a pensar, e veio lhe um grande desejo de se mirar ao espelho. Levava um na maleta de viagem e quis tirá-lo para fora, mas, ao levantar os olhos para as costas do cocheiro e do administrador, que baloiçavam na boleia, receou que algum deles se voltasse. Envergonhada, desistiu.

Embora se não tivesse mirado ao espelho, pensou que ainda não era tarde. Lembrou se de Sérgio Ivanovitch, particularmente atencioso para com ela, e do amigo de Stiva, o bom Turovsine, que a ajudara a tratar das filhas durante a escarlatina e estava enamorado dela. E também havia outro rapaz, muito novo ainda, que, segundo lhe dissera o próprio marido, gracejando, achava Dolly a mais bonita das três irmãs. E vieram- lhe à imaginação os amores mais estranhos e apaixonados. "Ana procedeu muito bem e não serei eu quem a censure. É feliz, faz a felicidade de um homem e não deve sentir se abatida como eu. Naturalmente está como sempre: louçã, inteligente e cheia de interesse por tudo." E aqui, um sorriso garoto lhe perpassou pelos lábios, sobretudo porque, ao visionar o idílio de Ana, se lhe representava, paralelo a ele, um idílio semelhante com vim homem enamorado dela, idílio que ia inventando, peça por peça. Tal como Ana, também confessaria tudo ao marido. E sorria ao pensar na surpresa e no embaraço de Stepane Arkadievitch ao receber a notícia.

No meio destas fantasias, chegaram ao cruzamento do caminho que conduzia a Vozdvijenskoe.

CAPÍTULO XVII

O cocheiro deteve os cavalos e relanceou a vista à direita, para um campo de centeio, no qual estavam sentados uns mujiques junto a uma carroça desatrelada. O administrador quis apear se; mas, mudando de resolução, chamou um dos camponeses com entorno autoritário e grandes acenos. A aragem que o trote dos cavalos provocava desapareceu, repentinamente, e os moscardos assaltaram os cavalos, cobertos de suor, que se defendiam raivosamente. O som metálico de uma foice que estavam martelando, cessou, de súbito. Um dos homens levantou se e dirigiu se para a carruagem, avançando lentamente, de pés descalços, pelo caminho áspero.

— Então, mexe-te! — gritou-lhe o administrador, irritado. — Vê se te despachas de uma vez!

O homem estugou o passo; era um velho; uma tira de casca de árvore cingia lhe os cabelos crespos e uma blusa, que o suor enegrecia, colava se lhe às costas abauladas. Quando chegou perto da carruagem, encostou se, apoiando se ao guarda lamas com a mão.

— Vozdvijenskoe? A casa dos senhores? Do senhor conde? Depois de teres subido a ladeira, meu rapaz, mete à esquerda, e terás logo na tua frente a avenida. Por quem perguntas? Pelo senhor conde?

— Estão em casa, avôzinho?... — perguntou Daria Alexandrovna, que, sem saber lá muito bem como perguntar por Ana a um camponês, preferiu falar assim de modo indefinido.

— Acho que sim — replicou o mujique, que assentava no chão ora um pé ora o outro, deixando claramente marcada na poeira a planta dos pés com os seus cinco dedos. — Acho que sim — repetiu, desejoso, sem dúvida, de iniciar conversa. — Ontem chegaram convidados. Muitos convidados... Que é? — gritou, voltando se para um rapaz, junto ao carro, que por sua vez lhe dizia qualquer coisa. — Ah, sim! Há bocadinho passaram por aqui montados, vinham do campo. Agora devem estar em casa. E os senhores de onde são?

— Vimos de muito longe — respondeu o cocheiro. — Então, achas que fica perto?

— Estou a dizer que é aqui mesmo. Quando subires a ladeira... — tornou o mujique, passando a mão pelo guarda lamas.

Um rapazola, desempenado e de boa constituição, aproximou se deles também.

— Haverá trabalho para a colheita? — perguntou.

— Não sei, amigo.

— Já sabes: segue pela esquerda e chegar ás directamente — explicou o camponês, afastando se, contrariado, dos viajantes, pois se via bem que estava morto por tagarelar.

O cocheiro tocou os cavalos, mas, mal tinham entrado na curva, ouviram gritar:

— Pára! Eh, amigo! Espera! O cocheiro refreou os cavalos.

— Ali vem o senhor! Ali vem ele! — tornou a gritar o mujique. — Olha como correm! — exclamou, indicando quatro cavaleiros e um charabã com duas pessoas.

Eram Vronski, Ana, Veslovski e um jockey a cavalo; a princesa Bárbara e Sviajski seguiam nos de carro. Voltavam do campo, onde andavam em experiência novas máquinas de ceifar. Ao verem que o carro parava, os cavaleiros puseram se a passo. Ana ia adiante, ao lado de Veslovski. Montava com elegância um cavalo inglês, pequeno, de cauda curta e de crina tosqueada. A bela cabeça de Ana, com os cabelos negros soltos debaixo do chapéu alto; os seus ombros cheios, a sua fina cintura, na amazona preta, e a sua atitude serena e graciosa assombraram Dolly.

A princípio sentiu se um pouco escandalizada por vê-la a cavalo. Associou a isso uma garridice que lhe não parecia bem na situação de Ana. Mas, ao observá-la de perto, imediatamente se rendeu. Apesar da sua elegância, tudo resultava tão simples, tão sereno e tão digno, quer na atitude, quer nos movimentos, que ninguém poderia ser mais natural.

Ao lado de Ana, montado num fogoso cavalo militar, ia Vacienka Veslovski, com a sua boina escocesa, de fitas ao vento, estendendo para a frente as grossas pernas e ao que parecia muito contente consigo mesmo. Daria Alexandrovna, ao vê-lo, não pode reprimir um sorriso de alegria. Atrás dele ia Vronski. Montava um cavalo baio, puro sangue, que parecia excitado pela galopada. Vronski puxava lhe as rédeas, para o obrigar a parar. Na retaguarda de Vronski, vinha um homenzinho vestido de jockey. Sviajski e a princesa, num charabã novo, tirado por um grande cavalo preto, procuravam apanhar os cavaleiros.

O rosto de Ana iluminou se de um sorriso jovial quando reconheceu a figura de Dolly encolhida a um canto do carro. Soltou um grito, estremeceu em cima do selim e, esporeando o cavalo, lançou se a galope.

Ao chegar perto da carruagem, apeou se sem o auxílio de ninguém, e, apanhando as saias de amazona, correu ao encontro de Dolly.

— Pensei que eras tu, mas não queria crer. Que alegria! Não podes calcular a grande alegria que me dás! — dizia, ora aproximando o rosto do de Dolly e beijando-o, ora afastando se para o examinar. — Que alegria, Alexei! — acrescentou, voltando se para Vronski, que se apeara do cavalo e se aproximava delas.

Vronski, tirando o chapéu alto cinzento, cumprimentou Dolly.

— Não pode imaginar o prazer que a sua visita nos dá — disse, imprimindo um significado especial às palavras e com um sorriso que lhe deixava à mostra os fortes dentes brancos,

Vacienka Veslovski, sem se apear do cavalo, descobriu se e cumprimentou a recém chegada, agitando jovialmente as fitas da boina por cima da cabeça.

— É a princesa Bárbara — explicou Ana, respondendo ao olhar interrogativo de Dolly, quando se aproximou do charabã.

— Ah! — exclamou Daria Alexandrovna, e no seu rosto passou uma expressão de contrariedade, a pesar seu.

A princesa Bárbara era tia do marido e havia muito tempo que Dolly a conhecia, posto que não tivesse consideração por ela. Sabia que a princesa passara toda a sua vida como parasita em casa de uns parentes ricos e o facto de se encontrar agora em casa de Vronski, um homem que lhe não era nada, ofendeu a nos brios da família do marido. Ao reparar na expressão de Dolly, Ana deteve se, corou e, desprendendo a saia de amazona, tropeçou nela.

Daria Alexandrovna aproximou se do charabã e cumprimentou friamente a princesa Bárbara. Também conhecia Sviajski. Este perguntou lhe pelo seu extravagante amigo e por sua mulher e depois de examinar, num rápido golpe de vista, os cavalos, que não formavam parelha, e o carro, de guarda lamas consertados, convidou as senhoras a subirem para o charabã.

— O cavalo é manso e a princesa guia muito bem — disse ele. — Eu irei neste veículo.

— Não — deixem se estar onde estão — tornou-lhe Ana. — Nós as duas vamos neste carro — acrescentou, travando do braço de Dolly.

Daria Alexandrovna mirava aquele elegante carro, os magníficos cavalos e os rostos resplandecentes que a rodeavam. O que mais a surpreendia era a mudança que se operara em Ana, a quem conhecia e apreciava. Uma mulher menos observadora, e que não conhecesse Ana, e sobretudo que não tivesse pensado o que Dolly pensara durante a viagem, não teria notado nela nada de especial. Dolly parecia assombrada com aquela beleza fugitiva, que apenas se vê nas

mulheres que amam e são amadas. Tudo em Ana era atraente: o brilho dos olhos, a prega do lábio, as covinhas que se desenhavam perfeitamente nas faces e no queixo, o sorriso que lhe flutuava no rosto, a graça nervosa dos gestos, o som quente da voz e até o tom amistosamente brusco, quando consentiu que Veslovski montasse o cavalo inglês para lhe ensinar a galopar com a perna direita. Tudo em Ana respirava uma sedução de que ela própria se sentia consciente e encantada.

Quando se instalaram no carro e se viram sós, ambas se sentiram um pouco embaraçadas. Ana, perante o olhar atento e interrogador de Dolly, e esta, porque depois das palavras de Sviajski a respeito do carro, se sentia envergonhada da traquitana, velha e suja, em que se instalara com Ana. O cocheiro Filipe e o administrador sentiram o mesmo. Para esconder o seu embaraço, o administrador desviou se, ajeitando as senhoras; Filipe, macambúzio, propôs se de antemão não deixar que aquela superioridade o esmagasse. Sorriu, desdenhoso, ao ver o cavalo preto, e no seu foro íntimo decidiu que o animal para mais não servia se não para “dar um passeio”. Seria incapaz de trotar quarenta verstas sob a canícula.

Os camponeses, de pé, olhavam alegres e cheios de curiosidade, enquanto comentavam entre si a maneira como os senhores recebiam a convidada.

— Estão contentes de se verem; com certeza que se não viam há muito tempo — comentava o velho de cabelos crespos cingidos pela tira de casca de árvore.

— Tio Guerasime, olhe me para aquela estampa preta. De um animal daqueles é que nós precisávamos para acarretar as sementes. Aquilo é que é correr!

— Olhe para aquele dos calções; é mulher? — perguntou um deles, apontando para Vacienka Veslovski, naquele momento montado no selim de amazona do cavalo de Ana.

— Não, é homem. Aquilo é que é ligeireza!

— Já hoje não dormimos a sesta, não é verdade, rapazes?

— Quem vai dormir a estas horas?! — respondeu o velho, olhando para o Sol com a cabeça de lado. — Já passa do meio dia. Toca a pegar nas foices e mãos à obra.

CAPÍTULO XVIII

Ana mirando o rosto de Dolly, enxuto, esgotado, com as rugas entranhadas de pó, quis dizer lhe o que pensava: que tinha emagrecido. Mas, ao lembrar se do que ela própria melhorara, coisa que lia nos olhos de Dolly, suspirou e pôs se a falar de si própria.

— Estás me a examinar? — disse ela. — Perguntas a ti própria como posso eu na minha situação parecer feliz? O que se passou comigo é qualquer coisa de maravilhoso, parece um sonho. Aconteceu comigo o que costuma acontecer quando nos sentimos angustiadas em sonhos, cheias de medo, e, ao acordarmos, nos damos conta de que todos esses pavores deixaram de existir. Estou acordada. Atravessei momentos dolorosos e terríveis, mas há muito já, sobretudo desde que aqui vivemos que sou feliz! — disse Ana, olhando Dolly com um tímido sorriso interrogativo.

— Ainda bem! — respondeu esta, sorrindo mais friamente do que teria desejado. — Ainda bem por ti. Porque me não escrevias?

— Oh! Não me atrevia... Esqueces te da minha situação...

— Não te atrevias a escrever me? Se tu soubesses como... Acho que... — Daria Alexandrovna quis contar a Ana os pensamentos que tivera aquela manhã, mas, sem que soubesse muito bem porquê, pareceu- lhe inoportuno.

— Bom, depois falaremos disso. Que construções são estas? — perguntou, no desejo de mudar de conversa, apontando para os telhados vermelhos e verdes que assomavam por detrás de uma sebe de lilases e acácias. — Parece uma cidade em ponto pequeno.

Mas Ana não lhe respondeu.

— Não! Não! Que entendes tu, como consideras tu a minha situação? — perguntou lhe.

— Supondo... — principiou Daria Alexandrovna, mas naquele momento Vacienka Veslovski, que conseguira que o cavalo erguesse a perna direita, passou junto delas, aos tropeções em cima do selim de amazona.

— Já vai, Ana Arkadievna! — gritou.

Ana nem sequer olhou para ele, mas Daria Alexandrovna pensou que não seria conveniente encetar no carro uma conversa tão longa, e resumiu o que pensava:

— Não considero nada; sempre gostei de ti, e quando se gosta de uma pessoa, gosta se dela tal como é e não como nós quereríamos que

fosse.

Ana desviou a vista do rosto da amiga e piscando os olhos (um costume novo que Dolly lhe não conhecia) ficou se pensativa, desejando compreender o sentido dessas palavras. E, compreendendo as, sem dúvida como ela queria, olhou para Dolly.

— Se tivesses pecados, todos os teus pecados te seriam perdoados por teres vindo e por essas palavras — disse lhe.

E Dolly viu que as lágrimas lhe borbulhavam nos olhos. Em silêncio apertou as mãos de Ana.

— Que casas são aquelas? Quantas? — disse, momentos depois, repetindo a pergunta.

— São as instalações dos empregados e as cavalariças — explicou Ana. — Aqui começa o parque. Estava tudo ao abandono, mas Alexei está a arranjar tudo isto. Tem muito carinho por esta propriedade, e, coisa que eu não esperava, interessa se muito por economia rural. É uma natureza tão privilegiada! Seja o que for que empreenda, fá-lo maravilhosamente. Não só não se aborrece, mas até se entretém muito. Transformou se num patrão meticuloso, magnífico, avaro até em tudo que diz respeito à propriedade. Quando se trata de milhares de rublos, não se dá ao trabalho de os contar — dizia Ana com aquele sorriso alegre e malicioso com que as mulheres costumam falar dos segredos que só elas descobriram no homem amado. — Estás a ver essa casa grande? É o novo hospital. Parece que custará para cima de cem mil rublos. É o seu *dada*(Nota 79) actual. E sabes porque lhe veio essa ideia? Os camponeses pediram que baixasse a renda de uns prados, segundo creio; ele não acedeu e eu lancei lhe em rosto a sua avareza. Talvez que pareça une *petítesse*(Nota 80), mas ainda lhe quero mais por isso. Vais já ver a casa. Pertenceu aos seus avós, e Alexei em nada lhe alterou o exterior.

— Que bonita! — exclamou Dolly com assombro, involuntariamente, ao ver a esplêndida casa de colunas, avultando no meio da verdura, das árvores do jardim com seus variados matizes.

— Não é verdade? Lá de cima tem uma vista muito bonita.

O carro avançou pelo jardim coberto de relva, com os seus alegretes de flores. Dois canteiros rodeavam outro alegrete, marginado de pedras desiguais e porosas, que ia deter se diante do alpendre da casa.

— Ah! Já chegaram! — exclamou Ana, ao ver conduzir os cavalos de sela que estavam junto à escadaria. — Não é um lindo animal? É o meu preferido. Traga o aqui e deixe ver açúcar. Onde está o senhor conde?

— perguntou a dois lacaios de libré que tinham vindo receber os amos. — Ah! Lá está ele! — disse, ao ver Vronski, que lhes saía ao encontro, acompanhado de Vacienka.

— Onde vais instalar a princesa? — perguntou Vronski a Ana, em francês, e sem aguardar resposta, de novo cumprimentou Daria Alexandrovna, beijando lhe a mão desta vez. — No quarto grande da varanda, não achas?

— Oh, não! Fica muito retirado, é melhor no da esquina, estaremos mais perto uma da outra. Bom, vamos! — disse Ana, depois de regalar de açúcar o seu cavalo predilecto. — *Et vous oubliez votre devoir*(Nota 81)

— acrescentou, dirigindo se a Veslovski, que também aparecera no alpendre.

— *Pardon, fen ai tout plein les poches*(Nota 82) — replicou este muito risonho, enfiando os dedos no bolso do colete.

— *Mais vous venez trop tard*(Nota 83) — tornou Ana, limpando com o lenço a mão que o cavalo lhe humedecera, ao comer o açúcar. Depois dirigiu se a Dolly. — Vens por muito tempo? Um dia só? É impossível!

— Prometi... por causa das crianças... — respondeu Dolly, embaraçada com a aparente insignificância da maleta que trazia e sentindo se mal com todo aquele pó em cima de si.

— Não, não, Dolly querida, é impossível... Depois falaremos, sim? Vamos agora ao teu quarto.

Não era aquele o quarto luxuoso que Vronski lhe propusera, e Ana pediu a Dolly que a desculpasse. Não obstante, Daria Alexandrovna nunca em sua vida estivera num quarto tão sumptuoso e achou o parecido com os dos melhores hotéis do estrangeiro.

— Estou tão contente que tenhas vindo, querida! — disse Ana, sentando se, com o seu traje de amazona, ao pé de Dolly. — Fala me dos teus. Vi o Stiva de passagem. Mas ele nunca sabe dizer nada das crianças. Como vai a minha querida Tânia? Deve estar uma mulherzinha.

— Oh! Sim! Cresceu muito — comentou ela, rápida, surpreendida por falar tão friamente de seus filhos. — Estivemos muito bem em casa dos Levines — acrescentou.

— Se tivesse sabido que me não desprezavas, tinha os convidado a todos para passar aqui algum tempo. O Stiva é velho e grande amigo de Alexei — disse Ana, corando, de súbito.

— Sim, mas estamos tão bem... —principiou a dizer Dolly, porém calou se embaraçada.

— A alegria faz me dizer tolices. Como estou contente por te ver!

— exclamou Ana, beijando Dolly novamente. — Ainda me não disseste o que pensas de mim e quero que mo digas. Dá me satisfação que me vejas tal como eu sou. Sobretudo espero que reconheças que não pretendo fazer te crer seja o que for. Nada desejo demonstrar. Apenas pretendo viver, sem prejudicar ninguém, excepto a mim própria. Tenho direito a isso, não é verdade? Mas são contos largos e havemos de falar de tudo isso. Agora vou tratar de me vestir e já te mando uma criada de quarto.

CAPÍTULO XIX

Ao ficar só, Daria Alexandrovna pôs se a examinar a habitação com um olhar de quem sabe ver e apreciar as coisas. Nunca vira luxo que se comparasse àquele que se lhe oferecia aos olhos depois do seu encontro com Ana. O mais que sabia era que semelhante conforto começara agora a espalhar se pela Europa e sabia o dos romances ingleses que costumava ler; na Rússia, porém, especialmente no campo, era coisa que não existia. Tudo era novo, a principiar pelos papéis, todos franceses, e a acabar no tapete que forrava o quarto inteiro. A cama tinha colchão de molas e uma cabeceira especial com os seus pequenos travesseiros enfronhados em seda crua. Tudo era novo e luxuoso: o lavatório de mármore, o toucador, o sofá, as mesas, o relógio de bronze em cima do fogão, os reposteiros e as cortinas das janelas.

A criada que apareceu a oferecer lhe os seus serviços, uma rapariga vestida e penteada muito mais à moda que Dolly, era tão moderna e elegante como o próprio quarto. A Daria Alexandrovna agradava lhe a sua delicadeza, o seu asseio e a sua boa disposição, mas não se sentia à vontade na presença dela. A blusinha remendada, que por engano metera na maleta de viagem, envergonhava a. E envergonhava se agora, também, dos cerzidos e penteados, seu orgulho doméstico. Em casa, calculava que para seis bibes eram precisas vinte e quatro archines de nanquim a sessenta e cinco copeques, o que perfazia quinze rublos, sem falar nos preparos e no trabalho, e tratava de economizar essa importância. Mas agora, diante daquela criada, que vergonha!

Daria Alexandrovna sentiu um grande alívio ao ver entrar no quarto a sua antiga conhecida Anuchka. Vinha chamar, da parte de Ana, a elegante criada, e Daria Alexandrovna ficou com ela no lugar da primeira.

Esta parecia muito contente com a visita de Daria Alexandrovna e falava sem parar. Dolly notou que a rapariga queria emitir a sua opinião a respeito da situação da patroa e sobretudo acerca do amor e da fidelidade do conde em relação a ela. Mas Dolly interrompia a intencionalmente de cada vez que ela principiava a falar.

— Fui criada com Ana Arkadievna. Quero lhe mais que a ninguém neste mundo. Não somos nós quem deve julgar. E ela parece amar tanto...

— Agradecia lhe que me mandasses lavar isto — interrompeu a Daria Alexandrovna.

— Sim, senhora. Temos duas lavadeiras para lavar coisas miúdas. E toda a outra roupa é lavada à máquina. O próprio conde é quem se ocupa de tudo. É um marido...

Dolly gostou de ver entrar Ana no quarto, ponde fim à conversa de Anuchka.

Ana vestira um vestidinho de baptista, muito simples. Dolly examinou a com atenção. Sabia o que queria dizer e quanto custava aquela simplicidade.

— É tua antiga conhecida — disse Ana a Dolly, aludindo a Anuchka.

Agora já não estava perturbada. Mostrava se inteiramente à vontade e tranqüila. Dolly notou que se havia refeito da impressão que lhe produzira a chegada dela e tinha adoptado aquele tom superficial e indiferente com que parecia fechar a porta da dependência em que guardava os sentimentos e os seus pensamentos íntimos.

— E a tua filha, como está, Ana?

— A Any? — assim chamava à filha. — Está bem. Melhorou muito. Queres vê-la? Vamos. Vou ta mostrar. Tenho tido muitos aborrecimentos com as criadas dela — principiou Ana a contar. — Temos uma italiana, muito boa criada, mas tonta. Quis mandá-la embora; a menina, porém, está tão habituada com ela que acabámos por desistir.

— E como se arranjaram...? — ia Dolly a dizer, referindo-se ao sobrenome que usaria a criança, mas, ao ver que o rosto de Ana se toldava, mudou o sentido da pergunta. — Como se arranjaram para a desmamar?

No entanto, Ana compreendeu.

— Não era isso que ias perguntar. Querias saber que sobrenome lhe demos. É o que atormenta Alexei. A menina não tem ainda sobrenome. Isto é, chama se Karenina — disse, piscando tanto os olhos que apenas se lhe viam as pestanas unidas. — De qualquer maneira — acrescentou, já com o rosto desanuviado —, falaremos nisso depois. Anda, vamos ver a menina. *Elle est tres gentille*(Nota 84). Já engatinha.

O luxo da casa, que tanto surpreendera já Daria Alexandrovna, ainda a surpreendeu mais no quarto da menina. Havia ali carrinhos trazidos de Inglaterra, aparelhos para aprender a andar, um divã para engatinhar, que fazia lembrar uma mesa de bilhar, básculas e banheiras especiais e modernas. O quarto era grande, claro e com muito pé direito.

Quando entraram, a menina estava em camisinha, sentada numa cadeirinha baixa, junto da mesa, a tomar caldo, que se lhe havia

derramado pelo colo. Dava lhe de comer uma rapariga russa, ao serviço da criança, que naturalmente comia ao mesmo tempo do que ela. Não estavam presentes nem a ama nem a aia; deviam estar no quarto contíguo, onde se ouvia falar um francês estranho, que só elas podiam entender.

Ao ouvir a voz de Ana, a inglesa, uma mulher bem vestida, alta, de rosto desagradável, cuja expressão nada atraente desagradou a Dolly, entrou precipitadamente, sacudindo os caracóis louros, e pôs se a desculpar se, embora Ana não tivesse feito qualquer observação. A cada palavra dela, a inglesa repetia pressurosa: *Yes, milady*(Nota 85).

A menina, uma criança robusta de sobrancelhas e cabelos pretos, o corpinho rosado, e pele esticada, agradou muito a Daria Alexandrovna — apesar da expressão severa com que olhou aquela desconhecida — e quase sentiu inveja daquele corpo são. Também gostou muito da maneira como a menina andava de gatas. Nenhum dos seus filhos andara assim. Quando a puseram em cima do tapete e a ampararam por detrás, pareceu lhe extraordinariamente bonita. Como um animalzinho, voltava a cabeça para os adultos, olhando, risonha, com os seus olhos negros e brilhantes, sem dúvida contente por se ver admirada e de pernas alargadas, apoiando se com firmeza nas mãos, puxava rapidamente o corpo para diante e caminhava em cima das mãozinhas.

No entanto, o ambiente do quarto da criança tinha qualquer coisa de desagradável. Como podia Ana conservar uma criada tão antipática, tão pouco respectable? Naturalmente porque nenhuma pessoa de respeito teria consentido em servir numa família como aquela. Além disso, Dolly não tardou a compreender, por algumas palavras que ouviu, que Ana, a ama, a aia e a criança não se entendiam e que as visitas da mãe à filha não deviam ser muito freqüentes. Ana quis dar um brinquedo à pequena, mas não conseguiu encontrá-lo.

E o que mais estranho lhe pareceu foi que, ao perguntar lhe quantos dentes já tinha a criança, Ana não lho soube dizer, pois ignorava que ultimamente lhe tinham nascido mais.

— Sinto que sou inútil aqui, e isso dá me muita pena — disse Ana, quando saíam, soerguendo a cauda do vestido para não tocar nos brinquedos. — Não foi assim com o meu filho mais velho!...

— Julgava que seria o contrário — observou Daria Alexandrovna, timidamente.

— Oh! Não! Sabes que vi o Seriocha? — exclamou Ana, piscando os olhos, como se olhasse para alguma coisa a distância. — Mas falaremos disso mais tarde. Sou como uma criatura morta de fome que

pusessem diante da mesa de um banquete e não soubesse por onde principiar. Tu és para mim esse banquete: com quem, a não ser contigo, poderia eu falar de coração nas mãos? *Por issoje ne tejerai grâce de* rien(Nota 86). Preciso dizer te tudo. Tenho de te dar um apontamento sobre a sociedade que vais encontrar em nossa casa — principiou ela. — Começarei pela princesa Bárbara. Já a conheces e já sei qual é a tua opinião e a do Stiva a respeito dela. Stiva diz que o único objectivo da sua vida está em demonstrar a sua superioridade sobre a tia Catarina Pavlovna; tudo isto é certo, mas é boa e estou lhe muito agradecida. Houve uma altura em Sampetersburgo em que precisei de um *chaperon*(Nota 87). E foi então que ela apareceu. Podes crer, é boa pessoa. Ajudou me muito a suportar tudo. Vejo que te não dás conta do quanto foi penosa a minha situação... ali, em Sampetersburgo — acrescentou. — Aqui sinto me completamente feliz e estou sossegada. Bom, depois falaremos nisso. Tenho de enumerá-los a todos. Sviajski é marechal da nobreza e homem muito respeitável, mas precisa de qualquer coisa de Alexei. Como podes compreender, com a sua fortuna, e agora que passámos a viver na aldeia, Alexei pode vir a ter uma grande influência. Também está aqui Tuchkievitch, que tu conheces; é das relações de Betsy, ou antes, era, pois parece que foi despedido. Como Alexei diz, é uma dessas pessoas muito agradáveis, quando se tomam pelo que querem parecer *et puis il est comme il faut*(Nota 88), como diz a princesa Bárbara. Depois temos o Veslovski... a esse já tu conheces. É um rapaz muito agradável — e um sorriso irônico lhe franziu os lábios. — Que história inverossímil essa que ele teve com o Levine! Vacienka contou a Alexei, mas nós não acreditamos. *Et est tres gentil et tres* nair(Nota 89) — repetiu, com o mesmo sorriso. — Os homens precisam de se distrair; ao Alexei faz lhe falta gente a seu lado, e por isso os aprecia muito. É preciso que na nossa casa haja animação e alegria para quê Alexei não se ponha a desejar qualquer coisa nova. E verás o administrador. É um alemão, boa pessoa, que conhece muito bem as suas obrigações. Alexei aprecia o muito. Há ainda o médico, homem relativamente novo, não completamente niilista, sabes? Ainda que... Seja como for, é muito bom médico. E o arquitecto... *Bref, une petite court*(Nota 90).

CAPÍTULO XX

— Pois aqui tem a Dolly, princesa, a quem tanto desejava ver — disse Ana, que aparecia com Daria Alexandrovna no amplo terraço. A sombra estava sentada a princesa Bárbara, diante de um bastidor, bordando uma almofada para a poltrona do conde Alexei Kirilovitch. — Diz que não quer tomar nada antes do jantar; faça com que ela coma qualquer coisa, eu vou procurar o Alexei e os outros senhores.

A princesa Bárbara acolheu Dolly com grandes provas de carinho e num tom algo protector. E principiou depois a explicar lhe que se instalara em casa de Ana, pois sempre gostara mais dela do que de sua irmã Catarina Pavlovna, que a educara. Agora, que todos tinham abandonado Ana, entendia seu dever ajudá-la nesse período transitório, o mais penoso da sua vida.

— Logo que o marido lhe conceda o divórcio, voltarei para a minha solidão, mas agora, enquanto puder ser lhe útil, cumprirei o meu dever, por mais penoso que me seja, e não procederei como os outros. Fizeste muito bem em vir! Foste muito boa! Vivem como bons esposos. Deus os julgará: a nós não nos compete fazê-lo. Então Biriusovski e Avenievna? E Nikandrov, Vaciliev e Mamonovam, e Lisa Neptunova... Ninguém os criticou e por fim todos acabaram por recebê-los. E além disso, *c'est un intérieur si joli, si comme il faut. Tout à fait l' anglaise. On se réunit le matin ali brekfast, et puis on se separe*(Nota 91). Cada um faz o que quer até à hora do jantar. O jantar é às 7. Stiva fez muito bem em deixar te vir. O conde é pessoa muito influente, através da mãe e do irmão. E é tão generoso! Já te falou do hospital que ele projecta? *Ce será admirable*(Nota 92)*;* vem tudo de Paris...

A conversa foi interrompida por Ana, que voltou ao terraço acompanhada dos cavalheiros que fora encontrar na sala de bilhar.

Ainda faltavam duas horas para o jantar; o tempo estava lindo, eram numerosas as distracções e muito diferentes das de Pokrovskoie.

— *Une partie de lawn-tennis*(Nota 93) — propôs Veslovski, sorrindo com o seu bonito sorriso. — Quer ser outra vez minha parceira, Ana Arkadievna?

— Está muito calor — objectou Vronski —; vamos dar uma volta pelo parque ou então um passeio de barco, para Daria Alexandrovna poder apreciar a paisagem.

— Eu estou por tudo — disse Sviajski.

— Creio que para Dolly o mais agradável é um passeio, não é assim? Depois iremos ao barco, não é verdade? — interveio Ana.

Decidiram se por este último. Veslovski e Touchkievitch foram à cabine dos banhos, prometendo que prepariam o barco e ficariam ali à espera dos outros.

Ana e Sviajski e Dolly e Vronski, dois a dois, foram dar um passeio pelas avenidas do parque. Dolly não se sentia à vontade, um pouco embaraçada com o ambiente em que se encontrava, novo para ela. Teoricamente, Dolly não só justificava, como até aprovava, a atitude de Ana. Como tantas vezes acontece com as mulheres honestas, que acabam por cansar se com a monotonia da sua vida moral, não só perdoava àquele amor culpado como chegava a invejá-lo. Depois estimava Ana de todo o seu coração. Mas, ao vê-la no ambiente daquelas pessoas estranhas, com os seus requintes de elegância que lhe eram desconhecidos, sentia se perturbada. Desagradava lhe principalmente a princesa Bárbara, pronta a tudo perdoar em troca das comodidades de que gozava.

Em geral, Dolly aprovava de maneira abstracta o procedimento de Ana, mas desgostava a vê-la ao lado do homem por causa de quem procedera daquela forma. Por outro lado, jamais gostara de Vronski. Considerava o muito orgulhoso e achava que ele não tinha razão alguma para se enaltecer, a não ser pela riqueza de que usufruía. Ali, em sua própria casa, ainda mais ele se lhe impunha, fazendo com que ela sentisse, a seu lado, uma confusão maior. Experimentava um sentimento parecido com o que sentira diante da criada de quarto por causa da blusa. Assim como perante aquela se não sentira envergonhada mas coibida pelos remendos, agora, diante de Vronski, era por si mesma que se sentia incomodada.

Confusa, Dolly procurava qualquer coisa que dizer. Repugnava lhe a ideia de dirigir um elogio banal à magnificência da sua casa e dos seus jardins, mas, não se lembrando de mais nada, acabou por lhe exaltar tudo isso.

— Sim, é uma bonita construção e num velho e bom estilo — disse Vronski.

— Gostei muito do jardim diante do alpendre. Também é antigo?

— Oh! Não! — replicou Vronski, e uma grande satisfação se lhe pintou no rosto. — Se o tivesse visto esta Primavera!

E Vronski pôs se a indicar lhe os pormenores da casa e do jardim que ele próprio modificara. Via se que se sentia muito feliz por poder expandir se sobre um assunto que tanto o envaidecia. Os elogios da interlocutora provocaram lhe um visível prazer.

— Quer ir visitar o hospital ou está cansada? Não fica longe. Vamos — acrescentou, olhando a bem no rosto, para ver se porventura ela

não estaria aborrecida.

— Também vens, Ana?

— Vamos, não é verdade? — disse Ana, dirigindo se a Sviajski. — *Mais il ne faui pas laisser Touchkievitch et le pauvre Veslovski se morfondre dans le baieau*(Nota 94). Precisamos de os avisar... É um monumento que ele está a erguer à sua própria glória — continuou ela, dirigindo se a Dolly, com o mesmo sorriso que tivera já para lhe falar do hospital.

— Oh! É uma obra de alto coturno! — exclamou Sviajski. Mas, como para não parecer adulador, acrescentou logo uma observação de ligeira censura. — Sem embargo, conde, surpreende me que, fazendo tanto pelos camponeses do ponto de vista sanitário, se mostre tão indiferente para com as escolas.

— *Ce est devenu tellement commun, les écoles*!(Nota 95) — replicou Vronski.

— Mas não é só por isso, é que me deixei entusiasmar pela minha ideia. O hospital fica por aqui — indicou, apontando a Daria Alexandrovna uma saída lateral da alameda.

As senhoras abriram as sombrinhas. Ao saírem do parque, encontraram se diante de uma pequenina eminência, sobre a qual, como que coroando a, se erguia um grande edifício de tijolos vermelhos, de uma arquitectura algo complicada. O telhado de zinco, que ainda não houvera tempo de pintar, reverberava ao sol. Não longe dali, construíam outro edifício, ainda rodeado de andaimes. Pedreiros, com os seus aventais, estendiam sobre os tijolos camadas de argamassa, que alisavam com a pá.

— Que depressa vão as obras! — exclamou Sviajski. — Quando aqui estive da última vez ainda não tinham telhado.

— No Outono estará concluído. Lá dentro está quase tudo pronto

— replicou Ana.

— E aquele edifício novo, que vem a ser?

— Instalações para o médico e a farmácia — respondeu Vronski.

Ao ver um indivíduo de paletó curto que vinha ao encontro deles, Vionski caminhou para ele, desviando se do amassador da cal. Era o arquitecto, com quem se pôs a discutir.

— O frontão não está ainda na devida altura.

— Tinha sido necessário levantar mais as fundações, eu bem lhe disse.

— Realmente, Ana Arkadievna, tinha sido preferível — aprovou o

arquitecta —, mas agora o melhor é não pensar mais nisso.

— Sim, interesso me muito por esta obra — respondeu Ana a Sviajski, que se mostrara surpreendido com os seus conhecimentos de arquitectura. — É necessário que o nosso edifício se harmonize com o do hospital. Mas principiaram a construí-lo sem projecto.

Quando acabou de falar com o arquitecto, Vronski juntou se de novo às senhoras e conduziu as ao interior do hospital.

Embora exteriormente ainda estivessem a concluir as cornijas e a pintar o andar inferior, o superior já estava quase concluído. Uma grande escada de ferro conduzia até ele: janelas imensas iluminavam grandes salas de paredes estucadas. Estavam a assentar as últimas tábuas do soalho. Os carpinteiros, que as aplainavam, retiraram os cordões passados pela cabeça para cumprimentar os senhores.

— Aqui fica o consultório — disse Vronski. — Terá apenas uma secretária, uma mesa e um armário, nada mais em matéria de móveis.

— Por aqui, se fazem favor. Não se aproximem da janela — disse Ana, tocando com a ponta do dedo na madeira. — Alexei, a pintura já está seca.

Passaram pelo corredor, onde Vronski explicou o funcionamento do novo sistema de ventilação. Percorreram todas as salas, o economato, apreciaram as camas de molas especiais, as banheiras de mármore, as estufas de novo modelo, as carretas aperfeiçoadas e silenciosas, que serviam para transportar objectos de um lado para o outro no interior do edifício, e muitas outras coisas. Dolly não escondia a sua surpresa e a sua admiração e fazia muitas perguntas, que pareciam deliciar Vronski.

— Creio que será o hospital mais bem instalado de toda a Rússia

— declarou Sviajski.

— Não terão uma sala de partos? — perguntou Dolly. — É uma coisa tão precisa nas nossas aldeias. Tenho observado muitas vezes...

— Não — replicou Vronski —, isto não é uma maternidade, mas um hospital, onde serão tratadas todas as doenças, salvo as contagiosas... Repare nisto... — e chamou a atenção de Dolly para uma cadeira de rodas, na qual se sentou e que ele próprio pôs em andamento. — Repare bem. O doente não pode andar, pois ainda se sente fraco e custa lhe a mexer as pernas, mas precisa de tomar ar. Então sentam no aqui e já poderá dar o seu passeio.

Dolly interessava se por tudo, de tudo gostava, e acima de tudo de Vronski, em quem apreciava o entusiasmo natural e ingênuo. “Sim, é um homem de bons sentimentos e muito simpático”, pensava, de

quando em quando, sem o ouvir, mas observando lhe a expressão e colocando se, mentalmente, no lugar de Ana. E compreendeu o amor que ele lhe inspirara.

CAPÍTULO XXI

Ao saírem do hospital, Ana propôs que se mostrassem as cavalariças a Dolly, pois Sviajski estava desejoso de ver o novo potro.

— A princesa deve estar fatigada e os cavalos não são coisa que lhe interesse — objectou Vronski. — Vão vocês. Quanto a mim, vou acompanhar a princesa a casa. E, se me permite, conversaremos um pouco pelo caminho — acrescentou, dirigindo se a Dolly.

— Com todo o prazer; realmente, não percebo nada de cavalos — respondeu esta um tanto surpreendida.

Por um olhar que relanceara, furtivamente, ao conde, concluiu que este queria pedir lhe qualquer coisa. De facto, quando penetraram no parque e Vronski teve a certeza de que Ana os não podia ver nem ouvir, disse, fitando Dolly com os seus olhos sorridentes:

— Adivinhou, não é verdade, que eu queria conversar consigo em particular. Não me engano ao pensar que é uma verdadeira amiga de Ana.

Tirou o chapéu, onde a calvície fazia já os seus estragos.

Dolly apenas teve como resposta um olhar inquieto. O contraste entre o sorriso do conde e a expressão severa do seu olhar assustavam-na.

Que lhe iria ele pedir? Que viesse instalar se em casa deles com as crianças? Que arranjasse um grupo com que Ana se desse quando voltassem para Moscovo?... Ou talvez ele quisesse queixar se da atitude de Ana para com Veslovski? Ou então pedir lhe desculpa da sua atitude para com Kitty? Esperava o pior, e de maneira alguma aquilo que lhe ia ser dado ouvir.

— Ana estima a muito — continuou o conde. — Peço-lhe que me empreste o apoio da sua influência sobre ela.

Dolly interrogou, com um olhar tímido, o rosto enérgico do conde, sobre o qual brincava, por momentos, um raio de sol filtrado pelos ramos das tílias. Caminhava agora em silêncio.

— Se de todas as amigas de Ana — continuou ele, momentos depois — foi a única que a veio visitar, não conto a princesa Bárbara, não é porque ache normal a nossa situação, mas porque estima Ana: para desejar tornar-lhe suportável a situação. Tenho ou não razão? — perguntou ele, perscrutando o rosto de Dolly.

— É verdade — respondeu esta, que fechava a sombrinha.

— Ninguém sente tão cruelmente como eu a dolorosa situação de Ana — interrompeu Vronski, que, detendo se, forçou Dolly a fazer o mesmo. — E compreendê-lo á facilmente, se me der a honra de acreditar que não sou destituído de sentimentos. Tendo sido o causador dessa situação, ninguém se sente tão responsável dela como eu.

— Com certeza — disse Dolly, a quem a sinceridade daquela confissão não podia deixar de comover —, mas não estará a ver as coisas demasiado negras? Naturalmente que a situação de Ana perante a sociedade é penosa.

— É um inferno ! — exclamou Vronski, precipitadamente, franzindo o sobrolho, com uma expressão sombria. — Nada lhe pode dar ideia das torturas morais que ela sentiu em Sampetersburgo durante os quinze dias que ali tivemos de passar.

— Mas aqui? Desde que nem ela nem o conde sintam a necessidade de fazer vida de sociedade...

— Sociedade ! — replicou Vronski. — Para que preciso eu da sociedade?

— Até esse momento, que pode não chegar nunca, ambos podem estar felizes e tranqüilos. Vejo que Ana é feliz, muito feliz. Já teve ocasião de mo fazer saber — disse Daria Alexandrovna, sorrindo. E, ao dizê-lo, involuntariamente lhe assaltou a dúvida; seria Ana, realmente feliz? Vronski parecia não duvidar.

— Sim, sim — disse ele. — Sei que se refez depois de todos os seus sofrimentos. É feliz. É feliz no presente. Mas, e eu?... Temo o que nos espera... Perdoe, quer que continuemos o nosso caminho?

— Não, é o mesmo.

— Então sentemo-nos aqui.

Daria Alexandrovna sentou se num banco, num dos recantos da alameda. Vronski ficou de pé diante dela.

— Sinto que ela é feliz — repetiu ele, e esta insistência confirmou a dúvida de Dolly. — No entanto, a vida que nós fazemos não pode prolongar se por muito tempo. Se agimos bem ou mal, não sei, mas os dados estão lançados, estamos unidos para toda a vida — continuou ele, deixando de falar russo para falar francês. — Já temos um penhor sagrado do nosso amor e ainda podemos vir a ter mais filhos. Mas a nossa situação actual arrasta consigo muitas complicações que Ana não pode nem quer prever, pois que, depois de tanto ter sofrido, precisa de respirar. É perfeitamente legítimo. Mas eu, ai de mira, vejo me forçado a vê-las. Legalmente a minha filha não é minha filha, mas

filha de Karenine! Esta mentira revolta-me! — exclamou ele, com um gesto enérgico, escrutando Dolly com um olhar.

Esta não respondeu, limitando se a olhá-lo por sua vez. Vronski prosseguiu:

— Amanhã podemos vir a ter um filho — continuou ele. — Mas, por lei, será Karenine, e não herdará nem o meu sobrenome nem os meus bens. Por mais felizes que sejamos em família e por mais filhos que tenhamos, entre nós não haverá qualquer laço de união. As crianças chamar-se-ão Karenines. Compreende o que há de penoso e de terrível nesta situação? Tentei falar disto com Ana, mas ela irrita se. Não entende, e eu sinto me incapaz de lhe dizer tudo. Vejamos agora as coisas de outro ponto de vista. O amor de Ana faz me feliz, mas nem por isso deixo de sentir a necessidade de uma ocupação. Ora encontrei aqui uma actividade de que me orgulho e que acho bem superior às ocupações a que se dedicam os meus antigos camaradas na Corte ou no exército. Evidentemente que não os invejo. Trabalho, sinto me contente, e esta é a primeira condição da felicidade. Sim, gosto deste gênero de actividade; *ce n'est fas un pis aller*(Nota 96), muito pelo contrário...

Daria Alexandrovna deu se conta de que neste ponto da sua explicação Vronski se embrulhava, e, sem compreender onde ele queria chegar, adivinhou que aquela digressão fazia parte dos pensamentos íntimos que ele não ousava desvendar a Ana. Desde que resolvera abrir se com Dolly, queria esvaziar se por completo.

— Queria eu dizer — prosseguiu ele, reatando o fio do discurso — que para nos devotarmos inteiramente a uma obra precisamos de ter a certeza de que ela não irá morrer connosco, Ora a verdade é que eu não posso ter herdeiros! Calcule a situação de um homem que sabe de antemão que os seus filhos e os filhos da mulher que ama não serão legalmente seus, mas de outro, de alguém que os odeia e não quer saber deles. É horrível!

Calou se, ao que parecia perturbado.

— Sim, compreendo o. Mas que pode Ana fazer? — perguntou Daria Alexandrovna.

— Ora isto leva me ao ponto principal da nossa conversa — replicou Vronski, procurando recuperar a serenidade. — Tudo depende de Ana. Até para submeter ao imperador um pedido de adopção, é preciso, antes de mais nada, que o divórcio esteja concedido. Ana pode obtê-lo. O seu marido tinha levado o Sr. Karenine a consentir nesse divórcio, e estou certo de que este não se recusaria a isso, mesmo nas circunstâncias actuais, desde que Ana lho pedisse. Naturalmente — acrescentou Vronski, sombrio —, trata se de

uma destas crueldades farisaicas de que só é capaz uma pessoa sem coração. Ele bem sabe a tortura que isso representaria para ela. Mas, perante motivos tão importantes, há que *passer par dessus toutes sésfinesses de sentiment: il y a du bonheur et de Vexistence d'Arma et de sés enfants*(Nota 97). Não falo de mim, embora eu sofra muito, muito... — exclamou, como se ameaçasse alguém pelo muito que sofria. — E eis por que, princesa, me agarro à senhora com a uma tábua de salvação. Ajude me a convencer Ana a escrever ao marido, exigindo-lhe o divórcio.

— Com certeza — disse Daria Alexandrovna, pensativa, lembrando-se, em todos os seus pormenores, do seu último encontro com Alexei Alexandrovitch. — Com certeza — repetiu decidida, pensando em Ana.

— Conto consigo: faça com que ela escreva essa carta. Eu não posso nem quero falar lhe nisso.

— Fique descansado. Mas porque não toma ela própria essa iniciativa? — perguntou Daria Alexandrovna, lembrando se, de repente, sem saber porquê, daquele estranho costume, novo em Ana, de piscar os olhos. E veio lhe à memória que Ana o fazia precisamente quando falava dos aspectos íntimos da vida. “É como se piscasse os olhos para não ver tudo o que se passa na sua existência”, pensou Dolly. — Eu lhe falarei, sem falta, tanto por num como por ela — prometeu Daria Alexandrovna, respondendo ao olhar de reconhecimento de Vronski.

Levantaram se e dirigiram se a casa.

CAPÍTULO XXII

Quando Ana chegou a casa, por sua vez, procurou ler nos olhos de Dolly o que se teria passado entre ela e Vronski, mas não lhe perguntou coisa alguma.

— Parece que já são horas de jantar — disse ela. — E quase não tivemos tempo de falar. Espero que arranjemos ocasião lá para a noite. Agora temos de mudar de vestido. Creio que também o quererás fazer. Ficámos todas sujas com a nossa visita ao hospital.

Daria Alexandrovna dirigiu se ao seu quarto. Tinha vontade rir. Nada tinha que vestir, uma vez que trazia no corpo o seu melhor vestido. No entanto, para mostrar de algum modo que se arranjara para o jantar, pediu à criada que lhe limpasse o vestido, depois mudou os punhos e o lacinho e pôs na cabeça uma mantilha bordada.

— Foi tudo quanto pude fazer — disse, sorrindo, para Ana, que veio ao seu encontro com outro vestido muito simples, o terceiro daquele dia.

— Somos muito formalistas aqui — disse Ana, para desculpar se da sua elegância. — Alexei está encantado com a tua visita. Poucas vezes o tenho visto tão contente. Decididamente está enamorado de ti. Não estarás cansada?

Até à hora do jantar já não tiveram tempo de falar de coisa alguma. Quando entraram no salão, já lá estava a princesa Bárbara e os homens, todos de redingote; o arquitecto, esse, vestira casaca. Vronski apresentou a Daria Alexandrovna o médico e o administrador. Já lhe tinha apresentado o arquitecto, quando da visita ao hospital.

O mordomo, um homem robusto, muito barbeado, ostentoso e deslumbrante, de peitilho engomado, anunciou que o jantar estava na mesa e as senhoras puseram se de pé. Vronski pediu a Sviajski que oferecesse o braço a Ana Arkadkvna, aproximando-se ele de Dolly. Veslovski, adiantando se a Tuchkievitch, ofereceu o braço à princesa Bárbara, de sorte que tanto aquele como o arquitecto e o administrador deram entrada na sala sem o respectivo par.

O jantar, a sala, a baixela, os criados, o vinho e os manjares estavam de harmonia com o tom geral do luxo de toda a casa e até pareciam mais sumptuosos e novos que tudo o mais. Daria Alexandrovna observava esse luxo, tão novo para ela, e, conquanto não tivesse esperanças de poder vir a aplicar à sua própria casa qualquer coisa do que via, observava involuntariamente todos os pormenores, perguntando se a si mesma quem organizaria tudo aquilo. Vacienka

Veslovski, Stepane Arkadievitch, até mesmo Sviajski e outros homens que Dolly conhecia nunca pensavam naquelas coisas. Entendiam que o desejo de qualquer anfitrião era que os seus convidados supusessem que tudo na casa bem arranjado não dera trabalho algum, tudo se fizera por si. Daria Alexandrovna sabia que nem sequer as papinhas para o pequeno almoço das crianças se faziam por si e estava certa, portanto, que alguém pusera grande interesse naquela organização tão complicada e magnífica. Tanto pelo olhar com que Alexei Kirilovitch examinou a mesa como pelo sinal que o mordomo lhe fez e a maneira como convidou Daria Alexandrovna a escolher entre a sopa quente e a sopa fria, compreendeu que tudo aquilo se fazia e era mantido graças aos cuidados do próprio dono da casa. Ao que parecia, Ana preocupava se tão pouco com tudo aquilo como Veslovski, por exemplo. Tanto ela como Veslovski, a princesa e Vacienka eram hóspedes que gozavam alegremente os regalos que lhes tinham preparado.

Ana só era dona da casa na maneira como procurava dirigir a conversa. E essa conversa, muito difícil de manter para a dona da casa numa mesa de poucos comensais e a que se sentavam pessoas, tal como o arquitecto, pertencentes a um meio muito diferente, as quais, por mais que fizessem para não se mostrar tímidas perante um luxo a que não estavam habituadas, não podiam tomar parte muito activa na conversa geral, conseguiu Ana conduzi-la com naturalidade, graças ao seu tacto habitual, e até mesmo com prazer, como pôde observar Daria Alexandrovna.

Falaram de como Tuchkievitch e Veslovski haviam passeado os dois sozinhos no barco e aquele contou o que se passara nas últimas corridas do Iate Clube de Sampetersburgo. Mas Ana, aproveitando a interrupção, dirigiu se ao arquitecto para arrancá-lo ao seu mutismo.

— Nikolai Ivanovitch ficou muito surpreendido com o adiantamento que leva a obra desde a última vez que aqui veio — disse, referindo se a Sviajski — e eu própria, que a visito todos os dias, estou assombrada com a sua rapidez.

— Trabalha se bem com Sua Excelência — replicou o arquitecto com um sorriso (era um homem respeitoso e tranqüilo, consciente do seu valor). — Não é a mesma coisa que tratar com as autoridades provinciais. Em lugar de perder tempo com papelada, exponho o projecto ao conde e discutimo-lo em poucas palavras.

— Estilo americano — disse Sviajski, sorrindo.

— Sim, nos Estados Unidos constrói se de maneira racional...

A conversa derivou para os abusos de autoridade nos Estados Unidos, mas Ana mudou imediatamente de assunto para arrancar o

administrador ao seu silêncio.

— Já viste trabalhar as novas máquinas ceifeiras? — perguntou a Daria Alexandrovna. — Tínhamos ido observá-las quando nos encontramos contigo. Fui eu a primeira a vê-las.

— E como funcionam elas? — perguntou Dolly.

— Tal qual como se fossem tesouras. É uma prancha com muitas tesourinhas.

Ana pegou, com as suas belas mãos brancas, de dedos cheios de jóias, numa faca e num garfo e mostrou como funcionavam as máquinas. Evidentemente que estava certa de que nada se percebia através da sua explicação, mas, como sabia que falava de maneira agradável e que tinha mãos bonitas, continuou a explicar:

— Parecem se mais ainda com navalhas — disse Veslovski, gracejando e sem afastar os olhos de Ana.

Esta sorriu imperceptivelmente sem responder.

— Não é verdade, Karl Fiodorovitch, que se parecem com tesouras? — perguntou, dirigindo se ao administrador.

— *O ja* — replicou o alemão. — *Es ist ein ganz einfaches* Ding(Nota 98) — e pôs se a explicar a construção das máquinas.

— É pena que não atem. Na exposição de Viena vi máquinas que atavam os molhos com um arame — disse Sviajski. — Essas máquinas são mais práticas.

— *Es kommt drauf an... Der Preis vom Draht muss ausgerechnet werden*(Nota 99) — e o alemão, obrigado a sair do seu mutismo, dirigiu se a Vronski: — *Das lasst sich ausrechnen, Erlaucht*(Nota 100) — e quis extrair do bolso um livrinho com um lápis, no qual havia uns cálculos; mas, ao lembrar se de que estava à mesa e ao observar o olhar tímido de Vronski, absteve se.

— *Zu compliziert/ macht zu viel Klopot*(Nota 101) — concluiu.

— *Wünscht man "Dochodsf", so hat man auch Klopot*(Nota 102) — exclamou Vacienka, parodiando o alemão. — *J'adore l' allemand*109 — acrescentou, dirigindo se a Ana com o mesmo sorriso de há pouco.

— *Cessez*(Nota 103) — disse Ana, meio a sério meio por graça. — Esperávamos encontrá-lo no campo, Vacili Semionovitch — acrescentou, dirigindo se ao médico, um homem de aspecto doentio. — Esteve lá?

— Estive, mas desapareci — replicou o médico com amarga ironia.

— Então fez bom exercício.

— Magnífico.

— E a velha, como está? Espero que não seja o tifo.

— Não é o tifo, realmente, no entanto está mal.

— Que pena! — disse Ana, e, cumprido que foi o seu dever de cortesia para com as pessoas de fora, dirigiu se aos seus.

— Seja como for, Ana Arkadievna, não me parece fácil construir uma máquina só com a sua explicação — disse Sviajski, gracejando.

— Mas porquê? — acudiu Ana com um sorriso. Este sorriso dava a entender que ela sabia que Sviajski notara alguma coisa de agradável na sua explicação. Esse novo rasgo de coqueteria juvenil em Ana surpreendeu desagradàvelmente Dolly.

— Em compensação — declarou Tuchkievitch —, é extraordinário o que Ana Arkadievna sabe de arquitectura.

— Sim, senhor! — exclamou Veslovski. — Ainda ontem a ouvi estar a falar de plintos e de frontões. Digo bem?

— Não tem nada de excepcional, quando uma pessoa está acostumada a ouvir pronunciar esses nomes todos os dias! Mas estou certa de que não deve fazer a mínima ideia dos materiais com que se constrói uma casa!

Daria Alexandrovna notou que, posto que Ana se mostrasse descontente com aquele tom ligeiro em que se exprimiam, ela própria e Veslovski por ele se deixavam arrastar involuntariamente.

Ao contrário de Levine, Vronski não ligava a mínima importância à tagarelice de Veslovski; em vez de a reprimir, encorajava a com gracejos.

— Vejamos, Veslovski, diga lá como se unem as pedras dos edifícios?

— Com argamassa, naturalmente.

— Bravo! E que vem a ser a argamassa?

— Assim uma espécie de pasta... não, de massa — disse Veslovski, provocando o riso de todos.

À excepção do médico, do arquitecto e do administrador, que se conservavam calados, os convivas tagarelaram com grande animação durante todo o jantar, falando disto e daquilo, ora deslizando agradavelmente ora defrontando algum obstáculo, ora zurzindo esta ou aquela pessoa sem piedade. Uma das vezes, foi Daria Alexandrovna quem se sentiu ferida, corou e de tal modo se deixou exaltar que teve receio, por fim, de ter ido longe de mais. Falando de máquinas agrícolas, Sviajski julgou se no direito de dizer que Levine considerava

nefasta a introdução desses engenhos na Rússia e insurgiu se contra uma opinião tão esquipática.

— Eu não tenho a honra de conhecer esse senhor Levine — disse Vronski, sorrindo —, mas quer me parecer que ele nunca viu as máquinas que critica, ou, pelo menos, apenas viu máquinas dessas fabricadas na Rússia. De outro modo, não posso perceber o seu ponto de vista.

— É um homem com pontos de vista turcos — disse Veslovski com um sorriso, dirigindo se a Ana.

— Não me cabe a mim defender as opiniões dele — declarou Daria Alexandrovna, excitando se um pouco —, mas o que lhe posso afirmar é que Levine é pessoa muito instruída. Se aqui estivesse, saberia fazer lhes compreender a sua maneira de encarar as coisas.

— Oh, gosto muito dele e somos excelentes amigos — proclamou Sviajski, em tom cordial. — Mas desculpe me, *elle est un petit peu toque*(Nota 104). É de opinião, por exemplo, que o *zemstvo* e os juizes de paz são inteiramente inúteis e recusa se a fazer parte desses organismos.

— Aí está a nossa indiferença russa — disse Vronski, deitando no copo água gelada de uma garrafa. — Recusando nos a compreender que os direitos de que gozamos implicam alguns deveres.

— Não conheço homem que cumpra mais escrupulosamente os seus deveres — disse Daria Alexandrovna, irritada com o tom de superioridade com que Vronski falara.

— Pois eu, pelo contrário — continuou Vronski, ao que parecia ferido ao vivo pela conversa —, estou muito reconhecido a Nicolau Ivanovitch por me ter concedido a honra de me nomear juiz de paz honorário. Julgar uma pequena questão local parece me tão importante como qualquer outra coisa. E, se me nomearem vogal, sentir me ei muito lisonjeado com isso. Só assim poderei pagar os benefícios que recebo como proprietário rural. Infelizmente, não se compreende a importância que devem ter no Estado os grandes proprietários.

Dolly comparou a obstinação de Vronski à de Levine, defendendo ideias diametralmente opostas. E não pôde deixar de pensar que aquela segurança se afirmava em ambos quando estavam à mesa. Mas como era muito amiga do cunhado, dava lhe razão intimamente.

— Pelo que vejo, conde, podemos contar consigo para as eleições!

— disse Sviajski. — É preciso sair daqui alguns dias antes para chegarmos no dia 8. Se me quer dar a honra de ficar em minha casa...

— Pela minha parte — disse Ana a Dolly —, sou da opinião do teu cunhado... ainda que por motivos diferentes — acrescentou, sorrindo. — Quer me parecer que nos últimos tempos vamos tendo demasiados deveres sociais. Nos seis meses que aqui estamos, Alexei já exerceu cinco ou seis funções distintas. *Au train que cela vá*(Nota 105), todo o seu tempo será tomado por isso. E quando as funções se acumulam dessa maneira, receio que acabem por não passar de mera questão formal. Diga me, Nicolau Ivanovitch, quantos cargos tem o senhor? Uns vinte, naturalmente. — Ana falava em ar de gracejo, mas no tom em que se exprimia notava se certa irritação. Daria Alexandrovna, que observava atentamente Vronski e Ana, não tardou a dar por isso. Igualmente notou que no rosto de Vronski, durante aquela discussão, havia severidade e obstinação. Ao notá-lo e ao observar que a princesa Bárbara também observava Ana Arkadievna, deu se pressa em mudar de assunto, pondo se a falar das suas amizades de Sampetersburgo. Lembrou se, então, que, na sua conversa, no parque, com Vronski, este aludira, bem pouco a propósito, à necessidade que tinha de desenvolver qualquer actividade. Desconfiou que Ana e Vronski estariam em desacordo neste ponto.

O jantar, os vinhos, o serviço, tudo estava muito bem, mas tinha o carácter impessoal e essa espécie de tensão que Dolly já observara nos banquetes e nos bailes e de que estava desabituada. Tudo isso, num dia vulgar e com pessoas íntimas, lhe produziu uma impressão desagradável. Depois do jantar, ficaram por algum tempo sentados no terraço. Depois foram jogar o *lawn-tennis*. Os jogadores, divididos, em dois grupos, colocaram se no *croquet ground*, cuidadosamente alisado e nivelado, de ambos os lados da rede estendida entre pilares dourados. Dolly quis experimentar o jogo, mas não havia maneira de compreender as regras respectivas e quando, finalmente, chegou a aprendê-las sentia se exausta, preferindo ficar a fazer companhia à princesa Bárbara. O seu parceiro, Tuchkievitch, desistiu também, mas os outros jogaram ainda por muito tempo. Sviajski e Vronski eram dois bons jogadores: muito senhores de si, seguiam, de olhar atento, a bola que lhes serviam, apanhavam-na na altura precisa e devolviam na com um golpe de raqueta seguro. Veslovski, pelo contrário, excitava se de mais, mas as suas risadas, os seus gritos, a sua alegria, animavam os outros jogadores. Depois de pedir licença às senhoras, despira o redingote e a sua bela figura, o seu busto bem modelado, o seu rosto corado, a camisa branca, os seus gestos nervosos tão nitidamente se gravavam na memória que Dolly por muito tempo continuaria a ver tudo isso antes de conciliar o sono.

Durante o jogo enfadara se. Desgostava a aquela familiaridade entre Veslovski e Ana, aliás todas aquelas cenas lhe pareciam de uma

afectação infantil: os adultos que entre si se consagram a distracções de crianças prestam se ao ridículo. No entanto, para não desanimar os outros e por simples distracção, depois de descansar um pouco, juntou se de novo aos jogadores e fingiu divertir se. Durante todo aquele dia teve a impressão de estar a representar no teatro com actores melhores do que ela e que ô seu contracenar defeituoso malograva a peça.

Fora a casa de Ana na intenção de passar com ela dois dias, se se sentisse bem. Mas quando anoiteceu, ainda em pleno jogo, decidiu que partiria no dia seguinte. Os cuidados de mãe que tanto a atormentavam e que tão odiosos se lhe tinham entremostrado na viagem, agora, que passara um dia sem se dedicar a eles, surgiam lhe sob outra aspecto e atraíam na.

Pela noite, depois do chá e de um passeio de barco, Daria Alexandovna entrou sozinha no seu quarto, despiu o vestido e quando principiou a pentear os poucos cabelos sentiu se muito aliviada.

A ideia de que Ana a viesse visitar parecia lhe até pouco agradável. Desejaria ficar só com os seus pensamentos.

CAPÍTULO XXIII

Na altura em que ia deitar se, apareceu Ana, já de roupão.

Durante aquele dia, Ana por várias vezes encetara uma conversa sobre os seus problemas íntimos e de todas as vezes, ditas que eram as primeiras palavras, interrompia se: “Depois falaremos de tudo isso a sós. Tenho muitas coisas para te dizer.”

Agora estavam sós e Ana não sabia de que falar. Sentara se ao lado da janela e olhava para Dolly enquanto recordava mentalmente o que tinha para lhe dizer, afigurando se que lhe dissera tudo. Por fim, depois de um fundo suspiro, disse:

— Que é feito da Kitty?— perguntou, com um ar contrito. — Diz-me a verdade: está zangada comigo?

— Zangada? Não! — respondeu Daria Alexandrovna, sorrindo,

— Odeia me, despreza me.

— Oh! Não! Mas tu bem sabes que estas coisas não se perdoam.

— É certo — volveu Ana, desviando os olhos para a janela aberta.

— Mas eu não tive culpa. Quem a teve? E que é isso de se ser culpado? Que te parece? Achas possível não seres a mulher de Stiva?

— Francamente, não sei. Diz me uma coisa...

— Primeiro falemos de Kitty. É feliz? Dizem que é um homem excelente.

— Parece me pouco. Não conheço homem melhor.

— Não conheces melhor — repetiu ela, pensativa. — Pois ainda bem! Dolly sorriu:

— Fala me de ti. Precisamos de ter uma longa conversa. Falei de ti com...

Dolly não sabia como referir se a ele. Parecia lhe tão despropositado chamar lhe conde como Alexei Kirilovitch.

— Com Alexei — concluiu Ana. — Sim, bem sei... Quero que me digas francamente o que pensas de mim, da minha vida.

— Como querias que o fizesse assim sem mais nem menos? Realmente, não sei.

— Mesmo assim, faz o favor de me dizeres... Já viste o que é a minha vida. No entanto, não te esqueças de que é Verão, de que estamos rodeados de pessoas amigas. Chegámos no princípio da

Primavera, vivemos aqui completamente sós, e assim continuaremos. Não desejo nada melhor. Mas supõe que ele passa a ausentar se e então imagina o que será a minha solidão... Oh! Bem sei o que tu vais dizer — acrescentou, sentando se ao lado de Dolly. — Podes ter a certeza de que não o impedirei à força. Não penso nisso. Chegou a época das corridas, os cavalos dele vão correr; pois que vá, que se divirta!... Mas que será de mim durante esse tempo?... Bom, não falemos nisso — Ana sorriu. — Então de que falaram vocês?

— De um assunto em que eu te teria falado mesmo que ele não se lhe tivesse aludido, isto é, a possibilidade de tornar a tua situação mais... regular — concluiu ela, depois de uma curta hesitação. — Tu sabes a minha maneira de ver neste particular, mas, enfim, o melhor seria o casamento.

— Isto é, o divórcio?... Sabes que a única mulher que se dignou visitar me em Sampetersburgo foi Betsy Tverskaia? Conheces, não é verdade? *Cest au jond la femme la plus depravée qui existe*[114]. Enganou o marido da maneira mais indigna com Tuchkevitch... Pois bem, Betsy deu me a entender que me não podia continuar a visitar enquanto a minha situação não estivesse regularizada... Não penses que estou a fazer comparações entre vocês as duas. Foi uma simples reminiscência... Então que foi que ele te disse?

— Que sofre por ti e por ele próprio; se isso é egoísmo, nunca vi egoísmo mais legítimo e mais nobre. Gostaria de poder legitimar a sua filha, de ser teu marido, de ter direitos sobre ti...

— Que mulher há aí que possa pertencer mais a seu marido do que eu lhe pertenço a ele? — interrogou a ela, com ar taciturno. — Sou sua escrava, podes crer!

— E sobretudo não queria ver te sofrer.

— É impossível! E depois?

— E depois, deseja a coisa mais legítima: que os seus filhos usem o sobrenome dele.

— Que filhos? — perguntou Ana, piscando os olhos e sem olhar para Dolly.

— A Any e os que vierem...

— A respeito disso, podes estar tranqüila: não terei mas filhos.

— Como podes ter a certeza?

— Não os terei, porque não quero.

E apesar da agitação em que estava, Ana sorriu ao notar a ingênua expressão de curiosidade, de surpresa e espanto que se reflectiu no

rosto de Dolly.

— Depois da minha doença — julgou ela de seu dever explicar —, o médico disse me...

— Não pode ser — exclamou Dolly, abrindo desmesuradamente os olhos.

O que ela acabava de saber confundia lhe no cérebro todas as ideias e as deduções que daí tirou vieram subitamente iluminar vários pontos que até então tinham permanecido misteriosos para ela. Compreendia agora porque certas famílias não tinham mais do que um ou dois filhos. Não sonhara ela com qualquer coisa no gênero durante a sua viagem?... Alarmada com esta resposta tão simples a uma pergunta tão complicada, olhava para Ana com verdadeira estupefacção.

— *N'est ce pas immoral*?[115] — perguntou depois de um curto silêncio.

— Imoral porquê? Ou a gravidez, com todos os sofrimentos que traz consigo, ou a possibilidade de ser uma camarada para o meu... digamos, marido — respondeu Ana, num tom que procurava fosse ligeiro.

— Claro! Claro! — exclamou Daria Alexandrovna, ao ouvir os mesmos argumentos que apresentara a si própria, mas a que não achava já a força de convicção que lhe encontrara nessa manhã.

Ana como que lhe adivinhou os pensamentos.

— Se o assunto é discutível no teu caso, no meu, de maneira alguma o é. Não sou mulher dele senão enquanto me tiver amor. E não é com isso — as suas mãos brancas esboçaram um gesto em torno do seu próprio ventre — que eu poderei alimentar o amor por mim.

Como é de regra nos momentos de emoção, as ideias e as recordações acorreram em tumulto ao espírito de Dolly. “Eu não soube atrair o Stiva”, pensava ela, “mas tê-lo ia conseguido aquela que mo roubou? Nem a sua juventude nem a sua beleza impediram Stiva de a deixar, a ela também. Abandonou a e arranjou outra. Será possível que Ana possa atrair e reter com isto o conde Vronski? Se assim fosse, podia arranjar vestidos e maneiras mais atractivas e alegres. Por mais brancos que sejam os seus braços nus, por mais formosos que sejam o seu colo e o seu rosto emoldurado em cabelos pretos, sempre ele poderá encontrar coisa melhor, tal qual como acontece ao meu lastimoso e simpático marido.”

Dolly nada respondeu, contentando se em suspirar. Ana percebeu que aquele suspiro traduzia desacordo, e continuou. Tinha outros argumentos ainda mais contundentes, aos quais era impossível

responder.

— É de opinião que é imoral? Raciocinemos friamente, se fazes favor. Como posso eu, na minha situação, desejar mais filhos? Não falo dos sofrimentos que daí poderiam advir. Esses não os temo. Mas lembra- te de que os meus filhos terão de usar um nome emprestado, que se envergonharão dos seus pais, do seu nascimento.

— É por isso mesmo que deves pedir o divórcio. Ana não a ouviu. Queria expor até ao fim uma argumentação que tantas vezes a convencera.

— Para que tenho eu o uso da razão se a não empregar de molde a não trazer a este mundo criaturas desgraçadas?

Os argumentos eram os mesmos a que Dolly pareci ter cedido nessa manhã. Que pouco convincentes lhe pareciam agora! “Como é que alguém pode ser culpado perante seres que ainda não existem?”, pensou. E de repente acudiu lhe este pensamento: “Teria sido melhor para o seu querido Gricha não ter vindo a este mundo?” Isto pareceu lhe tão estranho, tão terrível, que abanou a cabeça para dissipar a confusão de pensamentos loucos que lhe davam voltas à cabeça.

— Não sei; não, não está certo—foi a única coisa que pode dizer com uma expressão de desgosto.

Embora Dolly, por assim dizer, nada tivesse objectado àquela sua argumentação, Ana sentiu abalada a convicção em que estava.

— Sim, mas lembra te da diferença que existe entre nós duas. Para ti, trata se de saber se desejas ainda ter mais filhos; para mim, apenas se me será permitido tê-los.

Dolly compreendeu, de súbito, o abismo que a separava de Ana; existiam entre elas algumas questões sobre as quais nunca poderiam estar de acordo e acerca das quais melhor seria não falarem.

CAPÍTULO XXIV

– É precisamente por isso que se torna necessário regularizares a tua situação, caso seja possível.

— Sim, *si c'est possible*(Nota 106) — replicou Ana, num tom de resignada tristeza, muito diferente do tom que adoptara até então.

— Acaso é impossível o divórcio? Disseram me que teu marido estava de acordo.

— Dolly, não quero falar nisso.

— Como queiras — respondeu Dolly, impressionada com a expressão de sofrimento que contraía o rosto de Ana. — Mas não estarás a ver as coisas demasiado negras?

— Eu? De maneira nenhuma. Estou muito alegre e satisfeita, *jefait même des passions*(Nota 107)*;* reparaste em Veslovski?

— Para te falar com franqueza, o tom dele não me agrada nada — disse Dolly para mudar de conversa.

— Porquê? É uma maneira de espicaçar o amor próprio de Alexei; quanto a mim, faço dessa criança o que me dá na vontade, como tu do Gricha... Não, Dolly — exclamou ela, de súbito voltando ao primeiro assunto —, não vejo tudo negro, mas procuro *rien*(Nota 108) ver. Tu não me podes compreender. É demasiado terrível. Procuro não pensar de maneira alguma.

— Acho que fazes mal! De vias fazer tudo o que pudesses.

— Mas que poderei eu fazer? Nada... Quem te ouvisse, pensaria que eu não penso em casar com o Alexei... Não penso noutra coisa! — exclamou ela, levantando se, o rosto em fogo, o peito agitado. E pôs se a andar de um lado para o outro, parando de vez em quando por pouco tempo. — Sim, que não penso nisso? Não há um só dia, uma só hora em que não o faça e em que me não censure por fazê-lo... Porque esses pensamentos podem acabar por me enlouquecer. Enlouquecer — repetiu.

— Quando penso nisso, não posso dormir sem morfina. Mas, bom, falemos com serenidade. Dizem me que me divorcie... Em primeiro lugar, *ele* não cederá. *Ele* está agora sob a influência da condessa Lídia Ivanovna.

Dolly endireitou se na cadeira e seguia Ana com um olhar em que se lia uma simpatia dolorosa.

— Mesmo assim, podias tentá-lo — insistiu ela com suavidade.

— Tentar! Que significa isso? — exclamou Ana, repetindo um pensamento sobre o qual já pensara, sem dúvida, e que conhecia de memória. — Isso significa que eu, que, conquanto o odeie, reconheço que sou culpada perante ele e o considero homem magnânimo, me devo rebaixar a escrever lhe... Suponhamos que fazia um esforço e me decidia a isso. Ou receberei uma resposta ofensiva ou então o seu consentimento. Suponhamos que ele consentia... — Naquele momento, Ana no extremo da casa, detivera se para arranjar qualquer coisa na cortina da janela. — Suponhamos que consente, o meu... meu filho, entregar-mo-ão? Não — continuou ela —, não me darão o meu filho. Crescerá em casa deste pai que eu deixei, onde lhe ensinarão a desprezar me. Quero que compreendas que amo estes dois seres, creio que amo tanto a um como a. outro, a Seriocha e Alexei, mas a ambos mais do que a mim mesma.

Ana voltou ao centro da casa e deteve se diante de Dolly, apertando o peito entre as mãos. Com o seu roupão branco, parecia particularmente ampla e alta. Inclinou a cabeça e pôs se a olhar, com os seus olhos húmidos e brilhantes, para Dolly, pequena, delgada e lastimosa, que tremia de emoção, na sua camisinha passajada e na sua touca de noite. — Só quero a estes dois seres, e um deles exclui o outro. Não posso reuni-los e são a única coisa de que preciso. Se não os tiver, o resto é me indiferente. Esta situação precisa de ter um fim; por isso não posso nem gosto de falar nisto. Por isso te peço que me não censures de nada nem me julgues. Tu, sendo tão pura, não podes compreender estas coisas, que a mim me fazem sofrer.

Aproximou se de Dolly, fitou a com uma expressão culposa e sentou se a seu lado, pegando lhe na mão.

— Que pensas? Que pensas de mim? Não me desprezes. Não me peço que me desprezem. Sou muito desgraçada. Se há no mundo um ser desgraçado, esse ser sou eu — disse, voltando o rosto, e pôs se a chorar.

Quando ficou só, Dolly fez as suas orações e meteu se na cama. Enquanto estivera a falar com Ana apiedara se dela com toda a sua alma; mas agora sentia se incapaz de se obrigar a pensar no seu caso. As saudades de casa e dos filhos faziam na evocar os seus com um encanto novo e especial, com um novo resplendor. Aquele seu mundo parecia lhe agora tão querido e agradável que não queria estar longe dele nem mais um dia, e resolveu partir sem falta no dia seguinte.

Entretanto, Ana de regresso ao seu quarto de toucador, pegou num copo em que deitou umas quantas gotas de medicamento, cujo principal ingrediente era a morfina. Depois de beber esse líquido, permaneceu imóvel durante algum tempo e dirigiu se ao quarto com o

espírito tranqüilo e alegre.

Quando Ana entrou no quarto, Vronski fitou a atentamente. Procurava os vestígios da conversa que supunha ela tivera com Dolly enquanto estivera ausente. Mas nada lhe viu no rosto, que escondia e reprimia a sua emoção, além da beleza que, conquanto fosse a beleza a que estava habituado, não deixava de o fazer vibrar. Não quis perguntar lhe de que tinham falado, na esperança de que ela própria lho dissesse. Mas ela limitou se a dizer:

— Gostei muito que Dolly te tivesse agradado. Agradou te, não é verdade?

— Mas há muito tempo que eu a conheço, é muito boa, acho eu, mas *excessivement terre à terre.* No entanto, estou muito contente que tenha vindo visitar te.

Vronski pegou na mão de Ana e fitou a nos olhos com uma expressão interrogativa.

Interpretando noutro sentido esse olhar, Ana sorriu.

Na manhã seguinte, apesar de muito instada pelos donos da casa, Daria Alexandrovna dispôs se a partir. Filipe, com o seu cafetã velho e o seu gorro, no gênero do dos cocheiros de praça, apareceu com ar taciturno no carro de guarda lamas consertados, tirado por cavalos desaparelhados, e deteve se diante da entrada, coberta de areia, da casa dos Vronski.

Daria Alexandrovna despediu se com secura da princesa Bárbara e dos cavalheiros. O dia que tinham passado juntos não os aproximara. Apenas Ana estava triste: ninguém mais, sabia o muito bem, viria agora despertar os sentimentos que Dolly soubera fazer remexer na sua alma. Por mais dolorosos que eles fossem, nem por isso representavam menos o que nela havia de melhor e não tardaria muito que os seus derradeiros vestígios se desvanecessem no meio da vida que levava.

Dolly só respirou fundo quando se viu em pleno campo: curiosa de saber quais as impressões dos seus companheiros de viagem, ia interrogá-los, quando Filipe tomou espontaneamente a palavra:

— Ricaços são eles, não há dúvida, mas ainda assim as minhas bestas só tiveram três medidas de aveia. O quanto basta para não morrerem de fome! Os pobres animais já tinham rapado tudo antes do cantar do galo. Hoje em dia nas mudas vendem a aveia a quarenta e cinco copeques. Em nossa casa damos a quem for de fora toda a aveia que os seus cavalos tiverem na vontade.

— Sim, não são gente lá muito larga, não — disse o administrador.

— Mas os cavalos são bons?

— Sim, lá isso, não há que dizer, são bonitas estampas. E a comida também é boa. Mas a mim pareceu me tudo muito triste, não sei se a si, Daria Alexandrovna, lhe produziu o mesmo efeito — explicou o administrador, voltando para ela o seu belo rosto bonacheirão.

— A mim também. Achas que chegaremos lá para a noite?

— Temos de chegar.

A regressar a casa, e tendo encontrado todos muito bem e particularmente agradáveis, Daria Alexandrovna contou toda a sua viagem com grande animação: como fora bem recebida, o luxo e o bom gosto da vida dos Vronski, bem como os divertimentos que tinham, sem que alguém fosse desagradável para eles.

— É preciso conhecer a Ana e Vronski, agora conheci os melhor, para compreender como são simpáticos e comovedores — disse Dolly, com toda a sua sinceridade, esquecendo aquele sentimento vago de desgosto e de mal estar que experimentara enquanto estivera com eles.

CAPÍTULO XXV

Vronski e Ana passaram o Verão e parte do Inverno na aldeia na mesma situação e sem tornarem quaisquer decisões sobre o divórcio. Tinham decidido que não iriam a qualquer outro lado; mas, quanto mais tempo passavam sozinhos, sobretudo no Outono, sem convidados, tanto mais se davam conta de que não podiam agüentar essa vida e tinham de mudar de hábitos.

Aparentemente a vida deles era tão boa que não havia outra melhor: tinham tudo em abundância, gozavam saúde, tinham uma filha e ambos se dedicavam às suas ocupações. Mesmo sem convidados, Ana continuava a preocupar se muito consigo mesma, e também lia muito, tanto romances como livros sérios. Mandava vir todos os livros de que falavam os jornais e revistas que recebia e lia os com a profunda atenção que é apanágio dos que vivem solitários. Além disso, estudou nos livros e revistas da especialidade todas as matérias que interessavam a Vronski. Amiúde acontecia dirigir se lhe com perguntas sobre agronomia, arquitectura e até sobre problemas desportivos ou de criação de cavalos. Vronski surpreendia se com os conhecimentos e a memória de Ana e a princípio, duvidando deles, procurava uma comprovação. E Ana costumava encontrar nos livros as respostas às perguntas dele, e era a primeira a esclarecê-lo.

A instalação do hospital também interessava a Ana. Não só o ajudava, como ela própria concebera e organizara muitas coisas. Mas, de toda a maneira, a sua principal preocupação era ela própria, pelo que representava para Vronski e pelo desejo que tinha de substituir tudo o que ele deixara por ela. Vronski apreciava esse desejo — chegou a ser o único objectivo da vida de Ana —, não só de lhe agradar, mas também de o servir, embora ao mesmo tempo lhe pesassem as redes amorosas em que Ana procurava envolvê-lo. Quanto mais tempo passava, quanto mais se dava conta de estar envolto nessas redes, tanto mais desejava, não precisamente desenvencilhar se delas, mas, peio menos, demonstrar a si próprio estar delas liberto. Se não fosse pelo desejo, cada vez maior, de ser livre, de não provocar cenas sempre que ia à cidade assistir aos julgados de paz ou às corridas, Vronski ter se ia sentido completa mente satisfeito com a vida que levava. O papel que escolhera de rico lavrador, bem próprio da aristocracia russa, não só lhe quadrava sobremaneira, como, ao cabo de meio ano de tal vida, cada vez lhe dava maior satisfação. E as suas actividades que de dia para dia o atraíam mais iam de vento em popa. Apesar das grandes somas de dinheiro que lhe haviam custado o hospital e as vacas que mandara vir da Suíça, bem como tantas outras

coisas, Vronski estava certo de que não dilapidava os seus bens, antes os aumentava. Quando se tratava de receitas, como, por exemplo, da venda de madeira, de trigo, de lã ou do arrendamento de terras, Vronski sabia manter se firme como uma rocha e defender o preço fixado. Nos assuntos administrativos, tanto daquela propriedade como de outras, costumava empregar sempre os processos mais simples, menos perigosos; mas mostrava se em alto grau econômico e calculista nas coisas insignificantes da economia doméstica. Apesar da astúcia e da habilidade do alemão, nunca aceitava senão as inovações mais recentes e que julgava de molde a provocarem sensação à sua roda, mas, mesmo assim apenas se decidia a fazer essas despesas quando tinha saldo em caixa e só depois de discutir asperamente o preço de cada coisa. Era evidente que com semelhante processo de administrar as suas terras não só não dissipara a sua fortuna, mas muito pelo contrário, a ia aumentado. Em Outubro deviam celebrar se as eleições da nobreza na província de Kachine, onde estavam situadas as propriedades de Vronski, Sviajski, Kosnichec, Oblonski e uma pequena parte das de Levine.

Estas eleições despertavam as atenções de todos por muitas circunstâncias e ainda pelas pessoas que tomavam parte nelas. Falava se muito das eleições e faziam se grandes preparativos. Habitantes de Sampeters burgo, de Moscovo e do estrangeiro, também, que nunca tinham tomado parte nestas eleições, transportavam se para ali no intuito de assistir a elas. Pouco tempo antes de se realizarem, Sviajski, que visitava Vozdvijenskoe com freqüência, foi a casa de Vronski.

Na véspera, Vronski e Ana tinham estado a ponto de se zangar por causa da prevista viagem. Fazia um tempo outonal, a época mais triste e aborrecida na aldeia. Vronski, preparando se para a luta, anunciou a Ana a sua partida com uma expressão tão severa e fria como ela nunca lhe vira outra. Todavia, qual não foi o seu assombro, Ana acolheu tranqüilamente a notícia, limitando se a perguntar lhe quando estaria de volta. Vronski olhou para ela atentamente, sem compreender aquela tranqüilidade. Ana sorriu ao ver o seu olhar. Vronski sabia até que ponto Ana era capaz de se fechar em si mesma e sabia que isso apenas lhe sucedia quando estava disposta a realizar qualquer coisa com independência, isto é, quando lhe não comunicava os seus planos. Vronski receava isso, mas tão grande era o seu desejo de evitar uma cena que fingiu acreditar, e em parte acreditou sinceramente, nas suas boas intenções.

— Espero que te não aborreças — disse lhe.

— Também eu — replicou Ana. — Recebi ontem uma caixa de livros de Gautier. Não, não me aborrecerei.

“Se quer adoptar este tom, tanto melhor”, pensou Vronski. “Já estava farto do antigo.”

E sem provocar uma explicação franca, partiu para as eleições. Era a primeira vez que se separavam sem terem uma explicação completa. Por um lado, isso preocupou Vronski, mas, por outro, pareceu lhe que seria melhor assim. “Ao princípio haverá, como agora, qualquer coisa de confuso, de misterioso; mas depois há de acostumar se. De toda a maneira, tudo lhe posso dar, menos a minha independência de homem.”

CAPÍTULO XXVI

Em Setembro, Levine mudou se para Moscovo, para lá estar na altura do parto de Kitty. Já ali se encontrava há um mês sem fazer nada quando Sérgio Ivanovitch, que tinha uma propriedade na província de Kachine e queria tomar parte nas futuras eleições, decidiu deslocar se àquela província. Convidou o irmão a acompanhá-lo, pois cabia lhe o direito de votar na comarca de Selenevski. Aliás, Levine tinha em Kachine um assunto pendente de uma sua irmã, que residia no estrangeiro, relativo a uma tutela e à cobrança de certa quantia em dinheiro.

Levine mostrava se indeciso em aceitar o convite do irmão, mas Kitty, que percebia quanto ele se enfadava em Moscovo, aconselhou o a que fosse às eleições. E sem sequer o consultar, encomendou lhe o uniforme da nobreza, que lhe custou oitenta rublos. Estes oitenta rublos foram o motivo capital que determinou Levine a partir.

Havia já seis dias que se encontrava em Kachine assistindo, diariamente, às sessões e fazendo, ao mesmo tempo, diligências para resolver o caso da irmã, que não havia maneira de se solucionar. Os marechais da nobreza, todos muito ocupados com as eleições, não davam andamento a um assunto tão simples como era esse da tutela. No que dizia respeito ao outro caso — o da cobrança de certa soma —, também surgiram dificuldades. Depois de morosas diligências para anular o embargo, embora o dinheiro estivesse em condições de ser entregue, o notário, homem muito serviçal, não pôde entregar lhe o talão. Era precisa a assinatura do presidente, que estava na sessão, e não outorgava poderes a ninguém. Todas essas diligências, essas idas e vindas, as conversas com pessoas amáveis, que compreendiam o que havia de desagradável na posição do solicitante, conquanto o não pudessem ajudar, e aquela tensão, sem qualquer resultado, produziam em Levine um sentimento penoso idêntico ao da incômoda impotência que uma pessoa sente em sonhos quando quer fazer uso da força física. Notava isso mesmo com freqüência quando falava com o seu advogado, o homem mais bondoso deste mundo, o qual fazia o impossível, num grande esforço mental, para tirar Levine de apuros. “Tente o senhor”, dissera lhe mais do que uma vez, “ir a este ou àquele lado. Não sei se dará resultado; em todo o caso, peco lhe que tente.” E Levine lá ia, aqui e ali, experimentando o que ele lhe aconselhava. Todos se mostravam bons e amáveis, mas o obstáculo lá surgia por fim, entravando tudo. O que o apoquentava, acima de tudo, o que não podia compreender de maneira alguma era com quem estava a lutar, quem tirava proveito do facto de os seus assuntos não

se resolverem. Ao que parecia, ninguém estava em condições de o saber, inclusive o próprio advogado. Se Levine o tivesse podido compreender, como compreendia que para chegar ao guichet da estação precisava de aguardar a sua vez, não se sentiria aborrecido nem contrariado. O certo é, contudo, que ninguém era capaz de lhe explicar porque existiam os impedimentos com que o assunto tropeçava.

De qualquer forma, Levine mudara muito desde o casamento. Tinha mais paciência e, ainda que não compreendesse por que estavam as coisas feitas daquele jeito, era de opinião que, sem conhecer tudo nos seus pormenores, seria injusto emitir uma opinião. Acreditava que naturalmente assim tinha de ser e procurava não se indignar.

Agora presente às eleições, e tomando parte nelas, fazia por não censurar, por não discutir e por compreender, na maneira do possível, aquelas questões, de que se ocupavam, com tanta seriedade e interesse, homens sérios e honrados, a quem respeitava. Desde que casara que se lhe haviam revelado muitos aspectos novos sérios da vida, os quais, antes, graças à maneira superficial que tinha de os encarar, lhe pareciam insignificantes. Eis por que, agora, até lhe parecia que as eleições tinham grande significado.

Sérgio Ivanovitch explicou lhe o significado e a importância da mudança que esperava das eleições. O marechal da nobreza da província, Snetkov, em cujas mãos se encontravam, de acordo com a lei, muitos assuntos sociais importantes, como, por exemplo, o das tutorias (as mesmas que davam agora a Levine tantos desgostos), o dos enormes fundos dos nobres, o dos estabelecimentos femininos, masculinos e militares de ensino (ele, um obscurantista!), o da educação popular de acordo com uma nova orientação e finalmente o do *zemstvo,* era um homem moldado à antiga, que dilapidara uma grande fortuna, bondoso, honrado à sua maneira, mas que de modo algum podia compreender as exigências da nova época. Apoiava sempre e em tudo os nobres, e abertamente punha obstáculos à difusão da educação popular, dando ao *zemstvo,* que tanta importância havia de ter, carácter de casta. Era preciso pôr no seu lugar um homem moderno, jovem, activo, completamente novo, e conduzir as coisas de maneira que se pudessem extrair dos direitos outorgados à nobreza, não como nobreza, mas como elemento do *zemstvo,* todas as vantagens possíveis da autonomia. Na rica província de Kachine, sempre à cabeça das demais, tinham se reunido agora grandes forças e o facto de levar o assunto como era devido, podia servir de modelo às demais províncias e a toda a Rússia. Portanto, o assunto era transcendental. Propunha para o lugar de Snetkov, Sviajski ou, ainda melhor, Nevedovski, antigo catedrático, homem extraordinariamente

inteligente e grande amigo de Sérgio Ivanovitch.

O governador inaugurou a sessão com um discurso dirigido aos nobres; disse lhes que não elegessem por simpatia os que iam desempenhar aqueles cargos, mas por seus méritos e desejos de bem servir a pátria. Acrescentou que esperava que a alta nobreza de Kachine cumprisse, como nas eleições anteriores, o seu sagrado dever, justificando a grande confiança que neles depunha o imperador.

Ao terminar o discurso, o governador abandonou a sala e os nobres seguiram no, ruidosa e animadamente, alguns deles até com entusiasmo, rodeando o, enquanto vestia o agasalho de peles e falava com o presidente da nobreza. Levine, que queria tudo compreender e não perder qualquer pormenor, permanecia entre a multidão. Ouviu o governador que dizia: “Faça o favor de comunicar a Maria Ivanovna que minha mulher sente muito, mas tem de ir ao asilo.” E acto contínuo os nobres vestiram as suas pelicas e todos se dirigiram alegremente à catedral. Na catedral, levantando o braço, como todos os demais, e repetindo as palavras do arcipreste, Levine jurou, em terríveis termos, cumprir o que o governador esperava de todos. As cerimônias religiosas impressionavam sempre Levine e quando se voltou, depois de pronunciar as palavras “Beijo a cruz” e de ver o tropel de homens, novos e velhos, repetindo a mesma coisa, sentou se, comovido. No segundo e no terceiro dia, tratou se dos assuntos dos nobres e do liceu feminino que não tinha, segundo explicou Sérgio Ivanovitch, nenhuma importância, e Levine, ocupado com as suas coisas, não assistiu a essas sessões. No quarto dia verificaram se as contas da província na mesa da presidência. E pela primeira vez surgiu a luta entre o partido novo e o partido velho. A comissão encarregada de fiscalizar os fundos informou a assembléia, de que as contas estavam certas. O marechal da nobreza levantou se para agradecer aos nobres a confiança que nele outorgavam e até verteu algumas lágrimas. Os nobres felicitaram no e apertaram lhe a mão. Mas nesse momento um membro do partido de Sérgio Ivanovitch disse que lhe constava que a comissão não examinara as contas, considerando isso uma ofensa ao marechal. Um dos membros da comissão cometeu a imprudência de confirmar o facto. Em seguida um homem de pequena estatura, de aspecto muito jovem e muito mordaz, disse que, sem dúvida, lhe seria agradável ao marechal da nobreza prestar uma informação sobre as contas e que a excessiva delicadeza dos membros da comissão o privava dessa satisfação moral. Então os membros da comissão retiraram as suas palavras e Sérgio Ivanovitch tratou de demonstrar logicamente que ou bem era preciso declarar que as contas tinham sido verificadas ou então que se não procedera ao seu exame, desenvolvendo esse dilema em todos os seus

pormenores. A Sérgio Ivanovitch respondeu um orador do partido contrário. Depois falou Sviajski e outra vez o jovem mordaz. A discussão durou muito, sem que se chegasse a um acordo. Levine estava surpreendido com o facto de se discutir tanto aquilo, sobretudo porque, ao perguntar a Sérgio Ivanovitch se receava que tivesse havido qualquer desvio de fundos, este lhe disse:

— Oh, não! É um homem honrado. Mas é preciso acabar com esse método antigo de administrar paternalmente, como em família, os assuntos da nobreza.

No quinto dia realizaram se as eleições dos marechais de distrito. Naquele dia houve bastantes tumultos em algumas das secções de voto. Na de Selenevski foi eleito Sviajski por unanimidade, que ofereceu um jantar em sua casa.

CAPÍTULO XXVII

No sexto dia deviam celebrar se as eleições provinciais. Tanto as salas grandes como as pequenas estavam a abarrotar de nobres, que envergavam variados uniformes. Muitos tinham chegado precisamente nesse mesmo dia. Alguns deles conheciam se entre si, posto que não se vissem há muito; uns vinham da Criméia, outros de Sampetersburgo e alguns do estrangeiro. Na mesa da presidência, sob o retrato do imperador, celebravam se os debates.

Os nobres dividiam se em dois partidos, tanto na sala grande como na pequena, e através da animosidade e a desconfiança dos olhares, através da interrupção dos seus discursos, quando se aproximava alguém do banco contrário e porque alguns se afastavam, segredando para o corredor, via se que cada um dos partidos tinha os seus segredos, que escondia do outro. Pelo seu aspecto exterior, os nobres dividiam se, pronuncialmente, em duas classes: os antigos e os modernos. Os antigos, na sua maioria, vestiam uniformes velhos, abotoados, espada e chapéu, ou então uniformes da marinha, de cavalaria ou de infantaria, de militares reformados. Os uniformes dos antigos nobres eram talhados à antiga, com os ombros tufados. Via se que lhes estavam pequenos, curtos de cintura e apertados, como se os seus donos tivessem crescido. Os modernos traziam uniformes desapertados, de corte baixo, ombros largos e coletes brancos ou então uniformes de gola negra com folhas de louro bordadas, o emblema do Ministério da Justiça. Algumas jo vens vestiam uniformes da Corte, salientando se aqui e ali entre a multidão. Mas a divisão entre novos e velhos não coincidia com o agrupamento em partidos. Segundo observou Levine, alguns dos jovens pertenciam ao partido antigo e, pelo contrário, alguns dos nobres mais velhos cochichavam com Sviajski e eram, sem dúvida, partidários acérrimos do grupo novo.

Levine permanecia entre os do seu grupo, na sala pequena, onde os homens fumavam e comiam qualquer coisa, escutando o que se dizia com muita atenção, a ver se compreendia. Sérgio Ivanovitch era o eixo em volta do qual se agrupavam os demais. Naquele momento ouvia o que diziam Sviajski e Kliustov, marechal de outro distrito, que pertencia ao mesmo partido. Kliustov não queria ir pedir, em nome do seu distrito, que Snetkov se apresentasse; Sviajski procurava convencê-lo e Sérgio Ivanovitch também aprovava esse plano. Levine não compreendia por que razão se pedia ao partido contrário que votasse no marechal que eles queriam derrotar.

Stepane Arkadievitch, que acabava de comer qualquer coisa, e de beber um copo de vinho, aproximou se deles no seu uniforme de

camarista, limpando a boca com um lenço de baptista perfumado.

— Ocupemos o nosso posto — disse, alisando as suíças. — Sérgio Ivanovitch!

E depois de ouvir o que diziam, apoiou a opinião de Sviajski.

— Um distrito basta. E Sviajski representa, já, evidentemente, a oposição — disse, e estas palavras todos as compreenderam, menos Levine. — Que há, Kóstia, parece que estás a gostar disto? — acrescentou dirigindo se a Levine e travando o pelo braço.

Levine teria apreciado, realmente, tomar gosto por aquilo, mas sentia .se incapaz de compreender de que se tratava e, afastando se um pouco dos que falavam, perguntou a Stepane Arkadievitch porque havia de pedir que votasse naquele marechal da nobreza.

— *O sancta simplicitas!* — exclamou Stepane Arkadievitch, e explicou a Levine, de modo claro e conciso, do que se tratava.

Nas últimas eleições, tendo os dez distritos da província proposto a candidatura de Snetkov para marechal da nobreza, este fora eleito por unanimidade. Desta vez dois distritos queriam abster se, o que podia levar Snetkov a desistir. Nesta hipótese, o antigo partido escolheria, talvez, outro candidato mais perigoso. Se, pelo contrário, apenas o distrito de Sviajski se abstivesse de o propor, Snetkov apresentar se ia. Inclusive elegê-lo-iam, fazendo recair adrede sobre ele as bolas, de tal sorte que o partido contrário acabaria por ver desbaratados os seus planos, e quando se apresentasse um candidato do partido novo votariam por ele. Levine não compreendeu inteiramente o plano e quis fazer lhe umas tantas perguntas, mas nesse momento todos começaram a falar ao mesmo tempo, dirigindo se para a sala grande.

— Que se passa? — Quê? — Quem? — A autorização? — A quem?

— Negam na? — Não autorizam? — Não aceitam Flerov? — Que é que estão a discutir? — Assim não admitirão ninguém. Isto é uma pouca vergonha. — A lei!

Arrastado pela turba dos eleitores, que não queriam perder um tão curioso espectáculo, Levine penetrou na grande sala onde se travava tremenda discussão entre o marechal da nobreza, Sviajski e outras personalidades importantes, à roda da mesa de honra, sob o retrato de imperador.

CAPÍTULO XXVIII

Levine estava bastante longe da mesa. Os vizinhos impediam no de ouvir: um deles tinha uma respiração rouca e as botas de outro rangiam. Apenas conseguia ouvir a suave voz do velho marechal, a voz aguda do jovem mordaz e finalmente a de Sviajski. Segundo lhe pareceu depreender, debatia se a importância de um certo artigo da lei e ao significado das palavras "ser objecto de um inquérito".

A multidão afastou se para deixar passar Sérgio Ivanovitch, que se aproximava. Este aguardou que o jovem mordaz findasse o seu discurso e disse o que opinava: o melhor era consultarem o artigo da lei, e pediu ao secretário que o fosse buscar. O referido artigo dizia que, em caso de divergência de opiniões, devia recorrer se à votação.

Sérgio Ivanovitch leu o artigo e principiou a explicar o seu significado; mas então foi interrompido por um proprietário alto, gordo, corcovado, de bigode pintado, com um uniforme acanhado, cuja gola lhe amparava a nuca. Aproximou se da mesa e dando nela com o anel gritou:

— À votação! A votação! Não temos que discutir, temos que votar!

Ouviram se nesta altura várias vozes, enquanto o alto proprietário do anel continuava a gritar, cada vez mais irritado. Mas não se ouvia o que ele dizia.

Sustentava o mesmo ponto de vista que Sérgio Ivanovitch propunha, mas era evidente que odiava este, bem como o seu partido, e esse seu sentimento de ódio comunicou se aos adversários, despertando neles resistência, conquanto não tão violenta. Ouviram se gritos, durante um momento reinou a confusão e o marechal viu se obrigado a reclamar ordem.

— À votação! À votação! Todos os nobres me compreendem. — Damos o nosso sangue pela pátria... —O monarca honra nos com a sua confiança... — O marechal não nos pode dar ordens. — Mas não se trata disso... Com licença, com licença! — É uma infâmia... Às urnas!

Gritava se por todos os lados, em vozes irascíveis e furiosas. Os olhares e os rostos eram ainda mais irascíveis e furiosos do que os gritos. Havia neles um ódio irreconciliável. Levine não podia perceber do que se tratava e surpreendia o a paixão com que se discutia dever ou não votar se a opinião relativa a Flerov. Sérgio Ivanovitch explicou lhe.

O interesse público exigia que se destituísse o antigo marechal; para se conseguir essa destituição, precisava se da maioria dos votos; para

que essa maioria se obtivesse, havia que conceder o direito de voto a Flerov; para se lhe reconhecer tal direito, era mister interpretar de determinada maneira tal disposição da lei.

— Um voto só por si pode decidir da eleição e é preciso que sejamos conseqüentes e sérios quando servimos uma causa comum — concluiu Sérgio Ivanovitch.

Mas Levine esqueceu se de que assim era, e o certo é que lhe custava ver aqueles homens dignos e respeitáveis num tão desagradável estado de excitação e de ira.

Sem aguardar o final dos debates, foi refugiar se na sala pequena, onde os criados do *bufete* punham a mesa. Com grande surpresa sua, a presença daquela pobre gente, de aspecto plácido, serenou o instantaneamente. Era como se respirasse ar puro, e pôs se a andar de um lado para o outro, distraído, a olhar para os criados. Gostou de ver um 4eles, de suíças encanecidas, o qual, desdenhando a troça que dele faziam uns rapazes, lhes ensinava como deviam dobrar os guardanapos. Dispunha se a entabular conversa com o velho criado quando o secretário da repartição da tutela da nobreza, um velhinho baixo que sabia de cor o nome e sobrenome de todos os nobres da província, veio até ele da parte de Sérgio Inavovitch.

— Constantino Dimitrievitch, seu irmão chama-o — disse lhe ele.

— Principiou a votação.

Levine voltou à sala grande, onde lhe entregaram uma bola branca, e seguiu o irmão até à mesa em que Sviajski, com ares importantes, irônico, apanhava a barba na mão e a cheirava. Sérgio Ivanovitch introduziu a mão na urna, meteu lhe dentro a sua bola, com cuidado, e, deixando passar Levine, ali ficou. Ao aproximar se, este esquecera se por completo do que se tratava e, embaraçado, inquiriu do irmão:

— Que devo eu fazer?

Perguntou em voz baixa, e como à sua volta todos falavam, pensou que o não ouviriam. Mas os que falavam calaram se e a pergunta inconveniente ressoou no silêncio. Sérgio Ivanovitch franziu o sobrolho.

— Isso depende das convicções de cada um — replicou ele, com severidade.

Alguns sorriam. Corando, Levine introduziu à pressa a mão debaixo do pano e pôs a bola à direita, visto que a levava na destra. Ao dar pelo seu equívoco, ainda mais o agravou, dissimulando, tardiamente, a outra mão. Completamente desorientado, retirou se em grande precipitação.

— Cento e vinte e seis votos a favor e noventa e oito contra! — proclamou o secretário, que carregava nos erres.

Depois ouviram se gargalhadas; tinham encontrado na urna um botão e duas nozes.

O partido antigo, porém, não se dava por vencido. Levine ouviu que pediam a Snetkov que apresentasse a candidatura e viu que uma multidão de nobres o rodeava enquanto ele lhes dizia algo. Levine aproximou se mais. Em resposta aos nobres, Snetkov falava lhes da confiança e do carinho que lhe testemunhavam e que ele considerava imerecidos, pois, se algum mérito tinha, era o da sua fidelidade à nobreza, à qual consagrara doze anos de trabalho. Repetiu várias vezes as seguintes palavras: "Trabalhei quanto mo permitiram as minhas forças em nome da fé e da verdade. Muito os aprecio e a todos agradeço." De súbito, interrompeu se, a voz embargada pelas lágrimas, e abandonou a sala. Aquelas lágrimas eram provocadas pela consciência da injustiça que se praticava para com ele ou então pela sua dedicação à nobreza e a situação em que se encontrava, rodeado de inimigos. A verdade, porém, é que a sua comoção se comunicou à maioria dos nobres presentes e o próprio Levine foi tomado de simpatia por Snetkov.

À porta, o marechal da nobreza tropeçou em Levine. — Queira perdoar — disse lhe, como se se tratasse de um desconhecido; mas, ao reconhecê-lo, sorriu timidamente.

Levine julgou que ele lhe queria dizer qualquer coisa, mas que a emoção não lho permitia. A expressão que tinha no rosto e toda a sua figura, com o seu uniforme de calças brancas galoadas, as medalhas ao peito, andando apressadamente, fizeram lembrar a Levine um animal perseguido que se dá conta de que é desesperada a sua situação. E aquela expressão do marechal foi para ele tanto mais impressionante quanto era certo que na véspera estivera em casa dele por causa da questão da irmã e o vira em toda a sua dignidade de homem honrado e de família. A espaçosa casa, com os seus móveis antigos, os seus criados, que, não sendo elegantes, e até um pouco desalinhados, eram muito dignos e naturalmente ainda provinham dos antigos servos que não haviam mudado de senhor; a esposa do marechal, uma senhora gorda e de aspecto bonacheirão, com a sua touca de rendas e o seu xale turco, que acariciava uma simpática netinha, a filha da sua filha: o filho de Snetkov, estudante do 6º ano, que acabava de regressar da escola e cumprimentava o pai, beijando lhe a mão; as palavras afectuosas e persuasivas e os modos do dono da casa; tudo isso despertava em Levine respeito e simpatia. Agora, que aquele velho se lhe representava comovedor e digno de compaixão, apetecia lhe dizer lhe qualquer coisa agradável.

— Espero que continue a ser nosso marechal — disse lhe ele.

— Duvido — replicou este, voltando se com ar assustado. —

Estou , cansado e já sou velho. Há homens mais dignos e mais novos do que eu. Eles que trabalhem.

E Snetkov desapareceu pela porta lateral.

Chegou o momento solene. Ia repetir se a votação. Os cabecilhas de um e outro partido controlavam as bolas brancas e pretas.

Os debates, por causa de Flerov, não só deram ao novo partido a vantagem do voto deste, como, além disso, lhe permitiram ganhar tempo e puderam entretanto trazer mais três nobres, os quais, graças aos manejos do partido antigo, não tinham assistido à votação anterior. Os agentes de Snetkov haviam embriagado dois deles, que sofriam de um certo fraco pelo vinho, e tiraram o uniforme ao terceiro.

Ao inteirarem se disto, os do novo partido tiveram tempo de enviar gente sua para vestir o nobre, que ficara sem uniforme, e trazer um dos bêbedos à sessão.

— Trouxe um deles, deite lhe água para o refrescar — disse o proprietário que saíra em busca do bêbedo, aproximando se de Sviajski.

— Mas não faz mal, pode servir nos.

— Não estará bêbedo de mais? Não cairá? — perguntou Sviajski, abanando a cabeça.

— Não, agüenta se perfeitamente. Desde que lhe não façam beber mais aqui... Dei ordem na cantina para que lhe não sirvam bebidas seja sob que pretexto for.

CAPÍTULO XXIX

A sala estreita em que se fumava e comia estava cheia. A agitação era cada vez maior e lia se nos rostos das pessoas uma certa inquietação. Os que se mostravam mais excitados eram os cabecilhas, que conheciam todos os pormenores e o número de bolas, dirigentes que eram do combate em perspectiva. Os demais, como soldados antes da batalha, conquanto se preparassem para ela, nem por isso deixavam de procurar distracções. Uns tomavam qualquer coisa de pé ou sentados junto à mesa; outros fumavam, passeando de um lado para o outro pela sala e conversavam com os amigos a quem não viam há tempo.

Levine não tinha vontade de comer nem tão pouco fumava. Não queria reunir se com os seus, isto é, com Sérgio Ivanovitch, Oblonski, Sviajski e os outros, pois Vronski, com o seu uniforme de estribeiro-mor do imperador, conversava animadamente com ele. Na véspera, já o vira nas eleições e evitara falar lhe. Agora, Levine sentara se junto à janela, observando os grupos e prestando atenção ao que se dizia em volta. Sentia-se triste, especialmente porque via todas as pessoas animadas, ocupadas e inquietas e só ele e o velhinho desdentado, fardado da Marinha, que balbuciava fosse o que fosse sobre algum assunto e se sentara a seu lado, permaneciam indiferentes e inactivos.

— É um grande canalha. Já lho disse, mas não fez caso. É impossível! Não pude reuni-los em três anos — dizia num tom enérgico um proprietário baixinho, um tanto corcovado, com os cabelos luzidios caindo-lhe na gola bordada do uniforme, enquanto batia no chão com os tacões das botas novas, que naturalmente calçara especialmente para as eleições. E depois de um olhar de descontentamento a Levine, o proprietário virou se bruscamente.

— Sim, o senhor tem razão, o assunto não é muito limpo, não tem sequer nada a dizer — comentou, em voz alta, o proprietário baixinho.

Nessa altura aproximou se, pressuroso, um grupo de proprietários quê rodeavam um general gordo. Dir se ia procurarem um lugar onde trocassem impressões sem serem ouvidos.

— Como se atreve a dizer que dei ordens para que lhe roubassem as calças? Tenho a impressão de que as vendeu para beber. Pouco me importa que seja príncipe.

— Não tem o direito de dizer uma coisa dessas.

— Permita me que lhe diga, eles baseiam se no artigo da lei. A sua mulher deve estar inscrita como nobre — diziam noutro grupo.

— A lei que vá para o diabo! Falo com o coração, para isso são nobres. É preciso ter confiança.

— Excelência, vamos tomar um champagne. Outro grupo seguia um nobre que gritava e gesticulava. Era um dos que se tinham embriagado.

— Sempre aconselhei Maria Semionovna a que o arrendasse, porque não podia tirar proveito de outra maneira — dizia, numa voz agradável, um proprietário de bigodes brancos, que envergava uniforme de oficial do estado maior.

Era o proprietário com quem Levine se encontrara em casa de Sviajski. Atentando em Levine, e reconhecendo o, cumprimentou o.

— Tenho muito prazer em vê-lo. Claro! Lembro me muitíssimo bem do senhor. Encontrámo-nos o ano passado em casa do marechal da nobreza Nicolau Ivanovitch.

— Como vão as coisas lá pela sua propriedade? — perguntou

Levine.

— Sempre na mesma, perdendo dinheiro — respondeu o proprietário, detendo se, com um sorriso suave e a expressão serene e resignada de quem está convencido de que as coisas não podem ser de outra maneira. — E como está o senhor aqui na nossa província? Veio tomar parte no nosso *coup d'état*?. — perguntou ele, pronunciando mal, mas com segurança, as palavras francesas.

— Reuniu se aqui toda a Rússia: camaristas e quase ministros — acrescentou, apontando para a figura representativa de Stepane Arkadievitch, que, com o seu uniforme de camarista, de calças brancas, passeava com um general.

— Devo confessar lhe que compreendo mal o significado das eleições da nobreza — disse Levine.

O proprietário olhou para ele.

— Que é que há que entender nisto? Não tem sentido nenhum. É uma instituição em decadência, que continua a mover se graças à força da inércia. Repare nos uniformes: já não há mais nobres, são todos funcionários.

— Então, porque está o senhor aqui? — perguntou Levine.

— Em primeiro lugar, por hábito. Depois é preciso manter as nossas relações. Também há certa obrigação moral. E, para falar verdade, no meu próprio interesse. O meu genro quer apresentar a sua candidatura. Não é homem rico e preciso ajudá-lo. Em compensação, por que virão aqui estes senhores? — disse, apontando para o jovem

mordaz, que falara na mesa presidencial.

— É a nova geração da nobreza.

— Sim, a nova geração, mas não são nobres. São proprietários, porque adquiriram terras, mas nós, por nosso lado, nós herdámo-las. Eles, como nobres, atacam se a si mesmos.

— Não disse que era uma instituição caduca?

— Evidentemente; mas, seja como for, é preciso tratá-la com mais respeito. Por exemplo, Snetkov... Sejamos bons ou maus, há milhares de anos que existimos. Se o senhor quiser arranjar um jardim diante da sua casa, não vai deitar abaixo as árvores centenárias que aí haja... Ainda mesmo que fossem contorcidas e velhas não as cortaríamos para plantarmos um canteiro de flores, pelo contrário, trataríamos de dispor os canteiros de tal sorte que não tivéssemos de sacrificar as árvores. Uma árvore dessas não pode fazer se num ano — disse, circunspecto, e imediatamente mudou de assunto. — E como vão as coisas lá nas suas terras?

— Regularmente. Tenho conseguido uns cinco por cento.

— Sim; mas não conta nisso o seu trabalho, que também vale dinheiro. Posso dizer lhe que eu, antes de me dedicar à agricultura, ganhava três mil rublos como funcionário. Agora trabalho mais do que nessa altura, e tal como o senhor só consigo obter cinco por cento, e graças a Deus. O meu trabalho fica me de graça.

— Por que continua com um prejuízo tão evidente?

— O hábito, cavalheiro, o hábito! Que havemos de fazer? E por outro lado, sabemos que não pode ser de outro modo. E mais — acrescentou, apoiando se ao peitoril da janela, já animado pela conversa.

— Menão tem gosto nenhum pela terra. Sem dúvida vem a ser filho de um sábio. E aqui tem como eu não tenho quem continue o meu trabalho. E no entanto trabalho sempre. Este ano plantei um pomar.

— Sim, sim, é a pura verdade — replicou Levine. — Também eu verifico que não tenho razão para cultivar as minhas terras, e no entanto continuo a cultivá-las... Sente se uma espécie de obrigação para com a terra.

— Pois é verdade — continuou o proprietário. — Veio visitar me um comerciante, vizinho meu, e saímos a dar uma volta pelo quintal e pelo jardim. Pois quer saber o que ele me disse? “Os meus cumprimentos, Stepane Vacilievitch, vejo que conduz bem a sua barca: mas eu, no seu lugar, deitava abaixo aquelas tílias, em plena seiva, como é natural. Tem ali bem um milhar delas e cada uma delas

lhe daria madeira suficiente para duas vigas de isbá. Hoje é coisa que está a ser muito precisa."

— E com esse dinheiro podia comprar gado ou terras a bom preço e arrendá-las aos camponeses, concluiu, sorrindo, Levine, que há muito conhecia aquele gênero de cálculos. — E assim poderia chegar a fazer fortuna, enquanto nós, o senhor e eu, nos contentamos com que Deus nos permita conservar o que temos para o deixarmos intacto aos nossos filhos.

— Ouvi dizer que o senhor é casado.

— Sou — replicou Levine, com orgulho e satisfação. — Não lhe parece estranho que passemos a vida assim amarrados à terra como as antigas vestais ao fogo sagrado que eram obrigadas a manter?

O velho proprietário esboçou um sorriso, por sob os seus bigodes brancos.

— Entre nós está o nosso amigo Nicolau Ivanovitch e agora o conde Vronski, que se fixou por estes sítios. Querem organizar uma indústria agrícola, mas até à data isso não lhes serviu se não para lhes consumir o capital.

— Mas porque não havemos nós de nos fazer comerciantes? Porque não derrubarmos nós as nossas árvores para fazer madeira? — perguntou Levine, voltando ao pensamento que o assaltara antes.

— Porque, como o senhor acaba de dizer, temos de manter o fogo sagrado. E depois, que quer, vender árvores não é mister de nobres. Há um espírito de casta que nos diz o que se deve e o que se não deve fazer. Com o camponês ocorre o mesmo; às vezes, já o tenho notado, quando o camponês é de boa cepa arrenda todas as terras que pode. Por pior que seja a terra, continua a lavrar. Também o faz sem cálculos, em puxa perda.

— Exactamente como nós — disse Levine. — Tive muito prazer em cumprimentá-lo — acrescentou, ao ver que se aproximava Sviajski.

— Não o tornei a ver depois do nosso encontro em sua casa ano passado — disse o velho, voltando se para o recém chegado. — Temos estado a falar de coração nas mãos.

— Quê? Estiveram a criticar os novos usos e costumes? — perguntou Sviajski, risonho.

— Qualquer coisa parecida.

— Estivemos a desabafar.

CAPÍTULO XXX

Sviajski travou do braço de Levine e conduziu o até junto do seu grupo.

Agora já lhe não era possível evitar Vronski, o qual, entre Sérgio Ivanovitch e Stepane Arkadievitch, aguardava que ele se aproximasse.

— Muito prazer — disse, estendendo a mão a Levine. — Acho que já nos encontrámos em casa de... da princesa Tcherbatski.

— É verdade. Lembro me muito bem do nosso encontro — replicou Levine, corando muito. E logo se voltou para o irmão e se pôs a conversar com ele.

Vronski teve um breve sorriso e continuou a tagarelar com Sviajski, ao que parecia sem qualquer desejo de entabular conversa com Levine. Mas este, enquanto falava com o irmão, voltava se a cada passo para Vronski, procurando dizer lhe alguma coisa com que pudesse atenuar a sua falta de polidez para com ele.

— De que se trata agora? — perguntou, voltando se para Sviajski e para Vronski.

— De Snetkov. É preciso que se demita ou que aceda — respondeu-lhe Sviajski.

— E ele está de acordo com isso?

— É precisamente do que se trata, ainda se não decidiu — explicou Vronski.

— E se ele se negar, quem se apresentará? — perguntou Levine, olhando para Vronski.

— Quem quiser — replicou Sviajski.

— O senhor, por exemplo?

— Nunca ! — exclamou Sviajski, corando e relanceando um olhar inquieto ao vizinho de Sérgio Ivanovitch, em que Levine reconheceu o jovem mordaz.

— Então quem? Nievedovski — inquiriu Levine, sentindo que se aventurava por um terreno perigoso.

Mas esta pergunta foi ainda mais inoportuna. Nievedovski e Sviajski disputavam entre si a candidatura.

— Não penso apresentar me de maneira alguma — respondeu o jovem mordaz.

Era Nievedovski. Sviajski apresentou se a Levine.

— Quê? Também principias a apaixonar te por isso? — perguntou Stepane Arkadievitch, guiando um olhar a Vronski. — É uma espécie de corrida de cavalos. Deviam instituir se apostas.

— Sim, é de apaixonar, como toda e qualquer luta — aprovou Vronski, de sobrancelhas franzidas e apertando os fortes maxilares.

— Este Sviajski é um espírito prático. Vê tudo com uma clareza...

— Realmente — confirmou Vronski, distraído.

Houve um silêncio, durante o qual para ver em qualquer sentido, Vronski dirigiu o seu olhar para Levine, mirando lhe os pés, o uniforme e depois a face. Ao ver lhe, porém, os olhos taciturnos fitos nele, disse por dizer;

— Como é que se compreende que vivendo o senhor sempre na aldeia não seja ainda juiz de paz? Não lhe vejo o uniforme.

— Porque acho absurda a instituição dos juizes de paz — replicou Levine, carrancudo, embora tivesse aguardado uma ocasião de dirigir a palavra a Vronski na esperança de reparar a atitude grosseira que tivera.

— Pois eu sou de opinião inteiramente oposta — replicou este, com tranqüilidade e surpresa.

— Para que hão de eles servir? — interrompeu Levine. — Em oito anos apenas tive um processo, e acabaram por julgá-lo ao invés. Tive de recorrer ao advogado, que me custou quinze niblos, para resolver um assunto que não valia dois.

E Levine contou que um mujique roubara farinha ao moleiro e quando este o censurara pela sua conduta, o mujique apresentara queixa contra ele, acusando o de difamação. Tudo isto era inoportuno e ridículo, e Levine dava se conta disso enquanto o ia referindo.

— Oh, que homem tão original! — exclamou Stepane Arkadievitch, com o seu sorriso de amêndoas doces. — Mas se nós fôssemos ver o que se está a passar? Parece me que já se vota.

E separaram se.

— Não percebo como se pode ser a tal ponto privado de tacto político — disse Sérgio Ivanovitch quando ficou só com o irmão. — Nós, os russos, carecemos de tacto. Snetkov é nosso adversário, e tu pões te a dizer lhe amabilidades. O conde Vronski é nosso aliado, e tu trata lo com sobranceria... Para falar verdade, não tenho nenhum desejo de privai com ele, acabo mesmo de não aceitar um convite que ele fez para jantar. Mas para que fazer dele um inimigo?... Depois fazes perguntas indiscretas a Nievedovski. Isso não está certo.

— Oh! Não percebo nada. Tudo isto são tolices — replicou Levine, cada vez mais taciturno.

— É possível, mas quando te metes nas coisas, embrulhas tudo.

Levine nada respondeu e entraram os dois na sala grande.

Embora o marechal da nobreza da província adivinhasse no ambiente a fraude que se preparava e embora nem todos lhe tivessem pedido que apresentasse a sua candidatura, decidiu fazê-lo. Após o silêncio que se fez na sala, o secretário declarou em voz alta que ia proceder se à votação, para a presidência da nobreza, do nome do comandante de cavalaria, Mikail Stepanovitch Snetkov,

Os marechais de distrito levantaram se das suas mesas respectivas e foram instalar se com as urnas que continham as bolas na mesa de honra. E as eleições principiaram.

— Põe a bola à direita — soprou Stepane Arkadievitch a Levine, quando este se aproximou da mesa na companhia do irmão. Mas Levine, que se tinha esquecido das explicações complicadíssimas de Sérgio Ivanovitch, julgou que se tratava de um erro de Oblonski: pois Snetkov não era adversário? Diante da própria urna passou a bola da sua mão direita para a sua mão esquerda e votou tão ostensivamente à esquerda que um eleitor que o estava a observar franziu o sobrolho: era um cavalheiro que se dedicava à arte de adivinhar os votos e a sua penetração encarava desdenhosamente manobra tão evidente.

Todos se calaram e daí a pouco ouvia se o ruído das bolas que estavam a contar. Depois uma voz proclamou o número de bolas a favor e contra.

Snetkov fora eleito por uma maioria considerável de votos. Todos se precipitaram para as portas com grande ruído. Snetkov apareceu e os nobres rodearam no para o felicitarem.

— Então acabou? — inquiriu Levine do irmão.

— Acaba de principiar, pelo contrário — respondeu lhe, sorrindo Sviajski, em vez de Kosnichev. — O candidato à presidência pode obter um número de votos superior.

Levine voltara esquecer esta subtileza. E isso precipitou o numa espécie de melancolia. Julgando se inútil, voltou para a sala pequena, onde a presença dos criados o restituiu à serenidade. O velho ofereceu lhe os seus préstimos, propondo lhe que comesse alguma coisa, e Levine acedeu. Depois de comer uma costeleta com feijão branco e de conversar com o criado velho acerca dos antigos amos deste, Levine, que não queria voltar para a sala onde se sentia tão mal, foi dar uma volta pelas tribunas.

As tribunas estavam cheias de senhoras elegantes, que se debruçavam sobre a balaustrada, procurando não perder uma só palavra do que se dizia em baixo. Ao lado das senhoras, sentados ou de pé, viam se advogados e janotas, professores do ensino secundário e oficiais. Só se falava das eleições. Alguns punham em evidência o interesse dos debates, outros referiam se à extrema fadiga do marechal, e Levine ouviu uma senhora dizer para um advogado.

— Estou muito contente por ter ouvido Kosnichev. Vale a pena ficar se sem jantar para se ouvir um discurso destes. É magnífico! Que bem se ouvia! Nenhum dos senhores fala assim no tribunal de justiça. Só Maidel, e está muito longe de ter a eloqüência de Kosnichev.

Levine encontrou um lugar livre ao pé da balaustrada e, debruçando se, pôs se a olhar e a ouvir.

Os nobres estavam sentados, divididos em distritos por teias. No centro da sala havia um homem de uniforme, que, em voz alta e aguda, proclamou:

— O comandante de cavalaria do estado maior, major Avgueni Ivanovitch Apuktine, apresentou a sua candidatura para a presidência provincial da nobreza.

Reinou silêncio, um silêncio sepulcral, e depois ouviu se uma voz débil, de pessoa idosa.

— Recusa.

— Candidatura do conselheiro áulico Piotre Petrovitch Boll — disse, novamente, a mesma voz anterior:

— Recusa! — respondeu uma voz jovem e rangente. Voltou a ouvir se outro nome e de novo a palavra “recusa”. Assim decorreu cerca de uma hora. Levine, encostado à balaustrada, olhava e ouvia.

Ao princípio pareceu assombrado e fazia por compreender o que aquilo significava, mas depois, persuadido de que não seria capaz de compreender, principiou a aborrecer se. E ao lembrar se da inquietação e da irritação que vira em todos os rostos, sentiu se triste, resolveu ir se embora e abandonou a tribuna. Ao passar pelo vestíbulo, deparou se com um colegial que passeava de um lado para o outro, muito triste e com os olhos inchados de chorar. Na escada viu uma senhora que corria, veloz, com os seus sapatos de salto alto, seguida de um buliçoso substituto de fiscal.

— Eu bem lhe tinha dito que chegaríamos a tempo — dizia o substituto de fiscal, no momento em que Levine se afastava para deixar passar a senhora.

Levine encontrava se já na escada da saída principal e dispunha se a

retirar do bolso do colete o número do guarda roupa para levantar o agasalho de pele, quando o secretário veio até ele.

— Constantino Dimitrievitch, faça favor, estão a votar.

A despeito da sua categórica recusa, Nievedovski acabara por aceitar a candidatura.

O secretário bateu à porta da sala grande, que estava fechada; a porta abriu se, deixando passar dois proprietários de rosto afogueado.

— Já não podia mais! —exclamou um deles. Atrás dos proprietários, apareceu o rosto do marechal da nobreza: a sua fisionomia transtornada fazia pena.

— Tinha te proibido que deixasses sair quem quer que fosse! — gritava ele para o contínuo.

— Mas não que deixasse entrar, Excelência!

— Meu Deus! — exclamou o marechal da nobreza, suspirando profundamente, e, inclinando a cabeça, dirigiu se, em passo fatigado, para o centro da sala, direito à mesa eleitoral.

Como se esperava, Nievedovskoi foi efeito presidente provincial da nobreza por maioria de votos. Muitos estavam contentes, satisfeitos e sentiam se felizes, não poucos chegavam, mesmo, ao entusiasmo; outros mostravam se descontentes. O antigo marechal da nobreza caíra num desespero que não era capaz de esconder. Quando Nievedovski se dispunha a abandonar a sala, a multidão rodeou o, acompanhou o com entusiasmo, da mesma maneira que seguira o governador que inaugurara as eleições e tal qual como tinha seguido Snetkov quando fora eleito.

CAPÍTULO XXXI

O novo presidente da nobreza e muitos dos adeptos do partido vitorioso jantaram naquela noite em casa de Vronski.

Vronski assistira às eleições porque se aborrecia no campo, porque queria mostrar a Ana os seus direitos à liberdade, porque desejava ser agradável a Sviajski, que lhe prestara grandes serviços aquando das eleições do *zemtsvo* e, acima de tudo, porque pretendia desempenhar as obrigações que a si próprio se impunha a título de grande proprietário. Nunca esperava que as eleições viessem a interessá-lo àquele ponto e que nelas desempenhasse um papel de tanto êxito. Conquistara a simpatia geral e via perfeitamente que todos contavam já com ele. Esta súbita influência era devida ao nome que usava e à fortuna de que dispunha; à bela casa em que vivia na cidade e que lhe era cedida pelo seu velho amigo Chirkov, um financeiro que fundara em Kachine um banco assaz próspero; ao excelente cozinheiro que trouxera consigo da aldeia; à sua intimidade com o governador, um dos seus antigos camaradas e seu protegido; mas sobretudo às suas maneiras simples e encantadoras, que lhe granjeavam simpatias gerais, a despeito da reputação de altivez de que gozava. Em suma, à excepção desse insensato que achara por bem casar se com Kitty Tcherbatski e que acabara por lhe debitar *à propôs de botte*[122], uma série de tolices, todos aqueles que o tinham conhecido durante a sessão pareciam dispostos a testemunhar lhe as suas homenagens e a atribuir lhe o êxito da candidatura de Nievedovski. Sentia um certo orgulho em reconhecer, de si para consigo, que dentro de três anos, se entretanto estivesse casado e se lhe desse para aí, seria ele quem disputaria a próxima candidatura, exactamente como outrora, depois de aplaudir a vitória do seu jóquei, resolvera ele próprio disputar as corridas.

Por enquanto era a vitória do jóquei que estavam a celebrar. Vronski ocupava a presidência da mesa. A sua direita, sentava se o governador, jovem general do séqüito do czar, que cortejava os nobres, mas que para Vronski era apenas o velho camarada Maslov — Katka, que assim era conhecido no Corpo de Pajens — um protegido seu de outros tempos e a quem ele procurava *mettre à l'aise*[123]. A sua esquerda, sentava se Nievedovski, com o seu rosto jovem, impassível e mordaz, e a quem Vronski tratava com todas as atenções.

Sviajski fazia das tripas coração, tentando esquecer o seu fracasso. Outrossim, não reconhecia esse fracasso, como se depreendia do que dissera, levantando a sua taça e brindando por Nievedovski: teria sido impossível encontrar melhor representante para a nova direcção que

devia congraçar a nobreza. Por isso mesmo todos os homens honrados apoiavam e festejavam a eleição.

Stepane Arkadievitch também estava contente por poder passar o tempo de maneira tão agradável e por ver todas as pessoas tão satisfeitas. Durante o opíparo jantar recordaram se os vários episódios das eleições. Sviajski parodiou còmicamente o discurso lamuriento do antigo marechal da nobreza e, dirigindo se a Nievedovski, aconselhou o a que escolhesse outra forma melhor, mais complicada do que a das lágrimas, para o exame à tesouraria. Outro nobre má-língua referiu que Snetkov, que contava celebrar com um baile a sua reeleição para marechal da nobreza, mandara vir lacaios de calção e meia, os quais iam ficar agora desempregados, a não ser que "Sua Excelência" estivesse disposto a fazer o mesmo. Tratando Nievedovski a cada passo por "Excelência", todos sentiam a mesma satisfação que se tem quando num casamento se trata a noiva por "Minha Senhora". O novo marechal da nobreza fingia não só que lhe era indiferente a nomeação de que fora alvo, mas que até a menosprezava; a verdade, porém, é que não havia dúvida que se sentia feliz e se reprimia para não dar largas ao seu entusiasmo, pouco conveniente naquele meio novo e liberal em que se encontrava.

Durante o jantar foram enviados alguns telegramas a pessoas interessadas na marcha das eleições. Stepane Arkadievitch, que estava muitíssimo alegre, enviou também um a Daria Alexandrovna concebido nestes termos: "Nievedovski eleito por vinte votos. Felicitações. Comunica o."

Oblonski ditou o telegrama em voz alta e disse: "É preciso dar lhes uma alegria " Em compensação, Daria Alexandrovna, ao recebê-lo, limitou se a suspirar, lamentando o rublo gasto e compreendeu que o marido lho enviara depois de um jantar. Conhecia a fraqueza de Stiva de

fairejouer le télégraphe(Nota 109) depois dos jantares.

Tudo, pratos e vinhos estrangeiros, resultou muito digno, simples e alegre. Aquele grupo de vinte pessoas fora escolhido por Sviajski, entre homens professando as mesmas ideias liberais, de iniciativas novas e ao mesmo tempo inteligentes e honrados. Brindou se alegremente pelo novo presidente provincial da nobreza, pelo director do banco, bem como pelo "nosso amável anfitrião".

Vronski estava contente. Não esperava encontrar na província um ambiente tão agradável.

No fim do jantar a alegria foi maior ainda. O governador pediu a Vronski que assistisse ao concerto em benefício dos *irmãos* eslavos, organizado peja mulher, que muito desejava conhecê-lo.

— Depois haverá baile e verás as nossas “belezas” locais. Digo te que vale a pena.

— *No in my Une*(Nota 110) —respondeu Vronski sorrindo, pois gostava muito daquela expressão; prometeu, no entanto, que iria.

Momentos antes de se levantar da mesa, quando todos estavam a fumar, o criado de quarto de Vronski trouxe lhe uma carta numa bandeja.

— Chegou de Vozdvikenskoi, por um próprio — disse ele num tom importante.

— É espantoso como se parece com o substituto do fiscal Sventitski — disse em francês um dos convivas, referindo se ao criado de quarto, enquanto Vronski lia a carta de sobrecenho carregado. A carta era de Ana. Ainda a não lera e já sabia o que dizia. Convencido de que as eleições demorariam apenas cinco dias, prometera lhe voltar sexta feira. Era sábado e Vronski tinha a certeza de que aquela carta transbordava de censuras por ele não ter voltado para casa no dia prometido. Naturalmente a carta que lhe escrevera na véspera ainda não lhe chegara às mãos. O conteúdo da carta, efectivamente, era esse mesmo que Vronski imaginara, mas a sua forma, inesperada e particularmente desagradável:

Any está muito doente, o médico diz que talvez se lhe declare uma pneumonia. Sozinha perco a cabeça, A princesa Bárbara, em vez de ajudar, apenas serve para estorvar. Esperei te antes de ontem e ontem, e agora mando te esta carta para saber onde estás e o que fazes. Pensei ir eu própria, mas desisti, certa de que isso te desagradaria. Responde-me qualquer coisa para eu saber o que hei de fazer.

A criança estava doente e Ana pensara em vir ela própria? Mesmo com a filha doente era capaz de se mostrar tão hostil. O contraste entre a inocente alegria das eleições e aquele amor sombrio e penoso a que tinha de regressar confrangeu Vronski. Mas era preciso fazê-lo, e naquela noite regressou a casa no primeiro comboio.

CAPÍTULO XXXII

As cenas que Ana lhe fazia de cada vez que ele se ausentava só podiam agastar Vronski. Percebera isso e a si próprio prometera, à hora da partida para as eleições, suportar estòicamente a separação. Porém, o olhar frio e o tom imperioso em que ele lhe anunciara a sua resolução magoara a, e ainda ele não saíra de casa já ela não sabia como dominar se. Na solidão pôs se a comentar esse olhar com que ele lhe significara a sua independência e interpretara o, como sempre, num sentido humilhante para ela. “Claro, ele tem o direito de se ausentar quando lhe apetecer... e até mesmo de me abandonar por completo. Não tem ele, de resto, todos os direitos enquanto eu não tenho nenhum?... É pouco generoso da sua parte dar mo a entender... Mas como me deu ele a entender isso? Por um olhar duro?... É uma razão assaz vaga. No entanto, ele não me olhava assim outrora, e isto só quer dizer que o seu amor por mim arrefeceu...”

Embora convencida desse arrefecimento no amor de Vronski, Ana não se julgava capaz de remediar esse mal senão oferecendo lhe a ele um amor cada vez mais ardente e encantos sempre renovados. Aliás, só as ocupações múltiplas durante o dia e as doses freqüentes de morfina durante a noite eram capazes de amortecer o medonho pensamento que a torturava: um dia, talvez, Vronski deixaria de a amar, e então que seria dela? Tanto pensara nestas coisas que acabara por compreender que lhe restava ainda uma salvação: o casamento, e decidiu ceder aos primeiros argumentos que Stiva ou ele lhe apresentassem a favor do divórcio.

Cinco dias decorreram nestes transes; ia iludindo a sua angústia com passeios, conversas com a princesa, visitas ao hospital, leituras intermináveis. Mas, no sexto dia, ao ver o cocheiro voltar sozinho da estação, sentiu que as forças a abandonavam. Entretanto, a filha adoecera, mas com tão pouca gravidade que nem isso conseguira distraí-la; de resto, embora ela lhe desse cuidados, o certo é que não podia fingir sentir por essa criança sentimentos que não experimentava realmente. Quando chegou a noite aumentaram os terrores que sentia; convencida de que Vronski fora vítima de qualquer acidente, quis ir ao seu encontro, mas, reprimindo se, mandara lhe por um portador uma carta incoerente, que não teve sequer coragem de reler. No dia seguinte, pela manhã, a chegada da carta de Vronski fê-la arrepender se da impaciência que mostrara: como iria ela suportar a severidade do olhar de Vronski quando ele a fitasse depois de saber que a doença de Any não fora de gravidade? Apesar de tudo, o regresso dele era para ela uma grande alegria: ainda

que ele sentisse quanto era pesada a sua cadeia, a verdade é que lá estaria, e ela não o perderia de vista.

Sentada ao pé do candeeiro lia o último livro de Taine enquanto lá fora soprava o vento em rajadas e apurava o ouvido ao menor ruído. Depois de por várias vezes ter ouvido mal, ouviu distintamente a voz do cocheiro e o rodar da carruagem junto do peristilo. A princesa Bárbara, que se entretinha a fazer uma paciência, também ouviu. Ana levantou se; não ousava descer a escada, como o fizera já por duas vezes, e, corada, confusa, apreensiva quanto ao acolhimento que iria ter, deteve se. Todas as suas susceptibilidades se haviam desvanecido; agora só tinha a recear uma coisa: o descontentamento de Vronski e, recordando-se subitamente de que a pequenina estava muitíssimo melhor desde essa manhã, pareceu querer lhe mal por se haver restabelecido exactamente na altura em que ela enviara aquela carta. Porém, pensando que ia tornar a vê-lo, em carne e osso, todos os outros pensamentos desapareceram e quando o som da voz de Vronski veio até ela uma grande alegria se apoderou de si: correu ao encontro dele.

— A Any como está? — perguntou ele, inquieto, do fundo da escada, enquanto um criado lhe descalçava as botas forradas.

— Melhor.

— E tu? — perguntou ele, sacudindo os flocos de neve que se lhe haviam introduzido na pelica.

Ana tomou lhe uma das mãos entre as suas e puxou a para si, sem desfitar dele os olhos.

— Bem, ainda bem — disse Vronski, desatento ao vestido que ele sabia ter sido expressamente escolhido para o receber.

Estas atenções agradavam lhe, mas agradavam lhe há muito já; e no rosto transpareceu lhe essa expressão de uma imobilidade severa que Ana tanto receava ver lhe.

— Estou bem. E tu, como estás? — insistiu ele, beijando lhe a mão, depois de enxugar com o lenço a barba húmida.

“E o mesmo”, disse Ana de si para consigo, “contanto que esteja aqui. “ando aqui, não pode, não se atreve a não me amar.”

O serão passou se alegremente na presença da princesa, que se queixara de Ana, que tomara morfina.

— Que havia eu de fazer? Não conseguia dormir... Sempre, sempre a pensar. Quando ele está, quase nunca a tomo.

Vronski contou o que se passara nas eleições e Ana soube levá-lo, habilmente, a falar do que lhe agradava: dos seus próprios êxitos. Por

sua vez, ela contou lhe tudo o que lhe podia interessar a respeito da casa. E tudo o que lhe disse eram coisas que sabia serem lhe agradáveis.

Pela noite adiante, quando ficaram sós, Ana, julgando ter de novo tomado inteira posse dele, procurou fazê-lo esquecer a impressão desagradável que lhe causara a carta que escrevera.

— Confessa — disse lhe ela — que não ficaste nada contente com o meu bilhete e que não acreditaste nele.

— É verdade — replicou Vronski, e não obstante a ternura que lhe testemunhava, Ana compreendeu que ele não lhe perdoaria. — A tua carta era tão estranha: estavas inquieta por causa da Any e, no entanto, falavas me em ires ter comigo.

— Uma e outra coisa eram verdadeiras.

— Não duvido.

— Duvidas, sim; bem vejo que estás zangado.

— De maneira alguma. Apenas me contraria que não queiras reconhecer que existem obrigações...

— Que obrigações? A obrigação de assistir a um concerto?

— Não falemos mais nisso.

— Por que não havemos nós de falar mais nisso?

— Apenas quero dizer que se podem apresentar deveres imperiosos. Agora, por exemplo, vou ter que ir a Moscovo tratar de assuntos da casa... Oh! Ana, por que és tão irascível? Acaso ignoras que não posso viver sem ti?

— Se é assim — volveu lhe Ana, mudando subitamente de tom —, se chegas hoje para partires amanhã, se estás cansado desta vida...

— Ana, não sejas cruel. Bem sabes que estou pronto a tudo te sacrificar...

Já o não ouvia.

— Quando fores a Moscovo, irei contigo... Não fico aqui sozinha. Vivamos juntos ou então separemo-nos.

— Não quero senão viver contigo, mas para isso é preciso...

— O divórcio? Seja. Vou escrever lhe. Não posso continuar a viver assim... Mas irei contigo a Moscovo.

— Dizes isso em ar de ameaça: mas é isso mesmo que eu desejo; não me separar de ti — comentou Vronski, sorrindo. No entanto, o seu olhar continuava glacial e mau, como o de um homem exasperado por

uma perseguição. Ana compreendeu o que esse olhar queria dizer e a impressão que nesse momento sentiu nunca mais se lhe apagaria da memória.

Ana escreveu ao marido a pedir lhe o divórcio, e no fim de Novembro, depois de se separar da princesa Bárbara, que se via obrigada a regressar a Sampetersburgo, foi instalar se em Moscovo com Vronski.

SÉTIMA PARTE

CAPÍTULO I

Havia mais de dois meses que os Levines viviam em Moscovo. Tinha passado já o prazo em que, segundo os cálculos das pessoas entendidas no assunto, Kitty deveria dar à luz, sem que nada fizesse prever o parto para mais breve que dois meses antes. Tanto o médico como a parteira, Dolly, a mãe, e sobretudo Levine, não podiam pensar sem horror naquele acontecimento e começavam a sentir-se inquietos e impacientes. Apenas Kitty continuava serena e feliz.

Agora percebia claramente estar a nascer nela um novo sentimento de amor para com a criança que havia de chegar — e que em parte já existia nela — e nisto se compungia. Nessa altura, a criança já não era uma parte do seu corpo, mas às vezes chegava a viver por si mesma, independentemente da mãe. Amiúde lhe causava dores; mas à mistura com isso, apetecia-lhe rir com uma alegria nova e estranha.

Todos aqueles a quem amava estavam a seu lado e eram todos tão bons para ela, cuidavam tanto dela e faziam-lhe a vida tão agradável que, se não soubesse que aquele estado tinha de acabar dentro em pouco, não teria aspirado a existência melhor nem mais grata. A única coisa que fazia perder o encanto a essa vida era o facto de o marido não ser como ela gostava dele e como costumava mostrar-se na aldeia.

Kitty apreciava o tom tranqüilo, carinhoso e acolhedor que Levine tinha no campo. Na cidade andava constantemente inquieto e alerta, como se receasse que alguém o ofendesse e sobretudo que a ofendessem a ela, Kitty. Lá na aldeia, sentindo-se no seu ambiente próprio, nunca se precipitava nem nunca estava ocioso. Na cidade, pelo contrário, andava sempre apressado, como se não quisesse deixar que lhe escapasse alguma coisa, quando, na verdade, nada tinha que fazer. E Kitty condoía-se dele.

É certo que sabia que ele não inspirava pena aos outros. Nada disso. Quando Kitty o observava, em sociedade, como às vezes se olha para um ser querido, procurando vê-lo como se fosse um estranho, no intuito de avaliar a impressão que ele produzia nos demais, dava-se conta, e com alguns ciúmes, de que não só não inspirava pena, mas que até mesmo parecia muito atraente, graças à sua cortesia um tanto antiquada, à sua tímida amabilidade com as mulheres, à sua boa figura e, sobretudo, assim ela o imaginava, graças à sua expressiva fisionomia. Mas Kitty via-o por dentro, não por fora, e percebia que na cidade Levine não era o autêntico Levine. Pelo menos era essa impressão que lhe causava o estado de espírito do marido. As vezes, no seu foro íntimo, Kitty censurava-o por não saber viver na cidade.

Mas a si própria confessava outras vezes que realmente lhe seria difícil organizar ali a sua vida de maneira satisfatória para ele.

Realmente, que podia ele fazer? Não gostava de jogar as cartas. Não ia ao clube. Agora Kitty já sabia o que significava freqüentar homens alegres como Oblonski... Era preciso viver e visitar certos lugares. E era com horror que pensava nos sítios onde os homens costumavam ir em casos assim. Freqüentar a alta sociedade? Kitty não ignorava que isso o levaria a lidar com mulheres novas, coisa que lhe não agradava a ela. Ficar em casa com ela, com a mãe e com as irmãs? Era de crer que o marido se aborrecesse, por mais agradáveis que fossem para ela as conversas de Aline e Nadine, como o velho príncipe costumava chamar às tagarelices entre as filhas. Que havia ele de fazer então? Continuar a escrever a sua obra? Tentara fazê-lo, e de princípio fora à biblioteca tomar notas e recolher dados. Mas, como Levine costumava dizer, quando menos trabalhava menos tempo livre tinha. Depois, costumava dizer que na cidade perdia o interesse pelo livro a falar dele. A única vantagem da vida da cidade era não se levantarem discussões entre eles, marido e mulher. Ou fosse pelas condições da vida ou porque ambos se tivessem feito mais prudentes e razoáveis a tal respeito, o caso é que em Moscovo não discutiam por ciúmes, coisa que tanto receara quando se tinham mudado para a cidade. A esse respeito produzira-se mesmo qualquer coisa de muito importante para os dois: o encontro entre Kitty e Vronski.

A velha princesa Maria Borisovna, madrinha de Kitty, que sempre gostara muito dela, desejou vê-la. Kitty, que em virtude do seu estado não ia a parte alguma, foi, sem embargo, visitar a respeitável senhora na companhia do pai e em sua casa encontrou-se com Vronski.

O coração acelerou-se-lhe no peito, depois corou muito, ao ver Vronski vestido à paisana e ao reconhecer aquelas suas maneiras que tão familiares lhe haviam sido. Mas foi tudo obra de segundos. Ainda o velho príncipe não acabara de falar com Vronski, que intencionalmente entabulara conversa com ele, já Kitty estava disposta a olhá-lo e a dirigir- lhe a palavra, caso fosse preciso, com a mesma naturalidade com que falava à princesa Borisovna. Aliás, fá-lo-ia de maneira que a mínima inflexão e o mais leve sorriso merecessem ser aprovados pelo marido, cuja presença invisível parecia sentir naquele momento a seu lado.

Trocou com ele algumas palavras e até sorriu serenamente quando Vronski fez ironia acerca das eleições, a que chamou o “nosso

Parlamento”. (Era preciso sorrir para mostrar que compreendera o dito de espírito.) Mas logo se voltara para a princesa Maria Borisovna, não tornando a olhar para Vronski -até que ele se levantou e se

despediu.

Então Kitty encarou-o, apenas porque seria falta de cortesia não olhar para uma pessoa que se despedia.

Ficou reconhecida ao pai por não ter feito referência ao encontro com Vronski, embora verificasse, pela especial ternura que teve para com ela depois da visita, durante o seu costumado passeio, que ficou contente com o seu comportamento. Também ela se sentia satisfeita consigo mesma. Nunca se julgara capaz de enterrar no fundo da alma a lembrança do antigo sentimento que Vronski lhe inspirara, e o que era certo é que não só mostrara indiferença e serenidade diante dele, como fora isso mesmo que experimentara.

Levine corou muito mais do que Kitty quando esta lhe descreveu o encontro com Vronski em casa da princesa Maria Borisovna. Foi-lhe muito difícil falar-lhe nisso e ainda mais contar-lhe os pormenores de tal encontro, uma vez que Levine nada lhe perguntava, limitando-se a olhar para ela de sobrecenho carregado.

— Tenho muita pena que não estivesses presente — disse Kitty —, ou pelo menos gostaria que me tivesses visto pelo buraco da fechadura, pois diante de ti talvez não tivesse mantido o meu sangue-frio. Vês como eu estou corada? Muito mais do que então, garanto-te.

Levine, primeiro mais corado do que ela, ouvindo taciturno o que ela lhe dizia, serenou diante do olhar sincero da mulher e fez-lhe mesmo várias perguntas que lhe permitiram justificar a sua atitude. Completamente sossegado, disse-lhe que de futuro se não comportaria da maneira tola como se comportara nas eleições e se mostraria para com Vronski de uma amabilidade perfeita.

— É tão penoso — confessou ele — recear a presença de um homem e considerá-lo quase como um inimigo!

CAPÍTULO II

— Não te esqueças de visitar os Boll — disse Kitty ao marido quando, às 11 da manhã, este lhe entrou no quarto para se despedir. — Já sei que vais jantar com o pai no clube. Mas até lá, que fazes?

— Vou muito simplesmente a casa do Katavassov.

— Por que vais então assim tão cedo?

— Katavassov prometeu apresentar-me a Metrov. Queria falar-lhe da minha obra. É um sábio muito célebre em Sampetersburgo.

— Ah! Já sei. É o autor daquele artigo que tu tanto gabaste, não é assim? — perguntou Kitty. — E depois?

— Talvez passe pelo tribunal por causa daquela questão da minha irmã.

— E o concerto? — perguntou Kitty.

— Como queres que eu vá sozinho ao concerto?

— Pois devias ir; vão tocar essas coisas novas... que tanto te interessam. No teu lugar, não deixaria de ir.

— Em todo o caso, voltarei a casa antes do jantar — replicou Levine, consultando o relógio.

— Veste o teu redingote para poderes ir directamente a casa da condessa Boll.

— Achas absolutamente indispensável?

— Com certeza. O conde foi o primeiro a visitar-nos. Que trabalho terá isso? Chegas, sentas-te, falas cinco minutos acerca do tempo, levantas-te e vais-te embora.

— Talvez me não acredites, mas estou tão desabituado destas coisas que me custa fazê-lo. Que costume patusco, realmente! Chega uma pessoa a casa de outra, sem mais nem menos, senta-se, não tem nada que dizer, incomoda essa gente, incomoda-se a si próprio e, depois, ala!

Kitty desatou a rir.

— Mas não fazias visitas quando eras solteiro? — perguntou-lhe.

— Fazia, mas sempre me custou muito, e desacostumei-me a tal ponto, dou-te a minha palavra, que prefiro ficar dois dias sem comer a ter de fazer esta visita. Envergonho-me. Receio que se ofendam e que me perguntem “que vem o senhor aqui fazer”?

— Não se ofenderão. Posso garantir-te — replicou Kitty mirando-o sorridente. Pegou-lhe na mão. — Bom, adeus... Não deixes de ir, peço-te.

Depois de beijar a mão à mulher, Levine dispunha-se a sair quando esta o deteve.

— Kóstia, sabes que me restam apenas cinqüenta rublos?

— Bom, irei ao banco levantar dinheiro. De quanto precisas? — perguntou com essa expressão de descontentamento que ela tão bem lhe conhecia.

— Espera — Kitty reteve-o, segurando-o pela mão. — Precisamos de falar; estou preocupada. Tenho a impressão de que apenas gasto o indispensável, e o dinheiro voa. Com certeza não administramos bem.

— Não, não — replicou Levine, tossindo e olhando para ela de sobrancelhas franzidas.

Kitty também lhe conhecia essa maneira de tossir. Era sintoma de grande descontentamento, não com ela, mas consigo mesmo. Com efeito não estava descontente por terem gasto muito dinheiro, mas por isso lhe devia recordar que as coisas não caminhavam bem, pormenor que ele desejaria esquecer.

Mandei dizer ao Sokolov que venda o trigo e que receba adiantado o do moinho. Seja como for, teremos dinheiro.

— Mas receio que estejamos a gastar de mais.

— Não, não. Adeus, querida.

— Às vezes chego a lamentar ter dado ouvidos à mãe. Sou uma maçada para todos e estamos a gastar rios de dinheiro... Porque não ficámos nós na aldeia?

— Não, não, não estou arrependido de coisa alguma desde que nos casámos...

— Falas a sério? — interrogou ela, olhando-o bem nos olhos.

Levine falara sem pensar, tão-só para tranqüilizar Kitty, mas, quando esta o fitou, e ele deu com os seus olhos sinceros cravados nele, interrogando-o, repetiu o que dissera, agora de todo o coração. “Esqueço tudo quando a vejo”, pensou ele. E lembrando-se do que o esperava para breve:

— Como te sentes? — perguntou-lhe, pegando-lhe nas duas mãos.

— Falta pouco?

— Tenho-me enganado tantas vezes nos meus cálculos que não quero dizer mais nada.

— Não tens medo?

— Absolutamente nenhum — replicou ela com um sorriso altivo.

— Se houver alguma coisa de novo, já sabes que estou em casa de Katavassov.

— Não haverá nada, não penses nisso. Espero-te antes de jantar. Entretanto vou dar uma volta com o pai. Passaremos por casa da Dolly... A propósito, sabes que a situação dela está a tornar-se impossível? A desgraçada deve a todas as pessoas e não tem um centavo consigo. Falámos ontem disso com a mãe e com o Arseni (o marido da irmã

Natália) e resolvemos pedir-te que tenhas uma conversa séria com o Stiva. Com o pai não se pode falar disso. Mas se tu e o Arseni...

— Achas que ele nos dará ouvidos?

— Fala, no entanto, com o Arseni.

— Pois sim; passarei por casa deles e talvez vá ao concerto com a Natália. Bom, adeus.

No vestíbulo, Kuzma, o velho criado de Levine, que na cidade desempenhava funções de mordomo, deteve o amo.

— Voltaram ontem a ferrar o Krasavtchik, mas continua a coxear. (Referia-se ao cavalo de tiro, que atrelavam à esquerda, e que tinham trazido da aldeia.) Que acha que devemos fazer? — perguntou ele.

Levine trouxera cavalos da aldeia, mas não tardou a reconhecer que lhe ficavam mais caros do que os cavalos de aluguer e que, além disso, mesmo com cavalos próprios, muitas vezes precisava de recorrer aos outros.

— Manda chamar o veterinário, é capaz de ter alguma pisadura.

— E quem há-de levar Catarina Alexandrovna? — perguntou

Kuzma.

Nos primeiros tempos da sua estada em Moscovo, Levine não podia compreender que, para visitar alguém, a dez minutos de distância, fosse preciso mandar atrelar dois vigorosos cavalos a uma pesada caleche, percorrer um quarto de versta por ruas cobertas de neve e depois deixá-los quatro horas imóveis à porta, gastando cinco rublos ao todo. Agora, pelo contrário, achava isso perfeitamente natural.

— Aluga uma parelha de cavalos.

— Sim, senhor.

E depois de resolver com a maior facilidade um problema que na aldeia lhe teria exigido morosas reflexões, Levine saiu, deteve um trem

de praÇa e mandou que seguisse para a Rua Nikitskaia, inteiramente entregue à ideia de discutir a sua obra com um sábio petersburguês, muito célebre, que se dedicava à sociologia.

Levine habituara-se depressa àquelas despesas indispensáveis, cuja insensatez deixa atônito o provinciano que se estabelece em Moscovo. Acontecia-lhe o que acontece aos bêbedos, a quem, segundo um velho ditado, só o primeiro copo é que custa. Quando trocou a primeira nota de cem rublos para pagar as librés do criado e do guarda-portão, servidores que ele considerava perfeitamente desnecessários, contra a opinião da sogra e da mulher, achou que aqueles luxos correspondiam ao salário de dois operários, trabalhando de sol a sol, da semana da Páscoa ao

Carnaval, isto é, perto de trezentos dias — e achou que a pílula custava a engolir. Já lhe pareceu menos amarga na altura de puxar da segunda nota, com a qual pagou uma conta de vinte rublos, preço de dois manjares que adquirira para uma festa de família, não sem pensar que com esse dinheiro podiam adquirir-se nove cheverts de aveia, que um punhado de homens ceifara, amarrara, crivara e ensacara com o suor do seu rosto. As notas seguintes haviam voado como passarinhos: Levine não mais perguntara a si próprio se o prazer comprado com o seu dinheiro correspondia à pena que dava a ganhar. Também esquecera o projecto que fizera de não vender o trigo a preço inferior ao corrente. O centeio, cujo preço defendera durante muito tempo, vendeu-o a cinqüenta copeques menos cada cheverts que no mês anterior. Já não via que tivesse importância o cálculo que fizera, segundo o qual com aqueles gastos se tornava impossível viver o ano inteiro sem contrair dívidas. Apenas precisava de uma coisa: de dinheiro no banco, sem querer saber de onde provinha, suficiente para o dia a dia. E até então, os seus cálculos sempre se haviam cumprido: tivera sempre dinheiro no banco. Agora, porém, esse fundo esgotara-se e já não sabia onde ir buscar mais dinheiro. Eis por que sentira, momentaneamente, um certo desgosto, ao ouvir Kitty falar-lhe em dinheiro. O certo é, contudo, que não tinha tempo para pensar nisso. Estava a lembrar-se de Katavassov e a pensar em que iria conhecer Metrov.

CAPÍTULO III

Durante a sua estância em Moscovo, Levine reatara amizade com o seu camarada do tempo de estudante, o professor Katavassov, a quem não tornara a ver desde que se casara. Katavassov agradava-lhe pela clareza e singeleza com que encarava a vida, coisa que Levine considerava conseqüência da pobreza do seu espírito. Por sua vez, Katavassov atribuía a incoerência das ideias de Levine à falta de disciplina da sua inteligência. E era sem dúvida em virtude destas opostas qualidades — clareza um tanto estéril num deles, riqueza indisciplinada no outro — que gostavam de se encontrar e de discutir longamente. Katavassov persuadiu Levine a ler-lhe alguns capítulos da sua obra e, tendo-os achado dignos de interesse, falou neles a Metrov, sábio eminente, de passagem em Moscovo, cujos trabalhos Levine muito apreciava. Na véspera, ao encontrar Levine numa conferência pública, Katavassov dissera-lhe que o célebre Metrov, de quem apreciara tanto um artigo, se encontrava em Moscovo. Estava muito interessado, depois do que ele lhe dissera, na obra de Levine e no dia seguinte, às 11 da manhã, iria a casa de Katavassov, onde esperava conhecê-lo.

— Decididamente, meu amigo, está-se a corrigir. Tenho muito prazer em vê-lo — exclamou Katavassov, recebendo Levine no seu salãozinho. — Ouvi a campainha, e pensei: "É impossível que chegue com tanta pontualidade..." Que me diz dos montenegrinos? São guerreiros de raça.

— Que aconteceu? — perguntou Levine.

Em breves palavras, Katavassov pôs Levine ao corrente das últimas notícias, e, penetrando no escritório, apresentou-lhe um senhor de estatura média, nutrido e de agradável presença. Era Metrov. A palestra versou algum tempo sobre política e os comentários das altas esferas de Sampetersburgo aos últimos acontecimentos. Metrov repetiu as palavras que haviam sido proferidas pelo imperador e por um dos ministros, a respeito disso mesmo, garantindo tê-las ouvido de fonte fidedigna. Katavassov, por sua vez, também ouvira, como coisa fidedigna, que o imperador dissera precisamente o contrário. Levine procurou uma explicação com a qual pudessem tornar-se certas tanto as primeiras como as segundas palavras e mudaram de assunto.

— O meu amigo — disse então Katavassov — está a dar a última demão a uma obra sobre economia rural. Não sou perito na matéria, mas, como naturalista, agrada-me muito que não tome a humanidade como algo estranho às leis zoológicas, antes pelo contrário, considero

que depende do meio ambiente, procurando as leis do desenvolvimento da sua teoria precisamente nessa relação.

— É muito interessante — observou Metrov.

— Para dizer a verdade, principiei a escrever um livro sobre economia rural, mas, involuntariamente, ao ocupar-me do primeiro instrumente desta, o operário — disse Levine, corando —, cheguei a conclusões completamente inesperadas.

E Levine, com grande cuidado, como se tacteasse o terreno, principiou a expor os seus pontos de vista. Sabia que Metrov escrevera um artigo contra a teoria político-econômica generalizada, mas ignorava até que ponto poderia contar com o interesse dele para as suas novas opiniões, e nem sequer o podia deduzir da expressão db rosto inteligente e sereno do sábio.

— Mas em que é que, na sua opinião, o operário russo difere dos outros? — inquiriu Metrov. — Do ponto de vista que o senhor considera zoológico, ou antes no das condições materiais em que ele se encontra?

Esta maneira de formular o problema vinha demonstrar a Levine que Metrov não estava de acordo com Katavassov. No entanto, continuou a expor as suas ideias, segundo as quais o camponês russo tinha um ponto de vista peculiar completamente distinto dos demais povos da terra. E, para o demonstrar apressou-se a acrescentar que, em seu juízo, isso era devido ao facto de o povo russo estar consciente de ter sido chamado a povoar grandes extensões despovoadas no Oriente.

— É muito fácil uma pessoa enganar-se quando tira conclusões sobre a predestinação geral de um povo — objectou Metrov, interrompendo Levine. — A situação do jornaleiro dependerá sempre da sua relação com a terra e o capital.

E sem deixar que Levine acabasse de expor o seu ponto de vista, Metrov pôs-se a explicar a particularidade das suas próprias teorias. Levine não percebeu em que consistiam estas, porque nem sequer se deu ao trabalho de compreendê-las. Dava-se conta de que Metrov, à semelhança de tantos outros, apesar do artigo em que refutava a doutrina dos economistas, apenas considerava o jornaleiro russo do ponto de vista do capital, das jornas e da renda. No entanto, via-se obrigado a reconhecer que na parte oriental, o maior território da Rússia, a renda era nula e os salários tão-só serviam de mantença para nove décimas partes dos oitenta milhões que constituíam a população e que o capital ainda a! não existia, a não ser sob a forma de instrumentos primitivos. Estudava o operário apenas sob este aspecto, apesar de não estar de acordo em muitas coisas com os economistas e

de possuir uma teoria própria nova sobre os salários, que expôs a Levine.

Este ouvia, de má catadura, e a princípio recalcitrava. Queria interromper Metrov, para expor a sua própria ideia, a qual, em seu entender, tornaria supérfluas explicações ulteriores. Mas não tardou a reconhecer que cada um deles encarava o problema de maneira tão diferente que nunca chegariam a entender-se, e não fez mais objecções, limitando-se a ouvir. Conquanto já lhe não interessasse de todo o que dizia Metrov, não deixava de sentir certo prazer em ouvi-lo. Lisonjeava- lhe o amor-próprio que um sábio como Metrov lhe expusesse as suas ideias com tanto calor, tantos pormenores e num à-vontade de quem fala a pessoas que conhecem a matéria. As vezes bastava-lhe uma única alusão para se referir a toda uma faceta do problema, coisa que Levine acreditava à conta dos seus próprios méritos. Não lhe passava pela cabeça que Metrov comentasse esse assunto com outras pessoas da sua roda e que trocasse com prazer impressões sobre a matéria, ainda confusa para ele, com o primeiro que se lhe apresentasse.

— Vai fazer-se tarde — disse Katassov, consultando o relógio, de uma das vezes que Metrov acabou de expor as suas ideias. — Celebra-se hoje o cinqüentenário de Svintitch e há uma sessão especial — acrescentou, dirigindo-se a Levine. — Piotre Ivanovitch e eu temos de assistir. Prometi ler uma comunicação sobre os trabalhos zoológicos de Svintitch. Venha connosco. Vai ser muito interessante.

— Sim, realmente, são horas — concordou Metrov. — Venha connosco e depois iremos a minha casa. Teria muito prazer em ouvir ler a sua obra.

— Ainda não está concluída,

— Sabe que assinei um memorando — disse Katavassov, que na dependência ao lado vestia a casaca.

E principiou a falar da questão universitária. A questão universitária constituía um acontecimento muito importante naquele Inverno em Moscovo. Três catedráticos velhos não tinham aceitado em Conselho a opinião dos jo vens, e estes haviam apresentado um memorando independente. Segundo uns, era abominável, segundo outros, acertado e justo, e os catedráticos haviam-se cindido em dois grupos.

Uns, a cujo partido pertencia Katavassov, viam no campo contrário um erro e uma vil delação; outros, puerilidade e pouco respeito às autoridades. Embora Levine não pertencesse à Universidade, várias vezes, desde que estava em Moscovo, discutira esta questão, formando, mesmo, um juízo próprio sobre o que se passava. E quando seguiam rua além, os três a caminho dos antigos edifícios da

Universidade, tomou parte na conversa que prosseguia sobre o mesmo assunto.

A sessão já principiara. Seis pessoas, a que se juntaram Katavassov e Metrov, tinham-se sentado diante de uma mesa coberta com um pano. Um deles lia qualquer coisa, com o nariz enterrado num manuscrito. Levine sentou-se ao pé de um estudante e em voz baixa perguntou-Lhe o que estavam a ler.

— A biografia — respondeu com cara de poucos amigos.

Levine ouviu maquinalmente a biografia do sábio e ficou a saber algumas particularidades curiosas sobre a sua vida. Quando o orador concluiu, o presidente agradeceu-lhe e leu uns versos que o poeta Ment compusera para comemorar aquela data, dedicando, também, a esse literato, algumas palavras de gratidão. Em seguida, Katavassov, em voz forte e rangente, pôs-se a ler a sua memória sobre os trabalhos do sábio.

Quando Katavassov terminou, Levine consultou o relógio, e, ao ver o adiantado da hora, compreendeu que não teria tempo, antes do concerto, de ler a sua obra a Metrov. Aliás, cada vez se lhe afigurava mais evidente a inutilidade de uma aproximação com o economista. Durante a conferência pensara na conversa que tinham tido. Se tanto um como outro estavam destinados a trabalhar com bons resultados, só o poderiam fazer cada um do seu lado.

No fim da sessão dirigiu-se a Metrov, que o apresentou ao presidente. Como viesse a falar-se de política, Metrov e Levine repetiram as frases trocadas em casa de Katavassov, apenas com uma diferença: que Levine emitiu uma ou duas ideias novas que acabavam de lhe ocorrer. Depois, como a famosa dissidência entre os professores voltasse à discussão, Levine, a quem enfadava tal coisa, apresentou as suas desculpas a Metrov e saiu, dirigindo-se à casa de Lvov.

CAPÍTULO IV

Lvov, o marido de Natália, irmã de Kitty, vivera sempre, quer nas duas capitais, quer no estrangeiro, onde fora educado e onde desempenhara funções diplomáticas.

No ano anterior abandonara a carreira, não porque tivesse tido quaisquer dissabores, pois era o homem mais dúctil do mundo, mas, muito simplesmente, para acompanhar mais de perto a educação dos seus dois filhos. Fixara residência em Moscovo, onde desempenhava funções na Corte. Apesar de uma diferença de idades assaz pronunciada e de opiniões e hábitos muito dissemelhantes, os dois cunhados haviam-se tornado verdadeiros amigos no decurso desse Inverno.

Lvov estava em casa e Levine entrou sem se fazer anunciar.

Comodamente instalado numa poltrona, Lvov, de roupão e sapatos de camurça, lia com um *pince-nez* de vidros azuis, enquanto fumava um charuto, meio queimado já, mantido pela sua bela mão a respeitável distância do livro pousado diante dele em cima de uma estante baixa. O seu fino rosto, enxuto e jovem, a que uma cabeleira anelada e argêntea dava um ar distinto, iluminou-se com um sorriso assim que viu Levine.

— Magnífico! E eu queria mandar-te buscar a casa. Como está a Kitty? Senta-te aqui, estarás mais comodamente. — Lvov levantou se e ofereceu a Levine uma cadeira de balouço — Leste a última circular do Journal de Saint-Pétersbourg? Acho a muito boa — disse, com sotaque ligeiramente francês.

Levine contou-lhe o que ouvira de Katavassov acerca dos rumores que circulavam em Sampetersburgo e depois de falarem de política referiu-lhe que conhecera Metrov e que estivera numa conferência. A

Lvov tudo isso interessou muito.

— Invejo te essas relações com o mundo científico, tão interessante

— disse, e animando se continuou em francês, seu costume, visto exprimir-se com mais facilidade nessa língua — Realmente também não dispunha de tempo. Tanto o meu serviço como as minhas ocupações com os rapazes me privam de tudo o mais e além do que, não tenho vergonha em confessá-lo, a minha instrução é muito deficiente.

— Deixa que eu não esteja de acordo com esse último ponto — observou Levine, rindo, pois achava sempre muito comovedora a

modéstia do cunhado, sabendo a sincera.

— Podes crer! Agora, que me ocupo da instrução de meus filhos, é que vejo até que ponto a minha é deficiente. Para lhes dar lições vejo me obrigado não só a refrescar a memória como até a estudar. Não bastam os professores, é preciso uma espécie de vigilante geral, como acontece nas tuas terras, onde, alem dos camponeses, precisas de um capataz. Agora estou a ler isto — Lvov mostrou lhe a gramática de Buslaiev, que estava na estante baixa — É o livro por onde estuda o Micha, e parece me tão difícil Escuta aqui, vê se me explicas isto Aqui diz.

Levine procurou explicar lhe que aquilo não podia aprender-se, era necessário apreendê-lo Mas Lvov não estava de acordo.

— Deves achar me ridículo — disse ele

— Muito pelo contrário, estás a servir me de exemplo para o futuro.

— Oh! O exemplo não é de seguir.

— Não vejo isso. Nunca conheci crianças com mais perfeita instrução do que as tuas, não desejava que as minhas a tivessem melhor Lvov não pôde esconder um sorriso de satisfação.

— Apenas desejo que os meus filhos valham mais do que eu. A sua instrução esteve muito abandonada durante a nossa permanência no estrangeiro, e não podes calcular as dificuldades que encontram agora.

— Não tarda que recuperem o perdido. São muito inteligentes. O mais importante é a educação moral. E é isso que me serve de lição quando vejo os teus filhos.

— Falas-me de educação moral. Não podes imaginar quanto isso é difícil? Ainda uma dificuldade está por vencer, surge logo outra, e de novo recomeça a luta. Se não fosse o apoio da religião Lembras que já falámos sobre este assunto? Nenhum pai poderá educar os seus filhos sem o auxílio dela.

Esta conversa, que sempre interessava a Levine, foi interrompida com a entrada da formosa Natália Alexandrovna, pronta para sair.

— Não sabia que estavas aqui — disse ela. Ao que parecia, o assunto da conversa interessava a muito menos a ela do que a Levine — E a Kitty como está? Hoje vou jantar com vocês. Ouve, Arseni — acrescentou, dirigindo se ao marido —, vais precisar do carro?

E marido e mulher discutiram acerca do que fariam naquele dia. Como Lvov tinha de receber alguém, por obrigação do seu cargo, a mulher queria assistir ao concerto e a uma reunião publica da Assembléia dos Estados do Sul, e precisavam de decidir tudo isso Levine, como pessoa da família, teve de tomar parte em todos esses

planos. Decidiram, por fim, que Levine iria ao concerto e à reunião pública com Natália, depois mandaria o carro a Arseni, que ma mais tarde buscar a mulher para levá-la à casa de Kitty. E na hipótese de ainda não estar livre nessa altura, da mesma maneira mandaria a carruagem, e Levine acompanharia Natália.

— Levine estraga me. — disse Lvov à mulher — Garante me que os nossos filhos são encantadores, quando a verdade é que na minha opinião estão cheios de defeitos.

— O Arseni é muito exagerado, estou sempre a dizer-lho — atalhou Natália — Se buscamos a perfeição, nunca chegaremos a estar satisfeitos. O pai tem razão no que diz quando nos educavam a nós, exagerava se noutro sentido. Estávamos no sótão enquanto os pais viviam no 1o andar. Agora, peio contrario, são as crianças que ocupam o 1o andar e os pais que vivem no sótão. Na actualidade, os pais já não têm razão de existir, tudo deve sacrificar se aos filhos.

— E porque não, se isso nos é tão agradável? — disse Levine, sorrindo, com o seu formoso sorriso, e acariciando-lhe a mão — Quem não te conhecesse, tomar te ia por madrasta.

— Não, o exagero não está bem em caso algum — replicou Natália, serena, colocando no seu lugar a faca do marido de cortar papel.

— Pois bem, venham cá, crianças modelo — disse Lvov a dois rapazinhos muito bonitos que apareceram no limiar da porta.

Depois de cumprimentarem o tio, os pequenos aproximaram se do pai, na intenção evidente de lhe perguntar qualquer coisa Levine teria desejado tomar parte na explicação, mas Natália principiou a falar com ele e daí a pouco entrava Makotine, o colega de Lvov, com o seu trajo do paço, que também ia esperar a personagem que chegava Iniciou se uma animada discussão a respeito de Herzegovina, da princesa Korzinskaia, do conselho municipal e da morte súbita de Apraxina.

Levine esqueceu-se do recado de que Kitty o encarregara. Apenas se lembrou já no vestíbulo.

— Espera! Kitty encarregou me de falar contigo por causa do Oblonski — disse ele, quando Lvov se deteve na escada, na altura em que acompanhava à porta a mulher e Levine.

— Sim, sim, *maman* quer que nós, os *beaux-frères,* o repreendam — comentou, corando. — Mas porque hei-de ser eu?

— Então eu me encarregarei disso — disse Natália sorrindo, que de casaco de peles pelos ombros aguardava que eles acabassem de falar.

— Bom, vamos.

CAPÍTULO V

No concerto iam executar duas peças novas; uma *Fantasia sobre o Rei Lear da Estepe* e um quarteto dedicado à memória de Bach. Levine gostaria muito de ter opinião sobre essas peças compostas num espírito moderno, e para não ser influenciado por ninguém foi encostar-se a uma coluna, depois de instalar a cunhada, decidida a ouvir o mais conscienciosamente que pudesse. Procurou não se deixar distrair pelo chefe de orquestra, de gravata branca, coisa que sempre distrai as pessoas desagradàvelmente. Tão-pouco olhou para as senhoras, cujos chapéus cheios de laços lhes tapavam hermeticamente os ouvidos, nem para todas essas personagens que, ou não se interessavam por coisa alguma ou se interessavam pelos assuntos mais diversos, inteiramente alheios à música. Evitara encontrar-se com os entendidos, bem como com os grandes palradores, e ali estava a ouvir, de olhos no chão.

Mas quanto mais ouvia o *Rei Lear,* tanto mais longe se sentia de poder formar uma opinião definida sobre essa obra: sem cessar, a frase musical, no momento em que devia desenvolver-se, fundia-se noutra frase, ou desvanecia-se, segundo o capricho do compositor, deixando no ouvinte, como única impressão, a de uma penosa procura de efeitos instrumentais. Os melhores passos resultavam desagradáveis e a alegria, a tristeza, o desespero, a ternura, o triunfo sucediam-se com a incoerência das impressões de um louco, para desaparecerem depois, subitamente, da mesma maneira.

Quando a execução do trecho se interrompeu bruscamente, Levine ficou surpreendido com a fadiga que aquela tensão de espírito inutilmente lhe provocara; dir-se-ia um surdo que estivesse a ver dançar e, ao ouvir os aplausos entusiastas do auditório, quisesse comparar as suas impressões às dos entendidos. As pessoas levantavam-se por todos os lados, formavam-se grupos e Levine foi juntar-se a Pestsov, que conversava com um dos mais famosos amadores.

— É extraordinário! — clamava Pestsov, na sua profunda voz de baixo. — Olá, viva, Constantino Dimitrievitch. A passagem de uma maior riqueza de colorido, a mais escultural, digamos, é aquela em que se adivinha a aproximação de Cordélia, em que a mulher, *das emi* Weibliche* entra em luta com a fatalidade. Não acham?

— E que tem que ver com tudo isto Cordélia? — ousou perguntar Levine, esquecido de que se tratava do *Rei Lear.*

— Cordélia aparece... Aqui! — exclamou Pestsov, batendo com os

dedos no sedoso programa que tinha na mão e mostrava a Levine.

Só então este se recordou do título da fantasia e se deu pressa em ler os versos de Shakespeare impressos, em tradução russa, no reverso do programa.

— Sem isto é impossível acompanhar a música — insistiu Pestsov, que, abandonado pelo amador, se voltava, por falta de melhor auditório, para o mesquinho interlocutor que era para ele Levine.

Uma discussão se travou em seguida entre eles acerca dos méritos e defeitos da música wagneriana. Levine sustentava que Wagner e os seus admiradores faziam mal em invadir o terreno de outras artes; a poesia não foi feita para nos dar os traços de uma fisionomia, competência que pertence à pintura. E em apoio do seu ponto de vista, Levine citou o caso recente de um escultor que agrupara em volta da estátua de um poeta as supostas sombras da sua inspiração.

— Estas figuras parecem-se tanto ou tão pouco com sombras que se vêem obrigadas a apoiar-se a uma escada — concluiu ele, satisfeito com a frase que fizera. Mas, mal a pronunciou, pareceu-lhe lembrar-se vagamente de que a dissera já uma vez, e talvez ao próprio Pestsov. E logo se sentiu pouco à-vontade.

Pestsov, pelo contrário, era de opinião de que a arte é só uma; para que possa atingir a grandeza suprema, precisa que as suas diversas manifestações sejam reunidas num feixe único.

Levine não pôde ouvir nada do quarteto: a seu lado, Pestsov, tagarelou todo o tempo. A simplicidade afectada daquele trecho fez-lhe lembrar a falsa ingenuidade dos pintores pré-rafaelistas.

Assim que terminou o concerto, foi ao encontro da cunhada. A saída, depois de deparar com várias pessoas conhecidas e de com elas trocar impressões sobre política, música e amigos comuns, lobrigou o conde Boll, e a visita que se sentia obrigado a fazer ocorreu-lhe ao espírito.

— Bom, então vai e quanto antes — disse-lhe Natália, a quem ele confessou os seus remorsos. — Talvez a condessa não receba hoje. Depois vem ter comigo à reunião da minha comissão.

CAPÍTULO VI

— A condessa recebe? — inquiriu Levine, ao penetrar no vestíbulo da residência dos Boll.

— Recebe, sim senhor, faça o favor de entrar — respondeu o guarda-portão, ajudando-o a despir a pelica sem mais considerações. "Que maçada!", pensou Levine. "Que hei-de eu dizer? E que vim eu aqui fazer?"

Suspirou, descalçou uma das luvas, alisou a copa do chapéu e entrou no primeiro salão. Ali encontrou a condessa que dava ordens severas a um criado. Ao ver a visita, sorriu e pediu-lhe que entrasse para a salinha contígua, onde as suas duas filhas conversavam com um coronel conhecido de Levine. Depois de uma troca de cumprimentos, este sentou-se no divã com o chapéu nos joelhos.

— Sua mulher como está? Foi ao concerto? Nós não pudemos ir: a mãe tinha de assistir a um funeral.

— Sim, já soube... Que morte tão repentina! — disse Levine.

A condessa entrou, sentou-se no divã, perguntou, por sua vez, pela saúde de Kitty e pelo concerto. Levine, por seu lado, lastimou uma vez mais a morte súbita de Apraxina.

— Mas, de resto, ela nunca gozou de grande saúde.

— Esteve ontem na Ópera?

— Estive.

— A Lucca foi muito bem.

— Realmente.

E como pouco lhe importava a opinião daquela gente, Levine repetiu o que ouvira dizer mil vezes a respeito do talento da cantora, dando a condessa a impressão de o estar a ouvir. Quando lhe pareceu que dissera o bastante, calou-se, e então o coronel, que se conservara calado até aí, teve a sua oportunidade para falar da Ópera, abordando o assunto da nova iluminação e falando da *folie journée*(Nota 111) que haveria dentro de dias em casa dos Tiurine. Em seguida levantou-se ruidosamente e apresentou as suas despedidas. Levine quis seguir-lhe o exemplo, mas um relance de olhos surpresos da condessa fez-lhe compreender que ainda não era altura de partir. Voltou a sentar-se, atormentado com a triste figura que estava a fazer e cada vez mais incapaz de encontrar assunto para conversa.

— Vai à reunião da Comissão do Sul? — perguntou a condessa. —

Dizem que deve ser muito interessante.

— Vou; prometi à minha *belle-soeur* ir buscá-la.

Novo silêncio, durante o qual as três senhoras se entreolharam.

"Agora deve ser a altura de me despedir", pensou Levine, e tornou a erguer-se. As senhoras não o detiveram mais. Apertaram-lhe a mão e pediram-lhe que transmitisse muitas lembranças à mulher.

Ao ajudá-lo a vestir a pelica, o guarda-portão pediu-lhe o endereço e inscreveu-o, com toda a solenidade, num soberbo livro encadernado.

"No fundo, estou-me nas tintas, mas, Deus do Céu, como isto é estúpido e ridículo!", pensava Levine, consolando-se com a ideia de que todos faziam a mesma coisa, e dirigiu-se à reunião pública da Comissão do Sul, onde devia encontrar-se com a cunhada, para acompanhá-la a casa.

Na reunião havia muita gente e estava lá quase toda a alta sociedade. Quando Levine chegou ainda liam a exposição geral dos trabalhos, muito interessante, segundo se dizia. Quando a leitura acabou, as pessoas reuniram-se e Levine encontrou-se com Sviajski, que o convidou, insistentemente, para visitar com ele a Sociedade de Exploração Agrícola, onde ia ler nessa noite um relatório de grande interesse. Também lá estavam Stepane Arkadievitch, que acabava de chegar das corridas, e outros conhecidos seus, com quem teve de trocar algumas palavras sobre a própria reunião, sobre uma peça que acabava de se estrear, sobre um processo que a todos apaixonava e a propósito do qual cometeu um erro que muito lastimou depois. Ao comentar a pena imposta a um estrangeiro julgado na Rússia e ao dizer que achava injusto que o expulsassem do país, Levine repetiu a frase que ouvira, na véspera, em conversa com um amigo:

— Acho que expulsá-lo é a mesma coisa que castigar uma solha, atirando-a à água — disse Levine.

Depois, tarde de mais, recordou-se que aquele pensamento, que expusera como próprio, pertencia a uma fábula de Kirilov e que a pessoa de cuja boca o recolhera o apanhara, por sua vez, num artigo de jornal.

Depois de acompanhar Natália a casa e de encontrar Kitty de óptima saúde, fez-se conduzir ao clube, onde chegou na altura em que já estavam todos, sócios e convidados.

CAPÍTULO VII

Levine não voltara a pôr os pés no clube desde esses tempos em que, terminados os seus estudos, vivia em Moscovo e freqüentava a sociedade. Lembrava-se do clube e de todos os pormenores das suas instalações, mas esquecera por completo a impressão que outrora lhe causara. No entanto, sentiu-se invadido pela mesma sensação de repouso, de prazer e de bem-estar que experimentava antigamente ao freqüentá-lo, mal entrou no amplo pátio em semicírculo e se apeou do trem. E essa sensação foi crescendo à medida que subia as escadas, e depois, quando o porteiro, com a sua faixa, lhe abriu a porta, sem ruído, dobrando-se diante dele; quando viu no bengaleiro as pelicas e as galochas dos sócios, que estes, para terem menos trabalho, despiam e descalçavam mesmo ali, em vez de subirem com elas para o andar nobre; e quando ouviu a misteriosa campainha que lhe seguia os passos e, ao subir a atapetada escadaria de degraus muito baixos, contemplou a estátua que ornamentava o patamar, reconhecendo em cima o outro porteiro, mais velho agora, que lhe franqueou a porta sem precipitações, embora expedito, de olhos fitos nele. — O seu chapéu, faça favor — disse para Levine, que se esquecera de que a praxe do clube exigia deixar os chapéus na portaria. — Há muito tempo que aqui não vem. O príncipe Stepane Arkadievitch ainda não chegou.

O porteiro não só conhecia Levine mas, também, os seus amigos e parentes e declinou alguns nomes de pessoas muito chegadas a ele. Levine atravessou a primeira sala, com os seus biombos, e a sala da direita, onde se vendiam frutas e, adiantando-se a um sujeito velho que caminhava, vagaroso, entrou na sala de jantar, cheia de gente animada. Contornando as mesas, quase todos ocupadas já, ia examinando os comensais. Entre eles reconheceu alguns: uns, que conhecia apenas de vista, outros, íntimos seus. Não se via uma cara inquieta ou agitada. Dir-se-ia que todos haviam deixado na portaria, juntamente com os chapéus e as galochas, desgostos e preocupações, e achavam-se ali reunidos para gozar, paulatinamente, os bens materiais da vida. Lá estavam Sviajski, Tcherbatski e Nievedovski, o velho príncipe, Vronski e

Sérgio Ivanovitch.

— Até que enfim! — exclamou o velho príncipe, sorrindo, enquanto lhe estendia a mão por cima do ombro. — Como está a Kitty?

— acrescentou, ajeitando o guardanapo numa das casas do colete.

— Está bem, jantam as três lá em casa.

— Ah! As “Aline-Nadine”! Aqui já não há lugar. Trata de arranjar pouso naquela mesa — disse o velho príncipe e, voltando-se, pegou no prato de sopa de peixe, que lhe apresentava um criado.

— Levine, aqui! — gritou uma voz jovial, a dois passos. Era Turovtsine, que estava sentado perto de um jovem oficial, diante de duas cadeiras reservadas. Depois de um dia tão sobrecarregado, a presença daquele pândego bonacheirão, por quem tivera sempre um fraco e que lhe fazia lembrar o dia do seu pedido de casamento, era-lhe particularmente agradável.

— Estão reservadas para si e para o Oblonski, que não tarda.

O oficial de olhos alegres, sempre risonhos, que se mantinha muito direito, era Gaguine. Turovtsine apresentou-o a Levine.

— O Oblonski chega sempre tarde.

— Aí vem ele.

— Acabas de chegar? — perguntou Stepane Arkadievitch, aproximando-se deles apressado. — Bons dias! Já tomaste vodka, não. Então vem cá.

Levine levantou-se e acompanhou Stepane Arkadievitch à mesa grande, onde havia vários pratos frios e diferentes espécies de vodka. Dir-se-ia que entre vinte acepipes diferentes não era difícil escolher um, mas Stepane Arkadievitch pediu um acepipe especial e não tardou que viesse servir-lho um criado de libré. Os cunhados beberam um copinho de vodka e voltaram para a mesa.

Quando comiam a sopa de peixe, trouxeram a Gaguine uma garrafa de champanhe, que este mandou servir aos quatro. Levine não se opôs e, até, encomendou outra garrafa. Tinha fome, comia e bebia com satisfação, tomando parte, com maior satisfação ainda, nas conversas alegres e simples dos seus companheiros de mesa. Baixando a voz, Gaguine contou uma das últimas anedotas de Sampetersburgo e, conquanto indecente e estúpida, era tão divertida que Levine soltou uma sonora gargalhada, chamando a atenção dos comensais das mesas vizinhas.

— É no mesmo estilo dessa outra “Isso é precisamente o que eu não posso suportar” — declarou Stepane Arkadievitch. — Conheces essa?

Mais uma garrafa! — gritou para o criado.

— Da parte de Piotre Ilitch Vinovski — disse um criado velhinho, depondo diante de Levine e do cunhado duas taças de champanhe a espumar. Oblonski pegou numa das taças e, depois de trocar olhares com um velho calvo, de bigodes ruivos, sentado noutra mesa, sorriu-lhe, com um aceno de cabeça.

— Quem é? — perguntou Levine.

— Conheceste-o em minha casa, não te lembras? Um bom rapaz!

Levine imitou Stepane Arkadievitch e pegou na taça.

A anedota de Oblonski também foi muito divertida. Levine contou outra, que outrossim agradou muito. Depois falou-se de cavalos, das corridas que se realizavam naquele mesmo dia e da habilidade com que ganhara o prêmio o Atlasny, de Vronski. Levine não deu pelo tempo enquanto durou o jantar.

— Ah! Aqui estão eles! — exclamou Stepane Arkadievitch, no final da refeição, inclinando-se por cima do espaldar da cadeira e estendendo a mão a Vronski, que se aproximava acompanhado de um alto coronel da Guarda. O rosto de Vronski reflectia também a alegria geral do clube. Apoiando-se ao ombro de Stepane Arkadievitch, segredou-lhe qualquer coisa, enquanto apertava a mão de Levine, com o mesmo sorriso.

— Tenho muita satisfação em tornar a vê-lo — disse ele. — Procurei-o nas eleições, mas disseram-me que tinha partido.

— Sim, fui-me embora nesse mesmo dia. Agora mesmo estávamos a falar do seu cavalo, Felicito-o— disse Levine.

— O senhor também tem cavalos, não é verdade?

— Não, meu pai é que tinha, mas, por tradição, entendo alguma coisa do assunto.

— Onde jantaste? — perguntou Stepane Arkadievitch.

— Estamos na segunda mesa, atrás das colunas.

— Tem recebido muitas felicitações — disse o alto coronel. — É bonito, o segundo prêmio imperial! Quem me dera ter tanta sorte com as cartas como ele tem com os cavalos! Perco o meu tempo. Vou até à sala infernal — acrescentou, afastando-se.

— É o Iachivne — explicou Vronski a Turovtsine, e sentou-se no lugar que ficara livre junto deles.

Depois de beber a taça de champanhe que lhe ofereceram, por sua vez mandou vir uma garrafa. Ou fosse do ambiente do clube ou do muito que bebera, o certo é que Levine falou animadamente com Vronski acerca da melhor raça de cavalos, sentindo-se muito contente por não experimentar a mínima animosidade contra ele. Disse-lhe, mesmo, entre outras coisas, que sabia, pela mulher, que tinham estado juntos em casa da princesa Maria Borisovna.

— Oh! A Maria Borisovna é um encanto! — exclamou Stepane Arkadievitch.

E a propósito contou uma anedota, que despertou o riso de todos os presentes. Vronski, sobretudo, riu com tanta satisfação que Levine se sentiu completamente reconciliado com ele. — Quê? Já acabámos? — acrescentou, levantando-se e sorrindo. — Então vamos!

CAPÍTULO VIII

Ao levantar-se da mesa, Levine, vendo-se levado pelas pernas com extraordinária ligeireza, dirigiu-se à sala de bilhar, acompanhado de Gaguine.

— Que te parece este nosso templo da ociosidade? — perguntou-lhe o velho príncipe, segurando-lhe o braço. — Vem aqui dar uma volta.

— Era precisamente o que eu queria: dar uma volta e relancear a vista por tudo isto. É muito interessante.

— Sim, para ti, e para mim também, mas de outra maneira. Quando vês velhinhos como aquele, julgas talvez que nasceram *chliupiki*

— disse, apontando para um sócio do clube, um velho muito corcovado, de lábio inferior pendente, que vinha ao encontro deles, arrastando os pés metidos numas botas macias.

— Que é isso de *chliupiki?*

— Quê? Não sabes o que é? É um termo do nosso clube. Como sabes, quando se fazem girar os ovos(Nota 112), eles acabam por ficar *chliupiki.* É o que nos acontece a nós: tanto freqüentamos o clube que acabamos *chliupiki.* A ti faz-te rir, mas a mim, antes pelo contrário, pois não tardarei a estar assim também. Conheces o príncipe Tchetchenski? — perguntou ele, e Levine depreendeu que o sogro se dispunha a contar-lhe algo divertido.

— Não, não o conheço.

— Que dizes? Pois tu não conheces o nosso famoso jogador de bilhar? Bom, pouco importa... Há uns três anos, ainda não era chliupiki. Fazia de valentão. E troçava dos demais. Ora um belo dia o nosso porteiro... Lembras-te do Vacili? Não pode ser, um gordo, sempre com uma piada engatilhada... Um dia, o príncipe, ao chegar, perguntou-lhe: "Quem está por aí? Chegou algum dos *chliupiki*?" E o porteiro respondeu-lhe: "O senhor é o terceiro." Já vês, meu amigo.

Falando e cumprimentando os conhecidos com que se encontravam, Levine e o príncipe atravessaram todas as salas: a grande, onde estavam as mesas de jogo em que jogavam os mais assíduos; a sala dos divãs, para o xadrez, onde toparam com Sérgio Ivanovitch, que conversava com um desconhecido; a sala de bilhar, onde, num recanto, com um divã, um grupo muito alegre, no qual estava Gaguine, bebia champanhe; e até deitaram uma olhadela à sala infernal, em que viram Iachivne, diante de uma mesa rodeada de

muitos “pontos”. Procurando não fazer ruído, penetraram na obscura biblioteca. Ali, junto a candeeiros com quebra-luz, viam-se um jovem de cara enfadada, que folheava revistas, e um general calvo, de nariz enfiado num alfarrábio. Também entraram numa sala a que o príncipe chamou a “dos sábios”. Ali três senhores discutiam animadamente as últimas notícias políticas.

— Príncipe, estamos à sua espera — veio dizer-lhe um dos jogadores que o procurava. E o príncipe lá foi jogar.

Ao ficar só, Levine sentou-se por momentos a ouvir o que esses cavalheiros diziam, mas, lembrando-se das conversas do mesmo gênero que ouvira desde a manhã, invadiu-o um tédio tão grande que se safou, n° encalço de Turovtsine e de Oblonski, com os quais, ao menos, não tinha ensejo de aborrecer-se.

Foi encontrá-los na sala de bilhar: Turovtsine, no grupo dos bons copos, Oblonski, parado junto à porta, na companhia de Vronski.

— Não é que ela se aborreça, mas esta indecisão enerva-a — ouviu Levine, que procurava seguir adiante, quando se sentiu agarrado por um braço.

— Não te vás embora, Levine — gritou-lhe Stepane Arkadievitch, de olhos húmidos, como ficava sempre depois de beber ou nas horas de enternecimento. Naquela noite havia as duas coisas. — É o meu melhor amigo — continuou, voltando-se para Vronski — e como tu também me és pelo menos tão caro e tão próximo, muito gostaria de vos aproximar: ambos são dignos disso.

— Agora nada mais nos resta do que cairmos nos braços um do outro — comentou Vronski, gracioso, oferecendo a mão que Levine apertou cordialmente.

— Com muito prazer, com muito prazer! — exclamou.

— Rapaz, uma garrafa de champanhe — ordenou Stepane Arkadievitch.

— E eu também — disse Vronsk.

A verdade, porém, é que, apesar desta mútua satisfação, nada encontraram para dizer um ao outro.

— Sabes que ele não conhece a Ana — observou Oblonski. — Estou disposto a levá-lo a tua casa. Vem cá, Levine.

— Será possível que a não conheça? — replicou Vronski. — Ana terá grande prazer em conhecê-lo. Podia ir com vocês, mas o Iachivne preocupa-me. Quero ficar aqui até ele acabar de jogar — acrescentou.

— Está a perder?

— Como sempre. E eu sou a única pessoa que tem mão nele nestas ocasiões.

— Que diriam vocês de uma partidinha de bilhar enquanto esperamos? Queres jogar connosco, Levine? — perguntou Stepane Arkadievitch. — As bolas — disse este para o marcador.

— Estavam já à espera há um bom bocado — respondeu ele, que dispusera as bolas em triângulo e se entretinha a fazer rolar a encarnada.

— Então vamos a isto!

Finda que foi a partida, Vronski e Levine sentaram-se à mesa de Gaguine. Levine, aceitando a proposta de Stepane Arkadievitch, apostou nos ases. Vronski, ora permanecia sentado junto à mesa, rodeado de conhecidos seus, que a todo o momento se aproximavam dele, ora ia a sala inferna! observar Iachivne. Levine sentia um agradável repouso após a fadiga cerebral daquela manhã. Alegrava-o o facto de não sentu hostilidade contra Vronski e de experimentar uma tal sensação de tranqüilidade, de bem-estar e de prazer.

Logo que a partida acabou, Stepane Arkadievitch travou-o pelo braço.

— Vamos visitar a Ana. Agora mesmo, queres? Está em casa. Há muito que lhe prometi levar-te lá. Onde vais esta noite?

— Para te falar com franqueza, a parte alguma. Prometi a Sviajski ir à Sociedade de Exploração Agrícola. Mas prefiro acompanhar-te.

— Pois seja; vamos então. Procura saber se o meu carro já chegou

— disse Stepane Arkadievitch para um criado.

Levine aproximou-se da mesa, pagou os quarenta rublos que perdera e também, de maneira misteriosa, a despesa que fizera no clube

(o criado velhinho, no limiar da porta, já sabia a quanto ascendia). Depois, agitando muito os braços, atravessou todas as salas em direcção à saída.

CAPÍTULO IX

— A carruagem de Oblonski! — gritou o porteiro na sua voz tonitruante.

A carruagem aproximou-se e ambos se instalaram lá dentro. A sensação de tranqüilidade, de prazer e de bem-estar provocada pelo ambiente do clube durou em Levine apenas até ao momento de atravessar o limiar da porta. Essa sensação desapareceu logo que o carro chegou à rua e ele lhe sentiu os solavancos no pavimento desigual, ouviu os gritos de um cocheiro de praça que se cruzou com eles e através da portinhola entreviu a tabuleta vermelha de uma taberna. Bruscamente restituído à realidade, a si mesmo perguntava se andaria bem apresentando-se em casa de Ana. Que diria Kitty? Stepane Arkadievitch, porém, não lhe deu tempo de se arrepender. Como se lhe tivesse adivinhado o pensamento, disse-lhe:

— Não calculas a satisfação que sinto em que a conheças! Dolly desejava-o há muito. Lvov também a visita de vez em quando. Não é por ser minha irmã, mas, realmente, é uma mulher superior. Infelizmente a sua situação é mais triste do que nunca.

— Porquê?

— Estamos a tratar-lhe do divórcio. O marido está de acordo, mas surgiram complicações por causa do pequeno e há três meses que estamos nisto, sem que as coisas se resolvam. Assim que o divórcio for declarado, casa com Vronski... Aqui entre nós, que estúpida coisa é este velho costume de se andar à roda a cantar "Regozija-te, Isaías", coisa em que já ninguém acredita e que impede as pessoas de serem felizes! — comentou Stepane Arkadievitch. — Quando tudo isto acabar, a situação dela será tão definida como a tua ou a minha.

— E em que consistem essas dificuldades?

— Ah! É uma história muito comprida! Tudo isso é tão indefinido aqui na Rússia!... O certo é que Ana vai para três meses que está em Moscovo à espera do divórcio, aqui, onde todos os conhecem aos dois, sem ir a parte alguma, e sem visitar as amigas, a não ser a Dolly, porque não está disposta a que lhe paguem as visitas por mera compaixão. Até a tonta da princesa Bárbara se foi embora, dando-lhe a entender que achava pouco conveniente viver com ela. Qualquer outra mulher na mesma situação não teria tido força para suportar tudo isto. Pois vais ver como ela organizou a sua vida. Que serena e digna! A esquerda, na azinhaga em frente da igreja — gritou Stepane Arkadievitch, deitando a cabeça fora da portinhola. — Que calor! — acrescentou, e apesar do frio que estava (dois graus abaixo de zero),

atirou a pelica para trás, já desabotoada.

— Mas ela tem uma filha, que lhe deve ocupar muito tempo — observou Levine.

— Decididamente, parece que paia ti a mulher não passa de *une couveuse*[129]. Ana tem muito em que se ocupar, mas não precisamente com a filha. Sim, ocupa-se dela, educa-a muitíssimo bem, mas não se trata disso. As suas principais ocupações são de ordem intelectual: escreve. Vejo que sorris, mas fazes mal: escreve para a juventude, e não fala nisso a ninguém, a não ser a mim, que mostrei o seu manuscrito a Votkuiev... O editor, não sei se sabes? Parece que também escreve e é entendedor. Pois bem, ele achou que a coisa era notável... Não julgues que se trata de uma literata. Nada disso. Antes de mais nada é uma mulher de grandes sentimentos. Vais ver. Agora tomou conta de uma pequena inglesa e de toda a sua família.

— Dedica-se então à filantropia?

— Não, estás sempre pronto a ver ridículo em tudo. Simplesmente por bondade. Tinham, ou, para melhor dizer, Vronski tinha um treinador inglês muito entendido em assuntos de equitação, mas um bêbedo. O desgraçado, atascado no vício, caiu no *delirium-tremens* e abandonou a mulher e os filhos. Ana interessou-se tanto por eles que tem hoje a família inteira a seu cargo. Mas não julgues que assim ou assado, de qualquer maneira, dando-lhes dinheiro. É ela própria quem ensina russo aos pequenos para eles poderem matricular-se na escola, e a pequena tem-na em casa. Vais ver.

A carruagem entrou no pátio da residência e foi estacar ao lado de um trenó. Stepane Arkadievitch puxou a campainha e, sem perguntar ao criado que lhes abriu a porta se Ana estava em casa, penetrou no vestíbulo. Levine seguiu-o, cada vez mais apreensivo quanto à legitimidade do seu procedimento.

Ao mirar-se ao espelho, viu-se muito corado, mas, certo de que não estaria embriagado, pôs-se a subir a escadaria atapetada no encalço de Oblonski. Quando chegaram ao patamar superior, Stepane Arkadievitch perguntou ao criado, que o cumprimentara como pessoa da casa, quem estava com Ana Arkadievna. O criado respondeu-lhe que o senhor Votkuiev.

— Onde estão?

— No escritório.

Depois de atravessar a pequena sala de jantar, com as suas paredes de madeira escura, Stepane Arkadievitch e Levine entraram numa saleta tênuamente alumiada por um candeeiro de quebra-luz escuro. Outro candeeiro na parede iluminava um retrato de mulher, em corpo

inteiro, de opulentos ombros, cabelos negros ondulados, sorriso pensativo e olhar perturbante, em que Levine pousou involuntariamente os olhos. Era o retrato de Ana pintado em Itália por Mikailov. Enquanto Oblonski se dirigia para o outro lado do biombo, onde a voz de homem que ali ressoava deixara de se ouvir, Levine examinou o retrato que avultava na sua moldura sob a chapa de luz. Não podia apartar dele a vista. Esqueceu até mesmo onde estava, e sem prestar a menor atenção ao que se dizia quedou-se de olhos fascinados. Não era um quadro. Era uma mulher viva e encantadora que o fitava com uns olhos de uma suave e fascinadora expressão. Só não estava viva, por ser mais bela do que a mais bela mulher real.

— Tenho muito prazer — disse, de súbito, uma voz junto aos ouvidos de Levine.

Essa voz dirigia-se a ele, naturalmente; e era a voz da mulher cujo retrato contemplava. Ana vinha ao seu encontro e Levine pôde ver, na meia-luz do escritório, a mulher do retrato, com um vestido escuro de tons azuis um pouco diferentes. Embora a sua atitude e a sua expressão fossem outras, a beleza era do mesmo gênero da representada pelo pintor. Com efeito, era menos deslumbrante, mas, em compensação, havia nela algo de novo e de atraente que o quadro não tinha.

CAPÍTULO X

Ana caminhou para ele sem esconder a alegria que aquela visita lhe dava. E na serenidade com que lhe estendeu a pequenina mão enérgica, na maneira como o apresentou a Votkuiev e lhe mostrou uma menina de aspecto agradável e um tanto ruiva que trabalhava ao pé da mesa, dizendo ser a sua protegida, Levine reconheceu esse à-vontade das mulheres de sociedade, sempre plácidas e naturais, que tanto lhe agradava. — Estou encantada, absolutamente encantada — repetia ela. E na sua boca estas palavras banais adquiriam um sentido especial. — Já o conheço há muito tempo e há muito que o estimo tanto pela sua amizade pelo Stiva como pela sua mulher. Apenas a vi uma vez ou duas, mas a impressão que ela me deixou foi encantadora: é uma flor, uma flor delicada. E ouvi dizer que vai ser mãe em breve.

Falava sem embaraço nem pressas, ora olhando para Levine ora para o irmão. Ao perceber que realmente agradava a Ana, Levine sentiu-se, não tardou muito, tão à-vontade como se a conhecesse desde criança. Oblonski perguntou se podia fumar.

— Foi por causa disso que Ivan Petrovitch e eu nos refugiámos no escritório do Alexei — respondeu Ana, oferecendo a Levine uma cigarreira de tartaruga, depois de tirar um cigarro.

— Como te sentes hoje — perguntou-lhe o irmão.

— Não me sinto mal. Um pouco nervosa, como sempre.

— Não é extraordinário? — disse Stepane Arkadievitch, ao notar que Levine não tirava os olhos do quadro.

— Nunca vi nada melhor.

— Nem nada mais parecido — acrescentou Votkuiev.

Levine desviou os olhos do quadro. Um resplendor especial iluminou o rosto de Ana ao sentir aquele olhar. Levine corou, e para esconder a sua perturbação quis perguntar a Ana se há muito não via Daria Alexandrovna, mas nesse momento ela dizia-lhe:

— Estávamos precisamente agora a falar, Ivan Petrovitch e eu, dos últimos quadros de Vatschenkov. Viu-os?

— Vi — respondeu Levine.

— Mas perdoe-me, interrompi-o. Ia dizer qualquer coisa, penso eu... Levine perguntou-lhe se não via há muito Daria Alexandrovna.

— Vi-a ontem, muito zangada com o professor de Latim do Gricha, que ela acha que foi injusto.

— Sim, vi os quadros de Vatschenkov, mas não me agradaram muito — disse Levine, voltando ao assunto inicial.

A conversa derivou para as novas escolas de pintura. Ana falava com inteligência, mas cheia de naturalidade, sem pretensão alguma, apagando-se, para que os outros brilhassem, e tão bem, que Levine, em vez de se sentir torturado, como lhe acontecera o dia inteiro, achou agradável não só falar, mas ouvir outrem. A propósito das ilustrações que um pintor francês acabava de fazer para a Bíblia, Votkuiev increpou o realismo exagerado desse artista. Levine, porém, objectou que esse realismo consistia numa reacção salutar, visto o convencionalismo em arte ter atingido em França proporções incomparáveis.

— Não mais mentir tornou-se para os Franceses como uma forma de poesia — disse ele, e sentiu-se feliz ao ver que Ana o aprovava, rindo. Nunca uma ideia inteligente dera tanta satisfação a Levine.

— Rio-me — explicou Ana — como nos rimos diante de um retrato muito fiel. O que acaba de dizer caracteriza maravilhosamente a arte francesa actual, não só pintura, mas até mesmo a literatura: Zola, Daudet, por exemplo... Naturalmente acontece sempre a mesma coisa: principia-se por se criarem tipos convencionais e, uma vez todas as *combinaisons*(Nota 113) feitas, regressa-se ao natural.

— Exactamente — disse Votkuiev.

— Quer dizer que vem do clube? — articulou Ana, debruçando-se para o irmão a quem segredou qualquer coisa.

"Sim, sim, ora aqui está uma mulher", pensou Levine, absorto na contemplação daquele rosto cheio de mobilidade, que ele percebia sucessivamente exprimir curiosidade, cólera e orgulho. A emoção de Ana foi, aliás, de breve duração; semicerrou os olhos, como que a concentrar as suas ideias, e voltando-se para a inglesinha, disse:

— *Please, order the tea in the drawing room*(Nota 114). A criança levantou-se e saiu.

— Que tal lhe correu o exame? — inquiriu Stepane Arkadievitch.

— O melhor possível. Tem muitas aptidões e muito bom feitio.

— Acabarás por lhe querer mais do que à tua própria filha.

— Ora aí está um pensamento de homem. Como se podem comparar esses dois afectos? Gosto da minha filha de uma maneira e desta pequena de outra.

— Ah! — declarou Votkuiev. — Se Ana Arkadievna quisesse empregar em benefício das crianças russas a centésima parte da actividade que consagra a esta inglesinha, que serviços a sua energia

poderia prestar! Não me canso de lho dizer.

— Que quer? Estas coisas não se impõem. Quando nós vivíamos na aldeia, o conde Alexei Kirilovitch (ao pronunciar as palavras conde Alexei Kirilovitch, Ana olhou timidamente para Levine, que lhe replicou com um olhar de respeito e aprovação) entusiasmou-se para que eu visitasse a escola da povoação. Fui lá várias vezes. Gosto muito de crianças, mas não consegui interessar-me por essa obra. Fala o senhor de energia? A energia tem por base o amor e o amor não se consegue à força. Afeiçoei-me a esta criança sem eu própria saber porquê.

Ana voltou a olhar para Levine e a sorrir-lhe; tanto o seu olhar como o seu sorriso lhe disseram claramente que era para ele que falava, certa como estava de que se compreendiam mutuamente.

— Tem toda a razão — disse Levine. — Nunca ninguém pôs o coração em obras filantrópicas e é por isso mesmo que elas dão tão pouco resultado.

Ana ficou calada um momento.

— Sim, sim — disse, daí a pouco. — *Je n'ai pás le coeur assez large*(Nota 115) para amar um asilo inteiro de meninas repugnantes. *Cela ne m'a jamais réussi*(Nota 116). No entanto, há muitas mulheres que conseguiram com isso criar uma *position sociale*(Nota 117). Sobretudo agora — acrescentou, com uma expressão triste, dirigindo-se aparentemente ao irmão, embora, na realidade, se dirigisse a Levine — que eu preciso tanto de uma ocupação, é que o não posso fazer — subitamente franziu o sobrecenho (Levine percebeu que era por sentir-se descontente de estar a falar de si mesma) e mudou de conversa. — Ouvi dizer que o senhor tem fama de mau cidadão — disse ela a Levine. — Mas sempre tomei a sua defesa.

— E como?

— Isso dependia dos ataques. Querem tomar chá? — Ana levantou-se e pegou num caderno com capa de carneira que estava em cima da mesa.

— Deixe ver, Ana Arkadievna — pediu Votkuiev, apontando o caderno. — É muito bom.

— Não, ainda não está como deve ser.

— Falei-lhe nisso — disse Stepane Arkadievitch à irmã, apontando para Levine.

— Não o devias fazer. Os meus escritos são no gênero destes cestinhos e outros objectos talhados em madeira, obra dos presos, como os que me vendia Lisa Merkalova... uma amiga minha que se

dedicava a obras de caridade — acrescentou, dirigindo-se a Levine. — E esses infelizes, também eles, coitados, faziam prodígios à força de paciência. E Levine descobriu outro traço do carácter daquela mulher, que tanto o impressionara já. Além de ser inteligente, graciosa e bela, era muito sincera. Não procurava esconder de Levine o que havia de doloroso na sua situação. Ao dizer isto, um suspiro se lhe soltou dos lábios e o rosto adquiriu-lhe, de súbito, uma expressão grave, como que petrificada, perfeita antítese da radiosa felicidade que Mikailov surpreendera tão bem e que apesar de tudo ainda a nimbava. Enquanto ela dava o braço ao irmão, Levine lançou um derradeiro olhar ao maravilhoso retraio e sentiu por Ana uma ternura e uma piedade que o surpreenderam.

Ana pediu a Levine e a Votkuiev que passassem para o salão e ficou só com Oblonski. "De que lhe estará ela a falar?", pensou Levine. "Do divórcio? De Vronski? Talvez de mim?" Tão emocionado estava que mal ouvia Votkuiev, que elogiava a história para crianças que Ana escrevera.

Durante o chá a conversa prosseguiu agradável e cheia de interesse. Não faltavam os assuntos e os quatro sentiam-se repletos de ideias. Parecia que a única coisa que faltava era tempo para dizer tudo e até havia necessidade de cada um se calar para deixar que o interlocutor falasse. Graças à atenção que Ana prestava a tudo o que se dizia, às inteligentes observações que fazia, tudo quanto se falava ganhava aos olhos de Levine um interesse especial. Não podia deixar de pensar naquela mulher, admirava-lhe a inteligência, a cultura e o tacto, a naturalidade e procurava adivinhar-lhe os sentimentos e penetrar até aos recessos da sua vida íntima. Tão pronto outrora a criticá-la com severidade, agora tudo lhe perdoava, e a ideia de que Vronski a não compreendesse confrangia-lhe o coração. Já passava das 11 horas quando Stepane Arkadievitch se levantou para sair; Votkuiev já os havia deixado.

Levine também se levantou, mas a custo. Parecia-lhe estar ali havia segundos apenas.

— Adeus — disse-lhe Ana, apertando-lhe a mão e fitando-o nos olhos com demorada atenção. — Estou muito contente que *la glace soit rompue*(Nota 118). — E soltando-lhe a mão, disse, num piscar de olhos: — Diga à sua mulher que lhe quero como antigamente e que se não pode perdoar- me a minha situação, lhe desejo que nunca chegue a compreendê-la. Para perdoar é preciso sofrer o que eu tenho sofrido e que Deus a livre disso!

— Pode ter a certeza de que lho direi — respondeu Levine, corando.

CAPÍTULO XI

"É uma mulher extraordinária! Que simpática e digna de compaixão!", pensava Levine ao pôr os pés na rua, acompanhado de Stepane Arkadievitch, sentindo no rosto o ar glacial da noite.

— Que te pareceu? Eu bem te disse — exclamou Stepane Arkadievitch, vendo Levine completamente conquistado.

— Não há dúvida — respondeu este, pensativo —, é uma mulher verdadeiramente excepcional! Não é só inteligente, mas extraordinariamente cordial. Inspira muita compaixão!

— Graças a Deus, tudo se vai arranjar, assim o espero. Mas ao menos, fica sabendo agora que de futuro não deves fazer juízos temerários — acrescentou Stepane Arkadievitch, abrindo a portinhola da carruagem. — Adeus. Vamos para lados diferentes.

Todo o caminho Levine recordou as mínimas frases de Ana, a agradável conversa que tivera com ela e os mais diminutos matizes da sua expressão, cada vez mais compadecido ante o drama que a afligia.

Ao entrar em casa, Kuzma entregou-lhe duas cartas e comunicou-lhe que Catarina Alexandrovna estava bem e que as suas duas irmãs havia pouco tinham saído. Para não se esquecer, Levine tratou logo de ler ali mesmo as cartas. Uma era do administrador, Sokolov: dizia-lhe que não pudera vender o trigo, pois apenas lhe ofereciam cinco rublos e meio, e que não tinha onde ir buscar mais dinheiro. A outra era da irmã, que o censurava por não ter resolvido ainda o caso dela.

"Bom, venderemos a cinco rublos e meio, já que não pagam mais", dizia Levine consigo mesmo, resolvendo assim, rapidamente, um problema que antes lhe teria parecido de muito difícil resolução. "É extraordinário como estou sempre tão ocupado aqui", pensou, ao ler a segunda carta. Sentiu-se culpado perante a irmã por não ter feito até então o que lhe pedira. "Também hoje não me foi possível ir ao tribunal." Decidiu fazê-lo no dia seguinte, enquanto se dirigia para o quarto da mulher. E rapidamente rememorou tudo o que fizera durante esse dia. Que fizera, afinal, senão conversar, conversar, nada mais? Nenhum dos assuntos abordados o teria preocupado na aldeia, só aqui assumiam importância. Nenhum deles lhe deixara tão-pouco má recordação, a não ser a infeliz história da solha... E não haveria também algo de repreensível no seu enternecimento por Ana? Encontrou Kitty triste e cismadora. O jantar das três irmãs decorrera muito alegre, mas, como Levine não aparecia, a noite acabara por lhe parecer longa de mais.

— Que fizeste tu? — perguntou-lhe ela, ao notar um brilho suspeito nos olhos do marido; mas nada lhe disse a esse respeito, para lhe não interromper as efusões. Muito pelo contrário, com um sorriso nos lábios ouviu-o contar o que fizera.

— Encontrei Vronski no clube, e em boa hora. De futuro não voltará a haver qualquer atrito entre nós, embora longe de num conviva com ele. O importante era acabar com esta tensão — dizendo o que, corou. Lembrara-se, de súbito, que para "não conviver com ele" fora a casa de Ana depois de sair do clube. — Dizem que a gente do povo bebe, mas não sei quem bebe mais, se o povo se a nossa classe. O povo bebe nos dias de festa, mas em compensação...

A Kitty pouco interessava saber quanto bebe o povo. Vira corai Levine e queria saber porquê. — Onde estiveste depois?

— Stiva insistiu muito comigo que o acompanhasse a casa de Ana Arkadievna.

Dito isto, Levine ainda mais corado ficou, e a dúvida que tinha sobre se procedera bem ou mal visitando Ana decidiu-se naquele momento. Agora dava-se conta de que o não devia ter feito.

Ao ouvir o nome de Ana, os olhos de Kitty abriram-se desmesuradamente e brilharam de modo especial, mas, num esforço sobre si mesma, dominou a emoção para iludir Levine.

— Ah! — limitou-se a exclamar.

— Não estás zangada, pois não? Stiva pediu-me com tanta insistência, e era esse, de resto, o desejo de Dolly — prosseguiu Levine.

— Oh, não! — exclamou Kitty, e Levine viu-lhe nos olhos o esforço que ela fazia para se dominar, o que não lhe augurava nada bom.

— É uma mulher simpática, boa e muito digna de compaixão — continuou Levine; e contou-lhe o que sabia da vida de Ana e o que ela lhe pedira que lhe dissesse da sua parte.

— Sim, é digna de compaixão — afirmou Kitty, quando Levine acabou de falar. — De quem recebeste carta?

Levine disse-lhe e, iludido pela serenidade de Kitty, entrou no quarto de toucador. Quando voltou ao quarto de dormir, Kitty não se mexera. Ao vê-lo aproximar-se, rompeu em soluços.

— Que foi? Que aconteceu? — perguntou Levine, sabendo perfeitamente o que acontecera.

— Enamoraste-te dessa repugnante mulher. Enfeitiçou-te. Vi-o logo nos teus olhos. Sim, sim! Que vai sair de tudo isto? Estiveste no clube,

bebeste de mais, onde havias tu de ir depois do clube senão a casa de uma mulher como ela?... Não, isto não pode continuar. Amanhã vamo-nos embora.

Levine viu-se em apuros para apaziguar a mulher. Só o conseguiu depois de prometer que não voltaria a casa de Ana, cuja perniciosa influência, à mistura com um excesso de champanhe, lhe perturbara a razão. O que ele lhe confessou com mais sinceridade foi que aquela vida ociosa, sempre a beber, a comer e a tagarelar, o tornava simplesmente estúpido. Falaram até às três da madrugada. Só a essa hora acabaram por se reconciliar e puderam dormir.

CAPÍTULO XII

Depois de acompanhai os seus convidados, Ana, sem se sentar um momento, pôs se a passear de um lado para o outro da sala. Havia tempo já que nas suas relações com os homens se comportava com uma coqueteria por assim dizer involuntária, naquela noite fizera o possível para enamorar Levine e ficara certa de que o conseguira, pelo menos na medida compatível com a honestidade de um recém casado. O jovem agradara lhe e, não obstante certos contrastes exteriores, o seu tacto de mulher permitira lhe descobrir entre Levine e Vronski essa afinidade secreta, graças à qual Kitty se enamorara dos dois homens. No entanto, assim que ele partira, esquecera-o. Um único pensamento a absorvia.

"Pois se eu causo tanta impressão nos outros, como, por exemplo, neste homem casado, e enamorado da mulher, porque se mostra ele tão frio comigo?... E não é que se mostre precisamente frio. Sei que me quer. Mas agora qualquer coisa nova nos separa. Porque não terá ele aparecido toda a tarde? Pediu ao Stiva que me dissesse que não podia abandonar o Iachivne, que tinha de o vigiar enquanto ele jogava. Será porventura Iachivne uma criança? Suponhamos que era verdade. Alexei nunca me mente. No entanto, nessa verdade há outra coisa. Gosta de me poder demonstrar que tem obrigações. Sei que assim é e estou de acordo, mas, para que mo demonstra ele? Quer fazer me ver que o seu amor para comigo não deve cortar a sua liberdade. Não preciso de demonstrações, mas de amor. Devia compreender quanto me é dolorosa a vida que levo aqui, em Moscovo. Acaso é isto viver? Eu não vivo, apenas espero um desenlace que vai tardando cada vez mais. Outra vez sem resposta! Não posso fazer nada, não posso empreender nada nem mudar nada. Domino-me e espero, procurando formas de me distrair a família do inglês, o livro que escrevo, a leitura. Mas tudo isto é ilusão, pura morfina. Alexei devia ter compaixão de mim" dizia Ana no seu foro íntimo, dando se conta de que as lágrimas lhe saltavam dos olhos ao compadecer se de si mesma.

De súbito, ouviu se a forte campainhada de Vronski. Ana não só tratou de enxugar logo as lagrimas, como fingiu a maior calma, sentando se junto ao candeeiro, com um livro na mão queria mostra lhe o seu descontentamento, não o deixar ver a sua dor. Vronski não devia permitir se ter pena dela. Era ela quem assim provocava a luta, que dizia ser ele o primeiro a instigar.

— Não te aborreceste? — perguntou lhe Vronski, aproximando-se dela, animado e alegre — Que terrível paixão o jogo.

— Não de todo Há muito que aprendi a não me aborrecer Estiveram aqui o Stiva e o Levine.

— Sim, eu sabia que pensavam visitar-te. Que te pareceu o Levine?

— perguntou lhe Vronski, sentando se a seu lado.

— Gostei muito dele. Foram-se há pouco. Que fez o Iachivne?

— Ao princípio esteve a ganhar dezassete mil rublos. Disse-lhe que abandonasse o jogo. Ainda chegou a levantar-se da mesa, mas depois voltou a ela e agora está a perder tudo.

— Então para que ficaste lá — perguntou Ana, erguendo de súbito os olhos para Vronski. A expressão que tinha no rosto era fria e desagradável — Disseste ao Stiva que ficavas para levar o Iachvine. E afinal deixaste o lá.

— Em primeiro lugar, não lhe pedi que te dissesse coisa alguma, em segundo, nunca minto. E o principal é que queria ficar e fiquei — replicou, de sobrecenho franzido — Para que me dizes isso, Ana? Para quê? — acrescentou, depois de um momento de silêncio, e inclinando-se para ela, de mão aberta, esperando que Ana lhe confiasse a sua.

Ana gostou daquele gesto de ternura, mas uma estranha força maligna a deteve, era como se as condições da luta impedissem de se submeter.

— Naturalmente querias ficar e ficaste. Fazes tudo o que queres Mas para que me dizes isso? Para quê? — exclamou, cada vez mais exaltada — Acaso alguém discute os teus direitos? Queres ter razão, pois fica com ela.

Vronski fechou a mão, endireitando-se, e no rosto pintou se lhe uma expressão ainda mais firme.

— Para ti é uma questão de casmurrice, sim, de casmurrice — repetiu ela, olhando fixamente Vronski, quando encontrou um qualificativo para aquela expressão que tanto a irritava — Para ti o que importa é saber qual de nós acabará por sair vencedor. Mas, para mim — outra vez sentiu compaixão por si própria e pouco faltou para romper a chorar — Se soubesses o que isso é para mim! Se soubesses o que significa para mim a tua hostilidade, sim, é essa a palavra. Se soubesses o medo que eu tenho de uma desgraça em momentos assim, o medo que tenho de mim mesma! — e Ana voltou o rosto para esconder as lágrimas.

— Mas a que propósito tudo isso? — perguntou Vronski, horrorizado, ao ver o desespero de Ana E inclinando se de novo para ela, beijou lhe a mão — Porque me falas assim? Porventura busco distracções fora de casa? Não é verdade que evito o convívio de

mulheres?

— Não faltava mais nada — exclamou Ana.

— Diz-me o que queres que eu faça para te tranqüilizar. Estou pronto a tudo para te fazer feliz — insistiu Vronski, comovido ao vê-la tão infeliz.

— Não é nada! Não é nada! — replicou Ana — Nem eu própria sei. Talvez a minha vida solitária, talvez os meus nervos Bom, não falemos mais nisso. Conta-me das corridas. Ainda não me disseste nada

— concluiu, procurando esconder a alegria da vitória que acabara por obter. Vronski pediu que lhe arranjassem de cear e enquanto comia contou-lhe os incidentes das corridas; mas Ana notou, no tom da sua voz e no seu olhar, cada vez mais frio, que lhe não perdoara aquela vitória e que reaparecia nele essa obstinação contra a qual lutara. Vronski mostrava-se mais frio para com ela do que anteriormente, como se se arrependesse de haver cedido. E Ana recordou as palavras que lhe tinham proporcionado a vitória: “Se soubesse o medo que eu tenho de uma desgraça em momentos assim, o medo que tenho de mim mesma!” Compreendeu, porém, que a arma era perigosa e que não podia tornar a empregá-la. Notava que, juntamente com o amor que os unia, surgia entre eles como que um espírito de luta, espírito de luta que não era capaz de apartar do coração e dominá-lo. Outro tanto acontecia a Vronski.

CAPÍTULO XIII

Não há situação a que um homem se não habitue, principalmente se todos os que o rodeiam vivem em iguais condições. Três meses antes, Levine não teria acreditado ser capaz de dormir descansado nas circunstâncias em que presentemente se encontrava, levando uma vida ociosa e sem objectivo, com despesas superiores às suas possibilidades, depois de se haver embebedado (era preciso dar às coisas o seu verdadeiro nome) no clube, de manter absurdas relações com um homem de quem a própria mulher estivera enamorada, de ter visitado e de se ter deixado cativar por uma criatura que afinal pouco mais era do que uma perdida e de haver feito sofrer Kitty. A verdade, porém, é que, graças ao cansaço, à noite passada em claro e ao vinho que bebera, dormiu um sono profundo e pacífico.

Pelas 5 horas, o rangido de uma porta que se abria acordou-o em sobressalto; Kitty não estava na cama a seu lado; no quarto do toucador, contíguo, viu uma luz que se movia e ouviu os passos da mulher.

— Que foi? Que foi? — exclamou, ainda ensonado. — Kitty, que é isso?

— Nada — replicou, entrando no quarto de dormir com uma vela na mão. — Senti-me indisposta — acrescentou com um sorriso particularmente agradável e significativo.

— Hem? Já principiou? — exclamou ele, assustado, procurando a roupa para se vestir o mais rapidamente possível. — É preciso chamar a parteira.

— Não, não — respondeu Kitty, risonha, detendo-o com um gesto de mão. — Podes ter a certeza que não é nada. Apenas me senti mal. já passou.

E aproximando-se da cama, apagou a vela, deitou-se e ficou em silêncio.

Por mais suspeitas que lhe parecessem, a Levine, a opressa respiração de Kitty e a suavidade com que lhe dissera: “Não é nada”, tão cansado pitava que adormeceu de novo, acto contínuo.

Só mais tarde lembrou aquele silencioso respirar e compreendeu tudo o que se passara naquela querida e formosa alma nos momentos em que, imóvel, estendida a seu lado, aguardava o maior acontecimento da vida de uma mulher. As sete acordou com a mão de Kitty no ombro, e ouvindo um sussurro. Dir-se-ia que Kitty lutava entre a pena que lhe dava acordar o marido e o desejo de conversar

com ele.

— Kóstia, não te assustes. Não é nada. Mas parece-me... Temos de avisar Elizabeth Petrovna.

A vela estava acesa de novo. Kitty, sentada na cama, tinha nas mãos o lavor em que andava empenhada havia dias.

— Peço-te que não te assustes, não é nada. Não tenho medo nenhum—prosseguiu ela, ao ver Levine tão perturbado. Pegou-lhe na mão, apertou-a contra o seio e depois levou-a aos lábios.

Levine ergueu-se de um salto, e sem deixar de olhar para ela enfiou o roupão e ficou parado diante da mulher. Tinha que ir, mas não podia apartar-se de Kitty. Aquele rosto fulgurante, sob a touca de dormir, de onde se derramavam madeixas de cabelo sedoso, rosto que ele tanto amava, e de que supunha conhecer toda a gama de expressões, surgia-lhe agora a uma luz completamente nova. Aquela alma cândida e transparente desvendava-se-lhe quase nos seus mais profundos recessos. E Levine sentiu-se corar de vergonha, lembrando-se do que se passara na véspera.

Kitty também tinha os olhos nele e sorria. Mas, de súbito, as pálpebras agitaram-se-lhe: levantou a cabeça e, puxando o marido contra o seio, apertou-o muito, como se uma grande dor a trespassasse. Ao perceber este sofrimento mudo, o primeiro movimento de Levine foi ainda considerar-se responsável dele; porém, o olhar pleno de ternura com que Kitty o fitou tranqüilizou-o: em vez de o acusar, parecia querer-lhe mais ainda. “Só eu sou culpado!”, disse de si para consigo, como se procurasse debalde o autor daquele sofrimento, a quem quisesse castigar, embora Kitty sofresse com a altivez do triunfo. Percebia que e'a estava a atingir paramos de sentimento incompreensível para ele.

— Já mandei chamar a mãe — disse ela. — E tu vai depressa procurar Elizabeth Petrovna... Kóstia!... Não, passou.

Kitty desprendeu-se de Levine para chamar a criada de quarto.

— Então vai, depressa. Sinto-me melhor e já aí está a Pacha, que não tarda.

E com espanto seu viu que Kitty pegava de novo no trabalho que pusera de lado e recomeçava a sua tarefa.

Enquanto saía por uma porta, ouvia a camareira entrar pela outra. Deteve-se e ficou a escutar as ordens de Kitty, enquanto a criada diligenciava mudá-la de cama.

Levine vestiu-se precipitadamente e enquanto atrelavam o carro, pois àquela hora matinal arriscava-se a não encontrar trem de praça,

aproximou-se, em bicos de pés, do quarto de dormir: duas criadas obedeciam às ordens de Kitty, que andava de um lado para o outro, sempre com o *crochet* entre os dedos, trabalhando nervosamente.

— Vou chamar o médico, já mandei chamar a Elizabeth Petrovna; mas, mesmo assim, também passarei por casa dela. Precisas de alguma coisa? Queres que avise a Dolly?

Kitty olhou para Levine, naturalmente sem ouvir o que ele dizia.

— Pois sim, sim, vai — disse, precipitadamente, franzindo as sobrancelhas enquanto fazia um gesto com a mão.

Levine entrava na sala de jantar quando de súbito ressoou um gemido doloroso, que não tardou a desvanecer-se. Deteve-se. Por momentos ficou sem compreender de que se tratava.

"Sim, é ela", acabou por dizer para si mesmo; e apertando as mãos na cabeça, meteu escada acima.

— Senhor, perdoa-me e ajuda-me! — pronunciou. Estas palavra? acudiram-lhe subitamente, a ele, um homem sem fé, e repetiu-as, não apenas com os lábios.

Naquele momento dava-se conta de que não só as dúvidas mas até mesmo a sua impossibilidade de crer, toda raciocinada, o não impediam de dirigir-se a Deus. A incredulidade desvanecera-se-lhe da alma como se fosse pó. A quem havia de dirigir-se senão Aquele em cujas mãos sentia encontrarem-se tanto a sua alma como o seu amor?

O cavalo ainda não estava atrelado; para não perder tempo, e distrair a atenção, foi seguindo a pé, depois de dizer a Kuzma que fosse ter com ele.

A esquina encontrou um trenó de praça, que um cavalicoque tirava, a trote. Dentro dele vinha Elizabeth Petrovna com uma capa de veludo e um xale pela cabeça.

— Louvado seja o Senhor! Louvado seja o Senhor! Louvado seja o Senhor! — exclamou Levine, alegremente, ao reconhecer a cara miúda e a tez clara da parteira, naquele momento com uma expressão particularmente séria e até mesmo severa. Sem mandar parar o trenó, retrocedeu, ponde-se a correr ao lado dele.

— Então, duas horas? Só duas? — perguntou a parteira.

— Vai encontrar, com certeza, Piotre Dimitrievitch em casa, mas não lhe dê pressa. Compre ópio numa farmácia.

— Acha que tudo correrá bem? Que Deus a ajude!-exclamou Levine, ao ver o seu cavalo que saía já do pátio da casa. E dando um pulo para dentro do trenó, sentou-se ao lado de Kuzma, e mandou-o seguir para

a casa do médico.

CAPÍTULO XIV

O médico ainda não estava levantado; o criado disse a Levine que ele "se deitara tarde e que dera ordens para não o acordarem, mas que não tardaria a levantar-se". Limpava as chaminés dos candeeiros e parecia muito entretido com a tarefa. A atenção que ele prestava aos candeeiros e a indiferença com que acolhia o que Levine lhe dizia surpreenderam-no de princípio. Mas depois de reflectir, compreendeu que o criado não sabia, nem tinha sequer a obrigação de saber, o que se estava a passar dentro dele próprio e que devia, portanto, proceder com serenidade, ponderando e mostrando-se resoluto. Só assim poderia derrubar aquela muralha de indiferença e alcançar o seu objectivo. "Não devo precipitar-me nem omitir nada", murmurava com os seus botões, sentindo-se cada vez com mais força física e mais atenção para tudo o que precisava fazer.

Ao inteirar-se de que o médico ainda não se levantara, entre os vários planos que delineou, Levine resolveu seguir o seguinte: Kuzma iria a casa de outro médico com um recado seu, enquanto ele próprio se dirigia à farmácia a comprar ópio. Se no regresso da farmácia o médico ainda não estivesse levantado, subornaria o criado e, no caso de este não ceder, obrigá-lo-ia à força a acordar o amo.

Na farmácia, um cocheiro aguardava uns pós que o ajudante do farmacêutico ia metendo nas respectivas cápsulas com a mesma indiferença com que o criado do esculápio limpava as chaminés dos candeeiros. Claro está que o magricela do ajudante de farmácia se recusou a vender ópio a Levine, o qual, cheio de paciência, lhe explicou quem eram o médico e a parteira que o mandavam e lhe expôs o emprego a que destinava o medicamento. Depois de favorável acolhimento da parte do dono da farmácia, que estava atrás de um guarda-vento, e a quem o ajudante consultou em alemão, este deitou a mão a um frasco, despejou lentamente a parte do seu conteúdo noutro frasco menor, pegou numa etiqueta e lacrou-o, a despeito dos rogos de Levine para que o não fizesse. Dispunha-se ainda a embrulhá-lo quando o cliente, exasperado, lho arrancou das mãos e saiu porta fora.

O médico ainda não se levantara e o criado que naquele momento estendia um tapete recusou-se a chamá-lo. Sem pressas, Levine puxou de uma nota de dez rublos e entregou-a ao lacaio, enquanto lhe explicava lentamente, ainda que sem perda de tempo, que Piotte Dimitrievitch (que grande e importante lhe parecia agora aquele Piotre Dimitrievitch, até aí tão insignificante!) lhe prometera comparecer a qualquer hora, que não ficaria aborrecido pelo facto de o acordarem, pedindo-lhe que o fizesse imediatamente.

O criado acedeu, e depois de introduzir Levine na sala de espera, subiu ao andar superior.

Levine ouvia o médico, que andava de um lado para o outro, tossindo, lavando-se e dizendo qualquer coisa. Decorreram três minutos, que lhe pareceram mais do que uma hora. Já não podia esperar mais.

— Piotre Dimitrievitch! Piotre Dimitrievitch! — chamou, implorativo, através da porta aberta. — Perdoe-me, por amor de Deus! Receba-me tal como está. Já passaram mais de duas horas.

— Vou já! Vou já — respondeu uma voz, e Levine ficou perplexo ao dar-se conta de que o médico se ria ao responder-lhe.

— Só duas palavras, peco-lhe.

— Um momentinho.

Decorreram ainda dois minutos, o tempo para o médico se calçar, e mais outros dois minutos, o tempo para se vestir e se pentear.

— Piotre Dirmtrievitch — chamou de novo Levine em voz queixosa; mas nesse momento entrava o médico, vestido e penteado. "Estes homens não têm consciência", pensou Levine. "Enquanto os outros morrem, eles penteiam-se."

— Bom dia! — exclamou o médico, apertando-lhe a mão com a maior serenidade; dir-se-ia troçar dele. — Não tenha pressa. Então que há?

Procurando ser o mais exacto que pudesse, Levine principiou a contar pormenores desnecessários do estado da mulher, interrompendo-se a cada momento para implorar do médico que fosse imediatamente com ele.

— Não tenha pressa, o senhor não sabe nada disto. Provavelmente não faço falta nenhuma. Mas, visto que prometi, irei. Não tenha pressa. Faça favor de se sentar. Quer tomar café?

Levine olhou para o médico e o seu olhar parecia inquirir se não estaria a troçar dele. Mas este não pensava em semelhante coisa.

— Já sei, já sei — disse sorrindo. — Eu também sou homem casado. Nós, os maridos, somos as criaturas mais dignas de lástima em tais momentos. Tenho uma cliente cujo marido nestas alturas se vai refugiar na cavalariça.

— Piotre Dimitrievitch, acha que tudo vai correr bem?

— Tudo indica que sim.

— Então vem comigo, não é verdade? — insistiu Levine, fulminando, com o olhar, o criado que trazia o café.

— Dentro de uma horinha.

— Não, não, por amor de Deus!

— Bom, então espere que eu tome o café.

O médico pôs-se a tomar o café e ambos ficaram calados.

— Parece que os Turcos estão a apanhar pela grande. Leu o último comunicado? — perguntou, enquanto trincava um pãozinho.

— Não posso mais! — exclamou Levine, levantando-se de súbito.

— Jura-me que dentro de um quarto de hora estará lá?

— Dentro de meia hora?

— Palavra de honra?

Quando entrou em casa, Levine deparou-se com a sogra, que acabava de chegar, e juntos dirigiram-se à porta do quarto de Kitty. A princesa tinha as lágrimas nos olhos e as mãos tremiam-lhe. Ao ver Levine abraçou-se a ele e prorrompeu em soluços.

— Como vai isso, querida Elizabeth Petrovna? — perguntou à parteira, que vinha ao encontro deles, de rosto ao mesmo tempo radiante e preocupado, pegando-lhe numa das mãos.

— Tudo vai bem — replicou esta. — Convença-a a deitar-se. Será melhor para ela.

Desde o momento em que Levine acordara e se dera conta do que estava a acontecer, dispôs-se a não pensar em coisa alguma, a nada prever, a fechar à chave as suas ideias e os seus sentimentos, não desgostar a mulher, antes pelo contrário, apaziguá-la e incutir-lhe ânimo, para que ela pudesse enfrentar o que a aguardava. Nem sequer se permitia pensar no que ia acontecer e no que seria o desenlace, e, a avaliar pelas informações que tinha acerca de quanto podia vir a durar aquele transe, dispôs-se a sofrer e a dominar o coração umas cinco horas, coisa que lhe parecia possível. Porém, quando, ao voltar de casa do médico, pôde presenciar de novo os sofrimentos de Kitty, principiou a repetir cada vez mais amiúde: “Senhor, perdoa-me e ajuda-me”, enquanto suspirava, de olhos erguidos para o céu.

Tamanho era o seu sofrimento que receava não poder resistir-lhe; temia romper a chorar ou desatar a correr. E só passara ainda uma hora.

Mais uma hora decorreu, depois outra, e ainda uma quarta hora, isto é, a última que Levine dispusera para prazo máximo do que teria de sofrer. E a situação, a mesma. Continuava a sofrer, pois não tinha outra coisa que fazer, e a todo o momento se julgava chegado ao extremo limite e que ia estalar o coração.

Passaram horas e horas: o tormento e o horror aumentavam e a tensão em que estava era cada vez maior.

Pouco a pouco as condições normais da vida tinham desaparecido, a noção de tempo deixara de existir. Tão pronto os minutos — aqueles em que Kitty o chamava para o seu lado e ele lhe pegava na mão suada, que ora apertava a dele com força extraordinária ora a soltava — lhe pareciam horas, como as horas lhe pareciam minutos. Pareceu assombrado quando, ao pedir-lhe Elizabeth Petrovna que acendesse uma vela do outro lado do biombo, consultou o relógio e viu serem cinco horas da tarde. Se lhe tivessem dito que eram dez da manhã, a surpresa seria a mesma.

Tampouco teria podido dizer o que fizera durante todo esse tempo. Via o túmido rosto de Kitty, ora compungido e cheio de sofrimento ora sorridente e desejoso de o tranqüilizar; via a princesa, afogueada, excitada, os caracóis soltos e os olhos cheios de lágrimas, que se esforçava por esconder, mordendo os lábios; via Dolly e o médico, que fumava grossos cigarros; via Elizabeth Petrovna, de rosto firme, resoluto e tranqüilizador, bem como o velho príncipe, passeando pela sala, de sobrecenho carregado; mas não se dava conta de como entravam e saíam, nem onde estavam. A princesa tão depressa estava no quarto de dormir, ao lado do médico, como no escritório, onde apareceu uma mesa posta, e às vezes era Dolly quem ocupava o seu lugar. Levine também se lembrou depois de que o haviam mandado fazer alguma coisa. Pediram-lhe que mudasse uma mesa e um divã. Fê-lo com toda a diligência, convencido de que Kitty precisava disso, e só mais tarde compreendeu que era para lhe arranjarem onde passar a noite. Mandaram-no ao escritório perguntar qualquer coisa ao médico. Este respondeu-lhe e em seguida falou-lhe na desorganização que lavrava no Conselho municipal. Também o mandaram trazer do quarto de dormir da princesa uma imagem com adornos de prata dourada. Auxiliado pela velha criada da princesa, trepou acima do armário para chegar à imagem e partiu a lamparina. A criada consolara-o deste acidente e encorajara-o quanto ao estado de Kitty. Levine colocou a imagem cuidadosamente à cabeceira de Kitty, por detrás dos travesseiros. Mas ignorava onde, quando e por que tudo isso acontecera. Tampouco percebia por que lhe pegava na mão a velha princesa e, fitando-o, com expressão compassiva, lhe pedia que se tranqüilizasse ou por que lhe suplicava Dolly que comesse alguma coisa, tentando afastá-lo do quarto, ou ainda por que até mesmo o médico o olhava tão sério e com tanta compaixão, enquanto lhe oferecia umas gotas.

Uma única coisa lhe parecia evidente: que estava na mesma situação que um ano antes na estalagem daquela capital de província

junto ao leito de agonia do seu irmão Nicolau. Mas então tratava-se de uma desgraça e agora de uma alegria. Tanto aquela desgraça como esta alegria estavam, porém, fora das condições normais da vida, eram como que uma clareira em que vislumbravam perspectivas sobre o além. O que ia acontecer chegava difícil e dolorosamente, tal como quando a alma se elevava, perante esse fato sobrenatural, a alturas inacessíveis, em que nunca se encontrara antes e onde a razão não podia chegar.

"Senhor, perdoa-me e ajuda-me!", repetia Levine a todo o momento. Apesar do seu prolongado desapego das coisas divinas, invocava Deus com a mesma confiança e a mesma naturalidade como quando criança e adolescente.

Durante aquelas longas horas passou, alternativamente, por dois estados de espírito completamente opostos. Um, quando estava com o médico, que fumava, uns atrás dos outros, grossos cigarros, apagando-os na borda do cinzeiro, cheio de cinza, ou quando estava com Dolly e com o príncipe, ao pé de quem se falava de comida, de política, da doença de Maria Petrovna, e aí, de súbito, Levine chegava a esquecer momentaneamente o que acontecia. O outro estado de espírito invadia-o na presença de Kitty, junto à cabeceira da sua cama: então o coração quase lhe estalava no peito, pleno de compaixão, e rezava, rezava, constante-mente. E de cada vez que, por momentos, esquecido de tudo, um grito ouvia no quarto, Levine incorria no mesmo estranho erro em que incorrera no primeiro momento: erguia-se de um salto e o sentimento angustioso de uma culpabilidade imaginária apoderava-se dele. Impelido pela necessidade de se justificar, corria ao quarto da mulher, mas no caminho lembrava-se de que não era culpado. Então sentia desejos de socorrer e de ajudar Kitty. Mas, ao vê-la, dava-se conta de que não havia ajuda que se lhe pudesse prestar e, horrorizado, repetia: "Senhor, perdoa-me e ajuda-me!" Quanto mais tempo passava, tanto mais contrastavam aqueles estados de espírito. Cada vez se sentia mais tranqüilo não vendo Kitty, esquecendo-a por completo, e cada vez o atormentavam mais os seus sofrimentos e era mais intensa a sensação de impotência que o tomava. E levantava-se de chofre no desejo de fugir; mas de novo voltava para o lado dela.

Quando Kitty chamava insistentemente uma ou mais vezes, Levine censurava-a. No entanto, ao ver-lhe o rosto submisso e risonho e ao ouvi-la dizer-lhe: "Estou a atormentar-te", a Deus é que ele censurava. E imediatamente Lhe pedia perdão e misericórdia.

CAPÍTULO XV

Levine não sabia se era tarde, se era cedo. As velas estavam quase consumidas. Dolly acabava de entrar no escritório e pedira ao médico que fosse descansar um pouco. Levine, sentado, ouvia o médico contar façanhas de um charlatão magnetizador, enquanto fitava a cinza do cigarro. Houvera um período de acalmia, e chegara a distrair-se... Esquecera-se por completo do que estava a acontecer. Ouvia o médico e compreendia o que ele dizia. De repente, soou um grito. Foi tão terrível que Levine nem sequer fez menção de se levantar; apenas olhou, desfalecido, para o médico, numa expressão entre aterrada e interrogativa. Piotre Dimitrievitch apurou o ouvido, com a cabeça inclinada para o lado e depois sorriu, satisfeito. Tudo era tão extraordinário que já nada surpreendia Levine. "Naturalmente assim tem de ser", pensou, e permaneceu sentado. Quem gritara daquela maneira? Levine acabou por levantar-se e em bicos de pés penetrou, apressado, no quarto de Kitty; depois de passar junto de Elizabeth Petrovna e da princesa, foi colocar-se à cabeceira da cama, no seu lugar costumado. O grito desvanecera-se, mas alguma coisa mudara. Não via nem compreendia o que fosse, nem sequer desejava sabê-lo. Contudo, isso mesmo se lia no rosto de Elizabeth Petrovna, séria e pálida. Conquanto mantivesse a mesma expressão resoluta, tremiam-lhe ligeiramente os maxilares, de olhos cravados em Kitty. Esta, com o rosto congestionado, atormentado, coberto de suor, com uma madeixa de cabelos colada à testa, voltada para Levine, procurava-lhe o olhar. Erguendo as mãos, pedia-lhe as dele; e ao receber nas suas, suadas, as mãos frias de Levine, apertou-as de encontro à face.

— Não te vás embora! Não te vás embora! Não tenho medo, não tenho medo! — pronunciou, precipitadamente. — Mãe, tira-me os brincos. Incomodam-me. Tens medo? Pronto, Elizabeth Petrovna, pronto!

Kitty falava com precipitação: quis sorrir. Mas, subitamente, o rosto desfigurou-se-lhe e repeliu Levine.

— Oh! Isto é horrível! Vou morrer! Vou morrer! Vai-te! Vai-te! — exclamou, e de novo se ouviu o grito medonho.

Apertando as mãos na cabeça, Levine saiu do quarto.

— Não é nada, não é nada! Tudo vai bem! — disse-lhe Dolly, quando ele passou por ela.

Mas, dissessem o que dissessem, naquele momento tinha a certeza de que tudo estava perdido. Ficou no quarto contíguo, a cabeça apoiada no gonzo da porta. Continuava a ouvir o tal grito, que mais

parecia um uivo, um grito como nunca ouvira outro igual, e quem gritava daquela maneira, sabia-o, era a sua Kitty. Havia instantes já que não desejava o filho. Agora odiava tal criatura. Nem sequer queria que salvassem a vida de Kitty; desejava muito simplesmente que aqueles terríveis sofrimentos acabassem de vez.

— Doutor! Que é isto? Que é isto? Meu Deus! — exclamou, pegando na mão do médico, que entrava naquele momento.

— Está tudo a acabar — replicou este. Tão severa era a sua expressão ao dizer isso que Levine entendeu que ao dizer "está tudo a acabar", o médico significava que era a morte que chegava.

Fora de si, entrou impetuoso no quarto de dormir. A primeira coisa que viu foi a fisionomia de Elizabeth Petrovna, mais sombria e grave do que nunca. No lugar onde estivera o rosto de Kitty surgia agora qualquer coisa de horrível, tanto pela desfiguração em que estava como pelo alarido que fazia. Levine apoiou a cabeça à cabeceira da cama, sentindo que o coração lhe estalava no peito. Aquele terrível grito cada vez se fazia mais lancinante. De súbito, porém, extinguiu-se, como se tivesse atingido o mais alto grau do horror. Levine parecia duvidar dos seus ouvidos; mas não havia dúvida: o grito cessara. Apenas se percebiam ruídos macios e roupas revolvidas, respirações cansadas e, por último, a voz de Kitty entrecortada, a sua voz viva e suave, cheia de felicidade, que dizia: "Acabou!"

Levine ergueu a cabeça. Com os braços caídos, desfalecidos, em cima da colcha, Kitty, extraordinariamente bela e serena, olhava-o em silêncio, desejando sorrir, mas ainda sem poder.

Subitamente, Levine sentiu-se transportado, daquele mundo misterioso e terrível em que vivera as últimas vinte e quatro horas, ao seu mundo habitual, ao mundo anterior, resplandecente agora de uma felicidade tão radiosa que a não pôde suportar. Os soluços e as lágrimas de alegria com que ele próprio não contava abalaram-lhe o corpo com tal ímpeto que durante longo espaço de tempo lhe foi impossível falar.

De joelhos ao lado da cama, tinha a mão de Kitty próxima dos lábios e beijava-a, embora ela apenas lhe correspondesse com um débil toque de dedos. Entretanto, aos pés da cama, nas mãos da hábil Elizabeth Petrovna, como a chamazinha de uma vela, vacilava a vida de um novo ser, que não existia antes, mas que passaria a viver com os mesmos direitos dos demais, tão importante como qualquer outro e como qualquer outro gerando seres semelhantes a ele.

— Está vivo! Está vivo! E é um rapaz! — ressoava aos ouvidos de Levine. E Elizabeth Petrovna, com mão trêmula, dava palmadas nas costas dessa criaturinha.

— É verdade, mãe? — perguntou Kitty.

Responderam-lhe apenas os soluços da princesa.

E no meio do silêncio que se fez, como que resposta indubitável à pergunta da mãe, ouviu-se uma voz diferente de todas as vozes que falavam baixo no quarto contíguo. Era o vagido, penetrante, atrevido, que não atendia a razões e não se sabia de onde vinha, do novo ser humano. Se momentos antes houvessem dito a Levine que Kitty morrera e que ele também morrera, que os seus filhos eram anjos e que todos estavam diante de Deus, não se teria surpreendida Mas agora, de regresso ao mundo da realidade, eram grandes os esforços mentais que fazia para compreender que Kitty estava sã e salva e que o ser que gritava tão desesperadamente era seu filho. Kitty estava viva e os seus sofrimentos tinham acabado. Uma ventura indescritível se apoderara de Levine. E, compreendendo-o, isso cumulava-o de felicidade. E a criança? Quem era?

Para quê e de onde vinha?... Parecia-lhe supérflua, que estar a mais. Por muito tempo não foi capaz de se acostumar a ela.

CAPÍTULO XVI

Pelas 10 horas o velho príncipe Sérgio Ivanovitch e Stepane Arkadievitch estavam reunidos em casa de Levine. Queriam saber novas da parturiente. Levine ouvia-os enquanto recordava involuntariamente o que se passara na véspera e as regiões onde pairara antes do acontecimento. Tinha a impressão de terem passado cem anos. Era como se estivesse numa altitude inacessível, de onde descia cautelosamente com receio de ofender os que falavam com ele. Enquanto conversava não deixava de pensar na mulher e no filho, tentando adaptar-se à ideia de que eles existiam. O papel da mulher na vida, cuja importância ele só compreendera depois do casamento, ultrapassava agora todas as suas previsões. Enquanto os seus amigos discorriam sobre um jantar havido na véspera no clube, ele dizia consigo mesmo: "Que estará ela a fazer? Em que estará a pensar? Dormirá? E meu filho Dimitri continuará a chorar?" E no meio de uma dessas frases levantou-se, de repente, e foi ver o que se passava no quarto de Kitty.

— Manda-me dizer se a posso visitar — disse o príncipe.

— Mando já — replicou Levine, sem se deter. Kitty estava acordada, falava em voz baixa com a mãe, fazendo projectos para o baptizado. Com as mãos estendidas sobre a colcha, arranjada e penteada, na cabeça uma airosa touca azul, deitada de costas, acolheu Levine, chamando-o com os olhos. O seu olhar, sempre tão límpido, ia clareando mais ainda à medida que ele se aproximava. No seu rosto notava-se aquela transição do terreno para o ultraterreno, que é costume observar na máscara dos mortos, só com uma diferença: que neles isso é sinal de despedida, não de boas vindas à vida. Levine tornou a sentir a emoção que experimentara durante o parto. Kitty pegou-lhe na mão e perguntou-lhe se dormira. Levine, sem palavras para responder, desviou o rosto para o lado, ao convencer-se da sua fraqueza.

— Pois eu, Kóstia, consegui dormitar um pouco. Agora estou muito bem.

Kitty fitou o marido, e de súbito a expressão transformou-se-lhe.

— Deixa-o ver, Elizabeth Petrovna, quero mostrá-lo ao pai — disse para a parteira, ao ouvir o vagido da criança.

— Ele aqui está para que o pai o veja — exclamou a parteira, erguendo nas mãos uma coisinha avermelhada, estranha e vacilante. — Mas espere que a gente o arranje primeiro — acrescentou, colocando em cima da cama esse vulto rubicundo, que se agitava.

Tirou-lhe a fralda e depois de o voltar de um lado e do outro empoou-o e vestiu-o de novo.

Levine ficou a olhar para o filho, procurando debalde, na alma indícios de sentimento paternal. Apenas sentia repugnância. Todavia quando viu aqueles bracinhos delgados, aqueles pèzinhos cor de açafrão, cujos dedos gordos se afastavam dos outros, e notou que a parteira abria esses bracinhos que se mexiam como molas, para enfiar-lhe as mangas da camisola de linho, sentiu uma tal piedade por aquela criaturinha e teve tanto medo que a mulher o magoasse, que segurou a mão dela. Elizabeth Petrovna desatou a rir.

— Não tenha medo! Não tenha medo!

Pronta que foi a criança e convertida numa espécie de boneca rígida, a parteira virou-a de todos os lados, como se se revisse na sua obra, e afastou-se um pouco para que Levine pudesse contemplar essa mesma obra em toda a sua beleza.

— Deixa-o ver — disse Kitty, que estivera seguindo pelo canto dos olhos os movimentos da parteira e fazia menção de se soerguer.

— Ora, esteja sossegadinha, Catarina Alexandrovna! Não se deve mexer assim! Espere, eu já lho passarei. Primeiro, é preciso que o pai o veja!

E numa só mão (com a outra amparava-lhe a nuca vacilante) ergueu para Levine aquele ser estranho, colorido e movediço, que escondia a cabeça entre as pregas da roupa. Para falar verdade, apenas se lhe distinguiam o narizinho, os olhos piscos e os beicinhos, que pareciam chupar qualquer coisa.

— É uma linda criança! — disse a parteira.

Levine suspirou. Aquela “linda criança” apenas lhe inspirava piedade e desgosto. Esperava coisa muito diferente.

Enquanto Elizabeth Petrovna depunha o filho nos braços da mãe, Levine desviava a cabeça, mas o riso de Kitty obrigou-o a voltá-la de novo: a criança principiara a mamar.

— Basta — disse a parteira daí a pouco; Kitty, porém, não quis separar-se do filho, que adormeceu a seu lado.

— Olha agora para ele — disse ela, voltando o bebê para o pai, na altura em que o rostinho dele mais parecia uma cara de velho, pois ia espirrar.

Sorrindo e sem poder reprimir as lágrimas que a emoção lhe causava, Levine beijou a mulher e saiu do quarto escuro de Kitty.

O que sentia diante desse pequenino ser era qualquer coisa de muito

diferente do que esperava sentir. Não lhe dava alegria nem satisfação; feio contrário, um medo novo, que o fazia sofrer. Era como se tivesse em si uma nova região dorida. Durante os primeiros tempos a sensação foi tão dolorosa, tão intenso o receio de que sofresse aquele ser indefeso, Sue não percebeu a alegria sem razão e o orgulho até que lhe produzira o espírito da criança.

CAPÍTULO XVII

Os negócios de Stepane Arkadievitch iam muito mal.

Gastara já dois terços do dinheiro que recebera da venda da mata e um comerciante adiantara-lhe quase todo o resto, ao juro de dez por cento. Já não queria dar-lhe mais dinheiro. Aliás, Daria Alexandrovna, fazendo valer pela primeira vez os seus direitos sobre a propriedade, negara-se a assinar ter recebido dinheiro por conta da terça parte daquela venda. O vencimento de Stepane Arkadievitch destinava-se todo a gastos de casa e a pagar pequenas dívidas inadiáveis. Nada sobrava dessa importância.

A situação era desagradável, inconveniente e não podia continuar assim, no dizer de Stepane Arkadievitch. E opinava que a culpa era dos exíguos vencimentos que recebia. Cinco anos atrás o seu lugar era muito bem pago, mas agora não. Petrov, como director de um banco, recebia doze mil rublos; Sventiski, membro de uma sociedade, dezassete mil; Mitine, fundador de uma casa bancária, cinqüenta mil. "Pelo visto, fiquei a dormir e esqueceram-se de mim", pensava Oblonski.

Pôs-se a observar e a estar atento, e no fim do Inverno concentrou as suas esperanças num lugar novo, muito bom. Empreendeu as diligências para o conseguir, primeiro em Moscovo, através de umas tias, de uns tios e de uns amigos, e, na Primavera, quando o assunto estava maduro, embarcou para Sampetersburgo. Era um desses lugares como então se encontravam freqüentemente e que rendiam, consoante os casos, entre mil e cinqüenta mil rublos, muito cômodos e susceptíveis de peculato. Tratava-se de um lugar na Comissão das Agências Reunidas de Crédito Mútuo dos Caminhos de Ferro do Sul e das Entidades Bancárias. O referido cargo, como todos os demais da mesma índole, exigia conhecimentos muito vastos e uma grande actividade, qualidades difíceis de reunir numa só pessoa. Eis por que era preferível que ao menos o ocupasse um homem honrado. Stepane Arkadievitch não só era homem honrado como a sua honradez possuía o especial significado que se lhe dava em Moscovo ao dizer-se: "É um homem de acção muito honrado." "É um escritor honrado." "É uma entidade honrada", o que significava não só que a pessoa e a entidade o eram como até se atreviam, quando a oportunidade se lhes oferecia, a meterem-se com o Governo. Stepane Arkadievitch freqüentava em Moscovo os círculos onde se empregavam aquelas palavras e aí gozava da fama de homem honrado, por isso tinha mais direitos do que ninguém a ocupar um cargo desse gênero.

Rendia este entre sete e dez mil rublos por ano e Oblonski podia desempenhá-lo sem deixar o seu cargo oficial. Dependia de dois ministérios, de uma senhora e dois judeus, e embora todas essas pessoas lhe fossem favoráveis, precisava de encontrar-se com elas em Sampetersburgo. Demais, Stepane Arkadievitch prometera à irmã conseguir uma resposta definitiva de Karenine quanto ao divórcio. Depois de conseguir que Dolly lhe arranjasse cinqüenta rublos, Stepane Arkadievitch partiu para Sampetersburgo.

Sentado no escritório de Karenine, Oblonski ouvia a memória que este escrevera sobre os motivos do estado das finanças da Rússia, aguardando o momento em que a leitura acabasse para lhe falar do caso de Ana.

— Está muito certo — disse Oblonski quando Karenine, tirando o *pince-nez,* sem o qual não podia ler, o olhou interrogativo. — É exacto quanto aos pormenores; mas, de qualquer maneira, o princípio da nossa época é a liberdade.

— O princípio novo que eu exponho engloba também esse da liberdade — replicou Alexei Alexandrovitch, sublinhando a palavra "engloba" e voltando a pôr o *pince-nez,* para indicar, no seu elegante manuscrito de grandes margens, um passo concludente.

Depois de folhear as páginas bem escritas e de grandes margens, Alexei Alexandrovitch voltou a ler o parágrafo convincente.

— Sou contrário ao sistema de protecção a um pequeno número, quero que seja para todos, quer das classes baixas, quer das classes elevadas... É precisamente isso que eles não querem compreender — acrescentou, fitando Oblonski por cima do *pince-nez* —, tão absorvidos estão nos seus interesses pessoais e tão facilmente satisfeitos com frases vazias.

Stepane Arkadievitch sabia que Alexei Alexandrovitch estava a chegar ao fim das suas demonstrações quando principiava a falar do que faziam e pensavam eles, os que não queriam aceitar-lhe os protestos e eram a causa de todo o mal da Rússia. Por isso não se opôs naquele momento ao princípio de liberdade, mostrando-se completamente de acordo com Karenine. Este calara-se enquanto folheava pensativamente o manuscrito.

— A propósito! — disse Stepane Arkadievitch. — Queria pedir-te que dissesses ao Pomorski, quando o visses, que tenho muito interesse em ocupar o lugar que vai ser criado na Comissão das Agências Reunidas de Crédito Mútuo dos Caminhos de Ferro do Sul.

O nome desse cargo era tão familiar a Stepane Arkadieviech, que tanto sonhara com ele, que o pronunciou rapidamente, sem se

enganar. Karenine perguntou-lhe em que consistia a actividade dessa nova Comissão e ficou absorto em reflexões. Procurava saber se nas actividades da referida Comissão haveria algo contrário aos seus projectos. Mas, como as actividades dessa nova instituição eram muito complicadas e os projectos de Karenine abarcavam um campo muito vasto, não pôde elucidá-lo imediatamente.

— Evidentemente — disse, por fim, deixando cair o *pince-nez* —, poderei dizer-lhe qualquer coisa, mas não vejo lá muito bem porque pretendes tu esse lugar.

— O vencimento é de nove mil rublos e as minhas posses... — Nove mil rublos! — repetiu Karenine, carregando de súbito o sobrecenho. A futuro actividade do cunhado vinha embater contra a ideia dominante dos seus projectos, os quais preconizavam e economia acima de todas as coisas. — Esses vencimentos exagerados provam, como o fiz ver numa das minhas memórias, viciação da nossa *assiette*[136] econômica.

— Um director de banco recebe com toda a facilidade dez mil rublos e um engenheiro quase vinte mil; não são sinecuras!

— Na minha opinião, entendo que os vencimentos, sendo uma mercadoria como outra qualquer, devem estar sujeitos à lei da oferta e da procura. Ora se vejo dois engenheiros, igualmente válidos, saídos da mesma escola, ganharem um quarenta mil rublos enquanto o outro se contenta apenas com dois mil e se, por outro lado, vejo um hussardo ou um jurista, sem nenhuma espécie de conhecimentos especializados, tornarem-se directores de bancos com vencimentos fenomenais, não posso deixar de concluir existir aqui um vício econômico como uma influência desastrosa nos serviços do Estado. Acho que...

Stepane Arkadievitch deu-se pressa em interromper o cunhado.

— Está bem, mas não podes deixar de reconhecer que se trata de uma nova instituição, de incontestável utilidade, e que há toda a vantagem em ser dirigida por pessoas “honestas” — disse Stepane Arkadievitch, sublinhando a última palavra.

— A honradez é muito simplesmente uma qualidade negativa — objectou Alexei Alexandrovitch, insensível ao significado moscovita do termo “honradez”.

— Seja como for, fico-te muito grato se falares ao Pomorski. Fala-lhe assim como quem não quer a coisa, quando abordar es outros assuntos.

— Fica descansado, mas, em todo o caso, Bolgarinov tem muita influência neste caso — volveu-lhe Karenine.

— Bolgarinov, pelo seu lado, está inteiramente de acordo — replicou Oblonski, corando.

Corou ao falar no nome de Bolgarinov, porque visitara essa mesma manhã semelhante judeu e a visita deixara-lhe má impressão. Oblonski estava firmemente convencido de que a causa que queria servir era algo de novo, de dinâmico, de honesto, mas quando, nessa mesma manhã, Bolgarinov, evidentemente de propósito, o fizera esperar duas horas, no meio de outros pretendentes, sentira-se ofendido.

Por qualquer motivo, o príncipe Oblonski, descendente de Rurik, considerava-se diminuído por ter sido obrigado a permanecer duas horas na antecâmara de um judeu, e isso por ser a primeira vez na sua vida que se afastava do exemplo dos seus antepassados — todos tinham servido o Estado —, tentando penetrar numa nova esfera de actividade. Contudo, durante essas duas horas de espera, passeara animadamente pela sala, cofiando as suíças e entabulando conversa com outros pretendentes, enquanto pensava num trocadilho inspirado no facto de haver sido obrigado a esperar em casa de um judeu, embora escondesse dos outros, inclusive de si próprio, o sentimento que experimentava.

Não obstante, nem ele próprio teria sabido dizer porque se sentia incomodado e desconcertado ou se isso era apenas devido ao facto de não ter sido capaz de fazer um bom jogo de palavras: “Tive de tratar de um assunto com um judeu e estive à espera”(Nota 119), ou por outra qualquer razão. Quando, finalmente, Bolgarinov o recebeu, com grande cortesia, visivelmente satisfeito da humilhação que lhe inflingira, quase lhe negando o lugar, Oblonski deu-se pressa em esquecer o que acontecera. Porém, agora, ao recordar-se disso, sentira-se corar.

CAPÍTULO XVIII

— Também tenho de te falar de outro assunto— continuou Oblonski, procurando esquecer aquele desagradável pormenor. — Como podes calcular... trata-se de... Ana.

Ao ouvir este nome, Alexei Alexandrovitch mudou por completo de expressão: no seu rosto pintou-se um cansaço e uma imobilidade mortais, que vieram substituir a animação anterior.

— Que querem mais de mim? — perguntou Karenine, voltando-se na poltrona e ajeitando o *pince-nez*.

— Uma decisão, uma decisão qualquer, Alexei Alexandrovitch. Dirijo-me à ti, não ao homem de Estado (ia a dizer ao "marido ofendido", mas, receoso de estragar tudo, substituíra as palavras por essas outras bem pouco a propósito), mas muito simplesmente ao homem de coração e de sentimentos cristãos. Deves ter piedade dela.

— De que maneira? — perguntou Karenine em voz baixa.

— Terias pena dela se a visses. Acredita, se a tivesses visto como eu (passei com ela todo o Inverno), condoer-te-ias. A sua situação é simplesmente terrível.

— Julgava que Ana Arkadievna tinha tudo quanto desejava — replicou Karenine, numa voz mais aguda que de costume, quase sibilante.

— Oh, Alexei Alexandrovkch! Por amor de Deus! Deixa-te de recriminações! O que está feito, está feito, e bem sabes que o que ela espera e deseja é o divórcio.

— Supunha que Ana Arkadievna renunciava ao divórcio no caso de eu exigir que o pequeno ficasse comigo. Assim lho disse e supunha que o assunto estava resolvido. E acho que está — exclamou Karenine quase num grito.

— Por amor de Deus, não te exaltes! — replicou Stepane Arkadievitch, dando-lhe palmadinhas nos joelhos. — O assunto não está resolvido. Aconteceu o seguinte: quando vocês se separaram, portaste-te com grande magnanimidade, concedeste-lhe tudo, a liberdade e até o divórcio. Ela soube apreciar tudo isso. Não penses que não. Soube-o apreciar a tal ponto que nos primeiros momentos, vendo-se culpada perante ti, não foi capaz de pensar por miúdo. Renunciou a tudo. Mas a realidade e o tempo vieram demonstrar que a situação dela é atormentadora e insuportável.

— A vida de Ana Arkadievna não me pode interessar —

interrompeu-o Karenine, arqueando as sobrancelhas.

— Permite que não acredite — replicou suavemente Oblonski. — A situação é atormentadora para ela e não oferece vantagens para ninguém. Dirás que a merece. Ana sabe-o muito bem e não te pede nada, não se atreve a pedir-te nada. Mas eu, bem como todos os parentes, todos quantos a estimam, suplicamos-te. Para que há-de ela sofrer tanto? Quem ganha com isso?

— Perdoa-me, mas parece-me que me estás a pôr no papel de acusado — observou Alexei Alexandrovitch.

— Nada disso, nada disso — exclamou Oblonski, dando-lhe agora palmadinhas nas costas da mão, como se estivesse persuadido de que aquele contacto abrandaria o cunhado. — Procura compreender-me. Só digo uma coisa: a situação de Ana é dolorosa e tu podes aliviá-la, sem nada perderes pelo teu lado. Eu arranjarei as coisas de tal modo que nem sequer darás por nada. Se o tinhas prometido!

— Prometi-o antes. Supunha que o problema do meu filho solucionaria a questão. Além disso, esperava que Ana Arkadievna tivesse a suficiente grandeza de alma... — e estas palavras pronunciou-as Karenine com dificuldade, os lábios trêmulos e muito pálidos.

— Ela espera tudo da tua grandeza de alma. Apenas pede e suplica uma coisa: que a livrem da situação intolerável em que se encontra. Já não pede o filho. Alexei Alexandrovitch, tu és um homem de bom coração. Põe-te por momentos no lugar dela. O divórcio é para ela uma questão de vida ou de morte. Se lho não tivesses prometido antes, ter-se-ia conformado com a sua situação e viveria na aldeia; mas tu prometeste-lhe. Ana escreveu-te e mudou-se para Moscovo, onde está vai para seis meses, esperando a tua decisão e onde cada encontro que tem representa para ela como que um punha cravado no peito. É o mesmo que manter um condenado à morte com a corda em volta do pescoço, prometendo-lhe ora a morte ora o indulto. Tem compaixão dela e eu me encarrego de arranjar tudo de maneira... *Vos scrupules*... (Nota 120)

— Não se trata disso, não se trata disso — interrompeu Karenine, com uma expressão de repugnância. — Talvez lhe tenha prometido qualquer coisa que não devia prometer-lhe.

— Então recusaste-te a cumprir a tua palavra?

— Nunca recusei cumprir as coisas possíveis, mas necessito dispor de tempo para reflectir se o prometido está dentro do possível.

— Não, Alexei Alexandrovitch — exclamou Oblonski, erguendo-se de súbito. —Não quero acreditar! Ana é a mais desgraçada das mulheres! Tu não és capaz de recusar.

— Tenho de ver até que ponto é possível o que prometi. *Vous professez d'être un libre penseur*(Nota 121); mas eu, crente que sou, não posso proceder contra a lei cristã numa questão tão importante.

— Mas todas as sociedades cristãs e a nossa própria Igreja admitem o divórcio... — objectou Stepane Arkadievitch.

— Em certos casos, mas não neste.

— Alexei Alexandrovitch, desconheço-te — disse Oblonski, após um silêncio. — Não foste tu que outrora, inspirado precisamente na pura doutrina cristã, causando a admiração de todos nós, não foste tu quem perdoou? Não eras tu que dizias: "É preciso dar o cafetã quando nos pedem a camisa!"? E agora...

— Ficar-te-ia muito grato se acabássemos... com esta conversa — exclamou Alexei Alexandrovitch em voz sibilada, pondo-se de pé. Estava muito pálido e tremia-lhe o maxilar inferior.

— Bem, perdoa-me, perdoa-me, se te magoei — disse Stepane Arkadievitch, sorrindo, confuso, e estendendo-lhe a mão. — Por minha parte não fiz mais do que cumprir a missão de que fui encarregado.

Alexei Alexandrovitch estendeu-lhe a mão e disse após um momento de reflexão:

— Preciso de encontrar o meu caminho. Depois de amanhã lhes darei uma resposta definitiva.

CAPÍTULO XIX

Stepane Arkadievitch ia a sair quando Komei veio anunciar:

— Sérgio Alexeievitch.

— Quem é Sérgio Alexeievitch? — perguntou Oblonski; mas não tardou em lembrar-se. — Ah! Sim, o Seriocha! E eu a julgar que era algum director de ministério!

"A mãe pediu-me que o fosse ver", pensou ele. E lembrou-se do ar tímido e lastimoso com que Ana dissera: "Naturalmente terás oportunidade de o ver. Procura saber que é feito dele, quem toma conta dele. E, se for possível, Stiva..." Adivinhara o seu ardente desejo de conseguir ficar com o filho, se lhe dessem o divórcio. Depois da conversa que acabava de ter, compreendia que semelhante problema nem sequer era de levantar. Nem por isso sentiu menos satisfação em ver o sobrinho, embora Karenine o houvesse prevenido imediatamente de que não falavam da mãe à criança e lhe tivesse pedido, por isso mesmo, que não fizesse diante dele qualquer alusão a tal pessoa.

— Esteve muito doente depois de ver a mãe pela última vez. Chegámos a recear pela sua vida. Graças a um tratamento adequado e a banhos de mar, recuperou a saúde e agora, a conselho do médico, internei-o num colégio. Efectivamente, a influência dos companheiros tem dado bom resultado; está de boa saúde e estuda muito bem.

— Que belo rapaz! Já não é realmente o Seriocha, mas bem Sérgio Alexeievitch — exclamou Oblonski, risonho, mirando o formoso garoto, largo de ombros, de casaco azul e calças largas, que entrara no gabinete em atitude decidida e com ademanes desenvoltos. Parecia alegre e sadio. Cumprimentou o tio como se se tratasse de um desconhecido, mas, ao reconhecê-lo, corou e desviou o rosto precipitadamente, como se alguma coisa o ofendesse ou aborrecesse. Aproximou-se do pai, entregou-lhe as notas do colégio.

— Não vai nada mal, sim, senhor. Podes ir brincar — disse-lhe Karenine.

— Cresceu, emagreceu e já não tem ar de criança. Gosto dele — comentou Stepane Arkadievitch. — Ainda te lembras de mim? A criança olhou primeiro para o pai e depois para o tio.

— Lembro-me, *mon oncle*[140] — replicou, baixando de novo os olhos. Stepane Arkadievitch puxou-o a si e pegou-lhe na mão. — E que fazes tu?

— perguntou, desejoso de conversar, mas sem saber que dizer-lhe.

Corando e sem responder, a criança procurava retirar suavemente a mão que o tio segurava. Quando este a soltou, Seriocha olhou para o pai e, tal como um pássaro a quem abrem a gaiola, saiu da sala.

Passara um ano sobre a última vez que Seriocha vira a mãe. Desde então nunca mais ouvira falar dela. Tinham-no internado num colégio onde conhecera outros rapazes e ganhara afecto aos companheiros. Já não o preocupavam os pensamentos e as saudades da mãe, causa da sua doença na altura do encontro com ela. Quando essa recordação lhe voltava afastava-a de si, considerando esses sentimentos vergonhosos e próprios de meninas. Constava-lhe que entre os pais houvera uma discórdia que os separara, sabia que tinha de ficar com o pai e procurava adaptar-se a essa ideia.

Foi-lhe desagradável ver o tio, que muito se parecia com a mãe, pois despertava nele recordações que considerava humilhantes. E isso fora para ele tanto mais desagradável quanto é certo que por algumas palavras ouvidas, enquanto esperava à porta do escritório e sobretudo graças à expressão do rosto de ambos, adivinhara que falavam da mãe. E para não ter de julgar o homem de quem dependia e para não recair em saudades que considerava desonrosas, Seriocha procurou não olhar para o tio, que viera, afinal, lembrar-lhe o que ele se empenhava em esquecer.

Mas quando Stepane Arkadievitch, tendo saído atrás dele, o viu ao pé da escada e o chamou, perguntando-lhe como passava o seu tempo no colégio durante os recreios, Seriocha, como o pai não estava presente, pôs-se a conversar com ele.

— Agora brincamos aos comboios — disse, em resposta à pergunta de Stepane Arkadievitch. — Quer saber? Dois rapazes sentam-se num banco. São os passageiros. Outros ficam de pé diante do banco. Todos os outros se lhes juntam. Agarram-se uns aos outros. Ou com as mãos ou com os cintos. Depois põem-se a correr pelas salas. As portas abrem-se primeiro. É muito difícil ser o condutor.

— O condutor é o que fica de pé? — perguntou Stepane Arkadievitch, sorrindo.

— É. O condutor tem de ser muito atrevido e muito hábil. Sobretudo quando o comboio pára de repente ou alguém cai.

— Sim, sim, é complicado — voltou Stepane Arkadievitch, mirando tristemente aqueles olhos animados, tão parecidos com os de Ana, que -nem eram já infantis nem exprimiam já uma completa inocência. E embora tivesse prometido a Alexei Alexandrovitch que lhe não falaria de Ana, não pôde conter-se, e repentinamente perguntou-lhe:

— Lembrasse de tua mãe?

— Não, não me lembro — respondeu a criança, precipitadamente; e, muito corada, baixou os olhos. Stepane Arkadievitch não pôde obter dele mais nada.

Meia hora depois o preceptor eslavo, ao encontrá-lo, teve dificuldade em saber se ele estava aborrecido ou se chorava.

— Naturalmente deste alguma queda e magoaste-te — disse-lhe.

— Bem dizia eu que esta brincadeira é perigosa. Temos de dizer ao director.

— Se me tivesse magoado, ninguém teria dado por isso. Pode estar certo!

— Então que te aconteceu?

— Deixe-me!... Que lhe importa que eu me lembre ou não me lembre? E porque me havia eu de lembrar?... Deixe-me em paz — repetiu, gritando, não para o preceptor, mas para o mundo inteiro.

CAPÍTULO XX

Como de costume, Stepane Arkadievitch não perdia o seu tempo em Sampetersburgo. Além das suas coisas, do divórcio da irmã e do caso da sua pretensão, desejava refrescar-se, como costumava dizer, depois do mofo moscovita.

Apesar dos seus *cafés chantants* e dos seus ônibus, não deixava de ser um pântano. Stepane Arkadievitch acabava sempre por notá-lo. Depois de uns meses de permanência ali, sobretudo se tinha consigo a família, sentia-se murchar. Ali por muito tempo, sem ausentar-se da velha cidade, chegava a preocupar-se com a má disposição em que caía, com as censuras da mulher, com a saúde, com a educação dos filhos, com os pequenos pormenores do seu emprego e com as suas dívidas. Mas, mal chegava a Sampetersburgo e entrava na roda dos seus amigos habituais, em que se vivia, em vez de se vegetar, como em Moscovo, todas essas ideias desapareciam, fundindo-se como a cera perto do fogo.

Era tão diferente a maneira como se entendiam na capital os dever" de um homem para com a família! Precisamente nesse mesmo dia, o príncipe Tcherchenski, casado e com filhos, com quem se encontrara, dissera-lhe que, além da mulher legítima, tinha outra, que também te dera rebentos, e que, como os filhos da primeira já eram crescidos t serviam no Corpo de Pajens, entendia por bem introduzir o primogênito junto da segunda família para o desemburrar. Quem teria compreendido em Moscovo uma coisa assim!

Em Sampetersburgo os filhos não estorvavam a vida dos pais. Eram educados em colégios e não havia aquela ideia absurda, tão espalhada em Moscovo — assim pensava Lvov, por exemplo —, de que se deve dar aos pais trabalho e preocupações. Em Sampetersburgo entendia-se que um homem precisa de viver para si mesmo, como deve fazê-lo uma pessoa adulta.

E quanto ao emprego, ao contrário do que acontecia em Moscovo, onde servir o Estado era uma coisa sem interesse nem futuro, ali, em Sampetersburgo, ser funcionário tinha grandes seduções. Um encontro, um serviço que se prestava, uma alusão, o saber uma pessoa representar diferentes personagens, qualquer destas coisas, eis o bastante para se fazer carreira, que assim acontecera a Branstsev, por exemplo, com quem Stepane Arkadievitch se encontrara na véspera, actualmente um dos principais funcionários da capital. Trabalhar assim valia a pena. O ponto de vista petersburguês relativamente às questões pecuniárias então exercia sobre Stepane Arkadievitch uma

influência tranqüilizadora. Bartianski, que gastava pelo menos cinqüenta mil rublos por ano com o *train de vie* que levava, dissera-lhe no dia anterior qualquer coisa de extraordinário a esse propósito.

Antes de jantar, Stepane Arkadievitch, que entabulara com ele uma longa conversa, observara-lhe:

— Creio que és íntimo amigo de Mordvinski. Podias fazer-me um grande favor. Peço-te que lhe fales dê mim. Sou candidato ao lugar da Agência...

— Escusas de me dizer o nome da Agência, porque acabarei por esquecê-lo... Mas que ideia é essa de te meteres em assuntos de caminhos de ferro com judeus?... Seja como for, é uma porcaria.

Stepane Arkadievitch não lhe disse que se tratava de um assunto sério; Bartnianski não o teria compreendido.

— Preciso de dinheiro. Não tenho para viver.

— Mas não vives?

— Sim, mas cheio de dívidas.

— Que me dizes? Tens muitas? — perguntou Bartnianski, afivelando uma máscara de compaixão.

— Sim; uns vinte mil rublos. Bartnianski desatou num riso alegre.

— Oh, és um homem feliz! — exclamou. — Eu devo milhão e meio e não tenha nada. E como vês continuo a viver.

Stepane Arkadievitch pôde comprovar, de facto, a veracidade daquelas palavras. Jivakov tinha trezentos mil rublos de dívidas e nem um copeque. No entanto vivia e de que maneira! Havia muito tempo que o conde Krivtsov era considerado arruinado, mas mantinha duas mulheres. Petrovski gastara cinco milhões, todavia vivia tão bem como anteriormente e até continuava a administrar bens apenas com um vencimento de vinte mil rublos anuais. E além disto, Sampetersburgo produzia uma sensação física agradável em Stepane Arkadievitch. Rejuvenescia-o. Em Moscovo, às vezes, descobria um cabelo branco, dormitava depois das refeições, subia as escadas vagarosamente, a passo, respirava com dificuldade, aborrecia-se na presença de mulheres novas e não dançava nos bailes. Ao contrário, em Sampetersburgo sentia-se sempre com menos dez anos em cima. Experimentava a mesma coisa que o sexagenário, o príncipe Piotre Oblonski, que acabava de chegar do estrangeiro.

— Aqui não sabemos viver. Talvez não acredites, mas durante o Verão que passei em Baden sentia-me completamente remoçado. Bastava ver uma mulher para as minhas ideias... Comia, bebia o meu bocado e estava forte e animado. Quinze dias depois de regressar à

Rússia, e de ter de estar junto da minha pobre mulher, enterrada no fundo da aldeia, estava um velho! Passei a andar de roupão e nem sequer me vestia para comer. Nada de pensar em raparigas! Já não pensava senão em salvar a alma. Mas fui a Paris e aqui me tens de novo completamente refeito. Stepane Arkadievitch sentia em Sampetersburgo o mesmo que Piotre Oblonski no estrangeiro. Em Moscovo abandonara-se de tal sorte que, se ali vivesse muito tempo, teria chegado a pensar na salvação da alma. Mas em Sampetersburgo era outra coisa.

Entre a princesa Tverskaia e Stepane Arkadievitch existiam relações antigas, muito estranhas. Oblonski tinha por costume fazer-lhe a corte um pouco a brincar e também a brincar dizer-lhe as coisas mais indecentes que imaginar se pode, certo de que isso lhe agradava. No dia seguinte ao da sua visita a Karenine, foi visitar Betsy, e sentiu-se tão jovem que, sem querer, levou demasiado longe a corte que lhe fazia e as frases atrevidas que lhe dirigia. Já não sabia como voltar atrás. Desgraçadamente não só não gostava da princesa como sentia por ela repulsa. Chegara àquele extremo, porque a Tverskaia se agradava muito dele. A chegada da princesa Miagakaia interrompeu o seu colóquio íntimo com Betsy, coisa que muito agradou a Stepane Arkadievitch.

— Ah! Está aqui! — exclamou ela, ao vê-lo. — Como vai a sua pobre irmã?... Estás admirada que eu pergunte por ela? — acrescentou, voltando-se para Betsy. — Desde que todos, todas vocês, lhe principiaram a atirar pedras, vocês, mil vezes piores do que ela, acho que a Ana fez muito bem. Não, não posso perdoar a Vronski que me não tenha avisado quando esteve em Sampetersburgo. Tê-la-ia ido visitar e tê-la-ia acompanhado a toda a parte. Peco-lhe que lhe transmita as minhas lembranças. Vá, conte-me alguma coisa da vida dela.

— Está numa situação difícil... ela... — principiou Stepane Arkadievitch, tomando à letra, ingênuo que era, as palavras da princesa Miagkaia. “Conte-me alguma coisa da vida dela.”

A princesa, segundo o seu costume, interrompeu-o, não tardou muito, e pôs-se ela própria a falar de Ana.

— Fez o que fazem todas as mulheres, todas menos eu, às escondidas. Mas ela não quis enganar, coisa que está muito certa. E procedeu melhor ainda abandonando o tonto do seu cunhado. Perdoe-me. Dizia-se em geral que era uma homem inteligente e eu era a única a sustentar o contrário. Agora, que ele se ligou com Landau e com a Lídia Ivanovna, todos são do meu parecer, e eu gostaria muito de não estar de acordo com todos. Mas desta vez é impossível.

— Peço-lhe que me explique o que isto significa — disse Stepane

Arkadievitch. — Ontem fui visitar o meu cunhado para lhe falar na questão da minha irmã e pedi-lhe uma resposta definitiva. Não ma quis dar, dizendo-me que ia reflectir. E esta manhã, em vez da resposta prometida, manda-me um convite para a reunião de hoje em casa da condessa Lídia Ivanovna.

— É isso, é isso! — exclamou a princesa, alegremente. — Vão consultar o Landau.

— Landau? Quem é?

— Será possível que você não conheça Jules Landau? *Le fameux Jules Landau, le clairoyant*(Nota 121). Também é meio tonto; mas o destino da sua irmã depende dele. Tudo isto é o resultado de viverem na província. Não sabem de nada. Landau era *comis*(Nota 122) numa loja de Paris. Um belo dia foi consultar o médico, adormeceu na sala de espera e pôs-se a dar conselhos a todos os doentes. Conselhos extraordinários. Depois a mulher de Iuri Maledinski — sabe quem é? —, um doente, ouviu falar dele e pediu-lhe que curasse o marido. Agora está a tratá-lo. Na minha opinião, não lhe serviu de nada, pois está tão fraco como antes; mas eles acreditam nele e trouxeram-no para a Rússia. Aqui o povo caiu-lhe em cima, e está a tratar meio mundo. Curou a princesa Bezzubov, que em reconhecimento o adoptou como filho.

— Será possível?

— É o que lhe digo: adoptou-o como filho. Já não se chama Landau, mas com Bezzubov. Porém, não se trata disso, trata-se de Lídia

— sou muito amiga dela, mas acho que não tem a cabeça no seu lugar —, que se apoderou de Landau e nada se resolve sem o ouvir, nem na casa dela nem na de Alexei Alexandrovitch. E aqui tem como o destino da sua irmã está nas mãos desse tal Landau, ou conde Bezzubov.

CAPÍTULO XXI

Depois do óptimo jantar e dos muitos copos de conhaque que bebeu em casa de Bartianski, Stepane Arkadievitch chegou a casa da condessa Lídia Ivanovna com um ligeiro atraso sobre a hora marcada.

— Quem está mais aí? O francês? — perguntou examinando o agasalho de Karenine, que muito bem conhecia, e um estranho capote, muito simples, com botões.

— Alexei Alexandrovitch Karenine e o conde Bezzubov — respondeu o porteiro com gravidade.

"A princesa Miagkaia adivinhou", pensou Stepane Arkadievitch enquanto subia as escadas. "Isto é estranho; mas não seria tolice estreitar relações de amizade com Lídia Ivanovna. Tem muita influência. Se ela dissesse qualquer coisa ao Pomorski, solucionar-se-ia o meu caso."

Embora fosse ainda perfeitamente de dia, no salãozinho da condessa já estavam acesos os candeeiros e corridas as cortinas. Ao pé da mesa redonda, sob um dos candeeiros, a condessa e Alexei Alexandrovitch falavam em voz baixa. No fundo da sala, examinando os retratos que forravam a parede, via-se um homem de estatura média, seco, de ancas femininas, canelas finas, rosto pálido, embora formoso, magníficos olhos brilhantes e cabelos compridos que lhe caíam na gola do redingote, Depois de cumprimentar a dona da casa e Alexei Alexandrovitch, Oblonski voltou a olhar involuntariamente o desconhecido.

— *Monsieur* Landau! — exclamou a condessa, dirigindo-se àquele homem com uma suavidade e uma precaução que surpreenderam Oblonski. Landau deu-se pressa em voltar-se, aproximou-se e, sorrindo, pousou a mão inerte e suada na mão que Oblonski lhe estendia. Lídia Ivanovna apresentou-os mutuamente. Landau voltou a afastar-se para continuar a examinar os retratos. A condessa e Alexei Alexandrovitch trocaram entre si um olhar significativo.

— Tenho muito prazer em vê-lo e sobretudo hoje — disse Lídia Ivanovna, oferecendo-lhe uma poltrona ao lado de Karenine. — Apresentei-lho com o nome de Landau — acrescentou, em voz baixa, após mirar primeiro o francês e depois Alexei Alexandrovitch —, mas, na realidade, é o conde Bezzubov, como naturalmente deve saber. É que ele não gosta do título.

— Sim, ouvi falar nisso — replicou Oblonski. — Dizem que curou por completo a condessa Bezzubov.

— Sim, e está hoje aqui. Faz pena vê-la — continuou a condessa, dirigindo-se a Karenine. — Esta separação é para ela dolorosíssima.

— É certo que se vai embora? — perguntou este.

— Vai, vai para Paris, ouviu uma voz — replicou Lídia Ivanovna, olhando para Oblonski.

— Ah! Uma voz! Realmente! — repetiu Oblonski, percebendo que devia ter o maior cuidado naquele ambiente em que se passavam ou deviam passar coisas extraordinárias, cujo segredo ele não possuía.

Após alguns instantes de silêncio, a condessa julgou chegado o momentos de abordar assuntos sérios e disse para Oblonski, com um sorriso subtil:

— Conheço-o há muito tempo. *Les amis de nos amis sont nos amis*(Nota 123). Mas para sermos verdadeiramente amigos precisamos de saber o que se passa na alma daqueles a quem amamos, e receio que não seja essa a sua situação em relação a Alexei Alexandrovitch. Compreende o que eu quero dizer? — perguntou ela, erguendo para Stepane Arkadievitch os seus belos olhos cismadores.

— Em parte compreendo, condessa, a posição de Alexei Alexandrovitch... — replicou Oblonski, que, sem perceber onde ela queria chegar, julgou preferível manter-se em generalidades.

— Oh! Não falo de mudanças exteriores — disse, gravemente, a condessa, seguindo, com um olhar amoroso, Karenine, que se erguera para se aproximar de Landau. — O que mudou foi o coração, e tenho muito receio que o senhor não haja reflectido suficientemente sobre a transformação que nele se operou.

— Posso imaginar o que essa mudança representa de maneira geral; sempre estivemos nas melhores relações, e mesmo agora... — principiou Oblonski, que achou por bem imprimir ao seu olhar um matiz de enternecimento. Sabia que Lídia Ivanovna contava com dois ministros entre os seus amigos e a si mesmo perguntava junto de qual deles ela o poderia servir com mais eficácia.

— A mudança que nele se deu não pode debilitar o sentimento de amor pelo próximo; pelo contrário, eleva-o, apura-o. Mas receio que o senhor me não compreenda... Uma chávena de chá? — propôs ela, indicando com os olhos o criado que trazia o chá numa bandeja.

— Não completamente, condessa. É evidente que a infelicidade dele...

— A sua infelicidade converteu-se em felicidade, visto que o coração se lhe abriu — disse o condessa, cujo olhar se ia tornando cada vez mais langoroso.

“Acho que o melhor é pedir-lhe que fale aos dois”, pensava Oblonski. E em voz alta:

— Com certeza, condessa — aprovou ele —; mas isso faz parte de um desses problemas íntimos que nem sequer ousamos abordar.

— Pelo contrário, devemo-nos ajudar mutuamente.

— Sem dúvida, mas existem às vezes tais divergências de opiniões... — disse Oblonski com o seu sorriso untuoso.

— Não pode haver divergências quando se trata da santa verdade.

— Sem dúvida, sem dúvida — repetiu Oblonski, que, ao ver a religião entrar em jogo, preferiu iludir o problema. Entretanto Karenine aproximou-se de novo.

— Parece-me que ele vai adormecer — anunciou em voz baixa.

Stepane Arkadievitch voltou-se; Landau sentara-se ao pé da janela, com um braço apoiado numa poltrona e a cabeça baixa; ao ver convergirem para ele os olhares dos presentes, soergueu a cabeça e sorriu com um sorriso infantil.

— Não faça caso — aconselhou Lídia Ivanovna, oferecendo uma cadeira a Karenine. — Notei...

Nesta altura um criado veio trazer-lhe uma carta, que ela leu à pressa, e a que respondeu com extraordinária rapidez, depois de ter pedido desculpa aos seus convidados.

— Notei — continuou ela — que os Moscovitas, sobretudo os homens, são as pessoas mais indiferentes do mundo em matéria religiosa.

— Oh, não, condessa. Pelo contrário, acho que têm até fama de muito religiosos — argüiu Stepane Arkadievitch.

— Pelo que vejo, o senhor, por desgraça, pertence ao número dos indiferentes — interveio Karenine, dirigindo-se a ele com o seu sorriso cansado.

— Será possível ser-se indiferente? — exclamou Lídia Ivanovna.

— Estou antes na situação dos que aguardam... — respondeu Oblonski com o mais conciliador dos sorrisos. — A minha hora ainda não chegou. Karenine e a condessa entreolharam-se.

— Nunca podemos saber se chegou o momento para tais questões

— objectou Alexei Alexandrovitch com severidade. — Não devemos pensar se estamos ou não preparados: a graça divina não se rege pelas reflexões humanas. As vezes não desce até aqueles que trabalham por consegui-la, e em compensação visita os que não se encontram

preparados, come, por exemplo, Saul.

— Não, parece que ainda não — disse a condessa, que seguia, com a vista, os movimentos do francês.

Landau levantou-se e aproximou-se deles.

— Dão licença que eu ouça? — perguntou.

— Com certeza. Não o queríamos incomodar — replicou Lídia Ivanovna, olhando-o com meiguice. — Sente-se junto de nós.

— A única coisa a fazer é não fecharmos os olhos para não deixarmos de ver a luz — prosseguiu Alexei Alexandrovitch.

— Oh! Se o senhor soubesse a felicidade que experimentamos sentindo a sua contínua presença na nossa alma! — exclamou a condessa com um sorriso beato.

— Mas, às vezes, o homem pode sentir-se incapaz de se elevar a essa altura — disse Stepane Arkadievitch, compreendendo que procedia como um hipócrita ao admirar essa elevação religiosa. Não obstante, não ousava manifestar a sua maneira livre de pensar perante uma pessoa que com uma única palavra podia proporcionar-lhe o lugar ambicionado.

— Então, quer o senhor dizer que o pecado o impede disso? — observou a condessa. — Pois é uma opinião falsa. O pecado não existe. Para os crentes o pecado está redimido. *Pardon* — acrescentou, olhando para o criado que entrava de novo com uma carta. Leu-a e respondeu verbalmente, dizendo —: "Amanhã, em casa da grã-duquesa, diga-lhe...", para o crente o pecado não existe — continuou.

— Sim, mas a fé sem obras é uma fé morta — objectou Stepane Arkadievitch ao lembrar-se dessas palavras do catecismo, defendendo a sua independência já apenas com um sorriso.

— As palavras da epístola de São Tiago — interveio Alexei Alexandrovitch, dirigindo-se à condessa com certa censura, como se se tratasse de algo que já haviam discutido mais de uma vez. — Que mal tem feito a falsa interpretação deste versículo! Nada aparta tanto da fé como esta interpretação. "Não faço boas obras, todavia posso ter fé", isto não está escrito em parte alguma, o texto diz precisamente o contrário.

— Trabalhar para Deus, salvar a alma por meio de trabalhos, de jejuns e mortificações — comentou a condessa, com desprezo e repugnância — são ideias absurdas dos nossos frades... Isso não está dito em parte alguma. É muito mais fácil e mais simples — acrescentou, olhando para Oblonski com o sorriso de aprovação com que costumava animar na Corte as jovens damas de honor,

atrapalhadas com o ambiente novo para elas.

— Estamos salvos, por Cristo que sofreu por nós. Estamos salvos pela fé — afirmou Karenine, aprovando com o olhar as palavras da condessa.

— *Vous comprenez l'anglais*?(Nota 124) — perguntou Lídia Ivanovna, e ao ser-lhe respondido afirmativamente, levantou-se e foi procurar qualquer coisa numa estantezinha de livros.

— Quero ler-lhe *Safe and happy ou Under the wing*(Nota 125) — disse, olhando Karenine com um olhar interrogador. E assim que encontrou o livro, voltou a sentar-se no seu lugar, abrindo-o. — É muito curto. Descreve o caminho por meio do qual se chega à f é e a essa felicidade que está por cima de tudo que é terreno e embarga a alma. O homem crente não pode ser infeliz porque não está só, como vai ver. A Borosdina? Diga-lhe que amanhã às duas. Sim — murmurou, colocando um dedo entre as páginas do livro. Ficou-se a olhar em frente com os seus magníficos olhos pensativos e suspirou. — Aqui tem como obra a verdadeira fé. Conhece a Maria Sanine? Ouviu falar na sua desgraça? Perdeu o seu único filho. Estava desesperada. E que aconteceu? Pois desde que encontrou o seu caminho, o desespero que sentia transformou- se em consolação: agradece a Deus a morte do filho. Aqui tem a felicidade que a fé proporciona.

— Evidentemente, é muito... — murmurou Stepane Arkadievitch, contente por nada ter de dizer enquanto durasse a leitura. “Não, o melhor é não pedir hoje coisa alguma e pôr-me a andar logo que possa; de outra maneira sou capaz de sair daqui pior do que entrei.”

— Isto vai aborrecê-lo — disse a condessa para Landau —, visto que não sabe inglês, mas é curto.

— Oh, compreenderei! — exclamou o francês com um sorriso, e fechou os olhos.

Alexei Alexandrovitch e a condessa trocaram um olhar significativo e a leitura principiou.

CAPÍTULO XXII

As estranhas considerações que acabava de ouvir haviam lançado Stepane Arkadievitch em grande estupefacção. Evidentemente que a complexidade da vida petersburguesa fazia com a monotonia moscovita contraste que ele muito apreciava, mas, em todo o caso, aquele insólito meio desorientava-o por completo. Principiou a notar um peso especial na cabeça enquanto ouvia a condessa e sentia pousados nele os formosos olhos ingênuos ou cheios de malícia — não podia sabê-lo ao certo — de Landau.

Os pensamentos mais contraditórios percorriam-lhe o cérebro.

"Maria Sanine estava contente por lhe ter morrido o filho... Ah, se pudesse fumar! Para uma pessoa se salvar bastava crer; mas os frades não sabem como se deve crer; só a condessa Lídia Ivanovna é que o sabe... Por que sinto eu este peso na cabeça? Será por causa do conhaque que bebi ou porque tudo isto é demasiado estranho? Seja como for, até agora acho que ainda não fiz nada de inconveniente. No entanto, hoje não lhe posso pedir coisa alguma. Dizem que esta gente nos obtigi a rezar. Desde que me não obriguem a mim. Seria demasiado estúpido. E que tolice é esta que ela está a ler? Mas pronuncia bem, Landau... Bezzubov. Por que se chama ele Bezzubov?" De súbito, Stepane Arkadievitch sentiu que lhe tremia a maxila inferior de maneira a não deter o movimento que ia transformar-se num bocejo. Cofiou as suíças para disfarçar o bocejo e dominou-se. Mas logo em seguida notou que ia adormecer e que estava a ponto de ressonar. Volveu a si ao ouvir a voz da condessa, que dizia: "Adormeceu." Stepane Arkadievitch acordou assustado, sentindo-se culpado e apanhado em falta. Mas logo se tranqüilizou ao dar-se conta de que a palavra "adormeceu" não se referia a ele, mas a Landau. O francês adormecera, bem como Stepane Arkadievitch. Pensava este que o facto de ter adormecido seria uma ofensa para os outros (a bem dizer nem sequer pensara nisso, visto tudo lhe parecer muito extraordinário), mas, pelo contrário, o ter Landau caído a dormir alegrou-os extraordinariamente, sobretudo à condessa.

— *Mon ami*(Nota 126) — disse, dirigindo-se deste modo a Karenine no entusiasmo do momento e ajeitando com prudência as pregas do vestido de seda —, *donnez-lui la main; vous voyez?...*(Nota 127) Psiu! — sussurrou para o criado que entrava de novo e acrescentou: — Não recebo ninguém.

O francês dormia ou fingia dormir, com a cabeça apoiada no espaldar da poltrona, enquanto fazia ligeiros movimentos, como se

procurasse apanhar alguma coisa, com a mão suada que lhe pendia nos joelhos. Alexei Alexandrovitch pôs-se de pé, quis fazê-lo com muito cuidado, mas, apesar disso, tropeçou na mesa. Aproximando-se do francês, pousou uma das suas mãos na mão dele. Oblonski levantou-se também e abriu os olhos, desejoso de acordar, no caso de estar realmente a dormir. Ora olhava para um ora olhava para o outro. Tudo aquilo era real. Notou que as ideias cada vez se lhe misturavam mais no cérebro.

— *Que la personne qui est arrivée la dernière, celle qui demande, qu' elle sorte. Qu 'elle sorte!*(Nota 128) — disse o francês sem abrir os olhos.

— *Vous m' excuserez, mais vous voyez... Revenez ver s 10 heures, encore mieux demain*(Nota 129).

— *Qu' elle sorte!*(Nota 130) — repetiu o francês, impaciente.

— *C'est moi/ riest-ce pás?*(Nota 131) — perguntou Stepane Arkadievitch, e depois de receber uma resposta afirmativa, esquecendo o que queria pedir a Lídia Ivanovna, bem como o assunto da irmã, só teve um desejo: sair dali quanto antes.

Saiu da saleta em bicos dos pés, e, como se saísse de uma casa empestada, correu para a rua. Durante muito tempo chalaceou com o cocheiro do trem que o conduzia ao Teatro Francês. Chegou na altura do último acto, e, pouco depois, no restaurante, diante de uma garrafa de champanhe, não tardou a recompor-se, embora sem se libertar por completo de um certo mal-estar.

Ao voltar para casa do seu tio Piotre Oblonski, onde se hospedara, encontrou uma cartinha de Betsy, que o convidava a continuar no dia seguinte a conversa interrompida. Mal acabara de ler este bilhetinho e de manifestar o desgosto que ele lhe causava, no andar de baixo ouviram-se uns passos muito pesados, como de alguém que levasse um fardo às costas. Stepane Arkadievitch assomou à escada para ver de quem se tratava. Era o rejuvenescido Piotre Oblonski, tão embriagado que não parecia capaz de subir a escada. Ao ver, porém, Stepane Arkadievitch, ordenou que o pusessem de pé e apoiado a ele encaminhou-se para o seu quarto, onde lhe contou como passara a noite, não tardando a adormecer. Stepane Arkadievitch sentia-se abatido, coisa que poucas vezes lhe sucedia, e por muito tempo não pôde conciliar o sono. Tudo o que lhe vinha à memória lhe repugnava e acima de tudo, como se se tratasse de uma coisa vergonhosa, o serão em casa de Lídia Ivanovna.

No dia seguinte recebeu resposta negativa de Alexei Alexandrovitch a respeito do divórcio. Compreendeu que a resposta era baseada no que havia dito o francês durante o seu estado de sonolência, verdadeiro ou fingido.

CAPÍTULO XXIII

As decisões nas famílias ou se tomam no caso de um perfeito acordo entre os cônjuges ou então quando existe uma separação completa entre eles. Se as relações entre eles flutuam entre os dois extremos nada é possível decidir.

Muitos casais levam anos e anos numa espécie do ponto morto, incômodo para ambos, só porque não existe entre eles nem acordo nem separação absoluta.

Vronski e Ana estavam a passar por isso mesmo: conquanto lhes fosse insuportável, tanto para um como para outro, a vida de Moscovo, naquela época de pó e calor, quando o sol já não brilhava como na Primavera, antes era um verdadeiro sol de Verão, e as árvores das avenidas apareciam cobertas de folhas poeirentas, não se decidiam a ir para Vozdvijenskoe, como haviam resolvido tempos antes. Continuavam a viver em Moscovo, coisa enfadonha para ambos, precisamente porque não havia acordo entre os dois nos últimos tempos.

O desentendimento entre eles latente não tinha nenhuma causa externa e todas as tentativas que faziam para se reconciliar não só o não desvanecia mas ainda o agravava mais. Era uma desinteligência interior, provocada nela por um arrefecimento do amor de Vronski e nele pelo arrependimento que lhe causava o ter-se colocado numa situação difícil, que Ana, em vez de aliviar, ia tornando mais e mais penosa. Nenhum dos dois exprimia os motivos da irritação que os tomava; mas consideravam-se mutuamente injustos e, ao menor pretexto, logo procuravam demonstrá-lo.

Para Ana, Vronski, todo ele, com os seus costumes, os seus pensamentos, os seus desejos, a sua constituição física e a sua maneira de ser, era amor pelas mulheres. E esse amor, uma vez que esmorecera por ela, tinha de estar concentrado algures. No seu ciúme cego via em todas as mulheres a rival. Tão pronto tinha ciúmes dessas mulheres desprezíveis com as quais, graças às suas relações do tempo de solteiro, ele facilmente entraria em contacto, como das senhoras da alta sociedade com quem poderia encontrar-se ou então de qualquer jovem imaginária com quem iria casar, rompendo com ela. Este último caso, eis o que mais a atormentava, sobretudo porque o próprio Vronski cometera a imprudência de lhe dar a entender, num momento de sinceridade, que a mãe o não compreendia e se permitira aconselhá-lo a que se casasse com a princesa Sorokina.

Os ciúmes enchiam Ana de indignação, e ela, aliás, não fazia outra

coisa senão procurar motivos para se indignar. Culpava Vronski de tudo o que havia de penoso na sua situação. Responsabilizava-o da atormentadora expectativa em que vivia em Moscovo, entre o céu e a terra, do atraso e da indecisão de Alexei Alexandrovitch e da sua própria solidão. Se Vronski a amasse, compreenderia a sua angustiosa vicissitude e faria todo o possível por ajudá-la a libertar-se. Era ele o culpado de que ela vivesse ali, pois não estava disposto a enterrar-se na aldeia como Ana desejava. Precisava de viver na sociedade, colocando-a numa posição horrível, fazendo-a passar por humilhações que não queria compreender. E igualmente o culpava de estar separada do filho. Nem os raros momentos de ternura entre eles chegavam para apaziguar; notava agora nos carinhos de Vronski um misto de sossego e segurança que antigamente não tinham, e isso irritava-a.

Anoitecia já. Enquanto esperava por Vronski, que fora a um jantar de celibatários, Ana andava de um lado para o outro no escritório (a dependência da casa onde se ouvia menos o ruído da rua), recapitulando todos os pormenores da discussão da véspera. Ao evocar as causas da altercação daquela manhã, veio a lembrar-se, por fim, do princípio da conversa que haviam tido. Durante muito tempo não quis acreditar Sue a discussão houvesse sido suscitada por umas palavras tão inofensivas e que tão pouco afectavam os seus corações. E no entanto assim acontecera, com efeito. Tudo principiou porque Vronski havia troçado dos liceus femininos, considerando-os desnecessários, e Ana, pelo contrário, defendera a sua utilidade. Vronski mostrara-se pouco respeitoso para com a instrução feminina, dizendo que Hanna, a inglesinha protegida de Ana, não precisava de saber física.

Aquilo irritou-a, que via nessas palavras uma alusão depreciativa às suas próprias ocupações. Concebeu e disse a Vronski uma frase impertinente para se vingar do dano que lhe causara.

— Não esperava que te lembrasses nem de mim nem dos meus sentimentos, como o faria um homem enamorado, mas que mostrasses um pouco de delicadeza.

Efectivamente Vronski corou, irritado, replicando qualquer coisa de desagradável. Ana não se lembrava o que respondera, mas nesse momento ele, desejando, ao que lhe parecera, feri-la por sua vez, exclamara:

— Confesso-te que não posso compreender o teu interesse exagerado por essa pequena, não o acho natural.

Esta crueldade, que fazia ruir o mundo que Ana construíra com tanto trabalho, na esperança de assim suportar melhor a sua penosa falta de naturalidade, fizeram-na explodir,

— Sinto muito que apenas sejas capaz de compreender sentimentos grosseiros e materiais — replicou, saindo da sala.

Quando Vronski entrou à noite no quarto de dormir, não falou na discussão havida, embora ambos sentissem que o desgosto apenas estava dissimulado e as pazes não estavam feitas.

Vronski passara o dia inteiro fora de casa, e a Ana, na sua solidão, pesava-lhe muito ter discutido; desejava tudo esquecer, perdoar e reconciliar-se, culpando-se a si mesma e justificando-se junto dele. “Eu tenho a culpa. Estou irascível, os meus ciúmes são infundados... Vou reconciliar-me com ele e iremos para a aldeia, ali estaremos tranqüilos.” “Não o acho natural”, lembrou, de súbito, as palavras de Vronski. Mas o que mais a magoou fora a intenção de a ferir que notara nelas. “Sei o que ele quis dizer: que não é natural querer a uma criatura estranha, não querendo a minha própria filha. Que entende ele do meu amor pelos meus filhos, do meu amor por Seriocha, que eu lhe sacrifiquei? Mas esse seu desejo de me magoar? Não; ele gosta de outra mulher, não pode deixar de ser.”

Ao ver que, procurando apaziguar-se, percorrera de novo o círculo que tantas vezes havia percorrido já e que voltava a cair na irritação anterior, Ana horrorizou-se de si mesma. “Será possível? Porventura não me poderei reconhecer culpada?”, perguntou a si própria, e voltou de novo ao princípio. “Ele é justo e honrado. Gosta de mim e eu gosto dele. Dentro de dias conseguiremos o divórcio. Que mais necessitamos. Paz e confiança. Assumirei todas as culpas, quando ele vier, dir-lhe-o que sou culpada, ainda que não seja verdade.”

No intuito de não pensar mais e de impedir entregar-se à sua irritação, Ana chamou a criada e mandou que trouxessem as malas. Queria preparar as coisas que levaria para o campo.

Às dez chegava Vronski.

CAPÍTULO XXIV

— Divertiste-te? — perguntou Ana, que vinha ao encontro de Vronski com uma expressão ao mesmo tempo tímida e culpada.

— Como de costume — replicou ele, compreendendo, num relance de olhos, que Ana estava bem disposta.

Vronski acostumara-se às mudanças de humor de Ana e naquela noite ficou particularmente satisfeito por encontrá-la assim mudada: também ele estava muito bem disposto.

— Que vejo? Muito bem! Acho muito bem! — exclamou, atentando nas malas que estavam no vestíbulo.

— É preciso sairmos da cidade. Fui dar um passeio que me agradou tanto que senti desejos de partir para a aldeia. Nada te retém aqui, não é certo?

— Não peço outra coisa. Volto já e falaremos. Vou mudar de fato.

Manda servir o chá.

Vronski dirigiu-se ao seu quarto de *toilette*.

Havia o que quer que fosse de ofensivo no tom com que dissera: "Muito bem. Acho muito bem." Era como se se dirigisse a uma criança, que desistira dos seus caprichos. E tanto mais ofensivo quanto era certo haver um grande contraste entre o tom culpado de Ana e o dele, bem seguro de si. Ana, por momentos, sentiu desejos de continuar a luta; mas, graças a um grande esforço sobre si mesma, dominou-se e acolheu Vronski com a alegria anterior.

Contou-lhe como passara o dia e falou-lhe nos seus projectos de viagem, repetindo em parte o que de antemão pensara dizer.

— Ouve. Tive uma inspiração — disse ela. — Por que havemos nós de aguardar aqui o divórcio? Não será a mesma coisa se estivermos na aldeia? Não posso esperar mais. Não quero ter esperança nem quero ouvir falar mais nisso. Decidi que isto não tenha mais influência sobre a minha vida. Estás de acordo?

— Oh! Sim! — exclamou Vronski, observando não sem inquietação o rosto de Ana.

— Que fizeste tu? Quem estava no jantar? — perguntou ela, depois de um silêncio.

Vronski enumerou os convidados e contou que o jantar fora esplêndido. Houvera regatas e tudo correra muito bem. Mas em Moscovo as pessoas não podem passar sem *le ridicule*(Nota 132). Uma

senhora, professora de natação da rainha da Suécia, apresentara-se para uma demonstração da sua arte.

— Como? Nadando? — perguntou Ana, de sobrecenho carregado.

— Era uma velha disforme, vestida com um costume de *natation*(Nota 133) encarnado. Então quando partimos?

— Que fantasia tão parva! E nadou de alguma maneira especial?

— quis saber Ana, sem responder à pergunta de Vronski.

— Não. Como te disse, era uma coisa completamente idiota. Então quando queres que partamos?

Ana abanou a cabeça, como se quisesse afastar um pensamento desagradável.

— Quando? Quanto mais cedo melhor. Já não temos tempo de partir amanhã. Iremos depois de amanhã.

— Sim... Mas espera. Depois dê amanhã é domingo tenho de ir visitar a *maman* — disse Vronski, perturbando-se, pois, enquanto falava na mãe, sentia fitos nele os olhos de Ana cheios de desconfiança.

Ana corou e apartou-se de Vronski. Agora já não era a professora de natação da rainha da Suécia quem ela tinha na mente, mas a princesa Sorokina, que vivia com a condessa Vronskaia numa povoação perto de Moscovo.

— Podes ir amanhã!

— Não. Nem a procuração nem o dinheiro que ela me tem de entregar estarão prontos para amanhã — replicou Vronski.

— Pois eu depois de amanhã não vou. Ou vamos amanhã ou nunca.

— Porquê? — inquiriu Vronski, surpreendido. — Isso não tem pés nem cabeça.

— Para ti, não, porque no teu egoísmo não queres compreender que eu sofra. A única coisa que me entretinha aqui era Hanna. Dizes-me que isso é hipocrisia. Ontem disseste-me que não gosto da minha filha, que finjo gostar da pequena inglesa, que isso não é natural. Gostava de saber qual a forma de vida que poderia ser natural para mim. — Por momentos, compreendeu, aterrorizada, ter esquecido as suas boas intenções. Mas, embora compreendendo ir por caminho errado, não resistiu à tentação de lhe provar que estava enganado.

— Nunca falei em semelhante coisa. Apenas disse que não gostava desse carinho improvisado.

— Por que estás a mentir, tu que tanto te orgulhas de ser recto?

— Nem minto nem me envaideça da minha rectidão — replicou Vronski, refreando a ira que se apoderava dele. — É pena que não respeites...

— O respeito foi inventado para esconder o lugar vazio onde deveria estar o amor... Se já me não queres, é melhor e mais leal que mo digas.

— Isto começa a ficar insuportável! — exclamou Vronski, levantando-se. E de pé, diante de Ana, num tom que queria significar que lhe podia dizer muito mais coisas, mas que se continha, disse-lhe pausadamente: — Para que pões à prova a minha paciência? Advirto-te que tem limites.

— Que queres dizer com isso? — gritou Ana, olhando com horror a clara expressão de ódio que se reflectia no rosto de Vronski e principalmente nos seus olhos cruéis e ameaçadores.

— Quero dizer... — principiou ele, mas deteve-se. — Gostava de saber que desejas tu de mim.

— Que posso eu desejar? Unicamente que me não abandones como pensas fazer — disse Ana, compreendendo tudo quanto Vronski deixara de dizer. — Mas não, o desejo é secundário. Por conseguinte, tudo acabou.

E dirigiu-se para a porta.

— Espera! Es... pé... rã! — exclamou Vronski, sem que a prega severa que se lhe cavara na testa desaparecesse, agarrando-a por uma mão. — Que foi? Disse que devíamos adiar por três dias a nossa partida e a isso respondeste-me que eu sou falso e desonesto.

— Sim, e repito que um homem que não faz outra coisa senão atirar-me à cara tudo ter sacrificado por mim — replicou Ana, recordando as derradeiras palavras da última zanga — é pior do que um homem falso: é um homem sem coração.

— Decididamente a paciência tem limites! — exclamou Vronski, dando-se pressa em soltar a mão de Ana.

"Odeia-me, é um facto", pensou ela, e, em passos titubeantes abandonou o quarto em silêncio. "Gosta de outra mulher, é certo, certo agora", dizia, ao entrar no seu quarto. "Quero amor, mas não o tenho. Por conseguinte, tudo acabou", repetiu as palavras que dissera antes: "É preciso acabar."

"Mas como?", perguntou a si mesma, sentando-se numa poltrona diante do espelho.

Os pensamentos mais díspares a assaltaram. Onde refugiar-se? Em casa da tia que a criara? Em casa de Dolly? Ou no estrangeiro? Que

estaria ele a fazer no quarto de *toilette?* Seria definitiva aquela ruptura? Que diriam Alexei Alexandrovitch e as suas amigas de Sampetersburgo? Uma ideia vaga se lhe ia formando no espírito sem que ela chegasse a formulá-la. E lembrou-se de uma frase que dissera ao marido depois do parto: "Porque não morri eu?" De súbito, estas palavras acordaram o sentimento que se apoderara dela outrora. "Morrer, sim, é a única maneira de sair disto. A minha vergonha, a desonra de Alexei Alexandrovitch, a desonra de Sérgio, tudo acabará com a minha morte. E quando eu estiver morta, ele há-de arrepender-se da sua conduta, há-de chorar por mim, amar-me-á." Um sorriso de enternecimento por si própria lhe aflorou aos lábios enquanto punha e tirava os anéis, maquinalmente.

Aproximaram-se passos — os dele! — que a afastaram da meditação em que caíra. Fingindo que arrumava os anéis, nem sequer olhou para ele.

Vronski aproximou-se e pegando-lhe na mão pronunciou em voz baixa:

— Ana, estou pronto a tudo; se queres, vamo-nos depois de amanhã.

Ana continuou calada.

— Que achas? — insistiu ele.

— Faz como quiseres — disse Ana, e incapaz de se reprimir por mais tempo, irrompeu em soluços. — Abandona-me! Abandona-me! — dizia, entre lágrimas. — Partirei amanhã... E farei mais... Que sou eu? Uma mulher perdida, uma pedra ao teu pescoço. Não quero atormentar-te mais. Tu já não me amas, tu gostas de outra, eu libertar-te-ei de mim.

Vronski suplicou-lhe que se calasse, garantindo-lhe que não tinham sentido algum aqueles ciúmes, que nunca deixara nem deixaria de amá-la e que ainda a amava mais hoje do que antes.

— Para que te atormentas e me fazes sofrer a mim? — disse, beijando-lhe as mãos.

Naquele momento havia ternura na expressão dele e Ana julgou notar-lhe lágrimas na voz e sentiu, mesmo, que as lágrimas dele lhe humedeciam as mãos. De súbito, os ciúmes desesperados que sentia transformaram-se em apaixonada ternura cheia de exaltação: abraçou Vronski, cobrindo-lhe de beijos a cabeça, o pescoço e as mãos.

CAPÍTULO XXV

A reconciliação era completa. Na manhã seguinte Ana principiou a preparar com grande animação as coisas para a viagem. Conquanto ainda não tivessem decidido se partiriam segunda ou terça-feira, visto estarem prontos a ceder aos desejos um do outro, Ana preparava activamente a partida, indiferente à ideia de que fosse um dia antes ou um dia depois. Estava no quarto, diante de uma mala aberta, arrumando as suas coisas, quando Vronski entrou, pronto já para sair.

— Vou a casa da *maman*. Ela pode mandar-me o dinheiro por intermédio de Iegorov, de modo que estou disposto a partir amanhã.

Apesar da boa disposição de Ana, a ideia daquela visita de Vronski à residência estival da mãe impressionou-a.

— Não sei se terei tempo para preparar tudo — disse, e imediatamente pensou: "Por conseguinte era possível arranjar as coisas para fazer o que eu queria." — Não. É melhor que façamos como tu desejavas a princípio. Vai para a sala de jantar, depois eu irei. Tenho apenas de guardar estes objectos que não são necessários — acrescentou, empilhando mil coisas nos braços de Anuchka, carregada já com um montão de roupas.

Quando Ana entrou na sala de jantar, Vronski comia um bife.

— Não calculas como me são odiosas estas casas — disse, sentando-se perto dele, diante de uma chávena de café. — Não há nada pior do que estas *chambres garnies*(Nota 133.5). Não têm expressão, não têm alma. Estes relógios, estas cortinas e sobretudo os papéis das paredes são para mim um pesadelo. Quando me lembro de Vozdvijenskoe é como se pensasse na Terra Prometida. Não vais mandar já os cavalos?

— Não, irão depois. Pensas sair hoje?

— Queria ir à Casa Wilson. Tenho de levar uns vestidos. Então sempre vamos amanhã? — perguntou Ana, em tom alegre; mas, de súbito, mudou de expressão.

O criado de quarto de Vronski entrava nesse momento para pedir o recibo de um telegrama. Vronski respondeu-lhe secamente que estava no escritório. E para desviar a atenção de Ana, deu-se pressa em responder-lhe:

— Amanhã estará tudo pronto sem falta.

— De quem é o telegrama? — perguntou Ana, sem o ouvir.

— Do Stiva! — respondeu Vronski de má catadura.

— Porque não mo mostraste? Que segredos pode haver entre mim e Stiva?

Vronski chamou o criado de quarto e ordenou-lhe que trouxesse o telegrama.

— Não to quis mostrar, porque não faz sentido mandar um telegrama quando ainda nada está decidido. Stiva tem a mania dos telegramas.

— Trata-se do divórcio?

— Trata, diz que ainda não pôde conseguir nada. Prometeu-lhe uma resposta definitiva dentro de dias. Toma, lê.

Ana pegou no telegrama de mãos trêmulas, e leu o que Vronski acabava de dizer. Por fim o telegrama acrescentava: "Há poucas esperanças; mas hei-de fazer o impossível."

— Não te disse ontem que isto me era indiferente? — observou ela, corando. — Não valia a pena, por isso, estares a esconder-me uma coisa destas. "Naturalmente é o que ele faz à correspondência com as mulheres", pensou ela.

— A propósito, Iachivne virá, talvez, esta manhã com Voitov. Imagina: ganhou perto de sessenta mil rublos ao Pievtsov, que vai ver-se em apuros para lhe pagar.

— Mas — exclamou Ana, fora de si, pois aquela maneira indirecta, mudando de assunto, de ele lhe fazer compreender que ia de novo meter-se por caminho perigoso, ainda mais a irritou. — Para que queres tu o divórcio?

"Meu Deus, outra vez o amor", pensou Vronski, numa careta.

— Já sabes que o desejo por ti e pelos filhos que tivermos.

— Não haverá mais filhos.

— É pena!

— Só pensas nos filhos e não em mim — exclamou Ana, esquecendo-se de que ele acabava de dizer "por ti e pelos filhos".

Este desejo de ter filhos era de há muito entre eles motivo de discórdia: considerava isso uma prova de indiferença de Vronski pela sua beleza.

— Pelo contrário, é sobretudo em ti que eu penso — respondeu ele, de sobrancelhas franzidas, como se uma nevralgia o fizesse sofrer. — Estou convencido de que a tua irritabilidade é em grande parte o resultado da posição falsa em que vives.

"Deixou de fingir, e o ódio frio que me tem lá está agora completo",

pensou ela, sem prestar atenção ao que ele dizia. Afigurava-se-lhe que um juiz feroz a condenava através dos olhos de Vronski.

— Não, a minha posição nada tem que ver com aquilo a que tu queres chamar a minha ir-ri-ta-bi-li-da-de — disse ela. — Pareceu-me perfeitamente clara: não estou eu inteiramente nas tuas mãos?

— Tenho pena de que me não queiras compreender — interrompeu-a ele, bruscamente, empenhado em obrigá-la a apreender de uma vez para sempre o fundo do seu pensamento. — A tua falsa posição é que te compele a desconfiares de mim.

— Oh, quanto a isso podes estar sossegado! — replicou ela, voltando a cara.

Bebeu algumas gotas de café: o ruído que fazia com os lábios e o gesto da mão que segurava, de dedo mínimo levantado, evidentemente que irritavam Vronski; e percebeu isso mesmo, ao relancear-lhe um olhar furtivo.

— Pouco me importa a opinião da tua mãe e os projectos de casamento que tem para ti — disse ela, repelindo a chávena, a mão trêmula.

— Não é disso que se trata.

— É, é disso, precisamente. E acredita que para mim uma mulher sem coração, seja velha, seja nova, seja tua mãe ou uma estranha, não me interessa nem quero nada com ela.

— Ana, peço-te que não fales da minha mãe com essa falta de respeito.

— Uma mulher que não soube adivinhar onde estavam a felicidade e a honra do filho, não tem coração.

— Repito-te o pedido que te fiz: não fales assim de minha mãe, a quem eu respeito — repetiu Vronski, erguendo a voz e olhando Ana com severidade.

Ana não respondeu. Examinou atentamente o rosto e as mãos de Vronski e recordou, em todos os seus pormenores, a cena de reconciliação da véspera e as carícias apaixonadas que se lhe tinham seguido: “Prodigalizou carícias precisamente iguais a outras mulheres, e é isso que ele quer continuar a fazer”, pensou.

— Tu não gostas de tua mãe. Tudo isso são palavras, palavras, palavras! — exclamou, fitando-o com ódio.

— Se assim é, mais vale...

— Mais vale tomar uma decisão, e eu já a tomei. — Ana ia retirar-se, mas nesse momento Iachivne entrava na sala. Cumprimentou-o e

deteve-se.

Não sabia para que havia de fingir diante de uma pessoa estranha que, mais tarde ou mais cedo, tudo viria a saber, quando a tempestade lhe reinava na alma. Pressentia ter chegado a esse momento decisivo da vida, momento de terríveis conseqüências. Mas, apaziguando, imediatamente, a tempestade interior, sentou-se e principiou a falar com Iachivne.

— Então como vão as suas coisas? Já cobrou a dívida? — perguntou-lhe.

— Apenas parte, e tenho de me ir embora terça-feira, sem falta — volveu-lhe ele, arriscando um relance de olhos para Vronski: adivinhava que viera interromper uma cena entre ambos. — E quando partem?

— Depois de amanhã, suponho eu — tornou-lhe Vronski.

— Já está finalmente resolvido?

— Está, definitivamente — replicou Ana, que, fitando Vronski nos olhos, dizia-lhe ser inútil pensar numa reconciliação. — Será possível que não tenho pena do desgraçado do Pestsov? — perguntou, continuando a conversa com Iachivne.

— Pena? Aí está uma coisa em que eu ainda não pensei, Ana Arkadievna. Tudo quanto tenho anda comigo — disse, apontando para o bolso do colete. — Agora sou um homem rico. Mas hoje hei-de ir ao clube e quando de lá sair naturalmente já não terei com que mandar cantar um cego. Ora, aquele que joga comigo está animado do mesmo desejo que eu: deixar-me sem camisa. Lutamos, e nisso consiste o nosso prazer.

— E se fosse casado? Que diria a sua mulher? — perguntou Ana.

Iachivne desatou a rir.

— Por isso mesmo não me casei, nem nunca tal coisa me passou pela cabeça.

— Esqueceste-te de Helsingfors — insinuou Vtonski, arriscando um olhar a Ana, que sorria.

Ao encontrar-se com o olhar de Vronski, o rosto de Ana adoptou, repentinamente, uma expressão fria e severa, como se dissesse: “Ainda não esqueci. Tudo continua no mesmo pé.”

— Será possível que tenha estado enamorado? — interrogou Ana a Iachivne.

— Oh, meu Deus! Quantas vezes! Mas enquanto os outros fazem tudo para que as suas partidas de cartas os não impeçam de ir aos

rendez- vous, eu fiz sempre o que pude para não perder as partidas de cartas.

— Não é isso que eu lhe pergunto. Falo-lhe do presente — Ana ia referir-se a Helsingfors, mas não quis repetir a palavra que Vronski pronunciara.

Entretanto apareceu Voitov, que queria comprar um potro, e Ana abandonou a sala.

Antes de sair de casa, Vronski foi aos aposentos de Ana. Esta quis fingir que procurava qualquer coisa na mesa, mas, envergonhada do fingimento, olhou-o resolutamente, com olhos frios.

— Que queres? — perguntou em francês.

— Venho buscar os documentos do Gambetta, vendi-o — replicou Vronski, num tom que dizia mais do que as palavras. "Não tenho tempo para explicações, que, aliás, não conduziriam a coisa alguma." "Não tenho nada que me censurar a mim próprio", pensou. "Se quer mortificar-se, *tant pis pour elle*[156]." No entanto, quando ia a sair, pareceu-lhe que Ana dissera qualquer coisa, e uma grande piedade por ela o invadiu.

— Que dizes, Ana? — perguntou.

— Nada — respondeu ela, fria e tranqüila. "Nada? *Tant pis",* pensou Vronski, indiferente de novo, e, voltando-se, deixou a sala. Ao sair, viu no espelho o rosto de Ana, pálido e de lábios trêmulos. Pensou em deter-se para lhe dizer duas palavras consoladoras, mas os pés arrastaram-no para fora da sala antes de pensar no que diria. Passou todo o dia fora de casa e quando voltou, noite alta, a criada disse-lhe que Ana Arkadievna estava com dores de cabeça e pedia que a não fosse incomodar.

CAPÍTULO XXVI

Ana e Vronski ainda não tinham passado um dia inteiro zangados. Era a primeira vez. E não se tratava de uma simples querela, mas de uma prova evidente de que o amor de Vronski esmorecia. Como pudera ele olhá-la daquela forma quando entrou na sala para recolher os documentos? Embora visse que o seu coração se despedaçava, saíra em silêncio, indiferente e tranqüilo. O seu amor por ela arrefecera, odiava-a, visto gostar de outra mulher. Era evidente.

Lembrando as palavras cruéis de Vronski, Ana pensava nas que sem dúvida teria querido e teria podido dizer-lhe, e cada vez se sentia mais excitada.

"Não a retenho", podia ele ter dito, "pode ir-se embora quando quiser e para onde lhe agrade. Visto que já se não importa com o divórcio, é porque pensa voltar para seu marido. Pois que volte. Se precisa de dinheiro, eu lho darei. Quantos rublos quer?"

Ana imaginava ter-lhe ele dito as mais cruéis palavras que um homem grosseiro é capaz de dizer, e não lhas perdoava, como se ele as tivesse realmente pronunciado.

"Mas ainda ontem ele jurava amar-me só a mim!", dizia para si mesma, momentos depois. "É um homem honesto e sincero. Não me tenho eu sentido tantas vezes revoltada contra ele, inutilmente?"

Todo aquele dia, à excepção de duas horas que passou na Casa Wilson, esteve Ana cheia de dúvida a respeito da situação. Não sabia se tudo estava terminado ou se ainda havia esperanças de reconciliação. Deveria ir-se embora imediatamente, ou convinha tornar a vê-lo mais uma vez? Esperou Vronski o dia inteiro e pela noite, ao retirar-se para o quarto, deu ordens para que lhe dissessem doer-lhe a cabeça, e pensou: "Se vier ter comigo, apesar do que lhe disser a criada, é porque ainda me quer. Caso contrário, acabou-se e eu sei o que me resta fazer."

Ouviu o rolar das rodas do carro quando Vronski chegou, ouviu-o tocar a campainha e depois falar com a criada. Os passos afastaram-se. Penetrara no escritório. Ana compreendeu que o destino estava jogado. A morte representou-se-lhe então como a única maneira de castigar Vronski, de lhe reconquistar a amor, de triunfar na luta que o espírito maligno que se lhe havia alojado no coração travava com aquele homem. A partida, o divórcio, tudo era agora para ela indiferente. O essencial era o castigo.

Pegou no frasco do ópio e lançou num copo a dose habitual. "Se eu

tomasse todo o frasco", pensou, "seria tudo quanto há de mais fácil acabar." Deitada, de olhos abertos, observava, à luz vacilante da vela, os contornos do estuque e a sombra que o biombo aí projectava, abandonando-se a esse lúgubre cismar. Que pensaria ele quando ela tivesse desaparecido? Que remorsos sentiria? "Como pude eu f alar-lhe tão duramente, como pude deixá-la sem uma palavra afectuosa? E agora desapareceu para sempre, abandonou-nos para nunca mais!..." De súbito, a sombra do biombo pareceu agitar-se, assenhorear-se de todo o tecto, outras sombras vieram ao seu encontro, recuaram, para se precipitarem com novo ímpeto, e tudo se fundiu em completa obscuridade. "A morte", disse para si mesma. E um terror tão profundo se apoderou dela que por algum tempo tentou concentrar as ideias sem saber onde estava. Depois de inúteis esforços, conseguiu, finalmente, de mão trêmula, acender outra vela para substituir a que acabava de apagar-se. Lágrimas de alegria lhe inundaram o rosto, quando percebeu ainda estar viva. "Não, não, tudo menos a morte! Eu amo-o, e ele também me ama, já passámos por cenas semelhantes e as coisas arranjaram-se." E para fugir aos terrores que a assaltavam, levantou-se e correu a refugiar-se no quarto de *toilette* de Vronski.

Vronski dormia tranqüilamente. Aproximou-se dele, ergueu a vela por cima da cama e ficou-se a contemplá-lo enternecida, os olhos rasos de lágrimas. Porém, evitou acordá-lo: tê-la-ia olhado com o seu olhar glacial, seguro do seu procedimento, e ela, pelo seu lado, num primeiro impulso, ter-se-ia empenhado em demonstrar-lhe a gravidade das suas faltas. Voltou, pois, para o quarto, tomou uma segunda dose de ópio e adormeceu pesadamente, embora nem mesmo a dormir esquecesse o fardo das suas dores.

De madrugada, o pesadelo medonho que mais de uma vez a oprimira antes da sua ligação com Vronski veio de novo enchê-la de angústia: um velhinho de barbas desgrenhadas fazia alguma coisa, debruçado sobre uns ferros, enquanto dizia em francês palavras sem sentido. E Ana, como sempre que a visitava este pesadelo (e nisso consistia o horror do pesadelo), notava que o velhinho lhe não prestava a mínima atenção, mas fazia qualquer coisa de horroroso com esses ferros. E acordou coberta de suores frios.

Quando se levantou, os acontecimentos da véspera representaram-se-lhe confusamente no espírito. "Que se passou de tão desesperado?", pensava ela. "Houve uma discórdia? Não é a primeira. Disse-lhe que me doía a cabeça e ele não quis saber. Amanhã vamo-nos embora: preciso de o ver, de lhe falar, de apressar a partida."

Dirigiu-se ao escritório de Vronski, mas, ao atravessar o salão, o rolar de uma carruagem que parava à porta levou-a a olhar pela janela. Era um *coupé:* uma jovem, de chapéu lilás, debruçada da

portinhola, dizia qualquer coisa a um trintanário; este tocou a campainha, no vestíbulo ressoaram vozes, alguém subiu a escada e Ana ouviu Vronski descer precipitadamente. Viu-o na rua, de cabeça descoberta, que se aproximava da carruagem e pegava num embrulho que a jovem lhe estendia, falando e sorrindo. O *coupé* afastou-se e Vronski voltou a subir as escadas em passo rápido.

Esta breve cena dissipou repentinamente o torpor de Ana, e as impressões da véspera dilaceraram-lhe o coração mais dolorosamente do que nunca: como pudera ela rebaixar-se a tal ponto, ficando ainda um dia inteiro em casa de Vronski, depois do que se passara? Penetrou no escritório para lhe comunicar a sua decisão.

— A princesa Sorokina e a filha trouxeram-me o dinheiro e os papéis de minha mãe, que eu não pudera recolher ontem — disse Vronski, tranqüilamente, sem querer reparar na trágica fisionomia de Ana. — Como te sentes esta manhã?

De pé, no meio do escritório, Ana olhava-o fixamente, enquanto ele continuava a ler uma carta, de testa enrugada, depois de a haver percorrido com os olhos. Sem dizer palavra, Ana rodou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a porta; ele nada fez para a deter; no silêncio ouvia-se apenas o ruído do papel amarrotado nas suas mãos.

— A propósito — disse ele quando Ana atingia já o limiar da porta. — É amanhã, realmente, que nós partimos?

— O senhor, eu não — replicou Ana, voltando-se para ele.

— Ana, assim não podemos viver.

— O senhor não eu — repetiu ela.

— Isto começa a ser intolerável.

— O senhor... arrepender-se-á — disse ela, saindo.

Assustado com o tom de desespero com que ela pronunciara as últimas palavras, Vronski ergueu-se subitamente da cadeira onde estava sentado, quis correr atrás dela, mas, retendo-se, tornou a sentar-se, franziu as sobrancelhas e apertou os lábios.

Aquela ameaça que ele considerava inconveniente, exasperava-o. “Tentei tudo, só me resta não lhe prestar atenção”, pensou. E preparou-se para sair: precisava ainda de fazer algumas compras e de submeter uma procuração à assinatura da mãe.

Ana ouviu-o sair do escritório, atravessar a sala de jantar, parar na antecâmara, não para vir ao encontro dela, mas para dizer que mandassem o potro a casa de Voitov. Ana ouviu aproximar-se o carro dele, abrir-se a porta e Vronski sair. De repente, porém, ele entrou de novo no pátio e alguém subiu as escadas correndo. Era o criado de

quarto de Vronski, que ia buscar as luvas de que o amo se esquecera. Depois, batendo nas costas do cocheiro, disse-lhe qualquer coisa, e, sem se virar para as janelas da casa, cruzando as pernas, como de costume, sentado na almofada, pôs-se a calçar as luvas. Entretanto, o carro desaparecia.

CAPÍTULO XXVII

"Foi-se embora! Tudo acabou!", disse Ana de si para consigo, de pé, junto à janela. De chofre a angústia em que a mergulhara, durante a noite, a vela apagada e as ânsias do pesadelo, invadiram-na de novo inteiramente. "Não! Não é possível!", exclamou ela. Atravessou o quarto e puxou violentamente a campainha; mas, dominada pelo terror, não pôde esperar pelo criado, correu ao seu encontro.

— Vá saber onde foi o senhor conde — disse-lhe ela.

— Às cavalariças — respondeu o criado —; o carro volta já e ficará inteiramente às suas ordens.

— Está bem. Eu vou escrever duas linhas. Peça ao Mikail que as leve imediatamente à cavalariça. Sentou-se e escreveu. "Eu tenho a culpa. Volta para casa, por amor de Deus. Precisamos de ter uma explicação. Tenho medo."

Fechou o sobrescrito, entregou a carta ao criado e com medo de ficar só dirigiu-se à dependência da filha.

"Já o não reconheço. Onde estão os seus olhos azuis e o seu lindo sorriso tímido?", pensou ela, ao ver, em vez de Seriocha, que, na confusão de espírito em que estava, julgou ir encontrar, a pequenina, gorduchinha, de faces rosadas e de cabelo preto todo encaracolado. Sentada ao pé de uma mesa, a criança batia com uma rolha de garrafa em cima do tampo da mesma; os seus olhos pretos, cor de azeviche, pousaram-se inexpressivos na mãe que entrava. Ana disse à inglesa que já estava perfeitamente bem e que no dia seguinte seguiriam para o campo. Sentou-se junto da menina e pôs-se a fazer girar a rolha da garrafa diante dela. Mas o riso sonoro da pequenina, bem como o seu mover de sobrancelhas, lembraram-lhe tanto Vronski que se ergueu apressadamente, reprimindo os soluços, e saiu da sala. "Será possível que tudo tenha acabado? Não, não pode ser", pensou. "Ele voltará. Mas como há-de ele explicar-me aquele sorriso, aquela animação, depois de ter falado com ela? Mesmo que mo não explique, acreditarei nele. Se não acreditar, só me resta uma coisa, e isso não."

Ana consultou o relógio. Tinham passado doze minutos. "A esta hora já deve ter recebido o meu bilhete. Já falta pouco. Uns dez minutos. Mas, e se não viesse? Não, isso não pode ser. É preciso que me não veja com os olhos chorosos. Vou lavá-los. Sim, sim. Penteei-me ou não?", perguntou a si própria. Mas não foi capaz de se lembrar. Apalpou a cabeça com a mão. "Sim, estou penteada; mas não consigo saber quando me penteei." Não confiando no tacto da mão, aproximou-se de um espelho para ver se na verdade estaria penteada.

Estava, realmente, embora não fosse capaz de lembrar-se quando o fizera. “Que é isto?” pensou, ao ver no espelho o rosto tumefacto e os olhos em que havia um brilho estranho, que a fitavam, surpresos. “Sou eu”, compreendeu, subitamente, e voltou a contemplar-se toda no espelho. De súbito, sentiu que Vronski a beijava e, estremecendo, moveu os ombros. Depois, erguendo a mão, beijou-a.

“Que é isto? Estou a ficar doida”, exclamou, enquanto se dirigia para o quarto de dormir que Anuchka arrumava.

— Anuchka! — disse Ana, olhando para a criada e detendo-a a seu lado sem saber ainda que lhe diria.

— Quer ir visitar Daria Alexandrovna? — sugeriu ela, como se a compreendesse.

— Daria Alexandrovna? Sim, irei visitá-la.

“Quinze minutos para lá e quinze minutos para cá”, disse consigo mesma, puxando o relógio e vendo as horas. “Mas como pôde ir-se embora, deixando-me neste estado? Como pode ele viver sem se reconciliar comigo? Aproximou-se da janela e olhou para a rua. Pelo tempo que decorrera, já podia estar de volta. Mas talvez o cálculo não estivesse certo. Ana procurou lembrar-se outra vez de quando Vronski partira e contou os minutos.

Na altura em que ia a consultar o relógio da parede para compará-lo com o seu, ouviu o rolar de um carro. Olhou pela janela: era a carruagem de Vronski. Ninguém subiu a escada e, contudo, em baixo ressoaram vezes. Era Mikail que voltara no carro. Ana desceu as escadas ao seu encontro.

— Não encontrei o senhor conde... Já tinha partido para a estação de Nijni-Novgorod.

— Que dizes tu?... — exclamou Ana, dirigindo-se ao elegante Mikail, que lhe devolvia a carta.

“Não a recebeu”, disse consigo mesma.

— Leva esta carta à quinta da condessa Vronskaia. E traz-me imediatamente a resposta — ordenou.

“E eu? Que vou eu fazer? Ah, sim, é verdade. Vou a casa de Daria Alexandrovna. Pois, de outra maneira, acabarei por endoidecer. Também posso telegrafar-lhe.” E Ana redigiu um telegrama.

“Preciso falar-te. Volta imediatamente.”

Depois de entregar o texto ao criado, foi vestir-se. Quando já estava pronta e de chapéu na cabeça, fitou a serena Anuchka, que tinha engordado. Nos seus olhos cinzentos, pequeninos e bondosos, lia-se

claramente uma viva compaixão.

— Anuchka querida, que devo eu fazer? — exclamou Ana, soluçando e deixando-se cair, abatida, numa poltrona.

— Porque se inquieta tanto, Ana Arkadievna? São coisas que costumam acontecer. Saia, distraia-se — aconselhou a criada.

— Sim, vou sair — assentiu Ana, recompondo-se enquanto se levantava. — Se na minha ausência chegar um telegrama, que mo mandem a casa de Daria Alexandrovna... Ou não, voltarei, não tarda muito.

"É isso, é preciso não pensar, mas fazer qualquer coisa, sair, o principal é sair desta casa", disse para si mesma, ouvindo, surpresa, as pancadas precipitadas do coração. Saiu apressadamente e subiu para a carruagem.

— Onde devo levá-la, minha senhora? — perguntou Piotre, antes de subir para a boleia.

— Rua da Aparição, a casa dos Oblonski.

CAPÍTULO XXVIII

O tempo estava límpido. Durante toda a manhã caíra uma chuva miudinha, mas agora o dia clareara. Os telhados de zinco, as lajes dos passeios, os pavimentos das ruas, as rodas dos carros e os arreios dos cavalos, tudo rebrilhava ao sol de Maio. Eram três da tarde, a hora de maior animação nas ruas.

Sentada no fundo da carruagem, que mal baloiçava nas suas fortes molas, tirada por céleres cavalos, Ana recordou novamente os acontecimentos dos últimos dias. Ouvindo o incessante rumor das rodas, sob as impressões que se iam sucedendo rapidamente e aspirando o ar puro, considerava agora a situação de maneira muito diferente. Já nem sequer a ideia da morte lhe aparecia tão terrível e clara, nem mesmo a julgava inevitável. Agora censurava a si própria a humilhação a que descera. "Suplico-lhe que me perdoe. Submeti-me. Reconheci-me culpada. Porquê? Não poderei eu, porventura, viver sem ele?" E sem responder a esta pergunta, pôs-se a ler as tabuletas dos estabelecimentos. "Escritório e Armazém", "Dentista"... "Sim, direi tudo a Dolly. Ela não gosta do Vronski. Sentir-me-ei envergonhada e louca, mas dir-lhe-ei tudo. Dolly gosta de mim. Seguirei o conselho que ela me der. Não me submeterei a ele, não consentirei que me eduque." Filipov: *kalatches.* "Ouvi dizer que Filipov manda a massa para Sampetersburgo. A água de Moscovo é tão boa! E os poços de Mitistchenski e as tortas!" E Ana lembrou-se de que, quando tinha 17 anos, fora com a tia ao mosteiro de Troitsa. "Fomos num carro de cavalos, era assim nesse tempo. Seria eu essa rapariga de mãos coradas? Quantas coisas que outrora me pareciam magníficas e inacessíveis se me tornaram depois indiferentes, e em compensação o que tive nessa altura nunca mais o tornarei a ter. Como poderia eu pensar que ainda um dia chegaria a um tal estado de humilhação? Que alegria vai sentir com a minha carta, e que orgulho! Mas eu lhe ensinarei... Cheira tão mal aquela pintura. Para que hão-de estar sempre a edificar e a pintar? "Modas e adornos", leu. Um homem cumprimentou-a. Era o marido de Anuchka. Lembrou-se de que Vronski dizia: "Os nossos parasitas." Nossos? Nossos porquê? É horrível que se não possa arrancar o passado pela raiz. Não se pode arrancar, mas podem secar-se-lhe as raízes. É o que eu hei-de fazer." Nesse momento lembrou-se do seu passado com Alexei

Alexandrovitch e como o riscara da memória. "Dolly vai pensar que abandono o meu segundo marido e por isso, naturalmente, dar-me-á razão. Não a quero ter. Porventura quero eu ter razão? Não posso mais!", exclamou, e sentiu vontade de chorar. Não tardou, porém, em

perguntar a si própria porque sorriam duas jovens que passavam. “Por amor, talvez? Não sabem que o amor não é alegre, não lhe conhecem nem a tristeza nem a ignomínia...” Três meninos correm na avenida a brincar aos cavalos. Seriocha! Perderei tudo e não o terei a ele. Outra vez me queres humilhar!”, disse para si mesma. “Não, irei a casa de Dolly e dir-lhe-ei muito simplesmente: Sou desgraçada, mereço-o, sou culpada; mas nem por isso deixo de ser desgraçada, ajuda-me. Estes cavalos e este carro... Tenho nojo de mim própria por ir dentro dele. Tudo lhe pertence, mas nunca tornarei a ver nada disto!” Pensando nas palavras com que contaria tudo a Dolly e atormentando com isso o coração, subiu as escadas da amiga.

— Está alguém em casa? — perguntou no vestíbulo.

— Catarina Alexandrovna Levine — respondeu-lhe o criado.

“Kitty! A mulher de quem Vronski esteve enamorado!”, pensou Ana. “A mulher que ele recordava com carinho. Lamenta não ter casado com ela e amaldiçoa o dia em que me conheceu.”

No momento em que Ana chegava, as duas irmãs falavam da amamentação das crianças. Apenas Dolly recebeu Ana, que viera interromper a conversa das duas.

— Ainda não te foste embora? Eu tinha intenção de passar por tua casa; recebi esta manhã uma carta do Stiva — disse-lhe ela.

— Nós também tivemos um telegrama — replicou Ana, olhando à sua roda, à procura de Kitty.

— Diz-me que não compreende o que quer Alexei Alexandrovitch, mas que não sairá de Sampetersburgo sem obter uma resposta.

— Julguei que tinhas visitas. Posso ler a carta?

— Sim, está aí a Kitty — disse Dolly, embaraçada. — Ficou no quarto das crianças. Tem estado muito doente.

— Ouvi dizer. Posso ler a carta?

— Com certeza, vou procurá-la... Alexei Alexandrovitch não se opõe; Stiva tem esperanças — continuou Dolly, detendo-se no limiar da porta.

— Nada espero e nada desejo.

“Considerará Kitty uma humilhação encontrar-se comigo?”, pensou Ana, ao ficar só. “Talvez tenha razão. Mas não é a ela que compete, a ela, que esteve enamorada de Vronski, dar-me lições. Bem sei que uma mulher honesta não me pode receber. Sacrifiquei tudo àquele homem e esta é a recompensa! Ah, como eu o odeio!... Por que vim eu aqui? Ainda aqui me sinto pior do que em minha casa.” Ouviu a voz das

duas irmãs no quarto contíguo. “E como poderei eu agora falar a Dolly? Vou dar uma grande satisfação a Kitty com o espectáculo da minha desgraça; seria como se lhe quisesse pedir protecção. Não! Aliás, nem a própria Dolly me compreenderia. Mais vale calar-me. Muito gostaria, porém, de a ver para lhe provar que desprezo todos e que tudo me é agora indiferente.”

Dolly voltou a aparecer com a carta; Ana percorreu-a com os olhos e voltou a entregar-lha.

— Eu sabia — disse. — Não me interessa já.

— Porquê? Pelo contrário, eu tenho esperanças — replicou Dolly, olhando para Ana atentamente. Nunca a vira tão irritada e num tão estranho estado de espírito. — Onde vais?

Ana olhava diante de si com os olhos piscos e não respondeu.

— Porque se esconde Kitty de mim? — perguntou, olhando para a porta e corando.

— Que tolice! Está amamentando e não se sente muito bem. Dava-lhe conselhos... Ela já vem aí — respondeu Dolly, um tanto embaraçada, visto não saber mentir. — Aí está ela.

Quando Kitty soube da chegada de Ana, decidira não a encontrar; mas Dolly persuadira-a a que o não fizesse. Num grande esforço sobre si mesma, Kitty entrou na sala e, corando, aproximou-se de Ana, a quem estendeu a mão.

— Muito gosto — articulou, em voz trêmula.

A hostilidade e a indulgência ainda se digladiavam no seu foto íntimo. Ao ver, contudo, o belo rosto sismático de Ana, a prevenção em que estava contra aquela “má mulher” desvaneceu-se.

— Não teria estranhado que me não quisesse ver. Estou habituada a tudo. Esteve doente? Sim, parece-me mudada — disse Ana.

Kitty notou que Ana a olhava com uma expressão hostil. E pensando que essa hostilidade provinha da delicada situação em que se encontrava diante dela a mulher que outrora se mostrara sua protectora, teve pena.

Falaram da doença, da criança e de Stiva; mas, ao que parecia, nada interessava a Ana.

— Vim para me despedir de ti — disse ela, levantando-se.

— Quando partes?

Ana, sem responder, voltou-se para Kitty.

— Tive muito prazer em vê-la — disse com um sorriso. — Tenho

ouvido falar muito de si por todos, até por seu marido. Esteve em minha casa e gostei muito dele — acrescentou, sem dúvida com maliciosa intenção. — Onde está ele?

— Foi para a aldeia — respondeu Kitty, corando.

— Dê-lhe cumprimentos meus, peco-lhe que se não esqueça.

— Não esqueço! — repetiu Kitty, ingenuamente, fitando-a nos olhos, compassiva.

— Adeus, Dolly! — e depois de beijar esta e de apertar a mão a Kitty, saiu precipitadamente.

— É sempre a mesma e sempre igualmente atrevida. Muito bonita é!. — comentou Kitty ao ficar só com a irmã. — Mas há nela qualquer coisa que desperta compaixão. Qualquer coisa de muito doloroso.

— Não me pareceu no seu estado normal. Julguei que desatava a chorar no vestíbulo.

CAPÍTULO XXIX

Ao subir para a carruagem, Ana ainda se sentiu mais infeliz do que quando saíra de casa. Aos seus sentimentos anteriores vinham juntar-se agora a humilhação e a reprovação que sentira de maneira evidente durante o encontro com Kitty.

— A senhora volta para casa? — perguntou Piotre.

— Sim, para casa — respondeu Ana, sem pensar para onde ia.

"Olhava para mim como se eu fosse uma coisa horrível e curiosa! Que poderão dizer estas pessoas com tanto calor"?, pensou ela, ao ver dois transeuntes conversando animadamente. "Porventura poderão dizer um ao outro o que sentem? Quis contar tudo a Dolly, mas fiz muito bem em calar-me. Que alegria ela sentiria com a minha desgraça! Não o teria deixado perceber, claro está, mas não há dúvida de que era alegria que acima de tudo havia de sentir ao ver-me a pagar caro os prazeres que me invejava. E Kitty ainda se teria regozijado mais. É como se lhe lesse na alma: odeia-me por eu ter sido mais amável com o marido do que seria de esperar. Tem ciúmes de mim, detesta-me, despreza-me: a seus olhos não passo de uma perdida. Ah, se eu fosse o que ela pensa, que fácil me teria sido dar volta à cabeça do marido! Confesso: cheguei a pensar nisso. Ali vai um homem encantado consigo mesmo", disse de si para consigo, ao ver um senhor gordo, de tez vermelhusca, cuja carruagem se cruzara com a dela e que, confundindo-a com outra, se descobrira, mostrando um crânio tão luzidio como a própria cartola. "Julga que me conhece. Ninguém me conhece, nem tu própria. Só conheço os meus *appetits* como dizem os Franceses. Aqueles garotos querem tomar sorvetes, ao menos têm a certeza disso", concluiu ao ver dois garotos parados diante de um vendedor que pousara no chão a caixa de sorvetes e limpava a testa com a ponta de um trapo. "Todos nós gostamos de coisas doces e saborosas. Se não há bombons, contentamo-nos com um gelado. Foi o que fez a Kitty. Como não pôde ter o Vronski, contentou-se com o Levine. E inveja-me, odeia-me. Todos nos odiamos uns aos outros. Eu odeio a Kitty, ela odeia-me a mim.

Esta é a verdade. *Tiutkine: coiffeur... Je mefais coifferpar Tiutkine*... (Nota 134) É o que eu lhe vou dizer quando voltar", pensou, sorrindo. Mas nesse mesmo momento lembrou-se de que não tinha a quem dizer essas coisas graciosas... "Por outro lado, não há nada gracioso nem alegre. Tudo é feio. Tocam a vésperas e aquele comerciante faz o sinal-da-cruz com tantos cuidados que parece recear deixar cair alguma coisa. Para que servem todas estas igrejas, todos estes sinos,

todas estas mentiras? Apenas para esconder que nos odiamos uns aos outros, como esses cocheiros que se injuriam mutuamente, Iachivne tinha razão quando disse: “Ele quer deixar-me sem camisa e eu a ele. Esta é a verdade.”

Levada pelos seus pensamentos, esqueceu por instantes a sua dor e ficou surpreendida quando o carro parou. Ao ver o guarda-portão, que vinha ao seu encontro, lembrou-se de que mandara uma carta e um telegrama a Vronski.

— Chegou alguma resposta? — perguntou.

— Vou saber — respondeu o guarda-portão, e, relanceando um olhar à mesa, apanhou, entregando-o a Ana, um sobrescrito quadrado que continha um telegrama.

“Não posso chegar antes das dez. Vronski”, leu ela.

— O mensageiro não voltou ainda?

— Não, minha senhora — volveu-lhe o guarda-portão.

“Ah! Se é assim, já sei o que tenho a fazer”, disse Ana consigo mesma. E sentindo que uma ira indefinida se desencadeava dentro de si, juntamente com um desejo de vingança, subiu as escadas correndo. “Eu mesma o irei buscar. Antes de me ir embora para sempre, dir-lhe-ei o que tenho a dizer-lhe. Nunca odiei ninguém como odeio este homem.” Ao ver o chapéu de Vronski no bengaleiro, sentiu-se estremecer de raiva. Não reparara que aquele telegrama era resposta ao dela e que ele ainda não recebera a carta. Figurava-se Vronski a conversar tranqüilamente com a mãe e com a princesa Sorokina, regozijando-se com os sofrimentos por que ela estava a passar. “Preciso de ir quanto antes”, disse para si mesma, sem saber ainda aonde. Desejava fugir o mais depressa possível dos sentimentos que a invadiam naquela horrível casa. Os criados, as paredes, tudo ali lhe despertava aversão e ira, oprimindo-a como um pesadelo.

“Sim, devo ir à estação, ou então surpreendê-lo ali mesmo.” Consultou o horário dos comboios num jornal. Havia um às 8 horas e 2 minutos da noite. “Sim, terei tempo.” Mandou atrelar outro cavalo e entreteve-se a meter numa maleta de viagem os objectos indispensáveis para alguns dias de ausência. Sabia que não voltaria mais àquela casa. Decidira, confusamente, entre os inúmeros planos que lhe acudiam, que, depois do que ia acontecer na estação, ou na quinta da condessa, seguiria, pela linha de Nijni-Novgorod, até à primeira cidade, onde se apearia.

O jantar estava na mesa. Ana aproximou-se, mas o cheiro da comida repugnou-lhe. Mandou que lhe preparassem a carruagem e saiu. A casa projectava já uma sombra que atravessava a rua de lado a lado; o

entardecer era claro e ainda fazia calor o sol. Tanto Anuchka, que lhe levou a maleta ao carro, como Piotre, que a instalara lá dentro, ou o próprio cocheiro, descontente, ao que parecia, lhe eram desagradáveis, irritando-a com as suas palavras e os seus gestos.

— Não preciso de ti, Piotre.

— Quem lhe tirará o bilhete?

— Bom, faz o que quiseres — replicou Ana, irritada. Piotre deu um salto para a boleia, e, perfilando-se, ordenou ao cocheiro que conduzisse e senhora à estação de Nijni.

CAPÍTULO XXX

"Começo a ver claro, começo a ver claro!", disse Ana de si para consigo quando a carruagem se pôs em andamento, rolando pela calçada; e de novo o espírito começou a agitar-se-lhe.

"Em que pensava eu há pouco?", tentou recordar-se. "Em Tiutkine, *coiffeur?* Não. Não era nisso Ah! Sim!, no que dizia Iachivne: a luta pela vida e o ódio são as únicas coisas que unem os homens. Fazem mal em sair a passear", dizia mentalmente a um grupo de pessoas num carro puxado por quatro cavalos, naturalmente a caminho dos arrabaldes, em busca de diversões. "E o cão que vocês levam também não lhes servirá de nada." Dirigindo o olhar para onde Piotre dirigia o seu, Ana viu um operário, completamente bêbedo, a cabeça pendente, conduzido por um guarda. "Este, ao menos, encontrou o que queria. O conde Vronski e eu não encontramos o prazer; embora muito esperássemos dele, não conseguimos encontrá-lo."

E pela primeira vez dirigiu essa luz implacável, que lhe permitia ver o fundo de todas as coisas, para as suas relações com Vronski, a respeito das quais sempre evitara pensar. "Que procurou ele em mim? Menos a paixão que a satisfação do seu amor-próprio." Lembrou as palavras de Vronski e a sua expressão nos primeiros tempos das suas relações. Parecia um cachorro submisso. Tudo lho confirmava. Sim, nele tudo traía o orgulho do triunfo. "Claro que me amava, mas acima de tudo tinha o orgulho de me ter conquistado. Agora tudo isso acabou. Já não tem de que vangloriar-se. Agora não se vangloria, envergonha-se. Tirou de mim quanto pôde; já lhe não faço falta. Incomodo-o, embora procure não ser incorrecto para comigo. Ontem disse-o, sem querer: queria o divórcio e casar-se comigo para queimar os seus navios. Ama-me, ainda, talvez, mas de que maneira? *The zest is gone*...(Nota 135) Aquele quer assombrar toda a gente e parece muito contente consigo mesmo", pensou ao olhar para um caixeiro rubicundo montado num cavalo de sela. "Não, já lhe não agrado como antigamente. No fundo da sua alma terá grande satisfação em ver-se livre de mim."

Não se tratava de uma suposição sem fundamento, mas de uma verdade, a cujo vivo clarão descobria agora os segredos da vida e das relações entre os homens... E via tudo com uma cruel evidência. "Enquanto o meu amor se torna cada vez mais egoistamente apaixonado, o dele extingue-se pouco a pouco. Esta a razão por que não nos entendemos mais. E não há remédio para a situação. Ele é tudo para mim, quero que ele se me dê todo inteiro, mas ele, pelo seu lado, tudo faz para me fugir. Antes da nossa ligação íamos um ao

encontro do outro, e agora dirigimo-nos inevitavelmente em direcções opostas. E nada modificará isto. Diz-me que os meus ciúmes não têm razão de ser, e eu também o disse a mim mesma, mas não é verdade. Não é ciumenta que eu estou, estou descontente. Mas...” Ana abriu a boca e mudou de posição na carruagem, tamanha a agitação que sentira com a presença de uma ideia que entretanto lhe acudira. “Se eu pudesse, procuraria ser para ele uma amiga sensata, e não uma amante apaixonada, cujos ardores lhe repugnam e que sofre por seu lado com a frieza dele. Mas eu não posso nem quero transformar-me. Não me engana, tenho a certeza, não pensa na Sorokina como não pensava outrora em Kitty. Mas isso que me importa? Se me não ama, se se mostra bom e terno para comigo apenas por dever, c horrível. Prefiro-lhe o ódio. Eis onde nós estamos: há muito que ele já me não ama e onde o amor acaba principia a saciedade... Que bairro desconhecido é este? Ruas que sobem a perder de vista e casas, casas e mais casas, onde mora uma multidão que se odeia mutuamente... Bom, que me poderia acontecer capaz ainda de me proporcionar felicidade? Suponhamos que Alexei Alexandrovitch consentia no divórcio, que me entregava o Seriocha, que eu casava com Vronski...”

E ao pensar em Karenine, Ana viu-o diante de si, com o seu olhar mortiço, as suas mãos brancas, cheias de veias azuis, as articulações dos seus dedos estalando, as inflexões particulares da sua voz, e a lembrança das suas relações, outrora consideradas ternas, fê-la estremecer horrorizada.

“Admitamos que eu me casava: olhar-me-ia Kitty com menos condescendência? Não se perguntará Seriocha a si próprio porque tenho eu dois maridos? Poder-se-ão estabelecer entre mim e Vronski relações que não sejam uma tortura para mim? Não”, respondeu ela a si própria sem hesitar. “A cisão entre nós é muito profunda: eu faço-o infeliz, ele faz-me infeliz a mim. Nada se modificaria! Porque é que esta mendiga com o filho ao colo supõe que inspira piedade? Não nos encontramos todos à superfície da terra para nos odiarmos e nos atormentarmos uns aos outros?... Olha, colegiais que se divertem... O meu pequenino Seriocha! Também a ele, também a ele julguei amá-lo. O afecto que lhe tinha enternecia-me a mim mesma. E, no entanto, vivi sem ele, troquei o amor que lhe tinha por uma outra paixão, e não me queixei enquanto obtive satisfações nessa paixão...”

Aquilo a que ela chamava “outra paixão” surgia-lhe sob cores hediondas. No entanto, encontrava uma amarga satisfação em remexer assim nos seus e nos sentimentos alheios. “Assim somos todos: eu, o Piotre, o cocheiro Fiodor, aquele comerciante que ali vai e toda a gente que vive nas margens afortunadas do Volga que esses cartazes nos convidam a visitar”, dizia consigo mesma na altura em que a

carruagem parava diante da fachada baixa da estação Nijni-Novgorod. Uma chusma de carregadores correu ao seu encontro.

— O bilhete é para Obiralovka, não é verdade, minha senhora? — perguntou Piotre.

Ana esquecera por completo onde ia e por que razão. Só conseguiu perceber a pergunta após um grande esforço.

— É — respondeu, por fim, entregando-lhe o porta-moedas. E apeou-se com a maleta vermelha na mão.

Enquanto rompia a turba para se dirigir à sala de espera da 1a classe, perpassaram-lhe pelo espírito os pormenores da sua situação bem como as diferentes soluções que se lhe ofereciam. De novo flutuava entre a esperança e o desânimo, de novo se lhe abriam as feridas, e o coração pôs-se-lhe a bater desordenadamente no peito. Sentada num grande banco à espera do comboio, olhava com aversão para as pessoas que se agitavam. Todas lhe eram odiosas. Ora se representava o momento em que chegaria a Obiralovka e em que escreveria a Vronski, ora no que lhe diria quando penetrasse no salão da velha condessa, onde talvez naquele momento ele se estivesse a lamentar das amarguras da sua vida, sem pensar nos sofrimentos dela, ora em que ainda poderia vir a conhecer dias felizes. Que duro amar e odiar ao mesmo tempo! Como batia o seu pobre coração!

CAPÍTULO XXXI

Uma sineta tocou; passaram diante de Ana uns rapazolas de mau aspecto, insolentes e pressurosos, mas ao mesmo tempo atentos à impressão que provocavam. Piotre, com a sua libré e as suas botas altas, atravessou a sala no seu ar estúpido, e julgou-se na obrigação de acompanhar Ana até à carruagem. Os rapazolas calaram-se ao vê-la passar. Um deles murmurou ao ouvido do companheiro alguma coisa, brejeira com certeza. Ana pôs o pé no estribo e instalou-se no compartimento vazio; a maleta que depôs a seu lado no assento trepidou em cima da almofada elástica, cujo forro enxovalhado fora branco outrora. Com um sorriso idiota, Piotre, como quem se despede, tirou o gorro agaloado em sinal de despedida. O insolente revisor fechou a porta e correu o fecho. Uma dama disforme, metida num merinaque, que Ana despiu com os olhos, medindo-lhe a fealdade assustadora, corria, plataforma além, seguida de umas meninas que riam afectadamente.

— Catarina Andreievna têm-no todo, *ma tante* — gritou uma das meninas.

"É menina e no entanto já estragada, finge", pensou Ana. Para não ver ninguém levantou-se rapidamente, sentando-se perto da janela do lado oposto. Um homem sujo e feio, com um gorro na cabeça, de onde rompiam madeixas de cabelos revoltos, passou junto à portinhola, todo debruçado para as rodas da carruagem. "Lembra-me seja o que for, este homem horroroso", pensou Ana. E ao lembrar-se do sonho que tivera, dirigiu-se para a porta, trêmula de terror. Nessa altura o revisor abria a portinhola para deixar passar um casal. — Quer sair?

Ana não respondeu. Nem o revisor nem os passageiros que entravam deram pela expressão de horror que se lhe pintava no rosto, graças ao véu que o cobria. Ana voltou para o seu lugar e sentou-se. O casal tomou lugar diante dela, e marido e mulher puseram-se a examinar atentamente, ainda que de modo dissimulado, o vestido que ela trazia. Essas duas criaturas inspiraram-lhe, de súbito, uma profunda repulsa. No intuito de iniciar conversa, o marido perguntou-lhe se lhe dava licença que acendesse o cigarro. Ana anuiu e ele pôs-se a contar tolices à mulher. Com efeito, apetecia-lhe tão-pouco conversar como fumar, o que ele queria era despertar a atenção da vizinha, fosse como fosse. Ana viu claramente que aqueles dois já não podiam um com o outro: que se detestavam cordialmente. Como não sentir ódio por criaturas tão grotescas?

O arrastar das bagagens, os gritos, as risadas que acompanharam o

segundo toque de sineta fizeram com que Ana tivesse depois de tapar os ouvidos: porquê aquelas risadas? Finalmente soou o terceiro toque de sineta, e ouviu-se o apito do chefe da estação, a que respondeu o silvo da locomotiva: o comboio estremeceu e o marido da senhora persignou-se. “Muito gostaria de saber que significado atribui ele a semelhante gesto”, perguntou Ana a si mesma, relanceando-lhe um olhar de ira. E logo, para não ver a mulher, pôs-se a observar pela janela da carruagem a multidão que na gare se despedia dos passageiros, dando-lhe a impressão de deslizar em sentido contrário. A carruagem de Ana, estremecendo uniformemente, saiu da estação, passou diante de um muro de pedra, de um semáforo e de outros vagões. As rodas, bem oleadas, deslizaram pelos carris; a janela iluminou-se ao sol claro da tarde e a brisa agitou as cortinas. Ana, esquecida dos seus companheiros de viagem, aspirou o ar puro e entregou-se de novo aos seus pensamentos, embalada pelo rodar do comboio.

“Em que pensava eu quando interrompi os meus pensamentos? Em que não posso descobrir uma situação onde a minha vida não seja um tormento, em que todos fomos criados para sofrer e que o sabemos, embora tudo façamos para o esquecer, iludindo-nos de todas as maneiras. Mas quando a verdade nos entra pelos olhos dentro, que havemos de fazer?”

— A razão foi dada ao homem para evitar preocupações — disse a senhora em francês, muito orgulhosa de haver encontrado esta frase.

Dir-se-ia que a frase era uma resposta ao que Ana estava a pensar.

“Evitar preocupações”, repetiu ela mentalmente. Mirando o marido de tez vermelhusca e a seca esquálida esposa, Ana percebeu que esta devia considerar-se uma mulher incompreendida e que o marido a enganava sem lhe esconder as suas infidelidades. Adivinhava todos os pormenores da história das suas vidas, mergulhava nos recessos mais secretos dos seus corações. Como isto não tinha, porém, grande interesse para ela, prosseguiu o curso dos seus pensamentos.

“Sim, também eu tenho muitas preocupações, e visto que a razão assim mo exige, o meu dever é evitá-las. Por que não havemos de apagar a luz quando não há mais nada para ver, quando o espectáculo se nos torna odioso?... Mas como? Por que corre o revisor? Por que gritam os rapazes no compartimento ao lado? Por que falam? Por que riem? Tudo e mentira, tudo é falso, só há engano e maldade...”

Quando o comboio chegou à estação, Ana apeou-se no meio da turba e viajantes e, afastando-se deles, como se fossem leprosos, deteve-se na plataforma, procurando lembrar-se o que fora ali fazer e o que pretendia. Tudo o que antes lhe parecera possível, agora

afigurava-se-lhe muito difícil de compreender, sobretudo ali entre aquela ruidosa multidão de gente absurda que a não deixava em paz. Tão pronto a assediavam os carregadores, oferecendo-lhe os seus serviços, como a olhavam rapazolas que falavam em voz alta e batiam com os tacões nas tábuas da plataforma. Lembrando-se repentinamente da decisão que tomara de prosseguir o seu caminho se não encontrasse resposta na estação, perguntou a um empregado se não vira um cocheiro com uma carta do conde Vronski. — Vronski? Ainda há pouco estiveram aí na quinta. Vieram buscar a princesa Sorokina e a filha. Como é ele, esse cocheiro de quem a senhora fala?

Acto contínuo, Ana viu dirigir-se-lhe o seu mensageiro, o cocheiro Mikail: muito corado, muito contente, parecia extremamente orgulhoso da sua missão. Entregou a Ana uma carta que ela abriu de coração alanceado.

"Sinto muito que a carta não tenha chegado a tempo. Voltarei às dez", escrevera Vronski, numa caligrafia descuidada.

"É isso! Era o que eu esperava!", murmurou Ana consigo mesmo, num sorriso sardônico.

— Obrigada, podes voltar para casa — disse numa voz quase imperceptível.

Falava baixo, porque as palpitações do coração a impediam de respirar. "Não, não te permitirei que me atormentes", pensou. Esta ameaça nem era dirigida a ele nem a ela própria, mas apenas à causa dos seus sofrimentos. Atravessou a gare, caminhando ao longo da estação.

Duas criadas que passavam, voltaram-se para lhe admirar o porte e disseram qualquer coisa uma para a outra em voz alta a respeito do seu vestido: "São verdadeiras", disse uma delas, referindo-se às rendas. Os rapazolas não a deixavam em paz. Passaram por ela e voltaram a olhá-la com descaro, gritando e rindo em voz de falsete. O chefe da estação perguntou-lhe, ao cruzá-la, se não continuava a viagem. Um rapaz, vendedor de *kvas,* seguia-a com o olhar. "Meu Deus! Para onde ir?", pensava Ana, afastando-se cada vez mais da gare, plataforma além. Ao chegar ao extremo, deteve-se. Umas senhoras com umas crianças, que tinham ido esperar um cavalheiro de lunetas e que falavam e riam animadamente, calaram-se ao vê-la aproximar-se e puseram-se a examiná-la. Ana estugou o passo e abeirou-se da escada que descia do depósito de água para a linha. Um comboio de mercadorias ia entrar na gare. A plataforma estremecia e Ana teve a sensação de que ia de novo embarcada.

De repente, lembrou-se do homem atropelado no dia do seu primeiro encontro com Vronski e compreendeu o que tinha a fazer.

Em passo ligeiro e rápido, desceu as escadas do depósito de água para a via e deteve-se junto ao comboio que passava. Tinha os olhos fitos na parte inferior dos vagões, nos pernes, nas correntes e nas altas rodas de ferro fundido do primeiro vagão, que rodava lentamente, como se procurasse deter-minar o centro entre as rodas dianteiras e as traseiras e calculasse o momento em que esse ponto devesse estar na sua frente.

"Ali!", disse para si mesma, olhando a sombra do vagão e a areia misturada ao pó de carvão que se espalhava nas travessas. "Ali, mesmo no meio! Castigá-lo-ei e livrar-me-ei de tudo e de mim mesma."

Quis atirar-se para debaixo do vagão que nesse momento chegava junto dela, mas a maleta vermelha, de que procurava desprender-se, distraiu-a e não lhe deu tempo: o centro do vagão já tinha passado. Era preciso esperar o imediato. Uma sensação parecida com a que costumava experimentar ao entrar na água à hora do banho se apoderou dela, e persignou-se. Esse gesto familiar despertou-lhe na alma recordações da infância e da juventude. E, subitamente, desvaneceu-se a névoa que tudo cobria, e a vida exibiu-se-lhe por momentos em todas as suas radiosas alegrias passadas. Não apartava, porém, os olhos do vagão que se aproximava. No momento preciso em que o centro desse vagão lhe passava diante atirou fora a maleta vermelha e afundando a cabeça entre os ombros atirou-se-lhe para debaixo, caindo com o corpo em cima das mãos. Depois, com um ligeiro movimento, como se quisesse ainda levantar-se, quedou ajoelhada. Nesse instante sentiu horror do que fazia. "Onde estou eu? Que faço eu? Para quê?", quis retroceder, atirar-se para trás, mas entretanto qualquer coisa enorme, inflexível, a apanhou pela cabeça arrastando-a de costas. "Senhor, meu Deus, perdoa-me tudo!", pronunciou, sentindo que lhe era impossível lutar. Um homenzinho resmoneava, martelando uns ferros por cima dela. E a vela à luz da qual Ana lera o livro da Vida, com todos os seus tormentos, todas as suas traições e todas as suas dores, resplandeceu, de súbito, com uma claridade maior do que nunca, alumiando as páginas que até então haviam estado na sombra. Depois crepitou, estremeceu e apagou-se para sempre.

OITAVA PARTE

CAPÍTULO I

Perto de dois meses haviam decorrido. Apesar dos cálidos dias de Verão, Sérgio Ivanovitch ainda não saíra de Moscovo, onde o retinha um acontecimento importante: a publicação do seu *Ensaio sobre as Bases e as Formas de Governo na Europa e na Rússia,* produto de seis anos de trabalho. Lera a um grupo de pessoas escolhidas alguns fragmentos dessa obra, inserira em revistas a introdução e alguns capítulos, e, conquanto o seu trabalho já não fosse propriamente uma novidade, contava que fizesse sensação.

Afectando indiferença e sem querer mesmo informar-se a respeito da sua venda junto dos livreiros, Kosnichev aguardava com impaciência febril os primeiros sinais da enorme impressão que o livro não deixaria de produzir, quer na alta sociedade, quer entre os sábios. A verdade, porém, é que semanas e semanas decorreram sem que a menor emoção agitasse o mundo literário. Alguns amigos, homens de ciência, dirigiram- lhe cumprimentos polidos, mas a sociedade propriamente dita, essa estava demasiado preocupada com questões muito diferentes para conceder a mínima atenção a uma obra desse gênero. Quanto à imprensa, durante dois meses manteve-se em silêncio. Apenas o *Escaravelho do Norte,* num folhetim consagrado ao cantor Drabanti, que perdera a voz, citava, de passo, o livro de Kosnichev, motivo de risota geral.

Finalmente, no decurso do terceiro mês, certa revista séria publicou uma crítica, aliás sem assinatura, de um jovem, doente e pouco instruído, que uma grande timidez atormentava, embora dispusesse de uma pena assaz viva. Sérgio Ivanovitch, porém, que o conhecera em casa do editor Golubtzov e o tinha em pouca conta, leu-lhe a prosa com grande respeito, embora experimentando uma viva mortificação. O crítico fazia uma interpretação do livro bastante inexacta. Todavia, graças a citações habilmente escolhidas e a numerosos pontos de interrogação, deixava perceber ao leitor — isto é, à maioria do público — que essa obra não passava de uma trama de frases pomposas e incoerentes. Tais frechas eram, aliás, despedidas com tal ímpeto que Sérgio Ivanovitch não pôde deixar de admirá-las: ele próprio não teria feito melhor. Por mero escrúpulo de consciência, reconheceu a justeza das observações do crítico, preferindo atribuir-lhes o fel que destilavam a uma vingança pessoal: imediatamente lembrou os mínimos pormenores do seu mútuo encontro e acabou por recordar que chamara a atenção desse seu jovem confrade para um erro muito grosseiro que cometera.

Após o que, o silêncio foi absoluto. A decepção que tivera ao

verificar que uma obra que lhe era tão cara e lhe custara seis anos de trabalho passara despercebida vinha juntar-se agora uma espécie de desânimo provocado pela ociosidade. Aquele homem cultivado, inteligente, saudável, ávido de actividade, nada mais restava que o exortório dos salões, das palestras, das assembleias. Porém, há muitos anos residente na cidade, não se entregava por completo a essas conversas, como acontecia a seu irmão quando chegava a Moscovo. Ainda lhe restavam muitas horas de ócio e grande vigor mental. Felizmente naquela época tão dolorosa para ele, em virtude do pouco êxito do seu livro, as questões do dia — a dos dissidentes, a dos amigos americanos, a da fome da Sarmácia e do espiritismo, bem como as exposições e discussões provocadas pelo problema eslavo — eram bruscamente substituídas pelo problema dos Bálcãs, que por muito tempo permanecera latente, embora ele de há muito pertencesse ao número dos seus animadores russos. No círculo a que pertencia Sérgio Ivanovitch não se discutia outra coisa nem se escrevia sobre mais nada que não fosse a guerra servia. Tudo o que a sociedade ociosa costumava fazer habitualmente para matar o tempo era consagrado nessa altura aos “irmãos eslavos”. Os bailes, os concertos, os jantares, os discursos, as modas, as cervejarias e os cafés; tudo servia para proclamar adesão a eles.

Sérgio Ivanovitch não estava de acordo em muitos pormenores com o que se escrevia e comentava a respeito desta questão. Verificava que o problema eslavo se convertera num desses temas da moda, que, mudando de vez em quando, servem de distracção à sociedade; e via, igualmente, que muitos se ocupavam do caso com fins interessados e por vaidade. Reconhecia que os jornais publicavam muita coisa desnecessária, apenas para chamarem a atenção e poderem gritar mais alto uns do que outros. Notava mesmo que perante aquele momento geral de entusiasmo, os que mais gritavam eram os falhados e os ressentidos: os generais sem exército, os ministros sem ministério, os jornalistas sem jornal e os chefes de partido sem adeptos. Observava que em tudo aquilo havia muita frivolidade e ridículo, conquanto não deixasse de reconhecer o crescente entusiasmo em que comungavam todas as classes sociais e com que era forçoso simpatizar. Sofrimentos e heroísmo de sérvios e montenegrinos, seus irmãos de raça e religião, haviam despertado o desejo unânime de lhes prestar socorro, não apenas de proferir discursos. Semelhantes manifestações da opinião pública satisfaziam por completo Sérgio Ivanovitch. Finalmente, dizia, acabou por se mostrar em plena luz o sentimento nacional. E quanto mais observava esse movimento tanto mas lhe descobria proporções grandiosas, um verdadeiro marco na história da Rússia. Assim esquecera o livro e as decepções que tivera com ele para consagrar-se de corpo e alma a essa grande obra. A tal ponto se deixara absorver

por ela que só em Julho pôde permitir-se quinze dias de férias. Precisava de descansar e ao mesmo tempo queria assistir, em plena aldeia, aos primeiros sinais desse despertar nacional em que todas as grandes cidades do império acreditavam firmemente. Katavassov aproveitara a ocasião para cumprir a promessa que fizera a Levine, de o visitar um dia.

CAPÍTULO II

No momento em que os dois amigos, que se haviam apeado à porta da estação de Kursk, se ocupavam das bagagens confiadas a um criado, que os seguia, quatro fiacres chegavam com voluntários. Senhoras recebiam com flores os heróis do dia e, seguidos de grande multidão, acompanhavam-nos até ao interior da gare. Uma destas senhoras, conhecida de Sérgio Ivanovitch, perguntou-lhe em francês se também viera despedir-se.

— Não, princesa, parto para o campo, para casa de meu irmão. Preciso de descanso. Mas a princesa vem despedir-se dos voluntários? — perguntou Kosnichev com um sorriso imperceptível.

— Evidentemente! — replicou ela. — Não é verdade que já partiram oitocentos? Malvinski não queria acreditar.

— Mais de oitocentos. Se se contarem os que têm seguido directamente, e não apenas os que saem de Moscovo, ascendem já a mais de mil.

— Era o que eu dizia — corroborou a princesa com satisfação. — Realmente, já se teria recolhido perto de um milhão de rublos?

— Mais, princesa!

— Leu o telegrama de hoje? Venceram de novo os Turcos.

— Li, sim — respondeu Sérgio Ivanovitch.

Referia-se ao último telegrama, que confirmava terem os Turcos sido batidos dois dias antes em toda a parte e que haviam fugido, aguardando-se um combate decisivo para o dia seguinte.

— A propósito — voltou a princesa —, queria pedir-lhe uma coisa. Não poderia apoiar o pedido de um excelente mancebo que tem encontrado não sei que dificuldades? Conheço-o pessoalmente: foi-me recomendado pela condessa Lídia.

Depois de recolher alguns pormenores, Sérgio Ivanovitch entrou na sala de espera de 1a classe para escrever uma carta a quem de direito.

— Sabe quem parte hoje? — observara a princesa, ao voltar a encontrá-lo para receber a carta no meio da multidão. — O conde Vronski, o famoso...

— disse ela, em tom triunfal, com um sorriso significativo.

— Ouvi dizer que ele se alistara, mas não sabia que partia hoje mesmo.

— Acabo de o ver. Vai apenas acompanhado da mãe. Aqui para nós,

era o melhor que tinha a fazer.

— Evidentemente.

Entretanto a multidão arrastava-o para o bufete, onde um cavalheiro, de copo em punho, fazia uma saúde aos voluntários. “Vocês partem para defender a nossa fé, os nossos irmãos, a humanidade”, dizia ele, erguendo cada vez mais a voz. “Que a nossa mãe Moscovo vos abençoe. Viva!” — concluiu em voz alta e comovida. Todos responderam: “Viva!” E outro grupo penetrou na sala, por pouco derrubando a princesa.

— Ah, princesa! — exclamou Stepane Arkadievitch radiante de alegria, aparecendo, de súbito, no meio da multidão — Falou bem, com muito calor e entusiasmo, não é verdade? Bravo! Também aqui está o Sérgio Ivanovitch! Devia dizer qualquer coisa para os animar. Fala tão bem! — acrescentou com um sorriso manso, cauteloso e cheio de respeito, empurrando ligeiramente Sérgio Ivanovitch pelo braço.

— Não, vou partir.

— Para onde?

— Para a aldeia. Para casa de meu irmão — respondeu Sérgio Ivanovitch.

— Então vai encontrar lá a minha mulher. Escrevi-lhe; mas como o senhor chega primeiro, faça o favor de lhe dizer que me viu e que all right(Nota 136). Ela vai entender. Mesmo assim, tenha a bondade de lhe dizer que me nomearam membro da Comissão... Bom, ela perceberá. Sabe? São les elites misères de la vie humaine(Nota 137) — disse, para a princesa, como que a desculpar-se. — A Miagkaia, não a Lisa, a bibiche, oferece mil espingardas e doze enfermeiras. Não lhe tinham dito?

— Sim, ouvi dizer — replicou Kosnichev, mal-humorado.

— É pena que se vá embora — continuou Stepane Arkadievitch.

— Amanhã oferecemos um jantar a dois voluntários que partem: Dimer

Bartnianski, de Sampetersburgo, e o nosso Gricha Veslovski. Partem os dois. Veslovski casou há pouco. Que valente, não é verdade, princesa? — acrescentou, voltado para ela.

Sem responder, a princesa olhou para Kosnichev. Embora tudo denunciasse que Sérgio Ivanovitch e a princesa se queriam ver livres dele, Stepane Arkadievitch mantinha-se imperturbável. Olhava, sorrindo, ora para a pluma do chapéu da princesa, ora para um lado, ora para outro, como se procurasse lembrar-se de algo. Ao ver uma senhora que passava e fazia peditório, chamou-a e entregou-lhe uma

nota de cinco rublos.

— Apesar de todos os seus defeitos, não há dúvida que é bem um temperamento russo, tipicamente eslavo — declarou a princesa para Kosnichev quando Oblonski se afastou — Receio, porém, que não seja muito agradável dar de cara com o irmão de Ana. Digam o que disserem, comove-me o destino deste homem. Procure falar com ele durante a viagem.

— Assim farei, se tiver oportunidade.

— Jamais gostei dele, mas este acto redime muitas coisas. Não se alistou apenas como voluntário, leva consigo todo um esquadrão a expensas suas.

— Sim, disseram-me isso.

Ouviu-se a sineta. Todos correram para as portas.

— Lá está ele — exclamou a princesa, apontando Vronski, que de grande capote e chapéu preto de abas largas se aproximava pelo braço da mãe. Oblonski, a seu lado, falava animadamente, enquanto o conde, de sobrecenho carregado, olhava em frente, como se o não ouvisse.

Naturalmente, por indicação de Oblonski, Vronski voltou-se para onde estavam a princesa e Sérgio Ivanovitch, descobrindo-se em silêncio. A sua face envelhecida, onde havia sofrimento, parecia petrificada.

Sem dizer palavra, subiu para a plataforma, deixou passar a mãe e desapareceu no interior da carruagem.

Na estação ouvia-se *Deus Guarde o Czar*(Nota 138) e em seguida hurras! e vivas! Um voluntário alto, muito jovem, de peito enfezado, respondia às saudações do público com ostentação, agitando o chapéu de feltro e um ramo de flores. Por detrás dele assomavam, também em grandes acenos, dois oficiais e um homem maduro, de farta barba, com um gorro sebento na cabeça.

— É mais forte do que eu — declarou. — Desde que tenha dinheiro no bolso não posso ver uma senhora de peditório sem lhe dar qualquer coisa... Mas falemos das notícias de hoje. Que valentes aqueles montenegrinos!... Não pode ser! — exclamou, quando a princesa lhe disse que Vronski ia no comboio.

Uma sombra de tristeza se lhe pintou no rosto. No entanto quando, daí a pouco, penetrou, confiando as suíças, na sala onde Vronski se encontrava, Stepan Arkadievitch esquecera por completo os desesperados soluços dele diante do cadáver da irmã, vendo no conde apenas o herói e o velho amigo.

CAPÍTULO III

Depois de se despedir da princesa, Sérgio Ivanovitch, com Katavassov, que se lhe reunira, meteu-se num compartimento a transbordar de passageiros, e o comboio pôs-se em andamento.

Na estação de Tzaritsine, um grupo de rapazes acolheu os voluntários entoando, em harmonioso coro, o hino *Glória ao Nosso Czar!* E de novo houve agradecimentos e ovações. O tipo do voluntário era por de mais conhecido de Sérgio Ivanovitch para que este lhe testemunhasse curiosidade; Katavassov, pelo contrário, que, enfronhado nos seus estudos, não tivera oportunidade de observar aquela gente, estava sempre a fazer perguntas ao seu companheiro de viagem acerca desse gênero de pessoas. Sérgio Ivanovitch aconselhou-o a que as fosse observar de perto, nas suas próprias carruagens, e de facto, na estação imediata, Katavassov pôs em prática o conselho do amigo.

Foi encontrar os quatro heróis instalados num compartimento de 2a classe, tagarelando ruidosamente, sem dúvida alguma cientes de estarem sendo objecto da atenção dos circunstantes. Graças às numerosas libações a que se votara, o mancebo alto, de peito metido para dentro, falava mais estentòreamente do que os outros, contando uma história. Sentado diante dele, um oficial, entrado em anos, que envergava o dólman austríaco da Guarda, ouvia-o, sorrindo, e interrompia-o de quando em quando. O terceiro voluntário, fardado de artilheiro, sentava-se ao lado deles em cima de uma mobília, e o quarto dormitava.

Katavassov entabulou conversa com o mais palrador. Tinha apenas vinte e dois anos. Era comerciante moscovita, dissipara já uma boa fortuna e supunha realizar agora uma empresa sem precedentes. Efeminado, de aspecto doentio e fanfarrão, desagradou desde logo a Katavassov, que também não gostou do seu companheiro, o oficial da reserva. Este fora tudo na vida: ferroviário, administrador de propriedades agrícolas, industrial, tendo montado até uma fábrica. Falava de tudo com suficiência, empregando termos científicos a propósito e a despropósito.

Em compensação, o artilheiro agradou muito a Katavassov: era um jovem tímido e sossegado. Naturalmente deslumbrado pela sabedoria do oficial da Guarda e o heroísmo do comerciante, conservava-se calado. Quando Katavassov lhe perguntou que é que o levava à Sérvia, respondeu com toda a simplicidade:

— Que quer? Faço como os outros. Os pobres sérvios precisam de

quem os auxilie.

— Sim, e sobretudo têm poucos artilheiros como o senhor — observou.

— Oh! Servi pouco tempo na artilharia. Talvez me mandem para a infantaria ou para a cavalaria.

— Mas porquê, se lhes faltam principalmente artilheiros? — objectou Katavassov, calculando, pela idade do artilheiro, que devia ser já de patente elevada.

— Servi pouco tempo na artilharia — repetiu ele. — Sou apenas *junker* na reserva — disse, e pôs-se a explicar os motivos por que não fora aprovado nos exames.

Na estação seguinte, os voluntários apearam-se para tomar refrescos, e Katavassov, muito pouco entusiasmado com o que vira e ouvira, voltou-se para um velho, fardado de militar, que escutara calado toda a conversa.

— Tenho a impressão de que mandam para ali gente de toda a espécie — disse ele, para o obrigar a exprimir a sua opinião, limitando-se a deixar adivinhar a sua própria.

Tendo feito duas campanhas, o velho soldado não podia tomar a sério heróis cujo mérito militar dependia sobretudo do gosto que tinham pela bebida. E esteve para contar a Katavassov que na aldeola onde vivia, um soldado, de licença ilimitada, bêbedo, ladrão e vadio permanente, se alistara como voluntário. Mas sabendo por experiência que diante da exaltação geral dos espíritos seria perigoso expor opiniões independentes, contentou-se em responder, sorrindo com os olhos e interrogando, por sua vez, Katavassov apenas com a vista: — Que havemos nós de fazer? Há falta de homens! E os dois puseram-se, então, a falar do último comunicado de guerra, sem que nem um nem outro se atrevessem, no entanto, a formular a pergunta que os trabalhava intimamente: Se os Turcos, derrotados em toda a linha, tinham debandado, contra quem é que viria a desferir-se amanhã a batalha decisiva?

Quando Katavassov voltou para junto de Sérgio Ivanovitch, não ousou pô-lo ao corrente da sua opinião, declarando-se muito satisfeito com o que vira e ouvira.

Na primeira estação importante em que o comboio parou, repetiram-se os tantos, os vivas, as flores, o peditório, e as saúdes no bufete, embora com menos entusiasmo do que em Moscovo.

CAPÍTULO IV

Durante esta paragem do comboio, Sérgio Ivanovitch apeou-se e pôs-se a passear pela plataforma, passando diante do compartimento Vronski, cujos estores estavam corridos. De uma das vezes viu a velha condessa junto à portinhola. E a condessa chamou-o.

— Vou acompanhá-lo até Kursk.

— Tinham-me dito — respondeu Kosnichev relanceando a vista para o interior do compartimento. E, ao notar que Vronski não estava presente, acrescentou: — O seu filho pratica um belo acto!

— Que havia ele de fazer depois da infelicidade por que passou?

— Que coisa horrível!

— Oh, o que eu sofri! Mas entre!... Se soubesse o que eu passei! Durante seis semanas ninguém lhe ouviu palavra e só comia quando eu implorava que o fizesse. Não o podíamos deixar só um único momento. Receávamos que ele cometesse um acto de desespero. Vivíamos num rés-do-chão e tirámos-lhe todos os objectos perigosos. Ninguém sabe o que pode vir a acontecer numa ocasião dessas... Já uma vez, por causa dela, tentara suicidar-se com um tiro de pistola — acrescentou a velha condessa, por cuja face perpassou uma sombra nesse momento. — Aquela mulher morreu como sempre tinha vivido: de maneira baixa, miserável.

— Não nos compete a nós julgá-la, condessa — replicou Sérgio Ivanovitch, suspirando —, mas compreendo que tenha sofrido muito.

— Nem me fale nisso! Estava a passar o Verão na minha quinta e meu filho fora visitar-me, quando lhe trouxeram uma carta a que ele respondeu imediatamente. Ninguém sabia que ela estava na estação. Nessa noite, acabava de me recolher ao meu quarto, quando a Mary, a minha criada, me veio dizer que uma senhora se atirara para debaixo do comboio. Tive um pressentimento! Passou-me pela cabeça que seria ela. E a primeira coisa que recomendei foi que nada dissessem ao conde. Porém, já lho tinham dito. O cocheiro do meu filho estava na estação e presenciara a cena. Quando corri ao quarto do Alexei, encontrei-o como doido. Metia medo vê-lo. Sem dizer palavra, desatou a correr direito à estação. Não sei o que ali se passou. A verdade é que mo trouxeram para casa meio morto. O médico achou-o numa prostration complete(Nota 139). Depois disso é que surgiram as crises de loucura... Que época terrível esta em que vivemos! Diga o que disser, a verdade é que era uma mulher má. Pode compreender uma paixão assim? Que quis ela demonstrar com aquela morte? Perdeu-se a si

mesma e estragou a vida de dois homens, qualquer deles de grande mérito: o marido e o meu infeliz filho.

— O marido, que fez?

— Recolheu a pequenina. No primeiro momento, Alexei consentiu em tudo. Agora está arrependido de ter confiado a filha a um estranho, mas não quer voltar com a sua palavra atrás. Karenine veio ao enterro. Fizemos o possível para que ele se não encontrasse com o Aliocha. Para Karenine, as coisas eram mais suportáveis. Ao menos assim ficava livre. Em compensação, o meu pobre filho tinha se lhe confiado por completo. Sacrificara lhe tudo tanto a sua carreira como até a mim mesma, e ela não só não teve piedade dele como acabou por perdê-lo desta maneira. Diga o que quiser, na minha opinião teve morte de má mulher, de mulher sem religião. Que Deus me perdoe, mas não posso deixar de ter ódio à sua memória, diante da perdição do meu filho.

— E ele como está agora?

— Deus quis ajudar nos com a guerra dos Sérvios. Sou uma velha e não entendo nada destas coisas, mas acho que Deus lhe enviou isto a ele. É certo que eu, como mãe, estou assustada, e, além disso, dizem que cê riest pás tres bien vu à Petersburg? Mas que fazer? Só isto lhe podia dar ânimo Iachvine, seu camarada, como perdeu toda a fortuna, resolveu partir para a Sérvia e foi ele quem levou o Alexei a fazer o mesmo. Os preparativos da partida distraíram no muito. Fale com ele, peço lhe, vai tão triste. Para cúmulo, esta com uma grande dor de dentes! Mas tenho a certeza de que gostara muito de o ver. Anda a passear do outro lado da gare.

Sérgio Ivanovitch declarou que também ele teria muita satisfação em vê-lo, e passou para o outro lado da plataforma à procura do conde.

CAPÍTULO V

Vronski, com o seu grande sobretudo de chapéu puxado para os olhos e de mãos enterradas nos bolsos, passeava de um lado para o outro, como uma fera enjaulada, por entre as sombras oblíquas dos fardos empilhados na gare, fazendo bruscamente meu volta de vinte em vinte passos. Ao aproximar se, Sérgio Ivanovitch julgou que Vronski fingia não o ver. Pouco lhe importou. Estava acima de qualquer susceptibilidade Vronski, opinava, ia desempenhar uma grande missão e devia ser amparado e encorajado.

Kosnichev aproximou se, pois, o conde parou, encarou com ele e tendo o por fim reconhecido apertou lhe cordialmente a mão.

— Talvez não estivesse com disposição para me falar' — disse Sérgio Ivanovitch — Desculpe a minha insistência, mas queria oferecer lhe os meus préstimos.

Que não e muito bem visto em Sampetersburgo.

— A ninguém me seria menos desagradável encontrar neste momento do que a si. — replicou Vronski — Perdoe me. Mas deve compreender que a vida me pesa.

— Compreendo-o. No entanto, uma carta para Ristich ou para Milano, talvez lhe pudessem ser úteis — prosseguiu Sérgio Ivanovitch, impressionado com a expressão de fundo sofrimento que se pintava no rosto de Vronski.

— Oh! Não! — replicou este, num esforço para compreender — Acha que podemos caminhar um pouco? Sufoca se na carruagem! Uma carta? Não, muito obrigado. Serão precisas cartas para nos fazermos matar? A não ser uma carta endereçada aos Turcos? — acrescentou, sorrindo com a ponta dos lábios, enquanto conservava nos olhos a mesma expressão de dolorosa tristeza.

— No entanto, uma carta poder lhe ia facilitar relações que não poderá dispensar. Aliás, faça como quiser, mas queria dizer-lhe a satisfação que tive ao saber que tomara esta decisão. Criticam se tanto os voluntários, que a sua atitude só vem reabilitá-los.

— O meu único mérito — tornou Vronski — está em que a vida para mim nada mais significa. Apenas sei que ainda me resta energia suficiente para entrar na liça e matar ou morrer. Compraz me saber que existe alguma coisa porque possa dar a minha vida, e não porque precise dela, mas apenas porque se me tornou odiosa. Assim servirá a alguém — acrescentou, com um movimento de impaciência do maxilar, resultado da dor de dentes que o atormentava e, outrossim,

lhe não permitia falar com a expressão desejada.

— Vai renascer para uma nova vida, consinta que lho prognostique — disse Sérgio Ivanovitch, que se sentia comovido — Salvar irmãos oprimidos é uma causa tão digna de vida como de morte. Que Deus conceda pleno êxito ao seu empreendimento e lhe restitua a paz de consciência de que tanto precisa.

— Enquanto instrumento, ainda posso servir para alguma coisa, mas como homem, não passo de uma ruína — disse Vronski, pausada mente, apertando a mão que lhe estendia Kosnichev.

A terrível dor de dentes enchia lhe a boca de saliva e impedia o de falar Vronski calou se, de olhos maquinalmente fitos nas rodas de um tender que se aproximava, deslizando suavemente pelos carris. E, de súbito, um mal estar geral fê-lo esquecer a dor de dentes que sentia. O tênder e a via férrea, bem como a conversa com aquele seu conhecido a quem não tornará a ver depois da desgraça, fizeram no recordar a *ela,* isto é, o que restava dela quando ele entrou, correndo como louco, no posto de polícia da estação. Em cima da mesa, impudicamente estendido, entre pessoas desconhecidas, via se o corpo ensanguentado, ainda cheio de vida. A cabeça intacta estava atirada para trás, com as suas grossas franças e os seus caracóis nas fontes. Naquele rosto encantador — a boca rubra entreaberta — havia uma expressão estranha e dolorosa nos lábios e horrível nos olhos imóveis e abertos, como se pronunciasse ainda as terríveis palavras que lhe dissera quando da última discussão: “Que ele se arrependeria.”

Vronski procurou lembrar-se dela tal como era quando a encontrara pela primeira vez na estação, misteriosa, encantadora, afectuosa, procurando e distribuindo felicidade, e não cruel e vingativa, como durante a última época da sua vida. Tentou evocar os melhores momentos que passara com ela, mas sentiu que sempre estavam envenenados. Só a podia recordar triunfante, cumprindo a ameaça de o fazer sentir aquele arrependimento inevitável, que já não era preciso a ninguém. A dor de dentes desapareceu e os soluços contraíram-lhe o rosto. Deu alguns passos ao longo da pilha de fardos, e assim que se dominou dirigiu-se tranqüilamente a Sérgio Ivanovitch:

— Não leu o último comunicado? Dizem ter voltado a derrotar os Turcos, mas que a batalha decisiva será amanhã.

E depois de discutirem a proclamação de Milano como rei e das enormes conseqüências que daí podiam resultar, separaram-se, logo que ressoou o segundo toque de sineta, dirigindo-se cada um para a sua carruagem.

CAPÍTULO VI

Como não sabia quando podia sair de Moscovo, Sérgio Ivanovitch não telegrafara ao irmão a pedir-lhe que lhe mandasse um carro à chegada do comboio. Levine não estava em casa, quando, por volta do meio-dia, apareceram Kosnichev e Katavassov, completamente cobertos de pó, num trem alugado na estação.

Kitty, sentada na varanda com a irmã e o pai, logo que reconheceu o cunhado, veio recebê-lo.

— Não tens vergonha de não nos teres avisado da tua chegada? — disse-lhe, estendendo-lhe a mão e apresentando-lhe a testa para que ele a beijasse.

— Chegamos muitíssimo bem e não os incomodamos — replicou Sérgio Ivanovitch. — Estou de tal modo coberto de pó que até tenho receio de te tocar. Também não sabia quando poderia sair de Moscovo, tão ocupado andava. E vocês, como sempre — acrescentou, risonho — desfrutando de uma felicidade tranqüila, fora de todos os embates, neste remanso de paz. O nosso amigo Katavassov acabou por se decidir a vir comigo.

— Mas não me tome por um negro. Quando me lavar, prometo-lhe parecer pessoa humana — disse Katavassov, no seu tom de ironia habitual, enquanto estendia a mão a Kitty e sorria, deixando a descoberto os dentes, particularmente brilhantes, no rosto enegrecido.

— O Kóstia vai ficar muito contente. Foi à granja. Já devia estar de volta.

— Anda sempre ocupado com a administração das terras neste recanto apetecível — disse Katavassov. — Em compensação, na cidade não pensamos noutra coisa se não na guerra dos Sérvios! Estou curioso por saber qual a opinião deste meu amigo a tal respeito: tenho a certeza de que não é da opinião geral.

— Acho que sim — replicou Kitty, confusa, procurando ler no rosto do cunhado. —Vou mandá-lo procurar... Está aqui o meu pai, que passa uma temporada connosco, no regresso do estrangeiro.

E Kitty, aproveitando a liberdade de movimentos de que por tanto tempo estivera privada, tratou de conduzir os seus hóspedes, um ao escritório, o outro ao antigo quarto de Dolly, para que se preparassem, mandando arranjar almoço para ambos enquanto enviava recado ao marido e se dirigia à varanda onde estava o pai.

— É o Sérgio Ivanovitch que nos traz o professor Katavassov.

— Oh! Que maçada! E com este calor! — comentou o príncipe.

— Não, paizinho, é muito simpático, e Kóstia gosta muito dele — disse Kitty, sorrindo, como se implorasse qualquer coisa ao ver a expressão irônica do rosto do pai.

— Mas está bem, está bem, eu não disse nada.

— Vai ter com eles, querida, e faz-lhes companhia — pediu Kitty à irmã. — Estiveram com o Stiva. Eu vou ver o *Mitia*.(Nota 140) Fiz de propósito. Desde manhã que lhe não dou o peito, deve estar impaciente. — Sentindo que lhe afluía o leite aos seios, Kitty dirigiu-se, em passo rápido, ao quarto do filho.

Não é que o adivinhasse (ainda permanecia em união com ele), mas sabia, graças à afluência do leite, que a criança estava com fome. Antes de chegar ao quarto do filho, já Kitty sabia que Mitia chorava. Com efeito estava a chorar. Ouvindo-lhe a voz, estugou o passo. Todavia quanto mais se apressava, mais a criança chorava. Tinha uma voz sã e agradável, mas impaciente e faminta.

— Já está a chorar há muito? Já há muito? — perguntou Kitty rapidamente à criada enquanto se sentava e se preparava para amamentar o filho, desabotoando o vestido. — Deixe-o ver. Que lenta que é! Deixe-o ver e depois lhe atará a touca.

A criança sufocava de tanto chorar.

— Não se pode, mãezinha, é preciso vesti-lo convenientemente — disse Agáfia Mikailovna, quase sempre no quarto do pequeno. — Trá-la-rá, trá-la-rá! — cantarolava ela, sem prestar atenção ao nervosismo da mãe.

Por fim, a aia entregou o pequenino a Kitty. Agáfia Mikailovna seguiu-o com os olhos, enternecida.

— Conhece-me! Conhece-me! Pode crer, Catarina Alexandrovna, que ele me conhece! — gritava, elevando a voz ainda mais do que a criança. Mas Kitty não a ouvia. A sua impaciência corria paralela com a do filho. Por causa disso, tudo levou tempo a ficar em ordem. O bebê não se agarrava bem ao peito e irritava-se.

Finalmente, depois de um grito desesperado, pois mamara em falso e engasgara-se, encontrou o seio, e tanto a mãe como o filho se sentiram calmos ao mesmo tempo e ambos ficaram calados.

— Coitadinho, como está suado! — disse Kitty, num sussurro, tocando na criança. — Por que diz que ele a conhece? — perguntou, olhando de viés para os olhos do pequeno, cheios de malícia, segundo lhe pareceu, fitando-a por debaixo da touca, enquanto observava as bochechinhas dele, que inchavam a compasso, e a sua mãozinha rósea,

que fazia círculos no ar. — Não é possível. Se conhecesse alguém, era a mim que devia conhecer — acrescentou, respondendo à afirmação de Agáfia Mikailovna, e sorriu.

Sorria, pois, apesar do que dissera, no fundo do seu coração estava certa de que a criança não só conhecia Agáfia Mikailovna, mas que sabia tudo e compreendia muitas coisas de todos ignoradas e que ela, a sua própria mãe, apenas viera a saber graças a ele. Para Agáfia Mikailovna, para a aia, para o avô, e, principalmente, para o pai, Mitia era simplesmente um ser vivo que apenas exigia cuidados materiais, mas para a mãe era já um ente de razão, a que se unia toda uma história de relações espirituais.

— Quando ele acordar, se Deus quiser, vai ver. Basta que eu lhe faça assim, põe-se logo radiante. Ficará radiante como a luz do dia — disse Agáfia Mikailovna,

— Pois sim, pois sim, então havemos de ver isso — murmurou Kitty. — Agora vá-se embora, que ele está a dormir.

CAPÍTULO VII

Enquanto Agáfia Mikailovna se afastava em bicos dos pés, a aia corria as cortinas; depois, com um ramo seco de bétulas, enxotou um moscardo que zumbia contra os vidros da janela e as moscas pousadas no véu de musselina que servia de dossel ao berço, sentando-se em seguida ao lado de Kitty, de quem continuou a enxotar as moscas com o ramo seco.

— Que calor! Que calor! Se ao menos Deus nos mandasse uma chuvinha! — disse ela.

— Sim; psiu, psiu!... —murmurou Kitty, embalando suavemente o corpo e apertando contra o peito o bracinho rechonchudo que Mitia, de olhos semicerrados, agitava ainda muito ao de leve e que ela teria beijado de bom grado se não fosse o receio de acordar o pequenino. Por fim o braço quedou imóvel e a criança, sempre a mamar, cada vez mais raramente soerguia as longas pestanas recurvas para pousar na mãe os olhinhos húmidos, que na obscuridade pareciam pretos. A aia dormitava. Por cima da sua cabeça, Kitty ouviu ressoar a voz do velho príncipe e o riso vibrante de Katavassov.

"Ainda bem", pensou ela, "animaram-se mesmo sem a minha presença. Que pena não estar aqui o Kóstia. Naturalmente voltou a deixar-se ficar junto das abelhas. Não gosto nada que ele ande sempre metido nos .cortiços, embora tenha de reconhecer que é uma distracção para ele. Vejo-o muito mais alegre do que na Primavera. Andava tão triste e atormentado, que cheguei a apoquentar-me com isso. Que gracioso corpo!", murmurou e sorriu.

Kitty sabia muito bem o que é que atormentava Levine: a incredulidade. Se lhe perguntassem se acreditava que Levine não teria salvação no outro mundo, seria obrigada a responder que sim, e no entanto a incredulidade do marido não a fazia sofrer. Embora reconhecesse que o incréu não tinha salvação e amasse o marido mais do que qualquer outra pessoa neste mundo, sorria sempre que pensava na sua falta de fé e para si mesma achava-lhe graça.

"Para que passará ele o ano inteiro a ler livros filosóficos?", perguntava a si mesma Kitty. "Se esses livros lhe explicam a fé, porque não há-de ele ter fé? E se não dizem a verdade, para que há-de lê-los? Ele próprio costuma dizer que gostaria de ter fé. Então por que a não tem? Provavelmente porque pensa muito. E pensa muito por causa da solidão em que vive. Está sempre só, sempre. Não pode falar de tudo isto connosco. Por isso os hóspedes serão agradáveis para ele, sobretudo Katavassov. Gosta de discutir com ele", murmurou de si

para consigo, e acto contínuo pôs-se a pensar onde lhe seria mais cômodo fazer a cama para Katavassov: no quarto de Sérgio Ivanovitch ou noutro qualquer. E de súbito veio-lhe uma ideia que a fez estremecer de inquietação e até incomodou Mitia, que a olhou de semblante carregado. Lembrou-se que a lavadeira ainda não trouxera a roupa lavada e que toda a roupa dos hóspedes andava em serviço. "Se eu não der providências, Agáfia Mikailovna é capaz de pôr na cama de Sérgio Ivanovitch roupa já usada." Ao pensar nisto, o sangue subiu-lhe todo ao rosto.

"Preciso de verificar isso", disse de si para consigo, e, voltando aos seus pensamentos anteriores, lembrou-se de que não chegara a discorrer até ao fim sobre qualquer coisa que dizia respeito à alma, qualquer coisa de muito importante, e procurou lembrar-se. "Ah, já sei! Que Kóstia não tem fé!", exclamou para consigo mesma, sorrindo.

"Pois bem, é preferível que viva sempre sem fé a que seja como Madame Stahl, ou como eu desejei ser nesse tempo no estrangeiro. Não, ele não é capaz de fingir!"

E um recente acto de bondade do marido lhe ocorreu, de súbito. Quinze dias antes, Stepane Arkadievitch escrevera uma carta à mulher em que lhe pedia perdão e suplicava que lhe salvasse a honra vendendo a quinta para pagar as dívidas que contraíra. Depois de amaldiçoar o marido e de pensar no divórcio, Dolly acabou por ter pena dele, disposta a consentir no que ele lhe pedia. Foi então que Levine veio ter com ela, Kitty, e lhe propôs, muito embaraçado e com muitos circunlóquios — e lembrando-se disso aos lábios de Kitty aflorava um sorriso de enternecimento — lhe propôs a maneira, solução em que ela não pensara, de socorrer Dolly sem a magoar: ceder-lhe a parte que lhes pertencia nessa propriedade.

"Como é possível ser incrédulo com um coração assim, com esse receio que tem de ofender uma criança? Está sempre a pensar nos outros.

Sérgio Ivanovitch entende que Kóstia tem obrigação de ser o administrador das suas coisas. E a irmã pensa da mesma maneira. E Dolly e os filhos já não têm outro apoio. E todos esses camponeses que diariamente vêm ter com ele, como se Kóstia tivesse obrigação de lhes sacrificar os seus ócios..."

"Oxalá sejas como o teu pai, só como ele", murmurou, entregando Mitia à aia e aflorando-lhe a carinha com os lábios.

CAPÍTULO VIII

Desde que vira morrer o seu querido irmão, Levine dera-se a examinar pela primeira vez os problemas da vida e da morte através de ideias a que ele chamava novas. Estas tinham substituído, entre os vinte e os trinta e quatro anos, as suas convicções da infância e da adolescência. Levine sentira horror, menos da morte do que da vida, por não podei compreender de onde vinha, que era, para que existia ou que representava. O organismo, a sua destruição, a indestrutibilidade da matéria, a lei da conservação da energia e a evolução, eis os termos que tinham substituído a sua antiga fé. Esses termos e os conceitos que lhe andavam ligados serviam para fins de ordem intelectual, mas não explicavam a vida. Levine encontrou-se, de súbito, na situação de um homem que houvesse trocado uma pelica que muito bem o agasalhasse por um traje de musselina e que pela primeira vez se sentisse gelar, não graças a raciocínios, mas com todo o seu ser, convencendo-se de que estar assim vestido era o mesmo que estar nu, e que seria inevitável morrer no meio de grandes tormentos.

Desde então, quase sem tomar consciência disso e sem que nada mudasse na sua vida exterior, não mais deixou de experimentar o horror que lhe causava essa ignorância. Demais, tinha o sentimento confuso de que as suas pretensas convicções, em vez de dissiparem as trevas em que vivia, ainda as tornavam mais espessas. O casamento, com as alegrias e os deveres que traz consigo, abalaram-lhe por algum tempo os pensamentos; mas assim que, após o parto da mulher, se viu em Moscovo a viver na ociosidade, logo estes lhe voltaram com redobrada persistência.

"Se não aceito as explicações que me dá o cristianismo acerca do problema da minha existência", dizia de si para consigo, "onde encontrarei outras?" Por mais que perscrutasse as suas convicções científicas, não descobria nelas resposta a esta pergunta. Era como se fosse a uma loja de brinquedos ou a um armeiro comprar víveres.

Involuntariamente, inconscientemente, nas leituras, nas conversas e até junto das pessoas que o rodeavam, procurava uma relação qualquer com o problema que o preocupava. Um ponto o preocupava acima de tudo: porque é que os homens da sua idade e do seu meio, os quais exactamente como ele, pela sua maior parte, haviam substituído a fé pela ciência, não sofriam por isso mesmo moralmente? Não seriam sinceros? Ou compreenderiam melhor do que ele as respostas que a ciência proporciona a essas questões perturbantes? E punha-se então a estudar, quer os homens, quer os livros, que lhe poderiam proporcionar as soluções tão desejadas.

Entretanto descobrira que erradamente admitira com os seus camaradas da Universidade ter a religião passado de moda: afinal, as pessoas de quem mais gostava, o velho príncipe, Lvov, Sérgio Ivanovitch, Kitty, conservavam a fé da sua infância, essa fé em que ele outrora comungava. As mulheres, de maneira geral, eram crentes e também noventa e nove por cento da gente do povo, que ele acima de tudo estimava. Depois de muito ler, chegou à convicção de que as pessoas cujas opiniões partilhava não atribuíam a essas opiniões nenhum significado particular: em vez de explicarem as questões que ele considerava primordiais, afastavam-nas de si para se consagrarem à resolução de outras que a ele o deixavam completamente indiferente, como, por exemplo, a evolução das espécies, a explicação mecânica da alma, etc.

Depois, durante o parto da mulher, um facto estranho ocorrera: ele, incrédulo, rezara e rezara com uma fé sincera. Mas não havia maneira de poder conciliar esse estado de alma com as suas habituais disposições de espírito. Ter-lhe-ia aparecido então a verdade? Não o podia acreditar, pois o certo é que, desde que o analisava friamente, esse ímpeto para Deus desfazia-se em pó. Ter-se-ia enganado então? Se o admitisse, seria como que profanar uma recordação bem cara... Essa luta interior pesava- lhe dolorosamente e com todas as foraças do seu ser procurava acabar com ela.

CAPÍTULO IX

Atormentado constantemente por estes pensamentos, lia e meditava, mas o objectivo perseguido cada vez se afastava mais dele.

Convencido de que os materialistas nenhuma resposta lhe dariam, relera, nos últimos tempos da sua estada em Moscovo, e depois do seu regresso à aldeia, Platão e Espinosa, Kant e Schelling, Hegel e Schopenhauer. Estes filósofos satisfaziam-no enquanto se contentavam em refutar as doutrinas materialistas e ele próprio encontrava então argumentos novos contra elas; mas, assim que abordava — quer através das leituras das suas obras, quer através dos raciocínios que estas lhe inspiravam — a solução do famoso problema, sucedia-lhe sempre a mesma coisa. Termos imprecisos, tais como "espírito", "vontade", "liberdade", "substância" ofereciam num certo significado à sua inteligência enquanto se deixava envolver na subtil armadilha verbal que lhe armavam; logo que regressava, porém, depois de uma incursão na vida real, a este edifício que supusera sólido, ei-lo que o via desmoronar-se como um castelo de cartas, vendo-se obrigado a reconhecer que o edificara graças a uma perpétua transposição dos mesmos vocábulos, sem recorrer a essa "qualquer coisa" que, na prática da vida, importa mais do que a razão.

Schopenhauer proporcionou-lhe dois ou três dias de serenidade, mercê da substituição a que procedeu em si próprio da palavra "amon" por aquilo a que o filósofo chamava "vontade". Quando o examinou, porém, do ponto de vista prático, esse novo sistema estiolou-se como todos os outros, mero trajo de musselina que era no fundo.

Como Sérgio Ivanovitch lhe tivesse recomendado os escritos teológicos de Komiakov, foi ler o segundo volume das suas obras. Embora desanimado logo de princípio pelo estilo polêmico e afectado do autor, nem por isso deixou de se sentir menos impressionado com a sua teoria da Igreja. A crer em Komiakov, o conhecimento das verdades divinas, recusado a um homem só, é concedido a um conjunto de pessoas que comungam no mesmo amor, isto é, a Igreja. Esta teoria reanimou Levine; uma vez que aceitasse a Igreja, instituição viva de carácter universal, com Deus à frente, e santa infalível por conseguinte, era-lhe mais fácil aceitar os seus ensinamentos sobre Deus, a criação, a queda, a redenção, que principiar do princípio, pelo próprio Deus, esse ser longínquo e misterioso. Infelizmente, tendo lido em seguida duas histórias eclesiásticas, uma de um escritor católico, outra de um escritor ortodoxo, chegou à conclusão de que as duas Igrejas, ambas infalíveis

na sua essência, se repudiavam mutuamente. E a doutrina teológica de

Komiakov não resistiu mais ao seu exame que os sistemas filosóficos.

Durante toda aquela Primavera, Levine parecia outra pessoa. Viveu momentos terríveis.

“Não posso viver sem saber o que sou e com que fim fui lançado a este mundo”, dizia ele de si para consigo. “E visto que não poderei chegar a sabê-lo, torna-se-me impossível viver. No tempo infinito, na infinitude da matéria, no espaço infinito forma-se um organismo como uma borbulha, mantém-se por algum tempo, depois rebenta. Essa borbulha sou eu!”

Este sofisma doloroso era o único, era o supremo resultado do raciocínio humano levado a cabo durante séculos; era a crença final na base de quase todos os ramos da actividade científica; era a convicção reinante. E porque lhe parecia a mais clara, Levine, involuntariamente, deixara-se penetrar por ela. Mas esta conclusão parecia-lhe mais que sofística; via nela como a obra cruelmente irrisória de uma força inimiga a que era preciso subtrair-se. A maneira de se emancipar disso estava ao alcance de cada um... E a tentação do suicídio perseguiu tão freqüentemente aquele homem sadio, aquele feliz pai de família, que tratou de afastar de si todas as cordas e nem sequer se atrevia a sair com a espingarda.

Contudo, em vez de se enforcar ou de queimar os miolos, continuaria muito simplesmente a viver.

CAPÍTULO X

Eis como Levine perdia a esperança de resolver, no domínio da especulação, o problema da sua existência; em compensação, nunca agira na vida prática com tanta decisão e firmeza.

De regresso à aldeia nos primeiros dias de Junho, a sua lavoura, a administração dos bens do irmão e da irmã, os seus deveres familiares, as relações com os seus vizinhos e os seus mujiques, e a colméia nova, que principiara a organizar naquela Primavera, não lhe deram tréguas. O caminho tomado pelos seus pensamentos, a multiplicidade das suas ocupações e a falta de êxito das suas precedentes experiências não lhe consentiam que justificasse a sua actividade com o interesse no bem comum; muito simplesmente cumpria o seu dever.

Outrora — quase desde a infância — a ideia de concorrer com qualquer coisa de útil para a gente da sua aldeia, para a Rússia, para a humanidade, dava-lhe uma grande alegria; no entanto, a acção em si mesma nunca o satisfazia e não tardava que tivesse dúvidas quanto ao valor dos seus empreendimentos. Agora, pelo contrário, se punha mão a uma obra, sem qualquer espécie de alegria prévia, adquiria, pouco depois, a convicção de que essa obra era necessária e que dava resultados cada vez mais satisfatórios. Inconscientemente, enterrava-se cada vez mais fundo na terra, como a charrua que só pode levantar-se quando chega ao fim da sua tarefa. Em vez de discutir certas condições da existência, aceitava-as, considerando-as tão indispensáveis como a nutrição diária. Levar a mesma vida que os seus antepassados, dar a seus filhos uma educação igual à sua, transmitir-lhes um patrimônio intacto e merecer deles o mesmo reconhecimento que ele próprio testemunhava à memória dos seus avós, eis para ele dever tão indiscutível como o de pagar aos seus credores. Era, pois, necessário que as terras prosperassem e para isso, em vez de enfraquecer, tratou de valorizá-las ele próprio, adubando os campos, criando gado, plantando árvores. Julgava-se obrigado a prestar ajuda e protecção — como a menores que lhe houvessem sido confiados

— ao irmão, à irmã e aos numerosos camponeses que tinham por costume consultá-lo. A mulher e o filho, Dolly e os seus também tinham direito aos seus cuidados e ao tempo que despendia com eles. E tudo isto enchia largamente essa existência, cujo sentido não compreendia sempre que pensava nela.

E não só o seu dever lhe aparecia perfeitamente definido como não tinha a menor dúvida quanto à maneira de o cumprir em cada caso particular. Assim, não hesitava em contratar mão-de-obra o mais

barata possível, sem no entanto escravizar os seus trabalhadores com adiantamentos feitos abaixo do preço normal. Se os seus mujiques precisavam de forragem, parecia-lhe lícito vender-lhes palha, por maior que fosse a pena que eles lhe inspirassem. Em compensação, os lucros das tabernas achava-os imorais, e em sua opinião esses estabelecimentos deviam set suprimidos. Castigava com rigor os roubos de lenha, mas recusava-se — apesar dos protestos dos guardas contra essa falta de firmeza — confiscar o gado do mujique, quando apanhado em flagrante delito a pastar nas suas terras. Era capaz de emprestar dinheiro a um pobre diabo para o salvar das garras de um usurário, mas não concedia nem adiantamentos nem pagamentos por conta sobre os adiantamentos feitos. Não teria perdoado ao seu administrador, caso ele se descuidasse e não mandasse ceifar todos os seus prados; porém, não tocava em oitenta hectares da terra em que aquele fizera plantações. Não consentia que se deixasse de descontar na jorna do camponês, que no tempo da faina do campo ia a casa por causa do falecimento do pai — fosse qual fosse a compaixão que ele lhe inspirasse —, mas, por outro lado, não deixava de pagar a mensalidade aos velhos, que já não serviam para nada.

Levine sabia que, ao regressar a casa, a primeira coisa a fazer era visitar a mulher, que estava doente, ainda que os camponeses tivessem de o esperar durante três horas, e também que, conquanto lhe produzisse grande prazer ocupar-se das abelhas, devia deixar essa ocupação a um velho, tratando de acudir aos mujiques que precisavam dele.

Ignorava se procedia bem ou mal: mas não só não desejava agora averiguá-lo, como evitava as conversas e os pensamentos sobre o assunto.

As reflexões conduziam-no à dúvida e impediam-no de ver o que se devia ou não fazer. Quando se contentava em viver sem pensar, sentindo constantemente na alma a presença do juiz infalível que decidia qual das duas maneiras de proceder era melhor, e se não procedesse dessa maneira, dava logo por isso.

Eis, pois, como vivia, sem saber e sem prever a possibilidade de se inteirar quem era e para que estava neste mundo, coisa que tanto o atormentava, que chegara a pensar no suicídio; mas, ao mesmo tempo, não deixava de traçar com firmeza a trajectória da sua vida.

CAPÍTULO XI

O dia em que Sérgio Ivanovitch chegara a Pokrovskoie fora um dos dias mais penosos para Levine.

Era a temporada mais activa das lides do campo, quando acorda nos camponeses um extraordinário espírito de sacrifício, desconhecido em outros aspectos da vida e que muito seria apreciado se os próprios que o realizam o soubessem estimar, se não se repetisse todos os anos e se os seus resultados não fossem tão simples.

Ceifar e recolher o centeio e a aveia, pôr o terreno em alqueire, proceder à debulha e às sementeiras de Outono, tudo isso parece simples e corrente.

Mas para o conseguir é preciso que todos os camponeses, do mais novo ao mais velho, trabalhem, durante três ou quatro semanas, sem parar, três vezes mais do que habitualmente, comer *kvas,* cebolas e pão negro, aproveitando as noites para o transporte das gabelas e dormindo duas ou três horas, se tanto. E é assim todos os anos na Rússia.

Como passava a maior parte da sua vida na aldeia e como vivia intimamente com o povo, Levine sentia sempre que, durante a quadra das tarefas agrícolas, a animação geral se lhe comunicava a ele também. Pela manhã fora assistir à primeira semeadura do centeio e à recolha da aveia nas respectivas gabelas. Voltara a casa, à hora em que se estavam a levantar a mulher e a cunhada. Depois de tomar o pequeno almoço com elas, dirigiu-se a pé à granja onde iam pôr a funcionar a debulhadora para preparar as sementes.

Durante todo aquele dia, enquanto falava com o encarregado e com os camponeses, com a mulher, com Dolly, com os filhos desta, ou com o sogro, Levine não fazia outra coisa se não pensar no problema que o preocupava à margem das tarefas agrícolas, procurando em tudo uma relação com as suas perguntas: “Que sou eu? Onde estou? Para que estou eu aqui?”

Manteve-se algum tempo na granja, que acabava de ser telhada de novo. A cobertura de aveleira, fixada às vigas de álamo, exalava um agradável aroma. Naquela casa fresca, onde turbilhonava uma poeira acre, os operários cirandavam em volta da debulhadora, enquanto as andorinhas, chilreando, deslizavam pelo rebaixo do telhado e vinham, agitando as asas, pousar no dintel do portão todo aberto. Através deste divisavam-se a erva da eira, que brilhava ao sol, e montes de palha fresca, que acabava de sair do celeiro. Levine contemplava todo este espectáculo entregue a pensamentos lúgubres.

“Para quê tudo isto? Para que estou eu aqui a vigiá-los, e eles, por que se mostram eles tão zelosos diante de mim? Que tem ela de se despachar, a minha velha amiga Matriona”, pensava, seguindo com os olhos uma grande mulher descarnada que, para melhor apanhar o grão, apoiava pesadamente no solo áspero os pés descalços e tostados pelo sol. “Curei-a uma vez, que ficou toda queimada quando de um incêndio, em que lhe caiu uma trave em cima. Sim, fui eu quem a curou, mas apesar disso amanhã, ou daqui a dez anos, há que carregar com ela para debaixo da terra. E outro tanto há-de acontecer àquela janota de vestido encarnado que joeira a palha e o folhelho com tanto cuidado, bem como àquele pobre cavalo cor de pega, de grande barriga e respiração cansada, que lá vai arrastando a roda, penosamente. E também levarão a enterrar o Fiodor, com a sua barba encaracolada, cheia de palha e a sua camisa rota no ombro. E no entanto lá vai desfazendo as gabelas, dando ordens, gritando às mulheres e colocando a correia no volante. E o mais importante é que não só eles irão a enterrar; eu também, e nada ficará. Para quê, pois, tudo isto?”

Enquanto assim pensava, nem por isso Levine deixava de consultar o relógio, calculando quanto debulhariam por hora. Precisava de o sabei para destinar a tarefa do dia.

“Está quase a fazer uma hora que se puseram a debulhar e ainda não passaram do primeiro monte.” Aproximou-se de Fiodor e ordenou-lhe, elevando a voz, para dominar o ruído da máquina, que deitasse menos trigo.

— Deitas de mais, Fiodor. Vês? A máquina engasga-se e trabalha mais devagar. Quantidades iguais,

Fiodor, negro com o pó que se lhe colava à cara coberta de suor, respondeu qualquer coisa, mas não fez o que Levine lhe ordenara.

Levine aproximou-se da máquina, afastou Fiodor e tomou o seu lugar.

Depois de trabalhar até à hora da merenda dos camponeses, Levine saiu do celeiro com Fiodor e entabulou conversa com ele. Detiveram-se junto a um monte de centeio amarelento preparado na eira para debulhar.

Fiodor era natural da aldeia, onde tempos atrás Levine cedera as terras de acordo com o princípio cooperativo. Agora arrendara-as a um tal Kirilov. Levine desejava arrendá-las no ano seguinte a outro camponês, bom homem e rico, que se chamava Platão. E interrogou Fiodor a esse respeito.

— É muito rico, Constantino Dimitrievitch. O Platão não pode pagar

essa importância — replicou o mujique, retirando as espigas que se lhe haviam metido na camisa suada.

— Mas como pode Kirilov pagar?

— Kirilov? — repetiu Fiodor com desprezo. — Esse não está com meias medidas. Não tem pena do camponês, enquanto o tio Platão a uns dará as terras fiado e a outros perdoar-lhes-á as dívidas. Nem assim mesmo arranjará dinheiro para pagar ao patrão. É um bom homem.

— E porque há-de ele perdoar as dívidas?

— Os homens são todos diferentes uns dos outros, Constantino Dimitrievitch. Uns só vivem para as necessidades, como, por exemplo, o Kirilov, que só pensa na barriga. O tio Platão é um homem justo. Vive para a sua alma. Não se esquece de Deus.

— Que faz ele para se não esquecer de Deus? Como é que ele vive para a sua alma? — exclamou Levine quase num grito.

— É claro, vive como Deus manda, é justo. As pessoas não são todas iguais. Por exemplo, o patrão não é capaz de fazer mal a ninguém...

— Bom, bom, adeus — disse Levine, anelante de emoção. Voltou-se, pegou na bengala e saiu em passos largos, direito a casa.

Ao ouvir dizer que Platão vivia para a sua alma, segundo a verdade, como Deus manda, pensamentos vagos, mas significativos, acudiram-lhe à mente, em tropel, como se proviessem de algum ponto onde tivessem estado encerrados, e, tendendo todos para um mesmo fim, deram-lhe volta a cabeça, cegaram-no com a sua luz.

CAPÍTULO XII

Levine seguia em passos largos pela estrada real, atento não tanto aos seus pensamentos — ainda não era capaz de pô-los a claro — como ao seu estado de espírito, completamente novo para ele.

As palavras do mujique tinham-lhe produzido na alma o efeito de uma faísca eléctrica, que subitamente transformasse e fundisse num todo o enxame de ideias incompletas, desordenadas e impotentes que andava sempre com ele. Era nessas ideias que pensava sem dar por isso na altura em que falava no arrendamento das terras.

Agora sentia na alma o que quer que fosse que enchia de satisfação, embora ainda não soubesse o que era.

"Não devemos viver para nós, mas para Deus. Para quê Deus? Haverá coisa que faça menos sentido? Fiodor disse que o homem não devia viver para as necessidades, isto é, para o que compreende, para o que o atrai, para aquilo de que gosta, mas para qualquer coisa de incompreensível, para Deus, a quem ninguém pode entender nem definir. Sim, e que aconteceu? Não entendi as palavras sem sentido de Fiodor? Uma vez entendidas, duvido que sejam justas? Pareceram-me tontas, vagas e imprecisas? Não compreendi-as tal qual como ele: compreendia-as inteiramente e como ainda não compreendera nada com tanta clareza. E não só eu, mas todo o mundo compreende isso perfeitamente, ninguém duvida de tal coisa e todos estão de acordo.

"E eu que procurava milagres, pesaroso de não ter visto nenhum que me convencesse! Um milagre material ter-me-ia conquistado. E sem ver o único milagre possível, o milagre permanente e que nos rodeia por todos os lados!

"Fiodor disse que Kirilov vive para a barriga. É compreensível e racional. Todos nós, racionais, não podemos viver de outra maneira: vivemos para a barriga. Mas Fiodor é de opinião que não deve ser, que devemos viver para a verdade, para Deus, e basta uma só palavra para eu o entender. Não só eu: milhões de seres que viveram há séculos e estão a viver agora, camponeses pobres de espírito, sábios que meditaram e escreveram sobre esse problema num idioma incompreensível, todos, todos dizem o mesmo, todos estamos de acordo quanto ao objecto da vida e quanto ao que devemos ter por bem. A única coisa que tenho de comum com todos é esta convicção firme, indubitável e clara, que isso não pode explicar-se pela razão e que não tem causas nem pode ter conseqüências.

"Se o bem tiver uma causa, já não é bem; se tiver conseqüências, quer dizer, recompensa, também não. Portanto, o bem está fora do

encadeamento de causas e efeitos. Conheço-o como toda a gente. Querem maior milagre? Será possível que tenha encontrado a solução de tudo?

Que tenha acabado com os meus sofrimentos?", ia pensando Levine enquanto caminhava pela estrada coberta de pó. Não sentia calor nem cansaço; era como se se lhe apaziguassem todos os seus grandes tormentos. E esta impressão despertava nele tamanha alegria que não ousava acreditar nela.

Sufocado pela emoção, faltavam-lhe as forças para seguir avante.

Saiu da estrada, internou-se na mata e sentou-se, à sombra dos olmos, em cima da erva por ceifar. Depois de tirar o chapéu da cabeça a escorrer suor, estendeu-se na erva espessa e macia, apoiado num dos braços.

"É preciso compreender isto, tornar isto claro", pensava, olhando fixamente a erva por pisar, que alteava diante de si enquanto seguia os movimentos de um insecto verde que trepava por um talo de centinódia e se detinha na ascensão, impedido de seguir caminho por causa de uma folha. "Que descobri eu?", perguntava-se a si mesmo, afastando a folha que impedia o insecto de passar e aproximando dele outro talo. "De onde vem esta alegria? Que descobri eu?"

"Nada. Apenas me inteirei do que já sabia. Compreendi qual a força que não me deu a vida no passado, mas ma dá agora também. Libertei-me do meu erro e conheci o meu Senhor.

"Antes dizia que o meu corpo, tal como o dessa planta e o desse insecto (não quisera trepar pelo novo talo e, abrindo as asas, voou), realizava as transformações da matéria de acordo com leis físicas, químicas e fisiológicas. E que em todos nós, em nós e nos álamos, nas nuvens e nas névoas se produz uma evolução. Evolução de quê? Evolucionamos para quê? Uma evolução infinita e uma luta... Como se pudesse existir qualquer tendência e qualquer luta no infinito! E surpreende-me que, apesar da grande tensão mental nesse sentido, não se me aclarasse o significado da vida e o dos meus desejos e aspirações. Agora digo que conheço o sentido da minha vida: é preciso viver para Deus para a alma. E apesar do que há nisto de evidência, é misterioso e magnífico! Eis o sentido de tudo quanto existe. Sim, e o orgulho...", para si mesmo, estendendo-se de bruços, enquanto atava raminhos erva, procurando não parti-los.

"Não só o orgulho da inteligência, mas a estupidez da inteligência. o pior é a malícia, sim, a malícia da inteligência. A fraude da inteligência", repetiu.

E, resumidamente, Levine evocou o caminho seguido pelos seus

pensamentos naqueles últimos anos, desde que tivera a ideia clara e vidente da morte na presença do seu querido irmão enfermo, sem esperanças de cura.

Compreendera então pela primeira vez que mais nada existe para is, inclusive para ele próprio, além do sofrimento, da morte e do falecimento eterno. E decidira ser impossível viver assim, ser preciso encontrar uma explicação qualquer para a vida, de sorte que esta se lhe não apresentasse colho uma ironia maligna e diabólica e não o levasse a estourar os miolos.

Porém, não fizera nem uma coisa nem outra. Continuara a sua vida, continuara a pensar e a sentir. Casara-se, também, nessa altura e tivera muitas alegrias, sentindo-se feliz sempre que não pensava na vida.

Que queria isso dizer? Que vivia bem, mas pensava mal.

Vivia (sem ter consciência disso) segundo as verdades espirituais que assimilara com o leite materno; mas pensava, não já apenas sem reconhecer tais verdades, senão apartando-se delas cuidadosamente.

Agora afigurava-se-lhe evidente que só pudera viver graças às crenças em que fora educado.

"Que teria sido de mim, que teria sido da minha vida se não fossem essas crenças, se não soubesse que é preciso viver para Deus e não para as minhas necessidades? Teria roubado, teria matado, teria mentido. Nenhuma das principais alegrias da minha vida teria podido existir para mim." E por mais esforços mentais que fizesse, não conseguia ver-se a si próprio o ser bestial que teria sido, caso não soubesse para que vivia. "Buscava resposta à minha pergunta. Mas o pensamento não me podia responder, pois o pensamento não pode medir-se com a pergunta. A própria vida se encarregou de me responder graças ao conhecimento do bem e do mal. E esse conhecimento não o adquiri através de coisa alguma, foi-me *outorgado,* como a todos os demais, visto que o não pude encontrar em parte alguma.

"De onde o soube? Porventura foi através do raciocínio que eu cheguei à conclusão de que é preciso amar o próximo e não lhe fazer mal? Disseram-mo na infância e acreditei-o com alegria, pois trazia-o na alma. E quem o descobriu? A razão, não. A razão descobriu a luta pela existência e a lei, que exige que se eliminem todos quantos nos impedem de satisfazer os nossos desejos. Esta a dedução do raciocínio, que não pode descobrir que se deve amar o próximo, pois amar o próximo não é razoável."

CAPÍTULO XIII

Levine recordou uma cena recente entre Dolly e os filhos. Estes, tendo ficado sozinhos certo dia, principiaram a cozinhar framboesas dentro de uma chávena, que chegavam ao pavio de uma vela enquanto ingeriam golos de leite. Ao surpreender as crianças nesta brincadeira. Dolly pusera-se a explicar-lhes, na presença de Levine, quanto trabalho custava aos adultos prepararem o que eles destruíam. Dissera-lhes que tudo aquilo era feito para elas, que, se partissem as chávenas, não teriam onde tomar o chá e, se entornassem o leite, ficariam sem comer, morrendo de fome.

Levine ficou surpreendido com a serena incredulidade com que as crianças ouviram a mãe. Apenas pareciam lamentar que ela tivesse interrompido a sua brincadeira, não acreditando numa só palavra do que ela estava a dizer. E não acreditavam nela porque não podiam imaginar a magnitude de tudo o que desfrutavam nem eram capazes de compreender estarem a destruir o que a vida lhes proporcionava.

"Todas essas coisas vêm de per si", pensava, "não têm nada de interessante nem são importantes, porque sempre existem e existiram. É sempre o mesmo. Não temos de pensar nisso, tudo está em ordem. Queremos inventar por nós qualquer coisa nova e ao nosso estilo, Inventamos deitar framboesas numa chávena e cozê-las ao pavio de uma vela, inventamos deitar leite na boca uns dos outros, como se se tratasse de uma fonte. É uma coisa divertida, nova, e não é pior do que beber leite pelas chávenas.

"Porventura não fazemos nós o mesmo? Porventura não era o que eu fazia ao procurar, pela razão, o significado das forças da Natureza e o sentido da vida do homem?

"Não fazem o mesmo todas as teorias filosóficas, levando o homem, através do pensamento, que lhe é estranho, que lhe não é próprio, ao conhecimento do que sabe há muito e sem o que não poderia viver? Não se vê claramente, através do desenvolvimento da teoria de cada filósofo, que todos eles conhecem de antemão, tal qual o camponês Fiodor, o verdadeiro sentido da vida e que só procuram regressar, por caminhos equívocos, ao que todos sabem?

"Se se deixasse que as crianças adquirissem por si aquilo de que necessitam, se tivessem de ser elas a preparar a louça em que comem e a ordenhar as vacas que lhes dão o leite continuariam a fazer travessuras? Morreriam de fome. Se nos deixarem com as nossas paixões e pensamentos privados da ideia de um Deus único e criador, ou sem a ideia do bem, e sem nos explicarem o mal moral, nada

podemos edificar de sólido. Se estamos ávidos de destruir é porque, à semelhança das crianças, nos encontramos espiritualmente saciados. Somos verdadeiras crianças! De onde procede este meu alegre conhecimento, comum ao camponês, que me proporcionou esta paz de espírito? Onde fui eu buscá-lo?

"Eu, educado como cristão na ideia de Deus, tendo enchido a minha vida dos bens espirituais que me deu o cristianismo, vivendo desses bens sem disso ter consciência, procuro, como aquelas crianças, destruir o que me alimenta. Assim que chegar, porém, uma hora grave da vida, tal qual como essas criaturas quando sentem fome e frio, recorro a Ele e não menos que as crianças, a quem a mãe ralha por causa das suas travessuras infantis, sinto que não se têm em conta os seus intentos de fazer tolices.

"O que sei não me foi revelado pelo pensamento, mas pelo coração, pela fé no que ensina a Igreja.

"A Igreja? A Igreja!", repetiu Levine, mudando de posição e apoiando-se num braço. Em seguida pôs-se a olhar para longe, para um rebanho que descia a encosta pela outra margem do rio.

"Mas poderei eu crer em tudo o que a Igreja ensina?", pensou, como que a experimentar-se, procurando algo que pudesse destruir a sua serenidade actual. "A propósito", principiou, recordando, precisamente, aquelas doutrinas da Igreja que sempre lhe haviam parecido estranhas e o atraiam. "A criação? Como explicava eu a minha própria existência? Pela própria existência? E o Diabo e o pecado? E como explicava eu o mal?... A redenção?

"Mas nada sei e nada posso saber se não o que a todos foi revelado!" Agora afigurava-se-lhe que não existia doutrina da Igreja que destruísse o essencial: a fé em Deus e no bem como destino único do homem. Cada doutrina da Igreja podia ser substituída pela crença no serviço da verdade em lugar do serviço das necessidades. E não só nenhum dogma destruía isto como era necessário, para que se levasse a cabo o milagre fundamental que constantemente se apresenta na terra e que consiste em tornar possível a todos os homens, a milhões de pessoas diferentes, sábios e bem-aventurados, crianças e velhos, ao camponês, a Lvov, a Kitty, a reis e mendigos, compreenderam sem vacilar e ordenarem a vida da alma, a única que vale a pena viver, a única que apreciamos.

Deitado de costas, olhava para o céu alto, sem nuvens. "Porventura não sei que isto é o espaço infinito e não uma abóbada? Mas, por mais que pisque os olhos e que aguce a vista, não posso deixar de ver este espaço como uma abóbada e algo de limitado, e apesar dos meus conhecimentos sobre o espaço infinito, tenho razão quando vejo essa

abóbada azul sólida e ainda mais quando me esforço para ver mais para além.” Levine deixou de pensar e parecia apenas atento a umas vozes misteriosas que falavam entre si com alegria e inquietação.

“Será isto a fé?”, perguntou a si mesmo, sem querer acreditar na felicidade que sentia. “Obrigado, meu Deus!”, murmurou, sufocando os soluços que lhe subiam à garganta e enxugando com ambas as mãos as lágrimas que lhe inundavam os olhos.

CAPÍTULO XIV

Levine olhava em frente, observando o rebanho. Entretanto reconhecera no carro que surgia ao longe a telega de casa, puxada pelo Voronoi, e o cocheiro da quinta, que, ao chegar junto ao rebanho, se dirigiu ao pastor. Daí a pouco ouvia perto de si o ruído das rodas e os relinchos do belo cavalo. Tão absorto estava, porém, nos seus pensamentos, que nem sequer lhe acudiu perguntar que vinha ali fazer o cocheiro. Isso apenas lhe ocorreu quando ele, já a seu lado, lhe dizia:

— A senhora mando-o buscar. Chegou o irmão do senhor com um amigo.

Levine subiu para a telega e pegou nas rédeas.

Como se acabasse de acordar, levou tempo a compreender o que estava a passar-se à sua roda. Olhava para o belo cavalo, que tinha os flancos e o pescoço, entre as rédeas, cobertos de espuma, e para o cocheiro Ivan, sentado a seu lado, lembrando-se de que esperava efectivamente a chegada do irmão, de que naturalmente a mulher estaria inquieta com aquela sua longa ausência, e procurava adivinhar quem seria o desconhecido que chegara. Tanto o irmão como Kitty e o hóspede se lhe apresentavam agora sob um aspecto distinto. Afigurava-se-lhe que as suas relações com os outros teriam de ser diferentes de ora avante.

"Já não haverá entre mim e meu irmão a separação que sempre tem existido entre nós; nunca mais discutiremos; não mais me zangarei com a Kitty; mostrar-me-ei amável e bom para com o convidado, seja quem for; e igualmente para com os criados e para com Ivan: tudo será diferente." De rédeas tensas, refreando o cavalo que bufava, impaciente, como se pedisse que o deixassem correr à vontade, Levine relanceara a vista para Ivan, que, nada tendo que fazer com as mãos, agarrava a camisa, tufada pelo vento. Procurou um pretexto para lhe dirigir a palavra; quis dizer-lhe que apertara demasiado a barrigueira, mas isso teria parecido uma censura, e o que ele desejava era uma conversa amável. No entanto, não lhe ocorria qualquer outra coisa.

— Faça o favor de guiar pela direita, está ali um tronco — disse-lhe, entretanto, o cocheiro, puxando-lhe a rédea.

— Peço-te que não me toques nem me dês lições! — exclamou Levine, irritado com a intervenção de Ivan.

Como de costume, a intervenção do cocheiro indignara-o, e logo se deu conta, penalizado, de que seria errôneo supor que o seu estado de

espírito o teria feito mudar perante a realidade da vida.

Quando ainda faltava um quarto de versta para chegar a casa, Levine viu Gricha e Tânia, que corriam ao seu encontro.

— Tio Kóstia! Vem ali a mãezinha, o avozinho, Sérgio Ivanovitch e outro senhor — disseram, trepando para a telega.

— Quem é?

— Um senhor muito feio. Está sempre a fazer assim com as mãos

— replicou Tânia, pondo-se de pé para imitar Katavassov.

— É velho ou novo? — perguntou Levine, rindo, pois os gestos de Tânia lhe lembravam alguém conhecido.

"Desde que não seja alguém antipático", pensou. Quando chegaram à curva da estrada e viram o grupo que caminhava ao encontro da telega, Levine reconheceu Katavassov, com o seu chapéu de palha, que vinha agitando os braços, tal qual como na imitação de Tânia.

Katavassov gostava muito de falar de filosofia, embora tivesse dessa matéria aquelas vagas noções dos "cientistas", que, em geral, se não dedicam a tais assuntos. Em Moscovo, nos últimos tempos, Levine discutira muito com ele problemas desses.

A primeira coisa de que se lembrou ao reconhecê-lo de longe foi uma dessas discussões em que Katavassov julgara levar a melhor.

"Não discutirei nem exporei os meus pensamentos à ligeira, por nada desta vida", pensou.

Apeou-se da telega e depois de cumprimentar o irmão e Katavassov, perguntou por Kitty.

— Ficou na mata com o Mitia — respondeu Dolly. — Estava muito quente em casa.

Levine aconselhava sempre Kitty a que não levasse a criança para a mata, coisa que lhe parecia imprudente. E a noticia contrariou-o.

— Anda sempre com ele de um lado para o outro — disse o príncipe, sorrindo. — Aconselhei-a a que não experimentasse a geleira.

— Pensava ir ter com vocês ao colmeal. Supunha-te lá — disse

Dolly.

— Então, e tu que fazes? — perguntou Sérgio Ivanovitch ao irmão, separando-se dos outros e aproximando-se dele.

— Nada de especial. Como sempre, aqui ando nos trabalhos da quinta — tornou-lhe Levine. — Vens com demora? Há muito que te

esperávamos.

— Umas duas semanas. Tenho muito que fazer em Moscovo. Ao dizer estas palavras, os olhos dos dois irmãos encontraram-se. Apesar do constante desejo, naquele momento particularmente intenso, de manter relações amistosas com o irmão, e sobretudo simples, Levine sentiu que lhe desagradava olhá-lo. Baixou os olhos sem saber que dizer. Procurando temas de conversa agradáveis ao irmão e que os afastassem dos assuntos bélicos da Sérvia e da questão eslava, coisas a que ele aludira ao referir-se às suas ocupações de Moscovo, Levine principiou a falar do livro de Sérgio Ivanovitch.

— Que tal? Têm aparecido críticas ao teu livro? — perguntou-lhe. Sérgio Ivanovitch sorriu perante a premeditada pergunta.

— Ninguém falou dele, e eu menos do que ninguém — disse. — Olhe, Daria Alexandrovna, vai chover — acrescentou, apontando, com o guarda-chuva, umas nuvens brancas que se acastelavam por cima da copa dos álamos.

Aquelas palavras foram o suficiente para que se restabelecesse de novo entre os dois irmãos aquele trato não precisamente hostil, mas frio, que Levine tanto desejaria evitar.

— Ainda bem que teve a boa ideia de aparecer por aqui! — disse Levine a Katavassov.

— Há muito que me dispunha a fazê-lo. Agora poderemos discutir. Leu o Spencer?

— Não, não acabei — replicou Levine. — E, por outro lado, já não preciso de o ler.

— Por quê? É muito interessante!

— Persuadi-me de que não encontraria a solução das questões que me interessam nem nele nem em outros como ele. Agora...

Mas a expressão jovial e serena de Katavassov surpreendeu-o. Teve pena de perturbar o estado de espírito em que ele se encontrava, e, lembrando-se dos seus bons propósitos, deteve-se.

— Bom, falaremos disso depois. Se querem ir ao colmeal, vamos por aqui, por este atalho — acrescentou, dirigindo-se aos outros.

Entrando pelo atalho estreito, alcançaram um campo por ceifar, coberto de margaridas de cores muito vivas e onde cresciam arbustos de heléboro verde-escuros. Levine instalou os companheiros nos bancos e troncos ali colocados, à sombra dos álamos novos, para os visitantes que tinham medo das abelhas, dirigindo-se ao colmeal na intenção de trazer pão, pepinos e mel fresco.

Procurando não fazer movimentos bruscos e atento às abelhas que cruzavam os ares cada vez mais amiúde, seguiu pelo atalho direito à isbá. Junto à porta uma abelha zumbiu, enredou-se-lhe nas barbas. Mas Levine logo a ajudou cautelosamente a desprender-se. Ao penetrar no vestíbulo, pegou na máscara dependurada na parede, pô-la na cara e metendo as mãos nos bolsos penetrou no colmeal. Em filas regulares, firmes em estacas, lá estavam, num campo ceifado, as colméias velhas. Cada uma delas tinha a sua história, que Levine conhecia ponto por ponto. Ao largo da cerca que rodeava o colmeal, alinhavam-se as novas colméias instaladas nesse Outono. A entrada de cada uma delas revoluteavam nuvens de insectos, sempre no mesmo sítio. As obreiras passavam voando, umas em direcção à mata, a caminho das tílias em flor, outras de regresso às colméias carregadas de pólen. Ouviam-se constantemente os diversos sons do enxame das obreiras, que voavam diligentes, dos ociosos zangãos e das abelhas guardiãs, que defendiam do inimigo que era seu. Num extremo da cerca, o velho guarda, entretido a aplainar uma tábua, não dera por Levine. Este não o chamou e deteve-se no meio do colmeal.

Gostava daquela oportunidade para estar só. Queria recordar-se do que em tão pouco tempo alterara por completo o seu estado de espírito.

É certo que já tivera tempo de se irritar com o Ivan, de mostrar frieza ao irmão e de falar com ligeireza a Katavassov...

“Será possível que se trate apenas de um estado de espírito momentâneo, que irá passar sem deixar rasto?”

Naquele momento, porém, voltando ao estado de espírito anterior, sentiu com júbilo que algo de novo e importante se operara nele. A realidade apenas alterara momentaneamente a paz que alcançara. Esta continuava íntegra.

Assim como o distraíam e o privavam de uma completa paz as abelhas à sua roda, ameaçando-o e obrigando-o a encolher-se para as evitar, também as preocupações que o tinham assaltado no momento em que subira para a telega lhe haviam privado a alma de tranqüilidade. Mas fora apenas enquanto estivera no meio daquela gente. Apesar de o incomodarem as abelhas, mantinha as suas forças físicas. Era o mesmo com a consciência da sua força espiritual.

CAPÍTULO XV

— Kóstia, sabes com quem vinha no comboio Sérgio Ivanovitch?

— perguntou Dolly, depois de distribuir pelas crianças pepinos e mel. — Com Vronski! Vai para a Sérvia!

— E não vai só, leva um esquadrão pago do seu bolso — acrescentou Katavassov.

— Fica-lhe muito bem. Mas ainda continuam a seguir voluntários? — perguntou Levine, fitando Sérgio Ivanovitch.

Este não lhe respondeu, ocupado que estava a retirar, de uma chávena, cuidadosamente, com a ponta de uma faca, uma abelha ainda viva, que ficara pegada a um pedaço de mel.

— Essa agora! Se tivessem visto como a estação estava ontem! — disse Katavassov, mastigando, ruidosamente, um pedaço de pepino.

— Como é que isso se entende? Por Deus, Sérgio Ivanovitch, explique-me para onde vão esses voluntários e contra quem é que lutam

— perguntou o velho príncipe, continuando, ao que parecia, um" conversa encetada na ausência de Levine.

— Contra os Turcos — ripostou Sérgio Ivanovitch, sorrindo tranqüilamente.

Conseguira retirar a abelha, negra de mel, que agitava as patinhas, e entretinha-se a colocá-la numa folha de álamo com a ponta da faca.

— Quem declarou a guerra aos Turcos? Ivan Ivanovitch Ragozov, a condessa Lídia Ivanovna e Madame Stahl?

— Ninguém lhes declarou guerra, mas as pessoas têm pena dos sofrimentos dos seus irmãos e procuram ajudá-los — tornou-lhe Sérgio Ivanovitch.

— Não respondes à pergunta do príncipe — disse Levine, tomando o partido do sogro. — Está simplesmente admirado que, sem terem sido autorizados pelo governo, ousem particulares intervir numa guerra.

— Olha, Kóstia, outra abelha. Vão-nos picar, pela certa — exclamou Dolly, enxotando uma vespa.

— Não é uma abelha, é uma vespa — tornou-lhe Levine.

— Por que não hão-de os particulares ter esse direito? Explique-nos a sua teoria — interveio Katavassov, desejoso de fazer falar Levine.

— A minha teoria, aqui a tem: a guerra é uma coisa tão bestial, tão

monstruosa, que nenhum cristão, que nenhum homem tem o direito de tomar sobre si a responsabilidade de a declarar. Esse papel cabe aos governos; que, aliás, acabam sempre por conduzir os povos à guerra. Trata-se de uma questão de Estado, de uma dessas questões em que os cidadãos abdicam de toda a vontade pessoal. À falta de ciência, o bom senso, eis quanto bastava para o demonstrar.

Sérgio Ivanovitch e Katavassov tinham respostas prontas.

— Nisso está enganado, meu caro — disse, em primeiro lugar este último. — Quando um governo não atende à vontade dos cidadãos, cabe a estes impô-la.

Sérgio Ivanovitch parecia não apreciar muito a objecção.

— Tu não formulas a questão como deve ser — disse ele, franzindo o sobrolho. — Não se trata, neste caso, de uma declaração de guerra, mas de uma demonstração de simpatia humana, cristã. Estão a assassinar os nossos irmãos, irmãos de raça e religião, estão a chacinar mulheres, velhos e crianças. Isso provoca a indignação do sentimento de humanidade do povo russo, que corre em auxílio desses desgraçados. Supõe que vês na rua um bêbedo a espancar uma mulher e uma criança. Começarás tu, porventura, antes de correres em auxílio deles, por te informares se declararam guerra àquele indivíduo?

— Não, mas também não o mataria a ele.

— Claro que o matarias.

— Não sei. Talvez o matasse arrastado pelas circunstâncias de momento, mas o que eu nunca faria era entusiasmar-me com a defesa dos Eslavos.

— Não somos todos da mesma opinião — replicou Sérgio Ivanovich, pouco satisfeito. — O povo não esquece facilmente os irmãos ortodoxos que sofrem sob o jugo dos infiéis. E foi o povo quem fez ouvir a sua voz.

— Talvez — disse Levine, evasivamente. — Mas eu não vejo as coisas assim. Também eu pertenço ao povo e não sinto da mesma maneira.

— É o que acontece comigo — interveio o príncipe. — Durante a minha estada no estrangeiro, li os jornais que me revelaram, antes dos horrores da Bulgária, o amor súbito que se apoderou, ao que parece, da Rússia inteira pelos seus irmãos eslavos, e a verdade é que eu não sentia nem sinto nada por eles. Apoquentava-me muito essa ideia e supunha-me um monstro, ou que Karlsbad exercia má influência sobre mim. Mas a verdade é esta, que quando aqui cheguei fiquei tranqüilo, pois pude verificar que não estava só. Havia muito mais gente que

apenas se interessava pela Rússia, não pelos seus irmãos eslavos. Por exemplo, o Constantino.

— As opiniões pessoais não significam nada — replicou Sérgio Ivanovitch. — As opiniões pessoais não interessam nada quando a Rússia inteira, todo o povo, manifestou a sua vontade.

— Perdoe-me, mas não é isso que eu vejo. O povo nem sequer sabe de que se trata — objectou o príncipe.

— Não, pai... Que está a dizer? Lembre-se de domingo, na igreja

— interveio Dolly, que seguia a conversa. — Faça favor, deixe ver esse guardanapo — disse para o velho guarda que contemplava as crianças, sorrindo. — Não é possível que toda essa gente...

— Que sucedeu no domingo na igreja? Mandaram o padre ler aquilo e foi o que ele fez. Os fiéis não entenderam nada e limitaram-se a suspirar, como quando ouvem um sermão — continuou o príncipe. — Depois disseram-lhe que iam fazer uma colecta para uma boa obra. E todos puxaram do seu copeque e entregaram-no, sem saberem muito bem para quê.

— O povo não pode ignorar o seu destino. Tem a intuição disso e em momentos como este comprova-o — disse Sérgio Ivanovitch, fitando o velho guarda com intenção.

O arrogante velho, de barbas pretas encanecidas e espessos cabelos prateados, permanecia imóvel, tendo na mão o jarro de mel. Olhava para os amos do alto da sua estatura com expressão tranqüila e doce, naturalmente sem compreender nem querer compreender nada.

— Assim é — assentiu, movendo a cabeça, significativamente, ao ouvir as palavras de Sérgio Ivanovitch.

— Pergunta-lhe. E verás como nada sabe nem tem opinião — disse Levine, e acrescentou, dirigindo-se ao velho: — Ouviste falar da guerra, Mikailitch? Falaram nisso na igreja. Que achas tu? Devemos lutar para defender os cristãos?

— Que havemos nós de dizer? O imperador Alexandre Nikolaievitch, que pensa por nós em todos os outros assuntos, também resolvera este. Para ele é mais fácil... Querem que lhes traga pão? O menino quer mais? — perguntou, dirigindo-se a Daria Alexandrovna e apontando para Gricha, que acabava de comer uma côdea.

— Que necessidade temos nós de o interrogar — disse Sérgio Ivanovitch —, quando estamos a ver centenas de homens tudo abandonarem para irem servir uma causa justa? Vêm de todos os cantos da Rússia. Uns sacrificam os seus últimos copeques, os outros alistam-se, e todos sabem claramente a que motivos obedecem. São

capazes de me dizer que isto não significa nada?

— Na minha opinião — replicou Levine, que principiava a animar-se — isso apenas significa que num povo de oitenta milhões de habitantes se encontram sempre, não já apenas centenas, mas dezenas de milhares de homens que perderam a sua posição social, gente de vida desordenada, pronta a alistar-se na primeira aventura, quer se trate de seguir Pugatchov ou para a Sérvia ou para Kiva, ou seja lá para onde for.

— Já te disse que não se trata de centenas, nem de gente sem rei nem roque, mas dos melhores representantes do povo — disse Sérgio Inanovitch, muito irritado, como se defendesse os seus derradeiros haveres. — E os donativos? Nisso todo o povo exprime a sua vontade.

— A palavra "povo" é tão indefinida... — arguiu Levine. — Os escriturários das câmaras, os mestres-escola e talvez um camponês em mil saibam do que se trata. Mas os restantes oitenta milhões, como, por exemplo, Mikailitch, não só não exprimem a sua vontade, como não têm sequer a menor ideia de que o devam fazer. Com que direito dizemos nós que é a vontade do povo?

CAPÍTULO XVI

Hábil dialecta, Sérgio Ivanovitch, sem responder, conduziu a conversa para outro terreno.

— É evidente que não dispondo do sufrágio universal, o qual, aliás, nada prova, não nos será possível conhecer, aritmèticamente, a opinião do país; mas existem outros meios de apreciação. Não me refiro a essas correntes subterrâneas que agitam as águas até aí estagnadas do oceano popular, claras para qualquer homem sem prevenção. Considero a sociedade no sentido estrito da palavra. Os partidos mais diversos do mundo intelectual, tão hostil uns aos outros anteriormente, fundiram-se num só. As discórdias acabaram, todos os jornais são da mesma opinião. Todos compreenderam a força titânica que os envolve e os arrasta na mesma direcção.

— É o que os jornais dizem sempre — objectou o príncipe. — Realmente! Parecem rãs antes de uma tempestade! Os gritos deles é que não deixam ouvir nada.

— Não sei se são rãs ou não são; não publico nem me proponho defendê-los. Falo apenas da unanimidade de opinião nos meios esclarecidos — disse Sérgio Ivanovitch, dirigindo-se ao irmão.

Levine ia responder, mas o velho príncipe adiantou-se-lhe.

— Essa unanimidade tem sem dúvida a sua razão de ser. Aí têm, por exemplo, o meu caro genro Stepane Arkadievitch, que acaba de ser nomeado membro de não sei que comissão... Uma pura sinecura, não é segredo para ninguém, Dolly, com oito mil rublos de vencimento! Perguntem, pois, a esse homem de boa fé o que pensa ele do referido lugar: demonstrar-lhes-á que não há outro mais necessário. E trata-se de um homem que fala verdade: a verdade é esta, não pode deixar de estar convencido da utilidade de oito mil rublos!

— Ah! Sim, Stepane Arkadievitch pediu-me que comunicasse a Daria Alexandrovna que conseguira o lugar — disse Sérgio Ivanovitch, nada satisfeito, pois lhe pareceram pouco oportunas as palavras do príncipe.

— É o que acontece com a unanimidade de opiniões nos jornais. Ouvi dizer que em tempo de guerra vendem o dobro dos exemplares. É muito natural que ponham acima de tudo o instinto nacional, os irmãos eslavos e o que mais lhes vier à cabeça!

— Não sou muito afeiçoado aos jornais, mas parece-me injusto, meu príncipe — disse Sérgio Ivanovitch.

— Afonso Karr dava no alvo quando, antes da guerra franco-prussiana, propunha aos partidários da guerra que formassem a primeira linha e que fossem eles que suportassem os primeiros tiros.

— Que linda figura haviam de fazer os nossos jornalistas! — exclamou Katavassov, soltando uma grande gargalhada, ao visionar alguns redactores seus conhecidos nessa legião selecta.

— Deitariam a fugir — disse Dolly. — Só serviriam de estorvo.

— Se fugirem, que disparem contra eles ou que os ponham sob a vigilância de cossacos armados de chicotes — argüiu o príncipe.

— Perdoe-me, príncipe, mas isso não passa de um gracejo e um gracejo de mau gosto — observou Sérgio Ivanovitch.

— Não acho que seja mau gracejo... — quis dizer Levine, mas o irmão interrompeu-o.

— Cada membro da sociedade tem os seus deveres a cumprir — declarou ele — e os homens que pensam têm o seu papel: darem expressão à opinião pública. A unanimidade desta opinião é um sintoma feliz que é preciso inscrever no activo da imprensa. Há vinte anos o povo ter-se-ia calado; hoje em dia, pronto a sacrificar-se, a levantar-se como um só homem para salvar os seus irmãos, deixa ouvir a sua voz unânime. É um grande passo em frente, uma prova de força.

— Perdão — insinuou timidamente Levine —, não se trata apenas de um sacrifício, mas de matar turcos. O povo está sempre pronto a muitos sacrifícios quando se trata da sua alma, mas não de matar — acrescentou, relacionando involuntariamente aquela conversa com as ideias que o preocupavam.

— A que chama alma? Para um naturalista, alma é um termo assaz impreciso. Que vem a ser a alma? — perguntou Katavassov, sorrindo.

— Bem sabe o que eu quero dizer.

— Garanto-lhe que não faço a mínima ideia — replicou Katavassov, com uma gargalhada sonora.

— "Vim trazer não a paz, mas o gládio", disse Cristo — observou, por sua vez, Sérgio Ivanovitch, citando, como se se tratasse da coisa mais clara desta vida, um dos passos do Evangelho, que mais perturbara Levine.

— É verdade — repetiu o velho guarda, que estava junto deles, respondendo ao olhar que casualmente lhe dirigiu Kosnichev.

— Aqui o temos derrotado, derrotado por completo — exclamou Katavassov, alegremente, para Levine.

Este corou, incomodado, não por se sentir derrotado, mas por não ter sabido dominar-se, evitando a discussão.

"Não, não devo discutir com eles", pensou. "Eles usam uma couraça impenetrável e eu estou nu."

Não lhe parecia possível convencer o irmão e Katavassov e ainda lhe parecia mais difícil vir a estar de acordo com eles. O que fazia era apregoar esse orgulho de espírito que estivera a ponto de o perder. Como podia ele admitir que um grupo de homens, entre os quais o irmão, se arrogasse o direito de representar, com os jornais, a vontade da nação, quando era certo que essa vontade exprimia, por assim dizer, um sentimento de vingança e de assassínio e quando tudo que tinha por certo assentava em narrativas suspeitas de algumas centenas de fala-barato à procura de aventuras? O povo, no seio do qual vivia, de que tinha a consciência de fazer parte, não confirmava de maneira alguma qualquer destas afirmações. Aliás, também em si próprio não as via confirmadas: tal como o povo, ignorava em que consistia o bem comum, embora soubesse perfeitamente que o não podemos alcançar pela estrita observação dessa lei moral inscrita no coração de todos os homens.

Eis por que não podia preconizar a guerra, por mais generoso que fosse o seu objectivo. Era da opinião de Mikailitch, o que expressava o sentir de todo o povo, e representava muitíssimo bem a tradição relativa ao apelo aos Varengos: "Reinai e governai; prometemo-vos alegremente uma obediência completa. Tomamos para nós os penosos trabalhos e os pesados sacrifícios, mas a vós compete julgar e decidir." Seria possível acreditar, de acordo com o que dizia Sérgio Ivanovitch, que o povo tivesse renunciado a um direito comprado por tão elevado preço?

Teria gostado de dizer, demais, que, se a opinião pública é juiz infalível, porque não seriam a revolução e a comuna tão legítimas como o movimento em prol dos Eslavos? A verdade, porém, é que eram pensamentos que não duram nada. Só uma coisa era evidente: que naquele momento a discussão irritava Sérgio Ivanovitch e que por isso mesmo não seria bom discutir. Levine não falou mais; limitou-se a chamar a atenção dos seus hóspedes para as nuvens, dizendo-lhes que lhe parecia mais prudente voltarem para casa.

CAPÍTULO XVII

O príncipe e Sérgio Ivanovitch subiram para a telega e foram-se embora, enquanto os demais, acelerando o passo, empreenderam o regresso a pé. Mas as nuvens cada vez obscureciam mais o céu, acastelando-se com tal rapidez que lhes foi preciso apressarem ainda mais o andar para chegarem antes que principiasse a chover. As nuvens dianteiras, baixas e negras, como fuligem, corriam pelo céu com extraordinária velocidade. Ainda faltavam uns duzentos passos para chegarem a casa, já se levantara o vento e um aguaceiro ia cair de um momento para o outro. As crianças corriam adiante, gritando, entre assustadas e alegres. Daria Alexandrovna, embaraçada com as saias, que se lhe enrodilhavam nas pernas, já não andava, corria também, sem perder os filhos de vista. Os homens avançavam em grandes passos, segurando os chapéus. Já estavam perto do alpendre quando principiaram a cair grandes gotas, que vieram esparrinhar-se contra a goteira. Crianças e adultos abrigaram-se sob o telhado tagarelando alegremente.

— Onde está Catarina Alexandrovna? — perguntou Levine à governanta, que vinha ao seu encontro, no vestíbulo, com xales e mantas de viagem.

— Julgávamos que estava com os senhores.

— E Mitia?

— No Kolok, a criada deve estar com eles.

Levine pegou numa das mantas e correu para a mata.

Nesse breve intervalo de tempo, as nuvens haviam encoberto o Sol, escurecera como quando de um eclipse. O vento arremetia contra Levine, tenaz, como se lhe quisesse arrebatar a manta que ele levava, arrancava as folhas e as flores das tílias, despojando, sem piedade, os ramos brancos das bétulas, vergando tudo para o mesmo lado: acácias, flores, sebes, ervas e copas das árvores. As raparigas que trabalhavam no jardim passaram, correndo e gritando, a refugiar-se na dependência dos criados. A branca cortina de chuva torrencial cobria já toda a longínqua mata e metade do campo mais próximo e avançava rapidamente sobre Kolok. Sentia-se no ar a humidade da chuva que se fragmentava em gotas minúsculas.

Todo inclinado para diante, em luta com o vento que lhe arrebatava a manta das mãos, Levine aproximou-se da mata. Já distinguia qualquer coisa alvejando junto a um roble, quando, de repente, tudo se inflamou, a terra inteira se incendiou e foi como se a abóbada

celeste se lhe rachasse por cima da cabeça. Ao abrir os olhos, momentaneamente cegos, Levine viu, horrorizado, através do espesso véu de chuva que o separava agora de Kolok, que a copa do roble que ele conhecia tão bem, e que ficava no centro da mata, mudara estranhamente de posição. “Será possível que lhe tenha caído em cima?”, pensou. E logo em seguida, num movimento cada vez mais acelerado, a copa do roble desapareceu por detrás de outras árvores e ressoou-lhe aos ouvidos o estrondo da árvore que caía.

A cintilação do relâmpago, o estrondo e o arrepio que lhe percorreu todo o corpo foram simultâneos. Um medo horroroso o tomou.

— Meu Deus! Meu Deus! Que não-tenha caído em cima deles! — exclamou.

E conquanto tivesse, sentido, acto contínuo, quanto era absurda aquela súplica tardia, voltou a repeti-la, percebendo instintivamente que não podia fazer outra coisa. Dirigiu-se para o local da mata onde Kitty costumava ficar. Não a encontrou. Entretanto ouviu-a chamar do outro lado do bosque. Correu para aí tão depressa quanto lho permitiam as botas cheias de água, que chapinhavam na lama. E foi então, tendo começado a clarear, que a descobriu, debaixo de uma tília, debruçada, ela e a criada, sobre um carrinho tapado com um guarda-sol verde. Embora a chuva tivesse deixado de cair, ambas permaneciam imóveis, na posição que haviam tomado no princípio da tormenta, procurando proteger a criança o melhor que podiam. O aguaceiro caíra-lhes em cima; a saia da criada ainda estava enxuta, mas o vestido da ama, encharcado, colava-se-lhe ao corpo. Na cabeça, o chapéu perdera a forma. Kitty voltou para Levine o rosto afogueado, a escorrer água, onde pairava um sorriso tímido.

— Sãos e salvos, louvado seja Deus! — exclamou Levine, patinhando na terra encharcada com as botas cheias de água. — Que imprudência, parece impossível! — gritou fora de si.

— Juro-te que não tive a culpa, íamos voltar para casa, quando nos vimos obrigados a mudar-lhe as fraldas. Era preciso... e foi então... — desculpou-se Kitty.

— Graças a Deus! Nem sei o que digo — confessou ele.

Pegaram na roupa encharcada. A criada retirou a criança do carrinho e com ela ao colo foram andando.

Ao lado de Kitty, Levine, arrependido de se ter irritado, apertava-lhe o braço às escondidas da criada.

CAPÍTULO XVIII

Apesar da decepção que experimentara ao verificar que aquela sua regeneração moral em nada lhe modificara o carácter, nem por isso Levine deixou de sentir, durante todo o dia, no meio das conversas mais variadas, conversas em que apenas parecia participar a parte exterior da sua inteligência, uma plenitude de coração que o enchia de contentamento.

Depois do jantar, conquanto a chuva houvesse parado, a humidade e o risco de novo aguaceiro impediram-nos de sair. Todavia, passaram o resto da jornada em casa bastante alegres e sem qualquer outra discussão. Ao princípio Katavassov fez rir as senhoras com os seus gracejos originais, que tanto agradavam sempre àqueles que o conheciam pela primeira vez; logo em seguida, contudo, provocado por Sérgio Ivanovitch, falou sobre as suas interessantíssimas observações acerca da vida, das diferenças de caracteres e da fisionomia de machos e fêmeas das moscas caseiras.

Sérgio Ivanovitch também estava alegre. Durante o chá, instado pelo irmão, expôs as suas ideias acerca do futuro do problema oriental, e tão bem as expôs e de maneira tão simples que todos o ouviram com satisfação. Kitty foi a única que não o pôde escutar até ao fim: chamaram-na para dar banho ao Mitia. Daí a pouco tempo, também Levine era chamado ao quarto do filho. E inquieto, pois só o costumavam chamar em casos importantes, foi até lá.

Apesar do plano de Sérgio Ivanovitch — que Levine não acabara de ouvir — a respeito da importância que teria para a Rússia a emancipação de quarenta milhões de eslavos, início de uma nova era na história, coisa que muito interessava Levine, e se lhe afigurava algo de completa-mente novo, não obstante a curiosidade e a preocupação que lhe causara o facto de o terem chamado, logo que se viu só, assim que saiu do salão, lembrou-se das ideias que tivera essa manhã. E acto contínuo todas essas considerações acerca da importância do elemento eslavo na história universal lhe pareceram tão insignificantes em comparação com o que se lhe passava na alma que tudo esqueceu, abandonando-se ao estado de espírito anterior.

Agora já não recordava como até aí o processo das suas ideias. Não era preciso. Imediatamente se afundou no sentimento que o dominava e se relacionava com essas ideias, verificando ser esse o sentimento mais intenso e definido do que nunca. Agora não lhe sucedia o que costumava acontecer-lhe quando procurava maneira de se inquietar e lhe era necessário restabelecer todo o processo dos seus pensamentos

em busca disse sentimento. Pelo contrário, a sensação de alegria e serenidade era mais viva que anteriormente e os pensamentos não lhe podiam acompanhar o sentimento.

Seguia pela varanda além, com os olhos em duas estrelas que já cintilavam no céu crepuscular quando, subitamente, lembrou o seguinte: “Ao olhar para o céu, pensando que a abóbada celeste não era a realidade, algo deixei por esclarecer, escondi qualquer coisa de mim próprio. Mas de qualquer forma, não pode haver objecção. Tudo se esclarecerá quando voltar a pensar nisso.”

Ao penetrar no quarto do filho, lembrou-se do que de si mesmo escondera: se a principal prova da divindade se traduz na revelação do bem, porque se limita apenas à Igreja cristã essa revelação? Que relações têm com semelhante revelação a crença dos budistas e a dos maometanos, que, outrossim, pregam e praticam o bem?

Levine julgava possuir a resposta para isso, mas antes de ter tempo de a expor entrou no quarto. Kitty, de mangas arregaçadas, permanecia ao lado da banheira do filho, mas, ao ouvir os passos do marido, virou para ele o rosto, chamando-o. Com uma das mãos amparara a cabeça de Mitia, que, de barriguinha para o ar, agitava os pèzinhos na água; com a outra espremia a esponja ritmicamente.

— Chega aqui! Olha para ele! — disse, quando Levine se aproximou. — Agáfia Mikailovna tem razão: já conhece as pessoas.

Evidentemente, nesse dia Mitia principiara a reconhecer os que o rodeavam.

Voltaram a fazer uma experiência diante de Levine, experiência que obteve êxito completo. A cozinheira, a quem haviam chamado especialmente para esse efeito, inclinou-se para a criança, franziu as sobrancelhas e abanou a cabeça. Porém, quando Kitty fez a mesma coisa um sorriso radiante iluminou a carinha de Mitia, que pousou as mãozinhas na esponja, produzindo com os lábios um ruído de estranho contentamento. Não só se entusiasmaram com isso Kitty e a criada, mas o próprio Levine.

Retiraram a criança da água, que gritava desesperadamente, espremeram-lhe a esponja em cima, envolveram-na num lençol e quando acabaram de a limpar entregaram-na à mãe.

— Ainda bem que começas a gostar dele — disse Kitty para o marido, logo que se sentou tranqüilamente no lugar do costume e deu o peito a Mitia. — Estou muito contente, principiava a afligir-me. Dizias que não sentias nada por ele.

— Exprimia-me mal. Apenas queria dizer que me causou uma decepção.

— Quê? A criança decepcionou-te?

— Estava à espera que ele me revelasse um sentimento novo e pelo contrário, só me inspirou, de princípio, piedade e desgosto...

Enquanto enfiava de novo nos dedos os anéis que tirara para dar banho a Mitia, Kitty ouvia o marido com uma atenção concentrada.

— Sim, piedade e temor, também... Foi só hoje, durante a. tempestade, que eu compreendi quanto gostava dele. Kitty sorriu, radiante.

— Assustaste-te muito? — inquiriu ela. — Eu também, e agora, que tudo passou, ainda sinto mais medo. Hei-de ver o roble. Que simpático o Katavassov! Apesar de tudo, passámos muito bem o dia. E tu, quando queres, sabes ser tão bom para o Sérgio Ivanovitch! Vai, vai ter com eles. Depois do banho fica sempre aqui muito calor.

CAPÍTULO XIX

Assim que saiu do quarto da criança e ficou só, Levine lembrou-se imediatamente desse pensamento em que havia algo não esclarecido. Em vez de voltar para o salão, onde se ouviam vozes, deteve-se na varanda e, apoiando-se na balaustrada, fitou o céu.

Já escurecera de todo. Ao sul, onde pousava os olhos, o céu estava claro, as nuvens acastelavam-se no lado oposto. Um relâmpago riscou a abóbada celeste e ao longe ouviu-se um trovão. Levine escutava atentamente as gotas que caíam rítmicas nas tílias do jardim, enquanto contemplava o triângulo de estrelas que lhe era familiar e a Via Láctea que o atravessava pelo meio. De cada vez que cintilava um relâmpago, não só desaparecia a Via Láctea, mas também as estrelas rutilantes. Porém, quando os relâmpagos se desvaneciam, as estrelas tornavam a aparecer no mesmo sítio, como que atiradas por mão certeira.

"Vejamos, que vem a ser isto que me perturba?", perguntou Levine a si próprio, sentindo, no fundo da sua alma, a solução para as suas dúvidas, embora ainda não soubesse qual fosse.

"Sim, a única manifestação evidente e indiscutível da divindade está nas leis do bem, expostas ao mundo pela revelação que sinto dentro de mim e me identifica, quer queira, quer não, com todos aqueles que como eu as reconhecem. É esta congregação de criaturas humanas comungando na mesma crença que se chama Igreja. Mas os judeus, os muçulmanos, os budistas, os confucionistas?", disse para si mesmo, repisando o ponto delicado. "Estarão eles entre milhões de homens privados do maior de todos os benefícios, do único que dá sentido à vida?... Ora vejamos", continuou, após alguns instantes de reflexão, "qual é o problema que eu a mim mesmo estou a pôr? O das relações das diversas crenças da humanidade com a Divindade? É a revelação de Deus no Universo, com os seus astros e as suas nebulosas, que eu pretendo sondar. E é no momento em que me é revelado um saber certo inacessível à razão que eu me obstino em recorrer à lógica!

"Eu bem sei que as estrelas não caminham", prosseguiu, notando a mudança que se operara na posição de um planeta que subia por detrás de uma bétula. No entanto, incapaz de imaginar a rotação da Terra, ao ver as estrelas mudarem de lugar, tenho razão quando digo que elas caminham. Teriam os astrônomos chegado a compreender tudo isto, teriam chegado a calcular alguma coisa se porventura houvessem tomado em consideração movimentos da terra tão variados e complicados? As surpreendentes conclusões a que eles chegaram

sobre a distância, o peso, o movimento e as revoluções dos corpos celestes não terão por ponto de partida os movimentos aparentes dos astros em torno da Terra imóvel, estes mesmos movimentos de que eu sou testemunha, como milhões de homens o foram e o serão durante séculos e que sempre podem vir a ser verificados? Pela mesma razão que as conclusões dos astrônomos seriam vãs e inexactas se não fossem deduzidas das observações do céu aparente, em relação a um única meridiano e a um único horizonte, também as minhas deduções metafísicas se veriam privadas de sentido se eu as não fundamentasse neste conhecimento do bem inerente ao coração de todos os homens e de que eu tive, pessoalmente, a revelação, graças ao cristianismo, e que sempre me será dado verificar na minha alma. As relações das outras crenças com Deus continuarão para mim insondáveis, e eu não tenho o direito de as perscrutar.

— Quê, pois tu ainda estás aí? — disse, de súbito, a voz de Kitty, que voltava para o salão. — Não tens nada que te preocupe? — insistiu ela, procurando ler no rosto do marido, à claridade das estrelas. Um relâmpago que atravessou o espaço entremostrou-lho sereno e feliz.

"Ela compreende-me", pensou Levine, vendo-a sorrir. "E bem sabe no que estou a pensar. Devo dizer-lho? Devo."

No momento em que ia falar, Kitty interrompeu-o.

— Faz-me favor, Kóstia — disse ela —, vai dar uma olhadela ao quarto do Sérgio Ivanovitch. Estará tudo em ordem? Ter-lhe-iam posto um lavatório novo? A mim custa-me ir lá.

— Está bem, vou — respondeu Levine, beijando-a.

"Não, é melhor calar-me", decidiu ele, enquanto a mulher entrava no salão. "Este segredo só tem importância para mim, e palavra alguma o poderia explicar. Este novo sentimento não me modificou, não me deslumbrou, nem me tornou feliz, como eu supunha. Sucedeu a mesma coisa com o amor paternal, que não foi acompanhado de surpresa ou de deslumbramento. Devo chamar-lhe fé? Não sei. Sei apenas que me penetrou na alma através do sofrimento e nela se implantou com toda a firmeza.

"Continuarei, sem dúvida, a impancientar-me com o meu cocheiro Ivan, a discutir inutilmente, a exprimir mal as minhas próprias ideias. Sentirei sempre uma barreira entre o santuário da minha alma e a alma dos outros, mesmo a da minha própria mulher. Sempre tornarei Kitty responsável dos meus terrores, arrependendo-me logo em seguida. Continuarei a rezar sem saber porque rezo. Que importa! a minha vida não estará mais à mercê dos acontecimentos, cada minuto da minha existência terá um sentido incontestável. Agora possuirá o

sentido indubitável do bem que eu lhe sou capaz de infundir!”

FIM

(Nota 1) Digno do céu se sentia quando os meus terrenos apetites dominava. Mas quando não o conseguia, um inefável prazer de mim se apoderava

(Nota 2) Maldito seja quem mal pensar. Lema do escudo da Ordem da Jarreteira e das armas da Grã-Bretanha.

(Nota 3) Não é o meu tipo.

(Nota 3.5) Entrega-te ao amor platônico. Tanto melhor, tanto melhor.

(Nota 4) Esqueletos, mas figurativamente, “segredo”.

(Nota 5) Entendamo-nos

(Nota 6) Criança endiabrada

(Nota 7) Conversa de ninharias

(Nota 8) Residência da marquesa do mesmo nome (1588 1665) onde se reuniam as figuras mais representativas da política das artes e das letras da França no século XVII.

(Nota 9) Trocista

(Nota 10)1095 hectares

(Nota 11) Felicidades.

(Nota 12) A chispa do gênio.

(Nota 13) Referência à claridade boreal das noites brancas de Petersburgo

(Nota 14) O príncipe Tcherbatski com sua esposa e filha.

(Nota 15) Princesa.

(Nota 16) Cunhada

(Nota 17) Caprichos

(Nota 18) Protegidas

(Nota 19) A sua companheira.

(Nota 20) E preciso não exagerar.

(Nota 21) Augusto, excelência, alteza

(Nota 22) Repentista

(Nota 23) Espécie de prefeitos de aldeias russas, antes da Revolução de 1917.

(Nota 24) Mais um bocadinho faz favor.

(Nota 25) As sete maravilhas do mundo

(Nota 26) Campo de croquet

(Nota 27) Falaremos das coisas de casa

(Nota 28) Fazer a barrela

(Nota 29) Tudo isso é uma farsa

(Nota 30) Isso não e tão tolo como parece

(Nota 31) Carta branca

(Nota 32) Carga, fardo, peso

(Nota 33) Pensando nas coisas praticas

(Nota 34) Rendeiros

(Nota 35) Uma comida típica.

(Nota 36) Minha querida.

(Nota 37) É preciso bater o ferro, malhá-lo, modelá-lo.

(Nota 38) A verificação de um facto.

(Nota 39) O prato de resistência.

(Nota 40) Empreguemos o termo exacto

(Nota 41) Àqueles que Júpiter quer perder enlouquece-os primeiro.

(Nota 42) De súbito.

(Nota 43) Trata-se da célebre Aparição de Cristo ao Povo, quadro pintado por Alexandre Ivanov (1806-1858), um dos mais notáveis monumentos da pintura russa no Museu Rumiantsev, de Moscovo.

(Nota 44) Bordado inglês.

(Nota 45) Estas palavras eram o testemunho de uma exaltação mística ultimamente introduzida em Sampetersburgo, mas nem por isso deixavam de ser menos reconfortantes para Karenine.

(Nota 46) Senhora condessa.

(Nota 47) Desperta paixões.

(Nota 48) De braço dado.

(Nota 49) É um homem que não tem...

(Nota 50) Não é comprometedor.

(Nota 51) Não vais fazer a corte à Sr.a Karenina?

(Nota 52) Está a causar sensação. Até ofusca à Patti.

(Nota 53) Acabou-se o molde.

(Nota 54) Na força da idade

(Nota 55) Primos.

(Nota 56) Mosquinha morta.

(Nota 57) Bom apetite, boa consciência. Este frango vai me assentar à maravilha.

(Nota 58) Carro tirado por quatro cavalos.

(Nota 59) Que dizem eles?

(Nota 60) Vamos, não deixa de ser curioso.

(Nota 61) Foram encantadores.

(Nota 62) Delicioso.

(Nota 63) Carruagem de duas rodas.

(Nota 64) Bonomia.

(Nota 65) Rei morto, rei posto!

(Nota 66) Não tem importância nenhuma.

(Nota 67) Meus senhores, depressa!

(Nota 68) Encantadora.

(Nota 69) Margarida.

(Nota 70) Entre.

(Nota 71) Abluções.

(Nota 72) Imagine que a pequena

(Nota 73) Corteja uma jovem e linda mulher.

(Nota 74) Parece-me que o Veslovski arrasta a asa à Kitty.

(Nota 75) A sua cortesia.

(Nota 76) É o cumulo do ridículo.

(Nota 77) E depois é ridículo.

(Nota 78) Pode-se ser ciumento, mas a este ponto é o cúmulo do ridículo.

(Nota 79) Mania

(Nota 80) Uma pequenez

(Nota 81) E esquece-se do seu dever

(Nota 82) Perdão, tenho os bolsos cheios.

(Nota 83) Mas chegas demasiado tarde.

(Nota 84) É muito graciosa.

(Nota 85) Sim, minha senhora.

(Nota 86) Por isso nada te ocultarei.

(Nota 87) Dama de companhia.

(Nota 88) E depois é uma pessoa fina.

(Nota 89) É muito simpático e muito ingênuo.

(Nota 90) Em suma, uma corte em ponto pequeno.

(Nota 91) É um interior tão bonito, tão de bom-tom. Completamente à moda inglesa. As pessoas se reúnem de manhã ao pequeno almoço e depois cada um segue seu caminho.

(Nota 92) Vai ser admirável.

(Nota 93) Uma partida de tênis.

(Nota 94) Mas não devemos deixar Tuchkievitch e o pobre Veslovski aborrecerem-se no barco.

(Nota 95) Tornou-se coisa tão vulgar, as escolas.

(Nota 96) Não se trata do mal o menor.

(Nota 97) Por cima de todas estas delicadezas sentimentais: está nisso a e a vida de Ana e de seus filhos.

(Nota 98) Pois claro! É simplicíssimo!

(Nota 99) Isso depende... Há que ter em conta o preço do arame. Excelência.

(Nota 100) Não é difícil calculá-lo.

(Nota 101) Torna-se muito complicado, causa muito embaraço.

(Nota 102) Quando se quer ter lucros, há que ter preocupações.

(Nota 103) Basta.

(Nota 104) É um pouco obtuso.

(Nota 105) Pelo caminho que leva.

(Nota 106) Se for possível.

(Nota 107) Provoco mesmo paixões.

(Nota 108) Nada.

(Nota 109) Fazer funcionar o telégrafo.

(Nota 110) Não é do meu gênero.

(Nota 111) Pândega.

(Nota 112) Costume russo de jogar com ovos duros pintados durante as festas da Páscoa e da Ressurreição.

(Nota 113) Combinações

(Nota 114) Faz o favor de dizer que sirvam o chá no salão

(Nota 115) Não tenho um coração tão grande

(Nota 116) Nunca fui capaz disso

(Nota 117) Posição social

(Nota 118) Que o gelo se tenha quebrado.

(Nota 119) Trocadilho com as palavras “judeu” e “esperar”, muito semelhantes russo.

(Nota 120) Os teus escrúpulos.

(Nota 121) Tu tens-te por um livre-pensador.

(Nota 121) O famoso Jules Landau. o vidente

(Nota 122) Caixeiro.

(Nota 123) Os amigos dos nossos amigos nossos amigos são.

(Nota 124) Compreende o inglês?

(Nota 125) Salvo e Feliz ou Protegido

(Nota 126) Meu amigo.

(Nota 127) Dê-lhe a mão; está a ver?...

(Nota 128) Que a última pessoa a entrar, a que indaga, que saia!

(Nota 129) Há-de desculpar-me, mas como vê... Volto às 10 horas. Amanhã será melhor.

(Nota 130) Que saia!

(Nota 131) Sou eu, não é verdade?

(Nota 132) O ridículo.

(Nota 133) Roupa de banho.

(Nota 133.5) Casas mobiladas.

(Nota 134) Tiutkine: cabeleireiro... É Tiutkine que me pentea.

(Nota 135) O prazer acabou.

(Nota 136) Tudo vai bem.

(Nota 137) As pequenas misérias da vida humana.

(Nota 138) Hino imperial russo.

(Nota 139) Completa prostração.

(Nota 140) Mitia, diminutivo de Dimitri.

Table of Contents

FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
NOTA BIOGRÁFICA
PRIMEIRA PARTE
- CAPÍTULO I
- CAPÍTULO II
- CAPÍTULO III
- CAPÍTULO IV
- CAPÍTULO V
- CAPÍTULO VI
- CAPÍTULO VII
- CAPÍTULO VIII
- CAPÍTULO IX
- CAPÍTULO X
- CAPÍTULO XI
- CAPÍTULO XII
- CAPÍTULO XIII
- CAPÍTULO XIV
- CAPÍTULO XV
- CAPÍTULO XVI
- CAPÍTULO XVII
- CAPÍTULO XVIII
- CAPÍTULO XIX
- CAPÍTULO XX
- CAPÍTULO XXI
- CAPÍTULO XXII
- CAPÍTULO XXIII
- CAPÍTULO XXIV
- CAPÍTULO XXV
- CAPÍTULO XXVI
- CAPÍTULO XXVII
- CAPÍTULO XXVIII
- CAPÍTULO XXIX
- CAPÍTULO XXX
- CAPÍTULO XXXI
- CAPÍTULO XXXII
- CAPÍTULO XXXIII
- CAPÍTULO XXXIV

SEGUNDA PARTE
- CAPÍTULO I
- CAPÍTULO II

CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV
CAPÍTULO XXV
CAPÍTULO XXVI
CAPÍTULO XXVII
CAPÍTULO XXVIII
CAPÍTULO XXIX
CAPÍTULO XXX
CAPÍTULO XXXI
CAPÍTULO XXXII
CAPÍTULO XXXIII
TERCEIRA PARTE
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII

CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV
CAPÍTULO XXV
CAPÍTULO XXVI
CAPÍTULO XXVII
CAPÍTULO XXVIII
CAPÍTULO XXIX
CAPÍTULO XXX
CAPÍTULO XXXI
CAPÍTULO XXXII
QUARTA PARTE
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
CAPÍTULO XXIII

QUINTA PARTE
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULOXVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV
CAPÍTULO XXV
CAPÍTULO XXVI
CAPÍTULO XXVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XXIX
CAPÍTULO XXX
CAPÍTULO XXXI
CAPÍTULO XXXII
CAPÍTULO XXXIII
SEXTA PARTE
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV
CAPÍTULO XXV
CAPÍTULO XXVI
CAPÍTULO XXVII
CAPÍTULO XXVIII
CAPÍTULO XXIX
CAPÍTULO XXX
CAPÍTULO XXXI
CAPÍTULO XXXII
SÉTIMA PARTE
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX

CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV
CAPÍTULO XXV
CAPÍTULO XXVI
CAPÍTULO XXVII
CAPÍTULO XXVIII
CAPÍTULO XXIX
CAPÍTULO XXX
CAPÍTULO XXXI
OITAVA PARTE
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
NOTAS